O POVO DO AR

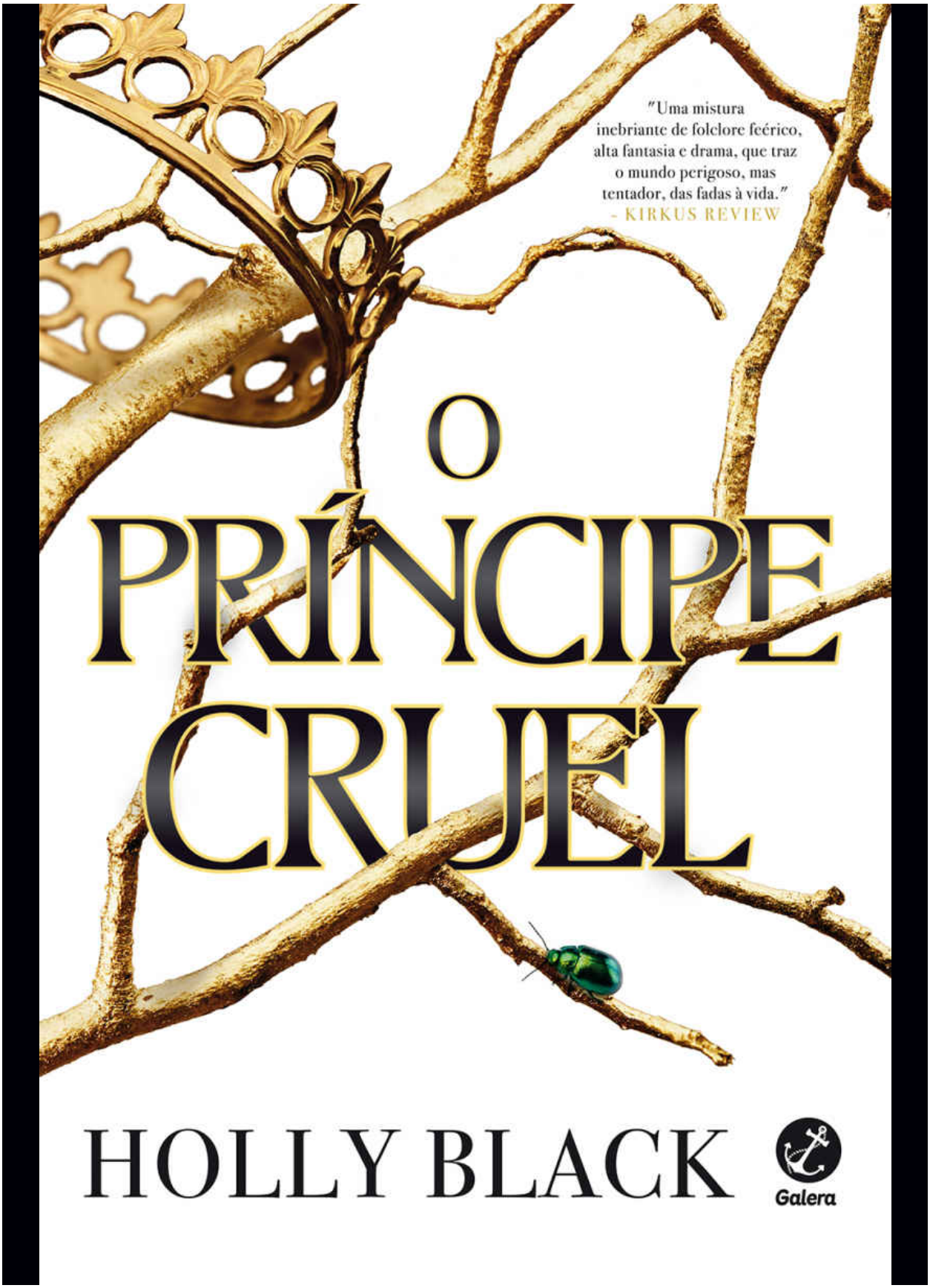
Índice

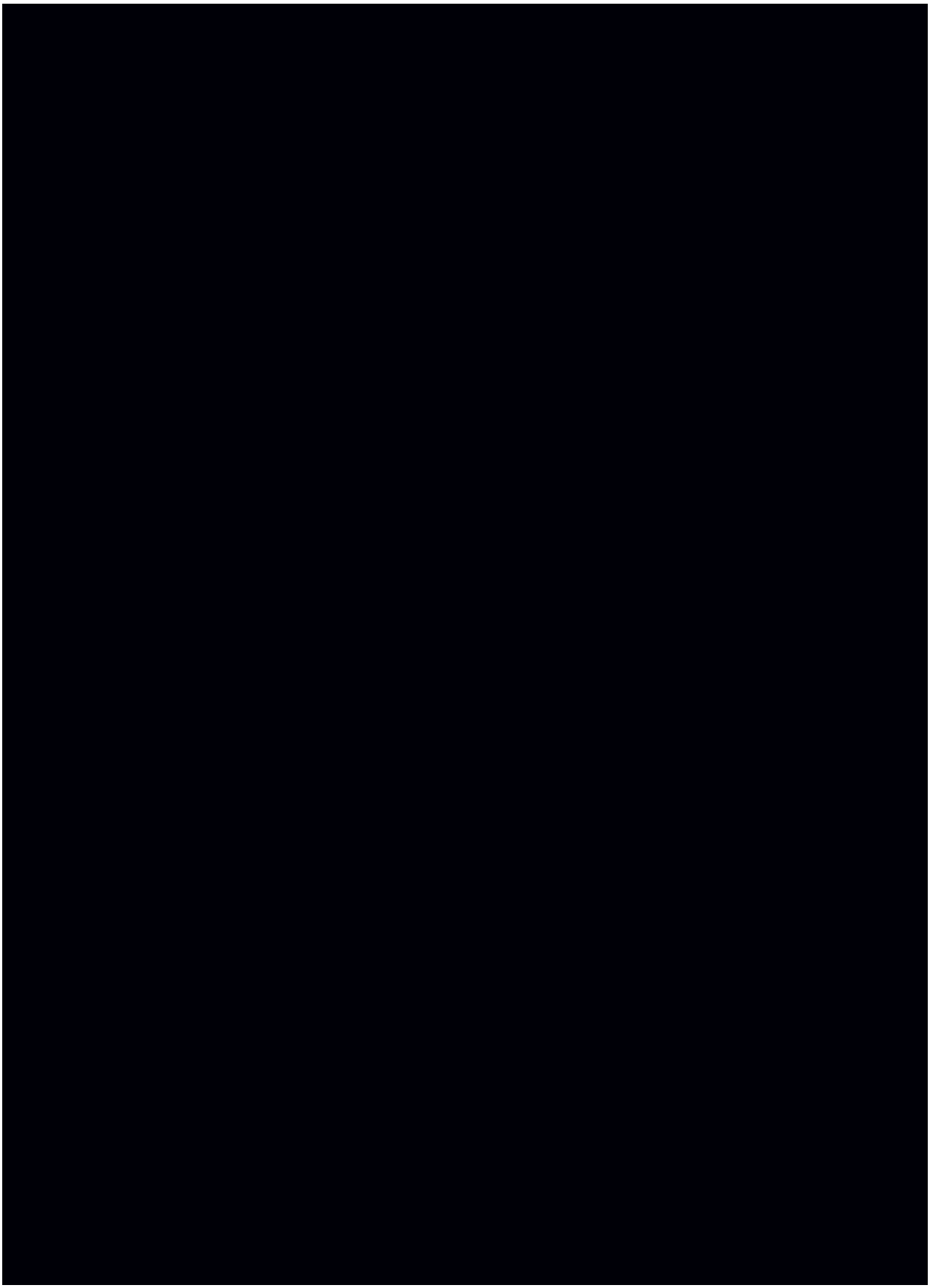
O príncipe cruel

O rei perverso

A rainha do nada

O canto mais escuro da floresta


"Uma mistura inebriante de folclore feérico, alta fantasia e drama, que traz o mundo perigoso, mas tentador, das fadas à vida."
- KIRKUS REVIEW
O PRÍNCIPE CRUEL
HOLLY BLACK
Galera



<u>Obras da autora publicadas pela Galera Record:</u>

Série* Magisterium, *com Cassandra Clare

A luva de cobre
A chave de bronze
A máscara de prata

***Série* O Povo do Ar**

O príncipe cruel

Zumbis x unicórnios
O canto mais escuro da floresta

HOLLY BLACK

O PRÍNCIPE CRUEL

Tradução
Regiane Winarski

1ª edição

Galera
Rio de Janeiro | 2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B562p
Black, Holly
O príncipe cruel [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2018.
recurso digital
Tradução de: the cruel prince
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10195-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção juvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.
18-51365

CDD: 813
CDU: 82-3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Título original:
The cruel prince

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com eventos, lugares ou pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2018 Holly Black
Ilustração do mapa no verso da capa: Kathleen Jennings

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10195-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Cassandra Clare, que finalmente
foi seduzida pelo Reino das Fadas.

Sumário

Livro um
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20

Livro dois
- Capítulo 21
- Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Epílogo

As irmãs perdidas
As cartas de Cardan

Agradecimentos

Livro um

Crianças nascidas como prole de fada
Nunca precisam de roupa nem nada,
Nunca desejam comida e fogueira,
Sempre têm o que seu coração anseia:
Bolsos cheios de ouro a tilintar,
Com sete anos vão se casar.
É direito de toda criança-fada
Ter dois pôneis e dez ovelhas malhadas;
Todas têm casas com teto e piso,
Feitas de tijolos ou pedras de granito liso;
Elas vivem de cerejas, correm soltas pela mata —
Eu adoraria ser filho de fada.

— Robert Graves,
"I'd Love to Be a Fairy's Child"

PRÓLOGO

Em uma sonolenta tarde de sábado, um homem vestindo um casaco escuro e comprido hesitou na frente de uma casa numa rua arborizada. Ele não tinha estacionado seu carro nem tinha ido de táxi. Nenhum vizinho o vira andando pela calçada. Ele simplesmente apareceu, como se tivesse dado um passo entre uma sombra e outra.

O homem andou até a porta e levantou o punho para bater.

Dentro da casa, Jude estava sentada no tapete da sala de estar comendo palitinhos de peixe empanado murchos por causa do micro-ondas e mergulhados em uma poça de ketchup. Sua irmã gêmea, Taryn, cochilava no sofá, encolhida sob um cobertor, o polegar enfiado na boca manchada de ponche de frutas. E do outro lado do sofá, a irmã mais velha delas, Vivienne, encarava a tela da televisão, o olhar esquisito de pupilas partidas grudado no desenho do rato que fugia do gato. Ela riu quando pareceu que o rato seria comido.

Vivi não era feito as outras irmãs mais velhas, mas como Jude e Taryn, de sete anos, eram idênticas — com os mesmos cabelos castanhos ondulados e rostos de queixo fino —, elas também se tornavam diferentes. Para Jude, os olhos de Vivi e as pontinhas levemente peludas de suas orelhas não eram muito mais estranhos do que ser a imagem espelhada de outra pessoa.

E se Jude reparava no modo como as crianças do bairro evitavam Vivi, ou em como os pais cochichavam de maneira preocupada a respeito da garota, ela não achava que fosse algo realmente importante. Adultos viviam preocupados, sempre sussurrando.

Taryn bocejou e se espreguiçou, apertando a bochecha no joelho de Vivi.

O sol brilhava lá fora, queimando o asfalto da entrada das casas. Motores de cortadores de grama zumbiam, e crianças brincavam em piscinas de quintal. O pai das garotas estava no barracão do jardim, onde havia uma pequena oficina. A mãe estava na cozinha, fazendo hambúrguer. Tudo estava um tédio. Tudo estava bem.

Quando a batida soou, Jude pulou para atender. Esperava que fosse uma das garotas da casa da frente, querendo jogar videogame ou convidando-a para nadar depois do jantar.

O homem alto estava sobre o capacho, olhando para ela. Usava um casaco marrom de couro, apesar do calor. Os sapatos tinham solado de prata e fizeram um som seco quando ele pisou na entrada. Jude olhou para o rosto mal barbeado e tremeu.

— Mãe — gritou. — Mãããããããae. Tem uma pessoa aqui.

A mãe veio da cozinha, secando as mãos na calça jeans. Quando viu o homem, ficou pálida.

— Vá para o seu quarto — ordenou a Jude com uma voz assustadora. — *Agora!*

— De quem essa menina é filha? — perguntou o homem, apontando para ela. A voz tinha um sotaque estranho. — Sua? Dele?

— De ninguém. — A mãe nem olhou na direção de Jude. — Ela não é filha de ninguém.

Isso não era verdade. Jude e Taryn eram idênticas ao pai. Todo mundo falava isso. Ela deu alguns passos na direção da escada, mas não queria ficar sozinha no quarto. *Vivi*, pensou Jude. *Vivi vai saber quem é o homem alto. Vivi vai saber o que fazer*.

Mas Jude não conseguiu se obrigar a dar mais um passo.

— Eu já vi muitas coisas impossíveis — disse o homem. — Já vi a bolota antes do carvalho. Já vi a fagulha antes da chama. Mas nunca vi uma mulher morta viver. Uma criança nascida do nada.

A mãe pareceu não ter palavras. Seu corpo estava vibrando de tensão. Jude queria segurar a mão dela e apertar, mas não ousava.

— Duvidei de Balekin quando ele me contou que eu encontraria você aqui — disse o homem, a voz mais suave agora. — Os ossos da mulher mundana e da criança natimorta nos restos queimados de minha propriedade

foram convincentes. Tem ideia do que é voltar da batalha e encontrar sua esposa morta, seu único herdeiro com ela? Encontrar sua vida reduzida a cinzas?

A mãe balançou a cabeça, não como se estivesse respondendo, mas como se estivesse tentando afastar as palavras.

Ele deu um passo em sua direção, e ela deu um passo para trás. Havia algum problema na perna do homem alto. Ele se movimentava com rigidez, como se estivesse sentindo dor. A luz era diferente no saguão de entrada, e Jude conseguia notar o tom esverdeado esquisito da pele dele, o jeito como os dentes inferiores pareciam grandes demais para a boca.

Ela também notou que os olhos do homem eram iguais aos de Vivi.

— Eu nunca seria feliz com você — disse a mãe. — Seu mundo não é para pessoas como eu.

O homem alto a olhou por um longo momento.

— Você fez um voto — disse ele por fim.

Ela empinou o queixo.

— E renunciei a ele.

O olhar do homem foi até Jude, e sua expressão ficou mais dura.

— O que vale a promessa de uma esposa mortal? Acho que tenho minha resposta.

A mãe se virou. E, ao perceber o olhar dela, Jude correu para a sala.

Taryn ainda estava dormindo. A televisão ainda estava ligada. Vivienne ergueu o rosto, os olhos felinos semicerrados.

— Quem está na porta? — perguntou ela. — Ouvi uma discussão.

— Um homem assustador — respondeu Jude, sem fôlego, embora mal tivesse corrido. Seu coração estava em disparada. — Temos que subir.

Ela não ligava que a mãe só tivesse dito para *ela* subir. Não subiria sozinha. Com um suspiro, Vivi saiu do sofá e acordou Taryn. Sonolenta, a gêmea de Jude as seguiu pelo corredor.

Quando correram em direção aos degraus acarpetados, Jude viu seu pai entrando, vindo do jardim. Segurava um machado, feito para ser uma réplica quase exata de outro que ele estudara num museu da Islândia. Não era incomum vê-lo com um machado. Ele e os amigos gostavam de armas antigas e passavam bastante tempo falando sobre "cultura material" e projetando

lâminas fantásticas. Na verdade, o que parecia estranho era o jeito como ele segurava a arma, como se fosse…

O pai lançou o machado na direção do homem alto.

Ele nunca havia nem levantado a mão para Jude e as irmãs, nem mesmo quando elas se metiam em encrencas grandes. Ele não machucava ninguém. Era incapaz disso.

E ainda assim… E ainda assim…

O machado passou pelo homem alto e acertou a soleira da porta.

Taryn deu um gritinho e tapou a boca com as mãos.

O homem alto sacou uma lâmina curva que estava escondida sob o casaco de couro. Uma *espada*, tipo aquelas das histórias de aventura. Seu pai estava tentando soltar o machado da moldura da porta quando o sujeito lhe cravou a lâmina na barriga, empurrando para cima. O som foi de palitos se quebrando e um urro animalesco. O pai caiu no tapete da entrada, sobre o qual a mãe sempre reclamava quando as meninas sujavam de lama.

O tapete estava ficando vermelho.

A mãe gritou. Jude gritou. Taryn e Vivi gritaram. Todo mundo parecia estar gritando, menos o homem alto.

— Venha aqui — disse ele, olhando diretamente para Vivi.

— S-seu monstro — gritou a mãe, correndo para a cozinha. — Ele está morto!

— Não fuja de mim — disse o homem para ela. — Não depois do que você fez. Se fugir de novo, eu juro que…

Mas ela fugiu. E estava quase virando no corredor quando a espada a acertou nas costas, derrubando-a no linóleo, os braços jogando os ímãs da geladeira no chão.

O cheiro de sangue fresco estava denso no ar, feito metal úmido e quente. Como as esponjas que a mãe usava para limpar a frigideira quando alguma coisa grudava.

Jude avançou para o homem e começou a socar seu peito, a chutar suas pernas. Ela sequer conseguia sentir medo. Aliás, não sabia dizer nem se estava sentindo alguma coisa.

O homem não deu atenção a Jude. Por um longo momento, simplesmente ficou ali parado, como se não conseguisse acreditar no que tinha feito. Como

se desejasse poder voltar atrás cinco minutos. Em seguida, se apoiou em um dos joelhos e segurou os ombros da menina. Ele prendeu os braços de Jude junto ao corpo para que ela parasse com os golpes, mas sequer olhou em sua direção enquanto fazia isso.

O olhar dele estava grudado em Vivienne.

— Você foi roubada de mim — disse o homem. — Vim levá-la para seu verdadeiro lar, em Elfhame, embaixo da colina. Lá, você será rica de maneira inimaginável. Lá, vai estar com sua espécie.

— Não — respondeu Vivi, a vozinha melancólica. — Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Eu sou seu pai — revelou ele, a voz dura, subindo como o estalo de um chicote. — Você é minha herdeira e sangue do meu sangue, e vai me obedecer quanto a isso, assim como me obedecerá quanto a qualquer outro assunto.

Ela não se mexeu, mas contraiu o maxilar.

— Você não é o pai dela — gritou Jude para o homem. Ainda que ele e Vivi tivessem os mesmos olhos, ela não se permitiria acreditar.

Ele apertou mais os ombros da garota, que emitiu um som constrito e agudo, mas permaneceu encarando-o com expressão desafiadora. Já tinha vencido muitas competições de encarar.

O homem afastou o olhar primeiro. Ele encarava uma Taryn de joelhos, chorando e sacudindo a mãe como se tentasse acordá-la. A mulher não se mexia. Sua mãe e seu pai estavam mortos. Eles nunca mais se mexeriam de novo.

— Eu odeio você — proclamou Vivi para o homem alto com uma ferocidade que orgulhou Jude. — Vou odiar você para sempre. Juro que vou.

A expressão pétrea do homem não mudou.

— Ainda assim, você vem comigo. Prepare essas pequenas humanas. Pegue poucas coisas. Vamos partir antes de escurecer.

Vivienne empinou o queixo.

— Não mexa com elas. Se tiver que me levar, tudo bem, mas não mexa com elas.

Ele encarou Vivi e riu com deboche.

— Você protegeria suas irmãs de mim, é? Diga-me, então, para onde você as levaria?

Vivi não respondeu. Elas não tinham avós, nenhum familiar vivo. Não que soubessem, pelo menos.

Ele olhou para Jude mais uma vez, soltou seus ombros e ficou de pé.

— Elas são prole da minha esposa e, assim, minha responsabilidade. Posso ser cruel, um monstro e um assassino, mas não fujo das minhas responsabilidades. E você também não deveria fugir das suas, não como irmã mais velha.

Anos depois, quando Jude repassava os acontecimentos, ela não conseguia se lembrar da parte em que fizeram as malas. O choque parecia ter apagado aquela hora completamente. De algum modo, Vivi deve ter encontrado bolsas, guardado os livros e brinquedos favoritos das três, junto com fotografias e pijamas e casacos e camisas.

Ou talvez Jude tivesse feito a própria mala. Vivi nunca soube dizer com certeza.

Não conseguia imaginar como fizeram as malas com os corpos dos pais esfriando no andar de baixo. Não conseguia se lembrar de como se sentiram e, conforme os anos foram passando, não conseguia se obrigar a sentir de novo. O horror daqueles assassinatos foi se apagando com o tempo. Suas lembranças do dia ficaram indistintas.

Um cavalo negro pastava no gramado quando elas saíram. Os olhos do bicho eram grandes e suaves. Jude teve vontade de abraçá-lo e de encostar o rosto na crina sedosa. Mas antes que pudesse fazê-lo, o homem alto a posicionou na sela com Taryn, manuseando-as feito bagagem e não como crianças. Colocou Vivi sentada atrás dele.

— Segurem-se — ordenou.

Jude e suas irmãs choraram durante todo o caminho até o Reino das Fadas.

CAPÍTULO

1

No Reino das Fadas, não há palitinhos de peixe empanado, ketchup ou televisão.

CAPÍTULO
2

Estou sentada em uma almofada enquanto uma diabrete trança meu cabelo para tirá-lo do rosto. Os dedos da criatura são longos, e as unhas, afiadas. Faço uma careta. Seus olhos negros encontram os meus no espelho com pés de garras que fica sobre minha penteadeira.

— O torneio é só daqui a quatro noites — diz a diabrete. Seu nome é Tatterfell, e ela é serva no lar de Madoc, presa aqui até conseguir pagar sua dívida com ele. Ela cuida de mim desde criança. Foi Tatterfell quem passou o unguento feérico em meus olhos para me dar a Visão Verdadeira e eu poder ver através da maioria dos feitiços, e era ela quem tirava lama das minhas botas e trançava sorvas secas para eu usar no pescoço e resistir aos encantamentos. Ela limpava meu nariz molhado e me lembrava de usar as meias do lado avesso para nunca me perder na floresta. — E por mais ansiosa que esteja, você não pode fazer a lua se pôr ou nascer mais rápido. Agora, tente trazer glória para a casa do general ficando tão linda quanto eu conseguir deixar você.

Dou um suspiro.

Ela nunca teve muita paciência com minha rabugice.

— É uma honra dançar com a Corte do Grande Rei debaixo da colina — constata Tatterfell.

Os criados adoram me dizer quanto sou sortuda; uma filha ilegítima de uma esposa infiel, uma humana sem uma gota de sangue de fada, sendo tratada como a filha verdadeira de um feérico. Eles dizem as mesmas coisas para Taryn.

Eu sei que é uma honra ser criada junto aos filhos dos nobres. Uma honra terrível, da qual nunca serei digna.

Seria difícil me esquecer, considerando todos os lembretes que me dão.

— Sim — digo, afinal ela está tentando ser gentil. — É ótimo.

As fadas não são capazes de mentir, então costumam se concentrar nas palavras e ignoram o tom, principalmente se nunca viveram entre humanos. Tatterfell assente com aprovação, os olhos iguais a duas bolas de azeviche, nem as pupilas e nem as íris visíveis.

— Talvez alguém peça sua mão e você se torne uma integrante permanente da Alta Corte.

— Quero conquistar meu próprio lugar — informo.

A diabrete faz uma pausa, um grampo entre os dedos, provavelmente pensando em me espetar com ele.

— Não seja tola.

Não adianta discutir, não adianta lembrá-la do casamento desastroso da minha mãe. Há duas maneiras de mortais se tornarem parte da Corte: se casando ou desenvolvendo uma grande habilidade, que pode ser em metalurgia ou tocando alaúde ou qualquer outra coisa assim. Não estando interessada na primeira, tenho que torcer para ter talento suficiente para a segunda.

Ela termina de trançar meu cabelo em um penteado elaborado que faz parecer que tenho chifres. Cobre meu corpo com veludo safira. Mas nada disso disfarça o que realmente sou: humana.

— Dei três nós para trazer sorte — diz a fadinha, gentil.

Solto um suspiro enquanto ela corre até a porta, então me levanto da frente da penteadeira e desabo de cara na cama coberta por uma colcha. Estou acostumada a ter servos ao meu redor. Diabretes e duendes, goblins e elfos. Asas transparentes e unhas verdes, chifres e presas. Já estou no Reino das Fadas há dez anos. Nada mais me parece estranho. Aqui, a estranha sou eu, com meus dedos gordos, orelhas redondas e vida efêmera.

Dez anos é muito tempo para um humano.

Depois que Madoc nos sequestrou do mundo humano, ele nos levou para suas propriedades em Insmire, a Ilha do Poder, onde o Grande Rei de Elfhame também mantém sua fortaleza. Lá, Madoc nos criou — Vivienne, Taryn e eu — por uma obrigação de honra. Embora eu e Taryn sejamos prova da traição

de minha mãe, somos filhas da esposa dele e, pelos costumes do Reino das Fadas, somos também problema dele.

Como general do Grande Rei, Madoc viajava com frequência para lutar pela Coroa. Mas fomos bem-cuidadas mesmo assim. Dormíamos em colchões feitos das sementes macias de dentes-de-leão. Madoc nos instruiu pessoalmente na arte de lutar com o alfanje e a adaga, com a cimitarra e nossos punhos. Ele jogava Trilha, Fidchell e Raposa e Gansos conosco diante da lareira. Deixava que sentássemos em seu joelho e comêssemos de seu prato.

Em muitas noites, eu adormecia com sua voz grave lendo um livro de estratégias de batalha. E, apesar de tudo, apesar do que fizera conosco e do que era, eu passei a amá-lo. Eu o amo.

Só não é um tipo muito confortável de amor.

— Belas tranças — diz Taryn, entrando de repente no meu quarto.

Ela está vestida de veludo carmesim. O cabelo está solto, com cachos castanhos e compridos que voam atrás dela como um véu, algumas mechas trançadas com fios prateados brilhantes. Ela pula na cama ao meu lado, desarrumando minha pequena pilha de bichos de pelúcia puídos: um coala, uma cobra e um gato preto. Todos amados pelo meu eu de sete anos. Não suporto a ideia de me desfazer de nenhuma de minhas relíquias.

Eu me sento e me olho atentamente no espelho.

— Gostei delas.

— Estou tendo uma premonição — declara Taryn, me surpreendendo. — Nós vamos nos divertir hoje.

— Nos divertir? — Estava me imaginando em nosso cantinho de sempre, franzindo a testa para as pessoas e me perguntando se eu conseguiria me sair bem no torneio a ponto de impressionar alguém da família real e ganhar o título de cavaleira. Fico agitada só de imaginar, mas mesmo assim penso nisso constantemente. Meu polegar passa pela ponta ausente do meu anelar, meu tique nervoso.

— Sim — diz ela, me cutucando nas costelas.

— Ei! Ai! — Eu me afasto. — O que exatamente esse plano envolve? — Em geral, quando vamos à Corte, nós nos escondemos. Já vimos algumas coisas bem interessantes, mas de longe.

Ela joga as mãos para o alto.

— Como assim, o que diversão envolve? É divertido, oras!

Solto uma gargalhada nervosa.

— Você também não faz ideia, faz? Tudo bem. Vamos ver se você tem o dom da profecia.

Nós estamos ficando mais velhas e as coisas estão mudando. Nós estamos mudando. E por mais ansiosa que eu esteja com isso, também estou com medo.

Taryn sai da minha cama e estica o braço, como se fosse minha acompanhante em uma dança. Eu me permito ser guiada quarto afora, a mão verificando automaticamente se a faca ainda está presa no meu quadril.

O interior da casa de Madoc é de gesso branco com vigas enormes e rudimentares de madeira. As vidraças nas janelas são tingidas de cinza, como se contivessem fumaça encurralada, o que deixa a iluminação meio estranha. Quando Taryn e eu chegamos ao fim da escadaria em espiral, flagro Vivi escondida em uma pequena sacada, franzindo a testa para uma revista em quadrinhos roubada do mundo humano.

Vivi sorri para mim. Está usando calça jeans e uma blusa leve, então obviamente não pretende ir ao baile. Sendo filha legítima de Madoc, ela não sente qualquer tipo de pressão para agradá-lo. Simplesmente faz o que quer. Inclusive ler revistas que podem ter grampos de ferro em vez de cola segurando as páginas, sem se importar se seus dedos vão se queimar.

— Vão a algum lugar? — pergunta ela das sombras, assustando Taryn.

Vivi sabe perfeitamente bem para onde vamos.

Quando chegamos aqui, Taryn, Vivi e eu costumávamos nos aconchegar na cama espaçosa de Vivi e conversar sobre o que lembrávamos de nossa casa. Falávamos sobre as comidas que mamãe queimava e sobre a pipoca que papai fazia. Sobre os nomes de nossos vizinhos, o cheiro da casa, de como era a escola, as férias, o gosto da cobertura dos bolos de aniversário. Conversávamos sobre os programas aos quais assistíamos, relembrávamos das histórias e repetíamos os diálogos até nossas lembranças ficarem fracas e irreais.

Agora não fazemos mais isso. Nada de aconchegos na cama, nem de recordações. Todas as nossas novas lembranças são daqui, e Vivi só tem um leve interesse por elas.

Ela jurou odiar Madoc para sempre, e se manteve fiel à promessa. Quando não estava ocupada pensando em nossa casa, ela era um terror. Quebrava coisas. Gritava, berrava e nos beliscava quando estávamos contentes. Chegou uma hora em que parou com isso, mas acredito que haja um pedacinho dela que nos odeia por termos nos adaptado. Por enxergar o lado bom das coisas. Por transformar esta casa em nosso lar.

— Você devia vir — falo para ela. — Taryn está com um humor estranho.

Vivi lança um olhar especulativo na direção de nossa irmã e balança a cabeça.

— Tenho outros planos. — O que pode significar que vai fugir para o mundo mortal esta noite ou que vai ficar na sacada lendo.

Seja como for, se irritar Madoc, vai agradar a Vivi.

Ele está nos esperando no salão, junto a sua segunda esposa, Oriana. Ela tem a pele num tom azulado de leite desnatado, e os cabelos são brancos como neve recém-caída. É linda, mas incômoda de olhar, como um espectro. Esta noite, está usando verde e dourado, um vestido de textura musgosa com uma gola brilhante e elaborada que destaca o rosado da boca, das orelhas e de seus olhos. Madoc também está usando verde, a cor das florestas. A espada em seu quadril não é um mero ornamento.

Lá fora, para além das portas duplas, um duende espera, segurando as rédeas prateadas de cinco garanhões feéricos malhados, as crinas trançadas em nós intrincados e provavelmente mágicos. Penso nos nós em meu cabelo e me pergunto quanto são parecidos.

— Vocês duas estão bonitas — diz Madoc para Taryn e para mim, o calor no tom fazendo das palavras um elogio raro. O olhar dele segue até a escada. — A irmã de vocês está vindo?

— Não sei onde Vivi está — minto. Mentir é tão fácil aqui. Posso mentir o dia todo e jamais ser pega. — Ela deve ter se esquecido.

O rosto de Madoc exibe decepção, mas não surpresa. Ele segue para fora para dar instruções ao duende que segura as rédeas. Ali perto, vejo um de seus espiões, uma criatura enrugada de nariz semelhante a um nabo e corcunda mais alta do que a própria cabeça. Ela coloca um bilhete na mão de Madoc e sai correndo com agilidade surpreendente.

Oriana nos examina com atenção, como se esperasse encontrar alguma falha.

— Tomem cuidado hoje — diz. — Prometam que não vão comer, beber ou dançar.

— Já estivemos na Corte antes — lembro a ela, uma não resposta feérica como qualquer outra.

— Talvez vocês achem que sal é proteção suficiente, mas vocês crianças são esquecidas. É melhor ficar sem. Quanto a dançar, quando começam, humanos dançam até a morte se não os impedirmos.

Olho para meus pés e não digo nada.

Nós, crianças, não somos esquecidas.

Madoc se casou com Oriana sete anos atrás e, logo depois, ela deu a ele um filho, um garoto frágil chamado Oak, com chifres pequenininhos e adoráveis. Sempre ficou claro que Oriana tolera a mim e a Taryn só por Madoc. Ela parece nos ver como os cachorros favoritos do marido: mal treinados e com grandes chances de nos virarmos contra nosso dono a qualquer momento.

Oak nos vê como irmãs, o que, percebo, deixa Oriana nervosa, muito embora eu seja incapaz de infligir qualquer mal a ele.

— Vocês estão sob a proteção de Madoc, e ele é estimado pelo Grande Rei — diz Oriana. — Não quero vê-lo fazendo papel de bobo por causa dos erros das duas.

Ao fim de seu breve sermão, ela sai andando em direção aos cavalos. Um deles relincha e bate o casco no chão.

Taryn e eu trocamos um olhar e vamos atrás dela. Madoc já está sentado no maior garanhão, uma criatura impressionante com uma cicatriz abaixo de um dos olhos. As narinas se dilatam com impaciência. O bicho joga a crina com inquietação.

Subo em um cavalo verde-claro com dentes afiados e odor de pântano. Taryn escolhe uma égua mais velha e bate os calcanhares no flanco do animal, que dispara com tudo. Sigo em seu encalço, mergulhando na noite.

CAPÍTULO

3

As fadas são criaturas do crepúsculo, e eu também me tornei uma. Nós acordamos quando as sombras se alongam e vamos para a cama antes de o sol nascer. Já passa da meia-noite quando chegamos na grande colina do Palácio de Elfhame. Para entrar, precisamos passar por entre duas árvores, um carvalho e um espinheiro, e depois seguir diretamente para o que parece ser uma parede de pedra de um pavilhão abandonado. Já fiz isso centenas de vezes, mas me encolho mesmo assim. Meu corpo todo se prepara, eu seguro as rédeas com força e fecho bem os olhos.

Quando volto a abri-los, estou dentro da colina.

Seguimos cavalgando por uma caverna, depois por pilares de raízes e então por terra batida.

Há dezenas de feéricos aqui, todos amontoados em volta da entrada da ampla sala do trono, onde a Corte está acontecendo. São pixies de nariz comprido e asas esfarrapadas, damas elegantes de pele verde com vestidos longos, todas com goblins segurando as caudas. Gnomos boggan traiçoeiros, vulpinos risonhos e um garoto com máscara de coruja e enfeite dourado na cabeça. Uma idosa com corvos nos ombros, um grupo de garotas com rosas selvagens nos cabelos, um garoto de pele de casca de árvore com penas no pescoço e um grupo de cavaleiros de armadura verde-escaravelho. Muitos eu já tinha visto antes; com alguns, já tinha falado. São muitas criaturas para que meus olhos consigam absorver todos, mas sou incapaz de parar de olhar.

Eu nunca me canso disso, do espetáculo, da pompa. Talvez Oriana não esteja completamente errada ao se preocupar de um dia acabarmos nos envolvendo demais, nos deixando levar e esquecendo de tomar cuidado. Consigo entender por que os humanos sucumbem ao belo pesadelo da Corte, por que se afogam nele por vontade própria.

Sei que eu não deveria amar essas coisas na proporção em que amo, principalmente depois de ter sido sequestrada do mundo mortal, de ter testemunhado o assassinato de meus pais. Mas amo mesmo assim.

Madoc desce do cavalo. Oriana e Taryn já desmontaram e entregaram os animais aos cuidadores. É por mim que estão esperando. Madoc estica os dedos como se fosse me ajudar, mas salto da sela sozinha. Meus sapatinhos de couro batem no chão com um estampido.

Espero estar parecendo uma cavaleira aos olhos dele.

Oriana se adianta, provavelmente para lembrar a Taryn e a mim de todas as coisas que ela não quer que a gente faça. Mas não dou chance a ela. Em vez disso, passo o braço pelo de Taryn e caminho rapidamente. A sala está cheirando a alecrim queimado e a ervas moídas. Atrás de nós, ouço os passos pesados de Madoc, mas eu sei aonde ir. A primeira coisa a se fazer quando chegamos na Corte é cumprimentar o rei.

O Grande Rei Eldred está sentado no trono com seu manto cinza, uma coroa pesada de folhas de carvalho de ouro sobre o cabelo fino e dourado. Quando nos curvamos, ele toca de leve em nossas cabeças com as mãos ossudas e cheias de anéis, e então nos levantamos.

A avó do rei foi a rainha Mab, da Casa Greenbriar. Ela viveu como uma das fadas solitárias antes de começar a conquistar o Reino das Fadas com seu consorte chifrudo e os cavaleiros-cervos dele. Por causa dele, dizem que cada um dos seis herdeiros de Eldred possui uma característica animal, o que não é incomum no Reino das Fadas, mas um tanto inusitado entre os nobres da Corte.

O príncipe mais velho, Balekin, e seu irmão mais novo, Dain, estão ali perto, bebericando vinho em cálices de madeira decorados com as prata. Dain usa uma calça que termina nos joelhos, exibindo os cascos e as patas de cervo. Balekin usa seu sobretudo favorito, o com gola de pele de urso. Seus dedos têm

um espinho em cada junta, e espinhos também decoram seu braço, subindo pelos punhos da camisa, visíveis quando ele e Dain acenam para Madoc.

Oriana faz uma reverência para os príncipes. Embora Dain e Balekin estejam juntos, eles costumam se desentender entre si e com a irmã, Elowyn, com tanta frequência que a Corte é considerada dividida em três círculos rivais de influência.

O príncipe Balekin, o primogênito, e seu grupo são conhecidos como o Círculo dos Quíscalos, aqueles que gostam de diversão e desprezam qualquer coisa que a atrapalhe. Eles bebem até passar mal e se anestesiam com pós venenosos e prazerosos. É o círculo mais festeiro, embora o próprio Balekin sempre esteja perfeitamente composto e sóbrio quando fala comigo. Acho que eu poderia me rebelar e torcer para impressioná-lo. Mas prefiro não fazer isso.

A princesa Elowyn, a segunda a nascer, tem o Círculo das Cotovias. Eles valorizam a arte acima de tudo. Vários mortais já caíram nas graças de seu círculo, mas como não tenho muita habilidade com o alaúde nem na declamação de poesias, não tenho chances de me tornar um deles.

O príncipe Dain, o terceiro deles, lidera o que é conhecido como o Círculo dos Falcões. Cavaleiros, guerreiros e estrategistas estão entre eles. Madoc, obviamente, pertence a este círculo. Eles falam sobre honra, mas se importam mesmo é com o poder. Sou boa o suficiente com uma lâmina e entendo de estratégia. Só preciso de uma oportunidade para provar meu valor.

— Vão se divertir — diz Madoc para nós. Com um olhar para os príncipes, Taryn e eu seguimos para o meio da multidão.

O palácio do Rei de Elfhame tem muitas alcovas secretas e corredores escondidos, perfeitos para encontros amorosos e esconderijos de assassinos, ou para se isolar e ignorar a diversão nas festas. Quando Taryn e eu éramos pequenas, nós nos escondíamos embaixo das longas mesas de banquete. Mas desde que ela determinou que somos damas elegantes, grandinhas demais para sujarmos nossos vestidos engatinhando no chão, tivemos que encontrar um lugar melhor. Depois do segundo patamar de degraus de pedra, tem uma área na qual uma ampla laje de rocha cintilante se projeta, criando um beiral. Normalmente, é lá que nos acomodamos para ouvir música e observar toda a diversão que não foi feita para a gente.

Mas hoje Taryn tem outra ideia. Ela passa pela escada e pega comida de uma bandeja de prata, uma maçã verde e uma fatia de queijo com manchas azuis. Sem se dar ao trabalho de usar sal, dá uma mordida em cada um, estendendo a maçã para eu morder também. Oriana acha que não conseguimos perceber a diferença entre frutas normais e frutas fadas, que florescem em dourado. A carne é vermelha e densa, e o cheiro enjoativo empesteia as florestas na época da colheita.

Sinto a maçã crocante e fria na boca. Revezamos as mordidas até chegar no miolo, o qual devoramos em duas dentadas.

Perto de onde estou, uma fadinha de cabelos brancos esvoaçantes que mais parecem sementes de dente-de-leão saca uma faquinha e corta a tira do cinto de um ogro. É um trabalho sorrateiro. Um momento depois, a espada e a bolsa dele somem, a fadinha se enfia na multidão e quase acredito que não aconteceu. Até ela olhar para trás, para mim.

E pisca.

Um instante depois, o ogro percebe que foi roubado.

— Sinto cheiro de ladrão! — grita, então olha ao redor, derrubando uma caneca de cerveja marrom-escura, o nariz verruguento farejando no ar.

Há uma comoção ali perto; uma das velas se acende em chamas azuis crepitantes, faiscando ruidosamente e distraindo até o ogro. Quando volta ao normal, a ladra de cabelos brancos sumiu.

Com um meio-sorriso, eu me viro para Taryn, que está admirando os dançarinos com anseio, alheia aos arredores.

— Nós podíamos nos revezar — propõe ela. — Se você não conseguir parar, eu puxo você. Depois, você faz o mesmo por mim.

Meus batimentos aceleram com a ideia. Olho para as pessoas da festa, tentando reunir a mesma ousadia de alguém capaz de furtar um ogro bem debaixo do nariz dele.

A princesa Elowyn rodopia no centro de uma roda de Cotovias. Sua pele é de um dourado cintilante, o cabelo do verde profundo das heras. Ao lado dela, um garoto humano toca uma rabeca. Mais dois mortais o acompanham com menos destreza, porém com mais alegria, em ukuleles. A irmã mais nova de Elowyn, Caelia, gira ali perto, com cabelos de seda de milho como os do pai e uma coroa de flores na cabeça.

Uma nova balada começa, e a letra chega a mim. *"De todos os filhos que o rei William teve, o príncipe Jamie era o mais desordeiro"*, cantavam. *"E o que tornou a dor ainda maior foi que o príncipe William foi o primeiro."*

Eu nunca gostei muito dessa música porque me lembra outra pessoa. Alguém que, assim como a princesa Rhyia, não parece estar aqui hoje. Mas… ah, não. Agora eu o vejo.

O príncipe Cardan, sexto filho do Grande Rei Eldred, o pior de todos, atravessa o salão em nossa direção.

Valerian, Nicasia e Locke — seus três amigos mais cruéis, mais sofisticados e mais leais — o acompanham. A multidão se abre e faz silêncio, se curvando conforme eles passam. Cardan ostenta a expressão de desprezo de sempre, ressaltada pelo lápis preto na linha d'água dos olhos e pelo aro dourado no cabelo escuro. Usa um casaco preto comprido com gola alta e elaborada, a peça toda bordada com uma estampa de constelações. Valerian está usando vermelho-escuro, dois rubis cintilando nos punhos, cada um como uma gota de sangue congelado. O cabelo de Nicasia é azul-esverdeado feito o mar, coroado com um diadema de pérolas. Uma rede cintilante cobre suas tranças. Locke vem atrás, parecendo entediado, o cabelo da cor exata da pelagem de uma raposa.

— Eles são ridículos — digo para Taryn, que acompanha meu olhar.

Não posso negar que também são bonitos. Lordes e damas feéricos, assim como nas músicas. Se não tivéssemos aulas com eles, se eu não soubesse por experiência própria a praga que são para quem os desagrada, eu provavelmente seria tão apaixonada por eles quanto todo mundo.

— Vivi diz que Cardan tem um rabo — sussurra Taryn. — Ela viu quando estava nadando no lago com ele e com a princesa Rhyia na última noite de lua cheia.

Não consigo imaginar Cardan nadando em um lago, pulando na água, molhando pessoas, rindo de qualquer coisa que não seja o sofrimento delas.

— *Rabo*? — repito, dando um sorriso incrédulo que desaparece quando me lembro de que Vivi não se deu o trabalho de me contar a história, muito embora tenha acontecido há vários dias. Três é uma configuração estranha de irmãs. Sempre tem uma que fica de fora.

— Com um tufo de pelo na ponta! O rabo fica escondido embaixo das roupas dele e se desenrola feito um chicote. — Ela ri, e mal consigo entender suas próximas palavras. — Vivi disse que queria ter um.

— Ainda bem que ela não tem — respondo com firmeza, o que é bobeira. Eu não tenho nada contra rabos.

Cardan e seus companheiros agora estão perto demais para falarmos a respeito deles. Encaro meus pés. Apesar de odiar o gesto, apoio um joelho no chão, abaixando a cabeça e trincando os dentes. Ao meu lado, Taryn faz algo parecido. Ao nosso redor, todos estão fazendo reverência.

Não olhem para nós, penso. *Não olhem*.

Quando Valerian passa, ele segura um dos meus chifres trançados. Os outros seguem pela multidão enquanto o rapaz me olha com desprezo.

— Achou que eu não veria você aí? Você e sua irmã se destacam em qualquer multidão — diz ele, se inclinando mais para perto. Seu hálito está carregado com o cheiro de vinho de mel. Cerro a mão junto ao corpo e fico ciente da proximidade da minha faca. Mesmo assim, não o encaro. — Não há nenhuma outra cabeça aqui com um cabelo tão sem graça, nem outro rosto tão comum.

— Valerian — chama o príncipe Cardan. Ele já está de cara feia e, quando me vê, semicerra ainda mais os olhos.

Valerian dá um puxão na minha trança. Faço uma careta, uma fúria inútil crescendo na minha barriga. Ele gargalha e segue em frente.

Minha fúria logo se transforma em vergonha. Eu queria ter dado um tapa na mão dele, mesmo que isso piorasse tudo.

Taryn vê alguma coisa no meu rosto.

— O que ele disse?

Só balanço a cabeça.

Cardan parou ao lado de um garoto com cabelo comprido cor de cobre e um par de pequenas asas de mariposa, um que não está se curvando para saudá-los. O garoto ri, e Cardan avança nele. Num piscar de olhos, os punhos do príncipe acertam o maxilar do garoto, jogando-o longe. Quando ele cai, Cardan agarra uma de suas asas, que se rasga como papel. O grito do garoto é agudo e estridente. Ele se encolhe no chão, o sofrimento evidente em seu

rosto. Eu me pergunto se asas de feéricos voltam a crescer; sei que borboletas que se machucam nunca mais voam.

Os cortesãos ao redor olham boquiabertos e dão risadinhas, mas só por um momento. Logo voltam a atenção para as danças e as músicas, e a festa continua.

Eles são assim. Qualquer um que entre no caminho de Cardan é punido violenta e imediatamente. E são proibidos de assistir às aulas ministradas no palácio, às vezes na Corte toda. Feridos. Quebrados.

Quando Cardan passa pelo garoto, aparentemente já tendo lhe dado a lição, eu fico grata por ele ter mais cinco irmãos e irmãs dignos; é praticamente garantido que Cardan nunca se sente no trono. Não quero pensar nele com mais poder do que já tem.

Até Nicasia e Valerian trocam um olhar controlado. Mas Valerian dá de ombros e segue Cardan. Locke, porém, para ao lado do garoto e se inclina para ajudá-lo a se levantar.

Os amigos do garoto se aproximam para levá-lo embora, e naquele momento, num gesto um tanto improvável, Locke ergue o olhar. Os olhos castanhos de raposa encontram os meus e se arregalam de surpresa. Estou imobilizada, meu coração disparado. Preparo-me para mais desprezo, mas então ele sorri. E dá uma piscadela, como se reconhecendo que foi pego no flagra. Como se estivéssemos compartilhando um segredo. Como se ele não me considerasse um ser desprezível, como se não achasse minha mortalidade contagiosa.

— Pare de olhar para ele — exige Taryn.

— Você não viu… — começo a explicar, mas ela me interrompe, segura minha mão e me puxa na direção da escadaria, para nosso patamar de rocha cintilante, onde podemos nos esconder. Ela crava as unhas na minha pele.

— Não dê a eles ainda mais motivos para perturbar você! — A intensidade de seu aperto me leva a acariciar as costas da minha mão. As unhas de Taryn ficaram marcadas na minha pele.

Eu olho para onde Locke estava, mas a multidão já o engoliu.

CAPÍTULO

4

Quando amanhece, abro as janelas do meu quarto e deixo o restinho de ar fresco noturno entrar enquanto tiro meu vestido da Corte. Sinto-me totalmente acalorada. Minha pele parece me apertar e meu coração não quer desacelerar.

Eu já estive na Corte muitas vezes. Já testemunhei coisas muito piores do que asas sendo rasgadas ou insultos direcionados a mim. As fadas geralmente compensam sua incapacidade de mentir com uma panóplia de enganações e crueldades. Palavras distorcidas, pegadinhas, omissões, charadas, escândalos, isso sem mencionar as vinganças por lapsos antigos e mal lembrados. Tempestades são menos instáveis do que o povo fada, oceanos, menos inconstantes.

Como um militar, Madoc, por exemplo, necessita de derramamento de sangue assim como uma sereia precisa do jorro de água do mar. Depois de cada batalha, ele mergulha ritualmente seu capuz no sangue de seus inimigos. Eu já vi o tal capuz, guardado numa redoma de vidro no arsenal. O tecido está rígido e manchado de um marrom tão escuro que é quase preto, exceto por manchinhas verdes aqui e ali.

Às vezes eu desço e fico olhando para ele, tentando enxergar meus pais nas linhas de sangue seco. Quero sentir alguma coisa, algo além de um leve enjoo. Quero sentir *mais*, mas toda vez que olho, eu sinto menos.

Penso em ir ao arsenal agora, mas desisto. Em vez disso, fico parada na frente da janela, imaginando que sou uma cavaleira destemida, uma bruxa que

escondeu o coração no dedo e o cortou fora.

— Estou tão cansada — digo em voz alta. — Tão cansada.

Fico sentada ali por um bom tempo, admirando o sol nascente dourar o céu, ouvindo as ondas baterem com a maré que desce, até que uma criatura voa e pousa na beirada de minha janela. À primeira vista, parece uma coruja, mas tem os olhos de um duende.

— Cansada do que, docinho? — pergunta a criatura.

Dou um suspiro e respondo com sinceridade pela primeira vez:

— De ser impotente.

O duende observa meu rosto e sai voando na noite.



Durmo o dia inteiro e acordo desorientada, abrindo caminho pelas cortinas longas e bordadas em volta da minha cama. Tem baba seca em uma das minhas bochechas.

Encontro a tina de banho à minha espera, mas a água já está fria. Os servos devem ter vindo e ido embora. Eu entro e lavo o rosto mesmo assim. Quando se mora no Reino das Fadas, é impossível não reparar que todo mundo tem cheiro de verbena ou agulha de pinheiro esmagada, sangue seco ou asclepias. Eu fico com cheiro de suor e bafo azedo se não me lavar e me esfregar.

Quando Tatterfell vem acender os lampiões, ela me encontra me vestindo para a aula, que começa ao final da tarde e vai até altas horas da noite. Calço botas de couro cinza e visto uma túnica com o brasão de Madoc: uma adaga, uma lua crescente virada de lado, parecendo uma tigela, e uma única gota de sangue caindo de um canto, bordado em fio de seda.

No andar de baixo, encontro Taryn à mesa de banquete, sozinha, com uma xícara de chá de urtiga e beliscando um pão bannock. Hoje ela não sugere nenhum tipo de diversão.

Madoc insiste (talvez por culpa ou vergonha) que sejamos tratadas como filhos de feéricos. Que tenhamos as mesmas aulas, que recebamos as mesmas coisas que eles. Crianças humanas já foram enviadas para a Grande Corte antes, mas nenhuma foi criada como nobre.

Ele não entende como isso faz com que nos abominem.

Não que eu não seja grata. Eu gosto das aulas. Responder tudo certo é uma coisa que ninguém pode tirar de mim, mesmo que os professores ocasionalmente finjam o contrário. Aceito um aceno frustrado no lugar de um elogio efusivo. Aceito, e fico feliz porque quer dizer que consigo me encaixar, quer eles gostem ou não.

Vivi costumava ir conosco, mas em algum momento ficou entediada e não quis mais voltar. Madoc ficou furioso, mas como a aprovação dele só faz crescer o desprezo de Vivi, toda a falação serviu apenas para deixá-la determinada a nunca mais voltar. Vivi também tentou nos persuadir a ficar em casa, mas se Taryn e eu não conseguirmos lidar com as maquinações dos filhos dos feéricos sem abandonar nossas aulas ou correr para Madoc, como ele vai acreditar que somos capazes de lidar com a Corte, onde as mesmas maquinações acontecem em escala ainda maior e mais mortal?

Taryn e eu saímos de casa, balançando nossas cestas. Não precisamos deixar Insmire para chegar ao palácio do Grande Rei, mas passamos pelos limites de duas outras ilhotas: Insmoor, a Ilha de Pedra, e Insweal, a Ilha do Sofrimento. Todas as três são ligadas por caminhos rochosos parcialmente submersos e pedras grandes o suficiente para que saltemos de uma a outra. Uma horda de cervos está nadando para Insmoor, procurando pasto melhor. Taryn e eu passamos pelo Lago das Máscaras e pelo canto extremo do Bosque Leitoso, abrindo caminho pelos troncos pálidos e prateados e pelas folhas desbotadas. De lá, vemos sereias e sereianos pegando sol perto de cavernas escarpadas, as escamas refletindo o brilho âmbar do fim de tarde.

Todos os filhos dos nobres, independentemente da idade, têm aulas com professores de todo o reino nos terrenos do palácio. Às vezes nos sentamos em bosques acarpetados com musgo esmeralda, e outras vezes passamos noites em torres altas ou nas árvores. Aprendemos sobre os movimentos das constelações no céu, sobre as propriedades medicinais e mágicas das ervas, sobre as linguagens dos pássaros e flores e pessoas, assim como as linguagens dos feéricos (embora vez ou outra seja um verdadeiro trava-línguas para mim), e também sobre a composição de charadas e sobre como andar com pés leves sobre folhas e galhos para não deixar rastro e não emitir sons. Somos instruídos nos detalhes delicados da harpa e do alaúde, do arco e da lâmina. Taryn e eu

ficamos de fora enquanto eles praticam encantamentos. No intervalo, brincamos de guerra num campo verdejante com um arco amplo de árvores.

Madoc me treinou para ser formidável até mesmo com uma espada de madeira. Taryn também não é ruim, apesar de não se dar o trabalho de praticar mais. No Torneio de Verão, em poucos dias, nossa guerra de mentira vai acontecer na frente da família real. Com o consentimento de Madoc, um dos príncipes ou princesas poderá escolher me dar o título de cavalaria e me receber em sua guarda pessoal. Seria uma espécie de poder, uma proteção.

E, com isso, eu poderia proteger Taryn também.

Chegamos ao palácio. O príncipe Cardan, Locke, Valerian e Nicasia já estão espalhados pela grama junto a alguns outros feéricos. Uma garota com chifres de cervo, Poesy, está dando risadinhas de alguma coisa que Cardan disse. Eles mal olham para nós quando abrimos nossa toalha e apoiamos nela nossos cadernos e canetas e potes de tinta.

Meu alívio é imenso.

A aula de hoje é sobre a paz delicadamente negociada entre Orlagh, a Rainha Submarina, e os vários reis e rainhas feéricos da terra. Nicasia é filha de Orlagh, enviada para ser criada na Corte do Grande Rei. Muitas odes foram compostas apenas para a beleza da Rainha Orlagh, porque se ela for minimamente parecida com a filha, as odes com certeza não foram dedicadas a sua personalidade.

Nicasia é do tipo que se gaba durante a aula, orgulhosa de sua herança. Quando o professor passa a falar sobre Lorde Roiben da Corte de Cupins, eu perco o interesse. Meus pensamentos divagam. Eu me flagro pensando em combinações: golpear, estocar, esquivar, bloquear. Seguro a caneta como se fosse o cabo de uma espada e me esqueço de tomar nota.

Quando o sol desce no céu, Taryn e eu abrimos nossas cestas trazidas de casa e tiramos pão, manteiga, queijo e ameixas. Passo manteiga em um pedaço de pão, faminta.

Cardan passa por nós e chuta terra na minha comida antes que eu possa botá-la na boca. Os outros feéricos riem.

Olho para cima e flagro-o me observando com um prazer cruel, feito uma ave de rapina tentando decidir se deve se dar o trabalho de devorar um

camundongo. Ele está usando uma túnica de gola alta bordada com espinhos, os dedos carregados de anéis. A expressão de desprezo é bem treinada.

Trinco os dentes. Digo para mim mesma que se deixar as provocações passarem em branco, ele vai perder o interesse. Ele vai embora. Consigo aguentar isso mais um pouco, mais alguns dias.

— Algum problema? — pergunta Nicasia docemente, se aproximando e passando o braço pelo ombro de Cardan. — É só terra. É de onde você veio, mortal. Para onde vai voltar em breve. Dê uma mordida.

— Me obrigue — desafio antes que consiga me segurar. Não é a resposta mais incrível, mas as palmas das minhas mãos começam a suar. Taryn parece assustada.

— Eu *poderia*, sabe — diz Cardan, sorrindo como se nada fosse agradá-lo mais.

Meu coração dispara. Se eu não estivesse usando meu cordão de sorvas, ele poderia me enfeitiçar para que eu achasse que a terra era algum tipo de iguaria. Apenas a posição de Madoc lhe daria motivo para hesitar. Não mexo um músculo, não toco no cordão escondido embaixo do corpete da túnica, aquele que eu espero que impeça qualquer feitiçaria de funcionar. Aquele cuja existência espero que Cardan não descubra e arranque do meu pescoço.

Olho na direção do professor, mas o puca idoso está com o nariz enfiado em um livro.

Como Cardan é príncipe, é mais do que provável que jamais tenha sofrido uma repreensão sequer antes. Eu nunca sei até que ponto ele vai, e nunca sei até onde os professores permitirão que ele vá.

— Você não quer isso, quer? — pergunta Valerian com solidariedade fingida enquanto chuta mais terra em nossa comida. Eu nem o vi se aproximar.

Certa vez, Valerian roubou uma caneta de prata minha, e Madoc a substituiu por outra cravejada de rubis, que tirou da própria escrivaninha. Isso deixou Valerian em um estado de fúria tão grande que ele golpeou minha cabeça com sua espada de madeira durante o treino.

— E se prometermos ser legais com vocês durante a tarde inteira se comerem tudo o que tem nas cestas? — O sorriso dele é largo e falso. — Vocês não nos querem como amigos?

Taryn olha para o colo. *Não*, tenho vontade de dizer. *Nós não queremos vocês como amigos*.

Não respondo, mas também não abaixo o olhar. Então encaro Cardan. Não tem nada que eu possa dizer que vá fazê-los parar, e eu sei disso. Não tenho nenhum poder aqui. Mas hoje parece que não consigo sufocar a raiva diante da minha própria impotência.

Nicasia arranca um grampo do meu cabelo, fazendo uma das tranças cair no meu pescoço. Tento bater em sua mão, mas ela é mais rápida que eu.

— O que é isto? — Ela está segurando o grampo dourado com filigranas de bagas de pilriteiro na ponta. — Você roubou? Achou que isso deixaria você bonita? Achou que ficaria parecida com a gente?

Mordo a bochecha por dentro. Claro que quero ser como eles. Eles são lindos como lâminas forjadas em fogo divino. Vão viver para sempre. O cabelo de Valerian brilha como ouro polido. Os braços e pernas de Nicasia são compridos e bem definidos, a boca é rosada como um coral e os cabelos são do tom da parte mais profunda e gélida do mar. Locke, com seus olhos de raposa, parado em silêncio atrás de Valerian, a expressão controlada para exibir uma indiferença cuidadosa, tem o queixo tão pontudo quanto a ponta das orelhas. E Cardan é ainda mais bonito que o restante, com cabelos negros resplandecentes como a asa de um corvo e as maçãs do rosto angulosas o suficiente para partir o coração de uma garota. Eu o odeio mais do que a todos os outros. Eu o odeio tanto que às vezes, quando olho para ele, mal consigo respirar.

— Você nunca vai ser igualar a nós — afirma Nicasia.

Claro que não vou.

— Ah, parem com isso — diz Locke com uma gargalhada displicente, a mão contornando a cintura de Nicasia. — Vamos deixá-las na infelicidade delas.

— Jude lamenta — diz Taryn rapidamente. — Nós duas lamentamos.

— Ela pode nos mostrar quanto lamenta — diz Cardan. — Diga a ela que o Torneio de Verão não é seu lugar.

— Está com medo de que eu vença? — pergunto, o que não é muito inteligente.

— Não é para mortais — informa ele, a voz gelada. — Desista, ou você vai desejar que tivesse desistido.

Eu abro a boca, mas Taryn fala antes que eu possa me manifestar.

— Vou conversar com ela sobre isso. Não é nada, é só um jogo.

Nicasia abre um sorriso magnânimo para minha irmã. Valerian olha com malícia para Taryn, os olhos acompanhando suas curvas.

— Não passa de um jogo.

O olhar de Cardan encontra o meu, e sei que ele ainda não acabou, nem de longe.

— Por que você os desafiou daquele jeito? — pergunta Taryn assim que os quatro voltam para sua alegre refeição, toda posta para eles. — Responder aquilo… foi burrice.

Me obrigue.

Está com medo de que eu vença?

— Eu sei — respondo. — Vou calar a boca. É que… fiquei com raiva.

— Você devia ficar com medo — aconselha ela. E então, balançando a cabeça, guarda nossa comida destruída. Meu estômago ronca, e tento ignorar.

Eles querem que eu tenha medo, sei disso. Durante a simulação de guerra do dia, Valerian me faz tropeçar e Cardan fala coisas horríveis ao meu ouvido. Vou para casa cheia de hematomas causados por chutes e quedas.

O que eles não sabem é que sim, eles me dão medo, mas eu sempre senti medo, desde o dia em que cheguei aqui. Fui criada pelo homem que assassinou meus pais, cresci em uma terra de monstros. Convivo com este medo, deixo que se assente nos meus ossos e o ignoro. Se não fingisse que não tenho medo, eu me esconderia embaixo do edredom de penas de coruja na casa de Madoc para sempre. Ficaria lá deitada, gritando até não restar nada de mim. Eu me recuso a fazer isso. Não vou fazer isso.

Nicasia está enganada a meu respeito. Eu não quero me sair tão bem quanto um dos feéricos no torneio. Eu quero vencer. Não desejo ser igual a eles.

No fundo do meu coração, eu desejo ser melhor.

CAPÍTULO
5

A caminho de casa, Taryn para e colhe amoras junto ao Lago das Máscaras. Eu me sento em uma pedra ao luar e evito deliberadamente olhar para a água. Este lago não reflete o rosto de quem olha para ele, mas o de outra pessoa que já olhou ou ainda vai olhar para sua superfície. Quando eu era pequena, ficava observando o lago o dia inteiro, vendo fisionomias das fadas em vez das minhas, torcendo para um dia ter um vislumbre de minha mãe olhando para mim.

Chegou uma hora em que começou a doer demais.

— Você vai abandonar o torneio? — pergunta Taryn, colocando um punhado de frutas na boca. Nós somos famintas. Já estamos mais altas do que Vivi, nossos quadris são mais largos e nossos seios, mais pesados.

Abro minha cesta, pego uma ameixa suja e a limpo na camisa. Ainda está mais ou menos comível. Saboreio devagar, pensativa.

— Você está falando isso por causa de Cardan e sua Corte de Idiotas?

Taryn franze a testa, a expressão que eu faria caso ela estivesse sendo particularmente cabeça-dura.

— Sabe como nos chamam? — pergunta. — *O Círculo das Minhocas*.

Atiro o caroço na água e fico olhando enquanto ondula e destrói a possibilidade de qualquer reflexo. Sorrio.

— Você está sujando um lago mágico — diz Taryn.

— Vai apodrecer — asseguro. — E nós também. Eles estão certos. Nós somos o Círculo das Minhocas. Somos mortais. Não temos uma eternidade

para esperar que nos deixem fazer as coisas que queremos. Não ligo se não gostam da minha presença no torneio. Quando eu me tornar cavaleira, vou estar fora do alcance deles.

— Você acha que Madoc vai permitir isso? — pergunta Taryn, desistindo do arbusto depois que os espinhos machucam seus dedos. — Você responde a alguém que não seja ele?

— Para o que mais ele estaria nos treinando? — pergunto. Sem dizer nada, saímos andando, seguindo para casa.

— Não quero isso. — Ela balança a cabeça. — Eu vou me apaixonar.

A surpresa me arranca gargalhadas.

— Então você simplesmente decidiu isso? Achei que não funcionava assim. Sempre pensei que o amor acontecesse quando você menos esperasse, como uma dor de cabeça.

— Bom, *eu* decidi — responde ela.

Penso em mencionar sua última decisão desastrosa, a de se divertir na festa, mas isso só vai irritá-la. Então tento imaginar alguém por quem ela poderia se apaixonar. Talvez seja um sereiano que dê a ela o dom de respirar embaixo da água e uma coroa de pérolas, e depois a leve para a cama dele no fundo do mar.

Na verdade, essa ideia é incrível. Talvez eu esteja fazendo as escolhas erradas.

— O quanto você gosta de nadar? — pergunto a ela.

— O quê?

— Esquece.

Desconfiando de alguma provocação, ela me dá uma cotovelada.

Seguimos por entre os troncos retorcidos da Floresta Torta, pois o Bosque Leitoso é perigoso à noite. Temos que parar para abrir caminho para uns homens-raízes por medo de que pisem na gente. Seus ombros são cobertos de musgo, que sobe pelas bochechas de casca de árvore. O vento assobia pelas costelas deles.

Os homens-raízes formam uma procissão linda e solene.

— Se tem tanta certeza de que Madoc vai permitir que participe da competição, por que ainda não pediu a ele? — sussurra Taryn. — O torneio é só daqui a três dias.

Qualquer um pode lutar no Torneio de Verão, mas se eu quiser ser cavaleira, tenho que declarar minha candidatura usando uma faixa verde no peito. E se Madoc não me der permissão para isso, nenhuma habilidade vai me ajudar. Eu não vou ser candidata e não vou ser escolhida.

Fico feliz que os homens-raízes me deram uma desculpa para não responder, porque, claro, Taryn está certa. Eu não pedi a Madoc porque tenho medo do que ele vai dizer.

Quando chegamos em casa e abrimos a enorme porta de madeira com ornamentos em ferro, ouvimos alguém aos berros no andar de cima, como se estivesse em apuros. Corro em direção ao som, o coração na boca, e encontro Vivi no quarto, correndo atrás de uma nuvem de criaturinhas. As pequenas fadas passam voando para o corredor numa explosão de asas diáfanas, e Vivi joga o livro que estava segurando na direção delas, mas atinge a soleira da porta.

— Olha! — grita Vivi para mim, apontando na direção do armário. — Olha o que elas fizeram!

As portas estão abertas. Vejo várias coisas roubadas do mundo humano: caixas de fósforo, jornais, garrafas vazias, livros e Polaroides. As fadinhas transformaram as caixas de fósforo em camas e mesas e picaram todo o papel, além de terem arrancados os miolos dos livros e criado um ninho ali dentro. Uma infestação completa.

Fico mais estupefata pela quantidade de coisas que Vivi guarda, e quantas parecem não ter valor algum. É só lixo. Lixo mortal.

— O que *é* tudo isso? — pergunta Taryn, entrando no quarto. Ela se inclina e pega uma tira de fotografias levemente mastigada pelas criaturas. As fotos foram tiradas em sequência, daquelas posadas dentro de uma cabine. Vivi está nas fotos, o braço jogado sobre os ombros de uma garota mortal sorridente e de cabelo rosa.

Talvez Taryn não seja a única que tenha decidido se apaixonar.



No jantar, nos sentamos a uma mesa enorme entalhada nas quinas com imagens de faunos tocando flautas e diabretes dançando. Velas grossas

queimam no centro, além de um vaso entalhado de pedra repleto de azedinhas. Criados trazem bandejas prateadas cheias de comida. Então saboreamos favas frescas, carne de cervo com sementes de romã, truta-marrom grelhada na manteiga, uma salada de ervas amargas e, por fim, bolinhos de passas embebidos em xarope de maçã. Madoc e Oriana tomam vinho das Ilhas Canárias; nós, crianças, misturamos o nosso com água.

Ao lado do meu prato e do de Taryn tem uma tigela de sal.

Vivi cutuca a carne de cervo e lambe o sangue da faca.

Oak sorri do outro lado da mesa e começa a imitar Vivi, mas Oriana arranca os talheres da mão dele antes que o menino corte a língua. Oak ri e pega a carne com os dedos, rasgando os pedaços com dentes afiados.

— Vocês precisam saber que logo, logo o rei vai abdicar do trono em favor de um dos filhos — diz Madoc, olhando para todas nós. — É provável que escolha o príncipe Dain.

Não importa que Dain seja o terceiro filho. O Grande Rei escolhe seu sucessor, e é assim que a estabilidade de Elfhame é garantida. A primeira Grande Rainha, Mab, mandou seu ferreiro forjar uma coroa. As lendas dizem que o ferreiro era uma criatura chamada Grimsen, e que era capaz de fazer qualquer coisa a partir do metal: pássaros que trinam e colares que cortam pescoços, espadas gêmeas chamadas Caçadora de Coração e Coração Jurado, que nunca erram um golpe. A coroa da rainha Mab era mágica e encantadoramente forjada, de modo que só poderia ser passada de uma pessoa da família a outra, em uma linha ininterrupta. Com ela, são transferidos também os juramentos de todos que a usaram. Embora seus súditos se reúnam a cada nova coroação para renovar sua lealdade, a autoridade ainda repousa na coroa.

— Por que ele vai abdicar? — quer saber Taryn.

Vivi dá um sorrisinho sórdido.

— Os filhos dele estão meio impacientes por ele ainda estar vivo.

Uma onda de fúria passa pelo rosto de Madoc. Taryn e eu não ousamos provocá-lo por medo de sua paciência conosco chegar ao limite, mas Vivi é especialista nisso. Quando ele responde, consigo notar seu esforço para morder a língua.

— Poucos reis feéricos governaram tão bem e por tanto tempo quanto Eldred. Agora, ele vai procurar a Terra da Promessa.

Até onde sei, a Terra da Promessa é um eufemismo para morte, embora eles não admitam isso. Dizem que é o lugar de onde os feéricos vieram e para o qual vão acabar voltando.

— Você está dizendo que ele vai sair do trono porque está *velho*? — pergunto, me questionando se estou sendo mal-educada. Há duendes que já nascem com rostos enrugados como filhotes de gatos pelados e nixies com membros lisos, cuja verdadeira idade só é visível aos seus olhos idosos. Pensei que o tempo não fizesse diferença para eles.

Oriana não parece feliz, mas também não está me mandando calar a boca, o que significa que talvez minha intervenção não tenha sido *tão* grosseira assim. Ou talvez ela só não espere nada melhor de mim.

— Nós podemos não morrer de velhice, mas ficamos cansados por causa dela — diz Madoc com um suspiro pesado. — Eu fiz guerra em nome de Eldred. Destruí cortes que negavam lealdade a ele. Até liderei disputas contra a Rainha Submarina. Mas Eldred perdeu o gosto pelo derramamento de sangue. Ele permite que os que estão sob seu estandarte se rebelem de formas pequenas e grandes, mesmo com outras cortes se recusando a se submeter a nós. Está na hora de ir a batalha. Está na hora de um novo monarca, alguém faminto.

Oriana franze a testa com leve confusão.

— De preferência, sua família quer ver você em segurança.

— De que serve um general sem guerra? — Madoc toma um gole caprichado e inquieto de vinho. Eu me pergunto com que frequência ele precisa molhar seu capuz com sangue fresco. — A coroação do novo rei será no solstício de outono. Não se aflijam. Eu tenho um plano para garantir nosso futuro. Só se preocupem em se preparar para dançar muito.

Estou imaginando qual pode ser o plano dele quando Taryn me chuta por baixo da mesa. Quando me viro para encará-la, ela ergue as sobrancelhas.

— Peça a ele — diz, apenas articulando os lábios.

Madoc olha na direção dela.

— Sim?

— Jude quer pedir uma coisa — anuncia Taryn. A pior parte, acho, é que ela acredita estar ajudando.

Respiro fundo. Pelo menos ele parece estar de bom humor.

— Andei pensando no torneio. — Imaginei dizer essas palavras muitas, muitas vezes, mas agora que estou dizendo, elas não parecem sair conforme planejei. — Eu não sou ruim com a espada.

— Você está sendo modesta demais — diz Madoc. — Sua habilidade com a espada é excelente.

Isso parece encorajador. Olho para Taryn, que está prendendo a respiração. Todo mundo na mesa está imóvel, exceto Oak, que bate o copo na lateral do prato.

— Vou lutar no Torneio de Verão e quero me candidatar a cavaleira.

Madoc ergue as sobrancelhas.

— É isso que você quer? É um trabalho perigoso.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu não tenho medo.

— Interessante — diz ele. Meu coração bate estupidamente forte. Pensei em todos os aspectos desse plano, exceto na possibilidade de ele não permitir.

— Quero abrir meu caminho até a Corte — respondo.

— Você não é assassina — diz Madoc. Eu me encolho e meu olhar encontra o dele. Ele me encara com firmeza com seus olhos felinos dourados.

— Eu poderia ser — insisto. — Venho treinando há uma década.

Desde que você me trouxe para cá, não digo, embora deva estar explícito em meus olhos.

Ele balança a cabeça com tristeza.

— O que lhe falta não tem nada a ver com experiência.

— Não, mas… — começo.

— Chega. Já tomei minha decisão — corta ele, erguendo a voz. Depois de um momento de silêncio, Madoc me oferece um meio sorriso conciliatório. — Lute no torneio se quiser, por diversão, mas você não vai usar a faixa verde. Você não está pronta para ser cavaleira. Pode me pedir de novo depois da coroação, caso seu coração ainda esteja sonhando com isso. E, se for apenas um ímpeto, vai ser tempo suficiente para passar.

— Não é um ímpeto! — Odeio o desespero na minha voz, mas estou contando os dias para o torneio. A ideia de esperar meses só para ouvir um não outra vez me enche de desespero.

Madoc me lança um olhar ilegível.

— Depois da coroação — repete.

Quero gritar com ele, perguntar se sabe como é difícil ter que abaixar a cabeça para todos o tempo inteiro. Engolir insultos e tolerar ameaças abertas. E, ainda assim, tenho aguentado tudo isso. Achei que tivesse provado minha resistência. Achei que se Madoc visse que eu aguento tudo o que cruza meu caminho sem deixar de sorrir, ele veria que sou digna.

Você não é assassina.

Madoc não faz ideia do que sou.

Talvez eu também não saiba. Talvez eu nunca tenha me permitido descobrir.

— O príncipe Dain será um bom rei — diz Oriana, desviando habilmente a conversa para coisas mais agradáveis. — Uma coroação significa um mês de bailes. Vamos precisar de vestidos novos. — Ela parece incluir a mim e Taryn em sua declaração. — Vestidos magníficos.

Madoc assente e abre um sorriso largo.

— Sim, sim, quantos você quiser. Eu gostaria que ficassem lindas e que dançassem muito.

Tento acalmar a respiração, me concentrar numa coisa só. Nas sementes de romã no meu prato, brilhando como rubis, empapadas em sangue de cervo.

Depois da coroação, disse Madoc. Tento me concentrar nisso. Só que parece que o dia nunca vai chegar.

Eu adoraria ter um vestido de Corte igual aos que vi no armário de Oriana, com estampas opulentas, costuradas de forma intrincada em saias douradas e prateadas, cada uma tão linda quanto a aurora. Concentro-me nisto também.

Mas aí vou longe demais e me imagino usando um vestido daqueles, a espada no quadril, transformada, um verdadeiro membro da Corte, uma cavaleira do Círculo de Falcões. E Cardan me olhando do outro lado do salão, ao lado do rei, rindo da minha pretensão.

Rindo como se soubesse que é uma fantasia que nunca vai se tornar realidade.

Belisco minha perna até a dor superar todo o resto.

— Vocês vão ter que gastar as solas dos sapatos, como o restante de nós — diz Vivi para mim e Taryn. — Aposto que Oriana está morrendo de preocupação de que não vá conseguir impedir vocês de dançarem, já que o próprio Madoc incentivou. Horror dos horrores, vocês podem acabar se divertindo.

Oriana aperta os lábios.

— Isso não é justo e nem é verdade.

Vivi revira os olhos.

— Se não fosse verdade, eu não conseguiria dizer.

— Já chega, todo mundo! — Madoc bate a mão na mesa, fazendo todas nós pularmos de susto. — Coroações são um momento em que muitas coisas são possíveis. A mudança está a caminho, e não há sabedoria em me irritar.

Não consigo saber se ele está falando do príncipe Dain, de filhas ingratas ou ambas as coisas.

— Você está com medo de alguém tentar pegar o trono? — pergunta Taryn. Como eu, ela foi criada em meio a estratégias, ações e reações, emboscadas e posições de controle. Mas, diferentemente de mim, ela tem o talento de Oriana para fazer a pergunta que vai desviar a conversa para um terreno menos acidentado.

— A linhagem Greenbriar é que tem que se preocupar com isso, não eu — responde Madoc, embora pareça satisfeito com a pergunta. — Não tenho dúvidas de que alguns dos súditos desejariam que não houvesse Coroa de Sangue ou Grande Rei. Os herdeiros deveriam tomar um cuidado especial para que os exércitos dos feéricos estejam sempre satisfeitos. Um estrategista experiente espera a oportunidade certa.

— Só alguém sem nada a perder atacaria o trono com você lá para protegê-lo — diz Oriana de um jeito todo afetado.

— Sempre há alguma coisa a se perder — retruca Vivi, e faz uma careta para Oak. Ele ri.

Oriana estica a mão para o filho, mas se contém. Nada de ruim está acontecendo. Mas consigo ver o brilho nos olhos felinos de Vivi, e não sei se Oriana está errada por estar tensa.

Vivi gostaria de punir Madoc, mas seu único poder é ser um incômodo constante. O que significa atormentar Oriana ocasionalmente por meio de

Oak. Vivi ama Oak, ele é nosso irmão, afinal de contas, mas isso não quer dizer que ela não vá ensinar coisas ruins a ele.

Madoc sorri para todas nós, agora a imagem do contentamento. Eu achava que ele não notava todas as correntes de tensão que percorriam a família, mas conforme vou amadurecendo, percebo que os conflitos mal reprimidos não o incomodam em nada. Ele até gosta, da mesma forma que gosta da guerra declarada.

— Talvez nenhum de nossos inimigos seja muito bom estrategista.

— Esperemos que não — diz Oriana distraidamente, os olhos em Oak, segurando a taça de vinho.

— De fato — diz Madoc. — Vamos fazer um brinde. À incompetência de nossos inimigos

Ergo minha taça e bato na de Taryn, depois bebo até a última gota.



Sempre há alguma coisa a se perder.

Penso nisso ao longo do amanhecer, revirando o pensamento na cabeça. Finalmente, quando não aguento mais ficar rolando na cama, coloco um roupão sobre a camisola e saio ao sol a pino da manhã. Luminoso como ouro polido, machuca meus olhos quando me sento num canteiro de trevos perto do estábulo, olhando para a casa.

Tudo isso foi da minha mãe antes de ser de Oriana. Minha mãe devia ser jovem e estar apaixonada por Madoc na época. Eu me pergunto como teria sido para ela. Eu me pergunto se ela achou que seria feliz aqui.

E me pergunto quando ela percebeu que não era.

Eu ouvi os boatos. Não é fácil driblar o general do Grande Rei, sair escondida do Reino das Fadas com o bebê dele na barriga e se esconder por quase dez anos. Ela abandonou os restos queimados de outra mulher na casca enegrecida desta propriedade. Ninguém pode dizer que ela não provou sua coragem e força. Se ela tivesse tido um pouco mais de sorte, Madoc nunca teria percebido que estava viva.

Minha mãe tinha muito a perder, acho.

Eu também tenho muito a perder.

Mas e daí?



— Mate aula hoje — digo para Taryn naquela tarde. Estou vestida e arrumada desde cedo. E embora não tenha dormido direito, não me sinto cansada. — Fique em casa.

Ela me olha com grande preocupação enquanto um garoto pixie, com dívida recente com Madoc, trança seu cabeço castanho no formato de coroa. Taryn está sentada de um jeito todo afetado, vestida de marrom e dourado.

— Dizer para eu não ir equivale a dizer que eu deveria ir. O que quer que você esteja pensando, pode parar já. Sei que está decepcionada por causa do torneio…

— Não importa — respondo, mesmo que importe, sim. Importa tanto que, agora, sem esperança de ser cavaleira, sinto como se um buraco tivesse se aberto embaixo de mim e eu estivesse caindo.

— Madoc pode mudar de ideia. — Ela me segue pela escada e pega nossas cestas antes de mim. — E pelo menos agora você não vai precisar desafiar Cardan.

Eu me viro para ela, embora nada disso seja sua culpa.

— Você sabe por que Madoc não quer me deixar tentar ser cavaleira? Porque ele pensa que sou fraca.

— Jude — repreende ela.

— Eu achei que devia ser boa e seguir as regras — digo. — Mas cansei de ser fraca. Cansei de ser boa. Acho que vou ser outra coisa.

— Só idiotas não têm medo de coisas que dão medo — diz Taryn, e de fato é a mais pura verdade. Mas ainda assim não serve para me convencer.

— Mate aula hoje — volto a dizer, mas ela não quer me ouvir, então seguimos juntas para a escola.

Taryn me observa com cautela enquanto falo com a líder da simulação de guerra, Fand, uma garota pixie com pele azul como pétalas de flor. Ela me lembra de que temos ensaio amanhã, em preparação ao torneio.

Eu faço que sim e mordo o lábio. Ninguém precisa saber que minhas esperanças foram destruídas. Ninguém precisa saber que eu sequer já nutri

alguma esperança.

Mais tarde, quando Cardan, Locke, Nicasia e Valerian se sentam para almoçar, eles cospem a comida em um horror engasgado. Ao redor deles estão os filhos menos horrendos dos nobres feéricos, comendo pão e mel, bolos e pombos assados, geleia de sabugueiro com biscoitinhos e queijo e bolotas gordas de uva. Mas cada pedacinho de comida nas cestas de meus inimigos foi muito bem salgado.

O olhar de Cardan encontra o meu, e não consigo segurar o sorriso cruel que ergue os cantos da minha boca. Os olhos dele brilham feito carvão, e seu ódio é uma coisa viva, cintilando entre nós assim como o ar acima das rochas negras em um dia ardente de verão.

— Você perdeu a cabeça? — pergunta Taryn, sacolejando meu ombro para me obrigar a me virar para ela. — Você só está piorando as coisas. Existe um motivo para ninguém desafiá-los.

— Eu sei — respondo baixinho, sem conseguir tirar o sorriso dos lábios. — Muitos motivos.

Ela está certa em se preocupar. Eu acabei de declarar uma guerra.

CAPÍTULO
6

Eu contei essa história toda errada. Tem coisas que eu deveria ter dito sobre crescer no Reino das Fadas. Deixei essas coisas de fora principalmente porque sou covarde. Nem gosto de me permitir pensar sobre elas. Mas talvez saber alguns detalhes relevantes sobre meu passado possa explicar o motivo de eu ser como sou, como o medo penetrou meus ossos. Como aprendi a fingir que não sinto nada disso.

Sendo assim, eis três coisas sobre mim que deveria ter mencionado antes, mas não mencionei:

1. Quando eu tinha nove anos, um dos guardas de Madoc arrancou a ponta do dedo anelar da minha mão esquerda com uma dentada. Nós estávamos lá fora, e quando gritei, ele me empurrou com força o bastante para me fazer bater a cabeça em uma viga de madeira no estábulo. Depois, o guarda me fez ficar lá, observando enquanto mastigava o pedaço que tinha arrancado. Ele me disse exatamente o quanto odiava mortais. Eu sangrei tanto… Ninguém imaginaria que um dedinho poderia sangrar tanto. Quando acabou, ele explicou que era melhor eu manter segredo sobre o que tinha acontecido, senão ele devoraria o que havia sobrado. Então, obviamente, não contei a ninguém. Até agora, que estou contando para vocês.

2. Quando eu tinha onze anos, em uma das festas, fui flagrada escondida embaixo da mesa de banquetes por um integrante particularmente entediado da nobreza. Ele me arrastou para fora pelo pé, e eu fiquei me debatendo e chutando. Acho que ele não sabia quem eu era… Pelo menos é isso que fico dizendo a mim mesma. Mas ele me obrigou a beber, e eu bebi; o vinho feérico verde-grama desceu pela minha garganta como néctar. Ele dançou comigo pela colina. No início foi divertido, o tipo de diversão apavorante que em metade do tempo faz você gritar para ser colocada no chão, e na outra metade deixa você tonta e enjoada. Mas quando a diversão passou e eu não consegui parar, foi só apavorante. Acontece que meu medo também era divertido para ele. A princesa Elowyn me encontrou no final da festa, vomitando e chorando. Ela não me perguntou nadinha sobre o que me deixou naquele estado, só me entregou para Oriana como se eu fosse um casaco esquecido. Nós nunca contamos a Madoc. Que sentido faria? Todo mundo que me viu deve ter pensado que eu estava me divertindo.

3. Quando eu tinha quatorze anos e Oak tinha quatro, ele me enfeitiçou. Não foi de propósito… bem, pelo menos ele não entendia muito bem por que não deveria me enfeitiçar. Eu não estava usando nenhum amuleto protetor porque tinha acabado de sair do banho. Oak não queria ir para a cama, e me encantou para brincar de bonecas, e nós brincamos. Depois me mandou correr atrás dele, e brincamos de pique pelos corredores. Então ele descobriu que podia me fazer estapear meu próprio rosto, o que era muito engraçado. Tatterfell nos encontrou horas depois, deu uma boa olhada nas minhas bochechas vermelhas e nas minhas lágrimas, e correu para buscar Oriana. Durante semanas, um Oak risonho ficou tentando me enfeitiçar para que eu lhe levasse doces ou o levantasse acima da cabeça ou cuspisse na mesa de jantar. Embora nunca mais tenha dado certo, já que eu nunca mais deixei de usar meu cordão de frutas de sorveira depois disso, precisei me controlar durante meses para não lhe dar uma coça. Oriana nunca me perdoou pelo meu autocontrole. Na cabeça dela, o fato de eu não ter me vingado na época significa que ainda planejo me vingar no futuro.

Eis por que não gosto dessas histórias: elas mostram que sou vulnerável. Por mais cuidadosa que eu seja, vou acabar cometendo outro erro. Sou fraca. Sou frágil. Sou mortal.

E odeio isso mais que tudo.

Mesmo que por algum milagre eu seja melhor que eles, jamais serei um deles.

CAPÍTULO

7

Eles não esperam muito para retaliar.

Durante o restante da tarde e o começo da noite, temos aula de história. Um goblin com cabeça de gato chamado Yarrow recita baladas e nos faz perguntas. Quanto mais respostas corretas eu dou, mais irritado Cardan fica. Ele não esconde seu desprazer, fica falando para Locke como as aulas são chatas e faz cara feia para o professor.

Pela primeira vez, acabamos antes de a noite cair totalmente. Taryn e eu seguimos para casa, e ela fica o tempo todo me lançando olhares preocupados. A luz do poente passa pelas árvores, e eu respiro fundo, absorvendo o aroma de agulhas de pinheiro. Sinto uma espécie de calma estranha, apesar da estupidez que fiz.

— Esse tipo de comportamento não é muito a sua cara — diz Taryn finalmente. — Você não é de puxar briga com as pessoas.

— Apaziguá-los não vai ajudar. — Chuto uma pedra com o pé coberto pelo sapato. — Quanto mais eles se safam, mais acreditam que têm direitos.

— Então você vai o quê… ensinar bons modos a eles? — Taryn suspira. — Mesmo que alguém fosse fazer isso, esse alguém não tem que ser você.

Ela está certa. Sei que está. A fúria eufórica da tarde vai passar, e eu vou me arrepender do que fiz. Provavelmente depois de um belo e longo período de sono. Vou ficar tão horrorizada quanto Taryn está agora. A única coisa que fiz foi arranjar problemas ainda maiores para mim, por melhor que tenha sido salvar meu orgulho.

Você não é assassina.

O que lhe falta não tem nada a ver com experiência.

Mas ainda não estou arrependida. Depois de ter passado dos limites, tudo o que quero é me jogar de vez.

Começo a falar quando a mão de alguém cobre minha boca. Dedos afundam no meu queixo. Eu ataco, virando o corpo, e vejo Locke segurando a cintura de Taryn. Alguém agarra meus pulsos. Consigo libertar minha boca e dou um berro, mas gritos no Reino das Fadas são como o canto dos pássaros, comuns demais para chamar atenção.

Eles saem nos empurrando bosque adentro, rindo. Ouço um gritinho de um dos garotos. Acho que ouço Locke dizer alguma coisa sobre as cotovias acabarem logo, mas o resto da frase é engolido pelas risadas.

Sinto um empurrão nos ombros e o choque horrível da água fria se fechando ao meu redor. Eu cuspo e tento respirar. Sinto gosto de lama e junco. Impulsiono-me para cima. Taryn e eu estamos dentro do rio, a água até a cintura, a corrente nos levando em direção a uma parte mais agitada. Planto os pés na lama do fundo para não ser arrastada. Taryn está segurando uma rocha, o cabelo todo molhado. Ela deve ter escorregado.

— Tem nixies neste rio — diz Valerian. — Se vocês não saírem antes que cheguem, vão arrastá-las para debaixo da água e segurar as duas lá. Os dentes afiados vão afundar na sua pele. — Ele faz uma mímica de mordida.

Eles estão ao longo da margem; Cardan mais perto, Valerian ao lado dele. Locke passa a mão nas taboas e nos juncos, a expressão distraída. Ele não parece gentil agora. Parece entediado com os amigos e conosco também.

— Nixies não conseguem controlar o que são — provoca Nicasia, chutando água na minha cara. — Assim como vocês não vão conseguir evitar o afogamento.

Cravo os pés mais fundo na lama. A água que enche minhas botas dificulta o movimento das pernas, mas a lama ajuda a segurá-las no lugar quando consigo ficar parada. Não sei como vou chegar a Taryn sem escorregar.

Valerian está esvaziando nossas bolsas na margem do rio. Ele, Nicasia e Locke se revezam jogando nossos pertences dentro d'água. Meus cadernos com capa de couro e rolos de papel que se desintegram assim que afundam. Os livros de baladas e histórias fazem um barulho alto quando são jogados, depois

se alojam entre duas pedras e ficam presos ali. Minha linda caneta cintila no fundo do rio. Meu pote de tinta se estilhaça nas pedras, tingindo a água de vermelho.

Cardan me observa. Mesmo que não erga um dedo, sei que é tudo obra dele. Vejo a estranheza do Reino das Fadas em seus olhos.

— Isso é divertido? — berro. Estou tão furiosa que não sobrou espaço para sentir medo. — Vocês estão se divertindo?

— Muitíssimo — diz Cardan. Seu olhar desliza de mim para um ponto cheio de sombras embaixo d'água. Seriam nixies? Não sei. Continuo a me arrastar em direção a Taryn.

— Isso é só uma brincadeira — diz Nicasia. — Mas às vezes mexemos com muita brutalidade nos nossos brinquedos. E eles quebram.

— E não é como se a gente tivesse afogado vocês — grita Valerian.

Meu pé escorrega nas pedras lisas e rapidamente estou submersa, levada pela correnteza, indefesa, engolindo a água lamacenta. Entro em pânico, resfolegando. Estico a mão e agarro a raiz de uma árvore. Eu me equilibro de novo, ofegante e tossindo.

Nicasia e Valerian estão gargalhando. A expressão de Locke é ilegível. Cardan está com um pé no junco, como se para ver melhor. Furiosa e engasgada, volto até Taryn, que se adianta para segurar minha mão e apertar com força.

— Pensei que você fosse se afogar — diz ela, um toque de histeria na voz.

— Estamos bem — respondo. Cravo o pé na lama novamente e estico a mão para uma pedra. Encontro uma grande o suficiente e a levanto, verde e escorregadia por causa das algas. — Se os nixies vierem, vou afastá-los.

— Pare — diz Cardan. Ele está olhando diretamente para mim. Nem desperdiça um olhar para Taryn. — Vocês nunca deveriam ter tido aulas conosco. Esqueça o torneio. Diga a Madoc que seu lugar não é entre nós, que somos superiores. Faça isso e salvo você.

Eu o encaro.

— Você só precisa desistir — insiste Cardan. — É fácil.

Olho para minha irmã. É minha culpa ela estar molhada e com medo. Apesar do calor do verão, o rio está frio, e a corrente, forte.

— Você vai salvar Taryn também?

— Ah, então você vai fazer tudo o que eu mandar para salvar sua irmã? — O olhar de Cardan está faminto, devorador. — Isso lhe parece nobre? — Ele faz uma pausa e, em meio ao silêncio, só escuto a respiração entrecortada de Taryn. — E então, parece?

Procuro os nixies, fico olhando em busca de sinal de movimento.

— Por que você não diz logo o que espera de mim?

— Interessante. — Ele dá um passo para mais perto, se agacha e nos olha da mesma altura. — Tem tão poucas crianças no Reino das Fadas que nunca vi um de nós com um irmão gêmeo. É como ser duplicado ou está mais para ser dividido ao meio?

Não respondo.

Atrás dele, vejo Nicasia passar o braço pelo de Locke e sussurrar alguma coisa. Ele a olha com uma expressão mordaz, e ela faz beicinho. Talvez estejam irritados por não estarmos sendo devoradas neste momento.

Cardan franze a testa.

— Irmã gêmea — diz ele, se virando para Taryn. Um sorriso volta aos seus lábios, como se uma ideia nova e terrível tivesse surgido para deleitá-lo. — Você faria um sacrifício semelhante? Vamos descobrir. Tenho uma proposta generosa para você. Suba a margem e beije minhas bochechas. Depois disso, desde que não defenda sua irmã com palavras ou com atos, eu não vou penalizar você pelo desafio dela. Não é uma boa barganha? Mas isso só vai acontecer se você vier até nós agora e a deixar aí, se afogando. Mostre para Jude que ela sempre vai estar sozinha.

Por um momento, Taryn fica imóvel, paralisada.

— Vá — digo. — Eu vou ficar bem.

Ainda assim, dói quando ela segue em direção à margem. Mas é claro que Taryn deve ir. Ela vai ficar em segurança, e o preço não é tão alto.

Uma das formas pálidas se separa das demais e vai nadando em direção a minha irmã, mas minha sombra na água faz a criatura hesitar. Finjo que vou jogar a pedra, e a criatura se assusta. Os nixies gostam de uma presa fácil.

Valerian segura a mão de Taryn e a ajuda a sair da água como se ela fosse uma dama importante. O vestido dela está encharcado e pinga conforme ela anda, como os vestidos das fadinhas aquáticas ou das ninfas do mar. Taryn encosta os lábios azulados nas bochechas de Cardan, uma e depois a outra. Fica

o tempo todo de olhos fechados, mas os dele permanecem abertos, me observando.

— Diga "Eu renuncio a minha irmã Jude" — ordena Nicasia. — "Não vou ajudá-la. Nem gosto dela."

Taryn olha em minha direção, um olhar rápido, pedindo desculpas.

— Eu não tenho que dizer isso. Não estava no acordo. — Os outros riem.

As botas de Cardan abrem caminho entre os arbustos. Locke começa a falar, mas o príncipe o interrompe:

— Sua irmã abandonou você. Está vendo o que podemos fazer com apenas algumas palavras? E tudo pode ficar muito pior. Nós podemos encantar você para que corra por aí de quatro, latindo feito um cachorro. Podemos amaldiçoar você para que definhe desejando uma música que nunca mais vai ouvir novamente, ou uma palavra gentil dos meus lábios. Nós não somos mortais. Vamos te destruir. Você é uma coisinha frágil; nós nem precisamos nos esforçar. Desista.

— Nunca — digo.

Ele sorri, arrogante.

— Nunca? Nunca é como o para sempre… tempo demais para mortais compreenderem.

A figura na água fica onde está, provavelmente porque a presença de Cardan e dos outros faz com que pareça que tenho amigos que podem me defender caso eu seja atacada. Fico à espera do próximo gesto de Cardan, observando-o com atenção. Espero parecer desafiadora. Ele me encara por um momento longo e horrível.

— Pense na gente — diz para mim. — Durante sua caminhada longa, molhada e vergonhosa para casa. Pense na sua resposta. Isso foi apenas uma amostra do que podemos fazer. — Então, ele se vira de costas para nós. Depois de um momento, os outros o acompanham. Eu o observo ir. Observo todos eles irem.

Quando estão fora do meu campo de visão, vou até a margem do rio e me deito de costas na lama, ao lado de onde Taryn está de pé. Inspiro grandes lufadas de ar. Os nixies começam a aparecer e nos observam com olhos famintos e opalescentes. Espiam por entre plantas. Um deles começa a rastejar para a terra.

Eu jogo a pedra. Não chega nem perto de acertar, mas o barulho o assusta e ele desiste da investida.

Grunhindo, eu me obrigo a sair andando. E durante toda a caminhada para casa, enquanto Taryn chora baixinho, penso no quanto os odeio e no quanto me odeio. E depois não penso em nada além de erguer minhas botas molhadas, um passo depois do outro me levando por entre as roseiras bravas, samambaias e olmos, por arbustos de cerejas vermelhas, berberis e abrunheiras, passando por criaturas do bosque que fazem ninho nas roseiras, indo para casa, para um banho e uma cama em um mundo que não é e nunca será o meu.

CAPÍTULO

8

Minha cabeça está latejando quando Vivienne me sacode para me acordar. Ela pula na cama, chuta as cobertas e faz o estrado ranger. Eu aperto uma almofada na cara e me encolho de lado, tentando ignorá-la e voltar a um sono desprovido de sonhos.

— Levante, dorminhoca — diz ela, puxando as cobertas. — Nós vamos ao shopping.

Solto um som estrangulado e a empurro.

— Levanta! — ordena Vivi, pulando de novo.

— Não — resmungo, me escondendo mais no que sobrou do cobertor. — Eu tenho que ensaiar para o torneio.

Vivi para de quicar, e percebo que isso não é mais verdade. Eu não tenho que lutar. Mas fiz a burrice de dizer para Cardan que jamais desistiria.

E isso me faz lembrar do rio, dos nixies e de Taryn.

De como ela estava certa e eu estava magnífica e extravagantemente errada.

— Vou comprar um café para você quando chegarmos lá, com chocolate e chantilly. — Vivi é incansável. — Venha. Taryn está esperando.

Saio da cama cambaleando. Fico de pé, coço o quadril e olho para Vivi de cara feia. Ela me dá seu sorriso mais encantador, e sinto a irritação passar apesar do meu péssimo humor. Vivi costuma ser egoísta, mas ela é tão animada em relação a isso e tão incentivadora do egoísmo-feliz nos outros que é fácil se divertir com ela.

Visto rapidamente as roupas do mundo mortal que guardo no fundo do armário: calça jeans, um suéter cinza velho com uma estrela preta na frente e um par de All Star prateados de cano alto. Prendo o cabelo em um gorro grandão e quando me vejo no espelho de corpo inteiro (entalhado para parecer que tem um par de faunos irreverentes nele, um de cada lado, espiando), uma pessoa completamente diferente está olhando para mim.

Talvez a pessoa que eu poderia ter me tornado caso tivesse sido criada como humana.

Seja quem for.

Quando éramos pequenas, falávamos o tempo todo sobre voltar ao mundo humano. Vivi dizia que, se aprendesse um pouco mais de magia, nós poderíamos ir. Encontraríamos uma mansão abandonada, e ela encantaria pássaros para cuidarem de nós. Eles comprariam pizza e balas, e nós só iríamos para a escola se tivéssemos vontade.

Mas quando Vivi finalmente descobriu como chegar ao mundo humano, a realidade atrapalhou nossos planos. Acontece que pássaros não conseguem comprar pizza, mesmo que estejam encantados.

Encontro minhas irmãs na frente do estábulo de Madoc, onde cavalos feéricos com ferraduras de prata estão acomodados em baias, ao lado de sapos gigantes prontos para receberem sela e rédeas, e também de renas com chifres grandes e sinos pendurados no pescoço. Vivi está usando uma calça preta e uma camisa branca, além de óculos espelhados escondendo os olhos de gato. Taryn está de legging rosa, um cardigã peludo e um par de *ankle boots*.

Tentamos imitar as garotas que vemos no mundo humano, garotas das revistas, garotas que vemos nas telas de cinema em salas com ar-condicionado, comendo balas tão doces que fazem meus dentes doerem. Não sei o que as pessoas pensam quando olham para nós. Estas roupas são tipo uma fantasia para mim. Estou brincando de me vestir no escuro. Não consigo imaginar as conclusões que acompanham os tênis brilhantes, da mesma forma que uma criança fantasiada de dragão não sabe o que dragões de verdade achariam da cor de suas escamas.

Vivi pega raminhos de erva-de-santiago que crescem perto dos bebedouros. Depois de encontrar três que se encaixam nos requisitos necessários, ela ergue o primeiro e sopra, dizendo:

— Corcel, levante-se e nos leve aonde ordeno.

Com essas palavras, ela joga o raminho no chão, e este se transforma em um pônei amarelo magricela com olhos esmeralda e uma crina que parece uma folhagem rendada. Dá um relincho estranho e triste. Vivi joga mais dois raminhos, e momentos depois três pôneis de erva-de-santiago resfolegam no ar e farejam o chão. Eles se assemelham a cavalos-marinhos, e cavalgam pela terra e pelos céus, dependendo dos comandos de Vivi, mantendo a forma durante horas antes de virarem plantas novamente.

Acontece que passar do Reino das Fadas para o mundo mortal não é tão difícil. A Terra das Fadas existe ao lado e abaixo dos vilarejos mortais, nas sombras das cidades humanas e nos centros podres, abandonados e consumidos por insetos. Os feéricos vivem em colinas, vales e montes, em becos e prédios mortais abandonados. Vivi não é a única fada de nossas ilhas a atravessar o mar e entrar no mundo humano com certa regularidade, embora a maioria delas use trejeitos mortais para confundir as pessoas. Menos de um mês atrás, Valerian estava se gabando sobre campistas que ele e seus amigos enganaram, fazendo com que se banqueteassem com folhas podres, todas encantadas para parecerem iguarias.

Subo no corcel e passo as mãos em volta do pescoço da criatura. Sempre tem um momento quando ela começa a se movimentar em que não consigo segurar um sorriso. Tem algo de gracioso na mera impossibilidade da coisa toda, na magnificência do bosque que passa por mim e na forma como os cascos chutam o cascalho ao saltarem no ar que me provoca uma onda elétrica de pura adrenalina.

Engulo o uivo que sobe pela minha garganta.

Saímos cavalgando acima dos penhascos e do mar, vemos sereias saltando nas ondas cintilantes e sereianos rolando nas espumas. Passamos pela neblina que cerca perpetuamente as ilhas e as esconde dos mortais. E logo estamos na costa, passando pelo Parque Estadual Two Lights, por um campo de golfe e por um aeroporto particular. Pousamos em uma área pequena coberta de árvores, em frente ao Maine Mall. A blusa de Vivi balança no vento quando ela pousa. Taryn e eu desmontamos. Com algumas palavras de Vivi, os corcéis de erva-de-santiago viram três plantinhas meio murchas que se misturam às outras ali.

— Lembrem-se de onde estacionamos — diz Taryn com um sorriso, e saímos andando na direção do shopping.

Vivi ama este lugar. Ama tomar smoothie de manga, experimentar chapéus e comprar o que quisermos com bolotas que ela encanta para parecer dinheiro. Taryn não gosta de tudo isso da mesma forma que Vivi, mas se diverte. Eu, quando estou aqui, me sinto um fantasma.

Andamos por uma loja de departamento como se fôssemos a coisa mais perigosa da região. Mas quando vejo famílias humanas juntas, principalmente famílias com irmãzinhas sorridentes de boca grudenta de balas, não gosto de como me sinto.

Com raiva.

Não me imagino de volta a uma vida como a delas; na verdade, o que imagino é ir até lá e assustá-las até elas chorarem.

Eu jamais faria isso, claro.

Quer dizer, acho que não faria.

Taryn parece perceber a forma como meu olhar gruda em uma criança choramingando com a mãe. Diferentemente de mim, Taryn sabe se adaptar. Ela sabe as coisas certas a dizer. E ficaria bem caso fosse jogada de volta neste mundo. Ela está bem agora. Vai se apaixonar, como falou. Vai se metamorfosear em uma esposa ou consorte e vai criar filhos feéricos que vão adorá-la e viver mais do que ela. A única coisa que a segura sou eu.

Estou tão *feliz* de ela não poder adivinhar meus pensamentos.

— Então — diz Vivi. — Estamos aqui porque vocês duas precisam se animar. Animem-se.

Olho para Taryn e respiro fundo, pronta para pedir desculpas. Não sei se era isso que Vivi tinha em mente, mas é o que sei que tenho que fazer desde que saí da cama.

— Desculpa.

— Você deve estar com raiva — diz Taryn ao mesmo tempo.

— De você? — Fico confusa.

Taryn murcha.

— Eu jurei para Cardan que não ajudaria você, apesar de ter ido naquele dia para ajudar.

Balanço a cabeça com veemência.

— Falando sério, Taryn, é você quem devia estar com raiva por eu ter feito você ser jogada na água. Sair de lá foi a coisa inteligente a fazer. Eu jamais ficaria com raiva por causa disso.

— Ah — diz ela. — Tudo bem.

— Taryn me contou sobre a peça que você pregou no príncipe — diz Vivi. Eu me vejo refletida nos óculos dela, dobrada, quadruplicada com Taryn ao meu lado. — Foi boa, mas agora você vai ter que fazer algo bem pior. Eu tenho ideias.

— Não! — corta Taryn. — Jude não precisa fazer *nada*. Ela só estava chateada com Madoc por causa do torneio. Se voltar a ignorá-los, eles vão voltar a ignorá-la também. Talvez não no começo, mas com o tempo.

Mordo o lábio porque não acho que isso seja verdade.

— Esqueça Madoc. Ser cavaleira seria um tédio mesmo — diz Vivi, descartando a coisa pela qual venho trabalhando há anos.

Dou um suspiro. É irritante, mas também tranquilizador saber que ela não acha algo tão importante, principalmente quando a perda me pareceu tão sufocante.

— E o que você quer fazer? — pergunto a Vivi para evitar que a discussão se prolongue. — Vamos ver um filme? Vocês querem experimentar batons? Não esqueça que você me prometeu café.

— Quero que vocês conheçam minha namorada — diz Vivienne, e me lembro da garota de cabelo rosa das fotos. — Ela me chamou para morarmos juntas.

— Aqui? — pergunto, como se pudesse haver outro lugar.

— No shopping? — Vivi ri das nossas expressões. — Nós vamos encontrá-la aqui hoje, mas provavelmente procurar por um lugar diferente para *morar*. Heather não sabe que o Reino das Fadas existe, então não digam nada, tá?

Quando Taryn e eu tínhamos dez anos, Vivi aprendeu a fazer os cavalos de erva-de-santiago. Nós fugimos da casa de Madoc alguns dias depois. Em um posto de gasolina, Vivi encantou uma mulher qualquer para nos levar para casa com ela.

Ainda me lembro do rosto inexpressivo da mulher enquanto dirigia. Eu queria fazê-la sorrir, mas por mais que eu fizesse caretas engraçadas, a expressão dela não mudava. Nós pernoitamos em sua casa, passando mal depois de

jantarmos sorvete. Eu chorei até dormir, abraçada a uma Taryn também chorosa.

Depois disso, Vivi arrumou um quarto de hotel com fogão e nós aprendemos a fazer macarrão com queijo de pacote. Preparávamos café na cafeteira porque fazia lembrar o cheiro de nossa antiga casa. Assistíamos à televisão e nadávamos na piscina com outras crianças hospedadas lá.

Eu odiei.

Moramos naquelas condições por duas semanas, até Taryn e eu implorarmos a Vivi para que nos levasse de volta para casa, de volta ao Reino das Fadas. Sentíamos falta de nossas camas, da comida à qual estávamos acostumadas, da magia.

Acho que Vivi ficou de coração partido por ter que voltar, mas voltou. E ficou. Apesar de tudo, quando realmente fez diferença, Vivi permaneceu do nosso lado.

Acho que eu não devia ficar surpresa por ela não estar planejando ficar para sempre.

— Por que você não nos contou? — pergunta Taryn.

— Eu *estou* contando. Acabei de contar — diz Vivi, nos guiando por lojas com imagens de videogames, por vitrines luminosas com biquínis e vestidos longos e floridos, por pretzels recheados com queijo e por joalherias com bancadas cheias de diamantes reluzentes em formato de coração prometendo amor verdadeiro. Passam carrinhos, passam grupos de adolescentes usando camisas esportivas, passam casais idosos de mãos dadas.

— Você já devia ter dito alguma coisa — cobra Taryn, as mãos nos quadris.

— Meu plano para animar vocês é o seguinte — diz Vivi. — Nós vamos nos mudar para o mundo dos humanos. Vamos morar com Heather. Jude não precisa mais se preocupar com esse negócio de se tornar cavaleira, e Taryn não vai precisar se jogar para cima de algum menino feérico idiota.

— E por acaso Heather sabe sobre esse plano? — pergunta Taryn ceticamente.

Vivi balança a cabeça, sorrindo.

— Claro — digo, tentando fazer piada. — Só que não tenho habilidade nenhuma além de manusear uma espada e inventar charadas, e nenhuma das

duas coisas deve render um salário muito bom.

— O mundo mortal é onde nós crescemos — insiste Vivi, subindo num banco e andando por ele, agindo como se fosse um palco. Ela empurra os óculos para a cabeça. — Vocês se acostumariam de novo.

— Onde *você* cresceu. — Vivi tinha nove anos quando fomos levadas; lembra-se muito mais da vida mundana do que nós. É injusto, já que também é a única dotada de magia entre nós.

— O povo fada vai continuar tratando vocês como lixo — diz Vivi, e salta na nossa frente, os olhos felinos brilhando. Uma moça com carrinho de bebê desvia para nos evitar.

— O que você quer dizer? — Desvio o olhar de Vivi e me concentro no desenho do piso sob meus pés.

— Oriana age como se o fato de vocês serem mortais fosse algum tipo de surpresa horrível que é jogada na cara dela todo dia de manhã — diz ela. — E Madoc matou nossos pais, e isso é horrível. E tem também os cretinos na escola sobre quem você não gosta de falar.

— Eu estava falando desses cretinos agora há pouco — retruco, sem dar a ela a satisfação de demonstrar meu choque pelo que disse sobre nossos pais.

Ela age como se nós não nos lembrássemos, como se houvesse alguma forma de esquecer. Ela age como se fosse uma tragédia pessoal dela, e só dela.

— E você não gostou. — Vivi parece imensamente satisfeita consigo mesma por esta resposta em especial. — Você achou mesmo que ser cavaleira tornaria tudo melhor?

— Não sei — falo.

Vivi se vira para Taryn.

— E você?

— A gente só conhece o Reino das Fadas. — Taryn levanta a mão para protelar qualquer discussão. — Aqui, nós não teríamos nada. Não haveria bailes nem magia nem…

— Bom, acho que *eu gostaria* daqui — corta Vivi, e sai andando na nossa frente, rumo a uma loja de telefones celulares.

Nós já conversamos sobre isso, claro, e Vivi acha que somos burras por não conseguirmos resistir ao Reino das Fadas, por desejarmos ficar em um local de tanto perigo. Talvez, por termos crescido como crescemos, as coisas ruins

pareçam boas para nós. Ou talvez sejamos mesmo burras igual a todo mortal idiota que deseja mais um pedaço de fruta goblin. Talvez não faça diferença.

Tem uma garota na entrada, mexendo no celular. *A garota*, suponho. Heather é pequena, tem cabelo rosa desbotado e pele negra. Está usando uma camiseta com um desenho feito à mão. Tem manchas de caneta nos dedos. Percebo abruptamente que ela pode ser a artista que desenhou os quadrinhos que já vi Vivi lendo.

Começo a fazer uma reverência, mas me lembro de onde estou e estendo a mão para ela, cheia de constrangimento.

— Sou a irmã de Vivi, Jude — digo. — E esta é Taryn.

A garota aperta minha mão. A palma dela é quentinha, a pressão do aperto quase inexistente.

É engraçado que Vivi, que fez tanto esforço para não se parecer com Madoc, tenha acabado se apaixonando por uma garota humana, exatamente como aconteceu com o pai.

— Sou Heather — diz a garota. — É um prazer conhecer vocês. Vee quase nunca fala sobre a família.

Taryn e eu trocamos um olhar. *Vee?*

— Querem se sentar? — pergunta Heather, indicando a praça de alimentação.

— Alguém me deve um café, na verdade — digo, olhando para Vivi.

Nós fazemos nossos pedidos, nos sentamos e bebemos. Heather conta que está fazendo escola técnica, estudando artes. Ela fala sobre os quadrinhos de que gosta e quais bandas curte. Nós desviamos das perguntas embaraçosas. Mentimos. Quando Vivi se levanta para jogar o lixo fora, Heather nos pergunta se ela é a primeira namorada que Vivi nos apresenta.

Taryn assente.

— Isso deve significar que ela gosta muito de você.

— Será que posso visitar a casa de vocês agora? Meus pais estão prontos para comprar uma escova de dentes para Vee. Por que não posso conhecer os dela?

Quase cuspo meu mocha.

— Ela já contou alguma coisa sobre nossa família?

Heather suspira.

— Não.

— Nosso pai é muito conservador — invento.

Um garoto de cabelo preto espetado e com uma corrente pendurada na calça e na carteira passa por nós, sorrindo para mim. Não faço ideia do que ele quer. Talvez conheça Heather. Mas ela não está prestando atenção. Não retribuo o sorriso.

— Ele ao menos sabe que Vee é bi? — pergunta Heather, atônita. Mas então Vivi volta para a mesa, e não temos mais que continuar inventando coisas. Gostar de meninas e meninos é a única coisa nesse cenário que *não* deixaria Madoc aborrecido.

Depois disso, nós quatro ficamos passeando pelo shopping, experimentando batom roxo e comendo bala de maçã coberta de açúcar que deixa minha língua verde. Eu me delicio com substâncias químicas que sem dúvida deixariam todos os lordes e ladies da Corte enjoados.

Heather parece legal. Mas ela não faz ideia de onde está se metendo.

Nós nos despedimos educadamente perto da Newbury Comics. Vivi vê três garotos escolhendo bonecos de pescoço de mola, o olhar ávido. Eu me pergunto o que se passa na cabeça dela enquanto passeia entre humanos. Em momentos assim, Vivi parece mais um lobo aprendendo os padrões de comportamento das ovelhas. Mas quando beija Heather, o gesto é totalmente sincero.

— Agradeço por terem mentido por mim — diz Vivi quando refazemos nossos passos pelo shopping.

— Em algum momento você vai ter que contar para ela — digo. — Se o relacionamento for sério. Se você for mesmo se mudar para o mundo mortal para ficar com ela.

— E, quando contar, ela vai continuar querendo conhecer Madoc — diz Taryn. Embora eu entenda por que Vivi queira evitar o encontro o máximo possível.

Vivi balança a cabeça.

— O amor é uma causa nobre. Como qualquer coisa feita em nome de uma causa nobre pode estar errada?

Taryn morde o lábio.

Antes de irmos embora, paramos em uma farmácia e compramos absorventes. Toda vez que eu compro um pacote, me lembro de que mesmo que os feéricos se pareçam com a gente, eles são uma espécie completamente diferente. Até Vivi é de uma espécie completamente diferente. Separo os pacotes e dou metade para Taryn.

Sei o que você está pensando. Não, eles não sangram uma vez por mês; sim, eles sangram. Anualmente. Às vezes, com menos frequência do que isso. Sim, eles têm soluções — em geral, absorventes tradicionais —, e, sim tais soluções são horríveis. Sim, tudo relacionado a isso é constrangedor.

Começamos a atravessar o estacionamento em direção aos nossos ramos de erva-de-santiago quando um cara da nossa idade toca no meu braço, os dedos quentes se fechando bem acima do meu pulso.

— Ei, querida. — Dou de cara com uma camiseta preta grande demais, uma calça jeans, uma carteira presa por uma corrente, cabelo espetado. O brilho de uma faca barata na bota dele. — Eu vi você antes e estava querendo saber…

Eu me viro antes mesmo de conseguir pensar, meu punho acertando o maxilar do garoto. Dou um chute assim que ele cai, fazendo-o rolar pelo chão. Então pisco e me vejo ali parada, olhando para um garoto ofegante e prestes a chorar. Já estou de prontidão para chutar a garganta dele, para esmagar a traqueia. Os garotos de pé em volta dele estão me olhando, horrorizados. Meus nervos estão à flor da pele, mas é de ansiedade. Estou pronta para mais.

Acho que ele estava flertando comigo.

Eu nem me lembro de ter decidido que ia bater no garoto.

— Venha! — Taryn puxa meu braço, e nós três saímos correndo. Alguém grita.

Olho para trás. Um dos amigos do garoto está vindo atrás de nós.

— Vaca! — grita ele. — Vaca maluca! Milo está sangrando!

Vivi sussurra algumas palavras e faz um sinal atrás de nós. Quando faz isso, o mato começa a crescer, aumentando as rachaduras no asfalto. O garoto para quando uma coisa passa por ele, uma expressão de confusão em seu rosto. Confusão de pixie, é como chamam. Ele começa a vagar entre uma fileira de carros como se estivesse perdido. Se não virar as roupas do avesso, e tenho certeza de que não sabe que deve fazer isso, ele jamais vai nos encontrar.

Paramos perto do final do estacionamento, e Vivi começa a rir.

— Madoc ficaria tão orgulhoso… a garotinha dele se lembrando de todo o treinamento — diz ela. — Afastando a terrível possibilidade de romance.

Estou atordoada demais para dizer qualquer coisa. Meter a mão na cara daquele sujeito foi a coisa mais honesta que fiz em muito tempo. Estou mais que ótima. Eu não sinto *nada*, um vazio glorioso.

— Está vendo? — digo para Vivi. — Não posso voltar para o mundo humano. Olha o que eu faria com ele.

Para isso ela não tem resposta.



Fico pensando sobre o que fiz durante todo o caminho para casa e também na escola. Uma professora de uma Corte perto da costa explica como as coisas definham e morrem. Cardan me lança um olhar cheio de significado enquanto ela fala sobre decomposição e apodrecimento. Mas estou pensando na calmaria que senti quando bati naquele garoto. Nisso, e no Torneio de Verão amanhã.

Eu sonhava com meu triunfo no torneio. Nenhuma das ameaças de Cardan me impediria de usar a trança dourada e de lutar dando o meu melhor. Mas agora, as ameaças dele são o único motivo que tenho para lutar, a pura glória perversa de não recuar.

Quando paramos para comer, Taryn e eu subimos em uma árvore para saborear nosso queijo e nossos bolinhos de aveia com geleia de cereja-da-virginia. Fand me chama, querendo saber por que não fui ao ensaio da simulação de batalha hoje.

— Eu me esqueci — digo, o que não é particularmente crível, mas não ligo.

— Mas você vai lutar amanhã? — pergunta ela. Se eu desistir, Fand vai ter que reorganizar as equipes.

Taryn me olha com esperanças, como se o gesto fosse capaz de me fazer desenvolver bom senso.

— Estarei lá — confirmo. Meu orgulho me obriga.

As aulas estão quase acabando quando flagro Taryn parada ao lado de Cardan, perto de um círculo de árvores espinhentas, chorando. Eu não devia

estar prestando atenção, devo ter ficado envolvida demais guardando os livros e nossas coisas. Nem vi Cardan levar minha irmã para um canto. Mas sei que ela teria ido, fosse qual fosse a desculpa. Ela ainda acredita que, se fizermos o que querem, eles vão se entediar e nos deixar em paz. Talvez ela esteja certa, mas não ligo.

As lágrimas escorrem por suas bochechas.

Há um poço tão profundo de fúria dentro de mim.

Você não é assassina.

Largo os livros e atravesso o gramado na direção dos dois. Cardan se vira parcialmente, e dou um empurrão tão forte nele que suas costas batem em uma das árvores. Ele arregala os olhos.

— Não sei o que você disse a ela, mas nunca mais chegue perto da minha irmã — ameaço, a mão ainda agarrando a jaqueta de veludo do príncipe. — Você deu sua palavra.

Consigo sentir os olhares de todos os outros alunos em mim. Todo mundo está prendendo a respiração.

Por um momento, Cardan só me fita com aqueles olhos estúpidos e negros de corvo. E, então, dá um sorrisinho de canto de boca.

— Ah — diz ele. — Você vai se arrepender de ter feito isso.

Acho que Cardan não percebe quanto estou com raiva, nem quanto estou achando delicioso abrir mão de qualquer possível arrependimento pela primeira vez.

CAPÍTULO
9

Taryn não quer me contar o que o príncipe Cardan disse para ela. Ela insiste que não teve nada a ver comigo, que ele não estava quebrando a promessa de não culpá-la pelo meu comportamento, que eu devia me esquecer dela e me preocupar só comigo.

— Jude, desista. — Ela se acomoda na frente da lareira do quarto, bebericando uma xícara de chá de urtiga em uma caneca de argila com formato de cobra, a cauda enrolada formando a asa. Taryn está de roupão vermelho, que combina com as chamas atrás da grade. Às vezes, quando olho para ela, parece impossível que seu rosto seja igual ao meu. Ela é delicada, bonita, como uma garota em uma pintura. Uma garota à vontade com quem é.

— Só me conte o que ele disse — insisto.

— Não há nada para contar — diz Taryn. — Eu sei o que estou fazendo.

— E o que é? — pergunto, erguendo as sobrancelhas, mas ela apenas suspira.

Já tivemos conversas assim. Fico pensando no piscar preguiçoso dos cílios de Cardan sobre os olhos brilhantes como carvão. Ele parecia eufórico, arrogante, como se meu punho se fechando em sua camisa fosse exatamente o que desejava. Como se, se eu batesse nele, fosse porque ele me levara a fazer isso.

— Posso encher seu saco pelas colinas e também pelo vale — digo, cutucando o braço dela. — Vou perseguir você de um despenhadeiro até o

outro e por todas as três ilhas até você me contar *alguma coisa*.

— Acho que nós duas aguentaríamos isso melhor se mais ninguém tivesse que ver — diz ela, e bebe um gole caprichado de chá.

— O quê? — Fico surpresa a ponto de não saber o que dizer em resposta. — O que você quer dizer?

— Eu *quero dizer* que acho que aguentaria ser provocada a ponto de chorar caso você não soubesse. — Ela me olha com firmeza, como se avaliasse quanto da verdade eu aguento. — Não posso simplesmente fingir que meu dia foi bom com você de testemunha do que realmente aconteceu. Às vezes faz com que eu não goste de você.

— Isso não é justo! — exclamo.

Ela dá de ombros.

— Eu sei. É por isso que estou contando a você. Mas o que Cardan me disse não importa, e quero fingir que não aconteceu, então preciso que você finja comigo. Sem lembretes, sem perguntas, sem preocupações.

Magoada, eu me levanto, vou até a prateleira acima da lareira e encosto a cabeça na pedra entalhada. Não consigo contar quantas vezes ela me disse que me meter com Cardan e os amigos dele era burrice. Mas considerando o que está dizendo agora, o que quer que a tenha feito chorar esta tarde não tem nada a ver comigo. O que significa que ela se meteu em alguma confusão sozinha.

Taryn pode ter muitos conselhos para me dar, mas não sei se ela os está seguindo.

— E o que você *quer* que eu faça? — pergunto.

— Quero que você dê um jeito nas coisas com ele — diz Taryn. — O príncipe Cardan detém todo o poder. Não dá para vencê-lo. Por mais corajosa ou inteligente ou até cruel que você seja, Jude. Acabe com isso antes que você saia machucada de verdade.

Olho para ela sem entender. Evitar a fúria de Cardan agora parece impossível. O navio zarpou… e pegou fogo no porto.

— Não posso — falo para ela.

— Você ouviu o que o príncipe Cardan disse no rio. Ele só quer que você *desista*. Quando você age como se não tivesse medo dele, é um golpe no orgulho do príncipe, além de ferir seu status. — Ela segura meu pulso e me

puxa. Consigo sentir o aroma forte de ervas em seu hálito. — Diga que ele venceu e você perdeu. São só palavras. Não precisam ser verdade.

Eu balanço a cabeça.

— Não lute contra ele amanhã — continua ela.

— Eu não vou sair do torneio — teimo.

— Mesmo que não traga nada para você além de mais sofrimento?

— Mesmo assim — digo.

— Faça outra coisa — insiste ela. — Dê um jeito. Conserte essa situação antes que seja tarde demais.

Fico pensando em todas as coisas implícitas no alerta, todas as coisas que eu queria saber. Mas como ela quer que eu finja que está tudo bem, só me resta engolir minhas perguntas e deixá-la quieta em frente ao fogo.



No quarto, encontro meu traje do torneio sobre a cama, com aroma de verbena e lavanda.

É uma túnica levemente acolchoada costurada com fios metálicos. O desenho é de uma lua crescente virada de lado, como uma tigela, com uma gotícula vermelha caindo de um canto e uma adaga embaixo de tudo. O brasão de Madoc.

Não posso vestir a túnica amanhã e fracassar, não sem trazer desgraça para meu lar. E embora constranger Madoc possa me trazer um certo prazer, uma sutil sensação de vingança por ele negar minha tentativa de virar cavaleira, também seria embaraçosa para mim mesma.

Eu deveria ficar de cabeça baixa. Ser decente, mas não memorável. Deixar que Cardan e seus amigos continuem se exibindo por aí. Guardar minha habilidade para surpreender a Corte quando Madoc me der permissão para tentar o título de cavaleira. Se isso acontecer.

É o que eu *devia* fazer.

Derrubo a túnica no chão e me enfio debaixo do edredom, cobrindo a cabeça até ficar um pouco sufocada, respirando meu próprio hálito quente. Adormeço assim.

À tarde, quando me levanto, a roupa está amassada, e a única culpada sou eu mesma.

— Você é uma criança tola — diz Tatterfell, prendendo meu cabelo em tranças de guerreira. — Com a memória de um pardal.

A caminho da cozinha, passo por Madoc no salão. Ele está todo vestido de verde, a boca repuxada numa linha apertada.

— Espere um momento — diz ele.

Obedeço.

Ele franze a testa.

— Eu sei como é ser jovem e ter fome de glória.

Mordo o lábio e permaneço calada. Afinal, Madoc não me fez nenhuma pergunta. Ficamos ali nos olhando. Ele semicerra os olhos felinos. Tem tanta coisa implícita entre nós, tantos motivos para sermos apenas alguma coisa ligeiramente *parecida* com pai e filha, mas sem desempenhar nossos papéis de verdade.

— Um dia você vai entender que é melhor assim — diz ele por fim. — Divirta-se na batalha.

Faço uma reverência profunda e caminho até a porta, minha ida à cozinha abandonada. Só quero sair de casa, ir para longe do lembrete de que não há lugar para mim na Corte, de que não há lugar para mim no Reino das Fadas.

O que lhe falta não tem nada a ver com experiência.



O Torneio de Verão acontece na beirada de um penhasco em Insweal, a Ilha do Sofrimento. É longe o suficiente para eu precisar de montaria, um cavalo cinza-claro que fica ao lado de um sapo no estábulo. O sapo me observa com olhos dourados enquanto boto a sela na égua e salto em suas costas. Chego no local meio enjoada, um pouco atrasada, ansiosa e faminta.

Já tem uma multidão reunida em volta da tenda onde o Grande Rei e o restante da realeza vão se acomodar. Flâmulas bege tremulam no ar, exibindo o símbolo de Eldred: uma árvore que é metade flores brancas e metade espinhos, com raízes embaixo e uma coroa no topo. A união da Corte Seelie com a

Corte Unseelie e os feéricos selvagens, tudo abaixo de uma coroa. O sonho da linhagem Greenbriar.

O indulgente filho mais velho, o príncipe Balekin, está refestelado em uma poltrona entalhada, três criadas ao redor. Sua irmã, a princesa Rhyia, a caçadora, está sentada ao seu lado. Os olhos dela estão nos combatentes em potencial, que se preparam ali perto.

Uma onda de frustração e pânico toma conta de mim quando percebo sua expressão atenta. Eu queria tanto que Rhyia me escolhesse para ser uma de suas cavaleiras. E apesar de ela não poder fazer isso agora, sou tomada por um medo horrível e repentino de não conseguir impressioná-la. Talvez Madoc esteja certo. Talvez eu não tenha o instinto para lidar com a morte.

Se eu não me esforçar demais hoje, pelo menos nunca vou precisar saber se teria sido boa o suficiente.

Meu grupo vai primeiro porque somos os mais jovens. Ainda estamos em treinamento, usando espadas de madeira em vez de aço. As lutas vão durar o dia todo, entremeadas por apresentações de bardos, algumas apresentações de magia, exibições de arquearia e outras habilidades. Sinto cheiro de vinho com especiarias, mas ainda não sinto o outro perfume dos torneios: o de sangue fresco.

Fand está nos organizando em fileiras, distribuindo nossas braçadeiras prateadas e douradas. A pele azul dela está ainda mais vibrante sob o céu iluminado. A armadura é de tons variados de azul, de oceânico a amoras, com a faixa verde cortando o peitoral. Ela vai se destacar independentemente de seu desempenho, um risco calculado. Se ela se sair bem, a plateia não vai deixar de notar. Mas é melhor que se saia bem.

Quando me aproximo dos outros alunos com suas espadas de treino, ouço meu nome sussurrado. Nervosa, olho ao redor e me dou conta de que estou sendo observada de um jeito novo. Taryn e eu sempre chamamos a atenção por sermos mortais, mas o que nos destaca é também o que nos torna indignas de atenção. Mas hoje não está sendo assim. As crianças do Reino das Fadas parecem estar prendendo o ar juntas, esperando para ver qual será o meu castigo por ter botado as mãos em Cardan no dia anterior. E esperando para ver o que vou fazer a seguir.

Olho pelo campo, para Cardan e seus amigos, que usam braçadeiras prateadas. Cardan também está com prateado no peito, uma placa de aço brilhante pendurada nos ombros que parece mais ornamental do que para proteção. Valerian me lança um sorrisinho de desprezo.

Não dou a ele a satisfação de sorrir de volta.

Fand me entrega uma braçadeira dourada e me diz onde ficar. Teremos três rodadas em cada batalha simulada, e dois lados. Cada lado tem uma capa de pele para proteger; uma delas é de cervo amarelo, a outra, de pelo prateado de raposa.

Bebo um pouco de água de um jarro de estanho deixado para os participantes e começo a me aquecer. Meu estômago está ácido por falta de comida, mas não sinto mais fome. Estou enjoada, consumida pelo nervosismo. Tento ignorar tudo, exceto os exercícios para aquecer os músculos.

E então, chega a hora. Entramos no campo e saudamos o assento do Grande Rei, embora Eldred ainda não tenha chegado. A plateia é menor do que vai estar perto do pôr do sol. Mas o príncipe Dain está aqui, com Madoc ao seu lado. A princesa Elowyn dedilha um alaúde, pensativa. Vivi e Taryn vieram assistir, mas não vejo Oriana ou Oak. Vivi acena com um espeto de frutas reluzentes, fazendo a princesa Rhyia gargalhar.

Taryn me observa com atenção, como se tentasse me dizer alguma coisa com o olhar.

Conserte.

Durante toda a primeira batalha, eu luto na defensiva. Evito Cardan. Também não chego perto de Nicasia, de Valerian ou de Locke, nem quando Valerian derruba Fand na terra. Nem quando Valerian arranca nossa pele de cervo.

Ainda assim, não faço nada.

Então somos chamados para a segunda batalha.

Cardan vem andando atrás de mim.

— Você está dócil hoje. Sua irmã a repreendeu? Ela está louca por nossa aprovação. — Um dos pés calçados com botas cutuca o chão coberto de trevos, chutando um torrão de terra. — Imagino que, se eu pedisse, ela rolaria na grama até seu vestido branco ficar verde, depois me agradeceria pela honra da minha gentileza. — Ele sorri, partindo para o ataque final, se inclinando como

quem vai contar um segredo. — Não é como se eu fosse ser o primeiro a rolar na grama com ela.

Minhas boas intenções evaporam com o vento. Meu sangue está em chamas, fervendo nas veias. Não tenho muito poder, mas ainda tenho algo: posso forçar a jogada dele. Cardan pode querer me machucar, mas posso estimulá-lo a querer me machucar ainda mais. É esperado que simulemos um jogo de guerra. Quando nos chamam para nossos lugares, eu jogo. Jogo da maneira mais implacável possível. Minha espada de treino estala na placa peitoral ridícula de Cardan. Meu ombro acerta o ombro de Valerian com tanta força que ele cambaleia para trás. Eu ataco várias vezes, sem parar, derrubando todo mundo que usa a braçadeira prateada. Quando a simulação chega ao fim, meu olho está roxo e meus dois joelhos estão ralados, e o lado dourado venceu a segunda e a terceira batalhas.

Você não é assassina, disse Madoc.

Agora, sinto que eu poderia ser.

A plateia aplaude, e é como se eu tivesse despertado de repente de um sonho. Eu os esqueço. Uma pixie joga pétalas de flores para nós. Das arquibancadas, Vivi me saúda com um cálice de alguma coisa, enquanto a princesa Rhyia aplaude com educação. Madoc não está mais no camarote real. Balekin também sumiu. Mas o Grande Rei Eldred está lá, sentado em uma plataforma ligeiramente elevada, falando com Dain, a expressão distante.

Começo a me tremer toda, a adrenalina sumindo do corpo. Cortesãos, à espera de batalhas melhores, observam meus ferimentos e avaliam minha bravura. Ninguém parece particularmente impressionado. Fiz o melhor que pude, lutei da melhor maneira que consegui, e não foi suficiente. Madoc nem mesmo ficou para ver.

Meus ombros murcham.

Pior, Cardan está me esperando quando saio do campo. Sou surpreendida de repente pela altura dele, pela expressão arrogante que ostenta feito uma coroa. Ele pareceria um príncipe mesmo se estivesse usando trapos. Cardan segura meu rosto, os dedos abertos no meu pescoço. Sinto seu hálito na minha bochecha. A outra mão agarra meus cabelos, retorcendo-os como uma corda.

— Você sabe o que significa a palavra mortal? Significa *nascido para morrer*. Significa *merecedor da morte*. É o que você é, o que define você: mortal.

Mesmo assim, aqui está você, determinada a se opor a mim enquanto apodrece de dentro para fora, sua criatura mortal corrupta e corrosiva. Diga-me como é. Você acha mesmo que pode me vencer? Um príncipe de Faerie?

Engulo em seco.

— Não — respondo.

Os olhos pretos do príncipe fervem de raiva.

— Então você não é completamente desprovida de astúcia animal. Que bom. Agora, implore pelo meu perdão.

Dou um passo para trás e um puxão, tentando me desvencilhar dele. Cardan segura minha trança e me encara com olhos famintos e um sorrisinho horrível. Em seguida, abre a mão e me deixa cambalear livremente. Fios de cabelo flutuam pelo ar.

Pela visão periférica, vejo Taryn com Locke, perto de onde outros cavaleiros estão vestindo suas armaduras. Ela me olha com súplica, como se fosse a vítima necessitando ser salva.

— Fique de joelhos — diz Cardan, soando terrivelmente satisfeito. A fúria virou arrogância. — Implore. Faça bem bonito. Floreado. Digno de mim.

Os outros filhos de nobres estão parados ao meu redor com suas túnicas acolchoadas e espadas de treino, observando, torcendo para minha queda ser divertida. Esse é o show que eles estão esperando ver desde que enfrentei o príncipe. Não é uma simulação de guerra; é de verdade.

— Implorar? — ecoo.

Por um momento, ele parece surpreso, mas a surpresa logo é substituída por um nível de maldade ainda maior.

— Você me *desafiou*. Mais de uma vez. Sua única esperança é se jogar a minha mercê na frente de todo mundo. Obedeça, ou vou continuar machucando você até não sobrar mais nada para machucar.

Penso nas formas escuras dos nixies na água e no garoto na festa, gritando por causa da asa arrancada. Penso no rosto de Taryn, manchado de lágrimas. Penso em como Rhyia jamais teria me escolhido, em Madoc, que sequer esperou para ver a conclusão da batalha.

Não há vergonha na rendição. Como Taryn disse, são só palavras. Não preciso nem estar falando sério. Posso mentir.

Começo a me abaixar. Isso vai acabar rápido, cada palavra vai ter gosto de bile, mas vai ter acabado.

No entanto, quando abro a boca, não sai nada.

Eu não consigo.

Então simplesmente balanço a cabeça ante a emoção que me percorre pela maluquice do que estou prestes a fazer. É a mesma emoção de saltar sem conseguir ver o chão abaixo, logo antes de você perceber que isso tem um nome: *queda*.

— Você acha que só por poder me humilhar também pode me controlar? — desafio, encarando aqueles olhos pretos. — Bom, acho que você é um idiota. Desde que começamos a ter aulas juntos, você tem se esforçado muito para fazer eu me sentir inferior a você. E para massagear seu ego, eu me submeti. Eu me fiz pequena, mantive a cabeça baixa. Mas não foi suficiente para fazer você me deixar em paz, deixar Taryn em paz, então não vou mais fazer isso.

"Vou continuar desafiando você. Vou envergonhar você com minha rebeldia. Você adora me lembrar de que sou uma mera mortal e de que você é o príncipe do Reino das Fadas. Bom, me permita lembrá-lo de que isso significa que você tem muito a perder, e eu não tenho nada. Você pode vencer no final, pode me enfeitiçar, me machucar e me humilhar, mas vou fazer questão de que você perca tudo o que eu puder tirar de você nesse ínterim. Eu prometo. — Jogo as palavras de Cardan na cara dele. — *Isso é apenas uma amostra do que posso fazer*.

Cardan me olha como se nunca tivesse me visto. Olha como se ninguém nunca tivesse falado assim com ele. E talvez ninguém tenha mesmo.

Eu me viro e saio andando, meio que esperando que Cardan agarre meu ombro e me jogue no chão, meio que esperando que ele encontre o cordão de sorvas no meu pescoço, o arrebente e diga as palavras que vão me fazer rastejar até ele, implorando apesar de todo o meu discurso. Mas ele não diz nada. Sinto seu olhar nas minhas costas, fazendo eriçar os pelinhos da minha nuca. Preciso me controlar para não sair correndo.

Não ouso olhar para Taryn e Locke, mas tenho um vislumbre de Nicasia me encarando, boquiaberta. Valerian parece furioso, as mãos cerradas junto ao corpo em uma raiva muda.

Saio cambaleando pelas tendas do torneio até um chafariz de pedra, onde lavo o rosto com a água. Então me inclino e começo a limpar o cascalho dos joelhos. Minhas pernas estão duras e eu estou tremendo.

— Você está bem? — pergunta Locke, me fitando com os olhos castanhos de raposa. Nem sequer ouvi seus passos.

Eu não estou bem.

Eu não estou nada bem, mas ele não pode saber disso e também não deveria estar perguntando.

— Que diferença faz pra você? — retruco, cuspindo as palavras. O jeito como ele está me olhando faz eu me sentir mais patética que nunca.

Ele se encosta no chafariz e abre um sorriso lento e preguiçoso.

— É engraçado, só isso.

— Engraçado? — repito, furiosa. — Você acha que foi engraçado?

Ele balança a cabeça, ainda sorrindo.

— Não. É engraçado como você o deixa irritado.

No começo, não sei se ouvi direito. Quase pergunto a quem ele está se referindo, porque não consigo acreditar que Locke esteja admitindo que o soberbo e poderoso Cardan se deixa afetar por alguma coisa.

— Como uma farpa na pele? — pergunto.

— Só se for uma farpa de ferro. Ninguém mais o incomoda como você. — Ele pega uma toalha e a molha, então se ajoelha ao meu lado e limpa meu rosto com cuidado. Eu inspiro quando o tecido frio toca meu olho machucado, mas ele é bem mais delicado do que eu teria sido. Locke está sério e concentrado em sua tarefa. Não parece reparar que o estou observando atentamente, o rosto comprido e o queixo pontudo, o cabelo castanho-avermelhado cacheado, o jeito como seus cílios refletem a luz.

Mas então ele repara. Está me olhando e eu estou olhando para ele, e é a coisa mais estranha, porque eu achava que Locke nunca prestaria atenção em alguém como eu. Mas ele está prestando atenção. E sorrindo como fez naquela noite na Corte, como se compartilhássemos um segredo. Ele está sorrindo como se estivéssemos compartilhando mais um segredo.

— Continue — diz ele.

Fico surpresa com suas palavras. Ele está mesmo falando sério?

Quando volto para o torneio e para minhas irmãs, não consigo parar de pensar no rosto escandalizado de Cardan, e também não consigo parar de avaliar o sorriso de Locke. Não sei dizer qual dos dois é mais emocionante, nem qual é mais perigoso.

CAPÍTULO
10

O restante do Torneio de Verão passa num átimo. Espadachins se enfrentam em combates individuais, lutando pela honra de impressionar o Grande Rei e sua Corte. Ogros e vulpinos, goblins e gwyllions, todos empenhados na dança mortal da batalha.

Depois de algumas rodadas, Vivi quer que a gente se enfie no meio da multidão para comprar mais espetinhos de frutas. Fico tentando chamar a atenção de Taryn, mas ela não permite. Quero saber se está com raiva. Quero perguntar o que Locke disse a ela quando estavam juntos, embora talvez seja exatamente o tipo de pergunta que ela me proibiria de fazer.

Mas a conversa com Locke não pode ter sido do tipo humilhante, do tipo que ela tenta fingir que não aconteceu, pode? Não se considerarmos que ele praticamente me disse que gostava de ver Cardan sendo humilhado. O que me faz pensar na outra pergunta que não posso fazer a Taryn.

Não é como se eu fosse ser o primeiro a rolar na grama com ela. Fadas não mentem. Cardan não poderia ter dito isso se não acreditasse que fosse verdade. Mas por que ele pensaria uma coisa dessas?

Vivi bate o espeto dela no meu e me arranca do devaneio.

— À nossa astuta Jude, que fez o povo das fadas se lembrar de por que eles ficam enfiados nas colinas e morros, por medo da ferocidade mortal.

Um homem alto com orelhas grandes de coelho e uma cabeleira castanha se vira para olhar para Vivi de cara feia. Ela sorri para ele. Balanço a cabeça,

satisfeita com o brinde, mesmo sendo um exagero. Mesmo eu não tendo impressionado ninguém além dela.

— Ah, se Jude fosse um pouco menos astuta — diz Taryn baixinho.

Eu me viro para ela, mas Taryn se afasta.

Quando voltamos para a arena, a princesa Rhyia está se preparando para sua luta. Ela segura uma espada fina, bem parecida com um alfinete comprido, e perfura o ar em preparação contra o oponente. Seus dois amantes gritam incentivos.

Cardan reaparece no camarote real usando linho branco folgado e uma coroa de flores toda de rosas. Ele ignora o Grande Rei e o príncipe Dain e se senta em uma cadeira ao lado do príncipe Balekin, com quem troca algumas palavras afiadas que eu adoraria ouvir. A princesa Caelia chegou para a luta da irmã e aplaude com vigor quando Rhyia sai andando sobre os trevos.

Madoc não volta.



Vou para casa sozinha. Vivi sai com Rhyia depois que esta vence a luta; elas vão caçar em um bosque próximo. Taryn aceita acompanhá-las, mas eu estou cansada demais, dolorida demais, tensa demais.

Na cozinha da casa de Madoc, torro queijo no fogo e espalho no pão. Sentada em um banco com a comida e uma caneca de chá, vejo o sol se pôr enquanto almoço.

O cozinheiro, um trow chamado Wattle, me ignora e continua a fazer magia para que as chirívias se cortem sozinhas.

Quando termino, limpo as migalhas das bochechas e sigo para meu quarto.

Gnarbone, um criado com orelhas compridas e um rabo que se arrasta no chão, para no corredor quando me vê. Suas mãos imensas semelhantes a garras carregam uma bandeja com copinhos de bolota do tamanho de dedais e um decantador prateado com algo que cheira a vinho de amora. Seu uniforme está repuxado no peito, a pelagem visível nas fendas.

— Ah, você está em casa — diz ele, um rosnado que o faz parecer ameaçador por mais que as palavras ditas sejam boas. Apesar de tudo, não

consigo deixar de pensar no guarda que comeu a ponta do meu dedo. Os dentes de Gnarbone poderiam arrancar minha mão inteira.

Faço que sim.

— O príncipe está chamando você lá embaixo.

Cardan, aqui? Meus batimentos aceleram. Não consigo pensar.

— Onde?

Gnarbone parece surpreso com minha reação.

— No escritório de Madoc. Eu estava levando…

Tiro a bandeja das mãos dele e desço, determinada a me livrar de Cardan o mais rápido possível, do jeito que der. A última coisa de que preciso é que Madoc me ouça sendo desrespeitosa e conclua que a Corte não é meu lugar. Ele é servo da linhagem Greenbriar, tão solene quanto qualquer um. Não ia gostar se eu me desentendesse nem com o menos importante dos príncipes.

Desço a escada correndo e abro a porta do escritório de Madoc. A maçaneta bate em uma das estantes quando entro, então coloco a bandeja na mesa com força suficiente para fazer os copinhos dançarem.

O príncipe Dain está com vários livros abertos na mesa à sua frente. Cachos dourados caem sobre seus olhos, e a gola do gibão azul-claro está aberta, exibindo um torque pesado de prata no pescoço. Paro, ciente do erro colossal que cometi.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Jude. Eu não esperava que você estivesse tão afobada.

Faço uma reverência exagerada e espero que ele só me ache desajeitada. O medo me corrói, intenso e repentino. Será que Cardan o enviou? Ele está aqui para punir minha insolência? Não consigo pensar por que outro motivo o honrado e honorável príncipe Dain, futuro governante do Reino das Fadas, me chamaria.

— Hã… — começo, o pânico enrolando minha língua. Com alívio, eu me lembro da bandeja e indico o decantador. — Aqui. É para o senhor, meu lorde.

Ele pega uma bolota e serve um pouco do denso líquido negro.

— Você bebe comigo?

Faço que não, me sentindo completamente perdida.

— Vai direto para minha cabeça.

Isso o faz rir.

— Bom, então me faça companhia por um tempo.

— Claro. — Isso eu não posso recusar. Encosto no braço de uma das poltronas de couro verde e sinto meu coração bater secamente. — Posso trazer mais alguma coisa? — pergunto, sem saber bem como proceder.

Ele levanta o copinho como se em uma saudação.

— Já tenho o suficiente. O que desejo é uma conversa. Talvez você possa me contar por que chegou como um furacão. Quem achou que estivesse aqui?

— Ninguém — respondo rapidamente. Passo o polegar pelo dedo anelar, na pele lisa da ponta cortada.

Ele se senta mais ereto, como se de repente eu tivesse me tornado muito mais interessante.

— Imaginei que talvez um de meus irmãos estivesse incomodando você.

Nego com a cabeça.

— De jeito nenhum.

— É chocante — diz ele, como se estivesse fazendo um grande elogio. — Sei que os humanos são capazes de mentir, mas ver você mentindo é incrível. Faça de novo.

Sinto meu rosto esquentando.

— Eu não estava… eu…

— Faça de novo — repete ele delicadamente. — Não tenha medo.

Só um tolo não teria medo, apesar de suas palavras. O príncipe Dain veio aqui quando Madoc não estava em casa. Chamou especificamente por mim. Deu a entender que sabia sobre Cardan; talvez tenha nos visto depois da simulação de batalha, Cardan puxando minhas tranças. Mas o que Dain quer?

Estou ofegante, respirando depressa demais.

Dain, prestes a ser coroado Grande Rei, tem o poder de me garantir um lugar na Corte, o poder de se opor a Madoc e de me tornar cavaleira. Se eu ao menos conseguisse impressioná-lo, ele poderia me dar tudo o que desejo. Tudo o que pensei já ter perdido a chance de conquistar.

Eu me empertigo e olho para o cinza-prateado de seus olhos.

— Meu nome é Jude Duarte. Nasci no dia 13 de novembro de 2001. Minha cor favorita é verde. Gosto de neblina, de baladas tristes e de passas cobertas de chocolate. Não sei nadar. Agora me diga, que parte foi mentira? Eu

menti em alguma coisa? Porque o mais legal sobre as mentiras é nunca saber que parte foi falsa.

Percebo abruptamente que, depois dessa pequena performance, ele pode não levar nenhuma promessa minha a sério. Mas ele parece satisfeito e sorri como se tivesse encontrado um rubi em estado bruto caído na terra.

— Agora — diz ele —, me conte como seu pai usa esse seu talentozinho.

Pisco, sem entender.

— É mesmo? Ele não usa? Que pena. — O príncipe inclina a cabeça para me observar. — Conte-me sobre seus sonhos, Jude Duarte, se é que este é seu nome verdadeiro. Diga o que você quer.

Meu coração está vibrando no peito, e estou meio perdida, meio tonta. Não pode ser tão fácil assim. O príncipe Dain, futuro Grande Rei de todo o Reino das Fadas, me perguntando o que quero. Eu mal ouso responder, mas não tenho opção.

— Eu… eu quero ser sua cavaleira — gaguejo.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Inesperado — diz. — E satisfatório. O que mais?

— Não entendi. — Retorço as mãos para que ele não veja quanto estão tremendo.

— O desejo é uma coisa estranha. Assim que é saciado, transmuta. Se recebemos um fio de ouro, desejamos a agulha de ouro. E assim, Jude Duarte, estou perguntando o que você passaria a desejar caso eu a tornasse parte do meu grupo.

— Servir você — respondo, ainda confusa. — Jurar minha espada à Coroa.

Ele descarta minha resposta.

— Não, me diga o que você *quer*. Peça alguma coisa. Alguma coisa que nunca pediu a ninguém.

Faça com que eu deixe de ser mortal, penso, mas fico horrorizada comigo mesma. Não quero isso, principalmente porque não há jeito de conseguir. Eu nunca vou ser uma Fada.

Eu respiro fundo. Se pudesse pedir a ele qualquer dádiva, o que seria? Compreendo o perigo disso, claro. Quando eu disser, ele vai tentar negociar

uma barganha, e barganhas de fadas raramente favorecem o mortal. Mas o potencial de poder paira à minha frente.

Meus pensamentos vão até o colar no meu pescoço, ao ardor da palma da minha própria mão na minha bochecha, ao som da gargalhada de Oak.

Penso em Cardan: *Está vendo o que podemos fazer com apenas algumas palavras? Nós podemos encantar você para que corra por aí de quatro, latindo feito um cachorro. Podemos amaldiçoar você para que definhe desejando uma música que nunca mais vai ouvir novamente, ou uma palavra gentil dos meus lábios.*

— Resistir a encantamentos — digo, tentando me obrigar a ficar parada. Tentando não me agitar. Quero parecer uma pessoa séria que faz barganhas sérias.

Ele me observa com olhar firme.

— Você já tem a Visão Verdadeira, dada a você quando criança. Sem dúvida entende nosso estilo. Conhece os feitiços. Se você salgar sua comida, destrói todo o encantamento nela. Se virar suas meias do avesso, você nunca vai ser enganada. Se mantiver seus bolsos cheios de fruta seca da sorveira, sua mente não vai ser influenciada.

Os últimos dias me mostraram quanto tais proteções são lamentavelmente inadequadas.

— O que acontece quando virarem meus bolsos para fora? O que acontece quando rasgarem minhas meias? O que acontece quando espalharem meu sal na terra?

Ele me olha, pensativo.

— Chegue mais perto, criança — ordena.

Eu hesito. Por tudo o que andei observando do príncipe Dain, ele sempre me pareceu uma criatura honrada. Mas o que observei foi dolorosamente pouco.

— Vamos lá, se você vai me servir, precisa confiar em mim. — Ele está inclinado para a frente na cadeira. Reparo nos pequenos chifres logo acima da testa, partindo o cabelo dos dois lados do rosto majestoso. Reparo na força dos braços e no anel de sinete brilhando na mão de dedos longos, entalhado com o símbolo da linhagem Greenbriar.

Deslizo do braço da poltrona e vou até onde ele está. Eu me obrigo a falar.

— Não pretendia ser desrespeitosa.

Ele toca em um hematoma na minha bochecha, um que eu não tinha percebido ainda. Eu me encolho, mas não me afasto.

— Cardan é um menino mimado. Sabemos que ele dilapida a linhagem com bebidas e brigas mesquinhas. Não, não se dê ao trabalho de contestar.

Não falo nada. Fico pensando em como Gnarbone me disse que um príncipe estava me esperando no escritório, sem especificar qual deles. Fico me perguntando se Dain ordenou que ele desse o recado dessa forma. *Um estrategista experiente espera a oportunidade certa*.

— Embora sejamos irmãos, somos muito diferentes um do outro. Eu nunca serei cruel com você só por prazer. Se fizer um juramento para me servir, será recompensada. Mas o que quero para você não é um título de cavaleira.

Meu coração despenca. Foi um exagero acreditar que um príncipe do Reino das Fadas tinha passado na minha casa para fazer todos os meus sonhos virarem realidade, mas foi bom enquanto durou.

— Então o que você quer?

— Nada que você já não tenha oferecido. Você queria me conceder seu juramento e sua espada. Eu aceito. Preciso de alguém capaz de mentir, alguém com ambição. Seja minha espiã. Entre para minha Corte das Sombras. Posso lhe conceder mais poder do que você conseguiria almejar. Não é fácil para os humanos ficarem aqui conosco. Mas eu seria capaz de facilitar bastante para você.

Eu me permito afundar na poltrona. Isso é o mesmo que esperar um pedido de casamento e receber a proposta de assumir o papel de amante.

Espiã. Gatuna. Mentirosa e ladra. Claro que é isso que ele pensa de mim, dos mortais. Claro que é nisso que ele acha que sou boa.

Penso nos espiões que já vi, como a figura com nariz de cherívia e corcunda que Madoc consulta às vezes, ou o vulto escuro de capa cinza cujo rosto nunca consegui ver. Toda realeza deve ter um, mas, sem dúvida, parte da habilidade deles consiste em sua capacidade de se manter discretos.

E eu estaria bem escondida mesmo, escondida à vista de todos.

— Talvez não seja o futuro que imaginou para si — diz o príncipe. — Sem armadura brilhante e sem idas à guerra, mas prometo que, quando eu for o Grande Rei, se você me servir bem, vai poder fazer o que quiser, pois quem

seria capaz de contrariar o Grande Rei? E vou botar um geas em você, um geas de proteção de encantamento.

Fico imóvel. Normalmente concedidos a mortais em troca de seu serviço, um geas concede poder, mas sempre deixa um ponto fraco, que é atingido quando você menos espera. Tipo, você fica invencível, exceto para uma flecha feita do tronco de um espinheiro, que por acaso é o tipo de flecha que seu pior inimigo prefere. Ou você vence todas as batalhas em que entra, mas não pode recusar convites para jantar, então se alguém convidar você para jantar pouco antes de uma batalha, você não vai poder comparecer e lutar. Basicamente, como tudo no Reino das Fadas, um geas é incrível, e também péssimo. Mas parece que é isso que ele está me oferecendo.

— Um geas — repito.

O sorriso dele aumenta, e depois de um momento entendo por quê. Eu não disse não. O que significa que estou pensando em dizer sim.

— Nenhum geas pode salvar você dos efeitos das nossas frutas e venenos. Pense com cuidado. Eu poderia dar a você o poder de arrebatar todos que olhassem para você. Posso botar um pontinho bem aqui. — Ele toca na minha testa. — E qualquer um que visse ficaria tomado de amor. Eu poderia lhe dar uma lâmina mágica que corta a luz das estrelas.

— Eu não quero ser controlada — sussurro. Não consigo acreditar que estou dizendo isso em voz alta para o príncipe. Não consigo acreditar que estou fazendo isso. — Magicamente, quero dizer. Me dê isso e me viro com o resto.

Ele assente uma vez.

— Então você aceita.

É assustador ter uma escolha assim, uma escolha que muda todas as escolhas futuras.

Quero muito ter poder. E essa é uma boa oportunidade, ainda que apavorante e um pouco insultante. Mas também intrigante. Será que eu daria uma boa cavaleira? Não tenho como saber.

Talvez eu odiasse. Talvez o título significasse passar quase o tempo todo em posição de sentido em minha armadura e viajar para missões entediantes. Talvez significasse lutar com pessoas de quem gosto.

Faço que sim com a cabeça, e espero ser uma boa espiã.

O príncipe Dain se levanta e toca no meu ombro. Sinto o choque do contato, como uma fagulha de estática.

— Jude Duarte, filha da argila, deste dia em diante nenhum glamour de Fada afetará sua mente. Nenhum encantamento fará seu corpo se mexer contra sua vontade. Ninguém, exceto o criador deste geas. Agora, ninguém vai poder controlar você — diz ele, e pausa por um momento. — Exceto eu.

Inspiro fundo. Claro que teria uma pegadinha nessa barganha. Não posso nem ficar com raiva dele; eu deveria ter adivinhado.

Ainda assim, é emocionante ter proteção. O príncipe Dain é só um feérico, e ele viu alguma coisa em mim, alguma coisa que Madoc não quis ver, alguma coisa que desejei que fosse reconhecida.

E então eu me apoio em um joelho sobre o tapete antigo do escritório de Madoc e faço meu juramento para servir ao príncipe Dain.

CAPÍTULO
11

Durante toda a noite, enquanto estamos jantando, fico consciente do segredo que guardo. Faz com que eu sinta que tenho um poder pela primeira vez, um poder que Madoc não terá como tirar de mim. Só de pensar no meu novo status (Eu sou espiã! Sou espiã do príncipe Dain!), já sinto uns arrepios emocionantes.

Nós comemos pequenas aves recheadas de cevada e alho-poró, a pele estalando com gordura e mel. Oriana abre a dela com delicadeza. Oak mastiga a pele. Madoc não se dá o trabalho de separar a carne e devora com ossos e tudo. Eu cutuco as cenouras. Embora Taryn esteja à mesa, Vivi não voltou. Desconfio que a caçada com Rhyia era só um pretexto e que ela foi para o mundo mortal depois de um breve passeio pela floresta. Fico me perguntando se Vivi foi jantar com a família de Heather.

— Você foi bem no torneio — diz Madoc entre garfadas.

Não pontuo que ele foi embora cedo. Madoc não podia estar muito impressionado. Eu nem sei dizer direito quanto ele realmente viu.

— Isso quer dizer que você mudou de ideia?

Alguma coisa na minha voz o faz parar de mastigar e me observar com olhos semicerrados.

— Sobre ser cavaleira? — pergunta. — Não. Quando houver um novo Grande Rei no trono, nós vamos discutir seu futuro.

Dou um sorriso cheio de segredos.

— Como queira.

Taryn observa Oriana e tenta imitar seus movimentos com a ave. Ela não olha para mim, nem quando me pede para passar a jarra de água.

Mas, quando terminamos, Taryn não tem como me impedir de segui-la até o quarto.

— Olha — digo na escada. — Tentei fazer o que você queria, mas não consegui, e não quero que me odeie por isso. É a minha vida.

Ela se vira.

— Sua vida para destruir?

— É — afirmo quando chegamos ao patamar. Não posso contar a ela sobre o príncipe Dain, mas, ainda que pudesse, não sei se faria diferença. Também não tenho tanta certeza se ela aprovaria. — Nossa vida é a única coisa real que temos, nossa única moeda. Podemos comprar o que quisermos com ela.

Taryn revira os olhos. Sua voz está ácida.

— Que bonito isso! Você mesma inventou?

— Qual é seu problema? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Nada. Nada. Talvez fosse melhor se eu pensasse como você. Deixa pra lá, Jude. Você foi mesmo ótima lá.

— Obrigada — respondo, franzindo a testa em confusão. Fico pensando nas palavras de Cardan a respeito de minha irmã, mas não quero repeti-las e constrangê-la gratuitamente. — E então, já se apaixonou? — questiono.

Minha pergunta só gera um olhar estranho.

— Vou ficar em casa em vez de ir para a aula amanhã — diz Taryn. — Acho que a vida é sua para que acabe com ela, mas eu não tenho que presenciar isso.



Meus pés parecem chumbo quando sigo para o palácio pelo terreno coberto de maçãs derrubadas pelo vento, o aroma dourado se espalhando no ar. Estou usando um vestido preto comprido com punhos dourados e renda verde trançada, confortável, um de meus favoritos.

Ouço as cantigas dos pássaros vespertinos trinando acima e isso me faz sorrir. Permito-me fantasiar brevemente com a coroação do príncipe Dain; eu me imagino dançando com um Locke sorridente enquanto Cardan é arrastado e jogado numa masmorra escura.

Um lampejo branco me arranca de meus pensamentos. É um cervo branco, a menos de três metros de mim. Os chifres estão cobertos com algumas teias, e o pelo é de um branco tão intenso que parece prateado na luz da tarde. Nós nos encaramos por um longo momento antes de ele sair correndo rumo ao palácio, levando meu fôlego junto.

Decido acreditar que é um bom presságio.

E, ao menos no começo, parece ser. As aulas não são muito ruins. Noggle, nosso professor, é um Far Darrig velho, gentil e esquisito do norte, com sobrancelhas enormes, uma longa barba na qual ele às vezes enfia canetas ou pedaços de papel e uma tendência a resmungar sobre tempestades de meteoros e seus significados. Quando a tarde vira noite, ele nos faz contar estrelas cadentes, uma tarefa chata, porém relaxante. Eu me deito no cobertor e olho para o céu noturno.

O único lado ruim é que tenho dificuldade de anotar os números no escuro. Normalmente, globos luminosos pendurados nas árvores ou grandes concentrações de vagalumes iluminam nossas aulas. Mas às vezes até isso parece pouco para mim, então costumo carregar tocos de velas, pois a visão humana não é tão apurada quanto a deles. Só não tenho permissão de acendê-las quando estudamos as estrelas. Tento escrever de forma legível e não sujar os dedos todos de tinta.

— Lembrem-se — começa Noggle —, eventos celestiais incomuns costumam pressagiar mudanças políticas importantes, então, com um novo rei no horizonte, é importante que observemos os sinais com atenção.

Há risinhos na escuridão.

— Nicasia — repreende nosso professor. — Alguma dificuldade?

A voz arrogante não carrega arrependimentos.

— Nenhuma.

— O que você pode me dizer sobre as estrelas cadentes? Qual seria o significado de uma chuva delas na última hora de uma noite?

— Doze nascimentos — responde Nicasia, o que é errado o suficiente para me provocar uma careta.

— *Mortes* — retruco baixinho.

Noggle me escuta, infelizmente.

— Muito bem, Jude. Fico feliz por alguém ter prestado atenção. Agora quem gostaria de me dizer quando há mais chance de as mortes acontecerem?

Não faz sentido eu me segurar, não quando fiz uma declaração de que envergonharia Cardan com minha grandeza. É melhor eu começar a demonstrar minha excelência.

— Depende da constelação pela qual as estrelas passaram e em que direção caíram — respondo. Na metade da explicação, sinto como se minha garganta estivesse se fechando. De repente fico feliz pela escuridão, por não precisar ver a expressão de Cardan. Nem a de Nicasia.

— Excelente — diz Noggle. — E é por isso que nossas anotações têm que ser detalhadas. Continue!

— Isso é chato. — Ouço Valerian reclamar. — Profecia é para bruxas e fadas inferiores. A gente devia estar aprendendo coisas mais nobres. Se vou passar a noite deitado, queria estar tendo aula sobre o *amor*.

Alguns riem.

— Muito bem — diz Noggle. — Diga-me, qual evento pode preceder o sucesso no amor?

— Uma garota tirando o vestido — dispara ele, sendo recebido por mais gargalhadas.

— Elga? — Noggle chama uma garota de cabelo prateado e uma gargalhada que parece vidro se estilhaçando. — Você pode responder por ele? Talvez Valerian tenha tido tão pouco sucesso no amor que não saiba.

Ela começa a gaguejar. Desconfio que saiba a resposta, mas não queira incorrer na fúria de Valerian.

— Devo perguntar a Jude de novo? — insiste Noggle sarcasticamente. — Ou talvez a Cardan. Por que você não nos diz?

— Não — retruca ele.

— Como é? — pergunta Noggle.

Quando Cardan fala, sua voz soa com uma autoridade sinistra.

— É como Valerian disse. Esta aula é chata. Você vai acender as lamparinas agora e começar outra que valha mais a pena.

Noggle faz uma longa pausa.

— Sim, meu príncipe — diz ele por fim, e todas as esferas à nossa volta ganham vida.

Pisco várias vezes enquanto meus olhos se adaptam. Fico me perguntando se Cardan precisa fazer alguma coisa que não queira. Acho que não me surpreende ele cochilar durante as aulas. Não me surpreende que ele uma vez, caindo de bêbado, tenha cavalgado pela grama durante uma das aulas, pisoteando cobertores e livros e fazendo todo mundo sair correndo. Ele pode mudar nosso currículo quando der vontade. Como alguma coisa pode ter importância para alguém assim?

— A visão dela é tão ruim — diz Nicasia, e percebo que ela está de pé ao meu lado. Está segurando meu caderno, mostrando para todo mundo os meus garranchos. — Pobre, pobre Jude. É tão difícil superar tantas desvantagens.

Tem tinta nos meus dedos e nos punhos dourados do meu vestido.

Do outro lado da clareira, Cardan está conversando com Valerian. Apenas Locke está nos observando, a expressão perturbada. Noggle está mexendo em uma pilha de livros grossos e poeirentos, provavelmente tentando pensar em uma aula de que Cardan goste.

— Lamento que não consiga ler minha letra — digo, pegando o caderno. A página se rasga, destruindo a maior parte do meu trabalho daquela noite. — Mas isso não é exatamente uma desvantagem *minha*.

Nicasia me dá um tapa na cara. Tropeço, chocada, de repente apoiada em um joelho, mal conseguindo me segurar para não cair esparramada. Minha bochecha arde. Minha cabeça ecoa.

— Você não pode fazer isso — respondo, atordoada.

Eu achava que tinha entendido como esse jogo funcionava. Mas me enganei.

— Posso fazer o que eu quiser — informa ela, ainda arrogante.

Nossos colegas ficam nos olhando. Elga está com a mão delicada sobre a boca. Cardan olha para nós, e pela expressão em seu rosto, vejo que a feérica não conseguiu agradá-lo. Um constrangimento surge no rosto de Nicasia.

Desde que cheguei aqui, sempre houve limites que eles jamais transpassavam. Quando empurraram a mim e a Taryn no rio, ninguém foi testemunha. Para o bem ou para o mal, pertenço a este lar e estou sob proteção de Madoc. Cardan pode ousar contrariá-lo, mas eu achava que os outros pelo menos atacariam discretamente.

Aparentemente, irritei Nicasia a ponto de ela não se preocupar mais com nada disso.

Eu me levanto.

— Você está me desafiando? Porque aí terei o direito de escolher a hora e a arma. — Como eu adoraria nocauteá-la.

Ela percebe que minha pergunta exige resposta. Eu posso estar abaixo do chão, mas isso não a absolve das obrigações para com sua honra.

De soslaio, noto Cardan vindo em nossa direção. Uma expectativa agitada se mistura ao medo. Do meu outro lado, Valerian esbarra no meu ombro. Dou um passo para me afastar dele, mas não com rapidez suficiente para evitar o ataque do cheiro de fruta podre.

Acima de nós, no domo negro da noite, sete estrelas caem, riscando gloriosamente o céu antes de se apagarem. Olho para cima automaticamente, tarde demais para ver o trajeto exato.

— Alguém reparou nisso? — Noggle começa a gritar, procurando uma caneta na barba. — É o evento celestial que estávamos esperando! Alguém deve ter visto o ponto exato de origem. Rápido! Anotem tudo que conseguirem se lembrar.

E bem no instante em que estou olhando para as estrelas, Valerian enfia uma coisa macia na minha boca. Uma maçã, doce e podre ao mesmo tempo, o sumo de mel escorrendo pela minha língua, com gosto de luz do sol e alegria pura e idiota. Fruta de fada, que entorpece a mente, que faz os humanos a desejarem o suficiente para chegar ao ponto da inanição, apenas para poder sentir o gostinho dela outra vez. Que acaba nos tornando um tanto maleáveis, sugestionáveis e ridículos.

O geas de Dain me protege de encantamentos, do controle de qualquer um, mas a fruta de fada faz você perder o próprio controle.

Ah, não. Ah, não, não, não, não, não.

Eu cuspo a fruta. A maçã rola na terra, mas já sinto os seus efeitos.

Sal, penso, procurando minha cesta. Preciso de sal. Sal é o antídoto. Vai dissipar a névoa na minha mente.

Nicasia percebe o que estou fazendo, pega minha cesta e sai dançando enquanto Valerian me empurra para o chão. Tento engatinhar para longe dele, mas ele me agarra e enfia a maçã nojenta na minha cara.

— Deixe-me adoçar essa sua língua azeda — diz ele, empurrando a fruta. A polpa meleca minha boca e meu nariz.

Não consigo respirar. Não consigo respirar.

Estou de olhos abertos, encarando Valerian. Estou sufocando. Ele me observa com uma expressão de leve curiosidade, como se estivesse ansioso para ver o que acontece depois.

Os cantos da minha visão começam a ficar escuros. Vou morrer sufocada.

A pior parte é a alegria surgindo dentro de mim por causa da fruta, obliterando o terror. Tudo é lindo. Minha visão está dançando. Estico a mão para arranhar o rosto de Valerian, mas estou tonta demais para alcançá-lo. Um momento depois, já não importa. Não quero fazer mal a ele, não quando estou tão feliz.

— Faça alguma coisa! — berra alguém, mas, em meu delírio, não sei especificar quem está falando.

Abruptamente, Valerian é chutado de cima de mim. Rolo de lado, tossindo. Cardan aparece de repente. Minha cara está coberta de lágrimas e catarro, mas só consigo ficar deitada na terra cuspindo os pedaços da fruta doce. Não tenho ideia de por que estou chorando.

— Já chega — diz Cardan. Ele está com uma expressão estranha e louca, e tem um músculo latejando em seu maxilar.

Eu começo a rir.

Valerian se rebela.

— Vai estragar minha diversão?

Por um momento, penso que eles vão brigar, embora eu não consiga descobrir muito bem o motivo. Mas então vejo o que Cardan tem na mão. O sal da minha cesta. O antídoto. (Por que eu queria isso?, me pergunto.) Ele atira o sal no ar com uma gargalhada, e vejo o produto se espalhar ao vento. Em seguida, olha para Valerian, sorrindo.

— Qual é seu problema, Valerian? Se ela morrer, sua brincadeirinha acaba antes mesmo de começar.

— Eu não vou morrer — respondo, porque não quero que eles se preocupem. Sinto-me ótima. Estou melhor do que jamais me senti. Estou feliz porque jogaram fora o antídoto.

— Príncipe Cardan — diz Noggle. — Jude tem que ser levada para casa.

— Todo mundo está tão chato hoje — responde Cardan, mas ele não parece entediado. Na verdade, parece com dificuldade de controlar a raiva.

— Ah, Noggle, ela não quer ir. — Nicasia se aproxima e acaricia minha bochecha. — Quer, coisinha linda?

Ainda sinto o gosto sufocante de mel. Sinto-me leve. Estou me abrindo. Estou me desenrolando como uma bandeira.

— Eu gostaria de ficar — anuncio, porque aqui é maravilhoso. Porque ela é deslumbrante. Não sei bem se estou me sentindo bem, mas sei que estou me sentindo ótima.

Tudo é maravilhoso. Até Cardan. Antes eu não gostava dele, mas agora isso parece besteira. Abro um sorriso largo e feliz, mas ele não sorri em resposta.

Eu não levo para o lado pessoal.

Noggle se vira de costas para nós, resmungando alguma coisa sobre o general, sobre tolice e príncipes degolados. Cardan o vê se afastar, as mãos se fechando junto ao corpo.

Um grupo de garotas se abaixa na grama ao meu lado. Elas estão rindo, e isso me faz rir também.

— Eu nunca vi um mortal comer as frutas de Elfhame — diz uma delas, Flossflower, para outra. — Ela vai se lembrar disso?

— Seria bom que alguém a encantasse para não se lembrar — diz Locke em algum lugar atrás de mim, mas ele não parece ter raiva, como Cardan. Parece tranquilo. Eu me viro para Locke, que toca meu ombro. Eu me inclino para o calor de sua pele.

Nicasia ri.

— Ela não ia querer isso. Jude gostaria mesmo era de outro pedaço de maçã.

Minha boca se enche d'água com a lembrança. Eu me lembro das maçãs caídas no chão, douradas e cintilantes, no caminho da escola, e amaldiçoo

minha tolice de nunca ter parado para comê-las.

— Então nós podemos perguntar coisas pra ela? — quer saber outra garota, Moragna. — Coisas constrangedoras. Ela vai responder?

— Por que ela acharia qualquer coisa constrangedora se está entre amigos? — diz Nicasia, os olhos apertados. Ela parece uma gata que bebeu todo o leite e está prontinha para tirar um cochilo ao sol.

— Qual de nós você mais gostaria de beijar? — pergunta Flossflower, se aproximando. Ela nunca falou comigo direito. Fico feliz por querer ser minha amiga.

— Eu gostaria de beijar todos vocês — respondo, o que rende gritinhos e gargalhadas. Dou um sorriso para as estrelas.

— Você está com roupas demais — diz Nicasia, franzindo a testa para minhas saias. — E estão sujas. Você devia tirar tudo.

Meu vestido parece abruptamente pesado. Eu me imagino nua ao luar, a pele prateada como as folhas acima.

Fico de pé. Tudo parece estar meio tombado. Começo a tirar as roupas.

— Você está certa — comento, satisfeita. Meu vestido cai em um montinho, do qual saio com facilidade. Estou usando roupas de baixo mortais, sutiã e calcinha preto de bolinhas verde.

Todos estão me olhando de um jeito estranho, como se questionassem onde arranjei a lingerie. Todos estão tão resplandecentes que tenho dificuldade de olhar demais sem sentir dor de cabeça.

Estou consciente da maciez do meu corpo, dos calos nas mãos e do oscilar dos meus seios. Estou consciente do roçar da grama embaixo dos meus pés e do calor da terra.

— Eu sou bonita como vocês? — pergunto a Nicasia, com curiosidade genuína.

— Não — diz ela, lançando um olhar para Valerian. Ela pega alguma coisa no chão. — Você é bem diferente da gente. — Lamento ouvir isso, mas não estou surpresa. Ao lado deles, qualquer um é feito uma sombra, um reflexo borrado de um reflexo.

Valerian aponta para o colar de sorveira pendurado no meu pescoço, as frutas secas entrelaçadas em uma corrente prateada comprida.

— Você devia tirar isso também.

Eu faço que sim de forma conspiratória.

— Você está certo — confirmo. — Não preciso mais disso.

Nicasia sorri e mostra a coisa dourada que tem nas mãos. Os restos imundos e amassados da maçã.

— Venha lamber minhas mãos. Você não se importa, não é? Mas tem que ser de joelhos.

Ofegos e risadinhas se espalham por nossos colegas como uma brisa. Eles querem que eu obedeça a ela. E eu quero deixá-los felizes. Quero que todo mundo fique tão feliz quanto eu. E quero sentir o gosto da fruta novamente. Começo a engatinhar em direção a Nicasia.

— Não — ordena Cardan, entrando na minha frente, a voz ressonante e um pouco irregular. Os outros recuam, abrindo espaço para ele. Ele tira o sapato de couro macio e coloca um pé pálido bem na minha frente. — Jude vai vir aqui beijar meu pé. Ela disse que queria beijar a todos nós. E, afinal, eu sou o príncipe dela.

Dou outra gargalhada. Sinceramente, não sei por que eu costumava rir tão pouco antes. Tudo é maravilhoso e ridículo.

Mas quando olho para Cardan, algo me parece errado. Seus olhos brilham com fúria e desejo, e talvez até vergonha. Um instante depois, ele pisca, e novamente é só a arrogância apavorante de sempre.

— E então? Seja rápida — ordena com impaciência. — Beije meu pé e me diga como sou maravilhoso. Diga o quanto me admira.

— Chega — interrompe Locke com rispidez. Ele está com as mãos nos meus ombros, me puxando para que eu me levante. — Eu vou levá-la para casa.

— Ah, vai? — pergunta Cardan, as sobrancelhas erguidas. — Momento oportuno. Você gosta de sentir o gostinho da humilhação, mas sem muito exagero?

— Eu odeio quando você fica assim — responde Locke, baixinho.

Cardan puxa um alfinete do casaco, uma coisa cintilante e dourada no formato de uma bolota com uma folha de carvalho atrás. Por um momento delirante, fico achando que ele vai entregar a Locke, um escambo para que ele me deixe ali. Parece impossível, mesmo para minha mente louca.

Mas Cardan segura minha mão, o que parece mais impossível ainda. Os dedos dele estão quentes na minha pele. Ele enfia a ponta do alfinete no meu polegar.

— Ai — reclamo, me afastando dele e metendo o dedo furado na boca. Meu sangue tem gosto metálico.

— Faça uma boa caminhada para casa — diz ele para mim.

Locke me guia, parando para pegar o cobertor de alguém, que é colocado sobre meus ombros. Várias fadas ficam nos olhando quando entramos no bosque, eu cambaleando, ele me segurando. Os poucos professores que vislumbro não me encaram.

Eu sugo o polegar machucado, me sentindo estranha. Minha cabeça ainda está girando, mas não como antes. Tem alguma coisa errada. Um momento depois, percebo o que é. Tem sal no meu sangue.

Meu estômago embrulha.

Olho para Cardan, que está rindo com Valerian e Nicasia. Moragna está de braço dado com ele. Outra professora, uma elfa musculosa de uma ilha a leste, está tentando começar a aula.

Eu os odeio. Odeio todos eles, tanto. Por um momento, só sinto isso, o calor da minha fúria transformando todos os meus pensamentos em cinzas. Com mãos trêmulas, aperto o cobertor nos ombros e deixo Locke me guiar pelo bosque.

— Tenho uma dívida com você — digo entre dentes depois de andarmos um pouco. — Por me tirar de lá.

Ele me lança um olhar calculado. Volto a ficar abalada com sua beleza, os cachos macios caindo no rosto. É horrível estar a sós com Locke sabendo que ele me viu engatinhando de lingerie, mas a raiva ainda é maior que o constrangimento.

Ele balança a cabeça.

— Você não deve nada a ninguém, Jude. Principalmente depois de hoje.

— Como você consegue suportá-los? — pergunto, a fúria me fazendo confrontar Locke mesmo que ele não seja o único a despertar minha raiva neste momento. — Eles são horríveis. São monstros.

Ele não me responde. Continuamos caminhando, e quando chego na parte das maçãs caídas, chuto uma com tanta força que ela ricocheteia no

tronco de um olmo.

— Há um prazer em estar com eles — começa Locke. — Em ter tudo o que a gente quer, em poder manifestar todo pensamento horrível. Há uma satisfação em ser horrível.

— Porque eles não são horríveis assim com você? — pergunto.

Mais uma vez, ele não responde.

Quando chegamos perto da propriedade de Madoc, eu paro.

— É melhor eu ir sozinha a partir daqui. — Dou um sorriso que deve parecer meio hesitante. É difícil segurá-lo no rosto.

— Espere — pede Locke, dando um passo em minha direção. — Eu quero ver você de novo.

Dou um gemido, exasperada demais para estar surpresa. Estou usando um cobertor emprestado, botas e lingerie comprada em um shopping center. Estou suja de terra e acabei de fazer papel de idiota.

— *Por quê?*

Ele me encara como se estivesse vendo uma coisa completamente diferente. Tem uma intensidade em seu olhar que me faz ficar mais ereta, apesar da sujeira.

— Porque você é como uma história que ainda não aconteceu. Porque quero ver o que vai fazer. Quero ser parte do desenrolar da história.

Não sei se isso é um elogio ou não, mas acho que vou aceitá-lo.

Ele pega minha mão, a mesma que Cardan perfurou com o alfinete, e beija as pontas dos meus dedos.

— Até amanhã — diz, fazendo uma reverência.

E assim, com aquele cobertor emprestado, de botas e lingerie, sigo sozinha na direção de casa.



— Diga-me quem fez isso — insiste Madoc repetidamente, mas eu não deduro ninguém.

Ele está andando de um lado a outro, pisando duro, explicando em detalhes que vai encontrar os feéricos responsáveis e destruí-los. Vai arrancar o

coração deles. Vai decapitá-los e expor suas cabeças no telhado de nossa casa como aviso para os outros.

Eu sei que não é a mim que ele está ameaçando, mas é comigo que está gritando.

Quando fico com medo, não consigo esquecer que, por melhor que Madoc seja no papel de pai, ele também sempre será o assassino do meu pai biológico.

Fico calada. Penso no quanto Oriana tinha medo de que Taryn e eu nos comportássemos mal na Corte e provocássemos constrangimento para Madoc. Agora eu me pergunto se ela estava mais preocupada com a reação dele caso alguma coisa acontecesse. Cortar a cabeça de Valerian e Nicasia seria um ato político ruim. Fazer mal a Cardan é traição.

— Eu mesma fiz — digo por fim, para que ele pare. — Eu vi a fruta e pareceu gostosa, então comi.

— Como você pôde ser tão burra? — pergunta Oriana, se virando. Ela não parece surpresa; é como se eu estivesse confirmando suas piores desconfianças. — Jude, você sabe que não pode fazer isso.

— Eu queria me divertir. É para ser divertido — digo a ela, bancando a filha desobediente. — E *foi*. Foi como um lindo sonho…

— Quietas! — grita Madoc, calando a nós duas à base do choque. — As duas, *quietas*!

Eu me encolho involuntariamente.

— Jude, pare de tentar irritar Oriana — ordena ele, me lançando um olhar exasperado que acho que é inédito para mim, apesar de já ter sido direcionado a Vivi muitas vezes.

Madoc sabe que estou mentindo.

— E Oriana, não seja tão trouxa. — Quando ela entende o que ele quer dizer, cobre a boca com a mão pequenina e delicada.

— Quando eu descobrir a quem você está protegendo — diz Madoc —, a pessoa vai lamentar já ter respirado.

— Isso não está ajudando — respondo, me encostando na cadeira.

Ele se ajoelha na minha frente e toma minha mão nos dedos verdes ásperos. Acho que sente minha agitação. Solta um longo suspiro, provavelmente descartando mais ameaças.

— Então me diga o que vai ajudar, Jude. Diga, e eu farei.

Eu me pergunto o que aconteceria se eu dissesse as palavras: *Nicasia me humilhou. Valerian tentou me matar. Eles fizeram isso para impressionar o príncipe Cardan, que me odeia. Eu tenho medo deles. Tenho mais medo deles do que de você, e você me apavora. Faça com que parem. Faça com que me deixem em paz.*

Mas não vou dizer nada. A raiva de Madoc é abismal. Eu a vi no sangue da minha mãe no piso da cozinha. Uma vez conjurada, não pode ser abandonada.

E se ele assassinasse Cardan? E se matasse todos eles? A resposta de Madoc a tantos problemas é o derramamento de sangue. Se eles fossem mortos, seus pais exigiriam satisfações. A ira do Grande Rei recairia sobre Madoc. Eu estaria em uma situação bem pior do que agora, e ele provavelmente seria morto.

— Quero aprender mais coisas — peço. — Mais estratégias. Me ensine a usar melhor a espada. Me ensine tudo o que sabe. — O príncipe Dain pode me querer como espiã, mas isso não significa abrir mão da espada.

Madoc parece impressionado, e Oriana, irritada. Dá para ver que ela acha que estou tentando manipulá-lo e sendo bem-sucedida nisso.

— Muito bem — diz ele com um suspiro. — Tatterfell vai subir seu jantar, a não ser que você queira se juntar a nós à mesa. Vamos começar um treinamento mais intensivo amanhã.

— Vou comer lá em cima — aviso, e sigo para o meu quarto, ainda embrulhada no cobertor de sei-lá-quem. No caminho, passo pela porta fechada de Taryn. Parte de mim quer entrar, me jogar na cama dela e chorar. Quero que ela me abrace e me diga que não havia nada que eu pudesse ter feito diferente. Quero que Taryn me diga que sou corajosa e que ela me ama.

Mas, como tenho certeza de que ela não vai fazer nada disso, passo direto.

Meu quarto foi arrumado quando saí. A cama está feita e as janelas estão abertas para o ar noturno entrar. E ali, no pé da minha cama, tem um vestido dobrado, estampado com o brasão real que os servos dos príncipes e princesas usam. O duende com cara de coruja está sentado na varanda.

Ele se ajeita e eriça as penas.

— Você! — exclamo — Você é um dos…

— Vá à Mansão Hollow amanhã, docinho — gorjeia ele, me interrompendo. — Descubra um segredo do qual o rei não vai gostar.

Descubra a traição.

Mansão Hollow. É a casa de Balekin, o príncipe mais velho.

Tenho minha primeira tarefa pela Corte das Sombras.

CAPÍTULO
12

Vou dormir cedo e, quando acordo, está totalmente escuro. Minha cabeça está doendo, talvez por ter dormido demais, e meu corpo está dolorido. Provavelmente adormeci com todos os músculos contraídos.

As aulas do dia já começaram. Não importa. Eu não vou.

Tatterfell deixou uma bandeja com café temperado com canela, cravo e um pouco de pimenta. Sirvo uma xícara. Está morno, o que significa que já está ali há um tempo. Tem torrada também, que fica macia quando a mergulho no café.

Depois de comer, lavo o rosto, ainda grudento da polpa de maçã, e limpo o restante do corpo. Penteio o cabelo rapidamente e prendo em um coque sustentado por um palito de galho.

Eu me recuso a pensar no que aconteceu no dia anterior. Eu me recuso a pensar em qualquer coisa além de hoje e na minha missão para o príncipe Dain.

Vá à Mansão Hollow. Descubra um segredo do qual o rei não vai gostar. Descubra a traição.

Então Dain quer que eu ajude a garantir que Balekin não será o escolhido para ocupar o lugar do Grande Rei. Eldred pode escolher qualquer um dos filhos para o trono, mas prefere os três mais velhos: Balekin, Dain e Elowyn — e Dain acima de todos. Eu me pergunto se espiões ajudam a ordem a permanecer assim.

Se eu me sair bem na missão, Dain me dará poder assim que subir ao trono. E, depois de ontem, eu quero muito isso. Quero com o mesmo fervor que desejei sentir o gosto da fruta de fada.

Coloco o vestido de serva sem nenhuma das minhas lingeries de shopping por baixo, a fim de garantir o máximo de autenticidade possível. Calço um par de sapatinhos de couro velhos, tirados do fundo do meu armário. Tem um buraco no dedão que tentei consertar quase um ano antes, mas sou péssima em costura e acabei só deixando o sapato feio. Mas servem, e todos os meus outros sapatos são bonitos demais.

Nós não temos servos humanos na casa de Madoc, mas já os vi em outras partes do Reino das Fadas. Há parteiras humanas para fazer o parto de consortes humanas. Há artesãos humanos amaldiçoados ou abençoados com habilidades cativantes. Amas de leite humanas para amamentar bebês feéricos doentes. Pequenos filhotes humanos criados no Reino das Fadas, mas que não foram educados com os nobres, como nós. Alegres caçadores de magia que não se importam de fazer um pouco de trabalho tedioso em troca de algum desejo realizado. Quando nossos caminhos se cruzam, eu tento falar com eles. Às vezes eles querem, às vezes não. A maioria dos que não são artesãos foram enfeitiçados pelo menos um tiquinho para se esquecerem de algumas coisas. Eles acham que estão em um hospital ou na casa de uma pessoa rica. E quando são devolvidos — e Madoc me garantiu que são —, recebem um bom pagamento e até ganham presentes, tais como boa sorte ou cabelos brilhantes ou um talento para adivinhar os números certos da loteria.

Mas sei que também há humanos que fazem barganhas ruins ou que ofendem o feérico errado, e por isso não são tratados tão bem. Taryn e eu já ficamos sabendo de algumas coisas, mesmo que tenham tentado esconder de nós; histórias de humanos dormindo em pisos de pedra e comendo restos, acreditando estar descansando em camas de penas e jantando iguarias. Humanos dopados loucamente de fruta feérica. Os servos de Balekin levam a fama de ser assim, feios e maltratados.

Estremeço só de pensar. Mas consigo ver por que um mortal seria um espião útil, além de conseguirem mentir. Um mortal pode passar em lugares baixos e altos sem ser muito notado. Segurando uma harpa, somos bardos. Em lares, somos servos. De vestidos, somos esposas com filhos goblins chorões.

Acho que há vantagens em estar abaixo da posição de ser notada.

Continuo a me arrumar, enfiando na bolsa de couro uma muda de roupa para troca e uma faca. Jogo uma capa grossa de veludo sobre o vestido e desço a escadaria. O café embrulha meu estômago. Estou quase na porta quando vejo Vivi sentada no assento da janela coberto de tapeçaria.

— Você acordou — diz ela, se levantando. — Que bom. Quer atirar em coisas por aí? Eu tenho flechas.

— Talvez mais tarde. — Mantenho a capa bem fechada em volta do corpo e tento passar por ela, mantendo uma expressão vaga.

Não adianta. Ela estica o braço para bloquear minha passagem.

— Taryn me contou o que você disse para o príncipe no torneio — diz ela. — E Oriana falou sobre como você chegou em casa ontem à noite. Posso adivinhar o resto.

— Não preciso de mais um sermão — respondo.

Essa missão de Dain é a única coisa que tem me impedido de ser assombrada pelos acontecimentos do dia anterior. Não quero perder o foco. Tenho medo de que, se perdê-lo, eu acabe perdendo o autocontrole também.

— Taryn está se sentindo péssima — diz Vivi.

— É — comento. — Às vezes é um saco estar certa.

— Pare. — Ela agarra meu braço e me encara com aqueles olhos de pupila partida. — Pode falar comigo. Pode confiar em mim. O que está acontecendo?

— Nada — respondo. — Eu cometi um erro. Fiquei com raiva. Quis provar uma coisa. Foi burrice.

— Foi por causa do que eu disse? — Os dedos dela estão apertando meu braço com força.

O povo fada vai continuar tratando vocês como lixo.

— Vivi, o fato de eu ter decidido estragar minha vida não tem nada a ver com você. Mas vou fazer com que eles se arrependam por me irritar.

— Espere, o que quer dizer?

— Não sei — retruco, me desvencilhando dela. Sigo para a porta, e desta vez ela não me impede. Quando saio, corro pelo gramado até o estábulo.

Sei que não estou sendo justa com Vivi, que ela não fez nada. Ela só queria ajudar.

Talvez eu não saiba mais ser uma boa irmã.

No estábulo, tenho que parar e me encostar em uma parede para recuperar o fôlego. Durante mais da metade da minha vida, tenho lutado contra o pânico. Talvez não seja a melhor coisa do mundo essa agitação parecer normal, ou mesmo necessária. Mas, a essa altura, eu já não saberia viver sem ela.

A coisa mais importante agora é impressionar o príncipe Dain. Não posso deixar Cardan e seus amigos tirarem isso de mim.

Para chegar na Mansão Hollow, decido pegar um dos sapos, pois só os nobres montam em cavalos com ferraduras de prata. Embora um servo provavelmente não possua montaria alguma, pelo menos o sapo chama menos atenção.

Só mesmo no Reino das Fadas um sapo gigante é a escolha que chama *menos* atenção.

Coloco sela e rédeas em uma pintadinha (vejo que é fêmea) e a levo para a grama. Ela acerta um dos olhos dourados com a própria língua, me fazendo dar um passo involuntário para trás.

Passo o pé pelo estribo e subo na sela. Com uma das mãos, puxo as rédeas e, com a outra, faço carinho na pele macia e fria das costas do animal. A criatura dá um salto, e eu me agarro.

A Mansão Hollow é uma casa de pedra com uma torre alta e torta, e toda a construção está meio coberta de hera e urtiga. Há uma sacada no segundo andar que parece ter uma amurada de raízes grossas em vez de ferro. E tem uma cortina de filetes mais finos pendurada ali, como uma barba rala cheia de sujeira. Tem uma certa incongruência na propriedade que parece ter sido criada para deixá-la encantadora, mas só serve para deixá-la sinistra. Amarro o sapo, coloco a capa nos alforjes e sigo para a lateral da mansão, onde acredito que vá encontrar uma entrada de serviçais. No caminho, paro para colher cogumelos, a fim de que pareça que tive um motivo para estar no bosque.

Quando chego perto da propriedade, meu coração dispara novamente. Balekin não vai me fazer mal, digo para mim mesma. Mesmo que eu seja pega, ele só vai me entregar para Madoc. Nada de ruim vai acontecer.

Não tenho certeza absoluta de que isso seja verdade, mas consigo me persuadir o suficiente para me aproximar da porta dos serviçais e entrar.

Tem um corredor que vai até a cozinha, onde coloco os cogumelos em uma mesa, ao lado de alguns coelhos cobertos de sangue, uma torta de pombo,

um buquê de broto de alho e alecrim, algumas ameixas de casca manchada e dezenas de garrafas de vinho. Um troll mexe uma panela grande ao lado de uma pixie alada. E cortando legumes, há dois humanos de bochechas fundas, um garoto e uma garota, ambos com sorrisinhos idiotas e olhares vidrados. Eles nem prestam atenção enquanto cortam, e estou surpresa por não deceparem os dedos. Pior, se decepassem, não sei se ao menos notariam.

Lembro-me do jeito como me senti ontem, e o eco da fruta de fada surge espontaneamente na minha boca. Sinto a garganta fechar e passo apressadamente pelo corredor.

Sou parada por um guarda feérico de olhos claros, que agarra meu braço. Olho para ele, torcendo para minha expressão estar tão vazia, agradável e sonhadora quanto a dos mortais na cozinha.

— Eu nunca vi você — diz ele, em tom de acusação.

— Você é lindo — digo, tentando parecer impressionada e um pouco confusa. — Que lindos olhos de espelho.

Ele faz um som enojado, que acho que significa que estou fazendo um bom trabalho ao fingir ser uma serva humana enfeitiçada, embora eu mesma ache que estou sendo esquisita e exagerada no meu nervosismo. Não sou tão boa de improviso quanto esperava que fosse.

— Você é nova aqui? — pergunta ele, falando devagar.

— Nova? — repito, tentando pensar o que alguém trazido até ali poderia achar da experiência. Não consigo deixar de me lembrar do gosto doce e enjoativo da fruta de fada, mas em vez de isso me ajudar a entrar mais no personagem, só me deixa com vontade de vomitar. — Antes eu estava em outro lugar — falo —, mas agora tenho que limpar o salão com cera até cada centímetro estar brilhando.

— Bom, acho melhor você ir, então — diz ele, me soltando.

Tento controlar o tremor que cresce debaixo da minha pele. Não me lisonjeio achando que minha atuação o convenceu; ele só foi convencido porque sou humana, e ele espera que humanos sejam meros serviçais. Mais uma vez, consigo ver por que o príncipe Dain achou que eu seria útil. Depois do guarda, fica relativamente fácil andar pela mansão. Há dezenas de humanos circulando e executando tarefas, perdidos em sonhos doentios. Eles entoam canções e sussurram palavras aleatórias, mas são apenas trechos de uma

conversa acontecendo em seus sonhos. Os olhos são confusos. As bocas, rachadas.

Não me admira o guarda ter achado que eu era uma novata.

Mas além dos servos, tem os feéricos. Convidados de alguma festa que parece ter esfriado, mas não terminado. Estão em vários estados de nudez, jogados em sofás e entrelaçados no piso das salas pelas quais passo, as bocas manchadas de nuncamais, um pó dourado tão concentrado que entorpece os feéricos e dá aos mortais a capacidade de enfeitiçar uns aos outros. Há cálices tombados, o hidromel escorrendo pelo piso irregular como afluentes de grandes lagos de vinho de mel. Algumas fadas estão tão imóveis que fico com medo de terem morrido de devassidão.

— Com licença — digo para uma garota da minha idade que carrega um balde de metal. Ela passa por mim sem nem parecer reparar que falei alguma coisa.

Sem ideia do que fazer, resolvo ir atrás dela. Subimos uma escadaria ampla de pedras e sem corrimão. Tem mais três feéricos caídos num estupor ao lado de uma garrafinha de bebida. Acima de nós, do outro lado do corredor, ouço um grito estranho, como se alguém estivesse sentindo dor. Alguma coisa pesada desaba no chão. Abalada, tento forçar meu rosto a retornar àquela indiferença sonhadora, mas não é fácil. Meu coração bate como um passarinho encurralado.

A garota abre a porta de uma suíte, e eu entro atrás dela.

As paredes são de pedra, desprovidas de quadros ou tapeçarias. Uma cama enorme com dossel parcial ocupa a maior parte do espaço no primeiro quarto, o painel da cabeceira entalhado com vários animais com cabeça de mulher e seios expostos — corujas, cobras e raposas —, fazendo algum tipo de dança estranha.

Eu não devia estar surpresa, considerando que Balekin lidera o libertino Círculo dos Quíscalos.

Reconheço os livros empilhados na mesa de madeira — são os mesmos que Taryn e eu estudamos para nossas aulas. Eles estão espalhados, com alguns pedaços de papel sobre a madeira entre eles, ao lado de um pote de tinta aberto. Um dos livros tem anotações cuidadosas na lateral, enquanto o outro está coberto de manchas. Uma caneta quebrada, partida no meio

deliberadamente (ou pelo menos não consigo pensar em um jeito que aquilo pudesse ter acontecido que não deliberadamente) está caída no meio do livro manchado de tinta.

Nada que pareça traição.

O príncipe Dain me deu o uniforme por saber que eu conseguiria entrar, e de fato entrei. Ele estava contando com minha capacidade de mentir para fazer o restante. Mas agora que entrei, espero que haja alguma coisa na Mansão Hollow digna de ser encontrada.

O que quer dizer que, por mais assustada que eu esteja, é necessário que eu preste atenção a tudo.

Na parede há mais livros, alguns que reconheço da biblioteca de Madoc. Paro na frente de uma prateleira, franzindo a testa, e me ajoelho. Encontro um livro que conheço, mas que não esperava ver aqui, nesse lugar: *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* em volume único. Mamãe leu esse mesmo livro para nós diversas vezes no mundo mortal.

Quando abro o livro, vejo as ilustrações familiares e as palavras:

"Mas eu não quero andar entre loucos", observou Alice.

"Ah, você não pode evitar", disse o gato. "Nós todos somos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca."

"Como você sabe que eu sou louca?", perguntou Alice.

"Você deve ser", disse o gato, "senão não teria vindo para cá."

Uma gargalhada de medo ameaça subir pela minha garganta, e tenho que morder o lábio para segurá-la.

A humana está ajoelhada na frente de uma lareira enorme, varrendo as cinzas. Cães no formato de serpentes enormes e enroladas ladeiam a lareira, os olhos de vidro prontos para brilhar com as chamas acesas.

Apesar de ser ridículo, não suporto a ideia de botar o livro no lugar. Vivi não trouxe esse título, e não o vejo desde que minha mãe lia para nós na hora de dormir. Então o enfio na parte da frente do vestido.

Em seguida, vou até o armário e abro a porta, procurando alguma pista, alguma informação valiosa. Mas, assim que examino lá dentro, um pânico louco surge em meu peito. Imediatamente sei quem é o dono do quarto onde estou. São os gibões, as calças extravagantes, as capas forradas de pele e as camisas de seda fina do príncipe Cardan.

Depois que termina de tirar as cinzas da lareira, a garota empilha a madeira recém-cortada numa pirâmide, botando um pedaço de pinheiro aromático no topo.

Quero passar por ela e sair correndo da Mansão Hollow. Eu supus que Cardan morasse no palácio com o pai, o Grande Rei. Não me ocorreu que ele poderia morar com um dos irmãos. Eu me lembro de Dain e Balekin bebendo juntos na última festa da Corte. Espero desesperadamente que isso não tenha sido planejado para me humilhar ainda mais, para dar a Cardan mais um pretexto — ou pior, mais uma oportunidade — para me punir ainda mais.

Não quero acreditar nisso. O príncipe Dain, prestes a ser coroado Grande Rei, não tem tempo para se permitir um esporte mesquinho desses, para fingir aceitar meus serviços só porque é o desejo de seu irmão mais jovem e imaturo. Ele não faria um geas em mim nem negociaria comigo só por esse motivo. Tenho que continuar acreditando nisso, porque a alternativa é horrível demais.

A descoberta significa que, além do príncipe Balekin, preciso evitar o príncipe Cardan no meu caminho pela casa. Qualquer um dos dois poderia me reconhecer se visse meu rosto. Tenho que tomar cuidado para que isso não aconteça.

É provável que eles não olhem com atenção. Ninguém olha com atenção para servos humanos.

Percebendo que não sou tão diferente, eu me obrigo a reparar no padrão das pintinhas na pele da garota humana, nas pontas duplas do cabelo louro e na aspereza dos joelhos. Observo como ela oscila um pouco quando se levanta; o corpo está exausto, mesmo que o cérebro não se dê conta disso.

Se eu voltar a vê-la, quero que ela saiba que eu a reconheceria.

Mas não adianta, não desfaz nenhum feitiço. Ela continua a tarefa, dando o mesmo sorriso horrível e satisfeito. Quando sai do quarto, sigo na direção oposta. Preciso encontrar os aposentos particulares de Balekin, descobrir os segredos dele, e então cair fora.

Abro portas com cuidado e espio. Chego em dois cômodos, ambos cobertos por uma camada densa de poeira, um deles com uma pessoa deitada sob uma mortalha de teias na cama. Paro por um momento, tentando decidir se é uma estátua ou um cadáver, ou até mesmo algum tipo de coisa viva, mas percebo que não tem nada a ver com minha missão e saio rapidamente. Abro

outra porta e encontro vários feéricos entrelaçados numa cama, dormindo. Um deles pisca para mim, sonolento, e eu prendo a respiração em expectativa, mas ele simplesmente volta a dormir.

O sétimo aposento começa em um corredor com uma escada em espiral, dando no que deve ser a torre. Subo rapidamente, o coração disparado, os sapatos de couro suaves na pedra.

O quarto circular onde vou parar está coberto por estantes cheias de manuscritos, pergaminhos, adagas douradas, frascos de vidro fino com líquidos da cor de pedras preciosas e o crânio de algum tipo de cervo com chifres enormes sustentando velas cônicas finas. Tem duas poltronas grandes perto da única janela. Uma mesa enorme domina o meio do cômodo, e nela há mapas com as pontas presas por pedaços de vidro e objetos de metal. Embaixo tem correspondências. Mexo nos papéis até encontrar a seguinte carta:

> Sei da proveniência do cogumelo amanita que você pede, mas seja lá o que for fazer, não deve ser relacionado a mim. Depois disso, considero minha dívida paga. Que meu nome seja apagado dos seus lábios.

Embora a carta não esteja assinada, a caligrafia é elegante, feminina. Parece importante. Pode ser a prova que Dain está procurando? Pode ser útil o bastante para agradá-lo? Mas não posso levá-la. Se a carta sumir, Balekin terá certeza de que alguém esteve ali. Encontro uma folha em branco e a aperto sobre o bilhete. Copio a carta o mais depressa que consigo, tentando capturar a caligrafia com o máximo de precisão.

Estou quase acabando quando ouço um som. Há alguém subindo pela escada.

Entro em pânico. Não tenho onde me esconder. Não tem praticamente nada no quarto; é quase todo de espaço aberto, exceto pelas estantes. Dobro o bilhete, sabendo que está inacabado, sabendo que a tinta fresca vai manchar.

O mais rapidamente que consigo, entro embaixo de uma das poltronas de couro, me encolhendo bem. Queria ter deixado o livro idiota onde o encontrei, porque um dos cantos está espetando o meu braço. Fico me

perguntando o que eu tinha na cabeça, achando que era inteligente o bastante para ser uma espiã no Reino das Fadas.

Aperto bem os olhos, como se não ver quem está entrando no quarto me impedisse de ser vista.

— Espero que você esteja treinando — diz Balekin.

Abro uma fresta dos olhos. Cardan está ao lado das prateleiras; um serviçal de rosto vazio segura uma espada com entalhes em ouro no cabo e asas de metal formando a guarda da arma. Tenho que morder a língua para não emitir nenhum som.

— É preciso? — pergunta Cardan. Ele parece entediado.

— Mostre-me o que aprendeu. — Balekin pega um cajado de um suporte ao lado da mesa, o qual contém uma variedade de cajados e bengalas. — Você só precisa acertar uma vez. Só uma, irmãozinho.

Cardan simplesmente fica ali parado.

— *Pegue a espada*. — A paciência de Balekin já está no limite.

Com um suspiro longo e aborrecido, Cardan levanta a espada. Sua postura é horrorosa. Consigo ver por que Balekin está irritado. Cardan deve ter instrutores de luta desde que tinha idade suficiente para segurar uma vara. Eu fui instruída desde que cheguei ao Reino das Fadas, então ele teve anos de vantagem, e a primeira coisa que aprendi foi como posicionar os pés.

Balekin ergue o cajado.

— Agora, ataque.

Por um longo momento, eles ficam parados, se olhando. Cardan movimenta a espada de um jeito estabanado, e Balekin bate o cajado com força, acertando-o na lateral da cabeça. Faço uma careta ao som da madeira no crânio dele. Cardan cambaleia para a frente, mostrando os dentes. A bochecha e uma das orelhas estão completamente vermelhas.

— Isso é ridículo — diz Cardan, cuspindo no chão. — Por que temos que fazer esse jogo bobo? Ou você gosta desse papel? É isso que torna tudo divertido para você?

— O jogo de espadas não é brincadeira. — Balekin ataca de novo. Cardan tenta saltar para trás, mas o cajado acerta sua coxa.

Cardan faz uma careta e levanta a espada, na defensiva.

— Então por que se chama *jogo* de espadas?

A expressão de Balekin se fecha e ele aperta o cajado com mais força. Desta vez, acerta Cardan na barriga, golpeando de repente e com força o bastante para fazê-lo cair no piso de pedra.

— Eu tentei fazer você melhorar, mas você insiste em desperdiçar seu talento em festas, em bebedeira sob o luar, em rivalidades impensadas e romances patéticos…

Cardan se levanta e parte para cima do irmão, golpeando loucamente com a espada. Ele a segura feito uma clava. O frenesi do ataque faz Balekin dar um passo para trás.

A técnica de Cardan finalmente aparece. Ele fica mais deliberado, ataca de ângulos novos. Na escola, ele nunca demonstrou muito interesse em espadas, e, apesar de saber o básico, não sei se costuma treinar. Balekin o desarma impiedosa e eficientemente. A espada de Cardan sai voando e vem tilintando piso afora, na minha direção.

Eu me encolho sob a escuridão da poltrona. Por um momento, acho que vou ser vista, mas o servo é quem pega a espada, e seu olhar nem oscila.

Balekin bate o cajado na parte de trás das pernas de Cardan, derrubando-o.

Eu estou adorando. Parte de mim queria ser a pessoa segurando o cajado.

— Não se dê o trabalho de levantar. — Balekin solta o cinto e o entrega ao servo. O humano o enrola duas vezes na palma da mão. — Você fracassou no teste. De novo.

Cardan não fala nada. Seus olhos estão cintilando com uma fúria familiar, mas desta vez não direcionada a mim. Ele está de joelhos, mas não parece intimidado.

— Diga-me. — A voz de Balekin está sedosa, e ele caminha em volta do irmão mais novo. — Quando você vai deixar de ser uma decepção?

— Talvez quando você deixar de fingir que não faz isso por puro prazer — responde Cardan. — Se quer me machucar, nos pouparia muito tempo se você fosse logo…

— Nosso pai estava velho, e a semente dele estava fraca quando gerou você. É por isso que você é fraco. — Balekin coloca a mão no pescoço do irmão. Parece um gesto de afeição, até eu perceber que Cardan se encolhe, o equilíbrio vacilando. É assim que percebo que Balekin está empurrando com

força, prendendo Cardan no chão. — Agora tire a camisa para receber sua punição.

Cardan começa a tirar a camisa, mostrando um pedaço de pele pálido como a lua e as costas cobertas de rastros delicados de cicatrizes já desbotadas.

Meu estômago embrulha. Vão dar uma surra nele.

Eu devia estar exultante por ver Cardan assim. Devia estar feliz porque sua vida é horrível, talvez até pior do que a minha, embora ele seja um príncipe e um cretino desgraçado que provavelmente vai viver para sempre. Se alguém me dissesse que eu teria a oportunidade de ver isso, eu acharia que a única coisa que eu teria que sufocar seria minha vontade de aplaudir efusivamente.

Mas ao olhar a cena, não consigo deixar de observar que sob toda aquela postura desafiadora existe uma boa dose de medo. Sei bem o que é dizer uma coisa espertinha porque você não quer que ninguém perceba como você realmente se sente. Não me faz gostar de Cardan, mas pela primeira vez ele me parece de verdade. Não bonzinho, mas real.

Balekin assente. O servo bate duas vezes, o estalo do couro ecoando alto no ar parado do quarto.

— Não ordeno isso por estar com raiva de você, irmão — diz Balekin para Cardan, me fazendo tremer. — Faço porque amo você. Porque amo nossa família.

Quando o mortal levanta o braço para bater uma terceira vez, Cardan pula para pegar a espada sobre a mesa de Balekin, onde o servo a colocou. Por um momento, penso que Cardan vai perfurar o rapaz.

O servo não grita nem levanta as mãos para se proteger. Talvez esteja enfeitiçado demais para isso. Talvez se Cardan lhe enfiasse a espada no coração, ele nem ao menos tentasse se defender. Estou bamba de pavor.

— Vá em frente — diz Balekin, entediado. Ele faz um gesto vago na direção do servo. — Mate-o. Mostre que não se importa de fazer sujeira. Mostre que pelo menos sabe dar um golpe fatal em um alvo tão patético quanto este.

— Eu não sou assassino — diz Cardan, me surpreendendo. Eu nunca achei que fosse me orgulhar de uma coisa dessas.

Em dois passos, Balekin está na frente do irmão. Eles são tão parecidos quando estão lado a lado. O mesmo cabelo escuro, expressões de desprezo

correspondentes, olhos ávidos. Mas Balekin mostra suas décadas de experiência arrancando a espada das mãos de Cardan e o derrubando no chão com a empunhadura.

— Então aceite sua punição como a criatura patética que você é. — Balekin assente para o servo, que desperta da sonolência.

Fico assistindo cada golpe, cada movimento. Não tenho muita escolha. Posso fechar os olhos, mas os sons são igualmente horrendos. E o pior de tudo é o rosto vazio de Cardan, seus olhos embotados como chumbo.

Na verdade, sua crueldade é resultado das atitudes de Balekin. Ele foi criado assim, aprendeu suas nuanças, foi refinado em sua aplicação. Por pior que Cardan seja, agora vejo o que ele pode vir a se tornar, e então sinto medo de verdade.

CAPÍTULO
13

Perturbadoramente, é ainda mais fácil entrar no Palácio de Elfhame com meu vestido de serviçal do que foi entrar na casa de Balekin. Todo mundo, de goblins a nobres, ao Poeta e Senescal mortal do Grande Rei, mal me olha conforme vou passando pelos corredores labirínticos. Não sou nada, ninguém, uma mensageira tão digna de atenção quanto uma bonequinha animada feita de galhos ou uma coruja. Minha expressão agradável e plácida, combinada ao movimento sempre avante, me leva aos aposentos do príncipe Dain sem levantar suspeita, muito embora eu me perca duas vezes e precise refazer meus passos.

Bato à porta e fico aliviada quando o príncipe em pessoa atende.

Ele levanta as sobrancelhas e me observa em meu vestido simples. Faço uma cortesia formal, como qualquer servo faria. Não altero minha expressão por medo de ele não estar sozinho.

— Sim? — pergunta.

— Tenho um recado para Vossa Alteza — digo, na esperança de minhas palavras soarem certas. — Peço um momento de seu tempo.

— Você tem talento natural — diz ele, sorrindo. — Entre.

É um alívio relaxar o rosto. Abandono o sorriso vazio e o acompanho até a sala.

Mobiliada em veludo, seda e brocados elaborados, é uma mistura de escarlate e azul e verde, tudo intenso e escuro, como frutas maduras demais. As estampas nos tecidos são o tipo de coisa com a qual já me acostumei: tranças

intrincadas de roseira brava, folhas que também podem ser aranhas quando examinadas de outro ângulo, e uma representação de uma caçada que não deixa muito claro qual criatura está caçando qual.

Dou um suspiro e me sento na cadeira para a qual Dain está apontando, remexendo no bolso.

— Aqui — ofereço, tirando o bilhete amassado e abrindo-o em cima de uma mesinha com pés entalhados de aves. — Ele entrou bem quando eu estava copiando, então ficou um pouco borrado. — Deixei o livro roubado no sapo; a última coisa que quero é que o príncipe Dain saiba que peguei alguma coisa para mim.

Dain aperta os olhos e examina as formas das letras embaixo dos borrões.

— E Balekin não viu você?

— Ele estava distraído — respondo com sinceridade. — Eu me escondi.

O príncipe Dain assente e toca uma sineta, provavelmente para chamar algum criado. Vou ficar feliz se for alguém não enfeitiçado.

— Que bom. E você gostou?

Não sei bem como interpretar a pergunta. Passei quase o tempo todo com medo, o que não é nada agradável. Mas quanto mais eu penso no assunto, mais percebo que gostei, *sim*. A maior parte da minha vida é feita de expectativa e medo, uma espera pela próxima desgraça: em casa, nas aulas, na Corte. O medo de ser flagrada foi um sentimento totalmente novo, um que pelo menos me deu a sensação de saber ao certo o que eu devia temer. Eu sabia o que era preciso para vencer. Andar sorrateiramente pela casa de Balekin foi menos assustador do que algumas festas às quais já compareci.

Pelo menos até eu presenciar Cardan levando a surra. Naquele momento, senti uma coisa que não faço muita questão de revisitar.

— Eu gostei de ter feito um bom trabalho — digo, finalmente encontrando uma resposta honesta.

Isso faz Dain assentir. Ele está prestes a me dizer outra coisa quando um feérico entra na sala. É um goblin, a pele do tom verde dos lagos. O nariz é comprido e se retorce todo antes de se curvar novamente na direção do rosto, como uma foice. O cabelo é um tufo preto no alto da cabeça. Os olhos são ilegíveis. Ele pisca várias vezes, como se tentasse se concentrar em mim.

— Me chamam de Barata — diz ele, a voz melodiosa, totalmente incongruente com o rosto. Ele se curva e inclina a cabeça de lado, na direção de Dain. — A serviço dele. Acho que nós dois estamos. Você é a garota nova, certo?

Faço que sim.

— Devo dizer meu nome ou tenho que inventar alguma coisa inteligente?

Barata sorri, gesto que retorce seus rosto de forma ainda mais hedionda.

— Estou aqui para levá-la para conhecer a trupe. E não se preocupe com o modo como vamos chamar você. Nós mesmos decidimos isso. Você acha que alguém em sã consciência iria querer ser chamado de Barata?

— Legal — respondo, e dou um suspiro.

Ele me olha com atenção.

— É, consigo ver que é um grande talento. Não precisar dizer o que você pensa.

Ele está usando uma imitação de gibão da corte, só que o dele é feito de trapos de couro. Fico me perguntando o que Madoc diria se soubesse onde estive e com quem. Acho que não ficaria satisfeito.

Acho que ele não ficaria satisfeito com nada do que fiz hoje. Soldados valorizam um tipo peculiar de honra, mesmo os que mergulham os capuzes no sangue dos inimigos. Esgueirar-se por casas e roubar papéis não condiz com isso. Embora Madoc tenha espiões, acho que ele não gostaria de saber que me tornei uma.

— Então ele está chantageando a rainha Orlagh — diz Dain, e Barata e eu olhamos para ele.

O príncipe Dain está franzindo a testa para a carta, e de repente eu entendo: ele reconhece minha cópia da caligrafia. A mãe de Nicasia, a rainha Orlagh, deve ser a mulher que pegou o veneno para Balekin. Ela escreveu que estava pagando uma dívida, embora, conhecendo Nicasia, eu imagine que um pouco de maldade não seria um grande incômodo para sua mãe. Mas o reino da Rainha Submersa é abrangente e poderoso. É difícil imaginar o que Balekin poderia ter contra ela.

Dain entrega minha carta a Barata.

— Então, você acha que ele vai usar isso antes da coroação?

O nariz do goblin treme.

— É o gesto inteligente. Quando a coroa estiver em sua cabeça, nada vai tirá-la de lá.

Até aquele momento, eu não tinha certeza de para quem era o veneno. Faço menção de falar, mas mordo a bochecha por dentro para não dizer nada idiota. Claro que só pode ser para o príncipe Dain. Quem mais necessitaria de veneno especial? Se fosse matar alguém comum, Balekin provavelmente recorreria a algum veneno vagabundo para pessoas comuns.

Dain parece reparar na minha surpresa.

— Nós nunca nos demos bem, meu irmão e eu. Ele sempre foi ambicioso demais para isso. Mas eu tinha esperança… — Ele balança a mão, ignorando o que ia dizer. — O veneno pode ser a arma de um covarde, mas é eficiente.

— E a princesa Elowyn? — pergunto, mas logo desejo poder retirar o que disse. Provavelmente o veneno é para ela também. A rainha Orlagh devia ter uma boa quantidade.

Desta vez, Dain não me responde.

— Talvez Balekin planeje se casar com ela — diz Barata, surpreendendo a nós dois. Ao ver nossa expressão, ele dá de ombros. — O quê? Se ele for óbvio demais, será o próximo a levar uma facada nas costas. E não seria o primeiro membro dos nobres a se casar com uma irmã.

— Se ele se casar com ela — diz Dain, rindo pela primeira vez durante a conversa —, vai levar uma facada no peito.

Eu sempre pensei em Elowyn como a irmã gentil. Mais uma vez, fico ciente de quão pouco sei sobre o mundo no qual estou tentando circular.

— Venha — diz Barata, me chamando para ficar de pé. — Está na hora de conhecer os outros.

Lanço um olhar de súplica na direção de Dain. Não quero ir com Barata, um sujeito que acabei de conhecer e ainda não sei se é digno de minha confiança. Até eu, que cresci na casa de um militar, tenho medo de goblins.

— Antes de você ir. — Dain caminha até estar parado diante de mim. — Eu prometi que ninguém poderia obrigar você a nada, exceto eu. Infelizmente, vou ter que usar esse poder. Jude Duarte, eu proíbo você de falar em voz alta sobre seus serviços para mim. Proíbo você de escrever ou de expressar em forma de canção. Você nunca vai contar a ninguém sobre Barata. Nunca vai contar a ninguém sobre nenhum de meus espiões. Nunca vai

revelar os segredos deles, os locais de encontro, os esconderijos. Enquanto eu viver, você vai obedecer a isto.

Estou usando meu colar de sorvas, mas ele não serve de proteção contra a magia do geas. Este não é um feitiço como os outros, não é bruxaria simples.

O peso do geas desaba com tudo sobre mim, e sei que se eu tentasse falar, minha boca não conseguiria articular as palavras proibidas. Odeio isso. É uma sensação horrível de falta de controle. Faz com que minha mente vire uma confusão, tentando imaginar uma saída para a ordem, mas não consigo.

Penso na minha primeira viagem ao Reino das Fadas e no som de Taryn e Vivi chorando. Penso na expressão sombria de Madoc, o maxilar travado, sem dúvida desacostumado com crianças, ainda mais as humanas. Os ouvidos dele deviam estar doendo. Ele devia estar louco para que calássemos a boca. É difícil pensar em alguma coisa boa a respeito de Madoc naquele momento, com o sangue dos nossos pais ainda em suas mãos. Mas uma coisa digo a seu favor: ele nunca nos enfeitiçou para afastar nossa dor, nem tirou nossa voz. Madoc nunca fez nada para tornar sua viagem mais fácil.

Tento me convencer de que, ao me encantar, o príncipe Dain só está fazendo a coisa inteligente, o necessário. Mas, ainda assim, não consigo evitar os arrepios.

Por um momento, fico em dúvida sobre minha decisão de servi-lo.

— Ah — diz Dain quando estou prestes a sair. — Mais uma coisa. Você sabe o que é mitridatismo?

Faço que não com a cabeça, sem saber se estou interessada em qualquer coisa que ele tenha a dizer agora.

— Pesquise. — Dain sorri. — Não é uma ordem, só uma sugestão.

Acompanho Barata pelo palácio, mantendo alguns passos de distância para não parecer que estamos juntos. Passamos por um general que Madoc conhece, e tomo o cuidado de ficar de cabeça baixa. Não acho que ele me olharia com atenção suficiente para me reconhecer, mas é melhor não arriscar.

— Aonde estamos indo? — sussurro depois de uns bons minutos andando pelos corredores.

— Só mais um pouco — diz ele com irritação, abrindo um armário e entrando. Seus olhos emitem um reflexo alaranjado, como os de um urso. — Bem, vamos, entre e feche a porta.

— Eu não enxergo no escuro — lembro a ele, porque essa é uma das muitas coisas que as criaturas nunca lembram sobre nós.

Ele rosna.

Eu entro e me encolho para que nenhum pedacinho do goblin toque em mim, depois fecho a porta do armário. Ouço o deslizar da madeira e sinto o ar frio e úmido. O cheiro de pedra molhada toma o ambiente.

Ele pousa a mão no meu braço com cuidado, mas ainda assim consigo sentir suas garras. Deixo que me guie, permito que empurre minha cabeça para eu saber quando abaixá-la. Quando me empertigo, estou em uma plataforma estreita, acima do que parece ser a adega do palácio.

Meus olhos ainda estão se ajustando, mas, pelo que consigo ver, há uma rede de passagens no subterrâneo do palácio. Eu me pergunto quantas pessoas sabem sobre este lugar. Dou um sorriso por perceber que sou uma das poucas dignas de tal segredo. Logo eu.

Eu me pergunto se Madoc sabe.

Aposto que Cardan não sabe.

Dou um sorriso ainda mais largo do que antes.

— Cansou de olhar? — pergunta Barata. — Eu posso esperar.

— Você está pronto para me contar alguma coisa? — pergunto a ele. — Tipo, aonde estamos indo ou o que vai acontecer quando chegarmos lá?

— Descubra sozinha — diz ele, o rosnado na voz. — Continue.

— Você disse que encontraríamos os outros — respondo, começando com o que sei, tentando me manter ereta e não tropeçar no terreno irregular. — E o príncipe Dain me fez prometer não revelar nenhum local escondido, então obviamente estamos indo para sua toca. Mas isso não me esclarece o que vamos fazer quando chegarmos lá.

— Talvez a gente queira mostrar a você nosso aperto de mão secreto — diz Barata. Ele está fazendo alguma coisa que não consigo ver, mas um momento depois ouço um estalo, como se uma tranca tivesse sido armada ou uma armadilha desarmada. Um empurrão de leve na minha lombar, e logo estou seguindo por um túnel novo e ainda menos iluminado.

Sei que chegamos a uma porta porque dou de cara nela, para a diversão de Barata.

— Você não enxerga mesmo — diz ele.

Massageio minha testa.

— Eu falei que não enxergava!

— É, mas você é a mentirosa — lembra ele. — Eu não devo acreditar em nada do que você diz.

— Por que eu mentiria sobre uma coisa assim? — questiono, ainda irritada.

Ele deixa minha pergunta no ar. A resposta é óbvia: para eu poder refazer meus passos. Para ele poder me mostrar acidentalmente alguma coisa que não mostraria a outra pessoa. Para ele ser incauto.

Eu preciso parar de fazer perguntas idiotas.

E talvez ele precise ser menos paranoico, pois Dain já botou um geas em mim que me impede de contar tudo o que estou vendo agora a qualquer pessoa.

Barata abre a porta, e uma luz se espalha pelo corredor. Automaticamente posiciono o braço na frente do rosto. Piscando, começo a examinar o esconderijo dos espiões do príncipe Dain. É de terra batida de todos os lados, com paredes côncavas e um teto abobadado. Uma mesa grande toma o ambiente, e sentados a ela estão dois feéricos que nunca vi, os dois me olhando com descontentamento.

— Bem-vinda — diz Barata — à Corte das Sombras.

CAPÍTULO
14

Os dois outros integrantes da trupe de espiões de Dain também têm codinomes. Há o feérico magro, bonito e um pouco semelhante a um humano, que dá uma piscadela para mim e me diz para chamá-lo de Fantasma. Ele tem cabelo louro-claro, normal para um mortal, porém incomum para um feérico, e orelhas com pontas bem sutis.

O outro é uma garota pequena e delicada, a pele de um castanho sarapintado de gazela, o cabelo uma nuvem branca em volta da cabeça, e nas costas um par de asas de borboleta em miniatura, azul-acinzentadas. Ela tem pelo menos um pouco de pixie, isso se não for parte diabrete.

Eu a reconheço da festa da lua cheia do Grande Rei. Foi ela quem roubou o cinto de um ogro, o qual tinha armas e bolsas penduradas.

— Sou a Bomba — diz ela. — Gosto de explodir coisas.

Faço que sim. É o tipo de coisa direta que não espero que fadas digam, mas estou acostumada a estar perto de feéricos da Corte e de sua etiqueta barroca. Não estou acostumada com feéricos solitários. Estou perdida em relação a como devo falar com eles.

— Então são só vocês três?

— Quatro agora — diz Barata. — Nós cuidamos para que o príncipe Dain fique vivo e bem informado sobre os acontecimentos da Corte. Nós roubamos, nos esgueiramos e enganamos para garantir a coroação dele. E quando for rei, nós vamos roubar, nos esgueirar e enganar para garantir que ele permaneça no trono.

Assinto outra vez. Depois de enxergar a verdadeira personalidade de Balekin, quero Dain no trono mais do que nunca. Madoc ficará do lado dele, e se eu puder ser útil o suficiente, talvez eles tirem o restante dos nobres do meu pé.

— Você consegue fazer duas coisas que não conseguimos — diz Barata. — Uma delas é se misturar aos servos humanos. A outra é circular entre os nobres. Nós vamos ensinar alguns outros truques. Sendo assim, enquanto você não recebe uma nova missão diretamente do príncipe, seu trabalho será fazer o que eu mandar.

Faço que sim de novo. Eu já esperava esse tipo de coisa.

— Eu nem sempre consigo escapar lá de casa. Matei aula hoje, mas não posso fazer isso sempre, senão alguém vai reparar e perguntar onde estive. E Madoc espera que eu jante com ele, Oriana e o restante da família por volta da meia-noite.

Barata olha para Fantasma e dá de ombros.

— Esse é sempre o problema de infiltrar a Corte. Muitas regras de etiqueta tomando o tempo. Quando você *consegue* escapar?

— Teoricamente, depois do meu horário de estar na cama — respondo.

— Serve — diz Barata. — Um de nós vai encontrar você perto da sua casa para iniciar o treinamento ou passar tarefas. Você não precisa vir sempre aqui, ao ninho. — Fantasma assente, como se meus problemas fossem razoáveis, parte do trabalho, mas me sinto infantil. São problemas de criança.

— Então vamos iniciá-la — diz Bomba, se aproximando de mim.

Prendo a respiração. O que quer que aconteça agora, posso tolerar. Já aguentei mais do que eles podem imaginar.

Mas Bomba simplesmente começa a rir, e Barata dá um empurrão brincalhão nela.

Fantasma me lança um olhar solidário e balança a cabeça. Reparo que seus olhos são de um castanho mutante.

— Se o príncipe Dain diz que você é parte da Corte das Sombras, então você é. Tente não ser uma grande decepção e ficaremos do seu lado.

Expiro, aliviada. Não sei bem se teria preferido alguma tarefa, alguma forma de provar meu valor.

Bomba faz uma careta.

— Você vai saber que é uma de nós quando ganhar seu nome. Não espere que seja em breve.

Fantasma vai até um armário e pega meia garrafa de um líquido claro e esverdeado e uma pilha de copos de bolotas polidas. Serve quatro doses.

— Tome uma bebida. E não se preocupe — diz ele. — Não vai confundir você mais do que qualquer outra bebida.

Balanço a cabeça, me lembrando de como me senti depois da maçã dourada enfiada em minha cara. Nunca mais quero me sentir tão descontrolada novamente.

— Eu passo.

Barata vira sua dose e faz uma careta, como se o líquido estivesse queimando a garganta.

— Fique à vontade — ele consegue dizer antes de começar a tossir.

Fantasma nem faz careta ao beber o líquido. Bomba está tomando golinhos. Pela expressão dela, fico feliz de ter recusado.

— Balekin será um problema — diz Barata, explicando o que descobri.

Bomba coloca seu copo na mesa.

— Não gosto nada disso. Se ele fosse agir contra Eldred, já teria agido.

Eu não tinha sequer pensado que ele seria capaz de envenenar o pai.

Fantasma espreguiça o corpo esguio ao se levantar.

— Está ficando tarde. Tenho que levar a garota para casa.

— Jude — lembro a ele.

Ele sorri.

— Eu conheço um atalho.

Voltamos para os túneis, e seguir Fantasma é um desafio porque, como seu nome sugere, ele se movimenta de maneira quase silenciosa. Por várias vezes fico achando que ele me largou sozinha, mas sempre que estou prestes a parar de andar, ouço um leve exalar ou um movimento na terra e me convenço a seguir em frente.

Depois do que parece um tempo agonizante, uma porta se abre. Fantasma está parado sob o batente, e atrás dele está a adega do Grande Rei. O espião faz uma pequena reverência.

— Esse é seu atalho? — pergunto.

Ele pisca.

— Se algumas garrafas caírem na minha bolsa quando passarmos, não é culpa minha, é?

Forço uma gargalhada, o som seco e falso aos meus ouvidos. Não estou acostumada a ser incluída nas piadas dos feéricos, ao menos não fora da minha família. Gosto de acreditar que estou me saindo bem aqui no Reino das Fadas. Gosto de acreditar que, apesar de eu ter sido drogada e quase assassinada na escola ontem, sou capaz de esquecer essa história hoje. Eu estou bem.

Mas se não estou conseguindo rir sinceramente, então talvez eu não esteja tão bem assim.



Já no bosque, perto do terreno de Madoc, ponho o vestido azul que levei na bolsa de couro, mesmo estando tão cansada a ponto de sentir dor nas juntas. Eu me pergunto se os feéricos ficam cansados assim, se sentem dores depois de uma noite longa. A sapinha também parece exausta, embora talvez só esteja empanzinada. Pelo que sei, o bicho passou boa parte do dia esticando a língua para as borboletas que passavam, e também para um ou dois camundongos.

Está completamente escuro quando volto para casa. As árvores estão iluminadas por pequenas criaturas, e vejo um Oak risonho correndo entre elas, perseguido por Vivi e Taryn e… *ah, inferno…* Locke. É desorientador vê-lo aqui, impossivelmente fora de contexto. Será que veio por minha causa?

Com um grito, Oak se aproxima e sobe pelos alforjes até meu colo.

— Me pega! — grita ele, sem fôlego, dominado pelo êxtase agitado da infância.

Até os feéricos são jovens um dia.

Impulsivamente, eu o abraço contra o peito. Ele está quente e tem cheiro de grama e floresta. E me permite abraçá-lo por um momento, os bracinhos em volta do meu pescoço, a cabecinha com chifres no meu peito. E então, rindo, ele desce e sai correndo para longe, lançando um olhar arteiro para ver se vou atrás.

Crescendo aqui, no Reino das Fadas, será que ele vai aprender a desprezar os mortais? Quando eu for velha e ele ainda estiver jovem, também vai me desprezar? Vai ficar cruel como Cardan? Vai ficar brutal como Madoc?

Não tenho como saber.

Desmonto da sapa, o pé no estribo enquanto desço o corpo. Faço um carinho acima do nariz dela, que fecha os olhos dourados. Na verdade, ela parece estar dormindo até eu tirar as rédeas e levá-la de volta ao estábulo.

— Oi — diz Locke, correndo até mim. — Para onde você foi?

— Não é da sua conta — retruco, mas alivio o tom com um sorriso. Não consigo evitar.

— Ah! Uma dama misteriosa. Meu tipo favorito. — Ele está usando um gibão verde, que se abre e exibe a camisa de seda por baixo. Seus olhos de raposa estão iluminados. Locke parece um amante feérico saído de uma balada, do tipo que não rende nada de bom à garota que foge com ele. — Espero que você esteja pensando em voltar para a escola amanhã — diz.

Vivi continua correndo atrás de Oak, mas Taryn fica perto de um olmo grande. Ela me observa com a mesma expressão do campo do torneio, como se pudesse me impedir de ofender Locke se me olhar com intensidade suficiente.

— Para que seus amigos saibam que não me espantaram? — questiono. — Faz alguma diferença?

Ele me olha de um jeito estranho.

— Você está fazendo o grande jogo de reis e príncipes, de rainhas e coroas, não está? Claro que tem importância. Tudo tem importância.

Não sei bem como interpretar as palavras. Eu não achava que estivesse fazendo esse tipo de jogo. Pensava estar fazendo o jogo de irritar pessoas que já me odiavam e aguentar as consequências.

— Volte. Você e Taryn deviam voltar. Eu falei para ela. — Viro a cabeça, procurando minha gêmea no pátio, mas ela não está mais junto ao olmo. Vivi e Oak estão desaparecendo acima de uma colina. Talvez ela tenha ido com eles.

Chegamos ao estábulo e eu coloco o sapo na baia. Encho sua estação com água de um barril no centro do cômodo, e uma neblina surge e escorre por sobre a pele macia. Os cavalos resfolegam e batem as patas quando saímos. Locke observa tudo em silêncio.

— Posso perguntar outra coisa? — começa ele, olhando na direção da mansão.

Eu faço que sim.

— Por que você não contou ao seu pai o que está acontecendo? — O estábulo de Madoc é impressionante. Talvez, ao entrar nele, Locke tenha se lembrado do tamanho do poder e da influência do general. Mas isso não quer dizer que eu seja herdeira desse poder. Talvez Locke também devesse se lembrar de que sou apenas uma das filhas bastardas da esposa humana de Madoc. Sem Madoc e sua honra, ninguém ligaria para mim.

— Para que ele possa invadir nossas aulas com uma espada e matar todo mundo? — pergunto em vez de corrigir Locke sobre minha posição na vida.

Ele arregala os olhos. Acho que não era bem a resposta que estava esperando.

— Pensei que seu pai tiraria você da escola… e que, se você não contou para ele, era porque tinha a intenção de ficar.

Dou uma gargalhada curta.

— Ele não faria isso de jeito nenhum. Madoc não é fã de rendição.

À sombra fresca do estábulo, com os cavalos feéricos resfolegando à nossa volta, ele segura a minha mão.

— Nada lá seria igual sem você.

Como eu nunca pretendi abandonar as aulas, é bom ver alguém fazendo tanto esforço para me convencer a fazer uma coisa que eu faria de qualquer jeito. E o jeito como ele está me encarando, a intensidade do olhar, é tão agradável que fico constrangida. Ninguém nunca me olhou assim.

Sinto o calor nas minhas bochechas e me pergunto se as sombras estão ajudando a esconder alguma coisa. Neste momento, sinto como se ele estivesse me decifrando: todas as esperanças do meu coração, todo pensamento errante que já tive antes de cair em um sono exausto a cada aurora.

Locke leva uma de minhas mãos à boca e beija a palma. Meu corpo inteirinho se contrai. De repente, fico com calor demais, com tudo demais. O hálito dele é um breve sussurro na minha pele.

Com um puxão delicado, ele me leva para mais perto. Seu braço envolve meu corpo. Ele se inclina para um beijo, e meus pensamentos se dissipam.

Isso não pode estar acontecendo.

— Jude? — Ouço Taryn chamando, hesitante, logo ali, e cambaleio para longe de Locke. — Jude? Você ainda está no estábulo?

— Aqui — respondo, meu rosto quente. Saímos para a noite e encontramos Oriana nos degraus da casa, chamando Oak para dentro. Vivi está acenando para ele enquanto o menino tenta se soltar da mãe. Taryn tem as mãos nos quadris.

— Oriana chamou todo mundo para jantar — informa Taryn a nós dois com pompa. — Ela quer que Locke fique e jante conosco.

Ele faz uma reverência.

— Por favor, diga à senhora sua mãe que embora tenha achado uma honra ser convidado para o jantar, eu não gostaria de impor minha presença. Eu só queria falar com vocês duas. Mas voltarei para visitar. Podem ter certeza disso.

— Você falou com Jude sobre a escola? — Há uma trepidação na voz de Taryn. Eu me pergunto sobre o que eles conversaram antes de eu voltar. Eu me pergunto se ele a persuadiu a voltar às aulas e, se sim, como conseguiu isso.

— Até amanhã — diz ele para nós com uma piscadela.

Eu o vejo se afastar, ainda afobada. Não ouso olhar para Taryn, com medo de que ela veja tudo na minha cara, os eventos do dia inteiro, o quase beijo. Não estou pronta para conversar, então agora sou eu que a evito. Subo os degraus com o máximo de indiferença possível e vou para o meu quarto me trocar para o jantar.



Esqueci que pedi a Madoc para me ensinar mais sobre luta de espada e estratégia, mas depois do jantar ele me entrega uma pilha de livros de história militar de sua biblioteca pessoal.

— Quando tiver acabado de ler estes aqui, nós conversamos — informa ele. — Vou criar uma série de desafios, e você vai me dizer como pode superá-los com os recursos que eu der.

Acho que ele espera que eu proteste e insista no uso mais prático da espada, mas estou cansada demais para pensar nisso.

Caio na cama uma hora depois, sem nem tirar o vestido azul de seda que estou usando. Meu cabelo ainda está desarrumado, embora eu tenha tentado melhorar com alguns grampos. Eu devia pelo menos tirá-los, digo a mim mesma, mas não consigo fazer movimento nenhum.

Minha porta se abre, e Taryn entra e se senta na minha cama.

— Tudo bem — diz ela, me cutucando na lateral. — O que Locke queria? Ele disse que precisava falar com você.

— Ele é legal — digo, rolando para o lado e cruzando os braços embaixo da cabeça, olhando para as dobras de tecido emboladas em cima de mim. — Não é marionete de Cardan como o restante deles.

Taryn está com uma expressão estranha, como se quisesse me contradizer, mas estivesse se segurando.

— Sei. Desembuche.

— Sobre Locke? — pergunto.

Ela revira os olhos.

— Sobre o que aconteceu com ele e os amigos dele.

— Eles nunca vão me respeitar se eu não reagir — insisto.

Taryn suspira.

— Nunca vão respeitar você, ponto.

Penso em quando engatinhei na grama, os joelhos sujos, o sabor da fruta na boca. Mesmo agora consigo sentir o eco do sabor, o vazio que ele preencheria, a alegria eufórica e delirante que promete.

Taryn continua:

— Você chegou em casa praticamente nua ontem, suja de fruta de fada. Isso já não é ruim o suficiente? Você não se importa? — Ela encosta o corpo todo em uma das colunas da minha cama.

— Estou cansada de me importar — respondo. — Por que deveria?

— Porque eles podem matar você!

— É melhor que matem — provoco. — Porque qualquer coisa menor do que isso não vai dar certo.

— Você tem algum plano para impedi-los? — pergunta ela. — Você disse que desafiaria Cardan sendo a incrível você mesma e que, se ele tentasse derrubar você, então o levaria junto. Como pretende fazer isso?

— Não sei exatamente — admito.

Ela levanta as mãos de frustração.

— Não, olha — recomeço. — Cada dia que eu passo sem suplicar pelo perdão de Cardan por causa de uma briga iniciada por ele, é um dia de vitória para mim. Ele pode me humilhar, mas toda vez que faz isso e eu não recuo, ele

se torna menos poderoso. Afinal, ele está jogando com tudo contra uma pessoa fraca como eu, e nem assim está dando certo. Ele vai se derrubar sozinho.

Taryn suspira e se aproxima de mim, coloca a cabeça no meu peito e me abraça. Então sussurra junto ao meu ombro:

— Ele é uma faísca e você é altamente inflamável.

Eu a abraço mais apertado e não faço promessas.

Ficamos assim por um bom tempo.

— Locke ameaçou você? — pergunta baixinho. — Foi tão estranho ele vir aqui te procurar, e você estava com uma expressão tão esquisita quando entrei no estábulo.

— Não, não foi nada de ruim — digo a ela. — Não sei exatamente por que ele veio aqui, mas ele beijou minha mão. Foi legal, como nos livros de histórias.

— Não acontecem coisas lindas nos livros de histórias — diz Taryn. — Ou, quando acontecem, alguma coisa ruim acontece logo em seguida. Porque senão a história seria chata e ninguém a leria.

É minha vez de suspirar.

— Sei que é burrice fazer bom juízo de um dos amigos de Cardan, mas ele realmente me ajudou. Ele enfrentou Cardan. Mas eu prefiro falar de você. Tem alguém, não tem? Quando disse que ia se apaixonar, você estava falando de uma pessoa específica.

Não é como se eu fosse ser o primeiro a rolar na grama com ela.

— Tem um garoto — confirma Taryn lentamente. — Ele vai se declarar na coroação do príncipe Dain. Vai pedir minha mão para Madoc, e aí tudo vai mudar para mim.

Penso nela chorando ao lado de Cardan. Penso na raiva que ela sentiu por eu estar brigando com ele. Ao me lembrar disso, um medo gelado e terrível surge dentro de mim.

— *Quem?* — pergunto.

Por favor, que não seja Cardan. Qualquer um, menos Cardan.

— Eu prometi não contar a ninguém — diz ela. — Nem para você.

— Nossas promessas não importam — respondo, pensando no geas do príncipe Dain, que ainda congela minha língua, pensando no quanto poucos

deles confiam na gente. — Ninguém espera honra alguma da nossa parte. Todo mundo sabe que nós mentimos.

Ela me olha com severidade e reprovação.

— É uma proibição feérica. Se eu a quebrar, ele vai saber. Preciso provar a ele que consigo viver como feérica.

— Certo — respondo devagar.

— Fique feliz por mim — diz ela, e me sinto arrasada. Taryn encontrou seu lugar no Reino das Fadas, e parece que encontrei o meu. Mas não consigo evitar a preocupação.

— Só me conte uma coisa qualquer a respeito dele. Diga-me que ele é gentil. Diga que você o ama e que ele prometeu ser bom para você. Diga.

— Ele é feérico — esclarece ela. — Eles não amam como nós. E acho que você gostaria dele. Pronto, já é alguma coisa.

Não parece ser Cardan, a quem eu desprezo. Mas também não sei se acho a resposta tranquilizadora.

O que ela quer dizer com "eu gostaria dele"? Quer dizer que não nos conhecemos? O que ela quer dizer quando fala que ele não ama como nós amamos?

— Eu *estou* feliz por você. De verdade — confirmo, embora esteja mais preocupada do que qualquer outra coisa. — Isso é empolgante. Quando a costureira de Oriana vier, você vai ter que pedir um vestido muito lindo.

Taryn relaxa.

— Eu só quero que tudo melhore. Para nós duas.

Estico a mão para a mesa de cabeceira e pego o livro que roubei da Mansão.

— Lembra desse? — pergunto, mostrando *Alice no País das Maravilhas*. Quando o faço, um pedaço de papel escorrega e cai no chão.

— Nós líamos esse livro quando éramos pequenas — diz ela, pegando o volume. — Onde você conseguiu?

— Encontrei por aí — digo, sem poder explicar de qual estante veio nem por que fui até a mansão. Para testar o geas, tento dizer as palavras: *espionando para o príncipe Dain*. Minha boca não se mexe. Minha língua fica parada. Uma onda de pânico toma conta de mim, mas seguro as pontas. É um preço baixo em comparação ao que ele me proporcionou.

Taryn não insiste. Está ocupada demais folheando o livro e lendo trechos em voz alta. Embora eu não consiga me lembrar direito da cadência da voz de minha mãe, acho que ouço um eco dela na voz de Taryn.

— *"Veja bem, é preciso correr* muito *para ficar no mesmo lugar"* — lê ela. — *"Se você quer chegar a outro lugar, corra duas vezes mais!"*

Estico a mão discretamente e enfio o papel caído embaixo do meu travesseiro. Planejo desdobrá-lo quando Taryn voltar para o próprio quarto, mas acabo adormecendo bem antes de a história acabar.



Acordo de manhã bem cedo, ávida para fazer xixi. Vou até meu banheiro, levanto a saia e faço o que tenho que fazer na bacia de cobre deixada lá para isso, a vergonha esquentando meu rosto embora eu esteja sozinha. Esse é um dos aspectos mais humilhantes da vida humana. Sei que feéricos não são deuses — talvez eu saiba disso melhor do que qualquer outro mortal vivo —, mas também nunca vi um deles de cócoras em cima de uma comadre.

De volta à cama, abro a cortina e deixo a luz do sol entrar, mais forte do que qualquer lampião. Pego o papel dobrado atrás do travesseiro.

Quando o estico, vejo a caligrafia furiosa e arrogante de Cardan por toda a página, ocupando todo o espaço disponível. Em alguns pontos, ele apertou a ponta da caneta com tanta força que o papel rasgou.

Jude, diz o texto, cada execução odiosa do meu nome como um soco na barriga.

Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude

Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude
JudeJude Jude Jude Jude Jude Jude
Jude Jude Jude Jude Jude Jude Jude

CAPÍTULO
15

A costureira chega cedo na tarde seguinte, uma fada de dedos longos chamada Brambleweft. Seus pés são virados para trás, o que deixa seu gingado um tanto esquisito. Os olhos são como os de um bode, marrons e com uma linha horizontal preta bem no meio. Ela está usando um de seus trabalhos, um vestido com fileiras de espinhos bordadas, criando uma estampa listrada ao longo do comprimento.

Ela trouxe vários rolos de tecido. Alguns são dourados e rígidos, um deles muda de cor como as asas iridescentes de um besouro. Além disso, ela nos diz, tem uma seda de aranha tão delicada que passaria pelo buraco de uma agulha três vezes, e ainda assim continuaria forte o suficiente para precisar ser cortado com tesouras de prata enfeitiçadas para nunca perderem o fio. O tecido roxo entremeado de dourado e prateado é tão luminoso que parece o luar se espalhando sobre as almofadas.

Todos os tecidos estão abertos no sofá da sala de Oriana para avaliarmos. Até Vivi é atraída a passar os dedos pelo tecido, um sorriso distante no rosto. Não tem nada assim no mundo mortal, e ela sabe disso.

A criada atual de Oriana, uma criatura peluda e envelhecida chamada Toadfloss, traz chá e bolinhos, carne e geleia, tudo empilhado em uma bandeja de prata enorme. Eu me sirvo de chá e bebo sem creme, torcendo para sossegar meu estômago. O terror dos últimos dias tem me assombrado horrores, me enchendo de calafrios súbitos. A lembrança da fruta feérica fica surgindo espontaneamente na minha língua, junto com os lábios rachados dos servos no

palácio de Balekin e com o som do couro atingindo as costas expostas do príncipe Cardan.

E também com meu próprio nome, escrito repetidas vezes. Eu achava que sabia quanto Cardan me odiava, mas ao olhar para aquele papel, eu me dei conta de que não fazia ideia. E ele me odiaria ainda mais se soubesse que o vi de joelhos, sendo surrado por um servo humano. Uma mortal, para acrescentar uma dose a mais de humilhação, uma dose a mais de raiva.

— Jude? — chama Oriana, e percebo que eu estava olhando pela janela, para a luz desbotada do entardecer.

— Sim? — Abro um sorriso largo e falso.

Taryn e Vivienne começam a rir.

— Em quem você está pensando com essa expressão sonhadora? — pergunta Oriana, o que faz Vivi rir de novo. Taryn não ri porque deve achar que sou uma idiota.

Balanço a cabeça, torcendo para não ter ficado com o rosto vermelho.

— Não, não era nada disso. Eu só… não sei. Não importa. De que estávamos falando?

— A costureira quer medir você primeiro — diz Oriana. — Já que é a mais nova.

Olho para Bramble weft, que está segurando uma fita. Subo na caixa que ela colocou no chão e estico os braços. Serei uma boa filha hoje. Vou escolher um vestido bonito. Vou dançar na coroação do príncipe Dain até meus pés sangrarem.

— Não faça cara feia — repreende a costureira. Antes que eu possa gaguejar um pedido de desculpas, ela continua, a voz baixa. — Mandaram que eu fizesse este vestido com bolsos capazes de esconder armas e venenos e outras coisas que você talvez precise. Vamos cuidar para que isso seja feito sem deixar de exibir o seu melhor.

Quase caio da caixa de tão surpresa que fico.

— Que maravilha — sussurro, sabendo que não devo agradecer. Feéricos não acreditam em gratidão em poucas palavras. Acreditam em dívidas e barganhas, e a pessoa com quem tenho a maior dívida não está presente. É o príncipe Dain que espera ser recompensado.

Ela sorri com os alfinetes na boca, e eu sorrio de volta. Vou recompensar Dain, embora minha dívida pareça grande demais agora. Farei com que ele sinta orgulho de mim. E farei com que todas as outras pessoas se arrependam muitíssimo.

Quando levanto o rosto, Vivi está me observando com desconfiança. Taryn é a próxima a ser medida. Quando ela sobe na caixa, vou atrás de mais chá. Em seguida, como três bolinhos açucarados e uma tira de presunto.

— Aonde você foi naquele dia? — pergunta Vivi, quando engulo a carne como se fosse uma ave de rapina; acordei faminta.

Penso na forma como fugi de nossa conversa quando estava a caminho da Mansão Hollow. Não posso negar isso, não sem explicar mais sobre minha saída do que minha língua enfeitiçada permitiria, claro. Dou de ombros em um gesto displicente.

— Eu fiz um dos filhos dos nobres descrever o que aconteceu com você na aula — diz Vivi. — Você poderia ter morrido. O único motivo para estar viva é que eles não queriam que a brincadeira acabasse.

— Eles são assim — lembro a ela. — E as coisas são assim. Você quer que o mundo seja diferente do que é? Porque é esse mundo que nós temos, Vivi.

— Não é o único mundo — diz ela baixinho.

— É o *meu* mundo — replico, o coração disparado. Eu me levanto antes que ela possa me contestar. Mas minhas mãos estão tremendo, e as palmas estão suadas quando vou mexer nos tecidos.

Desde que voltei para casa cambaleando de lingerie, tenho tentado não pensar a respeito do que aconteceu. Tenho medo de não conseguir suportar se começar a pensar. Tenho medo de a emoção agir como uma onda, me arrastando.

Não é a primeira coisa horrível que tolero e empurro para o fundinho do cérebro. É assim que eu aguento, e se há outro jeito melhor, desconheço.

Concentro minha atenção no tecido até conseguir respirar direito novamente, até o pânico passar. Tem um veludo azul-esverdeado que me lembra o lago no crepúsculo. Encontro um tecido lindo e fantástico, bordado com mariposas, borboletas, samambaias e flores. Eu o levanto, e embaixo dele vejo o rolo de um tecido maravilhoso, cinza-neblina, que ondula como

fumaça. São tão bonitos. O tipo de tecido que as princesas dos contos de fadas usam.

Claro que Taryn está certa sobre as histórias. Coisas ruins acontecem com as princesas. Elas são furadas por espinhos, envenenadas por maçãs, se casam com os próprios pais. Têm as mãos cortadas e os irmãos transformados em cisnes, os amantes esquartejados e plantados em vasos de manjericão. Vomitam diamantes. Quando andam, sentem como se estivessem sobre facas.

Mas elas ainda conseguem ficar bonitas.

— Quero aquele — diz Taryn, apontando para o rolo de tecido que estou segurando, o bordado. A costureira já terminou de tirar suas medidas. Agora Vivi está em cima da caixa, esticando os braços e me olhando daquele jeito irritante dela, como se decifrasse meus pensamentos.

— Sua irmã encontrou primeiro — diz Oriana.

— Por favoooor — implora Taryn, inclinando a cabeça e olhando para mim através dos cílios. Ela está brincando, mas ao mesmo tempo não está. Taryn precisa ficar bonita para o tal garoto que supostamente vai se declarar na coroação. Ela não vê sentido na minha vontade de me embelezar — eu, com meus ressentimentos e desafetos.

Com um meio sorriso, coloco o rolo no lugar.

— Claro. Todo seu.

Taryn me dá um beijo na bochecha. Acho que voltamos ao normal. Se ao menos tudo na minha vida se resolvesse com tanta facilidade assim.

Escolho um tecido diferente, o veludo azul-marinho. Vivienne escolhe um violeta que parece cinza-prateado quando ela o vira na mão. Oriana escolhe um rosa-claro para ela e um verde-grilo para Oak. Brambleweft começa a desenhar: saias esvoaçantes e capas elegantes, corpetes bordados com criaturas de fantasia. Borboletas bordadas nas mangas e enfeites de cabeça elaborados. Fico encantada com a visão estranha de mim mesma: meu corpete vai ter dois besouros dourados bordados no que parece um peitoral, com o brasão de lua de Madoc e espirais elaboradas de fio cintilante descendo pela frente, além de mangas longas transparentes em tom dourado.

Vai ficar bem nítido a qual Casa pertenço.

Ainda estamos fazendo pequenas ajustes quando Oak entra correndo, perseguido por Gnarbone. Oak me vê primeiro e sobe no meu colo, passa os

braços pelo meu pescoço e me morde embaixo do ombro.

— Ai! — reclamo, surpresa, mas ele só ri. Também me faz rir. Ele é um garoto meio esquisito, talvez por ser feérico ou talvez porque todas as crianças, humanas ou não, sejam igualmente esquisitas. — Você quer que eu conte uma história sobre um garotinho que mordeu uma pedra e perdeu todos os dentinhos brancos? — pergunto no que espero ser um tom de ameaça, enfiando os dedos nas axilas dele para fazer cócegas.

— Quero — ele responde imediatamente, entre risadinhas e gritinhos arquejantes.

Oriana anda até nós, o rosto perturbado.

— É muita gentileza sua, mas temos que começar a nos vestir para o jantar. — Ela o tira do meu colo. Oak começa a gritar e a chutar. Um dos chutes acerta minha barriga com força para machucar, mas não digo nada.

— História! — grita ele. — Eu quero a história!

— Jude está ocupada agora — diz ela, carregando o corpinho agitado em direção à porta, onde Gnarbone está esperando para levá-lo de volta ao quarto de brinquedos.

— Por que você nunca confia em mim para ficar com ele? — grito, e Oriana se vira, impressionada por eu ter dito algo sobre o qual nunca comentamos. Estou assustada também, mas não consigo parar. — Eu não sou um monstro! Nunca fiz nada contra nenhum de vocês.

— Eu quero a história — choraminga Oak, parecendo confuso.

— Já chega — repreende Oriana com severidade, como se todos estivéssemos discutindo. — Vamos conversar sobre isso mais tarde com seu pai.

E, assim, ela sai da sala.

— Não sei de qual pai você está falando, porque ele não é o meu — retruco.

Taryn arregala os olhos até ficarem do tamanho de pires. Vivienne está com um sorrisinho nos lábios. Ela toma um golinho de chá e levanta a xícara na minha direção em um cumprimento. A costureira está se fingindo alheia a tudo, nos deixando ter nosso momento particular.

Não consigo me readaptar ao formato da filha obediente.

Estou me desfazendo. Estou me desmontando.



No dia seguinte, na escola, Taryn caminha ao meu lado, balançando a cesta com o almoço. Mantenho a cabeça erguida e o maxilar firme. Estou com minha faca de ferro frio enfiada em um dos bolsos da saia, e carrego mais sal do que precisaria racionalmente. Estou até com um novo colar de sorvas, costurado por Tatterfell e sendo usado porque ela não teria como saber que não preciso mais dele.

Paro no jardim do palácio para coletar mais algumas coisas.

— Você tem permissão para colher isto aí? — pergunta Taryn, mas não respondo.

À tarde, vamos a uma aula na torre alta, onde aprendemos sobre os cantos dos pássaros. Toda vez que sinto que minha coragem vai vacilar, passo os dedos no metal frio da lâmina.

Locke olha para mim e, quando chama minha atenção, pisca.

Do outro lado da sala, Cardan faz uma expressão de desprezo para o professor, mas não diz nada. Quando vai pegar um pote de tinta na bolsa, eu o flagro fazendo uma careta. Penso em como suas costas devem estar doendo, em como deve ser incômodo se mexer. Mas a leve rigidez quando ele faz cara de desprezo parece ser a única diferença em seu comportamento.

Cardan parece bem treinado em esconder a dor.

Penso no papel que encontrei, na força da caneta, suficiente para espalhar respingos de tinta enquanto escrevia meu nome. Força suficiente para perfurar o papel, talvez até para marcar a mesa embaixo.

Se foi isso que fez com o papel, estremeço só de pensar no que ele deseja fazer comigo.



Depois da aula, fico treinando com Madoc. Ele me mostra um bloqueio inteligente, e eu repito o gesto sem parar, cada vez melhor e mais depressa, fazendo com que até ele se surpreenda. Quando entramos, cobertos de suor,

passo por Oak, que está correndo para algum lugar, arrastando minha cobra de pelúcia como uma corda suja. Ele obviamente roubou a cobra do meu quarto.

— Oak! — grito para ele, mas o moleque já subiu pelas escadas e sumiu.

Tomo um banho e, sozinha no quarto, desfaço a bolsa da escola. No fundo, embrulhado em um pedaço de papel, tem uma fruta de fada comida por minhocas, que peguei no caminho de casa. Eu a coloco em uma bandeja e calço luvas de couro. Em seguida, pego a faca e a corto em pedaços. São fatias finas de fruta dourada já molenga.

Andei pesquisando sobre venenos feéricos em livros poeirentos escritos à mão na biblioteca de Madoc. Li sobre o cogumelo amanita, um fungo que explode em gotinhas de um líquido vermelho desconfortavelmente semelhante a sangue. Pequenas doses provocam paralisia, enquanto doses grandes são fatais, até para os feéricos. Tem também o docemorte, que provoca sono com duração de cem anos. E a baga-fantasma, que faz seu sangue disparar pelas veias até seu coração estancar de vez. E a fruta de fada, claro, que um livro chamou de maçã-eterna.

Pego um frasco de licor de pinha, roubado da cozinha, denso e grosso como seiva. Jogo a fruta dentro para mantê-la fresca.

Minhas mãos estão tremendo.

O último pedaço eu coloco na língua. A sensação vem com tudo, e aperto os dentes. Em meio ao meu torpor, pego as outras coisas. Uma folha de baga-fantasma do jardim do palácio. Uma pétala de uma flor de docemorte. Uma gotinha do sumo de um cogumelo amanita. Vou pegando um bocadinho de cada e engulo.

O nome é mitridatismo. Não é um nome engraçado? O processo de consumir veneno para aumentar a imunidade. Contanto que eu não morra disso, vai ser bem mais difícil me matar.



Não desço para jantar. Estou ocupada demais vomitando, ocupada demais tremendo e suando.



Eu adormeço no banheiro da minha suíte, caída no chão. É lá que Fantasma me encontra. Acordo com ele cutucando minha barriga com a ponta da bota. Apenas o estado grogue me impede de gritar.

— Levante, Jude — diz Fantasma. — Barata quer que você treine hoje.

Eu me levanto, exausta demais para desobedecer. Do lado de fora, na grama molhada de orvalho, com os primeiros raios de sol surgindo na ilha, Fantasma me mostra como subir silenciosamente em árvores. Como botar o pé no chão sem quebrar um galho, nem fazer barulho pisando numa folha seca. Eu achava que tinha aprendido tudo isso nas aulas do palácio, mas ele me mostra erros que meus professores não se deram ao trabalho de corrigir. Repito tudo várias vezes. Na maior parte das vezes, fracasso.

— Bom — diz ele quando meus músculos já estão tremendo. Ele falou tão pouco até então que sua voz me dá um susto. Fantasma poderia passar por humano com mais facilidade que Vivi, com as orelhas apenas levemente pontudas, o cabelo claro e os olhos castanhos. Mas ele me parece inalcançável, mais calmo e mais frio do que ela. O sol está quase alto. As folhas estão ficando douradas. — Continue treinando. Pegue suas irmãs de surpresa. — Quando sorri, com o cabelo claro caindo no rosto, ele parece mais jovem do que eu, mas tenho certeza de que não é.

E, quando vai embora, o faz de tal modo que parece desaparecer. Volto para casa e aplico o que acabei de aprender para passar pelos servos na escada. Chego ao quarto, e desta vez, quando desabo, consigo fazê-lo na cama.

Acordo no dia seguinte e faço tudo de novo.

CAPÍTULO
16

Ir às aulas é mais difícil do que nunca. Primeiro porque estou passando mal, meu corpo lutando contra os efeitos da fruta e dos venenos que andei engolindo. Além disso, estou exausta por ter treinado com Madoc e com a Corte das Sombras de Dain. Madoc me dá charadas — doze cavaleiros goblins têm que invadir uma fortaleza, com nove nobres destreinados para defendê-la — e pede minhas respostas toda noite depois do jantar. Barata me manda praticar minha circulação por multidões de cortesãos sem ser notada, ouvir conversas sem parecer interessada. Bomba me ensina a encontrar o ponto fraco de uma construção, o ponto de pressão de um corpo. Fantasma me ensina a me pendurar em vigas e não ser vista, a preparar um disparo com uma besta, a firmar minhas mãos trêmulas.

Sou enviada em mais duas missões para conseguir informações. Primeiro, roubo uma carta da mesa de um cavaleiro no palácio endereçada a Elowyn. Na segunda vez, uso roupas de uma noiva-fada e percorro uma festa até os aposentos particulares da linda Taracand, uma das consortes do príncipe Balekin, onde roubo um anel de uma mesa. Em nenhum dos dois casos tenho permissão para tomar conhecimento da importância do que roubei.

Frequento aulas ao lado de Cardan, Nicasia, Valerian e todos os filhos de nobres que riram da minha humilhação. Não dou a eles a satisfação do meu afastamento, mas desde o incidente com a fruta feérica, as escaramuças cessaram. Estou alerta. Só posso supor que estão fazendo o mesmo. Não sou tola de pensar que está tudo resolvido.

Locke continua seu flerte. Ele se senta com Taryn e comigo quando almoçamos no cobertor aberto, vendo o sol se pôr. Às vezes me acompanha até em casa pelo bosque, parando para me beijar perto de um aglomerado de abetos pouco antes da propriedade de Madoc. Só espero que ele não sinta o amargor do veneno nos meus lábios.

Não entendo muito bem por que ele gosta de mim, mas é empolgante receber afeição.

Taryn não parece entender também. Ela olha para Locke com desconfiança. Talvez, como tenho me mostrado preocupada com seu amor misterioso, seja adequado ela parecer igualmente preocupada com o meu.

— Está se divertindo? — Ouvi Nicasia perguntar certa vez a Locke quando ele se juntou ao grupo para uma aula. — Cardan não vai perdoar você pelo que anda fazendo com ela.

Faço uma pausa, incapaz de passar sem tentar ouvir a resposta.

Mas Locke só ri.

— Ele está com mais raiva por você ter me escolhido em vez de escolhê-lo, ou por eu ter escolhido uma mortal em vez de você?

Levo um susto, sem saber se ouvi direito.

Ela está prestes a responder quando me vê. Sorri sarcasticamente.

— Ratinha — diz ela. — Não acredite na língua doce dele.

Barata daria um chilique se visse como disfarcei mal. Não fiz nada do que ele me ensinou; nem me escondi, nem me misturei à multidão para não ser notada. Pelo menos ninguém desconfiaria dos meus novos conhecimentos sobre espionagem.

— E Cardan perdoou *você*? — pergunto a ela, satisfeita por sua expressão abalada. — Que pena. Eu soube que o favoritismo de um príncipe é coisa importante.

— Que necessidade tenho eu de príncipes? — pergunta ela. — Minha mãe é rainha!

Tem tanta coisa que eu poderia dizer sobre a mãe dela, a rainha Orlagh, que está planejando um envenenamento, mas mordo a língua. Na verdade, mordo com tanta força que acabo não dizendo nada. Simplesmente vou andando até onde Taryn está sentada, um sorrisinho satisfeito no rosto.



Mais algumas semanas se passam, até faltarem apenas dias para a coroação. Estou tão cansada que adormeço toda vez que encosto a cabeça em algum lugar.

Chego até mesmo a dormir na torre durante uma demonstração de invocação de mariposas. O sussurro das asas me embala, acho. Não preciso de muito.

Acordo no piso de pedra. Minha cabeça está ecoando, e estou procurando a faca. Não sei onde estou. Por um momento, acho que devo ter caído. Por um momento, acho que estou paranoica. Mas vejo Valerian sorrindo acima de mim. Ele me empurrou da cadeira. Sei só de olhar sua expressão.

Eu ainda não estou paranoica o suficiente.

Vozes soam lá fora, o restante de nossos colegas comendo ao longo do gramado conforme a noite vai caindo. Ouço os gritos das crianças menores, provavelmente brincando de pega-pega por cima dos cobertores.

— Onde Taryn está? — pergunto, porque é meio atípico da parte dela não me acordar.

— Ela prometeu não ajudar você, lembra? — O cabelo dourado de Valerian cai sobre um dos olhos. Como sempre, ele está todo vestido de vermelho, um tom tão escuro que pode parecer preto ao primeiro olhar. — Nem com palavras e nem com gestos.

Claro. Que burrice a minha esquecer que eu estava sozinha.

Eu me levanto e reparo em um hematoma na minha panturrilha. Não sei bem por quanto tempo dormi. Espano a túnica e a calça.

— O que você quer?

— Estou decepcionado — diz ele com malícia. — Você se gabou de que superaria Cardan, mas não fez nada. E ainda ficou emburrada depois de uma brincadeirinha.

Minha mão desliza automaticamente para o cabo da faca.

Valerian tira meu colar de sorveira do bolso e dá um sorrisinho. Ele deve ter cortado do meu pescoço enquanto eu estava dormindo. Estremeço só de pensar que ele chegou tão perto de mim, e que em vez de cortar o colar poderia ter cortado minha pele.

— Agora, você vai fazer o que eu mandar. — Consigo praticamente sentir cheiro de feitiço no ar. Ele está tecendo a magia nas palavras. — Procure Cardan. Diga que ele venceu. E salte da torre. Afinal, nascer mortal equivale a já ter nascido morta.

A violência do que ele diz, a finalidade horrível da ordem, é chocante. Alguns meses antes, eu teria obedecido. Teria dito as palavras, teria saltado. Se não tivesse barganhado com Dain, eu estaria morta.

Valerian devia estar planejando meu assassinato desde o dia em que me sufocou. Eu me lembro da luz em seus olhos, da ansiedade com a qual ele me observava sufocar. Taryn me avisou que eu ia acabar morrendo, e eu me gabei de que estava pronta, mas não estou.

— Acho que vou de escada — respondo para Valerian, torcendo para não soar tão abalada quanto estou. E então, agindo como se tudo estivesse normal, sigo para passar por ele.

Por um momento, Valerian só parece confuso, mas a confusão se transforma em fúria rapidamente. Ele bloqueia minha fuga e para na frente dos degraus.

— Eu dei uma ordem. Por que não me obedece?

Eu o encaro e forço um sorriso.

— Você teve vantagem sobre mim duas vezes, e nas duas vezes abriu mão dela. Boa sorte para conseguir essa vantagem de novo.

Ele está balbuciando, furioso.

— Você não é nada. A espécie humana finge ser tão resiliente. As vidas mortais são uma longa brincadeira de faz de conta. Se vocês não pudessem mentir para si mesmos, cortariam a própria garganta para acabar com sua infelicidade.

Fico abalada com a palavra *espécie*, com a ideia de ele achar que sou uma coisa totalmente diferente, como uma formiga, um cachorro ou um cervo. Não sei se ele está errado, mas não gosto disso.

— Não me sinto particularmente infeliz no momento. — Não posso demonstrar que estou com medo.

Ele sorri com ironia.

— Que felicidade vocês têm? Cio e reprodução. Você ficaria maluca se aceitasse a verdade do que é. Você não é nada. Você mal existe. Seu único

propósito é procriar mais seres da sua espécie antes de sofrer uma morte sem sentido e agonizante.

Eu o encaro.

— E?

Ele parece surpreso, embora a expressão de desprezo nunca desapareça.

— Tá, tá, tudo bem. Eu vou morrer. E sou uma grande mentirosa. E daí?

Ele me empurra com força contra a parede.

— E daí *você perde*. Admita que perdeu.

Eu tento me soltar, mas Valerian segura meu pescoço e aperta com força suficiente para cortar o fluxo de ar.

— Eu poderia matar você agora — diz ele. — E você seria esquecida. Seria como se nunca tivesse nascido.

Não tenho dúvida de que ele pretende ir até o fim, dúvida nenhuma. Ofegante, saco a faquinha do bolso e enfio na lateral do corpo dele. Bem entre as costelas. Se minha faca fosse mais comprida, eu teria perfurado o pulmão.

Valerian arregala os olhos em choque. O aperto afrouxa. Sei o que Madoc diria: para empurrar a lâmina mais para o alto. Acertar uma artéria. Acertar o coração. Mas se eu o fizesse, assassinaria um dos filhos adorados do Reino das Fadas. Não consigo nem imaginar minha punição.

Você não é assassina.

Paro e retiro a faca da pele dele, então saio correndo da sala. Enfio a lâmina ensanguentada no bolso. Minhas botas estalam no piso de pedra quando corro rumo à escadaria.

Quando olho para trás, eu o vejo de joelhos, apertando a lateral do corpo para estancar o sangue. Valerian solta um sibilar de dor que me faz lembrar que minha faca é de ferro frio. Ferro frio machuca os feéricos para caramba.

Eu não poderia estar mais feliz por estar carregando a faca.

Dobro a esquina e quase me choco com Taryn.

— Jude! — exclama ela. — O que aconteceu?

— Venha — chamo, arrastando-a em direção aos outros alunos. Tem sangue nos nós dos meus dedos, mas não muito. Limpo a mão na túnica.

— O que ele fez com você? — grita Taryn enquanto a arrasto comigo.

Digo para mim mesma que não me importo por ela ter me abandonado. Não era função dela se meter, principalmente depois de ter deixado bem claro

que não queria fazer parte da briga. Mas tem um pedacinho traiçoeiro de mim que está irritado e triste por ela não ter me acordado com um chute, danem-se as consequências? Claro. Só que nem eu imaginei até onde Valerian seria capaz de ir, e nem a rapidez com que chegaria lá.

Estamos atravessando o gramado quando Cardan vem em nossa direção. Ele está usando roupas frouxas e carregando uma espada de treino.

O príncipe semicerra os olhos para o sangue e aponta a vara de madeira para mim.

— Acho que você se cortou. — Pergunto-me se ele está surpreso por eu estar viva. Fico imaginando se ele estava olhando para a torre durante a refeição, esperando o espetáculo divertido de me ver saltando para a morte.

Tiro a faca de debaixo da túnica e mostro para ele, um pouco manchada de vermelho.

— Posso cortar você também.

— Jude! — exclama Taryn. Ela está chocada pelo meu comportamento. E deveria estar mesmo. Meu comportamento é chocante.

— Ah, *vá* embora — diz Cardan para ela, balançando a mão para dispensá-la. — Pare de nos entediar.

Taryn dá um passo para trás. Estou surpresa também. Isso é parte do jogo?

— Sua lâmina suja e seus hábitos ainda mais sujos significam alguma coisa? — As palavras soam leves, arrastadas. Cardan está me olhando como se eu estivesse sendo *grosseira* por apontar uma arma para ele, embora tenha sido o comparsa dele o responsável pela agressão. Duas vezes. Cardan está me olhando como se fôssemos compartilhar algum tipo de réplica espirituosa, mas não sei bem o que dizer.

Ele não está mesmo preocupado com o que posso ter feito a Valerian?

É possível que não saiba que Valerian me atacou?

Taryn vê Locke e dispara em sua direção, correndo pelo campo. Eles conversam por um momento e Taryn se afasta. Cardan nota que reparei. Então funga, como se meu cheiro o ofendesse.

Locke vem em nossa direção, todo membros relaxados e olhos brilhantes. Acena para mim. Por um momento, eu me sinto quase a salvo. Fico imensamente agradecida a Taryn por tê-lo enviado. Fico imensamente agradecida a Locke por ter vindo em meu socorro.

— Você acha que eu não o mereço — digo para Cardan.

Ele abre um sorriso lento, como a lua se enfiando sob as ondas do lago.

— Ah, não. Eu acho vocês perfeitos um para o outro.

Alguns instantes depois, Locke está com um braço em volta dos meus ombros e diz:

— Venha. Vamos sair daqui.

E, sem nem um olhar para trás, nós saímos.



Seguimos pela Floresta Torta, onde todas as árvores são inclinadas na mesma direção, como se sopradas por um vento forte desde que eram mudinhas. Paro para colher algumas amoras sob os caules espinhosos dos arbustos crescendo entre elas. Tenho que soprar formigas de cada uma antes de botá-las na boca.

Ofereço uma amora para Locke, mas ele recusa.

— Então, em resumo, Valerian tentou me matar — explico, concluindo minha história. — E eu o esfaqueei.

Seus olhos de raposa estão grudados em mim.

— Você *esfaqueou* Valerian.

— Então pode ser que eu esteja encrencada. — Respiro fundo.

Ele balança a cabeça.

— Valerian não vai contar a ninguém que foi subjugado por uma garota mortal.

— E Cardan? Não vai ficar decepcionado porque seu plano não deu certo? — Eu olho para o mar, visível entre os troncos das árvores. Parece se esticar eternamente no horizonte.

— Duvido de que ele soubesse — diz Locke, e sorri ante minha surpresa. — Ah, ele gostaria de fazer você acreditar que é nosso líder, mas é assim: Nicasia gosta de poder, eu gosto de drama e Valerian gosta de violência. Cardan pode nos fornecer os três, ou pelo menos nos fornecer pretextos para os três.

— Drama? — repito.

— Eu gosto que as coisas aconteçam, que histórias se desdobrem. E se não consigo encontrar alguma história boa o suficiente, eu invento uma. — Ele

parece um vigarista nesse momento. — Sei que você ouviu Nicasia falando sobre o que havia entre nós. Ela estava com Cardan, mas só ao trocá-lo por mim foi que conseguiu ganhar algum poder sobre ele.

Pondero por um momento e, enquanto isso, percebo que não estamos fazendo o caminho de sempre para a casa de Madoc. Locke está me levando para outro lugar.

— Aonde estamos indo?

— Para minha propriedade — diz ele com um sorriso, feliz de ter sido pego. — Não fica longe. Acho que você vai gostar do labirinto de cercas vivas.

Eu nunca fui a nenhuma propriedade deles além da Mansão Hollow. No mundo humano, sempre estávamos no jardim dos vizinhos, brincando, nadando e pulando, mas as regras aqui não são nada parecidas. A maioria das crianças na Corte do Grande Rei é da realeza, enviada de Cortes menores para obter influência com os príncipes e princesas, e por isso elas não têm tempo para outras coisas.

Claro que, no mundo mortal, existem lugares como quintais. Aqui há florestas e mares, pedras e labirintos, flores que ficam vermelhas só quando conseguem sangue fresco. Não gosto muito da ideia de me perder deliberadamente em um labirinto de cercas vivas, mas sorrio como não houvesse nada mais prazeroso. Não quero decepcioná-lo.

— Vai haver uma reunião mais tarde — continua Locke. — Você devia ficar. Prometo que será divertido.

Ao ouvir isso, sinto um aperto no estômago. Duvido que ele esteja dando uma festa sem os amigos.

— Isso parece burrice — comento para evitar uma recusa aberta ao convite.

— Seu pai não gosta que você fique fora até tarde? — Locke me olha com pena.

Sei que ele só está tentando fazer com que eu me sinta infantil, quando sabe perfeitamente bem por que eu não deveria ir, mas embora eu tenha consciência de sua manipulação, funciona perfeitamente.

A propriedade de Locke é mais modesta do que a de Madoc, e menos fortificada. Torres altas cobertas de telhas de casca de árvore se erguem entre as

árvores. A hera e a madressilva sinuosas que sobem pelas laterais deixam as estruturas verdes e folhosas.

— Uau — digo. Eu já havia passado por ali e visto as torres ao longe, mas jamais soube quem era o dono do local. — Lindo.

Ele me lança um sorriso breve.

— Vamos entrar.

Apesar de haver uma porta dupla enorme na frente, ele me leva até uma portinha lateral que dá diretamente na cozinha. Tem pão fresco na bancada, junto a maçãs, groselhas e um queijo macio, mas não vejo os criados que devem ter preparado isso.

Penso involuntariamente na garota limpando a lareira de Cardan, na Mansão Hollow. Fico pensando se sua família imagina seu paradeiro e que tipo de acordo ela fez. Fico pensando na facilidade com que eu poderia ter sido ela.

— Sua família está em casa? — pergunto, afastando o pensamento.

— Não tenho ninguém — responde ele. — Meu pai era selvagem demais para a Corte. Ele gostava das florestas escuras e primitivas bem mais do que das intrigas da minha mãe. Ele foi embora e ela morreu. Agora, só sobrou eu.

— Que horrível — lamento. — E solitário.

Ele descarta minhas palavras.

— Eu soube da história dos seus pais. Uma tragédia adequada a uma balada.

— Foi muito tempo atrás. — A última coisa sobre a qual quero falar é Madoc e o assassinato. — O que aconteceu com sua mãe?

Ele faz um gesto despretensioso.

— Ela se envolveu com o Grande Rei. Nesta corte, isso basta. Foi gerado um filho, filho *dele*, eu acho, e alguém não queria que nascesse. Foi cogumelo amanita. — Embora ele tenha começado o discurso com um tom leve, o desfecho foi bem mais pesado.

Cogumelo amanita. Penso na carta da rainha Orlagh que encontrei na casa de Balekin. Tento me convencer de que o bilhete não podia fazer referência ao envenenamento da mãe de Locke, que Balekin não tinha motivos para isso se Dain já era o herdeiro escolhido do Grande Rei. Porém, por mais que eu tente me convencer, não consigo parar de pensar na possibilidade pavorosa de haver um dedinho da mãe de Nicasia na morte da mãe de Locke.

— Eu não devia ter perguntado. Foi grosseria minha.

— Nós somos filhos de tragédias. — Ele balança a cabeça e sorri. — Não era assim que eu pretendia começar. Eu pretendia lhe oferecer vinho, frutas e queijo. Pretendia dizer que seu cabelo é lindo como fumaça em espiral, que seus olhos são da mesma cor de uma noz. Imaginei que poderia compor uma ode sobre isso, mas não sou muito bom com odes.

Dou uma gargalhada, e ele leva a mão ao peito, como se ferido por minha crueldade.

— Antes de mostrar o labirinto, quero mostrar outra coisa.

— O quê? — quero saber, curiosa.

Ele segura minha mão.

— Venha — diz, brincalhão, me guiando pela casa. Subimos por uma escada em espiral. Subimos e subimos e subimos.

Fico tonta. Não há portas nem patamares. Só pedra e degraus, e meu coração batendo muito alto. Só os sorrisos tortos dele e os olhos cor de âmbar. Tento não tropeçar ou escorregar na subida. Tento não desacelerar, por mais tonta que me sinta.

Penso em Valerian. *Salte da torre*.

Continuo subindo e sorvendo o ar em breves lufadas.

Você não é nada. Você mal existe.

Quando chegamos ao topo, há uma portinha — tem metade da nossa altura. Eu me encosto na parede, esperando o equilíbrio voltar, e vejo Locke virar a maçaneta prateada e elaborada. Ele se abaixa para entrar. Eu me preparo, me afasto da parede e vou atrás.

E então arquejo. Estamos em uma sacada no topo da torre mais alta, uma que fica acima da copa das árvores. De lá, iluminado pelas estrelas, vejo o labirinto abaixo e o castelinho no centro dele. Consigo ver as partes altas do Palácio de Elfhame e da propriedade de Madoc e da Mansão Hollow, de Balekin. Consigo ver o mar que envolve a ilha e, além, as luzes fortes de cidades humanas através da neblina sempre presente. Eu nunca olhei diretamente do nosso mundo para o deles.

Locke coloca a mão nas minhas costas, entre minhas omoplatas.

— À noite, o mundo humano parece cheio de estrelas cadentes.

Eu me jogo contra o toque, ignoro o horror da subida e tento não ficar muito perto da beirada.

— Você já foi lá?

Ele assente.

— Minha mãe me levou quando eu era criança. Disse que nosso mundo ficaria estagnado sem o seu.

Quero dizer para ele que não é o meu, que eu mal o compreendo, mas sei o que Locke está tentando dizer, e a correção faria parecer que não entendi. A atitude de sua mãe é gentil, bem mais gentil do que a maioria das visões do mundo mortal. Ela devia ser uma pessoa boa.

Ele se vira para mim e me beija, lentamente. Seus lábios são macios, e o hálito é tépido. Sinto-me tão distante do meu corpo quanto as luzes da cidade ao longe. Minha mão se apoia na amurada. Quando o braço dele envolve minha cintura, aperto a beirada com força para me agarrar ao que está acontecendo, para me convencer de que estou mesmo aqui e de que este momento, acima de tudo, é real.

Ele se afasta.

— Você é muito bonita — diz.

Nunca fiquei tão feliz como agora por saber que eles não conseguem mentir.

— Isso é incrível — comento, olhando para baixo. — Tudo parece tão pequeno, feito um tabuleiro de estratégia.

Ele ri como se eu não pudesse estar falando sério.

— Você passa muito tempo no escritório do seu pai?

— O suficiente — digo. — O suficiente para conhecer minhas chances contra Cardan. Contra Valerian e Nicasia. Contra você.

Ele segura minha mão.

— Cardan é um tolo. O restante de nós não importa. — O sorriso dele fica sem graça. — Mas talvez seja parte do seu plano; me convencer a levar você ao centro da minha fortaleza. Talvez você esteja prestes a revelar seu esquema do mal e a me fazer obedecer às suas vontades. Só para você saber, acho que essa última parte não vai ser muito difícil.

Dou uma gargalhada, apesar de tudo.

— Você não é como eles.

— Não sou?

Olho para Locke por um bom tempo.

— Não sei. Você vai me mandar saltar desta sacada?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Claro que não.

— Então você não é como eles — confirmo, cutucando-o com força no centro do peito. Minha mão se abre quase inconscientemente, permitindo que o calor dele penetre minha palma. Eu não tinha percebido quanto estava com frio por ficar parada no vento.

— Você não é como eles disseram que seria — diz ele, se inclinando na minha direção. E então me beija de novo.

Não quero pensar nas coisas que eles disseram, não agora. Quero a boca de Locke na minha, bloqueando tudo.

Demoramos muito tempo para descer. Minhas mãos estão no seu cabelo. Sua boca está no meu pescoço. Minhas costas estão coladas na parede antiga de pedra. Tudo é tão lento e perfeito, e não faz sentido nenhum. Esta não pode ser a minha vida. Não parece em nada com a minha vida.

Nós nos sentamos na mesa de banquete longa e vazia e comemos queijo e pão. Tomamos vinho verde com gosto de ervas em cálices enormes que Locke pegou no fundo de um armário. Estão tão cobertos de poeira que ele precisou lavá-los duas vezes antes de podermos usá-los.

Quando terminamos, ele me encosta na mesa, me ergue para que eu fique sentada no tampo e nossos corpos se grudam. É emocionante e apavorante, como tantas coisas no Reino das Fadas.

Não sei se beijo bem. Minha boca é desajeitada. Sou tímida. Quero puxá-lo e afastá-lo ao mesmo tempo. Feéricos não têm muitos tabus em relação ao pudor, mas eu tenho. Tenho medo de meu corpo mortal estar fedendo a suor, a decomposição, a medo. Não sei onde colocar as mãos, com que força apertar, até onde cravar as unhas nos ombros dele. E embora eu saiba o que vem depois do beijo, embora eu entenda o significado das mãos dele subindo pela minha panturrilha machucada até minha coxa, não faço ideia de como esconder minha inexperiência.

Ele recua para me olhar, e tento manter o pânico longe dos olhos.

— Fique esta noite — murmura.

Por um momento, acho que ele quer dizer com ele, tipo *com ele*, e meu coração acelera em uma combinação de desejo e medo. Mas logo me lembro de que vai haver uma festa, e é para isso que ele está me pedindo para ficar. Os servos invisíveis, onde quer que estejam, devem estar preparando o local. Em pouco tempo, Valerian, meu quase assassino, pode estar dançando no jardim.

Bom, talvez não *dançando*. Ele provavelmente vai ficar encostado rigidamente em alguma parede, uma bebida na mão, ataduras em volta das costelas e um novo plano para me matar. Isso se não forem novas *ordens* de Cardan para me matar.

— Seus amigos não vão gostar — falo, descendo da mesa.

— Eles vão ficar bêbados rápido demais para notar. Você não pode passar a vida trancada no quartel embelezado de Madoc. — Ele dá um sorriso que tem o objetivo claro de me encantar. Até que funciona. Penso na proposta de Dain de botar uma marca de amor na minha testa e me pergunto se Locke teria uma, porque, apesar de tudo, fico tentada.

— Não estou com a roupa adequada — lembro-o, indicando a túnica manchada com o sangue de Valerian.

Ele me olha da cabeça aos pés por mais tempo do que uma inspeção dos meus trajes pede.

— Consigo arrumar um vestido. Consigo arrumar qualquer coisa que você queira. Você me perguntou sobre Cardan, Valerian e Nicasia. Venha vê-los fora da escola, venha vê-los fazendo papel de tolos, bêbados e se rebaixando. Veja a vulnerabilidade deles, as rachaduras na armadura. Você tem que conhecê-los para vencê-los, certo? Não digo que vá passar a gostar deles, você não precisa gostar deles.

— Eu gosto de *você* — declaro. — Gosto de brincar de faz de conta com você.

— Faz de conta? — repete ele, como se não tivesse certeza se é um insulto.

— Claro — digo, indo até as janelas do salão e olhando para fora. O luar penetra na entrada folhosa do labirinto. Há tochas acesas ali perto, as chamas ardendo e tremulando ao vento. — Claro que estamos fingindo! Nós não podemos ficar juntos, mas é divertido mesmo assim.

Ele me lança um olhar avaliador e conspiratório.

— Então vamos continuar fazendo isso.

— Tudo bem — digo com impotência. — Eu fico. Estarei na sua festa. — Eu me diverti pouquíssimas vezes na vida até agora. É difícil recusar a promessa de mais diversão.

Ele me leva por vários aposentos até chegarmos a uma porta dupla. Por um momento, ele hesita e olha para mim. Em seguida, empurra a porta, e entramos em um quarto enorme. Uma camada densa e opressiva de poeira cobre tudo. Tem marcas de pegadas, dois pares. Ele já entrou ali antes, mas poucas vezes.

— Os vestidos no armário foram da minha mãe. Pegue o que quiser — diz, segurando minha mão.

Ao olhar para o quarto intocado no coração da casa, entendo a dor que o fez trancá-lo por tanto tempo. Fico feliz de ter sido convidada a entrar. Se eu tivesse um quarto cheio das coisas de minha mãe, não sei se deixaria alguém invadi-lo. Não sei nem se eu mesma teria coragem.

Ele abre um dos armários. Boa parte das roupas está comida de traças, mas consigo ver como costumavam ser. Uma saia com um desenho de romãs feito com miçangas, outra que é repuxada tal qual uma cortina e mostra um palco com marionetes mecânicas embaixo. Tem até uma bordada com a silhueta de faunos dançarinos do tamanho da saia. Eu admiro os vestidos de Oriana pela elegância e opulência, mas estes despertam em mim uma fome por algo turbulento. Estes me fazem desejar ter visto a mãe de Locke usando um deles. Estes me fazem pensar que ela devia gostar de rir.

— Acho que nunca vi um vestido assim — digo a ele. — Você quer mesmo que eu use um?

Ele passa a mão por uma manga.

— Acho que estão meio podres.

— Não — digo. — Gostei deles.

O que tem os faunos é o menos danificado. Tiro a poeira dele e o levo para trás de um biombo velho. Tenho dificuldade, porque é o tipo de roupa difícil de se vestir sem a ajuda de Tatterfell. Não tenho ideia de como prender meu cabelo de um jeito diferente, então deixo como está, trançado em formato de coroa em volta da cabeça. Quando limpo um espelho de prata com a mão e me vejo usando a roupa da fada morta, um tremor percorre meu corpo.

De repente, não sei por que estou aqui, neste lugar. Não sei bem quais são as intenções de Locke. Quando ele tenta botar as joias da mãe em mim, eu recuso.

— Vamos para o jardim — chamo. Não quero mais ficar naquele quarto vazio, mas cheio de eco.

Ele guarda o cordão de esmeraldas que estava segurando. Quando saímos, olho para o armário de roupas mofadas. Apesar do meu sentimento de inquietação, parte de mim não consegue deixar de imaginar como seria ser a dona daquele lugar. De imaginar o príncipe Dain com a coroa. De imaginar muita diversão à longa mesa na qual nos beijamos, meus colegas de escola todos bebendo o vinho verde e fingindo que nunca tentaram me matar. Locke segurando minha mão.

E eu, espionando-os todos para o rei.



O labirinto de cercas vivas é mais alto que um ogro e composto de folhas densas e brilhantes de um verde-escuro. Aparentemente, o círculo de Cardan se reúne ali com frequência. Consigo ouvi-los rindo no centro do labirinto enquanto o contorno com Locke, atrasado para a própria festa. O cheiro de licor de pinha está vivo no ar. A luz das tochas cria longas sombras e pinta tudo de vermelho. Meus passos desaceleram.

Enfio a mão no bolso do vestido emprestado e toco na faca, ainda suja com o sangue de Valerian. Quando o faço, também toco em outra coisa, algo que a mãe de Locke deve ter deixado lá dentro anos atrás. Puxo o objeto e vejo que é uma bolota dourada. Não parece uma joia, não tem corrente, e não consigo imaginar qual seria seu propósito para além da beleza em si. Eu a coloco de volta no bolso.

Locke segura minha mão conforme andamos pelas passagens do labirinto. Não me parecem muitas. Tento mapear o caminho para o caso de ter que sair sozinha. A simplicidade do local me deixa mais nervosa do que confiante. Não acredito que haja muitas coisas simples no Reino das Fadas. Em casa, o jantar deve estar terminando sem mim. Taryn deve estar fofocando com Vivi que fui

a algum lugar com Locke. Madoc talvez esteja de cara amarrada, espetando a carne, irritado por eu ter perdido suas lições.

Já encarei coisas piores.

No centro do labirinto, um flautista está tocando uma canção ritmada e agitada. Pétalas de rosas brancas voam pelo ar. Alguns feéricos estão reunidos, comendo e bebendo de uma mesa comprida que parece cheia de destilados variados: licores com raízes de mandrágora dentro, vinho de ameixa azeda, uma bebida límpida com infusão de cravo vermelho. E, além disso, frascos de nuncamais dourado.

Cardan está deitado em um cobertor, a cabeça inclinada para trás e a camisa branca e frouxa desabotoada. Embora ainda esteja cedo, ele parece muito bêbado. A boca está contornada de dourado. Uma garota chifruda que não conheço está beijando seu pescoço, e outra, de cabelo amarelo, encosta a boca em sua panturrilha, logo acima do cano da bota.

Para meu alívio, não vejo Valerian. Espero que esteja em casa, cuidando do ferimento que infligi nele.

Locke me entrega um cálice de bebida, e tomo um golinho só por educação. Começo a tossir na mesma hora. Nesse momento, o olhar de Cardan pousa em mim. Suas pálpebras mal estão abertas, mas vejo o brilho em seus olhos, úmidos como piche. Ele me observa enquanto a garota beija sua boca, me observa quando ela enfia a mão embaixo da barra da camisa de babados idiotas.

Minhas bochechas ficam quentes. Viro para o outro lado e fico com raiva de mim mesma por ter dado a ele a satisfação de ver meu desconforto. É ele quem está fazendo papel de tolo.

— Estou vendo que um integrante do *Círculo das Minhocas* decidiu nos agraciar com sua presença hoje — diz Nicasia, se aproximando de nós com um vestido de todas as cores do pôr do sol. Ela me encara. — Mas qual deles?

— Aquela de quem você não gosta — respondo, ignorando a alfinetada.

Isso a faz dar uma gargalhada aguda e falsa.

— Ah, você ficaria surpresa pelo que alguns de nós sentem por você.

— Eu prometi diversões melhores do que esta — diz Locke rigidamente, segurando meu cotovelo. Fico agradecida quando ele me leva até uma mesa

baixa com almofadas espalhadas ao redor, mas não consigo evitar um pequeno aceno antagônico para Nicasia quando me retiro.

Viro o cálice de bebida na grama quando Locke não está olhando. O flautista termina, e um garoto nu, cintilando de tinta dourada, pega uma lira e canta uma música obscena sobre corações partidos: *"Ó moça bonita! Ó moça cruel! Sinto falta dos seus beijos de mel. Sinto falta do seu cabelo. Sinto falta da sua boca. Mas, mais do que tudo, sinto falta das suas coxas."*

Locke me beija de novo, na frente da fogueira. Todo mundo pode ver, mas não sei se estão olhando. Fecho os olhos o máximo que consigo.

CAPÍTULO
17

Acordo na casa de Locke, em uma cama coberta de tapeçarias. Sinto gosto de ameixas azedas, e minha boca está inchada dos beijos. Locke está ao meu lado, os olhos fechados, ainda com a roupa da festa. Paro no meio do ato de me erguer para observá-lo, as orelhas pontudas e o cabelo de pelo de raposa, a maciez da boca, os membros longos espalhados no sono. A cabeça dele está apoiada no pulso coberto pela camisa.

A noite volta em uma lembrança fugaz. Houve danças e uma perseguição no labirinto. Eu me lembro de cair com as mãos na terra e rir, um comportamento totalmente atípico. De fato, quando olho para o vestido emprestado com o qual dormi, há manchas de grama nele.

Não é como se eu fosse ser o primeiro a rolar na grama com ela.

O príncipe Cardan passou a noite inteira me olhando, um tubarão circulando sem descanso, esperando o momento certo para atacar. Mesmo agora consigo conjurar a lembrança dos olhos negros causticantes. E se eu ri mais alto para irritá-lo, se dei um sorriso mais largo e beijei Locke por mais tempo, esse é o tipo de provocação que nem mesmo os feéricos podem condenar.

Agora, no entanto, a noite parece um sonho longo e impossível.

O quarto de Locke está uma zona, tem livros e roupas espalhados em divãs e sofás baixos. Vou até a porta e caminho pelos corredores vazios da casa. Chego no quarto poeirento da mãe dele, tiro o vestido e coloco as roupas do

dia anterior. Enfio a mão no bolso para pegar minha faca e acabo pegando a bolota dourada junto.

Impulsivamente, coloco os dois objetos na túnica. Quero uma lembrança de ontem, uma recordação, para o caso de nada assim voltar a acontecer. Locke me disse que eu podia pegar qualquer coisa no quarto, então estou pegando.

Quando saio, passo pela longa mesa de jantar. Nicasia está lá, cortando uma maçã com uma faquinha.

— Seu cabelo parece um ninho — diz ela, enfiando uma fatia da fruta na boca.

Olho para um prato de prata na parede, que mostra só uma imagem distorcida e borrada de mim. Mesmo assim, vejo que ela está certa, tem uma auréola castanha em volta da minha cabeça. Então desfaço a trança e penteio o cabelo com os dedos.

— Locke está dormindo — aviso, supondo que ela esteja aguardando para vê-lo. Espero pela sensação gostosa de ter algum tipo de vantagem sobre Nicasia, considerando que vim do quarto de Locke, mas na verdade só sinto um certo pânico.

Não sei fazer isso. Não sei acordar na casa de um garoto e conversar com a ex dele. E o fato de ela também provavelmente me querer morta é estranhamente a única parte disso tudo que parece normal.

— Minha mãe e o irmão dele achavam que a gente ia se casar — diz Nicasia, parecendo estar falando com o ar e não comigo. — Seria uma aliança útil.

— Com Locke? — pergunto, confusa.

Ela me olha com irritação, minha pergunta parecendo arrancá-la brevemente de seus devaneios.

— Cardan e eu. Ele estraga as coisas. É disso que ele gosta. De estragar as coisas.

Claro que Cardan gosta de estragar as coisas. Eu me pergunto como ela só foi capaz de perceber isso agora. Pensei que fosse algo que eles tivessem em comum.

Eu a deixo com a maçã e as lembranças e volto para o palácio. Uma brisa fresca sopra nas árvores, balançando meu cabelo solto e trazendo o cheiro de

pinheiro. No céu, ouço o grito das gaivotas. Fico grata pela aula de hoje, feliz por ter uma desculpa para não ir para casa e ouvir o que quer que Oriana tenha para me dizer.

A aula de hoje é na torre, o local de que menos gosto. Subo os degraus e me acomodo. Estou atrasada, mas encontro lugar em um banco perto dos fundos. Taryn está sentada do outro lado. Ela me olha uma vez e ergue as sobrancelhas. Cardan está ao seu lado, usando veludo verde com bordados dourados formando espinhos de pontas azuis. Ele se reclina no banco, os dedos longos tamborilando com inquietação na lateral.

Olhar para ele me deixa igualmente inquieta.

Pelo menos Valerian não apareceu. Não é sensato esperar que ele nunca mais volte, mas pelo menos tenho o dia de hoje.

Uma nova professora, uma cavaleira chamada Dulcamara, está falando sobre regras de herança, provavelmente por causa da coroação iminente.

A coroação que também vai marcar minha subida ao poder. Quando o príncipe Dain for o Grande Rei, seus espiões poderão correr pelas sombras de Elfhame só com o próprio Dain para nos chamar atenção.

— Em algumas cortes inferiores, o assassino de um rei ou de uma rainha pode ficar com o trono — diz Dulcamara. Ela conta que faz parte da Corte dos Cupins, que ainda não se juntou ao estandarte de Eldred.

Embora não esteja usando armadura, ela está parada como se estivesse acostumada com o peso de uma.

— E foi por isso que a rainha Mab negociou com os feéricos selvagens para criarem a coroa que o rei Eldred usa, que só pode ser passada para os descendentes dela. Seria complicado obtê-la à força. — Ela dá um sorriso malicioso.

Se Cardan tentasse atrapalhar essa aula, provavelmente seria comido vivo, e a professora ainda quebraria seus ossos para chupar o tutano.

Os filhos dos nobres olham para Dulcamara com desconforto. Há boatos de que Lorde Roiben, o rei dela, está planejando se juntar ao novo Grande Rei, levando consigo sua grande Corte, uma que tem resistido às forças de Madoc há anos. A junção de Roiben à Grande Corte de Elfhame é amplamente considerada um golpe de mestre da diplomacia, negociada pelo príncipe Dain contra a vontade de Madoc. Acho que ela veio para a coroação.

— O que acontece se não houver mais filhos na linhagem Greenbriar? — Larkspur, um dos mais jovens entre nós, pergunta.

O sorriso de Dulcamara fica mais gentil.

— Quando há menos de dois descendentes, um para usar a coroa e outro para colocá-la no governante, a Grande Coroa e seu poder se desfazem. Toda Elfhame fica livre de seus juramentos. E depois, quem sabe? Talvez um novo governante faça uma nova coroa. Talvez vocês voltem a guerrear contra as Cortes menores de Seelie e Unseelie. Talvez vocês se juntem aos nossos estandartes no sudoeste.

O sorriso deixa claro qual dessas opções ela prefere.

Eu levanto a mão. Dulcamara assente na minha direção.

— E se alguém *tentar* pegar a coroa?

Cardan me olha. Quero fazer cara feia, mas não consigo esquecer a imagem dele esparramado no chão com aquelas garotas. Minhas bochechas queimam. Eu baixo o olhar.

— Pergunta interessante — diz Dulcamara. — A lenda diz que a coroa não permite que ela seja colocada na cabeça de ninguém que não seja herdeiro de Mab, mas a linhagem de Mab é muito ampla. Se um par de descendentes tentar pegar a coroa, até pode acontecer. Mas a parte mais perigosa do golpe seria a seguinte: a coroa carrega uma maldição em que, caso a pessoa que a use seja assassinada, o responsável pelo ato também morre.

Penso no bilhete que encontrei na casa de Balekin, no cogumelo amanita, penso em vulnerabilidade.

Depois da aula, desço a escada com cuidado, me lembrando de quando desci correndo depois de esfaquear Valerian. Minha visão fica borrada, e me sinto tonta por um momento, mas logo passa. Taryn se aproxima por trás de mim e praticamente me empurra para o bosque quando saímos.

— Primeiro de tudo — diz ela, me puxando para uma área de samambaias —, apenas Tatterfell sabe que você não passou a noite em casa, e dei a ela um de seus anéis mais bonitos para que ficasse de bico fechado. Mas você tem que me contar onde esteve.

— Locke deu uma festa na casa dele — digo. — Fiquei por lá, mas não rolou. Quer dizer, não aconteceu nada. Nós nos beijamos. E só.

As tranças castanhas de Taryn voam quando ela balança a cabeça.

— Não sei se acredito nisso.

Dou um suspiro, talvez com dramaticidade demais.

— Por que eu mentiria? Não sou eu quem está escondendo a identidade da pessoa me cortejando.

Ela franze a testa.

— Eu só acho que dormir no quarto de alguém, na cama de alguém, é mais do que beijar.

Minhas bochechas esquentam quando penso na sensação de acordar com o corpo dele ao meu lado. Para desviar a atenção de mim, começo a especular sobre o relacionamento dela.

— Aaaah, pode ser o príncipe Balekin. Você vai se casar com o príncipe Balekin? Ou talvez seja Noggle, e vocês possam contar as estrelas juntos.

Ela dá um tapa no meu braço com força demais.

— Pare de tentar adivinhar — diz. — Você sabe que não tenho permissão para dizer.

— Ai! — Colho uma florzinha branca de erva-traqueira e prendo atrás da orelha.

— Então você gosta dele? — pergunta ela. — De verdade?

— De Locke? Claro que gosto.

Ela me olha, e imagino o quanto devo tê-la deixada preocupada ao não ir para casa na noite anterior.

— De Balekin eu gosto menos — brinco, e ela revira os olhos.

Quando voltamos à fortaleza, descubro que Madoc deixou recado de que vai voltar tarde. Com pouca coisa para fazer, procuro por Taryn, mas apesar de tê-la visto subir a escadaria alguns minutos antes, ela não está no quarto. Seu vestido está na cama e o armário está aberto, algumas peças penduradas de qualquer jeito, como se as tivesse puxado antes de perceber que eram inadequados.

Será que Taryn foi encontrar o pretendente? Dou uma olhada no quarto, tentando enxergar tudo sob o prisma de uma espiã em busca de sinais. Não reparo em nada de incomum além de algumas pétalas de rosas murchando na mesa de cabeceira.

Vou para o meu quarto e me deito na cama, repassando as lembranças da noite anterior. Enfio a mão no bolso e retiro a faca para finalmente limpá-la.

Quando a puxo, a bolota dourada vem junto. Reviro o objeto na mão.

É um pedaço maciço de metal, um lindo objeto. Primeiro, acho que é só isso, mas reparo que tem linhas pequenininhas nele todo, linhas que parecem indicar partes móveis. Como se fosse um quebra-cabeça.

Não consigo soltar a parte de cima, por mais que tente. Não consigo fazer mais nada com a bolota. Estou prestes a desistir e jogá-la na penteadeira quando vislumbro um buraquinho, tão pequeno a ponto de ser quase invisível, bem na parte inferior. Eu pulo da cama, reviro a penteadeira e procuro um alfinete. O que encontro tem uma pérola na ponta. Tento enfiar a ponta na bolota. Demora um momento, mas consigo, empurrando além da resistência até sentir um clique e o objeto se abrir.

Degraus mecanizados saem de um centro brilhante, onde tem um pássaro dourado pequenininho. O bico se move, e ele fala com uma vozinha esganiçada. "Minha querida amiga, essas são as últimas palavras de Liriope. Tenho três pássaros dourados para espalhar. Três tentativas para que um chegue em suas mãos. Meu estado já está muito além da capacidade de qualquer antídoto, e se você ouvir isto, deixo com você o peso de meus segredos e o último desejo em meu coração. Proteja-o. Leve-o para longe dos perigos desta Corte. Faça com que ele fique em segurança e nunca, nunca conte a ele a verdade do que aconteceu comigo."

Tatterfell entra no quarto, trazendo uma bandeja com itens para o chá. Ela tenta espiar o que estou fazendo, mas coloco a mão sobre a bolota.

Quando ela sai, coloco o objeto na mesa, sirvo uma xícara de chá e a seguro para esquentar as mãos. Liriope é a mãe de Locke. Parece uma mensagem pedindo a alguém, algum amigo ou amiga, para levar Locke para longe. Ela chama a mensagem de suas "últimas palavras", então já devia saber que estava prestes a morrer. Talvez as bolotas devessem ter sido enviadas ao pai de Locke, na esperança de o garoto passar o restante da vida explorando ambientes selvagens com ele em vez de se envolver em intrigas.

Mas como Locke ainda está aqui, parece que nenhuma das três bolotas foi encontrada. Talvez nenhuma delas tenha sequer saído do quarto.

Eu devia entregar o objeto a Locke, deixar que ele decida o que fazer. Mas fico pensando no bilhete na mesa de Balekin, que parecia colocá-lo como suspeito no assassinato de Liriope. Devo contar tudo a Locke?

> Sei da proveniência do cogumelo amanita que você pede, mas seja lá o que for fazer, não deve ser relacionado a mim.

Reviro as palavras em pensamento da mesma forma que revirei a bolota na mão e sinto os mesmos vãos.

Tem alguma coisa estranha naquela frase.

Eu a copio em um pedaço de papel para ter certeza de que me lembro bem. Quando li pela primeira vez, o bilhete parecia insinuar que a rainha Orlagh tinha encontrado um veneno mortal para Balekin. Mas os cogumelos amanita, embora raros, crescem livremente até nesta ilha. Eu colhi alguns no Bosque Leitoso, ao lado de abelhas de ferrão negro, que construíram colmeias no alto das árvores (um antídoto pode ser feito com o mel delas, aprendi recentemente com minhas leituras). Cogumelos amanita não são perigosos se o líquido vermelho não for ingerido.

E se o bilhete da rainha Orlagh não quisesse dizer que ela *encontrou* cogumelos amanita nem que pretendia dá-los Balekin? E se ao dizer "sei da proveniência", Orlagh quisesse dizer literalmente que *sabia* de onde cogumelos amanita *específicos* tinham vindo? Afinal, ela diz "seja lá o que for fazer" e não "seja lá o que for fazer com *eles*". Ela está dando um aviso sobre o que Balekin vai fazer com a informação, não com o cogumelo em si.

O que quer dizer que ele não vai envenenar Dain.

Também quer dizer que Balekin pode ter descoberto quem provocou a morte da mãe de Locke, isso se tiver descoberto quem tinha o cogumelo amanita que a matou. A resposta podia estar ali, no meio dos outros papéis que eu, na minha pressa, deixei passar.

Eu tenho que voltar. Preciso subir naquela torre. Hoje, antes que o dia da coroação se aproxime mais. Porque pode ser que Balekin não tente matar Dain e que a Corte das Sombras esteja com a ideia errada. Ou, se estiverem com a ideia certa, que ele não vá fazer isso com o cogumelo amanita.

Engulo meu chá e encontro o vestido de serviçal no fundo do armário. Solto o cabelo e o arrumo em uma trança parecida com aquela que as garotas da casa de Balekin usavam. Prendo a faca no alto da coxa e coloco no bolso um pouco do sal da minha caixa prateada. Em seguida, pego minha capa, calço os sapatos de couro e saio, as palmas das mãos começando a suar.

Descobri bem mais desde minha primeira incursão à Mansão Hollow, o suficiente para me fazer entender melhor os riscos que andei correndo. Isso não ajuda meus nervos em nada. Considerando o que vi dele com Cardan, não estou nem um pouco confiante de que posso aguentar o que Balekin faria comigo caso me pegasse.

Respiro fundo, e reforço que não posso ser pega.

Barata diz que esse é o verdadeiro trabalho de um espião. A informação é secundária. O trabalho é não ser pego.

No corredor, passo por Oriana. Ela me olha da cabeça aos pés. Preciso resistir à vontade de fechar mais a capa em volta do corpo. Ela está usando um vestido da cor de amoras ainda verdes, e o cabelo está um pouco puxado para trás. As pontas das orelhas estão cobertas por capinhas de cristal cintilante. Sinto uma certa inveja delas. Se eu as usasse, elas esconderiam o formato redondo e humano das minhas.

— Você chegou muito tarde ontem — diz ela, a irritação repuxando a boca. — Perdeu o jantar, e seu pai estava esperando para lutar com você.

— Vou melhorar — digo, e na mesma hora me arrependo da declaração porque provavelmente também não volto para o jantar hoje. — Amanhã. Vou começar a melhorar amanhã.

— Criatura desleal — retruca Oriana, olhando para mim como se a pura intensidade de seu olhar pudesse arrancar meus segredos. — Você está tramando.

Estou tão cansada da desconfiança dela, tão cansada.

— Você sempre acha isso — respondo. — E, pela primeira vez, você está certa. — Deixo-a preocupada com o que isso pode significar e desço a escada até a grama. Desta vez, não tem ninguém no caminho, ninguém para me fazer repensar o que estou prestes a fazer.

Não pego o sapo; tomo mais cuidado. Vou andando pelo bosque e vejo uma coruja circulando acima. Puxo o capuz da capa para cobrir meu rosto.

Na Mansão Hollow, guardo a capa do lado de fora, entre os troncos de uma pilha de madeira, e entro pela cozinha, onde o jantar está sendo preparado. Há pombos laqueados com geleia de rosas, o cheiro da pele torrada bastando para fazer minha boca aguar e meu estômago se contrair.

Abro um armário e encontro uma dezena de velas, todas da cor de couro polido e decoradas com um selo dourado com o brasão pessoal de Balekin — três pássaros pretos gargalhando. Pego nove velas e, tentando me movimentar da maneira mais mecânica possível, carrego-as passando pelos guardas. Um deles me olha de um jeito estranho. Tenho certeza de que tem algo de peculiar em mim, mas ele já viu meu rosto, e estou com os passos mais firmes do que da última vez.

Pelo menos até ver Balekin descendo a escada.

Ele lança um olhar na minha direção, e preciso me esforçar para ficar de cabeça baixa e caminhar sem hesitação. Levo as velas para o aposento à minha frente, que é a biblioteca.

Para meu imenso alívio, ele não parece me ver. Mas meu coração está disparado, e minha respiração, arquejante.

A serviçal que estava limpando a lareira no quarto de Cardan agora está colocando livros de volta nas estantes. Ela continua tal como me lembro: os lábios rachados, magra demais e com olhos machucados. Seus movimentos são lentos, como se o ar tivesse a densidade da água. Em seu sonho drogado, sou tão desinteressante quanto a mobília e não ofereço nenhum perigo.

Passo os olhos pelas prateleiras com impaciência, mas não vejo nada de útil. Preciso subir à torre, remexer na correspondência do príncipe Balekin e torcer para encontrar alguma coisa relacionada à mãe de Locke ou a Dain ou a coroação, alguma coisa que eu tenha deixado passar.

Mas não posso fazer nada com Balekin na escadaria.

Olho para a garota de novo. Fico pensando na vida dela aqui, no modo como ela sonha. Se um dia, por algum momento, ela já teve a oportunidade de fugir. Pelo menos, graças ao geas, se Balekin me pegasse, ficar presa aqui não seria meu destino.

Fico à espera, conto até mil enquanto empilho as velas em uma cadeira. Em seguida, olho para fora. Felizmente, Balekin sumiu. Rapidamente, subo as escadas. Prendo a respiração quando passo pelo quarto de Cardan, mas estou com sorte. A porta está fechada.

Continuo subindo para o escritório de Balekin. Reparo nas ervas em potes espalhadas pelo quarto, ervas que agora encaro com um novo olhar. Algumas são venenosas, mas a maioria é narcótica. Não vejo cogumelos amanita em

lugar nenhum. Vou até a mesa dele e limpo as mãos no tecido áspero do vestido, tentando não deixar rastros de suor, tentando memorizar a organização dos papéis.

Há duas cartas de Madoc, mas parecem ser apenas sobre a posição dos cavaleiros na coroação. Outras parecem ser sobre encontros amorosos, festas e farras e divertimentos. Nada sobre cogumelos amanita, nada sobre venenos. Nada sobre Liriope e nem sobre assassinato. A única coisa que parece um pouco surpreendente são alguns versos, um poema de amor na letra do príncipe Dain, sobre uma mulher que permanece não identificada, exceto pelo "cabelo de alvorecer" e "olhar estrelado".

Pior, nada que encontro fala sobre um plano contra o príncipe Dain. Se Balekin vai assassinar o irmão, ele é inteligente o bastante para não deixar provas por aí. Até a carta sobre o cogumelo amanita sumiu.

Eu arrisquei vir até a Mansão Hollow por nada.

Por um momento, fico ali parada, tentando controlar os pensamentos. Preciso sair sem atrair atenção.

Mensageira. Vou me disfarçar de mensageira. Mensagens são trocadas entre as propriedades o tempo todo. Pego uma folha de papel em branco e escrevo *Madoc* de um lado, aí dobro e selo com cera. O enxofre no fósforo espalha o odor no ar por um momento. Quando se dissipa, desço os degraus com a mensagem falsa na mão.

Quando passo pela biblioteca, hesito. A garota ainda está lá dentro, erguendo mecanicamente livros de uma pilha e encaixando-os nas estantes. Ela vai continuar fazendo isso até que seja ordenada a fazer outra coisa, até ela desmoronar, até sumir, esquecida. Como se fosse um nada.

Eu não posso deixá-la ali.

Não tenho nada para o que voltar no mundo mortal, mas pode ser que ela tenha. E, sim, é uma traição à fé do príncipe Dain em mim, uma traição ao próprio Reino das Fadas. Eu sei disso. Mas mesmo assim, não posso deixá-la.

Há certo alívio em perceber isso.

Entro na biblioteca e coloco o bilhete sobre a mesa. A garota não se vira, não reage. Eu enfio a mão no bolso e pego um pouco de sal. Estico a mão para ela, como se estivesse oferecendo açúcar para atrair um cavalo.

— Coma isto — digo em voz baixa.

Ela se vira para mim, mas seu olhar não tem foco.

— Não tenho permissão — responde, a voz rouca por falta de uso. — Nada de sal. Você não pode…

Ponho a mão em sua boca, um pouco de sal caindo no chão, o resto apertado nos lábios da garota.

Sou uma idiota. Uma idiota impulsiva.

Passo o braço em volta dela e a arrasto mais para dentro da biblioteca. Ela está alternando entre tentar gritar e tentar me morder. Fica arranhando meu braço, as unhas afundando na minha pele. Eu a seguro ali, contra a parede, até ela relaxar, até a vontade de brigar sumir.

— Desculpe — sussurro enquanto a seguro. — Estou improvisando. Não quero te machucar. Quero salvar você. Por favor, me deixe fazer isso. Deixe-me salvar você.

Finalmente, ela fica parada o suficiente para eu decidir arriscar afastar a mão. Ela está ofegante, a respiração rápida. Mas não grita, o que parece um bom sinal.

— Nós vamos sair daqui — digo para ela. — Pode confiar em mim.

Ela me olha sem entender.

— Só aja como se tudo estivesse normal. — Eu a puxo para ficar de pé e percebo a impossibilidade do que estou pedindo. Os olhos da garota estão indo de um lado a outro como os de um pônei louco. Não sei quanto tempo teremos até ela surtar de vez.

Ainda assim, não há mais o que fazer além de acompanhá-la para fora da mansão o mais rápido possível. Meto a cabeça pela porta do salão principal. Está vazio, então eu a arrasto da biblioteca. Ela está olhando ao redor como se estivesse vendo a escadaria pesada de madeira e a galeria acima pela primeira vez. Mas então me lembro de que larguei o bilhete falso em cima da mesa da biblioteca.

— Espere — peço. — Eu tenho que voltar e…

Ela faz um som de súplica e tenta se soltar. Eu a levo junto e pego a mensagem. Amasso o papel e enfio no bolso. Não serve para nada agora, quando os guardas poderiam conectar o desaparecimento da serviçal à casa da pessoa que a sequestrou.

— Qual é seu nome?

A garota balança a cabeça.

— Você tem que se lembrar — insisto. É terrível que, em vez de ser solidária, eu esteja irritada. *Anime-se*, penso. *Pare de sentir o que está sentindo. Vamos*.

— Sophie — responde ela, quase chorando. As lágrimas estão surgindo. Sinto-me cada vez pior por quanto serei cruel dali a uns minutos.

— Você não pode chorar — aviso com o máximo de rigidez possível, torcendo para que meu tom a assuste e faça com que ela preste atenção. Tento soar como Madoc, falar como se estivesse acostumada a obedecerem minhas ordens. — Você *não pode chorar*. Vou estapear você se precisar.

Ela se encolhe, mas fica em silêncio. Seco seus olhos com as costas da mão.

— Tudo bem? — pergunto.

Como Sophie não responde, concluo que não faz sentido continuar conversando. Sigo na direção da cozinha. Teremos que passar pelos guardas, não há outra saída. Ela abre uma imitação horrível de sorriso, mas pelo menos está ciente o bastante para isso. Mais preocupante é a maneira como ela não consegue parar de olhar para tudo. Conforme vamos andando em direção aos guardas, a intensidade de seu olhar fica impossível de disfarçar.

Eu improviso, tentando parecer recitar uma mensagem decorada, sem inflexão nas palavras.

— O príncipe Cardan diz que precisamos vê-lo agora.

Um dos guardas se vira para o outro.

— Balekin não vai gostar disso.

Tento não reagir, mas é difícil. Só fico ali parada esperando. Se eles pularem em cima de nós, vou ter que matá-los.

— Muito bem — diz o primeiro guarda. — Vão. Mas informem a Cardan que o irmão dele exige que vocês sejam trazidas de volta desta vez.

Não gosto disso.

O segundo guarda olha para Sophie e seus olhos ficam arregalados.

— O que você está vendo?

Consigo senti-la tremendo ao meu lado, o corpo todo. Preciso dizer alguma coisa rápido, antes que ela responda por si.

— Lorde Cardan nos mandou ser mais observadoras — justifico, torcendo para que a confusão plausível de uma ordem ambígua ajude a explicar as

atitudes dela.

Em seguida, ando com Sophie pela cozinha, passando pelos servos humanos que não estou salvando, ciente da futilidade de minhas ações. Ajudar apenas uma pessoa realmente faz diferença no equilíbrio geral da situação?

Quando eu tiver poder, vou procurar um jeito de ajudar a todos, digo mentalmente. E quando Dain estiver no poder, eu terei poder.

Tomo o cuidado de fazer movimentos lentos. Só me permito respirar quando estamos do lado de fora.

E, no fim das contas, foi tarde demais. Cardan está vindo em nossa direção em um cavalo alto e pintado de cinza. Atrás dele, uma garota em um palafrém — Nicasia. Assim que entrar, os guardas perguntarão sobre nós duas. Assim que entrar, Cardan saberá que tem alguma coisa errada.

Isso se ele não me flagrar e perceber ainda antes.

Qual seria a punição por sequestrar a serviçal de um príncipe? Não sei. Uma maldição, talvez, como ser transformada em corvo, ser forçada a voar para o norte e viver por sete vezes sete anos em um palácio de gelo… ou pior, não haver maldição alguma. Apenas uma execução sumária.

Reúno toda minha força para não desmoronar e sair correndo. Não acho que conseguiria chegar à selva, ainda mais arrastando uma garota junto. Cardan nos alcançaria facilmente.

— Pare de encarar — sussurro para Sophie, com mais rispidez do que pretendia. — Olhe para seus pés.

— Pare de me repreender — responde ela, mas pelo menos não está chorando. Mantenho a cabeça baixa e, enganchando o braço dela no meu, caminho em direção ao bosque.

De soslaio, vejo Cardan descer da sela, o cabelo preto voando ao vento. Ele olha na minha direção e para por um instante. Inspiro fundo e não corro.

Não posso correr.

Não há trovejar de cascos, nem uma perseguição para nos alcançar e nos punir. Para meu imenso alívio, ele parece ver apenas duas serviçais indo na direção da floresta, talvez para pegar lenha ou frutas ou qualquer coisa.

Quanto mais perto chegamos da floresta, mais nossos passos parecem propositados.

De repente, Sophie cai de joelhos e se vira para olhar para a mansão de Balekin. Um lamento surge do fundo de sua garganta.

— Não — diz ela, balançando a cabeça. — Não, não, não, não, não. Isso não é real. Isso não aconteceu.

Eu a puxo, afundando os dedos em sua axila.

— Anda — incito. — Anda, ou vou deixar você aqui. Entendeu? Vou deixar você aqui, e o príncipe Cardan vai encontrar você e te arrastar lá pra dentro.

Arrisco um olhar para trás e o vejo. Ele desceu do cavalo e está levando o animal para o estábulo. Nicasia ainda está montada no dela, a cabeça virada para trás, rindo de alguma coisa que o príncipe disse. Cardan também está sorrindo, mas não é a careta de desprezo de sempre. Ele não parece o vilão malvado de uma história. Parece um garoto não humano que foi passear com a amiga ao luar.

Sophie cambaleia para a frente. Não podemos ser pegas agora, tão perto.

Assim que entramos no bosque de pinheiros, eu solto o ar. Faço com que ela continue andando até chegarmos ao riacho. Faço com que ela o atravesse, embora sejamos atrasadas pela água gelada e pela lama densa. Qualquer maneira de esconder nosso rastro é válido.

Chega uma hora em que Sophie se senta na margem e começa a chorar. Eu a olho, desejando saber o que fazer. Desejando ser uma pessoa melhor e mais solidária em vez de estar irritada e preocupada com a possibilidade de sermos pegas devido a seus atrasos. Obrigo-me a sentar nos restos de um tronco comido por cupins na margem do riacho e a deixo chorar, mas quando os minutos se passam e as lágrimas não estão nem perto de parar, eu me aproximo dela e me ajoelho na grama lamacenta.

— Não estamos longe da minha casa — digo, tentando parecer persuasiva. — Só temos que andar mais um pouco.

— Cale a boca! — grita ela, levantando a mão para me afastar.

Minha frustração se acende. Quero gritar com ela. Quero sacudi-la. Mordo a língua e cerro as mãos numa tentativa de me conter.

— Tudo bem — recomeço, respirando fundo. — Isso está acontecendo rápido, eu sei. Mas quero muito ajudar. Posso tirar você do Reino das Fadas. Esta noite.

A garota está balançando a cabeça de novo.

— Não sei — diz. — Não sei. Eu estava no Burning Man, e um cara disse que tinha um trabalho de servir canapés para um maluco rico em uma das barracas com ar-condicionado. *Só não pegue nada*, ele me avisou. *Se pegar, você vai ter que me servir por mil anos…*

Ela para de falar, mas agora vejo como foi capturada. Provavelmente ela achou que fosse algum tipo de piada. Ela deve ter rido, ele deve ter sorrido. E então, se Sophie comeu um camarão ou botou algum talher no bolso… bem, daria na mesma.

— Está tudo bem — respondo sem muita sinceridade. — Vai ficar tudo bem.

Ela olha para mim e parece me ver pela primeira vez. Observa que estou vestida como ela, como serviçal, mas que tem alguma coisa estranha em mim.

— Quem é você? Que lugar é este? O que aconteceu conosco?

Ela me disse seu nome, então acho que devo informar o meu.

— Sou Jude. Cresci aqui. Uma das minhas irmãs pode levar você até a cidade humana mais próxima. De lá, você pode ligar para alguém te buscar, ou pode ir à polícia, e vão encontrar sua família. Essa situação está quase acabando.

Sophie absorve o que eu disse.

— Isso é algum tipo de… O que aconteceu? Eu me lembro de coisas, de coisas impossíveis. E eu quis. Não, eu não posso…

Ela para de falar, e não sei o que dizer. Não consigo imaginar o final da frase.

— Por favor, só me diga que isso não é real. Acho que não consigo viver com essas coisas sendo reais. — Ela está olhando para a mata, como se pudesse provar que, se a floresta não for mágica, o restante também não é. O que é burrice. Todas as florestas são mágicas.

— Venha — digo, porque apesar de não estar gostando da forma como Sophie fala, não adianta mentir para que se sinta melhor. Ela vai ter que aceitar que ficou presa no Reino das Fadas. Eu não tenho um barco para levá-la pelo mar; só tenho os cavalos de erva-de-santiago de Vivi.

— Você consegue andar mais um pouco? — Quanto mais rápido ela voltar para o mundo humano, melhor.

Quando me aproximo da casa de Madoc, eu me lembro da minha capa, ainda enrolada e escondida em uma pilha de madeira nos arredores da Mansão Hollow, e me xingo novamente. Levo Sophie para o estábulo e a coloco em uma das baias vazias. Ela cai sentada no feno. Acho que o vislumbre do sapo gigante acabou com qualquer confiança que tinha em mim.

— Chegamos — digo com uma animação forçada. — Vou entrar para chamar minha irmã e quero que você espere aqui. Prometa.

Ela me olha com expressão terrível.

— Não consigo fazer isso. Não consigo enfrentar isso.

— Você tem que conseguir. — Minha voz sai mais ríspida do que eu pretendia. Ando até a casa e subo a escada o mais rápido que consigo, torcendo para não esbarrar em ninguém no caminho. Abro a porta do quarto de Vivienne sem nem bater.

Felizmente, Vivi está deitada na cama, escrevendo uma carta em tinta verde cheia de desenhos de corações, estrelas e carinhas nas margens. Ela levanta o rosto quando eu entro e joga o cabelo.

— Que roupa interessante você está usando.

— Fiz uma grande burrice — começo, esbaforida.

Ela fica de pé imediatamente.

— O que aconteceu?

— Sequestrei uma garota humana, uma serviçal, do príncipe Balekin, e preciso que você me ajude a levá-la de volta para o mundo mortal antes que alguém descubra. — Quando digo isso, percebo de novo como o que fiz foi ridículo, como foi arriscado, uma tolice. Balekin simplesmente vai encontrar outra humana disposta a fazer uma barganha desvantajosa.

Mas Vivi não me repreende.

— Tudo bem, vou calçar os sapatos. Achei que você fosse me dizer que tinha matado alguém.

— Por que você acharia isso? — pergunto.

Ela ri enquanto procura as botas. Seu olhar encontra o meu ao amarrar os cadarços.

— Jude, você fica dando sorrisinhos agradáveis na frente de Madoc, mas só consigo ver dentes à mostra.

Não sei bem o que responder.

Ela coloca um casaco comprido com borda de pele, cordões fechando os botões.

— Onde está a garota?

— No estábulo — respondo. — Vou levar você…

Vivi balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Você tem que tirar essa roupa. Ponha um vestido e vá jantar, aja como se tudo estivesse normal. Se alguém questionar, diga que esteve em seu quarto o tempo todo.

— Ninguém me viu! — rebato.

Vivi me dá seu melhor olhar de peixe morto.

— Ninguém? Você tem certeza?

Penso em Cardan chegando a cavalo enquanto escapávamos. Nos guardas para quem menti.

— Provavelmente ninguém — conserto. — Ninguém que tenha reparado em nada. — Se Cardan tivesse reparado, não teria me deixado escapar. Ele nunca abriria mão de ter tanto poder sobre mim.

— É, foi o que pensei — diz ela, erguendo a mão ameaçadora com seus dedos longos. — Jude, não é seguro.

— Eu vou — insisto. — O nome da garota é Sophie, e ela está apavorada…

Vivi ri com deboche.

— Posso apostar.

— Acho que ela não vai aceitar ir com você. Você se parece com eles. — Talvez eu esteja com mais medo de perder a coragem do que de qualquer outra coisa. Tenho medo de a adrenalina sumir do meu corpo e me deixar cara a cara com a loucura que cometi. Mas considerando a desconfiança de Sophie de mim, acho que os olhos felinos de Vivi seriam suficientes para que ela surtasse de vez. — Porque você *é* um deles.

— Você está me dizendo isso para o caso de eu ter esquecido? — pergunta Vivi.

— Nós temos que ir — chamo. — E eu vou junto. Não temos tempo para debater.

— Vamos, então — desiste ela. Juntas, descemos a escada, mas quando estamos quase saindo, Vivi segura meu ombro. — Você não pode salvar nossa

mãe, sabe. Ela já morreu.

Sinto como se tivesse levado um tapa.

— Não é isso…

— Não é? — pergunta ela. — Não é o que você está fazendo? Diga que essa garota não é uma substituta para mamãe. Uma representante.

— Eu quero ajudar Sophie — justifico, me soltando do aperto de Vivi. — Apenas Sophie.

Do lado de fora, a lua está alta no céu, deixando as folhas prateadas. Vivi sai para pegar um buquê de raminhos de erva-de-santiago.

— Tudo bem, vá buscar essa tal Sophie.

Ela está onde a deixei, encolhida no feno, balançando o corpo e falando sozinha, baixinho. Fico aliviada por vê-la, aliviada por ela não ter fugido e por não termos que procurá-la na floresta, aliviada por ninguém da casa de Balekin ter descoberto seu paradeiro e a levado embora.

— Muito bem — digo com animação forçada outra vez. — Estamos prontas.

— Sim — diz ela, se levantando. Seu rosto está manchado de lágrimas, mas ela não está mais chorando. Na verdade, parece estar em choque.

— Vai ficar tudo bem — asseguro outra vez, mas ela não responde. Apenas me acompanha em silêncio por trás do estábulo, onde Vivi está à espera com dois pôneis ossudos de olhos verdes e crina de renda.

Sophie olha para eles e para Vivi. Começa a recuar, balançando a cabeça. Quando chego perto, ela se afasta de mim também.

— Não, não, não — choraminga. — Por favor, não. Chega. Não.

— É só um pouquinho de magia — diz Vivi com racionalidade, mas ainda está vindo de alguém com orelhas ligeiramente peludas nas pontas e olhos que brilham em dourado no escuro. — Só um pouquinho, e depois você nunca mais vai ter que ver nada mágico. Vai voltar ao mundo mortal, à luz do dia, ao mundo normal. Mas esse é o único caminho para levar você até lá. Nós vamos voar.

— Não — diz Sophie, a voz falhada.

— Vamos andar até o penhasco aqui perto — explico. — Você vai poder ver as luzes, talvez até alguns barcos. Vai se sentir melhor quando conseguir ver seu destino.

— Não temos muito tempo — lembra Vivi com um olhar assertivo.

— Não é longe — insisto. Não sei mais o que fazer. Minhas únicas outras ideias são deixá-la inconsciente ou pedir a Vivi para enfeitiçá-la. As duas opções são péssimas.

E assim, saímos andando pelo bosque, os cavalos de erva-de-santiago atrás. Sophie não hesita. A caminhada parece acalmá-la. Ela cata pedrinhas no caminho, pedras lisas das quais limpa a sujeira e coloca nos bolsos.

— Você se lembra de sua vida de antes? — pergunto a ela.

Ela assente e fica calada por um tempo, mas então se vira para mim. E dá uma gargalhada esquisita.

— Eu sempre torci para que magia fosse algo real — diz. — Não é engraçado? Eu queria que existisse o Coelho da Páscoa e Papai Noel. E a Tinker Bell, eu me lembro da Tinker Bell. Mas não quero. Não quero mais.

— Eu sei — afirmo. E sei mesmo. Desejei muitas coisas ao longo dos anos, mas meu primeiro desejo de verdade era que nada daquilo fosse real.

Na beirada da água, Vivi sobe no cavalo e coloca Sophie na frente. Eu pulo nas costas do outro. A garota lança um olhar vacilante para a floresta e em seguida olha para mim. Ela não parece estar com medo. Parece estar começando a acreditar que o pior ficou para trás.

— Segure firme — ordena Vivi, e o cavalo dela pula do penhasco e levanta voo. O meu vai atrás. A euforia de voar me atinge, e sorrio com um prazer familiar. Abaixo de nós estão as ondas com espuma branca, e à frente, as luzes cintilantes das cidades mortais, feito uma terra misteriosa sarapintada de estrelas. Olho para Sophie torcendo para dar a ela um sorriso tranquilizador.

Mas ela não está olhando para mim. Seus olhos estão fechados. E então, enquanto a observo, Sophie se inclina para o lado, solta a crina do cavalo e se permite cair. Vivi tenta segurá-la, mas é tarde demais. Ela está despencando silenciosamente pelo céu noturno, rumo à escuridão espelhada do mar.

Quando seu corpo bate, quase não faz barulho.

Não consigo falar. Tudo parece ficar lento ao meu redor. Penso nos lábios rachados de Sophie, penso nela dizendo *Por favor, só me diga que isso não é real. Acho que não consigo viver com essas coisas sendo reais*.

Penso nas pedras que colocou no bolso.

Eu não estava ouvindo. Eu não quis ouvi-la, só quis salvá-la.

E agora, por minha causa, Sophie está morta.

CAPÍTULO
18

Acordo grogue. Chorei até pegar no sono, e agora meus olhos estão inchados e vermelhos, a cabeça latejando. A noite anterior toda parece um pesadelo febril e horrível. Não parece possível que eu tenha entrado escondida na casa de Balekin e sequestrado uma de suas criadas. Parece ainda menos provável que ela tenha preferido se afogar a conviver com as lembranças do Reino das Fadas. Enquanto bebo o chá de funcho e visto um gibão, Gnarbone aparece em meu quarto.

— Perdão — diz ele, fazendo uma reverência breve. — Jude deve vir imediatamente…

Tatterfell o dispensa.

— Ela não está pronta para ver ninguém no momento. Vou mandá-la descer quando estiver decente.

— O príncipe Dain a aguarda no andar de baixo, na sala do general Madoc. Ele mandou chamá-la não importando seu estado. Disse para carregá-la se necessário. — Gnarbone parece arrependido de ter que dizer isso, mas está claro que nenhum de nós pode negar nada ao Príncipe da Coroa.

Um medo gélido se espalha pelo meu estômago. Como não pensei que ele, dentre todas as pessoas, com seus espiões, não iria descobrir o que fiz? Limpo as mãos no gibão de veludo. Apesar da ordem, visto uma calça e botas antes de descer. Ninguém me impede. Estou vulnerável o suficiente; vou manter a dignidade que puder.

O príncipe Dain está perto da janela, na frente da mesa de Madoc. Está de costas para mim, e meu olhar automaticamente pousa na espada pendurada em seu cinto, visível sob a capa pesada de lã. Ele não se vira quando entro.

— Eu errei — começo. Fico feliz por ele não sair da posição. É mais fácil falar sem precisar encará-lo. — E vou pagar da forma…

Ele se vira, o rosto tomado de uma fúria que repentinamente me faz ver sua semelhança com Cardan. A mão dele atinge a mesa de Madoc com força, sacudindo tudo.

— Eu não acolhi você a meu serviço e lhe dei uma grande dádiva? Não prometi um lugar em minha Corte? E ainda assim… *e ainda assim* você usa o que lhe ensinei para botar meus planos em perigo.

Meu olhar se desvia para o chão. Ele tem o poder de fazer qualquer coisa comigo. Qualquer coisa. Nem Madoc poderia impedi-lo, e acho que nem tentaria. Eu não só desobedeci Dain, mas declarei minha lealdade a uma coisa completamente alheia a ele. Ajudei uma garota mortal. Agi feito uma mortal.

Mordo o lábio para não implorar por perdão. Não posso me dar ao luxo de falar.

— O ferimento do garoto foi menos grave do que poderia ter sido, mas com a faca certa, uma faca mais longa, o golpe teria sido fatal. Não pense que não sei que sua intenção era golpeá-lo de maneira mais intensa.

Levanto o rosto de repente, surpresa demais para esconder minha reação. Ficamos nos encarando por um bom tempo, desconfortáveis. Foco no tom cinza prateado dos olhos do príncipe, reparando em como sua testa se enruga formando sulcos profundos de desgosto. Reparo nisso tudo para evitar pensar em como quase revelei um crime ainda maior do que o descoberto por ele.

— Bem? — pergunta Dain. — Você não tinha nenhum plano para o momento em que fosse descoberta?

— Ele tentou me encantar para que eu saltasse da torre — digo.

— E agora ele sabe que você não pode ser encantada. Isso só piora as coisas. — O príncipe Dain contorna a mesa, vindo em minha direção. — Você é minha criatura, Jude Duarte. Só vai atacar quando eu mandar atacar. Fora isso, se aquiete. Entendeu?

— Não — retruco automaticamente. O que ele está pedindo é ridículo. — Eu deveria ter deixado que ele me machucasse?

Se o príncipe soubesse de todas as coisas que andei fazendo, estaria com mais raiva do que já está.

Ele enfia uma adaga na mesa de Madoc.

— Pegue — ordena, e sinto a compulsão de um feitiço. Meus dedos agarram o cabo. Uma espécie de névoa me envolve. Eu sei e não sei o que estou fazendo.

— Daqui a um instante, vou pedir que você enfie a lâmina em sua mão. E quando eu pedir isso, quero que você se lembre de onde ficam seus ossos, suas veias. Quero que perfure sua mão provocando o mínimo de estrago possível. — A voz dele é encantadora, hipnótica, mas meu coração dispara mesmo assim.

Contra a minha vontade, miro a ponta da faca. Faço uma leve pressão na pele. Estou preparada.

E sinto muito ódio, mas estou preparada. Sinto ódio do príncipe Dain e de mim.

— Agora — ordena ele, e o feitiço me liberta. Dou meio passo para trás. Estou no controle de novo, ainda segurando a faca. Ele ia me fazer…

— Não me decepcione — diz.

Percebo de repente que não ganhei uma trégua. Ele não me libertou porque deseja me poupar. Ele poderia me enfeitiçar de novo, mas não vai fazê-lo porque quer que eu me perfure por vontade própria. Dain quer que eu prove minha lealdade, no sangue e nos ossos. Hesito, claro que hesito. Isso é absurdo. É horrível. Não é assim que as pessoas demonstram lealdade. Isso é uma baboseira das grandes.

— Jude? — incita ele. Não consigo dizer se é um teste no qual ele espera meu sucesso, ou se quer ver meu fracasso mesmo. Penso em Sophie no fundo do mar, os bolsos cheios de pedras. Penso na satisfação no rosto de Valerian ao me mandar saltar da torre. Penso nos olhos de Cardan, me provocando a desafiá-lo.

Tentei ser melhor do que todos eles e fracassei.

Que tipo de pessoa eu poderia me tornar caso parasse de me preocupar com a morte, com a dor, com tudo? Caso eu parasse de tentar me encaixar nesse mundinho?

Em vez de ficar com medo, eu poderia ser a fonte do temor.

Sem desviar o olhar do dele, enfio a faca na mão. A dor é uma onda que vai subindo cada vez mais alto, mas que nunca se quebra. Emito um som grave, que vem do fundo da garganta. Posso não merecer punição pelo que aconteceu na torre, mas mereço algum tipo de punição.

A expressão de Dain é estranha, vazia. Ele dá um passo para trás, como se a iniciativa de fazer aquela coisa chocante tivesse partido de mim e eu não estivesse meramente cumprindo ordens. Ele pigarreia.

— Não revele seu talento com lâminas — diz. — Não revele sua imunidade aos feitiços. Não revele tudo o que você é capaz de fazer. Mostre seu poder, mas sempre parecendo impotente. É isso que eu preciso de você.

— Sim — respondo, ofegante, e tiro a lâmina da mão. O sangue escorre pela mesa de Madoc e é mais do que esperava. Fico tonta de repente.

— Limpe — ordena ele, o maxilar firme. A surpresa sumiu, foi substituída por outra coisa.

Não há nada com que limpar a mesa além da barra do meu gibão.

— Agora me dê sua mão. — Com relutância, eu a estico para ele, mas Dain só a segura delicadamente e a enrola em um pano verde que tira do bolso. Tento dobrar os dedos e quase desmaio de dor. O tecido da atadura improvisada já está ficando escuro. — Depois que eu for embora, vá até a cozinha e coloque musgo nesse ferimento.

Assinto novamente. Não sei se consigo traduzir meus pensamentos em palavras. Estou com medo de desabar a qualquer instante, mas travo os joelhos e olho para o pedaço de madeira lascada na mesa de Madoc, onde a ponta da faca cravou, manchado de vermelho forte, já escurecendo.

A porta do escritório é aberta, pegando a nós dois de surpresa. O príncipe Dain solta minha mão, e eu a enfio no bolso, sentindo uma dor que quase me derruba. Oriana está parada ali, segurando uma bandeja de madeira com um bule fumegante e três xícaras de barro. Ela está usando um vestido diurno com o tom vívido de caquis ainda não maduros.

— Príncipe Dain — diz ela, fazendo uma bela reverência. — Os servos disseram que você estava aqui a sós com Jude, e eu disse que eles deviam estar enganados. Com a coroação tão próxima, seu tempo é valioso demais para ser ocupado por uma garota boba. Você dá crédito demais a ela, e sem dúvida o peso de sua atenção é enorme.

— Sem dúvida — diz ele, abrindo um sorriso de dentes trincados. — Já me demorei demais.

— Tome um chá antes de partir — convida ela, colocando a bandeja na mesa de Madoc. — Nós todos podemos beber uma xícara e conversar. Se Jude fez alguma coisa que o ofendeu…

— Perdão — diz ele, sem muita gentileza. — Mas seu lembrete a respeito de meus deveres incentiva minha ação imediata.

Ele passa por Oriana, me fitando uma última vez antes de sair da sala. Não tenho ideia se passei no teste ou não. Mas, de qualquer modo, ele não confia em mim como já confiou. Joguei minha oportunidade no lixo.

Eu também já não confio nele tanto assim.

— Obrigada — digo para Oriana. Estou tremendo.

Ela não me repreende, pela primeira vez. Não diz nada. As mãos pousam levemente nos meus ombros, e eu me recosto nela. O aroma de verbena esmagada chega ao meu nariz. Fecho os olhos e absorvo o cheiro familiar. Aceito qualquer consolo que houver, qualquer um.



Não penso em aulas ou em broncas. Tremendo todo o meu corpo, vou direto para o quarto e me acomodo na cama. Tatterfell acaricia meu cabelo brevemente, como se eu fosse uma gatinha sonolenta, e então volta à tarefa de arrumar minhas roupas. Meu vestido novo deve chegar ainda hoje, e o processo da coroação inicia no dia seguinte. A nomeação de Dain como Grande Rei vai gerar um mês de festas, enquanto a lua murcha e volta a crescer.

Minha mão dói tanto que não consigo suportar o contato do musgo nela. Então simplesmente a aninho contra o peito.

Está latejando, a dor chegando em pulsações intensas, como um segundo batimento irregular. Não consigo fazer mais do que ficar deitada esperando que passe. Meus pensamentos vagueiam, em vertigem.

Em algum lugar por aí, todos os lordes, damas e senhores que governam cortes distantes estão chegando para fazer suas homenagens ao novo Grande Rei. Cortes Noturnas e Cortes Brilhantes, Cortes Livres e Cortes Selvagens. Os

súditos do Grande Rei e as cortes com as quais há tréguas, ainda que frágeis. Até a Corte Submarina de Orlagh vai participar. Muitos vão declarar que aceitam fielmente a avaliação do novo Grande Rei em troca de sua sabedoria e proteção. Vão declarar defendê-lo e vingá-lo se necessário. Depois, todos demonstrarão seu respeito comemorando loucamente.

Esperam que eu festeje com eles também. Um mês de danças, banquetes, bebidas, charadas e duelos.

Para isso, cada um dos meus melhores vestidos precisa estar limpo, passado e impecável. Tatterfell costura punhos feitos de escamas de pinhas em volta das mangas desfiadas. Os furinhos nas saias são tapados com bordados em formato de folhas e romãs e, em um deles, uma raposa saltitante. Ela costurou dezenas de sapatinhos de couro para mim. A expectativa é que eu dance tanto que chegue a gastar um par por noite.

Pelo menos Locke vai estar lá para dançar comigo. Tento me concentrar na lembrança dos olhos cor de âmbar, e não na dor em minha mão.

Enquanto Tatterfell circula pelo quarto, fecho os olhos e caio em um sonho estranho e agitado. Quando acordo, já é noite e estou toda suada. Mas estou estranhamente calma, as lágrimas e o pânico sufocados de algum modo. A dor em minha mão se transformou num latejar distante.

Tatterfell se foi. Vivi está sentada ao pé da minha cama, os olhos de gato captando o luar e brilhando no tom do absinto.

— Vim ver se você estava bem — diz ela. — Só que é claro que você não está.

Eu me obrigo a me sentar, usando apenas uma das mãos como apoio.

— Desculpa… pelo que pedi pra você fazer. Eu não devia ter pedido. Acabei colocando você em perigo.

— Sou sua irmã mais velha — diz ela. — Você não precisa me proteger das minhas decisões.

Depois que Sophie mergulhou, Vivi e eu passamos horas vasculhando o mar gelado, chamando a garota, tentando encontrar algum sinal. Nadamos na água negra e berramos o nome dela até ficarmos completamente roucas.

— Mesmo assim — digo.

— *Mesmo assim* — responde ela com vigor. — Eu queria ajudar. Queria ajudar aquela garota.

— Pena que não ajudamos. — As palavras entalam na minha garganta.

Vivienne dá de ombros, e sou lembrada de que, apesar de ela ser minha irmã, nós duas somos diferentes de maneiras difíceis de se compreender.

— Você fez uma coisa corajosa. Fique feliz por isso. Nem todo mundo consegue ser corajoso. Eu nem sempre sou.

— O que você quer dizer? Aquela história de "não contar a Heather o que realmente está acontecendo"?

Ela faz uma careta, mas depois sorri, grata por eu estar falando de uma coisa menos desagradável. Ainda assim, nossos pensamentos foram de uma garota mortal suicida para a amada dela, igualmente mortal.

— Há alguns dias, nós estávamos deitadas juntas na cama — começa Vivi. — E ela começou a passar o dedo pelo contorno da minha orelha. Achei que ela fosse perguntar alguma coisa que pudesse me dar abertura, mas ela só disse que a modificação da minha orelha estava ótima. Você sabia que tem mortais que operam suas orelhas para que cicatrizem pontudas?

Não estou surpresa. Entendo o desejo por orelhas como as dela. Tenho a sensação de que passei metade da vida desejando orelhas iguais, com pontas delicadas e cobertas por uma pelagem fininha.

Mas tem uma coisa que não digo: ninguém poderia tocar naquelas orelhas e achar que foram feitas por qualquer coisa que não a natureza. Heather está mentindo para Vivi, ou mentindo para si mesma.

— Não quero que ela tenha medo de mim — conclui Vivi.

Penso em Sophie, e tenho certeza de que minha irmã também está pensando nela, em seus bolsos cheios de pedras. Sophie no fundo do mar. Talvez ela não esteja tão alheia ao que acontece como quer fazer parecer.

No andar de baixo, ouço a voz de Taryn:

— Chegaram! Nossos vestidos! Venham olhar!

Quando saio da cama, Vivi sorri para mim.

— Pelo menos tivemos uma aventura. E, agora, vamos ter outra.

Deixo que ela vá na frente, pois preciso cobrir a mão machucada com uma luva antes de seguir até o andar de baixo. Arranco o botão de um casaco e ponho sobre o ferimento para evitar a pressão direta. Agora é torcer para que o inchaço na palma não esteja muito visível.

Nossos vestidos foram abertos sobre três cadeiras e um sofá na sala de Oriana. Madoc está ouvindo pacientemente enquanto ela fala com entusiasmo sobre a perfeição dos trajes. Seu vestido de baile é do tom exato de rosa de seus olhos, formando um dégradé até ficar vermelho, e parece feito de pétalas enormes que se transformam em uma cauda. O tecido do vestido de Taryn é lindo, o corte da saia e do peitilho estão perfeitos. Ao lado deles está o terninho fofo de Oak, e tem um gibão e uma capa para Madoc no tom favorito dele, de sangue seco. Vivi mostra o vestido cinza-prateado com barra desfiada e abre um sorriso para mim.

Do outro lado da sala, vejo meu traje. Taryn ofega quando o pego.

— Não foi isso que você pediu — diz ela em tom de acusação. Como se eu a tivesse enganado deliberadamente.

É verdade que o vestido que estou segurando não é o que Bramblewef t desenhou para mim. É completamente diferente, e me lembra os trajes loucos e incríveis que abarrotavam o armário da mãe de Locke. Um vestido de baile, ombré, começando branco perto da gola, passando pelo azul mais pálido, até chegar num azul-anil na barra. Acima dela, foi bordado o contorno de árvores exatamente como as enxergo da minha janela no crepúsculo. A costureira até inseriu pontinhos de cristal para representar as estrelas.

É um vestido que eu jamais poderia ter imaginado. É tão perfeito que, por um momento, olhando para ele, não consigo pensar em nada além de sua beleza.

— Eu… Acho que este não é meu — aviso. — Taryn está certa. Não está parecido com os desenhos.

— Mas é lindo mesmo assim — diz Oriana com um certo tom consolador na voz, como se eu estivesse insatisfeita. — E tem seu nome nele.

Estou feliz porque ninguém está me obrigando a devolvê-lo. Não sei por que me deram um vestido desses, mas, se couber em mim, vou usá-lo.

Madoc ergue as sobrancelhas.

— Vamos ficar magníficos. — Quando ele passa por mim para sair do salão, acaricia minha cabeça. Em momentos assim, é quase possível achar que não há um rio de sangue derramado entre nós.

Oriana junta as mãos.

— Garotas, venham aqui por um momento. Sentem-se comigo.

Nós três nos posicionamos no sofá ao lado dela, esperando, intrigadas.

— Amanhã vocês estarão entre nobres de muitas cortes diferentes. Vocês sempre estiveram sob a proteção de Madoc, mas essa proteção vai ser desconhecida da maioria dos feéricos lá. Vocês não podem se permitir serem atraídas para que façam barganhas e promessas que possam ser usadas contra vocês. E, acima de tudo, não provoquem insultos que possam justificar uma quebra de hospitalidade. Não sejam tolas e não se coloquem sob o poder de ninguém.

— Nós nunca somos tolas — diz Taryn, a mentira mais descarada de todas.

Oriana faz cara de sofrimento.

— Por mim, vocês passariam longe das festas, mas Madoc instruiu especificamente que vocês participassem. Portanto, ouçam meus conselhos. Tomem cuidado, e talvez encontrem maneiras de serem agradáveis.

Eu devia ter esperado isso: mais recomendações, mais um sermão. Se ela não acredita que somos capazes de nos comportar em uma festa, certamente não vai acreditar que somos capazes de ficar longe de confusão na coroação. Nós nos levantamos, devidamente dispensadas, e ela dá um abraço em cada uma, encostando a boca fria em nossas bochechas. Meu beijo é o último.

— Não deseje nada além da posição que tem — sussurra ela para mim.

Por um momento, não entendo por que Oriana diria uma coisa dessas. Mas então, horrorizada, entendo. Depois daquela tarde, ela acredita que sou amante do príncipe Dain.

— Eu não desejo — respondo. Claro, Cardan diria que *tudo* está acima da minha posição.

Ela segura minha mão, demonstrando pena.

— Só estou pensando no seu futuro — diz Oriana, a voz ainda baixa. — Os que estão perto do trono raramente ficam verdadeiramente próximos de qualquer pessoa. Uma garota mortal teria ainda menos aliados.

Eu faço que sim, como se estivesse totalmente de acordo com o conselho sábio. Se ela não acredita em mim, então é mais fácil deixar que fale o que quiser. Acho que faz mais sentido do que a verdade, que Dain me escolheu para fazer parte de seu ninho de ladrões e espiões.

Alguma coisa na minha expressão faz com que ela segure minhas duas mãos. Faço uma careta ao sentir a pressão no ferimento.

— Antes de ser esposa de Madoc, eu fui uma das consortes do rei de Elfhame. Me escute, Jude. Não é fácil ser amante do Grande Rei. Significa estar em perigo constante. É ser um peão no tabuleiro o tempo todo.

Devo estar encarando-a boquiaberta, de tão embasbacada. Nunca pensei na vida de Oriana antes de ela se casar com Madoc. De repente, os temores que ela sente por nós ganham um novo sentido; ela estava acostumada a jogar por regras totalmente diferentes. O chão parece ter sumido. Eu não conheço a mulher diante de mim, não sei o que ela sofreu antes de vir para esta casa, nem sei mais como se tornou esposa de Madoc. Ela o amava ou fez algum tipo de acordo inteligente para ganhar a proteção dele?

— Eu não sabia — respondo de um jeito meio estúpido.

— Eu nunca dei um filho a Eldred — diz ela. — Mas outra amante dele quase deu. Quando ela morreu, o boato era de que um dos príncipes a envenenara, só para impedir a competição pelo trono. — Oriana observa meu rosto com os olhos cor-de-rosa pálidos. Eu sei que ela está falando de Liriope. — Você não precisa acreditar em mim. Há dezenas de boatos horríveis assim. Quando há muito poder concentrado num só lugar, há muitas sobras pelas quais brigar. Se a Corte não está ocupada bebendo veneno, está bebendo bile. Você não se adequaria a isso.

— O que faz você pensar assim? — pergunto, as palavras dela irritantemente semelhantes às de Madoc quando ele descartou minhas chances de me tornar cavaleira. — Talvez eu fosse me adequar bem.

Os dedos dela roçam meu rosto de novo, acariciam meu cabelo. Deveria ser um gesto carinhoso, mas é avaliador.

— Madoc deve ter amado muito sua mãe — diz ela. — Ele é louco por vocês. No lugar dele, eu teria mandado as três para longe há muito tempo.

Eu não duvido disso.

— Se procurar o príncipe Dain apesar de meus avisos, se ele semear o herdeiro dele em você, não conte a ninguém antes de me contar. Jure pelo túmulo de sua mãe. — Sinto as unhas dela em minha nuca e faço uma careta. — A ninguém. Entendeu?

— Eu prometo. — Eis uma promessa que não devo ter muita dificuldade para cumprir. Tento dar peso às palavras, para que ela acredite que estou sendo sincera. — Falando sério. Eu prometo.

Ela me solta.

— Pode ir. Descanse bem, Jude. Quando você acordar, já estará em cima da hora da coroação, e vai haver pouco tempo para descanso.

Faço uma reverência e saio.

No corredor, Taryn está me espera sentada em um banco entalhado com serpentes enroladas, balançando os pés. Quando a porta se fecha, ela ergue o rosto.

— O que estava fazendo com ela?

Balanço a cabeça, tentando me livrar da enxurrada de sentimentos.

— Você sabia que Oriana era consorte do Grande Rei?

Taryn ergue as sobrancelhas e ri, satisfeita.

— Não. Foi isso que ela contou pra você?

— Basicamente. — Penso na mãe de Locke e no pássaro cantando dentro da bolota, em Eldred no trono, a cabeça caída devido ao peso da coroa. É difícil para mim imaginá-lo com uma amante, ainda mais com a quantidade de amantes que ele devia manter para ter tido tantos filhos, um número um tanto incomum para um feérico. Mas talvez seja só falha da minha imaginação.

— Ah. — Taryn parece estar sofrendo da mesma falta de imaginação. Ela franze a testa, intrigada por um momento, e parece se lembrar do que ficou esperando para me perguntar. — Você sabe por que o príncipe Balekin esteve aqui?

— Ele esteve aqui? — Não sei se consigo sobreviver a mais surpresas. — Aqui, nesta casa?

Ela assente.

— Chegou com Madoc. Eles ficaram trancados no escritório durante horas.

Fico me perguntando quanto tempo depois da partida do príncipe Dain eles chegaram. Com sorte, por tempo suficiente para Dain não ouvir nada a respeito de uma serva desaparecida. Minha mão lateja toda vez que a mexo, mas já estou feliz por simplesmente conseguir mexê-la. Não estou nem um pouco ansiosa por mais castigos como aquele.

Mas Madoc não pareceu zangado comigo agora há pouco, quando me viu com o vestido. Ele pareceu normal, satisfeito até. Talvez estivessem discutindo outras coisas.

— Estranho — digo para Taryn, porque recebi a ordem de não contar a ela sobre ser espiã, e não consegui contar sobre Sophie.

Fico feliz porque a coroação está quase chegando. Quero que chegue e leve todo o resto embora.



À noite, cochilo na cama, totalmente vestida, esperando Fantasma. Matei suas aulas duas noites seguidas, no dia da festa de Locke e ontem, enquanto buscava Sophie no mar. Ele vai estar bem irritado quando chegar.

Tento não pensar nisso e me concentro em descansar. Inspira, expira.

Quando cheguei ao Reino das Fadas, eu tinha dificuldade para dormir. Qualquer um acharia que eu teria pesadelos, mas não me lembro de muitos. Meus sonhos lutavam para rivalizar com o horror da vida real. Na verdade, eu não conseguia me acalmar o suficiente para descansar. Ficava me revirando durante a noite e durante a manhã inteira, o coração em disparada. Então, ao final da tarde, quando o restante do povo fada estava despertando, eu finalmente caía num sono dominado por uma dor de cabeça. Por causa disso, passei a vagar pelos corredores da casa feito um espírito inquieto, folheando livros antigos, mexendo nas peças do tabuleiro dos jogos, torrando queijo na cozinha e olhando para o capuz encharcado de sangue de Madoc, como se o objeto contivesse as respostas do universo em suas marcas. Um dos duendes que trabalhavam aqui, Nell Uther, me encontrava e me levava de volta ao quarto, dizendo que se eu não conseguia dormir, era para fechar os olhos e ficar deitada. Que pelo menos meu corpo poderia descansar, mesmo que minha mente não conseguisse fazer o mesmo.

Estou deitada, tentando descansar o corpo, quando ouço um movimento na sacada. Eu me viro, esperando ver Fantasma. Estou prestes a provocá-lo por ter feito tanto barulho quando percebo que a pessoa sacudindo as portas não é Fantasma. É Valerian, e ele carrega uma faca comprida e curva, o sorriso repuxando a boca tão contundente quanto a arma.

— O quê… — Eu me sento de repente. — O que você está fazendo aqui?

Percebo que estou sussurrando, como se *eu* estivesse com medo de que *ele* fosse descoberto.

Você é minha criatura, Jude Duarte. Só vai atacar quando eu mandar atacar. Fora isso, se aquiete.

Pelo menos o príncipe Dain não me enfeitiçou para obedecer a tal ordem.

— Por que eu não deveria estar aqui? — diz Valerian, se aproximando. Ele cheira a seiva de pinheiro e cabelo queimado, e tem uma leve camada de pó dourado em uma das bochechas. Não sei bem onde ele esteve, mas não creio que esteja sóbrio.

— Aqui é minha casa. — Estou preparada para treinar com Fantasma. Tenho uma faca na bota e outra no quadril, mas penso na ordem de Dain, penso em como não devo desapontá-lo ainda mais, por isso não pego nenhuma das duas. Estou desorientada por Valerian estar aqui, no meu quarto.

Ele vem até minha cama. Está segurando a faca direito, mas percebo que não tem muita prática no manuseio. Ele não é filho de general.

— *Nada disso é sua casa* — diz ele, a voz tremendo de raiva.

— Se Cardan te mandou vir aqui, então você devia repensar seu relacionamento com ele — digo, finalmente, agora com medo. Mas por algum milagre, minha voz sai firme. — Porque se eu gritar, tem guardas nos corredores. Eles vão correr para cá. Eles têm espadas compridas e pontudas. Enormes. Seu amigo vai acabar causando sua morte.

Mostre seu poder, mas sempre parecendo impotente.

Valerian não parece estar absorvendo minhas palavras. Seus olhos estão arregalados, vermelhos e não totalmente concentrados em mim.

— Sabe o que ele disse quando contei que você tinha me esfaqueado? Disse que não era mais do que eu merecia.

Isso é impossível; Valerian deve ter entendido errado. Cardan devia estar debochando dele por ter me deixado escapar.

— O que você esperava? — pergunto, tentando esconder minha surpresa. — Não sei se você reparou, mas o sujeito é um cretino.

Se antes Valerian não tinha certeza se queria me esfaquear, agora ele tem. Com um pulo, ele enfia a lâmina no colchão bem no momento em que rolo para o lado e fico de pé. Penas de ganso voam quando ele puxa a faca, se

espalhando pelo ar como neve. Ele fica em riste quando pego uma de minhas adagas.

Não revele seu talento com lâminas. Não revele sua imunidade aos feitiços. Não revele tudo o que você é capaz de fazer.

Mal sabia o príncipe Dain que minha verdadeira habilidade é a de irritar as pessoas.

Valerian avança para mim de novo. Ele está embriagado e furioso, e não é tão bem treinado, mas é um feérico, nascido com os reflexos de gato e abençoado com uma altura que lhe dá maior alcance. Meu coração está em disparada. Eu devia gritar por socorro. Devia gritar.

Abro a boca, mas ele pula em cima de mim. O grito sai como uma baforada de ar quando perco o equilíbrio. Meu ombro bate no chão com força, e eu rolo novamente. Apesar da surpresa, tenho prática suficiente para chutar a mão da faca quando ele se aproxima de mim. A lâmina sai deslizando pelo chão.

— Calma — peço, como se estivesse tentando acalmar a nós dois. — Calma.

Ele nem hesita. Apesar de eu estar segurando uma faca, apesar de ter desviado de seus ataques duas vezes e de tê-lo desarmado, apesar de já tê-lo esfaqueado uma vez, Valerian tenta agarrar meu pescoço de novo. Seus dedos afundam na minha pele e me lembro do momento em que ele enfiou a fruta de fada na minha boca, a carne macia se abrindo entre meus dentes. Eu me lembro de ter sufocado com o néctar e a polpa ao mesmo tempo em que a euforia horrível da maçã eterna tomava conta de mim, roubando até mesmo a atenção que eu deveria dar ao fato de estar morrendo. Ele queria me ver morrer, queria me ver lutar para respirar, assim como estou lutando agora. Então encaro os olhos dele e encontro a mesma expressão lá.

Você não é nada. Você mal existe. Seu único propósito é procriar mais seres da sua espécie antes de sofrer uma morte sem sentido e agonizante.

Ele está enganado. Vou fazer minha vida efêmera representar muita coisa.

Não vou ter medo dele nem da censura do príncipe Dain. Se eu não puder ser melhor do que eles, então vou ser muito pior.

Apesar dos dedos na minha traqueia, apesar de minha visão periférica já estar escurecendo, eu calculo bem meu golpe antes de enfiar a faca no peito de

Valerian. No coração.

Valerian rola de cima de mim, emitindo um som gorgolejante. Respiro fundo para sorver o ar. Ele tenta ficar de pé, oscila e cai de joelhos. Olho para ele, tonta, e vejo o cabo de minha faca cravada em seu peito. O veludo do gibão está ganhando um tom vermelho mais escuro e úmido.

Ele estica a mão para a lâmina, ávido para arrancá-la.

— Não faça isso — digo automaticamente, porque sei que só vai piorar o ferimento. Procuro qualquer coisa nos arredores; tem uma anágua com várias saias no chão, a qual posso usar para estancar o sangue. Ele desliza de lado, para longe de mim, e rosna, embora mal esteja conseguindo manter os olhos abertos.

— Você tem que me deixar… — começo a dizer.

— Eu amaldiçoo você — sussurra Valerian. — Eu amaldiçoo você. Três vezes, eu amaldiçoo você. Como você me assassinou, que suas mãos estejam sempre sujas de sangue. Que a morte seja sua única companheira. Que você… — Ele para de falar abruptamente e tosse. Quando cessa, não se mexe mais. Os olhos ficam como estão, entreabertos, mas não brilham mais.

Horrorizada com a maldição, minha mão ferida voa até a boca para cobri-la, como se para segurar um grito, só que o grito não vem. Não gritei durante esse tempo todo e não vou começar agora, quando não há mais nada pelo que gritar.

Conforme os minutos vão se passando, permaneço ali, sentada ao lado de Valerian, vendo a pele de seu rosto ficar cada vez mais pálida pela falta de bombeamento de sangue, vendo os lábios ganharem um tom azul-esverdeado. Ele não morre de um jeito muito diferente dos mortais, mas tenho certeza de que detestaria saber disso. Se não fosse por mim, Valerian poderia ter vivido mil anos.

Minha mão dói mais do que nunca. Devo ter batido o ferimento durante a luta.

Olho ao redor e vejo meu reflexo no espelho do outro lado do quarto: uma garota humana, descabelada, os olhos febris, uma poça de sangue se formando aos seus pés.

Fantasma está chegando. Ele saberia o que fazer com um cadáver. Certamente matou gente antes. Mas o príncipe Dain já está doido de raiva de

mim só porque esfaqueei o filho de um membro bem-visto de sua Corte. O fato de eu ter matado esse mesmo filho na noite anterior à coroação de Dain não pegaria nada bem. As últimas pessoas que preciso que saibam disso estão na Corte de Sombras.

Não, eu mesma preciso esconder o corpo.

Passo os olhos pelo quarto em busca de inspiração, mas o único lugar que julgo capaz de escondê-lo temporariamente é embaixo da cama. Abro a anágua ao lado do corpo de Valerian e o enrolo. Fico um pouco enjoada. O corpo ainda está quente. Ignoro o fato, arrasto Valerian até a cama e o empurro para baixo dela, primeiro com as mãos e depois com os pés.

Só resta uma mancha de sangue no piso. Pego a jarra de água perto da cabeceira da cama e jogo um pouco nas tábuas do chão, depois um pouco no rosto. Quando finalizo a limpeza, minha mão boa está tremendo. Caio no chão, as duas mãos no cabelo.

Eu não estou bem.

Eu não estou bem.

Eu não estou bem.

Mas, quando Fantasma chega em minha sacada, ele não percebe nada, e é isso o que importa.

CAPÍTULO
19

Durante a noite, Fantasma me mostra como subir mais alto do que o patamar onde Taryn e eu ficamos na última vez. Subimos até os caibros acima do Grande Salão e nos acomodamos nas enormes vigas de madeira. Estão cobertas de uma teia de raízes que às vezes se enveredam no formato de gaiolas, às vezes de sacadas, e às vezes mais parecem cordas bambas. Abaixo de nós estão sendo feitos os preparativos para a coroação. Toalhas de mesa em veludo azul, prata martelada e dourado trançado estão sendo estendidas, cada uma delas decorada com o brasão da Casa de Greenbriar, uma árvore florida com espinhos e raízes.

— Você acha que as coisas vão melhorar depois que o príncipe Dain se tornar o Grande Rei? — pergunto.

Fantasma dá um sorriso vago e balança a cabeça com tristeza.

— As coisas serão iguais ao que sempre foram — responde. — Só que mais.

Não sei o que isso quer dizer, mas é uma resposta feérica o suficiente para eu saber que é improvável que eu consiga arrancar mais alguma coisa dele. Penso no corpo de Valerian embaixo da minha cama. Os feéricos não apodrecem do mesmo jeito que os mortais. Às vezes seus corpos são cobertos por líquen ou por cogumelos. Já ouvi histórias sobre campos de batalhas que viraram colinas verdejantes. Eu adoraria voltar e descobrir que Valerian virou planta, mas duvido que tenha tanta sorte assim.

Eu não devia estar pensando no corpo dele; devia estar pensando *nele*. Devia estar preocupada com mais do que ser pega.

Caminhamos pelas raízes e vigas, despercebidos, saltitando silenciosamente acima de grupos de servos uniformizados. Eu me viro para Fantasma, observo o rosto calmo e a maneira experiente com que ele posiciona os pés. Tento imitá-lo. Tento não usar a mão machucada para nada além de equilíbrio. Ele parece reparar, mas não faz perguntas. Talvez já saiba o que aconteceu.

— Agora espere — ordena quando nos acomodamos em uma viga grossa.

— Por alguma coisa específica? — pergunto.

— Fui informado de que tem um mensageiro vindo da propriedade de Balekin, disfarçado com o uniforme do Grande Rei — diz. — Temos que matá-lo antes que entre nos aposentos reais.

Fantasma diz isso sem nenhuma emoção em particular. Eu me pergunto há quanto tempo ele trabalha para Dain. E me pergunto se Dain já pediu para ele enfiar uma faca na própria mão, se testa todos da mesma forma, ou se foi um teste especial, só para os mortais.

— O mensageiro vai assassinar o príncipe Dain? — pergunto.

— Não vamos esperar para descobrir — diz ele.

Abaixo de mim, esculturas com fios de açúcar são finalizadas em torres cristalinas e altas. Maçãs pintadas de nuncamais são empilhadas nas mesas de banquete, em quantidade tal para entorpecer metade da Corte.

Penso na boca de Cardan manchada de dourado.

— Tem certeza de que ele vai passar por aqui?

— Tenho — diz Fantasma, e não mais do que isso.

Então esperamos, e tento não me agitar quando os minutos viram horas, mudando de posição apenas o suficiente para os músculos não ficarem doloridos. Isso é parte do meu treinamento, provavelmente o aspecto que Fantasma acha mais essencial depois da capacidade de ser sorrateiro. Ele sempre diz que a maior parte do tempo de um assassino e ladrão se resume em esperar. A coisa mais difícil, de acordo com ele, é não deixar a mente vagar para outras coisas. Ele parece estar certo. Lá em cima, olhando a movimentação dos servos, meus pensamentos logo se voltam para a coroação, para a garota afogada, para Cardan chegando a cavalo quando eu estava fugindo da Mansão Hollow, para o sorriso congelado e morto de Valerian.

Arrasto os pensamentos de volta ao presente. Abaixo de mim, uma criatura com cauda comprida e sem pelos se arrasta na sujeira e atravessa o aposento.

Por um instante, penso ser da equipe de cozinha. Mas o saco que carrega está imundo demais, e tem alguma coisa errada com o uniforme. A criatura não está vestida como um dos servos de Balekin, mas também não é o mesmo uniforme do restante da equipe do palácio.

Olho para Fantasma.

— Ótimo — diz ele. — Agora dispare.

Minhas mãos estão suadas quando pego a besta em miniatura, procurando firmá-la no braço. Cresci em uma casa que é um verdadeiro matadouro. Fui treinada para isso. Minha lembrança principal da infância envolve derramamento de sangue. E até já matei esta noite. Mas, por um momento, não tenho certeza se sou capaz.

Você não é assassina.

Respiro fundo e disparo. Meu braço tem um espasmo devido ao coice. A criatura cai, um braço trêmulo lançando uma pirâmide de maçãs douradas para tudo que é lado no chão. Eu me recosto em um amontoado denso de raízes, tal como me ensinaram. Servos iniciam uma gritaria, procurando pelo autor do disparo.

Ao meu lado, Fantasma ostenta um sorriso de canto de boca.

— Foi seu primeiro? — pergunta. E quando olho para ele, sem entender, ele esclarece: — Você já matou alguém?

Que a morte seja sua única companheira.

Balanço a cabeça, sem confiar em mim mesma para dizer a mentira em voz alta de forma convincente.

— Às vezes, os mortais vomitam. Ou choram — diz ele, claramente satisfeito por eu não estar fazendo nenhuma dessas coisas. — Não é vergonha nenhuma.

— Estou ótima — comento, respirando fundo e encaixando uma nova flecha na besta.

O que sinto é uma espécie de prontidão meio tensa, encharcada de adrenalina. Parece que ultrapassei algum tipo de limiar. Antes, eu nunca sabia até onde seria capaz de ir. Agora, acredito ter a resposta. Vou até onde tiver que ir. Vou longe demais.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você é boa nisso. Boa de mira e com estômago pra violência.

Fico surpresa. Fantasma não costuma fazer elogios.

Eu prometi me tornar pior do que meus rivais. Dois assassinatos executados numa única noite marcam um trajeto do qual eu deveria me orgulhar. Madoc não poderia estar mais errado a meu respeito.

— A maioria dos filhos dos nobres não tem paciência — diz ele. — E não está acostumada a sujar as mãos.

Não sei o que dizer, a maldição de Valerian está fresca na minha mente. Talvez algo tenha se quebrado dentro mim ao presenciar meus pais serem assassinados. Talvez minha vida ferrada tenha me transformado numa pessoa capaz de ferrar as coisas. Mas parte de mim se pergunta se fui criada por Madoc para fazer parte daquele ramo da família responsável pelo derramamento de sangue. Eu sou assim por causa do que ele fez com meus pais ou porque ele foi meu pai?

Que suas mãos estejam sempre sujas de sangue.

Fantasma estica a mão para segurar meu pulso, e antes que eu possa me desvencilhar, ele aponta para as meias-luas descoradas na base de minhas unhas.

— Falando em mãos, dá para ver pelos seus dedos o que você anda fazendo. A matiz azul. Também sinto o cheiro no seu suor. Você anda se envenenando.

Engulo em seco, mas, como não tenho motivo para negar, simplesmente faço que sim com a cabeça.

— Por quê? — O que mais gosto em Fantasma é que ele nunca faz as perguntas preparando o terreno para um sermão. Ele só parece curioso.

Não sei bem como explicar.

— Ser mortal significa ter que me esforçar mais.

Fantasma avalia minha expressão.

— Venderam mesmo uma porção de mentiras para você. Muitos mortais são melhores do que os feéricos em várias coisas. Por que você acha que nós costumamos sequestrá-los?

Demoro um momento para perceber que ele está falando sério.

— Então eu poderia ser…? — Não consigo terminar a frase.

Ele ri.

— Melhor do que eu? Não força a barra.

— Não era isso que eu ia dizer — protesto, mas ele apenas sorri. Eu olho para baixo. O corpo ainda está caído lá. Alguns cavaleiros se reuniram em volta. Assim que removerem o corpo, iremos embora. — Eu só preciso conseguir derrotar meus inimigos. Só isso.

Ele parece surpreso.

— Então você tem muitos inimigos? — Tenho certeza de que ele me imagina entre os filhos dos nobres, com as mãos macias e saias de veludo. Ele pensa em pequenas crueldades, delitos leves, humilhações menores.

— Não muitos — respondo, pensando no olhar indolente de ódio que Cardan lançou para mim sob a luz das tochas no labirinto. — Mas são de qualidade.

Quando os cavaleiros finalmente removem o corpo e ninguém está nos procurando mais, Fantasma me guia pelas raízes de novo. Seguimos pelos corredores até conseguirmos chegar perto o bastante da bolsa do mensageiro para roubar os papéis ali dentro. Mas, de perto, percebo uma coisa que faz gelar meu sangue. O mensageiro estava disfarçado. A criatura é mulher, e embora a cauda seja falsa, o nariz comprido de pastinaca é real. Ela é uma das espiãs de Madoc.

Fantasma enfia o bilhete no casaco e só o desenrola quando estamos no bosque, apenas o luar como iluminação. Mas quando ele lê, sua expressão fica pétrea. Ele está segurando o papel com tanta força que está enrugando entre seus dedos.

— O que diz? — quero saber.

Ele vira o papel para mim. Tem cinco palavras rabiscadas: MATE O PORTADOR DESTA MENSAGEM.

— O que quer dizer? — pergunto, enjoada.

Fantasma balança a cabeça.

— Quer dizer que Balekin armou para a gente. Venha. Temos que ir.

Ele me puxa pelas sombras, e juntos nos afastamos. Não conto para Fantasma que achava que ela trabalhava para Madoc. Em vez disso, simplesmente tento entender as coisas sozinha. Mas tenho poucas peças do quebra-cabeça.

O que o assassinato de Liriope tem a ver com a coroação? O que Madoc tem a ver com isso? A espiã dele poderia ser uma agente dupla, trabalhando

para Balekin além de Madoc? Se sim, isso quer dizer que ela estava roubando informações da minha casa?

— Alguém está tentando nos distrair enquanto prepara a armadilha — diz Fantasma. — Fique alerta amanhã.

Ele não me dá mais ordens específicas, nem me manda parar de tomar as pequenas doses de veneno. Ele não me manda fazer nada de diferente; apenas me leva para casa para dormir um pouco, logo depois do amanhecer. Quando estamos prestes a nos separar, tenho vontade de parar e me botar à mercê dele. *Eu fiz uma coisa horrível*, almejo dizer. *Me ajude com o corpo. Me ajude*.

Mas todos nós sempre almejamos coisas idiotas. Isso não quer dizer que devemos obtê-las.



Enterro Valerian perto do estábulo, para além dos cercados, para que nem o mais carnívoro dos cavalos de Madoc possa cavar para mastigar seus ossos.

Não é fácil enterrar um corpo. E não é fácil enterrar um corpo sem despertar a desconfiança de todo mundo da sua casa. É necessário rolar Valerian até a sacada do meu quarto e lançá-lo na vegetação abaixo. Depois, com apenas uma das mãos, preciso arrastá-lo para bem longe de casa. Estou cansada e suada quando chego a um possível local para a cova, forrado de grama coberta de orvalho. Pássaros que acabaram de despertar chamam uns aos outros embaixo do céu cada vez mais claro.

Por um momento, só quero me deitar.

Mas ainda preciso cavar.



A tarde seguinte passa num átimo, com direito a privação de sono, sendo maquiada e trançada, apertada e espremida em um espartilho. Três brincos gordos de ouro sobem por uma das orelhas verdes de Madoc, e ele usa longas garras douradas nos dedos. Oriana parece uma rosa desabrochando ao lado dele, usando um imenso colar de esmeraldas de corte rudimentar no pescoço, grande o bastante para contar como armadura.

Em meu quarto, desenrolo a mão. Parece pior do que eu esperava, úmida e grudenta em vez de já estar formando casca. Está inchada. Finalmente sigo o conselho de Dain e pego musgo na cozinha, lavo o ferimento e o embrulho novamente com o suporte de botão improvisado. Eu não planejava usar luvas na coroação, mas não tenho escolha. Reviro as gavetas, encontro um par de seda azul-escuro e o pego.

Imagino Locke segurando minhas mãos hoje, imagino-o me levando pela colina. Espero que eu consiga conter a careta se ele apertar minha mão. Não posso deixar que imagine o que aconteceu com Valerian. Por mais que goste de mim, creio que ele odiaria beijar a pessoa que enterrou um de seus amigos.

Minhas irmãs e eu nos esbarramos no corredor quando passamos apressadas, procurando os acessórios necessários. Vivienne revira meu armário de joias por não ter encontrado nada que combinasse com o vestido fantasmagórico que está usando.

— Você vai mesmo participar? — provoco. — Madoc vai ficar perplexo.

Estou usando uma gargantilha para esconder os hematomas que surgiram em meu pescoço quando Valerian me esganou. Quando Vivi se ajoelha para desembolar um emaranhado de brincos, fico apavorada, com medo de que ela espie embaixo da minha cama e ache alguma mancha de sangue remanescente. Fico tão preocupada que mal registro seu sorriso.

— Gosto de deixar todo mundo alerta — diz ela. — Além do mais, quero fofocar com a princesa Rhyia e ver o espetáculo de tantos governantes de cortes feéricas em um só lugar. Mas, acima de tudo, quero conhecer o pretendente misterioso de Taryn e ver o que Madoc vai achar do pedido de casamento.

— Você tem ideia de quem seja? — pergunto. Com todos os acontecimentos recentes, eu quase me esqueci.

— Não tenho nem um palpite. E você? — Ela encontra o que estava procurando: gotas de labradorite iridescentes que Taryn me deu no nosso décimo sexto aniversário, feitas por um funileiro goblin e pagas com três beijos.

Nos momentos livre, fiquei revirando sem parar a ideia de quem poderia pedir a mão dela. Penso na forma como Cardan a puxou de lado e a fez chorar. Penso no olhar predador de Valerian. No modo como ela me

empurrou com força demais quando fiz a provocação sobre Balekin, embora eu tenha quase certeza de que não é ele. Minha cabeça gira, e quero me deitar na cama e fechar os olhos. Por favor, que não seja nenhum deles. Que seja um desconhecido bondoso.

Então relembro o que ela disse: *Acho que você gostaria dele*.

Eu me viro para Vivi e, quando estou prestes a começar uma lista das possibilidades mais idôneas, Madoc entra no quarto. Ele está segurando uma espada fina com cabo de prata.

— Vivienne — diz, a cabeça inclinada. — Você pode me dar um momento a sós com Jude?

— Claro, *papai* — responde Vivi, com uma ênfase baixinha e venenosa enquanto sai com meus brincos.

Ele pigarreia com certo constrangimento e entrega a espada de prata para mim. O guarda-mão e o pomo não possuem adornos, mas têm forma elegante. A lâmina é gravada no sulco com um desenho quase imperceptível de trepadeiras.

— Tenho uma coisa que gostaria que você usasse hoje. É um presente.

Acho que chego a arquejar. É uma espada muito, muito, muito bonita.

— Você tem treinado com tanta dedicação que eu logo soube que deveria ser sua. O artesão que a fez a batizou de Cair da Noite, mas é claro que você pode chamá-la como quiser, ou não chamar de nada. Dizem que dá sorte a quem a empunha, mas todo mundo diz isso sobre espadas, não é? É uma espécie de herança familiar.

As palavras de Oriana voltam à minha mente. *Ele é louco por vocês. Deve ter amado muito sua mãe*.

— Mas e Oak? — pergunto. — E se ele a quiser?

Madoc abre um pequeno sorriso.

— *Você* a quer?

— Quero — digo, sem conseguir me controlar. Quando tiro a espada da bainha, ela desliza como se tivesse sido feita para minha mão. O equilíbrio é perfeito. — Sim, claro que quero.

— Que bom, porque esta espada é sua por direito. Foi feita por seu pai, Justin Duarte. Foi ele quem a criou, ele quem a batizou. É herança da *sua* família.

Fico sem ar por um momento. Nunca ouvi o nome do meu pai saindo da boca de Madoc assim, em alto e bom som. Nós nunca conversamos sobre o fato de que ele assassinou meus pais; sempre contornamos o assunto.

Nem falamos sobre a época em que eles estavam vivos.

— Meu pai fez isto — repito com cuidado, para ter certeza. — Meu pai esteve aqui, em Faerie?

— Sim, durante vários anos. Só tenho algumas de suas produções. Encontrei duas, uma para você e outra para Taryn. — Ele faz uma careta. — Foi aqui que sua mãe o conheceu. Eles fugiram juntos para o mundo mortal.

Respiro, com um calafrio, e encontro a coragem para fazer a pergunta na qual já pensei muitas vezes, mas nunca ousei verbalizar.

— Como eles eram? — Faço uma careta quando as palavras saem. Eu nem sei se quero que ele me conte. Às vezes, só quero odiá-la; porque se eu conseguir odiá-la, amar Madoc não vai ser um fardo tão grande assim.

Mas é claro que ela ainda é minha mãe. A única coisa que me faz sentir raiva de verdade é o fato de ela ter morrido, e isso certamente não foi culpa dela.

Madoc se senta no banco com pés de bode diante da minha penteadeira e estica a perna ruim, parecendo prestes a me contar uma história de ninar.

— Ela era inteligente, sua mãe. E jovem. Depois que eu a trouxe para Faerie, ela bebeu e dançou por semanas. Era o centro de todas as festas.

"Eu nem sempre podia estar com ela. Estava acompanhando uma guerra no leste, um rei Unseelie com muitos territórios e nenhum desejo de se submeter ao Grande Rei. Mas eu absorvia a felicidade dela quando voltava para cá. Ela fazia todo mundo ao seu redor sentir que todas as coisas impossíveis eram possíveis. Acho que eu atribuía isso à mortalidade, mas creio que não estava sendo justo. Era outra coisa. A ousadia, talvez. Ela parecia nunca ter medo, nem de magia e nem de nada."

Achei que ele ficaria com raiva, mas obviamente não está. Na verdade, sua voz carrega um carinho totalmente inesperado. Eu me sento no banco na frente da cama, usando minha nova espada como apoio.

— Seu pai era interessante. Imagino que você ache que eu não o conhecia, mas ele esteve muitas vezes na minha casa, a antiga, a que eles queimaram. Costumávamos beber vinho de mel nos jardins, nós três. Ele amava espadas

desde criança. Quando tinha mais ou menos a sua idade, ele conseguiu convencer os pais a deixar que construísse sua primeira forja no quintal.

"Em vez de ir para a faculdade, seu pai encontrou um mestre ferreiro especialista em espadas para aceitá-lo como aprendiz. A partir daí, foi apresentado a uma curadora assistente em um museu. Ela o deixava entrar lá de madrugada, permitia que visse as espadas e apurasse sua arte. Mas então ele ouviu falar sobre os tipos de espada que só podiam ser feitos pelos feéricos, e assim veio nos procurar.

"Ele era um mestre ferreiro quando chegou aqui, e estava ainda mais habilidoso quando foi embora. Mas não conseguiu resistir a se gabar de ter roubado nossos segredos, assim como a noiva. Em algum momento, a história chegou a Balekin, e ele a transmitiu a mim."

Se meu pai tivesse prestado atenção em Madoc, saberia que era um erro se gabar de ter roubado dele. Mas eu já andei nas ruas do mundo mortal e senti quanto parecem distantes de Elfhame. Com o passar dos anos, o período que ele passou no Reino das Fadas deve ter começado a soar feito um sonho distante.

— Não tenho muita bondade em mim — diz Madoc. — Mas tenho uma dívida com você e suas irmãs. E jurei fazer o melhor que conseguir por vocês.

Eu me levanto e atravesso o quarto para colocar a mão enluvada sobre a pele verde-clara de seu rosto. Ele fecha os olhos felinos. Não consigo perdoá-lo, mas também não consigo odiá-lo. Ficamos assim por um longo momento, então ele ergue o olhar, segura minha mão sem atadura e a beija, os lábios tocando o tecido da luva.

— Depois de hoje, as coisas serão diferentes — diz ele. — Vou esperar você na carruagem.

E então Madoc sai. Ponho as mãos na cabeça. Meus pensamentos estão uma confusão. Mas, quando me levanto, pego minha espada nova. É fria e sólida em minhas mãos, pesada como uma promessa.

CAPÍTULO
20

Oak está de verde, dançando na frente da carruagem. Quando me vê, corre até mim, ávido para que eu o pegue no colo, depois corre para fazer carinho no cavalo antes de mim. É uma criança fada, com os ímpetos de uma criança fada.

Taryn está linda com o vestido bordado, e Vivi está radiante em cinza-violeta suave com mariposas delicadamente costuradas no corpete, parecendo voar dos ombros para o peito e se reunindo em um montinho de um lado da cintura. Percebo como foram poucas as vezes em que a vi com roupas realmente esplêndidas. Seus cabelos estão presos e meus brincos cintilam nas orelhas cobertas de penugem. Os olhos de gato brilham à meia-luz, gêmeos dos de Madoc. Pela primeira vez, isso me faz sorrir. Seguro a mão de Taryn com minha mão boa, e ela a aperta com força. Trocamos um sorriso, conspiradoras desta vez.

Na carruagem, há várias coisas para comer, uma decisão muito inteligente de alguém, porque nenhuma de nós se lembrou de se alimentar o suficiente o dia todo. Tiro uma luva e como dois rolinhos de pão tão leves e cheios de ar que parecem se dissolver na língua. No recheio de cada um, uma mistura de passas e nozes com mel, a doçura suficiente para fazer meus olhos se encherem d'água. Madoc me passa um pedaço de queijo amarelo claro e uma fatia ainda sangrenta de carne de cervo com cobertura de junípero e pimenta. Mandamos ver na comida rapidamente.

Vejo o capuz vermelho de Madoc enfiado no bolso da frente. É sua versão de uma medalha, acho, a ser usada em ocasiões oficiais.

Ninguém fala nada. Não sei o que está se passando pela cabeça dos outros, mas abruptamente percebo que vou ter que dançar. Sou péssima dançarina porque não tenho prática além das aulas humilhantes na escola, com Taryn sendo meu par.

Penso em Fantasma, em Barata e em Bomba tentando proteger Dain do que Balekin planejou. Como eu gostaria de saber o que fazer para ajudá-lo.

MATE O PORTADOR DESTA MENSAGEM.

Olho para Madoc, que beberica vinho com especiarias. Ele parece totalmente à vontade, totalmente alheio (ou despreocupado) à perda de uma de suas espiãs.

Meu coração acelera. Fico me lembrando de não passar a mão na saia do vestido por medo de sujá-la de comida. Por fim, Oriana nos entrega alguns lenços molhados com água de rosas e hortelã para nos limparmos. Isso gera uma confusão, com Oak fazendo o possível para escapar da limpeza. Não há muito espaço para correr na carruagem, mas ele consegue se afastar mais do que parece ser possível, pisoteando todas nós no processo.

Estou tão distraída que nem faço a careta automática quando passamos pela pedra e entramos no palácio. Estamos parando antes mesmo de eu perceber que chegamos. Um recepcionista abre a porta, e consigo ver o pátio inteiro, tomado por música e por vozes e por alegria. E velas, florestas de velas, a cera derretendo e criando um efeito de madeira comida por cupim. Tem velas até nos galhos das árvores, as chamas tremeluzindo com o movimento dos vestidos abaixo. Elas ocupam as paredes como sentinelas, e também se amontoam sobre as pedras, iluminando a colina.

— Pronta? — sussurra Taryn para mim.

— Sim — digo, levemente sem fôlego.

Então saímos da carruagem. Oriana prendeu uma pequena coleira de prata no pulso de Oak, o que não me parece uma ideia tão ruim, ainda que ele esteja choramingando e se sentando na terra em protesto, tal qual um gato.

Vivienne olha ao redor. Há algo de feral em seu olhar. As narinas se dilatam.

— Temos que cumprimentar o Grande Rei uma última vez? — pergunta ela para Madoc.

Ele balança a cabeça sem muito afinco.

— Não. Seremos chamados quando for a hora de fazermos nosso juramento. Até lá, tenho que ficar ao lado do príncipe Dain. E vocês podem ir se divertir até os sinos tocarem e Val Moren começar a cerimônia. Nessa hora, sigam para a sala do trono para testemunharem a coroação. Prefiro que fiquem perto do trono, onde meus cavaleiros podem cuidar de vocês.

Eu me viro para Oriana, esperando um novo sermão sobre não me meter em confusão, ou pelo menos um breve discurso para que eu mantenha as pernas fechadas perto da realeza, mas ela está ocupada demais pedindo para Oak sair do meio da estrada.

— Vamos comemorar — diz Vivi, puxando a mim e a Taryn. Escapulimos para o meio da multidão e, momentos depois, estamos afogadas nela.

O Palácio de Elfhame está lotado. Os feéricos selvagens não aliados, os cortesãos e os monarcas se misturam. Sereianos da Corte Submarina da Rainha Orlagh conversam num idioma próprio, peles penduradas nos ombros feito capas. Vejo o lorde da Corte de Cupins, Roiben, que dizem ter matado a própria amante para ganhar um trono. Ele está perto de uma das mesas mais compridas, e mesmo com o salão abarrotado, há espaço em volta dele, como se ninguém ousasse chegar perto demais. O cabelo de Roiben é da cor do sal, seu traje é todo preto e ele traz uma adaga mortal pendurada no quadril. Ao lado do lorde, uma garota pixie de pele verde usa o que parece ser um vestidinho cinza-pérola e coturnos pesados, roupas obviamente humanas. Parados, um de cada lado da pixie, estão dois cavaleiros com o uniforme da Casa de Roiben, uma com o cabelo escarlate trançado em volta da cabeça. Dulcamara, aquela que nos deu uma aula sobre a coroa.

Há outras criaturas, figuras sobre as quais já ouvi em baladas: Rue Silver de Nova Avalon, que separou sua ilha da costa da Califórnia, está conversando com o filho do exilado Alderking, Severin, que talvez vá tentar se aliar ao novo Grande Rei ou entrar na corte de lorde Roiben. Ele está acompanhado de um garoto humano ruivo e da minha idade, fato que me faz parar e observá-los. O garoto é servo de Severin? Está encantado? Não consigo saber pela forma como olha em volta, mas quando nota que estou observando, o garoto sorri.

Viro a cabeça rapidamente.

Quando faço isso, os sereianos se mexem, e percebo outra pessoa com eles. De pele cinzenta e lábios azuis, o cabelo caído em volta do rosto com olhos

fundos. Mas, apesar de tudo isso, eu a reconheço. Sophie. Eu tinha ouvido histórias sobre os sereianos da Corte Submarina ficarem com os marinheiros afogados, mas não acreditava nelas. Quando Sophie mexe a boca, vejo agora que tem dentes afiados. Um tremor me atinge.

Cambaleio atrás de Vivi e Taryn. Quando olho para trás, já não vejo Sophie, e agora nem sei mais dizer se foi apenas fruto da minha imaginação.

Passamos por criaturas lupinas, um shagfoal e um barguest. Todos estão rindo alto demais, dançando com energia demais. Quando passo por uma pessoa fantasiada de goblin, o sujeito levanta a máscara e me oferece uma piscadela. É Barata.

— Eu soube sobre a outra noite. Bom trabalho — diz ele. — Agora fique de olho em qualquer coisa que pareça fora de lugar. Se Balekin decidir agir contra Dain, vai fazer antes de a cerimônia começar.

— Pode deixar — respondo, me desvencilhado de minhas irmãs para ficar um momento a sós com ele. É fácil se perder um pouco com uma multidão dessas.

— Que bom. Vim testemunhar o príncipe Dain ganhar a coroa. — Ele enfia a mão no paletó marrom-folha e saca uma garrafinha prateada, tira a tampa e bebe um gole. — E os nobres cabriolarem e fazerem papel de bobos.

Ele estica o recipiente para mim com a garra verde-acinzentada. Mesmo de longe, sinto o cheiro do que tem dentro, pungente, forte e um pouco pantanoso.

— Não, estou bem — digo, balançando a cabeça.

— Está mesmo — retruca ele, rindo, e abaixa a máscara de novo.

Fico sorrindo enquanto Barata se embrenha na multidão. Ao vê-lo, fui tomada por uma sensação de finalmente estar me encaixando. Ele, Fantasma e Bomba não são exatamente meus amigos, mas parecem gostar de mim, e não estou inclinada a me prender a detalhes. Tenho espaço junto a eles, e um propósito.

— Por onde você andou? — pergunta Vivienne, me segurando. — Você precisa de uma coleira como a de Oak. Venha, vamos dançar.

Então vou com elas. Tem música para todo lado, incitando uma leveza nos passos. Dizem que é impossível resistir à atração da música feérica, o que não é bem verdade. O impossível mesmo é parar de dançar depois que se começa,

contanto que a música continue. E ela continua a noite toda, uma nova dança se iniciando antes mesmo de a anterior terminar, uma música emendando na outra sem pausa para recuperar o fôlego. É extasiante ser capturada pela música, ser levada pela maré. Mas é claro que Vivi, por ser uma deles, consegue parar quando quer. Ela também pode nos tirar da dança, então dançar com ela é quase seguro. Não que Vivi se lembre de fazer a coisa segura sempre.

Mas eu sou a última pessoa que pode julgar qualquer um por isso.

Damos as mãos e entramos no círculo de dança, pulando e rindo. A música parece estar clamando meu sangue, correndo pelas veias com o mesmo batimento irregular, com os mesmos acordes doces. O círculo se rompe, e de alguma forma me flagro de mãos dadas com Locke. Ele me gira em um movimento vertiginoso.

— Você está linda — diz. — Como uma noite de inverno.

Ele sorri para mim com aqueles olhos de raposa. O cabelo castanho-avermelhado se encaracola em volta das orelhas pontudas. Locke usa um brinco de ouro em uma das orelhas, o qual reflete a luz das velas feito um espelho. É ele quem está lindo hoje, com uma espécie de beleza sufocante e não humana.

— Estou feliz por você ter gostado do vestido — consigo dizer.

— Me responda, você seria capaz de me amar? — pergunta ele, aparentemente do nada.

— Claro. — Dou uma gargalhada, sem saber direito que resposta devo dar. Mas a pergunta é formulada de um jeito tão estranho que não tenho como negar. Eu amo o assassino dos meus pais; sendo assim, acho que seria capaz de amar qualquer um. Eu *gostaria* de amá-lo.

— Eu me pergunto — diz ele. — O que você faria por mim?

— Não sei o que você quer dizer. — Essa figura intrigante com olhos chamejantes não é o Locke que ficou no telhado de sua propriedade comigo, que conversou tão delicadamente ou que me perseguiu pelos corredores em meio a muita risada. Não sei direito quem é este Locke, mas ele me tirou totalmente do prumo.

— Você faria uma promessa por mim? — Ele está sorrindo como se fosse uma provocação.

— Que promessa? — Ele me gira, e meus sapatinhos de couro fazem uma pirueta acima da terra batida. Ao longe, um flautista começa a tocar.

— Qualquer promessa — diz ele num tom leve, embora o pedido não seja tão leve assim.

— Acho que depende — digo, porque a resposta verdadeira, um simples não, não é o que se quer ouvir.

— Você me ama o suficiente para abrir mão de mim? — Tenho certeza de que minha expressão agora é de choque. Ele chega mais perto. — Esse não é um teste de amor?

— Eu… eu não sei — respondo. Tudo isso deve estar levando a algum tipo de declaração da parte dele, seja de afeição ou de ausência dela.

— Você me ama o suficiente para chorar por mim? — As palavras são ditas pertinho do meu pescoço. Sinto o hálito de Locke, o que faz eu me eriçar, o que me causa um calafrio estranho, uma mescla de desejo e desconforto.

— Você quer dizer… se você se machucasse?

— Quero dizer se eu machucasse você.

Minha pele fica arrepiada. Não estou gostando nada disso. Mas pelo menos sei o que dizer.

— Se você me machucasse, eu não choraria. Eu machucaria você também.

O passo dele hesita conforme seguimos deslizando pelo salão.

— Tenho certeza de que você…

E então ele para de falar e olha para trás. Nem consigo pensar direito. Estou corada. Morrendo de medo do que vai dizer agora.

— Hora de trocar de parceiros — diz uma voz, e percebo que é a pior pessoa possível. Cardan. — Ah — diz ele para Locke. — Roubei sua fala?

O tom não é simpático, e quando reviro as palavras na mente, elas não me consolam.

Locke me entrega para o príncipe mais jovem, conforme é esperado por deferência. De soslaio, noto que Taryn está nos observando. Ela está paralisada no meio da festa, parecendo perdida, enquanto feéricos giram ao seu redor, rodopiando os parceiros em espirais vertiginosas. Eu me pergunto se Cardan por acaso a incomodou antes de vir me incomodar.

Ele segura minha mão ferida. Está de roupas e luvas pretas, e posso sentir o couro quente mesmo sobre a seda que encobre meus dedos. Penas de corvo

cobrem a parte de cima do gibão de Cardan, e suas botas têm bicos de metal completamente exagerados que me deixam consciente de como vai ser fácil para ele me encher de chutes violentos depois que começarmos a dançar. Na cabeça, Cardan usa uma coroa de galhos de metal entrelaçado, um pouco inclinada. Tem listras de tinta prata escura nas bochechas e um delineado negro acompanha os cílios. O olho esquerdo está borrado, como se ele tivesse se esquecido e passado a mão ali.

— O que você quer? — pergunto, forçando as palavras. Continuo pensando em Locke, ainda tonta com o que ele disse e com o que não disse. — Anda logo. Pode me insultar.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Eu não recebo ordens de mortais — provoca, o sorriso cruel costumeiro no rosto.

— Então você vai dizer alguma coisa gentil? Não acredito. Fadas não conseguem mentir. — Quero sentir raiva, mas agora só sinto gratidão. Meu rosto não está mais corado, e meus olhos não estão ardendo. Estou pronta para lutar, o que é bem melhor. Embora eu tenha certeza de que era a última coisa que pretendia, ele acabou me fazendo um favor enorme ao me tirar dos braços de Locke.

Cardan coloca a mão no meu quadril. Semicerro os olhos.

— Você me odeia mesmo, não é? — pergunta o príncipe, o sorriso crescendo.

— Quase tanto quanto você me odeia — retruco, pensando na página com meu nome escrito. Pensando no jeito como ele me olhou quando estava bêbado no labirinto de cerca viva. Pensando no jeito como ele está me olhando agora.

Cardan solta minha mão.

— Até nossa próxima luta — diz, fazendo uma reverência que não consigo deixar de considerar um deboche.

Observo Cardan sair costurando pela multidão, sem nenhuma ideia de como interpretar nossa conversa.



Sinos começam a ressoar, sinalizando o início da cerimônia. Os músicos cessam suas rabecas e as harpas. Por um longo momento, a colina fica silenciosa, todos prestando atenção, e então o público se desloca para seus lugares. Avanço para onde o restante dos nobres da Corte do Grande Rei está reunido. Para onde minha família vai estar. Oriana já está lá, ao lado de um dos melhores cavaleiros de Madoc e parecendo ávida para estar em qualquer outro lugar. Oak está livre da coleira e empoleirado nos ombros de Taryn. Ela está sussurrando alguma coisa para um Locke gargalhante.

Paro de me mexer. A multidão se move ao redor, mas fico grudada no chão quando Taryn se inclina e ajeita uma mecha de cabelo de Locke atrás da orelha.

Tem tanta coisa naquele gesto ínfimo. Tento me fazer acreditar que não significa nada, mas depois da conversa estranha que tivemos, não consigo. Mas Taryn tem um namorado, e ele vai pedir a mão dela hoje. Ela sabe que Locke e eu estamos… estamos qualquer coisa.

Você me ama o suficiente para abrir mão de mim? Isso não é um teste de amor?

Vivienne saiu da multidão, os olhos felinos brilhando, o cabelo solto ao redor do rosto. Ela toma Oak nos braços e o rodopia até os dois caírem em cima das saias de Vivi. Eu devia ir até lá, mas não vou.

Ainda não consigo olhar na cara de Taryn, não sem conseguir tirar um pensamento tão desleal da cabeça.

Fico mais recuada então, observando a família real se reunir na plataforma do trono. O Grande Rei está sentado no trono de galhos entrelaçados, usando a coroa pesada, mirando o ambiente com o rosto enrugado e os olhos cor de bronze um tanto alerta, como os de uma coruja. O príncipe Dain está sentado em um banquinho humilde de madeira ao lado do rei, todo de branco, pés e mãos expostos. E atrás do trono está o restante da família real: Balekin e Elowyn, Rhyia e Caelia. Até Taniot, a mãe do príncipe Dain, está presente, com um traje dourado brilhante. O único familiar ausente é Cardan.

O Grande Rei Eldred se levanta, e a colina toda fica em silêncio.

— Longo tem sido meu reinado, mas hoje me despeço de vocês. — A voz dele ecoa pelo local. Raramente ele falou assim, para uma grande plateia, e fico impressionada com a potência de sua voz e com a fragilidade de sua pessoa. — Quando senti o chamado para procurar a Terra da Promessa, acreditei que

passaria. Mas não consigo resistir mais. Hoje, não serei mais o rei, mas um andarilho.

Embora todo mundo aqui provavelmente saiba o motivo para estarmos reunidos, ainda há choro ao redor. Uma fadinha começa a chorar nos cabelos de um puca com cabeça de bode.

O Poeta e Senescal da Corte, Val Moren, surge da lateral da plataforma. Ele é corcunda e magro, o cabelo comprido cheio de gravetos, e traz uma gralha cinzenta no ombro. Ele se apoia em um cajado de madeira lisa que começou a germinar no alto, como se ainda estivesse vivo. Há boatos de que na juventude ele foi atraído das terras mortais para a cama de Eldred. Fico me perguntando o que vai fazer agora, sem seu rei.

— Detestamos que o senhor se vá, meu rei — diz ele, e as palavras parecem assumir uma ressonância especial, agridoce, ao sair de sua boca.

Eldred junta as mãos em concha, e os galhos do trono tremem e começam a crescer, fazendo novos brotos espiralarem no ar, com folhas se abrindo e flores desabrochando ao longo do comprimento. As raízes do teto começam a serpentear, crescendo feito trepadeiras e se arrastando pela lateral da colina. O ar é tomado por um aroma, como de uma brisa de verão, carregado com a promessa de maçãs.

— Outro assumirá o meu lugar. Peço a vocês que me libertem.

Os feéricos reunidos falam ao mesmo tempo, me surpreendendo.

— *Nós libertamos o senhor* — recitam, as palavras ecoando à minha volta.

O Grande Rei deixa a veste oficial pesada cair dos ombros. O tecido se amontoa na pedra em uma pilha cravejada de joias. Ele tira da cabeça a coroa de folhas de carvalho. Já está mais ereto. Consigo notar uma ansiedade nervosa em seus movimentos. Eldred é o Grande Rei de Elfhame há mais tempo do que muitos feéricos são capazes de se lembrar; ele sempre me pareceu velhíssimo, mas o peso da idade agora parece cair junto ao manto do reino.

— Quem você colocará no seu lugar de Grande Rei? — pergunta Val Moren.

— Meu terceiro, meu filho Dain — diz Eldred. — Aproxime-se, filho.

O príncipe Dain se levanta de seu lugar humilde no banco. A mãe dele retira o pano branco que o cobre, deixando-o nu. Pisco. Estou acostumada com certo grau de nudez no Reino das Fadas, mas não na família real. Ao lado

dos outros, em seus brocados pesados e magnificência bordada, ele parece extravagantemente vulnerável.

Eu me pergunto se está com frio. Penso na minha mão machucada e espero que sim.

— Você aceita? — pergunta Val Moren. A gralha cinza no ombro dele levanta as asas com pontas negras e as bate. Não sei se isso está no roteiro da cerimônia.

— Eu assumo o peso e a honra da Coroa — diz Dain num tom sério, e, naquele momento, a nudez se transforma em outra coisa, um sinal de poder. — Eu aceito.

— Corte Unseelie, anfitrião da noite, se aproxime para ungir seu príncipe — diz Val Moren.

Uma gnomo boggan segue até a plataforma. Seu corpo é coberto de pelos dourados, os braços, compridos o suficiente para se arrastarem no chão se ela não os dobrar. A criatura parece forte o bastante para quebrar o príncipe Dain no meio. Em volta da cintura, ela usa uma saia de peles costuradas, e em uma das mãos imensas carrega o que parece um tinteiro.

Ela pinta o braço esquerdo de Dain com longas espirais de sangue coagulado, pinta a barriga, a perna esquerda. Ele nem se mexe. Quando termina, ela recua para admirar o trabalho medonho e faz uma reverência curta para Eldred.

— Corte Seelie, povo do crepúsculo, se aproxime para ungir seu príncipe — diz Val Moren.

Um garoto diminuto coberto por algo que parece feito de casca de bétula e com o cabelo desgrenhado espetado para todos os lados vai até a plataforma. Ele tem asinhas verde-pálidas nas costas. E, quando unge o outro lado de Dain, usa pinceladas densas de pólen, amarelo como manteiga.

— Feéricos selvagens, Povo Tímido, se aproxime para ungir seu príncipe — diz Val Moren.

Agora é um duende que se aproxima, com um terninho garboso cuidadosamente costurado. Ele carrega um punhado de lama, a qual espalha no centro do peito do príncipe Dain, logo acima do coração.

Finalmente vejo Cardan na multidão, meio tonto e com um odre de vinho na mão. Sua bebedeira parece um gesto voluntário de rebeldia. Quando penso

na mancha de tinta prateada em seu rosto e no jeito como pousou a mão no meu quadril, concluo que ele já estava a caminho da embriaguez naquela hora. Sinto uma satisfação imensa e cruel por ele não estar lá com a família real no momento mais importante da Corte em séculos.

Ele deve estar encrencado.

— Quem vai vesti-lo? — pergunta Val Moren, e, uma de cada vez, as irmãs e a mãe levam uma túnica branca e uma calça feita de pele, uma gola dourada e botas de couro de cano alto, macias. Ele parece um rei de livro de histórias, que vai governar de maneira sábia e justa. Imagino Fantasma nas vigas e Barata de máscara, assistindo com orgulho. Sinto um pouco do mesmo orgulho, sendo jurada a ele.

Mas não consigo me esquecer de suas palavras: *Você é minha criatura, Jude Duarte*.

Encosto a mão ferida no cabo da espada de prata, a espada que meu pai forjou. Depois desta noite, serei espiã do Grande Rei e verdadeira integrante da Corte. Vou mentir para os inimigos dele e, se isso não der certo, encontrarei um meio de fazer coisa pior. E se ele me irritar, bem, também vou dar um jeito de contornar isso.

Val Moren bate a base do cajado com força no chão, e sinto a reverberação nos dentes.

— E quem vai coroá-lo?

Eldred exibe uma expressão de orgulho. A coroa brilha em suas mãos retorcidas, cintilando como se o sol emanasse do metal.

— Eu vou.

Os guardas estão mudando a configuração sutilmente, talvez se preparando para escoltar Eldred para fora do palácio. Há mais cavaleiros nas periferias da multidão do que quando a cerimônia começou.

O Grande Rei fala.

— Venha, Dain. Ajoelhe-se diante de mim.

O Príncipe da Coroa se ajoelha na frente do pai e da plateia.

Desvio o olhar para Taryn, que ainda está parada ao lado de Locke. Oriana está com um braço protetor em volta de Oak, um dos tenentes de Madoc inclinado para falar com ela. Ele indica uma porta, e ela diz alguma coisa para Vivi e vai naquela direção. Taryn e Locke vão atrás. Trinco os dentes e começo

a abrir caminho pela multidão até eles. Não quero me desgraçar como Cardan, não estando onde devo estar.

A voz de Val Moren corta meus pensamentos.

— E vocês, povo de Elfhame, aceitam o príncipe Dain como seu Grande Rei?

O grito erige da multidão em vozes agudas e graves.

— Aceitamos.

Volto o olhar para os cavaleiros em volta da plataforma. Em outra vida, eu seria uma deles. Mas quando pouso o olhar ali, reparo em rostos familiares. Os melhores comandantes de Madoc. Guerreiros ferozmente leais.

Eles não estão de uniforme. Por cima da armadura, usam o traje de Greenbriar. Talvez Madoc só esteja sendo cauteloso, colocando apenas seus melhores homens a seu serviço. Mas a espiã que eu matei, a que carregava a mensagem zombeteira, também era de Madoc.

E Oriana, Oak e minhas irmãs saíram. Foram escoltados da colina por um dos tenentes de Madoc bem na hora em que a plataforma ficou mais pesadamente protegida.

Eu tenho um plano para garantir nosso futuro.

Preciso encontrar Barata. Preciso encontrar Fantasma. Preciso avisar a eles que tem alguma coisa errada.

Um estrategista experiente espera a oportunidade certa.

Passo por um trio de goblins, um troll e um membro do Povo Silencioso. Um spriggan rosna para mim, mas não dou atenção. O final da coroação está chegando. Vejo cálices e canecas sendo enchidos.

Na plataforma, Balekin saiu da posição junto aos outros príncipes e princesas. Por um momento, acho que é parte da cerimônia… até ele sacar uma espada comprida e fina, a qual reconheço do duelo horrível com Cardan. Congelo.

— Irmão — repreende o príncipe Dain.

— Eu não aceito você — diz Balekin. — Vim desafiá-lo pela coroa. — Em volta da plataforma, vejo cavaleiros desembainhando espadas. Mas nem Elowyn ou Eldred, nem mais ninguém, nem Val Moren, nem Taniot, nem Rhyia estão equipados. Apenas Caelia saca uma faca do corpete, a lâmina curta demais para ser útil.

Quero sacar minha espada, mas estou imprensada pela multidão.

— Balekin — diz Eldred com severidade. — Filho. A Grande Corte não pode ser como as cortes inferiores. Nós não temos herança sanguínea. Nenhum duelo com seu irmão vai me fazer colocar uma coroa em sua cabeça indigna. Contente-se com a minha escolha. Não se humilhe perante todo o Reino das Fadas.

— Isso devia ser apenas entre nós dois — diz Balekin para Dain, sem dar crédito às palavras do pai. — Não existe Grande Monarca agora. Não há ninguém além de nós e uma coroa.

— Eu não preciso lutar contra você — diz Dain, indicando os cavaleiros agrupados em volta da plataforma, à espera de uma ordem. Madoc está entre eles, mas da distância em que me encontro não consigo ver muito mais. — Você não é digno nem disso.

— Então tenha isso em sua consciência. — Balekin dá dois passos e estica o braço. Ele nem olha na direção em que golpeia, mas a espada perfura a garganta de Elowyn. Alguém grita, e logo todos estão gritando. Por um momento, o ferimento é só uma mancha na pele dela, mas de repente o sangue jorra, um rio vermelho. Elowyn cambaleia para a frente e fica de quatro. Tecido dourado e pedrarias cintilantes estão sendo banhados de vermelho.

Foi um mero movimento da lâmina de Balekin, um gesto quase casual.

A mão de Eldred se levanta. Acho que ele pretende conjurar a mesma magia que fez as raízes crescerem, que fez os galhos do trono florescerem. Mas o poder se foi; Eldred abriu mão dele ao abdicar do reino. E então as flores recém-abertas no trono escurecem e murcham.

A gralha no ombro de Val Moren levanta voo e grasna, seguindo em direção às raízes penduradas na parte oca da colina.

— *Guardas* — chama Dain, com uma voz que espera ser obedecida.

Mas nenhum dos cavaleiros avança para a plataforma. Em uníssono, eles se viram, dando as costas para a família real e mirando as espadas para a plateia. Eles estão permitindo que isso aconteça, que Balekin dê seu golpe.

Mas não consigo acreditar que esse seja o plano de Madoc. Dain é seu amigo. Dain foi à guerra com ele. Dain vai recompensá-lo quando se oficializar como Grande Rei.

A multidão começa a se movimentar e me arrasta junto. Todo mundo está correndo, seja para se aproximar ou se afastar daquela cena grotesca. Vejo o rei de cabelo branco da Corte de Cupins tentando avançar em direção à luta, mas seus próprios cavaleiros se colocam em sua frente e o detém. Minha família foi embora. Procuro Cardan ao redor, mas ele está perdido na multidão.

Tudo está acontecendo muito rápido. Caelia corre e se posta ao lado do Grande Rei. Ela carrega uma faquinha, quase curta demais para ser uma arma, mas a segura com bravura. Taniot se agacha ao lado do corpo de Elowyn, tentando estancar a onda de sangue com a saia do vestido.

— O que me diz agora, Pai? — pergunta Balekin. — Irmão?

Duas flechas voam das sombras e acertam a lateral de Balekin. Ele cambaleia para a frente. O tecido do gibão parece rasgado, um brilho de metal por baixo. Armadura. Procuro Fantasma nas vigas.

Sou uma agente do príncipe tanto quanto ele. É meu dever chegar a Dain. Saio empurrando a multidão outra vez. Na minha cabeça, tenho uma visão do futuro, como uma história que conto para mim mesma, uma narrativa clara e reluzente contra o caos ao meu redor. De alguma forma, vou alcançar o príncipe e defendê-lo da traição de Balekin até os membros leais da guarda dele chegarem a nós. Serei a heroína, aquela que se coloca entre os traidores e seu rei.

Madoc chega lá antes de mim.

Por um breve momento, fico aliviada. A lealdade dos oficiais pode ser comprada, mas Madoc nunca…

E então Madoc enfia a espada no peito de Dain com tanta força que a lâmina o atravessa. Ele a impulsiona para cima, pelo tórax, até o coração.

Eu paro de me mexer e deixo a multidão correr à minha volta. Estou imóvel feito uma pedra.

Vejo um lampejo de osso branco, de músculo vermelho e úmido. O príncipe Dain, que quase se tornou Grande Rei, desaba em cima da capa vermelha oficial cravejada de pedrarias, o sangue derramado perdido no amontoado de joias.

— Traidores — sussurra Eldred, mas sua voz é amplificada pelo espaço. A palavra parece ecoar pelo salão.

Madoc para e cerra o maxilar, como se estivesse cumprindo um dever repugnante. Ele está usando o capuz vermelho agora, aquele que vi em seu bolso, o mesmo que tantas vezes já observei guardado em casa. Esta noite, ele vai renová-lo. Haverá novas marcas. Mas não consigo acreditar que ele esteja fazendo isso sob ordens de alguém.

Madoc deve ter se aliado a Balekin, desorientado os espiões de Dain. Deve ter colocado seus oficiais em posição para manter a família real isolada de qualquer um que pudesse ajudá-los. Deve ter incitado Balekin a orquestrar um ataque no único momento em que ninguém esperaria. Deve até ter percebido que o único jeito de não ativar a maldição fatal da coroa seria agindo quando ela não estivesse na cabeça de ninguém. Conhecendo-o como conheço, tenho certeza de que foi ele quem planejou esse golpe.

Madoc traiu Eldred, e Dain está morto, levando com ele todas as minhas esperanças e planos.

Coroações são um momento em que muitas coisas são possíveis.

Balekin parece insuportavelmente satisfeito consigo.

— Entregue-me a coroa.

Eldred larga o aro, que rola alguns metros pelo chão.

— Pegue você, se é o que deseja.

Caelia está emitindo um lamento terrível. Rhyia olha para a coroa, horrorizada. Val Moren está ao lado de Eldred, o rosto estreito de poeta pálido. Com os cavaleiros ao redor, a plataforma virou um palco bizarro, onde todos os atores estão destinados a executar seus papéis até chegar ao mesmo final sangrento.

As mãos de Madoc estão cobertas de vermelho. Não consigo parar de olhar para elas.

Balekin ergue a Grande Coroa. As folhas douradas de carvalho brilham à luz das velas.

— Você esperou tempo demais para deixar o trono, pai. Ficou fraco. Deixou traidores com pequenos feudos, o poder das cortes baixas segue sem verificação e os feéricos selvagens fazem o que querem. Dain teria sido igual, um covarde que viveria escondido por trás de intrigas. Mas não tenho medo de derramamento de sangue.

Eldred não diz nada. Não faz menção de pegar a coroa ou mesmo uma arma. Simplesmente aguarda.

Balekin ordena que um cavaleiro leve Taniot até ele. Uma mulher barrete vermelho de armadura sobe na plataforma para pegar a consorte de Eldred, que luta para se desvencilhar. Taniot sacode a cabeça para trás e para a frente, os chifres pretos e compridos cortando o ombro da cavaleira. Não importa. Nada importa. São cavaleiros demais. Mais dois passos e não haverá mais luta.

Balekin se ergue na frente do pai.

— Declare que sou o Grande Rei, ponha a coroa na minha cabeça e você poderá ir embora daqui, livre e ileso. Minhas irmãs serão protegidas. Sua consorte vai viver. Se você não obedecer, vou matar Taniot. Vou matá-la aqui mesmo, na frente de todos, para que saibam que você permitiu isso.

Meu olhar se desvia para Madoc, mas ele está nos degraus, falando num tom baixo com um de seus oficiais, um troll que já comeu à nossa mesa, já brincou com Oak e o fez rir. Eu também ri na ocasião. Agora minhas mãos estão tremendo, meu corpo todo está tremendo.

— Balekin, primogênito, independentemente de qual sangue derramar, você nunca vai governar Elfhame — diz Eldred. — Você é indigno da coroa.

Fecho os olhos e penso nas palavras de Oriana para mim: *Não é fácil ser amante do Grande Rei. É ser um peão no tabuleiro o tempo todo*.

Taniot segue para a morte com dignidade. Fica parada. Sua postura é majestosa e resignada, como se ela já tivesse passado para o plano dos mortos. Seus dedos estão entrelaçados. Ela não emite qualquer som quando um dos cavaleiros, a barrete vermelho com o ombro cortado, a decapita com um único golpe de espada, rápido e brutal. A cabeça com chifres de Taniot rola um pouco até bater no cadáver de Dain.

Sinto algo molhado no rosto, como chuva.

Muitos feéricos têm prazer em assistir a assassinatos, e há muitos outros que adoram um espetáculo. Uma espécie de loucura eufórica parece se espalhar pela multidão, um tipo de fome por mais matança. Temo pelo excesso de satisfação. Dois cavaleiros seguraram Eldred.

— Não vou pedir de novo — diz Balekin.

Mas Eldred apenas ri. E continua rindo quando o filho o perfura. Mas ele não cai como os outros. Em vez de jorrar sangue do ferimento, mariposas

vermelhas saem voando. Elas saem de dentro dele com tanta rapidez que logo o corpo do Grande Rei já não está mais ali e só restam as mariposas vermelhas, rodopiando numa nuvem imensa, um furacão de asas finas.

No entanto, a magia que as criou não dura. Logo elas começam a cair, até ficarem espalhadas na plataforma como folhas sopradas. O Grande Rei Eldred está inegavelmente morto.

A plataforma está coberta de corpos e sangue. Val Moren está de joelhos.

— Irmãs — diz Balekin, indo na direção delas. Parte da arrogância sumiu de sua voz e foi substituída por uma delicadeza horrível. Ele parece um homem em meio a um sonho terrível do qual se recusa a acordar. — Qual de vocês vai me coroar? Quem me coroar vai viver.

Penso em Madoc mandando minha mãe não correr.

Caelia se adianta e larga a faca. Ela usa um corpete dourado e uma saia azul, um aro de frutinhas silvestres nos cabelos soltos.

— Eu faço — diz ela. — Já chega. Vou fazer de você o Grande Rei, embora a mancha de seus atos vá permanecer para sempre em seu reinado.

Nunca é como o para sempre, penso, e fico com raiva por estar me lembrando das palavras de Cardan, principalmente agora. Parte de mim está feliz por ela ter aceitado o sacrifício, apesar da abominação de Balekin, do horror inevitável que seu reinado trará. Pelo menos dará fim a essa matança.

Uma flecha voa das sombras das vigas em uma trajetória completamente diferente da anterior. E acerta Caelia bem no peito. Ela arregala os olhos, as mãos voam sobre o coração, como se o ferimento fosse indecente e ela precisasse cobri-lo. E então revira os olhos e desaba sem sequer suspirar. É Balekin quem grita de frustração. Madoc berra ordens aos seus homens, apontando para o teto. Um falange se separa dos outros e sobe a escadaria correndo. Alguns guardas levantam voo com suas asas verde-claras, as lâminas em riste.

Ele a matou. Fantasma a matou.

Abro caminho cegamente em direção à plataforma do trono, passando por um espectro que uiva em um pedido por mais sangue. Nem sei o que estou achando que vou fazer quando chegar lá.

Rhyia pega a faca da irmã e a empunha com mãos trêmulas. O vestido azul a deixa parecida com um pássaro, capturada pouco antes de levantar voo. Ela é

a única amiga verdadeira de Vivi no Reino das Fadas.

— Você vai mesmo lutar contra mim, irmã? — pergunta Balekin. — Você não tem espada nem armadura. Chega, é tarde demais para isso.

— É tarde demais — repete ela, levando a faca até a própria garganta e encostando a ponta bem abaixo da orelha.

— Não! — grito, mas minha voz é sobreposta pela multidão, sobreposta pelo grito de Balekin também. E então, como não consigo suportar mais nenhuma morte, fecho os olhos. Deixo-os fechados enquanto sou empurrada por algo pesado e peludo. Balekin começa a gritar para que alguém encontre Cardan, para que Cardan seja levado até ele, e então meus olhos se abrem automaticamente. Mas Cardan não está por perto. Só tem o corpo caído de Rhyia e mais horror.

Arqueiros alados miram no amontoado de raízes onde Fantasma esteve escondido. Um momento depois, ele cai na multidão. Seguro o fôlego, temendo que tenha sido alvejado. Mas Fantasma rola, fica de pé e sobe correndo a escada, com os guardas em seu encalço.

Ele não tem chance. São muitos, e o palácio está lotado, não há saída desimpedida. Quero ajudá-lo, quero ir até ele, mas estou cercada. Não posso fazer nada. Não posso salvar ninguém.

Balekin se vira para o Poeta da Corte e ergue um dedo em sua direção.

— Você vai me coroar. Diga as palavras da cerimônia.

— Eu não posso — responde Val Moren. — Não sou seu parente, não sou parente da coroa.

— Vai, sim — insiste Balekin.

— Sim, meu senhor — diz o Poeta da Corte com voz trêmula.

Ele recita uma versão rápida da coroação enquanto a colina fica em silêncio. Mas quando pede que a plateia aceite Balekin como o novo Grande Rei, ninguém diz nada. A coroa dourada de folhas de carvalho está nas mãos de Balekin, não em sua cabeça.

O olhar do príncipe percorre a plateia, e embora eu saiba que não vai parar em mim, eu me encolho. A voz dele retumba.

— Jurem lealdade a mim.

Nós não juramos nada. Os monarcas não se ajoelham. Os nobres estão em silêncio. Os feéricos selvagens observam e avaliam. Vejo a rainha Annet da

Corte Unseelie do sul, a Corte de Mariposas, sinalizando para que seus cortesãos saiam do salão. Ela se vira com uma expressão de desprezo.

— Vocês estão jurados ao Grande Rei — diz Balekin. — E eu sou o rei agora. — Ele levanta a coroa e coloca na própria cabeça. Um momento depois, ele grita e a joga no chão. Tem uma queimadura em sua cabeça, a sombra vermelha de um círculo.

— Nós não nos juramos para o rei, mas para a coroa — grita alguém. É lorde Roiben, da Corte de Cupins. Ele agora está na linha de frente dos cavaleiros. E, apesar de ter mais de doze cavaleiros entre ele e Balekin, Roiben não parece particularmente preocupado. — Você tem três dias para colocá-la na cabeça, matador de família. Em três dias vou embora daqui, sem juramento, sem reconhecimento de poder e nem um pouco impressionado. E tenho certeza de que não serei o único.

Há uma onda de gargalhadas e sussurros conforme as palavras se espalham. Um grupo variado ainda ocupa o ambiente: Seelies cintilantes e Unseelies apavorantes; os feéricos selvagens que raramente saem de suas colinas, rios e montes sepulcrais; goblins e hags; pixies e pucas. Eles testemunharam quase toda a família real ser massacrada em uma única noite. Fico pensando em quanta violência ainda vai surgir se não houver um novo monarca para orientá-los. Fico me perguntando quem gostaria disso.

Criaturas cintilam no ar com cheiro de sangue derramado. A festa vai continuar, percebo. Tudo vai continuar.

Mas não sei se eu consigo continuar.

Livro dois

Esvazie seu coração do sonho mortal.
Os ventos despertam, as folhas dançam no ar,
Nossas bochechas pálidas, o cabelo a voar,
O peito arfa, o olhar sentimental,
Os braços trêmulos, a boca entreaberta;
E se alguém vislumbrar nosso grupo apressado,
Teremos entrado entre ele
E o que tinha planejado,
Teremos entrado entre ele
E o que seu coração espera.

— William Butler Yeats,
"The Hosting of the Sidhe"

CAPÍTULO
21

Sou criança de novo, escondida embaixo da mesa, a festa se desenrolando à minha volta.

Levo a mão ao peito e sinto as batidas disparadas. Não consigo pensar. Não consigo pensar. Não consigo pensar.

Tem sangue no meu vestido, pontinhos de sangue penetrando no céu azul.

Eu pensei que não ficaria chocada com a morte, mas… foram *tantas*. Um excesso constrangedor e ridículo. Minha mente fica voltando para as costelas brancas do príncipe Dain, para o jorro de sangue do pescoço de Elowyn e para o Grande Rei negando Balekin repetidamente enquanto morria. Para as pobres Taniot, Caelia e Rhyia, que foram obrigadas a descobrir, cada uma por sua vez, como a coroa de Faerie era mais importante do que a vida delas.

Penso em Madoc, que esteve ao lado direito de Dain todos esses anos. Os feéricos podem não conseguir mentir abertamente, mas Madoc mentiu a cada gargalhada, a cada tapinha nas costas, a cada taça compartilhada de vinho. Madoc, que deixou que nos arrumássemos e que me deu uma linda espada para usar esta noite, como se realmente estivéssemos indo a uma festa divertida.

Eu sabia o que ele era, tento dizer a mim mesma. *Eu vi o sangue seco no capuz. Se me permiti esquecer, a idiota sou eu*.

Pelo menos os cavaleiros levaram minha família embora antes de a matança começar. Pelo menos nenhum deles teve que assistir; no entanto, a não ser que estivessem muito longe, talvez não tenham deixado de ouvir os

gritos. Pelo menos Oak não vai crescer como eu, com a morte como patrimônio.

Fico sentada ali até meu coração desacelerar. Preciso sair da colina. Esta festa vai ficar ainda mais louca, e sem o Grande Rei no trono, não vai dar para controlar as pessoas caso elas queiram se dedicar a alguma outra diversão. Muito provavelmente não vai ser a melhor hora para ser um humano aqui.

Tento me lembrar de quando olhei a organização da sala do trono lá de cima, com Fantasma. Procuro relembrar as entradas da parte principal do castelo.

Se eu conseguisse encontrar um dos guardas e fizesse com que acreditasse que sou parte da família de Madoc, talvez ele pudesse me levar até o restante da minha família. Mas não quero ir. Não quero ver Madoc coberto de sangue, sentado ao lado de Balekin. Não quero fingir que o que aconteceu é qualquer outra coisa além de horrível. Não quero disfarçar minha repulsa.

Tem outra saída. Posso engatinhar por baixo das mesas até a escada e subir até o parapeito perto da sala de estratégia de Madoc. Acho que de lá vou conseguir escalar e chegar na parte do castelo que provavelmente estará deserta — e terei acesso aos túneis secretos. De lá, posso sair sem me preocupar com cavaleiros, guardas e nem mais ninguém. A adrenalina faz meu corpo todo cantarolar com o desejo de me apressar, mas apesar de eu ter algo que parece um plano, ainda não é. Eu posso sair do palácio, mas não tenho para onde ir depois.

Resolva quando estiver do lado de fora, manda meu instinto.

Tudo bem, meio plano basta.

De quatro, sem me preocupar com o vestido, sem me preocupar com o modo como a bainha de minha espada arrasta no chão de terra batida, sem me preocupar com a dor na mão, saio engatinhando. Acima, ouço música. Ouço outras coisas também: o estalo do que podem ser ossos, um choramingo, um uivo. Ignoro tudo.

De repente a toalha de mesa é levantada, e quando meus olhos se adaptam à luminosidade das velas, uma figura mascarada segura meu braço. Não existe um jeito fácil de sacar a espada estando encolhida embaixo da mesa, então pego a faca dentro do corpete. Estou prestes a atacar quando reconheço os sapatos ridículos com bicos de ferro.

Cardan. O único que pode coroar Balekin com legitimidade. O único outro descendente da linhagem Greenbriar que sobrou. Todo mundo no Reino das Fadas parece estar a sua procura, e aqui está ele, vagando com uma frágil máscara prateada de raposa, me olhando com confusão bêbada e cambaleando levemente. Quase dou uma gargalhada. Imagine minha sorte por ter sido a responsável por encontrá-lo.

— Você é mortal — informa ele. Na outra mão, está segurando um cálice vazio, inclinado com distração, como se ele tivesse se esquecido de que o está carregando. — Não é seguro para você aqui. Principalmente se sair por aí esfaqueando todo mundo.

— Não é seguro para *mim*? — Deixando o absurdo da declaração de lado, não faço ideia de por que motivo ele está agindo como se já tivesse pensado na minha segurança que não fosse para acabar com ela. Tento lembrar a mim mesma de que ele deve estar em choque e em luto, e que isto pode estar fazendo com que se comporte de forma estranha. Mas é difícil pensar em Cardan como uma pessoa capaz de nutrir afeto por alguém a ponto de ficar de luto. No momento, ele não parece ligar nem para si mesmo. — Entre aqui embaixo antes que você seja reconhecido.

— Quer brincar de esconde-esconde embaixo da mesa? Encolhida na terra? Típico da sua espécie, mas muito abaixo da minha dignidade. — Ele ri de maneira hesitante, como se esperasse que eu risse também.

Mas eu não rio. Simplesmente fecho a mão e dou um soco em seu estômago, bem onde sei que vai doer. Cardan cai de joelhos. O cálice tomba na terra com um som oco.

— Ai! — grita o príncipe, e permite que eu o puxe para debaixo da mesa.

— Vamos sair daqui sem ninguém reparar — falo para ele. — Vamos ficar embaixo das mesas e seguir até a escadaria que leva aos andares superiores do palácio. E não me diga que engatinhar está abaixo da sua dignidade. Você está tão bêbado que nem consegue ficar em pé direito.

Ouço-o rir com deboche.

— Se você insiste — responde Cardan. Está escuro demais e não consigo ver sua expressão, mas, ainda que estivesse claro, ele está de máscara.

Vamos seguindo embaixo das mesas, com baladas e canções sobre bebedeira entoadas acima, gritos e sussurros no ar, e os passos suaves dos

dançarinos ecoando feito chuva no telhado. Meu coração está disparado pelo derramamento de sangue, por sentir Cardan tão pertinho, por ter batido nele sem sofrer as consequências. Eu me concentro nele engatinhando atrás de mim. Tudo tem cheiro de terra batida, vinho derramado e sangue. Sinto meus pensamentos em disparada, consigo sentir que estou começando a tremer. Mordo o lábio com força para gerar uma nova dor na qual me concentrar.

Preciso segurar as pontas. Não posso perder o controle agora, não com Cardan presenciando.

E não com um plano começando a se formar em minha mente. Um plano que exige a presença deste último príncipe.

Olho para trás e percebo que ele parou de engatinhar. Está sentado no chão, olhando para a mão. Olhando para o anel.

— Ele me desprezava. — A voz de Cardan soa leve, em tom de conversação. Como se tivesse se esquecido de onde está.

— Balekin? — pergunto, pensando no que vi na Mansão Hollow.

— Meu pai — zomba Cardan. — Eu não conhecia os outros direito, meus irmãos e irmãs. Não é engraçado? O príncipe Dain, ele não me queria no palácio e me forçou a sair.

Fico à espera, sem saber o que dizer. É perturbador vê-lo assim, se comportando como se fosse capaz de nutrir emoções.

Depois de um momento, ele parece voltar a si. Seus olhos se concentram em mim, cintilando no escuro.

— Agora estão todos mortos. Graças a Madoc. Nosso honorável general. Não deviam ter confiado nele. Mas sua mãe descobriu isso muito tempo atrás, não foi?

Semicerro os olhos.

— Continue engatinhando.

Ele dá um sorriso de canto de boca.

— Você primeiro.

Vamos seguindo de mesa em mesa, até finalmente estarmos o mais perto possível da escada. Cardan afasta a toalha de mesa e estica a mão para mim de um jeito galante, como um conquistador durante um encontro amoroso. Talvez Cardan pudesse alegar estar fazendo isso por causa de possíveis

espectadores, mas nós dois sabemos que ele está apenas debochando de mim. Eu me levanto sem tocar nele.

A única coisa que importa é sair do salão antes que a festa fique mais sangrenta, antes de a criatura errada decidir que sou um brinquedinho divertido, antes de Cardan ser estripado por alguém que não deseja nenhum Grande Monarca no poder.

Começo a andar em direção à escada, mas ele me faz parar.

— Assim não. Os cavaleiros de seu pai vão reconhecer você.

— Não sou a única que estão procurando — lembro a ele.

Cardan faz uma careta, apesar de a máscara esconder a maior parte de sua expressão. Mesmo assim, vejo na curva da boca.

— Se eles virem seu rosto, vão prestar atenção demais a quem está com você.

Isso é bem irritante, mas ele está certo.

— Se me conhecessem, saberiam que eu jamais andaria com você. — Mas isso é ridículo, pois no momento estou ao lado dele, embora eu me sinta melhor por ter verbalizado isso. Com um suspiro, solto as tranças e passo as mãos pelos cabelos até as mechas caírem desgrenhadas no meu rosto.

— Você está… — diz ele, mas para, piscando algumas vezes, aparentemente sem conseguir terminar. Estou supondo que o truque do cabelo funcionou melhor do que ele esperava.

— Me dê um segundo — peço, e mergulho na multidão. Não gosto de correr esse risco, mas cobrir meu rosto é mais seguro do que não cobrir. Vejo uma nixie de máscara preta de veludo comendo o coração de um pardal em um espetinho. Eu me aproximo sorrateiramente por trás, corto as fitas e seguro a máscara antes que ela bata no chão. A criatura se vira, procurando onde caiu, mas já estou longe. Logo ela vai parar de procurar e vai comer outra iguaria, ou pelo menos é o que espero que faça. Afinal, é só uma máscara.

Quando volto, Cardan está se embebedando com mais vinho, o olhar ardente em mim. Não faço ideia do que ele quer, do que está procurando. Um filete de líquido verde escorre por sua bochecha. Ele pega a jarra pesada de prata como se fosse servir mais.

— Venha — chamo, puxando a mão enluvada dele com a minha.

Estamos a caminho da escada quando três cavaleiros bloqueiam nossa passagem.

— Procurem outro lugar para seu prazer — informa um deles. — Este é o caminho para o palácio, proibido para vocês.

Sinto Cardan enrijecer ao meu lado, porque ele é um idiota e se importa mais com o fato de ser chamado de comum do que com a segurança de qualquer um que seja, infelizmente até mesmo a própria. Puxo seu braço.

— Vamos fazer o que nos mandam — garanto ao cavaleiro, tentando puxar Cardan antes que ele faça alguma coisa da qual vamos nos arrepender.

Mas Cardan nem se mexe. E diz:

— Você está muito enganado.

Cala a boca. Cala a boca. Cala a boca.

— O Grande Rei Balekin é amigo da Corte de minha dama — continua Cardan, a voz persuasiva por trás da máscara prateada. Ele ostenta um meio-sorriso tranquilo. Está falando a língua do privilégio, adotando aquele tom arrastado, com os membros relaxados, como se acreditasse ser o dono de tudo o que vê. Mesmo bêbado, ele é convincente. — Você talvez tenha ouvido falar da rainha Gliten do noroeste. Balekin mandou uma mensagem sobre o príncipe desaparecido. Está aguardando pela resposta.

— E imagino que você não tem provas disso? — pergunta um dos cavaleiros.

— Claro que tenho. — Cardan estica a mão fechada, então abre e revela um anel régio cintilando no meio da mão. Não tenho ideia de quando ele o tirou do dedo, um movimento sorrateiro que eu não imaginava que ele fosse capaz de fazer, ainda mais estando tão embriagado. — Me deram este objeto para que vocês me reconhecessem.

Quando veem o anel, eles abrem caminho.

Com um sorriso arrogante e encantador demais, Cardan pega meu braço e me puxa por eles. Embora eu precise trincar os dentes, permito o gesto. Agora estamos na escadaria, e unicamente por causa dele.

— E a mortal? — grita um dos guardas. Cardan se vira.

— Ah, bem, vocês não estão *completamente* enganados a meu respeito. Pretendo guardar alguns dos prazeres da festa só para mim — diz ele, e todos dão sorrisinhos.

Preciso me segurar para não nocauteá-lo, mas não dá para negar que Cardan é bom com as palavras. De acordo com as regras barrocas que governam as línguas feéricas, tudo o que ele disse era verdade suficiente, mas é preciso se concentrar só nas palavras, claro. Balekin é amigo de Madoc, e eu sou da Corte de Madoc, se a gente forçar um pouco a barra. Então, eu sou a "dama". E os cavaleiros *devem* ter ouvido falar da rainha Gliten; ela é bem famosa. Tenho certeza de que Balekin *está* esperando uma resposta sobre o príncipe desaparecido. Ele deve estar desesperado. E ninguém pode alegar que o anel de Cardan não é um objeto pelo qual ele é reconhecido.

Quanto ao que quer levar da festa, pode ser qualquer coisa.

Cardan é inteligente, mas não é um tipo bom de inteligência. E está um pouco próximo demais da minha própria propensão a mentir para eu ficar à vontade. Mesmo assim, estamos livres. Atrás de nós, o que devia ser a comemoração pela coroação de um novo Grande Rei continua: os gritos, o banquete, os rodopios em danças infinitas. Olho para trás uma vez quando estamos subindo e observo o mar de corpos e asas, olhos de tinta e dentes afiados.

Estremeço.

Subimos os degraus juntos. Deixo que ele mantenha o aperto possessivo no meu braço, me guiando. Permito que abra as portas com suas chaves. Deixo que faça o que quiser. E então, quando estamos no salão vazio no andar de cima do palácio, eu me viro e encosto a ponta da faca diretamente abaixo do queixo de Cardan.

— Jude? — pergunta ele, encostado na parede, pronunciando meu nome com cuidado, como se para evitar a voz arrastada. Não sei bem se já o ouvi chamar meu nome antes.

— Surpreso? — pergunto, um sorriso feroz surgindo em meu rosto. O garoto mais importante do Reino das Fadas, meu grande inimigo, finalmente está em meu poder. A sensação é ainda melhor do que eu achei que seria. — Não deveria estar.

CAPÍTULO
22

Aperto a ponta da faca na pele para que ele sinta a pressão. Seus olhos negros se concentram em mim com nova intensidade.

— Por quê? — pergunta. Apenas isso.

Raramente tive uma sensação tão forte de triunfo. Tenho que me concentrar para impedir que suba à cabeça, mais forte do que vinho.

— Porque sua sorte é péssima e a minha é ótima. Faça o que eu mandar e vou adiar o prazer de machucar você.

— Está planejando derramar mais sangue real hoje? — Ele faz uma expressão de desprezo e se mexe numa tentativa de se desvencilhar da faca. Acompanho o movimento, mantendo a lâmina em seu pescoço. Ele continua falando. — Está se sentindo excluída da matança?

— Você está bêbado — comento.

— Ah, estou mesmo. — Ele apoia a cabeça na pedra e fecha os olhos. A luz das tochas próximas deixa seus cabelos negros da cor do bronze. — Mas você acredita mesmo que vou deixar que me leve para a frente do general, como se eu fosse um inferior…

Aperto a faca com mais força. Ele inspira e contém o fim da frase.

— Claro — diz ele, um momento depois, com uma gargalhada cheia de autoironia. — Eu estava desmaiado enquanto minha família estava sendo assassinada. É difícil ficar abaixo disso.

— Chega de falar — ordeno, afastando qualquer sentimento de pena. Ele nunca teve qualquer compaixão por mim. — Ande.

— Senão? — pergunta ele, ainda sem abrir os olhos. — Você não vai me furar.

— Qual foi a última vez que você viu seu querido amigo Valerian? — sussurro. — Não hoje, apesar do insulto implicado pela ausência dele. Você já se perguntou sobre isso?

Ele abre os olhos. Parece que levou um tapa na cara.

— Sim, já me perguntei. Onde ele está?

— Apodrecendo perto do estábulo de Madoc. Eu o matei e enterrei. Então, acredite quando eu ameaçar você. Por mais improvável que pareça, você é a pessoa mais importante neste reino. Quem estiver com você terá poder. E eu quero poder.

— Acho que você estava certa, no fim das contas. — Cardan observa meu rosto, mas sua expressão não revela nada. — Acho que eu não sabia do que você era capaz.

Tento não deixar que ele perceba quanto sua calma me abala. Faz com que eu sinta que a faca em minha mão, que deveria me conferir autoridade, não é o suficiente. Faz com que eu queira feri-lo só para convencer a mim mesma de que ele pode ser amedrontado de algum modo. Ele acabou de perder a família toda; eu não devia estar pensando assim.

Mas não consigo deixar de pensar que Cardan vai explorar qualquer sentimento de pena da minha parte, qualquer fraqueza.

— Hora de andar — repito a ordem rispidamente. — Vá até a primeira porta e a abra. Depois que entrarmos, vamos até o armário. Tem uma passagem por lá.

— Sim, certo — diz ele, irritado, tentando afastar a faca.

Eu a seguro com firmeza, de forma que a lâmina corte a pele. Ele solta um palavrão e coloca um dedo sujo de sangue na boca.

— Para que isso?

— Diversão — digo, e afasto a faca de seu pescoço, lenta e deliberadamente. Dou um sorriso bem sutil, mas, tirando isso, mantenho a expressão dura como uma máscara, daquele jeito que sei bem fazer, cruel e fria como o rosto recorrente em meus pesadelos. Só quando faço isso é que percebo a quem estou imitando, qual rosto me assustou a ponto de eu querê-lo para mim.

O dele.

Meu coração está tão disparado que sinto enjoo.

— Você pode pelo menos me dizer para onde estamos indo? — pergunta Cardan quando o empurro para a frente com a mão livre.

— Não. Agora, vá. — O rosnado na minha voz é todo meu.

Incrivelmente, ele obedece, cambaleando pelo corredor até o escritório para o qual aponto. Quando chegamos à passagem secreta, ele entra engatinhando, com um único olhar inescrutável para mim. Talvez esteja mais bêbado do que pensei.

Não importa. Logo Cardan vai estar sóbrio.



A primeira coisa que faço quando chego ao ninho da Corte das Sombras é amarrar o príncipe a uma cadeira usando tiras do meu vestido. Em seguida, retiro as máscaras de nossos rostos. Ele não resiste, mas ostenta uma expressão estranha. Não tem ninguém ali, e não faço ideia de quando alguém pode aparecer, nem se vai aparecer.

Não importa. Consigo resolver sem eles.

Afinal, cheguei até aqui. Quando Cardan me encontrou, eu sabia que controlá-lo era o único caminho para obter algum controle sobre o destino do meu mundo.

Penso em todas as promessas que fiz a Dain, inclusive uma que nunca verbalizei: *Em vez de sentir medo, vou me tornar algo a ser temido*. Se Dain não vai me dar poder, vou tomá-lo eu mesma.

Por não ter passado muito tempo na Corte das Sombras, não conheço bem os segredos desse lugar. Circulo pelos aposentos abrindo portas de madeira pesadas, abrindo armários, fazendo inventário dos suprimentos. Descubro uma despensa cheia de venenos e também de queijos e linguiças; uma sala de treinamento com serragem no chão, armas nas paredes e um boneco de madeira novinho no centro, o rosto pintado de forma rudimentar com um sorriso repugnante. Vou para o salão dos fundos, o qual tem quatro colchões no chão e algumas canecas e roupas espalhadas nos arredores. Não toco em

nada até chegar na sala de mapas, que tem uma mesa. A mesa de Dain, cheia de pergaminhos, canetas e cera de lacre.

Por um momento, fico impressionada com a dimensão do que aconteceu. O príncipe Dain se foi, se foi para sempre. E o pai e as irmãs foram junto.

Volto para o salão principal e arrasto Cardan e a cadeira até o escritório de Dain, apoiando-o na porta aberta para poder ficar de olho nele. Pego uma besta pequena e algumas flechas na parede da sala de treinamento. Com a besta ao meu lado, armada e preparada, eu me sento na cadeira de Dain e apoio a cabeça nas mãos.

— Você pode me contar onde exatamente estamos, agora que estou amarrado para sua satisfação? — Tenho vontade de esmurrá-lo sem parar, até arrancar aquele sorrisinho arrogante de sua cara. Mas se eu fizesse isso, ele saberia quanto me assusta.

— Aqui é onde os espiões do príncipe Dain se reúnem — informo a ele, tentando afastar o medo. Preciso me concentrar. Cardan não é nada, é um instrumento, uma ferramenta de jogo.

Ele me olha de um jeito estranho, sobressaltado.

— Como você sabe disso? O que deu em você para me trazer aqui?

— Estou tentando decidir o que fazer agora — confesso com uma sinceridade desconfortável.

— E se algum dos espiões voltar? — pergunta ele, despertando do estupor e parecendo preocupado de verdade. — Vão descobrir você no esconderijo deles e…

Ele para de falar assim que vê meu sorrisinho e cai em um silêncio estupefato. Consigo ver o momento em que Cardan conclui que sou um deles. Que aqui é meu lugar.

Ele volta a ficar calado.

Finalmente. Finalmente eu o fiz reagir.

Faço uma coisa que jamais teria ousado antes. Reviro a mesa do príncipe Dain. Há montanhas de correspondência. Listas. Bilhetes que não foram destinados a Dain ou escritos por ele; provavelmente foram roubados. Mais coisa em andamento: movimentos, enigmas, propostas de leis. Convites formais. Cartas informais e inócuas, inclusive algumas de Madoc. Não sei bem o que estou procurando. Estou passando os olhos por tudo o mais rápido que

consigo em busca de alguma coisa, qualquer coisa que possa me dar uma ideia de por que ele foi traído.

Em toda a minha vida, cresci pensando no Grande Rei e no príncipe Dain como nossos governantes inquestionáveis. Acreditei que Madoc era totalmente leal a eles; eu também era leal. E sabia que Madoc tinha sede de sangue. Acho que sabia que ele queria conquistar mais, mais guerras, mais batalhas. Mas achei que ele considerasse o desejo de guerra como parte de seu papel como general, enquanto parte do papel do Grande Rei era mantê-lo sob controle. Madoc falava sobre honra, sobre obrigação, sobre dever. Ele nos criou sob a chancela dessas coisas; parecia lógico que estivesse disposto a aguentar outros percalços.

Eu nem achava que Madoc *gostasse* de Balekin.

Volto a me lembrar da mensageira morta com a flecha disparada por mim e do bilhete no pergaminho: MATE O PORTADOR DESTA MENSAGEM. Era para enganar, para deixar os espiões de Dain ocupados correndo atrás do próprio rabo enquanto Balekin e Madoc planejavam agir no único lugar em que ninguém havia pensado — bem na cara de todo mundo.

— Você sabia? — pergunto a Cardan. — Sabia o que Balekin ia fazer? É por isso que ficou longe de sua família?

Ele solta uma gargalhada.

— Se pensa isso, por que acha que não corri direto para os braços amorosos de Balekin?

— Conte-me mesmo assim — peço.

— Eu não sabia — diz ele. — Você sabia? Afinal, Madoc é seu pai.

Pego uma barra comprida de cera na mesa de Dain, uma das pontas escurecida.

— Que importância tem o que digo? Posso mentir.

— Conte-me mesmo assim — zomba ele, e boceja.

Tenho vontade de socá-lo.

— Eu também não sabia — assumo, sem olhar para ele. Estou fitando a pilha de anotações, as marcas na cera macia, uma gravura do avesso. — E deveria.

Meu olhar se desvia para Cardan. Vou até ele, me agacho e começo a tirar seu anel real. Ele tenta puxar a mão, mas está preso de tal forma que não consegue. Eu arranco a joia de seu dedo.

Odeio como me sinto ao seu lado, o pânico irracional quando toco sua pele.

— Só estou pegando esse anel idiota emprestado — explico.

O sinete se encaixa perfeitamente na impressão da carta. Os anéis de todos os príncipes e princesas devem ser idênticos. Isso quer dizer que a marca de um é bem semelhante à de outro. Pego um pedaço de papel e começo a escrever.

— Será que não tem nada para beber aqui? — pergunta Cardan. — Imagino que o que vai acontecer agora não será particularmente confortável pra mim, e gostaria de ficar bêbado pra aguentar.

— Você acha mesmo que ligo se você está confortável? — pergunto.

Ouço passos e me levanto de trás da mesa. Um som de vidro se quebrando vem da sala comum. Enfio o anel de Cardan dentro do corpete, onde pesa contra minha pele, e sigo para o corredor. Barata derrubou uma fileira de potes da estante e rachou a madeira de um armário. Vidro quebrado e infusões derramadas cobrem o piso de pedra. Mandrágora. Serpentina. Delfino. Fantasma está segurando o braço de Barata, puxando-o para que não quebre mais coisas, mesmo com o filete de sangue escorrendo pela perna, com a rigidez dos movimentos. Fantasma esteve metido numa briga.

— Ei — cumprimento.

Os dois parecem surpresos em me ver. Ficam ainda mais surpresos quando reparam no príncipe Cardan amarrado a uma cadeira na porta da sala de mapas.

— Você não devia estar comemorando com seu pai? — provoca Fantasma com desprezo. Dou um passo para trás. Ele sempre foi um modelo de calma absoluta e nada natural. Mas nenhum dos dois parece calmo agora. — Bomba ainda está por aí, e os dois quase deram a vida para me libertar do calabouço de Balekin, só para dar de cara com você aqui, se gabando.

— Não! — protesto, me mantendo firme. — Pense bem. Se eu soubesse o que ia acontecer, se estivesse do lado de Madoc, a única maneira de eu estar aqui seria com um grupo de cavaleiros. Vocês teriam sido alvejados ao entrar pela porta. Eu não viria sozinha, arrastando um prisioneiro que meu pai adoraria fisgar.

— Calma, vocês dois. Todos estamos atordoados — diz Barata, olhando para o estrago que fez. Ele balança a cabeça e desvia a atenção para Cardan.

Caminha até ele, observando o rosto do príncipe. Os lábios negros de Barata se repuxam sobre os dentes em uma careta de avaliação. Quando se vira para mim, ele está nitidamente impressionado. — Se bem que parece que um de nós manteve a cabeça no lugar.

— Oi — diz Cardan, erguendo as sobrancelhas e olhando para Barata como se eles estivessem se sentando para beber chá juntos.

As roupas de Cardan estão bagunçadas e sujas por ter engatinhado embaixo das mesas e por ter sido capturado e amarrado. A famosa cauda está aparecendo por baixo da barra da camisa. É fina, quase pelada, com um tufo de pelos pretos na ponta. Enquanto a observo, a cauda faz um movimento depois do outro, serpenteando para a frente e para trás, traindo o rosto tranquilo de Cardan, contando sua história particular de incerteza e medo.

Agora entendo por que ele esconde aquela coisa.

— A gente devia matar ele — diz Fantasma, encolhido no corredor, o cabelo castanho-claro caído na testa. — Ele é o único membro da família real que pode coroar Balekin. Sem Cardan, o trono vai estar perdido para sempre, e nós teremos vingado Dain.

Cardan inspira fundo e solta o ar devagar.

— Eu preferiria viver.

— Nós não trabalhamos mais para Dain — lembra Barata a Fantasma, dilatando as narinas do nariz verde e comprido feito uma lâmina. — Dain está morto e não liga mais para tronos e coroas. Vamos vender o príncipe para Balekin pelo maior valor que conseguirmos e ir embora em seguida. Vamos viver entre as cortes baixas ou entre o povo livre. Há diversão e ouro. Venha junto, Jude. Se quiser.

A proposta é tentadora. Incendiar tudo. Fugir. Recomeçar em um lugar onde ninguém me conheça, só Fantasma e Barata.

— Eu não quero o dinheiro de Balekin. — Fantasma cospe no chão. — E, fora isso, o príncipe é inútil pra nós. Jovem demais, fraco demais. Se não for por Dain, vamos matá-lo em favor de toda Faerie.

— Jovem demais, fraco demais, mau demais — retruco.

— Esperem — pede Cardan. Eu o imaginei com medo muitas vezes, mas a realidade supera a imaginação. Ver a respiração dele se acelerar, o jeito como ele repuxa meus nós cuidadosos, me dá um grande prazer. — Esperem! Eu

posso contar o que sei, tudo o que sei, qualquer coisa sobre Balekin, o que vocês quiserem. Se desejarem ouro e riquezas, posso conseguir pra vocês. Sei o caminho para o tesouro de Balekin. Tenho as dez chaves das dez trancas do palácio. Posso ser útil.

Só nos meus sonhos Cardan já esteve assim. Implorando. Infeliz. Impotente.

— O que você sabia sobre o plano do seu irmão? — pergunta Fantasma, se afastando da parede. Ele se aproxima, mancando.

Cardan balança a cabeça.

— Só que Balekin desprezava Dain. Eu também o desprezava. Ele era desprezível. Eu não sabia que ele tinha conseguido convencer Madoc daquilo.

— O que você quer dizer com desprezível? — pergunto, indignada, mesmo com o ferimento ainda em cicatrização na mão. A morte de Dain levou embora o ressentimento que eu nutria por ele.

Cardan me lança um olhar indecifrável.

— Dain envenenou o próprio filho, ainda no útero. Depois foi fazendo a cabeça de nosso pai até que não confiasse em ninguém além dele. Pergunte a eles… Os espiões de Dain sabem como ele fez Eldred acreditar que Elowyn estava tramando contra ele, o convenceu de que Balekin era um tolo. Dain orquestrou minha expulsão do palácio para eu precisar ser acolhido pelo meu irmão mais velho ou ficar sem casa na Corte. Ele até persuadiu Eldred a abdicar depois de envenenar o vinho dele aos poucos para que ficasse cansado e doente. A maldição da coroa não impede isso.

— Não pode ser verdade. — Penso em Liriope, na carta, no modo como Balekin queria provas sobre a origem do veneno. Mas Eldred não podia ter sido envenenado com cogumelo amanita.

— Pergunte aos seus amigos — diz Cardan, indicando Barata e Fantasma. — Foi um deles que administrou o veneno que matou a criança e a mãe.

Balanço a cabeça, mas Fantasma não me encara.

— Por que Dain faria isso?

— Porque ele era o pai da criança com uma consorte de Eldred, e tinha medo de que nosso pai descobrisse e escolhesse outro de nós para herdeiro. — Cardan parece satisfeito consigo por ter me surpreendido… *nos* surpreendido, pela expressão de Barata e Fantasma. Não gosto do jeito como estão olhando

para Cardan agora, como se ele pudesse ter valor, afinal. — Nem o Rei de Faerie gosta de pensar no filho assumindo seu lugar na cama de uma amante.

Eu não deveria estar chocada com o fato de a Corte de Faerie ser tão corrupta e meio nojenta. Eu sabia disso, assim como sabia que Madoc era capaz de fazer coisas atrozes com os seus. Assim como sabia que Dain nunca foi um sujeito gentil. Ele me fez esfaquear minha própria mão, até varar. Ele me convocou por minha utilidade, mais nada.

O Reino das Fadas podia ser lindo, mas a beleza é comparável à carcaça de um corcel dourado cheio de larvas se contorcendo por baixo da pele, prontas para explodir.

Fico enjoada com o cheiro de sangue. Está no meu vestido, embaixo das minhas unhas, no meu nariz. Como posso ser pior do que os feéricos?

Venda o príncipe para Balekin. Reviro a ideia na mente. Balekin ficaria com uma dívida comigo. Então me tornaria membro da Corte, do jeito que eu quis um dia. Ele me daria qualquer coisa que eu pedisse, qualquer uma das coisas que Dain me ofereceu e mais: terras, um título de cavaleira, uma marca de amor na testa para que todos que me olhassem ficassem doentes de desejo, uma espada capaz de incitar feitiços a cada golpe.

Mas nenhuma dessas coisas parece tão valiosa agora. Nenhuma delas é um superpoder de verdade. O verdadeiro poder não é dado. O verdadeiro poder não pode ser tirado.

Penso em como seria ter Balekin como Grande Rei, o Círculo dos Quíscalos devorando todos os outros círculos de influência. Penso nos servos passando fome, em sua ordem para matar um deles como treinamento, na maneira como mandou Cardan levar uma surra enquanto declarava amor pela família.

Não, não consigo me enxergar servindo Balekin.

— O príncipe Cardan é *meu* prisioneiro — lembro a eles, andando de um lado a outro. Não sou boa em muita coisa, e me revelei boa em espionagem há pouco tempo. Não estou pronta para abrir mão disso. — Eu decido o que vai acontecer com ele.

Barata e Fantasma trocam olhares.

— A não ser que a gente lute — sugiro, porque eles não são meus amigos, e preciso me lembrar disso. — Mas eu tenho acesso a Madoc. Tenho acesso a

Balekin. Sou a melhor chance de negociar um acordo.

— Jude — avisa Cardan da cadeira, mas já passei do ponto da cautela, principalmente quando o aviso vem dele.

Há um momento de tensão, mas Barata abre um sorriso.

— Não, garota, nós não vamos lutar. Se você tem um plano, fico feliz. Não sou muito bom em planejar coisas, a não ser jeitos de arrancar uma pedra preciosa de um lugar bonito. Você sequestrou o príncipe. Essa jogada é sua se você acha que dá conta.

Fantasma franze a testa, mas não o contradiz.

O que tenho que fazer é juntar as peças do quebra-cabeça. Tem uma coisa que ainda não faz sentido: por que Madoc está apoiando Balekin? Balekin é cruel e volátil, duas qualidades não muito estimadas em um monarca. Mesmo que Madoc acredite que Balekin vá dar a ele o que deseja, a impressão que tenho é de que ele poderia conseguir essas coisas de outro modo.

Penso na carta que encontrei na mesa de Balekin para a mãe de Nicasia: *Sei da proveniência do cogumelo amanita que você pede*. Por que, depois de tanto tempo, Balekin iria querer uma prova de que Dain orquestrou o assassinato de Liriope? E se ele tinha uma, por que não a levou para Eldred? A não ser que ele *tivesse* levado e Eldred não tivesse acreditado nele. Ou mesmo se importado. Ou… a não ser que a prova fosse para outra pessoa.

— Quando Liriope foi envenenada? — pergunto.

— Sete anos atrás, no mês das tempestades — diz Fantasma com um retorcer de lábios. — Dain me contou que havia recebido uma previsão sobre a criança. Isso é importante ou é só curiosidade sua?

— Qual foi a previsão? — insisto.

Ele balança a cabeça, como se a lembrança fosse indesejada, mas responde mesmo assim.

— Se o menino nascesse, o príncipe Dain nunca seria rei.

Que profecia típica de feéricos, que dá um aviso sobre o que você vai perder, mas não garante nada. O garoto está morto, mas o príncipe Dain nunca será rei de qualquer modo.

Que eu não seja esse tipo de tolo, que baseia as estratégias em enigmas.

— Então é verdade — diz Barata baixinho. — Foi você quem a matou. — Fantasma franze mais a testa. Não tinha me ocorrido até esse momento que

eles podiam não estar cientes das tarefas uns dos outros.

Os dois parecem pouco à vontade. Eu me pergunto se Barata teria aceitado. E me pergunto o que significa o fato de Fantasma ter feito isso. Quando olho para ele agora, não sei bem o que vejo.

— Eu vou para casa — aviso. — Vou fingir que me perdi na festa de coroação e descobrir o que Cardan vale para eles. Volto amanhã e conto tudo para vocês e para Bomba, se ela já tiver voltado. Me deem um dia para ver o que posso fazer e jurem que não tomarão decisões até lá.

— Se Bomba tiver mais bom senso do que a gente, ela já sumiu do mapa. — Barata aponta para um armário. Sem dizer nada, Fantasma vai até lá, pega uma garrafa e coloca na mesa gasta de madeira. — Como vamos saber que você não vai nos trair? Mesmo que você esteja do nosso lado agora, pode voltar para aquela fortaleza de Madoc e repensar tudo.

Olho para Barata e para Fantasma de maneira especulativa.

— Vou ter que deixar Cardan aqui, o que quer dizer que estou confiando em vocês. Prometo não cometer traição, e vocês me prometam que o príncipe estará aqui quando eu voltar.

Cardan parece aliviado pela ideia de haver um adiamento, independentemente do que possa acontecer depois. Ou talvez só esteja aliviado pela presença da garrafa.

— Você pode nomear um novo rei — diz Fantasma. — Isso é sedutor. Você pode fazer Balekin ficar ainda mais endividado com seu pai.

— Ele não é meu pai — retruco rispidamente. — E se eu decidir que quero ficar ao lado de Madoc, bem, desde que vocês sejam pagos, não vai fazer diferença, vai?

— Acho que não — diz Fantasma meio carrancudo. — Mas se você voltar com Madoc ou qualquer outra pessoa, nós vamos matar Cardan. E depois vamos matar você. Entendido?

Faço que sim. Se não fosse o geas do príncipe Dain, eles poderiam ter me compelido. Claro que não sei se o geas ainda está valendo depois da morte de Dain, e estou com medo de descobrir.

— E se você demorar mais do que o pretendido, nós vamos matá-lo e acabar com tudo antes que piore — continua Fantasma. — Prisioneiros são

como abrunhos. Quanto mais você fica com eles, menos valiosos se tornam. Com o tempo, acabam estragando. Um dia e uma noite. Não se atrase.

Cardan faz uma careta e tenta chamar minha atenção, mas eu o ignoro.

— De acordo — concordo, afinal não sou boba. Nenhum de nós está sentindo muita confiança no momento. — Desde que vocês jurem que Cardan vai estar aqui ileso quando eu voltar amanhã sozinha.

E como também não são bobos nem nada, eles juram.

CAPÍTULO
23

Não sei o que espero encontrar quando chegar em casa. É uma longa caminhada pelo bosque, mais longa ainda porque contorno a ilha para passar longe dos acampamentos dos feéricos que vieram para a coroação. Meu vestido está sujo e rasgado na barra, meus pés estão doloridos e gelados. Quando chego, a propriedade de Madoc está como sempre, tão familiar quanto meus próprios passos.

Penso em todos os outros vestidos pendurados no meu armário, esperando para serem usados, os sapatinhos prontos para dançarem pela pista. Penso no futuro que achei que teria e no outro que se escancara à minha frente como um abismo.

No salão, vejo que há mais cavaleiros do que estou acostumada, entrando e saindo da sala de Madoc. Servos correm para lá e para cá levando canecas, tinteiros e mapas. Poucos se dignam a me olhar.

Há um grito do outro lado do salão. Vivienne. Ela e Oriana estão na sala. Vivi corre até mim e me abraça com força.

— Eu ia matá-lo — diz ela. — Eu ia matá-lo se esse plano idiota machucasse você.

Percebo que não me mexi. Levo a mão até os cabelos de Vivi, deixo os dedos escorregarem até o ombro.

— Estou bem — respondo. — Só fui levada pela multidão. Estou bem. Está tudo bem.

Claro que não está tudo bem. Mas ninguém tenta me contradizer.

— Onde estão os outros?

— Oak está na cama — responde Oriana. — E Taryn está na porta do escritório de Madoc. Ela já vai voltar para cá.

A expressão de Vivi muda ao ouvir isso, mas não sei muito bem como interpretá-la.

Subo a escada até meu quarto, onde lavo a tinta do rosto e a lama dos pés. Vivi vem atrás de mim e se empoleira em um banco. Os olhos de gato estão dourados à luz do sol que entra pela varanda. Ela permanece calada quando começo a pentear o cabelo, soltando os nós. Eu me visto de cores escuras, uma túnica azul-marinho com gola alta e mangas justas, botas pretas reluzentes e luvas novas cobrindo as mãos. Prendo Cair da Noite em um cinto mais pesado e discretamente guardo o anel com o selo real no bolso.

É tão surreal estar no meu quarto, com meus bichos de pelúcia, meus livros e minha coleção de venenos. Com o exemplar de Cardan de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* na mesa de cabeceira. Uma nova onda de pânico me assola. Tenho que descobrir como transformar a captura do príncipe desaparecido em algo vantajoso. Aqui, no meu lar de infância, tenho vontade de rir da minha ousadia. Quem eu penso que sou?

— O que aconteceu com seu pescoço? — pergunta Vivi, franzindo a testa. — E qual é o problema na sua mão esquerda?

Tinha me esquecido do cuidado com que escondi os ferimentos.

— Não é nada, não depois de tudo o que aconteceu. Por que ele fez aquilo?

— Você quer dizer por que Madoc ajudou Balekin? — diz ela, baixando a voz. — Não sei. Política. Ele não liga pra matar. Não liga de ser o culpado pela morte da princesa Rhyia. Ele não está nem aí, Jude. Nunca ligou. É isso que faz dele um monstro.

— Madoc não pode estar querendo que Balekin governe Elfhame — digo. Balekin influenciaria o jeito como o Reino das Fadas interage com o mundo mortal, bem como a quantidade de sangue derramado e de quem. Todo o reino seria como a Mansão Hollow.

É nessa hora que ouço a voz de Taryn junto à escada.

— Locke está falando com Madoc há séculos. Ele não sabe onde Cardan está escondido.

Vivi fica imóvel e observa meu rosto.

— Jude… — começa ela. A voz é um sussurro.

— Provavelmente Madoc só está tentando deixá-lo com medo — diz Oriana. — Você sabe que ele não vai planejar um casamento no meio desse tumulto todo.

Antes que Vivi possa dizer qualquer outra coisa, antes que possa me segurar, corro para o topo da escada.

Relembro as palavras que Locke disse para mim depois que lutei no torneio e deixei Cardan irritado: *Porque você é como uma história que ainda não aconteceu. Porque quero ver o que vai fazer. Quero ser parte do desenrolar da história*. Quando ele disse que queria ver o que eu faria, se referia a descobrir o que aconteceria caso ele partisse meu coração?

Se não consigo encontrar alguma história boa o suficiente, eu invento uma.

As palavras de Cardan quando perguntei se ele achava que eu não merecia Locke ecoam na minha cabeça. *Ah, não*, dissera ele com um sorrisinho debochado. *Eu acho vocês perfeitos um para o outro*. E na coroação: *Hora de trocar de parceiros. Ah, roubei sua fala?*

Ele sabia. E como deve ter dado risada. Todos devem ter morrido de rir.

— Então parece que agora eu sei quem é seu namorado — digo para minha irmã gêmea.

Taryn ergue o olhar e fica pálida. Desço a escadaria lentamente, com cuidado.

Eu me pergunto se, quando Locke e os amigos ficaram rindo, ela também riu junto.

Todos os olhares estranhos, a tensão na voz dela quando eu falava sobre Locke, a preocupação sobre o que andei fazendo com ele no estábulo, o que fizemos na casa dele… de repente tudo faz um sentido grotesco. Sinto a pontada da traição.

Saco Cair da Noite da bainha.

— Eu desafio você — digo para Taryn. — A um duelo. Pela minha honra, que foi gravemente traída.

Taryn arregala os olhos.

— Eu queria contar — justifica ela. — Houve tantas vezes em que comecei a dizer alguma coisa, mas não consegui. Locke disse que, se eu

conseguisse aguentar, seria um teste de amor.

Eu me lembro das palavras dele na festa: *Você me ama o suficiente para abrir mão de mim? Isso não é um teste de amor?*

Acho que ela passou no teste e eu não.

— Então ele pediu você em casamento — comento. — Enquanto a família real era massacrada. Que romântico.

Oriana arqueja baixinho, provavelmente com medo de Madoc me ouvir, de ele não gostar da minha interpretação. Taryn também está um pouco pálida. Acho que, como nenhuma delas viu, podem ter ouvido praticamente qualquer versão. Não é preciso mentir para enganar.

Minha mão aperta o cabo da espada.

— O que Cardan disse para fazer você chorar naquele dia em que voltamos do mundo mortal? — Eu me lembro das minhas mãos no gibão de veludo do príncipe, de suas costas batendo na árvore quando o empurrei. E depois, de quando ela negou que tivesse a ver comigo. Quando não quis me contar o motivo de sua tristeza.

Por um longo momento, Taryn só fica calada. Pela expressão em seu rosto, sei que não quer me contar a verdade.

— Era isso, não era? Ele sabia. Todos sabiam. — Penso em Nicasia sentada à mesa de jantar de Locke, parecendo por um momento confiar em mim. *Ele estraga as coisas. É disso que ele gosta. De estragar as coisas.*

Eu achei que ela estivesse se referindo a Cardan.

— Ele contou que chutou terra na sua comida por minha causa — diz Taryn, a voz baixa. — Locke os enganou para que pensassem que foi você quem o roubou de Nicasia. Então era você quem precisavam punir. Cardan disse que você estava sofrendo no meu lugar e que se você soubesse o motivo, recuaria, mas que eu não podia contar.

Por um longo momento, não faço nada além de pensar nas palavras de Taryn. Em seguida, jogo minha espada entre nós. O metal tilinta no chão.

— Pegue — digo a ela.

Taryn balança a cabeça.

— Eu não quero lutar contra você.

— Tem certeza disso? — Paro na frente dela, irritantemente próxima. Consigo sentir quanto Taryn está se coçando para agarrar meus ombros e me

dar um safanão. Ela deve ter ficado enlouquecida por eu ter beijado Locke, por eu ter dormido na cama dele. — Acho que talvez queira, sim. Acho que você adoraria bater em mim. E sei que quero bater em você.

Tem uma espada pendurada na parede acima da lareira, abaixo de uma faixa de seda com o brasão de lua virada de Madoc. Subo em uma cadeira próxima, piso na prateleira acima da lareira e tiro a espada do gancho. Vai servir.

Então pulo no chão e me aproximo, apontando o aço para o coração de Taryn.

— Estou sem prática — diz ela.

— Eu não. — Diminuo a distância entre nós. — Mas você vai ficar com a espada melhor, e pode dar o primeiro golpe. É justo, mais do que justo.

Taryn fica me olhando por um tempão e finalmente pega Cair da Noite. Ela dá vários passos para trás e desembainha a espada.

Do outro lado da sala, Oriana se apruma com um arquejo. Mas não vem até a gente. Não tenta nos impedir.

Há tantas coisas quebradas que não sei como consertar. Mas sei lutar.

— Não sejam idiotas! — grita Vivi da sacada. Não posso dar muita atenção a ela. Estou concentrada demais em Taryn, que se desloca pelo piso. Madoc ensinou a nós duas e ensinou bem.

Ela golpeia.

Bloqueio a investida, nossas espadas se chocam. O metal ecoa pela sala como um sino.

— Foi divertido me enganar? Você gostou da sensação de ter alguma coisa a mais que eu? Gostou de ver que Locke estava flertando comigo e me beijando ao mesmo tempo que prometia que você seria esposa dele?

— Não! — Ela apara meus primeiros golpes com certo esforço, mas seus músculos ainda se lembram da técnica. Taryn mostra os dentes. — Eu odiei, mas não sou como você. Eu quero me encaixar neste lugar. Desafiá-los só piora as coisas. Você nunca me perguntou nada antes de se opor ao príncipe Cardan. Talvez ele tenha começado tudo por minha causa, mas foi você quem fez tudo continuar. Você não ligou para o que gerou para nós duas. Eu precisei provar a Locke que eu era diferente.

Alguns servos se reuniram para assistir.

Eu os ignoro, ignoro a dor nos braços por ter cavado um túmulo na noite anterior, ignoro o ardor do ferimento na palma da mão. Minha lâmina corta a saia de Taryn, quase chegando à pele. Ela arregala os olhos e cambaleia para trás.

Em seguida trocamos uma série de golpes rápidos. Ela está ofegante, pouco acostumada a ser enfrentada desse modo, mas também não recua.

Bato a lâmina na dela, sem lhe dar tempo de fazer mais do que se defender.

— Então foi *vingança*? — Nós lutávamos quando éramos mais jovens, com varas de treino. E, desde então, nos enveredamos por cabelos puxados, disputas de gritos e pirraças, mas nunca lutamos assim, nunca com aço vivo.

— Taryn! Jude! — grita Vivi, correndo até a escadaria em espiral. — Parem, ou serei obrigada a parar vocês.

— Você odeia os feéricos. — Os olhos de Taryn faíscam quando ela gira a espada em um golpe elegante. — Você nunca ligou para Locke. Ele era só mais uma coisa a tirar de Cardan.

Isso me abala o bastante para ela conseguir passar por minha guarda. A lâmina beija minha lateral antes de eu desviar de seu alcance.

Ela continua.

— Você me acha fraca.

— Você *é* fraca — acuso. — Você é fraca e patética, e eu…

— Eu sou um espelho — grita ela. — Eu sou o espelho para o qual você não quer olhar.

Avanço para Taryn outra vez, colocando todo o meu peso no golpe. Estou com tanta raiva, raiva de tantas coisas. Odeio ter sido burra. Odeio ter sido enganada. A fúria ruge na minha cabeça, alto o bastante para afogar todos os pensamentos.

Desço a espada em direção à lateral do corpo de Taryn em um arco reluzente.

— Eu disse *parem* — grita Vivi, o feitiço cintilando na voz feito uma rede. — Agora, *parem!*

Taryn parece murchar, relaxar os braços, deixar Cair da Noite ficar mole entre os dedos subitamente frouxos. Ela agora ostenta um sorriso vago nos lábios, como se estivesse ouvindo uma música ao longe. Tento controlar meu golpe, mas é tarde demais. Solto a espada, então. O impulso a joga do outro

lado da sala, até bater em uma estante e derrubar uma cabeça de carneiro no chão. O impulso também me faz cair esparramada.

Eu me viro para Vivi, chocada.

— Você não tinha o direito. — Cuspo as palavras, na dianteira de outras mais importantes: *eu poderia ter cortado Taryn no meio*.

Ela parece tão atônita quanto eu.

— Você está usando algum amuleto? Vi você trocar de roupa e você não tinha nenhum.

O geas de Dain. Continuou valendo depois da morte dele.

Meus joelhos parecem ralados. Minha mão está latejando. Minha lateral arde no local onde Cair da Noite raspou minha pele. Estou furiosa por ela ter cessado a luta. Estou furiosa por ela ter tentado usar magia na gente. Eu me levanto. Respiro com dificuldade. Tem suor na minha testa, e meus membros estão tremendo.

Mãos me seguram por trás. Mais três servos se adiantam, se colocam entre a gente e agarram meus braços. Dois outros estão segurando Taryn, arrastando-a para longe de mim. Vivi sopra no rosto de Taryn e ela desperta, balbuciando.

É nessa hora que vejo Madoc diante de sua sala, os tenentes e cavaleiros em volta. E Locke.

Sinto um frio no estômago.

— Qual é o problema de vocês? — grita Madoc, raivoso de um jeito que eu nunca tinha visto. — Já não tivemos uma cota de mortes suficiente por hoje?

Parece uma coisa paradoxal de se dizer, considerando que ele foi a causa de boa parte do que aconteceu.

— Vocês duas vão me esperar na sala de jogos. — Só consigo pensar nele na plataforma, a lâmina cortando o peito do príncipe Dain. Não consigo encará-lo. Estou tremendo inteirinha. Quero berrar. Quero voar para cima dele. Sinto-me uma criança de novo, uma criança impotente num abatedouro.

Quero fazer alguma coisa, mas não faço nada.

Ele se vira para Gnarbone.

— Vá com elas. Cuide para que fiquem longe uma da outra.

Sou levada à sala de jogos e me sento no chão, a cabeça nas mãos. Quando as afasto, estão molhadas de lágrimas. Limpo os dedos rapidamente na calça, antes que Taryn possa ver.



Ficamos aguardando por pelo menos uma hora. Não troco nenhuma palavra com Taryn, que também não fala nada. Ela funga um pouco, limpa o nariz e não chora.

Para me animar, penso em Cardan amarrado na cadeira. Em seguida, penso em como ele me olhou pela cortina de cabelos pretos, nas beiradas curvas do sorriso bêbado, e não me sinto nem um pouco reconfortada.

Estou exausta e total e completamente derrotada.

Odeio Taryn. Odeio Madoc. Odeio Locke. Odeio Cardan. Odeio todo mundo. Só não odeio o suficiente.

— O que ele deu a você? — pergunto a Taryn, finalmente me cansando do silêncio. — Madoc me deu a espada que papai fez. A que você usou para lutar. Ele disse que tinha uma coisa pra você também.

Ela fica em silêncio por tempo suficiente para eu achar que não vai responder.

— Um conjunto de facas de carne. Supostamente, cortam até osso. A espada é melhor. Tem nome.

— Você pode botar nome nas facas de carne. Carnudo Sênior. Destruidor de Cartilagem — brinco, e ela solta um ronco que parece uma risada sufocada.

Mas, depois disso, voltamos a ficar em silêncio.

Finalmente, Madoc entra na sala, a sombra chegando antes, se espalhando no chão como um tapete. Ele joga Cair da Noite desembainhada no piso, à minha frente, depois se acomoda em um sofá com pernas em formato de pés de ave. O sofá range, desacostumado com tanto peso. Gnarbone assente para Madoc e sai.

— Taryn, eu gostaria de falar com você sobre Locke — começa Madoc.

— Você o machucou? — Ela mal disfarça o choro na voz. Amarga, eu me pergunto se ela está fingindo por causa de Madoc.

Ele ri, como se talvez estivesse pensando a mesma coisa.

— Quando ele pediu sua mão, me disse que embora os feéricos sejam instáveis, fato que já sei, ele ainda gostaria de ter você como esposa. Acho que isso quer dizer que você não vai encontrar nele uma pessoa particularmente constante. Ele não disse nada sobre o envolvimento com Jude, mas quando perguntei um momento atrás, ele me respondeu que "os sentimentos mortais são tão voláteis que é impossível não brincar um pouco com eles." Ele me disse que você, Taryn, mostrou que pode ser como nós. E, sem dúvida, o que quer que você tenha feito para provar sua lealdade a ele, foi a fonte do conflito entre você e sua irmã.

O vestido de Taryn está fofo a sua volta. Ela parece composta, embora tenha um pequeno corte na lateral do corpo e a saia esteja rasgada. Parece uma dama, isso se você não reparar demais nas curvas arredondadas das orelhas. Quando me permito pensar direito, não posso culpar Locke por escolhê-la. Sou violenta. Estou me envenenando há semanas. Sou assassina, mentirosa e espiã.

Entendo por que *ele* a escolheu. Só queria que *ela* tivesse me escolhido.

— O que você disse pra ele? — pergunta Taryn.

— Que nunca me percebi como particularmente instável — diz Madoc. — E que o achava indigno de vocês duas.

Taryn cerra as mãos junto às laterais do corpo, mas não há nenhum outro sinal de que esteja com raiva. Ela dominou uma espécie de compostura nobre que eu não tenho. Enquanto eu estudava com Madoc, a tutora dela foi Oriana.

— Você me proíbe de aceitá-lo?

— Não vai acabar bem — diz Madoc. — Mas não vou atrapalhar sua felicidade. Não vou nem atrapalhar a infelicidade que você mesma escolher.

Taryn não diz nada, mas o jeito como ela exala demonstra alívio.

— Vá — diz ele para ela. — E chega de brigar com sua família. Qualquer que seja o prazer que você encontra ao lado de Locke, sua lealdade ainda é para com sua família.

Eu me pergunto o que ele quer dizer com isso, quando fala de lealdade. Eu achava que Madoc fosse leal a Dain. Achei que estivesse jurado a ele.

— Mas ela… — começa Taryn, e Madoc levanta a mão, com a ameaça das unhas pretas curvas.

— Foi quem propôs o desafio? Quem enfiou uma espada em sua mão e a obrigou a brandi-la? Acha mesmo que sua irmã não tem honra, que cortaria você em pedacinhos com você parada e desarmada?

Taryn faz cara feia e empina o queixo.

— Eu não queria lutar.

— Então não lute no futuro — diz Madoc. — Não faz sentido lutar se você não tem a intenção de vencer. Pode ir. Deixe-me aqui para conversar com sua irmã.

Taryn se levanta e vai até a porta. Com a mão na maçaneta pesada de metal, ela se vira, como se prestes a dizer alguma coisa. A camaradagem que tivemos quando Madoc não estava aqui sumiu. Vejo no rosto de Taryn que ela quer que ele me castigue, mas acha que Madoc não vai fazer isso.

— Você devia perguntar a Jude onde está o príncipe Cardan — diz ela, os olhos semicerrados. — Na última vez que o vi, os dois estavam dançando juntos.

Com isso, ela sai, me deixando com o coração disparado e o selo real queimando em meu bolso. Ela não sabe. Só está sendo maldosa, só está tentando me encrencar com um disparo final. Não consigo acreditar que Taryn revelaria alguma coisa caso soubesse.

— Vamos falar sobre seu comportamento hoje — diz Madoc, se inclinando para a frente.

— Vamos falar sobre o *seu* comportamento — retruco.

Ele suspira e passa a mão pelo rosto.

— Você estava lá, não estava? Tentei tirar todos de lá para que vocês não precisassem ver.

— Pensei que você amasse o príncipe Dain. Pensei que você fosse amigo dele.

— Eu o amava bastante — responde Madoc. — Mais do que vou amar Balekin. Mas existem outros que exercem poder sobre minha lealdade.

Penso novamente nas peças do meu quebra-cabeças, nas respostas que vim buscar em casa. O que Balekin poderia ter oferecido ou prometido a Madoc a ponto de persuadi-lo a agir contra Dain?

— Quem? — questiono. — O que poderia valer tanta morte?

— Chega — rosna ele. — Você ainda não está no meu conselho de guerra. Vai saber o que há para saber com o tempo. Até lá, quero garantir que, embora as coisas estejam confusas, meus planos não foram alterados. O que preciso agora é do príncipe caçula. Se você souber onde Cardan está, posso fazer com que Balekin ofereça uma bela recompensa. Uma posição na corte dele. E a mão de qualquer pessoa que você queira. Ou o coração ainda palpitante de qualquer pessoa que você despreze.

Olho para ele com surpresa.

— Você acha que eu tiraria Locke de Taryn?

Ele dá de ombros.

— Parecia que você queria arrancar a cabeça de Taryn do pescoço. Ela enganou você. Não sei o que você poderia considerar uma punição adequada.

Por um momento, ficamos apenas nos olhando. Ele é um monstro, então, se eu quisesse fazer alguma coisa muito ruim, ele não me julgaria por isso. Não muito, pelo menos.

— Se quiser meu conselho — diz Madoc lentamente —, o amor não cresce bem se alimentado pela dor. Aceite que pelo menos isso eu sei. Eu amo você, e também amo Taryn, mas não acho que ela seja adequada para Locke.

— E eu sou? — Não consigo evitar pensar que a ideia que Madoc tem de amor não parece muito confiável. Ele amava minha mãe. Amava o príncipe Dain. O amor dele por nós é capaz de nos render tanta proteção quanto rendeu a eles.

— Não acho *Locke* adequado para *você*. — Ele abre um sorriso. — E se sua irmã estiver certa e você souber onde o príncipe Cardan está, entregue-o a mim. Ele é um almofadinha, não serve de nada com a espada. É encantador, de certa forma, e também é inteligente, mas nada que valha a pena proteger.

Jovem demais, fraco demais, mau demais.

Penso de novo no golpe que Madoc planejou com Balekin e me pergunto qual deveria ser a conclusão original das coisas. Matar os dois mais velhos, os que tinham influência. Depois disso, claro que o Grande Rei cederia e colocaria a coroa na cabeça do príncipe com mais poder, aquele que tinha os militares ao seu lado. Talvez contra a vontade, mas depois de ameaçado, Eldred coroaria Balekin. Só que ele não fez isso. Balekin tentou forçar a barra, e todo mundo morreu.

Todo mundo, menos Cardan. O tabuleiro ficou quase sem nenhum jogador.

Esse não pode ser o jeito como Madoc imaginava que as coisas seriam. Mas, mesmo assim, me lembro de suas lições sobre estratégia. Todos os resultados de um plano devem levar à vitória.

Só que ninguém consegue se planejar para todas as variáveis. Isso é ridículo.

— Eu achei que você fosse fazer um sermão sobre não lutar com espadas dentro de casa — recomeço, tentando desviar a conversa do paradeiro de Cardan. Recebi exatamente o que prometi à Corte das Sombras: uma proposta. Agora só tenho que decidir o que fazer com ela.

— Preciso dizer que se a lâmina tivesse atingido e machucado Taryn, você passaria o restante de seus dias se lamentando? De todas as lições que dei a vocês, pensei que esta seria a que ensinei com mais precisão. — O olhar dele está fixo no meu. Ele está falando sobre minha mãe. Está falando sobre ter assassinado minha mãe.

Não consigo responder nada.

— É uma pena você não ter descontado essa raiva em alguém que merecesse mais. Em épocas assim, os feéricos somem. — Ele me dá um olhar cheio de significado.

Ele está me dizendo que não tem problema eu matar Locke? Eu me pergunto o que Madoc diria caso soubesse que já matei um nobre. Se eu mostrasse o corpo. Aparentemente, talvez eu ganhasse um *parabéns*.

— Como você dorme à noite? — pergunto. É uma coisa péssima de se dizer, e sei que só estou falando isso porque ele me mostrou como estou próxima de me tornar tudo o que mais desprezo nele.

Madoc franze a testa e me olha como se estivesse avaliando que tipo de resposta dar. Imagino como ele deve me ver, uma garotinha emburrada o julgando.

— Alguns são bons com instrumentos de sopro ou tintas. Alguns têm habilidade no amor — diz ele por fim. — Meu talento é para a guerra. A única coisa que me manteve acordado foi negar isso.

Eu faço que sim lentamente.

Ele se levanta.

— Pense no que eu disse. E pense em quais são seus verdadeiros talentos.

Nós dois sabemos o que isso quer dizer. Nós dois sabemos no que eu sou boa, o que eu sou; acabei de perseguir minha irmã lá embaixo com uma espada. Mas o que fazer com esse talento é a grande questão.



Quando saio da sala de jogos, percebo que Balekin deve ter chegado com seus criados. Cavaleiros com seu uniforme — três aves risonhas estampadas no tabardo — estão em posição de sentido no salão principal. Eu passo por eles e subo a escadaria, arrastando a espada atrás de mim, exausta demais para qualquer outra coisa.

Percebo que estou com fome, mas estou enjoada demais para comer. Ficar de coração partido é assim? Não sei se estou chateada por causa de Locke, ou se pelo mundo como era antes de a coroação começar. Mas se pudesse desfazer a passagem dos dias, por que não voltar para antes de eu matar Valerian, por que não voltar a quando meus pais estavam vivos, por que não voltar para o começo?

Ouço uma batida e minha porta é aberta sem que haja qualquer sinalização da minha parte. Vivi entra carregando um prato de madeira com um sanduíche e uma garrafa de vidro âmbar com rolha.

— Sou uma imbecil. Sou uma idiota — digo. — Eu assumo. Não precisa me dar sermão.

— Achei que você fosse pegar no meu pé por causa do feitiço — diz ela. — Sabe qual é, aquele ao qual você resistiu.

— Você não devia fazer magia nas suas irmãs. — Tiro a rolha da garrafa e bebo um gole caprichado de água. Eu não tinha percebido o quanto estava com sede. Bebo mais e quase esvazio o recipiente de uma vez só.

— E você não devia tentar cortar a sua no meio. — Ela se acomoda nos meus travesseiros, nos meus bichos de pelúcia. Distraidamente, pega a cobra e mexe no bifurcado da língua de feltro. — Eu achava que tudo isso, o jogo de espadas, essa coisa de ser cavaleira… eu achava que tudo fosse só uma brincadeira.

Eu me lembro da raiva que ela sentiu quando Taryn e eu cedemos ao Reino das Fadas e começamos a nos divertir. Com coroas de flores na cabeça, disparando flechas no céu. Comendo violetas açucaradas e adormecendo com a cabeça apoiada em troncos. Éramos crianças. Crianças podem rir o dia inteiro, e ainda assim chorar até dormir à noite. Mas segurar uma espada nas mãos, uma espada como a que matou nossos pais, e achar que era um brinquedo… Ela teria que acreditar que eu era desalmada.

— Não é — falei finalmente.

— Não — reforça Vivi, enrolando a cobra de pelúcia no gato de pelúcia.

— Ela contou para você a respeito dele? — quero saber, me acomodando ao lado dela na cama. É bom me deitar, talvez bom até demais. Fico sonolenta na mesma hora.

— Eu não sabia que Taryn estava com Locke — diz Vivi, me oferecendo deliberadamente a frase inteira para eu não ter que me perguntar se ela está tentando me enganar. — Mas não quero falar sobre Locke. Esqueça ele. Quero ir embora de Faerie com você. Esta noite.

Isso me faz me sentar ereta.

— O quê?

Ela ri da minha reação. É um som tão normal, tão completamente descompassado comparado ao alto nível de drama dos dois últimos dias.

— Achei que isso surpreenderia você. Olha, o que quer que aconteça aqui agora, não vai ser bom. Balekin é um babaca. E é burro, além de tudo. Você devia ter ouvido papai xingando no caminho até em casa. Vamos embora.

— E Taryn? — pergunto.

— Eu já falei com ela, e não vou dizer se ela concordou em vir ou não. Quero que você responda por *você*. Jude, escute. Sei que está guardando segredos. Tem alguma coisa deixando você doente. Você está mais pálida e mais magra, e seus olhos estão com um brilho estranho.

— Eu estou bem — insisto.

— Mentirosa — diz ela, mas a acusação não tem vigor. — Sei que você está presa aqui em Faerie por minha causa. Sei que as piores coisas que aconteceram na sua vida foram por minha causa. Você nunca expressou isso, o que é gentileza sua, mas eu sei. Você teve que se transformar em outra coisa e

conseguiu. Às vezes, quando olho em sua direção, não sei nem dizer se você saberia ser humana de novo.

Não sei como lidar com isso, um elogio e um insulto de uma vez só. Mas, por trás, há uma sensação de profecia.

— Você se encaixa aqui melhor do que eu — continua Vivi. — Mas aposto que tem um custo.

Não gosto de imaginar a vida que poderia ter tido, a vida sem magia. Aquela na qual eu deveria estudar em uma escola comum e aprender coisas comuns. Na qual eu teria um pai e uma mãe vivos. Na qual minha irmã mais velha é que seria considerada a esquisitona. Na qual eu não sentiria tanta raiva. Na qual minhas mãos não estariam manchadas de sangue. Eu a imagino agora e me sinto estranha e toda tensa, meu estômago embrulhado.

O que sinto é pânico.

Quando os lobos vierem para aquela Jude, ela será comida em um instante… e os lobos sempre vêm. Fico assustada ao pensar em mim mesma tão vulnerável. Mas, pelo andar das coisas agora, estou quase me tornando um dos lobos. Qualquer que seja a coisa essencial que a outra Jude possui, qualquer que seja a parte inteira dela e danificada em mim, essa coisa pode ser irrecuperável. Vivi está certa; tem um preço ser do jeito que sou. Mas não sei qual é. E não sei se consigo recuperar. Não sei nem se quero.

Mas talvez eu possa tentar.

— O que a gente faria no mundo mortal? — pergunto.

Vivi sorri e empurra o prato com o sanduíche na minha direção.

— Iria ao cinema. Visitaria cidades. Aprenderia a dirigir. Muitos feéricos não vivem nas cortes, não se envolvem com política. Nós poderíamos viver como quiséssemos. Em um loft. Em uma árvore. O que você quiser.

— Com Heather? — Pego o sanduíche e dou uma mordida enorme. Cordeiro fatiado e folhas de dente-de-leão em conserva. Meu estômago ronca.

— Espero que sim — diz ela. — Você pode me ajudar a explicar as coisas pra ela.

Então me ocorre pela primeira vez que, quer ela saiba ou não, Vivi não está sugerindo fugir para ser *humana*. Está sugerindo que a gente viva como os feéricos selvagens, no meio dos mortais, mas não com eles. Nós roubaríamos o

creme de suas xícaras e as moedas de seus bolsos. Mas não nos estabeleceríamos nem teríamos empregos chatos. Não Vivi, pelo menos.

Fico pensando o que Heather vai achar disso.

Quando a questão do príncipe Cardan estiver resolvida, o que vai acontecer? Mesmo que eu descubra o mistério das cartas de Balekin, ainda não há lugar bom para mim. A Corte das Sombras vai debandar. Taryn vai se casar. Vivi vai embora. Eu poderia ir com ela. Poderia tentar entender o que está danificado em mim, tentar recomeçar.

Penso na proposta de Barata, de ir com eles para outra corte. De recomeçar no Reino das Fadas. As duas coisas soam como uma desistência, mas o que mais há para se fazer? Achei que quando chegasse em casa, elaboraria um plano, mas até agora nada.

— Eu não poderia ir hoje — digo com hesitação.

Vivi arqueja e leva a mão ao peito.

— Você está pensando de verdade no assunto.

— Tem coisas que preciso terminar. Me dê um dia. — Fico negociando pela mesma coisa sem parar: tempo. Mas em um dia terei acertado as coisas com a Corte das Sombras. Providências serão tomadas para Cardan. De uma forma ou de outra, tudo vai ser resolvido. Vou arrancar o pagamento que puder deste reino. E se continuar sem plano, vai ser tarde demais para elaborar um. — O que é um dia na sua vida eterna, infinita e interminável?

— Um dia para decidir ou um dia para fazer as malas?

Dou mais uma mordida no sanduíche.

— As duas coisas.

Vivi revira os olhos.

— Só tenha em mente que no mundo mortal não vai ser como é aqui. — Ela caminha até a porta. — *Você* não teria que ser como é aqui.

Ouço os passos de Vivi no corredor. Dou outra mordida no sanduíche. Mastigo e engulo, mas não sinto gosto nenhum.

E se o jeito como eu sou aqui for o jeito como eu sou e ponto? E se, quando tudo for diferente, eu permanecer igual?

Tiro o anel real de Cardan do bolso e o coloco no meio da palma. Eu nem devia estar com isto. Mãos mortais não deviam segurá-lo. Até olhar de pertinho parece errado, mas olho mesmo assim. O ouro é tomado por uma

vermelhidão intensa, e as beiradas estão gastas pelo uso constante. Tem um pouco de cera presa no relevo, e tento arrancá-la com o canto da unha. Fico pensando no quanto este anel valeria no mundo dos humanos.

Antes que consiga me persuadir a não fazê-lo, eu o coloco no meu dedo indigno.

CAPÍTULO
24

Acordo na tarde seguinte sentindo gosto de veneno. Peguei no sono de roupa, encolhida em volta da bainha de Cair da Noite.

Embora não queira, vou até a porta de Taryn e bato. Tenho que dizer alguma coisa para ela antes que o mundo vire de cabeça para baixo de novo. Preciso resolver as coisas entre nós. Mas ninguém atende, e quando giro a maçaneta e entro, encontro o quarto vazio.

Sigo para os aposentos de Oriana, torcendo para que ela saiba onde posso encontrar Taryn. Espio pela porta aberta e a vejo na sacada, admirando as árvores e o lago. O vento balança seus cabelos como a um estandarte descorado. Infla o vestido fino.

— O que você está fazendo? — pergunto ao entrar.

Oriana se vira, surpresa. E é para estar mesmo. Acho que nunca a procurei antes.

— Meu povo já teve asas — diz ela, a vontade evidente na voz. — E, apesar de nunca ter tido um par, às vezes sinto falta delas.

Queria saber se, quando se imagina com asas, Oriana se vê voando pelos céus, para longe disso tudo.

— Você viu Taryn? — Tem trepadeiras enroladas nos dosséis da cama de Oriana, os caules de um verde vívido. Há flores azuis penduradas acima do colchão onde ela dorme, formando um toldo ricamente perfumado. Não há nenhum lugar para sentar que não esteja coberto de plantas. Tenho dificuldade para imaginar Madoc à vontade aqui.

— Ela foi para a casa do noivo, mas eles estarão na mansão do Grande Rei Balekin amanhã. Você também vai. Ele vai oferecer um banquete para seu pai e alguns governantes Seelie e Unseelie. Esperamos que vocês sejam menos hostis uma com a outra.

Não consigo nem imaginar o horror, o constrangimento de estar vestida com roupas finas, o cheiro de fruta feérica denso no ar, enquanto tenho que fingir que Balekin é qualquer coisa diferente de um monstro assassino.

— Oak vai? — quero saber, e sinto a primeira pontada de sofrimento genuína. Se for embora, eu não vou ver Oak crescer.

Oriana junta as mãos e caminha até a penteadeira. As joias dela estão penduradas lá: pedaços de ágata em correntes compridas de contas rudimentares de cristal, gargantilhas com pedras da lua, heliotropos verde-escuros em cordões e um pingente de opala, intenso como fogo à luz do sol. E, em uma bandeja de prata, ao lado de um par de brincos de rubis no formato de estrelas, há uma bolota dourada.

Uma bolota dourada, gêmea da que encontrei no bolso do vestido que Locke me emprestou. O vestido que foi da mãe dele. Liriope. A mãe de Locke. Penso nos vestidos excêntricos e alegres dela, no quarto coberto de poeira. Em como a bolota do bolso dela se abriu e revelou uma ave dentro.

— Tentei convencer Madoc de que Oak era pequeno demais e que o jantar vai ser chato, mas ele insiste para que o filho vá. Talvez você possa se sentar ao lado dele e distrai-lo.

Penso na história de Liriope, que Oriana me contou quando achou que eu estava ficando envolvida demais com o príncipe Dain. Oriana foi consorte do Grande Rei Eldred antes de se tornar esposa de Madoc. Penso no motivo de ela precisar fazer um casamento rápido, no que ela pode ter tido que esconder.

Penso no bilhete que encontrei na mesa de Balekin, o que continha a caligrafia de Dain, um soneto para uma dama com *cabelo de alvorecer* e *olhar estrelado*.

Penso no que a ave disse: *Minha querida amiga, essas são as últimas palavras de Liriope. Tenho três pássaros dourados para espalhar. Três tentativas para que um chegue em suas mãos. Meu estado já está muito além da capacidade de qualquer antídoto, e se você ouvir isto, deixo com você o peso de meus segredos e o último desejo em meu coração. Proteja-o. Leve-o para longe dos perigos desta Corte.*

Faça com que ele fique em segurança e nunca, nunca conte a ele a verdade do que aconteceu comigo.

Penso de novo em estratégia, em Dain e Oriana e Madoc. Lembro-me de quando Oriana chegou aqui. De como Oak nasceu após um breve espaço de tempo, e que não tivemos permissão para vê-lo durante meses porque ele era muito frágil e doente. Que ela sempre foi protetora com ele perto da gente, mas talvez tenha sido por determinado motivo e eu supus que fosse por outro.

Assim como supus que o filho que Liriope queria que a amiga protegesse fosse Locke. Mas e se o bebê que ela estava gestando não morreu com ela?

Sinto como se tivessem roubado meu ar, como se emitir qualquer palavra fosse uma luta contra o oxigênio em meus pulmões. Não consigo acreditar no que estou prestes a dizer, mesmo sabendo que é a conclusão que faz sentido.

— Oak não é filho de Madoc, é? Ou, pelo menos, tão filho de Madoc quanto eu.

Se o menino nascer, o príncipe Dain nunca será rei.

Oriana tapa minha boca. Sua pele tem cheiro de brisa depois de uma nevasca.

— Não diga isso. — Ela fala perto do meu rosto, a voz trêmula. — Nunca mais repita isso. Se você já amou Oak na vida, não diga essas palavras.

Eu afasto a mão dela.

— O príncipe Dain era o pai dele, Liriope era a mãe. Oak foi o motivo para Madoc apoiar Balekin, o motivo para querer Dain morto. E, agora, ele é a chave para a coroa.

Ela arregala os olhos e pega minha mão fria. Oriana jamais me pareceu tão singular, uma criatura de conto de fadas, pálida como um fantasma.

— Como você pode saber disso? Como pode saber qualquer uma dessas coisas, criança humana?

Eu achava que o príncipe Cardan era o indivíduo mais valioso em todo o reino. Eu não fazia ideia.

Rapidamente, fecho a porta e isolo a sacada. Ela me observa e não protesta.

— Onde ele está agora? — pergunto.

— Oak? Com a babá — sussurra ela, me puxando para o pequeno divã no canto, com estampa de brocado de cobra e coberto de pele. — Fale rápido.

— Primeiro, me conte o que aconteceu sete anos atrás.

Oriana respira fundo.

— Você pode achar que eu teria ciúmes de Liriope por ser outra consorte de Eldred, mas não era o caso. Eu a amava. Ela estava sempre rindo, era impossível não amá-la. Apesar de o filho de Liriope ter se colocado entre você e Taryn, não consigo deixar de amá-lo um pouco por causa dela.

Eu me pergunto como foi para Locke saber que sua mãe era amante do Grande Rei. Fico dividida entre pena e um desejo de que a vida dele tenha sido a mais infeliz possível.

— Nós éramos confidentes — continua Oriana. — Ela me contou quando começou o caso com o príncipe Dain. Não pareceu estar levando nada a sério. Acho que ela amou muito o pai de Locke. Dain e Eldred eram namoricos, distrações. Nossa espécie não se preocupa muito com descendentes, você sabe. O sangue feérico é ralo. Acho que não passou pela cabeça que ela poderia ter um segundo filho apenas uma década depois de ter tido Locke. Alguns de nós esperam séculos entre um filho e outro. Alguns de nós nunca têm nenhum.

Eu faço que sim. É por isso que os homens e mulheres humanos são a necessidade pouco apreciada que são. Sem o fortalecimento deles para a linhagem, os feéricos se extinguiriam, apesar da duração interminável de suas vidas.

— O cogumelo amanita é um método de homicídio horroroso — diz Oriana, a mão no pescoço. — Você começa a ficar lenta, os membros tremem até você não conseguir mais se mexer. Mas continua consciente até tudo dentro de você parar, como um mecanismo paralisado. Imagine o horror disso, imagine ter esperanças de ainda se mexer, imagine se esforçar para se mexer. Quando a mensagem dela chegou a mim, Liriope já estava morta. Eu cortei… — A voz de Oriana falha. Sei qual deve ser o restante da frase. Ela deve ter cortado a barriga de Liriope para tirar a criança. Não consigo imaginar Oriana fazendo uma coisa tão brutal e corajosa: encostando a ponta da faca na carne, encontrando o ponto certo e cortando. Tirando uma criança de um útero, segurando o corpinho molhado contra o dela. Mas quem mais poderia ter feito isso?

— Você o salvou — digo, porque se ela não quiser falar sobre essa parte, não precisa.

— Eu o batizei por causa da bolota de carvalho de Liriope — revela ela, a voz pouco mais de um sussurro. — Meu pequeno Oak dourado, como carvalho.

Eu queria tanto acreditar que estar a serviço de Dain era uma honra, que ele era alguém que valia ser seguido. É nisso que dá ansiar tanto por uma coisa: você se esquece de verificar se está podre antes de engolir.

— Você sabia que foi Dain quem envenenou Liriope?

Oriana balança a cabeça.

— Não, por muito tempo. Poderia ter sido outra amante de Eldred. Ou Balekin; houve boatos de que o responsável tinha sido ele. Eu até me perguntei se poderia ter sido Eldred, se ele a havia envenenado por se envolver com seu filho. Mas então Madoc descobriu que Dain tinha conseguido o cogumelo amanita. Ele insistiu para que eu não deixasse Oak chegar perto do príncipe. Ficou furioso, com uma raiva apavorante que eu nunca tinha visto.

Não é difícil entender por que Madoc ficaria furioso com Dain. Madoc, que já tinha achado que a esposa e a filha estivessem mortas. Madoc, que amava Oak. Madoc, que nos lembrava sem parar que a família vinha antes de tudo.

— E você se casou com Madoc porque ele poderia te proteger? — Só tenho lembranças indistintas de quando ele cortejou Oriana, depois os dois fizeram seus juramentos e logo havia uma criança a caminho. Talvez eu tivesse achado um tanto incomum, mas qualquer um pode ter sorte. E me pareceu azar na época, porque Taryn e eu ficamos com medo do que o bebê significaria para nós. Nós achamos que Madoc poderia se cansar da gente e nos largar em algum lugar com o bolso cheio de ouro e bilhetes presos em nossas blusas. Ninguém suspeita do infortúnio do destino.

Oriana olha pelas portas de vidro, para o vento soprando as árvores.

— Madoc e eu temos um acordo. Nós não fingimos um para o outro.

Não tenho ideia do que isso quer dizer, mas parece levar a um casamento frio e cuidadoso.

— E qual é a jogada dele? — pergunto. — Imagino que ele não pretenda que Balekin fique no trono por muito tempo. Acho que consideraria uma espécie de crime contra a estratégia deixar um ato tão óbvio inexplorado.

— O que você quer dizer? — Ela parece sinceramente perplexa. Eles não fingem para o outro, tá bom.

— Madoc vai colocar Oak no trono — digo a ela, como se fosse óbvio. Porque é óbvio. Não sei como ele pretende fazer isso, nem quando, mas tenho certeza de que pretende. Claro que sim.

— Oak — diz ela. — Não, não, não. Jude, não. Ele é uma criança.

Leve-o para longe dos perigos desta Corte. Foi o que disse o recado de Liriope. Talvez Oriana devesse ter ouvido.

Eu me lembro do que Madoc nos disse à mesa de jantar séculos atrás, que o trono fica vulnerável durante uma troca de poder. O que quer que ele pretendesse (e agora estou me perguntando se ele esperava que tanto Dain quanto Balekin morressem, assim o Grande Rei cancelaria a coroação e Madoc ficaria livre para fazer uma jogada diferente), ele deve ter visto a oportunidade à frente, com apenas três pessoas da realeza sobrando. Se Oak se tornasse o grande Rei, Madoc poderia ser regente. E governaria até Oak chegar à maioridade.

E então, quem sabe o que poderia acontecer? Se ele conseguisse manter Oak sob controle, poderia governar para sempre.

— Eu também já fui apenas uma criança — argumento. — Acho que Madoc não estava muito preocupado com o que eu era capaz de aguentar na época, e não creio que ele fique muito preocupado com Oak agora.

Não é que eu ache que ele não ame Oak. Claro que ama. Ele também me ama. Amou minha mãe. Mas Madoc é o que é. Não tem como se desvencilhar de sua natureza.

Oriana segura minha mão e a aperta com força suficiente para as unhas afundarem na minha pele.

— Você não entende. Reis infantes não sobrevivem muito, e Oak é um menino frágil. Ele era pequeno demais quando foi trazido para este mundo. Nenhum rei ou rainha de corte alguma vai baixar a cabeça para ele. Ele não foi criado para esse fardo. Você precisa impedir que aconteça.

O que Madoc poderia fazer com tanto poder à disposição? O que eu poderia fazer com um irmão no trono? E eu realmente tenho como colocá-lo lá. Tenho a carta da vitória para jogar, porque embora Balekin não fosse querer coroar de Oak, aposto que Cardan não ofereceria resistência. Eu poderia tornar meu irmão o Grande Rei e eu mesma uma princesa. Todo esse poder

está bem aí, pronto para ser tomado. Tudo o que preciso fazer é estender a mão.

Tem algo de curioso nessa questão da ambição: você pode pegá-la como uma febre, mas não é tão fácil se livrar dela. Houve uma época em que eu ficava satisfeita em esperar para me tornar cavaleira e para obter poder a fim de obrigar Cardan e os amigos a me deixarem em paz. Eu só queria encontrar um lugar para mim nesse reino.

Agora eu me pergunto como seria escolher o próximo rei.

Penso na maré de sangue escorrendo pela plataforma de pedra até o piso de terra batida da colina. Escorrendo até a base da coroa, de modo que, quando Balekin a ergueu, suas mãos ficaram sujas. Imagino a coroa na cabeça de Oak e me encolho com a imagem.

Também me lembro de como foi ser enfeitiçada por Oak. Sem parar, estapeando minha bochecha até ficar vermelha e quente e ardida. Um hematoma surgiu na manhã seguinte, um hematoma que demorou uma semana para sumir. É isso que as crianças fazem quanto obtêm poder.

— O que faz você achar que posso impedir alguma coisa? — indago.

Oriana não solta minha mão.

— Você disse uma vez que eu estava enganada a seu respeito, que você jamais faria mal a Oak. Diga, você *é capaz* de fazer alguma coisa? Existe alguma chance?

Eu não sou um monstro, eu disse a ela na época em que afirmei que jamais faria mal a Oak. Mas talvez ser um monstro seja minha vocação.

— Talvez — digo, o que não é resposta.

Quando estou saindo, vejo meu irmãozinho. Ele está no jardim, colhendo um buquê de dedaleiras. Oak está rindo, a luz do sol deixando o cabelo castanho de um tom dourado. Quando a babá vai em sua direção, ele sai correndo.

Aposto que ele nem faz ideia de que aquelas flores são venenosas.

CAPÍTULO
25

Sou recebida por gargalhadas quando volto à Corte das Sombras. Estou esperando encontrar Cardan do jeitinho que o deixei, intimidado e calado, talvez ainda mais infeliz do que antes. Mas as mãos dele foram desamarradas, e ele está à mesa, jogando cartas com Barata, Fantasma… e Bomba. No centro tem uma pilha de joias e uma jarra de vinho. Há duas garrafas vazias embaixo da mesa, o vidro verde capturando a luz da vela.

— Jude — diz Bomba com alegria. — Senta aqui! Vamos botar você no jogo.

Fico aliviada por vê-la ilesa. Mas nada mais no cenário é bom.

Cardan sorri para mim como se tivéssemos sido grandes amigos a vida toda. Eu tinha me esquecido do quanto ele pode ser encantador… e do quanto isso é perigoso.

— O que vocês estão fazendo? — explodo. — Ele devia estar amarrado! Cardan é nosso *prisioneiro*!

— Não se preocupe. O que ele vai fazer? — pergunta Barata. — Você acha mesmo que ele dá conta de passar por nós três?

— Não me importo de usar só uma das mãos — diz Cardan. — Mas se vocês forem amarrar as duas, vão ter que derramar o vinho direto na minha boca.

— Ele nos contou onde o velho rei guardava as garrafas boas — explica Bomba, afastando o cabelo branco do rosto. — Sem contar um depósito de joias que pertenceram a Elowyn. Ele imaginou que no meio de toda aquela

confusão, ninguém perceberia se sumisse, e até agora ninguém percebeu mesmo. Foi o trabalho mais fácil que Barata já fez.

Tenho vontade de gritar. Eles não deviam gostar de Cardan, mas por que não gostariam? Ele é um príncipe que os está tratando com respeito. É irmão de Dain. É feérico, como eles.

— Tudo está espiralando para o caos mesmo — diz Cardan. — Que ao menos a gente se divirta um pouco, então. Você não acha, Jude?

Respiro fundo. Se ele minar minha posição aqui, se conseguir fazer com que eu seja vista como a intrusa, eu nunca vou convencer a Corte das Sombras a seguir o plano que ainda está confuso na minha cabeça. Já não consigo descobrir como ajudar a todos. A última coisa da qual preciso é que Cardan piore a situação ainda mais.

— O que ele ofereceu a vocês? — pergunto, como se estivéssemos todos envolvidos na mesma piada. Sim, é um jogo. Talvez Cardan não tenha oferecido nada ainda.

Tento disfarçar que estou prendendo a respiração. Tento não mostrar como Cardan faz eu me sentir pequena.

Fantasma me oferece um de seus raros sorrisos.

— Principalmente ouro, mas também poder. Posição.

— Muitas coisas que ele não tem — completa Bomba.

— Pensei que fôssemos amigos — diz Cardan com desânimo.

— Vou levá-lo para os fundos — aviso, colocando a mão no encosto da cadeira do príncipe cheia de propriedade. Preciso tirá-lo daqui antes que ele leve a melhor em cima de mim. Preciso dele longe daqui agora.

— Pra fazer o quê? — pergunta Barata.

— Ele é *meu* prisioneiro — lembro a eles, me agachando e cortando as tiras de pano que ainda prendem as pernas de Cardan à cadeira. Percebo que ele deve ter dormido assim, sentado, isso se dormiu. Mas não parece cansado. Cardan sorri para mim, como se o fato de eu estar ajoelhada fosse uma espécie de reverência.

Tenho vontade de arrancar aquele sorrisinho da cara dele, mas talvez eu não possa. Talvez ele vá sorrindo assim para o túmulo.

— A gente não pode ficar aqui? — pergunta Cardan. — Tem vinho.

Isso faz Barata dar uma risadinha.

— Tem alguma coisa incomodando você, principezinho? Você e Jude não se dão bem, no fim das contas?

A expressão de Cardan muda para algo semelhante a preocupação. Ótimo.

Eu o levo até o escritório de Dain, o qual acho que acabei de tomar como meu. Ele anda cambaleante, as pernas provavelmente doendo de ficarem amarradas. E também porque ele ajudou meu pessoal a acabar com várias garrafas de vinho. Mas ninguém me impede de levá-lo. Eu fecho a porta e giro a tranca.

— Senta aí — ordeno, apontando para uma cadeira.

Ele obedece.

Dou a volta e me acomodo do outro lado da mesa.

Então me ocorre que, se eu matá-lo, Cardan finalmente vai sair dos meus pensamentos. Se eu matá-lo, não vou mais precisar me sentir assim.

Sem ele, não há caminho direto para levar Oak ao torno. Eu teria que acreditar que Madoc tem algum meio para obrigar Balekin a coroá-lo. Sem ele, fico sem cartas para jogar. Fico sem plano. Não vou ter como ajudar meu irmão. Fico sem nada.

Talvez valesse a pena.

A besta está onde deixei, na gaveta da mesa de Dain. Eu a pego, prendo a flecha e aponto para Cardan. Ele respira fundo, trêmulo.

— Você vai disparar em mim? — Ele pisca. — Agora?

Meu dedo acaricia o gatilho. Estou calma, gloriosamente calma. Isso é fraqueza, colocar o medo acima da ambição, acima da família, acima do amor, mas a sensação é boa. É a sensação de ser poderosa.

— Entendo suas motivações — diz ele, como se lendo meu rosto e tomando uma decisão. — Mas eu preferia que não fizesse isso.

— Então não devia ter sorrido com deboche pra mim; você acha que vou tolerar deboches aqui, agora? Você ainda tem tanta certeza de que é melhor do que eu? — Minha voz treme um pouco, e o odeio ainda mais por isso. Treinei diariamente para ser perigosa, e ele está totalmente sob meu domínio, mas sou eu quem está com medo.

Sentir medo de Cardan é um hábito, um hábito que eu poderia destruir com uma flecha no coração dele.

O príncipe ergue as mãos em protesto, abrindo os dedos compridos e desprovidos de qualquer adorno. O anel real continua em minha posse.

— Estou tenso — diz ele. — Eu sorrio muito quando estou tenso. Não consigo evitar.

Não era o que eu esperava que ele fosse dizer. Baixo a besta por um momento.

Ele continua falando, como se não quisesse me deixar muito tempo para pensar.

— Você é *apavorante*. Quase toda a minha família está morta, e apesar de eles nunca terem demonstrado muito amor por mim, não quero me juntar a eles. Passei a noite toda preocupado com suas intenções, e sei exatamente o que mereço. Eu tenho motivos para estar tenso. — Ele está falando comigo como se fôssemos amigos, não o contrário. E funciona; eu relaxo um pouco.

Quando percebo isso, fico quase assustada o bastante para disparar nele na mesma hora.

— Eu conto o que você quiser — continua ele. — Qualquer coisa.

— Nada de jogos de palavras? — A tentação é enorme. Tudo o que Taryn me contou ainda está reverberando na minha cabeça, me lembrando do quanto sou ignorante.

Ele coloca a mão bem onde seu coração deveria estar.

— Eu juro.

— E se eu atirar em você mesmo assim?

— Pode ser que atire — diz ele, sardônico. — Mas quero sua palavra de que não vai fazer isso.

— Minha palavra não vale muito — lembro a ele.

— É o que você fica repetindo. — Cardan ergue as sobrancelhas. — Não é reconfortante, devo dizer.

Solto uma gargalhada surpresa. A besta oscila na minha mão. O olhar de Cardan está grudado nela. Com lentidão deliberada, eu a coloco no tampo da mesa.

— Você vai me contar o que eu quiser saber, tudinho, e então não vou atirar em você.

— E o que posso fazer para persuadir você a não me entregar para Balekin e Madoc? — Ele ergue uma sobrancelha. Não estou acostumada com essa

intensidade da atenção de Cardan em cima de mim. Meu coração acelera.

Só me resta fazer cara feia em resposta.

— Que tal você se concentrar em ficar vivo?

Ele dá de ombros.

— O que você quer saber?

— Encontrei uma folha de papel com meu nome nela — começo. — A página inteira preenchida com meu nome.

Ele faz uma leve careta, mas não diz nada.

— E então? — insisto.

— Isso não é uma pergunta. — Ele geme, como se estivesse exasperado. — Faça uma pergunta decente e lhe darei uma resposta.

— Você é péssimo nessa coisa de "contar o que eu quiser saber". — Minha mão vai até a besta, mas não a pego.

Ele suspira.

— Só me pergunte alguma coisa. Pergunte sobre a minha cauda. Você não quer ver? — Ele ergue as sobrancelhas.

Eu já vi a tal cauda, mas não vou dar a ele a satisfação de revelar isso.

— Você quer que eu pergunte alguma coisa? Tudo bem. Quando Taryn começou o relacionamento dela com Locke?

Cardan ri de prazer. Essa parece uma discussão que ele não está interessado em evitar. Típico.

— Ah, eu estava me perguntando quando você iria abordar o assunto. Foi alguns meses atrás. Ele contou para todos nós que jogou pedras na janela dela, que deixou bilhetes para que ela fosse encontrá-lo na floresta, que a cortejou ao luar. Ele nos fez jurar segredo, fez com que tudo parecesse uma brincadeira. Acho que no começo ele fez para deixar Nicasia com ciúmes. Mas depois…

— Como ele soube qual era o quarto dela? — pergunto, franzindo a testa.

Isso faz o sorriso dele crescer.

— Talvez não soubesse. Talvez qualquer uma de vocês servisse como primeira conquista mortal de Locke. Acredito que o objetivo dele seja ficar com as duas no final.

Não estou gostando disso.

— E você?

Ele me olha rapidamente, de um jeito estranho.

— Locke ainda não tentou me seduzir, se é isso que está perguntando. Acho que eu deveria me sentir insultado.

— Não é isso o que quero dizer. Você e Nicasia estavam… — Não sei como chamar isso. *Juntos* não é a palavra certa para uma equipe malvada e linda que destrói as pessoas e sente prazer nisso.

— Sim, Locke a roubou de mim — confirma Cardan com uma rigidez do maxilar. Ele não sorri, não mexe a boca. Claramente, é custoso para ele me contar isso. — E não sei se Locke a queria só para deixar alguma outra amante com ciúmes ou se para me deixar com raiva ou se só por causa da magnificência de Nicasia. E também não sei que defeito meu fez com que ela o escolhesse. Agora você acredita que estou dando as respostas que prometi?

A ideia de Cardan de coração partido quase não toma forma na minha imaginação. Eu simplesmente faço que sim com a cabeça.

— Você a amava?

— Que tipo de pergunta é essa? — indaga ele.

Dou de ombros.

— Eu quero saber.

— Sim — diz ele, o olhar na mesa, na minha mão apoiada ali. Fico com vergonha repentina das minhas unhas, roídas até o sabugo. — Eu a amava.

— Por que você me quer morta? — pergunto, pois quero lembrar a nós dois que responder a perguntas constrangedoras é o mínimo que ele merece. Nós somos inimigos, independentemente de quantas piadas ele conte e do quanto pareça simpático. Encantadores são encantadores, mas não passam disso.

Cardan solta o ar lentamente e apoia a cabeça nas mãos, sem ligar para a besta.

— Você está falando das nixies? Era você quem estava se debatendo e jogando coisas nelas. São criaturas extremamente preguiçosas, mas achei que você acabaria irritando alguma delas a ponto de levar uma mordida. Posso ser podre, mas minha única virtude é que não sou assassino. Eu queria assustar você, mas nunca quis você *morta*. Eu nunca quis ninguém morto.

Penso no rio e no momento em que uma nixie se separou das outras. Cardan aguardou até que ela parasse e então foi embora, para podermos sair da água. Fico olhando para ele, para os rastros de tinta prateada da festa no rosto,

para o lápis preto nos olhos. De repente, me lembro de como ele puxou Valerian de cima de mim quando eu estava sufocando com fruta feérica.

Eu nunca quis ninguém morto.

Contra minha vontade, me lembro da forma como ele segurou a espada no escritório de Balekin e de sua técnica desajeitada. Achei que ele estivesse fazendo aquilo de modo deliberado, para irritar o irmão. Agora, pela primeira vez, cogito a possibilidade de que ele simplesmente não goste muito de lutar com espadas. De que nunca aprendeu direito. De que, se lutássemos, eu venceria. Penso em todas as coisas que fiz para me tornar uma adversária digna dele, mas talvez eu não estivesse lutando contra Cardan hora nenhuma. Talvez eu estivesse lutando contra minha própria sombra.

— Valerian tentou me assassinar abertamente. Duas vezes. Primeiro na torre, depois no meu quarto, na minha casa.

Cardan levanta a cabeça, e sua postura toda se enrijece, como se uma verdade desconfortável tivesse acabado de acometê-lo.

— Quando você disse que tinha matado Valerian, achei que você estava dizendo que tinha ido atrás dele e… — Ele para de falar e recomeça. — Só um tolo invadiria a casa do general.

Puxo a gola da camisa para que Cardan veja onde Valerian tentou me estrangular.

— Tenho outro hematoma no ombro de quando ele me derrubou no chão. Acredita em mim agora?

Ele estica a mão para mim, como se fosse passar os dedos nos hematomas. Ergo a besta e ele hesita.

— Valerian gostava de dor. De qualquer um. Até da minha. Eu sabia que ele queria machucar você. — Cardan faz uma pausa, parecendo se dar conta das próprias palavras. — E tinha machucado. Achei que se daria por satisfeito ali.

Nunca me ocorreu pensar em como seria nutrir uma amizade com Valerian. Não me parece muito diferente de ser sua inimiga.

— Então tanto faz se Valerian queria me machucar? — questiono. — Contanto não me matasse?

— Você tem que admitir, estar viva é melhor — retruca Cardan, aquele tom levemente divertido na voz.

Pouso as mãos na mesa.

— Só me diga por que você me odeia. De uma vez por todas.

Os longos dedos acariciam a madeira da mesa de Dain.

— Você quer mesmo sinceridade?

— Sou eu quem está com a besta, evitando atirar porque você me prometeu respostas. O que você acha?

— Muito bem. — Ele me lança um olhar maldoso. — Eu te odeio porque seu pai te ama apesar de você ser uma pestinha humana nascida de sua esposa infiel, enquanto o meu nunca ligou pra mim, apesar de eu ser um príncipe de Faerie. Eu te odeio porque você não tem um irmão que bate em você. E te odeio porque Locke usou você e sua irmã pra fazer Nicasia chorar depois que ele a roubou de mim. Além disso, depois do torneio, Balekin nunca deixou de esfregar na minha cara que você foi a mortal capaz de me superar.

Eu achava que Balekin nem soubesse quem eu era.

Ficamos nos encarando. Relaxado na cadeira, Cardan parece todinho um príncipe malvado. Eu me pergunto se ele espera levar uma flechada.

— Isso é tudo? — provoco. — Porque é ridículo. Você não pode ter inveja de mim. Você não precisa viver resignado sob o teto da pessoa que assassinou seus pais. Não precisa passar o tempo todo com raiva para evitar cair em um poço de medo sem fundo, pronto para se abrir sob seus pés. — Paro de falar abruptamente, surpresa comigo mesma.

Eu disse que não ia me deixar encantar, mas permiti que ele me enganasse e assim abri meu coração.

Quando penso nisso, o sorriso de Cardan vira uma expressão mais familiar, de desprezo.

— Ah, é? Eu não sei como é sentir raiva? Não sei como é sentir medo? Não é você que está negociando pela própria vida.

— Esses são os motivos pelos quais você me odeia mesmo? — insisto. — Só isso? Não tem outra razão melhor?

Por um momento, acho que ele está me ignorando, mas então percebo que não está respondendo porque não tem como mentir e não quer me contar a verdade.

— Bem? — pressiono, levantando a besta de novo, feliz por ter um motivo para reforçar minha posição de domínio aqui. — Fala logo!

Ele se recosta e fecha os olhos.

— Mais do que tudo, eu te odeio porque penso em você. Com frequência. É nojento e eu não consigo parar.

Fico muda de choque.

— Talvez você devesse atirar em mim de uma vez — diz ele, cobrindo o rosto com a mão de dedos longos.

— Você está me manipulando — digo. Não acredito nele. Não vou cair em nenhum truque bobo só porque Cardan acha que sou uma dessas tolas que perdem a cabeça pela beleza; se eu fosse, não conseguiria durar um dia neste reino. Eu me levanto, pronta para desafiá-lo.

Bestas não são muito boas para curto alcance, então troco a minha por uma adaga.

Ele não levanta o olhar quando contorno a mesa. Coloco a ponta da faca sob seu queixo, assim como fiz no dia anterior no salão, e inclino o rosto de Cardan para o meu. Ele então me encara com relutância óbvia.

Mas o pavor e a vergonha em seu rosto são genuínos demais. De repente, não sei bem em que acreditar.

E então continuo me aproximando, chego perto o bastante para um beijo. Ele arregala os olhos. Sua expressão se transforma em uma mistura de pânico e desejo. É uma sensação inebriante essa de exercer poder sobre alguém. Sobre *Cardan*, que sempre achei que fosse desprovido de sentimentos.

— Você realmente me deseja — comento, perto o suficiente para sentir o calor do hálito do príncipe quando sua respiração vacila. — E *odeia* isso. — Inclino o ângulo da faca, virando-a para que fique encostada em seu pescoço. Ele não chega nem perto de ficar tão alarmado pelo meu gesto quanto eu esperava.

Nem tão alarmado quanto na hora em que colo minha boca na dele.

CAPÍTULO
26

Não sou muito experiente com beijos. Beijei Locke e, antes dele, ninguém. Mas beijar Locke nunca foi do jeito como está sendo beijar Cardan. É como aceitar um desafio de correr sobre brasas, como um raio de adrenalina vindo diretamente do céu, como aquele momento em que você resolve nadar no mar e de repente se dá conta de que se afastou demais da costa e não há mais volta, só as águas escuras e gélidas se fechando sobre sua cabeça.

A boca mordaz de Cardan é surpreendentemente macia e, por um longo momento depois que nossos lábios se tocam, ele fica imóvel feito uma estátua. E então fecha os olhos, os cílios roçando minha bochecha. Estremeço, daquele jeito que acontece quando sentimos um calafrio de origem indefinida. As mãos de Cardan correm pelos meus braços com muita delicadeza. Se eu não soubesse das coisas, diria que o toque foi respeitoso, mas eu sei. Cardan está deslocando as mãos lentamente porque está tentando se conter. Ele não deseja isso. Ele não quer desejar isso.

Ele tem gosto de vinho azedo.

Consigo sentir o momento em que Cardan cede e desiste, e então me puxa apesar da ameaça da faca. Ele me beija com força, com uma espécie de desespero devorador, os dedos afundando em meus cabelos. Nossas bocas deslizam uma na outra, dentes sobre lábios sobre línguas. O desejo explode em mim como um chute no estômago. É como lutar, só que estamos lutando para irritar um ao outro.

É nesse momento que o terror toma conta de mim. Que tipo de vingança insana existe em ficar exultante com a repulsa de Cardan? E pior, bem pior, *estou gostando disso*. Estou gostando de tudo no ato de beijá-lo: do tremor familiar de medo, de saber que o estou punindo, da prova de que ele me deseja.

A faca em minha mão é inútil. Eu a jogo na mesa e mal registro quando a ponta crava na madeira. Sobressaltado, o príncipe se afasta de mim ao ouvir o som. Sua boca está rosada, as pupilas, dilatadas. Ele vê a faca e solta uma gargalhada surpresa.

Isso basta para que eu cambaleie para trás. Quero debochar dele, mostrar sua fraqueza sem deixar transparecer a minha, mas não confio que meu rosto não vá revelar demais.

— É isso que você imaginou? — pergunto, e fico aliviada por perceber que minha voz soa ríspida.

— Não — diz ele sem emoção na voz.

— Então me conte — peço.

Ele balança a cabeça, um tanto humilhado.

— Se você não for me esfaquear de verdade, não vou contar. E talvez nem conte mesmo que você me esfaqueie.

Subo na mesa de Dain para abrir uma certa distância entre nós. Estou no auge do desconforto e de repente a sala parece pequena demais. Ele quase me fez rir.

— Vou fazer uma proposta — diz Cardan. — Não quero botar a coroa na cabeça de Balekin só para perder a minha. Peça o que quiser para você, para a Corte das Sombras, mas peça alguma coisa para mim também. Faça com que ele me dê terras longe daqui. Diga que serei gloriosamente irresponsável bem longe dele. Balekin nunca mais vai precisar pensar em mim. Ele pode gerar algum pestinha para ser herdeiro e lhe passar a Grande Coroa. Ou talvez o moleque corte a garganta dele, uma nova tradição familiar. Não ligo.

Fico ressentida e impressionada por ele ter conseguido elaborar uma barganha razoavelmente decente, embora tenha passado boa parte da noite amarrado a uma cadeira, e provavelmente bastante bêbado.

— Levante-se — ordeno.

— Então você não está com medo de eu tentar fugir correndo? — pergunta ele, esticando as pernas. As botas pontudas reluzem na sala, e me pergunto se devo confiscá-las por serem armas em potencial. Mas então me lembro de como ele é ruim com a espada.

— Depois do nosso beijo, estou tão doida por você que mal consigo me conter — digo com o máximo de sarcasmo que consigo. — Só quero fazer coisas boas e que deixem você feliz. Claro, faço qualquer barganha que você quiser, desde que você me beije de novo. Pode fugir. Não vou atirar nas suas costas.

Ele pisca algumas vezes.

— Ouvir você mentir descaradamente é meio desconcertante.

— Então vou dizer a verdade. Você não vai fugir porque não tem para onde ir.

Vou até a porta, abro a tranca e olho lá fora. Bomba está deitada em um catre no quarto. Barata ergue as sobrancelhas para mim. Fantasma está apagado em uma cadeira, mas desperta assim que entramos. Tenho a sensação de estar totalmente enrubescida e espero não estar transparecendo isso.

— Acabou de interrogar o príncipe? — pergunta Barata.

Faço que sim com a cabeça.

— Acho que sei o que temos que fazer.

Fantasma lança um olhar demorado para ele.

— Então vamos vender? Comprar? Limpar as tripas dele do teto?

— Vou dar uma volta — digo. — Tomar um ar.

Barata suspira.

— Só preciso organizar os pensamentos — justifico. — Daqui a pouco explico tudo.

— É mesmo? — pergunta Fantasma, fixando um olhar em mim. Fico me perguntando se ele faz ideia de como as promessas caem com facilidade dos meus lábios. Estou usando-as como ouro encantado, destinado a virar folhas secas em caixas por toda a cidade.

— Conversei com Madoc, ele me ofereceu o que quisesse em troca de Cardan. Ouro, magia, glória, *qualquer coisa*. A primeira parte dessa negociação está feita, e ainda nem assumi saber onde o príncipe perdido está.

Fantasma sorri ao ouvir o nome de Madoc, mas fica em silêncio.

— E qual é o problema? — pergunta Barata. — Eu gosto de todas essas coisas.

— Só estou decidindo os detalhes — explico. — E vocês precisam me dizer o que querem. Exatamente o que querem: a quantidade de ouro, o que mais. Escrevam.

Barata resmunga, mas não parece inclinado a me contradizer. Ele sinaliza com uma mão em garra para Cardan voltar para a mesa. O príncipe cambaleia, se apoiando na parede para chegar lá. Confiro se todas as coisas afiadas estão onde as deixei e sigo para a porta. Quando olho para trás, vejo que as mãos de Cardan estão cortando o baralho habilmente, mas os olhos negros cintilantes estão em mim.



Vou até o Lago das Máscaras e me sento em uma das pedras negras sobre a água. O sol poente deixou o céu em chamas, e as copas das árvores parecem estar pegando fogo.

Fico sentada ali durante um bom tempo, admirando as ondas que se quebram na margem. Acima, ouço o trinado de pássaros chamando uns aos outros enquanto se preparam para a noite; vejo luzes cintilantes em buracos ocos quando fadinhas minúsculas acordam.

Balekin não pode se tornar o Grande Rei, não se eu puder impedir. Ele ama crueldade e odeia mortais. Seria um péssimo governante. Por enquanto, existem regras que ditam nossas interações com o mundo humano, mas tais regras poderiam mudar. E se não fosse mais necessário fazer barganhas para sequestrar mortais? E se qualquer um pudesse ser levado, a qualquer momento? Costumava ser assim; ainda é em alguns lugares. O Grande Rei poderia tornar os dois mundos bem piores do que eles são, poderia favorecer as cortes Unseelie, poderia semear discórdia e terror por mil anos.

Mas e se eu entregar Cardan para Madoc?

Ele colocaria Oak no trono e depois governaria como um regente tirano e brutal. Declararia guerra contra as cortes que resistissem a se jurar ao trono. Criaria Oak em meio a tanto banho de sangue que meu irmão se tornaria alguém como Madoc, ou talvez alguém mais secretamente cruel, como Dain.

Mas seria melhor do que Balekin. E ele ainda faria um acordo justo comigo e com a Corte das Sombras, pelo menos por mim. E eu… o que eu faria?

Poderia ir embora com Vivi, acho.

Ou poderia negociar para me tornar cavaleira. Poderia ficar e ajudar a proteger Oak, aliviando a influência que Madoc tentasse exercer sobre ele. Mas claro que não teria muito poder para fazer isso.

O que aconteceria se eu tirasse Madoc da jogada? Significaria nenhum ouro para a Corte das Sombras, nenhum acordo com ninguém. Significaria de algum modo tomar a coroa e colocá-la na cabeça de Oak. E depois? Madoc ainda se tornaria regente. Eu não poderia impedi-lo. Oak ainda daria ouvidos a ele. Oak se tornaria sua marionete, ainda estaria em perigo.

A não ser que… a não ser que Oak pudesse ser coroado e levado para longe daqui. Tornar-se o Grande Rei em exílio. Quando estivesse crescido e preparado, poderia voltar, auxiliado pelo poder da coroa Greenbriar. Madoc ainda exerceria certa autoridade sobre o Reino das Fadas até Oak voltar, mas não deixaria meu irmão tão sedento por sangue e inclinado para a guerra quanto ele. Madoc não teria a autoridade absoluta que poderia ter caso fosse o regente com o Grande Rei ao seu lado. E com Oak crescendo no mundo humano, ele com sorte seria pelo menos um pouco solidário com o local onde fora criado e pelas pessoas que conhecera lá quando voltasse a Faerie.

Dez anos. Se pudéssemos manter Oak longe do Reino das Fadas por dez anos, ele poderia crescer e virar a pessoa que deve se tornar.

Claro que, quando voltasse, ele talvez precisasse lutar para recuperar o trono. Alguém, provavelmente Madoc, possivelmente Balekin, talvez até um dos outros reis ou rainhas menores, poderia ficar ocupando o espaço como uma peça sobressalente, consolidando poder.

Semicerro os olhos para as águas negras. Se houvesse um jeito de manter o trono desocupado por tempo o suficiente para Oak crescer pacificamente, sem Madoc fazendo guerra, sem regente nenhum…

Eu me levanto, decisão tomada. Por bem ou por mal, sei o que vou fazer. Tenho meu plano. Madoc não aprovaria essa estratégia. Não é do tipo que ele gosta, daquelas em que se há múltiplas maneiras de vencer. Está mais para o tipo em que só existe um jeito, e é meio difícil de dar certo.

Quando me levanto, vejo meu reflexo na água. Olho de novo e percebo que não pode ser eu. O Lago das Máscaras nunca mostra seu próprio rosto. Chego mais perto. A lua cheia está luminosa no céu, o bastante para mostrar minha mãe olhando para mim. Ela está mais jovem do que me lembro. E está rindo, chamando alguém que não consigo ver.

Depois de um tempo, ela aponta para mim. Quando fala, consigo ler seus lábios. *Olha! Uma garota humana*. Ela parece satisfeita.

De repente, o reflexo de Madoc se junta ao dela, a mão dele envolvendo a cintura delgada. Ele não parece mais jovem, mas tem uma sinceridade em seu rosto que nunca vi. Ele acena para mim.

Sou uma estranha para eles.

Corram!, tenho vontade de gritar. Mas, claro, essa é a única coisa que não preciso dizer para ela fazer.



Bomba olha quando eu entro. Está sentada à mesa de madeira, medindo um pó cinzento. Ao lado dela, há vários balões de laboratório de vidro fino, todos fechados por rolhas. O cabelo branco magnífico está preso com o que parece ser um pedaço de barbante sujo. Uma mancha de sujeira cobre seu nariz.

— Os outros estão nos fundos — diz ela. — Com o príncipe, dormindo um pouco.

Eu me sento à mesa com um suspiro. Andei bem tensa, doida para me explicar, e agora toda essa energia não tem para onde ir.

— Tem alguma coisa pra comer?

Ela abre um sorriso breve enquanto enche mais um frasco, então o coloca com cuidado em uma cesta aos seus pés.

— Fantasma trouxe pão preto e manteiga. Nós comemos as linguiças e o vinho acabou, mas pode ser que ainda tenha queijo.

Remexo o armário, pego a comida e como mecanicamente. Sirvo uma xícara de chá de funcho, revigorante e amargo. Faz com que eu me sinta um pouco mais firme. Fico um tempinho observando Bomba montando seus explosivos. Enquanto trabalha, ela assobia um pouco, desafinada. É estranho ouvir; a maioria dos feéricos possui dom musical, mas gosto mais da música de

Bomba justamente por ser imperfeita. Parece mais feliz, mais tranquila, menos sinistra.

— Aonde você vai quando isso tudo tiver acabado? — pergunto.

Ela olha para mim, intrigada.

— O que faz você pensar que vou para algum lugar?

Enrugo a testa para a xícara de chá quase vazia.

— Porque Dain está morto. Não é isso que Fantasma e Barata vão fazer? Você não vai com eles?

Bomba dá de ombros e aponta o dedo do pé descalço para a cesta de balões de vidro.

— Está vendo isto aqui?

Assinto.

— Toda esta parafernália não se dá bem em deslocamentos longos— diz ela. — Vou ficar aqui com você. Você tem um plano, né?

Estou perplexa demais para saber o que dizer. Abro a boca e começo a gaguejar. Ela ri.

— Cardan disse que você tem. Que se fosse simplesmente negociar uma troca, já teria feito. E se você fosse nos trair, já teria nos traído a essas alturas também.

— Mas, hum — começo, e perco a linha de raciocínio. Alguma coisa a ver com o fato de que Cardan não devia estar prestando tanta atenção. — O que os outros acham?

Bomba volta a encher a vidraria.

— Eles não disseram, mas nenhum de nós gosta de Balekin. Se você tiver um plano, bem, que bom pra você. Mas se quiser que a gente fique do seu lado, talvez você pudesse ser um pouco menos reticente sobre o que pretende fazer.

Respiro fundo e decido que, se vou mesmo fazer isso, vou precisar de ajuda.

— O que acha de roubar uma coroa? Bem na frente dos reis e das rainhas de Faerie?

Ela dá um sorriso sutil.

— É só me dizer o que preciso explodir.



Vinte minutos depois, acendo um cotoco de vela e sigo até o quarto cheio de catres. Tal como Bomba disse, Cardan está deitado em um deles, parecendo repulsivamente lindo. Ele lavou o rosto e tirou o casaco, que agora está dobrado debaixo de sua cabeça como travesseiro. Cutuco o braço dele, e ele acorda na mesma hora, levantando a mão em um gesto para me afastar.

— Shhhh — sussurro. — Não acorde os outros. Preciso falar com você.

— Vá embora. Você disse que não me mataria se eu respondesse suas perguntas, e eu respondi. — Ele não parece mais o garoto que me beijou, doente de desejo, algumas horas atrás. Agora está sonolento, arrogante e irritado.

— Vou oferecer uma coisa melhor do que sua vida — digo. — Agora, venha.

Ele se levanta, veste o casaco e me segue até o escritório de Dain. Quando chegamos lá, ele se apoia no batente da porta. Os olhos estão pesados, os cabelos, desgrenhados. Fico quente de vergonha só de olhar para ele.

— Tem certeza de que me trouxe aqui só pra conversar?

Acontece que, depois de se beijar uma pessoa, a possibilidade de beijo sempre fica pairando acima de tudo, por pior que tenha sido a ideia da primeira vez. A lembrança dos lábios dele nos meus cintila no ar entre nós.

— Eu trouxe você aqui pra fazer um acordo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Intrigante.

— E se você não precisasse se esconder no campo? E se houvesse uma alternativa para Balekin subir ao trono? — Fica claro que não era isso que ele esperava que eu dissesse. Por um momento, a postura despreocupada desaparece.

— E há — diz ele lentamente. — *Eu*. Só que eu seria um péssimo rei, e odiaria a posição. Além do mais, é improvável que Balekin ponha a coroa na minha cabeça. Nós nunca nos demos particularmente bem.

— Eu pensei que você morasse na casa dele. — Cruzo os braços de forma protetora, tentando afastar a imagem de Balekin punindo Cardan. Não posso sentir pena dele agora.

O príncipe inclina a cabeça para trás e me olha por entre os cílios escuros.

— Talvez morar junto seja o motivo para não nos darmos bem.

— Eu também não gosto de você — lembro a ele.

— Você já disse. — Ele abre um sorriso lânguido. — Então, se não for eu e não for Balekin, quem?

— Meu irmão Oak — revelo. — Não vou entrar em detalhes sobre os meios, mas ele é da linhagem certa. A *sua* linhagem. Ele pode usar a coroa.

Cardan franze a testa.

— Tem certeza?

Assinto. Acho meio desagradável revelar esse tipo de coisa para Cardan antes mesmo de pedir para que ele faça o que é necessário, mas, bem, ele não pode fazer muita coisa com a informação, pode? Eu não vou entregá-lo para Balekin. Não há ninguém para contar além de Madoc, e ele já sabe.

— Então Madoc vai ser regente — conclui Cardan.

Assinto.

— É por isso que preciso da sua ajuda. Quero que você coroe Oak como Grande Rei, depois vou mandá-lo para o mundo mortal. Para dar uma chance dele aproveitar a infância. Para lhe dar uma chance de se tornar um rei justo um dia.

— Oak pode fazer escolhas diferentes das que você planeja para ele — alerta Cardan. — Ele pode, por exemplo, preferir Madoc a você.

— Eu já fui uma criança roubada — falo. — Cresci em uma terra estranha por um motivo bem pior e mais solitário do que esse. Vivi vai cuidar dele. E, se você concordar com meu plano, vou conseguir tudo o que pediu e muito mais. Mas preciso de uma coisa de você: um juramento. Quero que se jure a meu serviço.

Ele solta a mesma gargalhada surpresa de quando joguei a faca na mesa.

— Quer que eu *me* coloque em *seu* poder? Voluntariamente?

— Você não acha que estou falando sério, mas estou. Não poderia estar falando mais sério. — Ainda de braços cruzados, belisco minha pele para impedir qualquer tremor, qualquer revelação. Preciso soar totalmente composta, totalmente confiante. Meu coração está disparado. É a mesma sensação que eu enfrentava quando criança ao jogar xadrez com Madoc; eu enxergava minhas futuras jogadas vitoriosas, me esquecia de ser cautelosa e era

derrotada por uma jogada dele que eu não tinha previsto. Lembro a mim mesma de respirar, de me concentrar.

— Nossos interesses estão alinhados — diz ele. — Por que você precisa do meu juramento?

Respiro fundo.

— Preciso ter certeza de que não vai me trair. Você é perigoso demais com a coroa nas mãos. E se acabar colocando-a na cabeça de seu irmão? E se a quiser para si?

Ele parece pensar bem na questão.

— Vou dizer exatamente o que quero: as propriedades onde moro. Quero que sejam dadas a mim com tudo e todo mundo que tem dentro. A Mansão Hollow. Eu a quero.

Faço que sim.

— Feito.

— Quero todas as garrafas da adega real, por mais velhas e raras que sejam.

— Serão suas — confirmo.

— Quero que Barata me ensine a roubar.

Surpresa, fico calada por um instante. Ele está brincando? Não parece.

— Por quê? — quero saber.

— Pode acabar sendo útil — declara ele. — Além do mais, eu gosto dele.

— Tudo bem — digo com incredulidade. — Vou dar um jeito de providenciar isso.

— Você acha mesmo que pode me prometer isso tudo? — Ele me lança um olhar avaliador.

— Posso. Prometo. E prometo que vamos impedir Balekin. Nós vamos pegar a coroa de Faerie — digo sem preocupação. Quantas promessas ainda consigo fazer e permanecer digna de confiança de que irei cumpri-las? Mais algumas, eu espero.

Cardan se senta na cadeira de Dain. De trás da mesa, ele me olha friamente de sua posição de autoridade. Alguma coisa se contrai na minha barriga, mas ignoro a sensação. Consigo fazer isso. Eu dou conta. Prendo a respiração.

— Você pode ter meu serviço por um ano e um dia — diz ele.

— Não é suficiente — insisto. — Não posso…

Ele ri.

— Tenho certeza de que seu irmão já vai estar coroado e terá ido embora até lá. Ou vamos ter perdido, apesar de suas promessas, e aí não vai ter importância nenhuma. Você não vai receber uma proposta melhor da minha parte, principalmente se me ameaçar de novo.

Ao menos assim posso ganhar tempo. Exalo.

— Tudo bem. Temos um acordo.

Cardan atravessa a sala, vindo em minha direção, e não tenho ideia das intenções dele. Se me beijar, tenho medo de ser consumida pela urgência faminta e humilhante que senti da primeira vez. Mas, quando ele se ajoelha na minha frente, fico surpresa demais para formular qualquer pensamento. Ele segura minha mão, os dedos frios se fechando em volta dos meus.

— Muito bem — diz ele com impaciência, muito longe de se parecer um vassalo prestes a se jurar para sua dama. — Jude Duarte, filha da lama, eu me juro aos seus serviços. Vou agir como sua Mão. Vou agir como seu escudo. Vou agir de acordo com sua vontade. Que assim seja por um ano e um dia… *e nem mais um minuto depois disso*.

— Você realmente melhorou o juramento — digo, embora minha voz saia tensa. Enquanto ele falava, senti que de alguma forma conseguiu sair por cima. De alguma forma, é ele quem está no controle.

Cardan se levanta em um movimento fluido e me solta.

— E agora?

— Volte para a cama — digo. — Vou acordar você daqui a pouco e explicar o que temos que fazer.

— Como quiser — diz Cardan, o sorriso debochado repuxando a boca. Ele volta para o quarto dos catres, presumivelmente para se deitar. Penso no quanto a presença dele aqui é peculiar, dormindo em lençóis caseiros, usando as mesmas roupas por dias seguidos, comendo pão e queijo, sem reclamar de nada. Quase parece que ele prefere um ninho de espiões e assassinos ao esplendor de sua cama real.

CAPÍTULO
27

Os monarcas das cortes Seelie e Unseelie e os feéricos selvagens não aliados que vieram para a coroação montaram acampamento no canto oriental da ilha. São várias barracas, algumas de retalhos, outras de seda diáfana. Quando me aproximo, vejo fogueiras ardendo. Vinho de mel e carne estragada perfumam o ar.

Cardan está ao meu lado, vestido de preto, os cabelos negros penteados para trás exibindo um rosto limpo. Ele está pálido e parece cansado, apesar de eu ter permitido que ele dormisse o máximo possível.

Não acordei Fantasma nem Barata depois que Cardan fez seu juramento. Mas conversei sobre estratégias com Bomba durante quase uma hora. Foi ela quem conseguiu as mudas de roupa para Cardan; foi ela quem concordou que ele podia ser útil. E foi assim que vim parar aqui, prestes a tentar encontrar um monarca disposto a apoiar um governante diferente de Balekin. Para meu plano ter sucesso, preciso de alguém naquele banquete que esteja aberto a um novo rei, preferivelmente alguém com poder de impedir que um jantar vire um novo massacre se as coisas não derem tão certo.

Se não houver outro jeito, vou precisar de muitas interferências para ter certeza de que vai ser possível tirar Oak daqui. Os frascos de explosivos de Bomba não serão suficientes. E não sei bem o que vou poder oferecer em troca. Já gastei todas as minhas promessas; agora, vou começar a gastar as da Coroa.

Respiro fundo. Quando me postar na frente dos lordes e damas do Reino das Fadas e declarar minha intenção de ir contra Balekin, não haverá mais volta, não vai dar para me esconder embaixo das cobertas da minha cama, não vai dar para fugir. Se eu fizer isso, ficarei presa aqui até Oak se sentar no trono.

Nós temos esta noite e metade de amanhã até o banquete, até eu ter que ir a Mansão Hollow, até meus planos se realizarem ou dar tudo errado.

Só há um jeito de manter o Reino das Fadas preparado para Oak: eu tenho que ficar. Tenho que usar o que aprendi com Madoc e com a Corte das Sombras para manipular e matar a fim de manter o trono pronto para ele. Eu disse dez anos, mas talvez sete sejam suficientes. Não é tanto tempo assim. Sete anos tomando veneno, sem dormir, vivendo em alerta total. Mais sete anos, e talvez Faerie seja uma terra mais segura e melhor. E vou ter conquistado meu lugar nela.

O grande jogo… foi assim que Locke o chamou quando me acusou de jogá-lo. Na ocasião, eu não estava jogando, mas agora estou. E talvez eu tenha aprendido uma coisa ou outra com o próprio Locke. Ele me transformou em uma história, e agora vou transformar outra pessoa em outra história.

— Então tenho que ficar aqui passando informações — diz Cardan, se recostando a uma nogueira — enquanto você vai encantar a realeza? Está tudo às avessas.

Lanço um olhar para ele.

— Eu posso ser encantadora. Eu encantei você, não encantei?

Ele revira os olhos.

— Não espere que os outros compartilhem dos meus gostos depravados.

— Preciso dar ordens a você — digo para ele. — Certo?

Um músculo lateja no maxilar de Cardan. Tenho certeza de que não é coisa pequena um príncipe de Faerie aceitar ser controlado, principalmente por mim, mas ele assente.

Recito as palavras:

— Ordeno que você fique aqui e espere até eu estar pronta para sair desta floresta, até houver perigo iminente ou se um dia inteiro tiver se passado. Enquanto espera, ordeno que não emita som nem faça sinal que possa atrair alguém. Se houver perigo iminente ou um dia tiver se passado sem o meu

retorno, ordeno que volte para a Corte de Sombras, fazendo o possível para se esconder da melhor forma até chegar lá.

— Até que não foi ruim — diz ele, conseguindo manter o ar régio e arrogante de algum modo.

É irritante.

— Tudo bem — digo. — Conte-me o que puder sobre a rainha Annet.

O que sei é o seguinte: ela saiu da cerimônia de coroação antes de todos os outros lordes e damas. Isso quer dizer que ela odeia a ideia de Balekin se tornar rei ou a ideia de haver qualquer Grande Monarca. Só tenho que descobrir qual das duas.

— A Corte das Mariposas é ampla e tradicionalmente Unseelie. Ela tem mente prática e é direta, valoriza o poder puro sobre todas as coisas. Eu também soube que ela devora os amantes quando se cansa deles. — Ele ergue as sobrancelhas.

Apesar de tudo, eu sorrio. É bizarro estar nisso com Cardan, dentre todas as pessoas. E ainda mais estranho ele falar comigo assim, do mesmo jeito que falaria com Nicasia ou Locke.

— Então por que ela foi embora da coroação? — pergunto. — Pelo jeito como você falou, parece que ela e Balekin seriam perfeitos um para o outro.

— Ela não tem herdeiros — revela ele. — E morre de medo de não gerar um. Acho que não teria gostado de ver o desperdício que seria a matança de uma linhagem inteira. Além do mais, acho que ela não ficaria impressionada por Balekin ter matado todos e ainda ter descido da plataforma sem a coroa.

— Certo — respondo, inspirando.

Ele segura meu pulso. Fico chocada pela sensação da pele quente de Cardan na minha.

— Tome cuidado — diz ele, e sorri. — Seria muito chato ter que ficar sentado um dia inteiro aqui só porque você foi lá e acabou sendo morta.

— Meus últimos pensamentos seriam no seu tédio — digo para ele, e sigo em direção ao acampamento Unseelie da rainha Annet.

Não tem fogueiras acesas, e as barracas são de um tecido esverdeado áspero, da cor do pântano. As sentinelas na frente são um troll e um goblin. O troll está usando armadura pintada de uma cor muito semelhante a sangue seco.

— Hum, oi — cumprimento, e percebo que preciso aperfeiçoar minha abordagem. — Sou uma mensageira. Preciso ver a rainha.

O troll me olha, obviamente surpreso por dar de cara com uma humana.

— E quem ousa enviar uma mensageira tão deliciosa para nós? — Acho que ele pode estar me elogiando, embora seja difícil saber.

— O Grande Rei Balekin — minto. Acho que usar o nome dele é o jeito mais rápido de entrar.

Isso o faz sorrir, mas não de um jeito simpático.

— O que é um rei sem uma coroa? Isso é uma charada, mas todos nós sabemos a resposta: não é rei.

A outra sentinela ri.

— Não vamos deixar você passar, delicinha. Volte correndo para seu mestre e diga que a rainha Annet não o reconhece, embora admire o conceito que ele tem de espetáculo. Ela não vai ao banquete, não importa quantas vezes ele convide nem qual suborno deleitável seja enviado junto aos recados.

— Não é o que vocês estão pensando — digo.

— Muito bem, fique um pouco conosco. Aposto que seus ossos devem ser deliciosamente crocantes. — O troll é todo dentes afiados e ameaças veladas. Sei que ele não está falando sério; se estivesse, teria dito uma coisa totalmente diferente e me engolido em seguida.

Mesmo assim, eu recuo. Todos que vieram para a coroação têm deveres de convidados, mas deveres assim entre os feéricos são frágeis o suficiente para eu nunca ter certeza se me protegem ou não.

O príncipe Cardan está me esperando na clareira, deitado de costas, como se estivesse contando estrelas.

Ele me olha com uma pergunta no olhar, e eu balanço a cabeça antes de me sentar na grama.

— Não consegui nem falar com ela.

Ele se vira para mim, o luar acentuando os traços planos de seu rosto, o ângulo das maçãs e a ponta das orelhas.

— Então você fez alguma coisa errada.

Minha vontade é ser ríspida, mas ele está certo. Eu fiz besteira. Preciso ser mais formal, mais segura de que é meu direito poder ser levada perante um monarca, como se já estivesse plenamente acostumada. Eu treinei tudo que

diria para ela, mas não como *chegaria* a ela. Essa parte pareceu fácil. Agora, vejo que não será.

Eu me deito ao lado dele e olho para as estrelas. Se eu tivesse tempo, poderia traçar um mapa e marcar minha sorte nele.

— Tudo bem. Se você fosse eu, com quem solicitaria falar?

— Com lorde Roiben e com o filho de Alderking, Severin. — O rosto dele está próximo do meu.

Enrugo a testa.

— Mas eles não fazem parte da Grande Corte. Não são jurados à Coroa.

— Exatamente — diz Cardan, esticando o dedo para trilhar o contorno da minha orelha. A curva, eu percebo. Estremeço, fechando os olhos contra a onda tépida de vergonha. Ele continua falando, mas parece reparar no que está fazendo e puxa a mão de volta. Agora nós dois estamos com vergonha. — Eles têm menos a perder e mais a ganhar ao participar de um plano que alguns poderiam chamar de traição. Severin é famoso por favorecer uma cavaleira mortal e por ter um amante mortal, então vai falar com você. E o pai dele foi exilado, então o reconhecimento de sua corte seria uma coisa importante.

"Quanto a lorde Roiben, as histórias fazem com que ele pareça uma figura de tragédia. Um cavaleiro Seelie torturado por décadas como servo na Corte Unseelie que passou a governar. Não sei o que é possível oferecer a alguém assim, mas ele possui uma corte grande o suficiente para tirar Balekin do sério caso você consiga convencê-lo a apoiar Oak. Fora isso, sei que ele tem uma consorte favorita, embora seja de posição baixa. Tente não irritá-la."

Eu me lembro de Cardan nos guiando, bêbado, em meio aos guardas durante a saída da coroação. Ele conhece aquelas pessoas, os costumes delas. Por mais arrogante que soe ao dar conselhos e por mais que me irrite, eu seria um tanto tola se não lhe desse ouvidos. Eu me levanto, torcendo para minhas bochechas não estarem coradas. Cardan também se senta, parecendo prestes a falar alguma coisa.

— Já sei, já sei — digo, seguindo de novo em direção do acampamento. — Eu tenho que tomar cuidado para não morrer e deixar você entediado.

Decido tentar a sorte com Severin, o filho de Alderking, primeiro. O acampamento dele é pequeno, assim como seus domínios, um bosque perto da Corte de Cupins de Roiben, nem Seelie nem Unseelie em sua natureza.

A barraca dele é feita de tecido pesado, pintada de prateado e verde. Alguns cavaleiros estão sentados ali perto, em volta de uma fogueira animada. Nenhum deles está de armadura, apenas de túnicas de couro pesadas e botas. Um deles está mexendo em um dispositivo para pendurar uma chaleira sobre o fogo e ferver água. O garoto humano que vi com Severin na coroação, o ruivo que me flagrou olhando para ele, está conversando com um dos cavaleiros em voz baixa. Um instante depois, os dois gargalham. Ninguém repara em mim.

Vou andando até a fogueira.

— Perdão — começo, me perguntando se mesmo isso é educado demais para uma mensageira real. Ainda assim, não tenho escolha senão prosseguir. — Tenho uma mensagem para o filho de Alderking. O novo Grande Rei deseja fazer um acordo com ele.

— Ah, é? — O humano me surpreende ao falar primeiro.

— Sim, mortal — digo, como a hipócrita que sou. Mas, ora, é assim que um dos servos de Balekin falaria com ele.

O garoto revira os olhos e diz alguma coisa para um dos outros cavaleiros quando se levanta. Demoro um momento para perceber que estou diante de lorde Severin. Cabelo da cor de folhas de outono, olhos verde-musgo e chifres se curvando por trás da testa, acima das orelhas. Estou surpresa com a ideia de ele estar sentado junto ao restante do grupo na frente de uma fogueira, mas me recupero com rapidez suficiente para me lembrar de fazer uma reverência.

— Devo falar a sós com o senhor — solicito.

— Ah é? — pergunta ele. Eu não respondo, e Severin ergue as sobrancelhas. — Claro — diz por fim. — Por aqui.

— Você devia dar um jeito nela — grita o garoto mortal atrás de nós. — Falando sério, servos humanos enfeitiçados são *sinistros*.

Severin não responde.

Sigo-o até o interior da barraca. Nenhum dos outros nos acompanha, mas, quando entramos, avisto algumas mulheres de vestido sentadas em almofadas e um flautista tocando uma melodia. Uma cavaleira está acomodada ao lado delas, a espada no colo. A lâmina é bonita o bastante para chamar minha atenção.

Severin me leva até uma mesa baixa cercada por bancos forrados e abarrotada de petiscos: uma jarra d'água prateada e com alça de chifre, um

prato de uvas e damascos e vários docinhos de mel. Ele faz sinal para eu me sentar e, quando o faço, ele se acomoda em outro banco.

— Coma o que desejar — oferece, fazendo parecer uma proposta e não uma ordem.

— Quero que o senhor testemunhe uma cerimônia de coroação — começo sem rodeios, ignorando a comida. — Mas não é Balekin quem vai ser coroado.

Ele não parece muito surpreso, só um pouco mais desconfiado.

— Então você *não* é mensageira dele?

— Eu sou a mensageira do próximo Grande Rei — digo, tirando o anel de Cardan do bolso como prova de que tenho ligação com a família real, de que não estou inventando essa história do nada. — Balekin não vai ser o próximo Grande Rei.

— Entendo. — A postura dele é impassível, mas o olhar é atraído para o anel.

— E posso prometer que sua corte vai ser reconhecida como soberana se você nos ajudar. Não vai haver ameaça de conquista do novo Grande Rei. Nós oferecemos uma aliança. — O medo sobe pela minha garganta, e quase não consigo dizer as últimas palavras. Se ele não me ajudar, há uma chance de me trair para Balekin. Se isto acontecer, tudo vai ficar bem mais complicado.

Posso controlar bastante coisa, mas não posso controlar isso.

O rosto de Severin está ilegível.

— Não vou insultá-la perguntando quem você representa. Só há uma possibilidade: o jovem príncipe Cardan, de quem ouço falar muitas coisas. Mas não sou o candidato ideal para ajudar você, pelo mesmo motivo de sua proposta ser tão tentadora. Minha corte sofre poucas consequências. Além do mais, sou filho de um traidor, então minha honra não deve ter lá muito peso.

— O senhor já vai ao banquete de Balekin. Só preciso de sua ajuda no momento crítico. — Ele está tentado, já admitiu isso. Talvez só precise de mais um empurrãozinho para ser convencido. — Não sei o que você ouviu sobre o príncipe Cardan, mas ele será um rei melhor do que o irmão.

Pelo menos nisto não estou mentindo.

Severin olha para a beirada da barraca, como se imaginando quem poderia me ouvir.

— Ajudo você, desde que eu não seja o único. Digo isso pelo seu bem, tanto quanto pelo meu. — Com isso, ele se levanta. — Desejo bem a você e ao príncipe. Se precisar de mim, farei o que puder.

Eu me levanto do banco e faço outra reverência.

— É muita generosidade sua.

Saio do acampamento com a mente em turbilhão. Por um lado, eu consegui. Conversei com um dos governantes do Reino das Fadas sem fazer papel de boba. Até meio que o persuadi a participar do meu plano. Mas ainda preciso que outro monarca, um mais influente, concorde em nos oferecer apoio.

Tem um lugar que andei evitando. O maior acampamento pertence a Roiben, da Corte dos Cupins. Notoriamente sedento por sangue, ele conquistou suas duas coroas em batalha, e por isso não tem motivo para ser contra o golpe sangrento de Balekin. Ainda assim, Roiben parece ser de opinião bem parecida com a de Annet, da Corte das Mariposas: Balekin não é grande coisa sem a Coroa.

Talvez ele também não queira ver uma mensageira de Balekin. E, considerando o tamanho de seu acampamento, não consigo sequer imaginar o número de guardiões pelos quais eu teria que passar para falar com ele.

Mas é possível que eu possa entrar sorrateiramente. Afinal, com tantos feéricos espalhados, o que seria uma pessoa a mais ou a menos?

Pego um conjunto de galhos caídos, grandes o suficiente para ser uma contribuição respeitável para uma fogueira, e caminho até a Corte dos Cupins com a cabeça baixa. Há cavaleiros espalhados pelos arredores, mas eles de fato mal prestam atenção em mim quando passo.

Sinto-me eufórica com o sucesso do meu plano. Quando eu era criança, às vezes Madoc precisava interromper nossas partidas de Trilha. O tabuleiro então permanecia como estava, esperando voltarmos de onde paramos. Durante todo o dia e toda a noite, eu imaginava minhas jogadas e as dele até que, quando nos sentávamos, não estávamos mais jogando o jogo original. O que eu mais falhava em fazer era prever suas jogadas com precisão. Eu tinha uma ótima estratégia para mim, mas não para o jogo do qual estava participando.

A sensação é a mesma quando entro no acampamento. Estou jogando contra Madoc, e embora consiga elaborar meus planos e esquemas, se não

conseguir imaginar os dele, estou ferrada.

Largo a pilha de gravetos ao lado de uma fogueira. Uma mulher de pele azul e dentes pretos me olha por um momento, então volta a conversar com um homem com pés de bode. Limpo as cascas de árvore de minhas roupas e caminho para a maior barraca. Mantenho os passos tranquilos e ando de maneira calma e regular. Quando encontro uma área sombreada, aproveito para passar por baixo do pano da tenda. Fico deitada ali por um momento, meio escondida dos dois lados e ao mesmo tempo exposta para ambos.

O interior da barraca é iluminado por lamparinas ardendo com fogo verde alquímico, tingindo tudo de uma cor adoentada. Mas de todas as outras formas, o interior é luxuoso. Há camadas de tapetes, um sobre o outro. Há mesas pesadas de madeira, cadeiras e uma cama cheia de peles e mantas de brocado com romãs bordadas.

Mas na mesa, para minha surpresa, há caixinhas de comida feitas de papel. A pixie de pele verde que estava com Roiben na coroação usa hashis para levar o macarrão à boca. Ele está sentado ao lado dela, quebrando cuidadosamente um biscoito da sorte.

— O que diz? — pergunta a garota. — Que tal "a viagem que você disse que seria divertida acabou em derramamento de sangue, como sempre"?

— Diz "Seus sapatos vão deixar você feliz hoje" — recita ele, a voz seca, e passa o papelzinho por cima da mesa para a pixie verificar.

Ela olha para as botas de couro de Roiben. Ele dá de ombros, um sorrisinho lhe tocando os lábios.

De repente, sou arrastada do meu esconderijo. Eu rolo de costas para o lado de fora da barrada e encontro uma cavaleira acima de mim, a espada na mão. A única culpada sou eu. Eu devia ter continuado em movimento, devia ter encontrado um jeito de me esconder dentro da barraca. Não devia ter parado para escutar uma conversa, por mais surpreendente que eu a tivesse considerado.

— De pé — diz a cavaleira. É Dulcamara. Mas seu rosto não demonstra me reconhecer.

Eu me levanto, e ela me leva para dentro da barraca, me chutando nas pernas quando entramos para que eu caia nos tapetes. Tenho que agradecer

pela maciez deles. Por um momento, fico ali caída. Ela pisa na minha lombar como se eu fosse uma presa morta.

— Peguei uma espiã — anuncia. — Devo quebrar o pescoço dela?

Eu poderia rolar e agarrar o tornozelo da cavaleira. Isso acabaria com o equilíbrio dela por tempo suficiente para eu poder me levantar. Se eu torcesse sua perna e fugisse, talvez conseguisse escapar. Na pior das hipóteses, eu estaria de pé, podendo pegar uma arma para entrar em combate.

Mas vim aqui para encontrar lorde Roiben, e agora consegui. Fico parada e deixo que Dulcamara me subestime.

Lorde Roiben sai de trás da mesa e se inclina por cima de mim, os cabelos brancos caindo em volta do rosto. Olhos prateados me observam sem qualquer compaixão.

— E de qual corte você faz parte?

— Da Corte do Grande Rei — respondo. — Do verdadeiro Grande Rei, Eldred, que foi morto pelo filho.

— Não sei se acredito em você. — Ele me surpreende tanto com a brandura da declaração quanto com a suposição de que estou mentindo. — Venha se sentar conosco e comer. Quero saber mais da sua história. Dulcamara, pode nos deixar a sós.

— Você vai alimentar isto aí? — pergunta ela, mal-humorada.

Ele não responde, e depois de um momento de silêncio pétreo, ela parece se tocar. Com uma reverência, a cavaleira sai.

Eu vou até a mesa. A pixie me encara com os olhos negros, iguaizinhos aos de Tatterfell. Reparo na junta a mais em seus dedos quando ela estica a mão para pegar um rolinho primavera.

— Vá em frente — oferece. — Tem bastante. Mas já usei a maior parte dos pacotinhos de mostarda picante.

Roiben espera, me observando.

— Comida mortal — digo no que espero ser um jeito neutro.

— Nós vivemos junto a mortais, não é? — pergunta ele.

— Acho que *ela* mais do que mora *junto* deles — protesta a pixie, olhando para mim.

— Perdão — diz ele, e aguarda.

Percebo que os dois realmente esperam que eu coma alguma coisa. Espeto um bolinho com um hashi e enfio na boca.

— Está gostoso.

A pixie volta a comer o macarrão.

Roiben faz um sinal na direção da fada.

— Esta é Kaye. Imagino que você saiba quem eu sou, considerando que entrou escondida no meu acampamento. Que nome você usa?

Não estou acostumada a me oferecerem uma educação tão escrupulosa; ele está me dando a cortesia de não me perguntar meu verdadeiro nome.

— Jude — digo, porque nomes não têm poder sobre mortais. — E vim aqui porque posso colocar uma pessoa diferente de Balekin no trono, mas preciso da sua ajuda para isso.

— Alguém melhor do que Balekin ou só alguém? — pergunta ele.

Franzo a testa, sem saber direito como responder.

— Alguém que não assassinou boa parte da família em um palco. Isso não é automaticamente melhor?

A pixie, *Kaye*, ri.

Lorde Roiben olha para a própria mão sobre a mesa de madeira e depois para mim. Não consigo interpretar seu rosto sério.

— Balekin não é diplomata, mas talvez possa aprender. Obviamente, ele é ambicioso e executou um golpe brutal. Nem todo mundo tem estômago para isso.

— Eu quase não tive estômago para assistir — diz Kaye.

— Ele só conseguiu executar mais ou menos — lembro a eles. — E eu imaginei que você não gostasse muito dele, considerando o que disse na coroação.

Roiben dá um meio-sorriso. É um gesto mínimo, quase imperceptível.

— Não gosto mesmo. Acho que ele é um covarde por matar as irmãs e o pai no que pareceu ser um ataque de raiva. E ele se escondeu por trás dos militares e deixou que o general acabasse com o herdeiro escolhido pelo Grande Rei. Isso é sinal de fraqueza, do tipo que inevitavelmente vai ser explorada.

Um arrepio gélido de premonição sobe pelas minhas costas.

— O que preciso é de alguém para testemunhar uma coroação, alguém com poder suficiente para que seu testemunho tenha importância. Você. Vai acontecer no banquete de Balekin, amanhã à noite. Se você permitir que aconteça e fizer seu juramento ao novo Grande Rei…

— Sem querer ofender — diz Kaye —, mas o que você tem a ver com essas coisas? Que importância tem pra você quem vai subir ou não ao trono?

— Porque aqui é onde eu moro — retruco. — Foi onde cresci. Mesmo odiando por boa parte do tempo, este lugar é meu.

Lorde Roiben assente devagar.

— E você não vai me dizer quem é esse candidato e nem como você vai colocar uma coroa na cabeça dele?

— Prefiro não dizer — confirmo.

— Eu poderia fazer Dulcamara machucar você até que implorasse para ter permissão de me contar seus segredos. — Ele diz isso com brandura, só mais um fato, mas me lembra de sua reputação horrorosa. Não há comida chinesa nem educação o suficiente para me fazer esquecer de com quem e com o que estou lidando.

— Isso não o tornaria tão covarde quanto Balekin? — provoco, tentando projetar a mesma confiança que eu mostrei na Corte das Sombras, a mesma confiança que demonstrei para Cardan. Não posso deixar que ele veja que estou com medo ou, pelo menos, *quanto* estou com medo.

Ficamos nos encarando por um longo momento, a pixie observando a nós dois. Finalmente, lorde Roiben exala.

— Provavelmente mais covarde. Muito bem, Jude, fazedora de reis. Nós vamos jogar com você. Coloque a coroa em uma cabeça que não seja a de Balekin, e vou ajudar a mantê-la. — Ele faz uma pausa. — Mas você vai fazer uma coisa por mim.

Fico esperando o resto, tensa.

Ele estica os dedos compridos.

— Um dia, vou pedir um favor ao seu rei.

— Você quer que eu aceite sem nem saber o que é? — questiono.

O rosto estoico de Roiben revela pouco.

— Agora estamos nos entendendo perfeitamente.

Assinto. Que escolha eu tenho?

— Algo de igual valor — esclareço. — E ao nosso alcance.

— Foi um encontro muito interessante — diz lorde Roiben com um sorrisinho inescrutável.

Quando me levanto para sair, Kaye dá uma piscadela com seu olho preto.

— Boa sorte, mortal.

Com as palavras dela ecoando atrás de mim, deixo o acampamento e volto para Cardan.

CAPÍTULO
28

Quando retornamos, Fantasma está acordado. Ele saiu e voltou com um punhado de maçãs pequenas, um pouco de carne seca de cervo, manteiga fresca e várias dezenas de garrafas de vinho. Também trouxe alguns móveis que reconheço do palácio: um divã forrado de seda, almofadas de cetim, uma colcha resplandecente de seda de aranha e um conjunto de chá de calcedônia.

Ele ergue o olhar do divã onde está sentado, parecendo ao mesmo tempo tenso e exausto. Acho que está sofrendo luto, mas não de um jeito humano.

— E então? Acredito que me prometeram ouro.

— E se eu pudesse prometer vingança? — pergunto, novamente consciente do peso das dívidas já nos meus ombros.

Ele troca um olhar com Bomba.

— Então ela tem mesmo um plano.

Bomba se acomoda em uma almofada.

— Um segredo, o que é bem melhor do que um plano.

Pego uma maçã, vou até a mesa e subo nela.

— Nós vamos entrar no banquete de Balekin e roubar o reino na cara dele. Que tal isso como vingança?

Ousada, é isso que preciso ser. Como se eu já fosse dona de tudo. Como se fosse a filha do general. Como se fosse mesmo capaz de executar isso.

Fantasma dá um sorrisinho. Então pega quatro cálices de prata no armário e os coloca na minha frente.

— Bebida?

Balanço a cabeça e observo enquanto ele nos serve. Fantasma volta para o divã, mas fica sentado na beirada, como se tivesse que pular a qualquer momento. Ele toma um gole caprichado de vinho.

— Você falou do assassinato do filho natimorto de Dain — digo.

Fantasma assente.

— Eu vi sua cara quando Cardan contou sobre Liriope e quando você entendeu minha parte nisso.

— E me pegou de surpresa — respondo com sinceridade. — Eu queria pensar que Dain era diferente.

Cardan ri com deboche e pega o cálice de prata que era para ser meu junto com o dele.

— Assassinato é um ofício cruel — diz Fantasma. — Acho que Dain seria tão justo como Grande Rei quanto qualquer príncipe feérico, mas meu pai era mortal. Ele não teria considerado Dain um sujeito bom. E também não teria me considerado bom. Seria interessante resolver quanto você se importa com bondade antes de se enveredar pelo caminho da espionagem.

Ele provavelmente está certo, mas tenho pouco tempo para pensar nisso agora.

— Você não entende — digo. — O filho de Liriope sobreviveu.

Ele se vira para Bomba, claramente atônito.

— É *esse* o segredo?

Ela assente, um pouco arrogante.

— É esse o plano.

Fantasma olha para ela por bastante tempo e então se vira para mim.

— Eu não quero procurar uma nova posição. Quero ficar aqui e servir ao próximo Grande Rei. Então, sim, vamos roubar o reino.

— Nós não precisamos ser bons — digo para Fantasma. — Mas vamos tentar ser justos. Tão justos quanto qualquer príncipe de Faerie.

Fantasma sorri.

— E talvez um pouco mais — completo, olhando para Cardan.

Fantasma assente.

— Eu adoraria isso.

Ele sai para acordar Barata. E, então, tenho que explicar tudo de novo. Quando chego na parte do banquete e o que acho que vai acontecer lá, Barata

me interrompe tantas vezes que mal consigo concluir uma frase. Quando termino de falar, ele saca um rolo de velino e uma caneta mordida de um dos armários e anota quem deve estar onde e em qual momento para o plano funcionar.

— Você está replanejando meu plano — censuro.

— Só um tiquinho — diz ele, lambendo a ponta da caneta e voltando a fazer anotações. — Você está preocupada com Madoc? Ele não vai gostar disso.

Claro que estou preocupada com Madoc. Se não estivesse, não estaria fazendo nada disso. Bastaria entregar a ele a chave do reino.

— Eu sei — digo, olhando para os resíduos de vinho no cálice de Fantasma. Assim que eu entrar na festa com Cardan ao meu lado, Madoc vai saber que estou tramando um joguinho particular. Quando descobrir que vou tirar dele a posição de regente, vai ficar furioso.

E ele fica ainda mais sedento por sangue quanto está furioso.

— Você tem alguma coisa adequada pra vestir? — pergunta Barata. Diante do meu olhar surpreso, ele levanta as mãos. — Você está fazendo política. Você e Cardan precisam aparecer em esplendor naquele banquete. Seu novo rei vai precisar que tudo esteja perfeito.

Repassamos os planos, e Cardan nos ajuda a mapear a Mansão Hollow. Tento não prestar muita atenção nos dedos longos se arrastando pelo papel, na emoção atordoante que sinto toda vez que ele me olha.

Ao amanhecer, bebo três xícaras de chá e saio sozinha para procurar a última pessoa com quem preciso conversar antes do banquete: minha irmã Vivienne.



Vou para casa (a casa de Madoc, lembro a mim mesma. Nunca foi minha e, depois desta noite, nunca nem será) quando o sol nasce em uma explosão de dourado. Sinto-me uma sombra quando subo a escadaria em espiral, enquanto passo por todos os aposentos onde cresci. No meu quarto, arrumo a mala. Veneno, facas, um vestido e joias que imagino que Barata vá achar adequadamente extravagantes. Com relutância, deixo os bichos de pelúcia da cama. Também deixo sapatos e livros e bibelôs favoritos. Saio da minha

segunda vida da mesma forma que saí da primeira, carregando poucas coisas e com grande incerteza do que virá a seguir.

Vou até a porta de Vivi e bato de leve. Depois de alguns momentos, ela, sonolenta, me deixa entrar.

— Ah, que bom — murmura, bocejando. — Você arrumou sua mala. — Ela então vê meu rosto e balança a cabeça. — Não me diga que você não vem.

— Aconteceu uma coisa — começo, colocando a bolsa no chão. Mantenho a voz baixa. Não existe motivo real para esconder que estou aqui, mas me esconder acabou por se tornar um hábito. — Só me escute.

— Você desapareceu — diz ela. — Fiquei esperando você indefinidamente, fingindo para nosso pai que estava tudo bem. Você me deixou preocupada.

— Eu sei — reconheço.

Ela me olha como se estivesse cogitando me dar um tapa.

— Fiquei louca de medo de você estar *morta*.

— Eu não estou nem um pouco morta — digo, segurando o braço dela e puxando-a para poder falar em um sussurro. — Mas tenho que dizer uma coisa que sei que você não vai gostar: eu estava trabalhando como espiã do príncipe Dain. Ele pôs um geas em mim e eu não tive como contar nada a respeito antes de sua morte.

As sobrancelhas delicadamente arqueadas se erguem.

— Espiã? O que isso envolve?

— Ficar me esgueirando por aí e conseguir informações. Matar pessoas. E, antes que você diga qualquer coisa, eu me revelei muito boa nisso.

— *Certo* — diz ela. Vivi sabia que tinha alguma coisa acontecendo comigo, mas a julgar pela expressão em seu rosto, percebo que nem em um milhão de anos ela teria adivinhado.

Continuo:

— E descobri que Madoc vai fazer uma jogada política que envolve Oak. — Explico mais uma vez sobre Liriope, Oriana e Dain. A essa altura, já contei essa história vezes suficientes para ficar fácil me concentrar só nas partes necessárias, para passar as informações de forma rápida e convincente. — Madoc vai colocar Oak no trono e assumir a posição de regente. Não sei se esse sempre foi o plano dele, mas tenho certeza de que agora é.

— E é por isso que você não vai para o mundo humano comigo?

— Quero que você leve Oak no meu lugar — digo para ela. — Que o mantenha longe disso tudo até ele ficar um pouco mais velho, o bastante para não precisar de regente. Vou ficar aqui e cuidar para que ele tenha algo para o qual voltar.

Vivi coloca as mãos nos quadris, um gesto que me lembra nossa mãe.

— E como exatamente você pretende fazer isso?

— Deixe essa parte comigo — asseguro, desejando que Vivi não me conhecesse tão bem quanto conhece. Para distraí-la, explico sobre o banquete de Balekin, sobre como a Corte das Sombras vai me ajudar a obter a coroa. Preciso que ela prepare Oak para a coroação. — Quem controlar o rei também controla o reino — alerto. — Se Madoc for regente, você sabe que o Reino das Fadas estará sempre em guerra.

— Deixa eu ver se entendi: você quer que eu leve Oak para longe de Faerie, para longe de todo mundo que ele conhece, e o ensine a ser um bom rei? — Ela ri com tristeza. — Certa vez nossa mãe raptou uma criança feérica, eu. Você sabe o que aconteceu. Como isso vai ser diferente? Como você vai impedir que Madoc e Balekin saiam caçando Oak até o fim do mundo?

— Alguém pode ser enviado para protegê-lo, para proteger vocês. Mas quanto ao restante, eu tenho um plano. Madoc não vai atrás dele. — Com Vivi, me sinto eternamente destinada a ser a irmãzinha, tola e prestes a cair de cara.

— Talvez eu não queira ser babá — diz Vivi. — Talvez eu o perca em um estacionamento ou o esqueça na escola. Talvez ensine truques horríveis a ele. Talvez ele me culpe por tudo isso.

— Então me dê outra solução. Você acha mesmo que é isso que eu quero? — Tenho noção de que parece que estou suplicando, mas não consigo evitar.

Durante um momento tenso, ficamos nos olhando. Ela se joga em uma cadeira e recosta a cabeça na almofada atrás.

— Como vou explicar isso para Heather?

— Acho que Oak é a parte menos chocante de tudo o que você tem pra contar a ela — digo. — E são só alguns anos. Você é imortal. O que, aliás, é uma das coisas mais chocantes que você tem que contar a ela.

Vivi me lança um olhar capaz de fazer criança chorar.

— Prometa que isso vai salvar a vida de Oak.

— Eu prometo — digo para ela.

— E prometa que não vai custar a sua.

Assinto.

— Não vai.

— Mentirosa — diz Vivi. — Você é uma mentirosa imunda e eu odeio isso e odeio essa história toda.

— É — respondo. — Eu sei.

Pelo menos ela não disse que também me odeia.



Estou saindo de casa quando Taryn abre a porta do quarto. Ela está usando uma saia marfim, com um bordado que forma um padrão de folhas em queda.

Minha respiração trava. Eu não estava planejando vê-la.

Nós nos olhamos por um longo momento. Ela percebe que carrego uma bolsa pendurada no ombro e que estou com a mesma roupa que usei quando lutamos.

Taryn fecha a porta novamente e me deixa com meu destino.

CAPÍTULO
29

Eu nunca entrei pela porta da frente da Mansão Hollow. Antes, sempre entrava sorrateira pela cozinha, vestida de serva. Agora estou bem diante das portas de madeira polida, iluminadas por duas lâmpadas de fadinhas aprisionadas, voando em círculos desesperados. Elas iluminam um entalhe de um rosto enorme e sinistro. A aldrava, um círculo perfurando o nariz.

Cardan estica a mão para a aldrava e, como cresci no Reino das Fadas, não fico surpresa a ponto de dar um berro quando os olhos se abrem.

— Meu príncipe — diz o entalhe.

— Minha porta — responde ele, com um sorriso que transmite ao mesmo tempo afeição e familiaridade. É bizarro ver o charme irritante de Cardan ser usado para uma coisa que não seja maléfica.

— Viva, e seja bem-vindo — diz a porta, se abrindo e revelando um dos servos feéricos de Balekin.

Ele olha boquiaberto para Cardan, o príncipe desaparecido de Faerie.

— Os outros convidados estão por aqui — declara.

Cardan entrelaça o braço ao meu com firmeza antes de sair andando, e sinto uma onda de calor enquanto acompanho o passo. Não posso me dar ao luxo de ser menos do que brutalmente sincera comigo. Apesar de tudo o que passei, embora ele seja um sujeito terrível, Cardan também é divertido.

Talvez eu devesse ficar feliz com quanto isso vai ter pouca importância em breve.

Mas, agora, é imensamente irritante. Cardan está usando um traje escolhido dentre as roupas de Dain, surrupiado do guarda-roupas do palácio e alterado por uma fada de dedos hábeis que tinha uma dívida de jogo com Barata. Ele está majestoso em tons variados de creme: um paletó sobre um colete e uma camisa frouxa, calça e lenço de pescoço, mas as mesmas botas com bico de prata que ele usou na coroação; uma única safira cintila em sua orelha esquerda. Ele *tem* que estar majestoso. Eu ajudei a escolher as roupas, ajudei a deixá-lo assim, mas o efeito não passa despercebido por mim.

Estou usando um vestido verde-garrafa com brincos no formato de frutas silvestres. No meu bolso está a bolota dourada de Liriope, e no meu quadril está a espada do meu pai. Ao longo do corpo, tenho uma coleção de facas. Não parece suficiente.

Quando atravessamos o salão, todos se viram para olhar. Os lordes e damas de Faerie. Reis e rainhas de outras cortes. O representante da rainha Submarina. Balekin. Minha família. Oak, Oriana e Madoc. Olho para lorde Roiben, o cabelo branco destacando-o na multidão, mas ele não demonstra me reconhecer. Seu rosto permanece ilegível, uma máscara.

Tenho que acreditar que Roiben vai cumprir sua parte no acordo, mas não gosto de contar com a sorte. Cresci sendo ensinada a sempre procurar uma fraqueza nos outros e explorá-la. Disso eu entendo. Mas daí a fazer as pessoas gostarem de você, a quererem escolher você e ficar do seu lado… nisto sou bem menos hábil.

Meu olhar vai da mesa de petiscos para os vestidos elaborados das damas, e logo corre para um rei goblin mastigando um osso ruidosamente. Então pouso os olhos na Coroa de Sangue do Grande Rei. Está na prateleira acima de nós, apoiada em uma almofada. Ali, cintila com uma luz sinistra.

Ao vê-la, imagino todos os meus planos desmoronando. A ideia de roubar a coroa na frente de todo mundo me apavora. Por outro lado, ter que procurá-la na Mansão Hollow também seria apavorante.

Vejo Balekin parar de falar com uma mulher que não reconheço. Ela está usando um vestido de algas marinhas trançadas e colar de pérolas. Os cabelos negros estão presos por uma coroa decorada com mais pérolas, se assemelhando a uma teia acima da cabeça da feérica. Demoro um momento

para me dar conta de que esta pode ser a rainha Orlagh, mãe de Nicasia. Balekin se afasta dela e atravessa o salão em nossa direção com determinação.

Cardan avista o irmão e nos desvia para os vinhos. Há garrafas e mais garrafas da bebida: verde-claro, amarelo como ouro, o vermelho-arroxeado escuro do sangue do meu coração. O aroma é de rosas, de dentes-de-leão, de ervas moídas e groselha. Só o cheiro já quase faz minha cabeça girar.

— Irmãozinho — diz Balekin para Cardan. Ele está vestido de preto e prata da cabeça aos pés, o veludo do gibão com um bordado tão denso no desenho de coroas e aves que parece pesado como uma armadura. Na cabeça, Balekin usa um aro de prata, o qual combina com seus olhos. Não é *a* coroa, mas é *uma* coroa. — Procurei você por toda parte.

— Duvido. — Cardan sorri como o vilão que sempre acreditei que fosse. — Acabou que me tornei útil. Que surpresa terrível.

O príncipe Balekin sorri como se os sorrisos de ambos pudessem duelar por si só. Tenho certeza de que ele adoraria poder insultar Cardan, espancá-lo até fazê-lo se render a suas vontades. Mas como o restante da família real morreu por meio de uma espada, Balekin deve ter aprendido a lição sobre precisar de um participante disposto em uma coroação.

No momento, a presença de Cardan é suficiente para garantir a todos os presentes que Balekin em breve será o Grande Rei. Se Balekin chamar os guardas ou aprisionar o irmão, essa ilusão vai se dissipar.

— E você — diz Balekin, voltando o olhar para mim. Consigo ver a crueldade surgindo em seus olhos. — O que tem a ver com isso? Deixe-nos.

— Jude — chama Madoc, se aproximando para se colocar ao lado do príncipe Balekin, que parece finalmente perceber que eu posso ter *alguma coisa* a ver com isso, afinal.

Madoc parece insatisfeito, mas não alarmado. Tenho certeza de que está me achando uma tola que espera um cafuné de agradecimento por ter encontrado o príncipe desaparecido e que está se amaldiçoando por não ter deixado mais claro que queria que Cardan fosse levado para *ele*, *não* para Balekin. Abro meu melhor sorriso de alegria, como o de uma garotinha que acredita que resolveu os problemas de todo mundo.

Como deve ser frustrante chegar tão perto de seu objetivo, ter Oak e a coroa no mesmo lugar, ter os lordes e damas do Reino das Fadas reunidos. E

então a filha bastarda de sua primeira esposa dá um nó em seus planos entregando ao seu rival a única pessoa com mais probabilidade de botar a coroa na cabeça de Oak.

Mas reparo no olhar avaliador que ele está lançando para Cardan. Madoc está refazendo seus planos.

Ele coloca a mão pesada no meu ombro.

— Você o encontrou. — Então se vira para Balekin. — Espero que recompense minha filha. Tenho certeza de que não foi fácil persuadir Cardan a vir até aqui.

Cardan olha para Madoc de um jeito estranho. Lembro o que ele disse sobre ficar incomodado por Madoc me tratar tão bem, quando Eldred mal olhava em sua cara. Mas pelo jeito como ele está olhando agora, fico pensando se só está estranhando nos ver juntos, o general e a garota humana.

— Darei tudo o que ela pedir e muito mais — promete Balekin com extravagância. Vejo Madoc franzir a testa e abro um sorriso breve para ele enquanto sirvo duas taças de vinho, um claro e um escuro. Sou cuidadosa ao fazer isso, não derramo uma gota.

Mas em vez de entregar uma para Cardan, ofereço as duas para Madoc escolher. Sorrindo, ele pega o vinho da cor de sangue. Eu fico com o outro.

— Ao futuro de Faerie — brindo, tilintando as taças de leve, fazendo-as ressoar como sinos. Bebemos. Na mesma hora, sinto os efeitos: uma espécie de leveza, como se eu estivesse nadando no ar. Não quero nem olhar para Cardan. Ele vai rir demais se achar que não aguento nem uns golinhos de vinho.

Cardan serve uma taça para si e vira tudo de uma vez.

— Pegue a garrafa — oferece Balekin. — Estou preparado para ser muito generoso. Vamos discutir o que você quiser, qualquer coisa.

— Não temos pressa, temos? — pergunta Cardan languidamente.

Balekin olha para ele com a dureza de alguém que mal está se controlando para não partir para a violência.

— Acho que todo mundo gostaria de ver a questão resolvida.

— Ainda assim — diz Cardan, pegando a garrafa de vinho e bebendo diretamente do gargalo. — Nós temos a noite toda.

— O poder está nas suas mãos — retruca Balekin de uma forma enigmática, que deixa o "por enquanto" pesadamente subentendido.

Vejo um músculo tremelicar no maxilar de Cardan. Tenho certeza de que Balekin está imaginando como vai puni-lo por qualquer atraso. O peso está em cada uma de suas palavras.

Madoc, por sua vez, está observando a situação, sem dúvida avaliando o que poderia oferecer a Cardan. Quando sorri para mim e bebe outro gole de vinho, o sorriso é genuíno. Cheio de dentes e aliviado. Consigo ver que ele acha que Cardan será mais manipulável do que Balekin em qualquer circunstância.

De repente, tenho certeza de que se fôssemos para outro aposento, Balekin veria a espada de Madoc enfiada em seu peito.

— Depois do jantar, apresentarei minhas condições — diz Cardan. — Mas, até lá, vou aproveitar a festa.

— Eu não tenho paciência infinita — rosna Balekin.

— Cultive-a, então — provoca Cardan, e, com uma pequena reverência, nos leva para longe de Balekin e Madoc.

Deixo minha taça de vinho perto de um prato cheio de corações de pardal perfurados por espetinhos de prata e sigo pelo meio da multidão com o príncipe.

Nicasia nos para, pousando a mão de dedos compridos no peito de Cardan, o cabelo celeste vibrante em contraste ao vestido bronze.

— Por onde você andou? — pergunta ela, com um olhar para nossos braços dados. Nicasia franze o nariz delicado, mas o pânico ressoa em suas palavras. Ela está fingindo calma, assim como o restante de nós.

Tenho certeza de que Nicasia achou que Cardan estava morto, ou pior. Deve haver muitas coisas que ela deseja perguntar a ele, e nenhuma delas pode ser na minha frente.

— A Jude aqui me fez prisioneiro — diz ele, e tenho que lutar contra a vontade de dar um pisão em seu pé. — Os nós dela são muito apertados.

Nicasia claramente não sabe se deve rir. Quase sou solidária. Eu também não sei.

— Que bom que você finalmente conseguiu fugir das amarras — diz ela, enfim.

Cardan ergue as sobrancelhas.

— Consegui? — retruca ele, uma condescendência arrogante na voz, como se ela tivesse se mostrado menos inteligente do que ele esperava.

— Você precisa ser desse jeito agora? — pergunta Nicasia, decidindo deixar a cautela de lado. Ela coloca a mão no braço de Cardan.

O rosto do príncipe se suaviza de um jeito que não estou acostumada a ver.

— Nicasia — diz ele, se desvencilhando do toque. — Fique longe de mim hoje. Para seu próprio bem.

Dói um pouco ver que ele tem essa gentileza dentro de si. Não quero assistir a isso.

Nicasia me olha de um jeito estranho, sem dúvida tentando decidir por que o pronunciamento dele não se aplica a mim. Mas logo Cardan está se afastando, e sigo com ele. Vejo Taryn do outro lado do salão, Locke ao seu lado. Ela arregala os olhos ao perceber com quem estou. Alguma coisa passa por seu rosto, algo que parece ressentimento.

Ela está com Locke, mas eu estou aqui com um *príncipe*.

Não é justo. Não tenho como saber se ela está pensando isso só de olhar.

— Parte um concluída — digo, afastando os olhos de minha irmã. Eu me dirijo a Cardan bem baixinho. — Nós chegamos aqui, entramos e ainda não estamos acorrentados.

— Sim — diz ele. — Acredito que Barata tenha chamado essa de "a parte fácil".

O plano, conforme expliquei a Cardan, tem cinco etapas básicas: (1) entrar, (2) fazer todos os outros entrarem, (3) pegar a coroa, (4) colocar a coroa na cabeça de Oak, (5) sair.

Solto nossos braços.

— Não vá a nenhum lugar sozinho — lembro a Cardan.

Ele me oferece um sorriso de lábios apertados, como o de alguém que está sendo abandonado, e assente uma vez.

Sigo até Oriana e Oak. Do outro lado do salão, vejo Severin interrompendo uma conversa e caminhando em direção ao príncipe Balekin. O suor se acumula acima dos meus lábios, em minhas axilas. Meus músculos se contraem.

Se Severin disser a coisa errada, vou ter que abandonar todas as fases do plano, exceto a de "sair".

Oriana levanta as sobrancelhas assim que me aproximo, as mãos pousando nos ombros esquálidos de Oak. Ele levanta as mãos. Quero niná-lo em meus braços. Quero perguntar se Vivi explicou o que vai acontecer. Quero dizer que vai ficar tudo bem. Mas Oriana segura os dedos dele, aperta entre os dela e coloca fim à dúvida de quantas mentiras eu aguento.

— O que é isso? — pergunta Oriana, meneando a cabeça em direção a Cardan.

— O que você pediu — explico, acompanhando seu olhar.

De algum jeito, Balekin atraiu Cardan para uma conversa com Severin. Cardan ri de alguma coisa que o irmão diz, parecendo tão confortavelmente arrogante quanto em qualquer outra ocasião que eu já tenha visto. Fico chocada com o reconhecimento; se você vive sempre com medo, sempre com o perigo em seu encalço, não fica tão difícil assim fingir que não existe mais perigo. Eu sei disso, mas não achei que justo Cardan também saberia. Balekin está com a mão no ombro do irmão. Consigo imaginar seus dedos afundando no pescoço de Cardan.

— Não é fácil. Espero que você entenda que vai haver um preço…

— Eu pago — responde Oriana rapidamente.

— Nenhum de nós sabe o custo — digo, e espero que ninguém repare na rispidez do meu tom. — E todos nós vamos ter que pagar uma parte.

Minha pele está corada por causa do vinho, e sinto um gosto metálico na língua. Está quase na hora de botar a parte seguinte do plano em ação. Olho ao redor, procurando Vivi, mas ela está do outro lado do salão. Não há tempo para dizer nada a ela agora, mesmo se eu soubesse o que falar.

Ofereço a Oak o que espero ser um sorriso encorajador. Muitas vezes me perguntei se meu passado é o motivo para eu ser como sou, se foi isso que me tornou uma pessoa monstruosa. Se sim, será que também vou transformar Oak em um monstro?

Vivi não vai, digo para mim mesma. O trabalho dela é ajudá-lo a se importar com coisas diferentes de poder, e meu trabalho é apenas me importar com poder a fim de poder abrir espaço para o retorno de Oak. Respirando fundo, sigo para as portas que levam ao corredor. Passo pelo par de cavaleiros e

dobro uma esquina, para longe do campo de visão deles. Respiro fundo algumas vezes e destranco as janelas.

Aguardo durante alguns minutos de plena torcida. Se Barata e Fantasma passarem pela janela, poderei explicar a localização da coroa. Mas são as portas do banquete que se abrem, e ouço Madoc mandando os cavaleiros saírem. Eu me mexo para que ele possa me ver. E, quando isso acontece, ele vem em minha direção com muita determinação.

— Jude. Imaginei que tivesse vindo para cá.

— Eu precisava de ar fresco — respondo, um indicativo do quanto estou nervosa. Já respondi a pergunta que ele ainda não fez.

Mas Madoc descarta minha resposta.

— Você devia ter me procurado quando encontrou o príncipe Cardan. Nós poderíamos ter negociado de uma posição de força.

— Achei mesmo que você fosse dizer alguma coisa assim — comento.

— O que importa agora é que preciso falar a sós com Cardan. Eu gostaria que você fosse até lá e o trouxesse até aqui, para podermos conversar. Nós três podemos conversar.

Eu me afasto da janela e vou para o espaço aberto do corredor. Fantasma e Barata estarão aqui em um momento, e não quero que Madoc os veja.

— Sobre Oak? — pergunto.

Como eu esperava, Madoc me segue para longe da janela, franzindo a testa.

— Você sabia?

— Que você tem um plano para governar Elfhame? — provoco. — Eu acabei percebendo.

Ele me olha como se eu fosse uma estranha, mas nunca me senti menos estranha. Pela primeira vez, estamos os dois sem máscaras.

— E mesmo assim você trouxe o príncipe Cardan para cá, direto para Balekin — diz ele. — Ou foi pra mim? Temos que negociar agora?

— Tem que ser um ou outro, não é?

Madoc está ficando irritado.

— Você prefere não ter Grande Rei nenhum? Se a coroa for destruída, vai haver guerra, e se houver guerra, eu vou vencê-la. De uma forma ou de outra, a coroa será minha, Jude. E você só se beneficia disso. Não há motivo para se

opor a mim. Você pode se tornar uma cavaleira. Pode ter tudo com que sempre sonhou. — Ele dá outro passo na minha direção. Estamos a uma distância mínima um do outro.

— Você disse "A coroa vai ser minha". *Sua* — lembro a ele, colocando a mão no cabo da espada. — Você mal falou o nome de Oak. Ele é só o meio para um fim, e esse fim é poder. Poder pra você.

— Jude… — começa Madoc, mas eu o interrompo.

— Vamos negociar. Jure pra mim que nunca vai erguer a mão contra Oak, e eu ajudo. Prometa que, quando ele for maior de idade, você vai se afastar do cargo de regente na mesma hora. Que vai entregar a Oak o poder que tiver sedimentado, e que vai fazê-lo voluntariamente.

Madoc retorce a boca. Cerra os punhos. Eu sei que ele ama Oak. Que ele me ama. Sei que amou minha mãe também, do jeito dele. Mas Madoc é quem é. Sei que ele não é capaz de fazer essas promessas.

Saco minha espada, e ele também, o ruído de metal tinindo no ambiente. Ouço gargalhadas distantes, mas estamos a sós no corredor.

Minhas mãos estão suando, mas o ato carrega uma sensação de inevitabilidade, como se fosse para isso que eu estivesse despencando o tempo todo, durante toda a minha vida.

— Você não consegue me derrotar — diz Madoc, assumindo postura de combate.

— Já derrotei — desafio.

— Não tem como você vencer. — Madoc brande a espada, me incentivando a avançar, como se fosse apenas um treinamento. — O que você pode querer fazer com um príncipe desaparecido na fortaleza de Balekin? Eu vou vencer e vou tirá-lo de você. Você poderia ter qualquer coisa que quisesse, mas agora não vai ter nada.

— Ah, sim, claro, quero mesmo revelar meu plano todo. Você me levou a ele. — Faço uma careta de deboche. — Não vamos enrolar mais. Essa é a parte em que lutamos.

— Pelo menos você não é covarde. — Madoc parte para cima de mim com tanta força que, ainda que eu bloqueie o golpe, sou jogada no chão. Rolo para uma posição de pé, mas estou abalada. Ele nunca lutou comigo assim, com tudo. Não vai ser uma troca gentil de golpes.

Madoc é o general do Grande Rei. Eu sabia que era melhor do que eu, mas não quanto.

Arrisco um olhar para a janela. Não tenho como ser mais forte que ele, mas não preciso ser. Só preciso aguentar mais um pouco. Então ataco, torcendo para pegá-lo de surpresa. Ele me ataca de volta. Eu desvio e me viro, mas Madoc espera o golpe, e tenho que cambalear sem elegância nenhuma para trás e bloquear uma nova investida pesada de sua lâmina. Meus braços doem por causa da força dos golpes do general.

Isso está acontecendo rápido demais.

Invisto com uma série de técnicas que ele mesmo me ensinou e uso um pouco do jogo de espadas que aprendi com Fantasma. Faço finta para a esquerda e acerto Madoc nas costelas. É um golpe superficial, mas surpreende a nós dois quando uma linha vermelha umedece seu casaco. Ele volta a me agredir. Dou um pulo para o lado, e então tomo uma cotovelada no rosto, que me derruba no chão. Escorre sangue do meu nariz.

Eu me levanto, tonta.

Estou com medo, por mais que tente fingir que não. Fui arrogante. Estou tentando ganhar tempo, mas um dos golpes de Madoc pode me partir no meio.

— Renda-se — diz ele, a espada apontada para minha garganta. — Foi uma boa tentativa. Vou perdoar você, Jude, e vamos voltar ao banquete. Você vai persuadir Cardan a fazer o que preciso que ele faça. Tudo será como deveria ser.

Cuspo sangue nas pedras do piso.

Percebo que o braço da espada de Madoc treme um pouco.

— Renda-se *você* — desafio.

Ele ri como se eu tivesse contado uma piada boa. Em seguida, para e faz uma careta.

— Imagino que você não esteja se sentindo muito bem — insinuo.

A espada estremece mais um pouco, e ele olha para mim com uma compreensão repentina.

— O que você fez?

— Envenenei você. Mas não se preocupe. Foi uma dose bem pequena. Você vai sobreviver.

— As taças de vinho — compreende ele. — Como você sabia qual eu escolheria?

— Eu não sabia — confesso, achando que ele vai ficar ao menos um pouco satisfeito com a resposta, apesar de tudo. É o tipo de estratégia que Madoc venera. — Envenenei as duas.

— Você vai se arrepender muito — ameaça ele. O tremor está nas pernas agora. Eu sei. Sinto o eco nas minhas também. A diferença é que agora já estou acostumada a tomar veneno.

Eu o encaro e guardo minha espada.

— Pai, eu sou o que você fez de mim. Finalmente me tornei sua filha.

Madoc levanta a espada novamente, como se fosse partir para cima de mim uma última vez. Mas a espada, assim como ele, cai no piso de pedra.

Quando Fantasma e Barata entram, apenas alguns tensos minutos depois, eles me encontram sentada ao lado do general, cansada demais para sequer pensar em deslocar o corpo.

Sem dizer nada, Barata me entrega um lenço, e começo a limpar o sangue do nariz.

— Vamos para a fase três — diz Fantasma.

CAPÍTULO

30

Quando volto para a festa, todos estão ocupando seus devidos lugares para o banquete. Caminho até Balekin e faço uma reverência.

— Meu senhor — saúdo, baixando a voz. — Madoc me pediu para avisar que vai se atrasar e que devemos começar sem ele. O general não quer que o senhor fique preocupado, mas alguns espiões de Dain estão aqui. Ele enviará notícias quando os tiver capturado ou matado.

Balekin me olha com lábios ligeiramente repuxados e olhos semicerrados. E capta qualquer rastro de sangue que eu talvez não tenha conseguido lavar das narinas, qualquer gota de suor que não tenha limpado. Madoc está apagado no antigo quarto de Cardan e, pelos meus cálculos, temos pelo menos uma hora até ele acordar. Tenho a sensação de que se Balekin olhasse com atenção, também poderia ler essas informações na minha testa.

— Você foi mais útil do que eu imaginava — diz ele, apoiando de leve a mão no meu ombro. Balekin parece ter se esquecido de como estava furioso quando entrei com Cardan… e provavelmente espera que eu também esqueça. — Continue e será recompensada. Você gostaria de viver como uma de nós? Gostaria de *ser* uma de nós?

Será que o Grande Rei de Faerie poderia mesmo me proporcionar isso? Poderia me tornar outra coisa além de humana, outra coisa além de mortal?

Penso nas palavras de Valerian quando ele tentou me encantar para saltar da torre. *Nascer mortal equivale a já ter nascido morta*.

Balekin vê minha expressão e sorri, seguro de que descobriu o desejo secreto do meu coração.

E, de fato, quando sigo para o meu lugar, estou perturbada. Deveria me sentir triunfante, mas só me sinto enjoada. Superar Madoc não foi tão satisfatório quanto eu esperava, principalmente depois de vencer apenas porque ele jamais havia pensado em mim como uma traidora em potencial. Talvez daqui a alguns anos minha fé nesse plano se mostre justificada, mas terei que conviver com essa sensação de ácido na boca do estômago até lá.

O futuro do reino depende de meu desempenho nesse jogo longo e que exige nada menos que perfeição de minha parte.

Vejo Vivi sentada entre Nicasia e lorde Severin e lanço um sorriso breve em sua direção. Minha irmã me devolve uma careta triste.

Lorde Roiben me olha de soslaio. Ao seu lado, a pixie verde sussurra alguma coisa e ele balança a cabeça. Do outro lado da mesa, Locke beija a mão de Taryn. A rainha Orlagh me fita com curiosidade. Só há três mortais aqui: Taryn, eu e o garoto ruivo de Severin. Pelo jeito como nos olha, a mãe de Nicasia está vendo ratos se apresentando para um grupo de gatos.

Acima de nós, há um candelabro feito de folhas finas de mica. Fadinhas pequeninas e luminosas estão presas ali dentro apenas para acrescentar um brilho caloroso ao salão. De vez em quando, elas voam e fazem as sombras dançarem.

— Jude — chama Locke, tocando meu braço e me assustando. Os olhos de raposa se enrugam de diversão. — Admito que estou com um certo ciúme por ver Cardan de braços dados com você.

Dou um passo para trás.

— Não tenho tempo pra isso.

— Eu gostava de você, sabe — diz ele. — Ainda gosto.

Por um momento, me pergunto o que aconteceria caso eu recuasse o braço e o acertasse em cheio com um soco.

— Cai fora, Locke.

O sorriso do feérico volta.

— O que mais gosto em tudo isso é que você nunca faz o que imagino que vá fazer. Por exemplo, nunca imaginei que duelaria por minha causa.

— Não duelei por sua causa. — Eu me desvencilho do aperto e sigo para a mesa, os passos um pouco vacilantes.

— Aí está você — diz Cardan quando assumo meu lugar ao lado dele. — Como está indo sua noite? A minha está cheia de um papo chato sobre como minha cabeça vai acabar pendurada em uma estaca.

Minhas mãos tremem quando me sento. Digo para mim mesma que é o veneno. Minha boca está seca. Não estou com cabeça para uma batalha verbal. Servos trazem os pratos: ganso assado brilhando com molho de groselha, ostras e alho-poró ensopado, bolos de frutas e peixes inteiros recheados com bagas de rosas. O vinho servido é verde escuro com pedaços de ouro flutuando. Vejo-os afundando até o fundo da taça, um sedimento reluzente.

— Já comentei sobre quão horrorosa você está hoje? — pergunta Cardan, se recostando na cadeira elaboradamente entalhada, o calor das palavras transformando a pergunta em algo similar a um elogio.

— Não — respondo, feliz por estar irritada com o presente outra vez. — Por favor, me conte.

— Não posso — diz ele, e franze a testa. — Jude? — Acho que nunca vou me acostumar com o som de meu nome saindo dos lábios de Cardan. Ele enruga as sobrancelhas. — Tem um hematoma surgindo no seu queixo.

Bebo um gole de água.

— Eu estou bem.

Não falta muito agora.

Balekin se levanta e ergue a taça.

Empurro a cadeira para trás e consigo ficar de pé segundos antes da explosão acontecer. Por um momento, tudo fica tão ruidoso que parece que a sala está virando de cabeça para baixo. Os feéricos berram. Globos de cristal caem e se estilhaçam.

Bomba atacou.

Na confusão, uma única flecha preta voa de uma alcova escondida e afunda na mesa de madeira, bem na frente de Cardan.

Balekin fica de pé com um salto.

— Ali! — grita ele. — O assassino! — Cavaleiros correm para Barata, que saltita da escuridão e dispara novamente.

Mais uma flecha voa na direção de Cardan, que finge estar atordoado demais para se mexer, exatamente como treinamos. Barata explicou com muitos detalhes para o príncipe como seria bem mais seguro ficar imóvel, mais fácil para ele errar as flechadas assim.

Só não esperávamos que Balekin fosse derrubar Cardan da cadeira, jogando-o no chão e cobrindo o corpo do irmão com o próprio. Quando olho para eles, percebo como entendi mal o relacionamento dos dois. Porque, sim, Balekin está alheio ao fato de que Fantasma subiu no parapeito onde está a Coroa de Sangue. Sim, ele mandou os cavaleiros atrás de Barata, permitindo assim que Bomba fechasse as portas deste salão.

Mas ele também deu a Cardan um motivo para não seguir em frente com esse plano.

Eu pensava em Balekin como o irmão que Cardan odiava, o irmão que matara a família inteira. Eu havia me esquecido de que Balekin *é* da família de Cardan. De que ele foi a pessoa que o criou quando Dain tramou contra ele, quando o pai o expulsou do palácio. Balekin é tudo o que ele tem.

E embora eu tenha certeza de que Balekin seria um péssimo rei, um rei que machucaria Cardan e muitos outros… tenho igual certeza de que ele daria poder ao irmão. De que Cardan poderia ser cruel, desde que ficasse claro que Balekin era mais.

Colocar a coroa na cabeça de Balekin seria uma aposta segura. Bem mais segura do que confiar em uma mortal, do que acreditar em um Oak do futuro. Mas Cardan se jurou a mim. Só preciso garantir que ele não encontre um modo de contornar minhas ordens.

Estou um pouco atrasada, e é mais difícil abrir caminho pela multidão do que eu imaginava, por isso não estou onde disse para Fantasma que estaria. Quando olho para o parapeito, eu o vejo lá, saindo das sombras. Fantasma joga a coroa, mas não para mim. Para minha gêmea idêntica. A peça cai aos pés de Taryn.

Vivi agarra a mão de Oak. Observo Lorde Roiben abrir caminho pela multidão.

Taryn pega a coroa.

— Entregue para Vivi — grito para ela. Fantasma, ao perceber o erro, aponta a besta armada para minha irmã; mas todos temos noção de que não dá

para salvar a situação com disparos. Ela me lança um olhar terrível, traído.

Cardan se levanta. Balekin também está de pé, atravessando o salão.

— Criança, se você não me entregar isso, vou cortar você ao meio — diz Balekin para Taryn. — Serei o Grande Rei, e quando isso acontecer, vou punir qualquer um que me for inconveniente.

Ainda segurando a coroa, Taryn alterna o olhar entre Balekin, Vivi e eu. Em seguida, se volta para todos os lordes e damas no salão.

— Me dê a coroa — rosna Balekin, andando em direção a minha irmã.

Lorde Roiben entra no caminho do príncipe mais velho e pousa a mão em seu peito.

— Espere. — O lorde não sacou a espada, mas posso ver o brilho de facas sob seu casaco.

Balekin tenta afastar a mão de Roiben, mas este não se mexe. Fantasma está com a besta apontada para o príncipe, e todos os olhos no salão estão voltados para ele. A rainha Orlagh está a vários passos de distância.

A violência paira pesada no ar.

Tento me aproximar de Taryn, protegê-la.

Se Balekin puxar uma arma, se abandonar a diplomacia e simplesmente atacar, o salão estará pronto para explodir em derramamento de sangue. Alguns vão lutar ao seu lado, outros, contra. Nenhuma promessa importa agora, e ver o príncipe assassinar a própria família não deixou ninguém com sensação de segurança. Ele reuniu todos os lordes e damas de Faerie esta noite com o objetivo de conquistá-los… Até mesmo Balekin parece entender que mais assassinatos provavelmente não vão ajudá-lo em nada.

Além do mais, Fantasma pode disparar antes que Balekin chegue a Taryn, e ele não está vestindo armadura por baixo da roupa. Por mais pesado que seja o bordado de seu o traje, não vai salvá-lo de uma flechada no coração.

— Ela é só uma garota mortal — tenta Roiben.

— Este banquete está incrível, Balekin, filho de Eldred — diz a rainha Orlagh. — Mas, infelizmente, faltava diversão até agora. Que esse seja nosso entretenimento. Afinal, a coroa está a salvo neste salão, não está? Você e seu irmão caçula são os únicos que podem usá-la. Que a garota escolha para quem vai entregá-la. Que importância tem, se nenhum dos dois quer coroar o outro?

Fico surpresa. Eu acreditava que a rainha Orlagh fosse aliada de Balekin, mas talvez a amizade de Nicasia com Cardan tenha feito com que ela o favorecesse. Ou talvez ela não goste de nenhum dos dois e só queira que o mar obtenha poder, diminuindo a influencia de outros reinos.

— Isso é ridículo — diz ele. — Que tal a explosão? Não foi entretenimento suficiente?

— Certamente aumentou o *meu* interesse — confirma lorde Roiben. — Parece que seu general também sumiu. Esse governo nem começou formalmente, mas já parece caótico.

Eu me viro para Taryn e fecho os dedos no metal frio da coroa. De perto, a joia é ainda mais exótica. As folhas parecem brotar do ouro escuro, parecem vivas, os caules se entrecruzando em um nó delicado.

— Por favor — apelo. — Ainda há tanta coisa ruim entre nós. Tanta raiva, traição e ciúme.

— O que você está fazendo? — sibila Taryn para mim. Atrás dela, Locke me encara com um brilho estranho nos olhos. Minha história acabou de ficar mais interessante, e sei como ele ama uma boa história acima de tudo.

— O melhor que posso — respondo.

Puxo a coroa, e por um longo momento, Taryn a segura com força. Mas acaba abrindo a mão, e eu cambaleio para trás.

Vivi trouxe Oak para o mais perto possível de mim. Oriana está com a multidão, abrindo e fechando as mãos. Ela deve ter reparado na ausência de Madoc, deve estar se perguntando o que eu quis dizer quando falei sobre um preço.

— Príncipe Cardan — digo. — Isto é para você.

A multidão se abre para deixá-lo passar, o outro ator principal desse drama. Ele se aproxima e para ao meu lado.

— Parem! — grita Balekin. — Façam com que eles parem agora mesmo! — Ele saca uma espada, claramente cansado de brincar de política. Em todo o salão, outras espadas são desembainhadas em um eco terrível. Consigo ouvir o tinido de metal encantado no ar.

Estico a mão para Cair da Noite no mesmo instante em que Fantasma solta a flecha.

Balekin cambaleia para trás. Ouço o arquejo de todos os presentes. Disparar no rei, mesmo que ele ainda não tenha sido coroado, não é pouca coisa. Quando a espada de Balekin cai no tapete antigo, vejo onde o disparo acertou.

A mão do príncipe mais velho está pregada na mesa de jantar por uma flecha. Que parece ser de ferro.

— Cardan — grita Balekin. — Eu conheço você. Sei que preferiria que eu fizesse o difícil trabalho de governar enquanto você só curte o poder. Sei que despreza os mortais, os rufiões e os tolos. É verdade, eu nem sempre dancei conforme a sua música, mas você não tem estômago para me contrariar de verdade. Traga-me a coroa.

Puxo Oak e coloco a peça em suas mãos, para que possa vê-la. Para que ele possa se acostumar a segurá-la. Vivi dá tapinhas de incentivo em suas costas.

— Traga a coroa para mim, Cardan — repete Balekin.

O príncipe Cardan se vira para o irmão mais velho. Ele carrega o mesmo olhar frio e calculado com o qual já fuzilou tantas outras criaturas antes de cortar suas asas, antes de atirá-las em rios ou de expulsá-las da Corte.

— Não, irmão. Acho que não vou fazer isso. Mesmo que eu não tivesse motivos para contrariar você, faria isso só por desprezo.

Oak olha para mim, buscando a confirmação de que está fazendo a coisa certa no meio de tantos gritos. Eu assinto com um sorriso encorajador.

— Mostre a ele — sussurro para Cardan. — Mostre a Oak o que ele tem que fazer. Ajoelhe-se.

— Vão achar… — começa o príncipe, mas eu o interrompo.

— *Anda logo*.

Cardan então se ajoelha, e um silêncio se espalha pela multidão. Espadas são guardadas novamente nas bainhas. Os movimentos ficam lentos.

— Ah, isso *é* divertido — comenta lorde Roiben em voz baixa. — Quem é essa criança? Ou de quem? — Ele e a rainha Annet compartilham um sorriso bastante Unseelie.

— Está vendo? — diz Cardan para Oak, e faz um gesto impaciente. — Agora, a coroa.

Olho para os lordes e damas de Faerie. Nenhum rosto me parece amigável. Todos estão cautelosos, expectantes. Balekin exibe uma careta louca de fúria

enquanto tenta puxar a mão presa pela flecha, como se fosse capaz de partir os próprios ossos só para não deixar a coroação acontecer. Oak dá um passo hesitante na direção de Cardan, depois mais outro.

— Fase quatro — sussurra Cardan para mim, ainda acreditando que estamos do mesmo lado.

Penso em Madoc cochilando no andar de cima, em seus sonhos de assassinato. Penso em Oriana e em Oak sendo separados por anos. Penso em Cardan e no quanto ele vai me odiar. Penso no que significa me tornar a vilã da história.

— Durante o próximo minuto inteiro, eu ordeno que você não se mexa — sussurro em resposta.

Cardan fica totalmente imóvel.

— Vá em frente — diz Vivi para Oak. — Do jeito que nós treinamos.

E, com isso, Oak coloca a coroa sobre a cabeça de Cardan.

— Eu coroo você. — A vozinha soa insegura. — Rei. Grande Rei de Faerie. — Ele olha para Vivi, para Oriana. Está esperando que alguém diga que ele fez tudo certo, que já terminou.

As pessoas ofegam. Balekin solta um uivo frustrado. Há gargalhadas de raiva e de prazer. Todo mundo gosta de uma surpresa, e os feéricos apreciam uma mais do que qualquer outra coisa.

Cardan olha para mim com uma fúria impotente. Quando o minuto inteiro da minha ordem termina, ele se levanta muito devagar. A fúria em seus olhos é familiar, o brilho parece fogo contido, parece carvão mais quente do que qualquer chama poderia ficar. Desta vez, eu mereço. Prometi que ele poderia ir embora da Corte e de todas essas manipulações. Prometi que ele ficaria livre de tudo isso. Eu menti.

Não é que eu não queira que Oak se torne o Grande Rei. Eu quero. E ele vai se tornar. Mas só há um jeito de garantir que o trono aguarde enquanto Oak aprende tudo o que precisa saber: se for ocupado por outra pessoa. São só sete anos, e Cardan pode escolher sair, abdicar a favor de Oak ou fazer o que quiser. Mas até lá, ele vai ter que manter o trono do meu irmão quente.

Lorde Roiben se apoia em um joelho, como prometeu.

— Meu rei — diz ele. Eu me pergunto o que tal promessa vai custar. Eu me pergunto o que ele vai pedir de nós agora que ajudou a dar a coroa a

Cardan.

De repente, as palavras são ecoadas pelo salão, pela rainha Annet, pela rainha Orlagh, por lorde Severin. Do outro lado, Taryn me olha, claramente chocada. Para ela, devo parecer louca por colocar alguém que desprezo no trono, mas não tenho como me explicar. Fico de joelhos assim como todo mundo, e ela também.

Todas as minhas promessas se realizaram.

Por um longo momento, Cardan só olha ao redor, mas tem pouca escolha e deve saber disso.

— Levantem-se — diz ele, e nós nos levantamos.

Dou um passo para trás e me perco na multidão.

Cardan foi príncipe de Faerie a vida inteira. Independentemente do que queira, ele sabe o que se espera dele. Sabe como encantar uma multidão, como entreter. Sua primeira ordem é que o vidro quebrado seja retirado. Manda trazer novos cálices, que vinho fresco seja servido. O brinde que faz, às surpresas e aos benefícios de ter estado bêbado demais para aparecer na primeira coroação, faz todos gargalharem. E se eu reparo que sua mão aperta a taça de vinho com força suficiente para deixar os dedos brancos, imagino que seja a única.

Mas fico surpresa quando ele se vira para mim, os olhos resplandecentes. Parece que o salão está vazio, que estamos só nós dois ali. Ele ergue a taça novamente, a boca se curvando em um sorriso debochado.

— E a Jude, que me deu um presente esta noite. Um que pretendo devolver na mesma moeda.

Tento não me encolher quando taças são erguidas ao meu redor. Cristal ecoa. Mais vinho é servido. Mais gargalhadas ecoam.

Bomba me cutuca nas costelas.

— Nós já temos seu apelido — comunica. Eu nem a vi passar pelas portas trancadas.

— Qual? — Estou mais cansada do que nunca, mas sei que, por sete anos, não poderei descansar de verdade.

Espero que diga *Mentirosa*. Bomba abre um sorriso travesso, cheio de segredos.

— Qual poderia ser? Rainha.

Acontece que ainda não sei como rir.

EPÍLOGO

Estou no meio da Target, empurrando o carrinho enquanto Oak e Vivi escolhem lençóis e lancheiras, calças jeans e sandálias. Oak olha ao redor com uma leve confusão e um certo prazer. Ele fica pegando coisas, observando e colocando de volta no lugar. No corredor de doces, coloca barras de chocolate no carrinho, junto com jujubas, pirulitos e um pedaço de gengibre caramelizado. Vivi não o impede, então também não digo nada.

É esquisito ver Oak assim, os chifres escondidos por feitiço, as orelhas tão redondas quanto as minhas. É estranho vê-lo em um corredor de brinquedo, testando um patinete, carregando uma mochila com formato de coruja em um ombro.

Eu achei que seria difícil persuadir Oriana a deixá-lo ir com Vivi, mas depois da coroação de Cardan, ela concordou que realmente seria melhor para Oak ficar longe da Corte por alguns anos. Balekin está preso em uma torre. Madoc acordou furioso e descobriu que seu momento para roubar a coroa já tinha passado.

— Então ele é mesmo seu irmão, né? — Heather pergunta para Vivi enquanto Oak dá impulso no patinete e sai disparado pelo corredor de cartões de aniversário. — Você poderia me contar se fosse seu filho.

Vivi dá uma risada alegre.

— Eu tenho segredos, mas este não é um deles.

Heather não ficou empolgada quando Vivienne apareceu com um garotinho e uma explicação meio estranha para justificar a presença dele ali, mas também não os expulsou. O sofá de Heather é daqueles que se abrem e

viram cama, e elas concordaram que Oak poderia dormir lá até Vivi arrumar um emprego e elas conseguirem um apartamento maior.

Sei que Vivi não pretende arranjar um emprego convencional, mas ela vai ficar bem. Mais do que bem. Em outro mundo, considerando nossos pais e nosso passado, eu teria incentivado Vivi a contar a verdade para Heather. Mas, depois de tudo, se ela acha que precisa continuar fingindo, não estou em posição de contradizê-la.

Enquanto Vivi paga as compras com folhas enfeitiçadas para parecerem notas de verdade, penso de novo no que aconteceu depois do banquete-que-virou-coroação. Na confusão dos feéricos comendo e brincando. Em todo mundo maravilhado com Oak, que pareceu ao mesmo tempo satisfeito e em pânico. Em Oriana, sem saber se devia me parabenizar ou me estapear. Em Taryn, sempre quieta, pensativa, apertando a mão de Locke com força. Em Nicasia, dando um beijo demorado na bochecha real de Cardan.

Eu fiz aquilo tudo acontecer, e agora tenho que conviver com as consequências de meus atos.

Eu menti, traí e triunfei. Se ao menos houvesse alguém para me parabenizar…

Heather suspira e sorri, sonhadora, para Vivi enquanto colocamos as compras no porta-malas do Prius dela. No apartamento, Heather pega a massa pronta na geladeira e explica como fazer pizzas individuais.

— Mamãe vem me visitar, não vem? — pergunta Oak enquanto coloca pedaços de chocolate e marshmallow sobre a massa.

Aperto o braço de meu irmão enquanto Heather põe a comida no forno.

— Claro que vem. Pense no seu período aqui com Vivi como um aprendizado. Você vai aprender o que precisa saber, e depois voltará para casa.

— Como vou saber que já aprendi se não sei agora? — indaga ele.

A pergunta parece uma charada.

— Volte quando voltar parecer uma escolha difícil em vez de uma escolha fácil — respondo finalmente. Vivi olha para mim como se tivesse ouvido. A expressão em seu rosto é pensativa.

Como um pedaço da pizza de Oak e lambo o chocolate dos dedos. Está tão doce que faço uma careta, mas não me importo. Só quero ficar mais alguns momentos com ele antes de voltar sozinha para o Reino das Fadas.



Quando desço do cavalo de erva-de-santiago, sigo diretamente para o palácio. Tenho aposentos lá agora: uma sala ampla, um quarto de portas duplas com tranca e um closet com armários ainda vazios. Só tenho o que peguei na propriedade de Madoc e algumas coisas que comprei na Target para pendurar.

É aqui que vou morar, para ficar perto de Cardan, para exercer meu poder sobre ele e garantir que as coisas corram bem. A Corte das Sombras vai crescer por baixo do castelo, alimentada pelos espiões do Grande Rei e seus guardiões.

Eles vão ter ouro, vindo diretamente da mão do rei.

O que não fiz ainda foi falar com Cardan. Eu o deixei com algumas ordens, o ódio familiar em seu rosto sendo o suficiente para me acovardar. Mas vou ter que conversar com ele em algum momento. Não dá para adiar mais.

Mesmo assim, é com o coração pesado e passos de chumbo que sigo para os aposentos reais. Eu bato à porta, mas sou informada por um servo afetado e com flores entrelaçadas na barba loura que o Grande Rei está no salão do palácio.

Eu o encontro lá, recostado contra o trono de Faerie, olhando de cima da plataforma. O aposento está vazio, exceto por nós dois. Meus passos ecoam quando atravesso o salão.

Cardan está de calça, casaca e outro paletó por cima, ajustado nos ombros, acinturado e comprido. O tecido é um veludo vinho-escuro, com mais veludo marfim nas lapelas, nos ombros e na casaca. A costura é toda com fios dourados, assim como os botões e as fivelas da bota de cano alto combinando. No pescoço, ele carrega uma gola de penas desbotadas de coruja.

O cabelo preto cai em cachos volumosos em volta das bochechas. As sombras destacam os ângulos dos ossos, o comprimento dos cílios, a beleza impiedosa do rosto.

Fico horrorizada com quanto ele parece o Grande Rei de Faerie.

Fico horrorizada com meu impulso de me ajoelhar diante dele, com meu desejo de permitir que ele toque minha cabeça com a mão que carrega o anel.

O que eu fiz? Por tanto tempo, não houve alguém em quem eu confiasse menos. E agora tenho que aguentá-lo, tenho que combinar a vontade dele e a

minha. O juramento não parece antídoto suficiente contra a inteligência de Cardan.

O que diabos eu fiz?

Mas continuo andando mesmo assim. Mantenho a expressão fria, como sei bem fazer. É ele quem sorri, mas o sorriso é mais frio do que qualquer expressão severa que pudesse fazer.

— Um ano e um dia — diz Cardan. — É só piscar e esse tempo passa. O que você vai fazer depois?

Eu chego mais perto.

— Espero conseguir persuadir você a continuar no trono até Oak estar pronto para voltar.

— Talvez eu pegue gosto pela coisa — diz ele friamente. — Talvez não queira desistir nunca.

— Acho que não — digo, embora saiba que é uma possibilidade. Eu sempre soube que tirá-lo do trono talvez fosse mais difícil do que botá-lo lá.

Eu negociei um ano e um dia. Tenho um ano e um dia para pensar em um acordo mais longo que esse. *E nem um minuto mais*.

O sorriso de Cardan se alarga.

— Acho que não serei um bom rei. Eu nunca quis ser um, e muito menos ser um dos bons. Você me tornou sua marionete. Muito bem, Jude, filha de Madoc, eu *serei* sua marionete. Você comanda. Você enfrenta Balekin, Roiben, Orlagh do Mundo Submarino. Você será minha senescal, vai fazer o trabalho, e eu vou beber vinho e entreter meus súditos. Posso ser o escudo sem valor que você botou na frente de seu irmão, mas não espere que eu comece a ser útil.

Eu esperava outra coisa, uma ameaça direta, talvez. De alguma forma, isto é bem pior.

Ele se levanta do trono.

— Venha se sentar. — Sua voz está carregada de perigo, reverberando ameaça.

Os galhos floridos geraram espinhos tão grossos que mal dá para ver as pétalas.

— Era isso que você queria, não era? — pergunta ele. — Foi por isso que sacrificou tudo. Vá em frente. É todo seu.

AS IRMÃS PERDIDAS

Lembra-se daquela história de contos de fadas, *Sr. Fox*?

Era uma vez uma garota que era linda e inteligente, adorada pelos irmãos mais velhos e pelos pretendentes, que incluíam um homem misterioso chamado Sr. Fox. Ninguém sabia muito sobre ele, só que era galante, com modos impecáveis, e vivia em um castelo muito grandioso. A garota o apreciava mais que a todos os outros, e logo ficou combinado que eles se casariam.

A garota não era só linda e inteligente, mas também curiosa, e, assim, antes do casamento, quando o Sr. Fox disse que viajaria a trabalho, ela foi visitar o castelo em que viveria. Era tão grandioso quanto as pessoas diziam, com muros grossos e altos, cobertos de hera, e um fosso fundo e cheio de água. Quando chegou mais perto, ela viu que, acima do portão, algumas palavras tinham sido entalhadas na pedra: seja ousado, seja ousado.

Ela seguiu adiante, passou pelo portão e foi até a porta, onde encontrou as palavras de novo: seja ousado, seja ousado, mas não ousado DEMAIS.

Ainda assim prosseguiu e entrou na casa vazia. Atravessou lindas galerias e salas até chegar a uma enorme escadaria. Ali, ela encontrou uma porta, sobre a qual mais palavras estavam inscritas: seja ousado, SEJA OUSADO, MAS NÃO OUSADO DEMAIS, PARA QUE O SANGUE DO SEU CORAÇÃO NÃO FIQUE GELADO.

Quando abriu a porta, ela descobriu que o cômodo estava cheio de cadáveres de noivas. Algumas tinham sido mortas havia pouco, os vestidos manchados de sangue. Outras eram quase esqueletos. Todas tinham sido mortas no dia do casamento.

Horrorizada, a garota fechou a porta e disparou pela escada. Ela teria saído correndo, mas, bem naquele momento, o Sr. Fox entrou pela porta carregando o corpo da vítima mais recente. A garota se escondeu atrás de uma grande urna e não fez som nenhum enquanto o Sr. Fox carregava a nova noiva escada acima. No patamar, ele tentou tirar um anel do dedo da garota morta, mas, como não conseguiu, pegou uma faca e serrou a mão na altura do pulso. Mas, assim que ele a cortou, escorregadia graças ao sangue, a mão caiu… bem no colo da garota escondida. Decidido a procurá-la depois, ele carregou o corpo para o quarto sepultura e a garota conseguiu fugir.

No dia seguinte, o Sr. Fox foi visitar a garota, pois estava na hora de eles assinarem o contrato de casamento. Sentada ali, com os irmãos e no seio da família, ela contou o que havia acontecido como se tivesse sido um sonho perturbador. A cada reviravolta na história, o Sr. Fox negava, mas, quando ela mostrou a mão da noiva assassinada com um anel ainda brilhando em um dedo, ninguém acreditou em suas negativas. Os irmãos da garota atacaram e cortaram o Sr. Fox em mil pedacinhos.



Eu penso muito nessa história. Penso nela o tempo todo.

É o tipo de coisa de que você gosta. Os maus são mortos, e com espadas ainda por cima. Há vingança. A ousadia é recompensada. Mas e aquelas garotas, todas as garotas obedientes que confiaram e amaram e se casaram e morreram? Elas não foram ousadas também?

Aposto que você não acha. Aposto que acha que elas foram burras.

Esse é o seu problema, em suma. Você julga os outros. Todo mundo comete erros. Confia nas pessoas erradas. Apaixona-se. Mas não você. E é por isso que é tão difícil lhe pedir perdão.

Mas estou aqui. Pedindo. Quero dizer, vou pedir. Eu vou tentar explicar como aconteceu e o quanto lamento.



Vamos começar com uma história de amor.

Ou, talvez, seja outra história de terror. Parece que a diferença está basicamente no final.



Era uma vez uma mulher linda e inteligente, e, por causa da beleza e da inteligência, ela acreditava que sempre seria feliz. Talvez devesse ter sido mais esperta, mas não foi.

Quando ela conheceu o futuro marido, ele carregava o odor de sangue e aço lubrificado e rochas açoitadas pelo vento. Ele a cortejou com gestos encantadoramente antiquados. Era a promessa do não familiar, do épico. E, se deixava seus pais incomodados e os amigos com medo, isso só tornava o amor da jovem maior e só parecia mais importante. Se tinha reservas, ela as enterrou. Tudo sempre tinha dado certo para ela. Não podia imaginar algo diferente.

E assim ela foi viver com ele no castelo do outro lado das ondas e descobriu todos os horrores sobre os quais ele guardara segredo.



Eu me pergunto se você acha que a mamãe foi burra, como as garotas mortas da primeira história. Mas a história da mamãe é uma lição. Todas as histórias são lições.

Contos de fadas têm moral: siga o caminho. Não confie em lobos. Não roube, nem mesmo as coisas com as quais você acha que nenhuma pessoa normal se importaria. Divida sua comida, mas não confie em pessoas que queiram dividir a comida com você; não coma as maçãs vermelhas reluzentes e nem as casinhas de doces e nem nada. Seja legal, sempre legal, e educada com todos: reis e mendigos, bruxas e ursos feridos. Não quebre uma promessa.

Seja ousada, seja ousada, mas não ousada demais.

É importante aprendermos as lições que nossa mãe não aprendeu.



Era uma vez três irmãs que moravam em uma subdivisão de um subúrbio. Três garotas, Vivienne, Jude e Taryn. A mais velha era feérica, com olhos de pupilas partidas e orelhas com pontas finas. As duas mais novas eram gêmeas, com bochechas redondas como pêssegos prontos para serem comidos. O pai era um ferreiro que vendia espadas pela internet. A mãe ajudava a gerenciar os negócios. Ela não gostava de falar de coisas desagradáveis, como erros ou arrependimentos ou incendiar o passado e fugir de maridos no Reino das Fadas.

E quando o passado da mamãe a encontrou, ela nem precisou enfrentar as consequências. Ela e o papai morreram em momentos. E nós, as meninas, fomos levadas pelo mar para sermos criadas por um monstro. As três irmãs perdidas. Não parece outra história?



Vamos dar um salto adiante, deixando para trás todo o sangue e choro e medo de um apavorante lugar novo com apavorante gente mágica.

Vamos dar um salto para o começo do que eu fiz de errado.

Começou com Locke colocando um bilhete na minha mochila. Ele deve ter feito isso no terreno do palácio, onde professores ensinam aos filhos dos nobres (e a nós) história e charadas e adivinhação e todas as outras coisas necessárias para serem membros produtivos da sociedade.

Se eu fosse até a sua janela, você sairia?

Locke, companheiro constante do príncipe mais jovem de Elfhame. Com cabelo como pelo de raposa e uma gargalhada capaz de convencer as maçãs a caírem das árvores. Por que ele se daria o trabalho de mandar aquele (ou *qualquer outro* bilhete) para uma garota mortal?

Acho que chamei a atenção dele.

Houve um dia em que você estava treinando para o torneio e eu lia um livro de histórias. Locke espiou por cima do meu ombro, admirando a ilustração de uma serpente enrolada em volta de uma princesa com uma faca comprida.

— Como é? — perguntou ele. — Estar presa num conto de fadas?

— Como é *ser* um? — retruquei, mas me senti boba. Falar com um dos horríveis amigos do príncipe Cardan era sempre arriscado, mas, quando Locke sorriu, pareceu ousadia.

— Eu gosto de histórias — disse ele. — E talvez goste de você também.

Três dias depois, o bilhete.

Contos de fadas são cheios de garotas que esperam, que resistem, que sofrem. Garotas boas. Garotas obedientes. Garotas que esmagam urtiga até as mãos sangrarem. Garotas que carregam água para bruxas. Garotas que vagam por desertos ou dormem em cinzas ou fazem casas na floresta para irmãos enfeitiçados. Garotas sem mãos, sem olhos, sem o poder da fala, sem poder algum.

Mas aí um príncipe chega a cavalo e vê a garota e a acha bonita. Bonita, não apesar, mas sim *por causa* do sofrimento.

E quando vi aquele bilhete na minha mochila, achei que talvez não estivesse mais presa num conto de fadas, talvez eu pudesse ser a heroína de um.

Durante todo o jantar à mesa longa de Madoc, com Oriana agitada por causa do pequeno Oak enquanto Vivi fazia caretas para ele e você cortava a carne de cervo, fiquei terrivelmente distraída. Meus pensamentos insistiam em voltar para Locke. Mais tarde, na sala, tentei terminar o bordado que estava fazendo na minha capa de veludo, mas furei o dedo com a agulha várias vezes, até que Oriana me perguntou se havia algo errado.

Você se lembra daquela noite? Você ficou sentada na frente da lareira, delineada pelas chamas, polindo sua adaga, os cachos castanhos caindo no rosto. Eu queria te contar do bilhete, mas tive medo de que, se contasse, você me alertaria se tratar de algum tipo de truque. Que Locke só estava tentando me humilhar. Você sabia que ele era companheiro do mais jovem e pior dos príncipes de Elfhame, afinal. Sabia o que Locke e os amigos julgavam divertido: crueldade.

Mas Locke não fazia as piores coisas. Ele não era como o príncipe Cardan, que ouvia choro como se fosse boa música, que roubava pele de selkie e a *experimentava*, que quebrava e queimava tantas coisas que diziam que ele não era mais bem-vindo no palácio do pai.

Pelo menos, eu não quis acreditar que Locke era como ele.

Eu não queria que o bilhete fosse algum tipo de truque.

Você sabe que eu odeio quando as pessoas não gostam de mim. Odeio que os feéricos nos olhem com desprezo por sermos mortais. Eu me consolo sabendo que eles precisam de nós, mesmo que não gostem de admitir. Precisam de amantes mortais para gerar seus filhos imortais, e da ambição mortal para os inspirar. Sem nós, não nasceriam bebês suficientes, não haveria baladas suficientes sendo compostas, muito menos cantadas.

E me consolei porque entendia os seus costumes barrocos, o amor pela cortesia. E foi por isso que eu não pude deixar o bilhete de Locke sem resposta. A etiqueta *exigia* algum tipo de resposta.

Claro, não exigia que eu aceitasse me encontrar com ele.

Em vez de te contar sobre o meu dilema, procurei Vivi. Ela estava do lado de fora, olhando as estrelas.

— Profetizando? — Tentei adivinhar. Nem você nem eu somos boas em ver o futuro nos céus. Nenhuma de nós enxerga bem no escuro para perceber o movimento das estrelas de forma precisa.

Talvez, se fôssemos melhores, teríamos visto o que estava para acontecer.

Vivi balançou a cabeça.

— Pensando. Na nossa mãe. Eu estava lembrando uma coisa que ela me disse.

Eu não sabia como responder àquilo. Você sabe como Vivi é, alegre quando as coisas saem como ela quer e emburrada quando não. Ela havia ficado sensível toda a semana anterior, fugindo para o mundo mortal sempre que possível. Ela se comporta assim perto do aniversário da nossa vinda para cá e do aniversário daquela vez em que tentamos ir embora de vez. Mas eu não precisava do seu humor. Precisava do conselho.

A voz da Vivi assumiu um tom estranho e distante.

— Eu estava na banheira, afogando barcos e os seguindo com tubarões de plástico debaixo da espuma. Eu devia ser bem pequena. E a mamãe disse para mim: "Você precisa ser *particularmente* gentil com as pessoas. As outras crianças podem agir como monstros, mas não você."

— Isso não me parece justo — falei, apesar de não conseguir evitar um certo ressentimento por Vivi ter tantas lembranças da mamãe e do papai, enquanto eu não conseguia me lembrar do rosto dos dois com muitos detalhes.

— Também achei. — Vivi deu de ombros. — Então voltei a afogar barcos.

— Ah! — exclamei, intrigada.

— Mas acho que eu devia ter ouvido. — Ela se virou para mim e fixou o estranho olhar de gato no meu. — Eu não sei se aprendi a ser *particularmente* gentil. O que você acha?

Eu não gostava de admitir, mas, às vezes, Vivi me assustava. Às vezes, mesmo com todo o amor que tinha por coisas humanas, ela parecia totalmente insólita. Em especial quando me sinto só mais uma das coisas humanas de que ela gosta, possivelmente pela mesma nostalgia pela infância que a faz desejar filmes e músicas e gibis mortais.

Não sei se já sentiu isso. Acho que eu devia ter conversado com você sobre o assunto. Acho que devia ter conversado com você sobre muitas coisas.

— Bom — falei, vendo minha abertura. — Seria *particularmente* gentil me ajudar agora. Um garoto me mandou um bilhete e eu preciso responder, mas não sei o que dizer.

Tirei o bilhete do bolso, sentindo um frisson de esperança e medo quando meus dedos tocaram o papel, meio esperando que fosse um produto da minha imaginação. Senti as bochechas enrubescerem quando *lhe* entreguei o papel.

Você precisa entender que nunca imaginei que traria consequências para ninguém além de mim.

Vivi leu a mensagem, perfeitamente capaz de enxergar no escuro.

— Locke? — Ela pareceu tentar situar o nome. Eu não sabia se ela estava de brincadeira. — Então você quer se encontrar com esse garoto ao luar? Roubar uns beijos?

Ela fez parecer tão fácil.

— E se for piada? Um jogo?

Quando ela se virou para mim com a cabeça inclinada, a expressão era de pura confusão. Como se eu não tivesse motivo para ter medo de um coração partido. Ela não tinha ideia de como um coração partido podia ser perigoso. Mas você sabe. Você sabe.

— Nesse caso, acho que você vai rir antes de lhe chutar a canela por causar problemas — disse Vivi, dando de ombros. — Ou vai levar uma das espadas

da Jude e o perseguir com a lâmina na mão. Você aprendeu esgrima como ela; deve se lembrar de *alguma coisa*.

— Nunca fui muito boa. Eu sempre peço desculpas quando acerto alguém — lembrei a ela.

Madoc queria ensinar a pelo menos uma de nós seu ofício, a arte da guerra. Tenho certeza de que ele queria Vivi. Mas era você que queria aprender. Você tinha a verdadeira afinidade. Você continuava quando ele te derrubava.

Você dizia que eu era boa. Que aprendia os golpes com facilidade. Mas eu não *queria* saber; odiava a ideia de que podia *ter* que saber.

Antes de Elfhame, eu achava que nós éramos iguais. Gêmeas. Nós usávamos as mesmas roupas. Nós ríamos do mesmo jeito, das mesmas coisas. Nós até tínhamos nosso idioma bizarro, que representava como nossos bichos de pelúcia falavam. Você se lembra disso?

Havia diferenças, claro. Eu sempre fui tímida. E você nunca ignorava um desafio, mesmo quando acabou lascando um dente ao perseguir uma das crianças vizinhas pela beirada de concreto de uma piscina.

Mas essas diferenças não pareceram importantes até Madoc chegar. Até você o atacar enquanto eu chorava. Você tentou acertá-lo. Inutilmente. Tolamente. Você avançou contra ele como se não se importasse com a própria vida.

Depois disso, parecia que tudo era um desafio que você não podia recusar.

E você começou a não me contar as coisas. Tipo, como você perdeu o dedo ou o que aconteceu na noite em que ninguém conseguiu te encontrar. Não sou a única que escondeu coisas. Você escondeu um monte.

Agora, é possível que você diga que eu estou inventando desculpas. Que não lamento de verdade. Mas só estou sendo sincera. E estou tentando te contar a história do jeito que aconteceu.

— Então esquece ele — disse Vivi.

Eu não ouvi.

— Pode ser que não seja um jogo. Ainda preciso de um jeito de mandar um bilhete de resposta.

— Faça a Jude o distrair e, enquanto ele estiver olhando pra ela, coloque o papel na bolsa dele — sugeriu ela. — Ou vá falar com ele e ela coloca o

bilhete. Isso ele não vai esperar.

— A Jude não liga pra garotos — falei, talvez com mais rispidez do que pretendia. Eu estava morrendo de medo da ideia de ser pega por Nicasia ou, pior, pelo príncipe Cardan. Dar o bilhete para Locke no terreno do palácio estava totalmente fora de questão. — Ela só liga pra espadas e estratégia.

Vivi suspirou, provavelmente já se arrependendo de ter admitido o desejo de ser mais gentil.

— Eu poderia chamar uma ave marinha pra levar sua mensagem até a propriedade do Locke. É isso que você quer?

— É — respondi, segurando a mão dela com força.

No meu quarto, peguei uma folha linda de papel creme. Com cuidado, escrevi uma mensagem: *Se você ousar vir à minha janela, vai me encontrar esperando*.

Pressionei flores de maçã (por admiração) no papel e o dobrei num quadradinho, que fechei com cera e o selo de Madoc.

Eu queria lembrar a ele que me tratar mal trazia riscos. Veja bem, eu não era burra. Ao menos, ainda não.

Era uma vez uma garota chamada Taryn. Ela sofreu muitas indignidades nas mãos do mágico povo feérico, mas sempre foi gentil com eles, por mais que a desprezassem. Um dia, um garoto feérico com cabelo de raposa a olhou e viu sua virtude e seu encanto, e por isso a tomou como noiva. E, com ele ao lado, com um vestido tão brilhante quanto as estrelas, os outros feéricos a viram pela primeira vez. Eles souberam que a tinham julgado mal e…

Durante todas as aulas da tarde seguinte, busquei algum sinal de que ele tinha recebido o bilhete. Ele não olhou na minha direção. Nem uma vez.

Eu comecei a duvidar de que Vivi tivesse enviado a minha mensagem. Talvez ela tivesse cometido um erro e enfeitiçado uma ave marinha para ir até a propriedade de outra pessoa. Ou talvez ele só tivesse amassado o bilhete e o jogado fora.

Na nossa manta compartilhada, você mordia calmamente uma ameixa, alheia aos meus pensamentos. Eu olhei para o seu cabelo sem brilho, para a suavidade humana do seu corpo, que nenhum treinamento com espada podia

apagar completamente. No mundo mortal, talvez fôssemos bonitas, mas aqui eu não podia fingir que éramos qualquer outra coisa além de comuns.

Eu queria poder te chutar. Queria poder te estapear. Olhar para você era como olhar para um espelho e odiar o que eu via. E sua distração naquele momento tornou tudo pior. Sei que foi uma coisa horrível de pensar, mas, pelo menos, admito. Veja, estou confessando tudo.

Durante toda a tarde, cozinhei no desespero e na infelicidade. Mas, naquela noite, uma pedra bateu na minha janela e eu vi o contorno de um garoto parado lá embaixo, sorrindo para mim como se já soubesse todos os meus segredos.



Naquela primeira vez que Locke foi até a minha janela, eu desci da sacada e caminhei com ele pelo bosque. Ao longe, eu ouvia as músicas dos foliões, mas a floresta ao nosso redor estava em silêncio.

— Estou feliz que tenha concordado em dar um passeio. — Ele estava com um casaco castanho-avermelhado e ficava afastando o cabelo do rosto, como se fosse ele que estivesse nervoso. — Eu queria te perguntar sobre amor.

— Você quer conselhos? — Eu me preparei para ele me dizer uma coisa que eu não queria ouvir. Ainda assim, era lisonjeiro pensar que ele me queria para alguma coisa.

— Nicasia acha que está apaixonada por mim — disse ele.

— Eu achei… — comecei a falar, mas reconsiderei o que eu ia dizer.

— Que ela era a amada do príncipe Cardan? — Locke abriu um sorriso astuto de raposa. — Ela era. E eu a seduzi para largá-lo. Você se surpreende de ela me escolher no lugar de um príncipe?

Balancei a cabeça, a honestidade nascida da surpresa.

— Nem um pouco.

Ele riu, o som subindo pelas árvores como um redemoinho de folhas.

— Você nem pensa em mim como um amigo desleal?

Fiquei feliz pela escuridão, porque assim meu rubor ficava ao menos um pouco obscurecido.

— Ele deve ter dado motivo. — Não comentei que o príncipe Cardan era uma criatura odiosa, mas eu duvidava ser necessário, se nem Nicasia nem Locke gostavam dele a ponto de considerar seus sentimentos.

— Eu gosto de você — confessou Locke. — Imprudentemente. Tenho quase certeza de que gosto de você demais.

Franzi a testa, me perguntando se ele queria dizer por eu ser mortal. Mas, se ele podia roubar a *amante* de um príncipe sem retaliação, não precisava temer nada de ninguém.

— Você pode gostar de mim o quanto quiser, não pode?

— Nicasia talvez não concorde — disse Locke com um sorriso que me fez pensar que ele quis dizer mais do que eu havia imaginado com aquela declaração. Algo mais do que uma tépida amizade.

Eu me senti meio tonta.

— Então, se eu quiser continuar te visitando — continuou ele —, você promete não contar pra ninguém? Para nenhuma pessoa, custe o que custar, até eu dizer que é seguro?

Pensei na Vivi, que me ajudou a enviar o bilhete. Pensei em você, que ficaria desconfiada dos motivos dele.

— Pra ninguém — falei por fim. — Prometo.

— Que bom. — Locke segurou minha mão e beijou meu pulso, depois me acompanhou até nossa casa.



Sei o que está pensando, que, se achei que você suspeitaria dos motivos dele, eu também devia ter suspeitado. Que, se os contos de fadas nos aconselham a cumprir promessas, eu não devia ter dado minha palavra com tanta facilidade. Mas ali, sob as estrelas, com tudo parecendo um sonho, nem mesmo hesitei.



Na segunda vez que Locke foi até a minha janela, desci pela escada dos fundos, levando comigo uma garrafa de vinho escuro como a noite, queijo ácido e uma das suas facas. Ele e eu fizemos um piquenique sob o cobertor da noite e

sob o rubor da manhã, bebendo pelo gargalo da garrafa e da boca um do outro.



Na terceira vez que Locke foi até a minha janela, joguei uma corda e ele subiu até a minha sacada. Ele entrou no meu quarto e se deitou na minha cama, com toda a casa silenciosa ao redor. Tivemos que sufocar todos os sons.

— *Era uma vez uma garota chamada Taryn* — sussurrou ele, e foi perfeito. Ele foi perfeito.

Noites e noites de felicidade vieram em seguida. Nós contamos histórias um para o outro, histórias das pessoas que conhecíamos e outras histórias que inventamos, só para o outro.

E, sim, eu contei para ele sobre você.

Contei demais.



Eu estava embriagada de amor, burra de amor. Na festa seguinte, estava ansiosa demais para ver Locke e não fiquei longe da agitação. Mergulhei no centro do lunático círculo de danças e a arrastei comigo. Apesar de eu saber que ele não me dirigiria a palavra, acho que eu tinha esperanças de *alguma coisa*. A felicidade me deixou ousada demais.

O que eu não esperava era que ele se virasse para nós… e os olhos dele se encontrassem não com os meus, mas com os seus, Jude.

Como se ele não conseguisse nos diferenciar.

O príncipe Cardan também o viu olhando.



Durante toda a noite, fiquei rolando na cama, esperando Locke. Mas ele não apareceu.



No dia seguinte, no terreno do palácio, eu não sabia o que pensar ou fazer. Estava enjoada, com o tipo de enjoo que deixa o corpo todo pesado, como se o sangue parecesse virar cascalho.

Mas aí o príncipe Cardan chutou terra na nossa comida. Cobriu de sujeira o pedaço de pão com manteiga na sua mão. Você olhou para ele e não conseguiu conter a raiva antes que ele a notasse.

Em geral, nós concordamos que o príncipe mais jovem é um problema que devemos evitar. Régio, terrível e cruel. E, em geral, não chegamos a chamar a sua atenção. Mas não naquele dia.

— Algum problema? — perguntou Nicasia, passando o braço pelo ombro de Cardan. — É só terra. É de onde você veio, mortal. Para onde vai voltar em breve. Dê uma mordida.

Eu analisei Cardan, que permitiu que ela ficasse tão próxima depois da traição dela. E analisei os dois franzindo a testa para você, Jude, quando era de mim que deveriam estar com raiva. Eu ficava esperando que eles se virassem, ficava esperando que eles soubessem *alguma coisa* do que eu fazia com Locke. Eu quase esperava que eles soubessem *tudo* e que contassem meu segredo com detalhes horrendos e humilhantes.

Mas você parou na frente de Nicasia e Cardan como se fosse meu escudo.

— Me obrigue! — Você rosnou. Eu quis ao mesmo tempo fazê-la calar a boca antes que as coisas piorassem e jogar os braços ao seu redor em gratidão.

— Eu *poderia*, sabe — disse o príncipe Cardan, com alguma coisa horrível crescendo por trás dos olhos. O jeito como ele te olhou embrulhou meu estômago.

Nicasia puxou um grampo do seu cabelo.

— Você nunca vai ser igualar a nós — disse ela, como se precisássemos ser lembradas.

— Vamos deixá-las na infelicidade delas — pediu Locke a Cardan, mas aquilo não ajudou.

Você assumiu automaticamente uma postura de luta. Eu não tinha certeza se eles sabiam, mas eu sim, então fiquei apavorada com o que poderia

acontecer em seguida. Eu estava certa de que bater em Cardan era traição, mesmo se ele batesse em você primeiro.

— Jude lamenta — falei, o que deve ter te irritado, mas é a única coisa da qual não me arrependo. — Nós duas lamentamos.

Cardan me olhou com aqueles perturbadores olhos pretos.

— Ela pode nos mostrar quanto lamenta. Diga a ela que o Torneio de Verão não *é* seu lugar.

— Está com medo de que eu vença? — Você perguntou, aquela antiga ânsia de não recuar diante de um desafio voltando com tudo.

— Não é para mortais — respondeu ele, a voz fria, e, quando me olhou, parecia que não falava apenas do torneio. *Não é para mortais. Não é para você. Locke não é para você*. — Desista, ou vai desejar tê-lo feito.

— Vou conversar com ela sobre isso — cortei rapidamente. — Não é nada, é só um jogo.

Nicasia abriu o tipo de sorriso que costuma ser reservado para um bichinho obediente que faz um truque. Por um momento, eu me perguntei se eles só tinham sido gratuitamente desagradáveis, se não sabiam de nada. Mas o olhar de Cardan foi carregado, lascivo. E, quando Nicasia falou de novo, as palavras dela pareceram ter mais de um significado.

— Não passa de um jogo.



Naquela noite, decidi que, se Locke fosse até a minha janela, eu o mandaria embora. Ele devia ter me defendido. Ele devia ter feito *alguma coisa*.

Mas, quando a aurora ameaçou o horizonte e não houve sinal de Locke, abandonei a determinação. Se ele aparecesse, jurei que ficaria satisfeita só com isso. Eu ficaria egoistamente feliz de ele estar comigo, mesmo sendo só em segredo. Se ele aparecesse, se ao menos ele aparecesse.

Ele não o fez.



Feéricos desprezam humanos por serem mentirosos, mas há tipos diferentes de mentira. Desde que você e eu viemos para o Reino das Fadas pela primeira vez, Jude, mentimos muito uma para a outra. Fingimos estar bem, fingimos a *possibilidade* de estarmos bem existindo ali. E, quando fingir pareceu ficar difícil demais, nós não fizemos uma à outra as perguntas que exigiriam isso. Nós sorrimos e forçamos risadas e reviramos os olhos para os feéricos, como se não tivéssemos medo, quando sentíamos medo o tempo todo.

E, se havia todo aquele fingimento estava rachando aos poucos, fingimos que não vimos também.

Então não entendi. Eu sabia que você queria ser cavaleira, mas não entendi o quanto você tinha medo de Madoc proibir. Eu achava que você só lutaria por ele. Achava que era eu que precisava encontrar um lugar no Reino das Fadas e que a sua espada *já* tinha lhe garantido um. Eu achava que o torneio de verão era só uma oportunidade de exibição. Haveria outras. Ele não tinha te ensinado a espada para nada.

Eu devia ter entendido.

Fomos criadas como filhas de nobres, mas não o éramos. Nós éramos mortais e não tínhamos futuro certo no Reino das Fadas. Você estava se questionando sobre seu lugar aqui tanto quanto eu.

— Cansei de ser boa! — Você me disse depois que Madoc basicamente destruiu seus sonhos.

Achei que você só estivesse reclamando.

Mas você salgou a comida do príncipe Cardan e de todos os amigos dele, inclusive a de Locke. Fez o tipo de pegadinha que só era engraçada quando feita por eles, não com eles. Você foi ousada e atrevida e absurdamente burra.

Seja ousada, mas não ousada demais, para que o sangue do seu coração não fique gelado.

Do outro lado do gramado, o príncipe olhou para você com os olhos acesos de ódio. Nunca vi um olhar como aquele no rosto de ninguém, um olhar de pura malícia que me fez dar um passo involuntário para trás.

Você teve a coragem de sorrir para ele.

E eu fiquei com *tanta raiva*. Eu amava Locke e ele não tinha ido me ver por noites seguidas, e lá estava você, tornando tudo pior. E para quê? Porque eles disseram alguma coisa cruel? Porque eles estragaram nosso almoço?

Eu estava com medo e queria gritar e sacudir você, mas você só teria ficado intrigada. E eu não conseguia me forçar a explicar, porque eu não sabia se Locke apareceria na minha janela de novo. E se todas as nossas palavras sussurradas e beijos e abraços não significassem nada para ele? Eu não estava pronta para admitir minha tolice, mas estava com raiva mesmo assim.

Com raiva de você, com raiva dele.

No caminho de casa, minha raiva se transformou em pavor. O príncipe Cardan e Valerian te pegaram, te vendaram, prenderam seus braços… e Locke me pegou. Nicasia ficou em algum lugar atrás do grupo, rindo.

— Não tenha medo — sussurrou Locke no meu ouvido. Não dava para ver a expressão dele, mas a voz parecia suave. — Vai acabar rápido.

— Você tem que fazê-los pararem — sussurrei em resposta. — Você tem que ajudar…

— Confie em mim — disse ele, e me empurrou no rio. Bati na água com um ruído alto. O choque do frio me atingiu e eu tropecei na direção de uma rocha próxima, o coração batendo loucamente. Eu não tinha ideia do que poderia acontecer depois. A mãe de Nicasia era a Rainha Submarina e o pai de Cardan era o Grande Rei. Eles podiam fazer o que quisessem conosco.

Eu me lembrei da expressão que vi no rosto de Cardan e tremi.

Confie em mim, dissera Locke. Mas eu não confiava. Como poderia?

Seu empurrão foi mais forte e você afundou, emergiu cuspindo água, em pânico. Tentei ir na sua direção. Minhas saias estavam encharcadas e me puxavam para baixo. Eu estava morrendo de medo de escorregar, a correnteza estava forte demais. As palavras de Locke só pioraram tudo. *Vai acabar rápido*, dissera ele. Mas nem tudo é melhor por ser rápido.

Você se levantou. Foi difícil me concentrar em qualquer outra coisa além do rio gelado e manter o equilíbrio. Ouvi Valerian dizer qualquer coisa sobre nixies. Nixies famintos. Cardan estava nos observando com avidez.

Eu estava com medo. Com muito, muito medo.

— Isso é divertido? — Você perguntou, como se nada daquilo te abalasse. — Vocês estão se divertindo?

Nicasia jogou água em você.

— Muitíssimo — respondeu Cardan na hora que seu pé escorregou e você afundou.

Você ressurgiu antes de eu te alcançar, respirando com dificuldade, tremendo. Mas não recuou, não implorou, não prometeu fazer o que ele queria. Eu me pergunto o que te fez bater o pé. Talvez fosse a injustiça de como a corda sempre arrebentava para o nosso lado.

Tentei andar correnteza acima, para um lugar mais raso. Na margem, Locke ficou me olhando com expressão de interesse educado, como se assistisse a uma peça se desenrolando num palco. Foi horrível. Minhas saias estavam tão pesadas, eu me movia tão devagar. Meus passos estavam incertos.

— Irmã gêmea — disse Cardan, se virando para mim. — Tenho uma proposta generosa para você. Suba a margem e beije minhas bochechas. Depois disso, desde que não defenda sua irmã com palavras ou com atos, não vou penalizar você pelo desafio dela. Não é uma boa barganha?

— Vá — disse você com firmeza. — Vou ficar bem.

Olhei para o príncipe Cardan. Um sorrisinho repuxava o canto dos lábios dele. Eu estava no Reino das Fadas havia tempo suficiente para ler nas entrelinhas daquelas promessas. Ele não usaria o que *você* tinha feito contra mim. Mas não fez promessa alguma sobre o que *eu* tinha feito.

E talvez ele não usasse mesmo. Quais eram as chances? Eu queria sair do rio, ir para longe dos nixies e da correnteza. Queria ter certeza de que não me afogaria e não seria comida. E, embora eu ache que haja uma certa nobreza em ficar na água com você, não ajudaria em nada.

Talvez Cardan só estivesse se vingando de você por ter salgado a comida.

Eu olhei para Locke. Ele levantou as sobrancelhas de leve, de uma forma que tive dificuldade de interpretar. *Confie em mim*, dissera ele. Mas, se ele tinha um plano, não vi sinal algum.

Valerian chegou à margem do rio para me tirar da água, como se eu fosse uma grande dama. Quando encostei a boca fria na bochecha do príncipe, Locke esperou um momento e me puxou um pouco para o lado.

Nicasia se virou para mim e a ferocidade no rosto da feérica me encheu de medo.

— Diga "Eu renuncio a minha irmã Jude" — ordenou ela. — "Não vou ajudá-la. Nem gosto dela."

— Não tenho que dizer isso — falei, confusa. — Não estava no acordo.

Os outros riram. Não Nicasia, que estava irritada demais para fingir se divertir.

Havia algo errado. Aquilo não era uma pegadinha. A raiva de Nicasia era intensa demais, o ódio de Cardan vital demais. E Locke parecia meio dentro e meio fora da ação, como se fosse um participante voluntário, mas não muito entusiasmado.

— Por favor — sussurrei para Locke. — Faça alguma coisa.

— Ah, mas eu fiz — disse ele, sem olhar na minha direção enquanto falava. — Eu estou te protegendo.

Na mesma hora eu me lembrei de como ele sorriu para *você* na festa, na frente de Cardan, e que ele não foi me ver depois disso. Lembrei que você e eu somos gêmeas idênticas. Ele estava me *protegendo*, claro. E me protegendo com o recurso de os *enganar*.

Ele os fez pensar que você era a sua amante.

E a forma como você os desafiou… bom, você praticamente confirmou o fato.

— Não — sussurrei. — Ela é minha *irmã*. Você não pode fazer isso com a minha irmã.

— Você não devia se preocupar. Olhe — disse ele, o olhar se prolongando com adoração em você, molhada e fria e desafiadora. — Ela é forte o suficiente para suportar.

Tenho vergonha de dizer que as palavras dele foram suficientes para azedar minha solidariedade. E, embora nós tenhamos voltado para casa juntas e eu tenha chorado com excesso de horror e culpa, molhada e com frio e confusa, eu não quis contar por quê. Não contei nada. Não falei.

Claro que você também não me disse nada.



Naquela noite, tremendo na frente da lareira, arranquei as pétalas de flores em uma adivinhação que não aprendi na escola do palácio.

Bem-me-quer.

Malmequer.

Locke continuou sem aparecer.



Acordei com Vivi pulando no meu colchão, gritando sobre ir ao mundo mortal. Ela estava animada e não quis ouvir nenhum argumento contrário. Você parecia exausta, oscilando sobre o cavalo de erva-de-santiago enquanto sobrevoávamos o mar. Fiz carinho na pele verde e áspera do meu, encostei a bochecha na crina folhosa, aspirei o cheiro de grama. Eu amava o Reino das Fadas, amava magia. Mas, naquele momento, foi um alívio deixá-lo para trás por um tempo.

Eu precisava pensar.

Olha, eu admito que senti ciúme da forma como ele admirou abertamente seu desafio.

Tentei contar uma história para mim mesma. Em *A princesa e a ervilha*, uma garota aparecia consternada na porta de um palácio, o vestido encharcado e enlameado, a pele gelada. Ela era uma princesa, disse, mas sua carruagem tinha virado e os criados se separado dela numa tempestade. Ela só precisava de uma cama para passar a noite e de um pouco de comida. A rainha não sabia se acreditava na história. A garota era bonita, tão bonita que o filho da rainha a ficou olhando de um jeito encantado, mas ela era mesmo princesa? Só havia uma forma de descobrir. A rainha ordenou que colocassem uma ervilha embaixo de doze colchões. Só a pele de uma princesa seria tão sensível a ponto de uma coisa tão pequena a incomodar.

Talvez Locke gostasse de eu ser sensível. Ele tinha me protegido, talvez quisesse alguém que precisasse de proteção. Mas eu não tinha certeza.

Além do mais, achei que você estivesse com raiva de mim.

Achei mesmo. Afinal, eu tinha saído do rio e deixado você para trás. Eu tinha beijado as bochechas daquele monstro, Cardan.

E, mesmo que você não soubesse, eu era o motivo para aquilo tudo ter começado.

— Você deve estar com raiva — falei.

— Desculpe — disse você, praticamente ao mesmo tempo, parecendo ainda mais infeliz do que antes. Mas, ao perceber o que eu tinha dito, apenas se mostrou confusa. — De você?

— Jurei para Cardan que não a ajudaria, apesar de ter acompanhado você naquele dia para ajudar. — Era o menor dos motivos para eu precisar pedir desculpas, mas eu não podia contar toda a verdade; tinha prometido a Locke que não contaria a ninguém.

Você parecia frustrada.

— Falando sério, Taryn, é você quem devia estar com raiva por eu ter feito você ser jogada na água. Sair de lá foi a coisa inteligente a fazer. Eu jamais ficaria com raiva por causa disso.

Claro que eu *estava* com raiva, mas, quando você disse isso, eu me senti ainda mais culpada.

Vivi tinha ideias de pegadinhas mais engraçadas e piores para você fazer com o príncipe e os amigos dele.

— Não! — exclamei, horrorizada.

O que Locke fizera, mesmo que tenha sido horrível com você, foi um gesto grandioso. Significava que ele gostava de mim. E agora Nicasia e o príncipe Cardan já haviam se divertido e te humilhado. Agora, se você não os provocasse, talvez eles parassem.

Locke não tinha me visitado em dias. Eles já deviam acreditar que o que quer que Locke tivesse com você já havia terminado. Que eles tinham acabado com aquilo. Que tinham te assustado.

Mas, antes de você prometer parar, Vivienne largou a bomba de que tinha uma namorada mortal e que ia abandonar o Reino das Fadas para sempre.

— O meu plano pra animar vocês é este — disse Vivi, nos levando por um shopping. — Nós todas vamos nos mudar para o mundo humano. Vamos morar com Heather. Jude não precisa mais se preocupar em ser cavaleira e Taryn não precisa se jogar em cima de um garoto feérico idiota.

Fiquei tensa ao ouvir isso, lembrando que ela tinha me ajudado a enviar o bilhete para Locke, mas Vivi não disse mais nada. Ela estava ocupada demais tentando nos convencer de que não queríamos ficar no Reino das Fadas porque ela não queria, e nos deixar para trás a fazia se sentir mal.

O que ela não entendia era que não havia nada no mundo humano para nós, nem mesmo nossos nomes.

Eu pesquisei nossa história uma vez, em uma biblioteca. Abri artigos na tela do computador. O assassinato dos nossos pais tinha provocado uma certa

sensação por causa das espadas. Em um mundo de armas, espadas pareciam antiquadas e meio engraçadas. Casal estranho morre de um jeito estranho. Houve muita especulação sobre um caso amoroso que deu errado e alguns dos amigos de encenação medieval do papai citaram coisas que tentavam diminuir a abordagem libertina. Mas, como os jornais escolheram fotos do casal fantasiado, as coisas ficaram piores.

Os artigos presumiram que os filhos apareceriam. Parte das nossas roupas tinha sumido, os brinquedos também. Era possível que nos encontrassem alguns dias depois, dormindo na floresta, cobertas de folhas levadas por pardais gentis. Mas é claro que não fomos.

Nunca fomos encontradas.

Heather era uma artista de cabelo rosa, que trocava olhares profundos com Vivi os quais eu não conseguia interpretar. Apesar daqueles olhares, eu não consegui deixar de me perguntar *como* Vivi podia amar uma garota mortal. Ela não sabia nada. Não tinha magia. Nem parecia já ter sofrido muito.

Eu devia ter achado inspirador; afinal, se Heather e Vivi estavam apaixonadas, o amor era possível entre mortais e feéricos. Mas acabei me sentindo inquieta. Como se elas tivessem usado toda sorte existente.

Ou talvez fosse porque eu estava pensando em como a mamãe tinha começado como Heather. Ela se apaixonou por alguém que não contou toda a verdade para ela, que a deixou acreditar que ele era humano, que a levou para um mundo que ela não entendia, um mundo que a mastigou e a cuspiu. Um mundo que eu esperava que não fizesse o mesmo comigo.

Seja ousada, seja ousada, mas não ousada demais.

Seja boa, mas não boa demais. Seja bonita, mas não bonita demais. Seja sincera, mas não sincera demais. Talvez ninguém tivesse sorte. Talvez fosse difícil demais.

Quando estávamos voltando para nossos cavalos de erva-de-santiago, acho que Vivi já tinha se dado conta de que, se ia embora do Reino das Fadas, ela iria sozinha.

Tentei imaginar Elfhame sem ela. Tudo seria um pouco mais assustador. Não haveria herdeira legítima para interceder por nós com Madoc. Ninguém a procurar para fazer pequenas magias. E, pior, não haveria forma de

reconsiderar. Sem ela para nos fazer um pônei voador de ervas ou um barco que viajasse por baforadas da nossa respiração, não havia como sair das ilhas.

Antes, era importante que encontrássemos um lugar para nós no Reino das Fadas, mas, com a partida de Vivi, passava a ser imperativo.

— Em algum momento você vai ter que contar para ela. — Você disse, ainda falando com Vivi sobre Heather. Sobre mentiras por omissão.

Tentei não me sentir repreendida pelas palavras, apesar de elas poderem se aplicar facilmente a mim.

— O amor é uma causa nobre — observou Vivi. — Como qualquer coisa feita em nome de uma causa nobre pode estar errada?



No fim da tarde, estávamos de volta ao terreno do palácio, assistindo a uma aula tão chata que peguei no sono no meio. Você e eu nos sentamos nos galhos de uma árvore para almoçar. Tomei o cuidado de não olhar muito na direção de Locke, apesar de estar ansiosa para isso, e o príncipe Cardan e os amigos dele pareciam ter se cansado de nós. Você parecia estar evitando confusão, para variar. Eu me permiti relaxar. E me permiti acreditar que o pior estava para trás. Eu me permiti fingir.

Era uma vez uma garota chamada Taryn e ela tinha um amante feérico que a procurava à noite. Ele era generoso e apaixonado, mas só a visitava no escuro. Ele pediu duas coisas: um, que ela guardasse segredo sobre os encontros, e, dois, que ela nunca olhasse para o seu rosto diretamente. E assim, noite após noite, ela tinha prazer com ele, mas, depois de passado um tempo, ela começou a se perguntar qual seria o segredo…

Meu devaneio foi interrompido pelo príncipe Cardan.

— Eu sei o que você fez — disse ele, a voz baixa, não parecendo fazer uma pergunta. — Garota malvada. Mas você deixou sua irmã receber o principal da minha ira. Isso não foi muito bonito, foi?

Ele estava vestido em um gibão de veludo, com botões de âmbar-negro entalhado. Cachos pretos emolduravam as bochechas angulosas e a boca firme

numa linha cruel. Ele é bonito, mas, de algum modo, isso torna sua monstruosidade pior. Como se ele tivesse pegado uma coisa boa e transformado em ruim. Ser o único foco da sua atenção me fez me sentir um inseto no qual uma criança ia botar foto com uma lente de aumento.

Eu gaguejei, totalmente desprevenida.

— Eu… eu não sabia. Juro que não.

Um sorriso lento se abriu no rosto dele.

— Ah, entendo por que Locke gosta de você.

Por um momento, eu achei que podia ser quase um elogio.

— Você é *horrível*. — Ele falou como se achasse graça. — E a pior parte é que você acredita que não é.

Lágrimas surgiram nos meus olhos. Eu odiava chorar tão fácil. E ele estava enganado. Eu não sabia. Não até aquela tarde no rio.

Eu balancei a cabeça e sequei as lágrimas.

— Isso quer dizer que você vai deixá-la em paz agora?

Cardan se inclinou para perto, tão perto que senti o hálito dele na bochecha.

— É tarde demais pra isso.

Você surgiu do nada e o segurou pelo ombro. Antes que eu pudesse falar, você o virou e empurrou as costas do príncipe contra uma árvore. Sua mão foi até o pescoço dele. Cardan arregalou os olhos, em choque. Ao nosso redor, os filhos dos nobres ficaram olhando, estupefatos.

Cardan era um príncipe de Elfhame. E você estava botando as mãos nele… ali, na frente de todo mundo. Mãos que ele provavelmente mandaria cortar.

O choque me prendeu no lugar. Eu mal te reconheci com os dentes expostos daquele jeito. Essa nova você, que não quis se render no rio, uma Jude que não sei bem se conheço. Uma Jude que eu não sabia se ia gostar de mim. Naquele momento, você parecia querer arrancar o pescoço do príncipe e ele pareceu empolgado de ter uma desculpa para fazer qualquer coisa horrível que estivesse planejando.

Fiquei apavorada por você e com medo por mim também. Tudo estava só piorando e piorando, e eu não sabia como fazer parar. Era como estar presa em um daqueles círculos de dança. Os pés mortais não param de se mover, por

mais cansada que nós estejamos. Continuamos dançando até os pés sangrarem. Até cairmos. Não conseguimos fazer mais nada enquanto a música não para.



Mas, naquela noite, Locke finalmente apareceu na minha janela.

Uma pedra acertou a vidraça e eu pulei da cama na mesma hora, procurando um robe. Fui para a varanda e olhei para ele lá embaixo, o coração disparado. O cabelo brilhante ao luar, o rosto lindo de morrer.

Eu respirei fundo e me preparei. Era tão tentador afastar todas as minhas dúvidas e medos e correr para aqueles braços.

Mas eu não podia me permitir esquecer como eu sofri noite após noite, sem saber se ele voltaria, sem saber o que eu significava para ele, se eu significava alguma coisa.

E uma outra coisa me incomodava. Tinha algo na intensidade de Nicasia e na possessividade da feérica que me faziam questionar se ela e Locke ainda estavam juntos. Se, quando ele não me visitava à noite, ele a procurava.

Locke e eu nos encaramos com o ar fresco da noite fazendo meu robe voar, o cabelo dele se agitar.

— Desça, minha beleza, minha querida, minha pombinha — pediu ele, mas não alto. Ele devia estar um pouco preocupado com o general dormindo tão perto. Se Locke acordasse Madoc, quem poderia dizer como ele teria reagido? Por um momento, imaginei o coração de Locke perfurado por uma flecha e sacudi a cabeça para me livrar da imagem. Não era do meu feitio pensar em coisas assim.

Mais do que isso, não era do meu feitio sentir uma pontada breve de satisfação com aquilo.

A culpa pelos meus pensamentos mais do que qualquer outra coisa me fez amarrar uma corda fina na sacada e descer por ela. Meus pés descalços tocaram na grama.

Locke segurou as minhas duas mãos e me olhou com um sorriso que foi ao mesmo tempo lisonjeiro e leve e divertidamente sensual. Eu ri, apesar de tudo.

— Foi difícil ficar longe de você — disse ele.

— Você não deveria ter ficado. — Era parte do charme dele conseguir me fazer dizer as coisas que eu pensava.

— Nós, feéricos, não amamos como vocês — explicou Locke. — Talvez você não devesse confiar seu coração a mim. Posso parti-lo.

Não gostei disso.

— Cardan sabe que era a mim que você encontrava. Ele me falou.

— Ah — disse ele. Só isso.

Eu me afastei alguns passos e cruzei os braços.

— Deixe a Jude fora disso.

Ele abriu um sorriso de raposa.

— Cardan parece mesmo gostar de fazer mal a ela, não parece?

Era verdade e era horrível. Mesmo que eu pudesse persuadir você a parar de reagir, o que já era bem impossível, o príncipe devia estar com raiva de ser pressionado contra uma árvore.

— Ela não tem como vencer.

— Não tem? — perguntou ele.

Eu odiava a forma como ele me questionava, como se você fosse muito mais *interessante* do que eu. Eu era a irmã boa, a que era leal e seguia as regras. Você era a cheia de raiva, a que não sabia a hora de parar, a que cortejava o desastre. Não era justo.

— Nem *você* fica contra ele. Como *ela* poderia ter chance?

Locke riu disso.

— Aí está. O temperamento que você tenta esconder. Sabe o que me fascina em você? Você é uma pessoa faminta sentada na frente de um banquete, mas se recusa a comer.

Eu pensei nos banquetes do Reino das Fadas, na fruta de fada que faz os mortais se entregarem completamente. Pensei nos banquetes dos quais eu só tinha ouvido falar, em que os feéricos encantam humanos e servem lixo enfeitiçado para parecer iguarias, onde coroam uma mortal como Rainha da Euforia, um título que vem acompanhado de trajes imundos e um deboche horrendo.

Como ele podia questionar o porquê de eu hesitar comer em um banquete assim?

— Você nunca é descuidada? — perguntou ele.

— Sempre… com você.

— Eu quero te mostrar uma coisa — disse Locke, segurando a minha mão. — Venha comigo.

— Eu não estou usando… — comecei a falar, mas ele me levou para o bosque.

— Não importa — disse ele. — Ninguém vai se importar.

Parei de andar, horrorizada.

— Quem vai estar lá? Não acho que seja boa ideia. — Eu nem calçara sapatos.

— Confia em mim? — perguntou Locke. Havia tanto naquela pergunta. Quando eu pensei na época anterior àquele primeiro bilhete, minha vida parecia ser papel seco esperando para ele o acender.

Não, não ele. *O amor*.

— Sim — respondi, segurando a mão dele. — Por hoje.

Havia uma festa perto do Lago das Máscaras. Alguns feéricos saltitavam sob as estrelas e relaxavam em tapetes. Não reconheci nenhum; eles não iam à escola do palácio e, se eu os tinha visto antes, havia sido só de passagem. Mas eles pareciam conhecer Locke e o chamaram. Um tocava flauta e, quando nos viu, começou a tocar uma música que eu ouvira antes, no mundo mortal.

Locke me girou nos braços e, naqueles momentos, tudo foi perfeito. Nós dançamos três danças assim, meu corpo ficando mais solto, meus passos menos formais. Nós descansamos na grama e dividimos vinho com especiarias em um cálice de madeira emprestado.

Locke apontou para um garoto com cabelo do tom incrivelmente verde de folhas novas.

— Ele fica olhando pra você.

— Porque estou de camisola — falei.

— Vá falar com ele — disse Locke de forma críptica.

Eu olhei para ele com incredulidade, mas ele só levantou as sobrancelhas e sorriu.

— Vai ficar fácil depois de começar.

— O quê? — perguntei.

— Vá — incitou ele com expressão maliciosa.

Então me obriguei a me levantar e andar pela grama.

O garoto pareceu surpreso quando me aproximei, em seguida se levantou, limpando a túnica artesanal. Havia uma flauta de Pã pendurada em um cordão de couro no seu pescoço.

— A filha do general — disse ele, e se curvou. — Às vezes, quando as folhas estão escassas, dá pra ver as luzes do seu forte daqui.

— E às vezes eu escuto música da minha sacada. Era você tocando?

Ele corou. Ele devia ter sangue verde, porque as bochechas e o pescoço ficaram abruptamente tomados por aquela cor.

— Se te agradou, eu gostaria de alegar que fui eu.

— E que nome devo usar no meu elogio? — Locke estava certo sobre uma coisa. Era fácil. O garoto era gentil. Mas não entendi o que devia estar fazendo.

— Edir — disse ele. — Mas pode me chamar do que quiser se aceitar dançar comigo.

Então nós dançamos, a mão tímida dele no meu quadril. Locke observava. O violinista saltitava enquanto tocava. Foliões de trapos e folhas no cabelo giravam e pulavam.

Eu ria.

Esse era o tipo de coisa que Oriana odiaria. Ela não gostaria de me ver me arriscando por aí sozinha, sem sal nos bolsos. Ela não gostaria de me ver dançando, principalmente com feéricos que não eram cortesãos. Mas, apesar disso, apesar da estranheza da situação, eu estava me divertindo.

— Espero que você não tenha se entediado sem mim — disse Locke, me interrompendo e me surpreendendo. Não reparei que ele tinha se levantado.

Um momento depois, ele me tomou nos braços, para um beijo. Em seguida, se virou para Edir.

— Ele parece bem divertido. E foi?

O rosto do garoto foi tomado de mágoa. Sua boca se contraiu.

— Muito divertido — falei. Só depois que as palavras saíram da minha boca foi que percebi como soaram desdenhosas, como se ditas por Nicasia ou pelo próprio príncipe Cardan. Mas, por um momento, foi bom ser horrível, como olhar para o mundo de uma altura enorme.

— Vou me retirar — disse Edir, se empertigando. — Talvez uma noite dessas você abra sua janela e ouça minha música e se lembre de hoje. - Ele

voltou para os amigos e eu me senti péssima por tê-lo magoado.

— Ele vai querer você ainda mais por não a ter conquistado — sussurrou Locke no meu ouvido, encostando os lábios no meu pescoço.

— Não quero saber — falei. — Vou pra casa.

— Vou te acompanhar — disse ele. — Se você quiser.

— Quero.

Apertei o robe em volta do corpo e saí andando, sem querer que ele fosse na frente. Eu me senti… não sei como me senti. Eu mal conseguia descrever.

— Por que você quis que eu fizesse aquilo? — Acabei perguntando. O bosque estava tão silencioso. E eu só conseguia pensar que o próprio Locke tinha se mostrado para mim. Ele era aquela pessoa, a pessoa que tramou a dor de Edir. Amigo de Cardan e Nicasia e Valerian. Farinha do mesmo saco. Eu fui tola por amá-lo.

— Para mostrar a você uma coisa em que não acreditaria — respondeu Locke. — Inveja. Medo. Raiva. Ciúme. Tudo isso é tempero. — Ele riu da minha expressão. — O que é o pão sem sal? O desejo pode ficar sem graça assim.

— Eu não entend…

Ele encostou o dedo na minha boca.

— Nem toda amante sabe apreciar esses temperos. Mas acho que você, sim.

Ele quis ser lisonjeiro, mas eu não tinha tanta certeza de que era. Eu abaixei a cabeça, me afastei dele.

Ele não pareceu chateado.

— Posso te mostrar uma versão de mim, Taryn. Uma que você nunca imaginou. É horrível ser uma garota presa numa história. Mas você pode ser mais do que isso. Pode ser a narradora. Você pode formatar a história. Pode fazer todo o Reino das Fadas te amar.

Eu odiava que fosse tão fácil para Locke adivinhar o desejo mais profundo e vergonhoso do meu coração.

E, antes que me julgue, sei que você também ia querer. Vejo como você procura a aprovação de Madoc. Vejo como seu olhar o procura: a inveja, o desejo de ser vista como especial. Não me diga que você não faria um monte de coisas para conquistar o amor do Reino das Fadas.

— O que eu teria que fazer?

— Deixar de lado seus modos mortais e seus escrúpulos mortais.

Apesar da minha apreensão, quando ele veio e me beijou, eu me agarrei a ele. E, quando ele me deitou no chão da floresta, fiquei feliz de esquecer todo o resto. Eu me deitei e inspirei o aroma doce de folha ao nosso redor.



Quando enfim adormeci no fim da manhã, com o sol tão forte, eu tive que fechar a cortina e colocar o travesseiro sobre os olhos enquanto uma nova história se desenvolvia na minha cabeça.

Era uma vez uma garota chamada Taryn, e ela era a amada de um garoto chamado Locke. Eles eram os companheiros do príncipe mais jovem de Elfhame e dos amigos deste, o talentoso Valerian e a bela Nicasia do Reino Submarino. Quando eles chegavam às festas, os cortesãos viravam a cabeça para ver o corte magnífico dos vestidos, para ver o corte elaborado das jaquetas. E todo mundo que os via os adorava, principalmente Taryn, que era a melhor e mais amada de todos.

Seu torneio aconteceu logo depois.

Eu te avisei. Nada de bom poderia advir de desafiar um príncipe. Mas a questão era que você tinha sido doutrinada com a ideia idiota de honra *de* Madoc, que basicamente se traduzia em uma aversão a recuar e em uma crença de que *vencer* era mais importante do que *sobreviver*. E você jogou esse jogo da mesma forma.

Cheguei tarde à arquibancada. Não queria estar presente. Apesar de ter avisado que participar só te daria sofrimento, eu não tinha expectativa de que você ouvisse. E eu odiava assistir.

Mas Vivi compareceria e, se eu não fosse, você teria interpretado do jeito errado. Nós já estávamos discutindo muito. Então fiquei de vestido azul, ouvindo a multidão gritar, vendo as faixas creme balançarem no ar. E me preparei para o espetáculo.

Você não decepcionou. Acertou Cardan com tanta força que achei que você tinha quebrado as costelas do príncipe, mas foi sua espada de treino que

quebrou. Você derrubou o amigo dele, Valerian, na terra. Foi como se uma espécie de loucura tivesse tomado conta de você. Achei que você estava descontrolada antes, mas não foi nada em comparação àquilo.



Vivi torceu loucamente. A princesa Rhyia, uma das irmãs de Cardan e amiga de Vivi, assistiu com o prazer de um caçador testemunhando a dança de um predador com a presa. Apertei as mãos com medo.

Depois do torneio, corri da arquibancada, doente de preocupação.

Mas o príncipe Cardan já tinha te encontrado. Ele estava te segurando pelo cabelo, rosnando na sua cara.

Você tinha se saído bem demais. Qualquer um podia ver. Assim como qualquer um podia ver por que ele não quis que você competisse. Você era mortal. Não devia superar os filhos da Grande Corte, menos ainda fazer parecer que era fácil.

— Não tem nada que você possa fazer — disse Locke, chegando por trás de mim.

— Ele vai machucá-la — falei, olhando para a princesa Rhyia, torcendo para que ela intercedesse. Mas nós estávamos muito longe da arquibancada e ela estava absorta numa conversa com a minha irmã, sem nem olhar na nossa direção.

— Ele é um príncipe do Reino das Fadas — lembrou Locke. — E Jude… bom, vamos ver o que ela é.

— Implore — ordenou o príncipe Cardan a você. — Faça bem bonito. Floreado. Digno de mim.

Por um momento, me pareceu que você o faria.

O olhar de Locke estava vivo de interesse.

— Por que você está olhando assim pra Jude? — perguntei.

— Não consigo evitar — respondeu ele, sem afastar o olhar de você. — A confusão me atrai.

Eu me lembrei do que ele dissera, sobre o ciúme ser um tempero, sobre abrir mão dos modos e escrúpulos mortais.

Locke me deixou ali. Ele me deixou e foi andando até você. Minha irmã. Minha gêmea impulsiva que parecia estar disposta a fazer todas as escolhas idiotas no mundo.

Aquela cuja a história ainda se desenrolava.



Desculpe. Desculpe. Isso é para ser um pedido de desculpas. Eu fiz muitas escolhas ruins. Sei disso.

Você estava cansada de ser provocada, cansada de abaixar a cabeça para eles. Você devia estar cansada de estar cansada. Eu entendo. Mas era ainda mais difícil continuar abaixando a cabeça quando se é a única.

E Locke. Locke me via de um jeito diferente do que qualquer outra pessoa havia visto antes. Ele tinha me dado uma prova do que era amar, querer, desejar. Fez com que eu ficasse faminta por mais. Eu não queria abrir mão.

Mas isso não justifica o que eu fiz.



— Venha dar uma volta conosco — convidou Vivi, indicando a princesa Rhyia. Apesar de ela ser da realeza, a maior alegria da feérica era cavalgar na floresta e caçar com os companheiros. Acredito que Vivi e Rhyia se atraíam uma pela outra por um desinteresse mútuo por decoro.

— Sim, venha — insistiu a princesa Rhyia. — Você é boa com o arco?

— Medíocre — respondi, sem conseguir recusar o convite de uma princesa, apesar de saber que eu não poderia ficar emburrada como gostaria. E, ah, eu queria ficar emburrada, sentindo pena de mim mesma, chorar. Eu odiava a forma como ele te olhava. Eu queria comer todo o creme e toda a geleia da cozinha de Madoc.

Os feéricos não amam como vocês.

Pensei na minha mãe, vagando pelos aposentos da fortaleza de Madoc, se dando conta aos poucos de que não suportava ficar ali. Em como ela elaborou um plano para fugir.

Eu pensei em como devia ter sido bom quando você bateu no príncipe Cardan com sua espada de treino.

— Me conte sobre essa Heather — disse Rhyia para a minha irmã enquanto cavalgávamos. — Ela faz valer a pena viver em um mundo de sujeira e ferro?

Vivi riu.

— Você sabe que eu gosto de lá.

Rhyia curvou o lábio de leve.

— Muito bem. Mas a garota?

— A primeira coisa que reparei foi que ela tinha uma mancha de tinta azul no nariz — confessou Vivi. — A segunda coisa que reparei foram os olhos, da cor do âmbar mais escuro. Quando ela falou, eu tive medo de ela estar falando com outra pessoa.

Rhyia riu.

— O que ela disse?

Vivi sorriu com a memória.

— "Eu quero te desenhar."

— Ah — disse Rhyia. — Uma artista.

— Você devia trazê-la pra cá — falei, embora eu só estivesse causando confusão. — Artistas são amados no Reino das Fadas.

— Ah, que ótima sugestão! — disse Rhyia com uma risada alta. — Como estou feliz de você ter vindo cavalgar conosco.

Vivi pareceu menos satisfeita.

— Acho que vou guardar Heather para mim por enquanto.

— O amor é ávido — disse Rhyia, puxando o arco. Ela havia visto uma ave no alto das árvores e a escolhido como sua presa.

As palavras da princesa me incomodaram, apesar de eu achar que meu amor por Locke era ávido. Mas o amor também era transformador. Eu aprendi isso nos contos de fadas; podia trazer alguém de volta que tinha sido transformado em gato ou sapo ou fera. Era provável que também pudesse transformar alguém nessas coisas.

Você pode fazer todo o Reino das Fadas te amar, Locke dissera.

Vivi ficou para trás para cavalgar comigo quando a princesa partiu na caçada. Nossos cavalos emparelharam.

— Por que você está com raiva da Jude? — perguntou Vivi.

Acho que não houve como disfarçar a minha expressão quando estávamos assistindo ao torneio. E… bom, você sabe o que eu senti.

— É ela que está com raiva — respondi. — Ela vive o tempo todo com raiva. E deixa todo mundo com raiva de nós duas.

— Às vezes é mais fácil ficar com raiva das pessoas próximas de nós — argumentou Vivi — do que com raiva das pessoas que merecem

A princesa Rhyia disparou em três aves pequenas e as cozinhou sobre à fogueira. Nós as comemos com queijo macio e uma garrafa de vinho. Eu estava com tanta fome que lambi os dedos depois, roí os ossos. Vivi reparou e me deu metade da própria ave. Quando recusei, ela revirou os olhos para mim.

Ainda não foi suficiente.



Naquela noite, Locke apareceu na minha janela e me chamou, mas fingi estar dormindo. Eu estava magoada demais, doída demais. Não queria ouvir o que ele diria se eu perguntasse sobre você.

Ele chamou e chamou, mas eu não desci. Ele acabou desistindo.

Mas foi impossível descansar. Depois de uma hora rolando na cama, vesti uma capa e me sentei na sacada. Eu escutei as corujas noturnas chamando umas às outras.

Uma música soou perto do Lago das Máscaras. Ouvi um cantor começar uma canção que eu jamais ouvira, uma canção de coração partido. De uma garota que andava pela terra sob a luz das estrelas. Cujo semblante era mortal, mas com beleza divina. A crueldade da jovem tinha lhe perfurado o coração.

Eu estava ouvindo Edir cantar sobre mim.

Locke tinha cumprido a palavra. Ele me mostrou como fazer o Reino das Fadas me amar. Ele me mostrou como ser quem dá forma à história. Fez mais do que isso até; ele me mostrou como alcançar algo semelhante à imortalidade.

Eu fiquei sentada no escuro por muito tempo, ouvindo. Em seguida, me virei e andei até a propriedade de Locke.

Você já foi lá, eu sei, então você viu, um castelo de contos de fadas com uma torre como aquela onde a Rapunzel talvez tivesse ficado aprisionada.

Durante o dia é bonito, mas, no escuro, era intimidante.

Seja ousada, seja ousada.

Com um tremor, eu me empertiguei, enrolei a capa em volta do corpo e bati na porta pesada com toda a minha força.

Vi uma luz acesa em um dos aposentos superiores e bati de novo.

A porta se abriu e uma criatura magra e alta, um servo da casa, presumi, abriu a porta.

— Quero ver Locke — falei com o máximo de arrogância que consegui.

Seja ousada, seja ousada, mas não ousada demais.

Ele me olhou com firmeza e eu sustentei seu olhar, tentando não reparar como ele estava pálido e com olhos fundos, parecendo um dos mortos. Mas ele fez uma reverência e indicou, sem falar nada, que eu devia entrar.

Eu fui levada para uma salinha mais rota e empoeirada do que eu esperava. Outro criado, pequeno e redondo, levou um decantador com líquido roxo e um copinho.

Quando Locke finalmente entrou na sala, eu estava tossindo porque a coisa roxa era muito forte. O cabelo parecia desgrenhado do sono e ele vestia uma camisa fina e uma calça de aparência macia por baixo de um roupão. Os pés estavam descalços no piso de pedra.

— Você veio *aqui* — disse ele, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça que eu podia fazer isso. Acho que essa é uma coisa boa de ser obediente e fiel e boa. As pessoas acham que você nunca vai surpreendê-las.

— Sim — falei. — Acho que agora entendi. O que você quis dizer quando falou que eu tinha que abrir mão dos meus escrúpulos mortais. E eu estou disposta a fazer isso. Mas quero que você se case comigo.

— Ah. — Ele se sentou no sofá, parecendo atordoado pela interrupção do sono. — E por isso você veio aqui, no meio da noite?

— Tenho esperança de que você me ame. — Tentei soar como Oriana quando nos proibia de fazer coisas: severa, mas não desprovida de gentileza. — E eu vou tentar viver como os feéricos vivem. Mas você deveria se casar comigo mesmo que nenhuma dessas coisas seja verdade, porque senão eu poderia estragar sua diversão.

— Minha diversão? — repetiu ele. E pareceu preocupado. E pareceu desperto.

— O jogo que você está fazendo com Nicasia e Cardan — expliquei. — E comigo. Diga para Madoc que vamos nos casar e diga para Jude suas verdadeiras intenções, senão vou começar a formatar as minhas histórias.

Pensei nos irmãos na história do Sr. Fox, cortando o vilão em pedaços. Quando eu estava na sacada, me ocorreu que, com a inclinação para a violência, minha família precisaria de bem menos provocação para se virar contra Locke. Enquanto a música de Edir se espalhava pelo ar, percebi que Locke podia me ensinar lições, mas ele não iria gostar do que eu faria quando as aprendesse.

— Você prometeu… — ele começou a falar, mas eu o interrompi.

— E também que não seja um casamento de um ano e um dia — falei. — Eu quero que você me ame até morrer.

Ele piscou.

— Você não quer dizer até você morrer? Porque você vai, com certeza.

Eu balancei a cabeça.

— Você vai viver pra sempre. Se você me amar, vou me tornar parte da sua história. Eu vou continuar a viver assim.

Ele olhou para mim de um jeito que nunca tinha olhado, como se me avaliasse de novo. E assentiu.

— Nós vamos nos casar — disse ele, levantando a mão. — Com três condições. A primeira é que você não conte pra ninguém sobre nós até a coroação do príncipe Dain.

Parecia uma coisa pequena, a espera.

— E, durante essa época, você não pode renunciar a mim, não importa o que eu diga ou faça.

Eu conheço a natureza das barganhas feéricas. Devia ter ouvido isso como o aviso que era. Mas só fiquei feliz que duas condições pareciam fáceis de cumprir.

— O que mais?

Seja ousada, mas não ousada demais, para que o sangue do seu coração não fique gelado.

— Só isso — disse Locke. — Lembre-se de que nós não amamos como vocês amam.



Sei que devia ter sido uma irmã melhor, que devia ter te dado algum aviso, mas uma parte de você deve entender.

Eu só precisava ficar de boca calada e aguentar qualquer coisa que ele fizesse até a coroação do príncipe Dain. E, então, ele tinha que contar a verdade pra você. E, então, ele ficaria comigo para sempre.

E me amaria até morrer.

Então, você entende, eu sinto muito. De verdade. Não achei que ele pudesse ganhar seu coração. Se te faz se sentir melhor, foi um sofrimento ver você com ele, vê-la rindo quando nós três nos sentamos sobre a manta na escola do palácio, sua mão na dele. Eu sofri ao ver você corar e seus olhos brilharem. O ciúme não foi um tempero para mim. Foi a refeição completa, e eu me engasgava com ela.

Mas eu não sou nossa mãe e não vou cometer os mesmos erros. Eu não vou voltar. Sei o que quero. Eu quero Locke. Não tenho medo dos segredos dele.

E você vai me perdoar. Você tem que me perdoar. Você é minha irmã, minha gêmea. Você tem que entender. Se eu explicar direito, sei que você vai entender.



E vou ficar parada aqui, praticando no espelho, até você parar de me olhar daquele jeito quando eu terminar.

AS CARTAS DE CARDAN

Estas cartas foram entregues pelo mensageiro do Grande Rei nas mãos de Lady Asha, que as queimou uma a uma, algumas na chama de velas e outras em sua lareira.

Jude,

Talvez você esteja apenas sendo supercautelosa, mas escrevo para lhe informar que tudo foi resolvido entre o Reino Submarino e Elfhame. Os tratados assinados em espuma do mar e sangue.

Ansiosamente,
Cardan



Jude,

Como não consigo imaginar que haja muito nas terras mortais para prender seu interesse, só posso supor que sua prolongada ausência de Elfhame se deva a mim.

Eu lhe peço: continue zangada a uma distância menor.

Cardan



Jude,

Você não está no clima para joguinhos. Muito bem. Tampouco eu estou com disposição para eles.

Permita-me ser direto: você está perdoada. Revogo seu exílio. Anulo minhas palavras. Volte para casa.

Volte para casa e grite comigo. Volte para casa e brigue comigo. Volte para casa e parta meu coração, se for preciso.

Apenas volte para casa.

Cardan



Jude,

É ridículo e mesquinho de sua parte não responder a minas missivas,

Cardan



À Grande Rainha de Elfhame,

Acima de mim, brilha a mesma lua prateada que ilumina você. Olhar para ela me faz recordar o reluzir de sua lâmina pressionada contra minha garganta e outros momentos românticos.

Não sei o que a impede de retornar à Grande Corte — se a irritação comigo ou se, tendo passado algum tempo no mundo mortal, tenha concluído que uma existência livre do Povo das Fadas é melhor que reinar sobre ele.

Nas horas mais sombrias, acredito que você nunca vai voltar.

Por que o faria, exceto por ambição? Você sempre soube exatamente o que sou e viu todas as minhas falhas, todas as minhas fraquezas e cicatrizes. Eu me iludo imaginando que, em certas ocasiões, você nutriu sentimentos por mim que não desprezo, mas, mesmo que fosse verdade, seriam apenas um mingau ralo comparado ao banquete de seus outros mais profundos desejos.

E, no entanto, meu coração está enterrado com você no estranho solo do mundo mortal, assim como se afogou com você nas águas frias do Reino Submarino.

Era seu mesmo antes que eu pudesse admitir, e seu para sempre permanecerá.

Cardan



JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE JUDE
JUDE JUDE JUDE POR FAVOR JUDE

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos escritores que me acompanharam na elaboração, criação, escrita e edição deste livro. Obrigada Sarah Rees Brennan, Leigh Bardugo, Kelly Link, Cassandra Clare, Maureen Johnson, Robin Wasserman, Steve Berman, Gwenda Bond, Christopher Rowe, Alaya Dawn Johnson, Paolo Bacigalupi, Ellen Kushner, Delia Sherman, Gavin Grant, Joshua Lewis, Carrie Ryan e Kathleen Jennings (que fez desenhos lindos durante um workshop, produzindo minhas críticas favoritas).

Agradeço também a todos da ICFA, que me deram um feedback depois que li os três primeiros capítulos do livro em voz alta.

Agradeço a todos da *Little, Brown Books for Young Readers*, que apoiaram minha visão esquisita. Um agradecimento especialmente vai para minha incrível editora, Alvina Ling, e para Kheryn Callender, Lisa Moraleda e Victoria Stapleton.

E agradeço a Barry Goldblatt e a Joanna Volpe por guiarem *O príncipe cruel* ao longo de suas várias provações e atribulações.

Agradeço mais do que tudo ao meu marido, Theo, por conversar tanto sobre este livro comigo ao longo dos anos, e ao nosso filho, Sebastian, por me distrair da escrita e me conceder um coração mais pleno.

O príncipe cruel

Site da autora
https://blackholly.com/

Facebook da autora
https://www.facebook.com/HollyBlackFan

Twitter da autora
ttps://twitter.com/hollyblack

Pinterest da autora
https://br.pinterest.com/hollyblack/

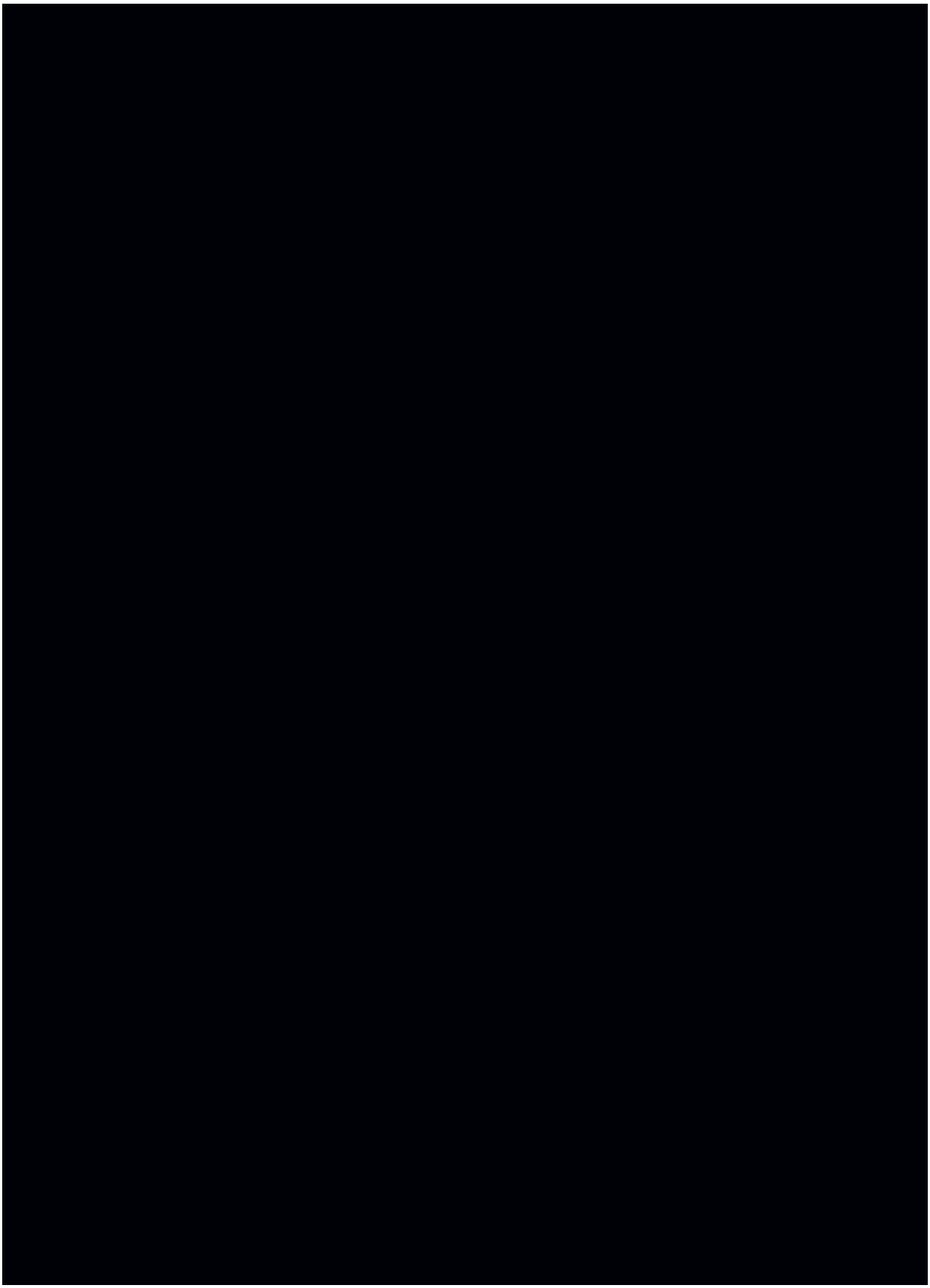
Tumblr da autora
http://hollyblack.tumblr.com/

Goodreads da autora
https://www.goodreads.com/author/show/25422.Holly_Black

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/350-holly-black

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


"Holly Black é a Rainha do Reino das Fadas."
- VICTORIA AVEYARD
O REI PERVERSO
AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*
HOLLY BLACK
Galera



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série* Magisterium*, com Cassandra Clare

A luva de cobre
A chave de bronze
A máscara de prata
A torre de ouro

***Série* O Povo do Ar**

O príncipe cruel
O rei perverso

Zumbis x unicórnios
O canto mais escuro da floresta

HOLLY BLACK

O REI PERVERSO

Tradução
Regiane Winarski

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Black, Holly
B562r
O rei perverso [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2020.
recurso digital

Tradução de: The wicked king
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital ditions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5587-004-6 (recurso letrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.
20-63611

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Título original:
The wicked king

Copyright © 2019 Holly Black

Ilustração do mapa no verso da capa: Kathleen Jennings

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11883-7

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
sac@record.com.br

Para Kelly Link, que pertence ao povo sereiano.

Sumário

Livro um
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21

Livro dois
- Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Livro um

“Diga a ele o seguinte, ‘Que eu desafio
Suas calúnias e infâmia do mal,
E, como inimigo mortal,
Proclamo publicamente para ele:
Não obstante, que se dependesse de mim,
Ele não usaria a coroa das fadas,
Mas com vingança sofreria a derrocada;
E jamais um rei faríamos dele.’”

— Michael Drayton,
“Nymphidia”

PRÓLOGO

Jude ergueu a espada pesada de treino e assumiu a primeira postura: prontidão.

Acostume-se com o peso, Madoc dissera. *Você precisa ser forte o suficiente para golpear e golpear e golpear de novo sem se cansar. A primeira lição é ficar forte*.

Vai doer. Mas a dor fortalece.

Ela firmou os pés na grama. O vento agitou seu cabelo quando Jude mudou de uma postura para outra. Um: a espada à frente, inclinada para o lado, protegendo o corpo. Dois: o pomo alto, como se a lâmina fosse um chifre saindo de sua cabeça. Três: para baixo, até o quadril, em um movimento aparentemente casual na frente do corpo. E quatro: para cima de novo, até o ombro. Cada posição podia, com facilidade, virar golpe ou defesa. Lutar era como xadrez, era prever os movimentos do oponente e reagir antes de ser atingido.

Mas era xadrez jogado com o corpo todo. Xadrez que a deixava machucada e cansada e frustrada com o mundo e consigo mesma.

Ou talvez fosse mais como andar de bicicleta. Quando estava aprendendo, ainda no mundo real, Jude caíra várias vezes. Os joelhos ficavam tão ralados que sua mãe achava que virariam cicatrizes. Mas Jude tirou as rodinhas ela mesma e desdenhou de pedalar com cuidado na calçada, como Taryn fazia. Jude queria pedalar rápido na rua, como Vivi, e se ficasse com pedrinhas na pele por causa disso… bom, ela teria que deixar o pai tirar tudo com uma pinça à noite.

Às vezes Jude desejava a bicicleta, mas não havia bicicletas no Reino das Fadas. Em vez disso, ela tinha sapos gigantes e pôneis magros e esverdeados e cavalos de olhos arregalados, finos como sombras.

E tinha armas.

E o assassino do seu pai, agora seu padrasto. O general do Grande Rei, Madoc, que queria lhe ensinar a cavalgar rápido demais e a lutar até a morte. Por mais força que Jude usasse para atacá-lo, ele só ria. Ele gostava da raiva dela. *Fogo*, dizia.

Ela também gostava quando sentia raiva. A raiva era melhor do que o medo. Melhor do que lembrar que não passava de uma mortal entre monstros. Ninguém mais lhe oferecia a opção de rodinhas de bicicleta.

Do outro lado do campo, Madoc guiava Taryn por uma série de posturas. Taryn também estava aprendendo a usar a espada, embora tivesse problemas diferentes dos de Jude. As posturas eram mais perfeitas, mas ela odiava lutar. Fazia as defesas óbvias para os ataques óbvios, e era fácil induzi-la a uma série de movimentos e acertá-la rompendo o padrão. Cada vez que acontecia, Taryn ficava com raiva, como se Jude estivesse errando os passos de uma dança em vez de vencer.

— Venha aqui — Madoc chamou Jude do outro lado do gramado prateado.

Ela foi até o padrasto, a espada apoiada nos ombros. O sol estava se pondo, mas as fadas são criaturas do crepúsculo, e o dia não estava nem na metade ainda. O céu estava com manchas cobre e douradas. Ela inspirou fundo o aroma de pinheiro. Por um momento, sentiu como se fosse só uma garota aprendendo um esporte novo.

— Venham lutar — disse ele quando Jude chegou mais perto. — Vocês duas contra esse velho barrete vermelho.

Taryn se apoiou na espada, a ponta afundando na terra. Ela não deveria segurá-la assim, não era bom para a lâmina, mas Madoc não a repreendeu.

— Poder — disse ele. — Poder é a capacidade de conseguir o que você quer. Poder é a capacidade de ser quem toma as decisões. E como conseguimos poder?

Jude parou ao lado da irmã gêmea. Era óbvio que Madoc esperava uma resposta, mas também era óbvio que esperava a resposta errada.

— Aprendendo a lutar bem? — respondeu ela, só para falar *alguma coisa*.

Quando Madoc sorriu, Jude viu as pontas dos caninos inferiores dele, mais longos do que o resto dos dentes. Ele desgrenhou o cabelo dela, e ela sentiu as

unhas afiadas que mais pareciam garras no couro cabeludo, leves a ponto de não machucar, mas um lembrete do que ele era, ainda assim.

— Nós conseguimos poder tomando-o.

Ele apontou na direção de uma colina baixa com uma árvore frondosa crescendo.

— Vamos transformar a próxima lição em jogo. Aquela colina é minha. Vão lá e tomem ela de mim.

Taryn foi andando com obediência na direção da colina, Jude ao lado. Madoc as acompanhou, o sorriso mostrando todos os dentes.

— E agora? — perguntou Taryn, sem nenhuma empolgação específica.

Madoc olhou ao longe, como se estivesse contemplando e descartando várias regras.

— Agora protejam a colina contra um ataque.

— Espera, o quê? — perguntou Jude. — Um ataque seu?

— Isso é um jogo de estratégia ou uma prática de luta? — perguntou Taryn, franzindo a testa.

Madoc botou um dedo embaixo do queixo dela e ergueu sua cabeça até ela estar olhando em seus olhos dourados de gato.

— O que é uma luta se não um jogo de estratégia jogado em velocidade? — perguntou ele com grande seriedade. — Converse com a sua irmã. Quando o sol chegar no tronco daquela árvore, virei recuperar minha colina. Se vocês me derrubarem uma vez, vencem.

Ele seguiu em direção a um grupo de árvores um pouco distante. Taryn se sentou na grama.

— Não quero fazer isso — disse ela.

— É só um jogo — lembrou Jude, com nervosismo.

Taryn a olhou demoradamente, o olhar que trocavam quando uma das duas tentava fingir que as coisas iam bem.

— Tudo bem, o que *você* acha que a gente deve fazer?

Jude olhou para os galhos da árvore.

— E se uma de nós jogasse pedras enquanto a outra luta?

— Está bem — disse Taryn, se levantando e começando a recolher pedras nas dobras da saia. — Você não acha que ele vai ficar com raiva, acha?

Jude balançou a cabeça, mas entendeu a pergunta de Taryn. E se ele as matasse sem querer?

Você tem que escolher suas batalhas, sua mãe dizia para o seu pai. Era uma daquelas frases estranhas que os adultos esperavam que ela entendesse, apesar de não fazer sentido algum, tipo "é melhor um pássaro na mão do que dois voando" ou "toda moeda tem dois lados", ou a totalmente misteriosa "olhar não tira pedaço". Agora, parada em uma colina com uma espada de verdade na mão, ela entendia bem melhor.

— Assuma a posição — disse Jude, e Taryn não perdeu tempo para subir na árvore.

Jude verificou a posição do sol, imaginando que tipo de truques Madoc poderia usar. Quanto mais ele esperasse, mais escuro ficaria, e embora o general conseguisse enxergar no breu, Jude e Taryn não conseguiam.

Só que, no final, ele não usou truque nenhum. Saiu da floresta na direção delas, uivando como se estivesse liderando um exército de cem. Os joelhos de Jude ficaram bambos de pavor.

É só um jogo, lembrou a si mesma freneticamente. Mas, quanto mais perto ele chegava, menos o corpo dela acreditava nisso. Todos os seus instintos animais a mandavam fugir.

A estratégia das duas parecia boba agora perante a enormidade de Madoc e a pequenez delas, perante seu medo. Ela pensou na mãe sangrando no chão, relembrou o cheiro das entranhas que saíam do seu corpo. A lembrança parecia um trovão em sua cabeça. Ela ia morrer.

Corra, seu corpo todo pedia. *CORRA!*

Não, sua mãe tinha corrido. Jude firmou os pés.

Obrigou-se a assumir a primeira postura, apesar de as pernas estarem bambas. Madoc estava em vantagem ao subir aquela colina, porque tinha o impulso ao seu lado. As pedras caindo nele, jogadas por Taryn, nem sequer afetaram o ritmo da corrida.

Jude pulou fora do caminho do padrasto, sem nem se dar ao trabalho de tentar bloquear o primeiro golpe. Botando a árvore entre os dois, ela desviou do segundo e do terceiro. Quando ele deu o quarto, ela foi derrubada na grama.

Ela fechou os olhos contra o golpe fatal.

— Você pode pegar uma coisa quando não tem ninguém olhando. Mas defendê-la, mesmo com toda vantagem do seu lado, não é uma tarefa fácil — disse Madoc com uma risada. Ela olhou para ele e o viu oferecendo a mão. — O poder é bem mais fácil de adquirir do que de manter.

Ela foi tomada de alívio. Era só um jogo, afinal. Só mais uma lição.

— Isso não foi justo — reclamou Taryn.

Jude não disse nada. Nada era justo no Reino das Fadas. Já tinha aprendido a não nutrir esperanças.

Madoc a puxou para que ficasse de pé e passou o braço pesado pelos ombros da garota. Puxou-a junto com sua irmã gêmea para um abraço. Ele tinha cheiro de fumaça e sangue seco, e Jude se permitiu relaxar junto dele. Era bom ser abraçada. Mesmo por um monstro.

CAPÍTULO

1

O novo Grande Rei do Reino das Fadas relaxa no trono, a coroa apoiada em um ângulo casual, a capa longa e perversamente escarlate presa nos ombros, roçando no chão. Um brinco brilha no alto de uma orelha pontuda. Anéis pesados cintilam nos dedos. Mas a característica mais ostensiva é a boca macia e mal-humorada.

Faz com que ele pareça o cretino que é.

Fico parada ao seu lado, na posição honrada de senescal. Tenho que ser a conselheira mais confiável do Grande Rei Cardan, e desempenho esse papel em vez do meu verdadeiro: a mão por trás do trono, aquela com o poder de obrigá-lo a obedecer caso ele tente me contrariar.

Observo a multidão, procurando por um espião da Corte das Sombras. Interceptaram uma mensagem vinda da Torre do Esquecimento, onde o irmão de Cardan está preso, e estão trazendo-a para mim ao invés de levá-la ao verdadeiro destinatário.

E essa é só a crise mais recente.

Faz cinco meses que obriguei Cardan a assumir o trono de Elfhame como meu rei marionete, cinco meses que traí minha família, que minha irmã levou meu irmãozinho para o reino mortal e para longe da coroa que ele poderia ter usado, que cruzei minha espada com a de Madoc.

Cinco meses que não durmo mais do que poucas horas seguidas.

Pareceu uma boa troca, uma troca bem no estilo das *fadas*, até colocar uma pessoa que me desprezava no trono para que Oak ficasse fora de perigo. Foi

emocionante enganar Cardan para que prometesse me servir por um ano e um dia, eletrizante quando meu plano deu certo. Mas, na ocasião, um ano e um dia pareciam uma eternidade. Agora, tenho que descobrir como mantê-lo sob meu poder (e longe de confusões) por mais tempo do que isso. Por tempo suficiente para Oak ter a chance de desfrutar do que eu não pude: a infância.

Agora, um ano e um dia parecem um prazo curtíssimo.

E, apesar de ter colocado Cardan no trono pelas minhas próprias maquinações, apesar de planejar mantê-lo ali, não consigo não me irritar com o quanto ele parece à vontade.

Os governantes feéricos estão ligados à terra. São o sangue vital e o coração pulsante do reino, de uma forma mística que não entendo completamente. Mas Cardan não é nada disso, não com o compromisso
que tem de ser um preguiçoso que não faz nada do verdadeiro trabalho que
é governar.

As obrigações dele parecem se resumir em permitir que suas mãos cobertas de anéis sejam beijadas e aceitar as lisonjas dos feéricos. Tenho certeza de que ele gosta dessa parte: os beijos, as reverências e as bajulações. Ele gosta do vinho. Vive pedindo que seu cálice incrustado de pedras seja enchido com uma bebida verde-clara. Só o cheiro já faz minha cabeça girar.

Em um momento de calmaria, ele me olha e ergue uma sobrancelha preta.

— Se divertindo?

— Não tanto quanto você — respondo.

Por mais que Cardan me detestasse quando estávamos na escola, aquilo era uma vela fraca em comparação à chama ardente que é o ódio dele agora. Sua boca se curva num sorriso. Os olhos brilham com intenção maligna.

— Olhe para todos eles, os seus súditos. É uma pena que ninguém saiba quem é a verdadeira soberana.

Meu rosto fica um pouco quente com as palavras. O dom de Cardan é pegar um elogio e transformar em insulto, uma cutucada que dói mais pela tentação de ser interpretada literalmente.

Passei tantas festas evitando ser notada. Agora, todo mundo me vê, banhada com a luz das velas, com um dos três gibões pretos quase idênticos que uso todas as noites, Cair da Noite, minha espada, presa ao meu quadril. Os feéricos giram nas danças e tocam músicas, tomam o vinho dourado e

compõem suas charadas e maldições enquanto os observo da plataforma real. Eles são lindos e terríveis, e podem desprezar minha mortalidade, podem debochar dela, mas eu estou aqui em cima e eles não.

Claro que talvez isso não seja tão diferente de me esconder. Talvez seja só me esconder a olhos vistos. Mas não posso negar que o poder que tenho me sobe à cabeça, me dá uma onda de prazer sempre que penso nele. Só queria que Cardan não conseguisse perceber.

Se procurar com atenção, consigo encontrar minha irmã gêmea, Taryn, dançando com Locke, seu noivo. Locke, que já achei que podia me amar. Locke, que já achei que eu amava. Mas é de Taryn que sinto saudades. Em noites como a de hoje, me imagino pulando da plataforma e indo até ela para tentar explicar minhas escolhas.

O casamento dela será em três semanas e nós ainda não nos falamos.

Fico dizendo para mim mesma que preciso que Taryn me procure primeiro. Ela me fez de boba com Locke. Ainda me sinto idiota quando olho para eles. Se ela não quer pedir desculpas, devia pelo menos fingir que não há motivos para pedir desculpas. Eu talvez até aceitasse isso. Mas não serei eu quem vai procurar Taryn, que vai implorar.

Meus olhos a seguem enquanto ela dança.

Não me dou ao trabalho de procurar Madoc. O amor dele é parte do preço que paguei por essa posição.

Um feérico baixo e enrugado, com cabelo prateado como uma nuvem e um casaco escarlate, se ajoelha na frente da plataforma, querendo ser reconhecido. Os punhos têm pedras preciosas e o alfinete de mariposa que prende sua capa tem asas que se movem sozinhas. Apesar da postura de subserviência, seu olhar é ávido.

Ao seu lado estão dois feéricos pálidos da colina com membros compridos e cabelo voando atrás do corpo, apesar de não haver brisa alguma.

Bêbado ou sóbrio, agora que Cardan é o Grande Rei, ele tem que ouvir os súditos que desejam que ele resolva um problema, por menor que seja, ou conceder uma dádiva. Não consigo imaginar por que alguém colocaria o próprio destino nas mãos dele, mas os feéricos são cheios de excentricidades.

Por sorte, estou lá para sussurrar meus conselhos no ouvido de Cardan, como qualquer senescal faria. A diferença é que ele tem que me ouvir. E se ele

sussurrar para mim alguns insultos horríveis, bem, pelo menos ele é obrigado a sussurrar.

Claro que a pergunta passa a ser se eu mereço ter tanto poder. *Não vou ser horrível só para me divertir*, digo a mim mesma. *Isso deve valer alguma coisa*.

— Ah — suspira Cardan, se inclinando para a frente no trono, fazendo a coroa cair na testa. Ele toma um grande gole de vinho e sorri para o trio. — Deve ser uma questão séria para ser trazida ao Grande Rei.

— Você talvez já tenha ouvido histórias sobre mim — diz o feérico pequeno. — Eu fiz a coroa que está na sua cabeça. Meu nome é Grimsen, o Ferreiro, há muito em exílio com Alderking. Os ossos dele agora descansam, e há um novo Alderking em Fairfold, assim como há um novo Grande Rei aqui.

— Severin — digo.

O ferreiro olha para mim, com surpresa óbvia por eu ter falado. Mas seu olhar volta para o Grande Rei.

— Imploro que você me permita voltar para a Alta Corte.

Cardan pisca algumas vezes, como se tentando focar o olhar no suplicante à frente dele.

— Então você também foi exilado? Ou decidiu ir embora?

Eu me lembro de Cardan ter me contado um pouco sobre Severin, mas ele não tinha mencionado Grimsen. Já ouvi falar dele, claro. Ele é o ferreiro que fez a Coroa de Sangue para Mab e a entremeou com encantamentos. Dizem que é capaz de fazer qualquer coisa a partir de metal, até coisas vivas: pássaros de metal que voam, cobras de metal que deslizam e atacam. Ele fez as espadas gêmeas, Caçadora de Coração e Coração Jurado, uma que nunca erra e uma capaz de cortar qualquer coisa. Infelizmente, ele as fez para Alderking.

— Eu fui jurado a ele como servo — explica Grimsen. — Quando ele foi para o exílio, tive que ir junto… e, ao fazer isso, caí em desfavor. Apesar de só ter feito bugigangas para Alderking em Fairfold, eu ainda era considerado pelo seu pai como criatura dele.

"Agora, com os dois mortos, suplico por permissão para abrir um espaço para mim em sua corte. Não me puna mais, e minha lealdade a você será tão grande quanto sua sabedoria."

Olho para o pequeno ferreiro com mais atenção, com a certeza repentina de que ele está jogando com as palavras. Mas com que objetivo? O pedido

parece genuíno, e se a humildade de Grimsen não é, bom, sua fama faz com que isso não seja surpresa.

— Muito bem — diz Cardan, parecendo satisfeito de lhe pedirem algo fácil de conceder. — Seu exílio acabou. Faça seu juramento a mim, e a Alta Corte vai recebê-lo de braços abertos.

Grimsen faz uma reverência exagerada, a expressão teatralmente perturbada.

— Nobre rei, seu pedido é o menor e mais razoável para seu servo, mas eu, que já sofri por juramentos assim, não gostaria de fazê-los novamente. Permita-me isto: me conceda a possibilidade de demonstrar minha lealdade através de meus atos em vez de me atar com palavras.

Coloco a mão no braço de Cardan, mas ele ignora meu aperto de alerta. Eu poderia dizer alguma coisa e ele seria obrigado, por força maior, a pelo menos não me contradizer, mas não sei o que falar. Ter o ferreiro aqui, forjando para Elfhame, não é pouca coisa. Talvez valha a falta de um juramento.

Ainda assim, tem algo no olhar de Grimsen que parece um pouco arrogante, um pouco seguro demais. Desconfio de algum truque.

Cardan fala antes que eu possa entender qualquer outra coisa.

— Aceito sua condição. Eu lhe darei uma dádiva. Há uma construção antiga com uma forja no limite do terreno do palácio. Você a terá para si, além do tanto de metal que requerer. Estou ansioso para ver o que fará para nós.

Grimsen faz outra reverência exagerada.

— Sua gentileza não será esquecida.

Não gosto disso, mas talvez eu esteja sendo cautelosa demais. Talvez seja só por eu não gostar do ferreiro. Há pouco tempo para refletir antes que outro suplicante se aproxime.

Uma bruxa, velha e poderosa o suficiente para o ar ao redor parecer estalar com a força de sua magia. Seus dedos são retorcidos, o cabelo tem cor de fumaça e o nariz parece a lâmina de uma foice. Em volta do pescoço ela usa um colar de pedras, cada uma entalhada com espirais que parecem captar e intrigar o olho. Quando ela se move, a veste pesada ao seu redor ondula, e vejo pés em forma de garras, como as de uma ave de rapina.

— Reizinho — diz a bruxa. — Mãe Marrow traz presentes.

— Sua lealdade é tudo que peço. — A voz de Cardan soa leve. — Por enquanto.

— Ah, eu sou jurada à Coroa, com certeza — responde ela, enfiando a mão em um bolso e tirando um pano que parece mais preto do que o céu da noite, tão preto que parece absorver a luz ao redor. O tecido desliza sobre sua mão. — Mas vim até aqui para entregar-lhe um prêmio raro.

Os feéricos não gostam de dívidas, e é por isso que eles não pagam um favor com um mero agradecimento. Se você der um bolo de aveia para eles, eles encherão um dos aposentos da sua casa com grãos, pagando em exagero para jogar a dívida de volta para você. Mas tributos são dados aos Grandes Reis o tempo todo: ouro, serviços, espadas com nomes. Só que não costumamos chamar essas coisas de *presentes*. Nem de *prêmios*.

Não sei como interpretar o discursinho dela.

A voz da bruxa é um ronronar.

— Minha filha e eu tecemos isto de seda de aranha e pesadelos. Um traje feito deste material poderia bloquear uma lâmina afiada, mas também ser suave como uma sombra sobre a pele.

Cardan franze a testa, mas seu olhar é atraído repetidamente para o tecido maravilhoso.

— Admito que nunca vi nada igual.

— Então você aceita o que lhe concedo? — pergunta a bruxa, um brilho malicioso nos olhos. — Sou mais velha do que seu pai e sua mãe. Mais velha do que as pedras deste palácio. Tão velha quanto os ossos da terra. Mas como você é o Grande Rei, a Mãe Marrow aceita sua palavra.

Cardan aperta os olhos. Ela o irritou, vejo bem isso.

Tem um truque aqui, e desta vez eu sei o que é. Antes que ele possa começar, quem fala sou eu.

— Você disse *presentes*, mas só nos mostrou este maravilhoso tecido. Sei que a Coroa ficaria satisfeita de tê-lo se fosse dado livremente.

O olhar dela pousa em mim, os olhos duros e frios como a própria noite.

— E quem é você para falar pelo Grande Rei?

— Sou a senescal dele, Mãe Marrow.

— E você deixa que essa garota mortal responda por você? — pergunta ela a Cardan.

Ele me olha com tanta condescendência que minhas bochechas ficam quentes. O olhar perdura. Sua boca se retorce e se curva.

— Acho que sim — diz, enfim. — Ela se diverte me mantendo longe de problemas.

Eu mordo a língua quando ele vira uma expressão plácida para Mãe Marrow.

— Ela é bem inteligente — diz a bruxa, cuspindo as palavras como se fossem uma maldição. — Muito bem, o tecido é seu, Vossa Majestade. Dou-lhe livremente. Dou-lhe apenas isso e mais nada.

Cardan se inclina para a frente como se eles estivessem participando de uma brincadeira.

— Ah, me conte o resto. Gosto de truques e armadilhas. Até mesmo os que quase me pegam.

Mãe Marrow movimenta os pés em forma de garras, o primeiro sinal de nervosismo que exibe. Até para uma bruxa com ossos tão velhos quanto ela alega, a fúria de um Grande Rei é perigosa.

— Muito bem. Se você tivesse aceitado tudo que eu pretendia lhe dar, teria caído em um geas que permitiria que você só se casasse com uma das tecelãs do tecido nas minhas mãos. Eu… ou a minha filha.

Um tremor frio me percorre com o pensamento do que poderia ter acontecido. O Grande Rei poderia ser obrigado a cumprir um casamento desses? Deve haver algum jeito de contornar. Veja o último Grande Rei, que nunca se casou.

O casamento é incomum entre os governantes do Reino das Fadas porque quem é governante continua sendo até a morte ou a abdicação. Dentre plebeus e nobres, casamentos feéricos são elaborados para que se saia deles; diferente do mortal "até que a morte nos separe", eles contêm condições como "até que ambos renunciem um ao outro" ou "a não ser que um mate o outro por raiva" ou a inteligentemente elaborada "pela duração de uma vida", sem especificar a de quem. Mas uma união de reis e/ou rainhas nunca pode ser desfeita.

Se Cardan se casasse, eu não teria que tirar apenas ele do trono para botar Oak no lugar. Teria que remover a esposa também.

Cardan ergue as sobrancelhas, mas sua aparência é de despreocupação alegre.

— Minha senhora, você me lisonjeia. Eu não tinha ideia de que estava interessada.

O olhar dela não hesita quando entrega o presente para um dos guardas pessoais do Grande Rei.

— Que você cresça na sabedoria de seus conselheiros.

— A oração ardorosa de muitos — reconhece ele. — Me diga uma coisa. Sua filha fez a viagem com você?

— Ela está aqui — diz a bruxa.

Uma garota sai do meio da multidão para se curvar na frente de Cardan. Ela é jovem, com uma cabeleira selvagem. Como a mãe, seus membros são estranhamente longos e finos como galhos, mas enquanto a mãe é perturbadoramente ossuda, ela tem uma espécie de graça. Talvez ajude o fato de que seus pés parecem humanos.

Se bem que, na verdade, eles são virados para trás.

— Eu seria um péssimo marido — anuncia Cardan, voltando a atenção para a garota, que parece se encolher com a força de seu olhar. — Mas me conceda uma dança e lhe mostrarei meus outros talentos.

Olho para ele com desconfiança.

— Venha — Mãe Marrow chama a garota, e a segura não com muita gentileza pelo braço e a arrasta para a multidão. E ela olha de novo para Cardan. — Nós três vamos nos encontrar de novo.

— Elas todas vão querer se casar com você, sabe — diz Locke em um tom arrastado. Eu reconheço a voz antes de olhar e ver que ele ocupou o lugar que Mãe Marrow acabou de vagar.

Ele sorri para Cardan, parecendo feliz da vida com ele mesmo e com o mundo.

— É melhor ter consortes — aconselha Locke. — Muitas e muitas consortes.

— Palavras de um homem prestes a contrair os laços do matrimônio — lembra Cardan.

— Ah, deixe isso para lá. Assim como a Mãe Marrow, eu trouxe um presente. — Locke dá um passo na direção da plataforma. — Um presente

com menos consequências.

Ele não olha na minha direção. É como se não me visse ou me achasse uma peça nada interessante da mobília.

Eu queria que não me incomodasse. Queria não me lembrar de ter ficado parada no alto da torre mais alta da propriedade dele, seu corpo quente encostado no meu. Queria que ele não tivesse me usado para testar o amor da minha irmã. Queria que ela não tivesse permitido isso.

Quem vê cara não vê coração, meu pai mortal dizia. Mais uma das frases que não fazem sentido até fazer.

— Como? — Cardan parece mais confuso do que intrigado.

— Eu queria *me* dar para você… como seu Mestre da Esbórnia — anuncia Locke. — Me conceda essa posição e vai ser meu dever e meu prazer impedir que o Grande Rei de Elfhame passe tédio.

Há tantos trabalhos no palácio: servos e ministros, embaixadores e generais, conselheiros e alfaiates, bobos e fazedores de charadas, cavalariços e cuidadores de aranhas e uma dezena de outras posições que esqueci. Eu nem sabia que *havia* um Mestre da Esbórnia. Talvez não houvesse até agora.

— Vou preparar prazeres que você nunca imaginou. — O sorriso de Locke é contagioso. Ele vai preparar problemas, isso é certo. Problemas para os quais não tenho tempo.

— Tenha cuidado — alerto, chamando a atenção de Locke para mim pela primeira vez. — Sei que você não gostaria de insultar a imaginação do Grande Rei.

— De fato, não gostaria — diz Cardan de uma forma que é difícil interpretar.

O sorriso de Locke nem vacila. Ele pula na plataforma e faz os cavaleiros dos dois lados se moverem para impedi-lo. Cardan sinaliza para que se afastem.

— Se você o tornar Mestre da Esbórnia… — começo a falar, rápida e desesperadamente.

— Você está me dando uma ordem? — interrompe Cardan, a sobrancelha arqueada.

Ele sabe que não posso dizer sim, não com a possibilidade de Locke ouvir.

— Claro que não — respondo.

— Que bom — diz Cardan, afastando o olhar de mim. — Estou pensando em conceder seu desejo, Locke. As coisas andam tão chatas ultimamente.

Vejo o sorrisinho de Locke e mordo o interior da bochecha para segurar as palavras de ordem. Teria sido tão satisfatório ver a expressão dele ao exibir meu poder na sua frente.

Satisfatório, mas burrice.

— Antes, Quíscalos e Cotovias e Falcões almejavam o coração da Corte — começa Locke, referindo-se às facções que preferiam festas, artes ou guerra. Facções que ganhavam ou perdiam os favores de Eldred. — Mas agora o coração da Corte é seu e só seu. Vamos quebrá-lo.

Cardan olha para Locke de um jeito estranho, como se considerando, aparentemente pela primeira vez, que ser Grande Rei pudesse ser *divertido*. Como se estivesse imaginando como seria governar sem lutar contra a minha coleira.

Do outro lado da plataforma, finalmente vejo Bomba, uma espiã da Corte das Sombras, o cabelo branco formando uma auréola em volta do rosto marrom. Ela faz um sinal para mim.

Não gosto de Locke e Cardan juntos, não gosto da ideia que eles têm de diversão, mas tento deixar isso de lado quando desço da plataforma e sigo até ela. Afinal, não dá para tramar contra Locke com ele atraído pelo que mais o diverte no momento…

Na metade do caminho até onde Bomba está, ouço a voz de Locke acima da multidão.

— Vamos comemorar a Lua do Caçador no Bosque Leitoso, e lá o Grande Rei vai oferecer uma festança sobre a qual os bardos cantarão, isso eu prometo.

O medo cresce nas minhas entranhas.

Locke está puxando alguns pixies da multidão para a plataforma, as asas iridescentes brilhando à luz das velas. Uma garota ri alto, pega o cálice de Cardan e toma até acabar a bebida. Espero que ele reaja, que a humilhe ou arranque suas asas, mas ele só sorri e pede mais vinho.

O que quer que Locke tenha em mente, Cardan parece pronto para acatar. Todas as coroações no Reino das Fadas são seguidas de um mês de festejos: bailes, bebedeiras, charadas, duelos e mais. Espera-se que os feéricos dancem até

gastarem as solas dos sapatos, do pôr do sol ao amanhecer. Mas cinco meses depois de Cardan se tornar Grande Rei, o grande salão continua sempre cheio, os cálices transbordando hidromel e vinho de trevo. As festanças nem ficaram mais lentas.

Faz muito tempo que Elfhame não tem um Grande Rei tão jovem, e um ar selvagem e inconsequente contagia os cortesãos. A Lua do Caçador está próxima, mais próxima até do que o casamento de Taryn. Se Locke pretende atiçar as chamas das festanças ainda mais, quanto tempo vai levar para que isso se torne perigoso?

Com uma certa dificuldade, eu me viro de costas para Cardan. Afinal, qual seria o propósito de chamar sua atenção? O ódio dele é tanto que Cardan vai fazer o que puder, dentro das minhas ordens, para me desafiar. E ele é muito bom em desafio.

Eu gostaria de dizer que ele sempre me odiou, mas, por um momento breve e estranho, pareceu que nos entendíamos, talvez até que gostávamos um do outro. Uma aliança totalmente improvável, nascida com minha lâmina em sua garganta, resultou em Cardan confiando em mim o suficiente para se colocar sob meu poder.

Uma confiança que eu traí.

Houve uma época em que ele me atormentava porque era jovem e estava entediado e vivia cheio de raiva e era cruel. Agora, ele tem motivos melhores para os tormentos que vai infligir em mim depois que um ano e um dia se passarem. Vai ser bem difícil mantê-lo sempre sob o meu controle.

Chego a Bomba, e ela coloca um pedaço de papel na minha mão.

— Outro bilhete para Cardan, de Balekin — diz ela. — Este chegou ao palácio antes de o interceptarmos.

— É igual aos dois primeiros?

Ela assente.

— Praticamente. Balekin tenta lisonjear nosso Grande Rei para que vá à prisão. Quer propor algum tipo de barganha.

— Tenho certeza de que quer — digo, mais uma vez feliz por ter sido levada para a Corte das Sombras e por ainda tê-los cuidando de mim.

— O que você vai fazer? — pergunta ela.

— Vou ver o príncipe Balekin. Se ele quiser fazer uma proposta ao Grande Rei, vai ter que convencer sua senescal primeiro.

Um canto da boca de Bomba se levanta.

— Vou com você.

Olho para o trono novamente e faço um gesto vago.

— Não. Fique aqui. Tente impedir que Cardan se meta em confusão.

— Ele *é* confusão — lembra ela, mas não parece muito preocupada pela declaração.

Quando sigo para as passagens que levam ao palácio, vejo Madoc do outro lado do salão, parcialmente nas sombras, me observando com seus olhos de gato. Ele não está perto o suficiente para falar comigo, mas, se estivesse, não tenho dúvida do que diria.

O poder é bem mais fácil de adquirir do que de manter.

CAPÍTULO
2

Balekin está preso na Torre do Esquecimento, na parte norte de Insweal, a Ilha do Sofrimento. Insweal é uma das três ilhas de Elfhame, ligada a Insmire e Insmoor por pedras grandes e bancos de terra ocupada por alguns abetos, cervos prateados e ocasionais membros do povo das árvores. É possível atravessar de Insmire para Insweal a pé se você não se importar de pular de pedra em pedra, de andar pelo Bosque Leitoso sem companhia e provavelmente se molhar pelo menos um pouco.

Eu me incomodo com todas essas coisas, por isso decido cavalgar.

Sendo senescal do Grande Rei, posso escolher à vontade no estábulo. Como nunca fui grande amazona, escolho uma égua que parece dócil, o pelo de um preto suave, a crina em nós complicados e provavelmente mágicos.

Eu a retiro do estábulo enquanto um cavalariço goblin traz o arreio.

Pulo nas costas da égua e a direciono para a Torre do Esquecimento. Ondas batem nas pedras abaixo de mim. Os borrifos de água salgada deixam o ar enevoado. Insweal é uma ilha sinistra, com grandes áreas da paisagem desprovidas de verde, só rochas pretas, poças formadas pela maré e uma torre entremeada de ferro frio.

Amarro o animal em um dos aros de metal preto enfiados na parede de pedra da torre. Ele relincha com nervosismo, o rabo apertado contra o corpo. Toco em seu focinho de uma forma que espero ser tranquilizadora.

— Não vou demorar, logo vamos poder sair daqui — digo para ela, desejando ter perguntado seu nome ao cavalariço.

Não me sinto muito diferente da égua quando bato na porta pesada de madeira.

Uma criatura grande e peluda a abre. Está usando uma armadura lindamente forjada, com pelo loiro saindo de todas as aberturas. É um soldado, obviamente, o que costumava significar que me trataria bem por causa do Madoc, mas agora pode acontecer o oposto.

— Sou Jude Duarte, senescal do Grande Rei — anuncio. — Vim em missão da Coroa. Me deixe entrar.

Ele se afasta e abre a porta. Entro na antecâmara escura da Torre do Esquecimento. Meus olhos mortais custam a se adaptar à falta de luz. Não tenho a capacidade dos feéricos de enxergar na quase escuridão. Há pelo menos três outros guardas presentes, mas os percebo mais como formas do que qualquer outra coisa.

— Você veio ver o príncipe Balekin, imaginamos — diz uma voz vinda do fundo.

É estranho não conseguir ver com clareza quem fala, mas finjo que não me sinto desconfortável e assinto.

— Me levem até ele.

— Vulciber — diz a voz. — Você a leva.

A Torre do Esquecimento tem esse nome porque existe como um lugar para colocar feéricos quando um monarca os quer apagados da memória da Corte. A maioria dos criminosos é punida com maldições mais inteligentes, missões ou alguma outra forma de julgamento feérico excêntrico. Para ir parar ali, é preciso ter irritado de verdade uma pessoa importante.

Os guardas são soldados cujo temperamento se adequa a locais ermos e solitários… ou aqueles cujos comandantes querem que aprendam a ter humildade com a posição. Quando olho para as figuras escuras, tenho dificuldade de adivinhar de que tipo são.

Vulciber se aproxima de mim, e reconheço o soldado peludo que abriu a porta. Ele parece ser ao menos em parte troll, com sobrancelhas grossas e membros compridos.

— Vá na frente — ordeno.

Ele me olha com expressão dura. Não sei bem do que, exatamente, ele não gosta em mim: minha mortalidade, minha posição, minha invasão na noite

dele. Não pergunto. Só o sigo pela escada de pedra para uma escuridão úmida com odor mineral. O cheiro de terra pesa no ar e tem um odor podre de fungo que não consigo identificar.

Paro quando fica tão escuro que tenho medo de tropeçar.

— Acenda as lamparinas — peço.

Vulciber se aproxima, o bafo na minha cara, carregando junto o aroma de folhas molhadas.

— E se eu não acender?

Uma faca fina surge com facilidade na minha mão, tirada de uma bainha na manga. Aperto a ponta na lateral do corpo dele, embaixo das costelas.

— É melhor você não descobrir.

— Mas você não enxerga — insiste ele, como se eu tivesse pregado uma peça desonesta por não ficar tão intimidada quanto ele esperava.

— Talvez eu só prefira um pouco mais de luz — retruco, tentando manter a voz regular, embora meu coração esteja batendo como louco e a palma das mãos tenha começado a suar. Se tivermos que brigar na escada, é melhor que eu dê um ataque rápido e certeiro, porque é provável que eu só tenha uma chance.

Vulciber se afasta de mim e da minha faca. Ouço os passos pesados na escada e começo a contar, para o caso de ter que ir atrás sem enxergar. Mas uma tocha ganha vida, emitindo fogo verde.

— E então? — pergunta ele. — Você vem?

A escada passa por várias celas, algumas vazias e algumas com ocupantes sentados tão longe das grades que a luz da tocha não os ilumina. Não reconheço nenhum, até o último.

O cabelo preto do príncipe Balekin está preso por um aro, um lembrete de sua realeza. Apesar de estar confinado, ele nem parece incomodado. Tem três tapetes cobrindo o piso úmido de pedra. Ele está sentado em uma poltrona entalhada, me observando com olhos de pálpebras pesadas, alertas como os de uma coruja. Tem um bule dourado em uma mesinha elegante. Balekin vira o bule, e um chá fumegante e cheiroso cai na porcelana frágil. O aroma me faz pensar em alga.

Mas, por mais elegante que esteja, ele continua na Torre do Esquecimento, com algumas mariposas avermelhadas pousadas na parede acima dele. Quando

derramou o sangue do Velho Rei, as gotas viraram mariposas que bateram as asas pelo ar por alguns momentos impressionantes antes de darem a impressão de estarem mortas. Achei que todas tinham desaparecido, mas parece que algumas foram atrás de Balekin, um lembrete dos pecados cometidos.

— Nossa Dama Jude da Corte das Sombras — diz ele, como se acreditasse poder me encantar. — Posso oferecer uma xícara?

Algo se movimenta em uma das outras celas. Penso em como são os chás quando não estou por perto.

Não estou feliz de Balekin estar ciente da Corte das Sombras nem da minha associação com ela, mas também não posso ficar totalmente surpresa; o príncipe Dain, nosso mestre espião e empregador, era irmão de Balekin. E se Balekin sabia da Corte das Sombras, deve ter reconhecido quando um de seus membros roubou a Coroa de Sangue e botou nas mãos do meu irmão para que ele pudesse colocá-la na cabeça de Cardan.

Balekin tem um bom motivo para não estar totalmente satisfeito de me ver.

— Lamento, mas preciso recusar o chá. Não vou demorar. Você enviou correspondência para o Grande Rei. Falava de um acordo? Barganha? Estou aqui em nome dele para ouvir o que você deseja dizer.

O sorriso dele parece se retorcer, ficar feio.

— Você me acha menor — diz Balekin. — Mas ainda sou um príncipe, mesmo aqui. Vulciber, você não pode dar um tapa na carinha bonita da senescal do meu irmão?

O tapa vem com a mão aberta, mais rápido do que eu poderia adivinhar, e o som é impressionantemente alto quando a palma atinge minha bochecha. Deixa minha pele ardendo, e eu fico furiosa.

Minha faca aparece na minha mão direita, com a gêmea na esquerda.

Vulciber está com a expressão ansiosa.

Meu orgulho me manda lutar, mas o guarda é maior do que eu e o espaço é familiar para ele. Não seria uma simples competição de luta. Ainda assim, a vontade de superá-lo, a vontade de apagar a expressão de seu rosto arrogante é insuportável.

Quase insuportável. *Orgulho é para cavaleiros*, digo para mim mesma, *não para espiões*.

— Minha *carinha bonita* — murmuro para Balekin, guardando as facas lentamente. Estico os dedos para tocar minha bochecha. Vulciber me bateu com tanta força que meus dentes cortaram o interior da minha boca. Cuspo sangue no piso de pedra. — Que elogio. Eu roubei sua coroa, então acho que posso aceitar seu ressentimento. Principalmente vindo com um elogio. Mas não me teste de novo.

Vulciber parece inseguro de repente.

Balekin toma um gole de chá.

— Você fala muito livremente, garota mortal.

— E por que não deveria? Eu falo com a voz do Grande Rei. Você acha que ele está interessado em vir até aqui, longe do palácio e dos prazeres de lá, para lidar com o irmão mais velho, nas mãos de quem sofreu?

O príncipe Balekin se inclina para a frente na cadeira.

— Gostaria de saber o que você acha que quer dizer.

— E eu desejaria saber que mensagem você gostaria que eu levasse para o Grande Rei.

Balekin me olha; sem dúvida uma das minhas bochechas deve estar vermelha. Ele toma outro gole de chá.

— Ouvi que, para os mortais, a sensação de se apaixonar é bem parecida com a de medo. Seu coração bate mais rápido. Seus sentidos ficam apurados. Você fica desnorteada, talvez até tonta. — Ele me olha. — É assim mesmo? Explicaria muita coisa sobre sua espécie se forem capazes de confundir as duas coisas.

— Eu nunca me apaixonei — digo a ele, me recusando a me abalar.

— E, claro, você é capaz de mentir. Vejo bem por que Cardan acharia isso útil. E Dain também. Ele foi inteligente de incluir você na pequena gangue de desajustados dele. De ver que Madoc a dispensaria. Você pode dizer qualquer coisa sobre meu irmão, mas ele foi maravilhosamente pouco sentimental.

"Da minha parte, eu quase não pensei em você, e, quando pensei, foi só para provocar Cardan com suas conquistas. Mas você tem o que Cardan nunca teve: *ambição*. Se eu tivesse percebido isso, teria a coroa agora. Mas acho que você também me julgou mal."

— Como? — Sei que não vou gostar disso.

— Não vou lhe dar a mensagem que é para Cardan. Vai chegar a ele de outra forma, e vai ser em breve.

— Então você está desperdiçando o seu tempo e o meu — digo, irritada. Fui até lá, levei um tapa e senti medo por nada.

— Ah, tempo. Só é curto para você, mortal. — Ele assente para Vulciber. — Pode levá-la.

— Vamos — diz o guarda, me dando um empurrão nada delicado na direção da escada. Enquanto subo o primeiro degrau, olho para o rosto de Balekin, severo na tocha verde. Ele se parece demais com Cardan para o meu gosto.

Estou na metade do caminho quando a mão de alguém, dedos longos, surge entre grades e segura meu tornozelo. Levo um susto, escorrego, arranho a palma das mãos e bato os joelhos quando caio na escada. O velho ferimento da facada no meio da minha mão esquerda lateja de repente. Mal consigo me equilibrar para não escorregar até o pé da escada.

Ao meu lado está o rosto magro de uma feérica. Sua cauda envolve uma das arestas da grade. Chifres curtos se projetam para trás, acima da testa.

— Eu conheci sua Eva — diz ela, os olhos cintilando na penumbra. — Conheci sua mãe. Conheci muitos dos segredinhos dela.

Eu me levanto e subo a escada o mais rápido que consigo, meu coração mais disparado do que quando achei que fosse ter que lutar contra Vulciber na escuridão. Minha respiração está curta, ofegos rápidos que fazem doer meus pulmões.

No alto da escada, paro para secar no gibão as palmas que ardem e para tentar me controlar.

— Ah — digo para Vulciber quando minha respiração está um pouco mais calma. — Eu quase esqueci. O Grande Rei me deu um pergaminho de ordens. Há algumas mudanças em como ele deseja que o irmão seja tratado. Está lá fora, nos meus alforjes. Se você puder me seguir…

Vulciber olha com expressão de dúvida para o guarda que o mandou me guiar até Balekin.

— Vá rapidamente — diz a figura escura.

E, assim, Vulciber me acompanha pela porta grande da Torre do Esquecimento. Iluminadas pela lua, as rochas pretas brilham com um borrifo

de sal, uma cobertura cintilante, como de frutas cristalizadas. Tento me concentrar no guarda e não no som do nome da minha mãe, que não escuto há tantos anos que, por um momento, eu não soube por que era importante para mim.

Eva.

— Aquele cavalo só tem um arreio — percebe Vulciber, franzindo a testa para a égua preta amarrada à parede. — Mas você disse…

Eu perfuro o braço dele com um alfinete que deixo escondido no forro do gibão.

— Eu menti.

Dá um certo trabalho erguê-lo e colocá-lo nas costas da égua. Ela foi treinada com comandos militares familiares, inclusive para se ajoelhar, o que ajuda. Eu me mexo o mais depressa que consigo, por medo de um dos guardas vir dar uma olhada na gente, mas tenho sorte. Ninguém aparece antes de estarmos em movimento.

Outro motivo para ir de cavalo para Insweal: você nunca sabe o que pode querer levar embora.

CAPÍTULO

3

— Você está se moldando enquanto mestra espiã — diz Barata, olhando para mim e para o meu prisioneiro. — Isso precisa incluir ser astuta. Contar só com você mesma é uma boa forma de ser pega. Na próxima vez, leve um membro da guarda real. Leve um de nós. Leve um grupo de fadinhas ou um spriggan bêbado. Mas leve alguém.

— Ficar me vigiando é a oportunidade perfeita de enfiar uma faca nas minhas costas — eu lembro a ele.

— Palavras que poderiam ser do próprio Madoc — retruca Barata com uma fungada irritada do nariz longo e torto. Ele se senta à mesa de madeira da Corte das Sombras, o lar dos espiões dentro dos túneis debaixo do Palácio de Elfhame. Está queimando as pontas de flechas de bestas e as cobrindo com alcatrão grudento. — Se você não confia em nós, é só dizer. Nós fizemos um acordo, podemos fazer outro.

— Não foi isso que eu quis dizer — digo, apoiando a cabeça nas mãos por um longo momento. Eu confio neles. Não falaria tão abertamente se não confiasse, mas estou deixando minha irritação transparecer.

Estou sentada na frente do Barata, comendo queijo e pão com manteiga e maçãs. É a primeira coisa que como no dia, e minha barriga está fazendo ruídos famintos, outro lembrete da forma como meu corpo é diferente do deles. O estômago dos feéricos não gorgoleja.

Talvez a fome seja o motivo de eu estar sendo ríspida. Minha bochecha está ardendo, e apesar de eu ter virado a situação, a coisa foi mais por pouco do que

eu gostaria de admitir. Além do mais, ainda não sei o que Balekin queria dizer a Cardan.

Quanto mais exausta me permito ficar, mais escorrego. Os corpos humanos nos traem. Ficam famintos e cansados. Eu sei disso, mas sempre tem tanta coisa para fazer.

Ao nosso lado, Vulciber está sentado, amarrado numa cadeira e vendado.

— Quer queijo? — pergunto a ele.

O guarda grunhe com indiferença, mas puxa as amarras ao receber atenção. Ele está acordado há vários minutos, visivelmente preocupado quanto mais tempo passamos sem falar com ele.

— O que estou fazendo aqui? — grita, balançando a cadeira para a frente e para trás. — Me soltem!

A cadeira cai e o joga no chão, onde ele permance de lado. Ele começa a tentar lutar de verdade contra as cordas.

Barata dá de ombros, se levanta e puxa a venda do Vulciber.

— Saudações.

Bomba está do outro lado da sala, limpando as unhas com a faca longa de meia-lua. Fantasma está sentado em um canto, tão calado que, às vezes, parece não estar lá. Alguns outros recrutas novos estão olhando, interessados nos procedimentos: um garoto com asas de pardal, três spriggans e uma garota espectro. Não estou acostumada com plateia.

Vulciber encara Barata, a pele verde de goblin e os olhos com reflexo alaranjado, o nariz comprido e o único tufo de cabelo na cabeça. Ele observa o local.

— O Grande Rei não vai permitir isso — afirma.

Abro um sorriso triste.

— O Grande Rei não te conhece e há pouca chance de você contar para ele depois que eu cortar sua língua.

Ver o medo do soldado me enche de uma satisfação quase voluptuosa. Eu, que tive pouca autoridade na vida, preciso estar alerta contra esse sentimento. O poder sobe à minha cabeça muito rapidamente, como vinho feérico.

— Me deixe adivinhar — digo, me virando de costas na cadeira para olhar para ele com frieza calculada. — Você achou que poderia me bater e que não haveria consequências.

Ele se encolhe um pouco ao ouvir minhas palavras.

— O que você quer?

— Quem disse que eu quero uma coisa específica? — retruco. — Talvez só uma vingancinha…

Como se ensaiado, Barata puxa uma lâmina bem impressionante do cinto e a segura acima de Vulciber. Ele sorri para o guarda.

Bomba ergue o olhar das unhas, e um sorrisinho nos lábios se forma enquanto olha para Barata.

— Acho que o show vai começar.

Vulciber luta contra as amarras, a cabeça balançando de um lado para o outro. Ouço a madeira da cadeira rachar, mas ele não se solta. Depois de várias respirações pesadas, ele para.

— Por favor — sussurra.

Toco no queixo como se um pensamento tivesse acabado de me ocorrer.

— Ou você pode nos ajudar. Balekin queria fazer um acordo com Cardan. Você pode me contar sobre isso.

— Eu não sei de nada — diz ele com desespero.

— Que pena. — Dou de ombros, pego outro pedaço de queijo e enfio na boca.

Ele olha para Barata e a faca feia.

— Mas sei um segredo. Um que vale mais do que a minha vida e mais do que o que Balekin queria com Cardan. Se eu contar, você faz um juramento de que vou sair daqui ileso hoje?

Barata me olha e dou de ombros.

— Pode ser — diz. — Se o segredo for o que você alega e se você jurar nunca revelar que visitou a Corte de Sombras, nos conte e vamos libertá-lo.

— A Rainha Submarina — solta Vulciber, ansioso para falar agora. — O povo dela sobe pelas pedras à noite e sussurra para Balekin. Eles entram na Torre, apesar de não sabermos como, e deixam conchas e dentes de tubarão para ele. Mensagens estão sendo trocadas, mas não conseguimos decifrá-las. Há boatos de que Orlagh pretende romper o tratado com a terra e usar as informações que Balekin está fornecendo para arruinar Cardan.

De todas as ameaças ao reinado de Cardan, o Mundo Submarino não era uma que eu estivesse esperando. A Rainha Submarina tem uma única filha:

Nicasia, criada em terra e uma das amigas horríveis do Grande Rei. Assim como com Locke, Nicasia e eu temos história. Assim como com Locke, não é boa.

Mas achei que a amizade de Cardan com Nicasia significasse que Orlagh ficaria feliz por ele estar no trono.

— Na próxima vez que um contato desses acontecer — digo —, venha diretamente a mim. E se você ouvir qualquer outra coisa que possa me interessar, venha me contar.

— Não foi isso que combinamos — protesta Vulciber.

— Verdade — respondo. — Você nos contou uma história, uma história boa. Vamos deixar que vá embora hoje. Mas posso recompensá-lo melhor do que um príncipe assassino que não tem e nunca vai ter o favor do Grande Rei. Há posições melhores do que guarda da Torre do Esquecimento que podem ser suas. Há ouro. Há todas as recompensas que Balekin pode prometer, mas tem poucas chances de dar.

Ele me olha de um jeito estranho, provavelmente tentando avaliar se, considerando que ele me bateu e eu o envenenei, ainda é possível que sejamos aliados.

— Você é capaz de mentir — diz por fim.

— Eu garanto as recompensas — afirma Barata. Ele se estica e corta as amarras de Vulciber com a faca assustadora.

— Me prometa um posto de trabalho que não seja na Torre — pede Vulciber, esfregando os pulsos e se levantando — e obedecerei como se você fosse o próprio Grande Rei.

Bomba ri ao ouvir isso e dá uma piscadela na minha direção. Eles não sabem explicitamente que eu tenho o poder de dar ordens a Cardan, mas sabem que temos uma barganha que envolve que eu faça a maior parte do trabalho e que a Corte das Sombras aja diretamente para a Coroa, recebendo seu pagamento diretamente dela.

Estou fazendo o papel de Grande Rei no espetaculozinho dela, disse Cardan uma vez ao alcance dos meus ouvidos. Barata e Bomba riram; Fantasma, não.

Depois que Vulciber troca promessas conosco e Barata o leva vendado pelas passagens para fora do ninho, Fantasma se senta ao meu lado.

— Vamos lutar — propõe ele, pegando um pedaço de maçã do meu prato. — Queimar um pouco dessa raiva fervente.

Dou uma risadinha.

— Não seja debochado. Não é fácil manter a temperatura tão consistente.

— Nem tão alta — retruca ele, me observando com atenção com os olhos cor de mel. Sei que tem humanos na linhagem dele, vejo no formato das orelhas e no cabelo louro-acinzentado, incomum no Reino das Fadas. Mas Fantasma não me contou sua história, e ali, naquele lugar de segredos, não me sinto à vontade para perguntar.

Apesar de a Corte das Sombras não me seguir, nós quatro fizemos um juramento. Prometemos proteger a pessoa e a função do Grande Rei, para garantir a segurança e a prosperidade de Elfhame — por esperança de menos derramamento de sangue e mais ouro. Foi isso que juramos. Foi isso que eles me permitiram jurar, apesar de minhas palavras não me comprometerem como as deles, por magia. Estou comprometida pela honra e pela fé do grupo de que eu tenha honra.

— O próprio rei se reuniu com Barata três vezes na última quinzena. Ele está aprendendo a furtar sem as pessoas perceberem. Se não tomar cuidado, ele vai se tornar mais sorrateiro do que você. — Fantasma foi incluído na guarda pessoal do Grande Rei, o que permite que ele proteja Cardan ao mesmo tempo que conhece seus hábitos.

Eu suspiro. Está completamente escuro, e tenho muito a fazer antes do amanhecer. Mas é difícil ignorar o convite dele, que cutuca meu orgulho.

Principalmente agora, com os novos espiões ouvindo minha resposta. Nós recrutamos mais membros, que tinham perdido suas posições depois dos assassinatos reais. Cada príncipe e princesa tinha alguns espiões, e agora ficamos com todos. Os spriggans são desconfiados como gatos, mas excelentes em procurar escândalos. O garoto pardal é tão inexperiente quanto eu já fui. Eu gostaria que a Corte das Sombras em expansão acreditasse que não recuso um desafio.

— A dificuldade virá quando alguém tentar ensinar nosso rei a usar uma espada — digo, pensando nas frustrações de Balekin nessa área, na declaração de Cardan de que sua única virtude era a de não ser
assassino.

Uma virtude que não compartilho.

— Ah? — comenta Fantasma. — Acho que você vai ter que ensinar a ele.

— Vem — digo, me levantando. — Vamos ver se consigo ensinar a *você*.

Ao ouvir isso, Fantasma ri abertamente. Madoc me criou com a espada, mas até entrar para a Corte das Sombras, eu só conhecia um jeito de lutar. Fantasma estudou por mais tempo e conhece bem mais.

Eu o sigo até o Bosque Leitoso, onde abelhas de ferrão preto zumbem nas colmeias no alto de árvores de casca branca. Os homens-raízes estão dormindo. O mar bate nas margens rochosas da ilha. O mundo parece silencioso quando nos encaramos. Por mais cansada que eu esteja, meus músculos lembram melhor do que eu.

Puxo Cair da Noite. Fantasma vem para cima de mim rapidamente, a ponta da espada na direção do meu coração. Eu a afasto com um golpe, passando a lâmina pela lateral dele.

— Não tão sem prática quanto eu temia — diz Fantasma enquanto trocamos golpes, um testando o outro.

Não conto para ele dos treinamentos que faço na frente do espelho, assim como não conto todas as outras táticas que uso para tentar corrigir meus defeitos.

Como senescal do Grande Rei e verdadeira governante, tenho muito a aprender. Compromissos militares, mensagens de vassalos, demandas de todos os cantos de Elfhame escritas em várias línguas. Há apenas alguns meses eu ainda estava estudando, fazendo dever de casa para professores corrigirem. A ideia de que posso resolver qualquer coisa parece tão impossível quanto trançar palha para que vire ouro, mas todas as noites eu fico acordada até o sol estar alto no céu, me esforçando para fazer exatamente isso.

Esse é o problema de um governo marionete: não vai acontecer sozinho.

A adrenalina pode acabar não sendo uma boa substituta para a experiência.

Depois de me testar nos pontos básicos, Fantasma começa a luta real. Ele dança na grama com leveza, de forma que mal se ouve seus passos. Golpeia e golpeia de novo, com uma ofensiva vertiginosa. Reajo com desespero, todos os pensamentos voltados para aquilo, para a luta. Minhas preocupações somem ao fundo conforme minha atenção se apura. Até a exaustão some, como pétalas sopradas de um dente-de-leão.

É glorioso.

Nós trocamos golpes, para a frente e para trás, avançando e recuando.

— Você sente falta do mundo mortal? — pergunta Fantasma. Fico aliviada de descobrir que sua respiração não está saindo com tanta facilidade.

— Não. Eu mal fiquei lá.

Ele ataca de novo, a espada um peixe prateado cortando o mar da noite.

Observe a lâmina, não o soldado, disse Madoc muitas vezes. *O aço não engana*.

Nossas armas se chocam repetidamente enquanto andamos em círculo, um de frente para o outro.

— Você deve se lembrar de alguma coisa.

Penso no nome da minha mãe sussurrado pelas grades na Torre.

Ele finta para um lado e, distraída, percebo tarde demais o que está fazendo. A parte achatada de sua espada acerta meu ombro. Ele poderia ter cortado minha pele se não tivesse virado o golpe no último momento, mas ainda vai deixar um hematoma.

— Nada importante — digo, tentando ignorar a dor. Nada me impede de fazer o mesmo jogo de distrair. — Talvez suas lembranças sejam melhores do que as minhas. De que você se lembra?

Ele dá de ombros.

— Como você, eu nasci lá. — Ele golpeia e eu bloqueio a espada. — Mas as coisas eram diferentes cem anos atrás, acho.

Levanto as sobrancelhas e dou outro golpe, dançando para fora do alcance dele.

— Você foi uma criança feliz?

— Eu era mágico. Como poderia não ser feliz?

— *Mágico* — digo, e com uma virada da lâmina, um golpe do Madoc, faço a espada voar da mão do Fantasma.

Ele pisca para mim. Olhos cor de mel. Boca torta se abrindo em surpresa.

— Você…

— Melhorei? — digo, satisfeita o suficiente para não me importar com o ombro dolorido.

Parece uma vitória, mas, se estivéssemos lutando de verdade, o ferimento no ombro provavelmente teria tornado meu golpe final impossível. Ainda

assim, a surpresa dele me anima quase tanto quanto a minha vitória.

— É bom que Oak vá ter uma infância diferente da nossa — digo depois de um momento. — Longe da Corte. Longe de tudo isso.

Na última vez que vi meu irmãozinho, ele estava sentado à mesa no apartamento de Vivi, aprendendo multiplicação como se fosse uma brincadeira de charadas. Estava comendo queijo trançado. Rindo.

— *Quando o rei retornar* — diz Fantasma, citando uma balada —, *pétalas de rosas serão espalhadas no caminho dele e seus passos porão fim à ira*. Mas como seu Oak vai governar se ele tiver tão poucas lembranças do Reino das Fadas quanto temos do mundo mortal?

A euforia da vitória passa. Fantasma me dá um sorrisinho, como se para acabar com a dor provocada pelas palavras.

Vou até o riacho próximo e enfio as mãos na água, apreciando a corrente fria. Levo-a aos lábios e bebo com gratidão, sentindo gosto de agulhas de pinheiro e silte.

Penso em Oak. Uma criança feérica normal, nem particularmente atraída pela crueldade nem livre dela. Acostumado a ser mimado, acostumado a ser afastado das consternações por uma Oriana nervosa. Agora se acostumando a cereal açucarado e desenhos animados e uma vida sem traição. Penso na onda de prazer que senti pelo meu triunfo temporário sobre Fantasma, na emoção de ser o poder por trás do trono, na satisfação preocupante que senti ao deixar Vulciber nervoso. É melhor que Oak não desenvolva esses impulsos ou é impossível que ele governe sem os ter?

E agora que percebi em mim um gosto pelo poder, será que relutarei em abrir mão dele?

Passo as mãos molhadas pelo rosto e afasto esses pensamentos.

Só existe o agora. Só existe o amanhã e esta noite e agora e em breve e nunca.

Começamos a voltar, caminhando conforme o amanhecer vai deixando o céu dourado. Ao longe, ouço o grito de um cervo e o que parece um tambor.

Na metade do caminho, Fantasma inclina a cabeça em uma reverência parcial.

— Você me venceu hoje. Não vou deixar que aconteça novamente.

— Se você diz — respondo com um sorriso.

Quando retorno ao palácio, o sol está alto e só quero dormir. Mas, quando chego aos meus aposentos, encontro uma pessoa parada na porta.

Minha irmã gêmea, Taryn.

— Tem um hematoma surgindo na sua bochecha — avisa ela, as primeiras palavras que me diz em cinco meses.

CAPÍTULO

4

O cabelo de Taryn está decorado com um aro de louro e o vestido que está usando é marrom-claro, com fios dourados e verde entremeados. Ela se vestiu para acentuar as curvas dos quadris e do peito, ambos incomuns no Reino das Fadas, onde os corpos são magros a ponto de serem esqueléticos. As roupas têm um bom caimento e há algo de novo na postura de Taryn que também cai bem.

Ela é um espelho, refletindo alguém que eu poderia ter sido, mas não sou.

— Está tarde — digo meio desajeitada, destrancando a porta dos meus aposentos. — Eu não esperava que tivesse alguém acordado.

Já passa do alvorecer. O palácio todo está silencioso e deve ficar assim até a tarde, quando pajens começam a correr pelos corredores, e cozinheiros, a acender os fogos. Cortesãos só se levantam bem depois, quando está completamente escuro.

Por mais que eu quisesse vê-la, fico nervosa agora que Taryn está na minha frente. Ela deve querer alguma coisa para ter feito esse esforço de repente.

— Já estive aqui duas vezes — diz ela, me seguindo para dentro. — Você não estava. Desta vez, decidi esperar, mesmo que tivesse que ficar o dia inteiro na sua porta.

Acendo os abajures; apesar de estar claro do lado de fora, estou em um local profundo demais do palácio para ter janelas nos meus aposentos.

— Você está com a aparência ótima.

Ela descarta meu elogio rígido.

— Nós vamos brigar para sempre? Quero que você use uma coroa de flores e dance no meu casamento. Vivienne vem do mundo mortal. Vai trazer Oak. Madoc promete que não vai brigar com você. Por favor, diga que vai.

Vivi vai trazer Oak? Resmungo em pensamento e me pergunto se há alguma chance de convencê-la a não fazer isso. Talvez seja porque ela é minha irmã mais velha, mas às vezes é difícil fazer com que me leve a sério.

Eu afundo no sofá e Taryn faz o mesmo.

Penso novamente no enigma que é sua presença. Se devo exigir um pedido de desculpas ou se devo deixar isso tudo para trás, como ela obviamente deseja.

— Tudo bem — digo, cedendo. Senti demais sua falta para correr o risco de perdê-la de novo. Por sermos irmãs, vou tentar esquecer como foi beijar Locke. Por mim, vou tentar esquecer que ela sabia dos jogos que ele fez comigo quando já estavam envolvidos um com o outro.

Vou dançar no casamento da minha irmã, apesar de ter medo de parecer dançar sobre facas.

Ela enfia a mão na sacola que tem aos pés e tira meu gato e minha cobra de pelúcia.

— Aqui. Achei que você não fosse deixar isso para trás.

São relíquias da nossa antiga vida mortal, talismãs. Pego os dois e os aperto contra o peito, como poderia fazer com um travesseiro. Agora, ambos parecem lembretes de todas as minhas vulnerabilidades. Eles me fazem sentir uma criança brincando num jogo de adultos.

Eu a odeio um pouco por trazê-los.

Esses objetos são um lembrete do nosso passado compartilhado; um lembrete deliberado, como se ela não confiasse em mim para lembrar sozinha. Fazem com que eu sinta que todo o meu nervosismo foi exposto, mesmo quando estou me esforçando tanto para não sentir nada.

Como não falo por muito tempo, ela continua.

— Madoc também sente sua falta. Você sempre foi a favorita dele.

Dou uma risada debochada.

— Vivi é a herdeira dele. É a primogênita. A que ele foi procurar no mundo mortal. *Ela* é a favorita. E tem você, que mora na casa dele e não o traiu.

— Não estou dizendo que você *ainda* seja a favorita dele — diz Taryn com uma risada. — Se bem que ele sentiu um pouco de orgulho quando você o superou para botar Cardan no trono. Mesmo sendo burrice. Achei que você odiasse Cardan. Achei que nós duas o odiássemos.

— Eu odiava — digo, sem fazer muito sentido. — Odeio.

Ela me olha de um jeito estranho.

— Achei que você quisesse punir Cardan por tudo que ele fez.

Penso no horror que ele sentiu ao perceber o próprio desejo quando levei minha boca à dele, minha adaga na mão, o fio da lâmina em sua pele. No prazer profundo e corrosivo daquele beijo. Parecia que eu o *estava* punindo; a ele e a mim ao mesmo tempo.

Eu o odiei tanto.

Taryn está trazendo à tona todos os sentimentos que quero ignorar, tudo que quero fingir que não existe.

— Nós fizemos um acordo — falo, o que chega bem perto da verdade. — Cardan me deixa ser sua conselheira. Eu tenho uma posição e poder, e Oak está fora de perigo. — Quero contar o resto, mas não ouso. Ela poderia contar a Madoc, poderia até contar a Locke. Não posso compartilhar meus segredos com ela, nem para me gabar.

E admito que quero desesperadamente me gabar.

— E em troca você deu a ele a coroa do Reino… — Taryn está me olhando como se estivesse impressionada com a minha presunção. Afinal, quem era eu, uma garota mortal, para decidir quem ia se sentar no trono de Elfhame?

Nós conseguimos poder tomando-o.

Ela nem imagina como fui mais presunçosa que isso. *Eu roubei a Coroa do Reino das Fadas*, quero contar para ela. *O Grande Rei, Cardan, nosso antigo inimigo, está sob as minhas ordens*. Mas é claro que não posso dizer essas palavras. Às vezes, parece perigoso o simples ato de pensar nelas.

— Mais ou menos isso — digo.

— Deve ser um trabalho difícil ser conselheira de Cardan.

Ela olha para o quarto, me obrigando a enxergá-lo como ela enxerga. Eu fiquei com aqueles aposentos, mas não tenho criados além dos que servem ao palácio, que raramente permito que entrem. Tem xícaras de chá nas estantes,

pires no chão junto com pratos sujos de cascas de frutas e pão. Tem roupas espalhadas por onde as largo quando as tiro. Tem livros e papéis em todas as superfícies.

— Você está se desenrolando como se fosse um carretel. O que vai acontecer quando o fio acabar?

— Eu vou tecer mais — afirmo, me apropriando da metáfora.

— Me deixe ajudar — pede ela, se animando.

Eu levanto a sobrancelha.

— Você quer fiar?

Ela revira os olhos para mim.

— Ah, pare com isso. Posso fazer as coisas que você não tem tempo de fazer. Eu te observo na Corte. Você tem umas duas jaquetas boas. Posso trazer alguns vestidos e joias antigos… Madoc não repararia e, mesmo que reparasse, não se importaria.

Feéricos funcionam na base da dívida, promessas e obrigações. Por ter crescido nesse ambiente, entendo o que ela está oferecendo: um presente, uma recompensa em vez de um pedido de desculpas.

— Eu tenho *três* jaquetas.

Ela levanta as duas sobrancelhas.

— Bom, acho que está tudo resolvido então.

Não consigo deixar de imaginar por que ela veio agora, logo depois que Locke se tornou Mestre da Esbórnia. E com ela ainda na casa de Madoc, fico pensando onde estão as suas lealdades políticas.

Tenho vergonha desses pensamentos. Não quero pensar em Taryn da mesma forma que tenho que pensar em todo mundo. Ela é minha irmã gêmea; senti falta dela e torci para que viesse. Agora, ela veio.

— Tudo bem. Se quiser trazer minhas coisas antigas, seria ótimo.

— Que bom! — Taryn se levanta. — E você devia reconhecer o ato enorme de tolerância que foi para mim não perguntar de onde você veio hoje nem como se machucou.

Ao ouvir isso, meu sorriso é imediato e real.

Ela estica um dedo para fazer carinho no corpo macio da minha cobra de pelúcia.

— Eu te amo, sabe. Assim como sua cobra, a sra. Sibila. E nenhum de nós quer ficar para trás.

— Boa noite — falo, e quando Taryn beija minha bochecha machucada, dou um abraço breve e forte nela.

Quando ela vai embora, aconchego meus bichos de pelúcia ao meu lado no tapete. Eles já foram um lembrete de que havia uma época antes do Reino das Fadas, quando as coisas eram normais. Eles já foram um consolo para mim. Dou uma última olhada neles e, um a um, os jogo no fogo.

Não sou mais criança e não preciso de consolo.



Quando termino, enfileiro frascos cintilantes de vidro na minha frente.

Mitridatismo é como se chama o processo no qual se toma um pouquinho de veneno para se imunizar caso eventualmente tome uma dose completa. Comecei um ano atrás, outra forma de corrigir meus defeitos.

Ainda há efeitos colaterais. Meus olhos brilham demais. As meias-luas nas minhas unhas estão azuladas, como se meu sangue não recebesse oxigênio suficiente. Meu sono é estranho, cheio de sonhos vívidos demais.

Uma gota do líquido vermelho-sangue do cogumelo amanita, que causa paralisia potencialmente letal. Uma pétala de docemorte, que pode provocar um sono que dura cem anos. Uma fatia de baga-fantasma, que faz o sangue acelerar e induz uma espécie de loucura antes de fazer o coração parar. E uma semente de maçã-eterna, *fruta de fada*, que confunde a mente dos mortais.

Fico tonta e meio enjoada quando o veneno chega ao meu sangue, mas ficaria ainda mais enjoada se pulasse uma dose. Meu corpo se acostumou e agora deseja o que deveria repudiar.

Uma boa metáfora para outras coisas.

Engatinho até o sofá e me deito lá. Quando faço isso, as palavras de Balekin voltam com tudo: *Ouvi que, para os mortais, a sensação de se apaixonar é bem parecida com a de medo. Seu coração bate mais rápido. Seus sentidos ficam apurados. Você fica desnorteada, talvez até tonta. É assim mesmo?*

Não tenho certeza se durmo, mas sei que sonho.

CAPÍTULO
5

Estou agitada, enrolada em cobertores e papéis e pergaminhos no tapete na frente da lareira, quando Fantasma me acorda. Meus dedos estão manchados de tinta e cera. Olho ao redor, tentando lembrar quando acordei, o que estava escrevendo e para quem.

Barata está parado na abertura da passagem secreta que leva aos meus aposentos, me observando com os olhos reflexivos e nada humanos.

Minha pele está suada e fria. Meu coração está disparado.

Ainda sinto gosto de veneno, amargo e enjoativo, na língua.

— Ele está aprontando de novo — diz Fantasma.

Não preciso perguntar de quem ele está falando. Posso ter enganado Cardan para usar a coroa, mas ainda não aprendi o truque de fazê-lo se comportar como um rei.

Enquanto eu estava fora, coletando informações, ele estava com Locke. Eu sabia que teria problemas.

Esfrego o rosto com a base calejada da mão.

— Estou acordada.

Ainda com a roupa da noite anterior, visto a jaqueta e torço pelo melhor. Entro no quarto, penteio o cabelo, prendo com um pedaço de couro e cubro tudo com um boné de veludo.

Barata franze a testa para mim.

— Você está amassada. Sua Majestade não deve andar por aí com uma senescal que parece que acabou de cair da cama.

— Val Moren passou uma década com gravetos no cabelo — lembro a ele, pegando algumas folhas de menta parcialmente desidratadas do armário e mastigando para tirar o gosto ruim da boca. O senescal do último Grande Rei era mortal, como eu, gostava de profecias não muito confiáveis e era considerado louco. — Provavelmente os *mesmos* gravetos.

Barata limpa a garganta.

— Val Moren é poeta. As regras são diferentes para poetas.

Eu o ignoro e sigo Fantasma pela passagem secreta que leva ao coração do palácio, parando apenas para verificar se minhas facas ainda estão guardadas nas dobras da roupa. Os passos de Fantasma são tão silenciosos que, quando não há luz suficiente para meus olhos humanos enxergarem, é como se eu estivesse completamente sozinha.

Barata não nos segue. Vai na direção oposta com um grunhido.

— Aonde estamos indo? — pergunto à escuridão.

— Para os aposentos *dele* — diz Fantasma quando saímos em um corredor, com uma escada embaixo de onde Cardan dorme. — Houve algum tipo de confusão.

Tenho dificuldade de imaginar que confusão o Grande Rei pode ter arrumado dentro dos próprios aposentos, mas não demoro a descobrir. Quando chegamos, vejo Cardan deitado no meio dos destroços dos móveis. Cortinas arrancadas dos trilhos, molduras de quadros rachadas, as telas chutadas. Tem uma pequena fogueira em um canto e tudo fede a fumaça e vinho derramado.

E ele não está sozinho. Em um sofá próximo vejo Locke e dois feéricos lindos, um garoto e uma garota, um com chifres de carneiro e a outra com orelhas compridas com pontas peludas, como as de uma coruja. Todos estão em estado avançado de nudez e embriaguez. Eles veem o quarto pegar fogo com uma espécie de fascinação sombria.

Os criados estão no corredor, sem saber se devem correr o risco de arrumar tudo e gerar fúria no rei. Até os guardas parecem intimidados. Ficam parados com constrangimento no corredor, do lado de fora das portas enormes, uma se soltando das dobradiças, prontos para proteger o Grande Rei de qualquer ameaça que não seja ele mesmo.

— Card… — Percebo o que vou dizer e faço uma reverência. — Sua Majestade *Infernal*.

Ele se vira e, por um momento, parece olhar através de mim, como se não tivesse ideia de quem sou. Sua boca está dourada e as pupilas estão dilatadas pela intoxicação. Mas seus lábios se curvam numa expressão familiar de desprezo.

— Você.

— Sim — digo. — Eu.

Ele faz sinal com um odre.

— Tome alguma coisa.

A camisa de caça de linho com mangas amplas está aberta. Os pés estão descalços. Acho que eu devia estar feliz por ele estar de calça.

— Não tenho cabeça para bebida, meu senhor — digo com sinceridade total, apertando os olhos num aviso.

— Não sou seu rei? — pergunta ele, me desafiando a contrariá-lo. A recusar. Obedientemente, porque estamos diante outras pessoas, pego o odre e o encosto nos lábios fechados para fingir dar um longo gole.

Percebo que ele não se deixa enganar, mas não fala nada.

— Todas as outras pessoas podem nos deixar. — Indico os feéricos no sofá, inclusive Locke. — Vocês. Fora. Agora.

Os dois que não conheço se viram para Cardan com expressão de súplica, mas ele mal parece notá-los e não contraria minha ordem. Depois de um momento, eles se soltam do abraço e saem pela porta quebrada.

Locke demora mais para se levantar. Ele sorri para mim quando passa, um sorriso insinuante que não consigo acreditar que já achei encantador. Ele me olha como se tivéssemos segredos, apesar de não termos. Nós não temos nada.

Penso em Taryn esperando nos meus aposentos quando esse festejo estava começando. Queria saber se ela ouviu. Queria saber se está acostumada a ficar acordada até tarde com Locke, vendo as coisas pegarem fogo.

Fantasma balança a cabeça de cabelos claros para mim, os olhos brilhando e achando graça. Ele está usando o uniforme do palácio. Para os cavaleiros no corredor e para qualquer pessoa que possa estar olhando, ele é só mais um integrante da guarda pessoal do Grande Rei.

— Vou cuidar para que todo mundo fique onde deve estar — diz Fantasma, saindo pela porta e dando o que parecem ser ordens para os outros cavaleiros.

— E então? — digo, olhando ao redor.

Cardan dá de ombros e se senta no sofá agora desocupado. Pega um tufo de enchimento de pelo de cavalo que está saindo do tecido rasgado. Todos os movimentos são lânguidos. Parece perigoso deixar o olhar nele por muito tempo, como se Cardan fosse tão pervertido a ponto de ser contagioso.

— Tive mais convidados — diz ele, como se fosse uma explicação. — Foram embora.

— Nem imagino o porquê — respondo com a voz mais seca que consigo.

— Eles me contaram uma história — continua Cardan. — Quer ouvir? Era uma vez uma garota humana que foi roubada por feéricos, e, por causa disso, ela jurou destruí-los.

— Uau. Isso é mesmo testemunho do rei péssimo que você é, se acredita que seu reinado é capaz de destruir o Reino das Fadas.

Mesmo assim, as palavras me irritam. Não quero que meus motivos sejam questionados. Eu não devia ser vista como influente. Ninguém devia pensar em mim.

Fantasma volta do corredor e empurra a porta contra a moldura, fechando-a tanto quanto possível. Seus olhos cor de mel estão sombrios.

Eu me viro para Cardan.

— Não foi por causa dessa historinha que fui chamada. O que houve?

— Isto — aponta ele, e cambaleia para o quarto com a cama dentro. Lá, enfiadas profundamente na madeira lascada da cabeceira, há duas flechas pretas.

— Você está com raiva por um dos seus convidados ter disparado na sua cama? — palpito.

Cardan ri.

— Não estavam mirando na cama. — Ele abre a camisa e vejo o buraco no tecido e um arranhão em carne viva na lateral do corpo.

Minha respiração para.

— Quem fez isso? — pergunta Fantasma. E, ao olhar com mais atenção para Cardan: — E por que os guardas lá fora não estão mais agitados? Eles não

estão se comportando como se tivessem falhado na hora de impedir uma tentativa de assassinato.

Cardan dá de ombros.

— Acho que os guardas pensam que eu estava disparando nos meus convidados.

Dou um passo mais para perto e reparo em algumas gotas de sangue em uma das almofadas. Há algumas flores brancas espalhadas, e parecem sair do tecido.

— Mais alguém foi alvejado?

Ele assente.

— A flecha acertou a perna dela, e ela gritou, mas não falou nada que fizesse muito sentido. Por isso podem ter concluído que disparei quando não tinha ninguém por perto. Quem realmente disparou voltou pelas paredes. — Ele aperta os olhos para Fantasma e para mim e inclina a cabeça, uma acusação ardendo no olhar. — Parece haver algum tipo de passagem secreta.

O Palácio de Elfhame foi construído dentro de um morro, com os antigos aposentos do Grande Rei Eldred no centro, as paredes cobertas de raízes e trepadeiras em flor. Toda Corte supôs que Cardan iria para lá, mas ele foi para o lugar mais distante possível deles, para o pico do morro, com painéis de cristal na terra como janelas. Antes da coroação, os aposentos pertenciam aos menos favorecidos do lar real. Agora, os residentes do palácio tentam se reorganizar para ficarem mais perto do novo Grande Rei. E os aposentos de Eldred, abandonados e grandiosos demais para qualquer outra pessoa querer ocupar por direito, permanecem vazios.

Só sei de umas poucas entradas nos aposentos de Cardan: uma janela grande e única de vidro grosso enfeitiçada para nunca quebrar, um par de portas duplas e, aparentemente, uma passagem secreta.

— Não está no mapa de túneis que tenho — digo.

— Ah.

Não sei se ele acredita em mim.

— Você viu quem disparou em você? E por que não contou aos seus próprios guardas o que realmente aconteceu? — pergunto.

Ele me olha com exasperação.

— Vi uma mancha preta. E quanto ao motivo de eu não ter explicado para os guardas: eu estava protegendo você e a Corte das Sombras. Achei que vocês não iam querer a guarda real nas suas passagens secretas.

Não tenho resposta para isso. O mais perturbador sobre Cardan é como ele banca bem o bobo para disfarçar sua própria inteligência.

Em frente à cama há um armário embutido na parede, que a ocupa toda. Tem uma face de relógio pintada na frente, com constelações em vez de números. Os ponteiros do relógio estão apontados para uma configuração de estrelas, profetizando uma amante particularmente amorosa.

Dentro, parece só um armário cheio com as roupas de Cardan. Eu as jogo no chão em uma pilha de veludo, cetim e couro. Da cama, Cardan faz um som de consternação fingida.

Encosto o ouvido no fundo de madeira e procuro ouvir o assobio do vento e sentir uma corrente de ar. Fantasma faz o mesmo do outro lado. Os dedos dele encontram um trinco e uma porta fina se abre.

Apesar de saber que o palácio era cheio de passagens, eu jamais teria sonhado que havia uma no quarto de Cardan. Por outro lado… eu deveria ter revistado cada centímetro da parede. Podia ao menos ter pedido a um dos espiões para fazer isso. Mas não queria ficar sozinha com Cardan.

— Fique com o rei — digo para Fantasma, então pego uma vela e vou para a escuridão além da parede, evitando ficar sozinha com ele novamente.

A iluminação do túnel é fraca, feita por mãos douradas segurando tochas que ardem com chamas verdes sem fumaça. O piso de pedra é coberto por um tapete puído, um detalhe estranhamente decorativo para uma passagem secreta.

Depois de alguns metros, encontro a besta. Não é a arma compacta que carrego. É enorme, com mais da metade do meu tamanho, e foi arrastada até ali; vejo como o tapete está bagunçado, indicando a direção de onde veio.

Quem disparou fez isso dali.

Pulo por cima da arma e sigo em frente. Eu esperaria que uma passagem daquelas tivesse várias ramificações, mas não tem nenhuma. Inclina-se para baixo às vezes, como uma rampa, e faz curvas, mas só tem uma direção: em frente. Ando cada vez mais rápido, a mão protegendo a chama da vela para que não apague.

Chego a uma placa de madeira pesada com o brasão real entalhado, o mesmo que tem no anel de Cardan.

Dou um empurrão e a placa se move sobre um trilho. Tem uma estante de livros do outro lado.

Até o momento, só ouvi histórias sobre a imponência dos aposentos do Grande Rei Eldred no coração do palácio, no alto de tudo, os grandes galhos do próprio trono atravessando as paredes. Apesar de nunca ter visto o quarto antes, as descrições tornam impossível pensar que estou em qualquer outro lugar.

Ando pelos aposentos enormes de Eldred, a vela na mão e uma faca na outra.

Sentada na cama do Grande Rei, o rosto coberto de lágrimas, está Nicasia.

A filha de Orlagh, a Princesa Submarina, criada na Corte do Grande Rei como parte de um tratado de paz de décadas entre Orlagh e Eldred. Nicasia já foi integrante do grupinho formado por Cardan e seus amigos mais próximos e mais horríveis. Ela também era o amor dele, até traí-lo com Locke. Eu não a vejo ao lado de Cardan com tanta frequência desde que ele ascendeu ao trono, mas ignorá-la não parece uma ofensa digna de morte.

Foi sobre isso que Balekin cochichou com o Reino Submarino? É assim que Cardan seria destruído?

— *Você*?! — grito. — *Você* disparou contra Cardan?

— Não conta para ele! — Ela me olha, furiosa, e seca os olhos. — E guarda essa faca.

Nicasia está usando um roupão bordado com uma fênix amarrado em volta do corpo. Três brincos cintilam nas orelhas, subindo até as pontas azuladas com membranas. O cabelo está mais escuro desde a última vez que a vi. Sempre era das muitas cores do mar, mas agora está o mar em uma tempestade, um preto-esverdeado profundo.

— Você está louca? — continuo. — Tentou assassinar o Grande Rei.

— Não tentei — diz ela. — Eu juro. Só queria matar a garota que estava com ele.

Por um momento, fico perplexa demais pela crueldade e indiferença com que ela confessa uma coisa dessas.

Dou outra olhada em Nicasia, no roupão que ela está segurando bem fechado. Com as palavras ecoando na mente, tenho uma ideia repentina e clara do que aconteceu.

— Você pensou em surpreendê-lo no quarto.

— Sim.

— Mas ele não estava sozinho… — digo, torcendo para ela terminar a história.

— Quando vi a besta na parede, não pareceu que seria tão difícil mirar — explica, esquecendo a parte sobre arrastar a arma pela passagem, apesar de ser pesada e desajeitada e a tarefa não ser fácil. Fico imaginando a raiva que ela estava sentindo, sem pensar em meio a tanta fúria.

Claro que talvez Nicasia estivesse pensando bem claramente.

— É traição, sabia? — digo em voz alta. Percebo que estou tremendo. São os efeitos de acreditar que alguém tentou assassinar Cardan, de perceber que ele podia ter morrido. — Você será executada. Vão fazer você dançar até a morte com sapatos de ferro aquecidos como atiçadores. Você vai ter sorte se for mandada para a Torre do Esquecimento.

— Eu sou a Princesa Submarina — diz ela com arrogância, mas vejo o choque em seu rosto quando minhas palavras são registradas. — Estou isenta das leis da terra. Além do mais, eu já falei que não estava mirando nele.

Agora eu entendo os piores comportamentos dela na escola: Nicasia achava que não podia ser punida.

— Você já usou uma besta alguma vez na vida? — pergunto. — Você colocou a vida dele em risco. Ele podia ter morrido. Sua idiota, *ele podia ter morrido*.

— Já falei… — ela começa a se repetir.

— Sim, sim, o pacto entre o mar e a terra — digo, interrompendo-a, ainda furiosa. — Mas acontece que sei que sua mãe tem a intenção de violar o tratado. Ela vai dizer que foi entre a Rainha Orlagh e o Grande Rei Eldred, não entre a Rainha Orlagh e o Grande Rei Cardan. Não está mais valendo. O que quer dizer que não vai proteger você.

Ao ouvir isso, Nicasia me olha boquiaberta. Com medo pela primeira vez.

— Como você sabia disso?

Eu não tinha certeza, penso. *Agora tenho*.

— Vamos supor que eu saiba de tudo — digo. — Tudo. Sempre. Mas estou disposta a fazer um acordo com você. Vou dizer a Cardan e aos guardas e a todo mundo que o atirador escapou, mas só se você fizer uma coisa para mim.

— Sim — aceita ela, antes que eu explique as condições e deixando bem claro o tamanho do desespero. Por um momento, um desejo de vingança surge em mim. Houve uma época em que ela ria da minha humilhação. Agora, eu poderia me gabar da sua.

Poder é assim, o poder puro e irrestrito. É *ótimo*.

— Me conte o que Orlagh está planejando — digo, afastando esses pensamentos.

— Achei que você já soubesse — responde ela com mau humor, se movendo para se levantar da cama, uma das mãos ainda segurando o roupão. Imagino que ela esteja usando bem pouco por baixo, isso se estiver vestindo alguma coisa.

Você devia só ter entrado, tenho uma vontade repentina de dizer para ela. *Devia ter dito para ele esquecer a outra garota. Talvez ele tivesse feito isso*.

— Você quer comprar meu silêncio ou não? — pergunto, me sentando na beirada das almofadas. — Nós temos pouco tempo até que alguém venha me procurar. Se você for vista, vai ser tarde demais para negar qualquer coisa.

Nicasia dá um suspiro longo e sofrido.

— Minha mãe diz que ele é um rei jovem e fraco, que deixa que outros o influenciem demais. — Com isso, ela me olha com uma expressão dura. — Ela acredita que ele vá ceder às exigências dela. Se ele ceder, nada vai mudar.

— E se não ceder…?

Ela levanta o queixo.

— A trégua entre terra e mar vai acabar e quem vai sofrer é a terra. As Ilhas de Elfhame vão afundar nas ondas.

— E depois? — pergunto. — É improvável que Cardan fique com você se sua mãe inundar tudo aqui.

— Você não entendeu. Ela quer que ele se case comigo. Quer que eu seja rainha.

Fico tão surpresa que, por um momento, só fico olhando para Nicasia, sufocando uma espécie de gargalhada louca e apavorada.

— Você *disparou* contra ele.

O olhar que ela lança para mim vai além do ódio.

— Bom, você assassinou Valerian, não foi? Eu o vi na noite em que ele desapareceu, e ele estava falando sobre você, falando sobre se vingar porque você o esfaqueou. As pessoas disseram que ele morreu na coroação, mas acho que não foi bem assim.

O corpo de Valerian está enterrado na propriedade de Madoc, ao lado do estábulo, e se tivesse sido descoberto, eu já teria ouvido falar. Ela está conjecturando.

E se eu matei? Sou a mão direita do Grande Rei do Reino das Fadas. Ele pode perdoar todos os meus crimes.

Ainda assim, a lembrança traz de volta o pavor de lutar pela minha vida. E me lembra como ela teria sentido prazer com a minha morte, da mesma forma que sentia prazer com tudo que Valerian fazia ou tentava fazer comigo. Assim como sentia prazer no ódio de Cardan.

— Da próxima vez que você *me* pegar cometendo traição, pode me obrigar a te contar os *meus* segredos — digo. — Mas agora eu quero ouvir o que sua mãe pretende fazer com Balekin.

— Nada — responde Nicasia.

— E eu achando que os feéricos não podiam mentir.

Nicasia anda pelo quarto. Ela está calçando chinelos com pontas curvadas para cima, como brotos de samambaia.

— Não estou mentindo! Minha mãe acredita que Cardan vai concordar com os termos dela. Só está bajulando Balekin. Ela deixa que ele acredite que é importante, mas ele não vai ser. Não vai.

Tento montar a história.

— Porque ele é o plano alternativo dela se Cardan se recusar a casar com você.

Minha mente está girando com a certeza de que, antes de qualquer coisa, não posso permitir que Cardan se case com Nicasia. Se ele fizer isso, vai ser impossível tirar os dois do trono. Oak jamais governaria.

Eu perderia tudo.

Ela aperta os olhos.

— Já contei o suficiente.

— Você acha que ainda estamos fazendo algum tipo de jogo — sugiro.

— Tudo é um jogo, Jude — declara ela. — Você sabe disso. E agora é sua vez. — Com essas palavras, ela vai na direção das portas enormes e abre uma. — Vá contar se quiser, mas saiba disto: alguém em quem você confia já te traiu. — Ouço a batida dos chinelos dela na pedra e a batida pesada da madeira na moldura.

Meus pensamentos estão confusos quando volto pela passagem. Cardan está me esperando na sala principal dos aposentos dele, reclinado em um sofá e com uma expressão astuta no rosto. Sua camisa ainda está aberta, mas tem um curativo cobrindo o ferimento. Uma moeda dança em seus dedos; reconheço o truque como sendo um dos de Barata.

Alguém em quem você confia já te traiu.

Parado ao lado da guarda pessoal do Grande Rei, junto à porta destruída, Fantasma me olha. Ele chama minha atenção.

— E então? — pergunta Cardan. — Descobriu algo sobre meu quase assassino?

Balanço a cabeça, sem conseguir transformar a mentira em palavras. Olho para os aposentos destruídos. Não tem como aquele lugar ser seguro, além de estar fedendo a fumaça.

— Venha — digo, segurando o braço de Cardan e o puxando para que se levante. — Você não pode dormir aqui.

— O que aconteceu com a sua bochecha? — pergunta ele, o olhar meio embaçado focando em mim. Ele está tão perto que vejo os cílios compridos, o aro dourado em volta da íris preta.

— Nada.

Ele me deixa escoltá-lo até o corredor. Quando chegamos lá, Fantasma e os outros guardas ficam imediatamente em posição de sentido.

— Descansar — diz Cardan com um movimento da mão. — Minha senescal vai me levar a algum lugar. Não se preocupem. Sei que ela tem algum tipo de plano.

Os guardas formam fila atrás de nós, alguns de cenho franzido, enquanto o levo, meio que à força, para os meus aposentos. Odeio levá-lo para lá, mas não vou confiar na segurança de Cardan em nenhum outro lugar.

Ele olha ao redor impressionado, observando a bagunça.

— Onde… Você dorme mesmo aqui? Acho que você devia pensar em atear fogo no seu quarto também.

— Talvez — digo, guiando-o até minha cama. É estranho colocar a mão em suas costas. Sinto o calor da pele de Cardan pelo linho fino da camisa, sinto a contração dos músculos.

Parece errado tocá-lo como se ele fosse uma pessoa comum, como se não fosse o Grande Rei e também meu inimigo.

Ele não precisa de encorajamento para se esparramar no meu colchão, a cabeça no travesseiro, o cabelo preto se espalhando como penas de corvo. Cardan me olha com os olhos da cor da noite, lindos e terríveis ao mesmo tempo.

— Por um momento, me perguntei se não era você disparando flechas em mim.

Faço uma careta.

— E o que fez você decidir que não era?

Ele sorri.

— A pessoa errou.

Eu já falei que ele tem o poder de fazer um elogio que magoa. Ele também consegue dizer uma coisa que deveria ser insultante de uma forma que parece que estou sendo vista de verdade.

Nossos olhares se encontram e algo perigoso faísca.

Ele te odeia, lembro a mim mesma.

— Me beija de novo — pede ele, bêbado e tolo. — Me beija até eu ficar cansado do seu beijo.

Sinto as palavras dele, sinto-as como um chute na barriga. Ele vê minha expressão e ri, uma risada cheia de deboche. Não sei de quem ele está rindo.

Ele te odeia. Mesmo te querendo, ele te odeia.

Pode ser que ele te odeie ainda mais por isso.

Depois de um momento, Cardan fecha os olhos. A voz vira um sussurro, como se estivesse falando sozinho.

— Se você é a doença, acho que não pode ser a cura também.

Ele pega no sono, mas eu estou bem acordada.

CAPÍTULO
6

Durante toda a manhã, fico sentada em uma cadeira inclinada, encostada em uma parede do meu quarto. A espada do meu pai está no meu colo. Minha mente fica repassando as palavras de Nicasia.

Você não entendeu. Ela quer que ele se case comigo. Quer que eu seja rainha.

Apesar de eu estar do outro lado do quarto, meu olhar fica se desviando para a cama e para o garoto dormindo lá.

Os olhos pretos fechados, o cabelo escuro espalhado no meu travesseiro. No começo, ele pareceu não conseguir relaxar, ficava enrolando os pés no lençol, mas a respiração acabou ficando mais leve e os movimentos também. Ele continua tão ridiculamente lindo quanto sempre foi, a boca macia, os lábios meio abertos, os cílios tão compridos que tocam a face quando os olhos estão fechados.

Estou acostumada com a beleza de Cardan, mas não com sua vulnerabilidade. É inquietante vê-lo sem as roupas extravagantes, sem a língua ácida e o olhar malicioso como armadura.

Durante os cinco meses que se passaram do nosso acordo, tentei prever o pior. Dei ordens para impedi-lo de me evitar, me ignorar ou se livrar de mim. Pensei em regras para impedir que mortais fossem enganados para oferecerem anos de servidão e o fiz proclamá-las.

Mas nunca parece suficiente.

Lembro-me de andar com ele pelos jardins do palácio ao anoitecer. As mãos de Cardan estavam unidas nas costas e ele parou para cheirar o núcleo

enorme de uma rosa branca com bordas escarlate, pouco antes de ela se fechar no ar. Ele sorriu e ergueu uma sobrancelha para mim, mas fiquei nervosa demais para sorrir.

Atrás dele, na extremidade do jardim, havia seis cavaleiros, sua guarda pessoal, à qual Fantasma já tinha sido designado.

Apesar de eu ter repassado várias vezes o que estava prestes a dizer, ainda me senti a tola que acredita que pode transformar um desejo em doze se usar as palavras certas.

— Vou te dar ordens.

— Ah, vai — falou ele. Na testa, a coroa dourada de Elfhame captou a luz do crepúsculo.

Respirei fundo e comecei:

— Você nunca vai me negar uma audiência nem vai dar ordens que me mantenham longe de você.

— Por que eu ia querer que você saísse do meu lado? — perguntou Cardan, a voz seca.

— E você nunca pode mandar me prender, aprisionar ou matar — continuei, ignorando-o. — Nem ferir. Nem mesmo deter.

— Que tal mandar um criado botar uma pedrinha bem afiada na sua bota? — A expressão de Cardan estava irritantemente séria.

Dei a ele o que esperava que fosse um olhar fulminante.

— Você também não pode erguer a mão para mim.

Ele fez um gesto no ar, como se tudo aquilo fosse ridiculamente óbvio, como se dar a ele as ordens em voz alta fosse um ato de má-fé.

Eu prossegui com obstinação.

— Todas as noites você vai me receber nos seus aposentos antes do jantar e vamos discutir política. E se souber de algum mal arquitetado contra mim, você tem que me avisar. Você deve tentar impedir que qualquer pessoa adivinhe como controlo você. E por mais que odeie ser o Grande Rei, você tem que fingir o contrário.

— Eu não odeio — respondeu, olhando para o céu.

Eu me virei para ele, surpresa.

— Como assim?

— Eu não odeio ser o Grande Rei — repetiu ele. — Nem sempre. Achei que odiaria, mas não odeio. Entenda isso como quiser.

Fiquei nervosa, porque era bem mais fácil quando eu sabia que ele não era só inadequado, mas também desinteressado em governar. Sempre que olhava para a Coroa de Sangue na cabeça de Cardan, eu tinha que fingir que ela não estava lá.

A rapidez com que ele convenceu os nobres de seu direito de governá-los não ajudou em nada. Sua reputação de crueldade os deixava com medo de irritá-lo. Sua posição fazia com que eles acreditassem que todos os prazeres eram possíveis.

— Então você gosta de ser meu peão? — provoquei.

Ele deu um sorriso preguiçoso, como se não se incomodasse com a isca.

— Por enquanto.

Apertei o olhar.

— Por bem mais do que isso.

— Você ganhou um ano e um dia — disse ele. — Mas muita coisa pode acontecer em um ano e um dia. Me dê todas as ordens que quiser, mas você nunca vai pensar em tudo.

Houve uma época em que eu o deixava abalado, despertava sua raiva e destruía seu autocontrole, mas de alguma forma o jogo virou. Todos os dias depois disso eu senti o terreno escorregadio.

Enquanto olho para ele agora, deitado na minha cama, me sinto mais abalada do que nunca.



Barata entra no quarto no fim da tarde. No ombro dele está a coruja com cara de duende, antes mensageira de Dain, agora mensageira da Corte das Sombras. É chamada de Boca-de-Leão, mas não sei se é codinome.

— O Conselho Vivo quer ver você — diz Barata. Boca-de-Leão pisca seus olhos pretos e sonolentos para mim.

Solto um gemido.

— Na verdade — diz ele, indicando a cama —, quem eles querem ver é *ele*, mas é você que eles podem mandar chamar.

Eu me levanto e me espreguiço. Prendo a bainha e vou para a antecâmara, para não acordar Cardan.

— Como está Fantasma?

— Descansando — diz Barata. — Há muitos boatos correndo sobre a noite de ontem, até mesmo entre a guarda do palácio. As fofocas começam a tecer suas teias.

Vou para o banheiro me lavar. Gargarejo com água salgada e esfrego o rosto e as axilas com um pano besuntado de sabonete de verbena e limão. Desembaraço os nós dos cabelos, exausta demais para conseguir fazer qualquer coisa mais complicada do que isso.

— Acho que você já verificou a passagem — grito.

— Verifiquei — afirma Barata. — E entendo por que não estava em nenhum dos seus mapas. Não tem ligação com as outras passagens em nenhum ponto. Nem sei se foi construída na mesma época.

Penso na pintura do relógio e das constelações. Nas estrelas profetizando uma amante amorosa.

— Quem dormia lá antes de Cardan? — pergunto.

Barata dá de ombros.

— Vários feéricos. Ninguém que chamasse atenção. Convidados da Coroa.

— Amantes — digo, finalmente juntando as peças. — As amantes do Grande Rei que não eram consortes.

— Ah. — Barata indica Cardan com um movimento de queixo na direção do meu quarto. — E aquele foi o lugar que o *nosso* Grande Rei escolheu para dormir? — Barata me lança um olhar significativo, como se eu devesse saber a resposta para esse enigma, quando eu nem tinha percebido que era um enigma.

— Não sei — digo.

Ele balança a cabeça.

— É melhor você ir logo para a reunião do Conselho.

Não posso dizer que não é um alívio saber que, quando Cardan acordar, eu não estarei presente.

CAPÍTULO
7

O Conselho Vivo foi criado durante a época de Eldred, principalmente para ajudar o Grande Rei a tomar decisões, e acabou virando um grupo difícil de se opor. Não é que os ministros tenham poder individual, embora muitos sejam formidáveis por si só, mas, como grupo, eles têm a autoridade de tomar muitas decisões menores em relação à administração do reino. O tipo de decisões menores que, se reunidas, poderiam até limitar um rei.

Depois da coroação interrompida e do assassinato da família real, depois da irregularidade com a Coroa, o Conselho está com dúvidas em relação à juventude de Cardan e confuso com minha ascensão ao poder.

Boca-de-Leão me leva até a reunião, que acontece em volta de uma mesa de madeira fossilizada, sob um domo retorcido de salgueiros. Os ministros me veem caminhar pela grama e olho para um de cada vez: o Ministro Unseelie, um troll com uma cabeleira desgrenhada com pedaços de metal trançados no meio; a Ministra Seelie, uma mulher verde que parece um louva-a-deus; o Grande General, Madoc; o Astrólogo Real, um homem muito alto de pele escura com barba esculpida e ornamentos celestiais na cascata longa de cabelo azul-marinho; o Ministro das Chaves, um duende encarquilhado com chifres de carneiro e olhos de bode; e o Grande Bobo, que usa rosas lilás pálidas na cabeça para combinar com seus tons de roxo.

Por toda mesa há jarras de água e vinho, pratos de frutas secas.

Eu me inclino na direção de um dos criados e peço que traga um bule do chá mais forte que puder encontrar. Vou precisar.

Randalin, o Ministro das Chaves, está sentado na cadeira do Grande Rei; o encosto de madeira do móvel, que se parece com um trono, tem queimado o brasão real. Reparo no gesto… e na suposição inerente a ele. Nos cinco meses desde que assumiu a posição de Grande Rei, Cardan não foi ao Conselho. Só tem uma cadeira vazia, entre Madoc e Fala, o Grande Bobo. Fico de pé.

— Jude Duarte — diz Randalin, fixando os olhos de bode em mim. — Onde está o Grande Rei?

Estar na frente deles é sempre intimidante, e a presença de Madoc só piora tudo. Ele faz eu me sentir uma criança, ansiosa demais para dizer ou fazer qualquer coisa inteligente. Uma parte de mim só quer provar que sou mais do que eles acham que sou: a nomeada fraca e tola de um rei fraco e tolo.

Provar que há outro motivo para Cardan ter escolhido uma senescal mortal além de eu ser capaz de mentir por ele.

— Eu vim em seu lugar — digo. — Para falar por ele.

O olhar de Randalin é fulminante.

— Há um boato de que ele disparou em uma das amantes na noite de ontem. É verdade?

Um criado coloca o bule de chá que pedi perto do meu cotovelo, e fico grata pelo reforço e pela desculpa para não responder imediatamente.

— Cortesãos me contaram que hoje a garota estava usando uma tornozeleira de rubis enviada para ela como pedido de desculpas, mas não conseguia ficar de pé sozinha — diz Nihuar, a representante Seelie. Ela repuxa os pequenos lábios verdes. — Acho tudo isso de péssimo gosto.

Fala, o Bobo, ri, deixando óbvio que satisfaz o gosto *dele*.

— Rubis por derramar o sangue vermelho-rubi dela.

Não pode ser verdade. Cardan teria que ter providenciado isso no tempo que levei para sair dos meus aposentos e chegar ao Conselho. Mas isso não significa que outra pessoa não tenha agido em seu nome. Todos estão ansiosos para ajudar o rei.

— Você preferia que ele a tivesse matado direto? — Minhas habilidades em diplomacia não são tão afiadas quanto as de contrariedade. Além do mais, estou cansada.

— Eu não me importaria — diz o representante Unseelie, Mikkel, com uma risadinha. — Nosso novo Grande Rei parece Unseelie até o osso, e acho

que vai nos favorecer. Agora que sabemos do que ele gosta, poderíamos dar a ele um festejo melhor do que o Mestre da Esbórnia se gaba de poder fazer.

— Há outras histórias — continua Randalin. — Uma que diz que os guardas dispararam no Grande Rei Cardan para salvar a vida da cortesã. Que ela está carregando o herdeiro real. Você precisa dizer ao Grande Rei que o Conselho está pronto para aconselhá-lo para que seu reinado não seja contaminado por esse tipo de história.

— Farei isso — digo.

O Astrólogo Real, Baphen, me olha com atenção, como se percebendo corretamente minha intenção de não falar com Cardan sobre nada disso.

— O Grande Rei está preso à terra e aos seus súditos. Um rei é um símbolo vivo, um coração que bate, uma estrela na qual o futuro de Elfhame é escrito. — Ele fala baixo, mas, de alguma forma, sua voz se espalha. — Você deve ter reparado que, desde que o reinado dele começou, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais rápido. As cores estão um pouco mais vívidas, os aromas estão mais pungentes.

Ele continua:

— Coisas foram vistas nas florestas. Coisas antigas, que achávamos que tinham sumido fazia tempos do mundo, que vieram dar uma olhada nele.

"Quando ele fica bêbado, seus súditos ficam embriagados sem saber o porquê. Quando o sangue dele cai, coisas crescem. Ora, a Grande Rainha Mab conjurou Insmire, Insmoor e Insweal do mar. Todas as ilhas de Elfhame, formadas em uma única hora."

Meu coração dispara mais e mais conforme Baphen vai falando. Meus pulmões parecem não conseguir ar suficiente. Porque nada disso pode estar descrevendo Cardan. Ele não pode estar tão profundamente conectado à terra, não pode ser capaz de fazer isso tudo e ainda assim estar sob meu controle.

Penso no sangue na colcha dele… e, ao lado, as flores brancas espalhadas.

Quando o sangue dele cai, coisas crescem.

— E assim, você vê — diz Randalin, sem perceber que estou surtando —, todas as decisões do Grande Rei mudam Elfhame e influenciam os habitantes. Durante o reinado de Eldred, quando crianças nasciam, elas eram levadas forçosamente a ele para se jurarem ao reino. Mas, nas cortes inferiores, alguns herdeiros foram criados no mundo mortal, fora do alcance de Eldred. Essas

crianças voltaram a comandar sem fazer promessas à Coroa de Sangue. Pelo menos uma das cortes tornou uma dessas crianças rainha. E quem sabe quantos feéricos selvagens conseguiram evitar as promessas. E a general da Corte de Dentes, Grima Mog, parece ter abandonado o posto. Ninguém sabe bem o que ela pretende fazer. Nós não podemos nos dar ao luxo do descuido por parte do Grande Rei.

Ouvi falar de Grima Mog. Ela é apavorante, mas não tão apavorante quanto Orlagh.

— Nós temos que vigiar a Rainha Submarina também — compartilho. — Ela tem um plano e vai agir contra nós.

— Como é? — pergunta Madoc, interessado na conversa pela primeira vez.

— Impossível — responde Randalin. — Como você poderia saber de uma coisa dessas?

— Balekin andou se encontrando com representantes dela — digo.

Randalin ri com deboche.

— E devo acreditar que você ouviu isso dos lábios do próprio príncipe?

Se eu mordesse a língua com mais força, acabaria cortando um pedaço.

— Ouvi de mais de uma fonte. Se a aliança era com Eldred, acabou.

— Os feéricos do mar têm coração frio — diz Mikkel, e, a princípio, parece que ele está concordando comigo, mas o tom aprovador de sua voz estraga tudo.

— Por que Baphen não consulta o mapa astral? — sugere Randalin de forma apaziguadora. — Se encontrar uma ameaça profetizada lá, vamos discutir mais.

— Estou dizendo… — insisto, frustrada.

É esse o momento em que Fala pula na mesa e começa a dançar… de forma interpretativa, acho. Madoc grunhe e solta uma gargalhada. Um pássaro pousa no ombro de Nihuar e eles começam a conversar em sussurros e trinados baixos.

Está claro que nenhum deles quer acreditar em mim. Como eu poderia saber de uma coisa que eles não sabem, afinal? Sou jovem demais, inexperiente demais, mortal demais.

— Nicasia… — começo a dizer.

Madoc sorri.

— Sua amiguinha da escola.

Eu queria poder dizer a Madoc que o único motivo para ele ainda estar sentado no Conselho sou eu. Apesar de ter matado Dain com as próprias mãos, ele ainda é o general. Eu poderia dizer que quero mantê-lo ocupado, que ele é uma arma mais bem usada por nós do que contra nós, que é mais fácil meus espiões ficarem de olho nele quando eu sei onde ele está, mas tem uma parte de mim que sabe que ele ainda é general só porque eu não puxei a autoridade do meu pai.

— Ainda tem Grimsen — diz Mikkel, seguindo em frente como se eu não tivesse falado. — O Grande Rei acolheu o ferreiro de Alderking, o criador da Coroa de Sangue. Agora, ele anda entre nós, mas ainda não trabalha para nós.

— Devemos dar boas-vindas a ele — sugere Nihuar em um raro momento de concordância entre as facções Unseelie e Seelie. — O Mestre da Esbórnia fez planos para a Lua do Caçador. Talvez possa acrescentar algum entretenimento para o ferreiro.

— Depende do que Grimsen gosta, acho — pondero, desistindo de convencê-los de que Orlagh vai agir contra nós. Estou por conta própria.

— Remexer na terra, talvez — propõe Fala. — Procurar tralhas.

— Trufas — corrige Randalin automaticamente.

— Ah, não — diz Fala, franzindo o nariz. — Isso não.

— Tratarei de descobrir suas diversões favoritas. — Randalin faz uma pequena anotação no papel. — Também me disseram que um representante da Corte dos Cupins vai à festa da Lua do Caçador.

Tento não demonstrar minha surpresa. A Corte dos Cupins, liderada por Lorde Roiben, ajudou a colocar Cardan no trono. E pelos esforços dele, prometi que quando Lorde Roiben me pedisse um favor, eu o atenderia. Mas não faço ideia do que ele pode querer, e agora não é uma boa hora para mais uma complicação.

Randalin limpa a garganta e se vira, me olhando diretamente.

— Transmita nossos lamentos para o Grande Rei por não podermos aconselhá-lo diretamente e diga que estamos prontos para ajudá-lo. Se você não passar essa mensagem para ele, encontraremos outras formas de fazer isso.

Faço uma reverência curta e não respondo ao que é uma ameaça clara.

Quando estou saindo, Madoc surge andando ao meu lado.

— Soube que você falou com sua irmã — diz ele, as sobrancelhas grossas baixadas em uma imitação de preocupação.

Dou de ombros, lembrando a mim mesma de que ele não falou uma palavra a meu favor hoje.

Ele me olha com impaciência.

— Não me diga o quanto você está ocupada com aquele rei garoto, apesar de eu imaginar que ele precise de cuidados.

De alguma forma, com poucas palavras, ele me transformou em uma filha mal-humorada e a si mesmo, no pai sofredor.

Dou um suspiro, derrotada.

— Eu falei com Taryn.

— Que bom. Você está sozinha demais.

— Não finja ser solidário — digo. — É um insulto para nós dois.

— Você não acredita que posso me preocupar com você, mesmo depois de me trair? — Ele me observa com os olhos de gato. — Ainda sou seu pai.

— Você é o assassino do meu pai — respondo de ímpeto.

— Posso ser as duas coisas — diz Madoc, sorrindo e mostrando os dentes.

Tentei abalá-lo, mas só consegui ficar abalada. Apesar do tempo que passou, a lembrança do ataque final que não aconteceu quando ele se deu conta de que tinha sido envenenado está fresca na minha mente. Eu me lembro da expressão dele, de quem gostaria de me partir ao meio.

— E é por isso que nenhum de nós deveria fingir que você não está furioso comigo.

— Ah, estou com raiva, filha, mas também estou curioso. — Ele faz um gesto de condescendência na direção do Palácio de Elfhame. — É isso mesmo que você queria? *Ele?*

Assim como com Taryn, engasgo com a explicação que não posso dar.

Como não falo nada, ele tira as próprias conclusões.

— É como pensei. Eu não apreciei você da forma adequada. Desprezei seu desejo de ser cavaleira. Desprezei sua capacidade de estratégia, de força… e de crueldade. Esse foi meu erro, um erro que não vou voltar a cometer.

Não sei bem se isso é uma ameaça ou um pedido de desculpas.

— Cardan é o Grande Rei agora, e enquanto ele usar a Coroa de Sangue, jurei servi-lo — diz. — Mas não há juramento que prenda você. Se estiver arrependida do que fez, faça outra coisa. Ainda há jogos a serem jogados.

— Eu já ganhei — lembro a ele.

Ele sorri.

— Nós vamos voltar a conversar.

Quando Madoc começa a se afastar, não consigo deixar de pensar que talvez eu estivesse melhor quando ele estava me ignorando.

CAPÍTULO
8

Encontro Bomba nos antigos aposentos do Grande Rei Eldred. Desta vez, estou determinada a examinar cada centímetro do cômodo antes de Cardan ser levado para lá… e estou determinada a fazer com que ele permaneça no quarto, na parte mais segura do palácio, apesar de suas preferências.

Quando chego, Bomba está acendendo a última vela grossa acima de uma lareira, os filetes de cera escorrida tão firmes que formam uma espécie de escultura. É estranho estar aqui agora, sem Nicasia para interrogar nem nada para me distrair de explorar o local. As paredes cintilam com micas e o teto é todo de galhos e vinhas verdes. Na antecâmara, a concha de uma lesma enorme brilha, um lampião do tamanho de uma mesinha.

Bomba abre um sorrisinho rápido. O cabelo branco está preso em tranças com algumas contas prateadas brilhantes no meio.

Alguém em quem você confia já te traiu.

Tento tirar as palavras de Nicasia da cabeça. Afinal, poderiam significar qualquer coisa. É a típica baboseira feérica, ameaçadora, mas aplicável de forma tão ampla que poderia ser dica de uma armadilha prestes a me pegar ou referência a uma coisa que aconteceu quando fazíamos aulas juntas. Talvez ela esteja me avisando que tenho na minha rede de confiança um espião, ou talvez esteja fazendo uma alusão a Taryn ter ficado com Locke.

Mas não consigo parar de pensar nisso.

— Então o assassino fugiu por aqui? — pergunta Bomba. — Fantasma disse que você veio atrás dele.

Eu balanço a cabeça.

— Não havia assassino. Foi um mal-entendido romântico.

Ela ergue as sobrancelhas.

— O Grande Rei é muito ruim em romance — tento explicar.

— Posso imaginar — diz ela. — Você revista a sala e eu revisto o quarto?

— Tudo bem — concordo, indo em direção à sala.

A passagem secreta fica ao lado de uma lareira entalhada como a boca sorridente de um goblin. A estante ainda está puxada para o lado, deixando visíveis os degraus em espiral na parede. Eu a fecho.

— Você acha mesmo que pode convencer Cardan a vir para cá? — pergunta Bomba do outro aposento. — É um desperdício tão grande deixar este espaço glorioso sem uso.

Eu me inclino para começar a tirar livros das prateleiras, para abri-los e sacudi-los um pouco e ver se tem alguma coisa dentro.

Alguns pedaços de papel amarelados e puídos caem, junto com uma pena e um abridor de cartas feito de osso entalhado. Alguém deixou um dos livros oco, mas não tem nada no compartimento. Um outro tomo foi comido por insetos. Jogo esse no lixo.

— O último quarto que Cardan ocupou pegou fogo — respondo a Bomba. — Ou melhor, vamos elaborar isso direito. Pegou fogo porque *ele colocou fogo lá*.

Ela ri.

— Ele levaria dias para queimar tudo isto.

Olho para os livros e não tenho tanta certeza. Estão tão secos que explodiriam em chamas só de encará-los por muito tempo. Com um suspiro, eu os empilho e vou até as almofadas, depois puxo os tapetes. Debaixo, só encontro poeira.

Esvazio todas as gavetas da enorme escrivaninha: pontas de metal de penas, pedras com rostos entalhados, três anéis com sinetes, um dente comprido de uma criatura que não consigo identificar e três frascos com líquido ressecado, preto e sólido.

Em outra gaveta, encontro joias. Um colar de âmbar-negro, uma pulseira de contas com fecho, anéis de ouro pesados.

Na última, encontro dardos e cristais de quartzo cortados em globos lisos e polidos. Quando levanto um contra a luz, alguma coisa se move em seu interior.

— Bomba? — chamo, a voz um pouco aguda.

Ela entra na sala carregando um casaco de pedras preciosas tão pesado que fico surpresa de alguém querer usar.

— O que houve?

— Você já viu alguma coisa assim? — Eu levanto a bola de cristal.

Ela dá uma espiada.

— Olha, ali está o Dain.

Aproximo a bola do meu rosto e olho lá dentro. Um jovem príncipe Dain está sentado em um cavalo, segurando um arco em uma das mãos e maçãs na outra. Elowyn está sentada em um pônei ao lado dele, Rhyia está do outro lado. Ele joga três maçãs no ar e todos puxam seus arcos e disparam.

— Isso aconteceu mesmo? — pergunto.

— Provavelmente — responde ela. — Alguém deve ter encantado essas esferas para Eldred.

Penso nas espadas lendárias de Grimsen, na bolota dourada que revelou as últimas palavras de Liriope, no tecido da Mãe Marrow, capaz de bloquear até a mais afiada lâmina, e em toda a magia louca que os Grandes Reis recebem. Eram coisas tão comuns que estavam guardadas numa gaveta.

Pego cada uma para ver o que tem dentro. Vejo Balekin recém-nascido, os espinhos já crescendo na pele. Ele grita nos braços de uma ama mortal, o olhar dela vidrado de glamour.

— Olha esta — diz Bomba com uma expressão estranha.

É Cardan bem pequeno. Ele está usando uma camisa grande demais para seu corpinho. É comprida como um vestido. Está descalço, os pés e a camisa sujos de lama, mas está usando argolas nas orelhas, como se um adulto tivesse lhe dado os brincos. Uma feérica de chifres está parada perto dele, e quando Cardan corre até ela, a feérica segura seus punhos antes que ele possa botar as mãos sujas em sua saia.

Ela diz alguma coisa severa e o empurra para longe. Quando ele cai, ela mal repara, ocupada demais em uma conversa com outros cortesãos. Espero que Cardan chore, mas ele não chora. Sai andando até uma árvore em que um

garoto mais velho está subindo. O garoto diz alguma coisa e Cardan segura o tornozelo dele. Um momento depois, o garoto está no chão, e a mão pequena e suja de Cardan está fechada em punho. Ao ouvir a briga, a mulher feérica se vira e ri, achando divertida a brincadeira.

Quando Cardan olha para ela, também está sorrindo.

Enfio o cristal de volta na gaveta. Quem apreciaria isso? É horrível.

Mas não é *perigoso*. Não há motivo para fazer alguma coisa com aqueles objetos além de deixar onde estavam. Bomba e eu continuamos revistando a sala juntas. Quando julgamos estar seguras, passamos por uma porta entalhada com uma coruja e voltamos para o quarto do rei.

Tem uma cama enorme com dossel no centro, com cortinas verdes, o símbolo da linhagem Greenbriar bordado em dourado. Cobertores densos de seda de aranha estão esticados sobre um colchão que, pelo cheiro, parece ter sido estofado com flores.

— Venha — diz Bomba, se sentando na cama e rolando para olhar para o teto. — Vamos ver se é segura para nosso novo Grande Rei, só por garantia.

Inspiro com surpresa, mas vou atrás. Meu peso no colchão o faz afundar, e o aroma forte de rosas domina meus sentidos.

Deitar-me sobre o cobertor do rei de Elfhame, inspirar o ar que perfumava as noites dele, provoca uma sensação quase hipnótica. Bomba apoia a cabeça nos braços como se não fosse nada de mais, mas me lembro da mão do Grande Rei Eldred na minha cabeça e o nervosismo e o orgulho que eu sentia cada vez que ele reparava em mim. Deitar-me em sua cama é como se eu estivesse limpando meus pés sujos de camponesa no trono.

Mas como poderia não fazer isso?

— Nosso rei é um sujeito de sorte — diz Bomba. — Eu gostaria de uma cama assim, grande o bastante para receber um ou dois convidados.

— Ah, é? — pergunto, provocando-a como já fiz com as minhas irmãs. — Alguém específico?

Ela afasta o olhar, constrangida, o que me faz prestar atenção. Eu me apoio em um cotovelo.

— Espera! É alguém que eu conheço?

Por um momento, ela não responde, e é tempo mais do que suficiente para eu saber a resposta.

— É, sim! É Fantasma?

— Jude! Não.

Eu franzo a testa.

— Barata?

Bomba se senta, os dedos longos puxando a colcha. Como não pode mentir, ela só suspira.

— Você não entende.

Bomba é linda, tem feições delicadas e pele marrom quente, cabelo branco desgrenhado e olhos luminosos. Penso nela como alguém que tem uma combinação de charme e habilidade que poderia conquistar quem desejasse.

A língua preta de Barata, o nariz torto e o tufo de cabelo que parece pelo no alto da cabeça só o deixam mais impressionante e apavorante. Mesmo de acordo com a estética do Reino das Fadas, mesmo em um lugar onde a beleza sobrenatural é celebrada junto com a feiura quase opulenta, não sei se ele imaginaria que Bomba o deseja.

Eu jamais adivinharia.

Mas não sei como dizer isso para ela sem parecer que o estou insultando.

— Acho que não entendo mesmo — concordo.

Ela puxa uma almofada para o colo.

— Meu povo morreu em uma guerra brutal um século atrás e me deixou sozinha. Fui para o mundo humano e me tornei uma golpista de atos pequenos. Não era muito boa no que fazia. Em geral, eu só usava o glamour para esconder meus erros. Foi quando Barata me encontrou. Ele observou que, embora não fosse uma grande ladra, eu era boa em preparar poções e bombas. Nós andamos juntos por décadas. Ele era tão legal, gentil e encantador que enganava as pessoas na cara delas, sem precisar de magia.

Abro um sorriso ao pensar nele de chapéu-coco e colete com relógio de bolso, achando graça do mundo e de tudo nele.

— Então ele teve a ideia de roubar da Corte dos Dentes, no norte. O golpe deu errado. A Corte nos cortou todos e nos encheu de maldições e geases. Nos modificou. Nos forçou a servi-los. — Ela estala os dedos e fagulhas voam. — Divertido, né?

— Tenho certeza de que não foi.

Ela se deita novamente e continua falando.

— Barata… Van, não consigo chamá-lo de Barata falando desse jeito. Foi Van que me fez aguentar permanecer ali. Ele contava histórias, da rainha Mab prendendo um gigante de gelo, controlando todos os grandes monstros de antigamente, ganhando a Grande Coroa. Histórias do impossível. Sem Van, não sei se eu teria conseguido sobreviver.

"Um dia, deu tudo errado em um trabalho nosso, e Dain botou as mãos em nós. Ele tinha um plano para trairmos a Corte dos Dentes e nos juntarmos a ele. Foi o que fizemos. Fantasma já estava ao lado dele, e nós três formamos uma equipe formidável. Eu com os explosivos. Barata roubando qualquer coisa ou pessoa. E Fantasma, um atirador preciso com passo leve. E aqui estamos, nem sei bem como, seguros na Corte de Elfhame, trabalhando para o próprio Grande Rei. Olha só para mim, deitada na cama real até. Mas aqui não há motivo para Van segurar a minha mão ou cantar para mim quando estou sofrendo. Não há motivo para ele se importar assim comigo."

Ela fica em silêncio. Nós duas olhamos para o teto.

— Você devia falar para ele — sugiro. E não é um conselho ruim, eu acho. Não é um conselho que eu seguiria, mas isso não o torna ruim.

— Talvez. — Bomba se levanta da cama. — Não tem truques nem armadilhas. Você acha seguro deixar nosso rei aqui?

Penso no garoto do cristal, no sorriso orgulhoso e nos punhos fechados. Penso na feérica com chifres, que devia ser a mãe dele, empurrando-o para longe. Penso no pai dele, o Grande Rei, que não se deu ao trabalho de intervir, nem se deu ao trabalho de verificar se ele estava vestido e com o rosto limpo. Penso em como Cardan evitou aqueles aposentos.

Solto um suspiro.

— Eu queria poder pensar em um lugar onde ele ficaria mais seguro.



À meia-noite, sou esperada para um banquete. Sento-me a várias cadeiras do trono e escolho um prato de enguias crocantes. Um trio de pixies canta *a cappella* para nós, enquanto cortesãos tentam impressionar uns aos outros com seu humor. Acima, cera escorre em fios longos nos candelabros.

O Grande Rei Cardan sorri para todos na mesa com indulgência e boceja como um gato. O cabelo está desgrenhado, como se ele só tivesse passado os dedos depois que saiu da minha cama. Nossos olhares se encontram e sou eu quem afasta os olhos, meu rosto quente.

Me beija até eu ficar cansado do seu beijo.

O vinho é trazido em jarras coloridas. Brilham em verde-marinho e safira, citrino e rubi, ametista e topázio. Um novo prato chega, com violetas açucaradas e orvalho congelado.

Em seguida, domos de vidro, debaixo dos quais há peixinhos prateados em uma nuvem de fumaça azul-pálida.

— Do Reino Submarino — diz uma das cozinheiras, vestida para a ocasião. Ela se curva.

Olho por cima da mesa para Randalin, Ministro das Chaves, mas ele está fazendo questão de me ignorar.

Ao meu redor, os domos são erguidos, e a fumaça, com aroma de pimenta e ervas, toma conta do salão.

Vejo que Locke se sentou ao lado de Cardan e puxou a garota que estava sentada ali para o colo. Ela levanta os pés com cascos e inclina a cabeça chifruda para trás numa gargalhada.

— Ah — suspira Cardan, erguendo um anel de ouro do prato. — Estou vendo que meu peixe tem uma coisa na barriga.

— E o meu também — diz uma cortesã do outro lado, pegando uma pérola grande como uma unha. Ela ri de prazer. — Um presente do mar.

Todos os peixes prateados contêm um tesouro. Os cozinheiros são chamados, mas respondem gaguejando com negações, jurando que os peixes foram pescados recentemente e só foram temperados com ervas na cozinha. Franzo a testa para o meu prato, para as contas de vidro do mar que encontro debaixo das guelras do meu peixe.

Quando levanto o olhar, Locke está segurando uma moeda de ouro, talvez parte do tesouro de um navio mortal perdido.

— Estou vendo você olhar para ele — sussurra Nicasia, se sentando ao meu lado. Hoje ela está usando um vestido de renda dourada. O cabelo escuro de turmalina está preso com dois pentes dourados no formato de um maxilar de tubarão, com direito a dentes de ouro e tudo.

— Talvez eu só esteja olhando as bugigangas e o ouro com os quais sua mãe pensa que pode comprar o favor desta corte.

Ela pega uma das violetas do meu prato e a coloca delicadamente na língua.

— Perdi o amor de Cardan pelas palavras e beijos fáceis do Locke, açucarados como essas flores — diz ela. — Sua irmã perdeu o *seu* amor para conseguir o de Locke, não foi? Mas nós todos sabemos o que você perdeu.

— Locke? — Dou uma risada. — Já foi tarde.

Ela franze as sobrancelhas.

— Certamente não era para o Grande Rei que você estava olhando.

— Claro que não — respondo, mas não me viro para ela.

— Sabe por que você não contou meu segredo para ninguém? — provoca. — Pode ser que você ache que gosta de ter um segredo sobre mim. Mas, na verdade, acho que você sabia que ninguém ia acreditar. Meu lugar é neste mundo. O seu, não. E você sabe disso.

— Seu lugar não é nem na *terra*, princesa do mar — eu lembro a ela. Mas não consigo deixar de pensar em como o Conselho Vivo duvidou de mim. Não consigo evitar que as palavras dela me incomodem.

Alguém em quem você confia já te traiu.

— Este mundo nunca vai ser seu, *mortal* — diz ela.

— Isto *é* meu — retruco, a raiva me deixando descuidada. — Minha terra e o meu rei. E vou proteger ambos. Diga o mesmo, ande.

— Ele não pode amar você. — A voz de Nicasia fica áspera de repente.

Obviamente, ela não gosta da ideia de eu declarar Cardan como meu rei, já que ainda está obviamente apaixonada por ele e obviamente não tem ideia do que fazer com isso.

— O que você quer? — pergunto. — Eu só estava sentada aqui, cuidando da minha vida, jantando. Foi você que veio até mim. É você que está me acusando de… nem sei bem de quê.

— Me diga o que você fez com ele — pede Nicasia. — Como o enganou para que colocasse você como sua mão direita, logo você, que ele desprezava e insultava? Como é que você tem a atenção dele?

— Eu conto se você me contar uma coisa em troca. — Eu me viro para ela e lhe dou minha total atenção. Andei refletindo sobre a passagem secreta no

palácio, sobre a mulher no cristal.

— Já contei tudo que estou disposta a… — declara Nicasia.

— Não isso. A mãe de Cardan — digo, interrompendo-a. — Quem ela era? Onde está agora?

Ela tenta transformar a surpresa em deboche.

— Se são tão bons amigos, por que você não pergunta a ele?

— Eu nunca disse que éramos amigos.

Um criado com a boca cheia de dentes afiados e asas de borboleta traz os próximos pratos. O coração de um cervo, malpassado e recheado de avelãs torradas. Nicasia pega a carne e a rasga, o sangue escorrendo pelos dedos.

Ela passa a língua pelos dentes manchados de vermelho.

— Ela não era ninguém, só uma garota das cortes inferiores. Eldred nunca a tornou consorte, nem depois de ela ter um filho dele.

Eu pisco com surpresa óbvia.

Ela parece absurdamente satisfeita, como se o fato de eu não saber provasse novamente o quanto sou inadequada.

— Agora é sua vez.

— Quer saber o que fiz para ele me botar onde estou? — pergunto, me inclinando em sua direção, chegando perto o bastante para que ela sinta o calor do meu hálito. — Eu o beijei na boca e depois ameacei beijar mais se ele não fizesse exatamente o que eu queria.

— Mentirosa — sussurra ela.

— Se são tão bons amigos — digo, usando as palavras contra ela com uma satisfação maliciosa —, por que você não pergunta a ele?

Ela desvia o olhar para Cardan, que está com a boca suja de vermelho devido ao sangue do coração, a coroa na testa. Eles parecem farinha do mesmo saco, um par perfeito de monstros. Ele não olha para nós, está ocupado ouvindo o alaúde cujo instrumentista compôs ali na hora, uma ode ao reinado dele.

Meu rei, eu penso. *Mas só por um ano e um dia, e cinco meses já se passaram*.

CAPÍTULO
9

Tatterfell está me esperando quando volto para o quarto, os olhos de besouro reprovadores enquanto ela pega a calça do Grande Rei no meu sofá.

— Então é assim que você está vivendo — resmunga a pequena diabrete. — Uma minhoca no casulo da borboleta.

Há algo de reconfortante e familiar em ser repreendida, mas isso não significa que gosto. Viro-me para que ela não veja meu constrangimento pelo quanto deixei as coisas ficarem desorganizadas. Sem mencionar o que parece que andei fazendo e com quem.

Jurada a prestar serviços para Madoc até pagar uma antiga dívida de honra, Tatterfell não poderia ter vindo até aqui sem ele saber. Ela pode ter cuidado de mim desde que eu era criança, fazendo coisas como pentear meu cabelo e consertar meus vestidos e trançar sorvas secas para que eu não fosse enfeitiçada, mas é a Madoc que ela deve lealdade. Não que eu ache que ela não gostava de mim, mas nunca confundi o que ela fazia com amor.

Dou um suspiro. Os servos do castelo teriam limpado meus aposentos se eu deixasse, mas aí eles acabariam notando meus horários estranhos e poderiam bisbilhotar meus papéis, além dos meus venenos. Não, era melhor bloquear a porta e dormir na sujeira.

Ouço a voz da minha irmã no meu quarto.

— Você voltou cedo. — Ela bota a cabeça para fora, segurando alguns trajes.

Alguém em quem você confia já te traiu.

— Como entrou? — pergunto. Minha chave girou, houve resistência. Os mecanismos se moveram. Aprendi a humilde arte de arrombar fechaduras e, apesar de não ser nenhum prodígio, sei pelo menos identificar quando uma fechadura foi arrombada.

— Ah. — Taryn ri. — Eu me passei por você e consegui uma cópia da chave.

Tenho vontade de dar um chute na parede. É claro que todo mundo sabe que tenho uma irmã gêmea. É claro que todo mundo sabe que mortais são capazes de mentir. Alguém não deveria ter feito pelo menos uma pergunta que ela teria dificuldade de responder antes de conceder acesso aos aposentos do palácio? Mas, para ser justa, eu mesma já menti várias vezes e não aconteceu nada. Não posso me ressentir de Taryn por ter feito o mesmo.

É azar meu que esta seja a noite que ela escolhe para invadir meus aposentos, justo quando as roupas de Cardan estão espalhadas pelo meu tapete e há uma pilha de ataduras ensanguentadas em uma mesa baixa.

— Eu persuadi Madoc a presentear você com o resto da dívida de Tatterfell — anuncia Taryn. — E trouxe todos os seus casacos e vestidos e joias.

Olho nos olhos escuros da diabrete.

— Você quer dizer que ela vai ficar espionando para Madoc.

Tatterfell curva os lábios e sou lembrada de como o beliscão dela dói.

— Mas que garota maliciosa e desconfiada! Devia sentir vergonha de dizer uma coisa dessas.

— Sou agradecida pelas vezes em que você foi gentil — digo. — Se Madoc deu sua dívida para mim, pode considerá-la paga há muito tempo.

Tatterfell franze a testa com infelicidade.

— Madoc poupou a vida do meu amante quando podia tê-la tirado por direito. Jurei conceder a ele cem anos dos meus serviços e esse tempo está quase acabando. Não desonre meu juramento achando que pode ser dispensado com um movimento da *sua* mão.

Fico magoada com as palavras.

— Você lamenta que ele a tenha enviado?

— Ainda não — diz ela, e volta a trabalhar.

Vou para o meu quarto e pego as ataduras ensanguentadas de Cardan antes que Tatterfell faça isso. Ao passar pela lareira, jogo-as nas chamas. O fogo aumenta.

— E então — pergunto à minha irmã —, o que você trouxe para mim?

Ela aponta para a minha cama, onde espalhou minhas coisas velhas nos lençóis desarrumados. É estranho ver as roupas e joias que não uso há meses, as coisas que Madoc comprou para mim, as coisas que Oriana aprovou. Túnicas, vestidos, trajes de luta, gibões. Taryn trouxe até o vestido de criada que eu usava nas minhas aventuras pela Mansão Hollow e as roupas que usávamos quando íamos escondidas para o mundo mortal.

Quando olho para tudo, vejo uma pessoa que, ao mesmo tempo, sou eu e não sou. Uma garota que ia para aulas e achava que as coisas que estava aprendendo não eram tão importantes. Uma garota que queria impressionar o único pai que conhecia, que queria um lugar na corte, que ainda acreditava em honra.

Não sei bem se ainda caibo nessas roupas.

Ainda assim, eu as penduro no armário, ao lado dos meus dois gibões pretos e de um par de botas de cano alto.

Abro uma caixa com minhas joias. Brincos que ganhei de aniversário, uma pulseira de ouro, três anéis… um com um rubi que Madoc me deu em uma festa de Lua Sangrenta, um com o brasão dele que não me lembro de ter ganhado e um fino de ouro que foi presente de Oriana. Colares de pedra da lua, pedaços de quartzo, osso entalhado. Enfio o anel de rubi em um dedo da mão esquerda.

— E eu trouxe uns desenhos — diz ela, pegando um bloco de papel e se sentando de pernas cruzadas na minha cama. Nenhuma de nós é excelente artista, mas os desenhos de roupas dela são fáceis de entender. — Quero levá-los para meu alfaiate.

Ela me imaginou com muitas jaquetas pretas de gola alta, as saias com aberturas laterais para facilitar o movimento. Os ombros parecem protegidos por peças de armadura e, em alguns casos, ela desenhou o que parece ser uma única manga brilhosa de metal.

— Eles podem anotar minhas medidas — sugere ela. — Você nem precisa ir experimentar.

Olho para ela por um longo tempo. Taryn não gosta de conflitos. Seu jeito de lidar com todo o terror e confusão de nossa vida foi se tornar imensamente adaptável, como um daqueles lagartos que mudam de cor de acordo com o ambiente. Ela é a pessoa que sabe o que vestir e como se comportar, porque ela estuda as pessoas com atenção e as imita.

Ela é boa em escolher roupas para passar uma certa mensagem… mesmo que a mensagem dos desenhos pareça ser "fiquem longe de mim senão eu corto a cabeça de vocês". Não acho que ela queira me ajudar, mas o esforço que dedicou a isso, principalmente com o casamento próximo, é extraordinário.

— Tudo bem — cedo. — O que você quer?

— O que você quer dizer? — pergunta ela, pura inocência.

— Você quer que a gente seja amiga de novo — falo, usando um vocabulário mais moderno. — Agradeço por isso. Você quer que eu vá ao seu casamento, o que é ótimo, porque eu quero ir. Mas isto… isto é demais.

— Eu sei ser legal — ela se defende, mas não me encara.

Eu espero. Por um momento prolongado, não falamos nada. Sei que ela viu as roupas de Cardan caídas no chão. O fato de não ter questionado isso imediatamente devia ter sido o primeiro sinal de que ela queria alguma coisa.

— Tudo bem. — Ela suspira. — Não é nada de mais, mas tem uma coisa sobre a qual eu queria falar com você.

— Não brinca — debocho, mas não consigo esconder um sorriso.

Ela me olha com irritação.

— Não quero que Locke seja Mestre da Esbórnia.

— Nem você nem eu.

— Mas você pode fazer alguma coisa! — Taryn enrola as mãos na saia. — Locke anseia por experiências dramáticas. E como Mestre da Esbórnia, ele pode criar… Nem sei como chamar. *Histórias*. Ele não pensa em uma festa como comida e bebida e música, mas sim, como uma dinâmica que pode criar conflito.

— Certo… — digo, tentando imaginar o que isso significa para a política. Nada de bom.

— Ele quer ver como vou reagir às coisas que ele faz — ela é direta.

É verdade. Ele queria saber, por exemplo, se Taryn o amava o bastante a ponto de deixar que ele me cortejasse enquanto ela ficava de lado, em silêncio

e sofrendo. Acho que ele teria ficado interessado em descobrir o mesmo sobre mim, mas eu acabei me mostrando irritadiça demais.

Ela continua.

— E Cardan. E os Círculos da Corte. Ele já andou falando com as Cotovias e os Quíscalos, procurando as fraquezas deles, descobrindo quais brigas pode inflamar e como.

— Locke pode fazer bem às Cotovias — digo. — Pode dar a eles uma balada para escreverem.

Quanto aos Quíscalos, se ele puder competir com os festejos deles, acho que devia ficar com a posição, mas sou inteligente a ponto de não dizer isso em voz alta.

— Pelo jeito como ele fala, por um momento tudo parece divertido, mesmo sendo uma péssima ideia — diz Taryn. — Ele como Mestre da Esbórnia vai ser horrível. Não ligo que tenha amantes, mas odeio que Locke fique longe de mim. Jude, por favor. Faça alguma coisa. Sei que você quer dizer que me avisou, mas não ligo.

Tenho problemas maiores para resolver é o que tenho vontade de dizer.

— É quase certo que Madoc diria que você não precisa se casar com ele. Vivi também diria isso, tenho certeza. Na verdade, acho que já disseram.

— Mas você me conhece bem demais para se dar a esse trabalho. — Ela balança a cabeça. — Quando estou com ele, me sinto a heroína de uma história. Da *minha* história. É quando ele não está junto que as coisas não parecem certas.

Não sei o que responder. Eu poderia dizer que parece ser Taryn quem está fazendo a história, botando Locke no papel de protagonista e a si mesma como o interesse romântico que desaparece quando não está na página.

Mas me lembro de quando eu estava com Locke, de como me sentia especial e escolhida e linda. Agora, ao pensar em tudo aquilo, só me sinto burra.

Acho que eu *poderia* mandar Cardan tirar o título de Locke, mas ele se ressentiria de eu usar meu poder para uma coisa tão mesquinha e pessoal. Faria com que eu parecesse fraca. E Locke perceberia que a retirada do título era culpa minha, pois não escondi meu desprazer. Ele saberia que tenho mais poder sobre Cardan do que faz sentido.

E tudo sobre o que Taryn está reclamando continuaria a acontecer. Locke não precisa ser Mestre da Esbórnia do Grande Rei para se meter nesse tipo de confusão; o título só permite que ele a leve a uma escala maior.

— Vou falar com Cardan — minto.

O olhar de Taryn desvia para onde as roupas dele estão, no chão, e ela sorri.

CAPÍTULO
10

Quando a Lua do Caçador vai se aproximando, o nível de celebração no palácio aumenta. O tom das festas muda; elas se tornam mais frenéticas, mais loucas. A presença de Cardan não é mais necessária para isso. Agora que os boatos o pintam como alguém que dispararia numa amante por diversão, sua reputação só cresce a partir disso.

As lembranças dos seus dias de juventude, o jeito como entrou de cavalo em uma das nossas aulas, as brigas que comprava, as crueldades que executava, são esmiuçadas. Os feéricos podem não ser capazes de mentir, mas as histórias crescem aqui como em qualquer lugar, alimentadas pela ambição, a inveja e o desejo.

De tarde, passo por corpos adormecidos nos corredores. Nem todos são de cortesãos. Criados e guardas parecem ter sido vitimados pela mesma energia louca e podem ser vistos abandonando o dever em função do prazer. Feéricos nus correm pelos jardins de Elfhame, e cubas que já tinham sido usadas para dar água a cavalos agora estão cheias de vinho.

Encontro Vulciber em busca de mais informações sobre o Reino Submarino, mas ele não tem nenhuma. Apesar de saber que Nicasia estava tentando me deixar perturbada, repasso a lista de pessoas que podem ter me traído. Fico pensando em quem e com que objetivo, na chegada do embaixador de Lorde Roiben, em como aumentar meu domínio de um ano e um dia sobre o trono. Queria ter perguntado o verdadeiro nome de Cardan quando eu estava com a besta apontada para ele. Observo meus papéis velhos e

bebo meus venenos e planejo mil defesas para golpes que podem nunca acontecer.

Cardan se mudou para os antigos aposentos de Eldred, e os aposentos com o piso queimado estão bloqueados por dentro. Se ele fica incomodado de dormir onde o pai dormia, não dá sinal. Quando chego, ele está reclinado indiferentemente enquanto criados retiram tapeçarias e divãs para abrir espaço para uma nova cama, entalhada sob especificação dele.

Ele não está sozinho. Há um pequeno círculo de cortesãos ali; alguns que não conheço e Locke, Nicasia e minha irmã, atualmente rosada de tanto vinho e rindo no tapete na frente do fogo.

— Vão — ordena ele para todos quando me vê na porta.

— Mas, Vossa Majestade — diz uma garota. Ela é toda creme e ouro, e está usando um vestido azul-claro. Antenas longas e pálidas sobem das extremidades externas das sobrancelhas. — As notícias chatas que sua senescal traz vão precisar do antídoto da nossa alegria.

Já pensei detalhadamente em dar ordens a Cardan. Com ordens demais, ele se irritaria; com poucas, ele escaparia com facilidade. Mas fico feliz de ter cuidado para que ele nunca negue minha entrada. Fico particularmente feliz por ele nunca poder anular minhas ordens.

— Tenho certeza de que vou chamar vocês de volta rapidamente — diz Cardan, e os cortesãos saem com alegria. Um deles está carregando uma caneca, obviamente roubada do mundo mortal e cheia até a borda de vinho. *EU ARRASO*, está escrito. Locke me olha com curiosidade. Minha irmã segura minha mão ao passar e dá um aperto esperançoso.

Vou até uma cadeira e me sento sem esperar convite. Quero lembrar Cardan de que ele não tem autoridade sobre mim.

— A festa da Lua do Caçador é amanhã à noite — alerto.

Ele está esparramado na cadeira em frente à minha, me observando com os olhos pretos como se fosse comigo que ele precisasse ter cautela.

— Se você quer saber os detalhes, devia ter mandado Locke ficar. Não sei quase nada. Vai ser outra das minhas performances. Vou cabriolar enquanto você planeja.

— Orlagh do Reino Submarino está de olho em você…

— Todo mundo está de olho em mim — salienta Cardan, os dedos mexendo com inquietação no anel, girando-o sem parar.

— Você não parece se importar — observo. — Você mesmo disse que não odeia ser rei. Talvez até esteja gostando.

Ele me olha com desconfiança.

Tento abrir um sorriso genuíno em resposta. Espero conseguir ser convincente. Preciso ser convincente.

— Nós dois podemos ter o que queremos. Você pode reinar por bem mais de um ano. Só precisa prolongar seu juramento. Me deixe comandá-lo por uma década, por vinte anos, e juntos…

— Acho que não — interrompe ele. — Afinal, você sabe como seria perigoso colocar Oak no meu lugar. Ele só está um ano mais velho do que estava. Não está pronto. Ainda assim, em poucos meses você vai ter que me mandar abdicar em favor dele ou fazer um arranjo que exija que confiemos um no outro… em vez de eu confiar em você sem esperança de ter sua confiança em troca.

Estou furiosa comigo mesma por achar que ele poderia concordar em manter as coisas como estão.

Cardan abre o sorriso mais doce do mundo.

— Talvez aí você possa ser minha senescal de verdade.

Eu trinco os dentes. Houve uma época em que uma posição grandiosa como a de senescal estaria além dos meus mais loucos sonhos. Agora, parece uma humilhação. O poder é contagioso. O poder é ambicioso.

— Tome cuidado — alerto. — Posso fazer os meses que faltam passarem muito devagar.

O sorriso dele não se altera.

— Alguma outra ordem? — pergunta.

Eu devia contar mais sobre Orlagh, mas a ideia de Cardan se vangloriar com a proposta da Rainha Submarina é mais do que sou capaz de suportar. Não posso deixar esse casamento acontecer, e agora não quero ouvir provocações sobre isso.

— Não beba até morrer amanhã. E fique de olho na minha irmã.

— Taryn parecia bem hoje — diz ele. — Com as bochechas rosadas e alegria nos lábios.

— Vamos tratar para que ela continue assim.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você gostaria que eu a seduzisse para que ela se afastasse de Locke? Eu poderia tentar. Não prometo nenhum resultado, mas você talvez ache a tentativa divertida.

— Não, não, de jeito nenhum, não faça isso — digo, e não penso sobre o pânico quente que as palavras dele induzem. — Eu só quis dizer para você tentar impedir Locke de ser a pior versão dele quando ela estiver por perto, só isso.

Ele aperta os olhos.

— Você não deveria encorajar o oposto disso?

Talvez *fosse* melhor para Taryn encontrar a infelicidade com Locke o mais rápido possível. Mas ela é minha irmã e nunca quero ser o motivo de sua dor. Eu balanço a cabeça.

Ele faz um gesto vago no ar.

— Como quiser. Sua irmã será embrulhada em cetim e aniagem, tão protegida dela mesma quanto eu puder deixar.

Eu me levanto.

— O Conselho quer que Locke prepare algumas diversões para agradar Grimsen. Se forem boas, talvez o ferreiro faça para você um copo que nunca fique sem vinho.

Cardan me encara com os olhos semicerrados e tenho dificuldade de interpretar o que significa. Ele também se levanta e segura minha mão.

— Não tem nada mais doce — diz ele, beijando o dorso da minha mão — do que aquilo que é escasso.

Minha pele fica vermelha, quente e pinicando.

Quando saio, o círculo de Cardan está no corredor, esperando poder voltar para os aposentos. Minha irmã parece meio nauseada, mas quando me vê, abre um sorriso largo e falso. Um dos garotos musicou um poeminha e fica tocando sem parar, cada vez mais rápido. A gargalhada deles se espalha pelo corredor e parece o grasnado de corvos.

Quando estou percorrendo o palácio, passo por uma câmara onde alguns cortesãos se reuniram. Lá, assando uma enguia nas chamas de uma lareira enorme, sentado em um tapete, está o antigo poeta e senescal da Corte do Grande Rei Eldred, Val Moren.

Há artistas e músicos feéricos em volta dele. Desde a morte da maior parte da família real, ele foi parar no centro de uma das facções da corte, o Círculo das Cotovias. Há espinheiros enrolados no cabelo dele, e ele canta baixinho. Ele é mortal, como eu. Também é provável que seja louco.

— Venha beber conosco — convida um dos Cotovias, mas recuso.

— Bela, bela Jude. — As chamas dançam nos olhos de Val Moren quando ele olha para mim. Ele começa a puxar a pele queimada e a comer a carne macia e branca da enguia. Entre as mordidas, ele fala: — Por que você ainda não me procurou para pedir conselhos?

Diziam que ele foi amante do Grande Rei Eldred em certa ocasião. Ele está na corte desde antes da época em que cheguei com minhas irmãs. Apesar disso, nunca falou sobre nossa mortalidade. Nunca tentou nos ajudar, nunca tentou nos procurar para fazer com que nos sentíssemos menos sozinhas.

— Você tem algum?

Val Moren me olha e coloca um dos olhos da enguia na boca. Fica brilhando sobre sua língua. Mas ele logo engole.

— Talvez. Mas importa muito pouco.

Estou tão cansada de charadas.

— Vou tentar adivinhar. É porque, quando eu pedir conselho, você não vai me dar?

Ele ri e é um som seco e oco. Fico imaginando quantos anos ele tem. Por baixo dos espinheiros, ele parece um homem jovem, mas os mortais não ficam velhos se não forem embora de Elfhame. Apesar de não conseguir ver idade nas linhas de seu rosto, vejo nos olhos.

— Ah, eu darei o melhor conselho da sua vida. Mas você não vai segui-lo.

— Então para que você serve? — pergunto, prestes a me virar. Não tenho tempo para decifrar conselhos inúteis.

— Sou excelente malabarista — afirma ele, limpando as mãos na calça e deixando manchas. Ele enfia a mão no bolso e pega uma pedra, três bolotas,

um pedaço de cristal e o que parece ser um osso da sorte. — Fazer malabarismo é só jogar duas coisas no ar ao mesmo tempo.

Ele começa a jogar as bolotas para lá e para cá e depois acrescenta o osso. Alguns dos Cotovias se cutucam e cochicham com prazer.

— Você pode acrescentar quantas coisas quiser, mas só tem duas mãos e só pode jogar duas coisas. Só é preciso jogar cada vez mais rápido, cada vez mais alto. — Ele acrescenta a pedra e o cristal, as coisas voando entre suas mãos com tanta rapidez que é difícil ver o que ele está jogando. Eu inspiro fundo.

De repente, tudo cai no piso de pedra. O cristal se estilhaça. Uma das bolotas rola para perto da lareira.

— Meu conselho — diz Val Moren — é que você aprenda e faça malabarismo melhor do que eu, senescal.

Por um longo momento, fico com tanta raiva que não consigo me mexer. Sinto-me arder de raiva, traída pela única pessoa que devia entender como é difícil ser o que somos aqui.

Antes que eu faça alguma coisa de que vá me arrepender, dou meia-volta e saio.

— Eu avisei que você não aceitaria meu conselho — grita ele atrás de mim.

CAPÍTULO
11

Na noite da Lua do Caçador, a corte inteira vai para o Bosque Leitoso, onde colocaram nas árvores coberturas de seda que parecem, aos meus olhos mortais, casulos de mariposas, ou talvez o jantar embrulhado de uma aranha.

Locke mandou construir uma estrutura de pedras achatadas, empilhadas para formar um trono rudimentar. Um pedaço enorme serve de encosto, e uma pedra ampla é o assento. Fica colossal no meio do bosque. Cardan está sentado ali, a coroa brilhando na testa. A fogueira próxima queima sálvia e milefólio. Por um momento fugaz, Cardan parece maior, transformado em mito, o verdadeiro Grande Rei do Reino das Fadas, não a marionete de alguém.

A surpresa desacelera meus passos, o pânico morde meus calcanhares.

Um rei é um símbolo vivo, um coração que bate, uma estrela na qual o futuro de Elfhame é escrito. Você deve ter reparado que, desde que o reinado dele começou, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais rápido. As cores estão um pouco mais vívidas, os aromas estão mais pungentes… Quando ele fica bêbado, seus súditos ficam embriagados sem saber o porquê. Quando o sangue dele cai, coisas crescem.

Espero que Cardan não veja nada disso no meu rosto. Quando estou na frente dele, inclino a cabeça, grata por uma desculpa para não o encarar.

— Meu rei — digo.

Cardan se levanta do trono e solta uma capa toda feita de penas pretas reluzentes. Um novo anel cintila no dedo mindinho, a pedra vermelha

refletindo as chamas da fogueira. É um anel bem familiar. O *meu* anel.

Lembro que ele segurou minha mão em seu quarto mais cedo.

Trinco os dentes e lanço um olhar para minha mão vazia. Ele roubou meu anel. Roubou e eu não reparei. Barata o ensinou a fazer isso.

Eu me pergunto se Nicasia contaria isso como traição. Porque certamente me parece uma.

— Venha comigo — ordena ele, segurando minha mão e me guiando pela multidão. Duendes e elfos, feéricos de pele verde e marrom, os com asas esfarrapadas e ainda aqueles com trajes de casca de árvore esculpida, todo o povo de Elfhame apareceu em seus melhores trajes. Passamos por um homem com um casaco bordado de folhas douradas e outro de colete de couro verde com um chapéu com a ponta curvada. Cobertores forram o chão, que está cheio de travessas de uvas do tamanho de uma mão fechada e cerejas vermelhas como rubis.

— O que estamos fazendo? — pergunto enquanto Cardan me leva para o limite da floresta.

— Acho um tédio que todas as minhas conversas sejam notadas — diz ele. — Quero que você saiba que sua irmã não veio hoje. Cuidei para que fosse assim.

— O que Locke planejou? — pergunto, sem querer parecer agradecida e me recusando a elogiar a atitude. — A reputação dele depende desta noite.

Cardan faz uma careta.

— Eu não preocupo minha linda cabecinha com esse tipo de coisa. São vocês que têm que fazer o trabalho. Como a formiga da fábula, que trabalha na terra enquanto o gafanhoto canta para passar o verão.

— E fica sem nada no inverno — lembro o restante da fábula.

— Não preciso de nada — afirma ele, balançando a cabeça com uma tristeza fingida. — Sou o Rei do Milho, afinal, esperando ser sacrificado para que o pequeno Oak possa tomar meu lugar na primavera.

Acima de nós, há esferas que brilham com luz mágica e quente pairando no ar da noite, mas as palavras de Cardan geram um arrepio de medo em mim.

Eu o encaro. Sua mão desliza até meu quadril, como se ele fosse me puxar para perto. Por um momento vertiginoso e idiota, algo parece cintilar entre

nós.

Me beija até eu ficar cansado do seu beijo.

Cardan não tenta me beijar, claro. Ele não está à beira da morte, não está delirando de tanto beber, não está tomado de autodesprezo.

— Você não devia estar aqui hoje, formiguinha — diz ele, me soltando. — Volte para o palácio.

Ele sai andando pela multidão. Os cortesãos se curvam quando ele passa. Alguns, os mais ousados, seguram seu casaco, flertam, tentam puxá-lo para uma dança.

E Cardan, que já arrancou a asa de um garoto que não quis se curvar, agora permite essa familiaridade com uma gargalhada.

O que mudou? Ele está diferente porque eu o obriguei a ficar assim? É por estar longe de Balekin? Ou não está diferente e só estou vendo o que quero ver?

Continuo sentindo a pressão quente de seus dedos na minha pele. Tem algo muito errado comigo por querer o que odeio, por desejar alguém que me despreza, mesmo que ele também me deseje. Meu único consolo é que Cardan não sabe o que eu sinto.

Seja qual for a imoralidade que Locke planejou, tenho que ficar para encontrar o representante da Corte dos Cupins. Quanto mais cedo meu favor a Lorde Roiben for pago, mais cedo tenho uma dívida a menos pairando sobre minha cabeça. Além do mais, não podem me ofender mais do que já ofenderam.

Cardan volta para o trono e Nicasia chega com Grimsen, um broche de mariposa prendendo a capa.

O ferreiro começa um discurso que, sem dúvida, é lisonjeiro e tira algo de um bolso. Parece um brinco, uma única gota, que Cardan ergue contra a luz e admira. Acho que ele fez seu primeiro objeto mágico a serviço de Elfhame.

Nas árvores à esquerda, vejo a coruja com cara de duende, Boca-de-Leão, olhando e piscando. Apesar de não conseguir vê-los, sei que Fantasma e vários espiões estão por perto, observando a festa de uma distância próxima o suficiente para chegarem rápido caso tentem alguma coisa.

Um músico parecido com um centauro, mas com corpo de cervo, se adianta; ele carrega uma lira entalhada no formato de uma pixie, as asas

formando a curva superior do instrumento. Tem cordas que parecem ser de muitas cores. O músico começa a tocar e o entalhe a cantar.

Nicasia vai para onde o ferreiro está sentado. Está usando um vestido roxo que fica azul-pavão quando a luz bate. O cabelo está trançado em volta da cabeça, e na testa carrega uma corrente com dezenas de contas penduradas em tons cintilantes de roxo, azul e âmbar.

Quando Grimsen se vira para ela, sua expressão se ilumina. Eu franzo a testa.

Malabaristas começam a jogar no ar uma série de objetos, de ratos vivos a espadas reluzentes. Vinho e bolos de mel são servidos.

Eu finalmente vejo Dulcamara, da Corte dos Cupins, o cabelo ruivo como papoulas preso em pequenos coques e uma espada de duas mãos presa nas costas, um vestido prateado cobrindo seu corpo. Tento não parecer intimidada enquanto ando até ela.

— Bem-vinda — digo. — A que devemos a honra da sua visita? Seu rei encontrou alguma coisa que eu possa fazer por vocês?

Ela me interrompe com um olhar na direção de Cardan.

— Lorde Roiben quer que você saiba que mesmo nas cortes inferiores nós ouvimos coisas.

Por um momento, minha mente percorre um inventário ansioso de todas as coisas que Dulcamara poderia ter ouvido, mas então lembro que andam dizendo que Cardan disparou contra uma das amantes por pura diversão. A Corte dos Cupins é uma das poucas que têm membros Seelie e Unseelie; não sei bem se eles se importariam com a cortesã ferida ou só com a possibilidade de um Grande Rei instável.

— Mesmo sem mentirosos, ainda pode haver mentiras — digo com cautela. — Seja qual for o boato que você ouviu, posso explicar o que realmente aconteceu.

— E eu deveria acreditar em você? Acho que não. — Ela sorri. — Podemos cobrar nosso favor quando quisermos, garota mortal. Lorde Roiben talvez me mande para ser sua guarda pessoal, por exemplo. — Faço uma careta. Ao dizer *guarda*, ela quer dizer *espiã*. — Ou talvez peguemos seu ferreiro emprestado. Grimsen. Ele poderia fazer para Lorde Roiben uma lâmina que corta juramentos.

— Não esqueci minha dívida. Estava com esperanças de que você me deixasse pagá-la agora — digo, me empertigando e assumindo minha autoridade. — Mas Lorde Roiben não pode esquecer…

Ela me interrompe com um rosnado.

— Trate *você* de não esquecer.

Com isso, ela sai andando e me deixa pensando em todas as coisas inteligentes que eu poderia ter dito. Ainda tenho uma dívida com a Corte dos Cupins e continuo sem ter como prolongar meu poder sobre Cardan. Continuo sem ter ideia de quem poderia me trair nem do que fazer com relação a Nicasia.

Pelo menos a festa não parece pior do que as outras, mesmo com toda fanfarronice de Locke. Reflito se seria possível realizar os desejos de Taryn e fazer com que ele seja destituído do cargo de Mestre da Esbórnia, só por ser tedioso.

Como se Locke pudesse ler meus pensamentos, ele bate palmas e silencia a multidão. A música para e, com ela, as danças e o malabarismo, até as gargalhadas.

— Tenho outra diversão para vocês — anuncia ele. — Está na hora de coroar um monarca hoje. A Rainha da Euforia.

Um dos músicos toca uma improvisação alegre no alaúde. Há gargalhadas espalhadas pela multidão.

Um arrepio percorre meu corpo. Já ouvi falar do jogo, embora nunca o tenha visto acontecer. É bem simples: sequestre uma garota mortal, embriague-a com vinho feérico e elogios feéricos e beijos feéricos, então a convença de que ela está sendo honrada com uma coroa — o tempo todo insultando a garota, que está devidamente encantada.

Se Locke tiver sequestrado uma garota mortal para se divertir à custa dela, vai ter que se ver comigo. Vou jogá-lo nas rochas pretas de Insweal para ser devorado pelas sereias.

Enquanto ainda estou pensando nisso, Locke continua:

— Mas claro que só um rei pode coroar uma rainha.

Cardan se levanta do trono e desce pelas pedras para ficar ao lado de Locke. A capa longa de penas desliza atrás do corpo.

— Onde ela está? — pergunta o Grande Rei, as sobrancelhas erguidas. Ele não parece estar se divertindo, e tenho esperanças de que termine antes mesmo de começar. Que satisfação ele poderia ter com esse jogo?

— Você não adivinhou? Só tem uma mortal entre nós — diz Locke. — Ora, nossa Rainha da Euforia é ninguém além de Jude Duarte.

Por um momento, tenho um branco. Não consigo pensar. Mas vejo o sorriso de Locke e os rostos sorridentes dos feéricos da corte e todos os meus sentimentos viram medo.

— Vamos dar um viva para ela — pede Locke.

Eles gritam com vozes desumanas e tenho que sufocar o pânico. Olho para Cardan e vejo algo perigoso cintilando em seus olhos. Não vou ter solidariedade.

Nicasia está com um sorriso exultante e, ao lado dela, o ferreiro Grimsen está se divertindo. Dulcamara, no limite da floresta, fica observando para ver o que vou fazer.

Acho que Locke finalmente fez uma coisa certa. Ele prometeu diversões para o Grande Rei, e tenho certeza absoluta de que Cardan está se divertindo.

Eu poderia mandar que ele impedisse o que vai acontecer em seguida. Ele também sabe, o que quer dizer que imagina que vou odiar o que ele está prestes a fazer, mas não o bastante para dar uma ordem e revelar tudo.

Claro que eu suportaria muita coisa antes de fazer isso.

Você vai se arrepender. Não digo as palavras, mas olho para Cardan e as penso com tanta intensidade que parece que estou gritando.

Locke dá um sinal e um grupo de diabretes se aproxima carregando um vestido feio e maltrapilho, junto com um aro feito de gravetos. Há quatro pequenos cogumelos presos na coroa improvisada, do tipo que produz um pó com odor pútrido.

Eu falo um palavrão baixinho.

— Novos trajes para nossa nova rainha — diz Locke.

Há algumas gargalhadas e ofegos de surpresa. Esse jogo é cruel, inventado para garotas mortais sob glamour para que não saibam que estão sendo vítimas de chacota. Essa supostamente é a diversão, a tolice delas. Elas ficam felizes com vestidos que parecem lindos aos seus olhos. Ficam exultantes e ávidas por

coroas que parecem cintilar de joias. Ficam tontas com a promessa de amor verdadeiro.

Graças ao geas do príncipe Dain, os glamoures feéricos não funcionam em mim, mas, como não sabem disso, todos os membros da corte esperam que a senescal humana do Grande Rei esteja usando um amuleto de proteção: um cordão de frutas de sorveira, um pacotinho de gravetos de carvalho, freixo e espinheiro. Eles sabem que eu vejo a verdade do que Locke está me dando.

A corte me observa com a respiração ansiosa e controlada. Sei que eles nunca viram uma Rainha da Euforia que sabia que estavam debochando dela. Esse jogo é novo.

— Nos diga o que acha da nossa nova lady — Locke pede a Cardan em voz alta, com um sorriso estranho.

A expressão do Grande Rei se contrai, mas relaxa um momento depois, quando ele se vira para a corte.

— Sou perturbado constantemente por sonhos com Jude — diz ele, a voz se espalhando. — O rosto dela aparece com nitidez no meu pesadelo mais frequente.

Os cortesãos riem. O calor sobe ao meu rosto, porque ele está contando um segredo e usando esse segredo para debochar de mim.

Quando Eldred era Grande Rei, as festas eram serenas, mas um novo Grande Rei não é só uma revelação para a terra, mas para a corte em si. Percebo que ele diverte os convidados com seus caprichos e sua capacidade de crueldade. Fui tola de chegar a pensar que ele está diferente do que sempre foi.

— Alguns de nós não acham mortais bonitos. Na verdade, alguns podem até jurar que Jude não tem encantos.

Por um momento, me pergunto se ele *quer* que eu fique furiosa a ponto de mandá-lo parar e acabar revelando nossa barganha para a corte. Mas não, é só que, com o coração trovejando na cabeça, mal consigo pensar.

— Mas acredito que seja só porque a beleza dela é… peculiar. — Cardan faz uma pausa para mais gargalhadas da multidão, para mais escárnio. — Excruciante. Alarmante. *Perturbadora*.

— Talvez ela precise de novos trajes para que sua verdadeira beleza fique evidente — sugere Locke. — Peças finas para alguém tão requintado.

Os diabretes se aproximam para passar o vestido maltrapilho e puído por cima do meu, para o deleite dos feéricos.

Mais risadas. Meu corpo todo está quente. Parte de mim quer sair correndo, mas estou tomada pelo desejo de mostrar que não me deixo intimidar.

— Esperem — digo, erguendo a voz para que todos ouçam. Os diabretes hesitam. A expressão de Cardan é ilegível.

Estico a mão, pego a barra da saia e puxo o vestido que estou usando pela cabeça. É uma peça simples, sem espartilho e sem fechos, e sai com facilidade. Fico parada no meio da festa de roupa de baixo, desafiando-os a dizer alguma coisa. Desafiando Cardan a falar.

— *Agora* estou pronta para colocar meu vestido novo — digo. Há alguns gritinhos, como se as pessoas não entendessem que o jogo é de humilhação. Surpreendentemente, Locke parece estar feliz da vida.

Cardan chega mais perto de mim, o olhar devorador. Não sei se aguento ele me insultando de novo. Por sorte, o Grande Rei parece ter ficado sem palavras.

— Eu te odeio — sussurro antes que ele possa falar.

Ele inclina meu rosto na direção do seu.

— Fala de novo — pede ele enquanto os diabretes penteiam meu cabelo e colocam a coroa feia e fedorenta na minha cabeça. A voz dele está baixa. As palavras são só para mim.

Eu me solto, mas antes vejo a expressão no rosto de Cardan. Ele está como ficou quando foi obrigado a responder minhas perguntas, quando admitiu o desejo por mim. Ele parece estar confessando.

Um rubor se espalha por mim, me confundindo, porque estou ao mesmo tempo furiosa e com vergonha. Eu viro a cabeça.

— Rainha da Euforia, está na hora da sua primeira dança — diz Locke, me empurrando na direção da multidão.

Dedos se fecham nos meus braços. Gargalhadas não humanas ecoam nos meus ouvidos quando a música começa. Quando a dança recomeça, estou no meio. Meus pés batem na terra junto com o ritmo dos tambores, meu coração se acelera com o trinado de uma flauta. Sou girada, passada de mão em mão entre as pessoas. Empurrada e cutucada, beliscada e machucada.

Tento me segurar contra a compulsão da música, tento me libertar da dança, mas não consigo. Quando tento arrastar os pés, mãos me puxam até a música me agitar de novo. Tudo se torna uma confusão de sons e tecidos voando, de olhos brilhantes e escuros e dentes afiados demais.

Estou perdida na dança, fora de controle, como se fosse criança de novo, como se não tivesse barganhado com Dain e me envenenado e roubado o trono. Isso não é glamour. Não consigo parar de dançar, não consigo fazer meu corpo parar de se mover mesmo com meu pavor crescendo. Não vou parar. Vou dançar até gastar o couro dos sapatos, dançar até meus pés estarem ensanguentados, dançar até cair.

— Parem a música! — grito o mais alto que consigo, o pânico dando um tom quase de grito à minha voz. — Como Rainha da Euforia, como senescal do Grande Rei, vocês vão me permitir escolher a dança!

Os músicos param. Os passos dos dançarinos ficam lentos. Talvez seja só uma trégua momentânea, mas eu não sabia nem se conseguiria isso. Estou toda tremendo de fúria e medo e de estresse de lutar contra meu próprio corpo.

Eu me empertigo toda, fingindo com todos eles que estou trajada com roupas refinadas em vez de trapos.

— Vamos organizar uma dança — digo, tentando imaginar como minha madrasta, Oriana, falaria isso. Desta vez, minha voz sai como quero, carregada de uma ordem fria. — E vou dançar com meu rei, que me encheu de elogios e presentes hoje.

A corte me observa com olhos brilhantes e úmidos. São as palavras que eles poderiam esperar que a Rainha da Euforia dissesse, que tenho certeza que incontáveis mortais já falaram antes, em circunstâncias diferentes.

Espero que os deixe nervosos saber que estou mentindo.

Afinal, se o insulto a mim é deixar claro que sou mortal, esta é minha resposta: eu também moro aqui e conheço as regras. Talvez até conheça melhor do que vocês, porque vocês nasceram com elas, mas eu tive que aprender. Talvez eu as conheça melhor do que vocês porque vocês têm mais chance de quebrá-las.

— Quer dançar comigo? — pergunto a Cardan, fazendo uma reverência, a voz ácida. — Pois eu o acho tão bonito quanto você me acha.

Um sussurro se espalha pela multidão. Paguei Cardan na mesma moeda, e a corte não sabe bem como reagir. Eles gostam de coisas não familiares, como surpresas, mas talvez estejam em dúvida se vão gostar dessa.

Ainda assim, parecem hipnotizados pela minha pequena apresentação.

O sorriso de Cardan é indecifrável.

— Eu adoraria — responde ele, e os músicos começam a tocar de novo. Cardan me toma nos braços.

Nós já dançamos uma vez, na coroação do príncipe Dain. Antes dos assassinatos começarem. Antes de eu tomar Cardan como prisioneiro sob a mira da faca. Será que ele pensa nisso enquanto me gira pelo Bosque Leitoso?

Ele podia não ter muita prática com a espada, mas como garantiu à filha da bruxa, é um dançarino talentoso. Deixo que me guie por passos que eu certamente erraria sozinha. Meu coração está disparado e minha pele, coberta de suor.

Mariposas frágeis voam sobre nossa cabeça, girando como se estivessem tragicamente atraídas pela luz das estrelas.

— O que quer que você faça comigo — digo, com raiva demais para ficar em silêncio —, posso fazer pior com você.

— Ah — suspira ele, os dedos segurando os meus com firmeza. — Não pense que esqueço disso por um momento sequer.

— Então *por quê?* — pergunto.

— Você acredita que eu planejei sua humilhação? — Ele ri. — Eu? Parece dar muito trabalho.

— Não ligo se foi você ou não — afirmo, com a cabeça quente demais para entender meus sentimentos. — Só me importo com o fato de que você gostou.

— E por que eu não deveria me deleitar com seu desconforto? Você me enganou. Você me fez de tolo e agora eu sou o Rei dos Tolos.

— O *Grande* Rei dos Tolos — digo, cheia de desprezo na voz.

Nossos olhares se encontram e há um choque de compreensão mútua de que nosso corpo está próximo demais. Estou consciente da minha pele, do suor sobre meu lábio, do roçar das minhas coxas uma na outra. Estou ciente do calor do pescoço dele sob meus dedos entrelaçados, do toque do cabelo e do

quanto quero enfiar as mãos ali. Inspiro o aroma de Cardan: musgo e carvalho e couro. Olho para sua boca traidora e a imagino na minha.

Tudo nisso está errado. Em volta de nós, a festa está sendo retomada. Algumas pessoas da corte olham para nós, porque uma parte dela está sempre olhando para o Grande Rei, mas o jogo de Locke está acabando.

Volte para o palácio, disse Cardan, e ignorei o aviso.

Penso na expressão de Locke quando Cardan falou, na ansiedade no rosto dele. Não era a mim que ele estava observando. Penso pela primeira vez se a minha humilhação foi casual, só uma isca no anzol dele.

Nos diga o que acha da nossa nova lady.

Para meu imenso alívio, no fim da dança os músicos fazem outra pausa e olham para o Grande Rei em busca de instruções.

Eu me afasto dele.

— Estou exausta, Vossa Majestade. Gostaria da sua permissão para me recolher.

Por um momento, penso no que vou fazer se Cardan negar a permissão. Já dei muitas ordens, mas nenhuma sobre poupar meus sentimentos.

— Você é livre para partir ou ficar, como quiser — diz Cardan, magnânimo. — A Rainha da Euforia é bem-vinda aonde quer que vá.

Eu me viro de costas para ele e saio da festa. Encosto contra uma árvore e inspiro o ar frio do mar. Minhas bochechas estão quentes, meu rosto está pegando fogo.

Na extremidade do Bosque Leitoso, vejo ondas batendo nas rochas pretas. Depois de um momento, reparo em formas na areia, como se sombras estivessem se movendo sozinhas. Pisco de novo. Não são sombras. São sereianos saindo do mar. Pelo menos uns vinte. Eles tiram as peles de foca lustrosas e erguem espadas prateadas.

O Reino Submarino veio à festa da Lua do Caçador.

CAPÍTULO
12

Volto correndo, rasgando o vestido longo nos espinhos e arbustos na pressa. Vou imediatamente até o membro mais próximo da guarda. Ele parece sobressaltado quando chego correndo, sem fôlego, ainda trajando os trapos da Rainha da Euforia.

— O Reino Submarino — digo com dificuldade. — Sereianos. Estão vindo. Protejam o rei.

Ele não hesita, não duvida de mim. Chama seus cavaleiros e vão ladear o trono. Cardan observa a movimentação primeiro sem entender, depois com um breve pânico. Sem dúvida lembrando que Madoc mandou os guardas cercarem a plataforma na cerimônia de coroação do príncipe Dain, logo antes de Balekin começar a matar gente.

Antes que eu possa explicar, os sereianos saem do Bosque Leitoso, os corpos lustrosos expostos, exceto por longas cordas de algas e pérolas em volta do pescoço. O toque dos instrumentos para. As gargalhadas morrem.

Levo a mão à coxa e pego a faca longa que carrego ali.

— O que é isso? — pergunta Cardan, se levantando.

Uma sereiana se curva e se afasta para o lado. Atrás deles estão os nobres do Reino Submarino. Andando com pernas que não sei se eles tinham uma hora atrás, eles percorrem o bosque com vestidos e gibões e calças encharcados, sem parecer incomodados. Todos parecem ferozes, mesmo em seus melhores trajes.

Procuro Nicasia na multidão, mas nem ela nem o ferreiro estão lá. Locke está sentado em um dos braços do trono, parecendo considerar que se Cardan

é o Grande Rei, então ser Grande Rei não pode ser uma coisa tão especial.

— Vossa Majestade — diz um homem de pele cinzenta com um casaco que parece feito de pele de tubarão. Ele tem uma voz estranha, que parece rouca por falta de uso. — Orlagh, a Rainha Submarina, nos envia com uma mensagem para o Grande Rei. Nos dê permissão para falar.

O semicírculo de cavaleiros em volta de Cardan se fecha mais um pouco.

O Grande Rei não responde imediatamente. Ele se senta.

— O Reino Submarino é bem-vindo nesta festa da Lua do Caçador. Dancem. Bebam. Que nunca digam que não somos anfitriões generosos, mesmo se tratando de quem não foi convidado.

O homem se ajoelha, mas sua expressão não é nada humilde.

— Sua generosidade é enorme. Mas não podemos aproveitá-la enquanto a mensagem da nossa rainha não for transmitida. Você precisa nos ouvir.

— Preciso? Muito bem — diz o Grande Rei depois de um momento. Ele faz um gesto casual. — O que ela tem a dizer?

O homem de pele cinzenta chama uma garota de vestido azul, o cabelo preso em tranças. Quando ela abre a boca, vejo que seus dentes são finos, muito pontudos e bizarramente transparentes. Ela recita as palavras em forma de música:

O Mar precisa de um noivo,
A Terra, de uma noiva, sem falta.
Os dois unidos para que
Vocês não encarem a maré alta.
Se rejeitar o Mar uma vez,
Seu sangue exigiremos.
Se rejeitar o Mar duas vezes,
Seu corpo tomaremos.
Se rejeitar o Mar três vezes,
É da sua coroa que nos apossaremos.

Os feéricos da terra reunidos, cortesãos e suplicantes, criados e nobres, ficam com olhos arregalados com as palavras.

— Isso é uma proposta? — pergunta Locke. Acho que ele pretende falar de forma que só Cardan escute, mas, no silêncio, sua voz sai alta demais.

— Uma ameaça, acredito — responde Cardan. Ele olha de cara feia para a garota, para o homem de pele cinzenta, para todo mundo. — Você entregou sua mensagem. Não tenho resposta em forma de verso, culpa minha por ter uma senescal que não passa também por poeta da corte, mas vou rabiscar alguma coisa num papel e jogar na água.

Por um momento, todos ficam onde estão, ninguém se mexe.

Cardan bate palmas, sobressaltando o povo do mar.

— E aí? — grita ele. — Dancem! Comemorem! Não foi para isso que vieram?

Sua voz ecoa com autoridade. Ele não mais só *parece* o Grande Rei de Elfhame; ele *fala* como o Grande Rei.

Um tremor de premonição percorre meu corpo.

Os cortesãos do Reino Submarino, com os trajes encharcados e pérolas cintilantes, o observam com olhos pálidos e frios. O rosto deles está tão inexpressivo que não sei se a gritaria os incomoda. Mas quando a música recomeça, eles seguram as mãos membranosas uns dos outros e entram na festa, pulando e saltitando como se fosse algo que eles fazem por prazer debaixo das ondas.

Meus espiões permaneceram escondidos durante o encontro. Locke se afasta do trono para rodopiar com duas sereianas seminuas. Nicasia não está visível em lugar nenhum, e quando procuro Dulcamara, também não a vejo. Vestida como estou, não suporto falar com ninguém em posição oficial. Tiro a coroa fedorenta da cabeça e a jogo na grama.

Penso em tirar o vestido esfarrapado, mas antes que eu decida efetivamente fazer isso, Cardan me chama até o trono.

Eu não me curvo. Esta noite, afinal, sou uma governante por direito próprio. A Rainha da Euforia, que não está rindo.

— Pensei que você tivesse indo embora. — Sua voz está ríspida.

— E eu pensei que a Rainha da Euforia fosse bem-vinda aonde quer que fosse — respondo num sussurro.

— Reúna o Conselho Vivo nos meus aposentos no palácio — diz ele, a voz fria e distante e real. — Me juntarei a vocês assim que conseguir fugir

daqui.

Faço que sim e já estou em meio à multidão quando me dou conta de duas coisas: a primeira, que ele me deu uma ordem. A segunda, que eu obedeci.



Quando chego ao palácio, envio pajens para convocarem o Conselho. Mando Boca-de-Leão com uma mensagem para meus espiões descobrirem para onde Nicasia foi. Eu achava que ela ficaria por perto para ouvir a resposta de Cardan, mas considerando que estava tão insegura a ponto de atirar em uma amante rival, talvez esteja relutante em ouvir.

Mesmo que ela acredite que ele escolheria ficar com ela em vez de uma guerra, isso não quer dizer muito.

Nos meus aposentos, tiro o vestido rapidamente e me lavo. Quero me livrar do odor dos cogumelos, do fedor do fogo e da humilhação. É uma bênção ter minhas antigas roupas de volta. Coloco um vestido marrom sem graça, simples demais para minha posição atual, mas bem confortável. Prendo o cabelo com uma severidade implacável.

Tatterfell não está mais por perto, mas é óbvio que esteve. Meus aposentos estão arrumados, minhas roupas estão passadas e penduradas.

E, na minha escrivaninha, um bilhete endereçado a mim: *Do Grande General do Exército do Grande Rei para a Senescal de Sua Majestade*.

Abro o envelope. O bilhete é mais curto do que o que está escrito do lado de fora.

Venha ao salão de guerra imediatamente.
Não espere o Conselho.

Meu coração bate forte. Penso em fingir que não recebi a mensagem e em simplesmente não ir, mas isso seria covardia.

Se Madoc ainda tem esperanças de colocar Oak no trono, não pode deixar um casamento com o Reino Submarino acontecer. Ele não tem motivo para saber que, ao menos nisso, estou totalmente do lado dele. É uma boa oportunidade para Madoc mostrar suas intenções.

E, assim, sigo com relutância para o salão de guerra. É familiar; brinquei lá quando criança, debaixo de uma mesa grande coberta com o mapa do Reino das Fadas, com pequenas figuras entalhadas representando as cortes e os exércitos. As "bonecas" dele, como Vivi dizia.

Entro e encontro o salão mal iluminado. Tem velas queimando em uma escrivaninha, ao lado de umas cadeiras duras.

Eu me lembro de ler um livro encolhida ali enquanto, ao meu lado, planos violentos eram tramados.

Madoc ergue o olhar dessa mesma cadeira, se levanta e faz sinal para eu me sentar em frente a ele, como se fôssemos semelhantes. Ele está sendo interessantemente cuidadoso comigo.

No tabuleiro de estratégias só há algumas figuras. Orlagh e Cardan, Madoc e outra que só reconheço quando observo com mais atenção. É para mim que estou olhando, feita de madeira entalhada. Senescal. Mestre de espionagem. Fazedora do rei.

De repente sinto medo do que fiz para ir parar naquele tabuleiro.

— Recebi seu bilhete — quebro o silêncio, me sentando em uma cadeira.

— Depois desta noite, achei que você talvez estivesse finalmente reconsiderando algumas das escolhas que fez — observa ele.

Começo a falar, mas Madoc levanta a mão com garras para deter minhas palavras.

— Se eu fosse você — continua —, meu orgulho poderia me levar a fingir outra coisa. Os feéricos não conseguem mentir, como você sabe, não com nossa língua. Mas podemos enganar. E somos tão capazes de enganar a nós mesmos quanto qualquer mortal.

Fico magoada por ele saber que fui coroada Rainha da Euforia e alvo de risadas da corte.

— Você acha que não sei o que estou fazendo?

— Bem — diz ele com cuidado —, não com certeza. O que vejo é você se humilhando para o mais jovem e mais tolo dos príncipes. Ele prometeu alguma coisa a você?

Mordo a bochecha para não ser ríspida. Por mais humilhada que eu já me sinta, se ele me acha uma tola, então devo me permitir ser tola.

— Sou a senescal do Grande Rei, não sou?

Só que é difícil disfarçar com as risadas da corte ainda ecoando nos meus ouvidos. Com o pó fedorento daqueles cogumelos ainda no cabelo e a lembrança das palavras ofensivas de Cardan.

Excruciante. Alarmante. Perturbadora.

Madoc suspira e abre as mãos na frente do corpo.

— Sabe por que Eldred não tinha interesse no filho mais novo? Baphen viu azar nas estrelas assim que ele nasceu. Mas enquanto Cardan usar a Coroa de Sangue, estou jurado a ele como estive ao pai dele, como estaria a Dain ou até a Balekin. A oportunidade que se apresentou na coroação, a oportunidade de mudar o rumo do destino, está perdida para mim.

Ele faz uma pausa. Não importa como elabore a frase; o significado é o mesmo. A oportunidade se perdeu porque eu roubei dele. Sou o motivo de Oak não ser Grande Rei e Madoc não estar usando sua influência para transformar Elfhame em sua imagem.

— Mas então tem você — prossegue Madoc —, que não está jurada pelas palavras. Cujas promessas podem ser descumpridas…

Penso no que ele me disse depois da última reunião do Conselho Vivo: *Não há juramento que prenda você. Se estiver arrependida do que fez, faça outra coisa. Ainda há jogos a serem jogados*. Vejo que ele escolheu esse momento para elaborar o tema.

— Você quer que eu traia Cardan — digo, só para deixar as coisas claras.

Ele se levanta e me chama até a mesa de estratégias.

— Não sei que conhecimento você tem da Rainha Submarina, mas houve uma época em que o Reino Submarino era um lugar bem parecido com a terra. Tinha muitos feudos, com muitos governantes entre os sereianos e outros seres submarinos.

"Quando Orlagh assumiu o poder, caçou cada pequeno governante e os assassinou, para que todo Reino Submarino só respondesse a ela. Ainda há alguns que ela não controla, aqueles poderosos demais e outros distantes demais. Mas se Orlagh casar a filha com Cardan, pode ter certeza de que vai forçar Nicasia a fazer o mesmo aqui."

— Assassinar os chefes das cortes menores? — pergunto.

Ele sorri.

— De todas as cortes. Talvez primeiro pareça uma série de acidentes… ou algumas ordens tolas. Ou talvez seja outro banho de sangue.

Eu o observo com atenção. Afinal, o último banho de sangue foi, ao menos em parte, feito dele.

— E você discorda da filosofia de Orlagh? Faria o mesmo se fosse o poder por trás do trono?

— Eu não teria feito em nome do mar — diz. — Ela quer a terra como sua vassala. — Madoc estica a mão para a mesa e pega uma figura pequena, entalhada como representação da rainha Orlagh. — Ela acredita na paz forçada do reinado absoluto.

Eu olho para o tabuleiro.

— Você queria me impressionar — continua ele. — Supôs corretamente que eu não veria seu verdadeiro potencial enquanto não me superasse. Considere-me impressionado, Jude. Mas seria melhor para nós dois pararmos de brigar e nos concentrarmos em nosso interesse comum: poder.

A afirmação paira no ar de forma ameaçadora. Um elogio entregue em forma de ameaça. Ele prossegue.

— Mas agora volte para o meu lado. Volte antes que eu realmente aja contra você.

— E o que seria necessário para voltar? — pergunto.

Ele me olha com expressão de avaliação, como se questionando o quanto pode dizer em voz alta.

— Eu tenho um plano. Quando a hora chegar, você pode me ajudar a implementá-lo.

— Um plano que não ajudei a elaborar e que você não vai me contar? — falo. — E se eu estiver mais interessada em mais poder do que já tenho?

Ele sorri e mostra os dentes.

— Então acho que não conheço minha filha muito bem. Porque a Jude que eu conheci arrancaria o coração daquele garoto pelo que ele fez a você hoje.

Com a vergonha de ter a humilhação da festa jogada na minha cara, eu surto.

— Você me deixou ser humilhada desde que eu era pequena. Deixou feéricos me machucarem e rirem de mim e me mutilarem. — Mostro a mão

com a ponta do dedo faltando, a ponta que um dos guardas de Madoc arrancou com uma mordida. Tem outra cicatriz no meio da mão, onde Dain me obrigou a enfiar uma faca. — Fui enfeitiçada e levada para uma festa, chorando e sozinha. Até onde sei, a única diferença entre esta noite e todas as outras em que aguentei indignidades sem reclamar é que as outras beneficiaram você e, por eu ter aguentado a de hoje, eu seria a beneficiada.

Madoc parece abalado.

— Eu não sabia.

— Você não queria saber — retruco.

Ele volta o olhar para o tabuleiro, para as peças, para a figura que me representa.

— Esse argumento é um belo golpe bem no meu fígado, mas não sei se funciona muito bem como defesa. O garoto é indigno…

Ele teria continuado, mas a porta se abre e Randalin aparece, espiando dentro da sala, a veste com cara de que foi colocada apressadamente.

— Ah, vocês dois. Que bom. A reunião já vai começar. Venham logo.

Quando me levanto, Madoc segura meu braço. A voz dele está baixa.

— Você tentou nos dizer que isso ia acontecer. Tudo que peço hoje é que use seu poder como senescal para impedir qualquer aliança com o Reino Submarino.

— Sim — concordo, pensando em Nicasia e Oak e em todos os meus planos. — Isso eu posso garantir.

CAPÍTULO
13

O Conselho Vivo se reúne nos aposentos enormes do Grande Rei, em volta de uma mesa com o símbolo da linhagem Greenbriar, flores e espinhos com raízes em espiral.

Nihuar, Randalin, Baphen e Mikkel estão sentados enquanto Fala está de pé no meio do aposento, cantando:

Peixinhos. Peixinhos. Botando seus pezinhos.
Se case com um peixe e a vida será um docinho.
Frite-o numa frigideira e tire suas espinhas.
Sangue de peixe no trono é uma coisa geladinha.

Cardan se joga em um sofá próximo de forma dramática, desdenhando completamente da mesa.

— Isso é ridículo. Onde está Nicasia?

— Temos que discutir a proposta — diz Randalin.

— *Proposta?* — Madoc repete com deboche, se sentando. — Pela forma como foi feita, não sei bem como o Grande Rei poderia se casar com a garota sem parecer que a terra sentiu medo do mar e cedeu às suas exigências.

— Talvez tenha sido meio exagerado — pondera Nihuar.

— É hora de nos prepararmos — fala Madoc. — Se é guerra que ela quer, é guerra que lhe daremos. Vamos tirar sal do mar, mas não vou permitir que Elfhame trema sob a fúria de Orlagh.

Guerra, exatamente o que eu temia que Madoc criasse, mas que agora chega sem que ele instigue.

— Bem — diz Cardan, fechando os olhos como se fosse cochilar bem ali. — Então não preciso fazer nada.

Madoc curva os lábios. Randalin parece meio incomodado. Por tanto tempo ele quis Cardan nas reuniões do Conselho Vivo, mas agora não sabe bem o que fazer com a presença do Grande Rei.

— Você poderia tomar Nicasia como consorte em vez de noiva — sugere Randalin. — Colocar nela um herdeiro que possa governar a terra e o mar.

— Agora não preciso me casar sob ordens de Orlagh, só me reproduzir? — questiona Cardan.

— Quero ouvir o que Jude tem a dizer — fala Madoc, para minha enorme surpresa.

O resto do conselho se vira para mim. Todos parecem perplexos com as palavras. Nas reuniões, meu único valor é de condutora entre eles e o Grande Rei. Agora, com o próprio Grande Rei se representando, eles esperam que eu fale tanto quanto uma das figuras de madeira do tabuleiro de estratégia.

— Para quê? — quer saber Randalin.

— Porque não a ouvimos antes. Ela tentou nos avisar que a Rainha Submarina ia agir contra a terra. Se tivéssemos ouvido, talvez não estivéssemos perdidos atrás de uma estratégia agora.

Randalin faz uma careta.

— Isso é verdade — concorda Nihuar, como se estivesse tentando pensar em uma forma de explicar esse sinal perturbador de incompetência.

— Talvez ela nos conte o que mais sabe — diz Madoc.

Mikkel ergue as sobrancelhas.

— Tem mais? — pergunta Baphen.

— Jude? — chama Madoc.

Eu peso as palavras que digo a seguir.

— Como falei, Orlagh anda se comunicando com Balekin. Não sei que informações ele passou para ela, mas o mar envia gente para a terra com presentes e mensagens para ele.

Cardan parece surpreso e infeliz. Percebo que não contei a ele sobre Balekin e o Reino Submarino, apesar de ter informado ao conselho.

— Você também sabia sobre Nicasia? — pergunta ele.

— Eu, hã… — começo a falar, perdida.

— Ela não gosta de compartilhar muitas informações no conselho — diz Baphen com expressão astuta.

Como se fosse minha culpa o fato de nenhum deles me ouvir.

Randalin faz cara de irritação.

— Você nunca explicou como descobriu essas coisas, aliás.

— Se você está perguntando se tenho segredos, posso facilmente perguntar o mesmo a você — lembro a ele. — Da última vez, você não estava interessado em ouvir nenhum dos meus.

— Príncipe da terra, príncipe debaixo das ondas — começa Fala. — Príncipe das prisões, príncipe dos patifes.

— Balekin não é estrategista — diz Madoc, que é o mais perto que já chegou de admitir que *ele* estava por trás da execução de Eldred. — Mas é ambicioso. E orgulhoso.

— *Se rejeitar o Mar uma vez, seu sangue exigiremos* — recita Cardan. — É Oak, imagino.

Madoc e eu trocamos um olhar rápido. A única coisa sobre a qual concordamos é que Oak ficará em segurança. Estou feliz de ele estar longe daqui, no continente, com espiões e cavaleiros cuidando dele. Mas se Cardan estiver certo sobre o que aqueles versos significam, me pergunto se ele vai precisar de mais proteção do que isso.

— Se o Reino Submarino estiver planejando roubar Oak, talvez tenham prometido a coroa a Balekin — conclui Mikkel. — Só é importante manter dois na linhagem de sangue quando um é necessário para coroar o outro. Três é demais. Três é perigoso.

Isso é só outra forma de dizer que alguém devia matar Balekin antes que ele tente assassinar Cardan.

Eu também não me importaria de ver Balekin morto, mas Cardan é irredutivelmente contra a execução do irmão. Penso nas palavras que ele me disse na Corte das Sombras: *Posso ser podre, mas minha única virtude é que não sou assassino*.

— Vou refletir sobre isso, conselheiros — promete Cardan. — Agora, quero falar com Nicasia.

— Mas nós ainda não decidimos… — começa Randalin, parando de falar quando percebe o olhar fulminante que Cardan lança para ele.

— Jude, vá buscá-la — exige o Grande Rei de Elfhame. Outra ordem.

Eu me levanto, trinco os dentes e vou até a porta. Fantasma está me esperando.

— Onde está Nicasia? — pergunto.

Ela foi colocada nos meus aposentos, Barata de vigia. O vestido cinza-pomba está no meu divã, como se Nicasia estivesse posando para uma pintura. Fico me perguntando se o motivo para ter saído correndo foi trocar de roupa para essa plateia.

— Olhem o que o vento trouxe — zomba ela quando me vê.

— O Grande Rei exige sua presença — informo.

Ela sorri de um jeito estranho e se levanta.

— Se ao menos isso fosse verdade.

Seguimos pelo corredor, os cavaleiros observando-a passar. Nicasia está majestosa e infeliz ao mesmo tempo, mas quando as portas enormes dos aposentos de Cardan se abrem, ela entra com a cabeça erguida.

Enquanto eu estava fora, um criado levou chá. Está em infusão em um bule no meio de uma mesa baixa. Uma xícara solta fumaça entre os dedos finos e compridos do Grande Rei.

— Nicasia — começa ele. — Sua mãe mandou uma mensagem para nós dois.

Ela franze a testa e observa os outros conselheiros, a falta de convite para se sentar e a falta de oferta de chá.

— Esse plano foi dela, não meu.

Ele se inclina para a frente, não mais sonolento nem entediado, mas a encarnação perfeita do lorde feérico apavorante, de olhos vazios e incalculavelmente poderoso.

— Talvez, mas você sabia que ela faria isso, aposto. Não brinque comigo. Nós nos conhecemos bem demais para truques.

Nicasia olha para baixo, e seus cílios tocam sua face.

— Ela deseja um tipo diferente de aliança. — Talvez o Conselho a veja como dócil e humilde, mas não sou tão tola assim.

Cardan se levanta e joga a xícara contra a parede, e ela se estilhaça.

— Diga para a Rainha Submarina que se ela me ameaçar de novo, a filha dela vai se tornar minha prisioneira, não noiva.

Nicasia parece abalada.

Randalin finalmente encontra a voz.

— Não é adequado jogar coisas na filha do Reino Submarino.

— Peixinho — diz Fala —, tire suas pernas e saia nadando.

Mikkel solta uma gargalhada.

— Não devemos nos precipitar — declara Randalin sem firmeza. — Princesa, deixe o Grande Rei ter mais tempo para refletir.

Eu estava com medo de Cardan achar graça, ficar lisonjeado ou tentado. Mas ele está claramente furioso.

— Me deixe falar com minha mãe. — Nicasia olha ao redor, para os conselheiros, para mim, antes de parecer decidir que não vai tentar convencer Cardan a nos mandar sair. Ela faz o melhor que consegue, volta o olhar só para ele e fala como se não estivéssemos presentes. — O mar é severo, assim como os métodos da rainha Orlagh. Ela exige quando deveria pedir, mas isso não quer dizer que não há sabedoria no que quer.

— Você se casaria comigo, então? Uniria o mar à terra e um ao outro na infelicidade? — Cardan a encara com todo o escárnio que antes reservava para mim. Parece que o mundo foi virado de cabeça para baixo.

Mas Nicasia não recua. Ela dá um passo para mais perto.

— Nós seríamos uma lenda — afirma ela. — Lendas não precisam se preocupar com algo tão pequeno quanto felicidade.

E então, sem esperar ser dispensada, ela se vira e sai. Sem receber ordens, os guardas abrem caminho para que passe.

— Ah — suspira Madoc. — Ela se comporta como se já fosse rainha.

— Fora — brada Cardan, e, como ninguém reage, ele faz um gesto amplo no ar. — Fora! Fora. Tenho certeza de que vocês desejam debater mais como se eu não estivesse presente, então vão fazer isso em um lugar onde eu realmente não esteja presente. Saiam e não me perturbem mais.

— Perdão — balbucia Randalin. — Nós só queríamos…

— Fora! — repete o Grande Rei, e nesse ponto até Fala vai na direção da porta. — Menos Jude. Você, espere um momento.

Você. Eu me viro para ele, a humilhação da noite ainda quente na pele. Penso em todos os meus segredos e planos, no que vai acontecer se entrarmos em guerra com o Reino Submarino, no que arrisquei e no que já está eternamente perdido.

Espero até que o último integrante do Conselho Vivo esteja fora dos aposentos de Cardan.

— Se você me der outra ordem — ameaço —, vou lhe mostrar a verdadeira vergonha. Os jogos de Locke não vão ser nada comparados ao que vou obrigar você a fazer.

Com isso, sigo os outros para o corredor.



Na Corte das Sombras, penso nas possíveis jogadas.

Matar Balekin. Mikkel não se enganou quando insinuou que sem ele seria mais difícil o Reino Submarino arrancar a coroa da cabeça do Grande Rei.

Casar Cardan com outra pessoa. Penso na Mãe Marrow e quase me arrependo de ter interferido. Se a filha da bruxa tivesse se tornado noiva de Cardan, talvez Orlagh não iniciasse essa tentativa casamenteira.

Mas é claro que eu teria outros problemas.

Sinto uma dor de cabeça começando por trás dos olhos. Passo os dedos no alto do nariz.

Com o casamento de Taryn tão próximo, Oak chegará ao Reino das Fadas em poucos dias. Não gosto da ideia do meu irmão aqui com a ameaça de Orlagh pairando sobre Elfhame. Ele é uma peça valiosa demais no tabuleiro de estratégias, necessário demais para Balekin, perigoso demais para Cardan.

Lembro a última vez que vi Balekin, penso na influência que ele tinha sobre a guarda, na forma como se comportou, como se fosse um rei em exílio. E todos os relatos que ouvi de Vulciber sugerem que pouca coisa mudou. Ele exige luxos, recebe visitantes do mar que deixam poças e pérolas para trás. Tento imaginar o que disseram para ele, as promessas que fizeram. Apesar da crença de Nicasia de que Balekin não será necessário, ele deve estar torcendo pelo oposto.

Lembro-me também de outra coisa: da mulher que falou sobre minha mãe. Ela está lá esse tempo todo, e se está disposta a vender um tipo de informação em troca de liberdade, talvez esteja disposta a vender outro.

Enquanto penso no que gostaria de saber, me dou conta do quanto seria mais útil enviar informações *para* Balekin, em vez de ficar tentando descobrir o que ele está tramando.

Se eu fizer aquela prisioneira acreditar que a estou libertando temporariamente para me contar sobre minha mãe, posso também soltar alguma informação para ela ouvir. Algo sobre Oak, sobre o paradeiro dele ou sua vulnerabilidade. Ela não estaria mentindo ao reproduzir a informação; acreditaria que ouviu e falou a verdade.

Penso mais um pouco e decido que não, é cedo demais para isso. O que preciso agora é dar à prisioneira uma informação simples que ela possa passar adiante, uma informação que eu possa controlar e verificar, para ter certeza de que ela é uma boa fonte.

Balekin queria enviar um recado a Cardan. Vou arrumar um jeito de permitir.

Há algum tempo, a Corte das Sombras começou a formalizar o registro de documentos sobre os cidadãos de Elfhame, mas nenhum dos pergaminhos tem informações sobre os prisioneiros da Torre, apenas sobre Balekin. Enquanto ando pelo corredor, vou até o novo escritório de Bomba.

Ela está lá, jogando adagas em um quadro de pôr do sol.

— Não gostou? — pergunto, apontando para a tela.

— Gostei muito — afirma ela. — Agora, gosto mais.

— Preciso de uma prisioneira da Torre do Esquecimento. Temos uniformes suficientes para alguns dos nossos novos recrutas? Os cavaleiros de lá já viram meu rosto. Vulciber pode ajudar, mas prefiro não arriscar. É melhor falsificar papéis e tirá-la de lá com poucas perguntas.

Ela franze o cenho em concentração.

— Quem você quer?

— Tem uma mulher. — Pego um pedaço de papel e desenho o piso inferior da melhor maneira que consigo. — Ela estava na escada. Aqui. Sozinha.

Bomba franze ainda mais o cenho.

— Você é capaz de descrevê-la?

Dou de ombros.

— Rosto fino, chifres. Bonita, acho. Vocês são todos bonitos.

— Que tipo de chifre? — pergunta Bomba, inclinando a cabeça para o lado como se estivesse pensando em alguma coisa. — Retos? Curvos?

Mostro a posição que lembro na minha cabeça.

— Pequenos. Tipo de bode. E ela tinha cauda.

— Não tem muitos feéricos na Torre — explica Bomba. — A mulher que você está descrevendo…

— Você a conhece?

— Nunca troquei uma palavra com ela — informa Bomba. — Mas sei quem é… ou melhor, quem era: uma das amantes de Eldred, e ela lhe deu um filho. A prisioneira é a mãe de Cardan.

CAPÍTULO
14

Bato com as unhas na antiga escrivaninha de Dain enquanto Barata traz a prisioneira.

— O nome dela é Asha — anuncia ele. — *Lady* Asha.

Asha está magra e tão pálida que parece meio cinzenta. Não se parece muito com a mulher sorridente que vi no globo de cristal.

Ela está olhando ao redor em êxtase. É claro que pareço satisfeita de estar fora da Torre do Esquecimento. Seus olhos famintos absorvem cada detalhe da sala sem graça.

— Qual é o crime dela? — pergunto, fingindo saber menos do que realmente sei. Espero que, assim, ela entre no jogo e se mostre mais.

Barata grunhe e me acompanha.

— Ela foi consorte de Eldred e, quando ele se cansou dela, foi jogada na Torre.

Sem dúvida havia mais, mas só descobri que teve a ver com a morte de outra amante do Grande Rei e, de alguma forma, com o envolvimento de Cardan.

— Que azar — lamento, indicando a cadeira na frente da minha mesa. A mesma na qual, há cinco longos meses, Cardan foi amarrado. — Sente-se.

Vejo as feições do Grande Rei nas dela. Eles têm as mesmas maçãs do rosto absurdas, a boca macia.

Ela se senta e volta o olhar intenso para mim.

— Tenho uma sede gritante.

— Tem, é? — considera Barata, lambendo o canto do lábio com a língua preta. — Talvez um copo de vinho lhe caísse bem.

— Também estou com frio — continua ela. — Gelada até os ossos. Gelada como o mar.

Barata olha para mim.

— Fique aqui com nossa Rainha das Sombras e cuidarei do resto.

Não sei o que fiz para merecer o título tão extravagante e temo que tenha sido dado a mim como se daria o apelido "Pequeno" a um troll enorme, mas ela não parece se impressionar.

Barata sai e nos deixa sozinhas. Meu olhar o segue por um momento, pensando em Bomba e no segredo dela. Eu me viro para lady Asha.

— Você disse que conheceu minha mãe — lembro a ela, torcendo para fazê-la falar até eu conseguir descobrir como seguir em frente e chegar ao que realmente preciso saber.

A expressão é de leve surpresa, como se estivesse tão distraída pelo ambiente que tivesse esquecido o motivo de estar lá.

— Vocês se parecem muito.

— Os segredos dela — especifico. — Você disse que sabia segredos sobre ela.

Por fim, Asha sorri.

— Eva achava tedioso ter que ficar sem *tudo* da vida antiga. Ah, foi divertido no começo estar no Reino das Fadas… sempre é, mas eles acabam ficando com saudades de casa. Nós atravessávamos o mar escondidas para estar entre mortais e pegar coisinhas de que ela sentia falta. Barras de chocolate gordurosas. Perfume. Meia-calça. Isso foi antes do Justin, claro.

Justin e Eva. Eva e Justin. Minha mãe e meu pai. Meu estômago dá um nó ao pensar neles como duas pessoas que Asha conheceu melhor do que eu.

— Claro — ecoo mesmo assim.

Ela se inclina para a frente, por cima da mesa.

— Você se parece com ela. Você se parece com os dois.

E você se parece com ele, penso.

— Você ouviu a história, imagino — prossegue Asha. — Que um deles, ou os dois, mataram uma mulher e queimaram o corpo para esconder de Madoc o

desaparecimento da sua mãe. Eu poderia contar sobre isso. Poderia contar como aconteceu.

— Eu trouxe você aqui justamente para isso — admito. — Para você poder me contar tudo que sabe.

— E depois me jogar de volta na Torre? Não. Minhas informações têm preço.

Antes que eu possa responder, a porta se abre, e Barata entra carregando uma bandeja com queijo, um pão escuro e uma xícara fumegante de vinho com especiarias. Ele está com uma capa sobre os ombros e, depois de botar a comida na mesa, a coloca sobre ela como um cobertor.

— Algum outro pedido? — pergunta ele.

— Ela estava chegando nessa parte — declaro.

— Liberdade — anuncia ela. — Quero ficar longe da Torre do Esquecimento e quero passagem livre para Insmoor, Insweal e Insmire. Mais do que isso, quero que você prometa que o Grande Rei de Elfhame nunca vai saber da minha libertação.

— Eldred está morto — digo. — Não precisa se preocupar.

— Eu sei quem é o Grande Rei — constata ela com rispidez. — E não quero ser descoberta por ele quando estiver livre.

Barata ergue as sobrancelhas.

No silêncio, lady Asha toma um grande gole de vinho e morde um pedaço de queijo.

Passa pela minha cabeça que Cardan provavelmente sabe para onde a mãe foi enviada. Se não fez nada para tirá-la de lá, nada para vê-la desde que virou Grande Rei, é tudo intencional. Penso no garoto no globo de cristal e na expressão de adoração que ele fez para ela e me pergunto o que mudou. Quase não me lembro da minha mãe, mas faria muita coisa para vê-la novamente, mesmo que só por um momento.

— Me conte algo de valor — declaro. — E vou pensar na questão.

— Então não receberei nada hoje? — questiona ela.

— Nós não te alimentamos e trajamos com suas próprias roupas? Mais ainda, você pode dar uma volta pelo jardim antes de voltar para a Torre. Sentir o aroma das flores e a grama sob seus pés — proponho. — Mas quero me fazer bem clara: não estou suplicando por lembranças reconfortantes nem histórias

de amor. Se você tiver alguma coisa melhor para me dar, talvez eu encontre algo para lhe oferecer. Mas não pense que preciso de você.

Ela faz beicinho.

— Muito bem. Uma bruxa apareceu nas terras de Madoc quando sua mãe estava grávida de Vivienne. A bruxa era dada a profecias e adivinhava o futuro em casca de ovo. E sabe o que ela disse? Que a filha de Eva estava destinada a ser uma arma melhor do que Justin seria capaz de forjar.

— Vivi? — pergunto.

— A filha dela — repete Asha. — Ela deve ter pensado na que carregava na barriga na ocasião. Talvez tenha sido por isso que foi embora. Para proteger a filha do destino. Mas ninguém pode fugir do destino.

Estou em silêncio, a boca apertada. A mãe de Cardan toma outro gole de vinho.

Não vou mostrar nada do que sinto.

— Ainda é pouco — digo, mantendo-me concentrada na esperança de que a informação que vou soltar consiga chegar a Balekin, na esperança de ter encontrado um caminho para superá-lo. — Se pensar em algo melhor, pode me enviar uma mensagem. Nossos espiões monitoram os bilhetes que entram e saem da Torre do Esquecimento, normalmente no momento em que as mensagens são passadas para o palácio. O que você enviar, seja para quem for, se sair da mão do guarda, nós veremos. Vai ser fácil me avisar se sua memória encontrar algo mais valioso.

Com isso, me levanto e saio da sala. Barata me segue até o corredor e bota a mão no meu braço.

Por um longo momento, fico parada sem dizer nada, tentando organizar os pensamentos.

Ele balança a cabeça.

— Fiz algumas perguntas a ela no caminho para cá. Parece que lady Asha amava a vida no palácio, era apaixonada pela atenção do Grande Rei, se regozijava com as danças, cantorias e o vinho. Cardan foi largado para ser amamentado por uma gatinha preta cujos bebês nasceram mortos.

— Ele sobreviveu à base de leite de gato? — pergunto, surpresa. Barata me olha como se eu não tivesse entendido a história.

— Depois que ela foi enviada para a Torre, Cardan foi enviado para Balekin — diz ele.

Penso novamente no globo que vi no escritório de Eldred, em Cardan usando trapos, olhando, em busca de aprovação, para a mulher que está na minha sala, e a aprovação só vinha quando ele era horrível. Um príncipe abandonado, amamentado por leite de gato e crueldade, que vagava pelo palácio como um fantasminha. Penso em mim, encolhida em uma torre na Mansão Hollow, vendo Balekin enfeitiçar um mortal para bater em seu irmão mais novo por ser um péssimo espadachim.

— Leve-a de volta à Torre — ordeno a Barata.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Não quer ouvir mais sobre seus pais?

— Ela tem satisfação demais em contar coisas que sabe. Vou conseguir as informações sem negociar tanto. — Além do mais, plantei mais de uma semente importante. Agora, só tenho que ver se vai crescer.

Ele abre um sorrisinho.

— Você gosta, não é? De fazer joguinhos conosco? De puxar suas cordinhas e nos ver dançar?

— Você quer dizer os feéricos?

— Imagino que também gostaria com os mortais, mas você tem prática com a gente. — Ele não fala com tom de reprovação, mas a sensação é de estar sendo alfinetada. — E talvez alguns de nós ofereçam um gostinho especial.

Ele me olha por cima do nariz curvado de goblin até eu responder.

— Era para ser um elogio?

Com isso, Barata abre um sorriso de verdade.

— Não é um insulto.

CAPÍTULO
15

Os vestidos que Taryn mandou fazer chegam no dia seguinte, caixas deles, junto com casacos e jaquetinhas práticas, calças de veludo e botas altas. Tudo parece pertencer a alguém feroz, alguém ao mesmo tempo melhor e pior do que eu.

Eu me visto e, antes de terminar, Tatterfell entra. Ela insiste em pentear meu cabelo e o prender com um pente novo, entalhado na forma de um sapo com uma única pedra de crisoberilo como olho.

Eu observo meu reflexo usando um casaco de veludo preto com detalhes prateados e penso no cuidado com que Taryn escolheu a peça. Quero pensar nisso e em mais nada.

Uma vez, ela disse que me odiava um pouco por ser testemunha de sua humilhação com os nobres. Eu me pergunto se esse não é o motivo para eu ter tanta dificuldade em esquecer o que aconteceu com Locke, porque ela presenciou e, sempre que a vejo, me lembro de como é ser feita de idiota.

Mas quando olho para minhas roupas novas, penso em todas as coisas boas que advém de alguém conhecer você bem o bastante para entender suas esperanças e medos. Posso não ter contado a Taryn todas as coisas horríveis que fiz e as habilidades terríveis que adquiri, mas ela me vestiu como se eu tivesse contado.

Com minhas roupas novas, sigo para uma reunião do Conselho convocada às pressas e os ouço debater se Nicasia levou a mensagem irritada de Cardan para Orlagh e se peixes podem voar (quem inicia essa discussão é Fala).

— Não importa se ela levou a mensagem ou não — declara Madoc. — O Grande Rei deixou sua posição bem clara. Ele não vai se casar, então temos que supor que Orlagh vai cumprir as ameaças. O que quer dizer que ela vai atrás do sangue dele.

— Você está indo muito rápido — observa Randalin. — Não devíamos considerar que o tratado talvez ainda esteja valendo?

— De que adianta considerar isso? — questiona Mikkel com um olhar de lado para Nihuar. — As Cortes Unseelie não sobrevivem de desejos.

A representante Seelie repuxa a boquinha de inseto.

— As estrelas dizem que essa é uma época de grande agitação — revela Baphen. — Vejo um novo monarca a caminho, mas se isso é sinal de Cardan deposto, de Orlagh derrubada ou de Nicasia virando rainha, não sei dizer.

— Tenho um plano — diz Madoc. — Oak estará aqui em Elfhame em breve. Quando Orlagh enviar seu pessoal atrás dele, pretendo pegá-la.

— Não — eu me manifesto, surpreendendo todo mundo, atraindo seus olhares. — Você não vai usar Oak como isca.

Madoc não parece ofendido pela minha manifestação.

— Pode parecer que é isso que estou querendo fazer…

— Porque é. — Olho para ele com raiva, lembrando todos os motivos para não querer que Oak seja Grande Rei com Madoc como regente.

— Se Orlagh planeja caçar Oak, é melhor sabermos quando ela vai atacar em vez de esperar que aja. E a melhor forma de saber é criando uma oportunidade.

— Que tal *remover* a oportunidade? — sugiro.

Madoc balança a cabeça.

— Isso não passa dos desejos contra os quais Mikkel se manifestou. Eu já escrevi para Vivienne. Eles planejam chegar em uma semana.

— Oak não pode vir para cá! — exclamo. — Já era ruim antes, mas agora é pior.

— Você acha que o mundo mortal é seguro? — Madoc dá uma risada debochada. — Acha que o Reino Submarino não é capaz de chegar a ele lá? Oak é meu filho, eu sou o Grande General de Elfhame e sei o que faço. Pode fazer o que quiser para protegê-lo, mas deixe o resto comigo. Agora não é hora para ataques de nervos.

Eu trinco os dentes.

— Nervos?

Ele me olha com firmeza.

— É fácil arriscar a própria vida, não é? Aceitar o perigo. Mas um estrategista precisa às vezes botar os outros em risco também, até quem amamos. — Ele me olha com intensidade, talvez para me lembrar que já o envenenei. — Pelo bem de Elfhame.

Mas mordo a língua de novo. Não vou chegar a lugar nenhum com essa conversa na frente do Conselho. Principalmente porque não tenho certeza de que eu esteja certa.

Preciso descobrir mais coisas sobre os planos do Reino Submarino e preciso que seja rápido. Se houver alguma alternativa além de botar Oak em risco, pretendo encontrá-la.

Randalin tem mais perguntas sobre a guarda pessoal do Grande Rei. Madoc quer que as cortes inferiores enviem mais do que a cota habitual de tropas. Nihuar e Mikkel fazem objeções. Deixo que as palavras ocupem minha mente para tentar controlar meus pensamentos.

Quando a reunião termina, recebo um papel com duas mensagens. Uma é de Vivi, enviada ao palácio, solicitando que eu vá até lá e acompanhe ela, Oak e Heather a Elfhame para o casamento de Taryn em um dia, antes mesmo do que foi sugerido por Madoc. A segunda é de Cardan, me convocando para a sala do trono.

Falo um palavrão baixinho e me preparo para sair. Randalin segura minha manga.

— Jude — diz ele. — Me permita lhe dar um conselho.

Penso se ele vai me repreender.

— O senescal não é só a voz do rei — fala. — Você também é a mão dele. Se não gosta de trabalhar com o general Madoc, encontre um novo Grande General, que não tenha cometido traição previamente.

Eu sabia que Randalin costumava se desentender com Madoc em reuniões do conselho, mas não fazia ideia de que queria eliminá-lo. Mas confio nele tanto quanto confio em Madoc.

— Um pensamento interessante — respondo de um jeito que espero que seja neutro antes de escapar dali.



Cardan está sentado reclinado de lado quando entro, uma perna descansando por cima do braço do trono.

Foliões sonolentos ainda festejam no salão, em volta de mesas ainda cheias de delícias. O cheiro de terra remexida e vinho derramado paira no ar. Quando estou indo na direção da plataforma, vejo Taryn dormindo em um tapete. Tem um garoto pixie que não conheço dormindo ao seu lado, as asas altas de libélula tremendo de vez em quando, como se sonhando com voos.

Locke está bem acordado, sentado na beirada da plataforma, gritando com os músicos.

Frustrado, Cardan se mexe e bota as pernas no chão.

— Qual é exatamente o problema aqui?

Um garoto com a parte inferior de cervo dá um passo à frente. Reconheço-o da festa da Lua do Caçador, quando ele tocou. A voz treme quando fala.

— Perdão, Vossa Majestade. É que minha lira foi roubada.

— E o que estamos debatendo? — pergunta Cardan. — Uma lira ou está aqui ou não está mais, não é? Se estiver sumida, que um flautista toque.

— Ele roubou. — O garoto aponta para um dos músicos, o que tem cabelo parecido com grama.

Cardan se vira para o ladrão com a testa franzida de impaciência.

— A *minha* lira tinha cordas feitas do cabelo de lindos mortais que morreram tragicamente jovens — diz o feérico de cabelo de grama. — Demorei décadas para montar, e não foi fácil de manter. As vozes mortais cantavam com lamento quando eu tocava. Com seu perdão, meu rei, poderia ter feito até você chorar.

Cardan faz um gesto impaciente.

— Se já acabou de se gabar, qual é a importância disso? Não perguntei sobre o *seu* instrumento, só sobre o *dele*.

O feérico de cabelo de grama parece corar, a pele ficando um tom mais escuro de verde… que suponho que não seja a cor de sua pele, mas do sangue.

— Ele pegou na véspera — se justifica, apontando para o garoto-cervo. — Depois disso, ficou obcecado e só descansou quando a destruiu. Eu peguei a

lira *dele* como recompensa, pois embora seja inferior, eu tenho que tocar alguma coisa.

— Você devia punir os dois — opina Locke. — Por trazerem uma questão tão trivial para o Grande Rei.

— Bem? — Cardan se vira para o garoto que alegou primeiro que sua lira tinha sido roubada. — Devo dar meu julgamento?

— Ainda não, lhe rogo — pede o garoto-cervo, as orelhas tremendo de nervosismo. — Quando toquei a lira dele, as vozes dos que morreram, cujos cabelos formavam as cordas, falaram comigo. Eles eram os verdadeiros donos da lira. E quando a destruí, eu os estava salvando. Eles estavam presos, sabe.

Cardan se senta no trono e inclina a cabeça para trás com frustração, deixando a coroa torta.

— Basta — diz. — Vocês dois são ladrões e nenhum é muito bom.

— Mas você não entende o tormento, a gritaria… — O garoto-cervo aperta a mão sobre a boca ao lembrar que está na presença do Grande Rei.

— Você nunca ouviu falar que a virtude é uma recompensa *por si só*? — pergunta Cardan com voz agradável. — Isso é porque não tem *outra* recompensa nela.

O garoto mexe os cascos no chão.

— Você roubou uma lira e sua lira foi roubada em seguida — declara Cardan suavemente. — Há uma certa justiça nisso. — Ele se vira para o músico com cabelo de grama. — E você resolveu o problema com as próprias mãos, então só posso concluir que foi resolvido de forma satisfatória. Mas vocês dois me irritaram. Me deem esse instrumento.

Os dois parecem insatisfeitos, mas o músico de cabelo de grama se aproxima e entrega a lira a um guarda.

— Cada um de vocês vai ter a chance de tocar, e quem tocar mais docemente fica com ela. Pois a arte é mais do que virtude ou vício.

Subo os degraus devagar enquanto o garoto-cervo começa a tocar. Eu não esperava que Cardan se importasse a ponto de ouvir os músicos e não consigo decidir se a avaliação dele é brilhante ou se ele é só um babaca. Tenho medo de estar novamente interpretando o que quero que seja verdade em suas ações.

A música é poderosa e vibra na minha pele até os ossos.

— Vossa Majestade — digo. — Mandou me chamar?

— Ah, sim. — O cabelo de asa de corvo cai sobre um olho. — Então estamos em guerra?

Por um momento, acho que ele está falando sobre nós.

— Não — informo. — Pelo menos não até a próxima lua cheia.

— Não se pode lutar contra o mar — diz Locke filosoficamente.

Cardan dá uma risadinha.

— Podemos lutar contra qualquer coisa. Mas vencer é uma questão bem diferente. Não é verdade, Jude?

— Jude é uma verdadeira vencedora — responde Locke com um sorriso. Ele olha para os músicos e bate palmas. — Basta. O outro.

Como Cardan não contradiz o Mestre da Esbórnia, o garoto-cervo entrega com relutância a lira para o feérico de cabelo de grama. Uma nova música se espalha pela colina, uma melodia forte que acelera meu coração.

— Você estava de saída — digo para Locke.

Ele sorri.

— Estou muito à vontade aqui — retruca ele. — Não deve ter nada que você tenha para dizer ao rei que seja tão pessoal e particular.

— Pena que você nunca vai descobrir. Vá. Agora. — Penso no conselho de Randalin, no lembrete dele de que tenho poder. Talvez eu tenha, mas ainda não consigo me livrar de um Mestre da Esbórnia por meia hora, imagine de um Grande General que também é mais ou menos meu pai.

— Saia — Cardan ordena para Locke. — Eu não a chamei aqui para o *seu* prazer.

— Você é um ingrato. Se realmente gostasse de mim, teria chamado Jude exatamente para isso — profere Locke enquanto desce da plataforma.

— Leve Taryn para casa — digo para ele, de costas. Se não fosse por minha irmã, eu daria um soco na cara dele.

— Locke gosta de você assim, acho — diz Cardan. — De bochechas rosadas e furiosa.

— Não ligo para o que ele gosta — retruco com desprezo.

— Você parece *não* ligar para muita coisa. — A voz dele soa seca e, quando olho em sua direção, não consigo interpretar seu rosto.

— Por que estou aqui? — pergunto.

Ele descruza as pernas na lateral do trono e se levanta.

— Você. — Ele aponta para o garoto-cervo. — Hoje é seu dia de sorte. Leve a lira. Cuidem para que nenhum dos dois chame minha atenção de novo. — Quando o garoto-cervo se curva e o feérico de cabelo de grama amarra a cara, Cardan se vira para mim. — Venha.

Ignoro a postura despótica com dificuldade e o sigo para trás do trono e para fora da plataforma, até uma portinha na parede de pedra, meio escondida por hera. Nunca estive naquele lugar.

Cardan puxa a planta para o lado e entramos.

É uma salinha claramente elaborada para encontros íntimos e amorosos. As paredes são cobertas de musgo com pequenos cogumelos cintilantes, lançando uma luz pálida sobre nós. Tem um sofá baixo no qual as pessoas poderiam se sentar ou se reclinar, dependendo do que a situação pedisse.

Estamos sozinhos de uma forma que não ficamos há muito tempo, e quando ele dá um passo na minha direção, meu coração dá um pulo.

Cardan ergue as sobrancelhas.

— Meu irmão me mandou uma mensagem. — Ele tira um papel do bolso.

Se quiser salvar seu pescoço, venha me visitar.
E bote uma coleira na sua senescal.

— E então — começa ele, me entregando o papel. — O que você andou fazendo?

Solto um suspiro de alívio. Não demorou para lady Asha passar a informação que dei a ela para Balekin e também não demorou para Balekin agir. Um ponto para mim.

— Impedi que você recebesse umas mensagens — admito.

— E decidiu não mencioná-las. — Cardan me olha sem nenhum rancor particular, mas também não exatamente satisfeito. — Assim como não me contou sobre os encontros de Balekin com Orlagh nem os planos de Nicasia para mim.

— Olha, claro que Balekin quer te ver — digo, tentando redirecionar a conversa para longe da lista infelizmente incompleta de coisas que não contei para ele. — Você é irmão dele, que ele abrigava na própria casa. É a única

pessoa com poder de libertá-lo e que pode realmente fazer isso. Achei que se você estivesse com humor misericordioso, poderia falar com ele quando quisesse. Não precisava de pedidos.

— E o que mudou? — pergunta Cardan, balançando o papel para mim. Agora ele parece irritado. — Por que tive permissão de receber isso?

— Eu dei a ele uma fonte de informação — confesso. — Uma que é possível que eu comprometa.

— E tenho que responder esse bilhetinho?

— Ordene que ele seja trazido até você acorrentado. — Pego o papel da mão de Cardan e enfio no bolso. — Eu fiquei interessada em saber o que ele acha que pode conseguir de você com um pouco de conversa, principalmente porque Balekin não sabe que você está ciente das conexões dele com o Reino Submarino.

Cardan aperta os olhos. A pior parte é que o estou enganando de novo agora, enganando por omissão. Escondendo que minha fonte de informação, a que posso comprometer, é a mãe dele.

Pensei que você quisesse que eu fizesse isso sozinha, tenho vontade de dizer. *Pensei que eu tinha que governar e você tinha que ser feliz e que era para ser só assim*.

— Desconfio de que ele vá tentar gritar comigo até eu dar o que ele quer — diz Cardan. — Talvez seja possível provocá-lo até que deixe alguma coisa escapar. Possível, não provável.

Faço que sim, e a parte planejadora do meu cérebro, apurada com jogos de estratégia, me oferece uma jogada.

— Nicasia sabe mais do que está dizendo. Faça com que ela diga o resto e use isso contra Balekin.

— Sim, bem, acho que não seria politicamente conveniente esmagar os polegares da princesa do mar.

Olho para ele de novo, para a boca macia e as maçãs do rosto proeminentes, para a beleza cruel de seu rosto.

— Não esmague polegares. Você. Vá até Nicasia e a encante.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah, pare com isso — digo, o plano surgindo na minha mente enquanto falo, um plano que odeio tanto quanto sei que vai ser eficiente. — Você está

com cortesãs penduradas no seu pescoço praticamente toda vez que te vejo.

— Eu sou o *rei*.

— Elas viviam penduradas em você bem antes disso. — Estou frustrada por ter que explicar isso. Não é possível que ele não esteja ciente da reação dos feéricos a ele.

Cardan faz um gesto de impaciência.

— Você quer dizer quando eu era um mero *príncipe*?

— Use suas artimanhas — falo, exasperada e constrangida. — Sei que você tem algumas. Ela te quer. Não deve ser tão difícil.

As sobrancelhas do Grande Rei sobem ainda mais.

— Você está mesmo sugerindo que eu faça isso.

Respiro fundo porque me dou conta de que terei que convencê-lo de que vai dar certo. E sei de uma coisa que talvez o convença.

— Foi Nicasia que atravessou a passagem e disparou na garota que você estava beijando — revelo.

— Você quer dizer que ela tentou me matar? Sinceramente, Jude. Quantos segredos você está guardando?

Penso na mãe dele de novo e mordo a língua. São muitos.

— Ela disparou na garota, não em você. Encontrou você na cama com outra pessoa, ficou com ciúmes e disparou duas vezes. Infelizmente para você, mas felizmente para todo mundo, ela tem mira péssima. Agora acredita que ela quer você?

— Não sei em que acreditar — rebate ele, claramente irritado, talvez com ela, talvez comigo, provavelmente com as duas.

— Ela pensou em surpreender você na cama. Dê o que ela quer e arranque a informação de que precisamos para evitar a guerra.

Ele anda na minha direção e chega tão perto que sinto seu hálito no meu cabelo.

— Você está me ordenando?

— Não — nego, sobressaltada e sem conseguir encará-lo. — Claro que não.

Ele leva os dedos ao meu queixo e inclina minha cabeça para que eu olhe em seus olhos pretos, a fúria neles quente como carvão.

— Você só acha que eu deveria fazer isso. Que eu posso. Que seria bom nisso. Muito bem, Jude. Me diga como se faz. Você acha que ela gostaria que eu me aproximasse assim, que olhasse no fundo dos olhos dela?

Meu corpo todo está alerta, vibrando de desejo, constrangedor em sua intensidade.

Ele sabe. Sei que ele sabe.

— Provavelmente — cedo, minha voz saindo um pouco trêmula. — Faça aquilo que costuma fazer.

— Ah, não — provoca ele, a voz cheia de fúria quase descontrolada. — Se você quer que eu banque o prostituto, ao menos me dê o benefício do seu conselho.

Os dedos cheios de anéis percorrem minha bochecha, a linha do lábio e descem pelo pescoço. Sinto-me tonta e sufocada.

— Devo tocá-la assim? — pergunta ele, os cílios baixos. As sombras cobrem o rosto e as bochechas, acentuando as feições.

— Não sei — digo, mas minha voz me trai. Sai tudo errado, agudo e sem fôlego.

Ele encosta a boca na minha orelha e dá um beijo. A mão desliza pelos meus ombros, me fazendo tremer.

— E depois assim? É assim que devo seduzi-la? — Sinto sua boca formar as palavras na minha pele. — Você acha que daria certo?

Afundo as unhas na palma da mão para não me mover para perto dele. Meu corpo todo está tremendo de tensão.

— Acho.

Ele leva a boca à minha e meus lábios se abrem. Fecho os olhos para não ver o que estou prestes a fazer. Meus dedos sobem até o emaranhado de cachos pretos. Ele não me beija como se estivesse com raiva; o beijo é suave, ardente.

Tudo fica mais lento, líquido e quente. Mal consigo pensar.

Eu queria e também temia isso, e agora que está acontecendo, não sei como vou poder querer outra coisa.

Nós cambaleamos até o sofá baixo. Ele me reclina nas almofadas e eu o puxo para cima de mim. Sua expressão está idêntica à minha, de surpresa e um pouco de horror.

— Diga de novo o que disse na festa — sussurra ele, o corpo sobre o meu.

— O quê? — Mal consigo pensar.

— Que você me odeia — responde ele, a voz rouca. — Diga que me odeia.

— Eu te odeio — repito, as palavras saindo como uma carícia. Eu falo de novo, sem parar. Uma litania. Um encantamento. Uma proteção contra o que realmente sinto. — Eu te odeio. Eu te odeio. Eu te odeio.

Ele me beija com mais intensidade.

— Eu te odeio — sussurro contra sua boca. — Te odeio tanto que às vezes não consigo pensar em outra coisa.

Ao ouvir isso, ele faz um som rouco e baixo.

Uma das mãos desliza sobre a minha barriga e acompanha o contorno da minha pele. Ele me beija de novo, como se estivesse caindo de um precipício. Como uma avalanche, criando expectativa a cada toque, até que só haja desmoronamento e destruição à frente.

Nunca senti nada parecido.

Cardan começa a desabotoar meu gibão, e tento não ficar paralisada, tento não demonstrar minha inexperiência. Não quero que ele pare.

Parece um geas. Tem todo o prazer sinistro de sair escondida de casa, toda a satisfação revoltante de roubar. Eu me lembro do momento antes de enfiar a lâmina na mão, impressionada com minha própria capacidade de autotraição.

Ele se inclina para tirar a jaqueta e tento tirar a minha. Ele me olha e pisca, como se estivesse no meio de uma neblina.

— Essa é uma ideia simplesmente péssima — observa ele com um tom de surpresa na voz.

— É — concordo, tirando as botas.

Estou de meia-calça e acho que não existe jeito elegante de tirar. Se existe, não encontro. Enrolada no tecido, me sentindo tola, percebo que posso fazer tudo parar agora. Posso pegar minhas coisas e sair. Mas não é o que faço.

Ele tira a camisa branca pela cabeça com um único gesto elegante, revelando pele e cicatrizes. Minhas mãos estão tremendo. Ele as segura e beija meus dedos com uma espécie de reverência.

— Quero te dizer tantas mentiras — admite ele.

Eu tremo e meu coração salta quando a mão de Cardan percorre minha pele, uma delas deslizando entre minhas coxas. Espelho o movimento e abro

com dificuldade os botões de sua calça. Ele me ajuda a tirá-la, a cauda envolvendo a própria perna e depois se curvando para envolver as minhas também, de forma suave como um sussurro. Estico a mão e a passo pela barriga chapada. Não me permito hesitar, mas minha inexperiência é óbvia. A pele do Grande Rei está quente debaixo da minha mão, dos meus calos. Seus dedos se movem com confiança demais.

Sinto como se estivesse me afogando em sensações.

Seus olhos estão abertos, observando meu rosto corado, minha respiração entrecortada. Tento me impedir de emitir ruídos constrangedores. É mais íntimo do que a forma como ele está me tocando, ser olhada assim. Odeio o fato de ele saber o que está fazendo e eu não. Odeio estar vulnerável. Eu me agarro a ele, minhas unhas afundando em suas costas, meus pensamentos girando, e a única coisa que sobra na minha cabeça: que gosto mais dele do que já gostei de qualquer pessoa e que, de todas as coisas que Cardan já fez comigo, fazer com que eu goste tanto dele é de longe a pior.

CAPÍTULO
16

Uma das coisas mais difíceis de fazer como espiã, como estrategista ou mesmo como pessoa é esperar. Eu me lembro das aulas de Fantasma, que me fazia ficar sentada por horas com uma besta na mão sem deixar minha mente vagar, esperando a chance para o disparo perfeito.

Boa parte de vencer é esperar.

Mas a outra parte é acertar o alvo quando chega a hora. Liberar o impulso acumulado.

Quando volto a meus aposentos, lembro a mim mesma disso. Não posso me dar ao luxo de me distrair. Amanhã, preciso buscar Vivi e Oak no mundo mortal e pensar num plano melhor do que o de Madoc, ou numa forma de tornar seu plano mais seguro para Oak.

Eu me concentro no que vou dizer a Vivi em vez de pensar em Cardan. Não quero refletir sobre o que aconteceu entre nós. Não quero pensar em como os músculos dele se moveram, nem na sensação de sua pele, nem nos ruídos baixos que ele fez, nem no movimento daquela boca na minha.

E não quero pensar na força que precisei usar para morder meu próprio lábio para ficar quieta. Nem no quanto ficou óbvio que eu nunca tinha feito as coisas que nós fizemos, assim como as que não fizemos.

Cada vez que penso, afasto a lembrança com o maior vigor possível. Afasto junto a enorme vulnerabilidade que sinto, a sensação de ter sido exposta até meus mais sensíveis nervos. Não sei como vou encarar Cardan de novo sem me comportar como uma boba.

Se não posso resolver o problema do Reino Submarino nem o de Cardan, talvez eu possa resolver alguma outra coisa.

É um alívio vestir um terno de tecido escuro e botas altas de couro, prender lâminas nos meus punhos e panturrilhas. É um alívio fazer uma coisa física, ir para a floresta e andar silenciosamente até uma casa mal protegida. Quando um dos residentes entra, minha faca chega a seu pescoço mais rápido do que ele consegue falar.

— Locke — cumprimento docemente. — Está surpreso?

Ele se vira para mim, o sorriso deslumbrante hesitando.

— Minha flor. O que houve?

Depois de um momento de surpresa, percebo que ele acha que sou Taryn. Ele não consegue mesmo perceber a diferença entre nós?

O buraco negro onde meu coração deveria estar fica satisfeito com a ideia.

— Se você acha que minha irmã colocaria uma faca no seu pescoço, talvez você deva adiar a noite de núpcias — debocho, dando um passo para trás e indicando uma cadeira com a ponta da faca. — Vá. Sente-se.

Locke faz o movimento para se sentar, mas eu chuto a cadeira para trás e ele cai no chão, rola e faz uma cara feia de indignação.

— Que grosseria. — Locke só diz isso, mas tem uma coisa em seu rosto que não estava lá antes.

Medo.

Por cinco meses, tentei usar todo o controle que aprendi ao longo de uma vida mantendo a cabeça baixa. Tentei me comportar como se só tivesse um pouco de poder, o poder de uma serva importante, e ainda assim ter em mente que eu estava no comando. Um ato de equilíbrio que me faz pensar na lição de Val Moren sobre malabarismo.

Eu permiti que a situação de Locke saísse de controle.

Posiciono o pé no peito dele e pressiono levemente para lembrá-lo de que se eu usasse um pouco mais de força, poderia quebrar um osso.

— Cansei de ser educada. Não vamos fazer joguinhos de palavras nem criar charadas. Humilhar o Grande Rei é má ideia. Me humilhar é péssima ideia. Ficar enrolando minha irmã é pura burrice. Será que você achou que eu estava *ocupada* demais para me vingar? Ora, Locke, quero que você entenda que, para você, eu vou sempre *arrumar tempo*.

O rosto dele fica pálido. Ele não sabe como me interpretar agora. Sabe que já esfaqueei Valerian, mas não imagina que o matei nem que matei mais alguém depois disso. Não faz ideia de que me tornei espiã e, depois, mestre de espiões. Até a luta de espadas com Taryn foi uma coisa sobre a qual ele só ouviu falar.

— Tornar você Rainha da Euforia foi uma brincadeira — Locke tenta se justificar, olhando para mim do chão com uma espécie de carinho nos olhos de raposa, um sorrisinho no canto da boca, como se quisesse que eu sorrisse com ele. — Pare com isso, Jude, me deixe levantar. Devo mesmo acreditar que você faria mal a mim?

Minha voz ganha um tom doce claramente fingido.

— Você já me acusou de fazer um grande jogo. Como foi que você chamou? O jogo de reis e príncipes, de rainhas e coroas? Mas, para jogar bem, preciso ser impiedosa.

Ele começa a se levantar, mas coloco mais força no pé e mudo a posição da faca. Ele para de se mexer.

— Você sempre gostou de histórias — lembro. — Disse que queria criar fagulhas para tramas. Bem, o enredo de uma gêmea que mata o noivo da irmã é bom, você não acha?

Ele fecha os olhos e estica as mãos vazias.

— Calma, Jude. Talvez eu tenha exagerado. Mas não consigo acreditar que você queira me matar por isso. Sua irmã ficaria arrasada.

— Melhor que ela nem chegue a ser esposa do que acabar sendo viúva — provoco, mas tiro o pé do peito dele.

Locke se levanta devagar e bate a sujeira da roupa. Quando está de pé, olha ao redor como se não reconhecesse a própria casa agora que a viu do ângulo do chão.

— Você está certo — continuo. — Não quero fazer mal a você. Nós seremos da mesma família. Você vai ser meu irmão e eu, a sua irmã. Vamos ser amigos. Mas, para isso, preciso que você faça algumas coisas por mim.

"Primeiro, pare de tentar me deixar pouco à vontade. Pare de tentar me transformar numa personagem de um dos seus dramas. Escolha outro alvo para tecer suas histórias.

"Segundo, seja qual for seu problema com Cardan, seja lá o que for que levou você a querer se divertir tanto brincando com ele, a achar que seria divertido roubar a amante de Cardan e trocá-la por uma garota mortal, como se você quisesse que ele soubesse que a coisa mais querida dele não valia nada para você, pare. Seja lá o que for que fez você decidir que eu seria Rainha da Euforia para atormentá-lo com os sentimentos que você desconfiava que ele tinha, pare. Ele é o Grande Rei, e esse jogo é perigoso demais."

— Perigoso — repete ele —, mas *divertido*.

Eu não sorrio.

— Humilhe o rei perante a corte e os cortesãos vão espalhar boatos, e os súditos se esquecerão de sentir medo. Em pouco tempo, as cortes inferiores vão achar que podem agir contra ele.

Quando fica claro que a cadeira quebrada não vai mais ficar em pé sozinha, Locke a apoia contra a mesa.

— Ah, tudo bem, você está com raiva de mim. Mas pense. Você pode ser a senescal, e obviamente fascinou o Grande Rei com seus quadris e seus lábios e sua pele mortal quente, mas sei que no seu coração, apesar do que ele possa ter prometido, você ainda o odeia. Adoraria vê-lo rebaixado perante toda a corte. Ora, se não estivesse vestida em trapos e sido motivo de risadas, é provável que me perdoasse por tudo que já fiz contra você só por elaborar isso.

— Você está enganado — informo.

Ele sorri.

— Mentirosa.

— Mesmo que eu gostasse, precisa terminar.

Locke parece estar avaliando o quanto estou falando sério e do que sou capaz. Tenho certeza de que está vendo a garota que levou para casa, a que beijou e enganou. Ele está questionando, provavelmente não pela primeira vez, como dei a sorte de ser transformada em senescal, como consegui botar as mãos na coroa de Elfhame para orquestrar que meu irmão a colocasse na cabeça de Cardan.

— A última coisa é a seguinte: você vai ser fiel a Taryn. Depois que vocês se casarem, se você quiser ter outros amantes, é melhor que ela esteja com você quando acontecer e é melhor que esteja envolvida. Se não for divertido para todo mundo, não vai acontecer.

Ele me olha sem entender.

— Você está me acusando de não ligar para sua irmã? — pergunta ele.

— Se eu realmente acreditasse que você não liga para Taryn, nós não estaríamos tendo esta conversa.

Ele solta um longo suspiro.

— Você me mataria?

— Se você estiver de brincadeira com Taryn, Madoc vai fazer as honras. Eu nem terei a oportunidade.

Guardo a faca e vou na direção da porta.

— Sua família ridícula vai acabar se surpreendendo ao descobrir que nem tudo se resolve matando — grita Locke atrás de mim.

— Nós ficaríamos *mesmo* surpresos de descobrir isso — respondo.

CAPÍTULO
17

Nos cinco meses em que Vivi e Oak estiveram longe, só visitei o mundo mortal em dois momentos. Uma vez para ajudá-los a arrumar o apartamento e outra para um queijos e vinhos que Heather fez no aniversário de Vivi. Nesse dia, Taryn e eu ficamos sentadas constrangidas na ponta de um sofá, comendo queijo com azeitonas oleosas, ganhando pequenos goles de Syrah de garotas universitárias porque éramos "jovens demais para beber". Meus nervos ficaram à flor da pele a noite toda, imaginando que problemas estavam acontecendo na minha ausência.

Madoc tinha enviado um presente para Vivi, Taryn o carregou fielmente pelo mar: um prato dourado de sal que nunca ficava vazio. Era só virá-lo que ficava cheio de novo. Achei o presente irritante, mas Heather apenas riu, como se fosse um brinquedinho com fundo falso.

Ela não acreditava em magia.

Como Heather vai reagir ao casamento de Taryn, ninguém sabe. Eu só espero que Vivienne a tenha alertado sobre pelo menos uma parte do que vai acontecer. Senão, a notícia de que sereias são *reais* vai chegar junto com a notícia de que as sereias *querem nos pegar*. E eu acho que "tudo de uma vez" não é a forma ideal de se ouvir essa notícia.

Depois da meia-noite, Barata e eu atravessamos o mar em um barco feito de corredeiras de rio e hálito. Carregamos uma leva de mortais que estavam cavando aposentos novos para a Corte das Sombras. Tirados de suas camas no mundo humano logo depois do crepúsculo, serão devolvidos antes do

amanhecer. Quando acordarem, vão encontrar moedas de ouro espalhadas nos lençóis e dentro dos bolsos. Não ouro feérico, que se dissipa como pétalas de dentes-de-leão, mas ouro de verdade; pagamento de um mês inteiro por uma única noite roubada.

Podem me achar cruel por permitir isso, mais ainda por ordenar que fosse feito. E talvez eu seja mesmo. Mas eles fizeram uma barganha, mesmo não entendendo com quem. E posso jurar que, além do ouro, a única coisa que fica com eles quando acordam é a exaustão. Não vão se lembrar da viagem para Elfhame e não serão trazidos para cá de novo.

Na viagem de volta, os mortais ficam sentados quietos no barco, perdidos em sonhos enquanto o movimento do mar e do vento nos leva adiante. No céu, Boca-de-Leão nos acompanha, procurando problemas. Olho para as ondas e penso em Nicasia, imagino mãos com membranas nas laterais da embarcação, imagino os feéricos do mar subindo a bordo.

Não se pode lutar contra o mar, disse Locke. Espero que ele esteja enganado.

Perto da margem, eu saio do barco, piso na água gelada, que alcança minhas panturrilhas, pedras negras embaixo dos pés, e passo por elas, deixando o barco se desfazer quando a magia de Barata cessa. Boca-de-Leão parte para o leste para procurar futuros trabalhadores.

Barata e eu colocamos cada mortal na cama, às vezes ao lado de um amante adormecido que tomamos o cuidado de não acordar enquanto cobrimos tudo de ouro. Sinto-me como uma feérica numa história, andando pé ante pé pelas casas, podendo roubar a nata do leite ou fazer nós nos cabelos das crianças.

— Esse costuma ser um trabalho solitário — diz Barata quando terminamos. — Sua companhia foi um prazer. Ainda temos algumas horas entre o amanhecer e a hora de acordar. Vamos jantar.

É verdade que ainda está cedo para buscar Vivi, Heather e Oak. Também é verdade que estou com fome. Estou com a mania de adiar a hora de comer até estar faminta. Sinto-me um pouco como uma cobra, ou morrendo de fome ou engolindo um rato inteiro.

— Tudo bem.

Barata sugere irmos para uma lanchonete. Não conto que nunca fui a uma. Sigo atrás dele pela floresta e saímos perto de uma rodovia. Do outro lado da

estrada há um prédio, iluminado e muito reluzente de tanto cromo. Há uma placa que diz que fica aberto 24 horas; o estacionamento é enorme, e vários caminhões já estão parados lá. Quase não tem trânsito nessa madrugada, e atravessamos a rodovia com facilidade.

Lá dentro, sento-me com obediência no compartimento que Barata escolhe. Ele estala os dedos e a caixinha ao lado da nossa mesa ganha vida, tocando música. Eu me encolho de surpresa e ele ri.

Uma garçonete se aproxima da mesa carregando atrás da orelha uma caneta com tampa bem mastigada, como nos filmes.

— Alguma bebida? — pergunta, as palavras emboladas, e levo um momento para entender que ela fez uma pergunta.

— Café — pede Barata. — Preto como os olhos do Grande Rei de Elfhame.

A garçonete só olha para ele por um tempo, rabisca alguma coisa no bloco que tem nas mãos e volta o olhar para mim.

— A mesma coisa — digo, sem saber o que mais poderia pedir.

Quando ela se afasta, abro o cardápio e olho as fotos. Acontece que lá tem de *tudo*. Pilhas de comida. Asas de frango brilhantes, cobertas de molho, acompanhadas de potinhos com mais molho. Uma pilha de batatas cortadas e fritas com salsichas crocantes e ovos borbulhantes. Tortas de trigo maiores do que minha mão aberta, com manteiga e xarope brilhante.

— Sabia que seu povo já achou que os feéricos vieram a este mundo e tiraram a parte saudável da comida mortal?

— E vieram? — pergunto com um sorriso.

Ele dá de ombros.

— Alguns truques ficam perdidos no tempo. Mas admito que a comida mortal tem muita substância.

A garçonete volta com canecas de café quentes e aqueço minhas mãos nelas enquanto Barata pede picles fritos e asas de frango, um hambúrguer e um milk-shake. Eu peço uma omelete com cogumelos e uma coisa chamada queijo pepper jack.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo. Vejo Barata abrir pacotes de açúcar e virar na caneca. Não faço nada na minha. Estou acostumada com as

bebidas com chantilly em cima que Vivi levava para mim, mas há algo de satisfatório em tomar café assim, quente e amargo.

Preto como os olhos do Grande Rei de Elfhame.

— E então — Barata quebra o silêncio. — Quando você vai contar ao rei sobre a mãe dele?

— Ela não quer que ele saiba.

Barata franze a testa.

— Você fez melhorias na Corte das Sombras. Você é jovem, e é ambiciosa de uma forma que talvez só os jovens possam ser. Eu te avalio por três coisas e três coisas apenas: o quanto é sincera conosco, o quanto é capaz e o que quer para o mundo.

— E onde lady Asha se encaixa nisso tudo? — pergunto enquanto a garçonete chega com a nossa comida. — Porque já estou sentindo que tem alguma coisa. Você não começou com aquela pergunta por nada.

Minha omelete é enorme, um galinheiro inteiro de ovos. Os cogumelos têm formas idênticas, como se alguém tivesse moído cogumelos de verdade e feito versões novas com cortadores de biscoitos. O gosto também é assim. Com a comida de Barata empilhada do outro lado, a mesa logo fica lotada e pesada.

Ele come um pedaço de asa de frango e lambe os lábios com a língua preta.

— Cardan faz parte da Corte das Sombras. Nós podemos fazer jogos com o mundo, mas não fazemos jogos uns com os outros. Esconder mensagens de Balekin é uma coisa. Mas a mãe dele… Ele sabe que ela não está morta?

— Você está escrevendo uma tragédia sem motivo — digo. — Não temos razão para acreditar que ele não sabe. E Cardan não é um de nós. Ele não é espião.

Barata morde o último pedaço de cartilagem do osso da galinha e o quebra entre os dentes. Já terminou o prato todo e, depois de empurrá-lo para o lado, começa a comer os picles.

— Você fez um acordo para que eu o treinasse e eu fiz isso. Prestidigitação. Furtar coisas de bolsos. Pequenas mágicas. Ele é bom.

Penso na moeda sobre os dedos longos enquanto ele se agachava nos restos queimados dos aposentos. Faço cara feia para Barata.

Ele só ri.

— Não me olhe assim. Foi você quem fez o acordo.

Mal me lembro dessa parte de tão concentrada que estava em fazer com que Cardan aceitasse um ano e um dia de serviço. Se ele jurasse a mim, eu poderia colocá-lo no trono. Eu teria prometido bem mais do que aulas de espionagem.

Mas quando penso na noite em que ele sofreu o disparo, a noite em que fez o truque com a moeda, não consigo deixar de pensar em Cardan me olhando da minha cama, embriagado e perturbadoramente embriagante.

Me beija até eu ficar cansado do seu beijo.

— E agora ele está fingindo, não está? — continua Barata. — Porque se ele for o verdadeiro Grande Rei de Elfhame, o que devemos seguir até o fim dos dias, então fomos um tanto desrespeitosos ao controlar o reino por ele. Mas se estiver fingindo, então ele é um espião de verdade e melhor do que a maioria de nós. O que o torna parte da Corte das Sombras.

Eu tomo meu café em um gole escaldante.

— Nós não podemos falar sobre isso.

— Em casa, não podemos mesmo — observa Barata com uma piscadela. — É por isso que estamos aqui.

Eu pedi que ele seduzisse Nicasia. Sim, acho que fui "um tanto desrespeitosa" com o Grande Rei de Elfhame. E Barata está certo: Cardan não se comportou como se fosse real demais para o meu pedido. Esse não foi o motivo para ele se ofender.

— Tudo bem — cedo, derrotada. — Vou pensar em um jeito de falar com ele.

Barata sorri.

— A comida aqui é boa, né? Às vezes sinto falta do mundo mortal. Mas, para o bem ou para o mal, meu trabalho em Elfhame ainda não acabou.

— Espero que seja para o bem — brinco, e dou uma mordida no bolinho frito de batata ralada que veio com minha omelete.

Barata ri. Ele está tomando o milk-shake, os pratos vazios e empilhados de um lado. Ele levanta a caneca em uma saudação.

— Ao triunfo do bem, mas não antes de termos o nosso.

— Quero perguntar uma coisa — falo, batendo com a caneca na dele. — Sobre Bomba.

— Deixe Bomba de fora disso tudo — pede ele, me observando. — E se puder, deixe-a de fora dos seus planos contra o Reino Submarino também. Sei que você está sempre se metendo em problemas, como se não tivesse medo do perigo, mas se precisar de alguém ao seu lado, escolha uma criatura menos atraente.

— Inclusive você? — pergunto.

— Seria bem melhor — concorda ele.

— Porque você a ama?

Barata franze a testa para mim.

— E se amasse? Você mentiria para mim sobre minhas chances?

— Não… — eu começo a dizer, mas ele me interrompe.

— Eu amo uma boa mentira. — Ele se levanta e deixa saquinhos de moedas prateadas na mesa. — Amo ainda mais uma boa mentirosa, o que é bom para você. Mas algumas mentiras não precisam ser contadas.

Mordo o lábio, incapaz de dizer mais nada sem revelar os segredos de Bomba.

Depois da lanchonete, nós nos separamos, os dois com erva-de-santiago no bolso. Eu observo Barata ir, pensando nas coisas que disse sobre Cardan. Estava tentando tanto não pensar nele como o Grande Rei de Elfhame que simplesmente não me perguntei se *ele* se considerava o Grande Rei. E, se não se considerava, se isso significava que ele se via como um dos meus espiões, então.



Sigo para o apartamento da minha irmã. Embora no passado eu tenha vestido roupas mortais para andar pelo shopping e tenha tentado me comportar naturalmente, descobri que chegar ao Maine de gibão e botas de montaria atrai alguns olhares, mas não causa nenhum medo de que eu tenha vindo de outro mundo.

Talvez eu esteja voltando de uma feira medieval, uma garota sugere quando passo por ela. Ela foi a uma alguns anos antes e gostou muito da justa. Comeu uma coxa grande de peru e experimentou hidromel.

— Sobe à cabeça — eu digo a ela. Ela concorda.

Um homem idoso com um jornal comenta que devo estar fazendo uma peça de Shakespeare no parque. Uns sujeitos numa escada gritam que o Halloween é em outubro.

Os feéricos sem dúvida aprenderam essa lição há muito tempo. Eles não precisam enganar os humanos. Os humanos enganam a si mesmos.

É com isso em mente que atravesso o gramado cheio de dentes-de-leão, subo a escada até a porta da minha irmã e bato.

Heather a abre. O cabelo rosa foi retocado para o casamento. Por um momento, ela parece surpresa, provavelmente pela minha roupa, mas sorri e abre a porta.

— Oi! Obrigada por aceitar dirigir. Está quase tudo pronto. Seu carro é grande?

— Sem dúvida — minto, procurando Vivi pela cozinha com uma espécie de desespero. Como minha irmã mais velha está achando que isso vai rolar se não contou *nada* a Heather? Se ela acredita que tenho um *carro* em vez de *ramos de erva-de-santiago*?

— Jude! — grita Oak, pulando da cadeira em frente à mesa. Ele me envolve em seus braços. — Podemos ir? Já estamos indo? Fiz presentes para todo mundo na escola.

— Vamos ver o que Vivi vai dizer — respondo e o aperto. Ele está maior do que eu lembrava. Até os chifres parecem um pouco mais longos, apesar de ele não poder ter crescido tanto em tão pouco tempo, não é?

Heather mexe em um botão e a cafeteira começa a funcionar. Oak sobe em uma cadeira, entorna cereal da cor de balas em uma tigela e começa a comer sem leite.

Passo direto por ele e entro na sala. Lá fica a escrivaninha de Heather, cheia de canetas e tintas. Tem trabalhos impressos pendurados na parede acima.

Além de fazer quadrinhos, Heather trabalha por meio período em uma fotocopiadora para ajudar a pagar as contas. Ela acredita que Vivi também tem um emprego, o que pode ou não ser ficção. Há empregos para feéricos no mundo mortal, só não é o tipo de emprego sobre o qual se conta para a namorada humana.

Principalmente se a pessoa convenientemente nunca mencionou que não é humana.

A mobília delas é uma coleção de coisas de bazares de garagem, de centros de donativos e de coisas achadas na rua. Na parede, há pratos velhos com animais engraçados de olhos grandes, bordados com frases ameaçadoras, a coleção de Heather de vinis, mais arte dela e desenhos de giz de cera feitos por Oak.

Em um dos desenhos, Vivi, Heather e Oak estão juntos, representados como ele os vê: a pele escura e o cabelo rosa de Heather, a pele pálida e os olhos de gato de Vivi, os próprios chifres. Tenho certeza de que Heather acha fofo o fato de Oak ter desenhado a si mesmo e Vivi como monstros. Tenho certeza de que vê como sinal de criatividade.

Isso vai ser horrível. Estou preparada para Heather gritar com a minha irmã… e Vivi bem que merece. Mas não quero que ela magoe os sentimentos de Oak.

Encontro Vivi no quarto, ainda fazendo as malas. É pequeno em comparação aos aposentos em que passamos a infância e bem menos arrumado do que o resto do apartamento. As roupas dela estão espalhadas para todo lado. Tem cachecóis jogados na cabeceira, pulseiras no pé da cama, sapatos embaixo dela.

Eu me sento no colchão.

— Para onde Heather acha que vai hoje?

Vivi abre um grande sorriso.

— Você recebeu meu recado! Parece que é mesmo possível enfeitiçar pássaros para fazerem coisas úteis.

— Você não precisa de mim — lembro a ela. — É perfeitamente capaz de fazer todos os cavalos de erva-de-santiago de que precisa… uma coisa que não consigo fazer.

— Heather acha que vamos ao casamento da minha irmã Taryn, o que é verdade, em uma ilha na costa do Maine, o que também é verdade. Está vendo? Nenhuma mentira foi contada.

Começo a entender por que fui convocada.

— E quando ela quis dirigir, você disse que sua irmã viria buscar vocês.

— Bom, ela achou que haveria uma barca, e eu não podia concordar nem discordar disso — diz Vivi com a sinceridade jovial que sempre admirei e que também sempre me espantou.

— E agora você vai ter que contar a grande verdade — ressalto. — Ou… eu tenho uma proposta: não conte. Fique adiando. Não vá ao casamento.

— Madoc avisou que você diria isso — diz ela, franzindo a testa.

— É perigoso demais… por motivos complicados com os quais você não se importa. A Rainha Submarina quer que a filha se case com Cardan e está tramando com Balekin, que tem seus próprios interesses. Ela provavelmente está manipulando ele, mas como ela é melhor em ser pior, isso não é bom.

— Você está certa — reconhece Vivi. — Eu não ligo. Política é chato.

— Oak está correndo perigo — tento. — Madoc quer usá-lo de isca.

— Sempre há perigo — diz Vivi, jogando um par de botas em cima de uns vestidos amassados. — O Reino das Fadas é uma ratoeira cheia de perigos. Mas se eu deixar que isso nos afaste, como vou poder olhar na cara do meu pai cabeça-dura?

Vivi não para por aí.

— Sem mencionar minha irmã cabeça-dura, que vai nos proteger enquanto nosso pai orquestra suas tramas. Pelo menos foi o que ele disse.

Solto um gemido. É típico dele me colocar em um papel que não posso negar, mas que serve ao propósito dele. E é bem o jeito dela me ignorar e acreditar que sabe mais.

Alguém em quem você confia já te traiu.

A pessoa em quem mais confiei na vida foi Vivi. Confiei Oak a ela, confiei a verdade, confiei meu plano. Eu sempre confiei nela porque ela é minha irmã mais velha, porque ela não liga para o Reino das Fadas. Mas passa pela minha cabeça que, se ela me traísse, eu estaria ferrada.

Eu queria que ela não ficasse me lembrando que vive falando com Madoc.

— E você confia no papai? Isso é novidade.

— Ele não serve para muita coisa, mas sabe bolar um plano — diz Vivi, o que não é tão tranquilizador. — Venha. Me conte sobre Taryn. Ela está animada?

Como posso responder?

— Locke conseguiu ser Mestre da Esbórnia. Ela não está muito feliz com esse novo título nem com o comportamento dele. Acho que grande parte da motivação de Locke para sair transando por aí é irritá-la.

— Isso não é chato — fala Vivi. — Continua.

Heather entra no quarto com duas xícaras de café. Nós paramos de falar enquanto ela entrega uma para mim e uma para Vivi.

— Eu não sei como você gosta, então fiz igual ao da Vee — diz ela.

Tomo um gole. Está muito doce. Já tomei muito café naquela manhã, mas tomo mais mesmo assim.

Preto como os olhos do Grande Rei de Elfhame.

Heather encosta na porta.

— Acabou de fazer as malas?

— Quase. — Vivi verifica a mala e acrescenta um par de galochas. Então olha ao redor, como se pensando no que mais poderia enfiar lá dentro.

Heather franze a testa.

— Você vai levar isso tudo para uma semana?

— Só a camada de cima é de roupas. Por baixo estão coisas para Taryn, que são difíceis de conseguir na… *ilha*.

— Você acha que o que estou pensando em usar está bom?

Entendo por que Heather está preocupada, pois ela não conhece minha família. Ela acredita que nosso pai é severo. Ela nem tem ideia.

— Claro — responde Vivi, então olha para mim. — É um vestido prateado lindo.

— Use o que quiser. De verdade — interfiro, pensando que vestidos e trapos e nudez… tudo é aceitável no Reino das Fadas. Ela está prestes a ter problemas bem maiores.

— Vamos logo. Não queremos ficar presas no trânsito — apressa Heather, e sai de novo. Na sala, ouço-a falando com Oak, perguntando se ele quer leite.

— Então — diz Vivi. — Você estava dizendo…

Solto um longo suspiro e indico a porta com a xícara de café, arregalando os olhos.

Vivi balança a cabeça.

— Anda logo. Você não vai conseguir me contar nada quando chegarmos lá.

— Você já sabe — digo. — Locke vai fazer Taryn infeliz. Mas ela não quer ouvir isso e, principalmente, não quer ouvir de mim.

— Vocês já lutaram com espadas por causa dele — observa Vivi.

— Exatamente. Eu não sou objetiva. Ou não pareço objetiva.

— Mas sabe o que fico pensando? — Ela fecha a mala e se senta em cima para conseguir deslizar o zíper. Olha para mim com os olhos de gato, idênticos aos de Madoc. — Você manipulou o Grande Rei do Reino das Fadas para que te obedecesse, mas não consegue arrumar um jeito de manipular um babaca para fazer nossa irmã feliz?

Não é justo, tenho vontade de gritar. A última coisa que fiz antes de ir até a casa de Vivi foi ameaçar Locke, mandar que não fizesse mal a Taryn depois que eles se casassem… senão ele se veria comigo. Mas as palavras dela me abalam mesmo assim.

— Não é tão simples.

Ela suspira.

— Acho que nada nunca é.

CAPÍTULO
18

Oak segura minha mão e carrego a malinha dele pela escada na direção do estacionamento vazio.

Olho para Heather. Ela está arrastando a mala e umas cordas que disse que podemos usar se tivermos que colocar uma das malas no teto do carro. Não contei que nem temos carro.

— E aí — falo, olhando para Vivi.

Ela sorri e estica a mão para mim. Pego os ramos de erva-de-santiago no bolso e entrego a ela.

Não consigo olhar para o rosto de Heather. Eu me viro para Oak. Ele está pegando trevos-de-quatro-folhas na grama, encontrando-os sem esforço e fazendo um buquê.

— O que você está fazendo? — pergunta Heather, intrigada.

— Não vamos de carro. Vamos voar — responde Vivi.

— A gente vai para o aeroporto?

Vivi ri.

— Você vai amar isso. Corcel, surja e nos leve aonde eu mandar.

Há um ofego engasgado atrás de mim. Heather grita. Eu me viro, apesar de todos os meus esforços.

Os cavalos de erva-de-santiago estão na frente do prédio. São pôneis amarelos com aparência de famintos, crinas finas e olhos de esmeralda, como cavalos-marinhos em terra que ganham vida resfolegando e fungando. E quem também está na frente do prédio é Heather, as mãos sobre a boca.

— Surpresa! — exclama Vivi, continuando a se comportar como se fosse uma coisa sem muita importância. Oak, que claramente ansiava pelo momento, decide remover o próprio glamour e revela os chifres.

— Está vendo, Heather?! — diz ele. — Nós somos mágicos. Está surpresa?

Ela olha para Oak, para os pôneis de erva-de-santiago monstruosos e se senta na mala.

— Tudo bem — diz ela. — Isso é algum tipo de pegadinha, mas um de vocês vai me dizer o que está acontecendo, senão vou voltar para dentro de casa e trancar todo mundo do lado de fora.

Oak fica desanimado. Ele realmente esperava que ela ficasse feliz. Passo o braço em volta dele e massageio seu ombro.

— Venha, meu docinho — chamo. — Vamos carregar as malas, elas vêm depois. Mamãe e papai estão animados para te ver.

— Estou com saudade deles — revela Oak. — De você também.

Dou um beijo em sua bochecha macia quando o coloco no cavalo. Ele olha por cima do meu ombro para Heather.

Atrás de mim, ouço Vivi começar a explicar.

— O Reino das Fadas existe. A magia existe. Está vendo? Eu não sou humana e meu irmão também não. E nós vamos levar você para uma ilha mágica para ficar conosco durante a semana toda. Não tenha medo. Nós não somos assustadores.

Consigo pegar as cordas das mãos trêmulas de Heather enquanto Vivi mostra as orelhas pontudas e os olhos de gato e tenta explicar por que nunca contou nada para ela antes.

Nós definitivamente somos assustadores.



Algumas horas depois, estamos na sala de Oriana. Heather, ainda perplexa e chateada, anda pelo ambiente observando as estranhas obras de arte na parede, as estampas sinistras de besouros e chifres no bordado dos tecidos.

Oak está sentado no colo de Oriana, deixando que ela o aninhe nos braços como se ele fosse novamente um bebê. Os dedos pálidos mexem em seu cabelo, que ela acha curto demais, e ele conta uma história longa e confusa

sobre a escola e como as estrelas são diferentes no mundo mortal e como é o gosto de creme de amendoim.

Dói um pouco assistir porque Oriana não deu à luz Oak, assim como não deu Taryn e eu, mas ela é claramente mãe de Oak, enquanto se recusou firmemente a ser nossa.

Vivi tira presentes da mala. Sacos de grãos de café, brincos de vidro no formato de folhinhas, latas de doce de leite.

Heather anda até mim.

— Então é tudo real.

— Bem, bem real — confirmo.

— E é verdade que essas pessoas são elfos, que Vee é um elfo, como nas histórias? — Heather olha ao redor de novo, com cautela, como quem espera que um unicórnio da cor do arco-íris irrompa pelo gesso e pelas ripas.

— É — digo. Ela parece meio surtada, mas não com raiva de Vivi, o que já é alguma coisa. Talvez a novidade seja maior que a raiva, pelo menos.

Ou talvez Heather esteja honestamente satisfeita. Vivi estava certa sobre a forma como devia contar a ela, e o encanto só levou alguns minutos para surgir. O que eu sei sobre o amor?

— E este lugar é… — Ela para de falar. — Oak é tipo um príncipe? Ele tem chifres. E Vivi tem aqueles olhos.

— Olhos de gato, como os do pai. É muita coisa, eu sei.

— Ele é meio assustador — diz Heather. — Seu pai. Desculpe, quer dizer, o pai da Vee. Ela diz que ele não é seu pai de verdade.

Eu me encolho, embora tenha certeza de que Vivi não teve qualquer intenção de dizer aquilo. Talvez nem tenha falado com essas palavras.

— Porque você é humana — Heather continua. — Você é humana, né?

Eu assinto, e o alívio no rosto dela fica claro. Ela ri um pouco.

— Não é fácil ser humano no Reino das Fadas — digo. — Venha andar comigo. Vou te mostrar algumas coisas.

Ela tenta chamar a atenção de Vivi, mas ela ainda está sentada no tapete, remexendo na mala. Vejo mais badulaques, pacotes de alcaçuz, fitas de cabelo e um pacote grande embrulhado com um papel branco com uma fita dourada, a palavra *Parabéns* por todo o comprimento.

Sem saber o que fazer, Heather me segue. Vivi nem parece reparar.

É estranho estar de volta à casa onde passei a infância. É tentador subir a escada e abrir a porta do meu antigo quarto para ver se ainda tem algum sinal meu lá. É tentador entrar no escritório de Madoc e remexer nos papéis dele, como a espiã que sou.

Mas sigo para o gramado, na direção do estábulo. Heather respira fundo. Os olhos dela são atraídos para as torres visíveis atrás das árvores.

— Vee falou sobre regras? — pergunto enquanto andamos.

Heather balança a cabeça, claramente intrigada.

— Regras?

Vivi ficou do meu lado muitas vezes, quando mais ninguém ficou, então sei que ela se importa. Ainda assim, parece cegueira voluntária não perceber as dificuldades que Taryn e eu enfrentamos como mortais, o cuidado que tivemos que ter e o cuidado que Heather precisa ter enquanto estiver aqui.

— Ela disse que eu devia ficar junto dela — diz Heather, provavelmente vendo a frustração no meu rosto e querendo defender Vivi. — Que eu não deveria sair andando com ninguém da família.

Eu balanço a cabeça.

— Não é só isso. Escute, os feéricos podem enfeitiçar as coisas para que pareçam diferentes do que são. Podem mexer com a sua cabeça… te encantar, te persuadir a fazer coisas que você normalmente não faria. E tem a maçã-eterna, a fruta feérica. Se provar, a única coisa em que vai conseguir pensar é comer mais.

Eu pareço Oriana falando.

Heather está me olhando com horror e possivelmente descrença. Fico me perguntando se fui longe demais. Tento de novo, com um tom um pouco mais calmo.

— Estamos em desvantagem aqui. Os feéricos não envelhecem, são imortais e mágicos. E não gostam muito de humanos. Portanto, não baixe a guarda, não faça barganhas e leve algumas coisas específicas com você o tempo todo: sorvas secas e sal.

— Tudo bem.

Ao longe, vejo dois sapos mágicos de Madoc no gramado, sendo cuidados por lacaios.

— Você está aceitando tudo muito bem — digo.

— Eu tenho duas perguntas. — Alguma coisa em sua voz ou na forma como se mexe me faz perceber que talvez esteja sendo mais difícil do que eu pensei. — Um: o que é sorva seca? E dois: se o Reino das Fadas é o que você diz, por que mora aqui?

Abro a boca, mas volto a fechá-la.

— É a minha casa — digo por fim.

— Não precisa ser — rebate ela. — Se Vee pode ir embora, você também pode. Como falou, você não é uma deles.

— Venha até a cozinha — peço, então mudo o caminho para a casa.

Quando entramos, Heather fica hipnotizada pelo caldeirão enorme, grande o suficiente para nós duas nos banharmos dentro. Ela olha para os corpos depenados de perdizes na bancada, ao lado da massa aberta para fazer torta.

Vou até o pote de vidro de ervas e tiro algumas sorvas secas. Pego um fio grosso usado para costurar o recheio dentro das galinhas e um pedaço de pano de embrulhar queijo para fazer uma trouxinha.

— Deixe isso no bolso ou no sutiã — oriento. — Carregue com você o tempo todo enquanto estiver aqui.

— E isso vai me deixar segura? — pergunta Heather.

— Um pouco mais segura — digo, costurando um saco de sal. — Polvilhe isto no que for comer. Não esqueça.

— Obrigada. — Ela segura meu braço e aperta de leve. — Nossa, isso não parece real. Sei que deve soar ridículo. Estou parada na sua frente, sinto o cheiro das ervas e do sangue daquelas aves esquisitas. Se você enfiasse aquela agulha em mim, provavelmente doeria. Mas mesmo assim não parece real. Apesar de agora todas as desculpas evasivas que Vivi deu para não responder coisas da vida normal, como em que escola ela fez ensino médio, fazerem sentido. Mas quer dizer que o mundo está de cabeça para baixo.

Quando eu estava lá, no shopping, no apartamento de Heather, a diferença entre eles e nós pareceu tão enorme que não imagino como Heather está digerindo tudo.

— Nada do que você disser vai parecer ridículo para mim — falo.

O olhar dela ao observar a fortaleza, ao inspirar o ar do fim da tarde, está cheio de interesse esperançoso. Tenho uma lembrança desconfortável de uma

garota com pedras nos bolsos e fico desesperadamente aliviada por Heather estar disposta a aceitar o mundo dela sendo virado de cabeça para baixo.

Na sala, Vivi sorri para nós.

— Jude levou você para fazer o grande passeio?

— Eu fiz um talismã para ela — digo, meu tom deixando claro que quem deveria ter feito isso era ela.

— Que bom — responde Vivi com alegria, porque é necessário bem mais do que um tom meio irritado para incomodá-la quando as coisas estão saindo como ela quer. — Oriana me disse que você não tem aparecido muito. Sua briga com o querido papai parece bem séria.

— Você sabe o que custou a ele — digo.

— Fique para o jantar. — Oriana se levanta, pálida como um fantasma, e me encara com seus olhos de rubi. — Madoc ia gostar. E eu também.

— Não posso — respondo, mas lamento de verdade não poder. — Já fiquei mais tempo aqui do que deveria, mas vejo vocês no casamento.

— As coisas sempre são *superdramáticas* por aqui — diz Vivi para Heather. — Épicas. Todo mundo age como se tivesse saído de um filme de assassinato.

Heather olha para Vivi como se talvez ela também tivesse saído de um filme.

— Ah! — exclama Vivi, enfiando a mão na mala de novo e tirando outro pacote molengo embrulhado com uma fita preta. — Você pode levar isto para Cardan? É um presente de "parabéns por ser rei".

— Ele é o *Grande Rei de Elfhame* — repreende Oriana. — Não importa se vocês brincaram juntos, você não pode chamá-lo como chamava quando eram crianças.

Fico parada com expressão idiota por um momento, sem pegar o pacote. Eu sabia que Vivi e Cardan eram amigos. Afinal, foi Vivi quem contou a Taryn sobre a cauda, depois de tê-la visto quando eles estavam nadando juntos com uma das irmãs dele.

Eu só tinha esquecido.

— Jude? — chama Vivi.

— Acho melhor você entregar pessoalmente — digo e, com isso, fujo da minha antiga casa antes de Madoc voltar e eu ser tomada de nostalgia.



Passo pela sala do trono, onde Cardan está sentado de frente para uma das mesas baixas, a cabeça inclinada na direção da de Nicasia. Não consigo ver o rosto dele, mas vejo o dela quando inclina a cabeça para trás, rindo, exibindo o pescoço comprido. Ela parece incandescente de alegria, a atenção de Cardan sendo a luz na qual a beleza dela brilha mais.

Ela o *ama*, me dou conta com um certo incômodo. Ela o ama e o traiu com Locke e agora está morrendo de medo de ele nunca mais a amar de novo.

Cardan passa os dedos pelo braço dela e para no punho; eu me lembro vividamente do sentimento daquelas mãos em mim. Minha pele se aquece com a lembrança, um rubor que começa no meu pescoço e se espalha.

Me beija até eu ficar cansado do seu beijo, ele disse, e agora se esbaldou nos meus beijos. Agora, certamente está cansado deles.

Odeio vê-lo com Nicasia. Odeio pensar nele tocando em Nicasia. Odeio que esse plano seja meu, que eu não tenha de quem sentir raiva além de mim mesma.

Sou uma idiota.

A dor fortalece, disse Madoc uma vez, me fazendo erguer uma espada repetidas vezes. *Acostume-se com o peso*.

Eu me obrigo a não assistir mais. Vou me encontrar com Vulciber para coordenar a escolta de Balekin até o palácio para a audiência com Cardan.

Em seguida, vou para a Corte das Sombras e recebo informações sobre cortesãos, ouço boatos de que Madoc está reunindo forças como se estivesse se preparando para uma guerra que ainda espero evitar. Envio dois espiões às cortes inferiores com o maior número de jovens não jurados para ver o que conseguem descobrir. Falo com Bomba sobre Grimsen, que fez um broche com uma pedra que permite que Nicasia conjure asas finas e voe.

— O que você acha que ele quer? — pergunto.

— Elogios, lisonjas — diz Bomba. — Talvez encontrar um novo patrocinador. Talvez ele não se importasse de ganhar um beijo.

— Você acha que ele está interessado em Nicasia por causa de Orlagh ou por ela mesma?

Bomba dá de ombros.

— Ele está interessado na beleza de Nicasia e no poder de Orlagh. Grimsen foi para o exílio com o primeiro Alderking; acredito que na próxima vez que for jurar lealdade, vai estar muito seguro do monarca a quem vai se jurar.

— Ou talvez ele não queira jurar lealdade nunca mais — pondero, determinada a fazer uma visita a ele.



Grimsen escolheu morar e trabalhar na antiga forja que Cardan deu a ele, apesar de estar coberta de roseiras e não no melhor estado.

Há uma linha fina de fumaça subindo da chaminé quando me aproximo. Bato três vezes e espero.

Alguns momentos depois, ele abre a porta e deixa sair uma onda de calor forte o suficiente para me fazer dar um passo para trás.

— Eu te conheço — diz ele.

— Rainha da Euforia — admito, falando de uma vez.

Ele ri e balança a cabeça.

— Eu conheci seu pai mortal. Ele fez uma faca para mim uma vez, viajou até Fairfold para perguntar o que eu achava.

— E o que você achou? — Fico me perguntando se isso foi antes de Justin chegar a Elfhame, antes da minha mãe.

— Ele tinha talento. Falei que se ele treinasse por cinquenta anos, talvez fizesse a lâmina mais incrível já feita por um homem mortal. Falei que se treinasse por *cem* anos, talvez fizesse uma das melhores lâminas de todas. Nada disso o satisfez. Então falei que revelaria um dos meus segredos: ele poderia aprender tudo que aprenderia em cem anos em apenas um dia se fizesse uma barganha comigo. Se abrisse mão de uma coisa que ele não queria perder.

— Ele fez a barganha? — pergunto.

Grimsen parece satisfeito.

— Ah, como você gostaria de saber! Entre.

Com um suspiro, eu entro. O calor é quase insuportável e o fedor de metal domina meus sentidos. No aposento escuro, o que mais vejo é fogo. Minha mão vai até a faca na minha manga.

Felizmente, passamos pela forja e vamos para a parte habitacional da casa. Está desarrumada, todas as superfícies cobertas de coisas lindas: pedras, joias, lâminas e outros ornamentos. Ele pega uma cadeirinha de madeira para mim e se senta em um banco baixo.

Grimsen tem um rosto abatido e enrugado, e o cabelo prateado está de pé, como se ele o tivesse puxado enquanto trabalhava. Hoje ele não está usando jaqueta com pedras; está usando uma túnica surrada de couro por cima de uma camisa suja de cinzas. Há sete aros dourados pesados pendurados nas orelhas pontudas grandes.

— O que a traz à minha forja? — pergunta ele.

— Eu estava com esperanças de encontrar um presente para a minha irmã. Ela vai se casar em poucos dias.

— Algo especial, então.

— Sei que você é um ferreiro lendário. Pensei que talvez não vendesse mais sua mercadoria.

— A fama não importa, eu continuo sendo mercador — diz ele, levando as mãos ao peito. Ele parece feliz em ser elogiado. — Mas é verdade que não negocio mais com moedas, só faço trocas.

Eu deveria ter pensado que haveria algum truque. Ainda assim, olho para ele e pisco, o retrato da inocência.

— O que posso lhe dar que você já não tenha?

— Vamos descobrir — diz ele. — Me conte sobre sua irmã. É um casamento por amor?

— Deve ser — respondo, pensando. — Pois não há valor prático na união.

Ele ergue a sobrancelha.

— Sim, entendi. E sua irmã se parece com você?

— Nós somos gêmeas.

— Pedras azuis, então, pela sua cor. Talvez um colar de lágrimas, para que ela não precise derramar mais nenhuma? Um broche de dentes para morder maridos irritantes? Não. — Ele continua a andar pelo espaço apertado. Ergue um anel. — Para trazer um filho? — Ao ver minha expressão, ele sugere um par de brincos, um deles em formato de lua crescente e o outro em formato de estrela. — Ah, sim. Aqui. É isto que você quer.

— O que fazem?

O ferreiro ri.

— São lindos. Isso não basta?

Olho para Grimsen com ceticismo.

— Seria suficiente apenas pela beleza deles, mas aposto que não é só isso.

Ele gosta da resposta.

— Garota inteligente. Além de serem lindos, eles aumentam a beleza. Deixam uma pessoa mais linda do que realmente é, dolorosamente linda. O marido dela não vai sair de perto por um bom tempo.

A expressão no rosto do ferreiro é um desafio. Ele acredita que sou vaidosa demais para dar um presente desses para a minha irmã.

Como ele conhece bem o coração humano egoísta. Taryn vai ser uma noiva linda. Será que eu, a irmã gêmea dela, quero me encobrir ainda mais sob sua sombra? Até que ponto posso suportar isso?

Mas que presente melhor para uma garota humana casada com a beleza de um feérico?

— O que você desejaria por eles? — pergunto.

— Ah, várias coisinhas. Um ano da sua vida. O vigor do seu cabelo. O som da sua risada.

— Minha risada não é tão doce assim.

— Não doce, mas aposto que é rara — observa ele, e me pergunto como sabe disso.

— E as minhas lágrimas? — sugiro. — Você poderia fazer outro colar.

Ele me olha, como se avaliando com que frequência eu choro.

— Aceito uma única lágrima — diz por fim. — E você vai levar uma proposta ao Grande Rei por mim.

— Que tipo de proposta? — pergunto.

— Todos sabem que o Reino Submarino ameaçou a terra. Diga para o seu rei que se ele declarar guerra, farei uma armadura de gelo que vai destruir todas as lâminas que o acertarem e que vai deixar o coração dele frio demais para que sinta pena. Diga que farei três espadas que, quando usadas na mesma batalha, lutarão com a força de trinta soldados.

Fico chocada.

— Eu direi. Mas por que você iria querer isso?

Ele faz uma careta e pega um pano para polir os brincos.

— Tenho uma reputação a reconstruir, minha senhora, e não só como fazedor de badulaques. Houve uma época em que reis e rainhas me procuravam como suplicantes. Em que eu fazia coroas e lâminas para mudar o mundo. Está a alcance do Grande Rei restaurar minha fama, e está a meu alcance aumentar o poder dele.

— E o que acontece se ele gostar do mundo como é? — pergunto. — Sem mudanças.

Ele ri baixinho.

— Então farei para você um vidrinho capaz de suspender o tempo.

A lágrima é retirada do canto do meu olho com um sifão comprido. Em seguida vou embora, levando os brincos de Taryn e mais perguntas.

Nos meus aposentos, levo os brincos às minhas orelhas. Mesmo no reflexo do espelho, percebo meus olhos líquidos e luminosos. Minha boca parece mais vermelha, minha pele cintila como se eu tivesse acabado de sair de um banho.

Eu os embrulho antes que mude de ideia.

CAPÍTULO
19

Fico pelo resto da noite na Corte das Sombras, repassando o plano para manter Oak protegido. Pensando em guardas alados que poderiam subir com ele no ar caso seja atraído pelos prazeres do mar onde antes ele brincava. Numa espiã disfarçada de babá, para segui-lo e cuidar dele e provar tudo antes que ele possa comer. Arqueiros nas árvores, as flechas apontadas para todo mundo que chegue perto demais do meu irmão.

Quando estou tentando prever o que Orlagh pode fazer e como saber assim que acontecer, ouço uma batida na porta.

— Sim? — grito, e Cardan entra.

Dou um pulo e fico de pé, surpresa. Não esperava que ele estivesse aqui, mas ele está, usando roupas elegantes e desarrumadas. Os lábios estão um pouco inchados, o cabelo desgrenhado. Parece ter saído da cama, e não da dele.

Ele joga um pergaminho na minha mesa.

— O que é isso? — pergunto, minha voz saindo tão fria quanto eu poderia desejar.

— Você estava certa — diz ele, e parece uma acusação.

— O quê?

Cardan se apoia no batente da porta.

— Nicasia revelou os segredos. Bastaram um pouco de gentileza e uns beijos.

Nossos olhares se encontram. Se eu afastar o rosto, ele vai saber que estou constrangida, mas tenho medo de que perceba mesmo assim. Minhas

bochechas ficam quentes. Não sei se vou conseguir olhar para ele novamente sem lembrar de como foi tocá-lo.

— Orlagh vai atacar no casamento de Locke e sua irmã.

Eu me sento na cadeira e olho todas as anotações na minha frente.

— Tem certeza?

Ele assente.

— Nicasia disse que, com o crescimento do poder mortal, a terra e o mar deviam se unir. E que se uniriam, seja da forma que ela espera ou da forma que eu devo temer.

— Ameaçador.

— Parece que tenho um gosto singular por mulheres que me ameaçam.

Não consigo pensar no que dizer em resposta, então conto sobre a proposta de Grimsen de fazer uma armadura e espadas que o levarão à vitória.

— Desde que você esteja disposto a lutar contra o Reino Submarino.

— Grimsen quer que eu entre numa guerra para restaurar a antiga glória dele? — pergunta Cardan.

— Basicamente.

— Isso é que é ambição — ironiza Cardan. — Poderia restar só uma planície inundada e vários pinheiros ainda em chamas, mas quatro feéricos encolhidos em uma caverna úmida teriam ouvido o nome Grimsen. É preciso admirar o foco. Acho que você não disse para ele que declarar guerra era decisão sua, não minha.

Se ele for o verdadeiro Grande Rei de Elfhame, o que devemos seguir até o fim dos dias, então fomos um tanto desrespeitosos ao controlar o reino por ele. Mas se estiver fingindo, então ele é um espião de verdade e melhor do que a maioria de nós.

— Claro que não.

Por um momento, há silêncio entre nós.

Ele dá um passo na minha direção.

— Na outra noite…

Eu o interrompo.

— Fiz pelo mesmo motivo que você. Para tirar da minha cabeça.

— E tirou? — pergunta ele. — Da cabeça?

Eu o encaro e minto.

— Tirei.

Se Cardan me tocar, se der mais um passo na minha direção, minha mentira será exposta. Acho que não consigo esconder o desejo estampado no rosto. Mas, para o meu alívio, ele assente com os lábios apertados e sai.

Na sala ao lado, ouço Barata chamar Cardan e oferecer ensinar a ele o truque de levitar uma carta de baralho. Ouço Cardan rir.

Passa pela minha cabeça que talvez desejo não seja algo que cesse quando nos entregamos a ele. Talvez não seja como o mitridatismo; talvez eu tenha tomado uma dose letal quando deveria estar me envenenando lentamente, um beijo de cada vez.



Não fico surpresa de encontrar Madoc na sala de estratégias do palácio, mas ele se surpreende quando chego, por estar desacostumado com meus passos leves.

— Pai.

— Eu costumava querer que você me chamasse assim — diz ele. — Mas acontece que, quando você faz isso, raramente vem algo bom depois.

— Pelo contrário. Eu vim dizer que você estava certo. Odeio a ideia de Oak estar em perigo, mas se pudermos planejar quando vai ser o ataque do Reino Submarino, vai ser mais seguro para ele.

— Você está planejando a proteção do seu irmão enquanto ele estiver aqui. — Ele sorri e exibe dentes afiados. — É difícil cobrir todas as possibilidades.

— Impossível. — Eu suspiro e entro na sala. — Portanto, estou dentro. Me deixe ajudá-lo a enganar o Reino Submarino. Tenho recursos. — Ele é general há muito tempo. Planejou o assassinato de Dain e se safou. Madoc é melhor nisso do que eu.

— E se você só quiser me atrapalhar? Você não pode esperar que eu acredite que agora está sendo sincera.

Apesar de Madoc ter todos os motivos para desconfiar de mim, dói. Penso em como seria se ele tivesse compartilhado o plano de botar Oak no trono antes de eu ser testemunha do banho de sangue da coroação. Se ele tivesse confiado em mim para ser parte do plano, eu me pergunto se teria afastado minhas dúvidas. Não gosto de pensar que isso seria possível, mas temo que sim.

— Eu não colocaria meu irmão em risco — digo, parte respondendo a ele, parte afastando meus próprios medos.

— Ah, é? Nem mesmo para salvá-lo das minhas garras?

Acho que mereci isso.

— Você disse que queria que eu voltasse para o seu lado. Essa é a sua chance de mostrar como seria trabalhar com você. Me convença.

Apesar de eu controlar o trono, nunca vamos poder estar realmente do mesmo lado, mas talvez possamos trabalhar juntos. Talvez ele possa canalizar sua ambição em vencer o Reino Submarino e esqueça o trono, ao menos até Oak chegar à maioridade. Até lá, as coisas pelo menos estarão diferentes.

Madoc indica a mesa com um mapa das ilhas e bonecos de madeira.

— Orlagh tem uma semana para atacar, a não ser que pretenda montar uma armadilha no mundo mortal na ausência de Oak. Você colocou guardas no apartamento de Vivienne, que foram convocados de fora da força militar, então não parecem cavaleiros. Inteligente. Mas nada nem ninguém é infalível. Acho que o lugar mais vantajoso para provocar o ataque…

— O Reino Submarino vai atacar durante o casamento de Taryn.

— O quê? — Ele me avalia com os olhos semicerrados. — Como você sabe disso?

— Nicasia. E acho que posso conseguir detalhes mais específicos se trabalharmos rápido. Tenho um jeito de enviar informações para Balekin, informações nas quais ele vai acreditar.

Madoc ergue as sobrancelhas.

Eu faço que sim.

— Uma prisioneira. Já enviei informações por ela com sucesso.

Ele se vira de costas para mim para se servir de um dedo de uma bebida escura e se senta na cadeira de couro.

— Esses são os recursos que você mencionou?

— Eu não venho de mãos vazias. Você não está nem um pouco satisfeito de ter decidido confiar em mim?

— Eu poderia alegar que foi *você* quem finalmente decidiu confiar em *mim*. Agora, resta saber se vamos trabalhar bem juntos. Há muitos outros projetos nos quais deveríamos colaborar.

Como tomar o trono.

— Uma desventura de cada vez — aviso.

— Ele sabe? — pergunta Madoc, sorrindo de uma forma ligeiramente apavorante, mas também paternal. — Nosso Grande Rei tem ideia de como você é boa em cuidar do reino por ele?

— Continue torcendo para que não — respondo, tentando passar uma confiança que não sinto quando o assunto é qualquer coisa relacionada a Cardan e nosso acordo.

Madoc ri.

— Ah, torcerei, filha, assim como torcerei para que você perceba como seria melhor se estivesse fazendo isso por sua família.



A audiência de Cardan com Balekin acontece no dia seguinte. Meu espião me diz que Cardan passou a noite sozinho, sem festas barulhentas, sem libações, sem competições de liras. Não sei como interpretar isso.

Balekin é levado até a sala do trono acorrentado, mas entra com a cabeça erguida, com roupas boas demais para a Torre. Está mostrando que ainda consegue seus luxos, exibindo sua arrogância, como se Cardan tivesse que ficar impressionado em vez de irritado.

Já Cardan está especialmente formidável, vestindo um casaco de veludo verde-musgo todo bordado de dourado. O brinco dado a ele por Grimsen está pendurado no lóbulo da orelha, refletindo a luz quando ele vira a cabeça. Não tem nenhum festeiro lá hoje, mas o aposento não está vazio. Randalin e Nihuar estão perto da plataforma, ao lado de três guardas. Estou do outro lado, numa área de sombras. Há criados por perto, prontos para servir vinho ou tocar harpa, como desejar o Grande Rei.

Combinei com Vulciber que lady Asha receberia um bilhete na hora que Balekin estivesse sendo levado escada acima e para fora da Torre, para sua audiência.

O bilhete dizia:

> Pensei nos seus pedidos e quero negociar. Há uma forma de tirar você da ilha, imediatamente depois do casamento da minha irmã. Pela segurança dele, meu irmãozinho será levado de volta ao mundo humano

de barco, porque voar o deixou enjoado. Você pode ir junto sem o Grande Rei saber, pois a viagem é, por necessidade, secreta. Se você concordar, me avise e vamos nos encontrar novamente para discutir meu passado e seu futuro. — J

Existe uma chance de Asha não dizer nada a Balekin quando ele voltar para a cela, mas como ela já passou informações para ele e como ele sem dúvida a viu receber o bilhete, acredito que Balekin não vai aceitar que Asha diga que não havia nada no papel, principalmente porque, sendo fada, ela precisa usar evasivas e não mentiras.

— Irmãozinho — diz Balekin, sem esperar ser reconhecido. Ele está usando correntes nos punhos como se fossem pulseiras, como se aumentassem seu status em vez de fazê-lo prisioneiro.

— Você pediu uma audiência com a Coroa — informa Cardan.

— Não, irmão, era com você que eu queria falar, não com o ornamento na sua cabeça. — O leve desrespeito de Balekin me faz questionar por que ele queria essa audiência.

Penso em Madoc e em como sou sempre criança perto dele. Não é pouca coisa julgar a pessoa que criou você, independente do que ela tenha feito. Esse confronto é menos sobre esse momento e mais sobre o passado, todas as tramas e teias de antigos ressentimentos e alianças entre eles.

— O que você quer? — pergunta Cardan. A voz continua controlada, mas desprovida da autoridade entediada que ele costuma exibir.

— O que qualquer prisioneiro quer? — rebate Balekin. — Permita que eu saia da Torre. Se quer ser bem-sucedido, você precisa da minha ajuda.

— Se você estava tentando me ver só para dizer isso, seus esforços não adiantaram de nada. Não, não vou libertá-lo. Não, não preciso de você. — Cardan fala com convicção.

Balekin sorri.

— Você me trancou por medo de mim. Afinal, você odiava Eldred mais do que eu. Você desprezava Dain. Como pode me punir por mortes que não lamenta?

Cardan olha para Balekin sem acreditar e se levanta parcialmente do trono. Está com os punhos fechados. Seu rosto é de uma pessoa que se

esqueceu de onde está.

— E Elowyn? E Caelia e Rhyia? Se eu só ligasse para os meus próprios sentimentos, as mortes delas seriam motivo suficiente para eu me vingar de você. Elas eram nossas irmãs, e teriam sido melhores governantes do que você e eu.

Achei que Balekin recuaria ao ouvir isso, mas ele não recua. Um sorrisinho pérfido surge em seus lábios.

— Elas intercederam a seu favor? Alguma das suas queridas irmãs o acolheu? Como você pôde pensar que elas se importavam com você se não podiam ir contra nosso pai e a seu favor?

Por um momento, acho que Cardan vai bater nele. Minha mão vai até o punho da espada. Vou entrar na frente dele. Vou lutar com Balekin. Seria um prazer lutar com Balekin.

Mas Cardan se senta novamente no trono. A fúria some do seu rosto e ele fala como se as últimas palavras de Balekin não tivessem existido.

— Mas você está preso não por eu ter medo de você nem por vingança. Eu não me regozijei com sua punição. Você está na Torre porque é justo.

— Você não pode fazer isso sozinho — diz Balekin, olhando ao redor. — Você nunca gostou de trabalhar, nunca gostou de lisonjear diplomatas nem de seguir deveres no lugar do prazer. Me dê as tarefas difíceis em vez de designá-las a uma garota mortal com quem você se sente endividado e que só vai fracassar com você.

Os olhares de Nihuar e Randalin e de alguns outros guardas se voltam para mim, mas Cardan fica observando o irmão. Depois de um longo momento, ele fala.

— Você seria meu regente, apesar de eu já ser maior de idade? Você aparece na minha frente não como penitente, mas como se estivesse diante de um cachorro de rua que você quer que obedeça.

Finalmente, Balekin parece desconcertado.

— Apesar de eu ter sido duro com você às vezes, foi porque queria torná-lo melhor. Você acha que pode ser indolente e indulgente e ainda assim ter sucesso como governante? Sem mim, você não seria nada. Sem mim, não *será* nada.

A ideia de Balekin poder dizer essas palavras sem acreditar que são mentira é chocante.

Mas Cardan está com um sorrisinho e, quando fala, a voz soa leve.

— Você me ameaça, você se enaltece. Você revela seus desejos. Mesmo que eu estivesse considerando sua proposta, depois desse discursinho, eu teria certeza de que você não é diplomata.

Balekin dá um passo furioso na direção do trono e os guardas se aproximam. Vejo a vontade física de Balekin de punir Cardan.

— Você está brincando de ser rei — diz Balekin. — E se não sabe disso, você é o único. Me envie de volta para a prisão, perca a minha ajuda, e você vai perder o reino.

— Isso — diz Cardan. — Essa segunda opção, a que não envolve você. É essa que escolho. — Ele se vira para Vulciber. — Essa audiência acabou.

Enquanto Vulciber e os guardas se aproximam para levar Balekin de volta à Torre do Esquecimento, ele desvia o olhar para mim. E, nos olhos dele, vejo um poço de ódio tão profundo que tenho medo de que, se não tomarmos cuidado, Elfhame acabe se afogando.

Duas noites antes do casamento da minha irmã, paro na frente do espelho de corpo inteiro nos meus aposentos e puxo lentamente Cair da Noite. Faço as posturas, as que Madoc me ensinou, as que aprendi na Corte das Sombras.

Eu levanto a lâmina e mostro para minha oponente. Eu a saúdo no espelho.

Para a frente e para trás, danço pelo chão, lutando com ela. Ataco e defendo, defendo e ataco. Faço finta. Desvio. Vejo o suor surgir em sua testa. Batalho até sua camisa estar manchada de suor, até ela estar tremendo de exaustão.

Ainda não é suficiente.

Eu nunca conseguirei vencê-la.

CAPÍTULO
20

A armadilha para Orlagh está montada. Passo o dia com Madoc, revendo os detalhes. Criamos três horários e lugares específicos onde o Reino Submarino poderia atacar:

O barco em si, transportando uma isca, é óbvio. Precisamos de um duende para fingir ser Oak, encolhido debaixo de uma capa, e que o barco esteja encantado para voar.

Antes disso, haverá um momento durante a recepção de Taryn em que Oak vai sair andando sozinho para o labirinto. Uma parte da vegetação será substituída por feéricos das árvores, que permanecerão escondidos até precisarem atacar.

E antes disso, ao chegar à propriedade de Locke para o casamento, vai parecer que Oak está saindo da carruagem em uma área aberta, visível do mar. Vamos usar uma isca nesse momento também. Vou esperar com o verdadeiro Oak na carruagem enquanto o resto da família sai e, possivelmente, o mar ataca. Se isso acontecer, a carruagem vai dar meia-volta e vamos entrar por uma janela. E, nesse caso, as árvores perto da margem estarão cheias de fadinhas prontas para identificarem os cidadãos do Reino Submarino, além de uma rede que foi enterrada na areia para capturá-los.

Temos três chances de pegar o Reino Submarino caso tentem fazer mal a Oak. Três chances de fazer com que se arrependam de tentar.

Nós também não negligenciamos a proteção a Cardan. A guarda pessoal dele está em alerta. Ele tem seu grupo de arqueiros, que vai seguir todos os seus

movimentos. E, claro, nossos espiões.

Taryn quer passar a última noite antes do casamento com as irmãs, então guardo um vestido e os brincos que vou dar a ela em uma bolsa e a amarro no dorso do mesmo cavalo que levei uma vez para Insweal. Prendo Cair da Noite em um dos alforjes, então cavalgo até a propriedade de Madoc.

A noite está linda. A brisa que sopra nas árvores carrega o odor de agulhas de pinheiro e maçã eterna. Ao longe, ouço cascos de cavalo. As raposas soltam seus gritos estranhos umas com as outras. O trinado de uma flauta vem de longe, junto com o som de sereias sobre as pedras entoando suas melodias agudas.

Abruptamente, os cascos de cavalo não estão mais tão distantes. Na floresta, aparecem cavaleiros. São sete, montados nas costas de cavalos magros de olhos perolados. Seus braços estão cobertos, a armadura manchada de tinta branca. Ouço as risadas quando se separam para me atacar por ângulos diferentes. Por um momento, penso que deve haver algum engano.

Um deles puxa um machado, que brilha na luz da lua crescente e me causa arrepios. Não, não tem engano nenhum. Eles vieram me matar.

Minha experiência lutando montada é limitada. Eu achava que seria cavaleira de Elfhame para defender o corpo e a honra da realeza, não para cavalgar para batalhas, como Madoc.

Agora, enquanto os sete feéricos se aproximam de mim, penso em quem estava ciente dessa vulnerabilidade específica. Certamente Madoc sabia. Talvez esse seja o método dele de me fazer pagar pela traição. Talvez fingir confiar em mim tenha sido uma estratégia. Afinal, ele sabia para onde eu ia hoje. E nós passamos a tarde planejando armadilhas como essa.

Com arrependimento, penso no aviso de Barata: *Na próxima vez, leve um membro da guarda real. Leve um de nós. Leve um grupo de fadinha ou um spriggan bêbado. Mas leve alguém*.

Mas estou só eu. Sozinha.

Tento fazer meu cavalo correr mais rápido. Se eu conseguir percorrer o bosque e chegar perto de casa, estarei protegida. Há guardas lá, e se foi Madoc, ou não, quem mandou os cavaleiros fazer isso, ele jamais deixaria uma convidada, menos ainda sua protegida, ser morta em suas próprias terras.

Isso não se enquadraria nas regras de cortesia.

Eu só preciso conseguir.

Ouço os cascos atrás de mim enquanto percorremos a floresta. Olho para trás, o vento na cara, o cabelo soprando na boca. Eles estão cavalgando bem separados, tentando entrar na minha frente para me afastar da casa de Madoc, na direção da costa, onde não há lugar para eu me esconder.

Eles chegam cada vez mais perto. Ouço-os gritando uns com os outros, mas as palavras se perdem no vento. Meu cavalo é veloz, mas os deles correm como água na noite. Quando olho para trás, vejo que um dos cavaleiros pegou um arco com flechas de pontas pretas.

Puxo a montaria para o lado e encontro outro cavaleiro lá, impedindo minha fuga.

Eles estão de armadura e armas na mão. Só tenho algumas facas comigo e Cair da Noite nos alforjes, junto com uma pequena besta na bolsa. Andei por esse bosque mil vezes na minha infância, nunca pensei que um dia precisaria vestir armadura para uma batalha nele.

Uma flecha passa voando por mim enquanto outro cavaleiro se aproxima, brandindo uma espada.

Não tem como eu conseguir correr mais do que eles.

Fico de pé nos estribos, um truque que não sei se vai dar certo, e me seguro no primeiro galho firme que aparece. Um dos corcéis de olhos brancos mostra os dentes e morde o flanco da minha montaria. Meu pobre animal relincha e pula. No luar, acho que vejo olhos de âmbar quando a espada comprida de um cavaleiro corta o ar.

Eu me balanço e subo no galho. Por um momento, fico apenas me segurando, respirando pesado, enquanto os cavaleiros passam embaixo de mim. Eles se viram. Um toma um gole de uma garrafinha e fica com os lábios manchados de dourado.

— Gatinho na árvore — grita outro. — Desça para as raposas!

Fico de pé, me lembrando das aulas de Fantasma enquanto corro pelo galho. Três cavaleiros surgem abaixo de mim. Vejo um brilho no ar quando o machado voa na minha direção. Eu me abaixo e tento não escorregar. A arma passa girando por mim e acerta o tronco da árvore.

— Boa tentativa — grito, tentando parecer qualquer coisa, menos apavorada. Tenho que me afastar deles. Tenho que subir mais alto. Mas e

depois? Não posso lutar contra sete. Mesmo que eu quisesse tentar, minha espada ainda está no meu cavalo. Só tenho algumas facas.

— Desça, garota humana — canta um com olhos prateados.

— Ouvimos falar da sua selvageria. Ouvimos falar da sua ferocidade — diz outro com uma voz grave e melodiosa que pode ser feminina. — Não nos decepcione.

Um terceiro prende outra flecha de ponta preta no arco.

— Se tenho que ser um gato, vou arranhar vocês — digo, puxando duas facas em formato de folha das laterais do corpo e jogando em arco na direção dos cavaleiros.

Uma não acerta e a outra bate na armadura, mas espero que seja distração suficiente para eu arrancar o machado da madeira da árvore. Eu me movo. Pulo de galho em galho enquanto as flechas voam, agradecida por tudo que Fantasma me ensinou.

Uma flecha me acerta na coxa.

Não consigo segurar o grito de dor. Começo a me mover de novo, agindo em meio ao choque, mas minha velocidade se foi. A flecha seguinte chega tão perto do meu corpo que é a sorte que me salva.

Eles conseguem enxergar muito bem, mesmo na escuridão. Conseguem enxergar bem melhor do que eu.

Os cavaleiros têm todas as vantagens. Nas árvores, enquanto não consigo me esconder, só estou sendo um alvo um pouco mais complicado, mas de um jeito divertido. E quanto mais cansada eu ficar, quanto mais eu sangrar, quanto mais eu sentir dor, mais lenta vou ficar. Se eu não mudar o jogo, vou perder.

Tenho que igualar as chances. Tenho que fazer algo que eles não estejam esperando. Se não consigo vê-los, tenho que confiar nos meus outros sentidos.

Inspiro fundo, ignoro a dor na perna e a flecha ainda espetada nela, o machado na mão, e dou um pulo do galho com um uivo.

Os cavaleiros tentam virar os cavalos para fugir de mim.

Acerto um deles no peito com o machado. A ponta amassa a armadura para dentro. Isso é um truque e tanto… ou teria sido, se eu não perdesse meu equilíbrio um momento depois. A arma escapa da minha mão quando caio. Bato na terra com força e fico sem ar. Na mesma hora, rolo para fugir das patadas de cavalo. Minha cabeça está ecoando e minhas pernas parecem pegar

fogo quando fico de pé. Quebrei a haste da flecha enfiada em mim, mas fiz a ponta entrar mais fundo.

O cavaleiro que acertei está caído na sela, o corpo inerte e a boca borbulhando em vermelho.

Outro cavaleiro se vira de lado e um terceiro avança. Puxo uma faca quando o arqueiro vindo na minha direção tenta mudar para a espada.

Seis a um é uma proporção melhor, principalmente com quatro cavaleiros para trás, como se não tivessem considerado que também poderiam se machucar.

— Está boa essa ferocidade? — grito para eles.

O cavaleiro de olhos prateados vem para cima de mim e arremesso a faca. Não o acerta, mas acerta o flanco do cavalo. O animal empina. Enquanto o cavaleiro tenta controlar a montaria, outro vem na minha direção. Pego o machado, respiro fundo e me concentro.

O cavalo esquelético me observa com os olhos brancos sem pupilas. Parece faminto.

Se eu morrer no bosque porque não estava preparada, porque estava distraída demais para prender minha própria espada no cinto, vou ficar furiosa comigo mesma.

Eu me preparo quando outro cavaleiro vem para cima de mim, mas não sei se aguento o ataque. Tento pensar em outra opção.

Quando o cavalo chega perto, me jogo no chão e luto contra todos os instintos de sobrevivência, toda vontade de fugir do enorme animal. Ele passa por cima de mim e levanto o machado para atacar por baixo. O sangue jorra no meu rosto.

A criatura corre um pouco mais e cai com um lamento horrível, prendendo a perna do cavaleiro embaixo do corpo.

Eu me levanto e seco o rosto a tempo de ver o cavaleiro de olhos prateados se preparando para atacar. Abro um sorriso para ele e levanto o machado ensanguentado.

O cavaleiro de olhos âmbar vai na direção do companheiro caído, chamando os outros. O de olhos prateados se vira com o chamado e segue na direção dos companheiros. Vejo o cavaleiro preso se esforçar enquanto os

outros dois tentam soltá-lo e colocá-lo em cima de um dos outros cavalos. Os seis vão embora na noite, sem gargalhadas os acompanhando agora.

Espero temendo que eles voltem, com medo de algo pior pular das sombras. Minutos passam. O som mais alto é minha respiração entrecortada e o rugido do sangue bombeando nos meus ouvidos.

Trêmula, com dor, ando pelo bosque e encontro meu corcel caído na grama, sendo devorado pelo cavalo do cavaleiro morto. Balanço meu machado, e o cavalo vai embora. Mas nada faz meu pobre corcel ficar menos morto.

Minha bolsa sumiu. Deve ter caído durante o trajeto, com minhas roupas e minha besta junto. Minhas facas também se foram, devem estar caídas no chão da floresta depois que as arremessei, provavelmente perdidas na vegetação. Pelo menos Cair da Noite ainda está aqui, presa na sela. Solto a espada do meu pai com dedos doloridos.

Usando-a como bengala, consigo me arrastar até a fortaleza de Madoc e lavo o sangue na bomba do lado de fora.

Lá dentro, encontro Oriana sentada perto de uma janela, costurando um bordado. Ela me olha com os olhos rosados e não abre um sorriso, como um humano faria, para me tranquilizar.

— Taryn está lá em cima com Vivi e a amante dela. Oak está dormindo e Madoc está tramando. — Ela observa minha aparência. — Você caiu no lago?

Faço que sim.

— Burrice, né?

Ela dá outro ponto. Sigo para a escada e Oriana fala de novo antes de meu pé tocar no primeiro degrau.

— Seria tão horrível assim Oak ficar comigo aqui? — pergunta ela. Há uma longa pausa, então um sussurro: — Não quero perder o amor dele.

Odeio ter que dizer o que ela já sabe.

— Aqui, não haveria fim a quantidade de cortesãos despejando veneno no ouvido dele, boatos do rei que ele seria se Cardan estivesse fora do caminho… e que, por sua vez, poderia deixar as pessoas leais a Cardan desejarem tirar Oak do caminho. E nem estou pensando nas ameaças maiores. Enquanto Balekin viver, Oak fica mais seguro longe do Reino das Fadas. Além do mais, tem Orlagh.

Oriana assente, a expressão vazia, e se vira para a janela.

Talvez ela só precise que outra pessoa seja o vilão, que alguém seja responsável por mantê-los separados. Que sorte a dela eu ser alguém de quem ela já não gosta muito.

Ainda assim, lembro como era sentir falta do local onde passei a infância, sentir falta das pessoas que me criaram.

— Você nunca vai perder o amor dele — digo, minha voz soando baixa como a dela. Sei que Oriana consegue me ouvir, mas não se vira.

Com isso, subo a escada, a perna doendo. Já estou no andar de cima quando Madoc sai do escritório e me olha. Ele fareja no ar. Não sei se sente o cheiro do sangue ainda escorrendo pela minha perna ou se sente o cheiro da terra e do suor e da água fria do poço.

Um arrepio percorre meus ossos.

Entro no meu antigo quarto e fecho a porta. Enfio a mão atrás da cabeceira e fico grata de encontrar uma das minhas facas ainda lá, embainhada e meio empoeirada. Deixo-a onde estava e me sinto um pouco mais segura.

Manco até minha antiga banheira, mordo a bochecha de novo para segurar a dor e me sento na beirada. Corto a calça e examino o que resta da flecha enfiada na minha perna. A haste quebrada é de salgueiro manchada de cinzas. O que consigo ver da ponta é feito de chifre.

Minha mão começa a tremer e percebo como meu coração está acelerado, como minha cabeça está confusa.

Ferimentos de flecha são ruins porque, cada vez que você se move, a ferida aumenta. Seu corpo não consegue cicatrizar com uma ponta afiada cortando tecido, e quanto mais tempo fica lá, mais difícil é de tirar.

Respiro fundo, enfio o dedo até a ponta da flecha e aperto de leve. Dói tanto que ofego e fico meio tonta por um momento, mas percebo que a flecha não parece alojada no osso.

Eu me preparo, pego a faca e corto uns dois centímetros da pele da perna. É excruciante e estou respirando em baforadas curtas quando enfio os dedos na carne e puxo a cabeça da flecha. Tem muito sangue, uma quantidade assustadora. Aperto o corte, tentando estancar o fluxo.

Por um tempo, fico tonta demais para fazer qualquer coisa além de ficar sentada.

— Jude? — Vivi está abrindo a porta. Ela dá uma olhada em mim e outra na banheira. Então arregala os olhos de gato.

Eu balanço a cabeça.

— Não conta para ninguém.

— Você está sangrando — observa ela.

— Pega… — começo a falar, mas paro e me dou conta de que preciso costurar o ferimento, de que não pensei nisso. Talvez eu não esteja tão bem quanto achei que estivesse. O choque nem sempre bate imediatamente. — Preciso de uma agulha e linha… mas não fina, de bordado. E de um pano para ficar fazendo pressão na ferida.

Ela franze a testa para a faca na minha mão, para o fato de o ferimento ser recente.

— Você que fez isso?

A pergunta me tira do estado atordoado por um momento.

— Sim, eu disparei uma flecha *em mim mesma*.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela me entrega uma camisa que estava em cima da cama e sai do quarto. Aperto o tecido no ferimento e torço para diminuir o sangramento.

Quando volta, ela está segurando linha branca e uma agulha. Essa linha não vai ficar branca por muito tempo.

— Bom — suspiro, tentando me concentrar. — Você quer segurar ou costurar?

— Segurar — afirma ela, olhando para mim como se desejasse uma terceira opção. — Você não acha que eu deveria chamar Taryn?

— Na noite anterior ao casamento dela? De jeito nenhum. — Tento enfiar a linha na agulha, mas minhas mãos estão tremendo tanto que é difícil. — Pronto, agora empurra as laterais da ferida para que fiquem juntas.

Vivi se ajoelha e faz isso com uma careta. Eu ofego e tento não desmaiar. Em poucos minutos, vou poder me sentar e relaxar, prometo a mim mesma. Em poucos minutos, vai ser como se isso nunca tivesse acontecido.

Eu costuro. Dói. Dói e dói e dói. Quando acabo, lavo a perna com mais água e rasgo a parte mais limpa da camisa para amarrar em volta.

Ela chega mais perto.

— Você consegue ficar de pé?

— Em um minuto. — Eu balanço a cabeça.

— E Madoc? — pergunta ela. — Poderíamos contar…

— Para ninguém — repito.

Seguro a beirada da banheira, passo a perna por cima e prendo um grito.

Vivi abre a torneira e a água desce e lava o sangue.

— Suas roupas estão encharcadas — diz ela, franzindo a testa.

— Me passa um daqueles vestidos — peço. — Procura algo bem folgado.

Eu me obrigo a mancar até uma cadeira e me sentar nela. Tiro a jaqueta e a camisa. Nua até a cintura, não consigo fazer mais nada por causa da dor.

Vivi pega um vestido, um tão velho que Taryn nem levou para mim, e o arruma para eu enfiar pela cabeça, depois guia minhas mãos pelas mangas como se eu fosse uma criança. Delicadamente, tira minhas botas e o que resta da minha calça.

— Você devia deitar. Descansar. Heather e eu podemos distrair Taryn.

— Vou ficar bem — afirmo.

— Só estou dizendo que você não precisa fazer mais nada. — Vivi parece estar reconsiderando meus avisos para não vir ao Reino das Fadas. — Quem fez isso?

— Sete homens a cavalo… talvez cavaleiros do rei. Mas quem estava por trás do ataque? Não sei.

Vivi solta um longo suspiro.

— Jude, volte para o mundo humano comigo. Isso não precisa ser normal. Isso não é normal.

Eu me levanto da cadeira. Prefiro andar com a perna machucada a ficar ouvindo isso.

— O que aconteceria se eu não tivesse entrado aqui? — questiona ela.

Agora que estou de pé, preciso continuar em movimento para não perder o embalo. Vou até a porta.

— Não sei. Mas sei de uma coisa: o perigo também pode me encontrar no mundo mortal. O fato de eu estar *aqui* me permite garantir que você e Oak tenham guardas cuidando de vocês *lá*. Olha, eu entendo que você acha que o que estou fazendo é burrice. Mas não aja como se fosse inútil.

— Não foi isso que eu quis dizer — começa ela, mas já estou no corredor. Abro a porta do quarto de Taryn e a encontro com Heather rindo de alguma

coisa. Elas param quando eu entro.

— Jude? — diz Taryn.

— Eu caí do cavalo — minto, e Vivi não me contradiz. — Do que estamos falando?

Taryn está nervosa, fica andando pelo quarto e tocando no vestido esvoaçante que vai usar amanhã, pegando o aro bordado com plantas dos jardins de goblins, frescas como quando foram colhidas.

Percebo que os brincos que comprei para Taryn foram perdidos junto com o resto da bolsa. Espalhados nas folhas e na vegetação.

Criados levam vinho e bolos, e lambo a cobertura doce e deixo a conversa me levar. A dor na perna me distrai, mas o que me distrai mais é a lembrança dos cavaleiros rindo, a lembrança deles se aproximando embaixo da árvore. A lembrança de estar ferida, com medo e completamente sozinha.



Quando acordo no dia do casamento de Taryn, estou na cama da minha infância. A sensação é de sair de um sono profundo, e por um momento não é que eu não saiba onde estou… é que não lembro *quem* eu sou. Por alguns momentos, piscando na luz do fim da manhã, sou a filha leal de Madoc, sonhando em me tornar cavaleira da corte. Mas o último ano volta a mim com o gosto agora familiar de veneno.

Assim como as fisgadas dos pontos malfeitos.

Eu me levanto e desenrolo o pano para olhar a ferida. Está feia e inchada, e o trabalho com a agulha foi ruim. Minha perna está rígida.

Gnarbone, um criado enorme com orelhas compridas e um rabo, entra no meu quarto batendo na porta. Está carregando uma bandeja com o café da manhã. Rapidamente, puxo o cobertor por cima da parte inferior do corpo.

Ele coloca a bandeja na cama sem falar nada e vai para a área do banheiro. Ouço ruído de água e sinto o cheiro de ervas maceradas. Fico sentada lá, me controlando, até ele sair.

Eu poderia contar a ele que estou machucada. Seria uma coisa simples. Se eu pedisse a Gnarbone para chamar um cirurgião militar, ele faria isso.

Contaria para Oriana e Madoc, claro. Mas minha perna ficaria bem costurada e eu não correria risco de infecção.

Mesmo que Madoc tivesse enviado os cavaleiros, acredito que ele cuidaria de mim. Cortesia, afinal. Mas ele veria como uma concessão. Eu estaria admitindo que preciso dele, que ele venceu. Que voltei para casa de vez.

Só que, na luz da manhã, tenho quase certeza de que não foi Madoc quem enviou os cavaleiros. Mesmo sendo o tipo de armadilha do qual ele gosta, Madoc jamais enviaria assassinos que recuassem e fossem embora quando o número ainda estava do lado deles.

Quando Gnarbone sai, tomo o café com avidez e sigo para o banho.

Está leitoso e aromático, e só quando estou na água é que me permito chorar. Só na água posso admitir que quase morri e que fiquei apavorada e que queria que houvesse alguém para quem eu pudesse contar tudo. Prendo o ar até não ter mais ar para prender.

Depois do banho, eu me enrolo num roupão antigo e vou para a cama. Enquanto tento decidir se vale a pena enviar um servo ao palácio para buscar outro vestido ou se devo simplesmente pegar um de Taryn emprestado, Oriana entra no quarto, segurando um tecido prateado.

— Os criados me disseram que você não trouxe bagagem — diz ela. — Suponho que tenha esquecido que o casamento da sua irmã exigiria um novo vestido. Ou apenas um vestido.

— Pelo menos uma pessoa vai ficar nua — falo. — Você sabe que é verdade. Nunca fui a uma festa no Reino das Fadas em que *todo mundo* estava de roupa.

— Bom, se o plano é esse — diz ela, dando meia-volta. — Então acho que você só precisa de um colar bonito.

— Espere. Você está certa. Não tenho vestido e preciso de um. Por favor, não vá.

Quando Oriana se vira de volta, tem um leve sorriso no rosto.

— Que atípico da sua parte dizer o que realmente quer dizer e que não seja algo hostil.

Eu me pergunto o que significa para ela viver na casa de Madoc, ser a esposa obediente e participar de todos os esquemas dele que fracassam. Ela é capaz de mais sutilezas do que eu lhe daria crédito.

E levou um vestido para mim.

Parece uma gentileza até ela o esticar na minha cama.

— É um dos meus — diz. — Acho que vai caber.

O vestido é prateado e me lembra um pouco uma cota de malha. É lindo, com mangas boca de sino e aberturas ao longo do braço para exibir a pele, mas tem um decote acentuado, que ficaria de um jeito em Oriana e de outro totalmente diferente em mim.

— É um pouco, hã, ousado para um casamento, você não acha? — Não dá para vestir usando sutiã.

Ela só me olha por um momento, com um olhar intrigado quase de inseto.

— Acho que posso experimentar — digo, lembrando que fiz uma brincadeira sobre ficar nua um momento antes.

Por estarmos no Reino das Fadas, ela não se mexe para sair. Eu me viro, torcendo para que isso seja o suficiente para afastar a atenção dela da minha perna quando tiro a roupa. Visto o vestido pela cabeça e deixo que caia sobre meus quadris. Brilha lindamente, mas, como desconfiei, exibe muito meus seios. *Muito* mesmo.

Oriana assente, satisfeita.

— Vou mandar alguém pentear seu cabelo.

Pouco tempo depois, uma garota pixie magrinha trança meu cabelo no formato de chifres de carneiro e amarra as pontas com fitas prateadas. Ela pinta as pálpebras dos meus olhos e minha boca com mais prateado.

Vestida, desço a escada para me juntar ao resto da família na sala, como se os últimos meses não tivessem acontecido.

Oriana está usando um vestido violeta pálido com uma gola de pétalas frescas que sobe até o maxilar claro. Vivi e Heather estão com roupas mortais, Vivi usando um tecido leve com estampa de olhos e Heather com um vestido rosa curto, todo em lantejoulas prateadas. O cabelo de Heather está preso com fivelas cintilantes cor-de-rosa. Madoc está usando uma túnica cor de ameixa, com Oak num tom combinando.

— Ei — diz Heather. — Nós duas estamos de prateado.

Taryn não desceu ainda. Ficamos na sala tomando chá e comendo pãezinhos de aperitivo.

— Você acha mesmo que ela vai prosseguir com isso? — pergunta Vivi.

Heather esboça um olhar escandalizado e bate na perna dela.

Madoc suspira.

— Dizem que aprendemos mais com nossos fracassos do que com nossos sucessos. — Ele olha diretamente para mim.

Taryn finalmente chega. Ela foi banhada em orvalho lilás e está usando um vestido de camadas incrivelmente finas de tecido, com ervas e flores entre elas para dar a impressão de que minha irmã é uma figura linda e flutuante e um buquê vivo ao mesmo tempo.

O cabelo está trançado em uma coroa de flores verdes.

Ela está linda e dolorosamente humana. Com todo aquele tecido pálido, ela parece um sacrifício e não uma noiva. Taryn sorri para todos nós, tímida e exalando felicidade.

Nós nos levantamos e dizemos como ela está linda. Madoc segura suas mãos e as beija, olhando para Taryn como qualquer pai orgulhoso. Apesar de achar que ela está cometendo um erro.

Entramos na carruagem, junto com o pequeno duende que vai ser o dublê de Oak. Eles trocam de jaqueta quando entramos e o duende se senta com preocupação em um canto.

A caminho da propriedade de Locke, Taryn se inclina para a frente e segura minha mão.

— Quando eu estiver casada, as coisas vão ser diferentes.

— Algumas coisas — corrijo, sem ter muita certeza ao que ela está se referindo.

— Papai prometeu mantê-lo na linha — sussurra ela.

Lembro o apelo que Taryn fez a mim para que Locke fosse dispensado da posição de Mestre da Esbórnia. Controlar as indulgências de Locke deve manter Madoc ocupado, o que não parece uma coisa ruim.

— Você está feliz por mim? — pergunta ela. — De verdade?

Taryn é mais próxima de mim do que qualquer outra pessoa no mundo. Ela conheceu a maré e a ressaca dos meus sentimentos, minhas dores, pequenas e grandes, pela maior parte da minha vida. Seria burrice deixar qualquer coisa interferir nisso.

— Quero que *você* seja feliz — digo. — Hoje e sempre.

Ela abre um sorriso nervoso e aperta os dedos nos meus.

Ainda estou segurando sua mão quando o labirinto de cercas vivas aparece. Vejo três garotas pixies com vestidos transparentes voando sobre o verde, rindo juntas, e atrás delas já tem outros feéricos andando. Como Mestre da Esbórnia, Locke organizou um casamento digno do título.

CAPÍTULO
21

A primeira armadilha passa sem ser acionada. O dublê sai da carruagem com a minha família enquanto Oak e eu ficamos abaixados na carruagem. Ele sorri para mim no começo, quando nos agachamos no espaço entre os bancos acolchoados, mas o sorriso some um momento depois, substituído por preocupação.

Eu seguro a mão dele e aperto.

— Pronto para pular uma janela?

Isso o anima novamente.

— Da carruagem?

— É — digo, e espero que o cocheiro pare. Quando para, há uma batida. Espio e vejo Bomba do lado de dentro da propriedade. Ela pisca para mim e eu levanto Oak e o passo através da janela da carruagem, os cascos primeiro, para os braços dela.

Vou em seguida, sem elegância nenhuma. Meu vestido é ridiculamente aberto e minha perna ainda está rígida e doendo quando caio no piso de pedra de Locke.

— Alguma coisa? — pergunto, olhando para Bomba.

Ela balança a cabeça e estica a mão para mim.

— Essa parte sempre foi improvável. Minha aposta é o labirinto.

Oak franze a testa e faço massagem nos ombros dele.

— Você não precisa fazer isso — digo, apesar de não saber o que vamos fazer se ele disser que não quer.

— Está tudo bem — diz ele, sem olhar nos meus olhos. — Onde está a minha mãe?

— Vou procurá-la para você, pequenino — diz Bomba e passa o braço pelo ombro magro para levá-lo. Da porta, ela olha para mim e tira algo do bolso. — Você parece ter se machucado. Que bom que eu não preparo só explosivos.

Com isso, ela joga algo para mim. Pego sem saber o que é e viro na mão. Um pote de pomada. Olho para ela para agradecer, mas Bomba já se foi.

Abro o potinho e sinto o cheiro forte de ervas. Quando espalho a pomada sobre a pele, a dor diminui. Esfria o calor que provavelmente era uma infecção iminente. A perna ainda está dolorida, mas não como antes.

— Minha senescal — cumprimenta Cardan, e quase deixo a pomada cair. Puxo o vestido para baixo e me viro. — Está pronta para dar as boas-vindas a Locke na sua família?

Na última vez em que estivemos naquela casa, no labirinto do jardim, ele estava com a boca manchada de nuncamais dourado e me viu beijar Locke com uma intensidade fervente que achei que era ódio.

Agora, Cardan me observa com um olhar não muito diferente, e só quero correr para os braços dele. Quero afogar minhas preocupações em seu abraço. Quero que ele diga algo que não condiz com ele, quero que diga que tudo vai ficar bem.

— Vestido bonito — é o que ele diz.

Sei que a corte já deve achar que estou apaixonada pelo Grande Rei para aguentar ser coroada Rainha da Euforia e continuar servindo como senescal. Todos devem pensar, como Madoc pensa, que eu sou uma criatura dele. Que mesmo depois de Cardan ter me humilhado, eu voltei rastejando.

Mas e se eu realmente *estiver* ficando apaixonada por ele?

Cardan é mais experiente do que eu no amor. Ele poderia usar isso contra mim, assim como pedi que usasse contra Nicasia. Talvez tenha encontrado uma forma de virar a mesa, afinal.

Mate-o, uma parte de mim diz, uma parte da qual me lembro da noite em que o levei como prisioneiro. *Mate-o antes que ele faça você amá-lo*.

— Você não devia estar sozinho — repreendo, porque se o Reino Submarino vai atacar, não podemos ser alvos fáceis. — Não hoje.

Cardan sorri.

— Não estava nos meus planos.

A insinuação sem constrangimento de que ele não está sozinho na maioria das noites me incomoda, e odeio o fato de me incomodar.

— Que bom — respondo, engolindo o sentimento, embora me dê a sensação de engolir bile. — Mas se você está planejando levar alguém para a cama, ou, melhor ainda, várias pessoas, escolha guardas. E faça com que vocês fiquem protegidos por mais guardas.

— Uma verdadeira orgia. — Ele parece vibrar com a ideia.

Fico pensando no olhar firme que ele me lançou quando estávamos os dois nus, antes de ele vestir a camisa e prender os punhos elegantes. *Nós devíamos ter pedido trégua*, afirmara ele, afastando o cabelo preto com impaciência. *Devíamos ter pedido trégua muito antes disso*.

Mas nenhum de nós pediu, nem naquele momento nem depois.

Jude, dissera ele, passando a mão pela minha panturrilha, *você tem medo de mim?*

Limpo a garganta e afasto as lembranças.

— Eu ordeno que você não se permita ficar sozinho do pôr do sol de hoje até o nascer do sol de amanhã.

Ele recua, como se tivesse sido mordido. Ele não espera mais que eu dê ordens dessa forma despótica, como se não confiasse nele.

O Grande Rei de Elfhame faz uma reverência curta.

— Seu *desejo*… não, nada disso. Sua *ordem* é minha ordem.

Não consigo olhar quando ele se afasta. Sou uma covarde. Talvez seja a dor na minha perna, talvez seja preocupação com meu irmão, mas uma parte de mim quer chamá-lo, quer pedir desculpas. Finalmente, quando tenho certeza de que ele se foi, sigo em direção à festa.

Alguns passos e estou no corredor.

Madoc está encostado na parede. Os braços estão cruzados sobre o peito e ele balança a cabeça para mim.

— Nunca fez sentido para mim. Até agora.

Eu paro.

— O quê?

— Eu estava vindo buscar Oak quando ouvi você falando com o Grande Rei. Perdoe minha intromissão.

Mal consigo pensar com o trovejar nos meus ouvidos.

— Não é o que você pen…

— Se não fosse, você não saberia o que eu pensei — responde Madoc. — Muito claro, filha. Não é surpresa você não ter ficado tentada por nada que ofereci. Eu disse que não a subestimaria, mas foi o que fiz. Eu a subestimei e subestimei sua ambição e sua arrogância.

— Não — falo. — Você não entende…

— Ah, acho que entendo — continua ele, sem esperar eu explicar que Oak não está pronto para o trono, que quero evitar um banho de sangue, que não consigo sustentar o que tenho por mais de um ano e um dia. Ele está com raiva demais para isso. — Finalmente, eu entendo. Mas quando eles forem embora, nós vamos estar nos encarando por cima de um tabuleiro de xadrez. E quando eu te vencer, vou garantir que seja tão completamente quanto faria com qualquer oponente que se mostrou equivalente a mim.

Antes que eu consiga pensar no que dizer, ele segura meu braço e anda comigo em direção ao jardim.

— Venha — diz ele. — Ainda temos papéis a desempenhar.

Do lado de fora, piscando no sol do fim da tarde, Madoc me deixa para ir falar com alguns cavaleiros parados em grupo perto de uma piscina ornamental. Ele assente para mim quando se afasta, o gesto de alguém reconhecendo o oponente.

Um arrepio me percorre. Quando confrontei Madoc na Mansão Hollow depois de envenenar sua taça, achei que o tinha transformado em inimigo. Mas isso é bem pior. Ele sabe que estou entre ele e a coroa, e pouco importa se me ama ou me odeia; ele vai fazer o que for preciso para arrancar o poder das minhas mãos.

Sem opção, vou para o labirinto, em direção à comemoração no centro.

Três voltas e parece que os convidados estão mais distantes que antes. Os sons ficam abafados e as risadas fracas vêm de todas as direções. Os buxeiros são altos a ponto de ser algo desorientador.

Sete voltas e estou verdadeiramente perdida. Começo a voltar, mas vejo que o labirinto mudou. Os caminhos não estão onde estavam antes.

Claro. Não é um labirinto normal. Não, deve estar querendo me pegar.

Lembro que no meio daquelas folhagens estão os feéricos das árvores, esperando para cuidar da segurança de Oak. Se são eles de brincadeira comigo agora, não sei, mas pelo menos tenho certeza de que alguma coisa está ouvindo quando falo.

— Vou abrir caminho por vocês com faca — digo para os muros folhosos. — Vamos começar a brincar de forma justa.

Galhos se balançam atrás de mim. Quando me viro, há um novo caminho.

— É melhor que seja para a festa — resmungo e vou na direção do caminho. Espero que não leve a um lugar secreto reservado para as pessoas que ameaçam o labirinto.

Outra virada e chego a um trecho com florezinhas brancas e uma torre de pedra em miniatura. De dentro, ouço um som estranho, meio rosnado e meio choro.

Puxo Cair da Noite. Não são muitas as coisas que choram no Reino das Fadas. E as coisas que choram que são mais comuns aqui, como as banshee, são muito perigosas.

— Quem está aí? — pergunto. — Saia ou vou entrar.

Fico surpresa de ver Heather aparecer. As orelhas dela estão longas e peludas, como as de um gato. O nariz está com formato diferente e tem pontas de bigodes crescendo acima das sobrancelhas e nas bochechas.

O pior é que, como não consigo enxergar através dele, não é um glamour. É um feitiço de verdade, e acho que ainda não está acabado. Enquanto olho, uma cobertura leve de pelos, como de uma gata escaminha, cresce nos braços de Heather.

— O que… o que aconteceu? — gaguejo.

Ela abre a boca, mas em vez da resposta, um miado digno de pena sai.

Apesar de tudo, dou uma risada. Não por ser engraçado, mas porque foi inesperado. Mas me sinto péssima, principalmente quando ela sibila.

Eu me agacho e faço uma careta quando os pontos se repuxam.

— Não entre em pânico. Desculpa. Você me pegou de surpresa. Foi por isso que mandei deixar o talismã com você.

Ela faz outro ruído de miado.

— É — eu digo, suspirando. — Ninguém gosta de ouvir "eu te disse". Não se preocupe. O idiota que achou que seria uma brincadeira engraçada vai se arrepender profundamente. Vem.

Heather me segue, tremendo. Quando tento passar o braço pelos ombros dela, ela se afasta com outro sibilar. Pelo menos ela continua ereta. Pelo menos está humana o suficiente para ficar comigo e não fugir.

Passamos pelas cercas vivas, e desta vez o labirinto não apronta conosco. Em três voltas, estamos entre os convidados. Um chafariz jorra delicadamente e o som se mistura às conversas.

Olho ao redor, em busca de alguém que eu conheça.

Taryn e Locke não estão presentes. É provável que tenham ido até um caramanchão, onde vão fazer as juras particulares um ao outro, o verdadeiro casamento feérico, sem testemunhas e misterioso. Em uma terra onde não existem mentiras, as promessas não precisam ser públicas para unirem duas pessoas.

Vivi corre até mim e segura a mão de Heather. Seus dedos estão curvados em formato de pata.

— O que houve? — pergunta Oriana.

— Heather? — chama Oak. Ela olha para ele com olhos iguais aos da minha irmã. Fico me perguntando se esse é o cerne da piada. Uma gata para uma garota com olhos de gato.

— Faz alguma coisa — diz Vivi para Oriana.

— Não sou muito boa com encantamentos — retruca ela. — Desfazer maldições nunca foi minha especialidade.

— Quem fez isso? É *ele ou ela* quem pode desfazer. — Minha voz tem um rosnado que me faz parecer Madoc. Vivi olha para a frente com uma expressão estranha no rosto.

— Jude — avisa Oriana, mas Heather aponta com os dedos dobrados.

Perto de um trio de faunos tocando flauta, vejo um garoto com orelhas de gato. Ando pelo labirinto em sua direção. Uma das mãos vai até o cabo da minha espada; toda a frustração que sinto por tudo que não consigo controlar se acumula na vontade de resolver esse problema.

Minha outra mão derruba o cálice de vinho verde que ele segura. O líquido se espalha nos trevos antes de penetrar na terra embaixo dos nossos pés.

— O que é isso? — pergunta ele.

— Você botou uma maldição naquela garota ali — digo para ele. — Conserte *imediatamente*.

— Ela admirou minhas orelhas — responde o garoto. — Só dei o que ela desejou. Um favor de festa.

— É isso que vou dizer depois que te estripar e usar suas entranhas como decoração — ameaço. — *Só dei o que ele desejou. Afinal, se ele não quisesse ser eviscerado, teria honrado meu pedido bem razoável*.

Com olhares furiosos para todo mundo, ele anda pela grama e fala algumas palavras. O encantamento começa a se dissipar. Mas Heather começa a chorar de novo quando sua humanidade volta. Soluços enormes a sacodem.

— Eu quero ir embora — diz ela, a voz trêmula e chorosa. — Quero ir para casa agora e não quero voltar nunca mais.

Vivi devia tê-la preparado melhor, devia ter cuidado para que ela estivesse sempre com um amuleto… ou melhor, dois. Nunca devia ter deixado Heather andar por aí sozinha.

Tenho medo de que, em alguma medida, seja culpa minha. Taryn e eu escondemos de Vivi o pior do que é ser humana no Reino das Fadas. Acho que Vivi acreditou que daria tudo certo porque, se suas irmãs ficaram bem, Heather também ficaria. Mas nós nunca ficamos bem.

— Vai ficar tudo bem — conforta Vivi, massageando as costas de Heather. — Você está bem. É só meio esquisito. Mais tarde você vai achar engraçado.

— Ela não vai achar engraçado — digo, e Vivi me olha com raiva.

Os soluços continuam. Por fim, Vivi coloca o dedo embaixo do queixo de Heather e levanta seu rosto para olhar diretamente para os olhos dela.

— Você está bem — repete Vivi, e ouço o glamour na voz dela. A mágica faz o corpo todo de Heather relaxar. — Não se lembra da última meia hora. Estava se divertindo muito no casamento, mas levou um tombo. Estava chorando porque machucou o joelho. Não é uma coisa boba?

Heather olha ao redor, constrangida, e seca os olhos.

— Me sinto meio ridícula — diz ela com uma risada. — Acho que fiquei surpresa.

— Vivi — sussurro.

— Eu sei o que você vai dizer — responde Vivi, num cochicho. — Mas é só desta vez. E antes que você pergunte, eu nunca fiz isso antes. Mas ela não precisa se lembrar daquilo tudo.

— Claro que precisa. Ou não vai ser cuidadosa da próxima vez.

Estou com tanta raiva que mal consigo falar, mas preciso fazer Vivi entender. Preciso fazer com que ela perceba que até as lembranças horríveis são melhores do que buracos estranhos ou o vazio dos sentimentos não terem sentido.

Mas antes que eu possa começar, Fantasma surge atrás de mim. Vulciber está a seu lado. Os dois estão de uniforme.

— Vem com a gente — diz Fantasma, ríspido de uma forma incomum.

— O que foi? — pergunto, a voz cortante. Ainda estou pensando em Vivi e Heather.

Fantasma está mais sério que nunca.

— O Reino Submarino agiu.

Olho ao redor procurando Oak, mas ele está onde o deixei momentos antes, com Oriana, vendo Heather insistir que está bem. Uma ruga marca o espaço entre as sobrancelhas, mas ele parece protegido de tudo, exceto de influências ruins.

Cardan está do outro lado da área verde, perto de onde Taryn e Locke surgiram depois dos votos feitos. Taryn parece tímida, com as bochechas rosadas. Feéricos correm para beijá-la: goblins e elfos, cortesãs e bruxas. O céu está claro, o vento doce e cheio de flores.

— A Torre do Esquecimento. Vulciber insiste que você vá ver — diz Bomba. Eu nem reparei quando ela se aproximou. Ela está toda de preto, o cabelo preso em um coque. — Jude?

Eu me viro para os espiões.

— Não entendi.

— Vamos explicar no caminho — diz Vulciber. — Está pronta?

— Só um segundo. — Tenho que parabenizar Taryn antes de sair. Dar um beijo na bochecha dela e dizer algo bonito, para ela saber que eu vim, mesmo precisando sair. Mas quando olho para ela, para calcular a rapidez com que consigo fazer isso, meu olhar se prende nos brincos.

Pendurados nos lóbulos estão uma lua e uma estrela. Os brincos que negociei com Grimsen. Que perdi na floresta. Ela não estava usando quando subimos na carruagem, então deve ter ganhado…

Ao lado dela, Locke exibe um sorriso de raposa, e, quando anda, vejo que está mancando de leve.

Por um momento, fico só olhando, minha mente se recusando a admitir o que estou vendo. Era Locke com os cavaleiros, Locke e os amigos na noite anterior ao casamento dele. Uma espécie de despedida de solteiro. Acho que ele decidiu se vingar porque o ameacei. Isso ou talvez ele soubesse que não poderia ser fiel e decidiu ir atrás de mim antes que eu fosse atrás dele.

Dou uma última olhada para eles e me dou conta de que não posso fazer nada agora.

— Passe a notícia sobre o Reino Submarino para o Grande General — digo a Bomba. — E cuide para que…

— Vou cuidar do seu irmão — diz ela, para me tranquilizar. — E do Grande Rei.

Dou as costas para o casamento e sigo Vulciber e Fantasma. Tem cavalos amarelos com crinas longas ali perto, já selados. Pulamos neles e cavalgamos até a prisão.



Do lado de fora, a única evidência de que algo pode estar errado são as ondas, mais altas do que jamais vi. A água se acumulou nas pedras irregulares.

Dentro, vejo os corpos. Cavaleiros caídos no chão, pálidos e imóveis. Os poucos de costas estão com água na boca, como se os lábios fossem as bordas de um cálice. Outros estão deitados de lado. Todos os olhos foram substituídos por pérolas.

Afogados em terra seca.

Desço a escada correndo, apavorada pela mãe de Cardan. Mas ela está lá, viva, me olhando da escuridão. Por um momento, fico parada na frente de sua cela, a mão no peito de alívio.

Mas puxo Cair da Noite e corto entre a grade e o cadeado. Fagulhas voam e a porta se abre. Asha me olha com desconfiança.

— Vá — digo. — Esqueça nossas barganhas. Esqueça tudo. Saia daqui.

— Por que você está fazendo isso? — questiona ela.

— Por Cardan. — Deixo a segunda parte de fora: *Porque a mãe dele ainda está viva e a minha não, porque, mesmo que ele te odeie, pelo menos devia ter a chance de falar isso*.

Com um olhar surpreso para mim, ela começa a subir.

Preciso saber se Balekin ainda está aprisionado, se ainda está vivo. Desço mais um pouco, seguindo caminho pela escuridão com uma das mãos na parede e a outra segurando a espada.

Fantasma chama meu nome, provavelmente por causa da chegada abrupta de Asha na frente dele, mas estou determinada. Meus pés ficam mais velozes e seguros nos degraus em espiral.

Encontro a cela de Balekin vazia, as barras tortas e quebradas, os tapetes opulentos molhados e cobertos de areia.

Orlagh levou Balekin. Roubou um príncipe do Reino das Fadas debaixo do meu nariz.

Solto um palavrão por causa da minha cegueira. Eu sabia que eles estavam se encontrando, sabia que estavam maquinando juntos, mas tinha certeza, por causa de Nicasia, de que o que Orlagh queria mesmo era que Cardan fosse o noivo do mar. Não passou pela minha cabeça que ela agiria antes de ouvir uma resposta. E não achei que, quando ela ameaçou levar sangue, estivesse falando de Balekin.

Balekin. Seria difícil colocar a coroa do Reino das Fadas em sua cabeça sem que Oak estivesse lá. Mas se Cardan abdicasse, isso representaria um período de instabilidade, outra coroação, outra chance de Balekin governar.

Penso no meu irmão, que não está pronto para nada disso. Penso em Cardan, que precisa ser persuadido a se jurar a mim novamente, principalmente agora.

Ainda estou xingando quando ouço uma onda bater nas pedras com força suficiente para reverberar por toda Torre. Fantasma grita meu nome de novo, de um local mais próximo do que espero.

Eu me viro quando ele aparece na outra extremidade da sala. Ao lado dele há três feéricos do mar, me observando com olhos pálidos. Demoro um

momento para entender a imagem, para perceber que Fantasma não está preso nem sendo ameaçado. Para perceber que é uma traição.

Meu rosto fica quente. Quero sentir raiva, mas sinto um rugido na cabeça que supera tudo.

O mar bate na margem de novo, acertando a lateral da Torre. Fico feliz de Cair da Noite já estar na minha mão.

— Por quê? — pergunto, ouvindo as palavras de Nicasia ecoar nos meus ouvidos como as ondas: *Alguém em quem você confia já te traiu*.

— Eu servia ao príncipe Dain — diz Fantasma. — Não a você.

Começo a falar, mas há uma movimentação atrás de mim. Em seguida, sinto dor na parte de trás da minha cabeça e mais nada.

Livro dois

Elas roubaram a pequena Bridget
Que ficou sete anos desaparecida;
Quando voltou ao mundo,
As amigas estavam sumidas.
Elas a levaram de volta,
Entre a noite e o outro dia;
Acharam que estava dormindo,
Mas ela de dor morria.
Estão com ela desde então
No lago, bem no fundo,
Em uma cama de folhas longas,
Até sair do sono profundo.

— William Allingham,
"As fadas"

CAPÍTULO
22

Acordo no fundo do mar.

No começo, entro em pânico. Estou com água nos pulmões e uma pressão terrível no peito. Abro a boca para gritar e um som sai, mas não o que espero. Fico tão sobressaltada que paro e me dou conta de que não estou me afogando.

Estou viva. Estou respirando água, com dificuldade, mas estou respirando.

Estou sobre uma cama feita de corais de recife e forrada com algas, com filetes longos flutuando na correnteza. Estou dentro de uma construção, que também parece de coral. Peixes entram pelas janelas.

Nicasia flutua na ponta da minha cama, os pés substituídos por uma cauda comprida. A sensação de vê-la na água é a mesma de vê-la pela primeira vez, o cabelo azul-esverdeado ondulando em volta do corpo e os olhos pálidos brilhando em tom metálico debaixo das ondas. Ela era linda em terra, mas aqui parece uma força da natureza, apavorante em sua beleza.

— Isto é por Cardan — diz ela antes de fechar a mão e me dar um soco na barriga.

Eu não conseguiria obter o impulso necessário para se bater em alguém embaixo da água, mas é o mundo dela e ela sabe muito bem como agir.

— Ai. — Tento tocar o lugar onde ela bateu, mas meus pulsos estão presos por algemas pesadas e não se movem tanto. Viro a cabeça e vejo rochas me prendendo no chão. Sou tomada por um novo pânico, que traz junto uma sensação de irrealidade.

— Não sei que truque você usou com ele, mas vou descobrir — afirma ela, me deixando nervosa com o quanto chega perto. Ainda assim, significa que ela não *sabe* de nada.

Eu me obrigo a me concentrar nisso, no aqui e agora, em descobrir o que posso fazer e em elaborar um plano. Mas é difícil com a raiva que estou sentindo; raiva de Fantasma por me trair, raiva de Nicasia e de mim mesma, de mim mesma, sempre eu, mais do que qualquer outra pessoa. Furiosa comigo mesma por parar nessa situação.

— O que aconteceu com Fantasma? Onde ele está?

Nicasia me observa com os olhos apertados.

— O quê?

— Ele te ajudou a me sequestrar. Você pagou a ele? — pergunto, tentando parecer calma. O que mais quero saber é o que não posso perguntar: ela sabe os planos de Fantasma para a Corte das Sombras? Mas, para descobrir e impedir, preciso fugir.

Nicasia encosta a mão na minha bochecha e ajeita meu cabelo.

— Se preocupe com você mesma.

Talvez ela só me queira aqui por motivos de ciúme pessoal. Talvez eu ainda consiga sair dessa.

— Você acha que eu usei algum truque porque Cardan gosta mais de mim do que de você — digo. — Mas você disparou nele com uma besta. Claro que ele gosta mais de mim.

O rosto dela fica pálido, a boca se abrindo de surpresa e se fechando de fúria quando ela se dá conta do que estou insinuando: que contei para ele. Talvez não seja tão boa ideia me gabar e correr o risco de gerar a fúria de Nicasia quando estou indefesa, mas espero que ela seja levada a me contar por que estou aqui.

E quanto tempo tenho que ficar. Já passei um período inconsciente… Com Madoc livre para planejar a guerra com seu novo conhecimento sobre minha influência sobre a Coroa, com Cardan totalmente livre para fazer o que seu coração caótico desejar, com Locke podendo debochar de todo mundo que conseguir e atrair quem quiser para seus dramas, com o Conselho podendo forçar a capitulação para o mar e eu não podendo fazer nada para impedir.

Quanto tempo mais vou passar aqui? Quanto tempo até que todos os cinco meses do meu trabalho sejam desfeitos? Penso em Val Moren jogando coisas no ar e deixando que caíssem em volta dele. No rosto e nos olhos humanos nada solidários.

Nicasia parece ter recuperado a compostura, mas a cauda longa se balança para a frente e para trás.

— Bem, você é nossa agora, mortal. Cardan vai se arrepender do dia em que botou a confiança dele em você.

Ela quer que eu fique com mais medo, mas sinto um certo alívio. Eles não acham que tenho algum poder especial. Acham que eu tenho uma vulnerabilidade especial. Acham que podem me controlar como fariam com qualquer mortal.

Ainda assim, alívio é a última coisa que devo demonstrar.

— É, Cardan devia mesmo confiar mais em você. Você parece mesmo muito confiável. E nem o está traindo agora mesmo.

Nicasia enfia a mão em uma bandoleira transpassada no peito e puxa uma lâmina, um dente de tubarão. Ela o segura e me encara.

— Eu poderia te machucar e você nem se lembraria.

— Mas você se lembraria — rebato.

Ela sorri.

— Talvez fosse algo a apreciar.

Meu coração dispara no peito, mas não deixo transparecer.

— Quer que eu mostre onde enfiar a ponta? — pergunto. — É um trabalho delicado provocar dor sem dano permanente.

— Você é burra demais para ter medo?

— Ah, eu estou com medo. Só não de você. Quem me trouxe aqui, presumo que sua mãe e Balekin, tem um uso para mim. Estou com medo *disso*, mas não de você, uma torturadora inepta que é irrelevante para os planos de todo mundo.

Nicasia diz uma palavra e uma dor sufocante afeta meus pulmões. Não consigo respirar. Abro a boca e a agonia aumenta.

Melhor que acabe rápido, digo a mim mesma. Mas não é rápido o suficiente.



Quando acordo de novo, estou sozinha.

Fico deitada com água correndo em volta de mim, os pulmões límpidos. Apesar de eu ainda estar sobre a cama, fico ciente de que estou flutuando.

Minha cabeça dói e tem uma dor no meu estômago que é uma certa combinação de fome e dor do soco. A água está fria, um frio profundo que penetra nas minhas veias, deixando meu corpo lerdo. Não sei bem quanto tempo fiquei inconsciente, nem quanto tempo tem que fui levada da Torre. Com o passar dos dias e com peixinhos aparecendo para morder meus pés, meu cabelo e os pontos em volta da minha ferida, a raiva some e o desespero a substitui. Desespero e arrependimentos.

Eu queria ter beijado a bochecha de Taryn antes de sair. Queria ter feito Vivi entender que, se ama uma mortal, tem que ser mais cuidadosa com ela. Queria ter dito a Madoc que sempre pretendi que Oak ficasse com o trono.

Queria ter elaborado mais planos. Queria ter deixado mais instruções. Queria não ter confiado em Fantasma.

Espero que Cardan sinta a minha falta.

Não sei bem por quanto tempo flutuo assim, quantas vezes entro em pânico e puxo as correntes, quantas vezes o peso da água sobre mim é opressor e me sufoca. Um sereiano nada para dentro do aposento. Move-se pela água com imensa graça. O cabelo é de um tipo de verde listrado, e as mesmas listras continuam pelo corpo. Os olhos grandes brilham na luz indiferente.

Ele move as mãos e faz alguns sons que não entendo. Mas, ajustando as expectativas, ele fala de novo.

— Eu vim preparar você para se juntar à rainha Orlagh para jantar. Se me der trabalho, posso deixá-la inconsciente com facilidade. Era assim que eu esperava encontrá-la.

Eu assinto.

— Nada de trabalho. Entendi.

Mais sereianos entram na sala, alguns com caudas verdes e outros com caudas amarelas e outros com caudas com pontas pretas. Eles nadam em volta de mim e me encaram com os olhos grandes e brilhantes.

Um solta as algemas que me prendem à cama e outro guia meu corpo para cima. Quase não tenho peso na água. Meu corpo vai para onde for empurrado.

Quando começam a me despir, entro em pânico de novo, uma espécie de reação animal. Eu me retorço nos braços deles, mas me seguram com firmeza e vestem um vestido de tecido fino pela minha cabeça. É ao mesmo tempo curto e delicado demais, quase não é uma roupa. Flutua em volta de mim, e tenho certeza de que a maior parte do meu corpo é visível através do tecido. Tento não olhar para baixo para não corar.

Sou envolta em cordas de pérolas, meu cabelo é puxado para trás com uma coroa de conchas e uma rede de algas. O ferimento na minha perna é tratado com um curativo de algas marinhas. Finalmente, sou guiada pelo enorme palácio de coral, a luz fraca pontuada pelas águas-vivas reluzentes.

Os sereianos me levam para uma sala de banquetes sem teto, e quando olho para cima, vejo cardumes e até um tubarão e, acima deles, a luz cintilante que deve ser a superfície.

Parece que é dia.

A rainha Orlagh está sentada em uma cadeira enorme, uma espécie de trono, na cabeceira da mesa, toda a superfície coberta por cracas e conchas, caranguejos e estrelas-do-mar se arrastando para cima, corais que parecem leques e anêmonas coloridas se movendo com a correnteza.

Ela está absurdamente majestosa. Os olhos pretos me examinam e me encolho, sabendo que estou olhando para alguém que governa há mais tempo do que gerações de vidas mortais.

Ao lado dela está Nicasia, em uma cadeira só um pouco menos impressionante. E na outra ponta da mesa está Balekin, em uma cadeira bem inferior.

— Jude Duarte — diz ele. — Agora você sabe como é ser prisioneira. Como é apodrecer numa cela? Achar que vai morrer lá?

— Não sei — respondo. — Eu sempre soube que ia sair.

Ao ouvir isso, a rainha Orlagh inclina a cabeça para trás e ri.

— Imagino que sim. Venha até mim. — Ouço o glamour na voz dela e lembro o que Nicasia disse sobre eu não lembrar do que ela faria comigo. Eu deveria mesmo ficar feliz por ela não ter feito pior.

Meu vestido fino deixa claro que não estou com nenhum amuleto. Eles não sabem do geas que Dain botou em mim. Acreditam que estou totalmente suscetível aos encantos deles.

Posso fingir. Posso fazer isso.

Nado até lá, mantendo o rosto cuidadosamente vago. Orlagh olha profundamente nos meus olhos, e é excruciante e muito difícil não afastar o olhar, manter o rosto aberto e sincero.

— Nós somos seus amigos — diz a Rainha Submarina, fazendo carinho na minha bochecha com as unhas compridas. — Você nos ama muito, mas nunca deve dizer isso para ninguém fora desta sala. Você é leal a nós e faria qualquer coisa para nos ajudar. Não é verdade, Jude Duarte?

— Sim — concordo imediatamente.

— O que você faria por mim, peixinha?

— Qualquer coisa, minha rainha.

Ela olha para Balekin por cima da mesa.

— Está vendo? É assim que se faz.

Ele parece aborrecido. Balekin se acha muito e não gosta de ser colocado no seu lugar. Sendo o mais velho dos filhos de Eldred, se ressentia do pai por não o considerar para o trono. Tenho certeza de que odeia o jeito como Orlagh fala com ele. Se ele não precisasse dessa aliança, se não estivesse no domínio dela, duvido que permitiria algo assim.

Talvez seja algo que posso explorar.

Em pouco tempo, uma série de pratos é trazida em cloches cheios de ar, de forma que, mesmo debaixo da água, ficam secos até a hora de serem comidos.

Peixe cru, cortado em rosas artísticas e formatos ousados. Ostras perfumadas com algas assadas. Ovas reluzentes, vermelhas e pretas.

Não sei se posso comer sem receber permissão explícita, mas estou com fome e disposta a correr o risco de ser repreendida.

O peixe cru é suave e misturado com algo verde picante. Não imaginei que fosse gostar, mas gosto. Engulo rapidamente três tiras vermelhas de atum.

Minha cabeça ainda está doendo, mas meu estômago começa a ficar melhor.

Enquanto como, penso no que tenho que fazer: ouvir com atenção e agir como se confiasse neles, como se fosse leal a eles. Para fazer isso, preciso me

colocar pelo menos na sombra desse sentimento.

Olho para Orlagh e imagino que foi ela, não Madoc, quem me criou, que sou meia-irmã de Nicasia, que é cruel às vezes, mas acaba cuidando de mim. Com Balekin, minha imaginação falha, mas tento pensar nele como um membro novo da família, alguém em quem eu estava começando a confiar porque todo mundo confiava. Volto um sorriso para eles, um sorriso generoso que quase não parece mentira.

Orlagh olha para mim.

— Me conte sobre você, peixinha.

O sorriso quase oscila, mas me concentro na barriga cheia, na maravilha e beleza da paisagem.

— Não há muito a saber — respondo. — Sou uma garota mortal que foi criada no Reino das Fadas. Isso é o mais interessante sobre mim.

Nicasia franze a testa.

— Você beijou Cardan?

— Isso é importante? — pergunta Balekin. Ele está comendo ostras, perfurando uma de cada vez com um garfinho.

Orlagh não responde, só assente para Nicasia. Gosto que tenha feito isso, colocar a filha acima de Balekin. É bom ter alguma coisa para gostar nela, uma coisa em que me concentrar para manter o calor na minha voz verdadeiro.

— É importante se for o motivo para ele não aceitar a aliança com o Reino Submarino — rebate Nicasia.

— Não sei se devo responder — falo, olhando em volta com uma expressão que espero que pareça de confusão genuína. — Mas sim.

O rosto de Nicasia se transforma. Agora que estou "enfeitiçada", ela não parece me ver como uma pessoa na frente de quem precisa fingir estoicismo.

— Mais de uma vez? Ele ama você?

Eu não tinha percebido o quanto ela esperava que eu estivesse mentindo quando falei que o beijei.

— Mais de uma vez, mas não. Ele não me ama. Nem de perto.

Nicasia olha para a mãe e inclina a cabeça, indicando que teve a resposta que queria.

— Seu pai deve estar muito zangado com você por ter estragado os planos dele — diz Orlagh, mudando o assunto.

— Está — respondo. Curta e doce. Sem mentiras.

— Por que o general não contou a Balekin sobre os pais de Oak? — pergunta ela. — Não teria sido mais fácil do que sujeitar Elfhame ao príncipe Cardan depois de tomar a Coroa?

— Não sou da confiança dele — respondo. — Não era na época e não sou agora. Só sei que ele teve um motivo.

— Sem dúvida — interfere Balekin —, ele pretendia me trair.

— Se Oak fosse o Grande Rei, seria Madoc quem governaria Elfhame — digo, porque não é nada que eles não saibam.

— E você não queria isso. — Um servo entra com um lencinho sedoso cheio de peixes. Orlagh espeta um com uma unha comprida, fazendo um filete de sangue serpentear na minha direção na água. — Interessante.

Como não é uma pergunta, não preciso responder.

Alguns outros servos começam a retirar os pratos.

— E você nos levaria até Oak? — pergunta Balekin. — Nos levaria até o mundo mortal e o tiraria da sua irmã mais velha, o traria até nós?

— Claro — minto.

Balekin lança um olhar para Orlagh. Se eles pegassem Oak, poderiam criá-lo no mar, poderiam casá-lo com Nicasia, poderiam ter uma linhagem Greenbriar deles, leal ao Reino Submarino. Eles teriam opções além de Balekin para chegarem ao trono, o que pode não agradá-lo.

Um jogo a longo prazo, mas, no Reino das Fadas, é um jeito racional de jogar.

— Esse tal de Grimsen — pergunta Orlagh à filha. — Você acredita mesmo que ele possa fazer uma nova coroa?

Meu coração parece parar por um momento. Fico feliz de ninguém estar olhando para mim, porque, nesse momento, não acho que seria capaz de esconder meu horror.

— Ele fez a Coroa de Sangue — diz Balekin. — Se fez aquilo, claro que pode fazer outra.

Se eles não precisam da Coroa de Sangue, então não precisam de Oak. Não precisam criá-lo, não precisam dele para colocar a coroa na cabeça de Balekin, não precisam dele vivo.

Orlagh olha para Balekin com expressão de reprimenda. E espera Nicasia responder.

— Ele é ferreiro — diz Nicasia. — Não pode forjar no fundo do mar, então vai sempre preferir a terra. Mas, com a morte do Alderking, ele anseia por glória. Quer ter um Grande Rei que lhe dê isso.

Esse é o plano deles, digo para mim mesma para tentar sufocar o pânico que sinto. *Eu sei o plano deles*. Se conseguir fugir, posso impedi-lo.

Uma faca nas costas de Grimsen antes de ele terminar a coroa. Às vezes duvido da minha eficiência como senescal, mas nunca como assassina.

— Peixinha — chama Orlagh, a atenção voltando a mim. — Me conte o que Cardan prometeu a você para ajudá-lo.

— Mas ela… — começa Nicasia, mas o olhar de Orlagh a silencia.

— Filha — diz a Rainha Submarina —, você não vê o que está debaixo do seu nariz. Cardan recebeu um trono dessa garota. Pare de procurar que poder ela tem sobre ele… e comece a procurar o que ele tinha sobre ela.

Nicasia volta um olhar petulante para mim.

— O que você quer dizer?

— Você disse que Cardan não gostava muito dela. Mas ela o fez Grande Rei. Considere que talvez ele tenha percebido que ela seria útil e explorou essa utilidade, com beijos e elogios, tanto quanto você fez para cultivar o pequeno ferreiro.

Nicasia parece intrigada, como se todas as suas ideias do mundo estivessem abaladas. Talvez ela não visse Cardan como alguém capaz de conspirar. Mas consigo ver que algo no pensamento a agrada. Se Cardan me seduziu para ficar ao seu lado, ela não precisa mais se preocupar se ele gosta de mim. Só precisa se preocupar com a minha utilidade.

— O que Cardan te prometeu em troca da coroa de Elfhame? — pergunta Orlagh com extrema gentileza.

— Eu sempre quis um lugar no Reino das Fadas. Ele me disse que me faria senescal e me tornaria seu braço direito, como Val Moren na corte de Eldred. Cuidaria para que eu fosse respeitada e até temida. — É mentira, claro. Ele nunca me prometeu nada, e Dain prometeu bem menos do que isso. Mas, ah, se alguém tivesse prometido, se Madoc tivesse prometido, teria sido muito difícil recusar.

— Você está me dizendo que traiu seu pai e botou aquele idiota no trono em troca de um *trabalho*? — pergunta Balekin com incredulidade.

— Ser Grande Rei de Elfhame também é um trabalho — respondo. — E olha o que precisamos sacrificar para chegar a isso. — Por um momento, faço uma pausa e me pergunto se falei com rispidez demais para eles acreditarem que ainda estou enfeitiçada, mas Orlagh só sorri.

— Verdade, minha querida — concorda ela depois de uma pausa. — Não estamos botando nossa fé em Grimsen, ao mesmo tempo que oferecemos uma recompensa não muito diferente?

Balekin parece insatisfeito, mas não discute. É bem mais fácil acreditar que Cardan foi a mente por trás do plano do que uma garota mortal.

Consigo comer mais três fatias de peixe e tomar uma espécie de chá de arroz tostado e alga marinha por um canudo inteligente que não se mistura com a água do mar antes de eu ser levada para uma caverna submarina. Nicasia acompanha os guardas sereianos que me levam até lá.

Não é um quarto, é uma jaula. Mas quando sou jogada lá dentro, descubro que, apesar de ainda estar encharcada, o ambiente é seco e cheio de ar que de repente não consigo respirar.

Eu sufoco e meu corpo entra em espasmo. Dos meus pulmões sai toda a água, junto com alguns pedaços de peixe parcialmente digerido.

Nicasia ri.

Com a voz carregada de glamour, ela diz:

— Não é um quarto lindo?

O que vejo é só um piso de pedra áspera, sem mobília, sem nada.

A voz dela está sonhadora.

— Você vai amar a cama de dossel, envolta em cobertas macias. E as mesinhas laterais com seu próprio bule de chá, ainda fumegante. Vai estar quente e delicioso sempre que você tomar.

Ela coloca um copo de água do mar no chão. Acho que é para ser o chá. Se eu beber, como ela sugere, meu corpo vai ficar desidratado rapidamente. Os mortais podem passar alguns dias sem água potável, mas como eu estava respirando água do mar, posso já estar encrencada.

— Sabe — diz ela enquanto finjo admirar o quarto, virando com expressão impressionada, me sentindo idiota —, nada que eu possa fazer com

você vai ser tão terrível quanto o que você vai fazer com você mesma.

Eu me viro para ela fingindo não entender, a testa franzida.

— Não importa — responde ela, e me deixa o resto da noite rolando no chão duro, tentando fingir que acho o auge do conforto.

CAPÍTULO
23

Acordo com câimbras terríveis e tontura. A testa está coberta de suor frio e meus membros tremem incontrolavelmente.

Por quase um ano, venho envenenando meu corpo todos os dias. Meu sangue está acostumado às doses, bem maiores do que quando comecei. Está ficando viciado nelas. Agora, não consigo ficar sem.

Fico deitada no chão tentando organizar meus pensamentos. Tento lembrar as muitas vezes que Madoc saiu em campanha e digo a mim mesma que ele ficou desconfortável em todas elas. Às vezes, dormia deitado no chão, a cabeça sobre um monte de mato e os braços. Às vezes, estava ferido e lutava mesmo assim. Ele não morreu.

Eu também não vou morrer.

Fico repetindo isso, mas não sei se acredito.

Durante dias, ninguém aparece.

Eu desisto e bebo a água do mar.

Às vezes, penso em Cardan enquanto estou deitada lá. Penso em como deve ter sido crescer como um membro honrado da família real, poderoso e sem amor. Alimentado com leite de gato e negligência. Levar surras arbitrárias do irmão com quem você era mais parecido e que mais parecia gostar de você.

Imagine tantos cortesãos se curvando a você, permitindo que você reclame e bata neles. Mas por mais que os humilhasse e machucasse, você sempre soube que alguém os achava digno de amor, quando ninguém fez o mesmo por você.

Apesar de ter crescido entre os feéricos, eu nem sempre entendo o jeito como eles pensam nem o que sentem. Eles são mais parecidos com mortais do que acham, mas assim que eu me permito esquecer que não são humanos, eles fazem algo que me lembra. Somente por esse motivo, eu seria burra de achar que sei o que Cardan sente com base na história dele. Mas imagino.

Eu imagino o que teria acontecido se eu tivesse admitido que não consegui tirá-lo da cabeça.



Eles acabam aparecendo. E me dão um pouco de água, um pouco de comida. A essa altura, estou fraca demais para me preocupar em fingir estar encantada.

Conto os detalhes que lembro da sala de estratégias de Madoc e o que ele acha das intenções de Orlagh. Repasso o assassinato dos meus pais com detalhes viscerais. Descrevo um aniversário, juro minha lealdade, explico como perdi a ponta do dedo e que menti sobre isso.

Até conto umas mentiras, seguindo as ordens deles.

E depois tenho que fingir esquecer, quando me mandam esquecer. Tenho que fingir estar satisfeita quando me dizem que banqueteei e que estou bêbada de vinho quando só tomei um cálice de água.

Tenho que deixar que me estapeiem.

Não posso chorar.

Às vezes, deitada no piso de pedra, me pergunto se há um limite para o que vou deixar que façam comigo, se há algo que me faria reagir, mesmo que me condenasse.

Se houver, eu sou uma tola.

Mas talvez, se não houver, eu seja um monstro.

— Garota mortal — chama Balekin uma tarde, quando estamos sozinhos nos aposentos cheios de água do palácio. Ele não gosta de usar meu nome, talvez porque não queira ter que se lembrar dele, por me ver como descartável, tal qual qualquer garota humana que passou pela Mansão Hollow.

Estou fraca de desidratação. Eles se esquecem de me dar água fresca e comida e me encantam com alimentos ilusórios quando peço. Estou tendo dificuldades para me concentrar nas coisas.

Apesar de Balekin e eu estarmos sozinhos em uma câmara de coral, com guardas nadando em patrulha em intervalos que conto automaticamente, não tento lutar nem fugir. Não tenho armas e minha força é pouca. Mesmo que conseguisse matar Balekin, não sou uma nadadora boa o bastante para conseguir chegar à superfície antes de me pegarem.

Meu plano foi limitado a resistência, a sobreviver de hora em hora, de dia em dia, longe do sol.

Talvez eu não possa ser encantada, mas isso não quer dizer que não posso ser destruída.

Nicasia disse que a mãe tem muitos palácios no Reino Submarino e que aquele, construído nas rochas de Insweal no fundo do mar, é só um deles. Mas, para mim, é uma tormenta constante estar tão perto de casa, mas ao mesmo tempo léguas abaixo.

Há jaulas penduradas na água por todo o palácio, algumas vazias, mas muitas com mortais com pele acinzentada, mortais que parecem que deveriam estar mortos, mas se mexem ocasionalmente de formas que sugerem que não estão. *Os afogados* é como os guardas os chamam às vezes, e, mais do que tudo, é o que tenho medo de me tornar. Lembro-me de pensar que tinha visto uma garota tirada da casa de Balekin na coroação de Dain, a garota que se jogou no mar, a garota que certamente tinha se afogado. Agora, não sei se estava enganada.

— Me conte — ordena Balekin agora. — Por que meu irmão roubou minha coroa? Orlagh acha que entende, porque entende o desejo de poder, mas ela não conhece Cardan. Ele nunca ligou para trabalho árduo. Gostava de encantar as pessoas. Gostava de causar confusão, mas entrava em desespero com esforço verdadeiro. E quer Nicasia admita ou não, ela também não o conhece. O Cardan que ela conhece pode ter manipulado você, mas não para isso.

É um teste, penso. Um teste em que preciso mentir, mas tenho medo de que minha capacidade de fazer sentido tenha me abandonado.

— Eu não sou oráculo — respondo, pensando em Val Moren e no refúgio que ele encontrou nos enigmas.

— Então tente adivinhar — diz ele. — Quando você apareceu na minha cela na Torre do Esquecimento, deu a entender que foi porque eu tinha a mão

firme com ele. Mas você, de todas as pessoas, deve acreditar que ele não tinha disciplina e que eu procurava ajudá-lo a melhorar.

Ele deve estar pensando no torneio em que Cardan e eu lutamos e a forma como ele me atormentou. Estou emaranhada em lembranças, em mentiras. Estou exausta demais para inventar histórias.

— Quando o conheci, ele cavalgou bêbado pela aula de um professor respeitado, tentou me dar de comida para nixies e atacou alguém numa festa. Ele não parecia disciplinado. Parecia ter o que queria o tempo todo.

Balekin parece surpreso.

— Ele queria a atenção de Eldred — justifica ele. — Para o bem ou para o mal, quase sempre para o mal.

— Então talvez ele queira ser Grande Rei por Eldred. Ou para contrariar a memória dele.

Isso parece chamar a atenção de Balekin. Apesar de eu ter falado só para sugerir uma coisa que o fizesse parar de pensar demais nos motivos de Cardan, fico me perguntando se não há alguma verdade na ideia.

— Ou porque estava com raiva de você por ter cortado a cabeça de Eldred. Ou por você ser responsável pela morte de todos os irmãos. Ou porque ficou com medo de você o matar também.

Balekin faz uma careta.

— Cale a boca — diz ele, e agradeço por ficar em silêncio. Depois de um momento, ele olha para mim. — Me conte qual de nós é digno de ser Grande Rei, eu ou o príncipe Cardan?

— Você é — digo com facilidade, olhando para ele com a expressão treinada de adoração. Não ressalto que Cardan não é mais príncipe.

— E você diria isso a ele?

— Eu diria o que você quisesse — respondo com toda a sinceridade que consigo reunir.

— Você iria até os aposentos dele para esfaqueá-lo repetidamente até o sangue se esvair todo? — questiona Balekin, se inclinando para mais perto. Ele fala as palavras baixo, como quem fala com uma amante. Não consigo controlar o tremor que percorre meu corpo e espero que ele acredite que seja algo diferente de repulsa.

— Por você? — pergunto, fechando os olhos com a proximidade dele. — Por Orlagh? Seria um prazer.

Ele ri.

— Que selvageria.

Eu assinto, tentando controlar a ansiedade pela ideia de ser enviada em uma missão fora do mar, de ter a oportunidade de escapar.

— Orlagh me deu tanto, me tratou como uma filha. Quero recompensá-la. Apesar da beleza dos meus aposentos e das iguarias que me dão, eu não fui feita para ficar parada.

— Belo discurso. Olhe para mim, Jude.

Abro os olhos e o encaro. O cabelo preto flutua em volta do rosto dele, e aqui, embaixo da água, os espinhos nos dedos e nos braços são visíveis, como as barbatanas pontudas de um peixe.

— Me beija — pede ele.

— O quê? — Minha surpresa é genuína.

— Você não quer?

Isso não é nada, digo para mim mesma, *é melhor do que ser estapeada*.

— Eu achei que você era amante de Orlagh. Ou de Nicasia. Elas não vão se importar?

— Nem um pouco — afirma ele, me observando com atenção.

Qualquer hesitação da minha parte pareceria suspeita, então vou na direção de Balekin e encosto os lábios nos dele. A água está fria, mas o beijo é mais.

Depois do que espero ser um intervalo suficiente, eu me afasto. Ele limpa a boca com o dorso da mão, claramente repugnado, mas quando me olha, tem avidez no olhar.

— Agora me beije como se eu fosse Cardan.

Para ganhar um momento de reflexão, encaro seus olhos de coruja, passo as mãos pelos braços cheios de espinhos. É um teste, claramente. Ele quer saber quanto controle tem sobre mim. Mas acho que quer saber outra coisa também, uma coisa sobre o irmão.

Eu me obrigo a me inclinar para a frente de novo. Eles têm o mesmo cabelo preto, as mesmas maçãs do rosto. Só preciso fingir.

No dia seguinte, levam para mim uma jarra de água límpida do rio, que bebo com gratidão. No dia seguinte, começam a me preparar para voltar à superfície.



O Grande Rei fez uma barganha para me ter de volta.

Penso nas muitas ordens que dei a ele, mas nenhuma específica o suficiente para que pagasse um resgate por meu retorno seguro. Cardan ficou livre de mim e agora está me levando de volta porque quer.

Não sei o que isso quer dizer. Talvez a política tenha exigido; talvez ele realmente não tenha gostado de ir a reuniões.

Só sei que estou eufórica de alívio, louca de pavor de ser algum tipo de jogo. Se não formos à superfície, tenho medo de não conseguir esconder a dor da decepção.

Balekin me "encanta" de novo, me faz repetir minha lealdade a eles, meu amor, minha intenção assassina em relação a Cardan.

Ele entra na caverna, onde estou andando de um lado para o outro, cada toque dos meus pés descalços na pedra alto nos meus ouvidos. Nunca fiquei tão sozinha e nunca precisei desempenhar um papel por tanto tempo. Eu me sinto vazia, diminuída.

— Quando voltarmos a Elfhame, não vamos poder nos ver com frequência — diz ele, como se fosse algo que vou lamentar.

Estou tão tensa que não tenho confiança para falar.

— Você vai até a Mansão Hollow quando puder.

Penso sobre a ideia de que ele acha que vai morar na Mansão Hollow, que não espera ser colocado na Torre. Acho que a liberdade dele é parte do preço do meu resgate, e fico surpresa novamente por Cardan ter aceitado.

Eu assinto.

— Se precisar de você, vou enviar um sinal, um pano vermelho jogado no seu caminho. Quando você o vir, tem que ir imediatamente. Espero que consiga inventar uma desculpa.

— Eu conseguirei — afirmo, minha voz soando alta demais nos meus ouvidos.

— Você precisa reconquistar a confiança do Grande Rei, ficar sozinha com ele e encontrar uma forma de matá-lo. Não tente nada se houver gente por perto. Você precisa ser esperta, mesmo que demore mais de um encontro. E talvez você possa descobrir mais sobre os planos do seu pai. Quando Cardan estiver morto, vamos ter que agir rápido para cuidar da força militar.

— Sim — respondo. Respiro fundo e faço a pergunta que realmente quero fazer. — Você está com a coroa?

Ele franze a testa.

— Quase.

Por um longo momento, não falo nada. Deixo o silêncio se prolongar.

É nele que Balekin fala.

— Grimsen precisa que você termine seu trabalho antes de fazê-la. Precisa do meu irmão morto.

— Ah — digo, a mente em disparada. Uma vez, Balekin se arriscou para salvar Cardan, mas agora que o irmão está entre ele e a coroa, Balekin parece bem disposto a sacrificar o irmão. Tento entender, mas não consigo me concentrar. Meus pensamentos estão dispersos.

Balekin abre um sorriso de tubarão.

— Algum problema?

Quase cometo um ato falho.

— Estou meio fraca — respondo. — Não sei qual pode ser o problema. Me lembro de ter comido. Ao menos acho que me lembro de ter comido.

Ele me olha com preocupação e chama um servo. Em poucos momentos, recebo um prato de peixe cru, ostras e ovas escuras. Ele observa com repulsa enquanto devoro a comida.

— Você vai evitar todos os amuletos, entendeu? Nada de sorva seca, nada de feixes de carvalho, freixo e espinheiro. Você não vai usar nada disso. Não vai nem tocar nisso. Se ganhar algum, vai jogar no fogo assim que puder fazer isso em segredo.

— Entendi — falo. O servo não levou água fresca para mim, mas vinho. Bebo com avidez sem me importar com o gosto estranho que fica depois nem com como sobe à cabeça.

Balekin me dá mais ordens e tento prestar atenção, mas quando ele sai, estou tonta do vinho, exausta e enjoada.

Eu me encolho no chão frio da cela e, por um momento, pouco antes de fechar os olhos, quase consigo acreditar que estou no quarto lindo que conjuraram para mim com glamoures. Esta noite, a pedra parece uma cama de penas.

CAPÍTULO
24

No dia seguinte, minha cabeça está latejando enquanto sou vestida novamente e meu cabelo é trançado. Sereianos colocam minhas próprias roupas em mim, o vestido prateado que usei no casamento de Taryn, agora desbotado pela exposição ao sal e esfiapado por ter sido mordido por criaturas do Reino Submarino. Até prendem Cair da Noite em mim, mas o punho está enferrujado e o couro parece ter sido mastigado.

Em seguida, sou levada até Balekin, que está vestido nas cores e usando o brasão do Reino Submarino. Ele me olha e pendura pérolas novas nas minhas orelhas.

A Rainha Orlagh reuniu uma procissão enorme de feéricos submarinos. Sereias, algumas montadas em tartarugas e tubarões enormes, os sereianos em forma real, todos nadando pela água. Os feéricos nas tartarugas carregam faixas vermelhas longas que vão ondulando atrás deles.

Estou sentada em uma tartaruga, ao lado de uma sereia com duas bandoleiras de facas. Ela me segura com firmeza e não luto, embora seja difícil ficar parada. O medo é uma coisa terrível, mas a combinação de esperança e medo é pior. Fico oscilando entre os dois sentimentos, meu coração batendo tão rápido e minha respiração saindo com tanta força que minhas entranhas parecem doer.

Quando começamos a subir mais e mais, uma sensação de irrealidade toma conta de mim.

Chegamos à superfície na área estreita entre Insweal e Insmire.

À margem da ilha, Cardan está sentado usando uma capa forrada de pele, majestoso em um corcel cinza pintado. Está cercado de cavaleiros com armaduras douradas e verdes. De um lado está Madoc, em um cavalo castanho enorme. Do outro está Nihuar. As árvores estão cheias de arqueiros. O dourado das folhas de carvalho na coroa de Cardan parece reluzir na luz fraca do sol se pondo.

Estou tremendo. Sinto que poderia desmontar.

Orlagh fala de onde está, no centro da procissão.

— Rei de Elfhame, como combinamos, agora que você pagou meu preço, eu garanti o retorno seguro da sua senescal. E trago-a escoltada pelo novo Embaixador do Reino Submarino, Balekin, da linhagem Greenbriar, filho de Eldred, seu irmão. Esperamos que essa escolha lhe agrade, pois ele conhece muitos costumes da terra.

O rosto de Cardan está impossível de interpretar. Ele não olha para o irmão. Seu olhar vem até mim. Tudo na postura dele é gelado.

Estou pequena, diminuída, impotente.

Olho para baixo porque, se não olhar, vou me comportar de forma estúpida. *Você pagou meu preço*, disse Orlagh para ele. O que ele teria feito pelo meu retorno? Tento relembrar minhas ordens, relembrar se o forcei a alguma coisa.

— Você prometeu que ela estaria inteira e saudável — responde Cardan.

— E você pode ver que ela está — diz Orlagh. — Minha filha, Nicasia, Princesa do Reino Submarino, vai ajudá-la até a terra com suas próprias mãos reais.

— Ajudá-la? — questiona Cardan. — Ela não devia precisar de ajuda. Você a deixou na umidade e no frio por tempo demais.

— Talvez você não a queira mais — retruca Orlagh. — Talvez prefira outra coisa no lugar, Rei de Elfhame.

— Ficarei com ela — diz ele, falando ao mesmo tempo com um tom possessivo e de desdém. — E meu irmão será seu embaixador. Tudo será como combinamos.

Ele assente para dois cavaleiros, que vão até onde estou sentada e me ajudam a descer, me ajudam a andar. Tenho vergonha das minhas pernas

bambas, da minha fraqueza, do papel ridículo de ainda estar vestindo a roupa inadequada de Oriana para uma festa que acabou há muito tempo.

— Ainda não estamos em guerra — alerta Orlagh. — Também não estamos em paz. Considere bem seu próximo ato, rei da terra, agora que sabe o preço do desafio.

Os cavaleiros me guiam até a terra, passando pelos outros feéricos. Nem Cardan nem Madoc se viram quando passo por eles. Tem uma carruagem esperando no meio das árvores, e sou levada para dentro.

Uma cavaleira retira o elmo. Já a vi antes, mas não a reconheço.

— O general me instruiu a levá-la para a casa dele — informa.

— Não — respondo. — Tenho que ir para o palácio.

Ela não me contradiz, mas também não aceita.

— Tenho que fazer o que ele mandou.

E apesar de eu saber que preciso lutar, que houve uma época em que lutaria, não faço nada. Deixo que feche a porta da carruagem. Encosto no banco e fecho os olhos.

Quando acordo, os cavalos estão levantando poeira na frente da fortaleza de Madoc. A cavaleira abre a porta, e Gnarbone ergue meu corpo da carruagem com tanta facilidade quanto eu pegaria Oak no colo, como se eu fosse feita de galhos e folhas em vez de carne e osso. Ele me leva para o meu antigo quarto.

Tatterfell está nos esperando. Ela solta meu cabelo e tira o vestido, leva Cair da Noite e veste uma túnica em mim. Outro servo traz uma bandeja com um bule de chá quente e um prato de carne de veado sangrando numa torrada. Eu me sento no tapete e como, usando o pão com manteiga para recolher o molho da carne.

Adormeço ali também. Quando acordo, Taryn está me sacudindo.

Pisco sem entender nada e me levanto, desajeitada.

— Acordei — digo. — Quanto tempo fiquei deitada aqui?

Ela balança a cabeça.

— Tatterfell disse que você passou o dia e a noite apagada. Ela estava com medo de você estar com alguma doença humana, foi por isso que mandou me chamar. Vem, pelo menos suba na cama.

— Você está casada agora — lembro de repente. Com isso vem a lembrança de Locke e os cavaleiros, dos brincos que eu daria a ela. Tudo parece tão longe, tão distante.

Ela assente e encosta o pulso na minha testa.

— E você está com uma aparência péssima. Mas acho que não está com febre.

— Estou bem — digo, a mentira surgindo automaticamente nos meus lábios. Preciso chegar a Cardan e avisá-lo sobre Fantasma. Preciso ver a Corte das Sombras.

— Não aja com tanto orgulho — declara ela, com lágrimas nos olhos. — Você desapareceu na noite do meu casamento e eu só soube de manhã que você tinha sumido. Fiquei com tanto medo.

"Quando o Reino Submarino mandou mensagem dizendo que estava com você, o Grande Rei e Madoc culparam um ao outro. Eu não sabia o que ia acontecer. Toda manhã, ia para a beira da água e olhava para baixo na esperança de te ver. Perguntei a todas as sereias se elas podiam me dizer se você estava bem, mas nenhuma quis falar nada."

Tento imaginar o pânico que ela deve ter sentido, mas não consigo.

— Eles parecem ter resolvido as diferenças — observo, pensando em Cardan e Madoc juntos na praia.

— Mais ou menos isso. — Ela faz uma careta, e tento sorrir.

Taryn me ajuda a subir na cama e ajeita as almofadas para mim. Sinto dores no corpo inteiro, me sinto quebrada e velha e mais mortal do que nunca.

— Vivi e Oak — digo. — Estão bem?

— Estão — responde ela. — Estão em casa com Heather, que parece ter passado pela visita ao Reino das Fadas sem muitos dramas.

— Ela foi enfeitiçada.

Por um momento, vejo raiva no rosto dela, pura e rara.

— Vivi não devia fazer isso.

Fico aliviada de não ser a única que acha isso.

— Quanto tempo fiquei fora?

— Um pouco mais de um mês — informa ela, o que parece impossivelmente pouco. Sinto como se tivesse envelhecido cem anos debaixo

do mar.

Não só isso, mas agora já estamos em mais da metade do um ano e um dia que Cardan prometeu. Afundo nas almofadas e fecho os olhos.

— Me ajuda a levantar — peço.

Ela balança a cabeça.

— Deixa a cozinha mandar mais sopa.

Não é difícil me persuadir. Como concessão, Taryn me ajuda a vestir roupas que antes ficavam apertadas e agora estão largas demais. Ela fica e me dá colheradas de caldo.

Quando está pronta para ir embora, ela levanta a saia e tira uma faca comprida de caça de uma bainha presa a uma cinta-liga. Naquele momento, fica claro que crescemos na mesma casa.

Ela coloca a faca sobre as cobertas, ao lado de um amuleto que tira do bolso.

— Aqui. Fique com tudo isso. Sei que vão fazer com que se sinta segura. Mas você precisa descansar. Me diga que não vai fazer nada precipitado.

— Eu mal consigo ficar de pé sozinha.

Ela me olha com severidade.

— Nada precipitado — prometo.

Ela me abraça antes de sair e fico por tempo demais agarrada em seus ombros, absorvendo o cheiro humano de suor e pele. Nada de mar, nada de pinheiros nem sangue nem flores noturnas.

Eu cochilo com a mão na faca. Não sei bem quando acordo, mas é com o som de uma discussão.

— Sejam quais forem as ordens do Grande General, estou aqui para ver a senescal do Grande Rei e não vou aceitar mais desculpas! — É a voz de uma mulher, que acho que reconheço. Saio da cama e vou trôpega até a sacada. Vejo Dulcamara, da Corte dos Cupins. Ela olha para mim. Há um corte recente em seu rosto.

— Perdão — grita, de uma forma que deixa claro que não é isso que ela sente. — Mas preciso de uma audiência. Na verdade, vim aqui lembrá-la de suas obrigações, inclusive aquela.

Lembro de Lorde Roiben, com o cabelo branco como sal, e a promessa que fiz por ele apoiar Cardan meio ano atrás. Ele se jurou à Coroa e ao

Grande Rei, mas com uma condição específica.

Um dia, vou pedir um favor ao seu rei, dissera.

O que eu falei em resposta? Tentei negociar: *Algo de igual valor. E ao nosso alcance*.

Acho que ele mandou Dulcamara para cobrar o favor, mas não sei que utilidade terei nesse estado.

— Oriana está na sala? Se não estiver, levem Dulcamara e falarei com ela lá — ordeno, segurando a amurada para não cair. Os guardas de Madoc parecem infelizes, mas não me contradizem.

— Por aqui — diz um dos criados, e, com um último olhar hostil para mim, Dulcamara vai atrás.

Isso me dá tempo de seguir com passos hesitantes pela escada.

— As ordens do seu pai foram para você não sair — diz um dos guardas, acostumado com uma criança a ser cuidada e não a senescal do Grande Rei, com quem é preciso agir com mais formalidade. — Ele queria que você descansasse.

— O que quer dizer que não deu ordens de *não* fazer audiências aqui, mas só porque não pensou na questão. — O guarda não rebate, só franze a testa. — As preocupações dele e as suas estão registradas.

Consigo chegar à sala de Oriana sem cair. E se me apoio por tempo suficiente nas molduras de madeira das janelas ou nas beiradas de mesas, até que não é tão horrível.

— Nos traga chá, por favor, o mais quente que conseguir — peço a um criado que me observa com atenção demais.

Eu me preparo, solto a parede e entro na sala, assinto para Dulcamara e me sento numa cadeira, mas ela fica de pé, as mãos unidas nas costas.

— Agora vamos ver como é a lealdade do seu Grande Rei — diz ela, dando um passo na minha direção, o rosto tão hostil que me pergunto se o propósito dela é mais do que falar.

O instinto quer que eu me levante.

— O que houve?

Ao ouvir isso, ela ri.

— Você sabe muito bem. Seu rei deu permissão ao Reino Submarino para nos atacar. Aconteceu duas noites atrás, do nada. Muitos do nosso povo foram

mortos antes de entendermos o que estava acontecendo, e agora estamos sendo proibidos de retaliar.

— Proibidos de retaliar?

Penso no que Orlagh disse sobre não estar em guerra… mas como a terra pode não estar em guerra se o mar já atacou? Como Grande Rei, Cardan deve aos súditos a força de seus militares, do exército de Madoc, quando eles estão sob ameaça. Mas negar permissão de revidar é inédito.

Ela mostra os dentes.

— A consorte de Lorde Roiben ficou ferida — revela ela. — Muito.

A pixie de pele verde e olhos negros que falou como se fosse mortal. Aquela a quem o apavorante líder da Corte dos Cupins se submetia, com quem ria junto.

— Ela vai viver? — pergunto, a voz fraca.

— É melhor torcer para que sim, mortal — diz Dulcamara. — Senão Lorde Roiben vai voltar sua fúria de destruição para seu rei garoto, apesar das juras que fez.

— Nós vamos enviar cavaleiros — prometo. — Deixe Elfhame retificar nosso erro.

Ela cospe no chão.

— Você não entende. Seu Grande Rei fez isso por você. Esses foram os termos para a Rainha Orlagh te devolver. Balekin escolheu a Corte dos Cupins como alvo e o Reino Submarino nos atacou e Cardan permitiu. Não houve erro.

Fecho os olhos e aperto o alto do nariz.

— Não. Não é possível.

— Balekin tem ressentimento de nós há muito tempo, filha da terra.

Eu me encolho ao ouvir o insulto, mas não a corrijo. Ela pode me xingar o quanto quiser. A Grande Corte falhou com a Corte dos Cupins por minha causa.

— Nós não devíamos ter entrado para a Grande Corte. Não devíamos ter feito o juramento para o seu rei tolo. Eu vim trazer essa mensagem e uma outra. Você deve um favor a Lorde Roiben, e é melhor que seja concedido.

Tenho medo do que ele pode pedir. Um favor qualquer é uma coisa perigosa de se dar, até para uma mortal que não pode ser obrigada a honrá-lo.

— Nós temos nossos próprios espiões, senescal. Eles nos disseram que você é uma boa assassina. O que queremos é o seguinte: *mate o príncipe Balekin*.

— Não posso fazer isso — informo, atônita demais para pesar minhas palavras. Não fico insultada pelo elogio dela à minha capacidade de matar, mas me designar uma tarefa impossível também não é lisonja nenhuma. — Ele é o Embaixador do Reino Submarino. Se eu o matar, entramos em guerra.

— Então entrem em guerra.

Com isso, ela sai da sala e me deixa sentada lá sozinha até a bandeja fumegante de chá chegar.



Depois que Dulcamara já foi embora e o chá está frio, subo a escada até meu quarto. Lá, pego a faca de Taryn e a outra que está escondida atrás da minha cabeceira. Enfio a ponta de uma no bolso do vestido e o corto, para poder prender a faca na coxa e a puxar rapidamente. Há muitas armas na casa de Madoc, inclusive Cair da Noite, mas se eu começar a procurá-las e pendurá-las direito no cinto, os guardas vão reparar. Preciso que acreditem que voltei docilmente para a cama.

Vou até o espelho e me observo para garantir que a faca está bem escondida. Por um momento, não reconheço a pessoa me olhando. Fico horrorizada com o que vejo: minha pele está com um tom doentio e perdi tanto peso que meus membros parecem frágeis e finos, meu rosto esquelético.

Eu me viro, sem querer olhar mais.

Vou até a sacada. Normalmente, não seria simples subir na amurada e descer pela parede até o gramado. Mas quando passo uma perna, percebo como minhas pernas e meus braços ficaram flácidos. Acho que não consigo descer.

Então faço o melhor que posso: eu pulo.

CAPÍTULO
25

Eu me levanto com manchas de grama nos joelhos, as palmas das mãos ardendo e sujas. Minha cabeça está girando, como se eu ainda estivesse esperando me mover com a correnteza, apesar de estar em terra.

Respiro fundo algumas vezes, absorvo a sensação do vento no rosto e os sons dele balançando as folhas das árvores. Estou cercada de aromas da terra, do Reino das Fadas, do meu lar.

Fico pensando no que Dulcamara disse: Cardan se recusou a retaliar pelo meu retorno. Isso não pode ter deixado seus súditos felizes. Não sei nem se Madoc acharia uma boa estratégia. E é por isso que tenho dificuldade de imaginar por que ele concordou, principalmente porque, se eu ficasse no Reino Submarino, ele estaria livre do meu controle. Eu nunca pensei que ele gostasse tanto de mim a ponto de me salvar. E não sei se vou acreditar se não ouvir os motivos dos lábios dele.

Mas seja qual for o motivo que o fez me trazer de volta, preciso avisá-lo sobre Fantasma, sobre Grimsen e a coroa, sobre o plano de Balekin de que eu seja a assassina dele.

Vou na direção do palácio a pé, certa de que os guardas vão demorar mais para perceber que saí do que levaria para os cavalariços perceberem a falta de uma montaria. Mas respiro com dificuldade logo depois de começar a andar. Na metade do caminho, tenho que parar e descansar em um toco de árvore.

Você está bem, digo a mim mesma. *Se levante*.

Demoro muito tempo para chegar ao palácio. Quando vou na direção da porta, empertigo os ombros e tento não demonstrar como estou exausta.

— Senescal — diz um dos guardas no portão. — Seu perdão, mas você está banida do palácio.

Você nunca vai negar uma audiência a mim nem vai dar ordens que me mantenham longe de você. Por um momento delirante, me pergunto se fiquei no Reino Submarino por mais tempo do que Taryn falou. Talvez um ano e um dia tenham passado. Mas isso é impossível. Eu aperto o olhar.

— Ordens de quem?

— Desculpe, minha lady — diz outro cavaleiro. Seu nome é Diarmad. Eu o reconheço como um cavaleiro em quem Madoc fica de olho, alguém em quem ele confiaria. — O general, seu pai, deu a ordem.

— Eu preciso ver o Grande Rei — anuncio, tentando usar um tom de comando, mas uma nota de pânico surge na minha voz.

— O Grande General nos mandou chamar uma carruagem caso você aparecesse e, se necessário, ir com você. Será necessária nossa presença?

Fico parada ali, furiosa e vencida.

— Não.

Cardan *não poderia* me negar uma audiência, mas poderia *permitir* que alguma outra pessoa desse a ordem. Desde que Madoc não pedisse a permissão do Grande Rei, não contrariaria a minha ordem. E não seria tão difícil descobrir o tipo de ordem que dei a Cardan… afinal, a maioria foram coisas que o próprio Madoc teria dito, provavelmente.

Eu sabia que ele queria governar o Reino das Fadas por trás do trono. Só não passou pela minha cabeça que pudesse encontrar o caminho até Cardan e me deixar de fora.

Eles me enganaram. Juntos ou separados, eles me enganaram.

Meu estômago se embrulha de ansiedade.

A sensação de ser enganada, a vergonha disso, me assombra. Embaralha meus pensamentos.

Lembro de Cardan sentado no cavalo cinza na praia, o rosto impassível, a capa de pele e a coroa acentuando sua semelhança com Eldred. Posso tê-lo enganado para que assumisse seu papel, mas não enganei a terra para recebê-lo. Ele tem poder de verdade, e quanto mais tempo fica no trono, maior se torna.

Ele se tornou Grande Rei e fez isso sem mim.

Isso era tudo que eu mais temia quando elaborei esse plano idiota. Talvez Cardan não quisesse o poder no começo, mas agora que o tem, pertence a ele.

Mas a pior parte é que faz sentido Cardan estar fora do meu alcance, estar inacessível para mim. Diarmad e os outros cavaleiros me impedirem na porta do palácio é a realização do medo que tenho desde que a coroa foi colocada naquela cabeça. E por mais terrível que seja, também parece mais razoável do que aquilo de que venho tentando me convencer há meses: sou a senescal do Grande Rei do Reino das Fadas, tenho poder real, consigo manter esse jogo em andamento.

A única coisa que me questiono é por que não me deixaram no fundo do mar.

Dou as costas para o palácio e sigo pelas árvores até onde tem uma entrada para a Corte das Sombras. Só espero não dar de cara com Fantasma. Se nos encontrarmos, não sei bem o que vai acontecer. Mas se conseguir falar com Barata e Bomba, talvez eu possa descansar um pouco. E conseguir as informações de que preciso. E mandar alguém para cortar a garganta de Grimsen antes que ele termine a nova coroa.

Mas quando chego lá, percebo que a entrada desabou. Não, quando olho com mais atenção, vejo que não é bem isso: tem evidências de uma explosão. O que destruiu a entrada fez bem mais danos do que isso.

Não consigo respirar.

Ajoelho-me em agulhas de pinheiros e tento entender o que estou vendo, porque parece que a Corte das Sombras foi *enterrada*. Deve ter sido trabalho do Fantasma… traição acima de traição. Só espero que Barata e Bomba estejam vivos.

Por favor, que estejam vivos.

Sem ter como encontrá-los, estou mais presa do que nunca. Atordoada, ando de volta na direção dos jardins.

Um grupo de crianças feéricas se reuniu em volta de um professor. Um garoto dos Cotovias colhe rosas azuis nos arbustos reais enquanto Val Moren anda ao seu lado, fumando um cachimbo comprido, a gralha cinzenta no ombro.

O cabelo está desgrenhado em volta da cabeça, amassado em algumas partes e trançado com panos coloridos e sinos em outras. Linhas de expressão marcam as laterais da boca.

— Você consegue me colocar dentro do palácio? — pergunto. É um tiro no escuro, mas não ligo mais para constrangimento. Se eu conseguir entrar, posso descobrir o que aconteceu com a Corte das Sombras. Posso chegar a Cardan.

Val Moren ergue as sobrancelhas.

— Você sabe o que eles são? — pergunta, balançando a mão na direção do garoto, que se vira para nos olhar com expressão astuta.

Talvez Val Moren não possa me ajudar. Talvez o Reino das Fadas seja um lugar em que um louco pode bancar o tolo e parecer um profeta… mas talvez seja só um louco.

O garoto Cotovia continua colhendo seu buquê, cantarolando uma melodia.

— Feéricos…?

— Sim, sim. — Ele fala com impaciência. — Feéricos do Ar. Insubstanciais, incapazes de manter uma forma. Como as sementes de flores jogadas no céu.

A gralha cinza grasna.

Val Moren dá uma tragada longa no cachimbo.

— Quando conheci Eldred, ele montava um corcel branco como leite e todas as fantasias da minha vida eram como pó e cinzas.

— Você o amava?

— Claro que sim — responde ele, mas parece que está falando sobre muito tempo antes, uma velha história que só precisa contar da mesma forma que foi contada antes. — Quando o conheci, todo o senso de dever que sentia pela minha família ficou desgastado e puído como um casaco velho. E assim que as mãos dele tocaram minha pele, eu teria queimado o moinho do meu pai até não sobrar nada só para ele me tocar novamente.

— Isso é amor?

— Se não é amor, é algo bem parecido.

Penso no Eldred que conheci, velho e curvado. Mas também lembro como ele pareceu mais jovem quando a coroa foi tirada de sua cabeça. Fico pensando

no quanto poderia ter rejuvenescido se não tivesse sido morto.

— Por favor. Só me ajude a entrar no palácio.

— Quando Eldred apareceu montado no corcel branco — continua Val Moren —, ele fez uma proposta. "Venha comigo para a terra sob a colina e vou lhe dar maçãs e vinho de mel e amor. Você não vai envelhecer e vai poder descobrir tudo que desejar saber."

— Parece ótimo — admito.

— Nunca faça barganhas com eles — aconselha Val Moren, segurando minha mão abruptamente. — Nem uma barganha esperta nem uma ruim, nem uma boba nem uma estranha, principalmente uma que pareça ótima.

Eu suspiro.

— Eu morei aqui quase a vida toda. Sei disso!

Minha voz sobressalta a gralha, que pula e voa para o céu.

— Então saiba disto — diz Val Moren, me olhando. — Eu não posso ajudar. Foi uma das coisas das quais abri mão. Prometi a Eldred que, quando me tornasse dele, eu renunciaria a toda humanidade. Jamais escolheria um mortal no lugar de um feérico.

— Mas Eldred está morto — insisto.

— E minha promessa continua válida. — Ele levanta as mãos na frente do corpo como reconhecimento de sua impotência.

— Nós somos humanos. Podemos mentir. Podemos violar nossa palavra.

Mas o olhar que ele lança para mim é de pena, como se a enganada fosse eu.

Quando o vejo sair, tomo uma decisão. Só uma pessoa tem motivo para me ajudar, só posso ter certeza de uma pessoa.

Você vai até a Mansão Hollow quando puder, disse Balekin. Agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra.

Obrigo-me a andar, apesar de o caminho pelo Bosque Leitoso não ser direto e passar perto demais do mar para eu ficar tranquila. Quando olho para a água, um tremor percorre meu corpo. Não vai ser fácil morar numa ilha se eu for atormentada pelas ondas.

Passo pelo Lago das Máscaras. Quando olho para baixo, vejo três pixies me observando com preocupação aparente. Enfio as mãos na água fresca e lavo o rosto. Até bebo um pouco, apesar de ser água mágica e eu não ter certeza se é

seguro. Ainda assim, água potável é um bem precioso demais para eu perder a oportunidade de beber um pouco.

Quando a Mansão Hollow aparece, faço uma pausa para recuperar o fôlego e tomar coragem.

Vou até a porta com o máximo de ousadia que consigo. A aldrava é uma argola no nariz de um rosto sinistro. Levanto a mão para tocar a campainha e os olhos do rosto entalhado se abrem.

— Eu me lembro de você — diz a porta. — A dama do meu príncipe.

— Você está enganada — retruco.

— Raramente. — A porta se abre com um leve gemido que indica falta de uso. — Saudações e seja bem-vinda.

A Mansão Hollow está desprovida de servos e guardas. Sem dúvida é difícil para o príncipe Balekin convencer os feéricos a trabalharem para ele, sendo claramente uma criatura do Reino Submarino. E com as novas regras que Cardan decretou, a capacidade de Balekin de enganar mortais para a servidão eterna também foi cortada. Ando por salões ecoantes até uma sala, onde Balekin está tomando vinho cercado de doze velas grossas. Acima da cabeça dele, mariposas vermelhas dançam. Ele as deixou para trás quando foi para o Reino Submarino, mas agora que voltou, elas voam em torno dele como uma chama de vela.

— Alguém te viu? — pergunta ele.

— Acho que não — respondo com uma reverência.

Ele se levanta, vai até uma mesa comprida e pega um frasco pequeno de vidro.

— Imagino que não tenha conseguido assassinar meu irmão.

— Madoc ordenou que eu não entrasse no palácio — digo. — Acho que teme minha influência sobre o Grande Rei, mas não posso fazer nada a Cardan se não tiver permissão para vê-lo.

Balekin toma outro gole de vinho e anda até mim.

— Haverá um baile, um baile de máscaras em homenagem a um dos lordes das cortes inferiores. Será amanhã, e desde que consiga ficar longe de Madoc, darei um jeito de você entrar. Consegue uma fantasia e uma máscara ou precisa de mim para isso também?

— Posso conseguir uma fantasia — respondo.

— Que bom. — Ele ergue o frasco. — Uma facada seria muito dramático num evento público desses. Veneno é bem mais fácil. Quero que você carregue isso até ter um momento sozinha com ele, então deve acrescentar ao vinho de Cardan em segredo.

— Farei isso — prometo.

Ele segura meu queixo com a voz carregada de glamour.

— Diga que você é minha, Jude.

Quando Balekin coloca o frasco na minha mão, fecho os dedos sobre ele.

— Sou sua criatura, príncipe Balekin — digo, olhando em seus olhos e mentindo com meu coração partido. — Faça comigo o que quiser. Sou sua.

CAPÍTULO
26

Quando estou quase saindo da Mansão Hollow, sou tomada de repente por uma onda de exaustão. Sento-me nos degraus, a cabeça tonta, e espero a sensação passar. Tem um plano tomando forma na minha mente, um plano que exige o disfarce da escuridão e eu estar bem descansada e razoavelmente bem equipada.

Eu poderia ir para a casa de Taryn, mas Locke estaria lá e ele já tentou me matar daquela vez.

Poderia voltar para a de Madoc, mas é provável que os criados tenham sido instruídos a me enrolar em cobertores peludos e me segurar em cativeiro até Cardan não estar mais sob meu comando, mas jurado a obedecer seu Grande General.

Horrorizada, fico pensando se a melhor coisa a fazer é ficar *aqui*. Não há criados, ninguém para me incomodar além de Balekin, e ele está ocupado. Duvido que repare na minha presença nessa casa enorme e ecoante.

Quero ser prática, no entanto, é difícil lutar contra o instinto de correr o mais rápido possível para o mais longe que puder de Balekin. Mas já me exauri.

Como já andei escondida pela Mansão Hollow muitas vezes antes, sei o caminho até a cozinha. Tomo mais água da bomba que fica depois dela, por estar com uma sede desesperada. Em seguida, subo a escada até onde Cardan dormia. As paredes continuam vazias, como lembro; a cama de dossel domina o aposento com seus entalhes de meninas-gato dançando com seios expostos.

Ele tinha livros e papéis, que agora se foram, mas o armário ainda está cheio de roupas extravagantes e abandonadas. Acho que não são mais ridículas o suficiente para o Grande Rei. Mas várias são pretas como a noite, e tem umas calças estreitas que vão ser boas para movimentação. Deito na cama de Cardan e, apesar do medo de ficar agitada demais de nervosismo, surpreendo a mim mesma caindo imediatamente num sono profundo e sem sonhos.

Quando acordo, no luar, vou até o armário e visto as roupas mais simples: um gibão de veludo de cuja gola e punhos arranco as pérolas e uma calça simples e macia.

Saio novamente, me sentindo menos tonta. Quando passo pela cozinha, encontro pouca comida, mas tem um pedaço de pão duro que roo enquanto ando pela escuridão.

O Palácio de Elfhame é um monte enorme com os aposentos mais importantes, inclusive a enorme sala do trono, no subterrâneo. No alto tem uma árvore, as raízes descendo mais fundo do que seria possível com qualquer coisa que não fosse magia. Mas embaixo da árvore há uns poucos aposentos com painéis de cristal fino para permitir a passagem de luz. São aposentos antiquados, como o quarto em que Cardan ateou fogo e Nicasia saiu do armário para disparar nele.

Aquele quarto está isolado agora, a porta dupla trancada e bloqueada para que a passagem para os aposentos reais não seja acessada. Seria impossível entrar por dentro do palácio.

Mas eu vou subir a colina.

Em silêncio, sorrateiramente, saio andando, enfiando minhas duas facas na terra, me erguendo, apoiando os pés em pedras e raízes. Subo cada vez mais alto. Vejo morcegos voando acima e paro, torcendo para não serem os olhos de ninguém. Uma coruja pia numa árvore próxima, e percebo quantas coisas poderiam estar me observando. Só posso ir mais rápido. Estou quase no primeiro conjunto de janelas quando a fraqueza me atinge.

Trinco os dentes e tento ignorar o tremor das minhas mãos, a falta de firmeza no passo. Estou respirando rápido demais e só quero descansar. Mas tenho certeza de que, se parar, meus músculos vão enrijecer e não vou conseguir recomeçar. Eu continuo, apesar de meu corpo todo doer.

Enfio uma faca na terra e tento me erguer, mas meu braço está fraco demais. Não consigo. Olho para baixo da colina íngreme e rochosa, para as luzes cintilantes em volta da entrada do palácio. Por um momento, minha visão fica embaçada e me pergunto o que aconteceria se eu soltasse.

Mas é um pensamento idiota. O que aconteceria é que eu rolaria colina abaixo, bateria a cabeça e me machucaria muito.

Eu me seguro e vou lentamente na direção das vidraças. Já olhei os mapas do palácio tantas vezes que só preciso espiar três vidraças para saber qual é a certa. O que vejo é só escuridão, mas começo a trabalhar, batendo com a faca no cristal até rachar.

Enrolo as mãos com a manga do gibão e quebro pedaços de vidro. Caio pelo vão na escuridão dos aposentos que Cardan abandonou. As paredes e móveis ainda fedem a fumaça e vinho azedo. Sigo pelo tato até o armário.

De lá, é fácil abrir a passagem e tatear pelo corredor e pelo caminho espiralado até os aposentos reais.

Entro no quarto de Cardan. Apesar de ainda não ter amanhecido, tenho sorte. Não há festa no quarto. Nenhuma cortesã dormindo nas almofadas nem na cama dele. Vou até onde ele está dormindo e tapo sua boca.

Cardan acorda lutando contra meu toque. Aperto com tanta força que sinto os dentes na pele.

O Grande Rei tenta pegar meu pescoço e, por um momento, tenho medo de não estar forte o suficiente, de meu treinamento não ser tão bom assim. Mas o corpo dele relaxa, como se tivesse percebido quem eu sou.

Ele não devia relaxar assim.

— Ele me mandou para te matar — sussurro.

Um tremor percorre o corpo de Cardan e sua mão vai até minha cintura, mas em vez de me empurrar para longe, ele me puxa para a cama e rola meu corpo para baixo do dele nas cobertas bordadas pesadas.

Tiro a mão da boca de Cardan e fico nervosa de estar ali, na nova cama do novo Grande Rei… Ainda sou humana demais para me deitar nessa cama, ao lado de alguém que me apavora quanto mais nutro sentimentos por ele.

— Balekin e Orlagh estão planejando seu assassinato — revelo, nervosa.

— Sim — diz ele, preguiçosamente. — E por que acordei?

Estou constrangida com a percepção da presença física dele, pelo momento em que Cardan estava parcialmente acordado e me puxou para perto.

— Porque não é fácil me enfeitiçar.

Isso o faz soltar uma gargalhada baixa. Ele estica a mão e toca meu cabelo, acompanha o vão da minha maçã do rosto.

— Eu poderia ter dito isso ao meu irmão — diz ele, com uma suavidade na voz para a qual não estou nem um pouco preparada.

— Se você não tivesse permitido que Madoc me proibisse de te ver, eu poderia ter contado isso tudo mais cedo. Tenho informações que não podem esperar.

Cardan balança a cabeça.

— Não sei de que você está falando. Madoc me disse que você estava descansando e que devíamos deixar que melhorasse.

Eu franzo a testa.

— Entendi. E, nesse ínterim, ele sem dúvida assumiria meu lugar como seu conselheiro — digo para Cardan. — Ele deu ordens aos seus guardas para que me impedissem de entrar no palácio.

— Darei ordens diferentes.

Ele se senta na cama. Está nu até a cintura, a pele prateada no brilho suave das luzes mágicas. Continua me olhando de um jeito estranho, como se nunca tivesse me visto ou como se achasse que nunca mais fosse me ver.

— Cardan? — chamo, o nome como um gosto estranho na língua. — Uma representante da Corte dos Cupins veio me ver. Ela me contou uma coisa…

— O que eles pediram em troca de você — diz ele. — Sei todas as coisas que você vai dizer. Que foi tolice concordar em pagar o preço deles. Que desestabiliza meu governo. Que foi um teste das minhas vulnerabilidades e eu fracassei. Até Madoc acreditou que era traição das minhas obrigações, embora as alternativas dele não fossem exatamente diplomáticas. Mas você não conhece Balekin e Nicasia como eu. Melhor que eles achem que você é importante para mim do que acreditarem que o que eles fazem a você passa sem consequências.

Penso em como eles me trataram enquanto acreditavam que eu era valiosa e tremo.

— Eu pensei muito desde que você sumiu e tem uma coisa que eu gostaria de dizer. — O rosto de Cardan está sério, quase demais, de uma forma que ele quase nunca permite que fique. — Quando meu pai me mandou embora, primeiro eu tentei provar que não era como ele achava que eu era. Mas como isso não deu certo, tentei ser exatamente o que ele acreditava que eu era. Se ele achava que eu era ruim, eu seria pior. Se achava que eu era cruel, eu seria horrível. Eu cumpriria todas as expectativas dele. Se não podia ter seu favor, teria sua fúria, então.

"Balekin não sabia o que fazer comigo. Me fez frequentar as orgias dele, me fez servir vinho e comida para exibir seu principezinho domado. Quando fiquei mais velho e mais mal-humorado, ele passou a gostar de ter alguém para disciplinar. Suas decepções eram açoites em mim, suas inseguranças eram minhas falhas. Mas ele foi a primeira pessoa que viu algo em mim de que gostava: ele mesmo. Ele encorajou toda minha crueldade, inflamou toda a minha raiva. E fiquei pior.

"Eu não fui gentil, Jude. Não com muitas pessoas. Não com você. Eu não sabia se te queria ou se queria você longe de mim para eu poder parar de sentir o que sentia, o que me tornou ainda mais grosseiro. Mas quando você se foi, quando foi levada para baixo das ondas, eu me odiei como nunca tinha me odiado antes."

Fico tão surpresa com as palavras que tento encontrar onde está o truque. Ele não pode querer dizer o que está dizendo.

— Talvez eu seja bobo, mas não sou idiota. Você gosta de alguma coisa em mim — continua ele, a malícia iluminando seu rosto, deixando cada parte mais familiar. — O desafio? Meus olhos bonitos? Não importa, porque tem mais coisas de que você não gosta e eu sei. Não posso confiar em você. Mas quando você se foi, tive que tomar muitas decisões importantes, e boa parte do que fiz foi imaginando você ao meu lado, Jude, me dando um monte de ordens ridículas a que obedeci mesmo assim.

Fico sem palavras.

Ele ri e coloca a mão quente no meu ombro.

— Ou eu te surpreendi ou você está tão mal quanto Madoc alegou.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, antes mesmo de conseguir pensar no que posso dizer, uma besta é apontada para mim. Segurando-a está

Barata, com Bomba logo atrás, as adagas gêmeas nas mãos.

— Vossa Majestade, nós a seguimos. Ela veio da casa do seu irmão para matá-lo. Por favor, saia da cama — pede Bomba.

— Isso é ridículo — digo.

— Se é verdade, mostre os amuletos que está usando — exige Barata. — Sorva? Tem pelo menos sal nos seus bolsos? Porque a Jude que eu conheço não andaria sem nada.

Meus bolsos estão vazios, claro, pois Balekin verificaria e não preciso de amuleto algum, de qualquer forma. Mas não fico com muitas opções em termos de prova. Eu poderia contar sobre o geas de Dain, mas eles não têm motivo para acreditar.

— Por favor, saia da cama, Vossa Majestade — repete Bomba.

— Quem tem que sair sou eu, a cama não é minha — digo, indo em direção à beirada da cama.

— Fique onde está, Jude — ordena Barata.

Cardan sai dos lençóis. Ele está nu, o que é brevemente chocante, mas ele veste um roupão bordado sem vergonha nenhuma. A cauda meio peluda se move com irritação.

— Ela me acordou. Se quisesse cometer assassinato, não agiria assim.

— Esvazie os bolsos — diz Barata. — Vamos ver suas armas. Coloque tudo na cama.

Cardan se acomoda em uma cadeira e o roupão o envolve como um traje de chefe de estado.

Não tenho quase nada. O pedaço de pão roído. Duas facas sujas de terra e grama. O frasco.

Bomba ergue o vidro e olha para mim, balançando a cabeça.

— Aqui está. Onde você conseguiu isso?

— Com Balekin — digo, exasperada. — Que tentou me enfeitiçar para matar Cardan, porque precisa dele morto para convencer Grimsen a fazer uma coroa de Elfhame nova para ele. E foi isso que vim contar ao Grande Rei. Eu teria contado a vocês primeiro, mas não consegui entrar na Corte das Sombras.

Bomba e Barata trocam um olhar de descrença.

— Se eu estivesse mesmo enfeitiçada, teria contado alguma dessas coisas?

— Provavelmente não — admite Bomba. — Mas seria uma ótima forma de nos distrair.

— Eu não posso ser enfeitiçada — revelo. — É parte da barganha que fiz com o príncipe Dain em troca do meu serviço como espiã.

Barata levanta as sobrancelhas. Cardan me olha com intensidade, como se qualquer coisa relacionada a Dain não pudesse ser boa. Ou talvez só esteja surpreso por eu ter mais um segredo.

— Eu sempre quis saber o que ele te deu para fazer você se misturar com desgraças como nós — diz Bomba.

— Mais do que tudo, um propósito — compartilho —, mas também a capacidade de resistir a glamour.

— Você ainda pode estar mentindo — diz Barata. Ele se vira para Cardan. — Faça um teste.

— Como? — pergunta Cardan, se empertigando, e Barata parece lembrar de repente com quem está falando de forma tão vulgar.

— Não seja tão sensível, Vossa Majestade — diz Barata, com um movimento de ombros e um sorriso. — Não estou lhe dando uma ordem. Estou sugerindo que, se você tentasse enfeitiçar Jude, nós poderíamos descobrir a verdade.

Cardan suspira e anda até mim. Sei que isso é necessário. Sei que ele não pretende me machucar. Sei que *não pode* me enfeitiçar. Mas, mesmo assim, recuo.

— Jude?

— Vá em frente.

Ouço o glamour penetrar em sua voz, inebriante e sedutor e mais poderoso do que eu esperava.

— Engatinhe até mim — diz ele com um sorriso. O constrangimento cora minhas bochechas.

Fico onde estou, olhando para a cara deles.

— Satisfeitos?

Bomba assente.

— Você não foi enfeitiçada.

— Agora me digam por que eu deveria confiar em vocês — peço para ela e Barata. — Fantasma veio com Vulciber me levar para a Torre do

Esquecimento. Me pediram para ir sozinha e me levaram para o lugar onde fui capturada, e ainda não sei por quê. Algum de vocês estava envolvido?

— Nós só soubemos que Fantasma tinha nos traído quando já era tarde demais — declara Barata.

Eu assinto.

— Eu vi a antiga entrada da floresta para a Corte das Sombras.

— Fantasma ativou alguns dos nossos próprios explosivos. — Ele inclina a cabeça na direção de Bomba.

— Derrubou parte do castelo, junto com a toca da Corte das Sombras, sem mencionar as antigas catacumbas, onde estão os ossos de Mab — diz Cardan.

— Ele estava planejando isso havia um tempo. Consegui impedir que fosse pior — fala Bomba. — Alguns de nós saíram ilesos; Boca-de-Leão está bem e te viu subindo na colina do palácio. Mas muitos se feriram com a explosão. A espectro, Niniel, ficou muito queimada.

— E Fantasma? — pergunto.

— Ele está por aí — diz Bomba. — Sumiu. Não sabemos onde.

Lembro a mim mesma que as coisas poderiam ter sido bem piores.

— Agora que estamos todos esclarecidos e a par dessa realidade horrível — diz Cardan —, temos que discutir o que fazer.

— Se Balekin acha que pode me colocar no baile de máscaras, deixe que se esforce para isso. Vou fingir que estou com ele. — Eu paro e me viro para Cardan. — Ou posso simplesmente matá-lo.

Barata coloca a mão na minha nuca com uma gargalhada.

— Você fez bem, menina, sabia? Saiu do mar mais forte do que entrou.

Tenho que olhar para baixo, porque fico surpresa com o quanto eu queria ouvir alguém dizer isso. Quando olho para a frente de novo, Cardan está me observando com atenção. Ele parece abalado.

Balanço a cabeça para impedir que ele diga o que está pensando.

— Balekin é o Embaixador do Reino Submarino — diz ele, um eco das minhas palavras para Dulcamara. Fico grata pela volta ao assunto. — É protegido por Orlagh. E ela tem Grimsen e um desejo enorme de me testar. Se seu embaixador fosse morto, ela ficaria com muita raiva.

— Orlagh já atacou a terra — lembro a ele. — Só não declarou guerra abertamente porque está procurando ter todas as vantagens. Mas ela vai fazer isso. Então, que o primeiro golpe seja nosso.

Cardan balança a cabeça.

— Ele quer que *você* seja morto — insisto. — Grimsen exigiu essa condição para Balekin ter a coroa.

— Você devia ir atrás das mãos do ferreiro — diz Bomba. — Cortá-las dos pulsos para que ele não possa causar mais confusão.

Barata assente.

— Vou procurá-lo esta noite.

— Vocês três têm uma única solução para todos os problemas. *Assassinato*. Nenhuma chave cabe em todas as fechaduras. — Cardan nos olha com severidade, levantando a mão com dedos longos, meu anel de rubi roubado ainda no dedo. — Alguém tenta trair o Grande Rei, *assassinato*. Alguém olha para vocês de cara feia, *assassinato*. Alguém desrespeita vocês, *assassinato*. Alguém suja suas roupas lavadas, *assassinato*.

"Quanto mais escuto, mais sou lembrado de que fui acordado tendo dormido muito pouco. Vou pedir chá para mim e comida para Jude, que está meio pálida."

Cardan se levanta e envia um criado para buscar pão de aveia, queijo e dois bules enormes de chá, mas não deixa ninguém entrar no quarto. Carrega a bandeja enorme de madeira entalhada e prata sozinho da porta e a coloca em uma mesa baixa.

Estou com fome demais para resistir a fazer um sanduíche com os pães e o queijo. Depois que como o segundo e tomo três xícaras de chá, me sinto mais firme.

— O baile de máscaras amanhã — retoma Cardan. — É em homenagem a Lorde Roiben, da Corte dos Cupins. Ele veio até aqui para gritar comigo, então vamos ter que deixar. Se a tentativa de assassinato de Balekin o mantiver ocupado depois disso, melhor.

"Barata, você pode levar Grimsen para algum lugar onde ele não vá causar confusão, isso ajudaria muito. Está na hora de ele escolher lados e se curvar a um dos jogadores desse joguinho. Mas não quero Balekin morto."

Barata toma um gole de chá e ergue uma sobrancelha peluda. Bomba suspira alto.

Cardan se vira para mim.

— Desde que você foi levada, eu pesquisei tudo de história que consegui encontrar sobre o relacionamento entre terra e mar. Desde que a primeira Grande Rainha, Mab, convocou as ilhas de Elfhame das profundezas, nossos povos tiveram conflitos ocasionais, mas parece claro que, se formos lutar de verdade, não haverá vitorioso. Você disse que achava que a rainha Orlagh estava esperando uma vantagem para declarar guerra. Mas acho que ela está testando um novo governante, um que ela espera poder enganar ou substituir por outro com dívida com ela. Ela me acha jovem e imprudente e quer me avaliar.

— E aí? — pergunto. — Nossas escolhas são aguentar os jogos dela, por mais mortais que sejam, ou entrar numa guerra que não temos como vencer?

Cardan balança a cabeça e toma outro gole de chá.

— Nós vamos mostrar a ela que não sou um Grande Rei imprudente.

— E como vamos fazer isso? — pergunto.

— Com grande dificuldade — responde ele. — Porque temo que ela esteja certa.

CAPÍTULO
27

Seria fácil tirar um dos meus próprios vestidos do palácio, mas não quero que Balekin descubra que estive ali. Vou então ao Mercado Mandrake, na ponta de Insmoor, para procurar algo adequado para o baile de máscaras.

Já estive no Mercado Mandrake duas vezes, as duas há muito tempo e com Madoc. É exatamente o tipo de lugar sobre o qual Oriana avisou para que eu e Taryn ficássemos longe: cheio de feéricos ansiosos para fazer barganhas. Só abre nas manhãs enevoadas, quando a maior parte de Elfhame está dormindo, mas se eu não conseguir um vestido e uma máscara aqui, vou ter que roubar do armário de uma cortesã.

Ando pelas barracas, um pouco enjoada pelo cheiro de ostras sendo defumadas em uma camada de algas, o aroma me lembrando o Reino Submarino. Passo por bandejas de animais feitos de fios de açúcar, por taças feitas de bolotas cheias de vinho, por esculturas enormes de chifre e pela barraca de uma mulher corcunda que pega uma escova e desenha encantamentos em solas de sapatos. Preciso andar um pouco, mas acabo encontrando uma coleção de máscaras de couro. Estão presas a uma parede, e têm formato de estranhos animais ou duendes risonhos ou mortais excêntricos, pintadas de dourado e verde e todas as outras cores imagináveis.

Encontro uma de rosto humano, sério.

— Esta — aponto para a vendedora, uma mulher alta com lordose. Ela abre um sorriso deslumbrante.

— Senescal — diz ela, o reconhecimento iluminando seus olhos. — Que seja um presente meu para você.

— É muita gentileza — falo com um certo desespero. Todos os presentes têm preço, e já estou com dificuldade de pagar minhas dívidas. — Mas eu prefiro…

Ela pisca.

— E quando o Grande Rei elogiar sua máscara, você vai deixar que eu faça uma para ele. — Eu assinto, aliviada por ela querer algo direto e simples. A mulher pega a máscara, colocando-a na mesa e pegando um pote de tinta embaixo de uma mesa. — Me deixe fazer uma pequena alteração.

— O que você quer dizer?

Ela pega um pincel.

— Para ficar mais parecida com você. — Com alguns movimentos do pincel, a máscara fica parecida comigo. Olho e vejo Taryn.

— Vou me lembrar da sua gentileza — digo enquanto ela a embrulha.

Saio para procurar o tecido esvoaçante que indica uma loja de vestidos. Encontro uma rendeira e fico meio perdida num labirinto de fazedores de poções e videntes. Quando estou tentando encontrar o caminho de volta, passo por uma barraca ocupada por chamas baixas. Tem uma bruxa sentada num banquinho na frente.

Ela mexe o caldeirão e dele vem o cheiro de legumes cozidos. Quando olha na minha direção, eu a reconheço como Mãe Marrow.

— Quer vir se sentar na frente do meu fogo? — pergunta ela.

Eu hesito. Não é bom ser grosseira no Reino das Fadas, onde as maiores leis são de cortesia, mas estou com pressa.

— Infelizmente, eu…

— Tome uma sopa — oferece ela, pegando uma tigela e empurrando na minha direção. — Só tem o que há de mais saudável.

— Então por que me oferecer? — pergunto.

Ela dá uma risada de prazer.

— Se você não tivesse tirado os sonhos da minha filha, acho que eu ia gostar de você. Sente-se. Coma. Me conte o que veio procurar no Mercado Mandrake.

— Um vestido — digo, me agachando na frente do fogo. Pego a tigela, cheia de um líquido marrom ralo nada apetitoso. — Talvez você possa considerar que sua filha não gostaria de ter a princesa do mar como rival. Eu pelo menos a poupei disso.

Ela me olha com avaliação.

— Ela também foi poupada de você.

— Alguns poderiam dizer que foi um prêmio e tanto — retruco.

Mãe Marrow indica a sopa, e eu, que não posso fazer mais inimigos, levo a tigela aos lábios. Tem gosto de uma lembrança que não consigo identificar, tardes quentes e pulos em piscinas e chutes em brinquedos de plástico na grama marrom do verão. Fico com lágrimas nos olhos.

Quero derramar tudo na terra.

Quero tomar até não sobrar uma gota.

— Isso vai te deixar boazinha — diz a bruxa enquanto pisco para entender tudo que senti e olho para ela de cara feia. — Agora, o vestido. O que você me daria por um?

Tiro o par de brincos de pérola do Reino Submarino.

— Que tal isto? Pelo vestido e pela sopa. — Valem mais do que o preço de dez vestidos, mas não quero me envolver em negociação, principalmente com Mãe Marrow.

Ela pega os brincos, passa os dentes pelo nácar e os guarda no bolso.

— Está ótimo.

De outro bolso, ela tira uma noz e me entrega.

Levanto as sobrancelhas.

— Não confia em mim, garota?

— Nem um pouco — respondo, e ela solta outra gargalhada.

Ainda assim, tem *alguma coisa* na noz, e deve ser *algum* tipo de vestido, porque senão ela não estaria honrando os termos do acordo. E não vou bancar a mortal ingênua, exigindo saber como tudo funciona. Com esse pensamento, me levanto.

— Não gosto muito de você — diz ela, o que não é uma grande surpresa, apesar de magoar. — Mas gosto menos ainda dos feéricos do mar.

Dispensada agora, pego a noz e a máscara e faço o caminho de volta até Insmire e a Mansão Hollow. Olho para as ondas ao nosso redor, para a

imensidão do mar em todas as direções, para as ondas constantes, inquietas, com espuma branca. Quando respiro, o ar salgado vai até o fundo da minha garganta, e quando ando, preciso evitar as poças da maré com caranguejos dentro.

Parece inútil lutar contra algo tão grande. Parece ridículo achar que podemos ganhar.



Balekin está sentado em uma cadeira perto da escada quando entro na Mansão Hollow.

— E onde você passou a noite? — pergunta, pura insinuação.

Vou até ele e mostro minha nova máscara.

— Preparando meu traje.

Ele assente, entediado de novo.

— Pode se aprontar — diz, indicando vagamente a escada.

Eu subo. Não sei bem qual aposento ele quer que eu use, mas vou novamente para o de Cardan. Lá, tomo um banho. Sento-me no tapete na frente da grade apagada e abro a noz. De dentro sai musselina damasco pálida, um volume enorme. Sacudo o vestido. Tem cintura império e mangas amplas e franzidas que começam acima do cotovelo, de forma que meus ombros ficam expostos. Cai até o chão em mais pregas.

Quando coloco o vestido, percebo que o tecido é o complemento perfeito para meu tom de pele, embora nada possa me fazer parecer menos esquálida. Por mais que o vestido caia bem, não consigo afastar a sensação de que meu corpo não encaixa. Mesmo assim, vai servir para a noite.

Enquanto ajusto o vestido, percebo que tem vários bolsos astutamente escondidos. Coloco o veneno em um. Coloco a menor das minhas facas em outro.

Em seguida, tento me deixar apresentável. Encontro um pente nas coisas de Cardan e tento ajeitar o cabelo. Não tenho nada com que prendê-lo e decido deixar solto, caído sobre os ombros. Lavo a boca. Coloco a máscara e vou até onde Balekin espera.

De perto, é capaz de eu ser reconhecida por aqueles que me conhecem bem, mas acho que consigo passar despercebida pela maioria das pessoas.

Quando me vê, Balekin não tem nenhuma reação visível além de impaciência. Ele se levanta.

— Você sabe o que fazer?

Às vezes, mentir é um verdadeiro prazer.

Pego o frasco no bolso.

— Eu era espiã do príncipe Dain. Fui parte da Corte das Sombras. Pode confiar em mim para matar seu irmão.

Isso o faz abrir um sorriso.

— Cardan foi uma criança ingrata ao me aprisionar. Devia ter me colocado ao seu lado. Devia ter feito de mim o senescal. Na verdade, ele devia ter me dado a coroa.

Não digo nada, só penso no menino que vi no cristal. O menino que ainda esperava ser amado. A admissão de Cardan de quem ele se tornou depois me assombra: *Se ele achava que eu era ruim, eu seria pior*.

Como conheço bem esse sentimento.

— Vou sentir falta do meu irmão mais novo — diz Balekin, parecendo se animar um pouco com a ideia. — Posso não sentir falta dos outros, mas vou mandar canções serem compostas em homenagem a ele. Só ele será lembrado.

Penso na pressão de Dulcamara para que eu matasse o príncipe Balekin, por ter sido ele quem ordenou o ataque à Corte dos Cupins. Talvez ele tenha sido responsável por Fantasma usar os explosivos na Corte das Sombras. Eu me lembro de Balekin no fundo do mar, exultante com seu poder. Penso em tudo que ele fez e que pretende fazer e fico feliz de estar mascarada.

— Venha — diz ele, e o sigo pela porta.

Só Locke faria a escolha ridícula de planejar um *baile de máscaras* para uma questão grave de estado como receber Lorde Roiben depois de um ataque às terras dele. Mas quando entro no palácio de braço dado com Balekin, é o que está acontecendo. Goblins e elfos, pixies e duendes cabriolam em danças de

círculos entrelaçados. Vinho de mel cai livremente de chifres e as mesas estão lotadas de cerejas, groselhas, romãs e ameixas maduras.

Ando de onde Balekin está até a plataforma vazia, procurando Cardan na multidão, mas ele não está em lugar nenhum. Mas vejo cabelo grisalho. Estou a caminho do grupo da Corte dos Cupins quando passo por Locke.

Eu me viro para ele.

— Você tentou me matar.

Ele se sobressalta. Talvez não se lembre de como estava mancando no dia do casamento, mas devia saber que eu veria os brincos nas orelhas de Taryn. Talvez, como as consequências demoraram tanto para chegar, ele tenha achado que não chegariam.

— Não era para ser tão sério — se justifica ele, tentando pegar minha mão, um sorriso ridículo na cara. — Eu só queria que você ficasse com medo da mesma forma que me deixou com medo.

Solto os dedos de sua mão.

— Não tenho tempo para você agora, mas vou *arrumar tempo* logo.

Taryn, usando um vestido armado lindo, todo verde-azulado, bordado com rosas delicadas, e usando uma máscara de renda sobre os olhos, chega até nós.

— Arrumar tempo para Locke? Por quê?

Ele ergue as sobrancelhas e passa o braço pelos ombros da esposa.

— Sua irmã está aborrecida comigo. Ela tinha um presente planejado para você, mas eu dei o presente no lugar dela.

Isso é bem preciso e fica difícil contradizê-lo, principalmente considerando o jeito desconfiado com que Taryn está me olhando.

— Que presente?

Eu devia contar sobre os cavaleiros, sobre o fato de ter escondido a briga na floresta porque não queria que ela ficasse chateada no dia do casamento, que perdi os brincos, que acertei um dos cavaleiros e joguei uma adaga no marido dela. E que, mesmo que talvez não me quisesse morta, ele estava disposto a me deixar morrer.

Mas, se eu disser isso tudo, ela vai acreditar?

Enquanto tento decidir como responder, Lorde Roiben entra na nossa frente e me encara com os olhos prateados brilhantes.

Locke se curva. Minha irmã faz uma reverência linda e eu a imito da melhor forma que consigo.

— É uma honra — diz ela. — Ouvi muitas das suas baladas.

— Não são minhas — responde ele com recato. — E são muito exageradas. Mas sangue quica mesmo no gelo. Esse verso é bem verdade.

Minha irmã parece momentaneamente desconcertada.

— Trouxe sua consorte?

— Kaye, sim, ela está em muitas dessas baladas, não está? Não, infelizmente ela não veio desta vez. Nossa última vinda à Grande Corte não foi bem o que prometi a ela que seria.

Dulcamara disse que ela estava muito ferida, mas ele está tomando cuidado para não dizer isso… interessante. Não houve uma única mentira, só uma teia de desvio.

— A coroação — diz Taryn.

— É. Não foi o descanso que nós dois imaginamos.

Taryn sorri um pouco ao ouvir isso e Lorde Roiben se vira para mim.

— Você pode dar licença a Jude? — pergunta ele a Taryn. — Temos uma coisa urgente a discutir.

— Claro — concede ela, e Roiben me leva para longe, na direção de um dos cantos escuros do salão.

— Ela está bem? — pergunto. — Kaye?

— Vai sobreviver — diz ele vagamente. — Onde está seu Grande Rei?

Procuro no salão de novo, meu olhar indo até a plataforma e o trono vazio.

— Não sei, mas deve estar aqui. Ontem à noite mesmo ele expressou tristeza por suas perdas e o desejo de falar com você.

— Nós dois sabemos quem estava por trás desse ataque — diz Roiben. — O príncipe Balekin me culpa por usar meu peso e minha influência em favor seu e do seu principezinho quando você deu uma coroa a ele.

Eu assinto, feliz pela calma de Lorde Roiben.

— Você fez uma promessa para mim — continua ele. — Agora, está na hora de determinar se uma mortal vale a palavra dela.

— Vou dar um jeito nas coisas — prometo. — Vou arrumar uma forma de dar um jeito nas coisas.

O rosto de Lorde Roiben está calmo, mas os olhos prateados não, e sou obrigada a lembrar que ele cometeu assassinatos para chegar ao próprio trono.

— Vou falar com seu Grande Rei, mas se ele não puder me dar satisfação, vou ter que cobrar a dívida.

Com isso, ele se afasta com um movimento da capa longa.

Há cortesãos na pista de dança, executando passos intrincados, uma dança circular que gira em si mesma, se divide em três e se reagrupa. Vejo Locke e Taryn lá, juntos, dançando. Ela sabe todos os passos.

Vou ter que fazer alguma coisa em relação a Locke em algum momento, mas não hoje.

Madoc entra no salão com Oriana no braço. Ele está vestido de preto e ela, de branco. Parecem peças de xadrez de lados opostos do tabuleiro. Atrás deles entram Mikkel e Randalin. Dou uma olhada rápida no salão e vejo Baphen conversando com uma mulher de chifres que demoro um momento para reconhecer. Quando a reconheço, levo um susto.

Lady Asha. A mãe de Cardan.

Eu sabia que ela era cortesã antes, vi no globo de cristal na mesa de Eldred, mas agora é como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. Ela usa um vestido de saia alta, de forma que os tornozelos aparecem, bem como os sapatinhos feitos para se parecerem com folhas. O vestido é em tons de outono, com folhas e flores bordadas ao longo dele todo. As pontas dos chifres foram pintadas de cobre e ela usa um aro da mesma cor na cabeça; não uma coroa, mas algo que remete a uma.

Cardan não disse nada para mim sobre ela, mas eles devem ter tido uma reconciliação. Ele deve tê-la perdoado. Quando outro cortesão a leva para dançar, fico ciente de que lady Asha deve conseguir obter poder e influência rapidamente… e que não vai fazer nada de bom com nenhuma das duas coisas.

— Onde está o Grande Rei? — pergunta Nihuar. Eu não tinha reparado na representante Seelie até ela estar ao meu lado, então tenho um sobressalto.

— Como posso saber? — pergunto. — Eu não tinha permissão para pisar no palácio até hoje.

É só nesse momento que Cardan finalmente entra no salão. Na frente dele há dois membros da guarda pessoal, que se afastam depois de terem

acompanhado o Grande Rei em segurança ao local.

Um momento depois, Cardan cai. Fica estatelado no chão com suas vestes fantásticas de estado e começa a rir. Ele ri e ri como se aquele fosse o truque mais incrível que já executou.

Ele está claramente bêbado. Muito, muito bêbado.

Meu coração despenca. Quando olho para Nihuar, ela não exibe expressão nenhuma. Até Locke, olhando da pista de dança, parece incomodado.

Enquanto isso, Cardan se levanta e pega um alaúde das mãos de um músico goblin impressionado. Pula com desequilíbrio em uma mesa longa de banquete.

Ele dedilha as cordas e começa uma música tão vulgar que a corte inteira para de dançar a fim de ouvir e rir. E todos se juntam à loucura. Os cortesãos do Reino das Fadas não são tímidos. Eles começam a dançar novamente, agora ao som da música do Grande Rei.

Eu não tinha ideia de que ele sabia tocar.

Quando a música acaba, Cardan cai da mesa e fica meio de lado no chão. A coroa se inclina para a frente e fica sobre um de seus olhos. Os guardas se adiantam para ajudá-lo a se levantar do chão, mas ele faz sinal para se afastarem.

— Que tal essa apresentação? — pergunta ele a Lorde Roiben, apesar de eles já terem se encontrado antes. — Não sou um monarca chato.

Olho para Balekin, que está com um sorriso satisfeito na cara. O rosto de Lorde Roiben está pétreo, ilegível. Meu olhar se volta para Madoc, que observa com repulsa enquanto Cardan ajeita a coroa.

Sombriamente, Roiben segue com o que foi fazer ali.

— Vossa Majestade, vim pedir que o senhor me permita vingança pelo meu povo. Fomos atacados e agora desejamos reagir. — Já vi muitas pessoas incapazes de se humilhar, mas Lorde Roiben consegue fazer isso com muita graça.

No entanto, basta um olhar para Cardan para eu saber que não vai fazer diferença.

— Dizem que você é especialista em derramamento de sangue. Imagino que queira exibir suas habilidades. — Cardan balança o dedo na direção de Roiben.

O rei Unseelie faz uma careta. Uma parte dele quer se exibir *imediatamente*, mas ele não faz nenhum comentário.

— Mas a isso você terá que renunciar — diz Cardan. — Infelizmente, você percorreu um longo caminho por nada. Pelo menos tem vinho.

Lorde Roiben volta o olhar prateado para mim, e há uma ameaça nele.

Isso não está indo como eu esperava.

Cardan balança a mão na direção da mesa de guloseimas. As cascas das frutas se enrolam, exibindo a carne, e alguns cálices transbordam, espalhando sementes e sobressaltando os cortesãos próximos.

— Ando praticando uma habilidade — explica ele com uma risada.

Vou na direção de Cardan para tentar interceder quando Madoc segura minha mão. Ele repuxa os lábios.

— Era isso que estava nos seus planos? — pergunta ele, sussurrando. — Tire-o daqui.

— Vou tentar.

— Eu fiquei de lado por tempo suficiente — reclama Madoc, os olhos de gato encarando os meus. — Faça sua marionete abdicar do trono a favor do seu irmão ou enfrente as consequências. Não vou pedir de novo. É agora ou nunca.

Diminuo o tom de voz para ficar como o dele.

— Depois de impedir minha entrada no palácio?

— Você estava doente — responde Madoc.

— Trabalhar com você sempre será trabalhar *para* você — digo. — Portanto, escolho o nunca.

— Você escolheria mesmo *isso* no lugar da sua família? — comenta ele com desprezo, o olhar desviando para Cardan antes de se voltar para mim.

Faço uma careta, mas, por mais certo que ele esteja, também está errado.

— Quer você acredite ou não, isso *é* pela minha família. — Eu coloco a mão no ombro de Cardan, querendo guiá-lo para fora do salão sem que mais nada dê errado.

— Ahá! — grita ele. — Minha querida senescal. Vamos dar uma volta pelo salão. — Ele me segura e me puxa para a dança.

Cardan mal consegue ficar de pé. Três vezes ele tropeça e três vezes eu preciso sustentar o peso para que ele não caia.

— Cardan — sussurro. — Isso não é comportamento adequado para o Grande Rei.

Ele ri ao ouvir isso. Penso na seriedade da noite anterior no quarto e em como ele parece diferente daquela pessoa.

— Cardan. — Tento de novo. — Você não pode fazer isso. Ordeno que se controle. Ordeno que não beba mais nada e tente ficar sóbrio.

— Sim, minha doce vilã, minha querida deusa. Estarei sóbrio como um entalhe de pedra assim que puder. — Com isso, ele me beija na boca.

Sinto uma cacofonia de coisas ao mesmo tempo. Fico furiosa com ele, furiosa e resignada por ele ser um fracasso como Grande Rei, corrupto e inconstante e fraco, como Orlagh deseja. E tem a natureza pública do beijo; exibir isso perante a corte também é chocante. Ele nunca esteve disposto a parecer me desejar em público. Talvez possa voltar atrás, mas, nesse momento, todos sabem.

Mas também tem uma fraqueza em mim, porque sonhei com ele me beijando por todo o tempo que passei no Reino Submarino. Agora, com a boca dele na minha, quero enfiar as unhas em suas costas.

A língua de Cardan roça no meu lábio inferior, o gosto inebriante e familiar.

Baga-fantasma.

Ele não está bêbado; Cardan foi envenenado.

Eu recuo e o encaro. Vejo os olhos familiares, pretos com um aro dourado em volta. As pupilas estão enormes.

— Doce Jude. Você é minha melhor punição. — Ele dança para longe de mim e cai no chão na mesma hora, rindo, os braços abertos como se quisesse abraçar o salão inteiro.

Fico olhando, horrorizada e atônita.

Alguém envenenou o Grande Rei, e ele vai rir e dançar até a morte na frente da corte, que vai oscilar entre o prazer e a repulsa. Vão achá-lo ridículo enquanto seu coração para.

Tento me concentrar. Antídotos. Deve haver um. Água, certamente, para lavar o organismo. Argila. Bomba saberia mais. Procuro-a no salão, mas só vejo a reunião vertiginosa de cortesãos.

Viro para um dos guardas.

— Arrume um balde, muitos cobertores, duas jarras de água e coloque tudo nos meus aposentos. Certo?

— Como desejar — diz ele, virando-se para dar ordens aos outros cavaleiros.

Eu me viro para Cardan, que, previsivelmente, foi na pior direção possível. Está andando diretamente para os conselheiros Baphen e Randalin, que estão com Lorde Roiben e sua cavaleira, Dulcamara, sem dúvida tentando controlar a situação.

Vejo o rosto dos cortesãos, o brilho dos olhos que observam o Grande Rei com um escárnio ávido.

Eles o veem erguer uma garrafa de água e a virar para cascatear sobre sua boca risonha até se engasgar.

— Com licença — digo, passando o braço pelo dele.

Dulcamara responde com desdém.

— Nós viemos até aqui para uma audiência com o Grande Rei. Ele não pretende ficar mais do que isso?

Ele foi envenenado. As palavras estão na minha língua quando ouço Balekin dizer:

— Temo que o Grande Rei não esteja agindo como ele mesmo. Acredito que tenha sido envenenado.

E, tarde demais, entendo o plano.

— Você — diz ele para mim. — Revire os bolsos. Você é a única aqui que não está jurada por uma promessa.

Se eu tivesse sido verdadeiramente enfeitiçada, teria que tirar o frasco do bolso. E quando a corte visse e descobrisse a baga-fantasma dentro, nenhum protesto teria valor. Mortais são mentirosos, afinal.

— Ele está bêbado — digo, e fico grata pela expressão de choque de Balekin. — No entanto, você também está livre de juramento, embaixador. Ou, devo dizer, está livre de juramento com a terra.

— Eu bebi demais? Só uma xícara de veneno no café da manhã e outra no jantar — diz Cardan.

Olho para ele, mas não digo nada enquanto guio o Grande Rei cambaleante pelo salão.

— Para onde você o está levando? — pergunta um dos guardas. — Vossa Majestade, o senhor deseja sair?

— Nós todos dançamos seguindo as ordens de Jude — declara ele, rindo.

— Claro que ele não quer ir — diz Balekin. — Cuide dos seus afazeres, senescal, e me deixe cuidar do meu irmão. Ele tem deveres esta noite.

— Você será chamado se for necessário — rebato, tentando blefar por toda a conversa. Meu coração acelera. Não sei se alguém aqui ficaria do meu lado se chegasse a esse ponto.

— Jude Duarte, você vai sair do lado do Grande Rei — ordena Balekin.

Ao ouvir o tom, Cardan aperta os olhos. Vejo-o se esforçar para se concentrar.

— Não vai, não.

Como ninguém pode contradizê-lo, mesmo nesse estado, finalmente consigo levá-lo. Carrego o peso do Grande Rei pelas passagens do palácio.

CAPÍTULO
28

A guarda pessoal do Grande Rei nos segue de longe. Perguntas permeiam minha mente: como ele foi envenenado? Quem colocou o que ele bebeu em sua mão? Quando foi?

Paro um criado no corredor e mando mensageiros procurarem por Bomba e, se não conseguirem encontrá-la, por um alquimista.

— Você vai ficar bem — falo.

— Sabe — diz ele, se agarrando em mim —, isso devia me tranquilizar. Mas quando uma mortal fala, não significa a mesma coisa de quando um feérico fala, não é? Para você, é um apelo. Uma espécie de magia esperançosa. Você diz que vou ficar bem porque tem medo de eu não ficar.

Por um momento, não falo nada.

— Você foi envenenado — acabo dizendo. — Você sabe disso, não sabe?

Ele não se sobressalta.

— Ah. Balekin.

Não falo nada, só o coloco na frente do fogo nos meus aposentos, as costas no sofá. Ele fica estranho lá, as lindas roupas em contraste com o tapete simples, o rosto pálido com o rubor intenso nas bochechas.

Cardan pega minha mão e encosta no próprio rosto.

— É engraçado, não é, como debochei de você pela sua mortalidade e é certo que você vai viver mais do que eu.

— Você não vai morrer — insisto.

— Ah, quantas vezes desejei que você não pudesse mentir? Nunca mais do que agora.

Ele pende para um lado enquanto pego uma das jarras de água e encho um copo. Levo aos seus lábios.

— Cardan? Beba o máximo que conseguir.

Ele não responde, parece prestes a adormecer.

— Não. — Bato na bochecha dele com uma força cada vez maior, até se tornar um tapa. — Você tem que ficar acordado.

Cardan abre os olhos. A voz está embolada.

— Vou dormir só um pouquinho.

— A não ser que queira acabar como Severin de Fairfold, envolto em vidro por séculos enquanto mortais fazem fila para tirar fotos com seu corpo, você vai ficar acordado.

O Grande Rei se mexe e fica mais ereto.

— Tudo bem. Converse comigo.

— Eu vi sua mãe hoje. Toda arrumada. A última vez que a tinha visto foi na Torre do Esquecimento.

— E você está se perguntando se a esqueci? — pergunta ele com tom leve, e fico satisfeita de ele estar prestando atenção suficiente para fazer uma de suas brincadeiras típicas.

— Fico feliz que esteja disposto a debochar.

— Espero que seja a última coisa que morra em mim. Mas me conte sobre a minha mãe.

Tento pensar em alguma coisa para dizer que não seja completamente negativa. Decido ser cuidadosamente neutra.

— Na primeira vez que a vi, eu não sabia quem era. Ela queria me dar informações em troca de sua liberdade. E estava com medo de você.

— Que bom.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Então como ela foi parar na sua corte?

— Acho que ainda tenho um pouco de carinho por ela — admite ele. Sirvo mais água e ele bebe mais lentamente do que eu gostaria. Encho novamente o copo assim que consigo.

— Tem tantas perguntas que eu gostaria de fazer para minha mãe — admito.

— O que você perguntaria? — As palavras soam arrastadas, mas pelo menos ele as fala.

— Por que ela se casou com Madoc — digo, apontando para o copo, que ele leva à boca obedientemente. — Se ela o amava e por que o deixou e se foi feliz no mundo humano. Se ela realmente matou uma pessoa e escondeu o corpo nos restos queimados da fortaleza original de Madoc.

Ele parece surpreso.

— Eu sempre me esqueço dessa parte da história.

Decido que é hora de mudar de assunto.

— Você tem perguntas assim para o seu pai?

— Por que eu sou como sou? — O tom deixa claro que ele está propondo uma coisa que eu sugeriria que ele perguntasse, não questionando de verdade. — Não há respostas reais, Jude. Por que eu era cruel com os feéricos? Por que fui horrível com você? Porque eu podia ser. Porque gostava. Porque, por um momento, quando agia na minha pior forma, eu me sentia poderoso, e na maior parte do tempo eu me sentia impotente, apesar de ser príncipe e filho do Grande Rei do Reino das Fadas.

— Isso é uma resposta.

— É? — E, depois de um momento: — Você devia sair.

— Por quê? — pergunto, irritada. Primeiro, o quarto é meu. Além disso, estou tentando mantê-lo vivo.

Ele olha para mim solenemente.

— Porque eu vou vomitar.

Pego o balde, que ele tira da minha mão, e seu corpo todo convulsiona com a força do vômito. O conteúdo do estômago de Cardan parece folhas amassadas, e eu tremo. Não sabia que a baga-fantasma fazia isso.

Há uma batida na porta e vou atender. Bomba está lá, sem fôlego. Deixo-a entrar e ela vai direto até Cardan.

— Aqui — fala, pegando um frasco pequeno. — É argila. Pode ajudar a expurgar e conter as toxinas.

Cardan assente e pega o vidro da mão dela, engolindo o conteúdo com uma careta.

— Tem gosto de terra.

— *É* terra — informa Bomba. — E tem outra coisa. Duas, na verdade. Grimsen já tinha sumido da forja quando tentamos capturá-lo. Temos que supor o pior, que ele está com Orlagh.

Ela tira um bilhete do bolso.

— Além disso, me deram isto. É de Balekin. Está bem elaborado, mas em resumo é o seguinte: ele está oferecendo o antídoto, Jude, se você levar a coroa para ele.

— Coroa? — Cardan abre os olhos, e percebo que ele deve tê-los fechado sem eu reparar.

— Ele quer que você o encontre no jardim, perto das rosas — diz Bomba.

— O que vai acontecer se ele não receber o antídoto? — pergunto.

Bomba coloca o dorso da mão na bochecha de Cardan.

— Ele é o Grande Rei de Elfhame, pode retirar forças da terra. Mas já está muito fraco. E acho que não sabe fazer isso. Vossa Majestade?

Cardan olha para Bomba com incompreensão benevolente.

— O que você quer dizer? Eu acabei de encher a *boca* de terra a pedido seu.

Penso no que ela está dizendo, no que sei sobre os poderes do Grande Rei.

Você deve ter reparado que, desde que o reinado dele começou, as ilhas estão diferentes. As tempestades chegam mais rápido. As cores estão um pouco mais vívidas, os aromas estão mais pungentes.

Mas tudo isso foi feito sem esforço. Tenho certeza de que Cardan não reparou na terra se alterando para se adequar a ele.

Olhe para todos eles, os seus súditos, dissera ele para mim em uma festa meses atrás. *Pena que ninguém saiba quem é a verdadeira soberana*.

Se Cardan não acredita que é o verdadeiro Grande Rei de Elfhame, se não se permite acessar o próprio poder, é culpa minha. Se a baga-fantasma o matar, vai ser por minha causa.

— Vou buscar o antídoto — anuncio.

Cardan tira a coroa da cabeça e olha para ela por um momento, como se não conseguisse imaginar como foi parar em sua mão.

— Isso não vai poder passar para Oak se você a perder. Mas admito que a sucessão fica complicada se eu morrer.

— Já falei. Você não vai morrer. E não vou levar essa coroa. — Vou até os fundos do quarto e mudo o conteúdo dos bolsos. Amarro uma capa com um capuz grande e uma nova máscara. Estou tão furiosa que minhas mãos tremem. Baga-fantasma, à qual já fui imune, graças ao mitridatismo cuidadoso. Se eu tivesse mantido as doses, talvez pudesse enganar Balekin como já enganei Madoc. Mas depois do tempo que passei aprisionada no Reino Submarino, tenho uma vantagem a menos e riscos mais altos. Perdi minha imunidade. Sou tão vulnerável a veneno quanto Cardan.

— Você fica com ele? — peço a Bomba e ela assente.

— Não — nega Cardan. — Ela vai com você.

Eu balanço a cabeça.

— Bomba sabe sobre poções. Sabe magia. Ela pode cuidar para que você não piore.

Ele me ignora e segura a mão dela.

— Liliver, como seu rei, eu ordeno — diz ele com grande dignidade para alguém sentado no chão ao lado do balde em que vomitou. — Vá com Jude.

Eu me viro para Bomba, mas vejo em seu rosto que ela não vai desobedecê-lo; Bomba fez o juramento e até deu o nome para ele. Cardan é o rei dela.

— Maldição — sussurro para um, ou talvez para os dois.

Prometo conseguir o antídoto logo, mas isso não facilita na hora de deixar Cardan, sabendo que a baga-fantasma pode fazer o coração dele parar. Seu olhar ardente nos segue pela porta, as pupilas dilatadas e a coroa ainda na mão.



Balekin está no jardim, como prometeu, perto de uma árvore florida de rosas azul-prateadas. Quando chego lá, reparo em figuras não muito longe de onde estamos, outros cortesãos indo fazer caminhadas noturnas. Significa que ele não pode me atacar, mas também não posso atacá-lo.

Pelo menos não sem os outros saberem.

— Você é uma grande decepção.

O choque é tão grande que dou uma risada.

— Você fala isso porque não fui enfeitiçada. Sim, estou vendo como isso é triste para você.

Ele faz cara feia, mas não tem nem Vulciber ao lado agora para me ameaçar. Talvez ser Embaixador do Reino Submarino faça Balekin acreditar que é intocável.

Só consigo pensar que ele envenenou Cardan, me atormentou, fez Orlagh atacar a terra. Estou tremendo de raiva, mas tentando segurar a fúria para poder fazer o que precisa ser feito.

— Trouxe a coroa? — pergunta ele.

— Estou com ela por perto — minto. — Mas antes de entregá-la, quero ver o antídoto.

Ele tira um frasco do casaco, quase idêntico ao que me deu, que tiro do bolso.

— Eu teria sido executada se tivessem me encontrado com este veneno — ressalto, sacudindo o frasco. — Era o que você pretendia, não era?

— Alguém ainda pode te executar — ameaça ele.

— O que vamos fazer é o seguinte. — Tiro a rolha do frasco. — Vou tomar o veneno e você vai me dar o antídoto. Se funcionar em mim, vou pegar a coroa e trocar pelo frasco. Se não funcionar, eu vou morrer, mas a coroa vai se perder para sempre. Quer Cardan viva ou morra, a coroa está tão bem escondida que você não vai encontrar.

— Grimsen pode fazer outra — diz Balekin.

— Se isso é verdade, o que estamos fazendo aqui?

Balekin faz uma careta e considero a possibilidade de o ferreiro não estar com Orlagh, afinal. Talvez tenha desaparecido depois de fazer o melhor possível para nos jogar uns contra os outros.

— Você roubou a coroa de mim — acusa ele.

— Verdade — admito. — E vou entregá-la a você, mas não por nada.

— Eu não posso mentir, mortal. Se disser que vou dar o antídoto, eu vou dar. Minha palavra basta.

Olho para ele com minha melhor expressão de desprezo.

— Todo mundo sabe que deve tomar cuidado ao barganhar com feéricos. Vocês enganam a cada respiração. Se você tem mesmo o antídoto, qual é o mal de deixar eu me envenenar? Achei que seria um prazer para você.

Balekin me olha com atenção. Imagino que esteja com raiva por eu não estar enfeitiçada. Ele deve ter precisado improvisar quando tirei Cardan da sala do trono. Estava com o antídoto pronto o tempo todo? Achou que poderia convencer Cardan a coroá-lo? Foi tão arrogante a ponto de acreditar que o Conselho não se oporia?

— Muito bem — cede ele. — Uma dose de antídoto para você e o resto para Cardan.

Abro o frasco que ele me deu e viro na boca, bebendo todo o conteúdo com uma careta pronunciada. Estou com raiva de novo por pensar no quanto fiz mal a mim mesma tomando pequenas doses de veneno. Por nada.

— Está sentindo a baga-fantasma no sangue? Vai funcionar bem mais rápido em você do que em nós. E você tomou uma dose tão grande. — Ele me observa com uma expressão tão intensa que percebo que deseja poder me deixar morrer. Se fosse capaz de dar uma desculpa para se afastar agora, ele faria isso. Por um momento, acho possível que faça exatamente isso.

Mas ele vem até mim e abre o frasco que está em sua mão.

— Não ache que vou botar na sua mão — diz ele. — Abra a boca como um passarinho, e vou derramar a dose. E aí você vai me dar a coroa.

Abro a boca obedientemente e deixo que ele derrube a substância densa, amarga e com textura de mel na minha língua. Eu me afasto, abro distância entre nós e cuido para estar mais perto da entrada do palácio.

— Satisfeita? — pergunta ele.

Cuspo o antídoto no frasco de vidro que ele tinha me dado, o que antes continha baga-fantasma, mas que, até alguns segundo atrás, estava cheio só de água.

— O que você está fazendo? — questiona Balekin.

Coloco a rolha de volta e jogo o frasco para Bomba, que pega com habilidade. Ela some em seguida, deixando o Embaixador do Reino Submarino me olhando, boquiaberto.

— O que você fez? — pergunta ele.

— Eu te enganei. Um pouco de distração. Joguei seu veneno fora e lavei o frasco. Como você vive esquecendo, eu cresci aqui e também sou um perigo nas barganhas… e como você pode ver, eu *posso* mentir. E como você me lembrou tanto tempo atrás, meu tempo é curto.

Ele puxa a espada ao lado do corpo. É uma lâmina fina e comprida. Acho que não é a mesma que ele usou para lutar com Cardan no quarto na torre, mas poderia ser.

— Estamos em público — lembro a ele. — E ainda sou a senescal do Grande Rei.

Ele olha ao redor e vê os outros cortesãos ali perto.

— Nos deixem — grita. Uma coisa que não me ocorreu que alguém poderia fazer, mas Balekin está acostumado a ser príncipe. Ele está acostumado a ser obedecido.

E os cortesãos realmente parecem sumir nas sombras, esvaziando o local para o tipo de duelo que não deveríamos ter. Enfio a mão no bolso e pego o cabo de uma faca. O alcance não chega nem perto de uma espada. Como Madoc me explicou mais de uma vez: *Uma espada é uma arma de guerra, uma adaga é uma arma de assassinato*. Eu prefiro ter a faca a estar desarmada, mas, mais do que tudo, queria ter Cair da Noite.

— Está sugerindo um duelo? — pergunto. — Você não ia querer a desonra por eu estar em tamanha desvantagem nas armas.

— Você espera que eu acredite que você tem honra? — zomba ele, o que, infelizmente, é um ponto justo. — Você é uma covarde. Uma covarde como o homem que a criou.

Ele dá um passo na minha direção, pronto para me atacar, quer eu tenha arma ou não.

— Madoc? — Eu puxo a faca. Não é pequena, mas ainda tem menos da metade do tamanho da lâmina que ele aponta para mim.

— Foi ideia de Madoc atacarmos durante a coroação. De acordo com o plano dele, quando Dain estivesse fora do caminho, Eldred veria claramente que tinha que colocar a coroa na minha cabeça. O plano foi todo dele, mas ele continuou sendo Grande General enquanto eu fui para a Torre do Esquecimento. E Madoc levantou um dedo para me ajudar? Não. Curvou a cabeça ao meu irmão, que ele despreza. E você é como ele, disposta a suplicar e rastejar e se rebaixar a qualquer um se for um meio de obter poder.

Duvido que colocar outra pessoa no trono fosse parte do verdadeiro plano de Madoc, ainda que ele tenha permitido que Balekin acreditasse nisso, mas isso não faz com que as palavras machuquem menos. Eu passei a vida me

minimizando na esperança de encontrar um lugar aceitável em Elfhame e, quando dei o maior e mais grandioso golpe imaginável, tive que esconder minhas habilidades mais do que nunca.

— Não — respondo. — Não é verdade.

Ele parece surpreso. Mesmo na Torre do Esquecimento, quando ele era prisioneiro, eu *deixei* Vulciber me bater. No Reino Submarino, fingi não ter dignidade nenhuma. Por que ele deveria achar que eu me vejo de forma diferente do que ele vê?

— Foi você quem curvou a cabeça a Orlagh em vez de ao seu próprio irmão — lembro. — Você é o covarde e traidor. Assassino da própria família. Mas, o pior de tudo, você é um tolo.

Ele mostra os dentes quando parte para cima de mim, e eu, que estava fingindo subserviência, me lembro do meu talento mais problemático: irritar os feéricos.

— Vá em frente — diz ele. — Corra como a covarde que você é.

Dou um passo para trás.

Mate o príncipe Balekin. Penso nas palavras de Dulcamara, mas não escuto sua voz. Escuto a minha, rouca de água do mar, apavorada e com frio e sozinha.

As palavras de Madoc de muito tempo atrás voltam a mim. *O que é uma luta se não um jogo de estratégia jogado em velocidade?*

O objetivo de uma luta não é fazer bonito; é vencer.

Estou em desvantagem contra uma espada, uma desvantagem enorme. E ainda estou fraca do meu aprisionamento no Reino Submarino. Balekin pode esperar e levar o tempo que quiser, porque não tenho como passar pela lâmina. Ele vai acabar comigo aos poucos, corte a corte. Minha melhor aposta é diminuir a distância rápido. Preciso passar pela guarda dele, mas não tenho o luxo de avaliá-lo antes disso. Vou ter que correr para cima de Balekin.

Tenho uma chance de acertar.

Minha pulsação troveja nos meus ouvidos.

Ele pula para cima de mim e bato com a faca na base de sua espada com a mão direita, pego o antebraço com a esquerda e giro, para desarmá-lo. Ele faz força para se soltar da minha mão. Levo a faca na direção do pescoço de Balekin.

— Espere — grita ele. — Eu me ren…

Sangue arterial jorra nos meus braços, na grama. Brilha na minha faca. Balekin cai estatelado no chão.

Acontece muito rápido.

Acontece rápido demais.

Quero ter alguma reação. Quero tremer ou sentir náusea. Quero ser a pessoa que começa a chorar. Quero ser qualquer pessoa, menos a que sou, que olha em volta para ter certeza de que ninguém viu, que limpa a faca na terra, limpa a mão na roupa do morto e sai de lá antes que os guardas cheguem.

Você é uma boa assassina, disse Dulcamara.

Quando olho para trás, os olhos de Balekin ainda estão abertos, encarando o nada.



Cardan está sentado no sofá. O balde sumiu e Bomba também.

Ele me olha com um sorriso preguiçoso.

— Seu vestido. Você está com ele de novo.

Olho para ele sem entender. As consequências do que acabei de fazer, inclusive ter que contar a Cardan, são difíceis de superar. Mas o vestido que estou usando é o mesmo de antes, o que tirei da noz da Mãe Marrow. Tem sangue em uma manga agora, mas, de resto, está igual.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não sei? — responde ele, intrigado. — Aconteceu? Fiz o favor que você pediu. Seu pai está seguro?

Favor?

Meu pai?

Madoc. Claro. Madoc me ameaçou, Madoc repugna Cardan. Mas o que ele fez e o que tem a ver com vestidos?

— Cardan — começo, tentando ficar o mais calma que consigo. Vou até o sofá e me sento. Não é um sofá pequeno, mas as pernas compridas dele estão para cima, cobertas por um cobertor e apoiadas em almofadas. Por mais longe que eu me sente de Cardan, ainda parece perto. — Você tem que me contar o que aconteceu. Não venho aqui há uma hora.

Ele faz uma expressão perturbada.

— Bomba veio com o antídoto. Disse que você viria logo em seguida. Eu ainda estava tonto, mas aí um guarda veio e disse que havia uma emergência. Ela foi ver. E aí *você* entrou, como ela falou que entraria. Você disse que tinha um plano…

Ele me olha, como se esperando que eu conte o resto da história, a parte de que me lembro. Mas claro que não falo nada.

Depois de um momento, Cardan fecha os olhos e balança a cabeça.

— Taryn.

— Não estou entendendo — respondo, porque não quero entender.

— O plano era que seu pai ia pegar metade do exército, mas, para trabalhar independentemente, ele precisava estar livre dos votos à Coroa. Você estava com um dos seus gibões, um daqueles que você sempre usa. E uns brincos estranhos. Uma lua e uma estrela. — Ele balança a cabeça.

Um arrepio percorre meu corpo.

Quando crianças no mundo mortal, Taryn e eu trocávamos de lugar para pregar peças em nossa mãe. Até no Reino das Fadas às vezes fingíamos ser a outra para ver o que conseguíamos. Um professor conseguiria perceber a diferença? Oriana? Madoc? Oak? E o grande e poderoso príncipe Cardan?

— Mas o que ela fez para você concordar? — pergunto. — Ela não tem poder. Pode fingir ser eu, mas não pode forçar…

Ele segura a cabeça com a mão de dedos longos.

— Ela não precisou me dar uma ordem, Jude. Não precisou usar magia. Eu confio em você. Confiei em você.

E eu confiei em Taryn.

Enquanto eu estava matando Balekin, enquanto Cardan estava envenenado e desorientado, Madoc fez sua grande jogada contra a Coroa. Contra mim. E fez isso com a filha Taryn ao lado.

CAPÍTULO
29

O Grande Rei é levado para seus aposentos para poder descansar. Jogo o vestido sujo de sangue no fogo, visto um roupão e planejo. Se nenhum dos cortesãos tiver visto meu rosto antes de Balekin os mandar embora, por eu estar usando a capa, talvez não tenha sido identificada. E, claro, posso mentir. Mas a questão de como evitar a culpa pelo assassinato do Embaixador do Reino Submarino é pequena perto da questão do que fazer com Madoc.

Sem metade do exército, que foi embora com o general, se Orlagh decidir atacar, não tenho ideia de como revidar. Cardan vai precisar escolher outro Grande General, e rápido.

E vai precisar informar as cortes inferiores da deserção de Madoc, para garantir que ele não fale com a voz do Grande Rei. Deve haver uma forma de trazer Madoc de volta para a Grande Corte. Ele é orgulhoso, mas é prático. Talvez a resposta esteja em algo relacionado a Oak. Talvez eu deva tornar meu desejo de que meu irmão governe menos discreto. Estou pensando nisso tudo quando uma batida soa à minha porta.

Do lado de fora há uma mensageira, uma garota de pele lilás com trajes reais.

— O Grande Rei requer sua presença. Tenho que conduzi-la aos aposentos dele.

Respiro com irregularidade. Talvez ninguém tenha me visto, mas Cardan não tem como não saber. Ele sabe quem eu fui encontrar e como demorei para

voltar do encontro. Viu o sangue na minha manga. *Você controla o Grande Rei, não o inverso*, lembro a mim mesma, mas o lembrete parece vazio.

— Vou trocar de roupa — comunico.

A mensageira balança a cabeça.

— O rei deixou claro que eu tinha que pedir que você fosse imediatamente.

Quando chego aos aposentos reais, encontro Cardan sozinho, vestido de forma simples, sentado em uma cadeira parecida com um trono. Ele está abatido e seus olhos brilham demais, como se talvez ainda houvesse veneno em seu sangue.

— Por favor, sente-se.

Com cautela, é o que faço.

— Uma vez, você fez uma proposta. Agora, tenho outra para você. Me devolva minha força de vontade. Me devolva minha liberdade.

Inspiro fundo. Estou surpresa, mas acho que não deveria estar. Ninguém quer ficar sob o controle de outra pessoa, embora o equilíbrio de poder entre nós, no meu ponto de vista, tenha oscilado entre um e outro, apesar da promessa de Cardan. O fato de eu controlá-lo sempre pareceu o mesmo que equilibrar uma faca pela ponta, quase impossível e provavelmente perigoso. Ainda assim, abrir mão disso seria abrir mão de qualquer coisa perto de poder. Seria abrir mão de *tudo*.

— Você sabe que não vou fazer isso.

Ele não parece particularmente abalado pela minha recusa.

— Escute. O que você quer de mim é obediência por mais de um ano e um dia. Mais da metade do seu tempo já passou. Você está pronta para colocar Oak no trono?

Não falo por um momento, torcendo para ele achar que a pergunta é retórica. Quando fica claro que não é esse o caso, eu balanço a cabeça.

— E você pensou em estender minha promessa. Como estava planejando fazer isso?

Mais uma vez, não tenho resposta. Não uma boa.

É a vez dele de sorrir.

— Você achou que eu não tinha nada para barganhar.

Subestimá-lo é um problema que já tive e temo que terei novamente.

— Que barganha é possível? — pergunto. — Quando o que eu quero é que você faça a promessa de novo, ao menos por mais um ano, ou uma década, e você quer que eu abra mão da promessa completamente?

— Seu pai e sua irmã me enganaram — diz Cardan. — Se Taryn tivesse me dado uma ordem, eu saberia que não era você. Mas eu estava doente e cansado e não queria dizer não para você. Eu nem perguntei o motivo, Jude. Queria mostrar que você podia confiar em mim, que não precisava me dar ordens para que eu fizesse as coisas. Eu queria mostrar que acreditava que você tinha pensado em tudo. Mas não é assim que se governa. E não é confiança de verdade se alguém pode te mandar fazer, de qualquer jeito.

"O Reino das Fadas sofreu conosco um no pescoço do outro. Você tentou me obrigar a fazer o que achava que precisava ser feito e, se discordávamos, só podíamos manipular um ao outro. Isso não era trabalhar, mas simplesmente aceitar não é a solução. Nós não podemos continuar assim. Hoje tivemos uma prova disso. Eu preciso tomar minhas próprias decisões."

— Você disse que não se importava de ouvir minhas ordens. — É uma tentativa pífia de humor e ele não sorri.

Cardan afasta o olhar, como se não conseguisse me encarar.

— Mais um motivo para não me permitir esse luxo. Você me tornou Grande Rei, Jude. Deixe eu *ser* o Grande Rei.

Cruzo os braços de forma protetora sobre o peito.

— E eu serei o quê? Sua serva? — Odeio o fato de esse discurso fazer sentido, porque não tem como eu dar o que ele está pedindo. Não posso me afastar, não com Madoc por aí, não com tantas ameaças. Mas não consigo deixar de lembrar o que Bomba disse sobre Cardan não saber invocar sua conexão com a terra. Nem o que Barata falou, sobre Cardan se ver como um espião fingindo ser monarca.

— Case comigo — diz ele. — Se torne a Rainha de Elfhame.

Sinto um choque frio pelo corpo, como se alguém tivesse contado uma piada cruel e eu fosse o alvo. Como se alguém tivesse olhado no meu coração e visto o desejo mais ridículo e mais infantil lá dentro e usado contra mim.

— Mas você não pode.

— Eu *posso*. Reis e rainhas não costumam se casar por motivos diferentes de aliança política, é verdade, mas vamos considerar essa união uma versão

disso. E se você fosse rainha, não precisaria da minha obediência. Poderia dar suas próprias ordens. E eu seria livre.

Não consigo deixar de pensar que há poucos meses eu lutava por um lugar na corte. Torci tão desesperadamente para ser cavaleira, mas nem isso consegui.

A ironia de ser Cardan, que insistia que o Reino das Fadas não era meu lugar, que está me oferecendo *isso* torna tudo mais chocante.

Ele continua.

— Além do mais, nós não precisaríamos ficar casados para sempre. Casamentos entre reis e rainhas precisam durar pelo tempo do reinado, mas, no nosso caso, não é tanto tempo. Só até Oak ter idade para governar, supondo que ele queira. Você poderia ter tudo que quer pelo preço de apenas me libertar da minha promessa de obediência.

Meu coração está batendo tão forte que tenho medo de que pare.

— Você está falando sério? — pergunto.

— Claro que estou. E estou sendo sincero.

Procuro o truque, porque deve ser uma das barganhas feéricas que parecem uma coisa, mas acabam sendo outra bem diferente.

— Me deixe adivinhar: você quer que eu te libere da promessa pela promessa de se casar comigo? Mas aí o casamento vai acontecer no dia de são nunca, quando a lua subir no oeste e a maré subir para trás.

Ele balança a cabeça, rindo.

— Se aceitar, eu me caso com você hoje. Agora, até. Aqui. Nós trocamos votos e está feito. Não é um casamento mortal que precisa ter celebrante e testemunhas. Eu não posso mentir. Não posso negar você.

— Não vai demorar para sua promessa acabar — lembro, porque a ideia de aceitar o que ele está oferecendo, a ideia de que eu poderia não só ser parte da corte, mas líder dela, é tão tentadora que é difícil não aceitar imediatamente, sejam quais forem as consequências. — Passar mais alguns meses amarrado a mim não pode ser tão difícil a ponto de você querer se amarrar por anos.

— Como falei antes, muita coisa pode acontecer em um ano e um dia. Muita coisa aconteceu em metade desse tempo.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto tento pensar. Pelos últimos sete meses, a questão do que aconteceria depois de um ano e um dia

me assombrou. A proposta de Cardan é uma *solução*, mas não parece nem um pouco prática. É uma fantasia absurda, imaginada enquanto descanso em um vale úmido, constrangedora demais para eu confessar até para a minha irmã.

Garotas mortais não se tornam rainhas do Reino das Fadas.

Imagino como seria ter minha própria coroa, meu poder. Talvez eu não precisasse sentir medo de amá-lo. Talvez fosse possível. Talvez eu não precisasse temer todas as coisas que me deram medo a vida toda, ser diminuída e fraca e inferior. Talvez eu me tornasse um pouco mágica.

— Sim — respondo, mas minha voz falha. Sai como ar. — Sim.

Ele se inclina para a frente na cadeira, as sobrancelhas erguidas, mas não com a postura arrogante de sempre. Não consigo interpretar a expressão dele.

— Com o que você está concordando?

— Tudo bem — digo. — Eu aceito. Vou me casar com você.

Ele abre um sorriso malicioso.

— Eu não achei que seria um sacrifício tão grande.

Frustrada, eu me sento no sofá.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Casamento com o Grande Rei de Elfhame é considerado um prêmio, uma honra da qual poucas são dignas.

A sinceridade dele não podia mesmo durar muito. Reviro os olhos, agradecida por Cardan estar agindo como ele mesmo de novo, para eu poder fingir melhor não estar maravilhada com o que está prestes a acontecer.

— E o que a gente faz?

Penso no casamento de Taryn e na parte da cerimônia que não testemunhamos. Penso no casamento da minha mãe, nos votos que ela deve ter feito com Madoc, e um arrepio me percorre, que espero não ter nada a ver com premonição.

— É simples — explica ele, chegando para a beirada da cadeira. — Nós juramos lealdade, eu primeiro. A menos que você prefira esperar. Talvez tenha imaginado algo mais romântico.

— Não — respondo rapidamente, sem querer admitir que imaginei qualquer coisa relacionada a casamento.

Ele tira meu anel de rubi do dedo.

— Eu, Cardan, filho de Eldred, Grande Rei de Elfhame, aceito você, Jude Duarte, filha mortal adotiva de Madoc, como minha esposa e minha rainha. Que fiquemos casados enquanto desejarmos e até que a coroa tenha saído das nossas mãos.

Enquanto ele fala, eu começo a tremer com um sentimento que oscila entre esperança e medo. As palavras que Cardan está dizendo são tão sérias que são surreais, principalmente ali, nos antigos aposentos de Eldred. O tempo parece se prolongar. Acima de nós, os galhos começam a florescer, como se a própria terra ouvisse as palavras que ele falou.

Cardan pega a minha mão e coloca o anel. Fico surpresa; a troca de anéis não é um ritual feérico.

— Sua vez — diz ele no silêncio. Então abre um sorriso. — Estou confiando que você vai cumprir sua palavra e me libertar do meu laço de obediência depois disso.

Sorrio, o que talvez compense a forma como fiquei paralisada quando ele acabou de falar. Ainda não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Minha mão aperta a dele enquanto falo.

— Eu, Jude Duarte, aceito Cardan, Grande Rei de Elfhame, como meu marido. Que fiquemos casados enquanto desejarmos e até que a coroa tenha saído das nossas mãos.

Cardan beija a cicatriz na palma da minha mão.

Ainda estou com o sangue do irmão dele embaixo das unhas.

Não tenho anel para ele.

Acima de nós, os brotos estão se abrindo. O quarto todo está com cheiro de flores.

Eu recuo e falo novamente, afastando todos os pensamentos de Balekin, do futuro no qual vou ter que contar a ele o que fiz.

— Cardan, filho de Eldred, Grande Rei de Elfhame, eu abro mão de qualquer controle sobre você. Você está livre do seu voto de obediência, agora e para sempre.

Ele solta o ar e se levanta, um pouco instável. Não consigo colocar na cabeça a ideia de que sou… Não consigo nem pensar nas palavras. Aconteceu muita coisa esta noite.

— Parece que você nem descansou direito. — Eu me levanto para garantir que, se Cardan cair, eu posso segurá-lo antes que ele bata no chão, apesar de não estar me sentindo tão segura.

— Vou me deitar — responde ele, deixando que eu o guie na direção da cama enorme. Quando chegamos lá, ele não solta minha mão. — Se você se deitar comigo.

Sem motivo para protestar, eu me deito, a sensação de irrealidade aumentando. Enquanto me acomodo na colcha bordada, percebo que encontrei uma coisa bem mais profana do que me deitar na cama do Grande Rei, bem mais profana do que enfiar o anel de Cardan no meu dedo ou mesmo do que me sentar no trono em si.

Eu me tornei Rainha do Reino das Fadas.



Trocamos beijos no escuro, tomados de exaustão. Não espero dormir, mas durmo, meus membros emaranhados com os dele, o primeiro sono realmente relaxado que tenho desde que voltei do Reino Submarino. Quando acordo, é com uma batida na porta.

Cardan já está de pé, brincando com o frasco de argila que Bomba trouxe, jogando-o de uma mão para outra. Ainda está vestido, as roupas amassadas só conferindo a ele um ar de dispersão. Puxo o roupão em volta do corpo. Estou constrangida por estar compartilhando a cama do Grande Rei de forma tão óbvia.

— Vossa Majestade — começa o mensageiro, um cavaleiro. — Seu irmão está morto. Houve um duelo, pelo que pudemos determinar.

— Ah.

— E a Rainha Submarina. — A voz do cavaleiro treme. — Ela está aqui, exigindo justiça pelo embaixador.

— Tenho certeza de que está mesmo. — A voz de Cardan soa seca. — Bom, não podemos deixá-la esperando. Você. Qual é seu nome?

O cavaleiro hesita.

— Rannoch, Vossa Majestade.

— Sir Rannoch, reúna um grupo de cavaleiros para me escoltar até o mar. Esperem no pátio.

— Mas o general… — começa ele.

— Não está aqui agora — conclui Cardan por ele.

— Pode deixar — assente o cavaleiro. Ouço a porta fechar e Cardan se vira, a expressão arrogante.

— Bom, esposa — diz ele para mim, a voz gelada. — Parece que você guardou um segredo do seu noivo. Venha, precisamos nos vestir para nossa primeira audiência juntos.

Meu coração despenca, mas não há tempo para explicar e também não há uma boa explicação.

Tenho que correr até meus aposentos de roupão. No meu quarto, pego a espada e visto meus veludos, o tempo todo imaginando o que vai significar ter esse novo status e o que Cardan vai fazer agora que não está mais sendo controlado.

CAPÍTULO
30

Orlagh nos espera no mar agitado, acompanhada da filha e de um grupo de cavaleiros montados em focas e tubarões e em todo tipo de criaturas marinhas de dentes afiados. Ela está sentada em uma orca e está vestida como alguém pronta para a batalha. A pele está coberta de escamas prateadas brilhantes que parecem metálicas e, ao mesmo tempo, que cresceram na pele. Um elmo de osso e dentes esconde o cabelo.

Nicasia está a seu lado, em um tubarão. Não está de cauda hoje, as pernas compridas cobertas por uma armadura de conchas.

Na beira da praia toda há amontoados de algas, levadas para a terra como se por uma tempestade. Acho que vejo outras coisas na água. As costas de uma criatura grande nadando embaixo das ondas. O cabelo de mortais afogados, balançando como plantas. As forças do Reino Submarino são maiores do que parecem ao primeiro olhar.

— Onde está meu embaixador? — pergunta Orlagh. — Onde está seu irmão?

Cardan está no corcel cinza, de roupas pretas e uma capa escarlate. A seu lado, há 24 cavaleiros montados, além de Mikkel e Nihuar. No caminho, eles tentaram entender o que Cardan tinha planejado, mas o Grande Rei escondeu bem as decisões que tomou deles e, mais perturbadoramente, de mim. Desde que soube da morte de Balekin, ele disse pouco e evitou olhar em minha direção. Meu estômago está embrulhado de ansiedade.

Cardan olha para Orlagh com uma frieza que sei por experiência que vem de fúria ou de medo. Nesse caso, possivelmente dos dois.

— Como você sabe bem, ele está morto.

— Era sua responsabilidade mantê-lo protegido — diz ela.

— Era? — pergunta Cardan com surpresa exagerada, levando a mão ao peito. — Achei que minha obrigação era não agir contra ele, mas não impedir as consequências dos riscos que ele mesmo escolhia correr. Balekin participou de um duelo, pelo que soube. Duelos, como sei que você sabe, são perigosos. Mas eu não o matei nem encorajei que matassem. Na verdade, até *des*encorajei.

Tento não deixar nada do que estou sentindo transparecer no rosto.

Orlagh se inclina para a frente como se sentisse sangue na água.

— Você não pode permitir esse tipo de desobediência.

Cardan dá de ombros com indiferença.

— Talvez.

Mikkel se mexe no cavalo. Ele está incomodado pelo jeito como Cardan está falando, com descuido, como se eles estivessem tendo apenas uma conversa amigável e Orlagh não tivesse ido lá para arrancar o poder dele, para enfraquecer seu reinado. Se ela ficasse sabendo que Madoc foi embora, talvez atacasse imediatamente.

Ao olhar para Orlagh agora, ao olhar para a expressão de desprezo de Nicasia e para os olhos estranhos e úmidos de sereianos e sereias, sinto-me impotente. Abri mão de dar ordens a Cardan e, em troca, ganhei sua promessa de casamento. Mas, sem ninguém saber, não parece que aconteceu.

— Estou aqui para exigir justiça. Balekin era meu embaixador, e se você não o considera sob sua proteção, eu o considero sob a minha. Você tem que dar a assassina dele para o mar, onde ela não terá perdão. Nos dê sua senescal, Jude Duarte.

Por um momento, sinto que não consigo respirar. Parece que estou me afogando de novo.

Cardan ergue as sobrancelhas. A voz permanece leve.

— Mas ela acabou de voltar do mar.

— Então você não contesta o crime? — pergunta Orlagh.

— Por que deveria? — retruca Cardan. — Se foi com Jude que Balekin duelou, tenho certeza de que ela venceria; meu irmão se achava especialista

com a espada, um grande exagero de suas habilidades. Mas quem tem que puni-la ou não sou eu, como achar adequado.

Odeio ouvir falarem de mim como se eu não estivesse *bem ali*, eu tendo a promessa de lealdade de Cardan. Mas a rainha dele matar um embaixador realmente parece um problema político pior.

Orlagh não olha para mim. Duvido que se importe com qualquer coisa, mas Cardan abriu mão de muito pela minha volta e, ao me ameaçar, ela acredita que pode conseguir mais.

— Rei da terra, eu não vim lutar com sua língua ferina. Meu sangue é frio e prefiro lâminas. Houve uma época em que o considerei um companheiro para minha filha, a coisa mais preciosa do mar. Ela teria trazido a verdadeira paz para nós.

Cardan olha para Nicasia, e, embora Orlagh deixe uma abertura, por um longo momento ele não fala. E, quando fala, só diz:

— Como você, não tenho talento para o perdão.

Algo na postura da rainha Orlagh muda.

— Se é guerra que você quer, não é muito sábio da sua parte declará-la em uma ilha. — Ao redor da Rainha Submarina, as ondas ficam mais violentas, a espuma nas cristas, maior. Redemoinhos surgem perto da terra, pequenos, fundos, girando até sumirem e formarem novos.

— Guerra? — Ele olha para ela como se Orlagh tivesse falado algo especialmente intrigante e irritante. — Você quer mesmo que eu acredite que você quer lutar? *Você* está *me* desafiando para um duelo?

Ele está provocando-a, mas não consigo imaginar com que finalidade.

— E se estivesse? E aí, garoto?

O sorriso que curva os lábios de Cardan é voluptuoso.

— Abaixo de cada pedaço do seu mar tem terra. Terra agitada, vulcânica. Se você vier contra mim, vou mostrar o que este garoto é capaz de fazer, minha lady.

Ele estica a mão e algo parece subir até a superfície da água ao nosso redor, como sujeira pálida. Areia. Areia flutuando.

E em volta de toda corte do Reino Submarino, a água começa a se agitar.

Olho para Cardan na esperança de chamar sua atenção, mas ele está concentrado. Seja qual for a magia que está fazendo, foi isso que Baphen quis

dizer quando falou que o Grande Rei estava conectado à terra, que era o coração batendo e a estrela na qual o futuro de Elfhame estava escrito. Isso é poder. E ver Cardan usá-lo é entender o quanto ele não é humano, o quanto se transformou, o quanto está fora do meu controle.

— Pare! — grita Orlagh quando a agitação vira fervura.

Uma área do mar borbulha e se agita enquanto os feéricos do Reino Submarino gritam e se debatem, nadando para longe. Várias focas sobem nas pedras negras perto da terra, falando umas com as outras na língua delas.

O tubarão de Nicasia é virado de lado e ela mergulha na água.

Um vapor quente sobe das ondas. Uma nuvem branca enorme surge na minha frente. Quando some, vejo que tem nova terra surgindo das profundezas, as pedras quentes esfriando enquanto olhamos.

Com Nicasia ajoelhada na ilha crescente, sua expressão é de surpresa e terror.

— Cardan? — chama ela.

Um dos cantos da boca do Grande Rei está curvado para cima em um sorrisinho, mas o olhar está desfocado. Ele acreditava que precisava convencer Orlagh de que não era impotente.

Agora, vejo que elaborou uma forma de fazer isso. Assim como elaborou um plano para se livrar do meu controle.

Durante meu mês no Reino Submarino, ele mudou. Começou a arquitetar planos. E se tornou perturbadoramente eficiente nisso.

Estou com esse pensamento em mente quando vejo grama crescer entre os dedos dos pés de Nicasia e flores do campo surgirem em todas as colinas que crescem, quando reparo nas árvores e juncos subindo, quando o tronco de uma árvore começa a se formar em volta do corpo de Nicasia.

— Cardan! — grita ela enquanto o tronco a envolve, se fechando na cintura.

— O que você está fazendo?! — berra Orlagh enquanto o tronco sobe mais, enquanto galhos se desdobram, enchendo-se de folhas e flores cheirosas. Pétalas voam nas ondas.

— Você vai inundar a terra agora? — pergunta Cardan a Orlagh com perfeita calma, como se não tivesse acabado de fazer uma quarta ilha surgir do mar. — Vai mandar a água salgada destruir as raízes das nossas árvores e tornar

nossos rios e lagos salobros? Vai afogar nossas bagas e enviar seus sereianos para cortar nossa garganta e roubar nossas rosas? Vai fazer isso ainda que signifique que sua filha vai sofrer o mesmo? Venha, eu a desafio.

— Solte Nicasia — pede Orlagh, a derrota pesando na voz.

— Eu sou o Grande Rei de Elfhame — lembra Cardan. — E não gosto de receber ordens. Você atacou a terra. Roubou minha senescal e libertou meu irmão, que estava aprisionado pelo assassinato de nosso pai, Eldred, com quem você tinha aliança. Houve uma época em que respeitávamos o território um do outro.

— Eu permiti desrespeito demais da sua parte, e você exagerou na reação.

— Agora, Rainha do Reino Submarino, vamos ter uma trégua como você tinha com Eldred, como teve com Mab. Vamos ter uma trégua ou vamos ter guerra, e, se lutarmos, não vou ter misericórdia. Nada nem ninguém que você ama vai estar em segurança.

Orlagh faz uma pausa e eu inspiro, sem saber o que virá em seguida.

— Muito bem, Grande Rei. Que tenhamos uma aliança. Liberte minha filha e partiremos.

Eu expiro. Ele foi sábio de forçar a situação, apesar de ter sido apavorante. Afinal, se descobrisse sobre Madoc, ela talvez tentasse usar essa vantagem. Melhor levar o momento ao limite.

Deu certo. Olho para baixo para esconder meu sorriso.

— Deixe Nicasia ficar e ser sua embaixadora no lugar de Balekin — diz Cardan. — Ela cresceu nessas ilhas e muitos dos que a amam estão aqui.

Isso arranca o sorriso da minha cara. Na nova ilha, o tronco está se afastando da pele de Nicasia. Eu me pergunto o que ele está tramando ao trazê-la de volta a Elfhame. Com ela, é inevitável que venham problemas junto.

Mas pode ser o tipo de problema que ele deseja.

— Se ela quiser ficar, permitirei. Está satisfeito? — pergunta Orlagh.

Cardan inclina a cabeça.

— Estou. Não vou ser manipulado pelo mar, por mais grandiosa que seja sua rainha. Como Grande Rei, tenho que liderar. Mas também preciso ser justo.

Aqui, ele pausa. E se vira para mim.

— E hoje, vou executar justiça. Jude Duarte, você nega que matou o príncipe Balekin, Embaixador do Reino Submarino e irmão do Grande Rei?

Não sei bem o que ele quer que eu diga. Ajudaria se eu negasse? Se sim, ele não me colocaria nessa posição, uma posição que deixa claro que ele acredita que matei Balekin. Cardan sempre teve um plano. Só posso confiar nele agora.

— Não nego que tivemos um duelo e que venci — declaro, minha voz saindo mais incerta do que eu gostaria.

Todos os olhos feéricos estão em mim e, por um momento, enquanto encaro seus rostos sem misericórdia, sinto a ausência de Madoc. O sorriso de Orlagh está cheio de dentes afiados.

— Ouça meu julgamento — continua Cardan, a autoridade ecoando na voz. — Eu exilo Jude Duarte ao mundo mortal. Até e só se ela for perdoada pela Coroa, que não bote um pé no Reino das Fadas para não perder a vida.

Eu me sobressalto.

— Você não pode fazer isso!

Ele me encara por um longo momento, mas seu olhar está brando, como se estivesse esperando que eu aceitasse bem o exílio. Como se eu não fosse mais do que uma de suas suplicantes. Como se eu não fosse nada.

— Claro que posso — responde.

— Mas eu sou a Rainha do Reino das Fadas — grito, e por um momento há silêncio. Mas então todos ao redor começam a rir.

Sinto minhas bochechas ficarem quentes. Lágrimas de frustração e fúria fazem meus olhos arderem quando, um momento depois, Cardan ri junto.

Naquele momento, cavaleiros fecham as mãos nos meus pulsos. Sir Rannoch me tira do cavalo. Por um momento louco, penso em lutar contra ele, como se não houvesse duas dezenas de cavaleiros em volta.

— Negue, então — eu grito. — Negue!

Ele não pode, claro, e não fala nada. Nossos olhares se encontram, e o sorriso estranho em seu rosto é claramente para mim. Eu lembro como era odiá-lo com o coração todo, mas lembrei tarde demais.

— Venha comigo, minha lady — diz Sir Rannoch, e não há nada que eu possa fazer além de ir.

Ainda assim, não resisto a olhar para trás. Quando faço isso, Cardan está dando o primeiro passo na nova ilha. Ele parece o governante que seu pai era,

o monstro que o irmão queria que se tornasse. O cabelo preto soprando do rosto, a capa escarlate voando ao redor, os olhos refletindo o vazio cinzento do céu.

— Se Insweal é a Ilha do Sofrimento, Insmire é a Ilha do Poder e Insmoor é a Ilha de Pedra — diz ele, a voz se espalhando pelo novo pedaço de terra —, que esta seja Insear, a Ilha de Cinzas.

EPÍLOGO

Eu me deito no sofá de frente para a televisão. No meu colo, um prato de peixe empanado feito no micro-ondas está ficando frio. Na tela, um patinador de gelo de desenho animado está chateado. *Ele não é muito bom*, penso. *Ou talvez seja ótimo*. Sempre esqueço de ler a legenda.

É difícil me concentrar em qualquer coisa atualmente.

Vivi entra na sala e senta no sofá.

— Heather não responde as minhas mensagens — diz ela.

Apareci na porta de Vivi há uma semana, exausta, meus olhos vermelhos de tanto chorar. Rannoch e seu grupo me levaram pelo céu em um de seus cavalos e me largaram em uma rua qualquer de uma cidade qualquer. Eu andei e andei até ficar com bolhas nos pés e começar a duvidar da minha capacidade de navegar pelas estrelas. Finalmente, cheguei em um posto de gasolina com um táxi reabastecendo e levei um susto ao lembrar que táxis existem. Àquela altura, eu já não ligava mais de não ter dinheiro algum nem de Vivi pagar o motorista com um punhado de folhas encantadas.

Mas eu não esperava chegar e descobrir que Heather tinha ido embora.

Quando ela e Vivi voltaram do Reino das Fadas, acho que ela tinha muitas perguntas. E teve *mais* perguntas, e finalmente Vivi admitiu que a tinha enfeitiçado. Foi quando tudo deu errado.

Vivi removeu o glamour e a namorada recuperou as lembranças. Então Heather saiu de casa.

Ela está dormindo na casa dos pais, mas Vivi tem esperança de que ela vá voltar. Algumas das coisas de Heather ainda estão aqui. Roupas. O cavalete de desenho. Um kit novo de tintas a óleo.

— Ela vai mandar uma mensagem quando estiver pronta — digo, apesar de não ter certeza se acredito nisso. — Só está tentando colocar a cabeça no lugar. — Não é porque estou amargurada com relacionamentos amorosos que todos precisam ficar também.

Por um tempo, ficamos sentadas no sofá juntas, vendo o patinador do desenho não conseguir fazer piruetas e se apaixonar perdidamente — e talvez de forma proibida — pelo treinador.

Em pouco tempo, Oak vai chegar da escola e vamos fingir que está tudo normal. Vou levá-lo ao bosque do condomínio e vamos treinar espada. Ele não se importa, mas para ele é só brincadeira, e não tenho coragem de assustá-lo para que encare o treino de espadas de forma diferente.

Vivi pega um pedaço de peixe empanado do meu prato e passa no ketchup.

— Por quanto tempo mais você vai ficar emburrada? Você estava exausta por ter ficado presa no Reino Submarino. Não estava em sua total capacidade. Ele te superou dessa vez. Acontece.

— Tá — é tudo que falo enquanto ela come minha comida.

— Se você não tivesse sido capturada, teria limpado o chão com o couro de Cardan.

Nem sei bem o que isso quer dizer, mas é bom de ouvir.

Ela se vira para mim com os olhos de gato, iguais aos do pai.

— Eu queria que você viesse para o mundo mortal. E agora você está aqui. Talvez você adore. Dê uma chance.

Eu assinto com indiferença.

— E se não amar — continua ela, erguendo uma sobrancelha —, pode sempre se juntar a Madoc.

— Não posso. Ele tentou e tentou me recrutar, mas eu sempre recusei. Esse navio já zarpou.

Ela dá de ombros.

— Ele não… tá, ele *ligaria*, sim. Faria você sofrer muito e tocaria no assunto de forma constrangedora em conselhos de guerras pelas próximas duas décadas. Mas te aceitaria.

Olho para ela com severidade.

— E depois? Trabalhar para colocar Oak no trono? Depois de tudo que fizemos para protegê-lo?

— Trabalhar para ferrar Cardan — diz Vivi com um brilho intenso nos olhos. Ela nunca foi muito misericordiosa.

Agora, fico feliz por isso.

— Como? — pergunto, mas a parte estratégica do meu cérebro está entrando lentamente em ação. Grimsen ainda está na jogada. Se ele podia fazer uma coroa para Balekin, o que poderia fazer para mim?

— Não sei, mas não se preocupe com isso ainda — responde Vivi, se levantando. — A vingança é doce, mas sorvete é mais. — Ela vai até o freezer e pega um pote de sorvete de menta com gotas de chocolate. Traz junto com duas colheres até o sofá. — Agora, aceite este prazer, por mais indigno que seja da Rainha Exilada do Reino das Fadas.

Sei que ela não quer debochar de mim, mas o título magoa mesmo assim. Eu pego a colher.

Você precisa ser forte o suficiente para golpear e golpear e golpear de novo sem se cansar. A primeira lição é ficar forte.

Comemos banhadas pela luz tremeluzente da tela. O celular de Vivi está silencioso na mesa de centro. Minha mente está em disparada.

AGRADECIMENTOS

Terminar o segundo livro desta série teria sido bem mais difícil sem o apoio, encorajamento e crítica de Sarah Rees Brennan, Leigh Bardugo, Steve Berman, Cassandra Clare, Maureen Johnson, Kelly Link e Robin Wasserman. Obrigada, minha equipe libertina!

Agradeço aos leitores que foram me ver em turnê e aos que fizeram contato para dizer o quanto gostaram de *O príncipe cruel* e por todas as artes dos personagens.

Um enorme agradecimento a todos da Little, Brown Books for Young Readers, que apoiaram minha imaginação esquisita. Agradeço especialmente à minha editora incrível, Alvina Ling, e a Kheryn Callender, Siena Koncsol, Victoria Stapleton, Jennifer McClelland-Smith, Emilie Polster, Allegra Green e Elena Yip, dentre outros. E, no Reino Unido, agradeço à Hot Key Books, particularmente a Jane Harris, Emma Matthewson e Tina Mories.

Agradeço a Joanna Volpe, Hilary Pecheone, Pouya Shahbazian e todo mundo da New Leaf Literary por tornarem as coisas difíceis mais fáceis.

Agradeço a Kathleen Jennings pelas ilustrações maravilhosas e evocativas.

Mais do que tudo, agradeço ao meu marido, Theo, por me ajudar a entender as histórias que quero contar, e ao nosso filho, Sebastian, por ser uma distração e uma inspiração ao mesmo tempo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

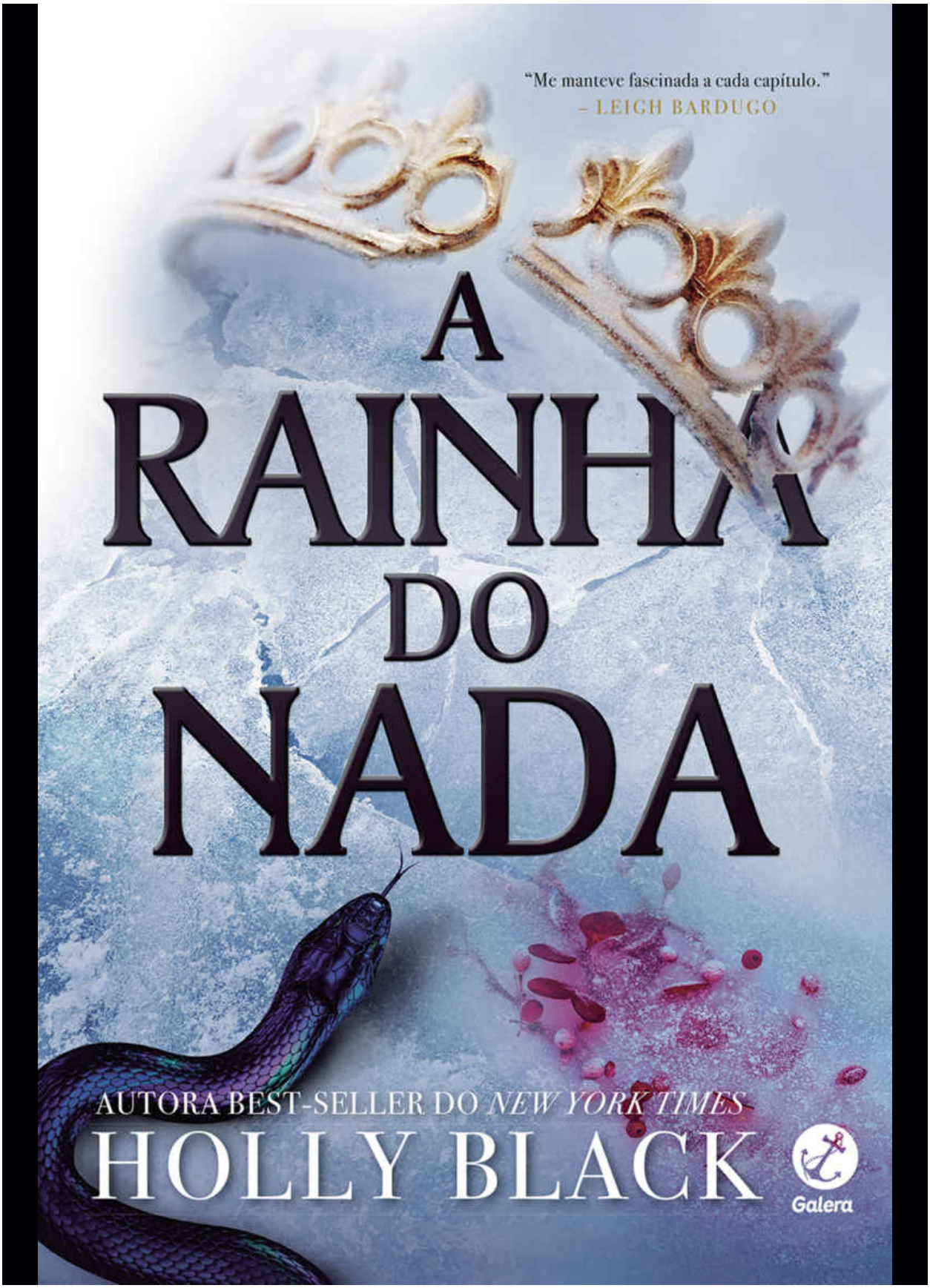
O rei perverso

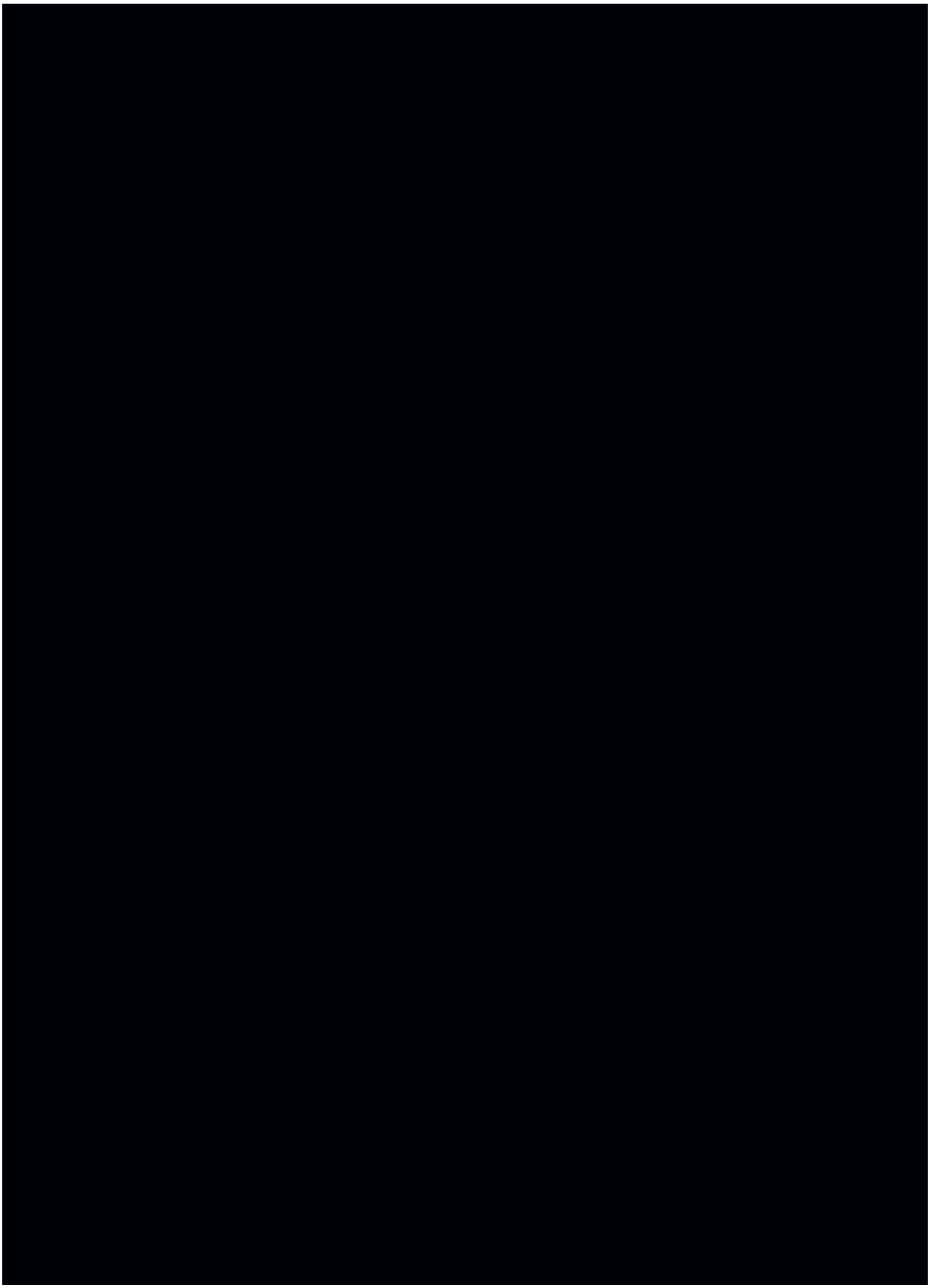
Site da autora:
https://blackholly.com/

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Holly_Black

Godreads da autora:
https://www.goodreads.com/author/list/25422.Holly_Black

Twitter da autora:
https://twitter.com/hollyblack


"Me manteve fascinada a cada capítulo."
– LEIGH BARDUGO
A RAINHA DO NADA
AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
HOLLY BLACK
Galera



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série* Magisterium, *com Cassandra Clare

A luva de cobre
A chave de bronze
A máscara de prata
A torre de ouro

***Série* O Povo do Ar**

O príncipe cruel
O rei perverso
A rainha do nada

Zumbis x unicórnios
O canto mais escuro da floresta


Map of
Crooked Forest
Locke's Estate
Palace of Ethame
INSMOOR
Milkwood
INSMIRE
Lake of Masks
Madoc's Stronghold
Hollow Hall


Map of the Shifting Isles of
ELFHAME
Crooked Forest
Locke's Estate
Tower of Forgetting
INSMOOR
INSWEAL
INSMIRE
Lake of Masks
Madoc's Stronghold
Hollow Hall

A RAINHA DO NADA

HOLLY BLACK

Tradução
Regiane Winarski

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Black, Holly
B562r A rainha do nada [recurso eletrônico] / Holly Black; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera, 2020.
recurso digital

Tradução de: The queen of nothing
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5587-173-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

20-67539 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com eventos, lugares ou pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original:
The queen of nothing

Copyright © 2020 Holly Black
Ilustrações de Kathleen Jennings

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-173-9

Seja um leitor preferencial Record
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Leigh Bardugo, que nunca me deixa sair impune.

SUMÁRIO

Livro um

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Livro dois

Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Epílogo

Agradecimentos

Livro um

E o Rei Elfo prometeu se casar
Com uma filha da Terra, cuja prole
Cruz e água vão abençoar,
Da maldição das fadas vão se livrar.
E se tal dia maldito existir!
Que não esteja por vir! Que não esteja por vir!

— Edmund Clarence Stedman, “Elfin Song”

PRÓLOGO

Baphen, o Astrólogo Real, apertou os olhos para ler o mapa astral e tentou não vacilar quando pareceu certo que o mais jovem príncipe de Elfhame estava prestes a cair de cabeça.

Uma semana depois do nascimento, o príncipe Cardan enfim seria apresentado ao Grande Rei. Os cinco herdeiros anteriores foram vistos imediatamente, ainda chorando e rosados, mas Lady Asha proibiu a visita do Grande Rei até se sentir adequadamente recuperada do parto.

O bebê era magro e enrugado, e encarava Eldred em silêncio, com olhos pretos. Agitava a cauda de chicote com tanta força que o cueiro ameaçava se rasgar. Lady Asha não sabia bem como aninhá-lo. Na verdade, ela o segurava como se tivesse esperanças de que alguém lhe tirasse o fardo em breve.

— Diga-nos seu futuro — pediu o Grande Rei. Havia poucas pessoas para testemunhar a apresentação do novo príncipe: o mortal Val Moren, ao mesmo tempo Poeta da Corte e Senescal, e dois membros do Conselho Vivo, Randalin, Ministro das Chaves, e Baphen. No salão vazio, as palavras do rei ecoaram.

Baphen hesitou, mas não podia fazer nada além de responder. Eldred fora favorecido com cinco filhos antes do príncipe Cardan, uma fecundidade chocante entre os feéricos, com o sangue fino e poucos nascimentos. As estrelas previram as realizações de cada pequeno príncipe e princesa; na poesia e na música, na política, na virtude e até no vício. Mas, daquela vez, o que tinha visto nas estrelas era completamente diferente.

— O príncipe Cardan será seu último filho — disse o Astrólogo Real. — Ele será a destruição da coroa e a ruína do trono.

Lady Asha inspirou fundo. Pela primeira vez, aconchegou a criança junto ao corpo de forma protetora. O bebê se remexeu em seus braços.

— Imagino quem influenciou sua interpretação dos sinais. Talvez tenha o dedo da princesa Elowyn. Ou do príncipe Dain.

Talvez fosse melhor que ela o deixasse cair, pensou Baphen sem gentileza nenhuma.

O Grande Rei Eldred passou a mão pelo queixo.

— Não tem nada que possa ser feito para impedir?

Era uma bênção ambígua que as estrelas oferecessem a Baphen tantos enigmas e tão poucas respostas. Com frequência, ele desejava ver as coisas com mais clareza, mas não daquela vez. Baixou a cabeça como desculpa para não encontrar o olhar do Grande Rei.

— Somente pelo sangue derramado um grande líder pode ascender, mas não antes do que lhe revelei venha a acontecer.

Eldred se virou para Lady Asha e o filho, o arauto da má sorte. O bebê estava silencioso como uma pedra, sem chorar e sem emitir ruídos, a cauda ainda agitada.

— Leve o garoto — disse o Grande Rei. — Crie-o como achar melhor.

Lady Asha nem hesitou.

— Vou criá-lo como sua posição exige. Ele é um príncipe, afinal, e é seu filho.

Havia uma aspereza em seu tom, e Baphen lembrou, apreensivo, que algumas profecias se cumprem pelas ações tomadas para impedi-las.

Por um momento, todos guardaram silêncio. Eldred assentiu para Val Moren, que saiu da plataforma e voltou segurando uma caixa de madeira fina, com um desenho de raízes entrelaçadas na tampa.

— Um presente — disse o Grande Rei —, em reconhecimento a sua contribuição à linhagem Greenbriar.

Val Moren abriu a caixa e encontrou um exótico colar de volumosas esmeraldas. Eldred o pegou e passou pela cabeça de Lady Asha. Ele lhe tocou a bochecha com o dorso da mão.

— Sua generosidade é enorme, meu senhor — agradeceu ela, um tanto apaziguada. O bebê pegou uma pedra com a mãozinha e olhou para o pai com olhos insondáveis.

— Vá descansar agora — sugeriu Eldred, a voz mais suave. Dessa vez, ela cedeu.

Lady Asha partiu com a cabeça erguida, apertando ainda mais a criança. Baphen sentiu um tremor, uma premonição que não tinha nada a ver com as

estrelas.

O Grande Rei Eldred não voltou a visitar Lady Asha, nem a chamou para ir até ele. Talvez devesse ter ignorado a insatisfação e dado atenção ao filho. Mas olhar para o príncipe Cardan era como olhar para um futuro incerto, e ele evitava fazer isso.

Lady Asha, como mãe de um príncipe, se viu muito solicitada pela Corte, ainda que não pelo Grande Rei. Dada a caprichos e frivolidades, desejava voltar à vida alegre de cortesã. Como não podia frequentar bailes com um bebê a tiracolo, adotou uma gata com filhotes natimortos e a usou como ama de leite do seu filho.

O arranjo durou até o príncipe Cardan começar a engatinhar e a puxar o rabo do felino. Nesse meio-tempo, a gata ficou prenha de uma nova ninhada e, então, fugiu para o estábulo, também o abandonando.

E foi assim que ele cresceu no palácio, sem ser amado por ninguém e sem ser cuidado por ninguém. Quem ousaria impedir um príncipe de roubar comida das mesas dos nobres e, embaixo delas, devorar o que conseguira com mordidas selvagens? As irmãs e os irmãos apenas riam e brincavam com ele, como fariam com um cachorrinho.

O príncipe raramente usava roupas — preferia as guirlandas de flores, e costumava jogar pedras quando a guarda tentava se aproximar. Ninguém, além da mãe, tinha controle sobre Cardan, e ela quase nunca tentava reprimir seus excessos. Fazia o contrário, na verdade.

— Você é um príncipe — dizia ela, com firmeza, quando ele fugia de um conflito ou desistia de exigir algo. — Tudo é seu. Você só precisa pegar. — E, às vezes: — Quero aquilo. Traga para mim.

Dizem que crianças feéricas não são como crianças mortais. Elas precisam de pouco em termos de amor. Não têm que ser colocadas na cama à noite, mas podem dormir com alegria em um canto frio de um salão de baile, envolvidas em uma toalha de mesa. Não precisam ser alimentadas; ficam felizes lambendo orvalho e pegando pão e creme na cozinha. Não precisam ser consoladas, pois raramente choram.

Mas, ainda que crianças feéricas não precisem de muito amor, príncipes feéricos necessitam de certa instrução.

Por falta de orientação, quando o irmão mais velho de Cardan sugeriu disparar uma noz na cabeça de um mortal, Cardan não teve a sabedoria de protestar. Seus hábitos eram impulsivos; seus modos, autoritários.

— Uma boa mira impressiona muito nosso pai — argumentou o príncipe Dain, com um sorrisinho provocante. — Mas talvez seja difícil demais. Melhor não tentar do que fracassar.

Para Cardan, que não conseguia atrair a atenção do pai, e a queria desesperadamente, a possibilidade pareceu tentadora. Não se perguntou quem era o mortal, nem como fora parar na Corte. Cardan não desconfiava de que o homem era amado por Val Moren e de que o senescal sofreria demais se ele morresse.

E deixaria Dain livre para assumir uma posição mais proeminente como braço direito do Grande Rei.

— Difícil? Melhor não tentar? Essas são palavras de um covarde — disse Cardan, cheio de bravata infantil. Na verdade, o irmão o intimidava, mas aquilo só o deixava mais desdenhoso.

O príncipe Dain sorriu.

— Vamos ao menos trocar flechas. Se você errar, pode dizer que foi *minha* flecha a se desviar.

O príncipe Cardan devia ter desconfiado da gentileza, mas havia recebido pouca orientação para poder diferenciar se era verdadeira ou falsa.

Então prendeu a flecha de Dain e puxou a corda, mirando na noz. Uma sensação ruim o atravessou. Talvez não acertasse o alvo. Podia machucar o homem. Mas, logo em seguida, sentiu um júbilo furioso com a ideia de fazer uma coisa tão horrível que obrigaria o pai a não mais ignorá-lo. Se não conseguia a atenção do Grande Rei por algo bom, talvez a conseguisse por algo muito, muito ruim.

As mãos de Cardan tremiam.

Os olhos úmidos do mortal o observavam com pânico congelante. Encantado, claro. Ninguém ficaria parado assim por vontade própria. Foi aquilo que o fez decidir.

Cardan forçou uma risada enquanto relaxava a corda e permitia que a flecha mudasse de posição.

— Simplesmente não vou disparar nessas condições — disse ele, se sentindo ridículo por ter recuado. — O vento está soprando do norte e desarrumando meu cabelo. Atrapalhando minha visão.

Mas o príncipe Dain ergueu o arco e soltou a flecha que Cardan trocara com ele. Acertou o mortal na garganta. O homem caiu quase sem som, os olhos ainda abertos, encarando o nada.

Aconteceu tão rápido que Cardan não gritou, não reagiu. Só ficou olhando para o irmão, a compreensão lenta e terrível o atingindo em cheio.

— Ah — suspirou o príncipe Dain, com um sorriso satisfeito. — Uma pena. Parece que foi *sua* flecha a se desviar. Talvez possa reclamar com nosso pai sobre o cabelo nos olhos.

Apesar de seus protestos, ninguém quis ouvir a versão do príncipe Cardan. Dain cuidou disso. Ele contou a história do descuido do príncipe mais jovem, de sua arrogância, da flecha. O Grande Rei nem concedeu uma audiência a Cardan.

Apesar das súplicas de Val Moren por execução, Cardan foi punido pelo assassinato do mortal como os príncipes são punidos. O Grande Rei mandou trancar Lady Asha na Torre do Esquecimento no lugar do filho, e Eldred ficou aliviado de ter motivo para fazer isso — ele a achava cansativa e problemática. O cuidado do príncipe Cardan foi dado a Balekin, o mais velho dos irmãos, o mais cruel e o único disposto a recebê-lo.

E foi assim que a reputação do príncipe Cardan surgiu. Ele nada podia fazer senão engrandecê-la.

CAPÍTULO

1

Eu, Jude Duarte, a Grande Rainha de Elfhame no exílio, passo a maior parte das manhãs cochilando diante da televisão, assistindo a competições de culinária e desenhos animados e reprises de um programa em que as pessoas precisam completar tarefas furando caixas e garrafas e cortando um peixe inteiro. À tarde, se ele me permite, eu treino meu irmão, Oak. À noite, faço pequenos serviços para as fadas locais.

Sou discreta, como deveria ter sido desde o começo. E, se amaldiçoo Cardan, tenho que me amaldiçoar também, por ser a tola que caiu na armadilha que ele montou para mim.

Quando criança, eu imaginava voltar ao mundo mortal. Taryn, Vivi e eu discutíamos como era, relembrávamos os cheiros de grama cortada e gasolina, recordávamos como era brincar de pique nos quintais do bairro e nadar, no verão, nas piscinas cheias de cloro. Eu sonhava com chá gelado feito com pó instantâneo e com picolés de suco de laranja. Desejava coisas mundanas: o cheiro de asfalto quente, o balanço dos fios entre os postes, os jingles dos comerciais.

Agora, presa de vez no mundo mortal, sinto saudade do Reino das Fadas, com uma intensidade cruel. É a magia que desejo, é dela que sinto falta. Talvez eu até sinta falta de ter medo. Sinto como se sonhasse meus dias, inquieta, nunca verdadeiramente acordada.

Tamborilo os dedos na madeira pintada de uma mesa de piquenique. Mal entramos no outono e já está esfriando no Maine. O sol do fim de tarde

pontilha a grama do lado de fora do prédio enquanto observo Oak brincar com outras crianças no pequeno bosque que nos separa da rodovia. São crianças do prédio, algumas mais novas que ele e outras com pouco mais de 8 anos, todas trazidas pelo mesmo ônibus escolar amarelo. Brincam de guerra de forma totalmente desorganizada, correndo atrás umas das outras com gravetos. Duelam como crianças fazem, mirando na arma, e não no oponente, gritando de tanto dar risadas quando um graveto quebra. Não consigo deixar de notar que estão aprendendo lições totalmente erradas sobre esgrima.

Mesmo assim, observo. E reparo quando Oak usa glamour.

Ele o faz de modo inconsciente, acho. Está se aproximando sorrateiramente das crianças, mas atravessa uma área sem esconderijo óbvio. Ele continua avançando e, embora esteja visível, ninguém parece reparar.

Está cada vez mais perto, e as crianças ainda não olham em sua direção. Quando ele pula, com o graveto em riste, todas gritam com surpresa absolutamente autêntica.

Ele estava invisível. Estava usando glamour. E eu, por causa do geas para não ser enganada, só reparei quando aconteceu. As outras crianças acham apenas que ele foi inteligente ou que teve sorte. Só eu sei o quanto foi descuidado.

Espero até as crianças voltarem para casa. Elas vão embora, uma a uma, até só restar meu irmão. Não preciso de magia, apesar das folhas no chão, para me aproximar sem ser percebida. Com um movimento rápido, passo o braço no pescoço de Oak e aperto a garganta com força a ponto de lhe dar um bom susto. Ele recua e quase acerta meu queixo com os chifres. Nada mau. Ele tenta se soltar, mas sem vontade. Já percebeu que sou eu, e não o assusto.

Aperto mais. Se eu mantiver a pressão em seu pescoço por tempo bastante, ele vai apagar.

Oak tenta falar, mas parece começar a sentir o efeito da falta de ar. Esquece o treinamento e enlouquece, se debate, arranha meus braços e chuta minhas pernas. E faz eu me sentir péssima. Eu queria assustá-lo um pouco, o suficiente para reagir, não para ficar *apavorado*.

Eu o solto, e ele cambaleia para longe, os olhos úmidos de lágrimas.

— Por que fez isso? — pergunta. E me olha com acusação.

— Para lembrá-lo de que lutar não é um jogo — respondo, sentindo como se falasse com a voz de Madoc, não com a minha. Não quero que Oak cresça como eu, com raiva e medo. Mas, sim, que ele *sobreviva*, e Madoc me ensinou a fazer isso.

Como vou saber dar a ele as coisas certas quando só conheço minha infância horrível? Talvez as partes que valorizo sejam as erradas.

— O que vai fazer contra um oponente que queira machucar você de verdade?

— Não ligo — diz Oak. — Não ligo para essas coisas. Não quero ser rei. Não quero ser rei *nunca*.

Por um momento, fico apenas olhando para ele. Quero acreditar que está mentindo, mas, claro, ele não é capaz de mentir.

— Nem sempre podemos escolher nosso destino — argumento.

— Pode governar *você* se se importa tanto assim! — dispara ele. — Não quero. Nunca.

Trinco os dentes para não gritar.

— Não posso, como bem sabe, porque estou exilada — lembro a ele.

Ele bate um dos cascos.

— Eu também! E o único motivo para eu estar no mundo humano é porque meu pai quer a maldita coroa, e você a deseja, e todo mundo a cobiça. Bom, eu não. É amaldiçoada.

— Todo poder é amaldiçoado — digo. — Os piores entre nós farão qualquer coisa para obtê-lo, e os que melhor usariam o poder não querem o peso em suas costas. Mas isso não quer dizer que podem fugir da responsabilidade para sempre.

— Você não pode me obrigar a ser Grande Rei — rebate ele, então me dá as costas e sai correndo na direção do prédio.

Eu me sento no chão frio, sabendo que estraguei completamente a conversa. Ciente de que Madoc treinou a mim e a Taryn melhor do que estou preparando Oak. Sabendo que fui arrogante e tola em achar que eu podia controlar Cardan.

Sabendo que, no grande jogo de príncipes e rainhas, eu fui varrida do tabuleiro.



Dentro do apartamento, a porta do quarto de Oak está trancada para mim. Vivienne, minha irmã fada, está parada na frente da bancada da cozinha, sorrindo para o celular.

Quando repara em mim, segura minhas mãos e me rodopia até eu ficar tonta.

— Heather me ama de novo — declara ela, com uma risada louca na voz.

Heather era a namorada humana de Vivi. Ela tolerava as evasivas de minha irmã sobre o passado. Até aguentou quando Oak foi morar com elas no apartamento. Mas, quando descobriu que Vivi não era humana *e* que a enfeitiçara, ela a largou e saiu de casa. Odeio ter que dizer, porque quero que minha irmã seja feliz (e Heather a fazia feliz), mas foi um fora muito merecido.

Eu me afasto e a encaro, confusa.

— O quê?

Vivi mostra o celular para mim.

— Ela mandou uma mensagem de texto. Quer voltar. Tudo será como antes.

Folhas caídas não voltam aos galhos, nozes não retornam às cascas e namoradas encantadas não acordam de repente e decidem deixar as coisas fluírem com sua apavorante ex.

— Me deixa ver isso — peço, alcançando o celular de Vivi. Ela me permite pegá-lo.

Leio as mensagens, a maioria de Vivi, cheias de pedidos de desculpas, promessas precipitadas e súplicas cada vez mais desesperadas. Do lado de

Heather, muito silêncio e algumas mensagens do tipo “Preciso de mais tempo para pensar”.

E então, isto:

> Preciso esquecer o Reino das Fadas. Tenho que esquecer que você e Oak não são humanos. Não quero mais me sentir assim. Se eu te pedisse para me fazer esquecer, faria isso?

Olho para as palavras por um momento, tomando fôlego.

Entendo por que Vivi interpretou a mensagem como fez, mas acho que ela leu errado. Se eu tivesse escrito aquilo, a última coisa que ia querer era que Vivi concordasse. Eu ia desejar que ela me ajudasse a ver que, mesmo não sendo humanos, Vivi e Oak me amavam. Eu ia querer que Vivi insistisse que negar a existência do Reino das Fadas não ajudaria. E ia desejar que Vivi me dissesse que tinha cometido um erro e que jamais voltaria a cometer o mesmo erro, não importa o que aconteça.

Se eu tivesse enviado aquela mensagem, seria um teste.

Devolvo o celular para Vivi.

— O que você vai responder?

— Que farei o que ela quiser — diz minha irmã, uma promessa extravagante para um mortal e apavorante para alguém que ficaria preso a esse juramento.

— Talvez ela não saiba o que quer — argumento, desleal, independentemente do que faça. Vivi é minha irmã, mas Heather é humana. Tenho compromisso com as duas.

E, no momento, Vivi não está interessada em pensar em nada além de que tudo vai ficar bem. Ela abre um sorriso largo e displicente, pega uma maçã na tigela de frutas e a joga no ar.

— Qual é o problema com Oak? Ele entrou marchando e bateu a porta do quarto. Vai ser dramático assim quando for adolescente?

— Ele não quer ser Grande Rei — respondo.

— Ah. Isso. — Vivi olha na direção do quarto. — Achei que era uma coisa importante.

CAPÍTULO
2

É um alívio ir trabalhar esta noite.

Fadas no mundo mortal têm necessidades diferentes das de Elfhame. O feérico solitário que sobrevive fora do Reino das Fadas não precisa se preocupar com festejos e maquinações da Corte.

E acontece que existem muitos serviços estranhos para alguém como eu, uma mortal que conhece seus costumes e não tem medo de entrar em uma briga ocasional. Conheci Bryern uma semana depois que saí de Elfhame. Apareceu em frente ao prédio, uma fada de pelo preto, cabeça e cascos de bode, com chapéu-coco na mão, alegando ser um velho amigo do Barata.

— Soube da sua situação peculiar — disse ele, me encarando com os estranhos olhos dourados de bode, as pupilas pretas em um retângulo horizontal. — Considerada morta, não é isso? Sem número de Previdência Social. Sem escola mortal.

— E procurando trabalho — falei, imaginando aonde aquilo ia dar. — Por baixo dos panos.

— Não dá para ser mais debaixo dos panos do que comigo — garantiu ele, colocando a mão de garras sobre o coração. — Permita-me me apresentar. Bryern. Sou um púca, caso não tenha percebido.

Ele não exigiu juramentos de lealdade e nenhum tipo de promessa. Eu podia trabalhar o quanto quisesse, e o pagamento dependia de minha ousadia.

Esta noite, eu o encontro perto da água. Pedalo a bicicleta usada que comprei. O pneu traseiro murcha rápido, mas paguei barato. Funciona bem

como meio de transporte. Bryern está vestido com exagero típico: o chapéu tem uma faixa decorada com algumas penas coloridas de pato e ele o combinou com um paletó de tweed. Quando chego mais perto, tira um relógio do bolso e o observa com o cenho exageradamente franzido.

— Ah, me atrasei? — pergunto. — Desculpe. Estou acostumada a ver a hora pelo ângulo da lua.

Ele me olha com irritação.

— Não precisa botar banca só porque viveu na Grande Corte. Você não é especial agora.

Sou a Grande Rainha de Elfhame. O pensamento vem espontaneamente, e mordo a bochecha para não proferir aquelas palavras ridículas. Ele está certo: não sou especial agora.

— Qual é o trabalho? — pergunto da forma mais branda que consigo.

— Uma das fadas em Old Port está comendo gente da região. Tenho uma proposta para alguém disposto a arrancar a promessa de que ela vai parar.

Tenho dificuldade em acreditar que ele se importe com o que acontece com humanos… e que se importe a ponto de me pagar para fazer alguma coisa em relação ao assunto.

— Gente *mortal*?

Ele balança a cabeça.

— Não. Não. Fadas como nós. — Ele parece lembrar com quem está falando e fica meio constrangido. Tento não interpretar o ato falho como elogio.

Matando e *comendo* feéricos? Nada indica que seja um trabalho fácil.

— Quem é o mandante?

Ele dá uma gargalhada nervosa.

— Ninguém que queira o nome associado à tarefa. Mas está disposto a remunerá-la para que faça acontecer.

Um dos motivos para Bryern gostar de me contratar é que consigo me aproximar dos feéricos. Não esperam que seja uma mortal a lhes roubar ou lhes enfiar uma faca na lateral do corpo. Não esperam que uma mortal não seja afetada por glamour nem que conheça seus costumes ou que enxergue através das barganhas horríveis que oferecem.

Outro motivo é que preciso tanto do dinheiro que me disponho a aceitar trabalhos como esse, que sei, desde o início, que vão ser uma droga.

— Endereço? — pergunto, e ele me entrega um pedaço de papel dobrado.

Eu o abro e baixo o olhar.

— Espero que pague bem.

— Quinhentos dólares americanos — diz ele, como se fosse uma soma exorbitante.

Nosso aluguel custa 1.200 por mês, sem contar alimentação e outras necessidades. Na ausência de Heather, minha parte fica em uns 800 dólares. E eu gostaria de comprar um pneu novo para minha bicicleta. Quinhentos não são nem de longe o suficiente, não por uma coisa assim.

— Mil e quinhentos — barganho, erguendo as sobrancelhas. — Em dinheiro, verificável com ferro. Metade antecipado e, se eu não voltar, você paga a outra metade a Vivienne, como presente para minha família enlutada.

Bryern aperta os lábios, mas sei que tem o dinheiro. Só não quer me pagar tanto a ponto de eu me tornar exigente.

— Mil — oferece ele, enfiando a mão no bolso interno do paletó e tirando uma pilha de notas presa por um clipe prateado. — Tenho metade comigo. Pode levar.

— Tudo bem — concordo. É um pagamento decente para o que pode ser trabalho de apenas uma noite se eu tiver sorte.

Ele entrega o dinheiro com uma fungada.

— Me avise quando tiver executado o serviço.

Tenho uma placa de ferro no chaveiro. Passo-a com ostentação na extremidade do dinheiro para verificar se é real. Não faz mal lembrar a Bryern que sou cuidadosa.

— E cinquenta dólares para despesas — digo em um impulso.

Ele franze a testa. Depois de um momento, enfia a mão em uma parte diferente do paletó e me entrega o dinheiro.

— Só resolva isso — diz ele.

O não uso de subterfúgios é um mau sinal. Eu deveria ter feito outras perguntas antes de aceitar o trabalho. Devia ter continuado a negociação.

Tarde demais agora.

Subo na bicicleta e, com um aceno de despedida para Bryern, disparo para o centro. Era uma vez, uma menina que se imaginava uma cavaleira montada em um corcel, coberta de glória em competições de habilidade e honra. Pena que meus talentos seguiram uma direção completamente diferente.

Acho que sou uma assassina de fadas bem capacitada, mas me destaco mesmo em irritá-las. Com sorte, esse dom vai ser útil para eu persuadir uma feérica canibal a fazer o que quero.

Antes de confrontá-la, decido fazer algumas perguntas.

Primeiro, visito um duende chamado Magpie, que mora em uma árvore no parque Deering Oaks. Ele diz que ouviu falar que ela pertence aos barretes vermelhos, uma notícia não muito boa, mas, como cresci ao lado de um, pelo menos conheço bem sua natureza. Os barretes vermelhos gostam de violência, sangue e assassinato; na verdade, ficam meio agitados quando privados de carnificina por longos períodos. E, quando são tradicionais, mergulham um barrete no sangue dos inimigos vencidos, supostamente para obter parte da vitalidade roubada do morto.

Pergunto o nome, mas Magpie não sabe. Ele me manda até Ladhar, um cluricaun que fica se esgueirando pelos fundos dos bares, sugando espuma de copos de cerveja quando ninguém está olhando e enganando mortais em jogos de azar.

— Não sabia? — pergunta Ladhar, baixando a voz. — *Grima Mog*.

Quase o acuso de mentir, mesmo sabendo ser impossível. E fantasio, breve e intensamente, procurar Bryern, fazê-lo engolir cada dólar que me deu.

— O que *ela* está fazendo *aqui*?

Grima Mog é a temível general da Corte dos Dentes, no norte. A mesma Corte de onde Barata e Bomba fugiram. Quando eu era pequena, na hora de dormir, Madoc lia para mim trechos das memórias de suas estratégias de batalha. Só de pensar em encará-la, um suor gelado me cobre.

Não posso lutar com ela. E tampouco acho que tenho uma boa chance de enganá-la.

— Foi expulsa, pelo que ouvi — responde Ladhar. — Talvez tenha comido alguém de quem Lady Nore gostasse.

Não tenho que fazer esse serviço, lembro a mim mesma. Não faço mais parte da Corte das Sombras de Dain. Não estou mais tentando governar por

trás do trono do Grande Rei Cardan. Não preciso correr grandes riscos.

Mas estou curiosa.

Junte a isso uma abundância de orgulho ferido e você se vê nos degraus de entrada do armazém de Grima Mog, por volta do amanhecer. Sei que não devo chegar de mãos vazias. Trouxe carne crua de um açougue dentro de um isopor, alguns sanduíches de mel malfeitos embrulhados em papel-alumínio e uma garrafa de cerveja amarga decente.

Dentro, sigo por um corredor até chegar à porta do que parece ser um apartamento. Bato três vezes e espero que, no mínimo, o cheiro de comida disfarce o odor de meu medo.

A porta se abre, e uma mulher de roupão me olha. Ela está curvada, apoiada em uma bengala de madeira preta polida.

— O que você quer, querida?

Como vejo através do glamour, reparo no tom verde da pele e nos dentes enormes. Como meu pai adotivo: Madoc. O cara que matou meus pais. O cara que lia suas estratégias de batalha para mim. Madoc, outrora Grande General da Grande Corte. Agora inimigo do trono e também não muito feliz comigo.

Com sorte, ele e o Grande Rei Cardan vão arruinar a vida um do outro.

— Eu trouxe presentes — digo, mostrando o isopor. — Posso entrar? Quero fazer uma barganha.

Ela franze um pouco o cenho.

— Não pode continuar comendo fadas aleatórias sem que alguém seja enviado para tentar convencê-la a parar — explico.

— Talvez eu coma *você*, criança bonita — argumenta, animada. Mas recua para me deixar entrar em seu covil. Acho que ela não pode me transformar em refeição no corredor.

O apartamento é um loft, com pé-direito alto e paredes de tijolo. Bonito. Piso polido e brilhoso. Janelas grandes filtram a luz, uma boa vista da cidade. A mobília é velha. Os enfeites de algumas peças foram arrancados, e há marcas que poderiam ter vindo de um corte de faca.

O lugar tem cheiro de sangue. Um odor acobreado e metálico, misturado a uma doçura meio sufocante. Coloco os presentes em uma mesa pesada de madeira.

— Para você — digo. — Na esperança de que ignore minha grosseria de visitar sem convite.

Ela cheira a carne, examina um sanduíche de mel na mão e abre a tampa da cerveja com o punho. Toma um longo gole e olha para mim.

— Alguém a instruiu sobre as gentilezas. Eu me pergunto por que tanto trabalho, cabrita? Obviamente, você é o sacrifício enviado na esperança de saciar meu apetite com carne humana. — Ela sorri e mostra os dentes. É possível que tenha despido o glamour naquele momento, se bem que, como eu já tinha visto através do feitiço, não tenha certeza.

Eu pisco para ela. Ela pisca para mim, esperando uma reação.

Ao não gritar e correr para a porta, eu a irritei. Dá para perceber. Acho que estava ansiosa para me perseguir quando eu fugisse.

— Você é Grima Mog — digo. — Líder de exércitos. Destruidora de seus inimigos. É assim que quer passar sua aposentadoria?

— *Aposentadoria?* — Ela repete a palavra como se eu tivesse feito um insulto mortal. — Embora eu tenha sido dispensada, vou encontrar outro exército para liderar. Um maior que o primeiro.

Às vezes digo algo bem parecido para mim também. Ouvir em voz alta, da boca de outra pessoa, é perturbador. Mas me dá uma ideia.

— Bom, os feéricos da região preferem não serem comidos enquanto você planeja sua próxima estratégia. Obviamente, como sou humana, prefiro que você não coma mortais. Duvido que lhe dessem o que procura, de qualquer jeito.

Ela espera que eu continue.

— Um desafio — digo, pensando em tudo que sei sobre barretes vermelhos. — É isso que deseja, não é? Uma boa luta. Aposto que os feéricos que matou não eram tão especiais. Um desperdício de seus talentos.

— Quem a mandou? — pergunta ela. Reavaliando. Tentando entender minha abordagem.

— O que você fez para irritá-la? — pergunto. — Sua rainha? Deve ter sido algo grande para ser expulsa da Corte dos Dentes.

— *Quem a mandou?* — ruge ela. Acho que a irritei. Meu maior talento.

Tento não sorrir, mas senti tanta falta da onda de poder que acompanha aquele tipo de joguinho, de estratégia e malícia. Odeio admitir, mas senti falta

de arriscar o pescoço. Não há espaço para arrependimentos quando se está ocupada tentando vencer. Ou, pelo menos, não morrer.

— Já falei. Os feéricos locais que não querem ser comidos.

— Por que *você*? — pergunta ela. — Por que enviariam um fiapo de garota para tentar me convencer de alguma coisa?

Observo a sala e reparo em uma caixa redonda em cima da geladeira. Uma caixa de chapéu antiquada. Meu olhar se prende naquilo.

— Provavelmente porque não seria perda alguma para eles se eu fracassasse.

Ao ouvir a afirmação, Grima Mog ri e toma outro gole da cerveja amarga.

— Uma fatalista. E como vai me persuadir?

Caminho até a mesa e pego a comida, procurando uma desculpa para chegar mais perto da caixa de chapéu.

— Primeiro, guardando a comida.

Grima Mog parece achar graça.

— Uma velha como eu pode muito bem aproveitar a ajuda de uma coisinha jovem aqui na casa. Mas tome cuidado. Você pode acabar descobrindo mais do que imagina dentro da minha geladeira, cabrita.

Abro a porta da geladeira. Sou recebida pelos restos dos feéricos que ela matou. Ela recolheu braços e cabeças, preservados de alguma forma, assados e cozidos e guardados como sobras depois de um grande banquete. Meu estômago fica embrulhado.

Um sorriso cruel surge no rosto da feérica.

— Você queria me desafiar para um duelo? Pretendia se gabar de ter lutado bem? Agora vê o que significa perder para Grima Mog.

Respiro fundo. Com um pulo, derrubo a caixa de chapéu de cima da geladeira na direção dos meus braços.

— Não toque nisso! — grita ela, na hora que tiro a tampa.

E lá está: o capuz. Coberto de sangue, várias camadas de sangue.

Ela está na metade da sala, dentes expostos. Pego um isqueiro no bolso e acendo a chama com um movimento do polegar. Ela para de súbito quando vê o fogo.

— Sei que passou muitos, muitos anos construindo a pátina que cobre esse capuz — digo, torcendo para que minhas mãos não tremam, para que a chama

não se apague. — Com certeza, guarda o sangue do primeiro ser que você matou, e também do último. Sem isso, não vai existir lembrete de suas conquistas passadas, nem troféus, nem nada. Agora, preciso que faça um acordo comigo. Prometa que não vai haver mais assassinatos. Nem de fadas, nem de humanos, enquanto residir no mundo mortal.

— E se eu não prometer, você vai queimar meu tesouro? — conclui Grima Mog por mim. — Não há honra nisso.

— Acho que eu *poderia* optar pelo confronto — argumento. — Mas provavelmente perderia. Assim, eu ganho.

Grima Mog aponta a bengala preta na minha direção.

— Você é a filha humana de Madoc, não é? E a senescal exilada de nosso novo Grande Rei. Expulsa, como eu.

Assinto, frustrada de ter sido reconhecida.

— O que *você* fez? — pergunta ela, um sorrisinho satisfeito no rosto. — Deve ter sido algo grande.

— Fui idiota — respondo, porque é melhor admitir de uma vez. — Abri mão do pássaro na mão pelos dois voando.

Ela solta uma gargalhada alta e retumbante.

— Ora, que dupla nós somos, hein, filha do barrete vermelho? Mas assassinato está em meus ossos e sangue. Não planejo abrir mão de matar. Se preciso ficar presa no mundo mortal, pretendo me divertir um pouco.

Levo a chama para mais perto do capuz. A ponta começa a escurecer, e um fedor horrível se espalha pelo ar.

— Para! — grita ela, me olhando com puro ódio. — Chega. Quero fazer uma proposta a *você*, cabrita. Vamos lutar. Se você perder, meu capuz é devolvido sem ser queimado. Continuo a caçar, como sempre cacei. E você me dá o dedo mindinho.

— Para comer? — pergunto, afastando a chama do capuz.

— Se eu quiser — responde ela. — Ou para usar como broche. Que diferença faz para você? A questão é que será meu.

— E por que eu concordaria com isso?

— Porque, se você vencer, vai ter minha promessa. E vou contar uma coisa importante sobre seu Grande Rei.

— Não quero saber nada sobre ele — respondo, rápido demais e com raiva demais. Não esperava que ela mencionasse Cardan.

A risada dessa vez soa baixa e rouca.

— Mentirosa.

Nós nos encaramos por um longo momento. O olhar de Grima Mog é complacente. Ela sabe que me pegou. Vou concordar com seus termos. Também sei, apesar de ser ridículo. Ela é uma lenda. Não vejo como eu poderia vencer.

Mas o nome de Cardan ecoa em meus ouvidos.

Ele tem um novo senescal? Uma nova amante? Vai às reuniões do conselho em pessoa? Fala sobre mim? Ele e Locke debocham de mim juntos? Taryn ri?

— Lutamos até a primeira gota de sangue ser derramada — digo, tirando tudo da cabeça. É um prazer ter alguém em quem concentrar minha raiva. — Não vou dar meu dedo. Se você vencer, recebe seu capuz de volta. Ponto. E vou embora. A concessão que faço é lutar com você.

— Até a primeira gota de sangue é chato. — Grima Mog se inclina para a frente, o corpo alerta. — Vamos combinar de lutar até uma de nós pedir trégua. Que acabe em algum ponto entre o derramamento de sangue e seu rastejar para morrer no caminho de casa. — Ela suspira, como se tivesse tido um pensamento feliz. — Me dê uma chance de quebrar cada osso nesse seu corpo magrelo.

— Você está apostando em meu orgulho. — Enfio o capuz em um bolso e o isqueiro no outro.

Ela não nega.

— Apostei certo?

Até a primeira gota de sangue *é mesmo* chato. É só uma ficar dançando em volta da outra, procurando uma abertura. Não é luta de verdade. Quando respondo, a palavra sai rapidamente.

— Sim.

— Ótimo. — Ela aponta a bengala para o teto. — Vamos para o terraço.

— Nossa, que civilizado — digo.

— Espero que você tenha trazido uma arma, porque não vou te emprestar nada. — Ela segue na direção da porta com um suspiro pesado, como se realmente fosse a velha que aparenta quando usa o glamour.

Eu a sigo para fora do apartamento, pelo corredor mal iluminado, até a escada ainda mais escura, os nervos a mil. Espero saber o que estou fazendo. Ela sobe dois degraus de cada vez, ansiosa agora, e abre uma porta de metal no alto. Ouço o barulho de aço quando ela desembainha uma espada fina da bengala. Um sorriso ávido repuxa seus lábios de maneira exagerada e deixa os dentes afiados à mostra.

Puxo a faca longa que escondi na bota. Não tem grande alcance, mas não sou capaz de usar glamour em objetos; não posso andar de bicicleta com Cair da Noite nas costas.

Contudo, no momento, queria muito ter pensado em um jeito de fazer exatamente aquilo.

Chegamos na cobertura do prédio. O sol está começando a subir, tingindo o céu de cor-de-rosa e dourado. Uma brisa fria sopra no ar, trazendo os odores de concreto e lixo, assim como o aroma de arnica do parque próximo.

Meu coração acelera com uma mistura de pavor e ansiedade. Quando Grima Mog investe contra mim, estou pronta. Eu me defendo e saio do caminho. Faço isso repetidas vezes, o que a irrita.

— Você me prometeu uma ameaça — rosna ela, mas, pelo menos, tenho uma noção de como ela se desloca. Sei que está faminta por sangue, sedenta por violência. Sei que está acostumada a caçar. Só espero que esteja confiante ao extremo. É possível que ela cometa erros ao enfrentar alguém capaz de reagir.

Improvável, mas possível.

Quando me ataca de novo, eu me viro e chuto a parte de trás de seu joelho com força suficiente para derrubá-la no chão. Ela ruge, se levanta e vem para cima de mim a toda velocidade. Por um momento, a fúria naquele rosto e os dentes apavorantes me atravessam como uma onda horrível e paralisante.

Monstro!, grita minha mente.

Contraio o maxilar para controlar a ânsia de continuar me desviando. Nossas lâminas brilham como escamas de peixe na intensidade do alvorecer. O metal se choca, tilintando como um sino. Lutamos no telhado, meus pés ágeis conforme nos deslocamos. O suor molha minhas axilas e testa. Minha respiração sai quente e se condensa no ar frio.

É bom lutar com outra pessoa que não eu mesma.

Grima Mog estreita os olhos e me observa, procurando fraquezas. Estou ciente de cada erro corrigido por Madoc, de cada mau hábito que Fantasma tentou recondicionar. Ela dispara uma série de golpes brutais, tentando me levar até a beirada do prédio. Cedo terreno na tentativa de me defender dos ataques, do alcance mais longo de sua espada. Ela estava se contendo antes, mas não está se contendo agora.

Sem descanso, ela me força na direção de uma queda livre. Luto com determinação sombria. Minha pele está escorregadia de suor, com gotas entre as omoplatas.

Meu pé bate em um pedaço de cano de metal no concreto. Tropeço, e ela ataca. Faço o que posso para não ser perfurada, mas o bloqueio custa minha faca, que cai do telhado. Ouço-a atingir a rua abaixo com um ruído seco.

Eu não devia ter acatado a missão. Não devia ter concordado com a luta. Não devia ter aceitado a proposta de casamento de Cardan, nem ter sido exilada no mundo mortal.

A raiva me dá uma explosão de energia, e a uso para me desviar de Grima Mog, permitindo que o impulso do golpe leve a lâmina para longe de mim. Dou uma cotovelada forte em seu braço e agarro o cabo da espada.

Não é um gesto muito honrado, mas não tenho sido honrada há muito tempo. Grima Mog é muito forte, mas também está surpresa. Por um momento, hesita, mas bate com a testa na minha. Cambaleio para trás, mas quase consegui pegar sua arma.

Quase consegui.

Minha cabeça está latejando, e me sinto meio tonta.

— Isso é trapaça, garota — diz ela. Nós duas estamos respirando com esforço. Parece que meus pulmões são feitos de chumbo.

— Não sou nobre. — Como se para enfatizar minha afirmação, pego a única arma que vejo: uma barra de metal. É pesada e sem fio, mas é o que há. Pelo menos, é mais comprida que a faca.

Ela ri.

— Você devia ceder, mas estou feliz que não o fez.

— Sou otimista — digo. Agora, quando vem para cima de mim, ela tem a velocidade, mas tenho mais alcance. Giramos em volta uma da outra, ela

atacando, e eu me defendendo com algo que se desloca como um bastão de beisebol. Desejo muitas coisas, mas a principal é sair viva do telhado.

Minha energia está acabando. Não estou acostumada ao peso do cano e é difícil manuseá-lo.

Desista, diz meu cérebro atordoado. *Declare que aceita a derrota enquanto ainda está de pé. Dê o capuz a ela, esqueça o dinheiro e volte para casa. Vivi pode transformar folhas em cédulas. Só dessa vez, não seria uma coisa ruim. Você não está lutando por um reino. Isso você já perdeu*.

Grima Mog avança em minha direção como se sentisse o cheiro do meu desespero. Ela me obriga a reagir com alguns golpes rápidos e agressivos, na esperança de me surpreender.

O suor escorre pela testa e faz com que meus olhos ardam.

Madoc descreve uma luta como muitas coisas; um jogo de estratégia jogado com velocidade, uma dança, mas agora me parece uma discussão. Uma discussão em que ela me mantém ocupada demais na defesa para marcar pontos.

Apesar do esforço dos músculos, passo o cano para a outra mão e tiro o capuz do bolso.

— O que você está fazendo? Você prometeu… — começa ela.

Jogo o capuz em seu rosto. Ela o pega e se distrai. Neste momento, bato com o cano na lateral de seu corpo, usando toda a força que tenho em mim.

Eu a acerto no ombro, e ela cai com um uivo de dor. Bato de novo, movendo a barra de metal em um arco e acerto seu braço esticado, o que joga a espada do outro lado do telhado.

Levanto o cano para golpear de novo.

— Chega. — Grima Mog olha para mim do concreto, sangue nos dentes pontudos e perplexidade no rosto. — Eu desisto.

— Desiste? — O cano balança em minha mão.

— Sim, trapaceira — diz ela, se sentando. — Você me superou. Agora, me ajude a me levantar.

Largo o cano e chego mais perto, meio esperando que ela puxe uma faca e enfie em meu flanco. Mas ela só levanta a mão e permite que eu a puxe para ficar de pé. Então coloca o capuz e aninha o braço que golpeei no outro.

— A Corte dos Dentes se meteu com o velho Grande General, seu pai, e com outro grupo de traidores. Sei de fonte confiável que seu Grande Rei será destronado antes da próxima lua cheia. Que tal isso?

— Foi por isso que partiu? — pergunto. — Porque não é traidora?

— Fui embora por causa de outra cabritinha. Agora, suma daqui. Isso foi mais divertido do que eu esperava, mas acho que nosso joguinho está no fim.

Suas palavras ecoam em meus ouvidos. *Seu Grande Rei. Destronado*.

— Você ainda me deve uma promessa — digo, minha voz parece um grunhido.

Para minha surpresa, Grima Mog faz uma. Promete não caçar mais nas terras mortais.

— Venha lutar comigo de novo — dispara ela quando me encaminho para a escada. — Tenho muitos segredos. Há tantas coisas que você não sabe, filha de Madoc. E acho que também anseia por um pouco de violência.

CAPÍTULO

3

Meus músculos enrijecem quase imediatamente, e a ideia de pedalar para casa me deixa tão cansada que chego a cogitar me deitar na calçada. Por isso, pego o ônibus. Recebo vários olhares sérios de viajantes impacientes enquanto prendo minha bicicleta no suporte da frente, mas, quando as pessoas percebem que estou sangrando, decidem me ignorar.

Minha compreensão dos limites do dia não se adapta ao mundo humano. No Reino das Fadas, cambalear para casa ao amanhecer é o equivalente a cambalear para casa à meia-noite para os mortais. Mas, no mundo humano, a luz forte da manhã afasta as sombras. É um momento virtuoso para madrugadores, não para inúteis. Uma mulher idosa com um extravagante chapéu cor-de-rosa me entrega alguns lenços de papel sem nenhum comentário, e fico agradecida. Uso-os para me limpar da melhor forma possível. Durante o resto do trajeto, olho pela janela para o céu azul, com dor e pena de mim mesma. Quando reviro os bolsos, encontro quatro analgésicos. Tomo todos de uma vez, sem água.

Seu Grande Rei será destronado antes da próxima lua cheia. Que tal isso?

Tento me convencer de que não ligo. De que devia ficar feliz se Elfhame for conquistada. Cardan tem muita gente para avisá-lo do que vai acontecer. Tem a Corte das Sombras e metade da força militar. Os governantes das cortes inferiores, todos jurados a ele. Todo o Conselho Vivo. Até um novo senescal, se tiver se dado ao trabalho de escolher um.

Não quero pensar em outra pessoa ao lado de Cardan, em meu lugar, mas, ainda assim, minha mente avalia todas as piores opções. Ele não pode escolher Nicasia porque ela já é Embaixadora do Reino Submarino. Não vai optar por Locke porque ele já é Mestre da Esbórnia e porque é insuportável. E nem Lady Asha porque… porque ela seria *péssima*. Acharia o trabalho monótono e negociaria sua influência pelo que mais a beneficiasse. Ele deve saber que não pode escolhê-la. Mas talvez não saiba. Cardan é descuidado. Talvez ele e a mãe cruel e imprudente debochem da linhagem Greenbriar e da Coroa de Sangue. Espero que façam isso. Torço para que todos lamentem, ele mais que todo mundo.

E, então, Madoc vai chegar e assumir tudo.

Encosto a testa no vidro frio e lembro a mim mesma que não é mais problema meu. Em vez de tentar (e falhar) não pensar em Cardan, tento não pensar em nada.

Acordo com alguém sacudindo meu ombro.

— Ei, garota — diz o motorista do ônibus, com preocupação nas linhas do rosto. — Garota?

Houve uma época em que minha faca estaria à mão e encostada naquele pescoço antes de ele terminar de falar. Percebo atordoada que nem *estou* com a faca. Eu me esqueci de procurar em volta do prédio de Grima Mog para recuperá-la.

— Estou acordada — digo de forma nada convincente, esfregando o rosto com uma das mãos.

— Por um minuto, achei que tinha batido as botas. — Ele franze a testa. — É muito sangue. Quer que eu chame alguém?

— Estou bem — aviso. Percebo que o ônibus está quase vazio. — Perdi meu ponto?

— Estamos nele. — Ele parece querer insistir em chamar ajuda. Mas balança a cabeça com um suspiro. — Não esqueça a bicicleta.

Eu me sentia dolorida antes, mas nada como agora. Sigo pelo corredor, como uma mulher com raízes arrancando os membros da terra pela primeira vez. Meus dedos se atrapalham ao tirar a bicicleta do suporte, e reparo na mancha de ferrugem nas mãos. Fico pensando se espalhei sangue pelo rosto na frente do motorista e toco na bochecha com vergonha. Não sei dizer.

Soltei a bicicleta e consigo atravessar o gramado na direção do prédio. Vou deixar a bicicleta nos arbustos e correr o risco de ser roubada. Essa promessa pessoal me ajuda a percorrer a maior parte do caminho até minha casa quando vejo uma pessoa sentada no degrau. Cabelo cor-de-rosa brilhando ao sol. Ela levanta um copo de papel com café como saudação.

— Heather? — pergunto, mantendo distância. Considerando a forma como o motorista do ônibus me olhou, exibir meus cortes e hematomas novos parece má ideia.

— Estou tentando juntar coragem para bater.

— Ah — digo, deitando a bicicleta na grama. Os arbustos estão muito longe. — Bom, você pode entrar comigo e…

— Não! — interrompe ela, mas baixa a voz quando percebe como falou alto. — Não sei se vou entrar hoje.

Olho para ela de novo e percebo que parece cansada, que o cor-de-rosa do cabelo está desbotado, como se ela nem tivesse se dado ao trabalho de retocá-lo.

— Há quanto tempo está aqui?

— Não muito. — Ela afasta o olhar e dá de ombros. — Venho aqui às vezes. Para ver como estou me sentindo.

Com um suspiro, desisto da ideia de esconder que me machuquei. Ando até a escada e me sento em um degrau, cansada demais para ficar de pé.

Heather se levanta.

— Jude? Ah, não, ah, caramba… o que… *o que aconteceu com você?* — pergunta ela. Faço uma careta. Sua voz parece alta demais.

— Shhhh! Achei que não queria que Vivi soubesse que está aqui — lembro a ela. — Mas parece pior do que é. Só preciso de um banho e alguns curativos. E de um bom dia de sono.

— Tudo bem — diz ela de uma forma que me faz pensar que não acredita em mim. — Vou te ajudar a entrar. Não se preocupe comigo pisando em ovos ao ver sua irmã. Você está machucada. Não devia ter parado para falar comigo!

Balanço a cabeça e levanto a mão para recusar a proposta.

— Vou ficar bem. Só preciso sentar um minuto.

Ela me encara, a preocupação lutando com o desejo de adiar o confronto inevitável com Vivi por mais tempo.

— Achei que ainda estivesse naquele lugar. Foi lá que se machucou?

— No Reino das Fadas? — Gosto de Heather, mas não vou fingir que o mundo onde cresci não existe porque ela odeia a ideia de sua existência. — Não. Foi aqui. Estou morando com Vivi. Tentando ajeitar as coisas. Mas, se quiser voltar, posso ir embora.

Ela olha para os joelhos. Morde o canto de uma unha. Balança a cabeça.

— O amor é uma idiotice. A gente só parte o coração da outra pessoa.

— É — concordo, pensando de novo em Cardan e como caí na armadilha que ele montou para mim, como se eu fosse uma idiota que nunca ouviu uma balada na vida. Por mais felicidade que eu deseje para Vivi, não quero que Heather seja o mesmo tipo de idiota. — É, *não*. O amor pode ser idiota, mas você não é. Sei sobre a mensagem que mandou para Vivi. Não pode seguir com aquilo.

Heather toma um gole longo do café.

— Tenho pesadelos. Sobre aquele lugar. O Reino das Fadas. Não consigo dormir. Olho as pessoas na rua e me pergunto se estão usando glamour. Este mundo já tem muitos monstros, muita gente que quer tirar vantagem de mim ou me machucar ou caçar meus direitos. Não preciso saber que existe um *outro* mundo cheio de monstros.

— Então não saber é melhor? — pergunto.

Ela faz uma careta e fica quieta. Quando fala de novo, olha além de mim, como se estivesse espiando o estacionamento.

— Não consigo nem explicar para meus pais o motivo da briga com Vee. Eles ficam perguntando se ela estava me traindo com alguém ou se a presença de Oak foi muito para mim, como se eu não aguentasse o fato de ele ser *criança*, e não o que realmente é.

— Ele continua sendo criança — argumento.

— *Odeio* ter medo de Oak — diz ela. — Sei que magoa os sentimentos dele. Mas também odeio que ele e Vee tenham magia, uma magia que ela poderia usar para ganhar qualquer discussão que a gente tenha. E também para me deixar obcecada por ela. Ou me transformar num pato. E isso sem considerar o motivo de eu ter me sentido atraída por ela.

Franzo o cenho.

— Espere, o quê?

Heather se vira para mim.

— Você sabe o que faz com que as pessoas se amem? Pois é, ninguém sabe. Mas os cientistas estudam o fenômeno, e tem uma história bizarra sobre feromônios e simetria facial e as circunstâncias do primeiro encontro. As pessoas são estranhas. Corpos são estranhos. Talvez eu não consiga controlar a atração por ela da mesma forma que as moscas não conseguem controlar a atração por plantas carnívoras.

Solto um muxoxo incrédulo, mas as palavras de Balekin ecoam em meus ouvidos. *Ouvi que, para os mortais, a sensação de se apaixonar é bem parecida com a de sentir medo*. Talvez ele estivesse mais certo do que eu quis acreditar.

Principalmente quando considero meus sentimentos por Cardan, já que não havia nenhum bom motivo para eu nutrir algum sentimento por ele.

— Tudo bem — diz Heather. — Sei que parece ridículo. Eu me sinto ridícula. Mas também sinto medo. E ainda acho que devíamos entrar e limpar esses ferimentos.

— Faça Vivi prometer não usar magia em você — sugiro. — Posso te ajudar a dizer as palavras exatas para ela assumir o compromisso e… — Paro de falar quando vejo que Heather me olha com tristeza, talvez porque acreditar em promessas seja uma coisa infantil. Ou talvez porque a ideia de fazer Vivi assumir um compromisso por meio de uma promessa pareça uma coisa mágica demais que a deixa ainda mais nervosa.

Heather inspira fundo.

— Vee me disse que passou a infância aqui, antes de seus pais serem assassinados. Sinto muito por tocar no assunto, mas sei que ela sofre por isso. Claro que sofre. Qualquer pessoa sofreria. — Ela toma fôlego. Está esperando para ver como vou reagir.

Penso naquelas palavras enquanto estou sentada na escada, os hematomas aparecendo junto aos cortes que sangram pouco agora. *Qualquer pessoa sofreria*. Não, eu não, eu não sofro nadinha.

Eu me lembro de uma Vivi bem mais jovem, que passava o tempo todo furiosa, gritava e quebrava tudo em que tocava. Que batia em mim toda vez que eu deixava que Madoc me segurasse no colo. Que parecia capaz de destruir um salão inteiro com a própria raiva. Mas foi há tanto tempo. Nós todas cedemos à nova vida; o que variou foi o quando.

Não digo nada disso. Heather respira fundo, trêmula.

— A questão é que fico imaginando se ela está brincando de casinha comigo, sabe. Fingindo que a vida correu do jeito que ela queria. E que nunca descobriu quem realmente é nem de onde veio.

Estico a mão e seguro a de Heather.

— Vivi ficou tanto tempo no Reino das Fadas por minha causa e de Taryn — revelo. — Ela não queria estar lá. E o motivo de ter partido foi você. Porque ela te amava. Então, sim, Vivi escolheu o caminho mais fácil ao não explicar as coisas. Ela devia ter contado a verdade sobre o Reino das Fadas. E nunca devia ter usado magia em você, mesmo por pânico. Mas agora você sabe. E acho que tem que decidir se consegue perdoá-la.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas para.

— *Você* perdoaria? — pergunta, enfim.

— Não sei — respondo, olhando para os joelhos. — Não ando uma pessoa muito misericordiosa ultimamente.

Heather se levanta.

— Pronto. Você já descansou. Agora, se levante. Precisa entrar e tomar um banho de antisséptico. Acho que também devia ir ao médico, mas sei o que vai dizer sobre o assunto.

— Você está certa — concordo. — Certa sobre tudo. Nada de médico. — Viro de lado e tento me levantar, e, quando Heather vem me ajudar, eu permito. Até me apoio nela quando seguimos cambaleando juntas até a porta. Desisti de ser orgulhosa. Como Bryern me lembrou, não sou ninguém especial.

Atravessamos juntas a cozinha, passamos pela mesa com a tigela de cereal de Oak ainda pela metade, o leite cor-de-rosa. Há duas canecas de café vazias ao lado de uma caixa de Froot Loops. Reparo no número de canecas antes de meu cérebro interpretar o detalhe. Quando Heather me ajuda a entrar na sala, me dou conta de que devemos ter alguma visita.

Vivi está sentada no sofá. Seu rosto se ilumina quando ela vê Heather. Parece alguém que roubou uma magnífica harpa falante de um gigante e sabe que enfrentará consequências no futuro, mas não consegue se importar. Meu olhar vai até a pessoa ao seu lado, sentada de modo empertigado, com um

vestido elegante de Elfhame, feito de organza e contas de vidro. Minha irmã gêmea, Taryn.

CAPÍTULO
4

Sinto a adrenalina correr pelas veias, apesar da rigidez e das dores e hematomas. Eu gostaria de botar as mãos no pescoço de Taryn e apertar até sua cabeça estourar.

Vivi se levanta, talvez por causa do meu olhar assassino, mas provavelmente porque Heather está ao meu lado.

— Você — digo para minha irmã gêmea. — Saia.

— Espere — pede Taryn, se levantando também. — Por favor.

Agora estamos todas de pé, trocando olhares na sala pequena, como se fôssemos brigar.

— Não tem nada que eu queira ouvir da sua boca mentirosa. — Fico feliz de ter um alvo para todos os sentimentos que Grima Mog e Heather despertaram. Um alvo merecedor. — Saia, senão vou expulsar você.

— O apartamento é de Vivi — responde Taryn.

— O apartamento é *meu* — lembra Heather. — E você está machucada, Jude.

— Não importa! E se todas a querem aqui, então vou embora! — Com isso, eu me viro e me obrigo a andar até a porta e descer a escada.

A porta de tela bate. Taryn surge a minha frente, o vestido voando na brisa matinal. Se eu não soubesse como uma verdadeira princesa do Reino das Fadas é, poderia achar que ela parece uma. Por um momento, parece impossível sermos parentes e, mais impossível ainda, sermos idênticas.

— O que houve com você? — pergunta ela. — Parece ter se metido numa briga.

Não falo. Só continuo andando. Nem tenho certeza de para onde estou indo, lenta e dolorosamente. Talvez até Bryern. Ele vai encontrar um lugar para eu dormir, mesmo que depois eu não concorde com o valor. Até morar com Grima Mog seria melhor.

— Preciso da sua ajuda — pede Taryn.

— Não — nego. — Não. De jeito nenhum. Nunca. Se foi para isso que veio aqui, agora já tem sua resposta e pode ir embora.

— Jude, me escute. — Ela entra na minha frente e me obriga a encará-la. Olho para cima e começo a contornar a saia volumosa de seu vestido.

— Não também. Não, não vou ajudar. Não, não quero ouvir você explicar por que eu deveria. É mesmo uma palavra mágica: *não*. Você pode dizer a baboseira que quiser, e eu simplesmente respondo não.

— Locke está morto — declara.

Eu me viro. Acima de nós, o céu está claro, azul e limpo. Aves cantam umas para as outras nas árvores próximas. Ao longe, ouve-se o som de construção e tráfego. Naquele momento, a justaposição de estar no mundo mortal e ouvir sobre o falecimento de um ser imortal, um que eu conhecia, que beijei, é particularmente surreal.

— Morto? — Parece impossível, mesmo depois de tudo que vi. — Você tem certeza?

Na noite anterior ao casamento, Locke e os amigos tentaram me pegar, como uma matilha de cachorros caçando uma raposa. Prometi me vingar. Se ele estiver morto, jamais o farei.

E ele também não vai mais planejar nenhuma festa com o objetivo de humilhar Cardan. Não vai rir com Nicasia nem jogar Taryn e a mim uma contra a outra. Talvez eu devesse ficar aliviada por causa de toda a confusão que ele causou. Mas sou surpreendida quando percebo que sinto dor.

Taryn respira fundo, como se estivesse se preparando.

— Ele está morto porque eu o matei.

Balanço a cabeça, como se isso me ajudasse a entender o que ela falou.

— *O quê?*

Parece mais constrangida do que qualquer outra coisa, como se estivesse confessando algum acidente idiota, e não que *assassinou o marido*. Inquieta, lembro de Madoc parado ao lado de três crianças aos prantos, um momento depois de ter matado seus pais, com surpresa no rosto. Como se não tivesse tido a intenção de ir tão longe. Eu me pergunto se é assim que Taryn se sente.

Sabia que eu sairia mais a Madoc do que gostaria, mas nunca achei que Taryn e ele fossem parecidos.

— E preciso que você finja ser eu — termina ela, aparentemente nada constrangida em sugerir o mesmo estratagema que permitiu que Madoc partisse com metade do exército de Cardan, o mesmo truque que me condenou a aceitar o plano que me fez ser exilada. — Só por algumas horas.

— Por quê? — pergunto, mas percebo que não estou sendo clara. — Não a parte de fingir. O que quero dizer é *por que você o matou?*

Ela respira fundo e olha para o apartamento.

— Entre e eu conto. Conto tudo. Por favor, Jude.

Olho na direção do apartamento e admito com relutância que não tenho para onde ir. Não quero procurar Bryern. Quero entrar e descansar em minha cama. E apesar de exausta, não posso negar que a perspectiva de entrar escondida em Elfhame como Taryn tem um apelo perturbador. A ideia de estar lá, de ver Cardan, acelera meu coração.

Pelo menos, ninguém sabe o que penso. Por mais idiotas que sejam, meus pensamentos continuam sendo só meus.

Do lado de dentro, Heather e Vivi estão paradas perto da cafeteira, em um canto da cozinha, tendo uma conversa intensa que não quero interromper. Pelo menos, estão conversando. Isso é bom. Vou para o quarto de Oak, onde minhas poucas roupas estão enfiadas na última gaveta da cômoda. Taryn me segue, a testa franzida.

— Vou tomar um banho — aviso. — E passar pomada no corpo. Você vai fazer um chá mágico curativo de milefólio na cozinha. Só então estarei pronta para ouvir sua confissão.

— Me deixe ajudá-la a tirar isso — oferece Taryn com um movimento exasperado de cabeça quando ameaço protestar. — Você não tem escudeira.

— Nem armadura para ela polir — retruco, mas não reajo quando minha irmã puxa a blusa pelos membros doloridos. Está rígida de sangue, e faço uma

careta quando ela a tira. Inspeciono meus cortes pela primeira vez: em carne viva, vermelhos e inchados. Desconfio de que Grima Mog não costuma manter a faca tão limpa quanto eu gostaria.

Taryn liga o chuveiro, ajusta a temperatura nas torneiras e me guia pela borda da banheira até eu estar debaixo da água quente. Como somos irmãs, já nos vimos nuas um zilhão de vezes ao longo dos anos, mas, quando seu olhar encontra a cicatriz horrível em minha coxa, lembro que ela nunca a viu.

— Vivi falou uma coisa — começa Taryn, lentamente. — Sobre a noite anterior a meu casamento. Você se atrasou e, quando chegou, estava quieta e pálida. Doente. Temi que você ainda o amasse, mas Vivi insiste que não é verdade. Diz que você foi ferida.

Assinto.

— Eu me lembro daquela noite.

— Locke… fez alguma coisa? — Ela não me encara agora. O olhar está voltado para os azulejos, depois para um desenho que Oak fez de Heather, com giz de cera marrom na pele e cor-de-rosa no cabelo.

Pego o sabonete líquido que Vivi adquire na loja orgânica, o que é para ser naturalmente antibacteriano, e passo generosamente no sangue seco. O cheiro é de cloro, e arde demais.

— Quer saber se ele tentou me matar?

Taryn assente. Eu a encaro. Ela já sabe a resposta.

— Por que não falou nada? Por que me deixou casar com ele? — pergunta ela.

— Eu não sabia — admito. — Só soube que foi Locke quem organizou a caçada quando vi você usando os brincos que perdi naquela noite. Depois, fui levada pelo Reino Submarino. E, assim que voltei, você me *traiu*, então achei que não tivesse importância.

Taryn franze o cenho, dividida entre a vontade de discutir e o esforço de ficar quieta para me conquistar. Um momento depois, a discussão triunfa. Somos gêmeas, afinal.

— Só fiz o que papai mandou! Não achei que importasse. Você tinha todo aquele poder e não queria usar. Mas eu nunca quis fazer mal a você.

— Acho que prefiro Locke e os amigos me perseguindo pela floresta a ser esfaqueada nas costas por você. De novo.

Vejo que ela se controla para não falar mais nada, respira fundo, morde a língua.

— Me desculpe — diz ela, e sai do banheiro, me deixando terminar o banho sozinha.

Ligo o aquecedor e demoro muito tempo.



Quando saio, Heather já foi embora e Taryn revirou a geladeira e inventou uma espécie de lanche derivado da própria energia nervosa com nossas sobras. Tem um bule grande de chá no meio da mesa, junto a um bule menor de milefólio. Ela pegou nossa última fornada de biscoitos de gengibre e botou numa travessa. Nosso pão virou dois tipos de sanduíche: presunto com aipo e creme de amendoim com cereal Cheerios.

Vivi está fazendo café e observando Taryn com uma expressão preocupada. Eu me sirvo de uma caneca do chá curativo e bebo tudo, depois me sirvo de outra. Limpa, medicada e vestida com roupas novas, me sinto bem mais lúcida e preparada para lidar com a notícia de que Locke está morto e que minha irmã gêmea o matou.

Pego um sanduíche de presunto e dou uma mordida. O aipo está crocante e meio estranho, mas não ruim. De repente, percebo como estou com fome. Enfio o resto do sanduíche na boca e coloco mais dois num prato.

Taryn retorce as mãos, aperta uma na outra e depois o vestido.

— Eu surtei — confessa.

Nem Vivi, nem eu falamos. Tento mastigar o aipo mais rápido.

— Ele prometeu que me amaria até morrer, mas seu amor não me protegia de sua falta de gentileza. Ele me avisou que os feéricos não amam como nós. Só entendi quando me deixou sozinha naquela casa enorme e horrível por semanas seguidas. Cultivei rosas híbridas no jardim e encomendei cortinas novas e fiz festas que duraram um mês para os amigos do meu marido. Não fez diferença. Às vezes eu era sórdida e às vezes, casta. Dei *tudo* a ele. Mas Locke disse que toda a história tinha sumido de mim.

Levantei as sobrancelhas. Foi uma coisa horrível de dizer, mas não necessariamente o que eu esperava que fossem suas últimas palavras.

— Acho que lhe deu uma lição.

Vivi gargalha abruptamente e me olha de cara feia por fazê-la rir.

Os cílios de Taryn cintilam com lágrimas não derramadas.

— Acho que sim — diz ela, com uma voz seca que tenho dificuldade de interpretar. — Tentei explicar como as coisas tinham que mudar, pois *tinham* mesmo, mas ele agiu como se eu estivesse sendo ridícula. Ele ficava *falando*, como se pudesse me convencer a não ter sentimentos próprios. Havia um abridor de cartas incrustado de pedras na escrivaninha e… lembram todas aquelas aulas que Madoc nos deu? Quando dei por mim, a ponta do abridor de cartas estava no pescoço de Locke. Ele finalmente calou a boca, mas quando o puxei de volta, havia tanto sangue.

— Então você não pretendia matá-lo? — pergunta Vivi.

Taryn não responde.

Entendo como é engolir as coisas por tanto tempo e acabar explodindo. Também entendo como é enfiar uma faca em alguém.

— Tudo bem — digo, sem saber se é verdade.

Ela se vira para mim.

— Eu achava que não éramos nada parecidas, eu e você. Acontece que somos iguais.

Acho que ela não acredita que seja uma coisa boa.

— Onde está o corpo agora? — pergunto, tentando me concentrar na parte prática. — Temos que nos livrar dele e…

Taryn balança a cabeça.

— O corpo já foi encontrado.

— Como? O que você fez? — Antes, me senti frustrada por ela ter pedido ajuda, mas agora estou irritada por ela não ter vindo antes, quando eu poderia ter cuidado de tudo.

— Arrastei o corpo dele até as ondas. Achei que a maré o levaria para longe, mas foi parar em outra praia. Pelo menos, hum, pelo menos uma parte foi corroída. Foi difícil identificarem como ele morreu. — Ela me olha com impotência, como se ainda não conseguisse conceber como aquilo aconteceu com ela. — Não sou uma pessoa ruim.

Tomo um gole do chá de milefólio.

— Não falei que era.

— Vai haver uma investigação — continua Taryn. — Vão me enfeitiçar e fazer perguntas. Não vou conseguir mentir. Mas, se você responder em meu lugar, pode dizer com sinceridade que não o matou.

— Jude está exilada — diz Vivi. — Foi banida até receber o perdão da Coroa ou alguma outra porcaria importante. Se a pegarem, vão matá-la.

— Vão ser só algumas horas — argumenta Taryn, olhando para cada uma de nós. — E ninguém vai saber. Por favor.

Vivi geme.

— É arriscado demais.

Não digo nada, o que parece ser o indicativo de que estou considerando a ideia.

— Você quer ir, não quer? — pergunta Vivi, lançando um olhar sagaz em minha direção. — Quer uma desculpa para voltar. Mas quando a enfeitiçarem, vão perguntar seu nome. Ou alguma coisa que vai desmascará-la quando você não responder como Taryn responderia. E aí, estará ferrada.

Balanço a cabeça.

— Botaram um geas em mim, que me protege de qualquer glamour. — Odeio o quanto a ideia de voltar a Elfhame me empolga, o quanto quero outra mordida de maçã-eterna, outra chance de ter poder, outra chance com ele. Talvez haja um jeito de resolver meu exílio, se ao menos eu conseguir encontrá-lo.

Taryn franze o cenho.

— Um geas? Por quê?

Vivi me fuzila com o olhar.

— Conte para ela. Fale o que você fez. Revele o que você é e por que não pode voltar.

Há algo no rosto de Taryn, quase medo. Madoc deve ter explicado que consegui uma promessa de obediência de Cardan… senão, como ela saberia que tinha que obrigá-lo a liberar metade do exército de seus juramentos? Desde que voltei para o mundo mortal, tive muito tempo para repassar o que aconteceu entre nós. Tenho certeza de que Taryn estava com raiva de mim por não ter revelado meu controle sobre Cardan. Tenho certeza de que Taryn ficou com mais raiva ainda por eu fingir que não podia persuadir Cardan a dispensar Locke de ser Mestre da Esbórnia quando, na verdade, eu poderia ter ordenado a ele. Mas minha irmã tinha muitos outros motivos para ajudar Madoc. Afinal, ele também era nosso pai. Talvez ela quisesse participar do grande jogo. Talvez tivesse pensado em todas as coisas que ele poderia fazer por ela se subisse ao trono.

— Eu devia ter contado tudo, sobre Dain e a Corte das Sombras, mas… — começo a falar e Vivi me interrompe.

— Pule essa parte — diz ela. — Vá direto ao ponto. *Conte quem você é*.

— Ouvi falar da Corte das Sombras — comenta Taryn rapidamente. — São espiões. Está dizendo que é uma espiã?

Balanço a cabeça porque entendo o que Vivi quer que eu explique. Ela quer que eu conte que Cardan se casou comigo e me transformou na Grande Rainha de Elfhame. Mas não posso. Cada vez que penso no assunto, sinto uma onda de vergonha por acreditar que ele não iria me enganar. Acho que não consigo explicar nada relacionado ao caso sem parecer idiota, e não estou pronta para me mostrar tão vulnerável para Taryn.

Preciso encerrar a conversa e digo a única coisa que sei que vai distrair as duas, ainda que por motivos diferentes.

— Decidi ir e tomar o lugar de Taryn na investigação. Volto em um ou dois dias, então explico tudo a ela. Prometo.

— Vocês duas não podem simplesmente ficar aqui no mundo mortal? — pergunta Vivi. — Que se dane o Reino das Fadas. Que se dane isso tudo. Vamos para um apartamento maior.

— Mesmo que Taryn fique conosco, seria melhor ela não sumir bem no meio da investigação do Grande Rei — argumento. — E posso trazer coisas

que vamos poder penhorar para conseguir um dinheiro fácil. De algum jeito, vamos ter que pagar pelo apartamento maior.

Vivi me olha, exasperada.

— A gente pode parar de morar em apartamentos e de brincar de ser mortal quando você quiser. Fiz isso por Heather. Se formos só nós, podemos ocupar um dos armazéns abandonados perto do mar e enfeitiçá-lo para ninguém entrar. Podemos roubar todo o dinheiro de que precisarmos para comprar qualquer coisa. É só você falar, Jude.

Tiro do bolso da jaqueta os quinhentos dólares pelos quais lutei e coloco na mesa.

— Bryern vai aparecer com a outra metade hoje. Já que ainda estamos brincando de ser mortais. E Heather aparentemente continua rondando. Agora, vou dormir um pouco. Quando acordar, vou para o Reino das Fadas.

Taryn olha para o dinheiro na mesa sem entender.

— Se você precisava…

— Se for pega, vai ser executada, Jude — lembra Vivi, interrompendo a proposta que Taryn estava prestes a fazer. Fico feliz. Posso estar disposta a fazer o que ela quer, mas isso não quer dizer que a perdoo. Nem que somos próximas agora. E não quero que ela aja como se fôssemos.

— É só eu não ser pega — digo para as duas.

CAPÍTULO
5

Como Oak está na escola, eu me deito em sua cama. Machucada como estou, o sono me derruba facilmente e me puxa para a escuridão.

E para os sonhos.

Estou nas aulas no bosque do palácio, sentada nas longas sombras do fim da tarde. A lua já subiu, um crescente no céu azul sem nuvens. Desenho um mapa astral de memória, a tinta de um vermelho-escuro que empelota no papel. É sangue, percebo. Estou molhando a pena em um pote cheio de sangue.

Do outro lado, vejo o príncipe Cardan, sentado com os companheiros de sempre. Valerian e Locke parecem estranhos: as roupas foram corroídas pelas traças, a pele está pálida, e só se veem borrões de tinta no lugar dos olhos. Nicasia não parece reparar. O cabelo da cor do mar cai pelas costas em cachos pesados; os lábios estão retorcidos em um sorriso debochado, como se não houvesse nada de errado no mundo. Cardan usa uma coroa inclinada e manchada de sangue, os ângulos do rosto tão assombrosamente lindos como sempre.

— Lembra o que falei antes de morrer? — grita Valerian para mim com a voz provocadora. — *Eu amaldiçoo você. Três vezes, eu amaldiçoo você. Como você me assassinou, que suas mãos estejam sempre sujas de sangue. Que a morte seja sua única companheira. Que você…* Foi nessa hora que morri e por isso não cheguei a dizer o resto. Quer ouvir agora? *Que você tenha uma vida breve e tomada de dor e, quando morrer, que ninguém lamente sua morte*.

Eu estremeço.

— É, essa parte final foi mesmo o ponto alto.

Cardan se aproxima, pisa no mapa astral, chuta o pote de tinta com as botas com ponteiras de prata e espalha o sangue no papel, cobrindo meu desenho.

— Venha comigo — chama ele imperiosamente.

— Eu sabia que você gostava dela — diz Locke. — Foi por isso que precisei tê-la primeiro. Lembra a festa no labirinto do jardim? Quando a beijei enquanto você assistia?

— Lembro das suas mãos sobre ela, mas os olhos dela estavam em mim — responde Cardan.

— Não é verdade! — insisto, mas me lembro de Cardan em um cobertor com uma garota feérica de cabelo de narcisos. Ela encostou os lábios na ponta de sua bota e outra garota lhe beijou o pescoço. O olhar do príncipe se voltou para mim quando uma delas começou a beijar sua boca. Os olhos brilhavam como carvão, úmidos como piche.

A lembrança vem com o toque da palma da mão de Locke em minhas costas, o calor nas bochechas e a sensação de que minha pele estava tensa demais, de que tudo era demais.

— Venha comigo — repete Cardan, me levando para longe do mapa astral encharcado de sangue e dos outros em meio à aula. — Sou o príncipe do Reino das Fadas. Tem que fazer o que eu quero.

Ele me leva para a sombra de um carvalho, me levanta e me coloca sentada em um galho baixo. Fica com as mãos em minha cintura e chega mais perto, de modo que fica parado entre minhas coxas.

— Assim não é melhor? — pergunta ele, me olhando.

Não sei o que quer dizer, mas assinto.

— Você é tão linda. — Ele começa a correr os dedos por meus braços e passa as mãos nas laterais do meu corpo. — Tão linda.

A voz é suave, e cometo o erro de olhar para os olhos negros, para a boca maliciosa e curva.

— Mas sua beleza vai desaparecer — continua ele com a mesma suavidade, falando como um amante. As mãos continuam se movendo, fazendo meu estômago se contrair e o calor aquecer minha barriga. — Essa pele lisa vai se

enrugar e se tornar manchada. Vai afinar como teia de aranha. Esses seios vão perder a firmeza. Seu cabelo perderá o brilho e o volume. Seus dentes vão ficar amarelados. E tudo que você tem, tudo que você é, vai apodrecer até se transformar em nada. Você não vai ser nada. Você não é nada.

— Não sou nada — repito, me sentindo impotente com aquelas palavras.

— Você veio do nada e para o nada vai retornar — sussurra ele em meu pescoço.

Um pânico repentino toma conta de mim. Preciso me afastar dele. Tento pular do galho, mas não caio no chão. Só caio e caio e caio pelo ar, como Alice no buraco do coelho.

O sonho muda. Estou em uma placa de pedra, envolta em tecido. Tento me levantar, mas não consigo me mexer. Parece que sou uma boneca de madeira entalhada. Meus olhos estão abertos, mas não consigo mexer a cabeça, não consigo piscar, não consigo fazer nada. Apenas olhar para o mesmo céu sem nuvens, para a mesma silhueta de foice da lua.

Madoc aparece acima de mim, olhando para baixo com os olhos de gato.

— Que pena — diz ele, como se eu não pudesse ouvir. — Se ela tivesse parado de lutar comigo, eu teria lhe dado tudo que sempre quis.

— Ela nunca foi uma menina obediente — comenta Oriana ao seu lado. — Não como a irmã.

Taryn também está presente, uma lágrima delicada escorrendo pela bochecha.

— Só deixariam uma de nós sobreviver. Sempre eu. Você é a irmã que cospe sapos e cobras. Sou a irmã que cospe rubis e diamantes.

Os três vão embora. Vivi aparece ao meu lado e encosta os dedos longos em meu ombro.

— Eu devia ter salvado você — diz. — Sempre foi meu trabalho salvar você.

— Meu funeral é o próximo — sussurra Oak um momento depois.

A voz de Nicasia surge como se ela falasse de longe.

— Dizem que feéricos choram em casamentos e riem em funerais, mas achei seu casamento e seu funeral igualmente engraçados.

Cardan aparece com um sorriso carinhoso nos lábios. Quando fala, é com um sussurro conspiratório.

— Quando eu era criança, montávamos enterros como pequenas peças de teatro. Os mortais estavam mortos, claro, ou pelo menos acabavam mortos no final.

Então finalmente consigo falar.

— Você está mentindo — afirmo.

— Óbvio que estou mentindo — responde ele. — Esse é seu sonho. Vou mostrar. — Ele encosta a mão quente em minha bochecha. — Eu te amo, Jude. Amo há muito tempo. Nunca vou deixar de amá-la.

— Pare! — exclamo.

É Locke que aparece ao meu lado, com água escorrendo da boca.

— Vamos nos certificar de que esteja mesmo morta.

Um momento depois, ele me enfia uma faca no peito. Isso se repete várias vezes.

Com isso, acordo, o rosto molhado de lágrimas e um grito preso na garganta.

Chuto a coberta. Do lado de fora, está escuro. Devo ter dormido o dia inteiro. Acendo a luz, respiro fundo, vejo se estou com febre. Espero que meus nervos se acalmem. Quanto mais penso no sonho, mais perturbada fico.

Vou para a sala, onde encontro uma caixa de pizza aberta na mesinha de centro. Alguém colocou ramos de dentes-de-leão ao lado do pepperoni em algumas fatias. Oak tenta explicar *Rocket League* para Taryn.

Os dois me olham com cautela.

— Ei — cumprimento minha irmã gêmea. — Posso falar com você?

— Sim — aceita Taryn, se levantando do sofá.

Vou até o quarto de Oak e me sento na beirada da cama.

— Preciso saber se veio até aqui porque a obrigaram — digo. — Preciso saber se tudo é uma armadilha do Grande Rei para me fazer violar os termos do exílio.

Taryn parece surpresa, mas felizmente não pergunta por que eu pensaria uma coisa dessas. Uma das mãos vai até a barriga, os dedos abertos.

— Não. Mas não contei tudo.

Eu espero, sem saber do que ela está falando.

— Andei pensando na mamãe — dispara ela por fim. — Sempre achei que ela tinha fugido de Elfhame porque se apaixonou por nosso pai mortal, mas

agora não tenho tanta certeza.

— Não entendi — admito.

— Estou grávida — diz ela, a voz um sussurro.

Por séculos, os mortais foram valorizados pela capacidade de conceber filhos feéricos. Nosso sangue é menos lerdo que o das fadas. As mulheres feéricas têm sorte se conseguem gerar um único filho no curso das longas vidas. A maioria jamais consegue. Mas uma esposa mortal é outra questão. Eu sabia disso tudo, mas nunca me ocorreu que Taryn e Locke fossem conceber uma criança.

— Uau!— exclamo, desviando o olhar para a mão aberta sobre a barriga como se para protegê-la. — Ah.

— Ninguém deveria ter uma infância como a nossa — argumenta ela.

Ela imaginara criar uma criança naquela casa, com Locke ferrando com a cabeça das duas? Ou foi por ela imaginar que, se partisse, ele talvez a caçasse, como Madoc caçou nossa mãe? Não sei. E também não sei se devo perguntar. Agora que estou descansada, consigo ler os sinais de exaustão que não notei antes. Os olhos vermelhos. Ângulos nas feições que deixam claro que ela se esqueceu de comer.

Percebo que Taryn nos procurou porque não tem para onde ir… e devia imaginar que havia uma boa chance de eu não a ajudar.

— Ele sabia? — pergunto.

— Sim — responde ela, e faz uma pausa, como se estivesse relembrando a conversa. E possivelmente o assassinato. — Mas não contei para mais ninguém. Ninguém além de você. E contar para Locke foi… bom, você já sabe como foi.

Não sei o que dizer, mas, quando ela faz um gesto indefeso em minha direção, eu me aninho em seus braços e apoio a cabeça em seu ombro. Sei que há muitas coisas que eu deveria ter contado a ela e muitas que ela deveria ter me contado. Sei que não fomos gentis. Sei que ela vai me magoar, mais do que pode imaginar. Mas, mesmo com tudo isso, ela ainda é minha irmã. Minha irmã viúva e assassina, com um bebê a caminho.



Uma hora depois, estou com tudo pronto para a partida. Taryn repassou comigo os detalhes de seu cotidiano, sobre as fadas com quem fala regularmente, sobre cuidar da propriedade de Locke. Ela me deu um par de luvas para disfarçar a ausência da ponta do meu dedo. Tirou o vestido elegante de organza e contas de vidro. Eu que o visto agora, o cabelo preso num penteado parecido com o de minha irmã, enquanto ela está com minha legging preta e meu suéter.

— Obrigada — agradece ela, uma palavra que as fadas nunca usam. Agradecimentos são considerados grosseria, que trivializam a dança complicada de dívidas e pagamentos. Mas não é isso que os mortais querem dizer quando agradecem uns aos outros. Não mesmo.

Ainda assim, dispenso suas palavras.

— Não esquenta.

Oak se aproxima querendo colo; apesar de ter 8 anos, seus membros são longos no corpo delgado de menino.

— Apertão — anuncia, o que significa que vai pular e passar os braços pelo pescoço, quase estrangulando a pessoa. Aceito isso e o aperto com força, meio sem ar.

Quando o coloco no chão, tiro o anel de rubi, o que Cardan roubou e me devolveu durante nossa troca de promessas. E que não posso levar comigo se quero me passar por Taryn.

— Pode guardar isto? Só até eu voltar.

— Pode deixar — diz Oak solenemente. — Volte logo. Vou sentir saudade.

Fico surpresa com aquela doçura, principalmente depois da nossa última interação.

— Assim que eu puder — prometo, dando um beijo em sua testa. Em seguida, vou até a cozinha. Vivi está me esperando. Juntas, saímos para o gramado, onde ela plantou, no canteiro, erva-de-santiago.

Taryn nos segue, puxando a manga do suéter que está usando.

— Tem certeza? — pergunta Vivi, arrancando uma planta pela raiz. Olho para ela, escondida nas sombras, o cabelo iluminado pela luz do poste. Em geral, parece castanho, como o meu, mas na luz certa dá para ver fios de um dourado quase esverdeado.

Vivi nunca ansiou pelo Reino das Fadas como eu. Como poderia, se o carrega consigo aonde quer que vá?

— Você sabe que tenho — respondo. — Vai me contar o que aconteceu com Heather?

Ela balança a cabeça.

— Fique viva se quiser descobrir. — Ela sopra a erva-de-santiago. — Corcel, levante-se e leve minha irmã aonde ela ordenar. — Quando o caule com a flor cai no chão, já está se transformando em um pônei amarelo, magro, com olhos esmeralda e uma crina de fios sedosos.

O animal resfolega no ar e bate com os cascos no chão, quase tão ansioso para voar quanto eu.



A propriedade de Locke continua como eu lembro: torres altas e pedras com musgo, coberta com uma camada densa de madressilva e hera. No terreno, há um labirinto de cercas vivas com um formato vertiginoso. O lugar parece saído de um conto de fadas, do tipo em que o amor é uma coisa simples, nunca motivo de dor.

À noite, o mundo humano parece cheio de estrelas cadentes. As palavras surgem de repente, o que Locke disse quando estávamos juntos em cima da torre mais alta.

Ordeno que o cavalo de erva-de-santiago pouse e desmonto, deixando-o escoiceando a terra enquanto sigo até as portas grandiosas. Elas se abrem quando me aproximo. Dois criados estão parados ali dentro, a pele tão pálida que as veias estão visíveis, dando a eles a aparência de um par de velhas estátuas de mármore. Asas pequenas e frágeis pendem dos ombros. Eles observam minha aproximação com os olhos frios e escuros como tinta, me fazendo lembrar, na mesma hora, da falta de humanidade dos feéricos.

Inspiro fundo e me empertigo. Em seguida, entro.

— Bem-vinda de volta, minha senhora — diz a mulher. Eles são irmãos, Taryn me disse. Nera e Neve. Sua dívida era com o pai do Locke, mas ficaram para trás quando ele partiu, para servir o resto da sentença cuidando do filho. Eles se esgueiravam antes, ficavam fora de vista, mas Taryn os proibiu de fazê-lo quando foi morar ali.

No mundo mortal, me acostumei a agradecer às pessoas por pequenos serviços e agora tenho que segurar as palavras.

— É bom estar em casa — comento, passo por eles e entro no salão.

Está diferente da minha lembrança. Antes, os aposentos eram, em sua maioria, vazios, e os que exibiam mobília tinham móveis velhos e pesados, com o estofamento rígido de desgaste. A comprida mesa de jantar não tinha nada em cima, assim como o piso. Não mais.

Há almofadas e tapetes, cálices e bandejas e decantadores pela metade cobrindo todas as superfícies, com uma variedade de cores: vermelho e castanho, azul-pavão e verde-garrafa, dourado e ameixa. A colcha de uma cama está manchada com um pó dourado fino, talvez de um hóspede recente. Franzo a testa por tempo demais, meu reflexo visível em uma urna de prata polida.

Os criados estão olhando, e não tenho motivo para examinar aposentos com os quais devia estar familiarizada. Tento relaxar a expressão. Esconder minha perplexidade com as partes da vida de Taryn sobre as quais ela não me contou.

Minha irmã decorou os aposentos, tenho certeza. A cama na fortaleza de Madoc vivia coberta de almofadas coloridas. Ela ama coisas belas. Mas não consigo deixar de perceber que o local foi feito para bacanais, para decadência. Taryn falou de festas de um mês inteiro, mas só agora eu a imagino deitada nas almofadas, bêbada e rindo e, talvez, beijando pessoas. Talvez fazendo mais do que apenas beijar.

Minha irmã, minha gêmea, sempre foi mais cotovia que quíscalo, mais tímida que sensual. Ou era o que eu achava. Enquanto eu seguia o caminho de adagas e venenos, ela percorria a trilha não menos intensa do desejo.

Eu me viro para a escada, sem saber se vou conseguir levar o plano adiante. Repasso o que sei, a explicação que Taryn e eu elaboramos juntas sobre a última vez que vi Locke. Ele planejava se encontrar com uma selkie, direi, com quem tinha um caso. Era plausível, afinal. E o Reino Submarino tinha se indisposto tanto com a terra que eu esperava que os feéricos se sentissem inclinados a se voltar contra eles.

— O jantar será servido no salão? — pergunta Neve, andando atrás de mim.

— Prefiro uma bandeja no quarto — respondo, sem querer comer sozinha naquela mesa comprida e ser atendida com silêncio circunspecto.

Subo a escada, segura de que vou me lembrar do caminho. Abro uma porta com apreensão. Por um momento, acho que estou no lugar errado, mas foi só o quarto de Locke que mudou também. A cama está envolta em um dossel bordado com raposas espreitando em meio a árvores altas. Há um divã baixo na frente da cama, sobre o qual alguns trajes foram espalhados, e uma escrivaninha coberta de papéis e canetas.

Sigo para o quarto de vestir de Taryn e examino o guarda-roupa, uma coleção menos variada em cores do que a decoração escolhida por ela, mas não menos bonita. Pego um vestido solto e um robe pesado de cetim, e tiro o de organza e contas de vidro.

O tecido acaricia minha pele. Paro na frente do espelho do quarto e penteio o cabelo. Eu me observo e tento ver o que pode me entregar. Sou mais musculosa, mas roupas podem esconder esse detalhe. Meu cabelo é mais curto, mas não muito. E, claro, tem meu temperamento.

— Cumprimentos, Vossa Majestade — digo, tentando me imaginar na Grande Corte de novo. O que Taryn faria? Eu me curvo em uma reverência baixa. — Há quanto tempo.

Claro que Taryn deve tê-lo visto recentemente. Para ela, não faz muito tempo. O pânico faz meu peito disparar. Vou ter que fazer mais do que responder perguntas no inquérito. Vou ter que fingir ser uma simples conhecida do Grande Rei Cardan *na cara dele*.

Estudo meu reflexo no espelho e tento conjurar a expressão correta de deferência, sem fazer uma careta.

— Cumprimentos, Vossa Majestade, seu sapo traiçoeiro.

Não, não daria certo, por melhor que fosse a sensação.

— Saudações, Vossa Majestade — tento novamente. — Não matei meu marido, apesar de ele merecer, e muito.

Há uma batida na porta, e dou um sobressalto.

Nera trouxe uma bandeja grande de madeira, que coloca na cama, e sai com uma reverência, quase sem emitir som nenhum. Na bandeja, há torradas e geleia com um cheiro forte e estranho, que faz minha boca salivar. Demora mais do que deveria para eu me dar conta de que é *fruta de fada*. E a ofereceram como se não representasse nada, como se Taryn comesse aquilo regularmente. Locke lhe dava escondido? Ou ela comia deliberadamente, como uma espécie de embotamento recreativo dos sentidos? Novamente, estou perdida.

Pelo menos, tem também um bule de chá, queijo macio e três ovos de pato cozidos. É um jantar simples, a não ser pela estranheza da fruta de fada.

Tomo o chá e como os ovos e as torradas. Escondo a geleia num guardanapo que enfio no fundo do armário. Se Taryn o encontrar mofado em semanas, bom, é um preço baixo a pagar pelo favor que ela arrancou de mim.

Olho os vestidos de novo e tento escolher um para o dia seguinte. Nada extravagante. Meu marido está morto, e eu devia estar triste. Infelizmente, embora as encomendas que Taryn fez para mim tivessem sido quase todas

pretas, o armário não tem nenhuma peça dessa cor. Reviro seda e cetim, brocado com estampa de florestas e animais olhando por trás de folhas, e veludos bordados em verde-sálvia e azul-céu. Enfim, escolho um vestido bronze-escuro e o levo até o divã, com um par de luvas azul-marinho. Remexo na caixa de joias e pego os brincos que dei a ela. Um de lua e o outro de estrela, feitos pelo mestre ferreiro Grimsen e enfeitiçados para deixar quem o usasse ainda mais bonita.

Estou ansiosa para sair da propriedade de Locke e voltar para a Corte das Sombras. O que mais quero é visitar Barata e Bomba, ouvir as fofocas da Corte, estar nos familiares aposentos subterrâneos. Mas aqueles aposentos não existem mais, foram destruídos por Fantasma quando nos traiu para o Reino Submarino. Não sei de onde a Corte das Sombras opera agora.

E não posso correr o risco.

Abro a janela, me sento à escrivaninha de Taryn e tomo chá de urtiga com o aroma apurado de sal do mar e da madressilva selvagem e da brisa distante entre os abetos. Respiro fundo, em casa e com saudade de casa ao mesmo tempo.

CAPÍTULO
6

O inquérito vai acontecer quando as primeiras estrelas ficarem visíveis no céu. Chego à Grande Corte com o vestido bronze de Taryn, um xale nos ombros, luvas e o cabelo preso em um coque baixo frouxo. Meu coração dispara, e espero que ninguém perceba o suor, gerado pelo nervoso, que começa a se acumular debaixo de meus braços.

Como senescal do Grande Rei, eu recebia certa deferência. Apesar de ter vivido oito anos em Elfhame sem aquilo, acabei me acostumando muito rápido.

Como Taryn, sou vista com desconfiança quando abro caminho por uma multidão que não mais se afasta automaticamente para mim. Ela é a filha de um traidor, a irmã de uma pária e suspeita do assassinato do marido. Os olhares são ávidos, como se esperassem um espetáculo de culpa e punição. Mas eles não a temem. Mesmo com o suposto crime, eles a veem como mortal e como fraca.

Ótimo, suponho. Quanto mais fraca ela parecer, mais crível será sua inocência.

Meu olhar se afasta da plataforma enquanto me aproximo. A presença do Grande Rei Cardan parece infectar o ar que respiro. Por um momento louco, penso em me virar e sair antes que ele me veja.

Não sei se consigo fazer aquilo.

Estou meio tonta.

Não sei se consigo olhar para ele sem demonstrar nada do que sinto.

Respiro fundo e solto o ar, lembrando a mim mesma que ele não vai saber que sou eu parada a sua frente. Não reconheceu Taryn vestida em minhas roupas e não vai me reconhecer agora.

Além do mais, digo a mim mesma, *se você não conseguir fazer isso, você e Taryn estarão bem encrencadas*.

De repente, lembro os motivos para Vivi ter me dito que era má ideia. Ela estava certa. É ridículo. Eu devia continuar exilada até chegar a hora de ser perdoada pela Coroa, sob risco de morte.

Me passa pela cabeça que talvez ele tenha cometido um erro com a escolha do vocabulário. Talvez eu possa me perdoar. Mas, então, lembro quando insisti que era Rainha do Reino das Fadas e os guardas riram. Cardan não precisou me desmentir. Bastou apenas não dizer nada. E, se eu me perdoasse, deveria não dizer nada de novo.

Não, se ele me reconhecer, vou ter que fugir e me esconder e torcer para que meu treino com a Corte das Sombras vença as habilidades da guarda. Mas aí a Corte vai saber que Taryn é culpada… senão, por que eu me passaria por ela? E, se eu não conseguir fugir…

Inutilmente, me pergunto que tipo de execução Cardan poderia escolher. Talvez amarrasse pedras em meus pés e deixasse o mar fazer o serviço. Nicasia adoraria. Mas, caso não se sinta com humor para tanto, há também decapitação, enforcamento, exsanguinação, afogamento e esquartejamento, virar ração de um sapo de montaria…

— Taryn Duarte — diz um cavaleiro, interrompendo meus pensamentos morosos. A voz soa fria, a armadura prateada o distinguindo como um dos guardas pessoais de Cardan. — Esposa de Locke. Você deve ficar no lugar dos suplicantes.

Sigo para lá, desorientada pela ideia de ficar onde vi tantos ficarem quando era senescal. Mas caio em mim e faço a reverência profunda de alguém confortável na posição de submissão à vontade do Grande Rei. Como não consigo encará-lo ao fazê-lo, mantenho o olhar grudado no chão.

— Taryn? — chama Cardan, e o som de sua voz, a familiaridade, é chocante.

Sem ter nenhuma outra desculpa, levanto o olhar.

Ele é ainda mais horrivelmente lindo do que eu era capaz de lembrar. São todos lindos, a não ser quando hediondos. É a natureza dos feéricos. Nossa mente mortal não consegue compreendê-los; nossa memória atenua seu poder.

Todos os seus dedos cintilam com anéis. Um peitoral de ouro polido e cinzelado, incrustado de pedras, pende dos ombros, cobrindo uma camisa branca de babados. As botas se curvam nas pontas e sobem até os joelhos. A cauda está visível, enrolada na lateral da perna. Acho que ele decidiu que não é mais algo que precise esconder. Na cabeça, claro, está a Coroa de Sangue.

Ele me examina com olhos pretos delineados em dourado, um sorriso irônico no canto da boca. O cabelo preto emoldura seu rosto, solto e meio desgrenhado, como se ele tivesse se levantado recentemente da cama de alguém.

Não consigo reprimir a admiração pelo poder que já tive sobre ele, sobre o *Grande Rei do Reino das Fadas*. Por já ter sido arrogante a ponto de acreditar que poderia manter tal poder.

Eu me lembro do toque de sua boca na minha. Lembro como ele me enganou.

— Vossa Majestade — digo, porque tenho que falar alguma coisa e porque tudo que treinei começava assim.

— Nós reconhecemos sua dor — continua ele, falando de forma irritantemente majestosa. — Não incomodaríamos seu luto se não se tratasse da causa da morte de seu marido.

— Acha mesmo que ela está triste? — pergunta Nicasia, parada ao lado de uma mulher que demoro um momento para identificar: a mãe de Cardan, Lady Asha, com um vestido prateado e ponteiras de pedras cobrindo as extremidades dos chifres. O rosto de Lady Asha foi maquiado com prateado: prata nas bochechas e no brilho dos lábios. Nicasia, por sua vez, usa as cores do mar. O vestido é do verde das algas, escuro e intenso. O cabelo verde-água está trançado e decorado com uma coroa elaborada, feita de ossos e dentes de peixe.

Pelo menos, nenhuma das duas está na plataforma com o Grande Rei. A posição de senescal parece ainda vaga.

Tenho vontade de responder a Nicasia, mas Taryn não o faria, então não respondo. Não falo nada e me xingo por saber o que Taryn *não* faria, mas por

ter menos certeza do que ela *faria*.

Nicasia se aproxima, e fico surpresa de ver dor em seu rosto. Locke tinha sido seu amigo, além de amante. Acho que não era muito bom em nenhuma das duas coisas, mas isso não quer dizer que ela o queria morto.

— Você matou Locke? — pergunta ela. — Ou mandou sua irmã matá-lo?

— Jude está exilada — digo, as palavras saindo perigosamente suaves em vez de simplesmente suaves como deveriam ser. — E eu nunca fiz mal a Locke.

— Não? — pergunta Cardan, se inclinando para a frente no trono. As gavinhas tremem a suas costas. O rabo se move.

— Eu o am… — Não consigo fazer minha boca dizer as palavras, mas estão esperando. Eu as forço e tento soltar um pequeno soluço. — Eu o amava.

— Às vezes eu acreditava que amava, sim — diz Cardan distraidamente. — Mas você podia estar mentindo. Vou usar glamour em você. Vai apenas obrigá-la a nos contar a verdade. — Ele curva a mão, e a magia cintila no ar.

Não sinto nada. O poder do geas de Dain é absurdo, imagino. Nem o glamour do Grande Rei pode me enfeitiçar.

— Pronto — diz Cardan. — Me diga somente a verdade. Qual é seu nome?

— Taryn Duarte — respondo com uma reverência, agradecida pela facilidade com que a mentira me veio. — Filha de Madoc, esposa de Locke, súdita do Grande Rei de Elfhame.

A boca de Cardan se curva.

— Que modos corteses.

— Fui bem instruída. — Ele deveria saber. Fomos instruídos juntos.

— Você matou Locke? — pergunta ele. Ao meu redor, o burburinho das conversas diminui. Não há música, as gargalhadas são poucas, o tilintar de copos também. Os feéricos estão atentos, querendo saber se vou confessar.

— Não — respondo, e olho diretamente para Nicasia. — Nem orquestrei sua morte. Devíamos olhar para o *mar*, onde ele foi encontrado.

Nicasia volta a atenção para Cardan.

— Sabemos que Jude matou Balekin. Ela mesma confessou. E desconfio há tempos de que tenha assassinado Valerian. Se Taryn não for culpada, deve ser Jude. A Rainha Orlagh, minha mãe, fez um juramento de trégua com você.

O que ela poderia ganhar com o assassinato de seu Mestre da Esbórnia? Ela sabia que ele era seu amigo… e meu. — A voz falha no final, embora ela tente disfarçar. Sua dor é genuína.

Tento invocar as lágrimas. Seria útil chorar agora, mas, parada na frente de Cardan, não consigo choramingar.

Ele me olha, as sobrancelhas pretas unidas.

— Então… o que você acha? Foi sua irmã? E não me diga o que já sei. Sim, mandei Jude para o exílio. O que pode ou não a ter impedido.

Eu queria poder socar aquela cara arrogante e mostrar a ele o quanto seu exílio me impedia.

— Minha irmã não tinha motivo para odiar Locke — minto. — Acredito que não lhe desejava mal.

— É mesmo? — insiste Cardan.

— Talvez seja só fofoca da corte, mas há uma história popular sobre você, sua irmã e Locke — arrisca Lady Asha. — Ela o amava, mas ele escolheu você. Algumas irmãs não aguentam ver a outra feliz.

Cardan olha para a mãe. Fico curiosa para saber o que a atraiu para Nicasia, a não ser que seja o fato de as duas serem horríveis. E me pergunto o que Nicasia pensa dela. Orlagh pode ser a rainha feroz e apavorante do Reino Submarino, e eu nunca mais quero passar nem um momento em sua presença, mas acredito que ela ame Nicasia. Com certeza, Nicasia esperaria mais da mãe de Cardan do que o arremedo de emoções que Lady Asha ofereceu ao filho.

— Jude nunca amou Locke. — Meu rosto está quente, mas minha vergonha é um excelente disfarce atrás do qual me esconder. — Ela amava outra pessoa. É ele que gostaria de ver morto.

Fico satisfeita ao ver Cardan estremecer.

— Chega — diz ele antes que eu possa continuar. — Já ouvi tudo que gostaria sobre esse assunto…

— Não! — interrompe Nicasia, deixando todo mundo embaixo da colina um pouco agitado. É uma presunção imensa interromper o Grande Rei. Mesmo para uma princesa. Principalmente para uma embaixadora. Um momento depois do desabafo, ela parece perceber o que fez, mas continua mesmo assim. — Taryn pode estar com algum talismã ou alguma outra coisa que a deixe resistente a glamoures.

Cardan lança um olhar fulminante para Nicasia. Não gosta que ela desafie sua autoridade. Ainda assim, depois de um momento, a raiva dá lugar a outra coisa. Ele abre um de seus piores sorrisos.

— Acho que ela terá que ser revistada.

A boca de Nicasia se curva como a dele. A sensação é de estar de volta às aulas no palácio, quando eu era vítima das conspirações dos filhos dos nobres.

Relembro a humilhação mais recente, quando fui coroada Rainha da Euforia, despida na frente dos convidados da festa. Se tirarem meu vestido agora, vão ver os curativos em meus braços, os cortes recentes na pele para os quais não tenho uma boa explicação. Vão perceber que não sou Taryn.

Não posso deixar que isso aconteça. Reúno toda dignidade que consigo e tento imitar minha madrasta, Oriana, na forma como ela projeta autoridade.

— Meu marido foi assassinado — digo. — E quer vocês acreditem em mim ou não, estou de luto. Não vou ser espetáculo para a diversão da Corte antes que seu corpo tenha chance de esfriar.

Infelizmente, o sorriso do Grande Rei só alarga.

— Como quiser. Então acho que vou ter que examiná-la sozinho em meus aposentos.

CAPÍTULO
7

Estou furiosa enquanto caminho pelos corredores do palácio, passos atrás de Cardan, seguida pela guarda do rei para impedir uma tentativa de fuga.

Minhas opções agora não são boas.

Ele vai me levar para os enormes aposentos e depois o quê? Vai forçar um guarda a me segurar e remover qualquer coisa que possa me proteger de um glamour, joias e roupas, até eu ficar nua? Se fizer isso, vai notar minhas cicatrizes, cicatrizes que já viu. E se ele tirar minhas luvas, não vai haver dúvidas. A ponta do dedo faltando vai me denunciar.

Se eu for despida, ele vai me reconhecer.

Vou ter que fugir. Existe uma passagem secreta em seus aposentos. De lá, posso sair por uma das janelas de cristal.

Olho para os guardas. Se fossem dispensados, eu poderia passar por Cardan, atravessar a passagem secreta e sair. Mas como me livrar deles?

Penso no sorriso que Cardan abriu na plataforma quando anunciou o que faria comigo. Talvez ele *queira* ver Taryn nua. Afinal, ele *me* desejava, e Taryn e eu somos idênticas. Talvez, se me oferecesse para me despir eu mesma, ele aceitasse dispensar os guardas. Ele disse que me examinaria sozinho.

O que me leva a um pensamento bem mais ousado. Talvez eu possa distraí-lo o suficiente para ele não me reconhecer. Talvez possa apagar as velas e ficar nua só na meia-luz…

Esses pensamentos me ocupam tão completamente que nem reparo em uma criada encapuzada carregando uma bandeja com uma garrafa de vinho

verde-claro e uma coleção de cálices de vidro. Ela vem da direção oposta, e, quando nos encontramos, a bandeja afunda na lateral de meu corpo. Ela solta um grito, sinto um empurrão, e nós duas caímos no chão, com vidro se estilhaçando a nossa volta.

Os guardas param. Cardan se vira. Olho para a garota, atordoada e surpresa. Meu vestido está encharcado de vinho. Os feéricos não costumam ser desajeitados, e tenho a sensação de que não foi acidente. Os dedos da garota tocam uma de minhas mãos enluvadas. Sinto couro e aço na lateral de meu punho. Ela está enfiando uma faca embainhada em minha manga, com a desculpa de limpar o conteúdo caído da bandeja. Sua cabeça chega perto da minha enquanto ela tira cacos de vidro do meu cabelo.

— Seu pai está vindo buscá-la — sussurra ela. — Espere um sinal. Enfie uma faca no guarda mais próximo da porta e corra.

— Que sinal? — sussurro em resposta, fingindo ajudá-la a recolher os cacos.

— Ah, não, minha senhora, perdão — diz ela em voz normal, com um movimento de cabeça. — A senhora não deve se rebaixar.

Um dos guardas pessoais do Grande Rei segura meu braço.

— Venha — diz ele, me colocando de pé. Encosto a mão sobre o coração para evitar que a faca escorregue da manga.

Volto a andar na direção dos aposentos de Cardan, os pensamentos ainda mais confusos.

Madoc está indo salvar Taryn. É um lembrete de que, embora eu não esteja mais em suas graças, ela o ajudou a burlar os votos de serviço ao Grande Rei. Ela lhe deu metade de um exército. Tento imaginar que planos ele tem para Taryn, que recompensas prometeu. Imagino que vá ficar satisfeito por minha irmã não estar mais casada com Locke.

Mas quando Madoc chegar, qual será o plano? Com quem espera lutar? E o que vai fazer quando vier buscá-la e se deparar comigo?

Dois criados abrem a pesada porta dupla dos aposentos do Grande Rei, e ele a atravessa e se joga em um sofá baixo. Eu o sigo e paro constrangida no meio do tapete. Nenhum dos guardas entra. Assim que o faço, as portas se fecham atrás de mim, dessa vez com uma determinação sombria. Não preciso me preocupar em persuadir Cardan a dispensar os guardas; eles nem entraram.

Pelo menos, tenho uma faca.

A sala continua igual a de minhas lembranças das reuniões do Conselho. Carrega o aroma de fumaça, verbena e cravo. Cardan está deitado, os pés calçados, suas botas apoiadas numa mesa de pedra, entalhada no formato de um grifo, as garras erguidas para atacar. Ele abre um sorriso vivaz e conspiratório que parece contradizer totalmente o jeito como falou comigo do trono.

— Bem — diz ele, indicando o lugar ao seu lado no sofá. — Não recebeu minhas cartas?

— O quê? — Estou tão confusa que as palavras saem como um grunhido.

— Você nunca respondeu nenhuma — continua ele. — Comecei a me perguntar se suas ambições tinham mudado no mundo mortal.

Deve ser um teste. Deve ser uma armadilha.

— Vossa Majestade — digo, rigidamente. — Achei que tivesse me trazido aqui para garantir que não tenho feitiço nem amuleto.

Uma sobrancelha se levanta, e o sorriso aumenta.

— Posso fazer isso se você quiser. Devo ordenar que tire as roupas? Não me importo.

— O que você está *fazendo*? — pergunto, desesperada. — O que pretende?

Ele me olha como se fosse eu que estivesse me comportando de forma estranha.

— Jude, você não pode mesmo acreditar que não sei que é você. Soube assim que chegou aqui.

Balanço a cabeça, zonza.

— Não é possível. — Se ele soubesse que era eu, eu não estaria aqui. Estaria presa na Torre do Esquecimento. Estaria me preparando para minha execução.

Mas talvez ele esteja *satisfeito* por eu ter violado os termos de exílio. Talvez ele esteja feliz por eu ter me colocado a sua mercê ao fazê-lo. Talvez esse seja seu jogo.

Ele se levanta do sofá, o olhar intenso.

— Chegue mais perto.

Dou um passo para trás.

Ele franze a testa.

— Meus conselheiros me disseram que você se encontrou com uma general da Corte dos Dentes, que deve ser aliada de Madoc agora. Eu não queria acreditar, mas considerando o jeito como me olha, talvez eu deva. Me diga que não é verdade.

Por um momento, não entendo, mas depois cai a ficha. Grima Mog.

— Não sou a traidora aqui — digo, mas de súbito fico consciente da lâmina em minha manga.

— Você está com raiva de… — Ele para de falar e examina meu rosto com mais atenção. — Não, você está com *medo*. Mas por que teria medo de mim?

Estou tremendo por causa de um sentimento que nem entendo direito.

— Não estou com medo — minto. — Eu te odeio. Você me enviou para o exílio. Tudo que você me diz, tudo que promete é um truque. E já fui burra a ponto de acreditar em você uma vez. — A lâmina embainhada desliza facilmente para minha mão.

— Claro que foi um truque… — começa ele, mas vê a arma e engole o que ia dizer.

Tudo treme. É uma explosão, tão próxima e intensa que nós dois tropeçamos. Livros caem e se espalham pelo chão. Esferas de cristal escorregam dos apoios e rolam no piso. Cardan e eu nos encaramos em mútua surpresa. Ele estreita os olhos em acusação.

É essa a parte em que tenho que o apunhalar e fugir.

Um momento depois, ouve-se o som inconfundível de metal acertando metal. Bem próximo.

— Fique aqui — digo, empunhando a faca e jogando a bainha no chão.

— Jude, não… — pede ele atrás de mim quando saio para o corredor.

Uma de seus guardas está morta, com uma alabarda enfiada no tórax. Outros estão lutando com os soldados escolhidos pessoalmente por Madoc, experientes em batalha e mortais. Eu os conheço, sei que lutam sem pena, sem misericórdia, e, se chegaram tão perto assim do Grande Rei, Cardan está em terrível perigo.

Penso de novo na passagem pela qual planejava fugir. Posso tirá-lo dali assim… em troca de perdão. Ou Cardan pode acabar com meu exílio e viver ou torcer para seus guardas vencerem os soldados de Madoc. Estou prestes a voltar e lhe oferecer o acordo quando uma soldado de elmo me segura.

— Estou com Taryn — diz ela, a voz rouca. Eu a reconheço: Silja. Parte hulder e muito apavorante. Eu já a vi cortar uma perdiz de um jeito que deixou bem claro seu prazer em matar.

Enfio a faca em sua mão, mas a luva grossa desvia a lâmina. Um braço coberto de aço envolve minha cintura.

— Filha — diz Madoc com a voz grave. — Filha, não tenha medo…

Ele levanta a mão com um pano cheirando a doçura sufocante. Ele o aperta sobre meu nariz e minha boca. Sinto os membros relaxarem e, um momento depois, não sinto nada.

CAPÍTULO
8

Quando acordo, estou em um bosque que não reconheço. Não sinto o cheiro onipresente do sal do mar e não ouço o bater das ondas. Tudo ao redor são samambaias, musgo, o estalar de uma fogueira e o zumbido de vozes distantes. Eu me sento. Estou acomodada sobre cobertores pesados, com outros em cima de mim; são cobertores de cavalo, mas elegantes. Vejo uma carruagem robusta nas redondezas, a porta aberta.

Ainda estou com o vestido de Taryn, ainda com suas luvas.

— Não dê atenção à tontura — diz uma voz gentil. Oriana. Ela está sentada ali perto, usando um vestido que parece de lã feltrada sobre várias camadas de saias. O cabelo está preso em um capuz verde. Não se parece nem um pouco com a cortesã diáfana que sempre foi desde que a conheço. — Vai passar.

Aliso o cabelo, solto agora, mas ainda com os grampos.

— Onde estamos? O que aconteceu?

— Seu pai jamais gostou da ideia de você ficar nas ilhas, mas, sem a proteção de Locke, era só questão de tempo até que o Grande Rei inventasse uma desculpa para tomá-la como refém.

Passo a mão pelo rosto. Perto do fogo, uma fada magrela e com aspecto de inseto mexe um caldeirão.

— Quer sopa, mortal?

Balanço a cabeça.

— Quer ser a sopa? — pergunta ela, esperançosa. Oriana a descarta e pega uma chaleira no chão, ao lado do fogo. Serve o conteúdo fumegante numa xícara de madeira. O líquido tem odor de casca de árvore e cogumelos.

Tomo um gole e logo me sinto menos tonta.

— O Grande Rei foi capturado? — pergunto, lembrando onde fui pega. — Está vivo?

— Madoc não conseguiu chegar a ele — responde ela, como se o fato de Cardan estar vivo fosse uma decepção.

Odeio o alívio que sinto.

— Mas… — começo, querendo perguntar como a batalha terminou. No entanto me dou conta da situação a tempo de morder a língua. Ao longo dos anos, Taryn e eu brincamos algumas vezes de ser a outra em casa. Em geral, a gente conseguia enganar todo mundo, desde que não durasse muito tempo e que não fôssemos óbvias demais. Se eu não fizer nenhuma idiotice, tenho uma boa chance de conseguir levar a farsa até conseguir escapar.

E depois?

Cardan agiu de forma tão surpreendentemente casual, como se me sentenciar à morte fosse uma espécie de piada nossa. E falou de mensagens, mensagens que nunca recebi. O que poderiam dizer? Seria possível que ele pretendesse me perdoar? Poderia ter me oferecido algum tipo de barganha?

Não consigo imaginar uma carta de Cardan. Teria sido curta e formal? Cheia de fofocas? Manchada de vinho? Mais um truque?

Claro que era um truque.

O que quer que pretendesse, agora ele deve acreditar que estou trabalhando com Madoc. E, embora não devesse me incomodar, a verdade é que incomoda.

— A prioridade de seu pai era tirar você de lá — lembra Oriana.

— Não só isso, não é? — argumento. — Ele não pode ter atacado o Palácio de Elfhame só por minha causa. — Meus pensamentos estão descontrolados, em turbilhão. Não tenho mais certeza de nada.

— Não questiono os planos de Madoc — diz ela de forma neutra. — E você também não deveria.

Eu tinha esquecido como era receber ordens de Oriana, ser sempre tratada como se minha curiosidade fosse imediatamente criar alguma espécie de

escândalo para nossa família. É especialmente irritante ser tratada assim agora, considerando que o marido dela roubou metade de um exército do Grande Rei e planeja um golpe contra ele.

As palavras da Grima Mog ecoam em minha mente. *A Corte dos Dentes se meteu com o velho Grande General, seu pai, e com outro grupo de traidores. Sei de fonte confiável que seu Grande Rei será destronado antes da próxima lua cheia*.

Parece bem mais urgente agora.

Mas, como estou fingindo que sou Taryn, não respondo. Depois de um momento, ela parece arrependida.

— O importante é você descansar. Sei que ser arrastada para cá é coisa demais para entender, ainda mais depois de perder Locke.

— É — concordo. — É coisa demais. Acho que quero descansar um pouco se não houver problema.

Oriana estica a mão e afasta meu cabelo da testa, um gesto de carinho que com certeza não teria feito se soubesse que era em mim, Jude, que estava tocando. Taryn admira Oriana, e as duas são próximas de um jeito que ela e eu não somos… por muitos motivos, entre eles minha iniciativa de esconder Oak no mundo mortal, longe da Coroa. Desde então, Oriana age ao mesmo tempo com gratidão e ressentimento. Mas acho que, em Taryn, Oriana vê alguém que entende. E talvez Taryn *seja* como Oriana, embora o assassinato de Locke tenha posto em questão isso e tudo o que eu julgava saber sobre minha irmã gêmea.

Fecho os olhos. Embora eu pretenda pensar em um plano de fuga, acabo dormindo.

Quando acordo de novo, estou em uma carruagem e em movimento. Madoc e Oriana ocupam o banco em frente. As cortinas estão fechadas, mas ouço os sons de um grupo em viagem, cavalos e soldados. Ouço o rosnado distinto de goblins chamando uns aos outros.

Olho para o barrete vermelho que me criou, meu pai e assassino de meu pai. Observo os pelos em seu rosto depois de alguns dias sem se barbear. O rosto familiar, nada humano. Ele parece exausto.

— Acordou, finalmente? — pergunta com um sorriso que exibe dentes demais. Um sorriso que me remete desconfortavelmente a Grima Mog.

Tento sorrir para ele enquanto me levanto. Não sei se alguma coisa na sopa me fragilizou ou se a docemorte que Madoc me fez cheirar ainda não saiu do meu organismo, mas não me lembro de ser colocada na carruagem.

— Quanto tempo eu dormi?

Madoc faz um gesto displicente.

— O inquérito falso do Grande Rei foi há três dias.

Sinto a cabeça confusa e tenho medo de dizer a coisa errada e ser descoberta. Pelo menos, o fato de eu ter ficado rapidamente inconsciente deve ter me feito parecer ser minha irmã. Antes de me tornar prisioneira do Reino Submarino, eu tinha treinado meu corpo para ser imune a venenos. Mas, agora, estou tão vulnerável quanto Taryn.

Se eu mantiver a cabeça no lugar, posso escapar sem nenhum dos dois descobrir. Penso em que parte da conversa de Madoc Taryn se concentraria. Provavelmente na questão de Locke. Respiro fundo.

— Eu falei que não fui eu. Mesmo enfeitiçada, insisti.

Madoc não aparenta ver através do meu disfarce, mas parece achar que estou sendo idiota.

— Duvido que aquele rei garoto tivesse a intenção de deixá-la sair viva do Palácio de Elfhame. Ele lutou muito para ficar com você.

— Cardan? — Isso não parece coisa dele.

— Metade de meus cavaleiros não escapou — diz ele sombriamente. — Entramos com facilidade, mas o palácio se fechou ao nosso redor. Portas racharam e encolheram. Gavinhas, raízes e folhas obstruíram nosso caminho, se fecharam como tornos em nosso pescoço, nos esmagaram e estrangularam.

Eu o encaro por muito tempo.

— O Grande Rei provocou isso? — Não consigo acreditar que tenha sido Cardan, a quem deixei em seus aposentos, como se fosse ele que precisasse de proteção.

— A guarda não foi nem mal treinada, nem mal escolhida, e ele sabe o poder que tem. Fico feliz de tê-lo testado antes de enfrentá-lo de verdade.

— Tem certeza de que é inteligente enfrentá-lo, então? — pergunto com cuidado. Talvez não seja exatamente o que Taryn diria, mas também não é exatamente o que eu diria.

— Inteligência é para os dóceis — responde ele. — E não os ajuda tanto quanto acham que vai ajudar. Afinal, por mais inteligente que seja, você se casou com Locke. Claro que talvez você seja mais inteligente do que isso; talvez seja tão inteligente que tenha sido a causa da própria viuvez.

Oriana coloca a mão no joelho dele, um gesto de advertência.

Ele solta uma gargalhada alta.

— O quê? Nunca escondi o tanto que não gostava dele. Você não pode esperar que eu lamente essa morte.

Eu me pergunto se ele riria tanto assim se soubesse que havia sido mesmo Taryn quem o matou. Quem quero enganar? É provável que ele risse mais ainda. Talvez risse até passar mal.



Um tempo depois, a carruagem para e Madoc salta, chamando os soldados. Escorrego para fora e olho ao redor, primeiro desorientada pela paisagem desconhecida, depois pela visão do exército à frente.

Tem neve cobrindo o chão e fogueiras enormes espalhadas, além de um labirinto de barracas. Algumas são feitas de peles de animais. Outras são montagens elaboradas de lona pintada, lã e seda. Porém, o mais impressionante é o tamanho do acampamento, cheio de soldados armados e prontos para agir contra o Grande Rei. Atrás do acampamento, um pouco ao oeste, há uma montanha rodeada de um denso bosque de abetos. Ao lado, outro pequeno posto: uma única barraca e poucos soldados.

Sinto-me muito distante do mundo mortal.

— Onde estamos? — pergunto a Oriana, que sai da carruagem atrás de mim, carregando uma capa para colocar sobre meus ombros.

— Perto da Corte dos Dentes — responde ela. — O que mais se encontra tão ao norte são trolls e hulders.

A Corte dos Dentes é a Corte Unseelie que fez de Barata e Bomba prisioneiros e que exilou Grima Mog. É o último lugar onde quero estar… e sem rota de fuga evidente.

— Venha — chama Oriana. — Vamos acomodar você.

Ela me guia pelo acampamento; passamos por um grupo de trolls que está tirando a pele de um alce, por elfos e goblins cantando canções de guerra, por um alfaiate consertando uma pilha de armaduras de pele na frente de uma fogueira. Ao longe, ouço o ecoar de aço, vozes altas e sons de animais. O ar está carregado de fumaça, e o chão lamacento por causa da movimentação das botas e da neve derretida. Desorientada, me concentro em não perder Oriana na multidão. Finalmente, chegamos a uma barraca grande, de aspecto prático, com duas cadeiras de madeira robustas na frente, as duas cobertas de pele de carneiro.

Meu olhar é atraído por um elaborado pavilhão ali perto. Está acima do chão, sobre pés dourados em forma de garra, parecendo capaz de sair andando se o dono desse a ordem. Enquanto olho, Grimsen sai de seu interior. Grimsen, o Ferreiro, que criou a Coroa de Sangue e muitos outros artefatos dos feéricos, mas que anseia por fama ainda maior. Está tão bem-vestido que poderia ser um príncipe. Quando me vê, me olha com malícia. Desvio o olhar.

O interior da barraca de Madoc e Oriana me faz lembrar de casa, de um modo perturbador. Um canto funciona como cozinha improvisada, onde há ervas secas penduradas em guirlandas ao lado de linguiças, manteiga e queijo.

— Você pode tomar um banho — avisa Oriana, indicando uma banheira de cobre em outro canto, com neve pela metade. — Nós colocamos uma barra de metal no fogo, então mergulhamos na neve derretida e tudo fica quente rapidamente.

Balanço a cabeça, pensando que preciso continuar escondendo as mãos. Pelo menos no frio, não vai ser estranho eu ficar de luvas.

— Só quero lavar o rosto. E talvez vestir roupas mais quentes…

— Sim… — concorda ela, e remexe no espaço apertado para pegar um vestido azul grosso, meias e botas.

Ela sai e volta. Depois de alguns minutos, um servo chega com água fumegante em uma tigela e a coloca na mesa com um paninho. A água foi aromatizada com zimbro.

— Vou deixá-la se refrescando — diz Oriana, vestindo uma capa. — Esta noite, jantamos com a Corte dos Dentes.

— Não quero ser um inconveniente — rebato, constrangida perante sua gentileza, mas ciente de que não é para mim.

Ela sorri e toca minha bochecha.

— Você é uma boa garota — comenta ela, me fazendo corar de vergonha.

Eu nunca fui.

Quando ela sai, fico satisfeita em minha solidão. Xereto pela barraca, mas não encontro mapas nem planos de batalha. Como um pouco de queijo. Lavo o rosto e as axilas e onde mais alcanço, depois faço um bochecho com óleo de hortelã e raspo a língua.

Finalmente, visto as roupas mais pesadas e quentes, e prendo o cabelo de forma simples, em duas tranças apertadas. Troco as luvas de veludo por luvas de lã, verificando se o enchimento na ponta do dedo parece convincente.

Quando acabo, Oriana volta. Com ela, vários soldados carregando um estrado com peles e cobertores, que ela os fez arrumar em uma cama para mim, com uma tela como cortina.

— Acho que isso serve por enquanto — diz ela, me olhando em busca de confirmação.

Engulo a vontade de agradecer.

— É melhor do que eu poderia pedir.

Quando os soldados saem, eu os sigo pela aba da barraca. Do lado de fora, me oriento pelo sol quase posto e olho para o mar de barracas de novo. Consigo identificar facções. O povo de Madoc, usando seu emblema, a lua crescente virada como uma tigela; os da Corte dos Dentes, exibindo nas barracas uma marca que parece sugerir uma ameaçadora cadeia montanhosa; e duas ou três outras Cortes, menores ou que enviaram menos soldados. *Um outro grupo de traidores*, disse Grima Mog.

Não consigo deixar de pensar como a espiã que sou, não consigo deixar de ver que estou na posição perfeita para descobrir o plano de Madoc. Estou em seu acampamento, em sua barraca. Poderia descobrir tudo.

Mas isso é loucura. Quanto tempo para que Oriana ou o próprio Madoc descubram que sou Jude, não Taryn? Lembro-me da promessa que Madoc me fez: *E quando eu vencer você, vou garantir que seja tão completamente quanto faria com qualquer oponente que se mostrou equivalente a mim*. Foi um elogio enviesado, mas também uma ameaça direta. Sei exatamente o que Madoc faz com seus inimigos: ele os mata e lava o capuz com o sangue.

E o que importa? Estou exilada, afastada.

Mas, se eu descobrisse os planos de Madoc, poderia trocá-los pelo fim de meu exílio. Sem dúvida, Cardan concordaria com o preço se eu desse a ele os meios de salvar Elfhame. A não ser, claro, que ele achasse que eu estava mentindo.

Vivi diria que eu devia parar de me preocupar com reis e guerras, e me preocupar em voltar para casa. Depois do duelo com Grima Mog, eu poderia exigir trabalhos melhores de Bryern. Vivi está certa quando diz que, se desistíssemos do fingimento de viver como outros humanos, poderíamos ter uma casa bem maior. E, considerando o resultado do inquérito, Taryn não deve poder voltar para o Reino das Fadas.

A não ser que Madoc vença.

Talvez eu devesse permitir que isso aconteça.

Mas isso me leva à coisa que não consigo aceitar. Apesar de ser ridículo, não consigo segurar a raiva que cresce em mim e acende uma chama em meu coração.

Sou a *Rainha de Elfhame*.

Apesar de ser uma rainha exilada, ainda sou rainha.

O que significa que Madoc não está apenas tentando usurpar o trono de Cardan. Está tentando usurpar o meu.

CAPÍTULO
9

Jantamos na barraca da Corte dos Dentes, tranquilamente três vezes maior que a de Madoc e com decoração tão elaborada quanto a de qualquer palácio. O chão está coberto de tapetes e peles. Há lampiões pendurados no teto e velas grossas acesas sobre as mesas, ao lado de decantadores de uma bebida pálida, e tigelas de frutas silvestres brancas, de um tipo que nunca vi, cobertas de gelo. Uma harpista toca no canto, os acordes da música se infiltrando no burburinho das conversas.

No meio da barraca há três tronos, dois grandes e um pequeno. Parecem ser esculturas de gelo, com flores e folhas congeladas no interior. Os tronos maiores estão desocupados, mas uma garota de pele azul está sentada no menor, com uma coroa de gelo na cabeça e um arreio dourado em volta da boca e do pescoço. Parece ser só um ou dois anos mais velha que Oak e veste seda cinza. O olhar preso aos dedos, que se movem com inquietação uns contra os outros. As unhas, roídas, exibem uma camada fina de sangue.

Se ela é a princesa, não é difícil identificar o rei e a rainha. Usam coroas de gelo ainda mais elaboradas. A pele é cinzenta, da cor de pedra ou de cadáveres. Os olhos são de um amarelo intenso e claro, como vinho. E os trajes combinam com o azul da pele da menina. Um trio harmônico.

— Esses são Lady Nore e Lorde Jarel, e sua filha, a Rainha Suren — diz Oriana baixinho. Então a garotinha é quem manda?

Infelizmente, Lady Nore percebe meu olhar.

— Uma mortal — diz ela, com desprezo familiar. — Para quê?

Madoc lança um olhar de desculpas em minha direção.

— Permita-me apresentar uma de minhas filhas adotivas, Taryn. Sei que devo ter falado nela.

— Talvez — admite Lorde Jarel, se juntando a nós. Seu olhar é intenso, como uma coruja olha para um rato perdido, caindo direto em seu ninho.

Faço minha melhor reverência.

— Estou feliz de ter um lugar em sua lareira esta noite.

Ele volta o olhar para Madoc.

— Que divertido. Fala como se achasse que é uma de nós.

Eu tinha esquecido como era, mesmo depois de tantos anos sem poder algum. Como era ter apenas Madoc como proteção. E agora essa proteção depende de ele não descobrir qual filha está ao seu lado. Olho para Lorde Jarel com medo nos olhos, um medo que não preciso fingir. E odeio o quanto aquilo obviamente o satisfaz.

Penso nas palavras de Bomba sobre o que a Corte dos Dentes fez a ela e a Barata: *A Corte nos cortou e nos encheu de maldições e geases. Nos modificou. Nos forçou a servi-los*.

Lembro a mim mesma que não sou mais a garota que era antes. Posso estar cercada, mas isso não quer dizer que esteja impotente. Prometo que um dia é Lorde Jarel quem sentirá medo.

Mas agora me retiro para um canto, me sento em um banquinho coberto de pele e observo o local. Relembro o aviso do Conselho Vivo de que as Cortes se esquivavam de jurar lealdade escondendo os filhos no mundo mortal, depois os colocando no poder. Pergunto-me se foi isso que aconteceu ali. Se sim, deve irritar Lorde Jarel e Lady Nore terem cedido seus títulos. E deve deixá-los nervosos a ponto de colocarem rédeas na própria filha.

É interessante ver a ostentação à mostra, as coroas e tronos e a barraca luxuosa, ao mesmo tempo que eles apoiam a tentativa de Madoc de se elevar ao posto de Grande Rei, o que o colocaria bem acima de ambos. Não me convencem. Podem estar apoiando o general agora, mas acho que esperam eliminá-lo mais para a frente.

É nessa hora que Grimsen entra na barraca, usando uma capa escarlate com um enorme broche de metal e vidro no formato de um coração que

parece bater. Lady Nore e Lorde Jarel voltam a atenção para ele, os rostos rígidos se abrindo em sorrisos frios.

Olho para Madoc. Ele parece menos satisfeito em ver o ferreiro.

Depois de mais algumas amabilidades, Lady Nore e Lorde Jarel nos guiam até a mesa. Lady Nore leva a Rainha Suren pelo arreio. Quando a rainha criança é levada à mesa, reparo que as rédeas parecem estranhas em sua pele, como se tivessem afundado parcialmente. Algo no brilho do couro me faz pensar em feitiço.

Fico pensando se aquela coisa horrível é trabalho de Grimsen.

Ao vê-la aprisionada, não consigo deixar de pensar em Oak. Olho para Oriana, pensando se ela também se lembra do filho, mas sua expressão está tão calma e remota quanto a superfície de um lago congelado.

Vamos para a mesa. Sou colocada ao lado de Oriana, em frente a Grimsen. Ele vê os brincos de sol e lua que ainda estou usando e faz sinal para eles.

— Eu não sabia se sua irmã abriria mão deles — comenta ele.

Eu me inclino e levo os dedos enluvados até o lóbulo das orelhas.

— Seu trabalho é primoroso — digo, sabendo o quanto gosta de elogios.

Ele me olha com uma admiração que desconfio ser orgulho da própria arte. Se ele me acha bonita, é um elogio a seu trabalho.

Mas também é vantagem para mim mantê-lo falando. Não é provável que mais ninguém me conte muita coisa. Tento imaginar o que Taryn diria, mas só consigo pensar em mais do que acho que Grimsen quer ouvir. Baixo a voz em um sussurro.

— Não suporto tirá-los, mesmo à noite.

Ele se envaidece.

— São meras quinquilharias.

— Você deve me achar muito tola — provoco. — Sei que fez coisas bem mais grandiosas, mas estes brincos me deixaram muito feliz.

Oriana me olha de um jeito estranho. Será que cometi um erro? Ela desconfia? Meu coração acelera.

— Você devia visitar minha forja — sugere Grimsen. — Me permita mostrar como a magia é verdadeiramente potente.

— Eu gostaria muito — consigo dizer, mas estou distraída com a preocupação de ser pega e frustrada com o convite do ferreiro. Se ao menos ele

estivesse disposto a se gabar *ali*, naquela noite, em vez de marcar um encontro! Não quero ir até a forja. Quero sair do acampamento. É só questão de tempo até que eu seja desmascarada. Se vou descobrir alguma coisa, tem que ser rápido.

Minha frustração aumenta quando a conversa é interrompida pela chegada dos servos com o jantar, que é um pedaço enorme de carne de urso assada, servido com amoras amarelas. Um dos soldados começa uma discussão com Grimsen sobre seu broche. Ao meu lado, Oriana está falando de um poema que não conheço com um cortesão da Corte dos Dentes. Sozinha, me concentro em identificar as vozes de Madoc e Lady Nore. Estão discutindo quais Cortes podem ser recrutadas para sua causa.

— Você falou com a Corte dos Cupins?

Madoc assente.

— Lorde Roiben está indignado com o Reino Submarino e com certeza abomina o fato de que o Grande Rei lhe negou vingança.

Meus dedos apertam a faca. Fiz um acordo com Roiben. Matei Balekin para honrá-lo. Essa foi a desculpa de Cardan para me *exilar*. É um purgante amargo considerar que, depois de tudo, Lorde Roiben cogite se juntar a Madoc.

Mas independentemente dos desejos de Lorde Roiben, ele fez um juramento de lealdade à Coroa de Sangue. E embora algumas Cortes, como a Corte dos Dentes, tenham tramado para se livrar das promessas de seus ancestrais, a maioria ainda é presa a elas. Inclusive Roiben. Então como Madoc acha que vai dissolver esses laços? Sem meios de fazer isso, não importa quem as cortes inferiores prefiram. Elas têm que seguir o único governante que usa a Coroa de Sangue: o Grande Rei Cardan.

Mas como Taryn não diria nada disso, mordo a língua enquanto as conversas acontecem ao meu redor. Mais tarde, na barraca, carrego jarras de vinho de mel e encho os copos dos generais de Madoc. Não sou particularmente memorável; sou só a filha humana de Madoc, uma pessoa que a maioria já viu de passagem e em quem pensou pouco. Oriana não me olha mais daquele jeito estranho. Se ela achou meu comportamento com Grimsen incomum, acho que não dei mais motivo para ela duvidar de mim.

Sinto a atração gravitacional por meu papel antigo, a facilidade com que o desempenhava, pronta para me envolver como um cobertor pesado.

Naquela noite, parece impossível que eu fosse qualquer outra pessoa além da filha obediente de Madoc.

Quando vou dormir, percebo um amargor na garganta, do tipo que não sinto há muito tempo, que vem de não conseguir afetar as coisas que importam, apesar de acontecerem bem na minha frente.

Acordo na cama, cheia de cobertores e peles. Tomo um chá forte perto do fogo e ando para relaxar os membros. Para meu alívio, Madoc já saiu.

Hoje, digo para mim mesma, *hoje preciso encontrar um jeito de sair daqui*.

Eu tinha reparado nos cavalos quando atravessamos o acampamento. Acho que poderia roubar um. Mas sou uma cavaleira medíocre e, sem mapa, eu me perderia rapidamente. Todos os mapas devem estar guardados numa barraca de guerra. Talvez eu possa inventar um motivo para visitar meu pai.

— Será que Madoc quer chá? — pergunto a Oriana, cheia de esperanças.

— Se quiser, pode pedir a um servo para preparar — responde ela com gentileza. — Mas há muitas tarefas úteis para ocupar seu tempo. Nós, as damas da Corte, nos reunimos enquanto costuramos faixas, se você estiver com vontade.

Nada vai revelar minha identidade tão rápido quanto o trabalho com a agulha. Chamar de ruim é elogio.

— Acho que não estou preparada para responder perguntas sobre Locke — argumento.

Ela assente com solidariedade. O que ocupa o tempo naquele tipo de reunião é a fofoca, e não é irracional achar que um marido morto provocaria falação.

— Você pode pegar uma cestinha e ir colher frutas — sugere ela. — Mas tome o cuidado de ficar no bosque e longe do acampamento. Se vir sentinelas, mostre o emblema de Madoc.

Tento conter minha ansiedade.

— Isso eu posso fazer.

Quando visto uma capa emprestada, ela coloca a mão em meu braço.

— Ouvi você conversando com Grimsen ontem à noite — diz Oriana. — Precisa tomar cuidado com ele. — Relembro seus muitos avisos ao longo dos

anos, nas festas. Ela nos fazia prometer não dançar, não comer nada, não *fazer nada* que pudesse gerar constrangimento para Madoc. Não é que ela não tivesse motivos para isso. Antes de ser esposa de Madoc, ela era amante do Grande Rei Eldred e viu outra amante, uma amiga querida, ser envenenada. Mas é irritante.

— Pode deixar. Tomarei cuidado — asseguro.

Oriana me encara.

— Grimsen quer muitas coisas. Se você for muito gentil, ele pode decidir que também quer você. Pode te desejar por sua amabilidade assim como se deseja uma joia rara. Ou pode te desejar só para ver se Madoc abriria mão de você.

— Eu entendo — digo, tentando parecer alguém com quem ela não precisa se preocupar.

Ela me solta com um sorriso fraco, parecendo acreditar que entendemos uma à outra.

Do lado de fora, sigo na direção do bosque com minha cestinha. Quando chego às árvores, paro, sufocada pelo alívio de não ter de interpretar mais. Por um momento, posso relaxar. Respiro fundo para me acalmar e avalio minhas opções. Repetidas vezes, volto a Grimsen. Apesar do aviso de Oriana, o ferreiro é a melhor cartada para descobrir um jeito de sair dali. Com todos os badulaques mágicos, ele pode ter um par de asas de metal para me carregar para casa, ou um trenó mágico puxado por leões de obsidiana. Mesmo que não tenha, ao menos não conhece Taryn o suficiente para duvidar que eu seja minha irmã.

E se quiser algo que não quero lhe dar, bom, ele tem o mau hábito de deixar facas espalhadas.

Caminho pelo bosque até um terreno mais alto. De onde avisto o acampamento e todos os pavilhões. Encontro a forja improvisada, longe dos demais, com fumaça subindo em grandes quantidades das três chaminés. Noto uma área do acampamento em que uma barraca grande e redonda agrega muita atividade. Talvez seja onde Madoc e os mapas estão.

E vejo outra coisa. Quando avaliei o acampamento, reparei em um pequeno posto na base da montanha, longe das outras barracas. Mas, de onde

estou, percebo que também há uma caverna. Com duas sentinelas de prontidão na entrada.

Que estranho. Parece inconvenientemente afastada de tudo. Mas, dependendo do que tem lá dentro, talvez seja esse o motivo. É longe a ponto de abafar até o mais alto dos gritos.

Com um tremor, vou na direção da forja.

Recebo alguns olhares de goblins e elfos e de feéricos com dentes afiados e asas frágeis quando contorno o acampamento. Ouço um chiado baixo ao passar e um dos ogros lambe os lábios de uma forma que não é nem um pouco lisonjeira. Mas ninguém me detém.

A porta da forja de Grimsen está aberta, e o vejo no interior, sem camisa, o corpo magro e peludo inclinado sobre a lâmina que ele está martelando. A forja arde intensamente, o ar denso com o calor, fedendo a creosoto. Em torno do ferreiro há uma variedade de armas e badulaques que são bem mais do que aparentam: barquinhos de metal, broches, saltos de prata para botas, uma chave que parece ter sido entalhada de cristal.

Penso na proposta que Grimsen me confiou que passasse a Cardan antes de decidir que havia mais glória na traição: *Farei uma armadura de gelo que vai destruir todas as lâminas que o acertarem e que vai deixar o coração dele frio demais para que sinta pena. Diga que farei três espadas que, quando usadas na mesma batalha, lutarão com a força de trinta soldados*.

Odeio pensar em tudo isso nas mãos de Madoc.

Tomo coragem e bato no batente da porta.

Grimsen me vê e coloca o martelo na mesa.

— A garota dos brincos — diz.

— Você me convidou — lembro a ele. — Espero que não seja cedo demais, mas eu estava muito curiosa. Posso perguntar o que está fazendo ou é segredo?

Isso parece satisfazê-lo. Ele indica com um sorriso a barra de metal enorme em que está trabalhando.

— Estou fazendo uma espada para quebrar o firmamento das ilhas. O que acha disso, garota mortal?

Por um lado, Grimsen forjou algumas das armas mais grandiosas já feitas. Mas o plano de Madoc seria mesmo atacar os exércitos de Elfhame? Penso em

Cardan fazendo o mar ferver, provocando tempestades e matando árvores. Cardan, que tem a lealdade jurada de dezenas de governantes das cortes inferiores e comanda seus exércitos. Pode uma espada ser tão grandiosa para enfrentar algo assim, mesmo sendo a lâmina mais incrível que Grimsen já forjou?

— Madoc deve ser grato por tê-lo ao seu lado — digo em tom neutro. — E por ter a promessa de uma arma assim.

— Humf — bufa ele, fixando o olhar em mim. — Devia estar, mas *está*? Você teria que perguntar a ele, porque Madoc não menciona gratidão nenhuma. E se *por acaso* fazem músicas sobre mim, bom, ele está interessado em ouvir? Não. Não há tempo para músicas, diz ele. Queria saber se teria outra opinião se as músicas fossem sobre ele.

Ao que parece, não foi encorajar sua vaidade que o fez falar, mas cutucar o ressentimento.

— Se Madoc se tornar o próximo Grande Rei, vai haver muitas músicas sobre ele — acrescento, insistindo na questão.

O rosto de Grimsen fica sombrio e a boca se curva em um leve sinal de repulsa.

— Mas você, que foi mestre ferreiro no reinado de Mab e em todos os que vieram depois, sua história deve ser mais interessante que a dele… um tema bem melhor para baladas. — Temo estar exagerando, mas ele sorri.

— Ah, Mab — começa ele, relembrando. — Quando ela me procurou para forjar a Coroa de Sangue, me confiou uma grande honra. E eu a amaldiçoei para protegê-la por todos os tempos.

Abro um sorriso encorajador. Essa parte eu sei.

— O assassinato de quem a usa provoca a morte da pessoa responsável.

Ele ri com deboche.

— Quero que meu *trabalho* dure o tanto que a Rainha Mab queria que sua *linhagem* durasse. Mas me importo até com minhas criações menores.

Ele estica a mão e toca nos brincos com os dedos sujos de fuligem. Roça no lóbulo de minha orelha, a pele quente e áspera. Fujo de seu toque com o que espero ser uma risada recatada, e não um rosnado.

— Veja isto, por exemplo — continua ele. — Se tirarmos as pedras, sua beleza desapareceria. Não só os toques adicionais que elas concedem, mas toda

a sua beleza, até você ficar tão horrível que encará-la provocaria gritos até nos feéricos.

Tento controlar a vontade de arrancar o brinco das orelhas.

— Você também os amaldiçoou?

O sorriso é malicioso.

— Nem todo mundo tem o respeito adequado por um artesão como você, Taryn, filha de Madoc. Nem todo mundo merece meus presentes.

Pondero sobre isso por muito tempo, refletindo sobre a variedade de criações advindas de sua forja. Pensando em quantas foram amaldiçoadas.

— Foi por isso que foi exilado? — pergunto.

— A Grande Rainha não gostava de minha exagerada licença artística, então, não estava em suas boas graças quando segui Alderking no exílio — responde ele, e concluo que isso significa sim. — Ela gostava de ser a mais esperta.

Eu assinto, como se não houvesse nada de alarmante naquela história. Minha mente está em disparada, tentando lembrar todas as coisas que ele fez.

— Você não deu um brinco de presente para Cardan quando voltou para Elfhame?

— Você tem boa memória — diz ele. Felizmente, minha memória é melhor que a dele, porque Taryn não foi à festa da Lua Sangrenta. — Permitia que ele ouvisse quem falasse nas redondezas. Um dispositivo maravilhoso para xeretar.

Espero com expectativa.

Ele ri.

— Não é isso que você quer saber, é? Sim, foi amaldiçoado. Com uma palavra, eu poderia transformá-lo numa aranha que picaria Cardan até a morte.

— Você o usou? — pergunto, lembrando do globo que vi no escritório de Cardan, no qual uma aranha vermelha cintilante arranhava o vidro com inquietação. Sou tomada por um horror gelado pela tragédia já evitada… e depois, por raiva ofuscante.

Grimsen dá de ombros.

— Ele ainda está vivo, não está?

Uma resposta típica de feéricos. Parece um *não* quando, na verdade, o ferreiro *tentou*, mas *não teve êxito*.

Eu deveria pressioná-lo para obter mais informações, perguntar sobre uma forma de fugir do acampamento, mas não suporto falar com ele nem por mais um minuto sem perfurá-lo com uma de suas armas.

— Posso vir fazer outra visita? — peço com dificuldade, o sorriso falso estampado em meu rosto parece mais uma careta.

Não gosto do jeito como ele me olha, como se eu fosse uma pedra preciosa que deseja engastar em metal.

— Eu gostaria muito — responde ele, mostrando a forja com um movimento de mão, englobando todos os objetos. — Como pode ver, gosto de coisas bonitas.

CAPÍTULO
10

Depois da visita a Grimsen, volto para o bosque para colher frutas e flores, como prometido, com gratificante agressividade. Colho sorvas, azedinhas, urtigas, um pouco de docemorte e enomes cogumelos porcini. Chuto uma pedra e a jogo na direção do bosque. Depois, chuto outra. Preciso chutar muitas pedras para começar a me sentir um pouco melhor.

Não estou mais perto de encontrar um jeito de sair dali, e não descobri nada dos planos do meu pai. A única coisa de que estou mais perto é de ser pega.

Com esse pensamento horrível em mente, encontro Madoc sentado junto à fogueira fora da barraca, limpando e afiando um par de adagas que carrega consigo. O hábito me faz querer ajudá-lo no trabalho, mas preciso lembrar a mim mesma que Taryn não faria isso.

— Venha se sentar — pede ele, batendo ao seu lado no tronco. — Você não está acostumada a acampar assim e foi jogada no meio de um acampamento.

Ele desconfia de mim? Eu me sento, coloco a cesta cheia perto do fogo e me tranquilizo porque ele não falaria com tanta gentileza se achasse que conversava com Jude. Mas sei que não tenho muito tempo, então corro o risco e pergunto o que quero perguntar.

— Acha mesmo que pode derrotá-lo?

Ele ri como se fosse a pergunta de uma criança. *Se você pudesse esticar bem a mão, conseguiria tirar a lua do céu?*

— Eu não jogaria se não pudesse ganhar.

Sinto uma ousadia estranha por causa de sua gargalhada. Ele realmente acredita que sou Taryn e que não sei nada sobre a guerra.

— Mas *como*?

— Vou poupá-la dos detalhes da estratégia — responde ele. — Mas vou desafiá-lo para um duelo… e depois que ganhar, vou abrir o melão que é aquela cabeça.

— Duelo? — Estou perplexa. — Por que *ele* lutaria com *você*? — Cardan é o Grande Rei. Ele tem exércitos para se interpor entre os dois.

Madoc sorri.

— Por amor. E por dever.

— Amor por quem? — Não consigo acreditar que Taryn ficaria menos confusa do que estou agora.

— Não há banquete abundante demais para um homem faminto — declara ele.

Não sei o que responder. Depois de um momento, ele se apieda de mim.

— Sei que você não liga para lições sobre tática, mas acho que essa vai ser atraente até para você. Por aquilo que mais queremos, corremos quase qualquer risco. Existe uma profecia de que ele seria um rei ruim. Essa profecia paira acima de sua cabeça, mas Cardan acredita que consegue se livrar do destino com encantos. Vamos vê-lo tentar. Vou lhe dar a chance de provar que é um bom governante.

— E depois? — pergunto.

Mas ele só ri de novo.

— Os feéricos vão chamá-la de princesa Taryn.

Durante toda a minha vida, ouvi sobre as grandes conquistas dos feéricos. Como se pode esperar de um povo imortal com poucos nascimentos, a maioria das batalhas são altamente formalizadas, assim como as linhas de sucessão. Os feéricos gostam de evitar guerras consumadas, o que quer dizer que não é incomum resolver uma questão com uma competição sobre a qual ambos os lados concordam. Ainda assim, Cardan jamais gostou de lutas com espadas, nem é muito bom nisso. Por que aceitaria um duelo?

Mas, se eu fizer a pergunta, morro de medo de Madoc descobrir minha identidade. Mas preciso dizer *alguma coisa*. Não posso ficar sentada aqui,

olhando para ele de boca aberta.

— Jude conseguiu o controle de Cardan, de alguma forma — declaro. — Talvez você possa fazer o mesmo e…

Ele balança a cabeça.

— Olhe o que aconteceu com sua irmã. O poder que tinha, Cardan lhe tirou. Não, não pretendo continuar nem o fingimento de servir a ele. Agora, prefiro governar. — Ele para de afiar a adaga e me encara com um brilho perigoso no olhar. — Dei todas as chances do mundo a Jude para ajudar a família. Todas as oportunidades para ela me contar qual era seu jogo. Se ela tivesse feito isso, as coisas teriam sido diferentes.

Um tremor percorre meu corpo. Ele imagina que estou sentada ao seu lado?

— Jude está muito triste — digo de um jeito que espero que seja neutro. — Ao menos, de acordo com Vivi.

— E não quer que eu a puna mais quando for Grande Rei, é isso? — pergunta ele. — Não é que eu não esteja orgulhoso. O que ela fez não foi coisa pequena. Talvez Jude seja a mais parecida comigo de todos os meus filhos. E como qualquer criança, foi rebelde e deu um passo maior que a perna. Mas *você*…

— Eu? — Desvio o olhar para o fogo. É perturbador ouvi-lo falar sobre mim, mas a ideia de escutar algo destinado apenas a Taryn é pior. Sinto como se estivesse tirando uma coisa de minha irmã. Mas não consigo pensar em como o impedir, não vejo nada que eu faça e não acabe me entregando.

Ele estica a mão para segurar meu ombro. Seria tranquilizador, mas a pressão é forte demais, suas garras afiadas demais. É nesse momento que ele vai apertar meu pescoço e dizer que me pegou. Meu coração acelera.

— Você deve ter achado que eu preferia Jude, apesar da ingratidão — diz ele. — Mas foi só porque eu a entendia melhor. Mas você e eu temos uma coisa em comum: nós dois fizemos um péssimo casamento.

Olho para ele de soslaio, alívio e incredulidade duelando no peito. Ele está mesmo dizendo que seu casamento com nossa mãe foi idêntico ao de Taryn com Locke?

Ele se afasta de mim para acrescentar outro pedaço de lenha à fogueira.

— E os dois terminaram de forma trágica.

Eu inspiro.

— Você não acha mesmo… — Mas não sei que mentira contar. Nem sei se Taryn mentiria.

— Não? — pergunta Madoc. — Quem matou Locke se não foi você?

Por tempo demais, não consigo pensar em uma boa resposta.

Ele solta uma gargalhada e aponta o dedo para mim, sentindo um prazer absurdo.

— *Foi* você! Realmente, Taryn, sempre achei que você fosse frouxa e boba, mas agora vejo o quanto me enganei.

— Está *feliz* porque o matei? — Ele parece sentir mais orgulho de Taryn por ter matado Locke do que por todas as suas graças e habilidades combinadas: a capacidade de deixar as pessoas à vontade, de escolher o traje certo e de contar o tipo certo de mentira para fazer as pessoas a amarem.

Ele dá de ombros, ainda sorrindo.

— Vivo ou morto, nunca me importei com ele. Só me importava com você. Se está triste com sua morte, fico triste por você. Se deseja que ele pudesse voltar à vida para poder matá-lo de novo, entendo o sentimento. Mas talvez você tenha feito justiça e só esteja incomodada porque a justiça pode ser cruel.

— O que acha que ele fez comigo para merecer morrer? — pergunto.

Ele cutuca o fogo. Fagulhas voam.

— Achei que ele tinha partido seu coração. Olho por olho, coração por coração.

Lembro a sensação de apertar uma faca no pescoço de Cardan. E de entrar em pânico ao pensar no poder que ele tinha sobre mim, de perceber que havia um jeito fácil de acabar com ele.

— Foi por isso que você matou minha mãe?

Ele suspira.

— Apurei meus instintos em batalhas — diz ele. — Às vezes esses instintos continuam presente mesmo quando não há mais guerra.

Penso no assunto e reflito sobre o que é necessário para alguém endurecer a ponto de lutar e matar sem parar. Imagino se alguma parte dele é fria por dentro, de um tipo de frio que nunca pode ser aquecido, como um estilhaço de gelo no coração. Eu me pergunto se tenho um estilhaço igual.

Por um momento, ficamos sentados em silêncio, ouvindo o estalar das chamas. Ele torna a falar.

— Quando matei sua mãe, sua mãe *e* seu pai, mudei vocês. As mortes dos dois foram uma fusão, o fogo no qual vocês três foram forjadas. Se você enfiar uma espada aquecida em óleo, qualquer pequena falha vira uma rachadura. Mas, banhadas em sangue como vocês foram, nenhuma se partiu. Só ficaram mais duras. Talvez o que levou você a acabar com a vida de Locke tenha sido mais minha culpa do que sua. Se é difícil aguentar o que você fez, pode passar o peso para mim.

Penso nas palavras de Taryn: *Ninguém deveria ter uma infância como a nossa*.

Mas me vejo querendo tranquilizar Madoc, mesmo que nunca possa perdoá-lo. O que Taryn diria? Não sei, mas seria injusto consolá-lo com a voz dela.

— Preciso levar isso para Oriana — digo, mostrando a cesta com tudo que colhi. Eu me levanto, mas ele segura a minha mão.

— Não pense que vou esquecer sua lealdade. — Ele olha para mim com expressão pensativa. — Você botou os interesses da família acima dos seus. Quando tudo isso acabar, pode me pedir qualquer recompensa que garanto que a terá.

Sinto uma pontada por não ser mais a filha para quem ele faz propostas assim. Não sou a filha bem-vinda em seu lar, nem de quem ele cuidaria e cuja companhia apreciaria.

Eu me pergunto o que Taryn pediria para si e para o bebê que tem na barriga. Segurança, eu diria, a única coisa que Madoc acredita que já nos deu, a única coisa que nunca pode oferecer verdadeiramente. Por mais promessas que ele faça, é implacável demais para manter a segurança de qualquer um por muito tempo.

Quanto a mim, segurança não foi oferecida. Ele ainda não me descobriu, mas minha capacidade de sustentar a farsa está enfraquecendo. Apesar de não saber como vou conseguir atravessar o gelo, decido que preciso fugir naquela noite.

CAPÍTULO
11

Oriana supervisiona a preparação do jantar para a companhia, e fico ao seu lado. Observo o preparo da sopa de urtiga, sendo fervida com batatas até o veneno sair, e o corte dos cervos, os corpos recém-alvejados soltando fumaça no frio, a gordura usada para temperar verduras. Cada soldado tem a própria tigela e uma caneca, penduradas nos cintos como objetos decorativos, apresentadas aos servos para serem enchidas de uma porção de comida e de vinho aguado.

Madoc come com os generais, rindo e conversando. A Corte dos Dentes fica nas barracas e envia criados para preparar a refeição em uma fogueira diferente. Grimsen se senta longe dos generais, a uma mesa de cavaleiros que escutam com atenção as histórias sobre seu exílio com o Alderking. É impossível não reparar que os feéricos ao seu redor usam mais ornamentos do que o habitual.

A área das panelas e mesas fica no lado oposto do acampamento, perto da montanha. Ao longe, vejo dois guardas a postos perto da caverna, sem deixar o posto para a refeição. Perto deles, duas renas remexem a neve, procurando raízes enterradas.

Mastigo os ingredientes da sopa de urtiga enquanto uma ideia se forma na cabeça. Quando Oriana me chama para nossa barraca, tomo uma decisão. Vou roubar um dos cavalos dos soldados perto da caverna. Será mais fácil do que tirar um do acampamento principal, e, se alguma coisa der errado, será mais difícil me perseguir. Ainda não tenho mapa, mas sei me guiar pelas estrelas o

suficiente para ir até o sul, pelo menos. Com sorte, encontro uma aldeia mortal.

Tomamos uma xícara de chá juntas e tiramos a neve. Esquento os dedos rígidos na xícara com impaciência. Não quero que Oriana desconfie, mas preciso começar a agir. Tenho que pegar comida e qualquer suprimento que consiga.

— Deve estar com muito frio — diz Oriana, me observando. Com o cabelo branco e a pele pálida e fantasmagórica, ela parece feita de neve.

— Fraqueza mortal. — Abro um sorriso. — Mais um motivo para sentir falta das ilhas de Elfhame.

— Vamos voltar para casa em breve — garante ela. Não consegue mentir, então deve acreditar nisso. Deve acreditar que Madoc vai vencer, que vai se tornar Grande Rei.

Finalmente, ela parece pronta para se recolher. Lavo o rosto e enfio fósforos em um dos bolsos e uma faca no outro. Depois que vou para a cama, espero até me certificar que Oriana esteja dormindo, contando os segundos enquanto uma hora se passa. Saio de baixo das cobertas tão silenciosamente quanto consigo e enfio os pés em botas. Coloco queijo numa bolsa, junto um pedaço de pão e três maçãs murchas. Acrescento a docemorte que encontrei quando remexia nas coisas e a embrulho com papel. Vou até a saída da barraca e pego uma capa no caminho. Há um único cavaleiro ali, se divertindo com o entalhe de uma flauta na frente do fogo. Eu o cumprimento quando passo.

— Minha senhora? — diz ele, se levantando.

Lanço meu olhar mais fulminante em sua direção. Não sou prisioneira, afinal. Sou a filha do Grande General.

— Sim?

— Onde devo dizer que seu pai pode encontrá-la, caso pergunte? — A pergunta é feita com deferência, mas respondê-la errado certamente levaria a perguntas com bem menos delicadeza.

— Diga que estou ocupada usando o bosque como banheiro — digo, e ele faz uma careta, como eu esperava mesmo que fizesse. O cavaleiro não faz mais perguntas, então coloco a capa nos ombros e saio, ciente de que, quanto mais tempo levar, mais desconfiado ele vai ficar.

A caminhada até a caverna não é longa, mas, no escuro, tropeço muitas vezes, com o vento frio mais forte a cada passo. Ouço música e festejos no acampamento, canções goblins sobre perda, saudade e violência. Baladas sobre rainhas, cavaleiros e bobos.

Perto da caverna, vejo três guardas a postos na ampla abertura, um a mais do que eu esperava. A entrada é longa e ampla, como um sorriso, e a escuridão tremeluz ocasionalmente, como se fosse iluminada em algum lugar do interior. Duas renas pálidas dormem ali perto, encolhidas na neve, como gatos. Uma terceira afia os chifres em uma árvore próxima.

Aquela, então. Posso me esgueirar no meio das árvores e a atrair com uma das maçãs. Quando entro no bosque, ouço um grito vindo da caverna. O ar denso e frio traz o som até mim e me faz virar.

Madoc está com algum prisioneiro.

Tento me convencer de que não é problema meu, mas outro som de desespero interrompe meus pensamentos. Tem alguém lá dentro, alguém com dor. Preciso ter certeza de que não seja alguém que conheço. Meus músculos já estão rígidos de frio e prossigo devagar, contorno a caverna e subo nas pedras logo acima.

Meu plano improvisado é descer para a entrada da caverna, porque os guardas devem estar olhando na direção oposta. Tem a vantagem de me esconder na descida, mas essa descida precisa ser feita muito, muito bem, senão a combinação de som e movimento vai alertá-los imediatamente.

Trinco os dentes e me lembro das aulas do Fantasma: prosseguir com cautela, dar passos seguros, ficar nas sombras. Claro que a lição vem acompanhada da lembrança da traição subsequente, mas digo a mim mesma que isso não a torna menos útil. Desço lentamente de uma rocha irregular. Mesmo de luvas, meus dedos parecem congelados.

Quando estou pendurada, percebo que cometi um terrível erro de cálculo. Mesmo esticada, meu corpo não toca no chão. Quando eu cair, não será possível evitar algum ruído. Vou ter que ser silenciosa e me mover o mais rapidamente que conseguir. Respiro fundo e caio pela distância curta. Com o barulho inevitável de meus pés na neve, um dos guardas se vira. Corro para as sombras.

— O que foi? — pergunta um deles.

O primeiro está olhando dentro da caverna. Não sei se ele me viu ou não.

Fico o mais parada possível, prendendo a respiração, torcendo para ele não ter me visto, para não conseguir sentir meu *cheiro*. Pelo menos, com o frio, não estou suando.

Minha faca está à mão. Lembro a mim mesma que lutei com Grima Mog. Se for necessário, posso lutar com eles também.

Mas, depois de um momento, o guarda balança a cabeça e volta a ouvir as músicas goblin. Espero e espero mais um pouco, só por garantia. Isso dá tempo para meus olhos se ajustarem. Sinto um odor mineral no ar, e também o de óleo queimando no lampião. Sombras dançam no fim de uma passagem inclinada, me provocando com a promessa de luz.

Sigo por entre estalagmites e estalactites, como se eu passasse pelos dentes irregulares de um gigante. Entro numa câmara nova e preciso piscar no brilho de uma tocha.

— Jude? — diz uma voz baixa. Uma voz que conheço. Fantasma.

Magro, com hematomas em volta do pescoço, está deitado no chão da caverna, os punhos em algemas e acorrentados a placas no chão. Tochas ardem em um círculo ao seu redor. Ele me encara com olhos castanhos arregalados.

Mesmo quase congelada, de repente sinto ainda mais frio. A última coisa que ele me disse foi *Eu servia ao príncipe Dain. Não a você.* Logo antes de eu ser arrastada para o Reino Submarino e ter ficado presa por semanas, apavorada, faminta e sozinha. Mas, apesar disso, apesar de sua traição, apesar de ter destruído a Corte das Sombras, ele fala meu nome com a admiração de alguém que acha que posso ter ido salvá-lo.

Penso em fingir ser Taryn, mas ele não conseguiria acreditar que minha gêmea passou por aqueles guardas. Afinal, foi ele que me ensinou a me deslocar assim.

— Queria ver o que Madoc estava escondendo aqui — digo, puxando a faca. — E, se você estiver pensando em chamar os guardas, saiba que o único motivo para eu não enfiar esta faca em sua garganta é o medo de você morrer fazendo barulho.

Fantasma abre um sorriso pequeno e irônico.

— Eu faria exatamente isso. Morreria com muito barulho. Só para prejudicá-la.

— Então esse é o pagamento por seu serviço — ironizo, olhando ao redor com exagero no movimento. — Espero que a traição em si já tenha sido uma recompensa.

— Pode se gabar o quanto quiser. — A voz soa dócil. — Eu mereço. Sei o que fiz, Jude. Fui um tolo.

— Então por que fez aquilo? — Sinto-me desagradavelmente vulnerável só de perguntar. Mas eu confiava em Fantasma e queria saber o quanto fui idiota. Ele me odiou o tempo todo em que nos considerei amigos? Ele e Cardan riram juntos da minha natureza crédula?

— Lembra quando contei para você que matei a mãe de Oak?

Faço que sim. Liriope foi envenenada com cogumelo amanita para esconder que, enquanto era amante do Grande Rei, ficou grávida do príncipe Dain. Se Oriana não tivesse arrancado Oak do útero de Liriope, o bebê também teria morrido. É uma história horrível que não seria fácil de esquecer, mesmo que não envolvesse meu irmão.

— Lembra como você me olhou quando descobriu o que eu tinha feito?

Foi um ou dois dias depois da coroação. Eu tinha feito o príncipe Cardan prisioneiro. Ainda estava em choque. Tentava entender o plano de Madoc. Fiquei horrorizada ao descobrir que Fantasma fez uma coisa tão horrenda, mas eu ficava dessa maneira com frequência na época. Ainda assim, o cogumelo amanita é um jeito abominável de morrer, e meu irmão quase tinha sido assassinado também.

— Fiquei surpresa.

Ele balança a cabeça.

— Até Barata ficou perplexo. Ele não sabia.

— E foi por isso que você nos traiu? Achou que fomos críticos demais? — pergunto.

— Não. Me escute só um momento. — Fantasma suspira. — Matei Liriope porque o príncipe Dain me trouxe para o Reino das Fadas, cuidou de mim e me deu um propósito. Como eu era leal, fiz aquilo, mas depois fiquei abalado com meus atos. Em desespero, procurei o garoto que achei que era o único filho vivo de Liriope.

— Locke — falo, entorpecida. Será que Locke percebeu, depois da coroação de Cardan, que Oak devia ser seu meio-irmão? Será que sentiu

alguma coisa e a mencionou para Taryn?

— Consumido pela culpa — continua Fantasma —, ofereci a ele minha proteção. E meu nome.

— Seu… — começo, mas ele me interrompe.

— Meu *nome verdadeiro* — diz Fantasma.

Dentre os feéricos, os nomes verdadeiros são segredos bem guardados. Um feérico pode ser controlado pelo nome verdadeiro, mais do que por qualquer promessa. É difícil acreditar que Fantasma revelaria tanto de si para alguém.

— O que ele te obrigou a fazer? — pergunto, indo direto ao ponto.

— Por muitos anos, nada — responde Fantasma. — Depois, coisas pequenas. Espionar pessoas. Revelar seus segredos. Mas até ele me mandar levar você a Torre do Esquecimento e deixar que o Reino Submarino a abduzisse, eu acreditava que ele só queria fazer traquinagens, nada perigoso.

Nicasia devia ter sabido que podia pedir o favor. Não era surpresa que Locke e os amigos se sentissem seguros para me caçar na noite anterior ao casamento. Ele sabia que eu seria levada no dia seguinte.

Mas entendo o que Fantasma quer dizer. Eu também achava que Locke só queria fazer traquinagens, mesmo quando parecia possível que fossem levar à minha morte.

Balanço a cabeça.

— Mas isso não explica como você veio parar aqui.

Fantasma parece ter dificuldades em manter a voz firme, em controlar a raiva.

— Depois da Torre, tentei me afastar de Locke para que ele não pudesse me mandar fazer mais nada. Uns cavaleiros me pegaram saindo de Insmire. Foi quando descobri a magnitude do que Locke tinha feito. Ele deu meu nome ao seu pai. Como dote pela mão de sua irmã gêmea e um lugar à mesa quando Balekin chegasse ao poder.

Inspiro fundo.

— *Madoc* sabe seu *nome verdadeiro*?

— Ruim, né? — Ele dá uma risada seca. — Você ter entrado aqui é a primeira coisa boa que me acontece em muito tempo. E continua sendo uma coisa boa, mesmo nós dois sabendo o que precisa acontecer agora.

Lembro o cuidado que eu tinha ao dar ordens a Cardan, com palavras pensadas para que ele não pudesse me evitar, nem escapar. Sem dúvida, Madoc fez isso e ainda mais, e Fantasma acredita lhe restar apenas um caminho.

— Vou tirar você daqui — decido. — Depois…

Fantasma me interrompe.

— Posso mostrar como me fazer sentir menos dor. Posso mostrar como fazer parecer que fui eu mesmo que fiz.

— Você disse que ia morrer fazendo barulho só para me prejudicar — repito, fingindo que ele não está falando sério.

— Eu teria feito isso mesmo — diz ele, com um sorriso irônico. — Eu precisava contar para você… precisava contar para *alguém* a verdade antes de morrer. Agora, está feito. Vou ensinar uma última coisa.

— Espere — peço, levantando a mão. Preciso protelar. Preciso pensar.

Ele continua, implacável.

— Não é vida se submeter ao controle de outra pessoa, ficar sujeito a sua vontade e a seus caprichos. Sei do geas que você pediu ao príncipe Dain. Sei que estava disposta a matar para consegui-lo. Nenhum glamour afeta você. Lembra quando era diferente? Lembra como era ser impotente?

Claro que lembro. E não consigo parar de pensar na serva mortal na casa de Balekin, Sophie, com os bolsos cheios de pedras. Sophie, perdida no Reino Submarino. Um tremor percorre meu corpo antes que eu consiga me controlar.

— Pare de ser dramático. — Pego o saco de comida que estou carregando e me sento na terra para cortar fatias de queijo, maçã e pão. — Não estamos abertos a opções. Parece estar passando fome, e preciso de você vivo. Você pode enfeitiçar erva-de-santiago para nos tirar daqui. E me deve a ajuda, no mínimo.

Ele pega pedaços de queijo e maçã e enfia na boca. Enquanto come, penso nas correntes que o seguram. Será que consigo soltar os elos? Reparo em um buraco na placa que parece ter o tamanho de uma chave.

— Está maquinando algo — diz Fantasma, reparando meu olhar. — Grimsen fez minhas correntes resistentes a tudo, menos às lâminas mágicas.

— Estou *sempre* maquinando — respondo. — O quanto você sabe do plano de Madoc?

— Bem pouco. Cavaleiros trazem comida e mudas de roupa. Só pude tomar banho sob vigilância pesada. Uma vez, Grimsen veio me visitar, mas ficou em silêncio o tempo todo, mesmo quando gritei com ele. — Não é típico de Fantasma gritar. Nem berrar, como deve ter feito se fui capaz de ouvi-lo berrar por infelicidade e desespero e desesperança. — Várias vezes, Madoc veio me interrogar sobre a Corte das Sombras, sobre o palácio, sobre Cardan e Lady Asha e Dain, até sobre você. Sei que ele está procurando pontos fracos, meios de manipular todo mundo.

Fantasma pega outra fatia de maçã e hesita, olhando para a comida como se a visse pela primeira vez.

— Por que você estava carregando isso? Por que trazer um piquenique para explorar uma caverna?

— Eu estava planejando fugir — admito. — Hoje. Antes de descobrirem que não sou a irmã que estou fingindo ser.

Ele me olha, horrorizado.

— Então vá, Jude. Fuja. Você não pode ficar por minha causa.

— Não. Você vai me ajudar a sair daqui — insisto, interrompendo-o quando ele começa a discutir. — Consigo esperar mais um dia. Me diga como abrir a corrente.

Algo em meu rosto parece convencê-lo de minha seriedade.

— Grimsen tem a chave — diz ele, sem me encarar. — Mas seria melhor para você se usasse a faca.

O pior é que é provável que ele esteja certo.

CAPÍTULO
12

Quando volto para a barraca, o guarda não está mais lá. Acreditando na sorte, passo pela aba e torço para me deitar antes que Madoc volte da misteriosa reunião com os generais.

O que não espero é que velas estejam acesas e Oriana acordada, sentada à mesa. Fico paralisada.

Ela se levanta e cruza os braços.

— Onde você estava?

— Ah — digo, tentando descobrir o que ela já sabe… e em que acredita. — Um cavaleiro me pediu que o encontrasse sob as estrelas e…

Oriana levanta a mão.

— Cuidei das coisas para você. Dispensei o guarda antes que espalhasse histórias. Não me insulte mentindo mais. Você não é Taryn.

O horror gelado da descoberta toma conta de mim. Quero correr de volta por onde vim, mas penso em Fantasma. Se eu fugir agora, minhas chances de pegar a chave são mínimas. Ele não vai ser salvo. E terei poucas chances de me salvar.

— Não conte para Madoc — imploro, torcendo desesperadamente para conseguir persuadi-la a ficar ao meu lado. — Por favor. Eu não planejava vir para cá. Madoc me deixou inconsciente e me trouxe para este acampamento. Só fingi ser Taryn porque já estava fingindo ser ela em Elfhame.

— Como sei que não está mentindo? — pergunta ela, os olhos cor-de-rosa me encarando cautelosamente, sem piscar. — Como posso saber que não veio

para matá-lo?

— Não tinha como eu saber que Madoc pegaria Taryn — insisto. — O único motivo para eu ainda estar aqui é que não sei como ir embora. Tentei hoje, mas não consegui. Me ajude a fugir — peço. — Me ajude e você nunca mais precisará me ver.

Sua expressão reflete como minha promessa é tentadora.

— Se você sumir, Madoc desconfiará do meu envolvimento.

Balanço a cabeça e penso em um plano.

— Escreva para Vivi. Ela pode me pegar. Vou deixar um bilhete dizendo que fui visitá-la… e Oak. Ele não precisa saber que Taryn nunca esteve aqui.

Oriana se vira e serve uma bebida verde de ervas em pequenos copos.

— Oak. Não gosto de como ele está ficando diferente no mundo mortal.

Tenho vontade de gritar de frustração com a mudança abrupta de assunto, mas me obrigo a ficar calma. Imagino-o mexendo o cereal colorido.

— Também nem sempre gosto.

Ela me passa um copo delicado.

— Se Madoc conseguir se tornar Grande Rei, Oak pode voltar para casa. Não vai se interpor entre Madoc e a coroa. Vai estar protegido.

— Você se lembra do seu aviso de como era perigoso estar perto de um rei? — Espero que ela tome um gole antes de tomar um também. O gosto é amargo e herbáceo, e explode em minha língua com sabores de alecrim, urtiga e tomilho. Faço uma careta, mas não acho ruim.

Ela me olha com irritação.

— Não se comportou como se *você* lembrasse.

— É verdade — admito. — E paguei o preço.

— Vou guardar seu segredo, Jude. E vou mandar uma mensagem para Vivi. Mas não vou trabalhar contra Madoc e você também não deveria fazê-lo. Quero sua promessa.

Como Rainha de Elfhame, é a mim que Madoc está se opondo. Eu teria uma satisfação enorme se Oriana soubesse, considerando que me julga tão mal. É um pensamento mesquinho e vem seguido da percepção de que, se Madoc descobrisse, eu estaria com um problema bem diferente do anterior. Ele me usaria. Por mais medo que eu tivesse sentido antes, aqui, ao lado do meu pai, eu sentiria ainda mais.

Encaro Oriana e minto da forma mais sincera que já fiz.

— Eu prometo.

— Que bom — concede ela. — Agora, por que você estava andando por Elfhame disfarçada de Taryn?

— Ela me pediu — respondo, erguendo as sobrancelhas e esperando que ela entenda.

— Por que ela… — começa Oriana, mas para. Quando fala, parece que faz isso para si mesma. — Para o inquérito. Ah.

Tomo outro gole da bebida de ervas.

— Fiquei com medo por sua irmã, sozinha naquela Corte — continua Oriana, as sobrancelhas pálidas unidas. — A reputação da família destruída e Lady Asha de volta, sem dúvida vendo uma oportunidade de ter influência sobre os cortesãos agora que o filho está no trono.

— Lady Asha? — repito, surpresa de Oriana pensar na feérica como ameaça a Taryn especificamente.

Oriana se levanta e pega o material de escrita. Quando se senta, começa um bilhete para Vivi. Depois de algumas linhas, ela olha para mim.

— Nunca achei que ela fosse voltar.

É isso que acontece quando as pessoas são jogadas na Torre do Esquecimento. Elas são esquecidas.

— Ela era cortesã na mesma época que você, certo? — É o mais perto que posso chegar do que quero dizer, que Oriana também era amante do Grande Rei. E embora ela nunca tenha lhe dado um filho, tem motivos para saber *muita* fofoca. Alguma coisa a levou a fazer o comentário que fez.

— Sua mãe já foi amiga de Lady Asha, sabe. Eva tinha uma grande apreciação pela perversidade. Não digo isso para magoar você, Jude. É uma característica que não é digna de escárnio, nem de orgulho.

Conheci sua mãe. Essa foi a primeira coisa que Lady Asha disse para mim. *Conheci muitos dos segredinhos dela*.

— Eu não tinha me dado conta de que *você* conheceu minha mãe — falei.

— Não muito bem. E não cabe a mim falar sobre ela — diz Oriana.

— Nem estou pedindo que faça isso — respondo, embora quisesse poder pedir.

A tinta pinga da ponta da caneta de Oriana antes que ela a coloque no suporte e sele a carta para Vivienne.

— Lady Asha era linda e ansiava pelos favores do Grande Rei. O envolvimento dos dois foi breve, e tenho certeza de que Eldred achou que levá-la para a cama não daria em nada. Foi bem óbvio que ele se arrependeu de ela ter gerado um filho… mas isso pode ter tido a ver com a profecia.

— Profecia? — pergunto. Tenho uma lembrança de Madoc falando uma coisa similar sobre o futuro quando tentava me convencer de que devíamos unir forças.

Ela dá de ombros.

— O príncipe caçula nasceu sob uma estrela de azar. Mas ainda era príncipe, e, quando Asha o teve, seu lugar na Corte foi garantido. Ela era uma força do caos. Desejava admiração. Queria experiências, sensações, triunfos, coisas que exigiam conflitos… e inimigos. Ela não seria gentil com alguém tão sem amigos quanto sua irmã devia ser.

Eu me pergunto se ela foi grosseira com Oriana alguma vez.

— Eu soube que ela não tomava conta do príncipe Cardan muito bem. — Estou pensando no globo de cristal nos aposentos de Eldred e na lembrança presa ali dentro.

— Não que ela não o cobrisse de veludos e peles; mas deixava que ele continuasse usando essas roupas até virarem trapos. Nem que ela não desse a ele os pedaços mais deleitáveis de carne e bolo; mas esquecia do filho por tanto tempo que ele tinha que catar comida nesses intervalos. Acho que não o amava, mas também acredito que não amava ninguém. Ele era adorado e recebia vinho, mas depois era esquecido. Considerando isso tudo, se o príncipe era mau com ela, ficava pior sem ela. São farinha do mesmo saco.

Estremeço e imagino a solidão daquela vida, a raiva. O desejo por amor.

Não há banquete abundante demais para um homem faminto.

— Se você estiver procurando motivos para ele ter decepcionado você — diz Oriana —, vale dizer que o príncipe Cardan foi uma decepção desde o início.



Naquela noite, Oriana solta uma coruja-das-neves com uma carta presa às patas. Quando ela levanta voo no céu frio, sinto esperança.

E, mais tarde, deitada na cama, planejo como não fazia desde que fui exilada. Amanhã vou roubar a chave de Grimsen e, quando eu for embora, vou levar Fantasma comigo. Com o que sei sobre os planos de Madoc e os aliados e a localização do exército, vou forçar uma negociação para que Cardan anule meu exílio e encerre o inquérito contra Taryn. Não vou me permitir perder o foco por cartas que não recebi, nem pelo jeito como ele me olhou quando estávamos sozinhos em seus aposentos, nem pelas teorias do meu pai sobre suas fraquezas.

Infelizmente, desde a hora em que acordo, Oriana não me deixa sair do seu lado. Embora confie em mim para guardar meu segredo, não confia o bastante para me deixar andar pelo acampamento agora que sabe quem eu realmente sou.

Ela me dá roupas molhadas para esticar perto da fogueira, feijão para catar e cobertores para dobrar. Tento não fazer as tarefas muito depressa. Tento parecer irritada só porque é muito trabalho para mim, embora nunca houvesse tanto trabalho quando eu era Taryn. Não quero que ela saiba o quanto estou frustrada conforme o dia passa. Meus dedos coçam para roubar a chave de Grimsen.

Enfim, quando a noite cai, tenho uma chance.

— Leve isto para seu pai — diz Oriana, pousando uma bandeja com um bule de chá de urtiga, alguns pãezinhos embrulhados e um pote de geleia como

acompanhamento. — Na barraca dos generais. Ele pediu especificamente por você.

Estou pegando a capa, torcendo para não parecer tão claramente ansiosa, quando a segunda parte do que ela disse fica clara. Um soldado me aguarda do lado de fora e me deixa mais nervosa. Oriana disse que não contaria a Madoc sobre mim, mas isso não quer dizer que ela não tenha me entregado de alguma forma. E não quer dizer que Madoc não possa ter percebido sozinho.

A barraca dos generais é grande e lotada com todos os mapas que não consegui encontrar na barraca de Madoc. Também está cheia de soldados sentados em banquinhos de acampamento cobertos de pele de bode, alguns de armadura, outros não. Quando entro, alguns levantam o olhar, mas me ignoram como fariam com uma serva.

Coloco a bandeja numa mesa e sirvo uma xícara, me obrigando a não olhar com atenção demais para o mapa aberto na frente deles. É impossível não notar que estão movendo barquinhos de madeira pelo mar, na direção de Elfhame.

— Com licença — digo, colocando o chá de urtiga na frente de Madoc.

Ele abre um sorriso indulgente.

— Taryn — diz ele. — Ótimo. Andei pensando que você devia ter sua própria barraca. Você é viúva, não é mais criança.

— Que… que gentileza — agradeço, surpresa. *É* uma gentileza, mas não consigo deixar de pensar se não é como uma daquelas jogadas de xadrez que parecem inócuas de cara, mas acabam escondendo um xeque-mate.

Enquanto ele toma o chá, projeta a satisfação de alguém que tem coisas mais importantes para resolver, mas fica feliz com a oportunidade de bancar o pai dedicado.

— Prometi que sua lealdade seria recompensada.

Não consigo evitar ver um duplo sentido em tudo que ele diz e faz.

— Venha aqui — diz Madoc para um dos cavaleiros. Um goblin de armadura brilhante faz uma reverência elegante. — Arrume uma barraca para minha filha e coisas para equipá-la. — E, para mim: — Este é Alver. Não seja um tormento muito grande para ele.

Não é costumeiro agradecer aos feéricos, mas dou um beijo na bochecha de Madoc.

— Você é bom demais para mim.

Ele ri com um certo deboche, e um sorrisinho exibe um canino afiado. Desvio mais uma vez o olhar para o mapa, para os modelos de barco flutuando no mar de papel, antes de seguir Alver pela porta.

Uma hora depois, estou arrumando uma espaçosa barraca montada não muito longe da de Madoc. Oriana fica desconfiada quando chego para pegar minhas coisas, mas permite que seja feito. Até separa queijo e pão e os coloca na mesa pintada que conseguiram para mim.

— Não sei por que está tendo todo esse trabalho para decorar — diz ela depois que Alver sai. — Você vai embora amanhã.

— Amanhã? — repito.

— Recebi uma resposta da sua irmã. Ela chegará ao amanhecer para buscar você. Precisa se encontrar com ela fora do acampamento. Há uma área rochosa onde Vivi pode aguardar em segurança. E quando você deixar um bilhete para seu pai, espero que seja convincente.

— Vou fazer o melhor possível — afirmo.

Ela aperta os lábios em uma linha fina. Talvez eu devesse ficar agradecida, mas estou irritada demais com ela. Se não tivesse desperdiçado a maior parte do meu dia, minha noite seria bem mais fácil.

Vou ter que lidar com os guardas de Fantasma. Não será possível entrar sorrateiramente dessa vez.

— Você pode me dar um pouco de papel? — peço e, quando ela concorda, pego um odre de vinho também.

Sozinha em minha nova barraca, esmago a docemorte e coloco um pouco no vinho, para ficar em infusão por pelo menos uma hora antes que eu possa remover os pedaços da planta. Deve ficar forte o bastante para fazê-los dormir por pelo menos um dia e uma noite, mas sem matar. Porém, estou ciente de que o tempo de preparação não está do meu lado. Meus dedos não têm destreza, o nervosismo me atrapalha demais.

— Taryn? — Madoc puxa a aba da barraca e me faz pular. Ele olha ao redor e admira a própria generosidade. Seu olhar volta a mim, e ele franze a testa. — Está tudo bem?

— Você me assustou — respondo.

— Venha jantar com a companhia.

Por um momento, tento inventar uma desculpa, dar a ele um motivo para eu ficar para trás e, assim, poder ir até a forja de Grimsen. Mas não posso me dar ao luxo de despertar sua desconfiança, não agora, com minha fuga tão próxima. Decido acordar à noite, bem antes do amanhecer, e ir nessa hora.

E, então, como com Madoc uma última vez. Belisco as bochechas para ficar corada e prendo o cabelo em uma nova trança. E, se ajo com mais gentileza do que o normal naquela noite, com mais deferência, se rio mais alto que o normal, é porque sei que nunca mais vou fazer aquilo. Ele nunca mais vai se comportar assim comigo. Só nessa última noite, ele é o pai de que melhor me lembro, em cuja sombra me tornei, para o bem ou para o mal, o que sou agora.

CAPÍTULO
13

Acordo com a pressão da mão de alguém na boca. Golpeio com o cotovelo na direção de onde acho que a pessoa está, e fico satisfeita ao ouvir uma inspiração profunda, como se eu tivesse acertado uma parte vulnerável. Há uma risada abafada à esquerda. São duas pessoas, então. E uma delas não está muito preocupada comigo, o que é alarmante. Enfio a mão embaixo do travesseiro para pegar a faca.

— Jude — diz Barata, ainda rindo. — Viemos te salvar. Gritar seria péssimo para o plano.

— Sorte sua que não enfiei a faca em você! — Minha voz sai mais rouca do que a intenção, a raiva disfarçando o tamanho de meu pavor.

— Eu falei para ele tomar cuidado — comenta Barata. Ouve-se um som rápido, e uma luz surge em uma caixinha, iluminando o rosto irregular de goblin do espião. Ele está sorrindo. — Mas ele quis ouvir? Eu teria dado uma ordem se não fosse um pequeno detalhe: ele é o Grande Rei.

— Cardan mandou você aqui? — pergunto.

— Não exatamente — responde Barata, movendo a luz para que eu veja a pessoa com ele, em quem dei uma cotovelada. O Grande Rei de Elfhame veste lã marrom comum, uma capa nas costas de um tecido tão escuro que parece absorver luz, a lâmina embainhada no quadril. Não usa a coroa na testa nem anéis nos dedos, nem tinta dourada iluminando as bochechas. Parece um espião da Corte das Sombras, até o sorriso malicioso no canto da linda boca.

Ao olhar para ele, me sinto meio tonta com uma combinação de choque e descrença.

— Você não devia estar aqui.

— Também falei isso — continua Barata. — Sinto falta da época em que quem mandava era você. Grandes Reis não deviam ficar perambulando por aí como rufiões comuns.

Cardan ri.

— Que tal rufiões incomuns?

Apoio as pernas no chão, e a risada para. Barata volta o olhar para o teto. Fico ciente, de repente, de que estou usando uma camisola que Oriana me emprestou, uma camisola totalmente transparente.

Minhas bochechas ficam tão quentes de raiva que mal sinto o frio.

— Como me encontraram? — Vou até o outro lado da barraca, tateio até o local onde deixei o vestido e o visto por cima da camisola. Enfio a faca em uma bainha.

Barata olha para Cardan.

— Sua irmã, Vivienne. Ela apareceu perante o Grande Rei com uma mensagem de sua madrasta. Estava com medo de ser uma armadilha. Eu também estava com medo de ser uma armadilha. Uma armadilha para *ele*. Talvez até para mim.

Foi por isso que eles se deram ao trabalho de me pegar em meu momento mais vulnerável. Mas por que vir até aqui? E considerando todos os disparates que minha irmã mais velha disse sobre Cardan, por que ela confiaria aquilo a ele?

— Vivi foi *te* procurar?

— Nós conversamos depois que Madoc levou você do palácio — começa Cardan. — E quem encontrei na casinha dela, se não Taryn? Tivemos muito a dizer uns para os outros.

Tento imaginar o Grande Rei no mundo mortal, parado na frente do nosso apartamento, batendo à porta. Que roupa ridícula ele vestiu? Será que se sentou no sofá caroçudo e tomou café, como se não desprezasse tudo que havia em volta?

Será que perdoou Taryn, quando se recusava a me perdoar?

Penso em Madoc e sua crença de que Cardan deseja ser amado. Pareceu besteira e parece mais besteira ainda agora. Ele encanta todo mundo, até minhas irmãs. É uma força gravitacional e atrai tudo em sua direção.

Mas não sou tão facilmente enganada agora. Se ele está aqui, tem objetivos próprios. Talvez permitir que sua rainha caia nas mãos dos inimigos seja perigoso para ele. O que quer dizer que tenho poder. Só preciso descobri-lo e encontrar um jeito de usá-lo contra ele.

— Não posso acompanhá-los ainda — aviso, vestindo uma meia-calça grossa e enfiando o pé em uma bota pesada. — Tenho uma coisa para fazer. E uma coisa que preciso que vocês me deem.

— Talvez possa permitir ser resgatada — diz Cardan. — Só desta vez. — Mesmo com as roupas comuns, a cabeça desprovida de qualquer coroa, ele não consegue disfarçar o quanto se acostumou ao papel de rei. Quando um monarca tenta lhe dar um presente, você não pode recusar.

— Talvez possa apenas me dar o que eu quero — declaro.

— O quê? — pergunta Barata. — Vamos botar as cartas na mesa, Jude. Suas irmãs e a amiga delas estão esperando com os cavalos. Temos que ser rápidos.

Minhas *irmãs*? As duas? E uma amiga… Heather?

— Vocês deixaram que viessem?

— Elas insistiram, e como eram elas que sabiam onde você estava, não tivemos escolha. — Barata está frustrado com a situação toda, dá para ver. É arriscado trabalhar com gente sem treinamento. É arriscado ter o Grande Rei agindo como seu soldado de infantaria. É arriscado que a pessoa que está tentando resgatar, possivelmente uma traidora, comece a se meter em seu plano.

Mas é problema dele, não meu. Eu me aproximo e pego a luz de sua mão para procurar o odre de vinho.

— Isto está batizado com poção do sono. Eu ia levar para uns guardas, roubar uma chave e libertar um prisioneiro. Nós íamos fugir juntos.

— Prisioneiro? — repete Barata com cautela.

— Eu vi os mapas na sala de guerra de Madoc — revelo. — Sei a formação na qual ele pretende velejar contra Elfhame e sei o número de navios. Sei quais são os soldados deste acampamento e quais cortes estão ao seu

lado. Sei o que Grimsen está fazendo na forja. Se Cardan me prometer passagem livre até Elfhame e acabar com meu exílio quando chegarmos, darei tudo a vocês. Além do mais, receberão o prisioneiro em suas mãos antes que ele possa ser usado contra vocês.

— Se você estiver falando a verdade — diz Barata. — E não nos levando para uma rede feita por Madoc.

— Protejo meus interesses — rebato. — Você mais do que qualquer pessoa devia entender isso.

Barata olha para Cardan. O Grande Rei me encara de um jeito estranho, como se desejasse dizer alguma coisa, mas estivesse se controlando.

Por fim, ele pigarreia.

— Como você é mortal, Jude, não posso acreditar em suas promessas. Mas pode acreditar nas minhas: eu garanto passagem segura. Volte pra Elfhame comigo e lhe darei os meios para encerrar seu exílio.

— Os *meios* para encerrar? — pergunto. Se ele acha que não sei que não devo concordar com aquilo, esqueceu tudo que vale a pena saber sobre mim.

— Volte pra Elfhame, me conte o que quer contar e seu exílio vai terminar — diz ele. — Prometo.

Sinto triunfo seguido de cautela. Ele me enganou uma vez. Parada na frente de Cardan, lembro que acreditei que a proposta de casamento foi feita com sinceridade, o que faz eu me sentir pequena e insignificante e muito, muito mortal. Não posso me permitir ser enganada de novo.

Eu assinto.

— Madoc está com Fantasma como prisioneiro. Grimsen tem a chave de que precisamos…

Barata me interrompe.

— Você quer *soltar* Fantasma? Vamos estripá-lo como um hadoque. É mais rápido e bem mais satisfatório.

— Madoc sabe seu nome verdadeiro. Soube por Locke — conto a eles. — Seja qual for a punição que Fantasma merece, vocês podem executá-la quando ele voltar à Corte das Sombras. Mas não é morte.

— Locke? — repete Cardan, e suspira. — Sim, tudo bem. O que temos que fazer?

— Eu planejava entrar sorrateiramente na forja de Grimsen e roubar a chave das correntes de Fantasma — revelo.

— Eu ajudo — diz Barata, e se vira para Cardan. — Mas você, senhor, não vai de jeito nenhum. Nos espere com Vivienne e as outras.

— Eu vou — insiste Cardan. — Você não pode me ordenar que não vá.

Barata balança a cabeça.

— Mas posso aprender com o exemplo de Jude. Posso pedir uma promessa. Se formos vistos, se houver uma emboscada, prometa que vai voltar para Elfhame imediatamente. Você deve fazer tudo em seu poder para chegar a um lugar seguro, custe o que custar.

Cardan me olha como se quisesse ajuda. Como fico em silêncio, ele franze a testa, irritado com nós dois.

— Apesar de vestido com a capa que Mãe Marrow fez para mim, a que desvia qualquer lâmina, ainda prometo fugir com o rabo entre as pernas. E como eu, literalmente, tenho rabo, deve ser divertido para todo mundo. Estão satisfeitos?

Barata grunhe em aprovação, e saímos da barraca. O odre de vinho cheio de veneno bate em meu quadril enquanto caminhamos pelas sombras. Apesar de ser tarde, alguns soldados andam entre barracas, reunidos para beber, jogar dados ou brincar de charadas. Outros cantam, acompanhando uma melodia dedilhada em um alaúde por um goblin vestido de couro.

Barata se move com facilidade de sombra em sombra. Cardan segue atrás, mais silencioso do que eu imaginaria. Não tenho prazer nenhum em admitir que ele me ultrapassou no quesito andar sorrateiro. Posso fingir que é porque feéricos têm uma habilidade natural, mas desconfio de que ele tenha praticado mais do que eu ultimamente. Esqueci muito do que aprendi, mas, para ser justa, gostaria de saber quanto tempo ele passou estudando todas as coisas que devia saber para ser *o governante de Elfhame*. Não, esses estudos ficaram sob minha responsabilidade.

Com esses pensamentos ressentidos girando na mente, nós nos aproximamos da forja. Está silenciosa, as brasas frias. Nenhuma fumaça nas chaminés de metal.

— E você *viu* essa chave? — pergunta Barata, aproximando-se de uma janela e limpando a sujeira para tentar ver pela vidraça.

— É de cristal e está pendurada na parede — respondo, sem ver nada pelo vidro embaçado. Está escuro demais lá dentro para meus olhos. — E ele começou uma espada nova para Madoc.

— Eu não me importaria de quebrá-la antes que seja colocada em meu pescoço — diz Cardan.

— Procure a maior — aviso. — É ela.

Barata franze a testa. Não tenho como descrever melhor; na última vez que a vi, era pouco mais que uma barra de metal.

— Bem maior — insisto.

Cardan ri.

— E temos que tomar cuidado — aconselho, pensando nas pedras preciosas dos brincos de Grimsen, que podem dar beleza ou roubá-la. — Deve haver armadilhas.

— Vamos entrar e sair rápido — diz Barata. — Mas eu me sentiria bem melhor se vocês dois ficassem de fora e me deixassem entrar sozinho.

Como nenhum de nós responde, o goblin se agacha para arrombar a fechadura da porta. Depois de aplicar um pouco de óleo nas engrenagens, elas se abrem silenciosamente.

Eu o sigo para dentro. O luar se reflete na neve de modo que até meus pobres olhos mortais conseguem enxergar na oficina. Há uma confusão de itens, alguns com pedras preciosas, alguns afiados, todos empilhados uns sobre os outros. Há várias espadas em um suporte de chapéus, uma com um cabo enrolado como uma cobra. Mas não dá para confundir qual é a de Madoc. Está em uma mesa, sem ter sido afiada nem polida ainda, o cheiro intenso. Há fragmentos de raiz pálidos como ossos ao lado, esperando para serem entalhados e encaixados no cabo.

Pego a chave de cristal na parede com cuidado. Cardan está ao meu lado, olhando a variedade de objetos. Barata vai até a espada.

Ele está na metade do caminho quando o som de um relógio toca. No alto da parede, duas portas embutidas se abrem e revelam um buraco redondo. Só tenho tempo de apontar e soltar um muxoxo de aviso antes que uma saraivada de dardos dispare em nossa direção.

Cardan se coloca a minha frente e puxa a capa. As agulhas de metal quicam no tecido e caem no chão. Por um momento, nos encaramos, os olhos

arregalados. Ele parece tão surpreso quanto eu por ter me protegido.

Do buraco de onde os dardos saíram surge um pássaro de metal. O bico se abre e se fecha.

— Ladrões! — grita. — Ladrões! Ladrões!

Lá fora, ouço gritos.

Vejo Barata do outro lado da sala. Sua pele parece pálida. Ele está prestes a dizer alguma coisa, o rosto em sofrimento, quando cai sobre um dos joelhos. Os dardos devem tê-lo acertado. Corro até lá.

— O que tinha nos dardos que o acertaram? — pergunta Cardan.

— Docemorte — digo. Provavelmente tirado do mesmo canteiro que encontrei na floresta. — Bomba pode ajudar. Ela pode fazer um antídoto.

Espero que possa, pelo menos. Espero que haja tempo.

Com facilidade surpreendente, Cardan pega Barata nos braços.

— Me diga que esse não era seu plano — suplica ele. — Diga logo.

— Não — asseguro. — Claro que não. Eu juro.

— Então venha — diz ele. — Meu bolso está cheio de erva-de-santiago. Podemos voar.

Balanço a cabeça.

— *Jude* — avisa ele.

Não temos tempo de discutir.

— Vivi e Taryn ainda estão me esperando. Não vão saber o que houve. Se eu não for até elas, serão pegas.

Não sei se ele está em dúvida se deve acreditar, mas só levanta Barata para poder soltar a capa com uma das mãos.

— Pegue isto e *não pare* — ordena ele, a expressão feroz. E sai para a noite, carregando Barata nos braços.

Sigo para o bosque, sem correr e sem me esconder exatamente, mas andando rápido e amarrando a capa nos ombros no caminho. Olho para trás uma vez, e vejo os soldados em volta da forja… alguns entrando na barraca de Madoc.

Prometi ir direto até Vivi, mas menti. Vou para a caverna. Ainda há tempo, digo a mim mesma. O incidente na forja é uma distração excelente. Se estiverem procurando invasores ali, não vão me procurar aqui, com Fantasma.

Meu otimismo parece confirmado quando me aproximo. Os guardas não estão nos postos. Solto um suspiro de alívio e corro para dentro.

Mas Fantasma não está mais acorrentado. Simplesmente não está lá. No lugar dele vejo Madoc, vestindo armadura completa.

— Infelizmente, você chegou tarde — diz ele. — Muito tarde.

Ele desembainha a espada.

CAPÍTULO
14

O medo me rouba o fôlego. Além de não ter uma arma com o alcance da espada de Madoc, é inimaginável vencer uma batalha contra a pessoa que me ensinou quase tudo que sei. E, ao encará-lo, percebo que foi até o local para lutar.

Ajusto a capa em volta do corpo, mais agradecida do que sou capaz de expressar. Sem ela, eu não teria a menor chance.

— Quando soube que era eu, e não Taryn? — pergunto.

— Mais tarde do que deveria — responde ele casualmente, dando um passo em minha direção. — Mas eu não estava *procurando*, estava? Não, foi uma coisinha. Sua expressão quando viu aquele mapa das ilhas de Elfhame. Só isso e tudo que disse e fez ruiu, e vi que era coisa sua.

Fico agradecida em saber que ele não descobriu desde o começo. O que quer que ele tenha planejado teve que ser feito às pressas, pelo menos.

— Cadê Fantasma?

— *Garrett* — corrige ele, debochando de mim com uma parte do nome real de Fantasma, o nome que Fantasma nunca me contou, mesmo quando eu poderia tê-lo usado para neutralizar as ordens que ele recebeu de Madoc. — Mesmo que viva, nunca vai impedi-lo a tempo.

— Você o mandou atrás de quem? — Minha voz treme um pouco, imaginando Cardan fugindo do acampamento de Madoc só para ser alvejado em seu palácio, como quase foi certa vez, na própria cama.

O sorriso de Madoc é cheio de dentes afiados e satisfação, como se eu estivesse aprendendo uma lição.

— Você ainda é leal àquela marionete. Por quê, Jude? Não seria melhor se ele levasse uma flechada no coração em seu próprio salão? Você não pode acreditar que ele seja um Grande Rei melhor do que eu seria.

Encaro Madoc, e minha boca forma as palavras antes que eu consiga contê-las.

— Talvez eu acredite que seja hora de Elfhame ser governada por uma rainha.

Ele ri ao ouvir aquilo, um som de surpresa.

— Você acha que Cardan vai abrir mão do poder? Para você? Criança mortal, você sabe que não. Ele a exilou. Insultou. Ele jamais vai deixar de enxergá-la como inferior.

Não é nada em que eu mesma já não tenha pensado, mas suas palavras ferem como golpes.

— Aquele garoto é sua fraqueza. Mas não se preocupe — continua Madoc. — O reinado dele será curto.

Sinto certa satisfação no fato de que Cardan esteve aqui, debaixo do nariz de Madoc, e escapou. Mas todo o resto é horrível. Fantasma sumiu. Barata foi envenenado. Eu cometi erros. Nesse momento, Vivi e Taryn, e talvez Heather, estão me esperando na neve, ficando mais e mais preocupadas com o despontar da aurora no horizonte.

— Renda-se, criança — exige Madoc, parecendo sentir um pouco de pena de mim. — Está na hora de aceitar sua punição.

Dou um passo para trás. Minha mão vai até a faca por instinto, mas lutar com ele, sendo que ele está de armadura *e* tem uma arma com alcance superior, parece má ideia.

Madoc me olha com incredulidade.

— Vai me desafiar até o fim? Quando eu pegar você, vou mantê-la acorrentada.

— Jamais quis ser sua inimiga — digo. — Mas também não queria estar sob seu poder. — Com isso, saio correndo pela neve. Faço a única coisa que falei para mim mesma que nunca faria.

— Não fuja de mim! — grita ele, um eco horrível de suas palavras finais para minha mãe.

A lembrança de sua morte acelera minhas pernas. Nuvens de ar saem dos meus pulmões. Eu o ouço disparando atrás de mim, o grunhido de sua respiração.

Enquanto corro, minha esperança de despistá-lo na floresta diminui. Por mais que eu ziguezagueie, ele não desiste. Meu coração troveja no peito, e sei que, acima de tudo, não posso levá-lo até minhas irmãs.

Pelo visto, estou longe de parar de cometer erros.

Uma respiração, duas. Puxo a faca. Três respirações. Eu me viro.

Como não estava esperando, ele se choca contra mim. Passo por sua guarda, enfio a faca na lateral de seu corpo e acerto no ponto onde as placas da armadura se encontram. O metal ainda amortece a maior parte do golpe, mas o vejo fazer uma careta.

Ele ajeita o braço e me dá um tapa que me derruba na neve.

— Você sempre foi boa — diz ele, me olhando. — Só não o suficiente.

Ele está certo. Aprendi muito sobre espadas com ele, com Fantasma, mas não estudei durante *a maior parte de uma vida imortal*. E, durante bastante tempo do ano anterior, estive ocupada aprendendo a ser senescal. O único motivo para eu ter durado tanto em nosso último confronto foi porque ele havia sido envenenado. O único motivo para eu ter vencido Grima Mog foi porque ela não esperava que eu fosse minimamente boa. Madoc me conhece.

Além disso, contra Grima Mog, empunhava uma faca bem mais comprida.

— Você não vai querer tornar esse embate mais justo, vai? — pergunto, me levantando. — Você poderia lutar com uma das mãos nas costas para deixar as coisas mais equilibradas.

Ele sorri e me rodeia.

De repente, ele ataca, minha única opção é bloquear o golpe. Sinto o esforço reverberar por todo o braço. O que ele está fazendo é óbvio, mas, mesmo assim, terrivelmente eficiente. Está me cansando, me fazendo bloquear e desviar repetidamente, e, ao mesmo tempo, me impedindo de me aproximar o bastante para golpeá-lo. Ao me manter concentrada na defesa, ele está me exaurindo.

O desespero começa a me afetar. Eu poderia me virar e correr de novo, mas estaria na mesma situação que antes, correndo sem ter para onde fugir. Enquanto bloqueio os golpes com minha adaga patética, pondero as poucas opções que tenho, que só diminuem.

Não demora para que eu fraqueje. A espada acerta a capa que cobre meu ombro. O tecido da Mãe Marrow continua intacto.

Ele hesita, surpreso, e ataco sua mão. É um golpe baixo. Mas tiro sangue e ele berra.

Então pega a capa e enrola na mão a fim de me puxar para perto. As tiras me sufocam, depois se soltam. A espada penetra em meu flanco, na barriga.

Eu o encaro por um momento, os olhos arregalados.

Parece tão surpreso quanto eu.

Eu já devia saber, mas parte de mim ainda acreditava que Madoc não daria nenhum golpe mortal.

Madoc, que foi meu pai desde que matou meu pai. Madoc, que me ensinou a empunhar uma espada de forma a acertar a pessoa, e não só sua lâmina. Madoc, que me segurou no colo e leu para mim e me disse que me amava.

Caio de joelhos. Minhas pernas cedem sob mim. A lâmina do meu pai sai do meu corpo coberta com meu sangue. Minha perna está molhada. Estou me esvaindo em sangue.

Sei o que acontece agora. Ele vai desferir o golpe final. Vai cortar minha cabeça. Vai atravessar meu coração. Um golpe que, na verdade, é uma gentileza. Afinal, quem quer morrer devagar quando pode morrer rápido?

Eu.

Não quero morrer rápido. Não quero morrer.

Ele levanta a espada, hesita. Meus instintos animais entram em ação e me fazem ficar de pé. Minha visão dança um pouco, mas a adrenalina está do meu lado.

— Jude — diz Madoc, e pela primeira vez, desde que consigo lembrar, há medo em sua voz. Um medo que não entendo.

Nesse momento, três flechas pretas voam por mim através do campo gelado. Duas passam por cima de Madoc e a outra o acerta no ombro do braço

da espada. Ele grita, muda a lâmina de mãos e procura quem o atacou. Por um momento, sou esquecida.

Outra flecha voa da escuridão. Essa o acerta no meio do peito. Penetra a armadura. Não fundo a ponto de matá-lo, mas deve ter doído.

De trás de uma árvore, Vivi aparece. Ao seu lado, está Taryn, com Cair da Noite no quadril. E, com elas, outra pessoa, que no fim das contas não é Heather.

Grima Mog, com a espada na mão, está montada em um pônei de erva-de-santiago.

CAPÍTULO
15

Eu me obrigo a me mover. Um passo atrás do outro, e cada um fazendo a lateral de meu corpo protestar.

— Pai — ordena Vivi. — Fique onde está. Se tentar impedi-la, tenho muitas outras flechas. Durante boa parte da minha vida, venho esperando o momento de te derrubar.

— Você? — pergunta Madoc, com desprezo. — O único jeito de você ser responsável por meu fim seria por acidente. — Ele estica a mão e quebra a haste de flecha que sai do peito. — Tenha mais cuidado. Meu exército está atrás da colina.

— Vá chamá-lo, então — declara Vivi, com a voz meio histérica. — Vá buscar seu maldito exército inteiro.

Madoc olha em minha direção. Deve ser uma visão e tanto me ver encharcada de sangue, a mão no flanco. Ele hesita de novo.

— Ela não vai conseguir. Me deixe…

Três outras flechas voam até ele em resposta. Nenhuma o atinge, o que não é um elogio à pontaria de Vivi. Mas espero que ele acredite que aquele erro foi proposital.

Sou dominada por uma onda de tontura. Eu me apoio em um dos joelhos.

— Jude. — A voz da minha irmã parece próxima. Não a de Vivi. A de Taryn. Ela está com Cair da Noite, a espada em uma das mãos, mantendo a outra esticada em minha direção. — Jude, você tem que se levantar. Fique comigo.

Minha expressão deve parecer a de quem vai desmaiar.

— Estou aqui — afirmo, segurando sua mão e deixando que ela sustente meu peso. Cambaleio para a frente.

— Ah, Madoc. — É a voz mordaz de Grima Mog. — Faz uma semana que sua filha me desafiou. Agora, sei quem ela realmente queria matar.

— Grima Mog — diz Madoc, baixando a cabeça de leve, indicando respeito. — Seja qual for o motivo que a fez vir até aqui, isso não tem nada a ver com você.

— Ah, não? — responde ela, farejando no ar. Provavelmente sentindo o cheiro do meu sangue. Eu devia ter alertado Vivi sobre ela quando tive oportunidade, mas, não importa como Grima veio parar aqui, estou feliz. — Estou sem trabalho, e parece que a Grande Corte está precisando de uma general.

Madoc parece momentaneamente confuso, sem perceber que ela viajou até lá com o próprio Cardan. Mas ele vê uma oportunidade.

— Minhas filhas são malvistas pela Grande Corte, mas tenho trabalho para você, Grima Mog. Vou cobri-la de recompensas, e você vai me ajudar a conquistar um trono. É só trazer minhas garotas para mim. — Esse final foi um rosnado, não em minha direção especificamente, mas na de todas nós. As filhas traidoras.

Grima Mog olha para além de Madoc, para onde seu exército está reunido. O rosto exibe uma expressão saudosa, provavelmente está pensando nas próprias tropas.

— Você combinou essa proposta com a Corte dos Dentes? — pergunto, com um olhar negligente para ele.

A expressão de Grima Mog fica rígida.

Madoc lança um olhar irritado em minha direção que se transforma em outra coisa, algo com um pouco mais de lamento.

— Talvez você prefira vingança a recompensas. Mas posso lhe dar ambos. É só me ajudar.

Eu sabia que ele não gostava de Nore e Jarel.

Mas Grima Mog balança a cabeça.

— Suas filhas me pagaram em ouro para protegê-las e lutar por elas. E pretendo fazer exatamente isso, Madoc. Há muito tempo me pergunto qual de

nós venceria um embate. Vamos descobrir?

Ele hesita, olha para a espada de Grima Mog, para o enorme arco preto de Vivi, para Taryn e Cair da Noite. Por fim, olha para mim.

— Me deixe levá-la para o acampamento, Jude — diz Madoc. — Você está morrendo.

Balanço a cabeça.

— Vou ficar aqui.

— Adeus, então, filha — se despede Madoc. — Você teria sido uma ótima barrete vermelho.

Com isso, ele recua pela neve, sem virar as costas. Eu o observo, aliviada demais com sua retirada para sentir a raiva de ser ele o motivo da minha dor. Estou cansada demais para ter raiva. Ao meu redor, a neve parece macia, como camas com penas empilhadas. Imagino me deitar e fechar os olhos.

— Venha — diz Vivi para mim. Ela parece estar implorando um pouco. — A gente precisa levar você até nosso acampamento, onde estão os outros cavalos. Não é longe.

Minha lateral está pegando fogo. Mas tenho que me mover.

— Me costure — peço, tentando afastar a letargia crescente. — Me costure aqui.

— Ela está sangrando — alerta Taryn. — Muito.

Sou tomada de uma certeza cega de que, se não fizer alguma coisa agora, não vai restar nada a ser feito. Madoc está certo. Vou morrer aqui, na neve, diante das minhas irmãs. Vou morrer aqui, e ninguém vai saber que já houve uma Rainha do Reino das Fadas mortal.

— Coloque terra e folhas no ferimento e costure — ensino. Minha voz parece vir de longe, e não sei se o que digo faz sentido. Mas me lembro de Bomba falando que o Grande Rei está conectado à terra, que Cardan teve que usá-la para se curar. E me lembro que ela o fez comer um punhado de lama.

Talvez eu possa me curar também.

— Você vai ter uma infecção — informa Taryn. — Jude…

— Não sei se vai dar certo. Não sou mágica — digo para ela. Sei que estou deixando partes de fora. Sei que não estou explicando do jeito certo, mas tudo está meio solto agora. — Mesmo que eu seja a verdadeira rainha, a terra pode não ter nada a ver comigo.

— Verdadeira rainha? — repete Taryn.

— Porque ela se casou com Cardan — explica Vivi, parecendo frustrada. — É disso que ela está falando.

— O quê? — pergunta Taryn, atônita. — Não.

A voz de Grima Mog soa rouca e áspera.

— Faça. Você ouviu. Embora ela deva ser a criança mais tola do mundo para se meter nessa situação.

— Não entendi — replica Taryn.

— Não cabe a nós questionar, cabe? — argumenta Grima Mog. — Se a Grande Rainha de Elfhame nos dá uma ordem, nós a cumprimos.

Seguro a mão de Taryn.

— Você é boa com a agulha — acrescento, com um gemido. — Me costure. Por favor.

Ela assente, os olhos meio arregalados.

Não posso fazer nada além de ter esperanças quando Grima Mog tira a capa dos ombros e a abre na neve. Eu me deito e tento não fazer uma careta quando rasgam meu vestido para expor meu corpo.

Ouço alguém suspirar intensamente.

Olho para o céu do amanhecer e me pergunto se Fantasma chegou ao Palácio de Elfhame. Lembro do gosto dos dedos de Cardan sobre minha boca na hora que a dor explode em meu flanco. Engulo um grito e outro conforme a agulha vai mergulhando no ferimento. As nuvens passam no céu.

— Jude? — A voz de Taryn parece a de alguém tentando segurar as lágrimas. — Você vai ficar bem, Jude. Acho que está dando certo.

Mas, se está dando certo, por que ela está falando assim?

— Nada… — Consigo falar a palavra, mas por pouco. Eu me obrigo a sorrir. — Preocupada.

— Ah, Jude — diz ela. Sinto a mão de alguém em minha testa. Está tão quente, o que me faz pensar que devo estar muito gelada.

— Em toda a minha vida, nunca vi nada assim — declara Grima Mog com voz sussurrada.

— Ei — alerta Vivi, a voz trêmula. Não parece ela mesma. — O ferimento está fechado. Como você está se sentindo? Porque tem uma coisa estranha acontecendo.

Minha pele parece toda espetada de urtigas, mas a dor intensa e quente sumiu. Consigo me mexer. Rolo para o lado bom e fico de joelhos. A lã embaixo de mim está encharcada de sangue. Bem mais sangue do que estou preparada para acreditar que tenha saído de mim.

Em volta da bainha da capa, vejo pequeninas flores brancas nascendo na neve, a maioria ainda em botão, mas algumas se abrem sob meu olhar. Fico olhando fixamente, sem saber direito o que estou vendo.

Quando entendo, não consigo assimilar.

As palavras de Baphen sobre o Grande Rei me voltam à mente: *Quando o sangue dele cai, coisas crescem*.

Grima Mog se apoia em um dos joelhos.

— Minha rainha — diz ela. — Às suas ordens.

Não consigo acreditar que ela está dizendo essas palavras para mim. Não consigo acreditar que a terra me escolheu.

Eu tinha meio que me convencido de que estava fingindo ser Grande Rainha, assim como fingi ser senescal.

Um momento depois, tudo volta intensamente. Eu me levanto. Se não me mover agora, nunca vou chegar a tempo.

— Preciso chegar ao palácio. Você pode cuidar das minhas irmãs?

Vivi me olha com severidade.

— Você mal se aguenta em pé.

— Montarei o pônei de erva-de-santiago. — Indico o animal com a cabeça. — Vocês seguem com os cavalos que estão no acampamento.

— Onde está Cardan? O que houve com aquele goblin que estava viajando com ele? — Vivi parece pronta a gritar. — Eles tinham que tomar conta de você.

— O goblin disse que se chamava Barata — lembra Taryn.

— Ele foi envenenado — digo, dando alguns passos. Meu vestido está aberto na lateral, o vento sopra neve na pele exposta. Eu me obrigo a ir até o cavalo, a tocar na crina fina. — E Cardan teve que levá-lo correndo até um antídoto. Mas ele não sabe que Madoc mandou Fantasma atrás dele.

— Fantasma — repete Taryn.

— É ridículo todos agirem como se matar um rei tornasse o assassino um rei melhor — argumenta Vivi. — Imagine se, no mundo mortal, um

advogado passasse no exame da ordem matando outro advogado.

Não tenho ideia do que minha irmã está falando. Grima Mog me olha com solidariedade e enfia a mão na jaqueta para tirar um frasco com rolha.

— Tome um gole disto — diz ela para mim. — Vai ajudar a seguir em frente.

Nem pergunto o que é. Já passei desse ponto. Só dou um gole grande. O líquido desce ardendo em minha garganta e me faz tossir. Com a queimação na barriga, monto no cavalo.

— Jude — alerta Taryn, botando a mão em minha perna. — Precisa tomar cuidado para não arrebentar os pontos. — Quando concordo, ela solta a bainha que carrega na cintura e a passa para mim. — Leve Cair da Noite.

Já me sinto melhor com uma arma na mão.

— A gente te encontra lá — avisa Vivi. — Não vá cair do cavalo.

— Obrigada — agradeço, esticando as mãos. Vivi segura uma, e Taryn a outra. Eu aperto as duas.

Quando o cavalo dispara pelo ar gelado, vejo as montanhas abaixo, assim como o exército de Madoc. Olho para minhas irmãs, correndo pela neve. Minhas irmãs que, apesar de tudo, vieram me salvar.

CAPÍTULO
16

O céu se aquece enquanto voo para Elfhame. Segurando-me na crina do cavalo de erva-de-santiago, engulo borrifadas de água do mar e vejo as ondas quebrando abaixo. Apesar de a terra ter me salvado da morte, não estou totalmente recuperada. Quando me mexo, a lateral do meu corpo dói. Sinto os pontos me mantendo inteira, como se eu fosse uma boneca de pano com o enchimento prestes a sair.

E quanto mais me aproximo, mais pânico sinto.

Não seria melhor se ele levasse uma flechada no coração em seu próprio salão?

É hábito de Fantasma planejar assassinatos como uma aranha de alçapão: encontra um lugar de onde atacar e espera que a vítima chegue. Ele me levou às vigas da Corte de Elfhame para meu primeiro assassinato e me mostrou como fazer. Apesar do sucesso daquele assassinato, nada no interior da enorme câmara mudou: sei porque, pouco depois, assumi o poder e fui eu que não mudei nada.

Meu primeiro impulso é me apresentar no portão e exigir ser levada ao Grande Rei. Cardan prometeu acabar com meu exílio, e independentemente de suas intenções, pelo menos eu poderia lhe avisar sobre Fantasma. Mas tenho medo de que algum cavaleiro ansioso se apresse em decidir que devo perder a vida primeiro e levar a mensagem depois, isso se levar.

Meu segundo pensamento é de entrar no palácio pelo antigo quarto da mãe de Cardan e, pela passagem secreta, chegar aos aposentos do Grande Rei. Mas, se ele não estiver lá, vou continuar presa, sem poder passar pelos guardas

que protegem sua porta. E voltar seria uma grande perda de tempo. Um tempo que já está curto.

Com a Corte das Sombras bombardeada e nenhuma ideia de para onde o grupo se mudou, também não posso seguir esse caminho.

Só me resta uma opção: caminhar para dentro do castelo. Uma mortal com trajes de serva com certeza passaria despercebida, mas sou conhecida demais para esse truque funcionar, a não ser que eu esteja muito bem disfarçada. Só que tenho pouco acesso a roupas. Meus aposentos, no interior do palácio, são inalcançáveis. A casa de Taryn, antiga casa de Locke e com os servos de Locke ainda em seu interior, é perigosa demais. Mas a fortaleza de Madoc… abandonada, com roupas que eram de Taryn, de Vivi e minhas ainda penduradas em armários esquecidos…

Pode dar certo.

Voo baixo junto às árvores, feliz por ter chegado no fim da manhã, quando a maioria dos feéricos ainda está na cama. Pouso perto dos estábulos e desmonto do pônei. Ele se desfaz na mesma hora em erva-de-santiago, a magia já forçada ao extremo. Dolorida e bem devagar, sigo em direção à casa. Em minha cabeça, medos e esperanças colidem em uma repetição de palavras ininterruptas:

Que Barata esteja bem.

Que Cardan não seja atingido. Que Fantasma seja desajeitado.

Que eu entre com facilidade. Que eu consiga impedi-lo.

Não me distraio a fim de me perguntar por que estou tão desesperada para salvar uma pessoa pela qual jurei não mais alimentar qualquer sentimento. Não vou pensar no assunto.

Dentro da propriedade, boa parte dos móveis desapareceu. O que restou exibe o estofamento rasgado, como se houvesse fadinhas ou esquilos morando em seu interior. Meus passos ecoam quando subo a escadaria familiar, agora estranha com o vazio dos aposentos. Não vou até meu antigo quarto. Vou ao de Vivi, onde encontro o armário ainda cheio. Desconfiei de que ela devia ter deixado muitas coisas quando foi morar no mundo humano, e meu palpite foi positivo.

Encontro meias elásticas em tom cinza-escuro, uma calça e uma jaqueta justa. Está ótimo. Enquanto troco de roupa, sou acometida de uma onda de

tontura e preciso me apoiar na moldura da porta até que passe e eu recupere o equilíbrio. Tiro a blusa e faço o que vinha evitando: examino o ferimento. Pontos de sangue seco grudaram na marca vermelha do golpe de Madoc, e a costura caprichada mantém o corte fechado. O trabalho ficou bonito e bem-feito, e agradeço a Taryn por isso. Mas basta um olhar e uma sensação fria e trêmula me invade. Principalmente nos pontos mais vermelhos, onde já há sinais de cicatrização.

Deixo o vestido cortado e ensanguentado em um canto, junto das botas. Com dedos trêmulos, prendo o cabelo em um coque apertado, que cubro com um lenço preto enrolado duas vezes na cabeça. Quando estiver escalando, não quero que nada chame atenção.

Na parte principal da casa, encontro um alaúde desafinado pendurado na sala de Oriana e alguns potes de maquiagem. Escureço a região em torno dos olhos de forma dramática e desenho uma asa, com as sobrancelhas acompanhando. Em seguida, pego uma máscara com feições de gárgula e prendo no rosto.

No arsenal, encontro um pequeno arco desmontável que consigo esconder. Com pesar, deixo Cair da Noite escondida da melhor forma possível no meio de outras espadas. Pego um pedaço de papel na antiga escrivaninha de Madoc e uso sua pena para escrever um bilhete de aviso:

Esperem uma tentativa de assassinato, provavelmente no grande salão.
Deixem o Grande Rei em isolamento.

Se entregar o bilhete para que alguém dê a Baphen ou a um dos guardas pessoais de Cardan, talvez eu tenha mais chance de encontrar Fantasma antes de ele agir.

Com o alaúde na mão, caminho até o palácio. Não é longe, mas, quando chego, um suor frio cobre minha testa. É difícil saber até onde posso forçar meu corpo. Por um lado, a terra me curou, o que fez eu me sentir meio invulnerável. Por outro, quase morri e ainda estou bem machucada; o efeito do que Grima Mog me deu para beber está passando.

Encontro um grupinho de músicos e atravesso o portão com eles.

— Que alaúde lindo — comenta um dos instrumentistas, um garoto com cabelo verde da cor de folhas novas. Ele me olha de um jeito estranho, como se

talvez nos conhecêssemos.

— Dou o instrumento a você — digo por impulso. — Se fizer uma coisa para mim.

— O quê? — Ele franze a testa.

Seguro sua mão e coloco o bilhete que escrevi na palma.

— Você pode levar isto para um dos membros do Conselho Vivo, de preferência Baphen? Prometo que você não vai ter problemas.

Ele hesita, inseguro.

É nesse momento infeliz que um dos cavaleiros me para.

— Você. Garota mortal de máscara — adverte ele. — Está com cheiro de sangue.

Eu me viro. Do jeito que estou frustrada e desesperada, digo a primeira coisa que me ocorre.

— Bom, eu sou *mortal*. E sou uma *garota*, senhor. Nós sangramos todos os meses, assim como a lua fica cheia.

Ele faz sinal para eu passar com repulsa no rosto.

O músico também parece meio horrorizado.

— Aqui — digo para ele. — Não esqueça o bilhete.

Sem esperar resposta, enfio o alaúde em seus braços. E me enfio no meio das pessoas. Não demora para eu ser engolida pela multidão e poder tirar a máscara. Vou para um canto escuro e começo a subir as vigas.

A subida é horrível. Fico nas sombras, me movendo devagar, o tempo todo tentando ver onde Fantasma pode estar escondido, o tempo todo com medo de Cardan entrar no salão e se tornar um alvo. Repetidas vezes, preciso parar e me localizar. Sinto tonturas de tempos em tempos. Na metade da subida, tenho certeza de que um de meus pontos arrebenta. Encosto a mão na lateral do corpo, e os dedos ficam vermelhos. Escondo-me em um emaranhado de raízes, solto o lenço da cabeça e o enrolo na cintura o mais apertado que consigo suportar.

Finalmente chego a um ponto alto na curva do teto, para onde várias raízes convergem.

Ali, monto o arco, arrumo as flechas e olho pela colina oca. Ele pode já ter chegado, se escondido em algum lugar próximo. Como Fantasma me disse enquanto me ensinava a ficar de tocaia — o tédio é a parte mais difícil.

Manter-se alerta, não sucumbir ao enfado de forma a perder o foco e parar de prestar atenção em cada mudança nas sombras. Ou, no caso, me distrair com a dor.

Preciso encontrar Fantasma e, então, disparar nele. Não posso hesitar. O próprio Fantasma me diria que já perdi minha chance de matá-lo; melhor não perder de novo.

Penso em Madoc, que me criou em uma casa de assassinatos. Madoc, que se acostumou tanto com a guerra que matou a esposa e também teria me matado.

Se você enfiar uma espada aquecida em óleo, qualquer pequena falha vira uma rachadura. Mas, banhadas em sangue como vocês foram, nenhuma se partiu. Vocês só ficaram mais duras.

Se continuar assim, vou ficar como Madoc? Ou me partir?

Abaixo de mim, alguns cortesãos dançam em círculos que se juntam, se cruzam e se separam de novo. Quando estamos no meio da roda, a sensação é totalmente caótica, mas, daqui de cima, são triunfos da geometria. Olho para as mesas de banquete, cheias de pratos de frutas, queijos decorados com flores e decantadores de vinho de trevo. Meu estômago ronca quando o fim da manhã dá lugar ao começo da tarde e mais feéricos chegam à Corte.

Baphen, o Astrólogo Real, chega com Lady Asha, de braços dados. Eu os vejo contornar a plataforma, não muito longe do trono vazio. Sete danças depois, Nicasia surge no salão com alguns companheiros do Reino Submarino. Cardan entra em seguida, com a guarda ao redor e a Coroa de Sangue brilhando sobre os cachos negros.

Quando olho para ele, sinto uma dissonância vertiginosa.

Ele não parece a pessoa que atravessou a neve com um espião envenenado no colo, alguém que se enveredou por um acampamento inimigo. Alguém que colocou a capa mágica nas minhas mãos. Ele parece a pessoa que me empurrou na água e riu quando afundei. Que me enganou.

Aquele garoto é sua fraqueza.

Vejo brindes que não consigo ouvir e vejo pratos lotados de pombas assadas no espeto, doces enrolados em folhas e ameixas recheadas. Sinto-me estranha, a cabeça leve, e, quando olho, vejo que o lenço preto está quase encharcado com meu sangue. Mudo de posição.

E espero. E espero. E tento não sangrar em ninguém. Minha visão fica meio embaçada, e me obrigo a me concentrar.

Abaixo, vejo Randalin segurando algo, que está mostrando para Cardan. O bilhete que escrevi. O garoto deve tê-lo entregado, afinal. Aperto a mão no arco. Finalmente, vão tirá-lo dali e levá-lo para longe do perigo.

Mas Cardan não olha o papel. Faz um gesto de dispensa, como se talvez já o tivesse lido. Mas, se ele recebeu meu bilhete, o que está fazendo ali?

A não ser que, bancando o tolo, tenha decidido servir de isca.

Então percebo um leve movimento perto de algumas raízes. Por um segundo, penso que estou só vendo sombras que se movem. Mas noto Bomba no mesmo momento que seu olhar me encontra e seus olhos se apertam. Ela levanta o arco, a flecha já posicionada.

Percebo o que está acontecendo um pouco tarde demais.

O bilhete alertou a Corte sobre uma tentativa de assassinato, e Bomba foi procurar o assassino. Ela encontrou uma pessoa escondida nas sombras com uma arma. Alguém que teria todos os motivos para matar o rei: eu.

Não seria melhor que ele levasse uma flechada no coração em seu próprio salão?

Madoc armou para mim. Não enviou Fantasma para cá. Só me fez achar que o fez, para que eu viesse procurar alguém nas vigas. Para que eu me incriminasse. Madoc não precisava dar o golpe assassino. Só cuidou para que eu caminhasse direto para meu fim.

Bomba dispara, e eu me desvio. A flecha passa por mim, mas meu pé escorrega de lado em meu próprio sangue e eu caio. Da viga para o ar aberto.

Por um momento, a sensação é de voar.

Caio em uma mesa do banquete e derrubo romãs no chão. Elas rolam em todas as direções, em poças de cerveja derramada e cristal estilhaçado. Tenho certeza de que arrebentei muitos pontos. Tudo dói. Não consigo respirar.

Abro os olhos e vejo pessoas ao meu redor. Conselheiros. Guardas. Não tenho lembrança de fechar os olhos nem faço ideia de por quanto tempo fiquei inconsciente.

— Jude Duarte — diz alguém. — Violando o exílio para assassinar o Grande Rei.

— Vossa Majestade — pede Randalin. — Dê a ordem.

Cardan caminha em minha direção, a visão de um demônio ridiculamente magnífico. Os guardas se afastam para deixá-lo se aproximar, mas, se eu me mover, não tenho dúvida de que vão me trespassar.

— Perdi sua capa — digo para ele, a voz saindo sem fôlego.

Ele me olha de cima.

— Você é uma mentirosa — rebate ele, os olhos cintilando de fúria. — Uma mentirosa suja e mortal.

Fecho os olhos de novo pela dureza daquelas palavras. Mas ele não tem motivo para acreditar que não fui até ali para matá-lo.

Se ele me enviar para a Torre do Esquecimento, me pergunto se vai me visitar.

— Coloquem-na em correntes — ordena Randalin.

Nunca desejei tanto que houvesse uma forma de eu mostrar que estava falando a verdade. Mas não há. Nenhum juramento meu tem peso.

Sinto a mão de um guarda se fechar em meu braço. Mas a voz de Cardan soa.

— Não toque nela.

Um silêncio terrível se prolonga. Espero que ele declare meu julgamento. O que ele ordenar será feito. Seu poder é absoluto. Nem tenho forças para lutar.

— O que você quer dizer? — indaga Randalin. — Ela…

— Ela é minha esposa — revela Cardan, a voz se espalhando pela multidão. — A Grande Rainha de Elfhame por direito. E, definitivamente, não exilada.

O rugido chocado da multidão ecoa ao meu redor, mas ninguém está mais chocado que eu. Tento abrir os olhos, me sentar, mas a escuridão tolda os cantos de minha visão e me arrasta.

Livro dois

Contra as fadas do fogo com
espíritos das marés ela lutou
Guerra; e terra e ar; e mar a violência
da batalha afetou.
Alto ela brandiu a cimitarra reluzente,
flexível como um junco oscilante,
A cimitarra que seu amante anão forjou;
dura e brilhosa como diamante;
Lutando ao lado do Rei Feérico,
o senhor da terra do fogo ela matou;
Todos os exércitos do fogo foram vencidos;
quem foi derrotado como rainha a coroou;
De volta à terra das fadas ela correu;
Em triunfo seu exército para casa voltou.

— Philip James Bailey, "A Fairy Tale"

CAPÍTULO
17

Estou deitada na enorme cama do Grande Rei, sangrando na colcha majestosa. Tudo dói. Sinto uma pontada quente e intensa na barriga, e minha cabeça lateja.

Cardan está parado ao meu lado. Sua jaqueta jogada em uma cadeira próxima, o veludo encharcado de uma substância escura. As mangas brancas estão enroladas, e ele lava minhas mãos com um pano molhado; limpando o sangue.

Tento falar, mas minha boca parece cheia de mel. Resvalo novamente para a escuridão densa.



Não sei por quanto tempo durmo. Só sei que é muito tempo. Quando acordo, sinto uma sede enorme. Cambaleio para fora da cama, desorientada. Há várias

velas acesas no quarto. Naquela luz, percebo que ainda estou no quarto de Cardan, em sua cama, e sozinha.

Encontro uma jarra de água e a levo aos lábios, sem me importar em usar o copo. Bebo e bebo e bebo, até me sentir satisfeita. Deito-me de novo no colchão e tento pensar no que aconteceu. Parece um sonho febril.

Não posso mais ficar na cama. Ignoro as dores no corpo e vou para o banheiro. A banheira está cheia e, quando a toco, a água cintila com o movimento de meus dedos. Também encontro um penico, e sinto uma gratidão imensa por isso.

Tiro as roupas com cuidado e entro na banheira. Esfrego o corpo com as unhas para a água tirar a sujeira e o sangue seco dos dias anteriores. Esfrego o rosto e enxaguo o cabelo. Quando saio, estou me sentindo bem melhor.

No quarto, vou até o armário. Procuro entre as fileiras e fileiras dos trajes absurdos de Cardan até determinar que, mesmo que coubessem em mim, nunca usaria qualquer um deles. Visto uma camisa volumosa de mangas bufantes e escolho a capa menos ridícula, de lã preta, forrada de pele de cervo e com bordado de folhas nas beiradas, para me enrolar. Então percorro o corredor até meus antigos aposentos.

Os cavaleiros do lado de fora do quarto de Cardan reparam em meus pés descalços e tornozelos expostos e na forma como seguro a capa. Não sei bem o que acham, mas me recuso a ficar constrangida. Conjuro meu novo status de Rainha de Elfhame e lanço um olhar fulminante que os faz desviar o rosto.

Quando entro em meus antigos aposentos, Tatterfell dá um sobressalto no sofá, onde está jogando Uno com Oak.

— Ah — digo. — Ops.

— Oi — cumprimenta Oak, inseguro.

— O que você está fazendo aqui? — Ele se encolhe, e me arrependo da dureza das palavras. — Me desculpe — falo, me aproximando do sofá e me inclinando para lhe dar um abraço. — Estou feliz que esteja aqui, só estou surpresa. — Não acrescento que estou preocupada, apesar de estar. A Corte de Elfhame é um lugar perigoso para todo mundo, mas especialmente para Oak.

Mesmo assim, inclino a cabeça na direção de seu pescoço e absorvo o aroma de argila e pinheiro. Meu irmãozinho, que está me apertando tanto que dói, mantém um dos chifres arranhando meu maxilar de leve.

— Vivi também está aqui — informa ele ao me soltar. — E Taryn. E *Heather*.

— *É mesmo?* — Por um momento, trocamos um olhar sugestivo. Eu tinha esperanças de que Heather voltasse com Vivi, mas estou perplexa que ela tenha aceitado fazer outra viagem a Elfhame. Eu achava que ela demoraria em aceitar mais que uma quantidade mínima do Reino das Fadas. — Onde elas estão?

— Jantando com o Grande Rei — responde Tatterfell. — Este aqui não quis ir, então mandaram uma bandeja. — Ela enche as palavras com uma reprovação familiar. Sei que ela acha que rejeitar a honra da companhia real é um sinal de que Oak é mimado.

Acho que é um sinal de que ele anda prestando atenção.

Mas estou mais interessada na bandeja de comida, com porções meio mordidas de coisas deliciosas em travessas de prata. Meu estômago ronca. Não sei há quanto tempo não como uma refeição de verdade. Sem pedir permissão, me aproximo e começo a comer pedaços frios de pato, queijo e figo. Tem um chá forte demais num bule, que também tomo, direto do bico.

Minha fome é tão grande que fico desconfiada.

— Por quanto tempo dormi?

— Bom, você foi drogada — responde Oak, dando de ombros. — Então acordou antes, mas não por muito tempo. Não assim.

Aquilo é perturbador, em parte porque não lembro e em parte porque devo ter ficado na cama de Cardan esse tempo todo, mas me recuso a ruminar o assunto, assim como me recusei a pensar ao sair dos aposentos do Grande Rei usando apenas uma camisa e uma capa. Escolho um dos meus antigos trajes de senescal, um vestido que é uma longa coluna preta com gola e punhos prateados. Talvez seja simples demais para uma rainha, mas Cardan é extravagante por nós dois.

Quando estou vestida, volto para a saleta.

— Você prende meu cabelo? — peço a Tatterfell.

Ela se levanta.

— Eu gostaria muito. Você não pode andar por aí do jeito que entrou aqui.

Sou levada de volta ao quarto, onde ela me acomoda em minha penteadeira. Ali, trança minhas mechas castanhas em um halo em volta da

cabeça. Depois, pinta meus lábios e pálpebras de um leve tom rosado.

— Eu queria que seu cabelo indicasse uma coroa — explica ela. — Mas acho que você vai ter uma coroação de verdade em algum momento.

O pensamento faz minha cabeça girar, uma sensação de irrealidade a reboque. Não entendo o jogo de Cardan, e isso me preocupa.

Lembro que Tatterfell já tentou me persuadir a casar. A lembrança e minha certeza de que eu não me casaria tornam ainda mais estranha sua presença aqui, trançando meu cabelo como fazia na época.

— Você me deixou majestosa mesmo assim — digo, e seus olhos pretos de besouro se encontram com os meus no espelho. Ela sorri.

— Jude? — Ouço uma voz baixa. Taryn.

Ela está em outro aposento, com um vestido dourado. Está magnífica, com um rosado nas bochechas e um brilho nos olhos.

— Oi — cumprimento.

— Você acordou! — exclama ela, entrando correndo no quarto. — Vivi, ela acordou!

Vivi também entra, usando um terno de veludo verde-garrafa.

— Você quase morreu, sabia? Quase morreu *de novo*.

Heather a segue, usando um vestido azul-claro, com acabamentos do mesmo rosa que enfeita seus cachos. Ela abre um sorriso solidário, pelo qual sou grata. É bom ter uma pessoa que não me conhece tão bem a ponto de sentir raiva.

— Sim — concordo. — Eu sei.

— Você fica procurando o perigo — diz Vivi. — Você tem que parar de agir como se a política da Corte fosse uma espécie de esporte radical, e parar de correr atrás do pico de adrenalina.

— Não foi minha culpa que Madoc tenha me sequestrado — observo.

Vivi continua, me ignorando.

— É, e quando a gente se dá conta, o Grande Rei bate à nossa porta, com cara de quem está pronto para revirar o prédio todo atrás de você. E, quando finalmente temos notícias suas por Oriana, a gente sabe que não pode confiar em *ninguém*. Tivemos que contratar uma *barrete vermelho canibal* para nos acompanhar só por garantia. E que bom que fizemos isso…

— Ver você deitada na neve… você estava tão pálida, Jude — interrompe Taryn. — E, quando as coisas começaram a brotar e florescer a sua volta, eu não soube o que pensar. Flores e gavinhas abrindo caminho pelo gelo. A cor voltou a sua pele, e você se levantou. Não consegui acreditar.

— É — digo baixinho. — Também fiquei bem surpresa.

— Isso quer dizer que você é *mágica*? — pergunta Heather, uma pergunta justa. Mortais não possuem magia.

— Não sei — respondo.

— Ainda não acredito que você se casou com o príncipe Cardan — admite Taryn.

Sinto uma necessidade obscura de me justificar. Quero negar que houve desejo envolvido, quero alegar que fui totalmente prática quando aceitei. Quem não ia querer ser Rainha do Reino das Fadas? Quem não faria a barganha que eu fiz?

— É que… você *odiava* ele — argumenta Taryn. — Então descobri que ele estava sob seu controle o tempo todo. E achei que talvez você *ainda* o odiasse. Acho que é possível que você o odeie agora, e que ele odeie você, mas é confuso demais.

Uma batida na porta a interrompe. Oak corre para abri-la. Como se invocado por nossa discussão, o Grande Rei está lá, cercado pela guarda.

CAPÍTULO
18

Cardan está usando uma gola alta com pedras de azeviche em um gibão preto. Na ponta das orelhas, há coberturas douradas afiadas como facas, que combinam com o dourado nas bochechas. Sua expressão está distante.

— Ande comigo — diz ele, não deixando muito espaço para uma recusa.

— Claro. — Meu coração dispara, apesar de tudo. Odeio que ele tenha me visto quando eu estava mais vulnerável, tenha me deixado sangrar nos lençóis finos como seda de aranha.

Vivi segura minha mão.

— Você ainda não está completamente bem.

Cardan ergue as sobrancelhas pretas.

— O Conselho Vivo anseia em falar com ela.

— Sem dúvida — cedo, e olho para minhas irmãs, para Heather e para Oak atrás delas. — E Vivi devia estar feliz, porque o único risco de alguém morrer em uma reunião do Conselho é de tédio.

Solto minha irmã. Os guardas nos seguem. Cardan me dá o braço e me faz andar ao seu lado e não atrás, como eu faria quando senescal. Seguimos pelos corredores, e, quando passamos por cortesãos, eles se curvam. É extremamente irritante.

— Barata está bem? — pergunto, bem baixo para não ser ouvida.

— Bomba ainda não descobriu como despertá-lo — relata Cardan. — Mas há esperança de que vai descobrir.

Pelo menos, ele não está morto, digo a mim mesma. Mas, se ele dormir por cem anos, estarei no túmulo antes que volte a abrir os olhos.

— Seu pai enviou uma mensagem — informa Cardan, me olhando de esguelha. — Foi muito hostil. Parece me culpar pela morte da filha.

— Ah — digo.

— E enviou soldados para as cortes inferiores, com promessas de um novo regime. Pede que eles não hesitem e venham para Elfhame ouvir seu desafio à Coroa. — Cardan relata tudo isso em tom neutro. — O Conselho Vivo quer ouvir tudo que você sabe sobre a espada e os mapas de Madoc. Consideraram minhas descrições do acampamento lamentavelmente inadequadas.

— Eles podem esperar mais um pouco — replico, forçando as palavras. — Preciso falar com você.

Ele parece surpreso e meio indeciso.

— Não vai demorar. — A última coisa que quero é ter essa conversa, mas quanto mais eu adiá-la, mais vai tomar vulto em minha mente. Ele acabou com meu exílio… e, embora eu tenha lhe arrancado a promessa de fazer isso, Cardan não tinha motivo para me declarar rainha. — Seja qual for seu plano, seja lá o que esteja planejando usar contra mim, é melhor me contar agora, antes de nos apresentarmos diante do Conselho. Faça suas ameaças. Faça seu pior.

— Sim — admite ele, entrando em um corredor do palácio que leva para a área externa. — Precisamos conversar.

Não demora para chegarmos ao jardim real das rosas. Os guardas param no portão e nos deixam continuar sozinhos. Seguimos por um caminho de pedras de quartzo cintilantes, tudo em silêncio. O vento carrega aromas florais pelo ar, um perfume intenso que não existe fora do Reino das Fadas e que, no mesmo instante, me faz lembrar de casa e de ameaças.

— Suponho que não estivesse tentando atirar em mim — começa Cardan. — Considerando que o bilhete foi escrito com sua caligrafia.

— Madoc mandou Fantasma… — digo, mas paro e começo de novo. — Achei que haveria uma tentativa contra sua vida.

Cardan olha para uma roseira com pétalas tão pretas e brilhantes que parecem couro.

— Foi apavorante — começa ele — vê-la cair. Você já é apavorante normalmente, mas não estou acostumado a sentir medo *por* você. Depois, fiquei furioso. Não sei se já senti tanta raiva.

— Mortais são frágeis — argumento.

— Não você — diz ele, de uma forma que parece um lamento. — Você nunca se machuca.

Mas isso é ridículo, considerando como estou ferida. Eu me sinto como uma constelação de ferimentos, unida por linha e teimosia. Ainda assim, gosto de ouvir o que ele diz. Gosto demais de tudo que ele está dizendo.

Aquele garoto é sua fraqueza.

— Quando voltei fingindo ser Taryn, você disse que tinha enviado mensagens — relato. — E pareceu surpreso de eu não ter recebido nenhuma. O que havia nelas?

Cardan se vira para mim, as mãos unidas às costas.

— Súplicas, em geral. Pedindo que você voltasse. Várias promessas indiscretas. — Ele exibe aquele sorriso debochado, algo que ele diz nascer do nervosismo.

Fecho os olhos novamente contra uma frustração tão grande que me dá vontade de gritar.

— Pare com os joguinhos — retalio. — Você me exilou.

— Sim — confirma ele. — Isso. Não consigo parar de pensar no que me disse antes de Madoc levar você. Sobre ser um truque. Estava falando de quando me casei com você, a fiz rainha, a mandei para o mundo mortal, tudo, não é?

Cruzo os braços sobre o peito de forma protetora.

— *Claro que foi um truque*. Não foi isso que você disse em resposta?

— Mas é isso que você faz — argumenta Cardan. — Você engana as pessoas. Nicasia, Madoc, Balekin, Orlagh. Eu. Achei que me admiraria um pouco, por conseguir enganar *você*. Achei que ficaria com raiva, claro, mas não assim.

Olho para ele boquiaberta.

— O quê?

— Preciso lembrá-la de que eu não sabia que você tinha matado meu irmão, o embaixador do Reino Submarino, até aquela manhã — diz ele. —

Meus planos foram feitos às pressas. E talvez eu estivesse meio irritado. Achei que acalmaria a Rainha Orlagh, ao menos até todas as promessas serem finalizadas no tratado. Quando você entendesse a resposta, as negociações já teriam acabado. Pense bem: *Eu exilo Jude Duarte ao mundo mortal. Até e só se ela for perdoada pela Coroa*. — Ele faz uma pausa. — *Perdoada pela Coroa*. Querendo dizer o Grande Rei do Reino das Fadas. Ou a rainha. Você poderia ter voltado quando quisesse.

Ah.

Ah.

Não foi descuidada sua escolha de palavras. Não foi infeliz. Foi deliberada. Uma charada feita só para mim.

Talvez eu devesse me sentir idiota, mas sinto uma alegria furiosa. Eu lhe dou as costas e saio andando, de forma rápida e sem direção, pelo jardim. Ele corre atrás de mim e segura meu braço.

Eu me viro e lhe dou um tapa. É um tapa forte, mancha o dourado de sua bochecha e deixa a pele vermelha. Nós nos encaramos por um longo momento, respirando com dificuldade. Seus olhos brilham com algo totalmente diferente de raiva.

Estou tonta. Estou me afogando.

— Eu não queria magoar você. — Ele segura minha mão, possivelmente para me impedir de lhe bater de novo. Nossos dedos se entrelaçam. — Não, não é isso, não exatamente. Eu não achava que *pudesse* magoar você. E não achei que você fosse ter medo de mim.

— E você gostou? — pergunto.

Ele desvia o olhar e tenho minha resposta. Talvez ele não queira admitir esse impulso, mas o sente.

— Bom, fiquei magoada e, sim, você me dá medo. — Enquanto falo, desejo engolir de volta as palavras. Talvez seja a exaustão ou a experiência de quase morte, mas a verdade sai de mim em uma torrente devastadora. — Você sempre me assustou. Você me deu todos os motivos para temer seus caprichos e crueldade. Eu tive medo de você, mesmo quando estava amarrado naquela cadeira na Corte das Sombras. Tive medo quando encostei uma faca em seu pescoço. E estou com medo de você agora.

Cardan parece mais surpreso do que ficou quando lhe dei o tapa.

Ele sempre foi um símbolo da Elfhame que eu não podia ter, tudo que nunca ia me querer. E lhe confessar aquilo é um pouco como tirar um peso dos ombros, só que o peso era minha armadura e, sem ele, tenho medo de estar totalmente exposta. Mas continuo falando mesmo assim, como se não tivesse mais controle da língua.

— Você me desprezava. Quando disse que me queria, pareceu que o mundo virou de cabeça para baixo. Mas me mandar para o exílio foi uma coisa que fez sentido.

Eu o encaro.

— Aquele foi um gesto condizente com Cardan. E me odiei por não ter me dado conta. E me odeio por não ver o que você vai fazer comigo agora.

Ele fecha os olhos. Quando abre, solta minha mão e se vira para que eu não possa ver seus olhos.

— Entendo por que você pensou o que pensou. Acho que não sou uma pessoa fácil de se confiar. E talvez eu não seja digno de confiança, mas quero dizer uma coisa: confio em *você*.

Ele respira fundo.

— Você talvez se lembre de que eu não queria ser Grande Rei. E que você não me consultou antes de botar esta coroa em minha cabeça. E talvez lembre também que Balekin não queria que eu ficasse com o título, e que o Conselho Vivo nunca ficou muito satisfeito comigo.

— Acho que sim — digo, embora nenhuma daquelas coisas pareça incomum. Balekin queria a coroa para si, e o Conselho Vivo desejava que Cardan comparecesse às reuniões, algo que ele raramente fazia.

— Uma profecia foi feita quando nasci. Em geral, Baphen é desnecessariamente vago, mas, nesse caso, deixou claro que, se eu governasse, seria um péssimo rei. — Ele faz uma pausa. — A destruição da coroa, a ruína do trono… muita linguagem dramática.

Lembro-me de que Oriana disse alguma coisa sobre a predestinação de Cardan, assim como Madoc, mas isso é mais do que azar. Faz com que eu pense na batalha que está por vir. Faz com que eu pense em meu sonho com o mapa astral e o pote de sangue derramado.

Cardan se vira para mim e me olha como fazia em minhas fantasias.

— Até você me obrigar a trabalhar para a Corte das Sombras, eu nunca tinha pensado nas coisas que sabia fazer, assustar e encantar pessoas, como *talentos*, menos ainda como coisas talvez valiosas. Mas *você* fez isso. Você me mostrou como usar meus dons para ser *útil*. Nunca me incomodei em ser um vilão menor, mas é possível que eu tivesse me transformado em outra coisa, um Grande Rei tão monstruoso quanto Dain. E se acontecesse, se eu cumprisse a profecia, eu *teria* que ser impedido. E acredito que você me impediria.

— Impedir você? — pergunto. — Claro. Se você for um grande idiota e uma ameaça a Elfhame, vou arrancar sua cabeça fora.

— Ótimo. — Sua expressão é melancólica. — Esse foi um dos motivos pelos quais não quis acreditar que você tinha se juntado a Madoc. O outro é que quero você aqui, ao meu lado, como minha rainha.

É um discurso estranho, com um quê de amor, mas também não parece enganação. E se dói um pouco ele me admirar mais por minha brutalidade, bom, pelo menos há certo alento no fato de ele me admirar. Ele me quer ao seu lado e talvez me queira de outras formas também. Desejar mais que isso é ganância.

Cardan abre um meio sorriso.

— Mas agora que você é Grande Rainha e está de volta ao comando, não vou fazer nada de grande consequência. Se eu destruir a coroa e arruinar o trono, será por negligência apenas.

Isso me arranca uma gargalhada.

— E essa é sua desculpa para não ter nenhum trabalho? Você deve ser mimado o tempo todo porque, se não estiver ocupado, pode acabar realizando uma profecia mequetrefe?

— Exatamente. — Ele toca meu braço e seu sorriso some. — Gostaria que eu informasse ao Conselho que você os verá em outra hora? Será novidade eu criar desculpas para você.

— Não. Estou pronta.

Minha cabeça gira com tudo que conversamos. A palma da minha mão está manchada de dourado. Quando o encaro, vejo que o restante do pó se espalhou por sua bochecha com o impacto do tapa. Não consigo parar de olhar, não consigo parar de pensar no jeito como Cardan me olhou quando

segurou meus dedos. É a única desculpa que tenho para não perceber que ele me levou de volta a seus aposentos, que acho que também são meus, já que somos casados.

— Eles estão *aqui*? — pergunto.

— Acredito que havia uma emboscada planejada. — Ele me informa com a boca retorcida. — Como você sabe, eles são muito xeretas e odeiam a ideia de ficar de fora de qualquer coisa importante, inclusive um convalescimento real.

O que estou imaginando é como teria sido horrível ser despertada por todo o Conselho Vivo quando ainda estava amassada e imunda e nua. Concentro-me nessa raiva e espero que me faça parecer imperiosa.

Lá dentro, Fala, o Grande Bobo, cochila no chão perto do fogo. O restante do Conselho (Randalin, com os chifres de carneiro, Baphen, coçando a barba azul, o sinistro Mikkel, da Corte Unseelie, e a exótica Nihuar, da Corte Seelie) está sentado pelo aposento, sem dúvida irritado com a espera.

— Rainha Senescal — diz Fala, pulando de pé e fazendo uma reverência extravagante.

Randalin faz cara feia. Os outros começam a se levantar. Sinto-me tremendamente constrangida.

— Não, por favor — peço. — Fiquem onde estão.

Os conselheiros e eu tivemos um relacionamento conturbado. Como senescal de Cardan, com frequência eu lhes negava audiências com o Grande Rei. Acho que desconfiavam de que minha principal qualificação para o posto era a capacidade de mentir por ele.

Duvido que acreditem que tenho qualificações para minha nova posição.

Mas, antes que possam confirmar minhas suspeitas, inicio uma descrição do acampamento de Madoc. Em pouco tempo, recrio os mapas navais que vi e listo todas as facções lutando ao lado de meu pai. Explico o que vi na forja de Grimsen; Cardan inclui alguns detalhes dos quais se lembra.

Os números estão do lado de Elfhame. E independentemente de eu conseguir ou não usar o poder da terra, sei que Cardan consegue. Claro que ainda há a questão da espada.

— Duelo? — indaga Mikkel. — Talvez ele esteja confundindo o Grande Rei com alguém mais sedento por sangue. Você, talvez?

Vindo dele, não é exatamente um insulto.

— Bom, Jude foi se meter com *Grima Mog*. — Randalin jamais gostou muito de mim, e acho que os recentes eventos não melhoraram em nada seus sentimentos. — É típico dela passar o exílio recrutando carniceiras famosas.

— Então você matou *mesmo* Balekin? — pergunta Nihuar, sem conseguir mais conter a curiosidade.

— Matei — respondo. — Depois que ele envenenou o Grande Rei.

— Envenenou? — ecoa ela, atônica, e olha para Cardan.

Ele dá de ombros, reclinado em uma cadeira, com a costumeira expressão de tédio.

— Não se pode esperar que eu mencione todos os pequenos detalhes.

Randalin morde a isca e parece inflar de irritação.

— Vossa Majestade, fomos levados a crer que o exílio de Jude foi justificado. E que, se você desejasse se casar, consultaria…

— Talvez um de vocês pudesse ter nos contado… — diz Baphen, falando ao mesmo tempo que Randalin.

Então era isso que eles queriam mesmo discutir, aparentemente. Se havia alguma forma de impedirem o que já aconteceu e invalidar minha ascensão ao posto de Grande Rainha.

Cardan levanta a mão.

— Não, não, basta. É tudo chato demais para explicar. Declaro esta reunião encerrada. — Os dedos fazem um movimento na direção da porta. — Deixem-nos. Estou cansado de todos vocês.

Tenho um longo caminho a percorrer até alcançar esse nível de arrogância desavergonhada.

Mas funciona. Eles resmungam, mas se levantam e deixam o ambiente. Fala joga um beijo para mim quando sai.

Por um momento, ficamos sozinhos.

Mas há uma batida seca na porta secreta do quarto do Grande Rei. Antes que um de nós consiga se levantar, Bomba passa e entra no quarto com uma bandeja para servir chá. O cabelo branco está preso em um coque alto, e, se ela está cansada de sofrer, não deixa transparecer.

— Vida longa a Jude — diz com uma piscadela, pousando a bandeja em uma mesa com o tilintar de bules e pires e tudo mais. — Não graças a mim.

Abro um sorriso.

— Que bom que sua pontaria é péssima.

Ela levanta um pacotinho de ervas.

— Um cataplasma. Para afastar a febre e ajudar o paciente a se curar mais rápido. Infelizmente, não vai aplacar a mordacidade de sua língua. — Ela tira algumas ataduras do casaco e se vira para Cardan. — *Você* tem que sair.

— Este quarto é *meu* — observa ele, afrontado. — E esta é *minha* esposa.

— É o que você fica falando para todo mundo — argumenta Bomba. — Mas vou tirar os pontos da mortal e acho que não vai querer assistir.

— Ah, sei lá — interfiro. — Talvez ele goste de me ouvir gritar.

— Gostaria mesmo — reforça Cardan, se levantando. — E talvez um dia eu ouça. — Quando está saindo, leva a mão até meu cabelo. É um toque leve, quase inexistente, que logo passa.

CAPÍTULO

19

Tirar os pontos é lento e doloroso. Minha irmã é ótima com agulha e parece que bordou minha barriga e meu flanco, deixando Bomba com uma carreira infinita de pontos que precisam ser cortados individualmente, os fios puxados da pele, e depois o unguento aplicado.

— Ai! — gemo pelo que parece a milionésima vez. — Precisam mesmo ser tirados?

Bomba solta um longo suspiro sofrido.

— Deviam ter sido tirados há dias.

Mordo a língua para segurar outro uivo de dor. Quando consigo falar de novo, tento me distrair perguntando:

— Cardan disse que você está esperançosa em relação a Barata.

Inclinada sobre mim, ela tem cheiro de cordite e ervas amargas. A expressão é séria.

— Sempre tenho esperanças quando se trata de Barata.

Há uma batida leve na porta. Bomba olha para mim com expectativa.

— Pode entrar… — digo, baixando o vestido para cobrir a barriga.

Uma mensageira com asinhas de mariposa e uma expressão nervosa entra no quarto e me permite um alívio temporário naquela tortura. Ela se curva e parece prestes a desmaiar. Talvez seja a pequena pilha de linhas cobertas de sangue.

Penso em explicar, mas está abaixo da dignidade de uma rainha e deixaria as duas constrangidas. Então só abro o que espero ser um sorriso encorajador.

— Sim?

— Vossa Alteza — diz ela. — Lady Asha deseja vê-la. Ela mandou que eu a levasse diretamente ao quarto onde definha.

Bomba ri com deboche.

— Definha — articula ela, sem som.

— Diga a ela que a verei assim que eu puder — falo com o máximo de grandiosidade que consigo.

Apesar de não ser a resposta que sua mestra queria que eu desse, a mensageira não pode fazer nada para desafiá-la. Ela hesita por um momento e parece se dar conta do fato. Embaraçada, sai com outra reverência.

— Você é a Grande Rainha de Elfhame. Aja de acordo — diz Bomba, me olhando com expressão séria. — Não deve deixar ninguém dar ordens a você. Nem mesmo eu.

— Eu falei não! — protesto.

Ela começa a puxar outro ponto, e não de forma particularmente gentil.

— Lady Asha não ganha espaço *imediato* em sua agenda só porque pediu. E não devia fazer a rainha ir até ela. Principalmente porque *você* está ferida. Ela está deitada na cama, se recuperando do trauma de te ver cair do teto.

— Ai — digo, sem saber se estou reagindo ao puxão na pele, à repreensão perfeitamente justificada ou à avaliação contundente de Lady Asha.



Quando Bomba termina, ignoro seu excelente conselho e vou até os aposentos de Lady Asha. Não que eu discorde do conselho. Mas eu gostaria de dizer uma coisa para a mãe de Cardan e me parece um ótimo momento para isso.

Enquanto atravesso o corredor, sou parada por Val Moren, que coloca a bengala em meu caminho. Os olhos do senescal mortal do último Grande Rei estão carregados de malícia.

— Qual é a sensação de subir a uma altura tão vertiginosa? — pergunta ele. — Está com medo de sofrer outra queda?

Faço uma careta.

— Tenho certeza de que gostaria de saber.

— Hostil, minha rainha — diz ele com um grunhido. — Você não deveria ser gentil com o menor de seus súditos?

— Quer gentileza? — Eu tinha medo dele, dos avisos sombrios e dos olhos loucos, mas não sinto medo agora. — Todos aqueles anos… você podia ter me ajudado e ajudado minha irmã. Podia ter nos ensinado a sobreviver aqui como mortais. Mas deixou que descobríssemos sozinhas, apesar de sermos iguais.

Ele me encara com olhos semicerrados.

— *Iguais?* — pergunta ele. — Você acha que a semente plantada em solo goblin cresce sendo a mesma planta que seria no mundo mortal? Não, sementinha. Não sei o que você é, mas não somos iguais. Eu vim para cá adulto.

E, com isso, ele sai andando, me deixando com expressão de desprezo.

Encontro Lady Asha em uma cama de dossel, a cabeça apoiada em travesseiros. Os chifres não parecem ajudar na hora de arrumar uma posição confortável, mas acho que, quando os chifres são seus, você se acostuma.

Dois cortesãos, uma de vestido e o outro de calça e um casaco com abertura para as delicadas asas nas costas, estão sentados em cadeiras ao seu lado. Alguém lê uma coleção de sonetos de fofocas. A serva que levou a mensagem de Lady Asha acende velas, e os aromas de sálvia, cravo e alfazema se espalham pelo ar.

Quando entro, os cortesãos continuam sentados por bem mais tempo do que deveriam, e, quando se levantam para se curvar, o fazem com letargia deliberada. Lady Asha fica na cama, me olhando com um leve sorriso, como se compartilhássemos um segredo desagradável.

Penso em minha mãe, como não pensava havia muito tempo. Lembro como ela inclinava a cabeça para trás quando ria. Como nos deixava ficar acordadas até tarde no verão, correndo umas atrás das outras no quintal ao

luar, minhas mãos grudentas de picolé derretido, o fedor da forja de meu pai pesado no ar. Lembro-me de acordar à tarde, de desenhos na televisão da sala e picadas de mosquito empelotando a pele. Penso em como ela me tirava do carro quando eu dormia em trajetos longos. Penso na sensação sonolenta e calorosa de ser carregada pelo ar.

Quem eu seria sem aquelas coisas?

— Não precisa se levantar — aviso a Lady Asha. Ela parece surpresa e ofendida pela mera sugestão de que me deve as cortesias da minha nova posição. O cortesão de casaco tem um brilho no olhar que me faz pensar que vai sair e contar para todo mundo o que testemunhou. Duvido de que sua versão me seja lisonjeira.

— Vamos conversar depois — diz Lady Asha para os amigos, um tom frígido na voz. Eles parecem achar a dispensa natural. Com outra reverência, feita cuidadosamente para nós duas, eles saem e nem esperam a porta se fechar para começarem a sussurrar entre si.

— Sua visita deve ser uma gentileza — diz a mãe de Cardan. — Com você tendo voltado para nós há tão pouco tempo. E tendo assumido o trono tão recentemente.

Obrigo-me a não sorrir. A incapacidade de mentir leva a frases interessantes.

— Venha — convida ela. — Sente-se um momento comigo.

Sei que Bomba diria que essa é outra ocasião em que estou deixando que ela me diga o que fazer, mas parece mesquinharia protestar contra uma arrogância tão pequena.

— Quando eu a trouxe da Torre do Esquecimento para meu covil de espiões — digo, caso ela precise lembrar por que deve se preocupar em não me irritar —, você disse que queria ficar longe do Grande Rei, seu filho. Mas vocês dois parecem ter feito as pazes. Deve estar muito feliz.

Ela faz beicinho.

— Cardan não foi uma criança fácil de amar, e só piorou com o tempo. Ele gritava para ser pego no colo, mas quando era atendido, mordia e chutava para sair dos meus braços. Ele encontrava um jogo qualquer e ficava obcecado até vencer, depois queimava todas as peças. Quando não for mais um desafio, ele vai passar a desprezá-la.

Eu a encaro.

— E você está me dando esse aviso graças à gentileza de seu coração?

Ela sorri.

— Estou dando esse aviso porque não importa. Você já está condenada, Rainha de Elfhame. Você já o ama. Já o amava quando me perguntou sobre ele e não sobre sua mãe. E você ainda vai amá-lo, garota mortal, bem depois que os sentimentos do Grande Rei evaporarem como orvalho da manhã.

Não consigo deixar de pensar no silêncio de Cardan quando perguntei se gostava que eu sentisse medo. Uma parte dele sempre encontrará prazer na crueldade. Mesmo que ele tenha mudado, sempre é possível mudar de novo.

Odeio ser idiota. Odeio a ideia de minhas emoções me vencerem e me deixarem fraca. Mas meu medo de ser idiota me tornou idiota. Eu deveria ter adivinhado a resposta à charada de Cardan bem antes. Mesmo que eu não entendesse que era uma charada, era um buraco que devia ter explorado. Mas estava tão envergonhada por ter caído em seu truque que parei de procurar outras alternativas. E, mesmo depois que descobri uma, não fiz nenhum plano para usá-la.

Talvez não seja a pior coisa do mundo querer ser amada, mesmo quando não se é. Mesmo se doer. Talvez ser humano não signifique sempre ser fraco.

Talvez o problema tenha sido a vergonha.

Só que meus medos não foram o único motivo para meu longo exílio.

— Foi por isso que interceptou as cartas que ele mandou? Para me proteger? Ou porque teve medo de que ele não se cansasse de mim? Porque, minha senhora, sempre serei um desafio.

Admito que é um palpite sobre ela e as cartas. Mas não são muitas pessoas que teriam acesso e poder para interceptar uma mensagem do Grande Rei. Nenhum embaixador de um reino estrangeiro. Talvez nem um membro do Conselho Vivo. E acho que Lady Asha não gosta muito de mim.

Ela me olha placidamente.

— Muitas coisas se perdem. Ou são destruídas.

Considerando sua incapacidade de mentir, é praticamente uma confissão.

— Entendo — digo. — Neste caso, aceito seu conselho no exato espírito que você o deu. — Quando olho para ela da porta, digo o que acredito ser a coisa que menos queira ouvir. — E, da próxima vez, espero uma reverência.

CAPÍTULO
20

Estou percorrendo o corredor quando uma cavaleira pixie corre até mim, a armadura tão polida que brilha a ponto de refletir a pele cerúlea.

— Vossa Majestade precisa vir rapidamente — informa ela, colocando a mão no coração.

— Fand? — Quando estávamos na escola do palácio, sonhávamos em ser cavaleiras. Parece que uma de nós conseguiu.

Ela me olha com surpresa por ter sido lembrada, apesar de não fazer tanto tempo. Acho que ela também acredita que subir a alturas vertiginosas talvez alterem até a memória.

— *Sir* Fand — me corrijo, e ela sorri. Eu sorrio para ela. Apesar de não sermos amigas na época, nos tratávamos *amigavelmente*… e, para mim, na Grande Corte, aquilo era raridade. — Por que tenho que ir depressa?

Sua expressão fica séria de novo.

— Um batalhão do Reino Submarino está na sala do trono.

— Ah! — exclamo, e permito que ela me acompanhe pelos corredores. Alguns feéricos se curvam quando passo. Outros fazem questão de não se mexer. Sem saber direito como me comportar, ignoro a todos.

— A senhora devia ter sua própria guarda — argumenta Sir Fand, ficando um passo atrás de mim.

Todo mundo parece gostar de me dizer como devo fazer meu trabalho. Mas, pelo menos nesse caso, meu silêncio parece ser uma resposta suficiente para mantê-la quieta.

Quando chegamos, a sala do trono está quase vazia. Randalin retorce as mãos enrugadas enquanto observa os soldados do Reino Submarino: selkies e os feéricos de pele pálida que me fazem pensar nos que eles chamavam de *afogados*. Nicasia está à frente, com uma armadura de escamas iridescentes, o cabelo decorado com dentes de tubarão, segurando as mãos de Cardan. Os olhos estão vermelhos e inchados, como se ela tivesse chorado. A cabeça escura do rei está inclinada na direção da feérica, e lembro que eles já foram amantes.

Ela se vira quando me vê, louca de raiva.

— Isso é coisa do seu pai!

Dou um passo para trás, surpresa.

— O quê?

— A Rainha Orlagh — responde Cardan com o que parece ser uma calma levemente exagerada. — Aparentemente, ela foi alvejada com algo como dardo de elfo. Penetrou fundo em sua pele, mas parece ter parado antes do coração. Quando são feitas tentativas de removê-lo, parece resistir a extrações mágicas e não mágicas. Move-se como se estivesse vivo, mas pode haver ferro no dardo.

Paro com a mente em turbilhão. Fantasma. Foi para lá que Madoc o enviou, para o mar. Não para *matar* a rainha, o que enfureceria o povo do mar e o levaria com mais firmeza para o lado de Cardan, mas para feri-la de tal forma que ele pudesse usar a morte contra ela. Como seu povo poderia correr o risco de lutar contra Madoc se ele impediria o dardo apenas se Orlagh ficasse quieta?

— Sinto muito. — É uma coisa totalmente humana de se dizer, e totalmente inútil, mas é o que digo mesmo assim.

Nicasia franze os lábios.

— Como deveria sentir. — Depois de um momento, ela solta a mão de Cardan com evidente hesitação. Houve uma época em que ela teria se casado com ele. Duvido muito que minha chegada a tenha feito desistir da ideia. — Tenho que voltar para o lado de minha mãe. A corte do Reino Submarino está em caos.

Nicasia e a mãe já me fizeram de prisioneira, me trancaram em uma jaula e tentaram usurpar minha vontade. Às vezes, em sonhos, ainda estou lá, ainda flutuando no escuro e no frio.

— Somos seus aliados, Nicasia — lembra Cardan. — Se precisar de nós.

— Conto com você para vingar minha mãe, pelo menos — diz ela. E, com outro olhar hostil em minha direção, ela se vira e sai do salão. Os soldados do Reino Submarino a seguem.

Não consigo nem ficar irritada com ela. Estou atordoada com o sucesso do plano de Madoc… e com a ambição envolvida. A morte de Orlagh não seria uma coisa pequena de se organizar; ela é um dos poderes antigos e estabelecidos do Reino das Fadas, mais antiga até do que Eldred. Mas feri-la dessa forma parece ainda mais difícil.

— Agora que Orlagh está fraca, é possível que haja pretendentes ao trono — diz Randalin com um certo lamento, como se duvidando que Nicasia estaria à altura do que lhe era requerido. — O mar é um lugar brutal.

— Pegaram o pretenso assassino? — pergunto.

Randalin franze a testa para mim, como costuma fazer quando faço uma pergunta cuja resposta ele não sabe, mas não quer admitir.

— Acredito que não. Se tivessem pegado, tenho certeza de que teriam nos contado.

O que quer dizer que ele pode vir para cá, afinal. O que significa que Cardan ainda está em perigo. E temos bem menos aliados do que antes. Esse é o problema de ficar na defesa: nunca se tem certeza de quando seu inimigo vai atacar, por isso se gasta mais recursos, tentando cobrir todas as possibilidades.

— Os generais vão querer ajustar os planos — argumenta Randalin com um olhar significativo na direção de Cardan. — Acho que devíamos chamá-los.

— Sim — concorda Cardan. — Sim, acho que devíamos mesmo.

Vamos para a sala de estratégia e somos recebidos por um jantar frio de ovos de pato, pão de groselha e porco selvagem assado servido em fatias finas como papel. A supervisora dos servos, uma mulher grande e aracnídea, está à nossa espera com os generais. A discussão logo assume um ar festivo, com metade dos participantes entretendo os lordes e ladies das cortes inferiores, e a outra metade planejando uma guerra.

O novo Grande General é um ogro chamado Yorn. Foi escolhido durante meu exílio. Desconheço sua reputação, mas ele tem um comportamento nervoso. Ele entra com três generais e muitas perguntas sobre os mapas e

materiais que o Conselho Vivo lhe passou depois de falar comigo. Hesitante, ele começa a reimaginar nossa estratégia naval.

Mais uma vez, tento adivinhar qual pode ser o passo seguinte de Madoc. Tenho a sensação de que reuni muitas peças do quebra-cabeça, mas não consigo ver como se encaixam. O que sei é que ele está bloqueando as saídas, aparando as variáveis, reduzindo nossa capacidade de surpreendê-lo, para que seus planos tenham mais chance de sucesso.

Posso apenas ter esperanças de conseguir surpreendê-lo.

— Devíamos simplesmente atacar, assim que o navio de Madoc surgir no horizonte — sugere Yorn. — Não dar a ele a chance de tentar negociar. Vai ser mais difícil sem a ajuda do Reino Submarino, mas não impossível. Ainda teremos a maior força.

Devido ao costume de hospitalidade dos feéricos, se Madoc pedir, ele e um pequeno grupo serão recebidos em Elfhame com o objetivo de discutir as alternativas à guerra. Desde que não levante uma arma, pode comer e beber e conversar conosco pelo tempo que quiser. Quando estiver pronto para partir, o conflito vai recomeçar de onde tinha parado.

— Ele vai enviar uma ave primeiro — diz Baphen. — E os navios podem muito bem chegar escondidos sob a neblina ou sombras. Não sabemos que magias Madoc tem à disposição.

— Ele quer duelar — argumento. — Assim que puxar uma arma, ele vai romper os termos da negociação. E não vai poder trazer uma grande força para terra com o objetivo de discutir a paz.

— Melhor cercarmos as ilhas com navios — aconselha Yorn, novamente movendo peças de estratégia em volta do lindamente desenhado mapa de Insweal, Insmire, Insmore e Insear sobre a mesa. — Podemos impedir que os soldados de Madoc desembarquem dos navios. Atirar em qualquer ave que venha em nossa direção. Temos aliados nas cortes inferiores que vão aumentar nossa força.

— E se Madoc conseguir a ajuda do Reino Submarino? — pergunto. Os outros me olham, atônitos.

— Mas nós temos um tratado — diz Randalin. — Talvez você não tenha ouvido isso porque…

— Sim, vocês têm um tratado *agora* — interrompo, sem querer ser lembrada do meu exílio novamente. — Mas Orlagh poderia passar a coroa para Nicasia. Se fizesse isso, a Rainha Nicasia teria liberdade de fazer uma nova aliança com Madoc, como ocorreu quando a Corte dos Dentes botou uma criança no trono e ficou livre para marchar contra Elfhame. E Nicasia talvez se alie a Madoc se ele puder salvar sua mãe.

— Acha que isso pode acontecer? — Yorn pergunta a Cardan, franzindo a testa sobre os planos.

O Grande Rei faz um gesto de descaso.

— Jude gosta de supor o pior, tanto dos inimigos quanto dos aliados. Sua recompensa é às vezes se enganar sobre nós.

— É difícil lembrar uma ocasião dessas — sussurro para ele.

Ele levanta uma única sobrancelha.

Fand entra na sala naquele momento, parecendo saber muito bem que ali não é seu lugar.

— Perdão, mas eu… eu tenho uma mensagem para a rainha — diz ela com um gaguejar nervoso na voz. — De sua irmã.

— Como pode ver, a rainha… — começa Randalin.

— Que irmã? — pergunto, indo até ela.

— Taryn — responde a cavaleira, parecendo bem mais calma agora que se dirige só a mim. Ela abaixa o tom de voz. — Pediu que você se encontrasse com ela na antiga residência do Grande Rei.

— Quando? — pergunto, meu coração acelerado. Taryn é uma pessoa cuidadosa, atenta aos costumes. Ela não gosta de mensagens crípticas nem de locais de encontro sinistros. Se quer que eu vá à Mansão Hollow, há algo muito errado.

— Assim que a senhora puder — responde Fand.

— Vou agora — decido, então me viro para os conselheiros, generais e para o Grande Rei. — Houve um problema familiar. Peço licença.

— Vou acompanhá-la — avisa Cardan, se levantando.

Abro a boca para listar todos os motivos pelos quais ele não pode. O problema é que, quando encaro os olhos delineados de dourado e ele pisca, fingindo inocência, não consigo pensar em nenhum que vá, de fato, impedi-lo.

— Que bom — diz ele, passando por mim. — Está decidido.

Yorn parece um pouco aliviado por estarmos partindo. Randalin, como era de esperar, parece irritado. Baphen se ocupa comendo um ovo de pato enquanto vários outros generais estão mergulhados numa conversa sobre quantas das cortes inferiores vão levar barcos e o que isso significa para os mapas.

No corredor, sou obrigada a andar mais rápido para alcançar Cardan.

— Você nem sabe aonde estamos indo.

Ele afasta os cachos do rosto.

— Fand, aonde estamos indo?

A cavaleira parece infeliz, mas responde.

— Para a Mansão Hollow.

— Ah! — exclama ele. — Então já sei que serei útil. Você vai precisar de mim para convencer a porta.

A Mansão Hollow era do irmão mais velho de Cardan, Balekin. Considerado o mais influente dos Quíscalos, uma facção da Grande Corte mais interessada em banquetes, devassidão e excessos, Balekin era famoso pela loucura em seus festejos. Ele enganava mortais para que lhe servissem, usando glamour para que se lembrassem apenas do que queria que lembrassem. Ele era horrível, e isso foi antes de dar um golpe sangrento contra o restante da família em uma tentativa de obter o trono.

Também foi a pessoa que criou Cardan.

Enquanto penso nisso tudo, Cardan envia Fand para buscar a carruagem real. Quero protestar e dizer que consigo cavalgar, mas não estou tão bem a ponto de ter certeza de que deveria. Alguns minutos depois, sou colocada em uma carruagem real lindamente decorada, com assentos bordados em estampa de gavinhas e besouros. Cardan se senta no lado oposto e encosta a cabeça na janela quando os cavalos disparam.

Quando saímos do palácio, percebo que é mais tarde do que eu pensava. O amanhecer ameaça surgir no horizonte. Meu sono prolongado me deixou com uma visão distorcida do tempo.

Penso na mensagem de Taryn. Que motivo ela teria para me chamar à propriedade de Balekin? Teria a ver com a morte de Locke?

Seria outra traição?

Os cavalos finalmente param. Salto da carruagem na hora que um dos guardas desce para me ajudar. Ele parece desconcertado por eu já estar parada ao lado dos cavalos, mas nem pensei em esperar. Não estou acostumada a ser da realeza e tenho medo de nunca me acostumar.

Cardan aparece, e seu olhar não cai em mim, nem no guarda, mas na Mansão Hollow. Sua cauda chicoteia o ar atrás do corpo e mostra toda a emoção ausente do rosto.

Coberto de uma camada pesada de hera, com uma torre torta e raízes pálidas e peludas penduradas nas sacadas, aquele lugar já foi seu lar. Testemunhei Cardan ser açoitado por um servo humano por ordens de Balekin. Sei que coisas bem piores aconteceram ali, apesar de ele nunca ter tocado no assunto.

Passo o polegar na ponta do meu dedo cortado, mordido por um dos guardas de Madoc, e percebo de súbito que, se eu contasse a Cardan sobre isso, ele talvez entendesse. Talvez mais do que qualquer pessoa, ele compreenderia o estranho misto de medo e vergonha que sinto, mesmo agora, quando penso no fato. Com todos os nossos conflitos, há momentos em que nos entendemos bem demais.

— Por que estamos aqui? — pergunta ele.

— É onde Taryn queria me encontrar — respondo. — Nem sabia que ela conhecia o lugar.

— Ela não conhece — responde Cardan.

A porta de madeira polida ainda exibe o entalhe de um rosto enorme e sinistro, continua ladeada de lanternas, mas fadinhas não voam mais em círculos desesperados ali dentro. Um brilho suave de magia emana de seu interior.

— Meu rei — cumprimenta a porta com carinho, abrindo os olhos.

Cardan sorri.

— Minha porta — retribui ele com uma leve tensão na voz, como se talvez tudo relacionado à volta ao lar provocasse uma sensação estranha.

— Olá e bem-vindo — recepciona ela e se abre totalmente.

— Há uma garota igual a esta aí dentro? — pergunta ele, me indicando.

— Sim — responde a porta. — Bem igual. Ela está embaixo, com o outro.

— Embaixo? — pergunto, quando entramos no corredor ecoante.

— Tem um calabouço — explica Cardan. — A maioria dos feéricos achava que era só decorativo. Mas, ora, não era.

— Por que Taryn estaria lá embaixo? — pergunto, mas ele não tem resposta para isso. Nós descemos, a guarda real à frente. O porão tem um cheiro forte de terra. A sala onde entramos guarda pouca coisa, só uns móveis que não parecem bons para uso e correntes. Braseiros enormes ardem com intensidade, a ponto de esquentar minhas bochechas.

Taryn está sentada ao lado de uma masmorra. Usa roupas simples, uma capa sobre o vestido, e sem o luxo das roupas e dos penteados, ela parece jovem. Fico assustada ao pensar que talvez eu também pareça jovem assim.

Quando vê Cardan, ela se levanta, uma das mãos indo na direção da barriga de forma protetora. Ela faz uma cortesia exagerada.

— Taryn? — diz ele.

— Ele veio atrás de você — rebate ela. — Quando me viu em seus aposentos, disse que eu tinha que prendê-lo porque Madoc tinha dado mais ordens a ele. Me contou sobre o calabouço e eu o trouxe aqui. Pareceu um lugar onde ninguém procuraria.

Vou até o buraco e olho para dentro. Fantasma está sentado a uns 3,5 metros abaixo, as costas na quina da parede, os pulsos e tornozelos presos em correntes. Está pálido e não parece bem quando nos olha com expressão assombrada.

Quero perguntar se ele está bem, mas obviamente não está.

Cardan encara minha irmã como se tentasse entender alguma coisa.

— Você o conhece, não é? — pergunta ele.

Ela assente e cruza os braços sobre o peito.

— Ele visitava Locke às vezes. Mas não teve nada a ver com sua morte, se é o que está pensando.

— Eu não estava pensando isso — diz Cardan. — Não mesmo.

Não, ele já era prisioneiro de Madoc naquela época. Mas não gosto do rumo que a conversa está tomando. Ainda não sei o que Cardan faria se soubesse a verdade sobre a morte de Locke.

— Pode nos contar sobre a Rainha Orlagh? — pergunto a Fantasma, tentando dirigir a conversa para o que é mais importante. — O que você fez?

— Madoc me deu um dardo — respondeu ele. — Pesava em minha mão e se remexia como se fosse uma coisa viva. Lorde Jarel lançou um feitiço em mim que me permitiu respirar debaixo das ondas, mas fez minha pele queimar como se estivesse sempre coberta de gelo. Madoc ordenou que eu acertasse Orlagh em qualquer lugar, menos no coração e na cabeça, e me disse que o dardo faria o resto.

— Como escapou? — pergunto.

— Matei um tubarão que me seguia e me escondi dentro de sua carcaça até o perigo passar. Depois, nadei até a margem.

— Madoc deu mais ordens? — pergunta Cardan, franzindo a testa.

— Deu — responde Fantasma com uma expressão estranha no rosto. E esse é nosso único aviso antes de ele escalar metade da masmorra. Percebo que se soltou da corrente que Taryn usou para prendê-lo, provavelmente bem antes. Um pânico gelado toma conta de mim. Estou rígida demais para lutar com ele, dolorida demais. Pego a tampa pesada do buraco e começo a arrastá-la, torcendo para prendê-la antes de ele chegar à borda. Cardan chama o guarda e tira uma faca com aparência sinistra do gibão, me surpreendendo. Isso só pode ser influência de Barata.

Minha irmã limpa a garganta.

— Larkin Gorm Garrett — diz ela. — Esqueça todas as outras ordens, menos a minha.

Inspiro fundo. Nunca testemunhei alguém ser chamado pelo nome verdadeiro antes. No Reino das Fadas, saber uma coisa dessas coloca uma pessoa totalmente à mercê da outra. Ouvi falar de feéricos que cortam os próprios ouvidos para não ter de ouvir ordens… e de feéricos cujas línguas foram cortadas para que não dissessem os nomes de outros.

Taryn parece meio chocada também.

Fantasma desce até o fundo da masmorra. Parece relaxar, aliviado, apesar do poder que ela tem sobre ele. Deve ser porque é bem melhor receber ordens da minha irmã que do meu pai.

— Você sabe o nome verdadeiro de Fantasma — diz Cardan para Taryn, guardando a faca e ajeitando a roupa. — Como descobriu essa informação fascinante?

— Locke era descuidado com muitas coisas que dizia na minha frente — comenta Taryn com um certo desafio no tom de voz.

Com relutância, fico impressionada com ela.

E aliviada. Ela poderia ter usado o nome verdadeiro de Fantasma para benefício próprio. Poderia tê-lo escondido. Talvez a gente realmente não continue mentindo uma para a outra.

— Suba o resto do caminho — digo para Fantasma.

Ele sobe com cuidado e devagar dessa vez. Alguns minutos depois, arranha o piso. Ele recusa a ajuda de Cardan e se levanta sozinho, mas não posso deixar de notar seu estado enfraquecido.

Ele me olha como se estivesse reparando na mesma coisa.

— Você precisa receber mais ordens? — pergunto. — Ou pode me dar sua palavra de que não vai atacar ninguém aqui presente?

Ele faz uma careta.

— Você tem minha palavra. — Tenho certeza de que ele não está feliz de que agora sei seu nome verdadeiro. Se eu fosse ele, também não ia querer que eu soubesse.

E sem mencionar Cardan.

— Por que não vamos para uma parte mais confortável da Mansão Hollow e continuamos a discussão agora que o drama acabou? — sugere o Grande Rei.

Fantasma cambaleia, e Cardan segura seu braço, amparando-o nos degraus. Na sala, um dos guardas aparece com cobertores. Começo a acender a lareira. Taryn parece querer me pedir que pare, mas não ousa.

— Então concluo que você recebeu uma ordem de… fazer o quê? Me matar se a oportunidade surgisse? — Cardan anda de um lado para o outro, inquieto.

Fantasma assente e ajeita os cobertores em volta do corpo. Os olhos castanhos estão opacos, e o cabelo louro-escuro, emaranhado.

— Eu esperava que nossos caminhos não se cruzassem, e temia o que faria se acontecesse.

— Bom, acho que nós dois temos sorte de Taryn, prestativa, estar à espreita no palácio — diz Cardan.

— Não volto para casa de meu marido enquanto não tiver certeza de que Jude não está correndo perigo — rebate ela.

— Jude e eu tivemos um desentendimento — explica Cardan, com cuidado. — Mas não somos inimigos. E também não sou seu inimigo, Taryn.

— Você acha que tudo é um jogo — argumenta ela. — Você e Locke.

— Ao contrário de Locke, nunca achei que o *amor* fosse um jogo — diz ele. — Pode me acusar de muita coisa, mas não disso.

— Garrett — interrompo em desespero, porque não sei ao certo se quero ouvir mais. — *Tem* alguma coisa que possa nos contar? O que quer que Madoc esteja planejando, precisamos saber.

Ele balança a cabeça.

— Da última vez que o vi, ele estava furioso. Com você. Com ele mesmo. Comigo, quando soube que você tinha descoberto minha presença. Ele me deu as ordens e me mandou partir, mas acho que não pretendia me enviar tão rápido.

Eu assinto.

— Certo. Ele teve que acelerar seus planos. — Quando saí, a espada estava longe de ficar pronta. Aquilo devia ser frustrante, ser obrigado a agir sem estar preparado.

Acho que Madoc não sabe que sou rainha. Acho que nem sabe que estou viva. O que deve valer alguma coisa.

— Se o Conselho descobrir que estamos com o agressor de Orlagh, as coisas não vão seguir um bom caminho — avisa Cardan com súbita determinação. — Vão me pedir que eu entregue você para o Reino Submarino em troca de favores para Elfhame. Vai ser só questão de tempo até Nicasia saber que o temos em nossas mãos. Vamos para o palácio, para deixar você aos cuidados de Bomba. Ela pode decidir o que fazer a seu respeito.

— Muito bem — diz Fantasma com uma mistura de resignação e alívio. Cardan pede a carruagem de novo. Taryn boceja quando entra e se senta ao lado do espião.

Encosto a cabeça na janela e escuto parcialmente enquanto Cardan consegue convencer minha irmã a contar a ele um pouco sobre o mundo mortal. Ele parece adorar as descrições das máquinas de raspadinha, com cores vibrantes e o estranho sabor açucarado. Ela está no meio de uma descrição de jujubas de minhoca quando chegamos ao palácio e saímos da carruagem.

— Vou escoltar Fantasma até onde ele vai residir — avisa Cardan. — Jude, você precisa descansar.

Parece impossível ser o mesmo dia em que acordei de um sono drogado, o mesmo dia em que Bomba tirou meus pontos.

— Vou levá-la até seu quarto — diz Taryn com um tom conspiratório e me guia na direção dos aposentos reais.

Eu a acompanho pelo corredor, dois guardas reais nos seguindo a uma distância discreta.

— Confia nele? — sussurra ela quando Cardan não está mais por perto.

— Às vezes — admito.

Ela me olha com solidariedade.

— Ele foi legal na carruagem. Eu não sabia que ele podia ser legal.

Isso me faz rir. Na porta do quarto, ela coloca a mão em meu braço.

— Ele estava tentando impressionar *você*, sabe. Falando comigo.

Franzo a testa.

— Acho que ele só queria saber sobre doces esquisitos.

Ela balança a cabeça.

— Cardan quer que você goste dele. Mas não é porque ele quer que você deveria. — Ela me deixa entrar nos enormes aposentos reais sozinha.

Tiro o vestido e o penduro sobre um biombo. Pego outra das camisas ridículas de babados de Cardan e a visto, depois subo na cama imensa. Meu coração bate com nervosismo quando cubro os ombros com a colcha bordada com uma caçada a cervos.

Nosso casamento é uma aliança. Uma barganha. Digo a mim mesma que nem precisa ser mais que isso. Tento me convencer de que o desejo de Cardan por mim sempre foi temperado com repulsa e que fico melhor sem ele.

Adormeço esperando o som de porta se abrindo e dos passos do rei no piso de madeira.

Mas, quando acordo, continuo sozinha. Não há nenhum lampião aceso. Nenhum travesseiro foi movido. Nada mudou. Eu me sento ereta.

Talvez ele tenha passado o resto da manhã e da tarde na Corte das Sombras, jogando dardos com Fantasma e acompanhando a cura de Barata. Mas é mais fácil imaginá-lo no grande salão, supervisionando o que restou da

festa da noite e tomando galões de vinho, só para evitar se deitar ao meu lado na cama.

CAPÍTULO
21

Uma batida na porta me leva a procurar um dos roupões de Cardan e o vestir de qualquer jeito sobre a camisa que usei para dormir.

Antes que eu o alcance, a porta é aberta e Randalin entra.

— Minha senhora — diz ele, e há um tom áspero e acusatório em sua voz. — Temos muito a discutir.

Aperto o roupão em volta do corpo. O conselheiro devia saber que Cardan não estaria comigo para entrar assim, mas não vou lhe dar a satisfação de perguntar onde ele está.

Não consigo deixar de lembrar as palavras de Bomba: *Você é a Grande Rainha de Elfhame. Aja de acordo*.

Mas é difícil não sentir vergonha estando quase despida, descabelada e com mau hálito. É duro projetar dignidade no momento.

— O que podemos ter para conversar? — consigo dizer, na voz mais fria de que sou capaz.

Bomba provavelmente diria que eu devia expulsá-lo aos pontapés.

O duende se empertiga e parece inchado com tamanha presunção. Fixa em mim o olhar severo de bode por trás de óculos de aro de metal. Os chifres de carneiro estão tão encerados que brilham. Ele vai até o sofá baixo e se senta.

Eu me encaminho para a porta e encontro dois cavaleiros que não conheço do lado de fora. Não é a guarda completa de Cardan, claro. Essa deve estar com ele. Não, os dois parados na porta devem ser os mais desprezados de sua guarda e os mais mal preparados para conter um ressentido membro do

Conselho Vivo. Mas, do outro lado do corredor, noto Fand. Quando me vê, ela fica alerta.

— Tem uma mensagem para mim? — pergunto.

Fand balança a cabeça.

Eu me viro para a guarda real.

— Quem deixou o conselheiro entrar sem minha permissão? — pergunto. Seus olhos se enchem de alarme, e um começa a gaguejar uma resposta.

— Falei para não deixarem — interrompe Fand. — Você precisa de alguém que a proteja e que proteja sua porta. Me deixe ser sua cavaleira. Você me conhece. Sabe que sou capaz. Eu estava aguardando, na esperança…

Recordo meu desejo por um lugar no lar real, por ser escolhida como parte da guarda pessoal de uma das princesas. E também entendo por que ela não teve muitas chances de ser escolhida antes. Ela é jovem e, pelo que as evidências sugerem, falastrona.

— Sim — digo. — Eu gostaria muito. Fand, considere-se a primeira de minha guarda. — Como nunca tive guarda próprias, fico meio sem saber como proceder com ela agora.

— Pelo carvalho e pelo freixo, pelo espinheiro e pela sorveira, juro servi-la com lealdade até a morte — declara ela, o que me parece precipitado. — Quer que eu retire o conselheiro de seus aposentos?

— Não vai ser necessário. — Balanço a cabeça, embora imaginar a situação me dê um pouco de satisfação e eu não tenha certeza de que consigo esconder o sorriso que a acompanha. — Por favor, envie uma mensagem a meus antigos aposentos e veja se Tatterfell pode trazer algumas de minhas coisas. Enquanto isso, vou falar com Randalin.

Fand franze a testa para mim e olha na direção do conselheiro.

— Sim, Vossa Majestade — diz ela, levando o punho ao coração.

Com a esperança de novas roupas no futuro, pelo menos, volto para dentro. Sento-me no braço do sofá em frente ao do conselheiro e o observo com mais paciência. Ele me emboscou aqui para me abalar de alguma forma.

— Muito bem — digo com isso em mente. — Fale.

— Os governantes das cortes inferiores começaram a chegar. Alegam terem vindo testemunhar o desafio do seu pai e oferecer ajuda ao Grande Rei,

mas essa não é toda a verdade do motivo que os traz aqui. — Ele fala com amargura. — Eles vieram farejar fraqueza.

Eu franzo a testa.

— Eles estão jurados à Coroa. Sua lealdade pertence a Cardan quer eles queiram ou não.

— Mesmo assim — continua Randalin —, com o Reino Submarino impedido de enviar suas forças, estamos mais dependentes das cortes que nunca. Não gostaríamos que elas exercessem sua lealdade com ressentimento. E quando Madoc chegar, em poucos dias, tentará explorar qualquer dúvida. Você cria essas dúvidas.

Ah. Agora sei do que se trata.

Ele continua.

— Nunca houve uma Rainha de Elfhame que fosse mortal. E não deveria haver uma agora.

— Espera mesmo que eu abra mão de um poder tão enorme por causa do que você diz? — pergunto.

— Você foi uma boa senescal — rebate Randalin, me surpreendendo. — Você se importa com Elfhame. É por isso que imploro para que você abra mão de seu título.

É nesse momento que a porta se abre.

— Nós não mandamos chamá-lo e não precisamos de você! — exclama Randalin, pretendendo dar a algum servo, provavelmente Fand, a bronca que gostaria de poder dar em mim. Mas fica pálido e se levanta de repente.

O Grande Rei está na porta. Suas sobrancelhas se erguem, e um sorriso malicioso lhe curva os cantos da boca.

— Muitos acham isso, mas poucos têm coragem de ser francos comigo.

Grima Mog está atrás de Cardan. A barrete vermelho segura uma terrina fumegante. O aroma chega até mim e faz meu estômago roncar.

Randalin gagueja.

— Vossa Majestade! Que vergonha a minha. Meus comentários incautos não eram dirigidos ao senhor. Eu achei que… — Ele hesita e volta a falar. — Fui tolo. Se desejar que eu seja punido…

Cardan o interrompe.

— Por que não me conta o que estavam discutindo? Não tenho dúvida de que você preferiria as respostas equilibradas de Jude a minhas bobagens, mas me diverte ouvir sobre questões de Estado mesmo assim.

— Eu só estava pedindo que ela pensasse na guerra trazida pelo pai. Todos precisam fazer sacrifícios. — Randalin olha na direção de Grima Mog, que coloca a terrina na mesa próxima, então encara Cardan de novo.

Talvez eu devesse avisar Randalin de que seria prudente ter medo do jeito como Cardan o olha.

Cardan se vira para mim, e uma parte do calor da raiva ainda brilha em seus olhos.

— Jude, você pode dar a mim e ao conselheiro um momento a sós? Tenho algumas coisas que quero pedir que ele considere. E Grima Mog trouxe sopa para você.

— Não preciso da ajuda de ninguém para dizer a Randalin que aqui é minha casa e minha terra e que não vou a lugar algum nem vou abrir mão de nada.

— Mesmo assim — insiste Cardan, colocando a mão na nuca do conselheiro —, ainda tem algumas coisas que eu gostaria de dizer a ele.

Randalin permite que Cardan o leve até uma das outras salas reais. A voz do Grande Rei fica tão baixa que não identifico as palavras, mas a ameaça sedosa em seu tom é inconfundível.

— Venha comer — chama Grima Mog, servindo sopa num prato fundo. — Vai ajudar na cura.

Tem cogumelos flutuando na superfície, e, quando mergulho a colher, alguns tubérculos aparecem, junto do que pode ser carne.

— O que tem aqui?

A barrete vermelho ri.

— Você sabia que deixou sua faca na viela de minha casa? Peguei para devolver. Achei que seria um gesto de *boa vizinhança*. — Ela abre um sorriso malicioso. — Mas você não estava em casa. Só sua adorável gêmea, que tem ótimos modos e me convidou para tomar chá e comer bolo, e me contou muitas coisas interessantes. Você devia ter me contado mais. Talvez tivéssemos chegado a um acordo antes.

— Talvez — digo. — Mas a sopa…

— Meu paladar é exigente, mas tenho gostos muito amplos. Não faça cena — diz ela. — Coma. Você precisa de um pouco de força.

Tomo um gole e tento não pensar muito no que estou ingerindo. É um caldo ralo, bem temperado e aparentemente inofensivo. Viro a tigela e engulo tudo. O gosto é bom e quente, e faz eu me sentir melhor do que já me senti desde que acordei em Elfhame. Acabo cutucando o fundo atrás dos pedaços sólidos. Se houver algo terrível no caldo, melhor eu não saber.

Enquanto ainda estou catando os pedacinhos, a porta se abre de novo e Tatterfell entra carregando uma pilha de vestidos. Fand e dois outros cavaleiros a seguem com mais trajes meus. Atrás do trio vem Heather, de chinelo, carregando uma pilha de joias.

— Taryn me disse que, se eu viesse junto, poderia dar uma olhada nos aposentos reais. — Heather chega mais perto e baixa a voz. — Fico feliz que esteja bem. Vee quer que a gente vá embora antes de seu pai chegar, por isso partiremos logo. Mas a gente não ia embora com você em coma.

— Ir embora é uma boa ideia — afirmo. — Estou surpresa que tenha vindo.

— Sua irmã me ofereceu um acordo — explica ela, com certo pesar. — E eu aceitei.

Antes que ela possa me contar mais, Randalin se apressa na direção da porta e quase esbarra em Heather em sua afobação. Ele olha para ela, atônito, nem um pouco preparado para a presença de outra mortal. Ele vai embora e evita lançar até mesmo um olhar em minha direção.

— Chifres *grandes* — articula Heather, olhando na direção dele. — Sujeito *pequeno*.

Cardan se encosta na moldura da porta com expressão satisfeita.

— Tem um baile de boas-vindas esta noite para os convidados de algumas de minhas cortes. Heather, espero que você e Vivienne compareçam. Na última vez que você veio, fomos péssimos anfitriões. Mas há muitos prazeres que podemos lhe mostrar.

— Inclusive uma guerra — diz Grima Mog. — O que pode ser mais prazeroso que isso?



Assim que Heather e Grima Mog vão embora, Tatterfell resolve me arrumar para o baile. Ela prende meu cabelo e pinta minhas bochechas. Coloco um vestido dourado para a noite, um vestido reto com uma túnica sobreposta de tecido fino, que parece uma cota de malha dourada. Placas de couro nos ombros seguram os pedaços de tecido brilhante e deixam à mostra mais do meu colo do que estou acostumada a exibir.

Cardan se acomoda em uma cadeira acolchoada feita de raízes e estica as pernas. Veste um traje marinho com bordado metálico e besouros preciosos nos ombros. Na fronte exibe a coroa dourada de Elfhame, com as folhas de carvalho reluzindo no alto. Ele inclina a cabeça para o lado e me olha de modo especulativo.

— Hoje você vai ter que falar com todos os governantes — avisa ele.

— Eu sei — declaro, olhando para Tatterfell. Ela parece satisfeita de ouvi-lo me dar uma orientação que não requisitei.

— Porque só um de nós é capaz de contar mentiras — continua ele, me surpreendendo. — E eles precisam acreditar que nossa vitória é inevitável.

— E não é? — pergunto.

Ele sorri.

— Me diga você.

— Madoc não tem chance alguma — minto obedientemente.

Lembro-me de quando fui aos acampamentos das cortes inferiores depois do golpe de Balekin e Madoc para tentar persuadir lordes, ladies e vassalos do Reino das Fadas a se aliarem a mim. Foi Cardan que me disse quais abordar,

Cardan que me deu informações suficientes sobre cada um para eu decidir como convencê-los. Se alguém pode me ajudar a enfrentar a noite, esse alguém é ele.

Ele é bom em deixar as pessoas ao redor relaxadas, mesmo quando cientes de que não podem relaxar.

Infelizmente, meu talento é deixar as pessoas irritadas. Mas pelo menos também sou boa em mentir.

— A Corte dos Cupins chegou? — pergunto, nervosa por ter que enfrentar Lorde Roiben.

— Infelizmente, sim — responde Cardan. Ele se levanta e me oferece o braço. — Venha, vamos encantar e confundir nossos súditos.

Tatterfell prende algumas mechas de cabelo, ajeita uma trança, então desiste e me deixa levantar.

Juntos, entramos no grande salão, com Fand e o resto dos guardas nos ladeando com grande pompa e circunstância.

Quando entramos e somos anunciados, um silêncio se espalha pelo salão. Ouço as palavras de uma grande distância:

— O Grande Rei e a Grande Rainha de Elfhame.

Os goblins e elfos, duendes e fadinhas, trolls e bruxas, todos os seres lindos e gloriosos e horrendos de Elfhame olham em nossa direção. Todos os olhos pretos brilham. Todas as asas e caudas e bigodes estremecem. O choque do que estão vendo, uma mortal unida a seu rei, uma mortal sendo chamada de governante, parece estalar no ar.

E então todos correm para nos cumprimentar.

Minha mão é beijada. Sou elogiada de forma efusiva e também com palavras vazias. Tento lembrar quem é cada um dos lordes e ladies e vassalos. Tento garantir que a derrota de Madoc é inevitável, que ficamos felizes em recebê-los e igualmente satisfeitos por terem enviado na frente uma parte da Corte, pronta para a batalha. Digo que acredito que o conflito será curto. Não menciono a perda de nossos aliados no Reino Submarino nem o fato de que o exército de Madoc estará portando as armas de guerra de Grimsen. Não menciono a espada enorme com a qual Madoc planeja desafiar Cardan.

Eu minto e minto e minto.

— Seu pai parece um inimigo de uma consideração extrema ao nos reunir assim — diz Lorde Roiben da Corte dos Cupins, os olhos como lascas de gelo. Para pagar uma dívida que eu tinha com ele, matei Balekin. Mas isso não quer dizer que ele esteja satisfeito comigo. Também não quer dizer que ele acredita nas besteiras que estou repetindo. — Nem meus amigos têm a consideração de reunir meus aliados para mim antes da batalha.

— É uma demonstração de força, certamente — digo. — Ele quer nos abalar.

Roiben reflete sobre isso.

— Ele quer destruí-los — retruca ele.

Sua consorte pixie, Kaye, coloca a mão no quadril e estica o pescoço para olhar melhor o salão.

— Nicasia está aqui?

— Infelizmente, não — respondo, com a certeza de que nada de bom viria de uma conversa das duas. O Reino Submarino foi responsável por um ataque à Corte dos Cupins, um ataque que deixou Kaye muito ferida. — Ela teve que voltar para casa.

— Que pena — respondeu Kaye, fechando a mão em punho. — Eu trouxe uma coisa para ela.

Do outro lado do salão, vejo Heather e Vivi entrarem. Heather está usando uma pálida cor marfim que realça o marrom intenso e lindo de sua pele. O cabelo foi trançado e preso com pentes. Ao seu lado, Vivi veste escarlate, bem parecido com a cor de sangue seco que Madoc gosta tanto de usar.

Um elfo aparece e me oferece pequenas cascas de avelã cheias de leite de cardo fermentado. Kaye vira uma como se fosse uma dose de bebida alcoólica e faz uma careta. Eu recuso.

— Com licença — digo, e atravesso o salão na direção da minha irmã. Passo pela Rainha Annet, da Corte das Mariposas, pelo Alderking e seu consorte e por outras dezenas de pessoas.

— Não é divertido dançar? — pergunta Fala, o Bobo, interrompendo meu progresso pelo salão. — Vamos dançar nas cinzas da tradição.

Como sempre, tenho pouca ideia do que dizer a ele. Não sei bem se está me criticando ou falando com total sinceridade. Eu me afasto.

Heather balança a cabeça quando me aproximo.

— *Caramba*. Que vestido.

— Ah, que bom. Eu queria pegar umas bebidas — informa Vivi. — Bebidas *seguras*. Jude, você pode ficar até eu voltar ou vai ser tragada pela diplomacia?

— Posso esperar — digo, feliz de ter a chance de falar com Heather sozinha. Assim que minha irmã se afasta, eu me viro para ela. — Com o que *exatamente* você concordou?

— Por quê? — pergunta Heather. — Você não acha que sua irmã me enganaria, né?

— Não intencionalmente — saio pela tangente. Os acordos feéricos têm uma péssima e merecida reputação. Raramente são coisas diretas. Óbvio, parecem bons. Tipo, prometem que você vai viver o resto dos seus dias em êxtase, mas aí você tem uma noite incrível e morre pela manhã. Ou prometem que você vai perder peso e alguém chega e corta uma de suas pernas. Não que eu ache que Vivi fosse fazer uma coisa assim com Heather, mas com a lição do meu exílio na cabeça, ainda quero saber os detalhes.

— Ela me disse que Oak precisava de alguém para cuidar dele em Elfhame enquanto ela ia atrás de você. E me fez a seguinte proposta: enquanto estivéssemos aqui, poderíamos ficar juntas. Quando voltássemos, ela me faria esquecer o Reino das Fadas e esquecê-la também.

Eu inspiro fundo. É isso que Heather quer? Ou Vivi ofereceu e Heather aceitou porque pareceu melhor do que continuar como estavam?

— Então, quando você for para casa…

— Acabou. — As feições se contorcem de desespero. — Tem coisas pelas quais as pessoas não deviam tomar gosto. Acho que magia é assim.

— Heather, você não precisa…

— Eu amo Vee — diz ela. — Acho que cometi um erro. Na última vez que estive aqui, este lugar parecia um filme de terror lindamente filmado, e eu só queria tirar tudo da cabeça. Mas não quero esquecê-la.

— Você não pode dizer isso para ela? — pergunto, olhando para minha irmã do outro lado do salão, voltando agora. — Cancela.

Heather balança a cabeça.

— Perguntei se ela tentaria me convencer a mudar de ideia. Acho que eu talvez estivesse duvidando se conseguiria ir em frente com o lance do término. Acho que esperava que ela fosse me garantir que ela *queria* que eu mudasse de ideia. Mas Vee ficou muito séria e disse que poderia ser parte do acordo que, independentemente do que eu dissesse depois, ela iria até o fim.

— Ela é uma idiota — digo.

— Eu que sou a burra — argumenta Heather. — Se eu não estivesse com tanto medo… — Ela para de falar quando Vivi se aproxima com três cálices equilibrados nas mãos.

— O que está rolando? — pergunta minha irmã, me entregando uma bebida. — Vocês duas estão com caras estranhas.

Nem Heather, nem eu respondemos.

— E aí? — pergunta Vivi.

— Jude nos pediu que ficássemos mais alguns dias — diz Heather, me surpreendendo imensamente. — Ela precisa da nossa ajuda.

Vivi me olha com recriminação.

Abro a boca para protestar, mas não posso negar nada sem expor Heather. Quando Vivi usou magia para fazer a namorada esquecer o que tinha acontecido no casamento de Taryn, fiquei furiosa com ela. Não pude evitar admitir que ela era feérica, e eu não. E, agora, não posso evitar admitir todas as qualidades que fazem de Heather humana.

— Só mais uns dias — concordo, sabendo que estou sendo uma péssima irmã, e talvez ao mesmo tempo uma ótima irmã.

Do outro lado do salão, Cardan ergue uma taça.

— Sejam bem-vindos à ilha de Insmire — saúda ele. — Seelie e Unseelie, Povo Selvagem e Povo Tímido, fico feliz que marchem sob meu estandarte, feliz pela lealdade, grato por sua honra. — Seu olhar me encontra. — A vocês, ofereço vinho de mel e a hospitalidade de minha mesa. Mas a traidores e violadores de juramentos, ofereço a hospitalidade de minha rainha. A hospitalidade das facas.

Há um aumento de barulho, de chiados e uivos de alegria. Muitos olhos se voltam para mim. Vejo Lady Asha me observando séria.

Todos no Reino das Fadas sabem que fui eu que matei Balekin. Sabem que até passei um tempo exilada como consequência. Sabem que sou filha adotiva

de Madoc. Não duvidam das palavras de Cardan.

Bom, ele fez com que me vissem como mais que apenas a rainha mortal, certamente. Agora, eles me veem como a rainha *assassina*. Não sei bem o que sinto, mas ao ver a intensidade do interesse em seus olhares agora, não posso negar que seja eficiente.

Levanto a taça bem alto e bebo.

E, quando a festa começa a acalmar, quando passo pelos cortesãos, todos se curvam para mim. Cada um deles.



Estou exausta quando saímos do salão, mas mantenho a cabeça erguida e os ombros projetados para trás. Estou determinada a não deixar ninguém saber como me sinto cansada.

Só quando estou nos aposentos reais é que me permito curvar os ombros para a frente de leve e me apoiar no batente da porta do quarto.

— Você foi formidável hoje, minha rainha — diz Cardan, se aproximando.

— Depois do discurso que você fez, não foi difícil. — Apesar do cansaço, estou hiperciente de sua presença, do calor de sua pele e do jeito como o sorriso lento e conspiratório faz meu estômago se revirar com desejo idiota.

— Não pode ser nada além da verdade — argumenta ele. — Senão nunca teria saído de minha boca.

Meu olhar é atraído pelos lábios macios, pelos olhos pretos, pelo ângulo das maçãs do rosto.

— Você não veio para cama ontem à noite — sussurro.

Do nada, me ocorre se, enquanto eu estava inconsciente, ele teria passado as noites em outro lugar. Talvez não sozinho. Faz muito tempo que não estou na Corte. Não tenho ideia de quem caiu em suas graças.

Mas, se existe outra pessoa, seus pensamentos parecem distantes dela.

— Estou aqui agora — diz ele, como se achasse possível não ter me entendido direito.

Não tem problema desejar algo capaz de magoar, digo a mim mesma. Vou em sua direção, e ficamos tão perto que podemos nos tocar.

Ele segura minha mão na dele, entrelaça os dedos e se inclina para mim.

Tenho tempo suficiente para me esquivar do beijo, mas não faço isso. Quero que ele me beije. Minha exaustão evapora quando seus lábios pressionam os meus. Repetidas vezes, um beijo emendando no outro.

— Você parecia uma cavaleira de uma história hoje — diz ele baixinho, junto ao meu pescoço. — Possivelmente, uma história *sórdida*.

Dou um chute em sua perna, e ele me beija de novo, mais intensamente.

Cambaleamos até a parede, e eu puxo seu corpo para junto do meu. Meus dedos deslizam embaixo de sua camisa e seguem a coluna até as omoplatas.

Sua cauda se movimenta de um lado para o outro, a ponta peluda acariciando minha panturrilha.

Ele estremece e se encosta em mim, aumentando a intensidade do beijo. Os dedos afastam meu cabelo, úmido de suor. Meu corpo todo está tenso de desejo, e me lanço em sua direção. Sinto-me febril. Cada beijo parece deixar meus pensamentos mais drogados, minha pele mais quente. A boca em meu pescoço, a língua em minha pele. As mãos vão até meus quadris e me erguem.

Eu me sinto em brasa e fora de controle.

Esse pensamento interrompe tudo, e fico paralisada.

Ele me solta na mesma hora, me coloca no chão e dá um passo para trás, como se tivesse se queimado.

— Não precisamos… — começa a dizer, mas é ainda pior. Não quero que ele imagine o quanto me sinto vulnerável.

— Não, só me dê um segundo — digo e mordo o lábio. Seus olhos estão muito escuros, as pupilas dilatadas. Ele é tão lindo, de uma forma tão perfeita, horrível e *não humana* que mal consigo respirar. — Já volto.

Corro até o guarda-roupa. Ainda sinto as batidas da minha pulsação trovejante por todo o corpo.

Quando eu era criança, sexo parecia um mistério, uma coisa bizarra que as pessoas faziam para ter bebês quando se casavam. Uma vez, uma amiga e eu colocamos bonecas num chapéu e o sacudimos para indicar que estavam *fazendo aquilo*.

Tudo mudou no Reino das Fadas, claro. Os feéricos vão nus a festas, podem transar por diversão, principalmente com o passar da noite. Mas, apesar de eu entender agora o que é sexo e como se faz, não imaginava que a sensação seria de absoluto descontrole. Quando as mãos de Cardan estão em mim, sou traída pelo prazer. E ele percebe. Tem prática na arte do amor. Pode obter a reação que quiser de mim. Odeio isso, mas é o que quero ao mesmo tempo.

Mas talvez eu não tenha que ser a única a sentir coisas.

Tiro o vestido, os sapatos. Até solto o cabelo e o deixo cair sobre os ombros. No espelho, vejo minhas curvas: os músculos dos braços e do peito, aprimorados pelo treino com espada; o peso dos seios pálidos; o volume dos quadris. Nua, não há disfarce para minha mortalidade.

Nua, volto para o quarto.

Cardan está parado ao lado da cama. Quando se vira, parece tão atônito que quase dou uma risada. Raras vezes o vi inseguro, nem mesmo bêbado, nem mesmo ferido; é raro vê-lo abalado. Um calor louco sobe aos olhos negros, uma expressão não muito diferente de medo. Sinto uma onda de poder, embriagante como vinho.

Esse é um jogo que não me importo de jogar.

— Venha aqui — chama ele, a voz rouca. Eu vou, ando até ele obedientemente.

Posso ser inexperiente no amor, mas sei muito sobre provocação. Fico de joelhos na frente dele.

— Era assim que imaginava que eu seria em seus aposentos da Mansão Hollow, quando você pensava em mim e odiava? Era assim que imaginava minha rendição?

Ele parece absurdamente envergonhado, mas não dá para esconder o vermelho das bochechas, o brilho dos olhos.

— Sim — responde ele, falando como se a palavra tivesse sido arrancada, a voz rouca de desejo.

— E o que eu fazia? — pergunto, a voz baixa.

Eu estico a mão e aperto sua coxa.

Seu olhar cintila com um aumento repentino de calor. Mas há cautela em seu rosto, e percebo que ele me acredita capaz de fazer todas essas perguntas por raiva. Porque quero vê-lo humilhado. Mas ele continua falando mesmo assim.

— Eu a imaginava me mandando fazer o que quisesse com você.

— *É mesmo?* — pergunto, e a gargalhada surpresa em minha voz o faz me encarar.

— Junto de uma certa súplica de sua parte. Um leve rastejar. — Ele abre um sorriso constrangido. — Minhas fantasias eram carregadas de ambição arrogante.

De joelhos, não é nada difícil me deitar de costas na pedra fria. Estico as mãos para cima, como uma suplicante.

— Pode fazer comigo o que quiser — digo. — *Por favor, eu suplico*. Só quero você.

Ele inspira fundo e se abaixa. Estamos no chão, ele de quatro sobre mim, o corpo como uma jaula. Ele aperta a boca no ponto latejante de meu pulso, disparado, assim como meu coração.

— Pode debochar de mim o quanto quiser. Independentemente do que posso ter imaginado na época, agora sou eu que suplicaria e rastejaria para ouvir uma palavra gentil de seus lábios. — Os olhos estão escuros de desejo. — Por você, estou eternamente perdido.

Parece impossível ele estar dizendo essas palavras e serem verdade. Mas, quando Cardan se inclina e me beija de novo, esse pensamento se perde na sensação. Ele se arqueia contra mim, trêmulo. Começo a abrir os botões de seu gibão. Ele tira a camisa em seguida.

— Não estou debochando — sussurro junto a sua pele.

Quando ele me olha, seu rosto está perturbado.

— Vivemos escondidos atrás da armadura por tanto tempo, você e eu. E, agora, não tenho certeza de que sabemos tirá-las.

— Isso é outra charada? — pergunto. — E, se eu responder, vai voltar a me beijar?

— Se é o que deseja. — A voz soa rouca, instável. Ele se move de forma a se deitar ao meu lado.

— Já disse o que quero — o desafio. — Que você faça comigo o que…

— Não — interrompe ele. — O que *você* quer.

Mudo de posição e monto em seu corpo. Olho para ele de cima e observo seu peito, os cachos voluptuosos úmidos na testa, os lábios entreabertos, a cauda comprida e peluda.

— Eu quero… — começo, mas sou tímida demais para dizer as palavras.

Eu o beijo, então. Beijo até ele entender.

Ele tira a calça e me observa, como se esperando que eu mudasse de ideia. Sinto o toque suave da cauda no tornozelo, envolvendo minha panturrilha. Assumo a posição que acho que é a certa. Ofego quando nosso corpo se toca. Ele me segura no momento intenso de dor. Eu mordo sua mão. Tudo é rápido e quente, e estou ao mesmo tempo no controle e descontrolada.

Sua expressão está totalmente vulnerável.

Quando terminamos, ele me beija, de forma doce e crua.

— Senti saudades de você — sussurro contra sua pele e fico tonta com a intimidade da admissão, me sinto mais nua do que quando ele viu cada centímetro de mim. — No mundo mortal, quando eu achava que você era meu inimigo, sentia saudades mesmo assim.

— Minha doce nêmesis, como estou feliz que você tenha voltado. — Ele puxa meu corpo para perto do dele e me aninha junto ao peito. Ainda estamos deitados no chão, apesar de haver uma cama perfeitamente confortável ao lado.

Penso naquele enigma. Como gente como nós tira a armadura?

Uma peça de cada vez.

CAPÍTULO
22

Os dois dias seguintes são passados na maior parte na sala de guerra. Peço a Grima Mog para se juntar aos generais de Cardan e aos das cortes inferiores a fim de criar planos de batalha. Bomba também fica, o rosto coberto com uma rede preta e o resto do corpo escondido por um manto com capuz de um preto profundo. Os membros do Conselho Vivo expressam suas preocupações. Cardan e eu nos inclinamos sobre a mesa enquanto os feéricos se revezam desenhando mapas de possíveis planos de ataque e defesa. Figuras entalhadas são movidas. Três mensagens são enviadas a Nicasia, mas não há resposta do Reino Submarino.

— Madoc quer que os lordes e ladies e governantes das cortes inferiores vejam um show — diz Grima Mog. — Me deixe lutar com ele. Eu ficaria honrada em ser sua campeã.

— Se você o desafiar para jogar bola de gude, posso ser seu campeão — zomba Fala.

Cardan balança a cabeça.

— Não, deixemos Madoc chegar e pedir uma negociação. Nossos cavaleiros vão estar em posição. E, dentro do palácio, nossos arqueiros também. Vamos ouvir o que ele tem a dizer, e vamos responder. Mas não vamos permitir nenhum jogo. Se Madoc quiser atacar Elfhame, vai ter que fazê-lo, e nós vamos reagir com toda força que tivermos. — Ele olha para o chão e para mim.

— Se ele achar que pode fazer você duelar, vai tornar bem difícil sua recusa — digo.

— Peça que entregue as armas no portão — aconselha Bomba. — E, quando ele se recusar, disparo das sombras.

— Eu pareceria ser um covarde e tanto — contesta Cardan — por nem ouvir o que ele tem a dizer.

Com essas palavras, meu coração descompassa. Porque seu orgulho é exatamente o que Madoc espera manipular.

— Você estaria vivo, e seu inimigo, morto — argumenta Bomba. Com o rosto coberto, é impossível ver sua expressão. — E teríamos respondido desonra com desonra.

— Espero que você não esteja considerando *aceitar* um duelo — diz Randalin. — Seu pai não consideraria uma hipótese tão absurda nem por um momento.

— Claro que não — retruca Cardan. — Não sou espadachim, porém, mais do que isso, não gosto de dar a meus inimigos o que eles querem. Madoc veio duelar e, só por isso, não deve conseguir.

— Quando a negociação acabar — diz Yorn, olhando para os planos —, vamos encontrá-lo no campo de batalha. E vamos mostrar a ele o peso de trair Elfhame. Temos um caminho claro até a vitória.

Caminho claro, mas mesmo assim tenho um mau pressentimento. Fala chama minha atenção, fazendo malabarismo com peças da mesa: um cavaleiro, uma espada, uma coroa.

Um mensageiro alado entra correndo no aposento.

— Eles foram vistos — avisa ele. — Os navios de Madoc estão se aproximando.

Uma ave marinha chega momentos depois com um pedido de negociação preso na perna.

O novo Grande General vai até a porta e convoca as tropas.

— Vou botar meu pessoal em posição. Temos talvez três horas.

— E vou reunir o meu — diz Bomba, se virando para Cardan e para mim. — Ao seu sinal, os arqueiros vão atacar.

Cardan entrelaça os dedos nos meus.

— É difícil enfrentar alguém que se ama. — Será que está pensando em Balekin?

Uma parte de mim, apesar de saber que Madoc é meu inimigo, fica tentada a me imaginar convencendo-o a desistir disso. Vivi está aqui, Taryn também, e até Oak. Oriana desejaria paz, faria pressão se houvesse um caminho. Talvez pudéssemos persuadi-lo a acabar com a guerra antes de começar. Talvez pudéssemos chegar a um acordo. Sou a Grande Rainha, afinal. Não poderia dar a ele um pedaço de terra para governar?

Mas sei que é impossível. Se eu desse a ele um benefício por ser traidor, estaria apenas encorajando uma traição maior. E, independentemente disso, Madoc não ficaria satisfeito. Ele vem de uma linhagem de guerreiros. A mãe o pariu em batalha, e ele planeja morrer com uma espada na mão.

Mas não acho que planeja morrer assim hoje.

Acho que planeja vencer.



O pôr do sol está próximo quando chega a hora de subir na plataforma. Estou usando um vestido verde e dourado, e um aro de galhos dourados cintila em minha cabeça. Meu cabelo foi trançado e enrolado num penteado que parece dois chifres de carneiro, e minha boca foi tingida da cor de frutas silvestres no inverno. A única coisa em meu visual que parece normal é o peso de Cair da Noite em uma bainha nova e glamourosa.

Cardan, ao meu lado, repassa os planos finais com Bomba. Está vestido de um verde-musgo tão escuro que é quase igual ao preto dos cachos.

Viro-me para Oak, que está com Taryn, Vivi e Heather. Eles estarão presentes, mas escondidos no mesmo local para onde Taryn e eu íamos observar as festas sem sermos vistas.

— Você não precisa fazer isso — digo a Oak.

— Quero ver minha mãe — argumenta ele, a voz firme. — E quero ver o que vai acontecer.

Se ele vai se tornar Grande Rei um dia, tem direito de saber, mas eu queria que escolhesse uma forma diferente de descobrir. O que quer que aconteça hoje, duvido de que haja um jeito de evitar ser um pesadelo para Oak.

— Aqui está seu anel de volta — declara ele, tirando-o do bolso e colocando em minha mão. — Guardei direitinho, como você pediu.

— Eu agradeço — digo baixinho, colocando o anel no dedo. O metal está quente pela proximidade com seu corpo.

— Vamos embora antes que as coisas fiquem ruins — promete Taryn, mas ela não estava presente na coroação do príncipe Dain. Não entende como as coisas podem mudar rapidamente.

Vivi olha na direção de Heather.

— E vamos voltar para o mundo mortal. A gente não devia ter ficado tanto tempo. — Mas vejo a vontade em seu rosto também. Ela jamais quis ficar no Reino das Fadas, mas foi fácil persuadi-la a permanecer mais um pouco.

— Eu sei — afirmo. Heather evita nossos olhos.

Quando eles saem, Bomba se aproxima de mim e segura minhas mãos nas suas.

— O que quer que aconteça — diz ela —, lembre que estarei cuidando de você das sombras.

— Nunca esquecerei — respondo, pensando em Barata, que continua dormindo por causa do meu pai. Em Fantasma, que era seu prisioneiro. Em mim, que quase morri de hemorragia na neve. Tenho muita coisa a vingar.

Em seguida, ela também vai embora, e ficamos apenas eu e Cardan, sozinhos por um momento.

— Madoc diz que vocês vão duelar por amor — falo.

— A quem? — pergunta ele, franzindo a testa.

Não há banquete abundante demais para um homem faminto.

Balanço a cabeça.

— É você que eu amo — admite ele. — Passei a maior parte da vida protegendo meu coração. Protegi tão bem que me comportava como se não tivesse um. Mesmo agora, é uma coisa mequetrefe, comida de traças e escabrosa. Mas é seu. — Ele vai até a porta dos aposentos reais, como se quisesse encerrar a conversa. — Você já deve ter percebido. Mas falei, caso não tenha.

Ele abre a porta para eu não responder. Abruptamente, não estamos mais sozinhos. Fand e o resto da guarda estão a postos no corredor, com o Conselho Vivo esperando impacientemente ao lado.

Não consigo acreditar que ele falou aquilo e simplesmente saiu, me deixando tonta. Vou *estrangulá-lo*.

— O traidor e seu grupo entraram no palácio — avisa Randalin. — Estão esperando sua chegada.

— Quantos? — pergunta Cardan.

— Doze. Madoc, Oriana, Grimsen, alguns da Corte dos Dentes e vários dos melhores generais de Madoc.

Um número pequeno e uma mistura de guerreiros formidáveis com cortesãos. Não consigo interpretar de outra maneira além da óbvia. Ele quer tanto diplomacia quanto guerra.

Conforme cruzamos os corredores, olho para Cardan. Ele abre um sorriso preocupado, como se os pensamentos estivessem em Madoc e o conflito iminente.

Você também o ama, penso. *Você o amava desde antes de ser prisioneira do Reino Submarino. Você o amava quando aceitou se casar com ele*.

Quando tudo acabar, vou encontrar coragem para dizer a ele.

Somos levados para a plataforma do salão como atores em um palco, prestes a iniciar uma apresentação.

Olho para os governantes das Cortes Seelie e Unseelie, para os Feéricos Selvagens jurados a nós, para os cortesãos e artistas e servos. Meu olhar gruda em Oak, meio escondido no alto, em uma formação rochosa. Minha gêmea abre um sorriso tranquilizador. Lorde Roiben está de lado, a postura ameaçadora. Na extremidade do aposento, vejo a multidão se abrir para permitir que Madoc e seu grupo se aproximem.

Flexiono os dedos, gelada de nervosismo.

Enquanto meu pai percorre o salão, a armadura brilha com o polimento recente, mas, fora isso, não tem nada de especial. É a armadura de alguém interessado em confiabilidade, e não no novo e impressionante. A capa que pende dos ombros é de lã, bordada com o símbolo da lua em prateado e vermelho. Por cima, a espada enorme, presa de forma que ele possa puxá-la em um movimento único e fluido. E, na cabeça, o capuz familiar, rígido de sangue escuro e seco.

Ao olhar para o capuz, sei que Madoc não veio só conversar.

Atrás dele, estão Lady Nore e Lorde Jarel, da Corte dos Dentes, com a pequena Rainha Suren encoleirada ao lado. E os generais de mais confiança de Madoc, Calidore, Brimstone e Vavindra. Mas, flanqueando meu pai, estão Grimsen e Oriana. Grimsen está vestido de forma elaborada, com uma jaqueta toda feita de peças articuladas de ouro. Oriana está pálida, como sempre, vestida de azul-escuro debruado de pele branca, a única decoração um enfeite de cabeça prateado que brilha como gelo em seu cabelo.

— Lorde Madoc — diz Cardan. — Traidor do trono, assassino de meu irmão, o que o traz aqui? Veio se colocar à mercê da Coroa? É possível que espere que a Rainha de Elfhame demonstre leniência.

Madoc solta uma gargalhada, o olhar se voltando para mim.

— Filha, cada vez que penso que não pode subir mais, você prova que me enganei. E fui um tolo em me perguntar se ainda estava viva.

— Estou viva — digo. — Não graças a você.

Tenho certa satisfação de ver a perplexidade no rosto de Oriana e o choque que a acompanha, quando ela vê que minha presença ao lado do Grande Rei não é nenhuma piada elaborada. Que estou mesmo casada com Cardan.

— Essa é sua última chance de se render — alerto. — Ajoelhe-se, pai.

Ele ri de novo e balança a cabeça.

— Nunca me rendi na vida. Em todos os meus anos de batalha, jamais dei isso a ninguém. E não vou dar a você.

— Então você será lembrado como traidor, e, quando fizerem canções sobre você, os versos vão esquecer todos os seus feitos valiosos em favor deste, desprezível.

— Ah, Jude! — exclama ele. — Acha que ligo para canções?

— Você veio negociar e não quer se render — diz Cardan. — Então fale. Não acredito que tenha trazido tantas tropas para não usá-las.

Madoc coloca a mão no cabo da espada.

— Vim desafiá-lo pela coroa.

Cardan ri.

— Essa é a Coroa de Sangue, forjada para Mab, a primeira da linhagem Greenbriar. Você não pode usá-la.

— Forjada por Grimsen — argumenta Madoc. — Que está aqui, ao meu lado. Ele vai encontrar uma forma de torná-la minha quando eu vencer. E então, vai ouvir meu desafio?

Não, tenho vontade de dizer. *Pare de falar*. Mas esse é o objetivo da negociação. Não posso interompê-la sem motivo.

— Você veio até aqui — diz Cardan. — E chamou tantos feéricos como testemunhas. Como eu poderia não ouvir?

— Quando a Rainha Mab morreu — começa Madoc, puxando a espada das costas. A lâmina brilha com o reflexo das velas —, o palácio foi construído sobre seu túmulo. E, embora seus restos não existam mais, seu poder vive nas pedras e na terra aqui. Esta espada foi resfriada nesta terra, o cabo cravejado com suas pedras. Grimsen diz que pode sacudir o firmamento das ilhas.

Cardan olha na direção das sombras, onde os arqueiros estão posicionados.

— Você era meu convidado até puxar essa sua espada sofisticada. Largue-a e seja meu convidado de novo.

— Largar? — indaga Madoc. — Muito bem. — Ele bate com ela no chão do salão. Um som trovejante sacode o palácio, um tremor que parece se espalhar sob nossos pés. Os feéricos gritam. Grimsen ri, satisfeito com o próprio trabalho.

Uma rachadura se forma no chão, começando no ponto em que a lâmina perfurou o solo, a fissura se alargando conforme segue na direção da plataforma, abrindo a pedra. Um momento antes de chegar ao trono, percebo o que vai acontecer e cubro a boca. O antigo trono de Elfhame se racha no meio, os galhos floridos viram lascas, o assento é obliterado. Vaza seiva da rachadura, como sangue de um ferimento.

— Vim dar esta lâmina a você — diz Madoc em meio aos gritos.

Cardan olha horrorizado para a destruição do trono.

— Por quê?

— Se você perder a disputa que proponho, será sua, para empunhar contra mim. Faremos um duelo decente, mas sua espada será a melhor, de longe. E, se você vencer, será sua por direito de qualquer jeito, assim como será minha rendição.

Apesar de tudo, Cardan parece intrigado. O medo corrói minhas entranhas.

— Grande Rei Cardan, filho de Eldred, bisneto de Mab. Você, que nasceu sob uma estrela desfavorável, cuja mãe deixou que comesse as migalhas da mesa real como se fosse um dos cães, você que é dado a luxos e facilidades, cujo pai o desprezava, cuja esposa o mantém sob controle… você pode inspirar lealdade em seu povo?

— Cardan… — começo, mas mordo a língua. Madoc armou para mim. Se eu falar e Cardan seguir meu conselho, vai parecer que meu pai está certo.

— Não estou sob o controle de ninguém — retruca Cardan. — E sua traição começou com o planejamento da morte do meu pai, então você pouco se importa com a opinião dele. Volte para suas montanhas desoladas. Os feéricos presentes são meus súditos jurados, e seus insultos são idiotas.

Madoc sorri.

— Sim, mas seus súditos jurados o amam? Meu exército é *leal*, Grande Rei Cardan, porque conquistei sua lealdade. Você conquistou alguma das coisas que tem? Lutei com os que me seguem e sangrei com eles. Dei minha vida a Elfhame. Se eu fosse Grande Rei, daria a todos que me seguiram o domínio do mundo. Se tivesse a Coroa de Sangue na cabeça, no lugar deste capuz, conquistaria vitórias ainda nem sonhadas. Que eles escolham entre nós, e quem quer que escolham, que seja o rei de Elfhame. Que fique com a coroa. Se Elfhame o amar, eu recuo. Mas como alguém pode escolher ser seu súdito se você nunca dá a oportunidade para que façam outra escolha? Que essa seja a forma de competição entre nós. Os corações e mentes da Corte. Se é covarde demais para duelar comigo com espadas, que seja esse nosso duelo.

Cardan olha para o trono. Alguma coisa em sua expressão está viva, acesa.

— Um rei não é sua coroa. — A voz soa distante, como se ele estivesse falando mais para si mesmo.

Madoc move o maxilar. O corpo está tenso, preparado para lutar.

— Tem outra coisa. Tem a questão da Rainha Orlagh.

— Em quem seu assassino disparou — digo. Um murmúrio se espalha pela multidão.

— Ela é sua aliada — fala Madoc, sem negar nada. — A filha é uma de suas companheiras mais próximas no palácio.

Cardan amarra a cara.

— Se você não arriscar a Coroa de Sangue, a ponta do dardo vai perfurar o coração e a rainha vai morrer. Vai ser como se você a tivesse matado, Grande Rei de Elfhame. E só porque acreditou que seu povo o negaria.

Não concorde com isso, tenho vontade de gritar, mas, se fizer, Cardan pode sentir que tem que aceitar a ridícula proposta de Madoc só para *provar* que eu não tenho poder sobre ele. Estou furiosa, mas finalmente entendo por que Madoc acredita que pode manipular Cardan a aceitar a disputa. Tarde demais, eu entendo.

Cardan não foi uma criança fácil de se amar e só piorou com o tempo, disse Lady Asha. Eldred tinha medo da profecia e não gostava do filho. E, por não ser o preferido do pai, de quem todo o poder fluía, ficou em desfavor com o resto dos irmãos.

Depois de ser rejeitado pela família, como se tornar Grande Rei não lhe daria uma sensação de pertencimento, afinal? De ser acolhido?

Não há banquete abundante demais para um homem faminto.

E como qualquer um não ia querer prova de que o sentimento era real?

Elfhame escolheria Cardan como governante? Olho para a multidão. Para a Rainha Annet, que poderia valorizar a experiência e brutalidade de Madoc. Para Lorde Roiben, dado à violência. Para o Alderking, Severin de Fairfold, que foi exilado por Eldred e pode não querer seguir o filho do antigo rei.

Cardan tira a coroa da cabeça.

A multidão ofega.

— O que está fazendo? — sussurro. Mas ele nem olha para mim. É para a coroa que ele está olhando.

A espada continua enfiada no chão. O salão está em silêncio.

— Um rei não é seu trono nem sua coroa — acrescenta ele. — Você está certo ao dizer que nem lealdade, nem amor devem ser forçados. Mas a soberania de Elfhame também não deve ser ganhada ou perdida em uma

competição, como se fosse o pagamento de uma semana ou um odre de vinho. Sou o Grande Rei e não abro mão do título a seu favor, nem por uma espada, nem por um espetáculo, nem por meu orgulho. Vale mais para mim do que qualquer uma dessas coisas. — Cardan me olha e sorri. — Além do mais, são dois soberanos diante de você. Mesmo que me matasse, restaria a outra.

Meus ombros relaxam de alívio e lanço um olhar de triunfo para Madoc. Vejo dúvida em seu rosto pela primeira vez, o medo de um erro de cálculo.

Mas Cardan não terminou de falar.

— Você quer exatamente aquilo de que desdenha: a Coroa de Sangue. Quer meus súditos submetidos a você, da mesma forma que estão submetidos a mim agora. Deseja tanto isso que apostar a Coroa de Sangue é o preço que coloca na cabeça da Rainha Orlagh. — Ele sorri. — Quando nasci, houve uma profecia dizendo que, se eu governasse, seria a *destruição da coroa* e a *ruína do trono*.

O olhar de Madoc desvia de Cardan até mim e de volta a Cardan novamente. Ele está avaliando suas opções. Não são boas, mas ele ainda tem uma espada bem grande. Minha mão procura o cabo de Cair da Noite.

Cardan estica a mão de dedos longos na direção do trono de Elfhame e da grande rachadura que segue pelo chão.

— Vejam só, metade disso já aconteceu. — Ele ri. — Nunca achei que devia ser interpretada *literalmente*. E nunca achei que desejaria que se realizasse.

Não gosto do rumo que a situação está tomando.

— A Rainha Mab criou esta coroa para manter seus descendentes no poder — diz Cardan. — Juras não devem ser feitas a uma coroa. Mas a um governante. E devem ser de vontade própria, com liberdade. Sou seu rei e ao meu lado está minha rainha. Mas a escolha de nos seguir ou não é sua. Vocês decidem por si.

E, com as próprias mãos, ele quebra a Coroa de Sangue ao meio. Ele a quebra como um brinquedo de criança, como se, em suas mãos, não fosse feita de metal, e sim frágil como uma forquilha.

Acho que solto um soluço de surpresa, mas é possível que tenha sido um grito. Muitas vozes se erguem em uma mistura de horror e alegria.

Madoc está perplexo. Ele veio por essa coroa, que agora não passa de um pedaço de metal quebrado. Mas é no rosto de Grimsen que meu olhar pousa. Ele está balançando a cabeça violentamente de um lado para o outro. *Não não não não*.

— Povo de Elfhame, vocês me aceitam como seu Grande Rei? — grita Cardan.

São as palavras rituais de coroação. Lembro-me de algo assim sendo dito por Eldred nesse mesmo salão. E, um a um, em todo o espaço, vejo feéricos baixando a cabeça. O movimento se espalha como uma onda exultante.

O povo o escolheu. Está dando a ele sua lealdade. Nós vencemos.

Olho para Cardan e vejo que seus olhos estão completamente pretos.

— Nãonãonãonãonãonão! — grita Grimsen. — Meu trabalho. Meu lindo trabalho. Era para durar para sempre.

No trono, as flores restantes ficam do mesmo preto retinto dos olhos de Cardan. O preto se espalha por seu rosto. Ele se vira para mim e abre a boca, mas o maxilar muda. O corpo todo está mudando, se alongando e ululando.

Lembro abruptamente que Grimsen amaldiçoou tudo que já fez.

Quando ela me procurou para forjar a Coroa de Sangue, me confiou uma grande honra. E eu a amaldiçoei para protegê-la por todos os tempos.

Quero que meu trabalho *dure o tanto que a Rainha Mab queria que sua linhagem durasse*.

A coisa monstruosa parece ter engolido tudo de Cardan. A boca se abre a ponto de explodir o maxilar enquanto longas presas surgem. Escamas cobrem a pele. O medo me deixou grudada no chão.

Gritos se espalham pelo ar. Algumas pessoas da Corte começam a correr para as portas. Desembainho Cair da Noite. A guarda encara Cardan horrorizada, as armas nas mãos. Vejo Grima Mog correndo para a plataforma.

No lugar do Grande Rei há uma serpente enorme, coberta de escamas pretas e presas curvas. Exibe um brilho dourado nas espirais do corpo. Encaro os olhos pretos na esperança de ver reconhecimento ali, mas estão frios e vazios.

— Vai envenenar a terra — grita o ferreiro. — Nenhum beijo de amor verdadeiro vai impedir. Nenhuma charada vai consertar. Só a morte.

— O Rei de Elfhame não existe mais — diz Madoc, pegando o cabo da espada enorme com a intenção de obter vitória do que tinha sido uma derrota quase certa. — Pretendo matar a serpente e tomar o trono.

— Você perdeu o juízo — grito, minha voz se espalhando pelo salão. Os feéricos param de correr. Os governantes das cortes inferiores me olham, assim como o Conselho e os feéricos de Elfhame. Não é nada como ser senescal de Cardan. Não é como governar ao seu lado. É horrível. Eles nunca vão me ouvir.

A língua da serpente aparece para sentir o gosto do ar. Estou tremendo, mas me recuso a deixar o medo transparecer.

— Elfhame tem uma rainha, e ela está perante você. Guardas, prendam Madoc. Prendam todos de seu grupo. Eles violaram a hospitalidade da Grande Corte gravemente. Quero-os presos. Quero-os mortos.

Madoc ri.

— Quer, Jude? A coroa se foi. Por que eles a obedeceriam quando podem facilmente me seguir?

— Porque sou a Rainha de Elfhame, a verdadeira rainha, escolhida pelo rei e pela terra. — Minha voz falha nessa última parte. — E você não passa de um traidor.

Pareço convincente? Não sei. Provavelmente não.

Randalin se posiciona ao meu lado.

— Vocês ouviram — grita ele, me surpreendendo. — Prendam todos.

E isso, mais que qualquer coisa que eu tenha dito, parece fazer os cavaleiros voltarem às funções. Eles se movem para cercar o grupo de Madoc, espadas em punho.

Mas a serpente se move mais rapidamente do que eu poderia esperar. Desliza da plataforma para a plateia e faz os feéricos se espalharem, fugindo de medo. Parece ter ficado maior. O brilho dourado nas escamas está mais pronunciado. E, por onde passa, a terra se racha e desmorona, como se uma parte essencial estivesse sendo sugada.

Os cavaleiros recuam, e Madoc arranca a espada enorme da terra. A serpente desliza em sua direção.

— Mãe! — grita Oak, e sai correndo pelo salão na direção de Oriana. Vivi tenta segurá-lo. Heather chama seu nome, mas os cascos de Oak já estão

estalando pelo chão. Oriana se vira horrorizada enquanto ele corre para ela, entrando no caminho da cobra.

Oak para e percebe o aviso na linguagem corporal da mãe. Mas ele só puxa uma espada de criança de uma bainha na lateral do corpo. A espada com a qual insisti que ele treinasse, naquelas tardes preguiçosas no mundo mortal. Segurando-a alto, ele se coloca entre a mãe e a serpente.

É culpa minha. É tudo culpa minha.

Com um grito, pulo da plataforma e corro na direção de meu irmão.

Madoc ataca a serpente na hora que ela se ergue. A espada bate na lateral e desliza pelas escamas. A serpente ataca, o derruba, então desliza por cima do corpo do antigo general na pressa de perseguir a verdadeira presa: Grimsen.

A criatura se enrola em volta do ferreiro em fuga, as presas cravadas em suas costas. Um grito agudo e débil se espalha pelo ar quando Grimsen cai em uma pilha seca. Em instantes, ele é uma casca, como se o veneno das presas da serpente tivesse consumido sua essência por dentro.

Fico imaginando se lhe passou pela cabeça, quando imaginou aquela maldição, que devia temer pela própria vida.

Quando olho ao redor, vejo que a maior parte do salão está vazia. Os cavaleiros recuaram. Os arqueiros de Bomba estão visíveis no alto, os arcos preparados. Grima Mog está ao meu lado, a espada na mão. Madoc está se levantando, cambaleante, mas a perna sobre a qual a serpente deslizou não parece capaz de sustentá-lo. Seguro Oriana pelo ombro e a empurro para onde Fand está. E me coloco entre Oak e a cobra.

— Vá com ela — grito para ele, apontando para sua mãe. — Leve-a para um lugar seguro.

Oak me olha, os olhos úmidos de lágrimas. As mãos tremem na espada, segurando-a com toda força.

— Você foi muito corajoso — digo a ele. — Só precisa ser corajoso por mais um tempo.

Ele assente de leve e, com um olhar agonizado na direção de Madoc, dispara atrás da mãe.

A serpente se vira, a língua balançando em minha direção. A serpente que já foi Cardan.

— Você quer ser Rainha do Reino das Fadas, Jude? — grita Madoc, enquanto avança, mancando. — Então mate-o. Mate a fera. Vamos ver se tem a coragem de fazer o que precisa ser feito.

— Venha, minha lady — suplica Fand, me puxando para uma saída enquanto a serpente se move na direção da plataforma. A língua balança de novo, sentindo o gosto do ar, e sou tomada de um medo e um horror tão amplos que temo ser engolida pelo sentimento.

Quando a serpente envolve os restos quebrados do trono, me permito ser levada na direção da porta, e, quando o restante dos feéricos a atravessa, mando que seja fechada e bloqueada.

CAPÍTULO
23

No corredor do salão, todo mundo grita ao mesmo tempo. Os conselheiros gritam uns com os outros. Generais e reis tentam decidir quem deve ir para onde. Alguém está chorando. Cortesãos seguram as mãos uns dos outros, tentando entender o que viram. Mesmo em uma terra de charadas e maldições, onde uma ilha pode ser conjurada do mar, magia daquela magnitude é rara.

Meu coração bate acelerado e forte, sufocando todo o resto. Os feéricos me fazem perguntas, mas parecem muito distantes. Meus pensamentos estão tomados pela imagem dos olhos de Cardan escurecendo, pelo som de sua voz.

Passei a maior parte da vida protegendo meu coração. Protegi tão bem que me comportava como se não tivesse um. Mesmo agora, é uma coisa mequetrefe, comida de traças e escabrosa. Mas é seu.

— Minha senhora — diz Grima Mog, apertando a mão em minhas costas. — Minha senhora, venha comigo.

Ao sentir seu toque, o presente volta com tudo, barulhento e horrível. Fico surpresa ao ver a corpulenta barrete vermelho canibal diante de mim. Ela segura meu braço e me leva a um aposento isolado.

— Controle-se — rosna ela.

Com os joelhos fracos, deslizo para o chão, uma das mãos apertando o peito, como se tentasse impedir que o coração explodisse a gaiola de minhas costelas.

Meu vestido está pesado demais. Não consigo respirar.

Não sei o que fazer.

Tem alguém batendo na porta, e sei que preciso me levantar. Tenho que arquitetar um plano. Necessito responder suas perguntas. Quero resolver aquilo, mas não consigo.

Não consigo.

Não consigo nem pensar.

— Vou me levantar — prometo a Grima Mog, que deve estar meio alarmada. Se eu fosse ela, olhando para mim e percebendo que sou eu no comando, também ficaria alarmada. — Vou ficar bem em um minuto.

— Sei que vai — diz ela.

Mas como posso, se fico vendo a forma preta da cobra se movendo pelo salão, se fico vendo os olhos mortos e as presas curvas?

Estico a mão para a mesa e a uso para me levantar.

— Preciso encontrar o Astrólogo Real.

— Não fale besteira — rebate Grima Mog. — Você é a rainha. Se precisa de Lorde Baphen, ele pode vir até você. No momento, só você está entre qualquer cidadão das cortes inferiores e o trono de Elfhame. Não é apenas Madoc que vai querer assumir agora. Qualquer pessoa pode decidir que matar você seria uma boa forma de abrir caminho para chegar ao comando. Você precisa manter sua bota na garganta deles.

Minha cabeça está girando.

— Você está certa — concordo. — Preciso de um novo Grande General. Você aceita a posição?

A surpresa de Grima Mog é óbvia.

— Eu? Mas e Yorn?

— Ele não tem experiência — respondo. — E não gosto dele.

— Eu tentei matar você — lembra ela.

— Isso descreve praticamente todos os relacionamentos importantes da minha vida — respondo, respirando devagar, aos poucos. — Gosto de você.

Isso a faz abrir um sorriso cheio de dentes.

— Então melhor começar a trabalhar.

— Verifique onde a serpente está o tempo todo — exijo. — Quero que alguém a vigie e quero saber imediatamente caso ela se desloque. Quem sabe a gente consiga mantê-la presa no salão? As paredes são grossas, as portas são

pesadas, o piso é de terra. E quero que você chame Bomba aqui. Fand. Minha irmã Taryn. E um mensageiro que possa se reportar diretamente a você.

Fand está do lado de fora da porta. Dou a ela uma lista bem curta de pessoas que pode permitir a entrada.

Quando Grima Mog sai, me permito outro momento de infelicidade desesperada. E me obrigo a andar de um lado para o outro e a pensar no que vem pela frente. O exército de Madoc ainda está ancorado perto das ilhas. Preciso descobrir que tropas ainda tenho, e se bastam para deixá-lo cauteloso quanto a uma invasão direta.

Cardan se foi. Minha mente estaca depois disso, e preciso me forçar a respirar de novo. Enquanto não falar com Baphen, me recuso a aceitar que as palavras de Grimsen não têm resposta. Tem que haver uma saída. Tem que haver um truque. Tem que haver um jeito de romper a maldição… um jeito de Cardan sobreviver.

E, então, há os feéricos que precisam ser convencidos de que sou a legítima Rainha do Reino das Fadas.

Quando Bomba entra na sala, o rosto coberto e com o longo manto com capuz, estou recomposta.

Mesmo assim, quando nos olhamos, ela se aproxima imediatamente e me envolve em seus braços. Penso em Barata e em todas as maldições que não podem ser quebradas, e, por um momento, a abraço com força.

— Preciso saber quem ainda é leal a mim — digo a ela, soltando-a e voltando a andar. — Quem está se unindo a Madoc e quem decidiu jogar sozinho.

Ela assente.

— Vou descobrir.

— E se um de seus espiões ouvir planos de me assassinar, não precisa me avisar. Também não ligo se o plano é vago e se as pessoas estão na dúvida. Quero todas mortas. — Talvez não seja assim que eu devesse lidar com as coisas, mas Cardan não está aqui para me fazer pegar leve. Não tenho o luxo do tempo nem da misericórdia.

— Será feito — assegura ela. — Me espere com notícias esta noite.

Quando Bomba sai, Taryn entra. Ela me olha como se quase esperasse encontrar uma serpente enorme ali dentro comigo.

— Como está Oak? — pergunto.

— Com Oriana — responde ela. — Que não sabe se é prisioneira ou não.

— Ela foi hospitaleira comigo no norte, pretendo retribuir o favor. — Agora que o choque está passando, percebo que estou com *raiva*: de Madoc, de Oriana, de toda Elfhame. Mas isso também é uma distração. — Preciso de sua ajuda.

— Minha? — pergunta Taryn, surpresa.

— Você escolheu um guarda-roupa para mim quando eu era senescal, para que eu aparentasse o papel que desempenhava. Vi a propriedade de Locke e o quanto está mudada. Pode arrumar uma sala do trono para mim? E, quem sabe, arrumar roupas em algum lugar para os próximos dias. Não ligo de onde vêm, desde que me façam parecer Rainha do Reino das Fadas.

Taryn respira fundo.

— Tudo bem. Pode deixar. Vou fazer você ficar bonita.

— Vou ter que ficar *muito* bonita — digo.

Ao ouvir aquilo, ela abre um sorriso de verdade.

— Não entendo como faz isso — comenta ela. — Não entendo como consegue ficar tão calma.

Não sei bem o que dizer. Não me sinto nada calma. Sou um turbilhão de emoções. Só tenho vontade de gritar.

Ouve-se outra batida. Fand abre a porta.

— Perdão — interrompe ela. — Mas Lorde Baphen chegou e você disse que queria vê-lo imediatamente.

— Vou arrumar um lugar melhor para você receber as pessoas — garante Taryn, então sai.

— O Conselho também quer uma audiência — avisa Fand. — Eles gostariam de acompanhar Lorde Baphen. Alegam que não há nada que ele saiba que eles não devam ouvir.

— Não — digo. — Só ele.

Alguns momentos depois, Baphen entra. Está vestindo um longo traje azul, um tom mais claro que o cabelo marinho. Usa um gorro bronze na cabeça. O Astrólogo Real era um dos poucos membros do Conselho de quem eu gostava e achava que podia gostar de mim, mas, nesse momento, olho para ele com temor.

— Não há nada que… — começa ele.

Eu o interrompo.

— Quero saber *tudo* sobre a profecia que fez quando Cardan nasceu. Quero que me conte com precisão.

Ele me olha com uma certa surpresa. No Conselho, como senescal do Grande Rei, eu era deferente. E, como Grande Rainha, estava chocada demais para qualquer demonstração de autoridade.

Lorde Baphen faz uma careta.

— Dar notícias ruins ao Grande Rei nunca é um prazer. Mas foi Lady Asha que me assustou. Ela me olhou com tanto ódio que senti até a ponta das orelhas. Acho que ela acreditou que exagerei, em benefício próprio.

— Parece claro agora que não foi isso — digo, a voz seca. — Me conte.

Ele limpa a garganta.

— Há duas partes. *Ele será a destruição da coroa e a ruína do trono. Só por seu sangue derramado pode um grande soberano ascender*.

A segunda parte é pior que a primeira. Por um momento, as palavras só ecoam em minha mente.

— Você deu a profecia ao príncipe Cardan? — pergunto. — Madoc sabe?

— O Grande Rei pode ter ouvido da mãe — responde Lorde Baphen. — Eu supus… achei que o príncipe Cardan nunca chegaria ao poder. E, quando chegou, bom, acreditei que ele se tornaria um péssimo Grande Rei e seria morto. Pensei que era um destino nada ambíguo. Quanto a Madoc, não sei se ele já ouviu alguma parte da profecia.

— Existe algum meio de quebrar a maldição? — pergunto com voz trêmula. — Antes de morrer, Grimsen disse: *Nenhum beijo de amor verdadeiro vai impedir. Nenhuma charada vai consertar. Só a morte*. Mas isso não pode ser verdade. Pensei que a profecia do nascimento de Cardan oferecesse respostas, mas… — Não consigo terminar a frase. Há uma solução, mas é uma que não quero ouvir.

— Se houver um jeito de reverter a, hã… transformação — diz Baphen —, eu o desconheço.

Junto as mãos e cravo as unhas na pele, o pânico tomando conta de mim em uma onda vertiginosa.

— E não tem mais nada que as estrelas tenham previsto? Nenhum outro detalhe que você deixou passar?

— Infelizmente, não.

— Você pode olhar seus mapas astrais de novo? — peço. — Volte a eles e veja se tem alguma coisa que você ignorou da primeira vez. Olhe para o céu e veja se há uma nova resposta.

Ele assente.

— Se é isso que Vossa Majestade deseja. — O tom sugere que ele já concordou com muitas outras ordens igualmente inúteis dadas por soberanos anteriores.

Não ligo se estou sendo irracional.

— Sim. Faça isso.

— Vossa Majestade falará com o Conselho primeiro? — pergunta ele.

Até um pequeno atraso na tentativa de Baphen de encontrar uma solução me deixa tensa, mas, se quero ser aceita como rainha por direito, preciso do apoio do Conselho Vivo. Não posso embromá-los para sempre.

Governar é assim? Ficar longe da ação, sentada em um trono ou enfiada em uma série de salas especiais, confiando em informações levadas pelos outros? Madoc *odiaria* isso.

— Sim — respondo.

Na porta, Fand me diz que tem uma sala pronta para mim. Fico impressionada com a rapidez com que Taryn providenciou as coisas.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— Um mensageiro de Grima Mog chegou — responde ela. — O rei, quer dizer, a serpente, não está mais na sala do trono. Parece ter saído pela rachadura na terra feita pela lâmina de Madoc. E… e não sei bem como interpretar, mas está nevando. *Dentro* do salão.

Um medo gelado corre em minhas veias. Minha mão procura o cabo de Cair da Noite. Quero sair. Quero procurá-la, mas, se fizer isso… e então? A resposta é mais do que consigo suportar. Fecho os olhos para bloquear a ideia. Quando os abro, sinto como se estivesse girando. E peço que me conduzam à minha nova sala do trono.

Taryn, parada na entrada, aguarda para me acompanhar até lá dentro. Ela escolheu uma sala enorme e tirou a mobília. Há uma grande cadeira de

madeira entalhada sobre uma plataforma coberta por um tapete no espaço ecoante. Há velas acesas no chão, e vejo como as sombras ondulantes vão me ajudar a parecer intimidante… talvez até a minimizar minha mortalidade.

Dois dos antigos guardas de Cardan ladeiam a cadeira, e um pajem pequeno com asas de mariposa está ajoelhado em um dos tapetes.

— Nada mau — digo à minha irmã.

Taryn sorri.

— Suba até lá. Quero ver o cenário completo.

Eu me sento na cadeira, as costas eretas, e olho para as chamas dançantes. Taryn faz um sinal de positivo bem mortal.

— Tudo bem — digo. — Então estou pronta para o Conselho Vivo.

Fand assente e vai chamá-los. Quando a porta se fecha, vejo ela e Taryn discutindo. Mas tenho que voltar minha atenção para Randalin e o restante dos conselheiros, que exibem expressões sombrias quando entram.

Vocês testemunharam apenas o mínimo de que sou capaz, penso ao vê-los, tentando acreditar eu mesma.

— Vossa Majestade — fala Randalin, mas de uma forma que parece um pouco uma pergunta. Ele me apoiou no salão, mas não sei quanto tempo a lealdade vai durar.

— Designei Grima Mog como Grande General — comunico a eles. — Ela não pode se apresentar no momento, mas teremos seu relatório em breve.

— Tem certeza de que é uma decisão sábia? — pergunta Nihuar, apertando os finos lábios verdes, o corpo de louva-a-deus se movendo com inquietação óbvia. — Talvez devêssemos esperar o Grande Rei ser restaurado antes de tomarmos decisões sobre questões tão importantes.

— Sim — concorda Randalin com ansiedade, me olhando como se esperasse uma resposta sobre como podemos fazer aquilo.

— O rei cobra escorregadia — começa Fala, vestindo matizes de violeta — governa uma Corte de ratinhos agradáveis.

Lembro-me das palavras de Bomba e não me encolho nem tento argumentar. Espero, e meu silêncio os incomoda a ponto de se calarem. Até Fala fica quieto.

— Lorde Baphen — digo, encerrando a questão — ainda não tem resposta de como o Grande Rei pode ser restaurado.

Os outros se viram para ele.

Só por seu sangue derramado pode um grande soberano ascender.

Baphen assente brevemente, concordando.

— Não tenho e também não sei se é possível.

Nihuar aparenta perplexidade. Até Mikkel parece atônito com a notícia.

Randalin me olha com acusação. Como se tudo tivesse acabado e tivéssemos perdido.

Tem um jeito, quero insistir. *Tem um jeito; só não sei ainda qual é*.

— Vim fazer meu relatório para a rainha — ouve-se uma voz na porta. Grima Mog está parada no vão.

Ela passa pelos membros do Conselho com um breve aceno de cabeça. Eles a olham com especulação.

— Nós todos ouviremos o que você sabe — digo em meio a murmúrios de aprovação relutante.

— Muito bem. Recebemos informação de que Madoc pretende atacar ao nascer do dia depois de amanhã. Ele espera nos pegar despreparados, principalmente porque algumas outras Cortes se juntaram a seu estandarte. Mas nosso problema real é quantos feéricos planejam esperar a batalha e ver para que lado o vento sopra.

— Você tem certeza de que a informação é precisa? — pergunta Randalin, com desconfiança. — Como você a obteve?

Grima Mog assente em minha direção.

— Com a ajuda dos espiões da rainha.

— Espiões *da rainha*? — repete Baphen. Vejo que ele está se lembrando de algumas das informações que exibi no passado, e chegando a novas conclusões sobre como as obtive. Fico satisfeita com a ideia de que não preciso mais fingir não ter recursos próprios.

— Temos gente suficiente no exército para forçá-lo a recuar? — pergunto a Grima Mog.

— Não temos garantia nenhuma de vitória — responde ela diplomaticamente. — Mas ele ainda não pode nos obliterar.

Bem diferente de onde estávamos um dia antes. Mas é melhor que nada.

— E há uma crença — diz Grima Mog. — Uma crença que cresceu rápido… de que quem governará Elfhame é quem matar a serpente. Que

derramar sangue Greenbriar é tão bom quanto tê-lo nas veias.

— Uma crença muito Unseelie — argumenta Mikkel. Eu me pergunto se ele concorda com ela; me pergunto se é isso que espera de mim.

— O rei tinha uma cabeça bem bonita — diz Fala. — Mas pode ficar sem ela?

— Onde ele está? — pergunto. — Onde está o Grande Rei?

— A serpente foi vista nas margens de Insear. Um cavaleiro da Corte das Agulhas tentou a sorte contra a criatura. Encontramos o que sobrou do corpo do cavaleiro uma hora atrás, e rastreamos os movimentos da criatura a partir do local. Ela deixa marcas por onde quer que passe, marcas pretas que queimam a terra. A dificuldade é que essas linhas se espalham, borram a trilha e envenenam a terra. Ainda assim, seguimos a serpente de volta ao palácio. Parece ter escolhido o salão como toca.

— O rei está unido à terra — diz Baphen. — Amaldiçoar o rei significa amaldiçoar a terra em si. Minha rainha, pode haver apenas um jeito de curar…

— Basta — falo para Baphen e Randalin e para o restante do Conselho, sobressaltando os guardas. Eu me levanto. — Esta discussão acabou.

— Mas você precisa… — Randalin começa a dizer, mas parece ver alguma coisa em meu rosto e se cala.

— Nossa função é aconselhar — argumenta Nihuar, com a voz doce. — Somos considerados muito sábios.

— São? — pergunto, e a voz que ecoa é malícia melosa, a mesma que Cardan teria usado. Sai de mim como se eu não tivesse mais controle da própria boca. — Porque a sabedoria deveria levá-los a não instigar meu desprazer. Talvez ficar na Torre do Esquecimento os faça lembrar seu lugar.

Todos ficam muito quietos.

Eu tinha me imaginado diferente de Madoc, mas, dada a chance, já estou me tornando uma tirana, ameaçando em vez de convencer. Instável em vez de tranquilizadora.

Meu lugar é nas sombras, na arte de facas e derramamento de sangue e golpes, com palavras envenenadas e copos envenenados. Jamais imaginei subir ao trono. E temo não ser adequada à tarefa.



Parece mais uma compulsão do que uma escolha quando meus dedos soltam os trincos pesados da porta do grande salão.

Ao meu lado, Fand tenta me dissuadir, não pela primeira vez.

— Nos deixe ao menos…

— Fique aqui — peço a ela. — Não me siga.

— Minha senhora — começa ela, o que não é exatamente uma concordância, mas vai ter que servir.

Entro no enorme aposento e deixo a capa cair dos ombros.

A serpente está lá, enrolada no trono destruído. Cresceu em tamanho. A largura do corpo é tal que poderia engolir um cavalo inteiro com uma mera abertura da mandíbula cheia de presas. Ainda restam algumas tochas iluminadas entre a comida espalhada e as mesas tombadas, iluminando as escamas pretas. Um pouco do brilho dourado empalideceu. Não sei se é doença ou alguma outra transformação. Arranhões recentes marcam uma das laterais da criatura, talvez de espada ou lança. Da rachadura no chão do salão sai um vapor suave que se espalha pela câmara, carregando o cheiro de pedra quente.

— Cardan? — pergunto, dando alguns passos delicados na direção da plataforma.

A grande cabeça da serpente se vira em minha direção. As espirais deslizam e se desenrolam para caçar. Eu paro, e a fera não vem para cima de mim, apesar de a cabeça se mover sinuosamente para a frente e para trás, alerta a ameaças e oportunidades.

Eu me obrigo a continuar andando, um passo atrás do outro. Os olhos dourados da serpente me seguem, a única parte (além do humor) que se parece com Cardan.

É possível que eu tivesse me transformado em outra coisa, um Grande Rei tão monstruoso quanto Dain. E se acontecesse, se eu cumprisse a profecia, eu teria *que ser impedido. E acredito que você me impediria*.

Penso nos pontos na lateral do meu corpo e nas flores brancas surgindo na neve. Concentro-me nessa lembrança e tento puxar o poder da terra. Ele é descendente de Mab e rei por direito. Sou sua esposa. Eu me curei. Devo poder curá-lo.

— Por favor — digo para o piso de terra do salão, para a terra em si. — Farei o que você quiser. Abro mão da Coroa. Faço qualquer acordo. Mas, por favor, cure-o. Me ajude a quebrar a maldição.

Eu me concentro e me concentro, mas a magia não vem.

CAPÍTULO
24

Bomba me encontra ali, saindo das sombras em um movimento gracioso. Não está de máscara.

— Jude? — chama ela.

Percebo o quanto cheguei perto da serpente. Estou sentada na plataforma, a um metro de Cardan. Ele se acostumou tanto comigo que fechou os olhos dourados.

— Suas irmãs estão preocupadas — comenta ela, chegando o mais perto de nós que ousa. A cabeça da serpente se ergue, a língua sai para tocar o ar, e ela fica imóvel.

— Estou bem — digo. — Só precisava pensar.

Nenhum beijo de amor verdadeiro vai impedir. Nenhuma charada vai consertar. Só a morte.

Ela avalia a serpente.

— Ele sabe quem você é?

— Não sei — respondo. — Ele parece não se importar com minha presença. Eu estava lhe dizendo que não pode me prender a minhas promessas.

A coisa mais difícil, *impossível*, é superar a lembrança de Cardan dizendo me amar. Ele disse essas palavras, e eu não respondi. Achei que haveria tempo. E eu estava feliz, apesar de tudo, eu estava *feliz* antes de tudo dar tão horrivelmente errado. Nós vencemos. Tudo daria certo. E ele me amava.

— Há algumas coisas que precisa saber — diz Bomba. — Acredito que Grima Mog já tenha feito o relatório dos movimentos de Madoc.

— Fez, sim — digo.

— Flagramos alguns cortesãos especulando sobre assassinar a rainha mortal. Os planos foram destruídos. — Um sorrisinho surge em seu rosto. — Eles também.

Não sei se eu devia ficar feliz com isso ou não. No momento, só me faz sentir cansaço.

— Fantasma reuniu informações sobre as lealdades dos governantes individuais — diz ela. — Podemos falar disso. Mas a coisa mais interessante é que você recebeu uma mensagem do seu pai. Madoc quer uma garantia de que ele, Lady Nore e Lorde Jarel podem vir ao palácio negociar com você.

— Eles querem vir aqui? — Desço da plataforma. O olhar da serpente me segue. — Por quê? Não estão satisfeitos com o resultado do último encontro?

— Não sei — declara ela, uma aspereza na voz que me lembra do quanto odeia os governantes da Corte dos Dentes e de que é um ódio merecido. — Mas Madoc pediu permissão para ver você, seu irmão e suas irmãs. E a esposa também.

— Muito bem — digo. — Permita que ele venha, com Lady Nore e Lorde Jarel. Mas deixe claro que ele não vai trazer arma alguma para Elfhame. Ele não vem como meu convidado. Só tem minha palavra de que não sofrerá nenhum mal, mas não terá a hospitalidade de minha casa.

— E o quanto vale sua palavra? — pergunta Bomba, parecendo esperançosa.

— Acho que vamos descobrir. — Na porta, olho para a serpente. Embaixo de onde está, o chão ficou preto, quase da cor de suas escamas.



Depois de várias trocas de mensagens, fica determinado que Madoc e seu grupo chegarão no crepúsculo. Aceitei recebê-los no terreno do palácio, pois não tenho interesse em deixá-los entrar novamente. Grima Mog comanda um semicírculo de cavaleiros para cuidar de nós, com arqueiros nas árvores. Bomba comanda espiões, que se escondem em lugares mais altos e mais baixos. Dentre eles Fantasma, os ouvidos bloqueados com cera macia.

Minha cadeira entalhada foi levada para fora e colocada em uma plataforma nova e mais alta. Tem almofadas abaixo para meu irmão e minhas irmãs… e Oriana, se ela se dignar a sentar conosco.

Não há mesas de banquete nem vinho. A única concessão que fizemos para o conforto é um tapete no chão lamacento. Há tochas acesas de meus dois lados, mas são para minha pobre visão mortal, não para eles.

Acima, nuvens de tempestade passam, estalando com eletricidade. Mais cedo, disseram que pedras de granizo do tamanho de maçãs caíram em Insweal. Tempo assim não acontece em Elfhame. Só posso supor que Cardan, em sua forma amaldiçoada, esteja execrando o tempo também.

Eu me sento na cadeira de madeira entalhada e arrumo o vestido de um jeito que espero parecer majestoso. Sacudo a poeira da barra.

— Ficou um pouco ali — diz Bomba, apontando. — Vossa Majestade.

Ela assumiu um lugar à direita da plataforma. Balanço a saia de novo, e ela prende um sorriso na hora que meu irmão chega com minhas duas irmãs logo atrás. Quando Bomba ajusta a máscara no rosto, parece recuar totalmente para as sombras.

Na última vez que vi Oak, a espada estava em sua mão e o pavor em seu rosto. Fico feliz de substituir essa lembrança por uma nova: ele correndo até mim, sorrindo.

— Jude! — exclama ele, e sobe no meu colo, arruinando o trabalho que tive para arrumar a saia. Seus chifres forçam meu ombro. — Expliquei para Oriana como é andar de skate, e ela acha que eu devia parar.

Olho ao redor esperando vê-la, mas só encontro Vivi e Taryn. Vivi veste calça jeans e um colete de brocado por cima de uma camisa branca bufante, um meio-termo entre o estilo mortal e o imortal. Taryn usa o vestido que vi em seu armário, com estampa de animais da floresta espiando por trás de folhas. Oak está com um casaquinho azul-marinho. Em sua testa, colocaram um diadema dourado para lembrar a todos que ele pode ser o último da linhagem Greenbriar.

— Preciso de sua ajuda — digo a Oak. — Mas vai ser uma coisa muito difícil e muito chata.

— O que tenho que fazer? — pergunta ele, parecendo bem desconfiado.

— Vai ter que fazer cara de quem está prestando atenção, mas vai precisar ficar quieto. Não importa o que eu disser. Não importa o que papai disser. Não importa o que aconteça.

— Isso não é ajudar — protesta ele.

— Seria uma ajuda enorme — insisto.

Com um suspiro dramático, ele desce do meu colo e, emburrado, assume seu lugar nas almofadas.

— Onde está Heather? — pergunto a Vivi.

— Na biblioteca — responde ela, com expressão culpada. Será que pensa que Heather devia estar de volta ao mundo mortal e que é só o egoísmo de Vivi que a mantém aqui, sem perceber que as duas estão agora trabalhando pelo mesmo objetivo? — Ela diz que, se isso fosse um filme, alguém encontraria um poema sobre cobras amaldiçoadas que nos daria uma pista do que precisamos, e por isso foi procurar. Os arquivistas não sabem como lidar com ela.

— Ela está mesmo se adaptando ao Reino das Fadas — comento.

A única resposta de Vivi é um sorriso tenso de lamento.

Oriana chega nessa hora, escoltada por Grima Mog, que assume uma posição paralela e oposta a Bomba. Como eu, Oriana ainda usa o vestido de quando chegou ao salão. Ao olhar para o sol poente, percebo que um dia inteiro deve ter se passado. Não sei bem quanto tempo fiquei com a serpente, só que pareço ter perdido tempo sem perceber. Parece uma eternidade, e também tempo nenhum, desde que Cardan foi amaldiçoado.

— Eles chegaram — anuncia Fand, se apressando pelo caminho para se postar ao lado de Bomba. E, atrás dela, ouve-se um trovejar de cascos. Madoc chega montado em um cervo, usando não a armadura costumeira, mas um gibão de veludo azul-escuro. Quando desmonta, percebo que está mancando de forma pronunciada da perna que a serpente prensou.

A reboque, vem uma carruagem de gelo puxada por cavalos feéricos tão cristalinos como se tivessem sido conjurados de ondas congeladas. Quando os soberanos da Corte dos Dentes saltam, a carruagem e os cavalos somem.

Lady Nore e Lorde Jarel estão vestindo peles brancas, apesar de o ar não parecer particularmente frio. A suas costas, há um único servo, carregando um pequeno baú incrustado de prata, e a Rainha Suren. Apesar de ser a governante, ela usa apenas um vestido branco simples. Uma coroa dourada foi pregada em sua testa, e uma fina corrente de ouro que penetra na pele do pulso funciona como nova coleira, com uma barra de um lado para impedir que a corrente escorregue.

Há cicatrizes recentes cobrindo seu rosto, no formato do arreio que ela usava quando a vi pela última vez.

Tento manter o rosto impassível, mas o horror daquilo é difícil de ignorar.

Madoc para na frente dos outros, sorrindo para nós, como se estivéssemos posando para um retrato de família ao qual ele estava prestes a se juntar.

Oak ergue o olhar e empalidece ao ver a coleira da Rainha Suren lhe perfurando a pele. Depois, olha para Madoc, como se esperasse uma explicação.

Mas não há nenhuma.

— Querem almofadas? — pergunto à comitiva de Madoc. — Posso mandar trazer algumas.

Lady Nore e Lorde Jarel observam os jardins, os cavaleiros, Bomba e seu rosto coberto, Grima Mog e minha família. Oak volta a ficar emburrado e se

deita de bruços numa almofada, em vez de ficar sentado. Tenho vontade de cutucá-lo com o pé pela grosseria, mas talvez seja um bom momento para ele ser grosseiro. Não posso deixar a Corte dos Dentes pensar que são de muita importância para nós. Quanto a Madoc, ele nos conhece bem demais para se impressionar.

— Ficaremos de pé — diz Lady Nore, curvando o lábio.

É difícil se sentar de forma digna numa almofada, e isso exigiria que ela se colocasse bem abaixo de mim. Claro que ela recusou minha oferta.

Penso em Cardan e em como ele usava a coroa torta, como se reclinava no trono. Dava a ele um ar de imprevisibilidade e lembrava a todos de que era poderoso a ponto de fazer as regras. Decidi tentar emular seu exemplo como possível, inclusive com assentos incômodos.

— É ousado a ponto de vir até aqui — comento.

— Dentre todas as pessoas, você devia apreciar um pouco de ousadia. — O olhar de Madoc se desvia para Vivi e Taryn, depois para mim. — Lamentei sua morte. Acreditei de verdade que tivesse morrido.

— Estou surpresa que não tenha molhado seu capuz com meu sangue — admito. Ao meu lado, Grima Mog ergue as sobrancelhas.

— Não a culpo por estar com raiva — diz ele. — Mas estamos com raiva um do outro há muito tempo, Jude. Não é a tola que achei que fosse e, de minha parte, não quero machucar você. É a Grande Rainha do Reino das Fadas. O que quer que tenha feito para ascender, só posso aplaudir.

Ele pode não querer me machucar, mas isso não quer dizer que não vá.

— Ela *é* a rainha — concorda Taryn. — O único motivo para não ter morrido na neve foi que a terra a curou.

Um murmúrio se espalha pelos feéricos ao nosso redor. Lady Nore olha para mim com repulsa evidente. Reparo que nem ela, nem o marido se curvaram de forma apropriada, nem usaram meu título. Como deve incomodá-la me ver, mesmo que nesse arremedo de trono. Como ela deve odiar a mera ideia de que eu tenha direito ao verdadeiro.

— É da natureza da criança conquistar o que pai e mãe só podem sonhar — comenta Madoc. Agora ele olha para Oriana e estreita os olhos. — Mas vamos lembrar que boa parte do desacordo dessa família veio da minha

tentativa de colocar Oak no trono. Sempre fiquei tão feliz em governar através dos meus filhos quanto por usar a coroa.

A raiva se acende dentro de mim, quente e intensa.

— E ai desses filhos se não aceitarem ser guiados por você.

Ele faz um gesto de desprezo.

— Vamos analisar bem nossos próximos passos, Grande Rainha Jude. Você e seu exército, liderados por sua formidável nova general, se chocam com o meu. Há uma grande batalha. Talvez você vença e eu recue para o norte a fim de fazer novos planos. Ou talvez eu morra.

"E depois? Ainda vai haver a questão de um rei serpente, um rei cujas escamas são mais duras que a armadura mais dura, cujo veneno penetra na terra. E você vai continuar sendo mortal. Não vai haver Coroa de Sangue para manter o povo de Elfhame ligado a seu reinado, e, mesmo que houvesse, não poderia usá-la. Lady Asha já está reunindo um círculo de cortesãos e cavaleiros, e todos dizem que ela, como mãe de Cardan, deve ser regente até o retorno do rei. Não, você vai precisar se defender de assassinos e traidores por todo o seu reinado."

Olho para Bomba, que não mencionou Lady Asha na lista de coisas que eu precisava saber. Ela dá um ligeiro aceno de compreensão.

É uma imagem sombria, e nenhuma parte dela é falsa.

— Pode ser que Jude desista — sugere Vivi, mantendo-se ereta na almofada por mera força de vontade. — Abdique. Sei lá.

— Ela não vai fazer isso — declara Madoc. — Você nunca entendeu direito as tramas de Jude, talvez porque, se entendesse, não poderia continuar a agir como se houvesse respostas fáceis. Ela fez de si mesma um alvo para tirar o alvo das costas do irmão.

— Não venha com sermão — responde Vivi. — É tudo culpa sua. O fato de Oak estar em perigo. De Cardan ser amaldiçoado. De Jude ter quase morrido.

— Estou aqui — diz Madoc. — Para consertar.

Observo seu rosto e relembro como ele contou à pessoa que julgava ser Taryn que, se ter matado o marido lhe fazia mal, ela podia jogar o peso em suas costas. Talvez ele encare o que está fazendo agora como algo na mesma linha, mas não posso concordar.

Lorde Jarel dá um passo à frente.

— A criança a seus pés é o verdadeiro herdeiro da linhagem Greenbriar, não é?

— É — admito. — Oak será Grande Rei um dia.

Felizmente, dessa vez meu irmão não me contradiz.

Lady Nore assente.

— Você é mortal. Não vai durar muito.

Decido nem discutir. Aqui, no Reino das Fadas, os mortais podem permanecer jovens, mas os anos nos alcançam assim que botamos o pé no mundo humano. Mesmo que eu pudesse evitar tal destino, o argumento de Madoc é convincente. Não vou ter moleza no trono sem Cardan.

— É isso que *mortal* significa — digo com um suspiro que não preciso fingir. — Nós morremos. Pense em nós como estrelas cadentes, breves, porém luminosos.

— Poético — comenta ela. — E fatalista. Muito bem. Você parece saber ser razoável. Madoc quer que façamos uma proposta. Temos uma forma de controlar seu marido serpente.

Sinto o sangue pulsar na nuca.

— Controlar?

— Como se faria com qualquer animal. — Lorde Jarel abre um sorriso cheio de ameaça. — Estamos de posse de um arreio mágico. Criado pelo próprio Grimsen para encoleirar qualquer coisa. Na verdade, vai se encaixar sozinho na criatura a ser controlada. Agora que Grimsen não existe mais, um item assim ficou mais valioso que nunca.

Meu olhar vai na direção de Suren e de suas cicatrizes. Era aquilo que ela estava usando? Tiraram da filha para me dar?

Lady Nore fala, continuando o que o marido dizia.

— As tiras vão afundar lentamente na pele da serpente, e Cardan será seu para sempre.

Não sei bem o que ela quer dizer com isso.

— *Meu?* Ele está amaldiçoado.

— E é improvável que isso mude, se pudermos acreditar nas palavras de Grimsen — continua ela. — Mas, se por acaso retornar ao estado anterior, o rei continuaria eternamente sob seu poder. Não é delicioso?

Mordo a língua para reprimir uma reação.

— É uma proposta extraordinária — falo, me voltando dela para Madoc. — Com isso, quero dizer que parece um truque.

— Sim — afirma ele. — Entendo. Mas cada um de nós consegue o que deseja. Jude, você será Grande Rainha pelo tempo que quiser. Com a serpente controlada, você pode governar sem oposição. Taryn, você será irmã da rainha e voltará às graças da Corte. Ninguém pode impedi-la de reivindicar as terras e propriedades de Locke. Talvez sua irmã até lhe dê um título.

— Nunca se sabe — contemporizo, o que é perigosamente próximo de ser atraída pelo cenário que ele está pintando.

— Vivienne, você poderá voltar ao mundo mortal e ter toda a diversão que conseguir conjurar, sem a intromissão da família. E Oak vai poder viver com a mãe de novo. — Ele me olha com o brilho de batalha nos olhos. — Vamos acabar com o Conselho Vivo e vou tomar seu lugar. Vou guiar sua mão, Jude.

Olho para a Corte dos Dentes.

— E o que eles ganham?

Lorde Jarel sorri.

— Madoc concordou em casar seu irmão, Oak, com nossa pequena rainha, para que, quando ele subir ao trono, a noiva suba com ele.

— Jude…? — pergunta Oak, com nervosismo. Oriana segura sua mão e a aperta com força.

— Não pode estar falando sério — retruca Vivi. — Oak não deveria ter nada com essa gente, nem com essa filha sinistra.

Lorde Jarel a fuzila com um furioso olhar de desprezo.

— Você, única filha verdadeira de Madoc, é a pessoa de menos importância aqui. Que decepção você deve ser.

Vivi revira os olhos.

Meu olhar se desvia para a pequena rainha e observo o rosto pálido e os olhos estranhamente vazios. Apesar de ser seu destino que estamos discutindo, ela não parece muito interessada. E também não parece ter sido bem tratada. Não consigo imaginar uni-la a meu irmão.

— Deixe a questão do casamento de Oak de lado por um momento — pede Madoc. — Você quer o arreio, Jude?

É uma coisa monstruosa a ideia de prender Cardan a mim em obediência eterna. O que *quero* é tê-lo de volta, vê-lo de pé ao meu lado e rindo de tudo aquilo. Eu aceitaria até sua pior versão, a versão mais cruel e traiçoeira, se pelo menos ele pudesse estar aqui.

Penso nas palavras de Cardan no salão, antes de destruir a coroa: *nem lealdade, nem amor deviam ser forçados*.

Ele estava certo. Claro que estava certo. Ainda assim, quero o arreio. Quero desesperadamente. Consigo me imaginar em um trono reconstruído, a serpente entorpecida ao meu lado, um símbolo do meu poder e um lembrete do meu amor. Cardan nunca ficaria totalmente perdido para mim.

É uma imagem apavorante e, ao mesmo tempo, horrivelmente atraente.

Eu teria esperança, pelo menos. E qual é a alternativa? Lutar uma batalha e sacrificar a vida do meu povo? Caçar a serpente e desistir de qualquer chance de ter Cardan de volta? Para quê? Estou cansada de lutar.

Que Madoc governe por mim. Que tente, pelo menos.

— Jure que o arreio não faz mais nada — exijo.

— Nada — diz Lady Nore. — Só permite que você controle a criatura na qual é usado… se usar as palavras de ordem. E, quando tiver aceitado nossos termos, vamos revelá-las a você.

Lorde Jarel sinaliza para o servo, que retira o arreio do baú e o joga em uma pilha a minha frente. Brilha em dourado. Uma série de tiras bem entrelaçadas e um possível futuro que não envolve perder o que ainda me resta.

— Fico aqui pensando — digo, considerando a situação. — Com um objeto tão poderoso em mãos, por que não o usaram?

Ele não responde por um momento que se arrasta demais.

— Ah — percebo, lembrando-me dos arranhões recentes nas escamas da serpente. Se inspecionar o arreio, aposto que ainda encontro sangue secando, dos cavaleiros da Corte dos Dentes. Talvez de voluntários do exército de Madoc também. — Vocês *não conseguiram* arreá-lo, não é? Quantos perderam?

Lorde Jarel parece irritado comigo.

Madoc responde:

— Um batalhão… e parte da Floresta Torta pegou fogo. A criatura não permitiu que nos aproximássemos. É veloz e mortal e o veneno parece

infinito.

— Mas no salão — começa Lady Nore —, ele sabia que Grimsen era seu inimigo. Acreditamos que você possa atraí-lo. Como donzelas com os unicórnios de outrora. Você consegue arreá-lo. E, se morrer tentando, Oak sobe ao trono mais cedo, com nossa rainha ao lado.

— Que pragmático — digo.

— Considere aceitar o acordo — diz Grima Mog. Eu me viro para ela, e ela dá de ombros. — Madoc está certo. Será difícil manter o trono de outra forma. Não tenho dúvida de que você conseguirá botar o arreio na serpente, nem de que será uma arma do tipo que nenhum exército do Reino das Fadas já viu. Isso é poder, garota.

— Ou podíamos matar todos eles agora. Pegar o arreio como espólio — acrescenta Bomba, tirando a rede que cobre seu rosto. — Eles já são traidores. Não estão armados. E, como os conheço, digo que pretendem enganá-la. Você mesma admitiu, Jude.

— Liliver? — diz Lady Nore. É estranho demais ouvi-la ser chamada por qualquer outra coisa que não seu codinome, mas Bomba ficou presa na Corte dos Dentes, antes de se tornar espiã. Só podiam chamá-la pelo nome que ela usava na época.

— Você se lembra de mim — adverte Bomba. — Saiba que também me lembro de você.

— Você pode pegar o arreio, mas ainda não sabe como funciona — argumenta Lorde Jarel. — Não tem como prender a serpente sem nós.

— Acho que consigo arrancar dela — sugere Bomba. — Adoraria tentar.

— Vai permitir que ela fale conosco assim? — pergunta Lady Nore a Madoc, como se ele pudesse fazer alguma coisa.

— Liliver não estava falando com você — digo, a voz controlada. — Ela estava falando comigo. E, como ela é minha conselheira, eu seria tola de não considerar com cuidado suas palavras.

Madoc solta uma gargalhada.

— Ah, pare com isso, se você conheceu Lorde Jarel e Lady Nore, sabe que são rancorosos a ponto de lhe contrariar, seja lá qual tormento sua espiã inventou. E você quer o arreio, filha.

A Corte dos Dentes apoiou Madoc para se aproximar do trono. Agora, veem um caminho para governar Elfhame por meio de Oak. Assim que Oak e Suren se casarem, terei um alvo nas costas. E Madoc também.

Mas também vou ter a serpente, conectada a mim.

Uma serpente que é a corrupção da própria terra.

— Me mostre que está agindo de boa-fé — peço. — Cardan cumpriu o que você pediu em relação a Orlagh do Reino Submarino. Liberte-a de qualquer poder que tenha sobre ela. A rainha e a filha me odeiam, então não precisa se preocupar que venham correndo me ajudar.

— Eu imaginava que você também as odiasse — acrescenta Madoc, franzindo o cenho.

— Quero ver o sacrifício de Cardan significar o que ele queria que significasse — digo. — E quero ter certeza de que você não vai tentar escapar de todos os acordos que puder.

Ele assente.

— Muito bem. Está feito.

Eu respiro fundo.

— Não vou comprometer Oak a nada, mas, se quiserem parar a guerra, me digam como o arreio funciona e vamos trabalhar pela paz.

Lorde Jarel sobe na plataforma, o que faz os guardas barrarem seu caminho, as armas me protegendo dele.

— Prefere que eu diga em voz alta, na frente de todos? — pergunta ele, irritado.

Faço sinal para os guardas se afastarem, e ele se inclina para sussurrar uma resposta em meu ouvido.

— Tire três fios de cabelo de sua cabeça e amarre no arreio. Vocês ficarão unidos. — Ele recua. — E agora, você concorda com nosso pacto?

Olho para os três.

— Quando o Grande Rei estiver preso no arreio e domado, darei tudo que pediram, tudo que estiver em meu poder. Mas não terão nada antes disso.

— Então o que tem que fazer é o seguinte, Jude — começa Madoc. — Amanhã, ofereça um banquete para as cortes inferiores e nos convide. Explique que deixamos nossas diferenças de lado por causa de uma ameaça maior e que demos a você um meio de capturar a serpente.

“Nossos exércitos vão se reunir nas pedras de Insweal, mas não para lutar. Você vai pegar o arreio e atrair a serpente. Quando arreá-la, dê a primeira ordem. A criatura vai se mostrar domada, e todos vão comemorar por você. Isso cimentará seu poder e lhe dará uma desculpa para nos recompensar. E você vai nos recompensar.”

Ele já tenta governar através de mim.

— Vai ser bom ter uma rainha que pode dizer todas as mentiras que você não pode, não vai? — pergunto.

Madoc sorri para mim sem malícia alguma.

— Vai ser bom sermos família de novo.

Nada nisso parece certo, exceto o couro macio do arreio em minhas mãos.



A caminho do palácio, passo pela sala do trono, mas, quando entro, não há sinal da serpente, exceto por retalhos de pele dourada, finos como papel.

Ando pela noite até a praia rochosa. Ali, me ajoelho na pedra e jogo um pedaço de papel dobrado nas ondas.

Se você já o amou, escrevi, *me ajude*.

CAPÍTULO
25

Eu me deito de costas no tapete na frente da lareira de meus antigos aposentos. Taryn está sentada ao meu lado, comendo pedaços de um frango assado que conseguiu na cozinha do palácio. Tem uma bandeja de comida no chão: queijo e pão, groselha vermelha e verde, romã e ameixa, além de uma jarra de creme grosso. Vivi e Heather estão descansando uma ao lado da outra, as pernas emaranhadas e as mãos unidas. Oak está enfileirando frutinhas e usando ameixas para espalhá-las, uma coisa contra a qual eu teria protestado, mas não agora.

— É melhor do que lutar, né? — pergunta Taryn, pegando uma chaleira fumegante do fogo e servindo água num bule. Ela acrescenta folhas, e o aroma de hortelã e flores do sabugueiro se espalha pelo ar. — Uma trégua. Uma trégua improvável.

Nenhum de nós responde, ficamos refletindo sobre a pergunta. Não prometi nada concreto a Madoc, mas não tenho dúvida de que, no banquete de hoje à noite, ele pretende começar a puxar a autoridade para si. Um gotejar que logo se transformará em uma torrente, até eu ser só um fantoche sem poder real. A tentação dessa linha de ataque é a possibilidade de se convencer de que esse destino é contornável, de que qualquer perda pode ser revertida, de que é possível superá-lo.

— Qual é o problema daquela garota? — pergunta Oak. — A Rainha Suren.

— Eles não são muito legais na Corte dos Dentes — respondo, me sentando para aceitar uma xícara de chá oferecida por Taryn. Apesar de ter ficado muito tempo sem dormir, não estou cansada. Também não estou com fome, mas me obriguei a comer. Não sei o que estou sentindo.

Vivi ri com deboche.

— Acho que é um modo de descrever. Também dá para chamar um vulcão de "morno".

Oak franze a testa.

— A gente vai ajudar ela?

— Se decidir se casar com ela, podemos exigir que a garota viva aqui até você ficar mais velho — argumento. — E, se ela ficasse, nós a deixaríamos livre. Acho que seria vantagem para ela. Mas ainda acho que você não devia aceitar.

— Não quero casar com ela… nem com ninguém — rebate Oak. — E não quero ser Grande Rei. Por que a gente não pode só *ajudar* ela?

O chá está quente demais. O primeiro gole queima minha língua.

— Não é fácil ajudar uma rainha — explica Taryn. — Em teoria, elas não devem precisar de ajuda.

Ficamos em silêncio.

— Você vai ficar com a propriedade de Locke? — pergunta Vivi, se virando para minha irmã gêmea. — Não precisa. Também não precisa ter o bebê.

Taryn pega uma groselha verde e rola a fruta verde-clara entre os dedos.

— Como assim?

— Sei que, no Reino das Fadas, crianças são raras e preciosas e tudo mais, mas no mundo mortal existe uma coisa chamada aborto — diz Vivi. — E, mesmo aqui, há crianças trocadas.

— E adoção — acrescenta Heather. — A decisão é sua. Ninguém te julgaria.

— Se julgassem, eu poderia cortar as mãos dessas pessoas — ofereço.

— Eu quero a criança — afirma Taryn. — Não que eu não esteja com medo, mas também estou animada. Oak, você não vai ser mais o caçula.

— Que bom — diz ele, rolando a ameixa amassada na direção do pote de creme.

Vivi a intercepta e dá uma mordida.

— Ei! — reclama ele, mas ela só ri com malícia.

— Encontrou alguma coisa na biblioteca? — pergunto a Heather, e tento fingir que minha voz não treme um pouco. Sei que não encontrou. Se tivesse, já teria me contado. Mas pergunto mesmo assim.

Ela boceja.

— Havia umas histórias doidas. Não ajudaram em nada, mas eram doidas. Uma era sobre um rei de serpentes que controla todas as cobras do mundo. Outra, sobre uma serpente que lança uma maldição sobre duas princesas feéricas para que virem cobras… mas só às vezes.

Ela olha na direção de Taryn.

— E tinha uma sobre querer um filho. A esposa de um jardineiro não conseguia ficar grávida. Um dia, ela vê uma cobra verde fofa no jardim e surta, dizendo que até cobras têm prole, mas ela não. A cobra ouve e se oferece para ser seu bebê.

Levanto as sobrancelhas. Oak ri.

— Mas a cobra é um filho legal — comenta Heather. — Eles fazem um buraco no canto da casa, e ela mora lá. Come o mesmo jantar que eles. Tudo vai bem até que ela fica grande e decide que quer se casar com uma princesa. E não uma princesa víbora, nem uma princesa anaconda. A cobra quer se casar com a princesa humana do palácio onde moram.

— Como isso pode dar certo? — pergunta Taryn.

Heather sorri.

— O pai vai até o rei e faz a proposta em nome do filho-cobra. O rei não curte e, no estilo dessa gente de contos de fadas, em vez de simplesmente recusar, ele pede à cobra para fazer três coisas impossíveis: primeiro, transformar todas as frutas do pomar em pedras preciosas, depois transformar o piso do palácio em prata e, finalmente, transformar as paredes do palácio em ouro. Cada vez que o pai relata um dos pedidos, a cobra explica o que ele tem que fazer. Primeiro, o pai precisa plantar caroços, que fazem frutas de jaspe e jade surgirem da noite para o dia. Depois, tem que esfregar o piso do palácio com uma pele de cobra para que vire prata. Por fim, deve esfregar as paredes do palácio com veneno, o que as transforma em ouro.

— O pai é quem está fazendo todo o esforço — murmuro. Está tão quente perto do fogo.

— Ele é um pai meio superprotetor. — A voz de Heather parece vir de longe. — Finalmente, em desespero, o rei admite para a filha que basicamente a vendeu para uma cobra e que ela tem que aceitar o casamento. Ela concorda, mas, quando eles estão sozinhos, a cobra tira a pele e se revela um cara lindo e gostoso. A princesa fica empolgada, mas o rei entra no quarto e queima a pele, acreditando que está salvando a vida da filha.

"O cara da cobra solta um berro de desespero e vira uma pomba, que sai voando. A princesa surta e chora como louca, mas decide que vai procurá-lo. No caminho, porque isso é um conto de fadas e nada faz sentido mesmo, a princesa conhece uma raposa fofoqueira, que diz para ela que as aves estão falando mal de um príncipe que estava sob uma maldição de uma ogra e não podia se curar sem o sangue de muitos pássaros… e também o de uma raposa. Vocês podem imaginar o resto. Pobre raposa, né?

— Cruel — diz Vivi. — A raposa estava ajudando.

Isso é a última coisa que escuto antes de pegar no sono com o burburinho de vozes amigas em conversa.



Acordo com brasas na lareira e um cobertor sobre o corpo.

O sono executou sua estranha magia e fez o horror dos dois dias anteriores retroceder o suficiente para eu conseguir pensar um pouco melhor.

Vejo Taryn no sofá, enrolada num cobertor. Atravesso os aposentos silenciosos e encontro Heather e Vivi em minha cama. Oak não está à vista e

desconfio de que esteja com Oriana.

Saio dos aposentos e encontro um cavaleiro a minha espera. Eu o reconheço como um membro da guarda real de Cardan.

— Vossa Majestade — diz ele, a mão no coração. — Fand está descansando. Me pediu que cuidasse da senhora até ela voltar.

Sinto culpa por não ter pensado se Fand estava trabalhando muito e por tempo demais. Claro que preciso de mais de uma cavaleira.

— Como devo chamá-lo?

— Artegowl, Vossa Majestade.

— Onde está o resto da guarda do Grande Rei? — pergunto.

Ele suspira.

— Grima Mog nos encarregou de rastrear os movimentos da serpente.

Que estranha e triste deturpação da missão anterior, proteger Cardan. Mas não sei se Artegowl gostaria de meus pensamentos, nem se é impróprio proferi-los. Deixo-o do lado de fora da entrada dos aposentos reais.

No interior, levo um susto ao encontrar Bomba sentada no sofá, girando um globo de neve nas mãos. Na bola de vidro, um gato e as palavras PARABÉNS PELA PROMOÇÃO: o presente que Vivi trouxe para Cardan depois da coroação. Eu não sabia que ele tinha guardado. Enquanto observo os cristais brancos cintilantes girarem, lembro-me do relato de neve caindo dentro do grande salão.

Bomba me olha boquiaberta. O desespero em seu rosto reflete o meu.

— Acho que eu não devia ter vindo — diz ela, de modo nada característico.

— O que houve? — pergunto, entrando totalmente no aposento.

— Quando Madoc veio fazer a proposta, ouvi o que Taryn disse sobre você. — Ela espera que eu entenda, mas não entendo.

Balanço a cabeça.

— Que a *terra* a curou. — Ela meio que parece esperar que eu negue. Será que está pensando nos pontos que removeu naquele mesmo quarto ou em como sobrevivi à queda das vigas? — Achei que talvez… você pudesse usar esse poder para acordar Barata.

Quando entrei na Corte das Sombras, não sabia nada sobre espionagem. Bomba já me viu fracassar. Ainda assim, esse fracasso é difícil de admitir.

— Tentei quebrar a maldição de Cardan, mas não consegui. O que quer que eu tenha feito, não sei como fiz nem se consigo fazer de novo.

— Quando vi Lorde Jarel e Lady Nore de novo, não pude deixar de lembrar o quanto devo a Barata — diz Bomba. — Se não fosse por ele, eu não teria sobrevivido aos dois. Mesmo deixando de lado o quanto o amo, eu devo a ele. Tenho que curá-lo. Se tiver alguma coisa que você possa fazer…

Penso nas flores surgindo na neve. Naquele momento, foi magia.

Penso em esperança.

— Vou tentar — asseguro, fazendo-a parar. — Se eu puder ajudar Barata, claro que quero. Claro que vou tentar. Vamos. Vamos agora.

— Agora? — indaga Bomba, se levantando. — Não, você voltou para o quarto para dormir.

— Mesmo que a trégua com Madoc e a Corte dos Dentes acabe sendo bem melhor do que desconfio que vá ser, é possível que a serpente não permita que eu lhe coloque o arreio — explico. — Posso não sobreviver muito mais. Melhor tentar o mais rápido possível.

Bomba coloca a mão de leve em meu braço.

— Obrigada — agradece ela, as palavras humanas estranhas em sua boca.

— Não me agradeça ainda — digo.

— Um presente, então? — Do bolso, tira uma máscara de rede preta como a dela.

Visto roupas pretas e jogo uma capa pesada nos ombros. Coloco a máscara e atravessamos juntas a passagem secreta. Fico surpresa ao ver que foi modificada desde a última vez que passei por ela, que está ligada ao restante das passagens que cortam as paredes do palácio. Descemos para a adega e entramos na nova Corte das Sombras. É bem maior que os antigos aposentos e bem melhor. Fica evidente que Cardan financiou aquilo… ou que lhe roubaram os tesouros pelas costas. Há uma cozinha cheia de utensílios e uma fogueira onde daria para cozinhar um pônei pequeno. Passamos por salas de treinamento e salas de disfarces e por uma sala de estratégia capaz de rivalizar com a que pertence ao Grande General. Vejo alguns espiões, alguns que conheço, outros não.

Fantasma levanta o olhar da mesa na qual está sentado, jogando cartas em uma das salas dos fundos, o cabelo claro caindo sobre os olhos. Ele me olha

com desconfiança. Tiro a máscara.

— Jude — diz ele com alívio. — Você veio.

Não quero dar a nenhum deles falsas esperanças.

— Não sei se posso fazer alguma coisa, mas gostaria de vê-lo.

— Por aqui — indica Fantasma, se levantando e me levando até uma saleta cheia de esferas de vidro acesas. Barata está deitado em uma cama. Fico alarmada com a mudança nele.

A pele está pálida, não mais do verde profundo dos lagos, e com uma textura de cera perturbadora. Ele se mexe no sono, grita e abre os olhos. Parecem desfocados, vermelhos.

Prendo a respiração, mas, um momento depois, ele sucumbe aos sonhos de novo.

— Achei que estivesse dormindo — digo, horrorizada. Imaginei o sono de contos de fadas da Branca de Neve, imaginei-o imóvel em uma caixa de vidro, preservado exatamente como era.

— Me ajude a encontrar alguma coisa para contê-lo — pede Bomba, segurando o corpo de Barata com o seu. — O veneno faz isso às vezes, e preciso segurá-lo até o ataque cessar.

Entendo por que me procurou, por que ela acha que algo precisa ser feito. Olho ao redor. Acima de um baú tem uma pilha de lençóis. Fantasma começa a rasgá-los em tiras.

— Pode começar — diz ele.

Sem ideia do que fazer, fico perto dos pés de Barata e fecho os olhos. Imagino a terra embaixo de mim, imagino seu poder penetrando pelas solas de meus pés. Imagino-a enchendo meu corpo.

Mas sinto vergonha, me sinto idiota e paro.

Não consigo fazer isso. Sou uma garota mortal. Sou a coisa mais distante que há da magia. Não posso salvar Cardan. Não posso curar ninguém. Isso não vai dar certo.

Abro os olhos e balanço a cabeça.

Fantasma coloca a mão em meu ombro, chega tão perto quanto fez quando estava me ensinando a arte de matar. Sua voz é suave.

— Jude, para de tentar forçar. Deixe acontecer.

Com um suspiro, fecho os olhos de novo. E de novo tento sentir a terra embaixo de mim. A terra do Reino das Fadas. Penso nas palavras de Val Moren: *Você acha que a semente plantada em solo goblin cresce sendo a mesma planta que seria no mundo mortal?* O que quer que eu seja, fui criada ali. É meu lar e minha terra.

Tenho novamente a sensação estranha de ser toda perfurada por urtigas.

Acorde, penso, botando a mão em seu tornozelo. *Sou sua rainha e ordeno que acorde*.

Um espasmo percorre o corpo de Barata. Um chute terrível acerta minha barriga e me joga na parede.

Caio no chão. A dor é tão intensa que lembro que sofri um ferimento no tronco recentemente.

— Jude! — exclama Bomba, indo segurar as pernas de Barata.

Fantasma se ajoelha ao meu lado.

— Está muito machucada?

Faço um sinal de positivo para indicar que estou bem, mas ainda não consigo falar.

Barata grita de novo, mas, dessa vez, perde força.

— Lil… — diz ele, a voz suave e rouca, mas audível.

Ele está consciente. Acordado.

Curado.

Ele segura a mão de Bomba.

— Estou morrendo — avisa ele. — O veneno… fui tolo. Não tenho muito tempo.

— Você não está morrendo — rebate ela.

— Tem uma coisa que jamais consegui confessar enquanto estava vivo — começa ele, puxando-a para perto. — Eu te amo, Liliver. Amo desde o primeiro momento em que nos vimos. Eu te amei e entrei em desespero. Antes de morrer, quero que saiba.

Fantasma ergue as sobrancelhas e olha para mim. Abro um sorriso. Com nós dois no chão, duvido que Barata tenha ideia de que estamos ali.

Além do mais, está muito ocupado olhando para a cara chocada de Bomba.

— Jamais quis… — ele começa a dizer, mas se interrompe, interpretando a expressão como horror. — Não precisa dizer nada em resposta. Mas, antes de

morrer…

— *Você não está morrendo* — diz ela de novo, e dessa vez ele parece ouvir.

— Entendi. — O rosto de Barata é tomado de vergonha. — Eu não devia ter falado.

Vou sorrateiramente na direção da cozinha, Fantasma atrás de mim. Quando chegamos à porta, ouço a voz baixa de Bomba.

— Se você não tivesse falado — acrescenta ela —, eu não poderia dizer que o sentimento é recíproco.

Do lado de fora, Fantasma e eu caminhamos na direção do palácio, olhando as estrelas. Penso no quanto Bomba é mais inteligente que eu, porque, quando teve oportunidade, aproveitou. Ela disse o que sentia. Eu não contei a Cardan. E agora, jamais poderei.

Sigo na direção dos pavilhões das cortes inferiores.

Fantasma olha para mim com expressão inquisitiva.

— Tem mais uma coisa que preciso fazer antes de dormir — digo a ele.

Ele não me pergunta mais nada, só emparelha comigo.



Visitamos Mãe Marrow e Severin, filho do Alderking que empregou Grimsen por muito tempo. São minha última esperança. E, embora me encontrem sob as estrelas e me escutem com educação, nenhum deles tem uma resposta.

— Deve haver um jeito — insisto. — Deve haver *alguma coisa*.

— A dificuldade — fala Mãe Marrow — é que já sabe como acabar com a maldição. *Só a morte*, disse Grimsen. Você quer outra resposta, mas a magia raramente é conveniente a ponto de se ajustar a nossas preferências.

Fantasma fica ali perto de cara amarrada. Estou grata por sua companhia, principalmente nesse momento, quando não tenho certeza se consigo suportar tudo sozinha.

— Grimsen não devia ter a intenção de que a maldição fosse rompida — argumenta Severin. Os chifres curvos fazem com que ele pareça assustador, mas a voz é gentil.

— Tudo bem. — Eu me sento em um tronco próximo. Não que eu estivesse esperando boas notícias, mas sinto a neblina do sofrimento se fechando em volta de mim de novo.

Mãe Marrow aperta os olhos para mim.

— Então você vai usar esse arreio da Corte dos Dentes? Eu gostaria de vê-lo. Grimsen fez coisas terrivelmente interessantes.

— Pode examiná-lo quando quiser — falo. — Tenho que amarrar meu cabelo no couro.

Ela bufa.

— Bom, não faça isso. Se o fizer, vai se prender à serpente.

Vocês ficarão unidos.

A raiva que sinto é tão grande que, por um momento, tudo fica branco, como um relâmpago logo seguido de um trovão.

— Como deve funcionar? — pergunto, minha voz tremendo de fúria.

— Com certeza, há uma palavra de comando — responde ela, dando de ombros. — Mas é difícil saber qual seria, e o objeto é inútil sem ela.

Severin balança a cabeça.

— Só tem uma coisa que o ferreiro queria que todo mundo lembrasse.

— Seu nome — digo.



Assim que chego ao palácio, Tatterfell aparece com o vestido que Taryn conseguiu para eu usar no banquete. Criados levam comida e começam a preparar um banho. Quando saio, eles me perfumam e penteiam meu cabelo como se eu fosse uma boneca.

O vestido é prateado, enfeitado com folhas de metal rígidas. Escondo três facas em uma tira na perna, outra na bainha entre os seios. Tatterfell olha torto para os hematomas novos que se formam onde fui chutada. Mas não falo nada de minhas desventuras e ela não pergunta.

Como cresci na casa de Madoc, me acostumei com a presença de servos. Havia cozinheiros na cozinha, cavalariços para cuidar dos estábulos e alguns criados de casa para arrumar as camas e as coisas. Mas eu ia e vinha quando queria, tinha liberdade de seguir meus horários e fazer o que desejava.

Agora, com a guarda real, Tatterfell e os outros servos do palácio, todos os meus movimentos são registrados. Quase nunca fico sozinha, e nunca por muito tempo. Na época que observava Eldred, no alto do trono, ou Cardan, virando mais uma taça de vinho em uma festa com uma risada forçada, nunca entendi o horror de ter tanto e tão pouco poder ao mesmo tempo.

— Pode ir — digo a eles quando meu cabelo está trançado, e minhas orelhas, carregadas de prata no formato de pontas de flecha.

Não sei enganar, tampouco lutar contra uma maldição. Preciso deixá-la de lado e me concentrar no que posso fazer: escapar da armadilha preparada para mim pela Corte dos Dentes, e evitar a proposta de Madoc de restringir meu poder. Acredito que ele pretenda me manter como Grande Rainha, com meu

monstruoso Grande Rei para sempre ao meu lado. E, ao imaginar isso, não consigo deixar de pensar no quanto seria horrível para Cardan ficar eternamente preso como serpente.

Será que ele sente dor? Como será sentir a corrupção se espalhar a partir da própria pele? Será que tem consciência suficiente a ponto de sentir a humilhação de receber um arreio na frente de uma Corte que já o amou? Será que o ódio vai crescer em seu coração? Ódio deles. Ódio de mim.

É possível que eu tivesse me transformado em outra coisa, um Grande Rei tão monstruoso quanto Dain. E se acontecesse, se eu cumprisse a profecia, eu teria que ser impedido. E acredito que você me impediria.

Madoc, Lorde Jarel e Lady Nore planejam me acompanhar ao banquete, onde vou anunciar nossa aliança. Vou ter que estabelecer minha autoridade e sustentá-la por toda a noite, uma proposta complicada. A Corte dos Dentes é, ao mesmo tempo, presunçosa e desdenhosa. Vou parecer fraca se me permitir ser o alvo, mas não seria sábio arriscar nossa aliança retribuindo a atitude. Quanto a Madoc, não duvido de que venha cheio de conselhos paternais e me force ao papel de filha mimada se eu os rejeitar de forma contundente demais. Mas, se eu não puder impedir que tirem vantagem de mim, tudo que fiz, tudo que planejei, terá sido por nada.

Com isso em mente, empertigo os ombros e sigo para onde nosso banquete vai acontecer.

Mantenho a cabeça erguida enquanto atravesso a grama densa. Meu vestido ondula as minhas costas. Os fios prateados entremeados em meu cabelo brilham sob as estrelas. Atrás de mim está o pajem com asas de mariposa, segurando a cauda. A guarda real me escolta a uma distância respeitosa.

Vejo Lorde Roiben perto de uma macieira, a espada de meia-lua cintilando na bainha polida. Sua acompanhante, Kaye, usa um vestido verde quase da cor da pele. A Rainha Annet está conversando com Lorde Severin. Randalin toma uma taça após outra de vinho. Todos parecem tranquilos. Eles testemunharam uma maldição e, se ainda estão aqui, é porque pretendem lutar no dia seguinte.

Só um de nós é capaz de contar mentiras. Relembro as palavras de Cardan para mim na última vez que falamos com os líderes das cortes inferiores.

Mas, esta noite, não é de mentiras que preciso. E também não é precisamente da verdade.

Quando me veem com Madoc e os soberanos da Corte dos Dentes, um silêncio se espalha pelo grupo reunido. Todos os olhos escuros me encaram. Todos os rostos famintos e lindos se viram para mim, como se eu fosse uma ovelha ferida em um mundo de leões.

— Lordes, ladies e cidadãos de Elfhame — falo no silêncio. E hesito. Estou tão desacostumada a fazer discursos quanto qualquer um. — Quando criança na Grande Corte, cresci com histórias fantásticas, loucas e impossíveis, de maldições e monstros. São histórias que até aqui, no Reino das Fadas, eram incríveis demais para crédito. Mas, agora, nosso Grande Rei é uma serpente e estamos mergulhados em uma dessas histórias fantásticas.

"Cardan destruiu a coroa porque queria ser um tipo de soberano diferente e ter um tipo de reinado diferente. Pelo menos de uma forma, isso já foi conquistado. Madoc e a Rainha Suren da Corte dos Dentes baixaram as armas. Nós nos encontramos e elaboramos os termos de uma trégua."

Um murmúrio baixo se espalha pela multidão.

Não olho para o lado. Madoc não deve gostar que eu pinte a aliança como triunfo *meu*, e Lorde Jarel e Lady Nore devem odiar que eu trate sua filha como se ela fosse o membro da Corte dos Dentes digno de deferência.

Eu prossigo.

— Eu os convidei hoje para comer conosco, e amanhã vamos nos encontrar no campo, não para lutar, mas para domar a serpente e acabar com a ameaça a Elfhame. Juntos.

Há aplausos esparsos e hesitantes.

Com todo o coração, eu queria que Cardan estivesse presente. Quase consigo imaginá-lo reclinado numa cadeira, me orientando sobre como discursar. Teria me irritado muito, e agora, ao pensar nisso, sinto uma pontada gelada de saudade na barriga.

Sinto sua falta, e a dor é um abismo enorme no qual desejo me permitir cair.

Levanto minha taça e, ao redor, taças e copos e chifres são erguidos.

— Vamos beber a Cardan, nosso Grande Rei, que se sacrificou pelo povo. Que rompeu o controle da Coroa de Sangue. Vamos beber às alianças que se mostraram tão sólidas quanto o leito de rocha das ilhas de Elfhame. E vamos beber à promessa de paz.

Quando viro a taça, todos bebem comigo. Parece que alguma coisa mudou no ar. Espero que seja suficiente.

— Um belo discurso, filha — elogia Madoc. — Mas não citou minha recompensa prometida.

— Torná-lo o principal dentre meus conselheiros? Ainda assim, você já vem me dar sermão. — Eu o fuzilo com um olhar firme. — Enquanto a serpente não estiver com o arreio, nosso acordo não está selado.

Ele franze a testa. Não espero que discuta a questão; eu me afasto e vou até um grupo de feéricos da Corte dos Dentes.

— Lady Nore. — Ela parece surpresa por eu me dirigir a ela, como se fosse presunção de minha parte. — Você talvez não tenha conhecido Lady Asha, mãe do Grande Rei.

— Acredito que não — concorda ela. — Se bem que…

Eu a pego pelo braço e a levo até Lady Asha, cercada dos cortesãos favoritos. A mãe de Cardan parece alarmada com minha aproximação, e ainda mais alarmada quando começo a falar.

— Ouvi falar que você deseja um novo papel na Corte — digo a ela. — Estou pensando em torná-la embaixadora na Corte dos Dentes, então me pareceu apropriado que você conheça Lady Nore.

Não há verdade nenhuma no que estou dizendo. Mas quero que Lady Asha saiba que estou ciente de suas tramas e que, se ela me irritar, sou capaz de mandá-la para longe dos confortos que tanto valoriza. E parece uma punição adequada as duas terem de suportar uma à outra.

— Você me obrigaria mesmo a ficar tão longe de meu filho? — pergunta ela.

— Se preferir ficar aqui e ajudar a cuidar da serpente, é só dizer — aviso.

Lady Asha parece preferir *mesmo* enfiar uma faca em minha garganta. Eu dou as costas a ela e a Lady Nore.

— Divirtam-se conversando. — Talvez elas se divirtam mesmo. As duas me odeiam. O que faz com que tenham pelo menos uma coisa em comum.

Uma série de pratos é trazida por servos. Pedaços macios de verdura, nozes embrulhadas em pétalas de rosas, garrafas de vinho com infusão de ervas, pequenas aves assadas inteiras com mel. Enquanto observo os feéricos, parece que os jardins giram ao meu redor. Uma sensação estranha de irrealidade surge.

Tonta, procuro uma de minhas irmãs, alguém da Corte das Sombras. Até mesmo Fand.

— Vossa Majestade — diz uma voz. É Lorde Roiben, ao meu lado. Sinto um aperto no peito. Não sei bem se consigo projetar autoridade logo para ele.

— Foi bom você ter ficado — falo. — Depois que Cardan quebrou a coroa, não tive certeza se ficaria.

Ele assente.

— Jamais gostei muito do rei — diz ele, me encarando com os olhos cinzentos, claros como a água de um rio. — Foi você que me persuadiu a fazer o juramento à Coroa, e foi você que negociou a paz depois que o Reino Submarino rompeu o tratado.

Matando Balekin. Não tenho como esquecer.

— E eu talvez lutasse por você de qualquer modo, ainda que pelo único motivo de que uma rainha mortal do Reino das Fadas acabe sendo um deleite para muita gente de quem gosto e uma irritação para muita gente de quem não gosto. Mas, depois do que Cardan fez no grande salão, entendo por que você estava disposta a aceitar uma aposta louca atrás da outra para colocá-lo no trono, e eu teria lutado até o ar ser roubado de meu corpo.

Jamais esperei um discurso assim. Fico grudada no chão.

Roiben toca em um bracelete no pulso, trançado com fios dourados. Não, não fios. Cabelo.

— Ele estava disposto a quebrar a Coroa de Sangue e confiar na lealdade dos súditos em vez de forçá-la. Cardan é o verdadeiro Grande Rei do Reino das Fadas.

Abro a boca para responder quando, do outro lado do gramado, vejo Nicasia em um vestido cintilante, no tom prateado das escamas de um peixe, andando entre cortesãos e soberanos.

E reparo na consorte de Roiben, Kaye, indo naquela direção.

— Hum — digo. — Sua, hã, namorada está prestes a…

Ele se vira para olhar a tempo de nós dois vermos Kaye dar um soco na cara de Nicasia. Ela esbarra em outro cortesão e cai no chão. A pixie balança a mão, como se tivesse machucado os dedos.

Os guardas selkie correm na direção de Nicasia. Na mesma hora, Roiben entra no meio da multidão, que se abre para ele. Tento ir atrás, mas Madoc

bloqueia minha passagem.

— Uma rainha não corre na direção de uma briga, como uma estudante — diz ele, segurando meu ombro. A irritação não me distrai a ponto de ignorar a oportunidade. Eu me desvencilho e puxo três fios de seu cabelo junto.

Uma cavaleira ruiva abre caminho entre Kaye e os guardas selkie de Nicasia. Não a conheço, mas, quando Roiben os alcança, fica claro que todo mundo está ameaçando entrar em duelo com todo mundo.

— Saia do caminho — rosno para Madoc e saio correndo. Ignoro qualquer um que tenta falar comigo. Posso parecer ridícula segurando o vestido até os joelhos, mas não ligo. E devo parecer ridícula quando enfio uma coisa dentro do decote.

O maxilar de Nicasia está vermelho e o pescoço também. Preciso controlar uma gargalhada totalmente inapropriada.

— É melhor você não defender uma pixie — diz ela grandiosamente.

A cavaleira ruiva é mortal e usa as cores da Corte do Alderking. Seu nariz está sangrando, o que suponho significar que ela e os selkies já começaram a brigar. Lorde Roiben parece preparado para puxar a espada que traz no quadril. Como ainda agora ele falava sobre lutar até que o ar fosse roubado dos pulmões, prefiro evitar algo do gênero.

Kaye usa um vestido mais revelador do que na última vez que a vi. Deixa entrever uma cicatriz que começa no pescoço e desce pelo peito. Parece um pouco um corte, uma queimadura, e definitivamente algo capaz de deixá-la com raiva.

— Não preciso que me defendam — esbraveja ela. — Sei cuidar da minha vida.

— Você tem sorte de ter sido só um soco — digo para Nicasia. Sua presença faz minha pulsação latejar de tensão. Não dá para esquecer como foi ser sua prisioneira no Reino Submarino. Eu me viro para Kaye. — Mas acabou agora. Entendido?

Roiben coloca a mão em seu ombro.

— Acho que sim — comenta Kaye, e sai batendo os pés com as botas grandes. Roiben espera um momento, mas balanço a cabeça. Ele vai atrás da consorte.

Nicasia leva os dedos ao maxilar e me olha com cuidado.

— Estou vendo que recebeu meu bilhete — digo.

— E estou vendo que está confraternizando com o inimigo — responde ela, com um olhar na direção de Madoc. — Venha comigo.

— Para onde? — pergunto.

— Qualquer lugar onde ninguém possa nos ouvir.

Andamos juntas pelos jardins, deixando sua guarda e a minha para trás. Ela segura minha mão.

— É verdade? Cardan está sob uma maldição? Foi transformado em um monstro cujas escamas quebraram as lanças de seu povo.

Faço que sim, tensa.

Para minha perplexidade, ela fica de joelhos.

— O que está fazendo? — pergunto, atônita.

— Por favor — diz ela, a cabeça curvada. — Por favor. Você precisa tentar quebrar a maldição. Sei que é a rainha por direito e que pode não o querer de volta, mas…

Se alguma coisa poderia ter aumentado minha perplexidade, era aquilo.

— Você acha que eu…

— Eu não a conhecia antes — comenta ela, a angústia clara na voz. Há um soluço em sua respiração que vem do choro. — Achava que era uma mortal qualquer.

Preciso morder a língua ao ouvi-la, mas não a interrompo.

— Quando você se tornou senescal, falei para mim mesma que ele a queria por sua língua mentirosa. Ou porque tinha se tornado dócil, apesar de nunca ter sido antes. Eu devia ter acreditado quando você disse a Cardan que ele não sabia do que você era capaz.

"Enquanto você estava exilada, arranquei de Cardan a história. Sei que não acredita, mas ele e eu éramos amigos antes de sermos amantes, antes de Locke. Ele foi meu primeiro amigo quando cheguei do Reino Submarino. E *éramos* amigos, mesmo depois de tudo. Odeio o fato de ele amar você."

— Ele também odiava — digo, com uma risada que parece mais tensa do que eu gostaria.

Nicasia me olha demoradamente.

— Não odiava, não.

Depois da resposta, só consigo ficar em silêncio.

— Ele assusta os feéricos, mas não é o que você pensa que é — argumenta Nicasia. — Se lembra dos servos de Balekin? Os humanos?

Faço que sim sem falar nada. Claro que lembro. Nunca vou me esquecer de Sophie e os bolsos cheios de pedras.

— Eles sumiam às vezes, e havia boatos de que Cardan lhes fazia mal, mas não era verdade. Ele os devolvia ao mundo mortal.

Admito que estou surpresa.

— Por quê?

Ela levanta a mão.

— Não sei! Talvez para irritar o irmão. Mas você é humana e achei que ia gostar de sua iniciativa. E ele enviou um vestido para você. Para a coroação.

Eu me lembro dele, do vestido de baile nas cores da noite, com debrum de árvores bordadas e cristais como estrelas. Mil vezes mais bonito do que o vestido que encomendei. Achei que tivesse vindo do príncipe Dain, porque era sua coroação e eu tinha jurado ser sua criatura quando entrei para a Corte das Sombras.

— Cardan nunca contou a você, não é? — indaga Nicasia. — Está vendo? São duas coisas legais sobre ele que você não sabia. E vi como o olhava quando achava que ninguém estava vendo.

Mordo a bochecha por dentro, constrangida apesar do fato de sermos amantes, de termos nos casado e de que dificilmente é segredo nos gostarmos.

— Então, me prometa — implora ela. — Prometa que vai ajudá-lo.

Penso no arreio dourado, no futuro que as estrelas previram.

— Não sei *como* quebrar a maldição — admito, todas as lágrimas que não derramei brotando em meus olhos. — Se tivesse escolha, acha que eu estaria neste banquete idiota? Me diga o que tenho que matar, o que tenho que roubar, me diga que charada tenho que resolver ou que bruxa tenho que enganar. É só me dizer como e eu farei, seja qual for o perigo, seja qual for a dificuldade, seja qual for o custo. — Minha voz falha.

Ela me olha com firmeza. Apesar de qualquer coisa que eu possa pensar de Nicasia, ela realmente gosta de Cardan.

Enquanto as lágrimas rolam por minhas bochechas, para a própria perplexidade, acho que ela percebe que eu também.

Mas de nada adianta.



Quando terminamos de conversar, volto para o banquete e encontro o novo Alderking. Ele parece surpreso ao me ver. Ao seu lado está a cavaleira mortal com o nariz ensanguentado. Um humano ruivo, que reconheço como consorte de Severin, está colocando algodão no nariz da jovem. O consorte e a cavaleira são gêmeos, percebo. Não idênticos, como Taryn e eu, mas gêmeos mesmo assim. Humanos gêmeos no Reino das Fadas. E nenhum dos dois parece particularmente incomodado com o fato.

— Preciso de uma coisa de você — digo a Severin.

Ele se curva.

— Claro, minha rainha. Tudo que é meu é seu.



Naquela noite, me deito na formidável cama de Cardan, em seu enorme quarto. Eu me espalho, chuto as cobertas.

Olho para o arreio dourado em uma cadeira ao meu lado, brilhando na luz fraca.

Se o colocasse na serpente, eu teria Cardan comigo para sempre. Depois que colocasse o arreio, eu poderia trazê-lo aqui. Ele poderia se enrolar no tapete desse mesmo quarto, e, embora talvez me tornasse tão monstruosa quanto ele, ao menos não estaria sozinha.

Acabo dormindo.

Em meus sonhos, a cobra Cardan surge acima de mim, as escamas pretas brilhando.

— Eu te amo — digo, e ele me devora.

CAPÍTULO
26

— Ainda não cicatrizou direito — diz Tatterfell, cutucando o corte com os dedos afiados. A diabrete está cuidando de mim desde que saí da cama, me preparando para encarar a serpente, como se eu estivesse a caminho de outro banquete, mas reclamando o tempo todo. — Madoc quase lhe cortou ao meio, e não tem tanto tempo assim.

— Você fica incomodada de ter lhe prestado juramento, mas ainda estar aqui comigo? — pergunto, quando ela termina a trança apertada no alto de minha cabeça. As laterais estão puxadas para trás, e o resto preso em um coque. Não há ornamentos em minhas orelhas, nem no pescoço, claro, nada que possa ser agarrado.

— Foi para cá que ele me mandou — responde Tatterfell, pegando um pincel na mesa em que ela colocou as ferramentas e o encostando em um potinho de cinzas pretas. — Talvez ele esteja arrependido. Afinal, eu poderia estar chamando a atenção de seu pai agora em vez da sua.

Isso me faz sorrir.

Tatterfell pinta meu rosto com sombra nos olhos e vermelho nos lábios.

Há uma batida na porta, e Taryn e Vivi entram.

— Você não vai acreditar no que encontramos no tesouro — comenta Vivi.

— Eu achava que tesouros eram cheios de pedras preciosas e ouro e tal. — Relembro, séculos antes, a promessa de Cardan de que daria os itens do tesouro de Balekin para a Corte das Sombras se eles me traíssem e o

libertassem. É uma sensação estranha lembrar o pânico que senti na ocasião, o quanto ele era encantador e o quanto isso me irritava.

Tatterfell faz um ruído de reprovação quando Barata entra, puxando um baú.

— Não tem como manter suas irmãs longe de problemas.

A pele voltou ao tom de verde-escuro normal, e ele está magro, mas parece bem. É um alívio imenso vê-lo de pé e se movendo tão rapidamente. Fico pensando como ele foi recrutado para ajudar minhas irmãs, mas fico pensando mais no que Bomba disse a ele. Há um tipo novo de alegria em seu rosto. Está nos cantos da boca, onde um sorriso paira, e no brilho dos olhos.

Dói ver aquilo.

Taryn sorri.

— Encontramos uma armadura. Uma armadura gloriosa. Para você.

— Para uma rainha — acrescenta Vivi. — Algo que, talvez lembre, não existe há um tempo.

— Pode até ter pertencido à própria Mab — diz Taryn.

— Vocês estão exagerando — falo para elas.

Vivi se inclina para destrancar o baú. Pega uma armadura com cota de malha em escamas, feita de forma a parecer uma cortina de folhas de hera de metal em miniatura. Ofego de admiração ao ver. É a armadura mais linda que já vi. Parece antiga, a qualidade do trabalho distinta, nem um pouco parecida com a de Grimsen. É um alívio saber que outros grandes ferreiros existiram antes do feérico e que outros virão depois.

— Sabia que você ia gostar — diz Taryn, sorrindo.

— E tenho uma coisa de que você vai gostar quase tanto quanto — acrescenta Barata. Ele enfia a mão na bolsa e tira três fios do que parece ser linha de prata.

Guardo no bolso, junto do cabelo que arranquei da cabeça de Madoc.

Vivi está ocupada demais separando mais coisas do baú para reparar. Botas cobertas de placas curvas de metal. Braçadeiras no formato de espinheiros. Ombreiras de mais folhas, curvadas nas beiradas. E um elmo que parece uma coroa de galhos dourados com frutas silvestres de cada lado.

— Bom, mesmo que a serpente arranque sua cabeça — começa Tatterfell —, o resto de você vai continuar lindo.

— É essa a ideia — digo para ela.



O exército de Elfhame se reúne e se prepara para marchar. Corcéis feéricos magros como galgos, cavalos do pântano, renas com chifres projetados e sapos enormes estão sendo selados. Alguns até portarão armaduras.

Arqueiros se enfileiram com suas flechas élficas, com veneno do sono, e arcos enormes. Cavaleiros se preparam. Vejo Grima Mog no gramado, no meio de um pequeno grupo de barretes vermelhos. Estão compartilhando uma garrafa de sangue, tomando goles e molhando os capuzes. Grupos de pixies, com pequenos dardos envenenados, voam pelo ar.

— Estaremos preparados — explica Grima Mog, se aproximando —, caso o arreio não funcione como alegam. Ou caso não gostem do que vai acontecer depois. — Ao observar minha armadura e a espada emprestada pendurada em minhas costas, ela sorri e me mostra os dentes vermelhos de sangue. A barrete coloca a mão no coração. — Grande Rainha.

Tento abrir um sorriso, mas sei que sai meio forçado. A ansiedade corrói minhas entranhas.

Há dois caminhos à minha frente, mas só um leva à vitória.

Já fui protegida de Madoc e criatura de Dain. Não sei como vencer de outra forma que não seja a deles. Não há receita para ser heroína, mas há uma receita de sucesso. Sei enfiar uma faca na própria mão. Sei odiar e ser odiada. E sei como ganhar o dia, desde que esteja disposta a sacrificar tudo de bom em mim para tanto.

Avisei que, se não pudesse ser melhor que meus inimigos, me tornaria pior. Bem, bem pior.

Tire três fios de cabelo de sua cabeça e amarre no arreio. Vocês ficarão unidos.

Lorde Jarel tramou para me enganar. Para ficar com a palavra de poder para si, para usá-la só depois de eu ter posto o arreio na serpente e assim controlar nós dois. Tenho certeza de que Madoc não conhece o plano de Lorde Jarel, o que sugere que parte dele vai envolver matá-lo.

Mas é um feitiço que pode ser usado contra o feiticeiro. Amarrei fios de cabelo de ambos ao arreio dourado e não serei eu a ficar unida à serpente. Quando a serpente estiver com o arreio, Madoc e Lorde Jarel se tornarão minhas criaturas, assim como Cardan já foi meu. Assim como Cardan será meu de novo, com as tiras douradas afundando nas escamas.

E, se a serpente crescer em monstruosidade e corrupção, se envenenar a própria terra de Elfhame, então que eu seja a rainha dos monstros. Que eu governe a terra caliginosa, meu pai barrete vermelho como marionete ao meu lado. Que eu seja temida e nunca mais sinta medo.

Só por seu sangue derramado pode um grande soberano ascender.

Que eu tenha tudo que sempre quis, tudo que sempre sonhei, e infelicidade eterna como consequência. Que eu viva com um estilhaço de gelo enfiado no coração.

— Eu olhei as estrelas — diz Baphen. Por um momento, minha mente ainda está perdida demais em meu louco delírio para se concentrar. A veste azul-escura voa atrás do astrólogo na brisa do começo da tarde. — Mas elas não querem falar comigo. Quando o futuro está obscuro, significa que um evento vai remodelá-lo permanentemente, para o bem ou para o mal. Nada pode ser visto enquanto o evento não for concluído.

— Sem pressão, então — murmuro.

Bomba emerge das sombras.

— A serpente foi avistada — diz ela. — Perto da beira do mar da Floresta Torta. Temos de ir rápido, antes que a percamos de novo.

— Lembrem-se da formação — alerta Grima Mog para as tropas. — Vamos nos aproximar pelo norte. O pessoal de Madoc vai ficar no sul, e a Corte dos Dentes no oeste. Fiquem longe. Nosso objetivo é guiar a criatura para os braços amorosos da rainha.

As escamas da minha nova armadura tilintam e fazem um som musical. Sou colocada em um alto corcel negro. Grima Mog está montada em um cervo enorme com armadura.

— É sua primeira batalha? — pergunta ela para mim.

Assinto.

— Se uma luta começar, concentre-se no que estiver a sua frente. Lute *sua* luta — aconselha ela. — Deixe que os outros se preocupem com a deles.

Assinto de novo e vejo o exército de Madoc partir para assumir posição. Primeiro os soldados, escolhidos criteriosamente e roubados do exército de Elfhame. Depois, as cortes inferiores que seguiram seu estandarte. E, claro, a Corte dos Dentes, carregando armas de gelo. Muitos parecem ter pele coberta de gelo, alguns azuis a ponto de parecerem mortos. Não gosto da ideia de lutar contra eles, nem hoje, nem nunca.

A Corte dos Cupins vem atrás de Grima Mog. É fácil identificar o cabelo branco como sal de Roiben. Ele está nas costas de um kelpie e, quando olha em minha direção, faz uma saudação. Ao seu lado cavalgam as tropas do Alderking. O consorte mortal de Severin não o acompanha; ele está ao lado da cavaleira mortal ruiva cujo nariz sangrou por causa dos guardas sereianos de Nicasia. Ela parece perturbadoramente animada.

No palácio, Vivi, Oriana, Heather e Oak nos esperam com um grupo de guardas, a maior parte do Conselho e muitos cortesãos de cortes altas e inferiores. Vão assistir dos parapeitos.

Aperto ainda mais o arreio dourado.

— Alegria — diz Grima Mog ao ver meu rosto. Ela arruma o capuz, rígido com as camadas de sangue. — Marchamos para a glória.

Vamos cavalgando pelas árvores, e não consigo deixar de pensar que, quando imaginei ser cavaleira, pensei em algo assim. Enfrentar monstros mágicos trajando uma armadura, uma espada comigo. Mas, como em muitas fantasias, o horror estava ausente.

Um grito se espalha no ar, vindo de uma área mais densa da floresta à frente. Grima Mog dá um sinal, e os exércitos de Elfhame param de marchar e se espalham. Só eu sigo cavalgando, contornando uma árvore morta atrás da outra, até ver as espirais pretas do corpo da serpente a uns 9 metros de onde estou. Meu cavalo recua e resfolega.

Com o arreio na mão, salto da sela e me aproximo da criatura monstruosa que já foi Cardan. Aumentou de tamanho e agora está mais comprida do que um dos navios de Madoc, a cabeça tão grande que, se abrisse a boca, uma única presa seria da metade do tamanho da espada a minhas costas.

É simplesmente apavorante.

Forço meus pés a atravessar a grama murcha e escura. Atrás da serpente, vejo os estandartes com o emblema de Madoc tremendo na brisa.

— Cardan — sussurro. A rede dourada do arreio brilha em minhas mãos.

Como se em resposta, a serpente recua e curva o pescoço em um movimento fluido, como se avaliando a melhor forma de atacar.

— Sou eu, Jude — digo, e minha voz falha. — Jude. Você gosta de mim, lembra? Você confia em mim.

A serpente explode em movimento, desliza rapidamente pela grama em minha direção e diminui a distância entre nós. Soldados se espalham. Cavalos empinam. Sapos pulam para o abrigo da floresta, ignorando quem os monta. Kelpies correm para o mar.

Levanto o arreio na falta de outra coisa nas mãos com que me defender. Preparo-me para jogar. Mas a serpente para a uns 3 metros de onde estou e se enrola.

E fica me olhando com os olhos delineados em dourado.

Estremeço toda. A palma das mãos suada.

Sei o que tenho que fazer se quiser acabar com meus inimigos, mas não quero seguir em frente.

Perto assim da serpente, só consigo pensar no arreio afundando em sua pele, em Cardan preso para sempre. Tê-lo sob meu controle já foi um pensamento tão atraente. Senti uma onda tão pura de poder quando ele jurou lealdade a mim, quando teve que me obedecer por um ano e um dia. Parecia que, se eu pudesse controlar tudo e todos, nada poderia me fazer mal.

Dou outro passo na direção da serpente. E outro. Perto assim, outra vez me surpreendo com o tamanho da criatura. Levanto a mão com cautela e a coloco nas escamas pretas. São secas e frias sob minha pele.

Os olhos dourados não têm resposta, mas penso em Cardan deitado ao meu lado no chão dos aposentos reais.

Penso no sorriso endiabrado.

Penso no quanto ele odiaria ficar preso assim. Em como seria injusto eu deixá-lo nessa forma e chamar aquilo de amor.

Você já sabe como acabar com a maldição.

— Eu te amo de verdade — sussurro. — Sempre vou amar.

Prendo o arreio dourado no cinto.

Há dois caminhos a minha frente, mas só um leva à vitória.

Mas não quero vencer assim. Talvez eu nunca viva sem medo, talvez o poder escape das minhas mãos, talvez a dor de o perder seja pior do que posso suportar.

Mas, se o amo, só há uma opção.

Puxo a espada emprestada que está nas minhas costas. Coração Jurado, capaz de cortar qualquer coisa. Pedi a lâmina a Severin e a levei para a batalha porque, por mais que negasse, uma parte de mim já sabia o que eu escolheria.

Os olhos dourados da serpente estão firmes, mas há sons surpresos vindos dos feéricos reunidos. Ouço o rugido de Madoc.

Não era para as coisas acabarem desse jeito.

Fecho os olhos, mas não posso ficar assim. Com um movimento, giro Coração Jurado em um arco brilhante na direção da cabeça da serpente. A lâmina desce e corta escamas, corta carne e osso. A cabeça da serpente cai a meus pés, os olhos dourados embaçados.

Há sangue para todo lado. O corpo da serpente treme de forma terrível e fica inerte. Embainho Coração Jurado com mãos hesitantes. Estou trêmula, tanto que caio de joelhos na grama enegrecida, no tapete de sangue.

Ouço Lorde Jarel gritando alguma coisa para mim, mas não consigo ouvir.

Acho que posso estar gritando.

Os feéricos correm em minha direção. Ouço o estalo de metal e o chiado de flechas voando pelo ar. Parecem vir de muito longe.

A única coisa que soa alto em meus ouvidos é a maldição que Valerian proferiu antes de morrer. *Que suas mãos estejam sempre sujas de sangue. Que a morte seja sua única companheira.*

— Devia ter aceitado nossa oferta — diz Lorde Jarel, movendo a lança em minha direção. — Seu reinado será muito curto, rainha mortal.

Grima Mog chega em seu cervo e desvia o peso daquela lâmina. As armas de ambos se chocam e ecoam com a força do impacto.

— Primeiro, vou matá-lo — diz ela para ele. — Depois, vou comê-lo.

Duas flechas pretas voam das árvores e se cravam na garganta de Lorde Jarel. Ele cai do cavalo na hora em que um grito soa na Corte dos Dentes. Vislumbro o cabelo branco de Bomba.

Grima Mog se vira e luta com três cavaleiros da Corte dos Dentes. Já devia conhecê-los de antes, talvez já os tivesse comandado, mas luta com eles mesmo assim.

Há mais gritos a minha volta. E os sons da batalha vão diminuindo.

Da beira do mar, ouço uma corneta.

Atrás das pedras pretas, a água espuma. Das profundezas surgem sereios e sereianos, as escamas brilhando no sol. Nicasia está com eles, sentada nas costas de um tubarão.

— O Reino Submarino honra seu tratado com a terra e com a rainha — declara ela, a voz se espalhando pelo campo. — Abaixem as armas.

Um momento depois, os exércitos do Reino Submarino chegam à terra.

Madoc aparece a minha frente. As bochechas e parte da testa estão pintadas de sangue. Há um júbilo em seu rosto, uma alegria terrível. Barretes vermelhos nasceram para a batalha, para derramamento de sangue, violência e assassinato. Acho que uma parte do meu pai se deleita em poder compartilhar isso comigo, mesmo agora.

— Levante-se.

Passei a maior parte da vida obedecendo a suas ordens. Eu me levanto e levo a mão ao arreio dourado no cinto, que traz seu cabelo amarrado, que eu podia ter usado para prendê-lo, e que ainda posso usar.

— Não vou lutar com você. — Minha voz parece tão distante. — Embora não me deleitasse ao ver as tiras afundando em sua pele, também não lamentaria.

— Chega de ameaças — diz ele. — Você já venceu. Olhe.

Ele me segura pelos ombros e me vira para que eu possa ver o local onde o corpo enorme da serpente está caído. Uma onda de horror me percorre e tento me desvencilhar de suas mãos. Então reparo que a luta acabou, os feéricos estão encarando. De dentro do corpo da criatura, um brilho emana.

E, desse brilho, Cardan surge. Cardan, nu e coberto de sangue.

Vivo.

Só por seu sangue derramado pode um grande soberano ascender.

Ao redor de nós, as pessoas caem de joelhos. Grima Mog se ajoelha. Lorde Roiben se ajoelha. Até os que estavam determinados a matar momentos antes parecem abalados. Nicasia observa do mar enquanto toda Elfhame se curva perante o Grande Rei, recuperado e renascido.

— Curvo a cabeça para você — diz Madoc baixinho. — E só para você.

Cardan dá um passo à frente e pequenas rachaduras aparecem em seu rastro. Fissuras na própria terra. Ele fala com uma voz trovejante que ecoa pela multidão reunida.

— A maldição foi rompida. O rei voltou.

Ele é tão apavorante quanto qualquer serpente.

Não me importo. Corro para seus braços.

CAPÍTULO
27

Os dedos de Cardan afundam em minhas costas. Ele está tremendo, não sei se pelo esvanecer da magia ou pelo horror. Mas me abraça como se eu fosse a única coisa sólida do mundo.

Soldados se aproximam, e Cardan me solta abruptamente. Ele trinca o maxilar. Com um gesto, dispensa o cavaleiro que lhe oferece a capa, apesar de estar coberto só de sangue.

— Não uso nada há dias — diz o Grande Rei, e se tem algo de frágil em seus olhos, todos estão atônitos demais para notar. — Não vejo por que deveria começar agora.

— Modéstia? — provoco, entrando no jogo, surpresa por ele conseguir brincar com a maldição ou com qualquer coisa.

Ele abre um sorriso estonteante e despreocupado. O tipo de sorriso atrás do qual dá para se esconder.

— Cada parte minha é um deleite.

Meu peito dói quando olho para ele. Tenho a sensação de que não consigo respirar. Apesar de ele estar a minha frente, a dor de perdê-lo ainda não passou.

— Vossa Majestade — diz Grima Mog, se dirigindo a mim. — Preciso acorrentar seu pai?

Eu hesito, pensando no momento em que o confrontei com o arreio dourado. *Você já venceu*.

— Sim — responde Cardan. — Pode acorrentar.

Uma carruagem é trazida, as rodas balançando nas pedras. Grima Mog berra ordens. Dois generais colocam algemas nos punhos e tornozelos de Madoc, as correntes pesadas fazendo barulho a cada pequeno movimento. Arqueiros mantêm as flechas apontadas para ele quando o levam.

O exército de Madoc está se rendendo, fazendo juramentos de submissão. Ouço o barulho de asas, os estalos de armaduras e os gritos dos feridos. Barretes vermelhos renovam a pigmentação dos capuzes. Alguns feéricos se banqueteiam com os mortos. A fumaça no ar se mistura com os odores do mar e de sangue e musgo. O resultado de uma batalha, ainda que breve, é adrenalina minguante, curativos e comemoração dos vitoriosos.

A festa já deve ter começado no palácio, e vai durar mais que a batalha.

Dentro da carruagem, Cardan desaba. Fico olhando para ele, o sangue secando em linhas ao longo do corpo, ressequido como pedrinhas nos cachos. Eu me obrigo a olhar pela janela.

— Quanto tempo eu… — Ele hesita.

— Nem três dias — respondo. — Quase tempo nenhum. — Não menciono quanto tempo pareceu.

Também não digo que ele poderia ter ficado na forma de serpente por toda a eternidade, com arreios, limitado. Ou morto.

Ele poderia estar morto.

A carruagem para, e nos avisam para saltar. Servos levaram uma capa enorme de veludo para Cardan, e dessa vez ele aceita e a enrola nos ombros enquanto seguimos pelos gelados salões subterrâneos.

— Talvez você queira tomar um banho — diz Randalin, uma sugestão compreensível.

— Quero ver o trono — fala Cardan.

Ninguém ousa contradizê-lo.

O salão está cheio de mesas tombadas e frutas apodrecendo. Uma fenda corta o chão até o trono rachado com suas flores murchas. Cardan abre as mãos, e a terra se fecha, pedra e rocha borbulhando para selá-la. Ele move os dedos e o trono dividido fica novo, floresce com espinheiros, se abrindo em dois tronos separados onde antes só havia um.

— Gostou? — pergunta ele para mim, o que parece um pouco como perguntar se alguém gostou da coroa de estrelas conjurada do céu.

— Impressionante — respondo, meio engasgada.

Parecendo satisfeito, ele finalmente permite que Randalin nos guie até os aposentos reais, que estão cheios de servos, generais e a maioria do Conselho Vivo. Um banho é preparado para o Grande Rei. Uma garrafa de vinho é levada, junto de um cálice decorado, cravejado de cabochões. Fala canta uma música sobre o rei das cobras, e Cardan parece ao mesmo tempo encantado e horrorizado com tudo.

Sem querer tirar minha armadura na frente de tantos feéricos e grudenta de sangue, saio e vou até meus antigos aposentos.

Mas, ao chegar, encontro Heather. Ela se levanta do sofá, segurando um livro enorme. O cor-de-rosa do cabelo desbotou, mas tudo na mortal parece vibrante.

— Parabéns, se é que não é uma coisa estranha para se dizer. Não sei falar sobre lutas, mas ouvi comentários de que você venceu.

— Nós vencemos — confirmo e sorrio.

Ela puxa um fio duplo de sorvas secas que está em volta do pescoço.

— Vee fez isso para mim. Para a festa. — Heather parece reparar no que estou usando pela primeira vez. — Esse sangue não é seu…

— Não — digo. — Estou bem. Só meio nojenta.

Ela assente lentamente.

— E Cardan — acrescento. — Ele também está bem.

O livro cai de sua mão no sofá.

— Ele não é mais uma cobra enorme?

— Não. Mas acho que eu talvez esteja hiperventilando. É assim que chama, né? Quando a gente respira rápido demais. Fica tonta.

— Ninguém neste lugar sabe nada sobre medicina humana, né? — Ela se aproxima e começa a mexer em minha armadura. — Vamos tirar isso e ver se ajuda.

— Fale comigo — peço. — Me conte outro conto de fadas. Me conte alguma coisa.

— Tudo bem — cede ela, tentando entender como soltar a armadura. — Segui seu conselho e conversei com Vee. Finalmente. Falei para ela que não queria que minha memória fosse apagada e que estava arrependida de ter deixado ela fazer a promessa.

— Ela ficou feliz? — Ajudo Heather com uma das fivelas.

— Tivemos uma briga muito séria. Com gritos — diz ela. — Com muito choro também.

— Ah.

— Lembra o conto de fadas da cobra que tem os pais superprotetores e que se casa com a princesa?

— Superprotetores? — repito. Eu peguei no sono no final e pode ser que tenha perdido essa parte.

— Quando a pele de cobra do garoto é queimada, a princesa tem que reconquistá-lo embarcando em uma missão. Bom, falei pra Vee que ela tem que sair numa missão. Ela precisa me conhecer de novo e fazer as coisas direito dessa vez. Contar a verdade desde o começo. E me convencer a amá-la.

— Droga. — O resto de minha armadura se solta e cai com um estalo no chão. Percebo que a falação me distraiu tanto que minha respiração voltou ao normal. — Isso é puro contos de fadas. Uma *missão*.

Heather estica a mão e segura a minha.

— Se ela conseguir, todas as minhas lembranças voltam. Do contrário, hoje é a última vez que vou ver você.

— Espero que bebam tudo que há na adega, na festa — digo para ela, puxando-a num abraço apertado. — Mais que isso: espero que Vee seja tão boa que consiga reconquistar você.

A porta se abre e Oriana entra. Quando me vê, parece estar em pânico. Na mesma hora, faz uma reverência exagerada, quase encostando a testa no chão.

— Não precisa fazer isso — peço, e ela me olha intensamente. Vejo que tem *muitos* pensamentos sobre meu comportamento como Grande Rainha, e há um momento de pura satisfação por ela não poder me dizer apenas um deles sem romper as próprias regras do que é adequado.

Ela se levanta.

— Espero que você conceda misericórdia a seu pai. Por seu irmão, ainda que não por você.

— Eu já fui misericordiosa — revelo. Então pego a armadura e fujo para o corredor.

Eu não devia ter saído dos aposentos reais. Foi um impulso antigo deixar Cardan governando enquanto eu operava nas sombras. E foi um alívio me

afastar daqueles olhos curiosos. Mas, longe de Cardan, tudo assume um tom de irrealidade, e tenho medo de a maldição nunca ter sido rompida, de que tudo aquilo seja a fantasia de uma mente febril. Refaço rapidamente meus passos pelo corredor, usando só o jaquetão acolchoado e as coberturas das pernas sob a armadura.

Quando volto, não encontro Cardan, nem os dignitários. A água do banho ainda está quente e as velas continuam acesas, mas os aposentos estão vazios.

— Eu a enchi de novo — explica Tatterfell, saindo não sei de onde e me causando um sobressalto. — Entre. Você está imunda.

— Onde está Cardan? — pergunto, começando a tirar o que resta das roupas.

— No salão. Onde mais? É você que está atrasada. Mas, como a heroína da vez, isso é bom. Vou transformá-la em uma visão.

— Parece muito trabalho de sua parte — digo, mas entro obedientemente na banheira, bagunçando as pétalas de prímula na superfície. A água quente é uma delícia nos músculos doloridos. Eu afundo. O problema de passar por uma coisa terrível e grandiosa é que, depois, todos os sentimentos que foram sufocados e afastados voltam. Por longos dias, morri de medo, e agora, quando deveria estar me sentindo ótima, o que quero é me esconder com Cardan debaixo de uma mesa no salão, até conseguir me convencer de que ele está bem.

E talvez dar uns belos amassos se ele estiver a fim.

Volto à superfície e tiro o cabelo dos olhos. Tatterfell me dá um paninho.

— Tire o sangue dos dedos — instrui ela.

Mais uma vez, ela trança meu cabelo como chifres, agora com fios de ouro. Separou uma túnica de veludo bronze para mim. Tatterfell a arremata com um casaco de couro bronze de gola alta e curva, e uma cauda tipo capa que voa à menor brisa. Finalmente, luvas cor de bronze com punhos largos.

Tão bem-vestida, seria difícil eu chegar ao salão sem ser notada, mesmo que as cornetas não fossem tocadas na minha entrada.

— A Grande Rainha de Elfhame, Jude Duarte — anuncia um pajem com voz potente.

Vejo Cardan sentado à cabeceira da mesa principal. Mesmo do outro lado do salão, sinto a intensidade de seu olhar.

Mesas compridas foram montadas para um banquete digno. Cada travessa está carregada de comida: grandes globos de frutas, nozes, pão recheado de tâmaras. Vinho de mel perfuma o ar.

Ouço artistas competindo para acertar a letra das novas composições, muitas em homenagem ao rei-serpente. Mas pelo menos uma é em minha homenagem:

Nossa rainha fechou os olhos e embainhou a espada
E disse: "Achei que a cobra seria mais avantajada."

Um grupo novo de servos vem da cozinha, carregando bandejas lotadas de carne clara, preparada de várias maneiras: grelhada e frita em óleo, assada e cozida. Demoro um momento para reconhecer o que estou vendo. É carne da serpente. Carne cortada do corpo da enorme serpente que foi o Grande Rei e que pode dar a eles uma medida de sua magia. Olho para a comida e sinto a desorientação sufocante de ser mortal. Alguns costumes feéricos jamais deixarão de me horrorizar.

Espero que Cardan não esteja perturbado. Seu comportamento parece alegre, e ele ri enquanto os cortesãos enchem os pratos.

— Sempre achei que eu seria delicioso — ouço-o dizer, embora repare que ele não se serve da carne.

Mais uma vez, me imagino entrando embaixo da mesa e me escondendo, como fazia quando era criança. Como fiz com ele, depois da coroação sangrenta.

Mas vou para a mesa elevada e encontro meu lugar, que é, claro, na cabeceira do lado oposto. Nós nos encaramos por cima da prataria, do tecido e das velas.

Ele se levanta e os feéricos fazem silêncio em todo o salão.

— Amanhã, teremos que lidar com tudo que nos aconteceu — comunica, erguendo bem alto o cálice. — Mas hoje, lembremos nosso triunfo, nossas artimanhas e nosso prazer na companhia uns dos outros.

Nós todos fazemos um brinde a isso.

Há música, aparentemente uma infinidade de canções, e tantos pratos que até uma mortal como eu consegue comer até ficar satisfeita. Vejo Heather e

Vivi contornarem as mesas para dançar. Vejo Barata e Bomba sentados nas sombras dos tronos reformados. Ele está lhe jogando uvas na boca sem errar nem uma vez. Grima Mog discute alguma coisa com Lorde Roiben, seu prato lotado de carne — metade com carne de cobra e a outra, com um tipo que não identifico. Nicasia está sentada em um lugar de honra, não longe da mesa elevada, os súditos ao redor. Vejo Taryn perto dos músicos, contando uma história com gestos grandiosos. Também vejo Fantasma, observando-a.

— Com licença — interrompe alguém, e noto o Ministro das Chaves, Randalin, ao lado de Cardan.

— Conselheiro — diz o Grande Rei, se encostando na mesa; a posição reflete o langor tranquilo de alguém que já bebeu muito. — Você queria um desses bolinhos de mel? Eu podia ter passado pela mesa.

— Tem a questão dos prisioneiros: Madoc, seu exército, o que restou da Corte dos Dentes — explica Randalin. — E muitas outras questões que gostaríamos de discutir com você.

— Amanhã — insiste Cardan. — Ou depois de amanhã. Ou talvez na semana que vem. — Então, ele se levanta, toma um longo gole do que tem na taça, coloca-a na mesa e caminha em minha direção.

— Gostaria de dançar? — pergunta ele, esticando a mão.

— Você talvez lembre que não sou especialmente boa nisso — respondo, me levantando. A última que vez que dançamos foi na noite da coroação do príncipe Dain, pouco antes de tudo dar errado. Ele estava muito, muito bêbado.

Você me odeia mesmo, não é?, perguntou ele.

Quase tanto quanto você me odeia, respondi.

Ele me guia até onde os flautistas estão levando todos a dançar cada vez mais rápido, a rodopiar e girar e saltar. Suas mãos cobrem as minhas.

— Não sei pelo que pedir desculpas primeiro — digo. — Se por cortar sua cabeça ou se por hesitar tanto até o fazer. Eu não queria perder o pouco que restava de você. E não consigo parar de pensar como é impressionante ainda estar vivo.

— Não sei quanto tempo esperei para ouvir essas palavras — fala ele. — Você não me quer morto.

— Se brincar com isso, vou…

— Me matar? — pergunta ele, elevando as sobrancelhas pretas.

Acho que talvez eu o odeie mesmo.

Cardan entrelaça nossas mãos e me puxa para longe dos dançarinos, na direção da câmara secreta que me mostrou antes, atrás da plataforma. Está como lembro, as paredes carregadas de musgo, um sofá baixo sob os cogumelos levemente brilhantes.

— Só sei ser cruel ou rir quando estou transtornado — declara ele, e se senta no sofá.

Solto sua mão e fico em pé. Prometi a mim mesma que faria isso se tivesse a chance de novo. Prometi que faria isso no primeiro momento que pudesse.

— Eu te amo — falo, as palavras saindo numa torrente ininteligível.

Cardan parece surpreso. Ou talvez eu tenha falado tão rápido que ele nem sequer entendeu o que falei.

— Não precisa dizer isso por piedade — afirma, com grande deliberação. — Nem porque fui amaldiçoado. Já pedi que você mentisse para mim, nesta mesma sala, mas imploro que não minta agora.

Minhas bochechas ficam quentes com a lembrança dessas mentiras.

— Eu não me permiti ser fácil de amar — argumenta ele, e ouço o eco das palavras da mãe nas suas.

Quando imaginei contar para ele, achei que falaria as palavras e que seria como arrancar um curativo, doloroso e rápido. Mas não achei que ele fosse duvidar de mim.

— Comecei a gostar de você quando fomos conversar com os governantes das cortes inferiores — confesso. — Você foi *engraçado*, uma coisa bem estranha. E quando fomos a Mansão Hollow, você foi *inteligente*. Eu ficava lembrando que foi você que nos tirou do grande salão depois da coroação de Dain, logo antes de eu encostar aquela faca em seu pescoço.

Ele não tenta interromper, e não tenho alternativa além de seguir em frente.

— Depois que o enganei para que se tornasse Grande Rei — prossigo. — Eu achava que, se me odiasse, eu ia poder voltar a odiar você. Mas não foi o que aconteceu. E me senti tão idiota. Acreditei que ficaria de coração partido. Pensei que fosse uma fraqueza que você usaria contra mim. Mas, então, você me salvou do Reino Submarino, quando teria sido bem mais conveniente me

deixar apodrecendo por lá. Depois disso, comecei a ter esperanças de que meus sentimentos fossem recíprocos. Mas, então, houve o exílio… — Respiro com dificuldade. — Eu escondi muita coisa, acho. Acreditei que, se não fizesse isso, se me permitisse amar você, eu queimaria como um fósforo. Como uma caixa de fósforos inteira.

— Mas agora você explicou — diz ele. — E me ama mesmo.

— Eu te amo — confirmo.

— Porque eu sou *inteligente* e *engraçado* — reitera ele, sorrindo. — Você não mencionou minha beleza.

— Nem o quanto você é delicioso — acrescento. — Apesar de serem duas boas características suas.

Ele me puxa para perto e ficamos os dois deitados no sofá. Olho para os olhos negros e a boca macia. Tiro um pontinho de sangue seco do alto de uma orelha pontuda.

— Como foi? — pergunto. — Ser serpente?

Ele hesita.

— Foi como estar preso no escuro — responde ele. — Eu estava sozinho, e meu instinto era atacar. Acho que não virei totalmente animal, mas também não era eu mesmo. Não conseguia argumentar. Só havia sentimentos: ódio, terror e o desejo de destruir.

Começo a falar, mas ele me impede com um gesto.

— E você. — Ele me olha, os lábios se curvando em algo que não é bem um sorriso; é mais e menos que isso. — Eu reconhecia pouca coisa, mas sempre reconhecia você.

E, quando ele me beija, sinto como se finalmente pudesse respirar de novo.

EPÍLOGO

Minha coroação acontece uma semana depois, e fico perplexa com a quantidade de soberanos das cortes inferiores, assim como de súditos dos reinos, que viajaram para assistir. O interessante é que muitos se dão o grande trabalho de levar mortais como convidados, crianças mortais e artistas humanos e amantes. É surreal ver essa tentativa de obter favor; ao mesmo tempo, é gratificante.

Cardan escolheu três artesãos feéricos para a Corte de Elfhame. Uma é Mãe Marrow. O segundo é um duende com aparência de muito velho, que parece se esconder atrás de uma barba enorme e muito trançada. Fico surpresa ao ver que o terceiro, um ferreiro mortal, se correspondia com meu pai humano. Quando o encontro, Robert de Jersey passa um tempo admirando Cair da Noite e me conta uma história engraçada sobre uma conferência a que os dois compareceram, uma década antes.

Desde que os artesãos chegaram, andam muito ocupados.

A cerimônia começa ao anoitecer e acontece sob as estrelas, na nova ilha de Insear. Braseiros ardem, e o céu está denso de maresia e incenso. O chão embaixo de nós está coberto de mil-flores, que florescem à luz da lua.

Estou usando um vestido verde-floresta, com penas de corvo cobrindo os ombros e mangas, enquanto Cardan usa um gibão decorado com asas brilhantes de besouro. Baphen, em uma de suas compridas túnicas azuis e com muitos ornamentos celestiais na barba, vai conduzir a cerimônia.

Oak veste branco com botões dourados. Taryn dá um beijo em sua testa para lhe proporcionar coragem, pois ele vai ter que colocar as coroas na cabeça de nós dois.

— Há muito tempo, a tradição Greenbriar se mantém na Grande Corte — começa Baphen. — Sangue coroa sangue. E embora a coroa não exista mais e as juras de obediência também não, vamos seguir a tradição mesmo assim. Dessa forma, Grande Rei, aceite sua nova coroa de Oak, seu sangue e seu herdeiro.

Oak não parece feliz de ser chamado de herdeiro, mas pega a coroa na almofada, um aro de dourado intenso, com nove pontos nos formatos de folhas ao redor. Por ser o Grande Rei, Cardan não deve se ajoelhar para ninguém, e Vivienne levanta Oak no colo. Com uma risada, meu irmão coloca uma nova coroa na cabeça de Cardan, para deleite da plateia.

— Povo de Elfhame — continua Baphen, usando as palavras ritualísticas que Cardan nunca ouviu antes, pois nossa última cerimônia foi muito apressada. — Vocês aceitam Cardan da linhagem Greenbriar como seu Grande Rei?

O coro responde:

— Aceitamos.

É minha vez.

— É incomum qualquer Corte ter dois soberanos. Mas você, Jude Duarte, Grande Rainha, nos mostrou como isso pode ser uma força ao invés de fraqueza. Quando a Grande Corte foi ameaçada, você enfrentou nossos inimigos e rompeu o feitiço que poderia ter nos destruído. Adiante-se e aceite sua coroa de Oak, seu irmão e seu herdeiro.

Eu me adianto e paro quando Vivienne pega meu irmão no colo de novo. Ele coloca a coroa em minha cabeça. É gêmea da de Cardan, e fico surpresa com seu peso.

— Povo de Elfhame — clama ele. — Vocês aceitam Jude Duarte como sua Grande Rainha?

Por um momento, no silêncio, acredito que o povo vai renunciar a mim, mas as palavras rituais saem de muitas bocas.

— Aceitamos.

Abro um sorriso irrepreensível para Cardan. Ele sorri para mim com um pouco de surpresa. É possível que eu não sorria assim com muita frequência.

Cardan se vira para a multidão diante de nós.

— Agora temos benesses para distribuir e traições para recompensar. Primeiro, as benesses.

Ele sinaliza para um servo, que traz a espada de Madoc, a que partiu o trono de Elfhame.

— Para Grima Mog, nossa Grande General — diz ele. — Você terá o último trabalho de Grimsen e vai usá-lo pelo tempo que permanecer a nosso serviço.

Ela recebe a espada com uma reverência e a mão sobre o coração.

Ele continua.

— Taryn Duarte, nosso tribunal nunca foi concluído formalmente. Mas o considere concluído agora, a seu favor. A Corte de Elfhame não tem nenhuma desavença com você. Concedemos todas as propriedades e terras de Locke a você e seu filho.

Há murmúrios depois disso. Taryn se adianta e faz uma reverência.

— Por fim — diz ele. — Gostaríamos que nossos três amigos da Corte das Sombras se aproximassem.

Fantasma, Bomba e Barata sobem no tapete de flores brancas. Estão usando capas que os cobrem da cabeça aos pés e até esconderam o rosto com a fina rede preta.

Cardan sinaliza e pajens se aproximam carregando almofadas. Em cada uma, há uma máscara de prata, sem indicar gênero, só um rosto vago de metal, com algo meio diabólico na curva da boca.

— Vocês que vivem nas sombras, quero que fiquem conosco na luz às vezes — diz Cardan. — Para cada um, dou uma máscara. Quando as usarem, ninguém vai poder lembrar sua altura, nem o timbre de sua voz. E, com essa máscara, que ninguém em Elfhame os dispense. Todos os lares estarão abertos a vocês, inclusive o meu.

Eles se curvam e levam a máscara ao rosto. Quando fazem isso, há uma espécie de distorção ao seu redor.

— Você é gentil, meu rei — agradece um. Nem eu, que os conheço, consigo discernir quem está falando. Mas o que nenhuma máscara pode esconder é que, quando fazem sua reverência e se afastam, uma figura mascarada segura a mão enluvada da outra.

Nem que a terceira vira o brilhante rosto metálico na direção de Taryn.

É minha vez de me adiantar. Sinto um frio na barriga de nervosismo. Cardan insistiu que fosse eu a fazer o julgamento dos prisioneiros. *Você ganhou o dia*, argumentou ele, *assim como o direito ao trabalho árduo que o acompanha. Você vai decidir o destino deles.*

A punição que eu achar adequada, de execução a exílio ou maldição, será considerada justa… e mais ainda se for espirituosa.

— Vamos ver os suplicantes agora — comunico. Oak se afasta e se coloca entre Taryn e Oriana.

Dois cavaleiros se adiantam e se ajoelham. Um fala primeiro.

— Recebi a tarefa de suplicar por todos cuja história se assemelha a minha. Já fomos parte do exército de Elfhame, mas fomos por vontade própria com o General Madoc para o norte, quando nosso juramento foi cancelado. Traímos o Grande Rei e… — Aqui, ele hesita. — E tentamos acabar com seu reinado. Nós erramos. Queremos pagar por nosso erro e provar que podemos e seremos leais deste dia em diante.

O segundo fala.

— Recebi a tarefa de suplicar por todos cuja história se assemelha a minha. Já fomos parte do exército de Elfhame e fomos por vontade própria com o General Madoc para o norte, quando nosso juramento foi cancelado. Traímos o Grande Rei e tentamos acabar com seu reinado. Não temos desejo de expiar. Seguimos nosso comandante com fé e, mesmo sabendo que seremos punidos, não teríamos feito outra escolha.

Olho novamente para a plateia, para os cidadãos de Elfhame que lutaram e sangraram, para os que sofreram por vidas perdidas… vidas que talvez tivessem se prolongado por séculos se não tivessem sido interrompidas. Inspiro fundo.

— É terminologia da Grande Corte que os soldados sejam chamados de falcões — declaro, e fico surpresa com a firmeza da minha voz. — Os que não desejam pagar, que virem falcões de verdade. Que voem pelos céus e cacem conforme o coração desejar. Mas não vão recuperar sua forma real até chegar a hora em que não terão feito mal a nenhum ser vivo pelo espaço de um ano inteiro e um dia.

— Mas como vamos comer se não podemos ferir nada? — pergunta o cavaleiro.

— A gentileza dos outros os alimentará — digo, minha voz tão fria quanto consigo deixá-la. — Para os que desejam pagar, aceitamos sua jura de lealdade e amor. Serão novamente parte da Grande Corte. Mas serão marcados pela traição. Que suas mãos fiquem sempre vermelhas, como se manchadas com o sangue que queriam derramar.

Cardan abre um sorriso encorajador. Randalin parece irritado, pois só eu estou me pronunciando. Ele pigarreia, mas não ousa me interromper de fato.

A próxima suplicante é Lady Nore, da Corte dos Dentes. A Rainha Suren vem atrás. A coroa de Suren ainda está costurada à cabeça, e, embora nenhum arreio a prenda, os buracos no pulso ainda são visíveis, a pele em volta ainda vermelha.

Chamo um criado para se aproximar com o arreio, ainda sem uso.

— Nós teríamos seguido você — diz Lady Nore, se apoiando em um joelho. — Fizemos uma oferta, foi você que a rejeitou. Deixe-nos voltar para o norte. Não fomos punidos o suficiente?

— Lorde Jarel tentou me enganar para me controlar. Você sabia? — pergunto, indicando o arreio.

Como ela não pode mentir, não fala nada.

— E você? — pergunto a Suren.

A garota dá uma risada assustadora e selvagem.

— Conheço todos os segredos que eles acham que escondem. — A voz soa fraca e rouca, como se fosse pouco usada.

Há um puxão em minha manga, e fico surpresa ao ver Oak ao meu lado. Ele faz sinal para eu me inclinar e deixar que ele fale em meu ouvido. Randalin franze ainda mais a testa quando faço isso.

— Lembra que você disse que a gente não podia ajudar ela? — pergunta ele. — A gente pode ajudar agora.

Eu me levanto e o encaro.

— Então você quer interceder a favor da Rainha Suren?

— Quero — responde ele.

Eu o envio de volta a Oriana, um pouco mais otimista de que ele um dia queira se sentar no trono do Reino das Fadas.

— Meu irmão me pediu leniência. Rainha Suren, você jura sua lealdade à Coroa?

Ela olha para Lady Nore, como se procurando permissão. Lady Nore assente.

— Sou sua, Grande Rainha — declara a garota. Ela desvia o olhar. — E Grande Rei.

Eu me viro para Lady Nore.

— Eu gostaria de ouvir você fazer uma jura de lealdade para sua rainha.

Lady Nore parece sobressaltada.

— Claro que lhe dou minha lealdade…

Balanço a cabeça.

— Não, quero que você jure para *ela*. Sua rainha. A Rainha da Corte dos Dentes.

— Suren? — O olhar de Lady Nore parece procurar uma saída. Pela primeira vez desde se apresentou, demonstra estar com medo.

— Sim — digo. — Jure para ela. Ela é sua rainha, não é? Você pode fazer seu juramento ou pode usar o arreio dourado.

Lady Nore trinca os dentes e murmura as palavras. Mas consegue falar. A expressão da Rainha Suren fica estranha, remota.

— Ótimo — falo. — A Grande Corte vai ficar com o arreio, e espero que nunca precise ser usado. Rainha Suren, como meu irmão intercedeu por você, eu a deixo seguir sem nenhuma punição além da seguinte: a Corte dos Dentes não mais existirá.

Lady Nore ofega.

Eu continuo.

— Suas terras pertencem à Grande Corte, seus títulos foram abolidos e seus fortes serão tomados. E se você, Nore, tentar desafiar essa ordem, lembre-se de que será Suren, a quem prestou juramento, que vai puni-la da forma que achar adequada. Agora, sigam e fiquem gratas pela intercessão de Oak.

Suren, não mais rainha, sorri de um jeito nada simpático, e percebo que seus dentes foram afiados em pequenas presas. As pontas estão manchadas de um vermelho perturbador. Considero, pela primeira vez, que talvez Suren tivesse sido contida por medo do que ela poderia fazer.

O último penitente a ser apresentado é Madoc. Os punhos e tornozelos estão presos com um metal pesado que, por sua expressão de dor, penso que tenha ferro misturado.

Ele não se ajoelha. Também não suplica. Só olha de um para o outro e depois seu olhar se desvia para Oak e Oriana. Vejo um músculo em seu maxilar se contrair, mas não mais que isso.

Tento falar, mas sinto como se minha garganta tivesse se fechado.

— Você não tem nada a dizer? — pergunta Cardan a ele. — Tinha tanto antes.

Madoc inclina a cabeça em minha direção.

— Eu me rendi no campo de batalha. O que mais existe? A guerra acabou e eu perdi.

— E você aceitaria sua execução de forma tão estoica? — pergunto. Ali perto, ouço Oriana ofegar.

Mas Madoc permanece sério. Resignado.

— Eu criei você para ser inflexível. Só peço uma boa morte. Rápida, pelo amor que tivemos um pelo outro. E saiba que não guardo ressentimentos.

Desde que a batalha terminou, eu sabia que seria convocada para fazer aquele julgamento. Revirei a questão da punição na mente, pensando não só em seu exército e no desafio, não só em nosso duelo na neve, mas no crime antigo, o que sempre existiu entre nós. Devo me vingar de Madoc pelo assassinato dos meus pais? Há uma dívida a ser paga? Madoc entenderia isso, entenderia que o amor não pode vir antes do dever.

Mas me pergunto se o que devo a meus pais é uma visão mais flexível de amor e dever, uma que eles mesmos talvez tivessem adotado.

— Falei certa vez que sou o que você me fez, mas não sou só isso. Você me criou para ser inflexível, mas aprendi a misericórdia. E lhe darei uma coisa parecida com misericórdia se puder provar que a merece.

Seu olhar encontra o meu com surpresa e um pouco de cautela.

— Senhor — diz Randalin, exasperado por eu estar cuidando de todas as decisões finais. — Você deve ter algo a dizer sobre tudo…

— Silêncio — pede Cardan, sua postura diferente, a língua como um chicote. Ele olha para Randalin como se a próxima sentença pudesse ser a do Ministro das Chaves. E assente para mim. — Jude estava chegando agora à parte interessante.

Não afasto o olhar de Madoc.

— Primeiro, vai jurar esquecer o nome que sabe. Vai tirá-lo da mente e nunca mais proferi-lo por lábios ou dedos.

— Não quer ouvir qual é antes? — pergunta ele, um leve sorriso no canto dos lábios.

— Não quero. — Ali não parece o lugar para dizer que já o conheço. — Segundo, você tem que nos dar seu voto de lealdade e obediência. E terceiro, precisa fazer as duas coisas sem saber a sentença de seus crimes, que vou lhe imputar mesmo assim.

Vejo-o lutando com a dignidade. Uma parte quer seguir o exemplo dos soldados que negaram o desejo de expiar os próprios atos. Quer ir para o túmulo com as costas eretas e o maxilar contraído. Mas há um lado de Madoc que não quer ir para o túmulo.

— Quero misericórdia — decide ele por fim. — Ou, como você falou, uma coisa parecida.

Respiro fundo.

— Eu sentencio você a viver o resto de seus dias no mundo mortal e nunca mais botar a mão numa arma.

Ele aperta a boca em um sorriso tenso. E abaixa a cabeça.

— Sim, minha rainha.

— Adeus, pai — sussurro quando ele é levado. Falo baixinho e acho que ele não me ouve.



Depois da coroação, Taryn e eu decidimos acompanhar Vivi e Oak, que estão voltando para o mundo mortal. Agora que a guerra acabou, Oak poderia

voltar ao Reino das Fadas e estudar na escola do palácio, como Taryn e eu fizemos. Mas ele quer viver mais um pouco entre humanos, não só porque passou assim a maior parte do último ano, mas porque Oriana decidiu acompanhar Madoc… e Oak sente falta dos pais.

Vivi ficou entre idas e vindas na última semana, se encontrando com Heather, para quem ela acabou de se reapresentar. Mas agora que está partindo de vez, separa geleia de rosa-mosqueta, jaquetas de seda de aranha e outras coisas que gostaria de levar do Reino das Fadas. Enquanto faz isso, especula sobre todos os aspectos do mundo mortal que vai ter que explicar para nosso pai.

— Tipo os celulares — diz ela. — O caixa automático no mercado. Ah, isso vai ser incrível. Sério, o exílio de Madoc foi o melhor presente que você já me deu.

— Você sabe que ele vai ficar tão entediado que tentará se meter em sua vida — avisa Taryn. — Ou planejar a invasão de um prédio vizinho.

Ao ouvir isso, Vivi para de sorrir.

Mas Oak gargalha.

Taryn e eu ajudamos nossa irmã a arrumar quatro alforjes cheios de lembranças, apesar de ela ter plantado muita erva-de-santiago perto do prédio e de poder voltar para buscar mais coisas quando quiser. Grima Mog dá a Vivi uma lista de itens que quer que sejam enviados para Elfhame, e essa lista é formada basicamente de café instantâneo e molho apimentado.

O que eu não espero é Cardan se oferecer para nos acompanhar.

— Você devia ir, sim — diz Taryn. — A gente pode dar uma festa. Vocês dois se casaram e ninguém fez nada para comemorar.

Fico pasma.

— Ah, nós estamos ótimos. Não precisamos de…

— Está combinado, então — afirma Vivi, para sempre minha irmã mais velha. — Aposto que Cardan nunca experimentou pizza.

Oak parece escandalizado com essa declaração e começa a explicar sobre ingredientes variados, de abacaxi a calabresa e anchova. Ainda nem chegamos ao mundo mortal e já estou tomada de medo. É provável que Cardan odeie, e a única pergunta é se ele vai agir de forma horrível por causa disso.

Antes que eu possa pensar em uma forma de dissuadi-lo, estamos colocando os alforjes nos cavalos de erva-de-santiago. E voamos por cima do mar. Em pouco tempo, descemos num gramado perto do condomínio, mas não tão perto a ponto de os vizinhos de Vivi poderem reconhecê-la.

Desço do cavalo e reparo na grama sem vida e no cheiro da fumaça de escapamento no ar. Olho para Cardan com cautela, com medo de ele estar franzindo o nariz, mas ele só parece curioso, o olhar indo até as janelas iluminadas, e depois na direção do barulho da rodovia próxima.

— Está cedo — diz Vivi. — E a pizzaria é perto, dá para ir a pé. — Ela olha para nós. — Mas a gente devia ir até o apartamento trocar de roupa primeiro.

Acho que entendo o que ela quer dizer. Cardan parece ter saído do palco de um teatro, e, embora possa usar glamour, não tenho tanta certeza de que ele saiba o que deve vestir na ilusão.

Vivi abre a porta do apartamento e vai preparar um café com canela misturada aos grãos. Oak vai até o quarto, pega um videogame e se deita no sofá enquanto separamos as roupas.

A calça justa e as botas de Cardan são passáveis, e ele encontra uma camiseta que um amigo humano deixou no apartamento, bem mais apropriada que o gibão exuberante. Pego um vestido de Vivi que fica largo em minha irmã. Fica bem menos largo em mim.

— Falei para Heather sobre vocês — avisa Vivi. — Vou ligar para ela e ver se pode vir aqui trazer umas coisinhas. Vocês vão poder conhecê-la… *de novo*. E Oak vai mostrar o caminho da pizzaria.

Meu irmãozinho pega minha mão com uma risada e começa a me puxar com Cardan pela escada. Vivi corre atrás de nós para nos dar dinheiro.

— Esse dinheiro é seu. Bryern mandou.

— O que você fez? — pergunta Cardan.

— Venci Grima Mog em um duelo — respondo.

Ele me olha com incredulidade.

— Ele devia pagar em ouro.

Isso me faz sorrir enquanto caminhamos pela calçada. Cardan não parece estar nada incomodado, e vai assobiando uma melodia, observando os humanos por quem passamos de forma meio escancarada. Prendo a respiração,

mas ele não os amaldiçoa com uma cauda tipo a sua, nem os tenta com maçã-eterna, nem faz nada que um perverso rei feérico poderia fazer.

Vamos até a pizzaria, onde Oak pede três pizzas gigantes, com uma variedade bizarra de sabores, que tenho quase certeza de que ninguém nunca deixou que pedisse antes: metade de almôndega e metade de camarão; alho com tomate, queijo de cabra e azeitonas verdes; e cogumelo com bacon.

Quando voltamos para o apartamento com a pilha de caixas de papelão soltando fumaça, Heather e Vivi prenderam uma faixa prateada que diz PARABÉNS AOS RECÉM-CASADOS! com cores fortes. Embaixo, na mesa da cozinha, tem um bolo de sorvete com jujubas em forma de cobra e várias garrafas de vinho.

— É tão bom conhecer você — comento quando vou até Heather lhe dar um abraço. — Já sei que vamos nos dar bem.

— Ela me falou umas coisas doidas sobre vocês — comenta Heather.

Vivi sopra uma língua de sogra.

— Aqui — diz ela, passando coroas de papel para nós dois.

— Isso é ridículo — reclamo, mas coloco a minha.

Cardan olha seu reflexo na porta do micro-ondas e ajeita a coroa para ficar torta.

Eu reviro os olhos, e ele abre um sorriso breve. Meu coração dói um pouco porque estamos juntos e protegidos, o que não era uma coisa que eu tinha entendido desejar. E Cardan parece meio tímido no meio de tanta felicidade, tão desacostumado a ela quanto eu. Dificuldades virão, tenho certeza, mas agora também tenho certeza de que vamos dar um jeito em todas.

Vivi abre as caixas de pizza e uma garrafa de vinho. Oak pega uma fatia da pizza de camarão e começa a comer.

Levanto um copo de plástico.

— À família.

— E ao Reino das Fadas — declara Taryn, levantando o dela.

— E a pizzas — acrescenta Oak.

— E às histórias — diz Heather.

— E a novos começos — completa Vivi.

Cardan sorri, o olhar em mim.

— E a planejar grandes planos.

À família e ao Reino das Fadas e a pizzas e às histórias e a novos começos e a planejar grandes planos. Posso brindar a isso.

AGRADECIMENTOS

Terminar este livro teria sido uma dificuldade imensa sem o apoio, ajuda, crítica e a ousadia temática de Sarah Rees Brennan, Leigh Bardugo, Steve Berman, Cassandra Clare, Maureen Johnson, Joshua Lewis, Kelly Link e Robin Wasserman. Obrigada, minha equipe marota!

Agradeço a todos os leitores que foram me ver nas viagens, que escreveram mensagens, que fizeram trabalhos artísticos sobre O Povo do Ar e/ou se vestiram como os personagens. Cada coisinha dessas foi mais importante para mim do que sou capaz de dizer.

Um agradecimento enorme para todos da Little, Brown Books for Young Readers por apoiarem minhas ideias bizarras. Agradeço especialmente a minha incrível editora, Alvina Ling, e a Ruqayyah Daud, Siena Koncsol, Victoria Stapleton, Bill Grace, Emilie Polster, Natali Cavanagh e Valerie Wong, dentre outros. E, no Reino Unido, agradeço à Hot Key Books, especialmente Jane Harris, Emma Matthewson, Roisin O'Shea e Tina Mories.

Agradeço a Joanna Volpe, Hilary Pecheone, Pouya Shahbazian, Jordan Hill, Abigail Donoghue e todo mundo da New Leaf Literary, por tornarem as coisas difíceis mais fáceis.

Agradeço a Kathleen Jennings pelas ilustrações maravilhosas e evocativas.

E agradeço mais que tudo a meu marido, Theo, por me ajudar a descobrir as histórias que quero contar, e a nosso filho, Sebastian, por me lembrar que às vezes a coisa mais importante a se fazer é brincar.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A rainha do nada

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Holly_Black

Site da autora:
https://blackholly.com/

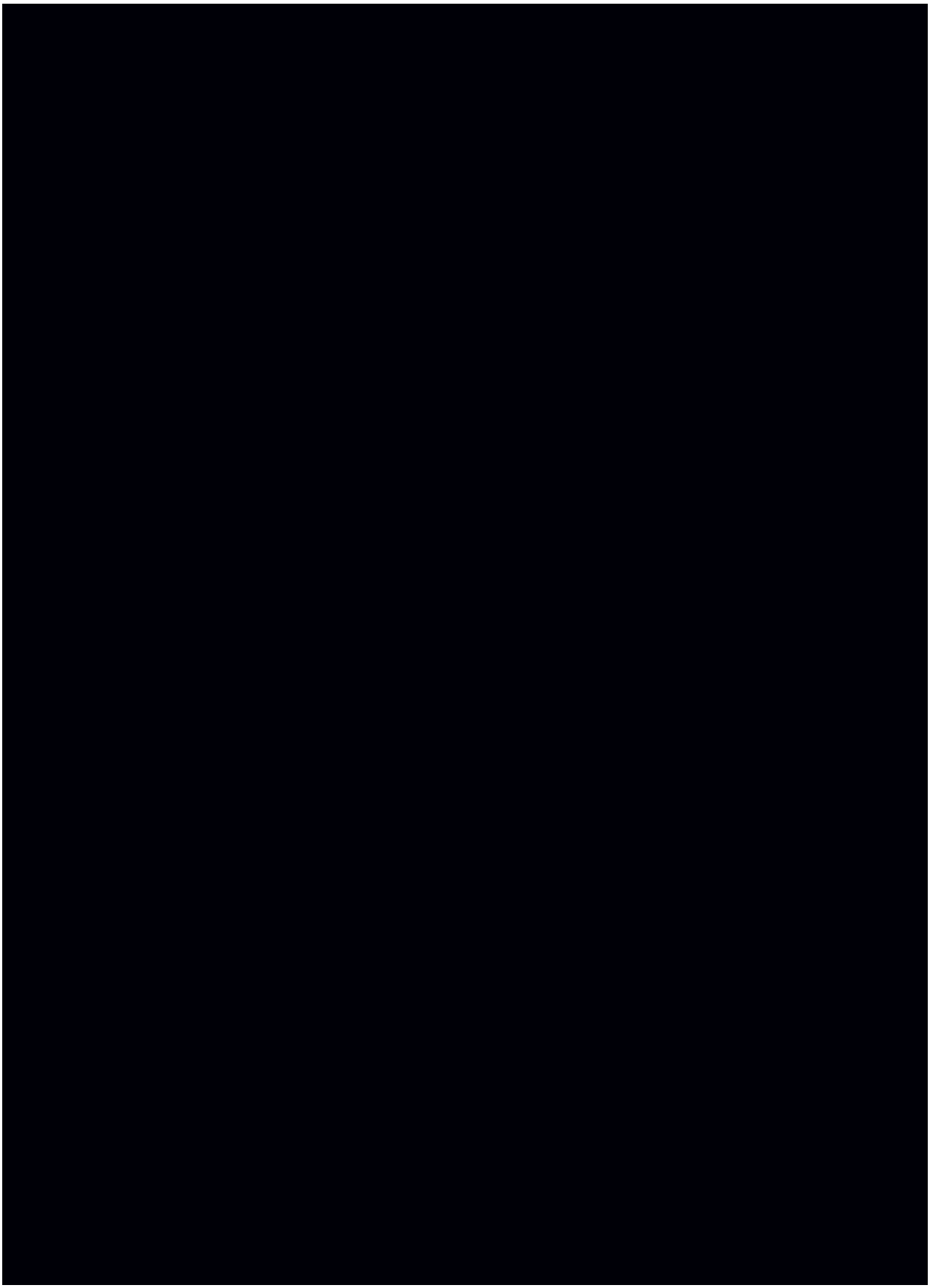
Twitter da autora:
https://twitter.com/hollyblack

Livros da autora:
https://www.record.com.br/autores/holly-black/

Goodreads da autora:
https://www.goodreads.com/author/show/25422.Holly_Black

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/350-holly-black


O
CANTO
MAIS
ESCURO
DA
FLORESTA
AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*
HOLLY BLACK
Galera



<u>Obras da autora publicadas pela Galera Record:</u>

Série Magisterium, com Cassandra Clare

A luva de cobre
A chave de bronze

Zumbis x unicórnios
O canto mais escuro da floresta

O canto mais escuro da floresta

Holly Black

Tradução
Camila Pohlmann
1ª edição

Galera
2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B562c
Black, Holly
O canto mais escuro da floresta [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Camila Pohlmann. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Galera, 2017.
recurso digital
Tradução de: Tha darkest part of the forest
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-01-11073-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pohlmann, Camila. II. Título.
17-41203

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Título original:
The Darkest Part of the Forest

Copyright © 2015 by Holly Black

Publicado mediante acordo com a autora, c/o BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11073-2



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Sarah Rees Brennan, uma grande amiga e inspiração

Venha agora, minha criança, se estivéssemos planejando fazer mal a você, acha que estaríamos aqui à espreita na parte mais escura da floresta?

— Kenneth Patchen

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

CAPÍTULO 1

Ao fim de um caminho na floresta, depois de um riacho e de um tronco oco cheio de tatuzinhos-de-jardim e cupins, havia um caixão de vidro. Deitava-se sobre o chão e dentro dele dormia um menino que tinha chifres na cabeça e orelhas pontiagudas como facas.

Até onde Hazel Evans sabia, a partir do que tinha ouvido os pais contarem e do que os pais deles tinham contado a eles, o menino sempre estivera ali. E não importava o que acontecesse, ele nunca, nunca acordou.

Ele não acordou durante os longos verões em que Hazel e seu irmão, Ben, se esticaram em cima do caixão, espiando pelos vidros transparentes, embaçando-os com seu hálito, enquanto traçavam planos mirabolantes. Ele não acordou com os turistas embasbacados, nem com os caçadores de mitos que foram até lá jurar que ele não era de verdade. Ele não acordou nos fins de semana de outono, quando as meninas dançaram bem em cima dele, rodopiando ao som da música que saía de um iPod; não notou quando Leonie Wallace levantou sua cerveja bem em cima da cabeça dele, como se brindasse a toda a floresta mal-assombrada. Ele sequer se mexeu quando o melhor amigo de Ben, Jack Gordon, escreveu em um dos lados do caixão EM CASO DE EMERGÊNCIA, QUEBRE O VIDRO com um marcador permanente — nem quando Lloyd Lindblad pegou uma marreta e realmente tentou fazer isto. Não importava quantas festas tenham sido feitas em volta do menino de chifres — gerações de festas, tantas que a grama já cintilava por causa das décadas de cacos de vidro verdes e amarelos provenientes de garrafas quebradas; tantas festas que os arbustos já brilhavam em tons de prata e ouro e ferrugem, por

causa das latinhas amassadas —, não importava o que acontecesse nestas festas: nada era capaz de acordar o menino dentro do caixão de vidro.

Quando eram pequenos, Ben e Hazel faziam coroas de flores para ele e contavam-lhe histórias sobre como fariam para resgatá-lo. Naquela época, eles pretendiam salvar todo mundo que precisava ser salvo em Fairfold. Mas quando Hazel ficou mais velha, passou a visitar o caixão quase sempre à noite, em grupo, embora ainda sentisse um aperto no peito ao ver o rosto estranho e belo do menino.

Ela não o salvara e tampouco salvara Fairfold.

— Oi, Hazel — cumprimentou Leonie, dando um passo para o lado e abrindo espaço, caso Hazel quisesse se juntar a ela em cima do caixão do menino de chifres.

Doris Alvaro também já estava em cima do caixão, ainda com o uniforme de líder de torcida usado no jogo que a escola perdera naquela noite. O rabo de cavalo castanho e brilhante chicoteava no céu. As duas estavam vermelhas por causa da bebida e da animação.

Hazel acenou para Leonie, mas não subiu no caixão, mesmo que tivesse ficado tentada. Em vez disto, abriu caminho em meio à multidão de adolescentes.

A Fairfold High era uma escola razoavelmente pequena onde, embora houvesse tribos — mesmo que algumas fossem basicamente de uma pessoa só (Megan Rojas representava toda a comunidade gótica) —, as festas tinham que ser para todos se quisessem contar com público o suficiente. No entanto, só porque se divertiam juntos não significava que eram todos amigos. Até um mês atrás, Hazel fazia parte de uma turma de meninas que desfilava pela escola com olhos fortemente pintados de delineador e brincos brilhantes tão afiados quanto os sorrisos. Ao sugar o sangue pegajoso e lustroso de seus polegares, tinham jurado ser amigas para sempre. Hazel tinha se afastado depois que Molly Lipscomb pediu que ela beijasse seu ex e em seguida desse o fora nele, mas ficou furiosa depois que ela obedeceu.

No fim das contas, os demais amigos de Hazel eram apenas os amigos de Molly. Amigos esses que, mesmo tendo participado do plano, fingiram não ter. Fingiram que havia acontecido algo pelo qual Hazel deveria se arrepender. Queriam que ela admitisse que fizera aquilo para magoar Molly.

Hazel beijava garotos por razões variadas — porque eram bonitinhos, porque estava meio bêbada, porque estava entediada, porque eles deixavam, porque era divertido, porque eles pareciam solitários, porque isso acalmava temporariamente seus medos, porque não sabia quantos beijos ainda lhe restavam. Mas havia beijado somente um garoto que realmente pertencia a outra pessoa e, sob nenhuma circunstância, ela faria aquilo de novo.

Pelo menos ainda tinha a companhia do irmão, mesmo que no momento ele estivesse na cidade, saindo com um cara que tinha conhecido pela internet. E também tinha o melhor amigo de Ben, Jack, por mais que ele a deixasse nervosa. E Leonie.

Eram amigos suficientes. Até demais, considerando-se que Hazel provavelmente desapareceria qualquer dia desses e deixaria todos para trás.

Foi por pensar assim que ela acabou não pedindo carona até a festa daquela noite. Mesmo que isso significasse fazer o trajeto todo a pé, às margens da floresta, passando por fazendas e celeiros de tabaco e depois por dentro da floresta em si.

Era uma daquelas noites de início de outono, a fumaça de lenha se misturando com o cheiro doce e úmido das folhas caídas e fazia tudo parecer possível. Hazel vestia um suéter novo, verde, um par de brincos baratos de plástico, também verde, e, nos pés, suas botas favoritas, marrons. Os cachos ruivos ainda tinham o brilho dourado do verão, e quando ela se olhou no espelho para passar um pouco de protetor labial colorido antes de sair, realmente achou que estava bonita.

Liz tinha ficado encarregada da playlist, transmitida do celular para os alto-falantes do seu antigo Fiat, e escolhia músicas dance tão altas que até as árvores tremiam. Martin Silver jogava sua conversa para Lourdes e Namiya ao mesmo tempo, claramente na esperança de ganhar uns beijos das melhores amigas, o que nunca aconteceria, jamais, em tempo algum. Em um semicírculo de garotas, Molly ria. Stephen, com sua camiseta manchada de tinta, estava sentado dentro da caminhonete, os faróis do teto acesos, bebendo de um cantil o uísque caseiro feito pelo pai do Franklin. Estava ocupado demais curtindo alguma fossa particular para se preocupar com a possibilidade de aquela bebida clandestina deixá-lo cego. Jack estava sentado com o irmão dele (bem, *mais ou menos* irmão), Carter, o quarterback, sobre um tronco próximo ao caixão. Eles

riam, o que fez Hazel querer ir até lá e rir com eles se não estivesse, também, com vontade de levantar e dançar e, ao mesmo tempo, quisesse voltar correndo para casa.

— Hazel! — chamou alguém. Ao se virar, ela viu Robbie Delmonico e o sorriso congelou em seu rosto. — Não tinha visto você ainda. Está linda.

Ele soava como se estivesse chateado com o fato.

— Valeu.

Robbie *tinha* que ter percebido que ela estava evitando a presença dele. Isso fazia com que se sentisse uma péssima pessoa, mas desde que tinham ficado em uma festa, Robbie a seguia por toda parte, como se estivesse magoado, e isso era ainda pior. Ela não tinha dado um fora nele ou coisa do tipo, afinal, Robbie sequer chegou a chamá-la para sair. Ele simplesmente ficava olhando para ela com cara de triste e fazia perguntas estranhas, cheias de segundas intenções, como "o que você vai fazer depois da aula?" E quando ela respondia, "nada, vou ficar de bobeira", ele nunca sugeria nada e sequer dava a entender que gostaria de se juntar a ela para ficar de bobeira também.

Era por beijar garotos como Robbie Delmonico que as pessoas achavam que Hazel beijaria qualquer um.

Mas na época tinha mesmo parecido ser uma boa ideia.

— Valeu — disse ela outra vez, ligeiramente mais alto, balançando a cabeça. Quando começou a virar de costas, ouviu:

— Esse suéter é novo, né? — E depois Robbie deu aquele sorriso triste, como quem diz "eu sei que sou legal por ter reparado" e, ao mesmo tempo, "eu sei que os caras legais ficam em último".

O curioso era que ele não parecia estar especialmente interessado antes de Hazel se atirar em cima dele. Era como se, ao ter encostado os lábios nos dele — e, ok, permitido certas passadas de mão —, ela tivesse se transformado em algum tipo de deusa cruel do amor.

— É novo — respondeu, balançando de novo a cabeça. Perto dele, sentia-se mesmo tão fria quanto ele claramente a julgava. — Bem, a gente se vê.

— Aham — disse ele, deixando a palavra pairar.

E depois, no momento crítico, no momento em que ela deveria simplesmente ir embora, Hazel foi invadida pela culpa e falou a única coisa

que sabia que não deveria falar, a coisa pela qual mais tarde se beliscaria mil vezes durante a noite:

— Quem sabe a gente não se esbarra mais tarde?

Os olhos dele se iluminaram com esperança e, tarde demais, ela se deu conta de como ele tinha interpretado a frase… Como uma promessa. Mas a essa altura, tudo o que podia fazer era voltar correndo para perto de Jack e Carter.

Jack — a paixão de Hazel em seus anos mais jovens e tolos — pareceu surpreso quando ela apareceu, o que era estranho, porque ele raramente se deixava pegar desprevenido. Como a mãe dele dissera um dia, Jack era capaz de ouvir o trovão antes de o relâmpago pensar em cair.

— Hazel, Hazel, menina dos olhos bonitos. Beije-a se quiser ter o coração partido — disse Carter, que sabia como agir feito um idiota.

Carter e Jack eram muito parecidos, como se fossem gêmeos. O mesmo cabelo escuro e cacheado. Os mesmos olhos cor de âmbar. A mesma pele morena, boca sensual e maçãs do rosto bem marcadas que davam inveja em todas as meninas da cidade. Eles não eram gêmeos, no entanto. Jack era um *changeling* — o *changeling* de Carter, deixado para trás quando Carter foi roubado pelas fadas.

Fairfold era um lugar estranho. Adormecido no meio da floresta de Carling, a floresta mal-assombrada, repleto do que o avô de Hazel chamava de Verdes e a mãe de Eles Mesmos ou o Povo do Ar. Nestas matas, não era estranho ver uma lebre negra nadando no riacho — embora lebres não sejam muito de nadar — ou flagrar um veado transformando-se em uma menina correndo num piscar de olhos. Em todos os outonos, uma parte da colheita de maçãs era entregue ao caprichoso e cruel Alderking. Guirlandas de flores eram trançadas para ele a cada primavera. O povo da cidade sabia que era preciso temer o monstro escondido no coração da floresta, que seduzia turistas com seu urro parecido com um choro de mulher. Seus dedos eram feitos de galhos e seu cabelo, de limo. Ele se alimentava de tristeza e semeava a corrupção das almas. Era possível atraí-lo com uma cantiga infantil, do tipo que as meninas cantam umas para as outras quando vão fazer uma festinha do pijama. E havia também um imenso espinheiro branco dentro de um círculo de rochas, onde, na lua nova, se podia fazer um pedido amarrando um pedaço de roupa nos

galhos e então aguardar um dos elementos do Povo aparecer. No ano passado, Jenny Eichmann foi até lá e pediu para ser aceita na universidade de Princeton, prometendo pagar com o que as fadas quisessem. Ela conseguiu o que queria, mas sua mãe sofreu um derrame e morreu no dia em que a carta de aceitação chegou.

Era por isso que, entre pedidos às fadas e o garoto de chifres e as aparições estranhas, embora fosse tão pequena que as crianças do jardim de infância estudassem em um prédio adjacente ao dos mais velhos, tão pequena que era preciso ir três cidades além para comprar uma máquina de lavar ou ir ao shopping, Fairfold ainda assim recebia muitos turistas. Algumas cidades tinham a maior bola de feno ou uma roda de queijo enorme ou uma cadeira capaz de acomodar um gigante. Outras, cachoeiras lindas ou cavernas cintilantes repletas de estalactites ou morcegos que dormiam debaixo de uma ponte. Mas Fairfold tinha o menino no caixão de vidro. Fairfold tinha o Povo.

E para o Povo, os turistas eram simples presas.

Possivelmente foi assim que consideraram os pais de Carter. O pai era de outra cidade, mas a mãe estava longe de ser turista. Bastou uma noite para que ela percebesse que seu bebê havia sido roubado. E ela soube exatamente o que fazer. Mandou o marido sair de casa durante o dia e convidou um grupo de mulheres da vizinhança. Elas assaram pães e cortaram madeira e encheram de sal uma antiga tigela de cerâmica. Quando tudo ficou pronto, a mãe de Carter esquentou um atiçador na lareira.

Primeiro o metal ficou vermelho, mas ela não fez nada. Só quando assumiu um brilho branco, ela pressionou a ponta do atiçador contra o ombro do changeling.

Ele gritou de dor, uma nota tão alta que as duas janelas da cozinha se estilhaçaram.

O cheiro foi como quando se joga grama verde no fogo, e a pele do bebê ficou vermelha, brilhante e começou a borbulhar. A queimadura deixou uma cicatriz, também. Hazel já tinha reparado, quando ela, Jack, Ben e Carter foram nadar no verão passado. Atualmente era uma marca esticada por causa do crescimento, mas continuava ali.

Queimar um changeling invoca sua mãe. Ela chegou à porta da mãe de Carter instantes mais tarde, com um embrulho nos braços. De acordo com as

histórias, a mãe do changeling era magra e alta, tinha um cabelo da cor das folhas do outono, a pele da cor das cascas das árvores e os olhos mudavam o tempo todo, de prata líquida para ouro escuro, para opacos e cinzentos como pedra. Não havia como confundi-la com um ser humano.

— Vocês não podem levar nossas crianças —, foi o que disse a mãe de Carter, ou ao menos é o que conta a história que Hazel ouviu, e ela ouviu a história várias vezes. — Vocês não podem nos assombrar, nem nos fazer mal. É assim que as coisas são por aqui há gerações, e é assim que vão continuar sendo.

A mulher fada pareceu encolher um pouco. Como se respondesse, silenciosamente entregou a criança que trouxera enrolada em cobertores. O bebê dormia tranquilamente, como se estivesse em sua própria cama.

— Fica com ele — ofereceu.

A mãe de Carter o apertou junto ao corpo, absorvendo seu cheiro de leite azedo. Ela contou que esse é o único detalhe que o Povo do Ar não consegue imitar. O outro bebê simplesmente não tinha o cheiro de Carter.

Em seguida, a mulher fada esticou os braços para receber o próprio filho que chorava, mas a vizinha que o segurava nos braços deu um passo para trás. A mãe de Carter bloqueou o caminho.

— Você não pode ficar com ele — falou a mãe de Carter. Ela entregou seu bebê à irmã e pegou punhados de limalha de ferro, frutas vermelhas e sal, uma proteção contra a magia da mulher fada. — Se você estava disposta a trocá-lo, mesmo que por uma hora, você não merece ficar com ele. Vou cuidar dos dois e criá-los como se fossem meus. Esta será sua punição por quebrar o acordo conosco.

Com isto, a elfa falou, a voz soando como vento e chuva e folhas estalando sob os pés.

— Vocês não podem nos julgar. Vocês não têm este poder, nem este direito. Devolva meu filho e eu abençoarei sua casa. Fique com ele e mais tarde virá a se arrepender.

— Que se danem as consequências e que se dane você também — gritou a mãe de Carter, de acordo com todo mundo que já contou esta história. — Saia já daqui!

E então, mesmo que algumas das vizinhas tenham resmungado que a mãe de Carter estava arrumando confusão, foi assim que Jack veio viver com a

família de Carter, tornando-se seu irmão e melhor amigo de Ben. Foi assim que todo mundo se acostumou com Jack e ninguém mais se surpreendia que as orelhas dele terminassem pontudinhas ou que seus olhos ficassem prateados de vez em quando, ou que ele fosse capaz de prever o tempo melhor do que qualquer meteorologista da televisão.

— Acha que Ben está se divertindo mais do que a gente? — perguntou Jack para Hazel, forçando os pensamentos dela para longe do passado dele, da sua cicatriz e do seu rosto bonito.

Se Hazel beijava os garotos com facilidade, por outro lado Ben não tinha facilidade alguma. Ele queria se apaixonar, estava sempre disposto a entregar seu coração. Ele sempre foi desse jeito, mesmo que o preço fosse mais caro do que ela gostaria de imaginar.

Mas a verdade era que ele também não tinha muita sorte na internet.

— Eu acho que o encontro vai ser uma chatice. — Hazel tirou a lata de cerveja da mão de Jack e deu um gole. Tinha um gosto azedo. — A maioria dos caras é um saco, até os mentirosos. Principalmente os mentirosos. Não sei por que Ben insiste.

Carter deu de ombros.

— Sexo?

— Ele gosta do papo dos caras — disse Jack, abrindo um sorriso conspiratório para ela.

Hazel lambeu a espuma que tinha ficado em cima do lábio, sentindo parte do bom humor de antes retornar.

— É, pode ser.

Carter se levantou e ficou observando Megan Rojas, que acabara de chegar e enterrava no chão macio os saltos finos de suas botas com teias de aranha bordadas. Estava com o cabelo recém-pintado de roxo e trazia uma garrafa de licor de canela.

— Vou pegar mais uma cerveja. Querem alguma coisa?

— Hazel roubou a minha — disse Jack, acenando com a cabeça na direção dela. As grossas argolas de prata que ele usava cintilaram ao luar. — Pega mais uma rodada pra gente?

— Tente não partir nenhum coração enquanto eu estiver longe, ok? — disse Carter a Hazel como se estivesse brincando, mas o tom não era

totalmente amistoso.

Hazel se sentou no lugar que Carter tinha deixado vago no tronco e olhou para as meninas dançando, para as pessoas bebendo. Sentiu-se alheia a tudo aquilo, inútil e perdida. Antes havia uma busca, uma pela qual ela estava disposta a abrir mão de tudo; mas a verdade é que algumas buscas simplesmente não se concluem apenas por abrirmos mão de tudo.

— Não liga pro que ele diz — falou Jack, assim que o irmão chegou ao outro lado do caixão, longe o bastante para não escutar. — Você não fez nada de errado com o Rob. Qualquer um que oferece o coração de bandeja merece o que receber.

Hazel pensou em Ben e se perguntou se aquilo seria verdade.

— Eu sempre cometo o mesmo erro — lamentou. — Vou a uma festa e beijo um cara que na escola jamais pensaria em beijar. Caras de quem eu nem gosto de verdade. É como se aqui, na floresta, eles fossem revelar seu outro lado, secreto. Mas no fim eles são sempre os mesmos.

— São só uns beijos. — Ele sorriu para ela, contorcendo um dos cantos da boca; dentro dela, algo se contorceu em resposta. O sorriso de Jack não tinha nada a ver com o de Carter. — É só por diversão. Você não está machucando ninguém. Não é como se você estivesse esfaqueando os garotos pra conseguir isso.

Ela riu com o comentário, surpresa.

— Talvez você devesse falar isso para o Carter.

Ela não explicou que, mais do que desejar que alguma coisa acontecesse, ela desejava não ser a única a ter um verdadeiro eu para revelar.

Jack passou um braço sobre o ombro dela, flertando em tom de brincadeira. Era um gesto amistoso, engraçado.

— Ele é meu irmão, então posso te dizer com toda a certeza que é um idiota. Acho que você tem mais é que se divertir ao máximo com esse povo sem graça de Fairfold.

Hazel sorriu, balançando a cabeça, e depois se virou na direção dele. Jack parou de falar e ela percebeu como seus rostos estavam próximos.

Perto o bastante para sentir o calor do hálito dele na bochecha. Perto o bastante para reparar que os cílios dele tinham um brilho dourado sob a luz refletida e para notar o arco suave que sua boca formava.

O coração de Hazel começou a bater mais forte, como se a menina de dez anos que ela foi um dia estivesse de volta para se vingar. Sentiu-se tão vulnerável e tola quanto naquela época. Hazel detestava aquela sensação. Era ela quem desiludia os caras, não o contrário.

Qualquer um que oferece o coração de bandeja merece o que receber.

Só havia um jeito de esquecer um garoto. Só uma maneira funcionava.

O olhar de Jack estava ligeiramente desfocado, seus lábios, entreabertos. Parecia perfeitamente adequado matar a pouca distância, fechar os olhos e encostar a boca na dele. Carinhosa e delicadamente, Jack retribuiu pelo tempo de uma respiração.

E então se afastou, piscando.

— Hazel, eu não quis dizer que…

— Não — disse ela, ficando de pé, as bochechas pegando fogo. Ele era seu amigo, o melhor amigo do irmão dela. Ele não era qualquer um. Nunca seria ok beijar Jack, mesmo que ele também quisesse, e claramente não era o caso, o que só piorava as coisas. — Claro que não. Desculpa. Desculpa! Acabei de falar que não posso sair por aí beijando todo mundo e olha eu aqui de novo.

Ela se afastou.

— Espera! — Jack também se levantou e tentou segurar o braço de Hazel, mas ela não quis ficar ali, esperando até que ele encontrasse as palavras que facilmente a deixariam mal.

Hazel foi embora e passou por Carter com a cabeça baixa, para não ter de encarar o olhar de "eu avisei" dele. Ela se sentia burra e, pior do que isso, se sentia como se merecesse ser rejeitada. Era bem-feito para ela. Era o tipo de justiça cármica que normalmente não acontecia na vida real, ou ao menos não tão rápido.

Hazel foi direto até Franklin.

— Posso dar um gole nisso? — pediu, apontando para o cantil.

Ele olhou para ela incrédulo, os olhos injetados, mas estendeu o cantil mesmo assim.

— Você não vai gostar.

Ela não gostou mesmo. O uísque desceu queimando pela garganta, mas ela mandou mais dois goles para dentro, torcendo para esquecer tudo o que tinha acontecido desde que chegara à festa. Torcendo para que Jack não contasse a

Ben o que ela tinha feito. Torcendo para que Jack fingisse que nada tinha acontecido. Ela queria poder desfazer tudo, desfiar o tempo como um fio que se puxa de um suéter.

Do outro lado da clareira, iluminado pelos faróis do carro de Stephen, Tom Mullins, linebacker e cabeça quente em geral, subiu no caixão tão de repente que as meninas desceram. Com o rosto vermelho e o cabelo grudado de suor, parecia completamente bêbado.

— Ei — gritou ele, pulando para cima e para baixo como se quisesse quebrar o vidro. — Bom dia, flor do dia! Vamos lá, seu morto de merda, acorda!

— Para com isso — disse Martin, fazendo um gesto para que Tom descesse dali. — Não se lembra do que aconteceu com Lloyd?

Lloyd era o tipo de bad boy que botava fogo nas coisas e levava uma faca para a escola. Na hora da chamada, os professores sempre tinham que fazer um esforço para lembrar se ele estava matando aula ou se tinha sido suspenso. Certa noite, na primavera passada, Lloyd levou uma marreta até o caixão e tentou quebrar o vidro. Não teve sucesso e na primeira vez em que tentou botar fogo em alguma coisa depois disso, ele se queimou. Ainda estava no hospital, na Filadélfia, onde tinham tirado pele da bunda dele para enxertar no rosto.

Algumas pessoas disseram que o menino de chifres tinha feito aquilo com o Lloyd porque não gostava que mexessem em seu caixão. Outros disseram que, seja lá quem tinha amaldiçoado o menino, também tinha amaldiçoado o vidro. Se alguém tentasse quebrá-lo, então atrairia azar para si. Embora Tom Mullins soubesse de tudo isso, ele não parecia se importar.

Hazel sabia como ele se sentia.

— Acorda! — gritou Tom, chutando e pisando e pulando. — Ei, seu preguiçoso, tá na hora de acordaaaaaaar!

Carter agarrou o braço dele.

— Tom, vem comigo. A gente vai virar uns shots. Você não quer perder isso, não é?

Tom pareceu ficar em dúvida.

— Vamos lá — repetiu Carter — A não ser que você já esteja bêbado demais.

— É — disse Martin, tentando soar convincente. — Ou você não aguenta mais beber?

Isto funcionou. Tom desceu cambaleando e se afastou do caixão, afirmando que podia beber mais do que os dois juntos.

— Então… — Franklin disse a Hazel. — Mais uma noite idiota em Fairfold, onde todo mundo ou é maluco, ou é elfo.

Ela deu mais um gole no cantil prateado. Já começava a se acostumar com a queimação no esôfago.

— Bem por aí.

Ele sorriu, os olhos vermelhos parecendo dançar.

— Quer ficar comigo?

Ao que parecia, ele era tão infeliz quanto Hazel. Franklin, que mal tinha falado uma palavra durante os três primeiros anos da escola fundamental e que todo mundo achava que comia bichos atropelados de vez em quando. Franklin, que não agradeceria caso ela perguntasse o que o atormentava, já que provavelmente ele tinha tanto a esquecer quanto ela.

Hazel estava um pouco tonta e não tinha nada a perder.

— Pode ser.

Enquanto se afastavam da caminhonete em direção à mata, ela deu uma olhada para trás, para a festa na clareira. Jack a observava, com uma expressão indecifrável no rosto. Ela deu as costas. Passando embaixo de um carvalho, de mãos dadas com Franklin, Hazel pensou ter visto os galhos se mexerem acima dela, como se fossem dedos. Quando olhou de novo, viu apenas sombras.

CAPÍTULO 2

No verão em que Ben era bebê e Hazel ainda estava na barriga, a mãe deles foi até uma clareira na floresta para pintar ao ar livre. Ela esticou um cobertor sobre a grama e botou Ben sentado ali, besuntado de protetor fator 50 e mastigando um pedaço de torrada, enquanto ela cobria a tela com laranja cádmio e vermelho alizarina. Pintou mais ou menos por uma hora, até notar que uma mulher os observava debaixo da sombra fresca das árvores.

A mulher, mamãe dizia quando contava a história, tinha o cabelo castanho, que estava preso para trás dentro de um lenço, e carregava um cesto cheio de maçãs verdes.

— Você é uma verdadeira artista — disse a mulher, enquanto se abaixava, sorrindo satisfeita.

Foi quando mamãe notou que o vestido largo dela era bordado à mão, muito bonito. Por um instante, mamãe pensou que ela fosse uma dessas mulheres que moram em sítios, essas que vendem produtos feitos em casa com frutos do jardim, criam galinhas e costuram as próprias roupas. Mas quando viu que as orelhas da mulher terminavam em pontas finas e delicadas, se deu conta que ela era do Povo do Ar, ardilosa e ameaçadora. Mas, como acontece tragicamente com muitos artistas, mamãe sentiu mais fascínio do que medo.

Mamãe tinha crescido em Fairfold, ouvindo inúmeras histórias sobre o Povo. Sabia dos *redcaps*, que tinham esse nome porque tingiam os chapéus com sangue humano fresco e que, segundo contavam, viviam em uma caverna antiga em um ponto afastado da cidade. Ela já tinha escutado falar de uma mulher-serpente que era vista às vezes nos limites da floresta, nas noites frias.

Ela sabia do monstro feito de galhos secos, casca de árvore, terra e limo, que transformava o sangue daqueles em quem tocava em seiva.

Também se lembrava da música que cantavam quando eram crianças, pulando corda:

Há um monstro
em nossa floresta
E ela irá te pegar
se você não se comportar
Irá te arrastar por
folhas e galhos
Te castigar por
todos os malhos
Partidos teus ossos
E cortadas tuas asas
Você nunca,
nunca mais voltará para…

Elas cantavam isso alegremente, mas nunca diziam a última palavra. Se dissessem, o monstro poderia ser invocado ou era o que se acreditava. Mas, contanto que interrompessem a canção, o feitiço nunca funcionaria.

No entanto, nem todas as histórias eram terríveis. A generosidade do Povo era tão grande quanto sua crueldade. Havia uma menina entre os amiguinhos do Ben cuja boneca tinha sido roubada por uma *nixie*. Uma semana depois, ao acordar em seu berço, a menina tinha cordões de lindas pérolas de água doce enrolados no pescoço. Era por isso que Fairfold era especial, porque estava muito ligada à magia. Magia perigosa, mas magia mesmo assim.

A comida era mais gostosa em Fairfold, as pessoas diziam, porque era temperada com feitiços. Os sonhos eram mais vívidos. Os artistas, mais inspirados, e seus trabalhos, mais belos. As pessoas se apaixonavam mais profundamente, a música era mais agradável e as ideias vinham com mais frequência do que em outros lugares.

— Posso desenhar você? — perguntou mamãe, tirando um caderno de desenho e alguns lápis de carvão da bolsa. Ela também achava que desenhava

melhor em Fairfold.

A mulher se encolheu.

— Desenhe minhas belas maçãs, é melhor. Daqui a pouco elas irão apodrecer, enquanto eu permanecerei do jeito que sou por todos os longos anos da minha vida.

Mamãe sentiu um arrepio ao ouvir aquelas palavras. A mulher viu a expressão no rosto dela e riu.

— Ah, sim, eu vi a semente antes da árvore. Eu vi o ovo antes da galinha. E verei tudo de novo.

Mamãe respirou fundo e tentou convencê-la:

— Se deixar que eu desenhe você, pode ficar com o quadro depois.

A mulher-elfo considerou a oferta por um longo instante.

— Posso?

Mamãe assentiu e começou a trabalhar assim que a mulher se posicionou. Durante todo o processo, elas falaram sobre suas vidas. A mulher contou que fizera parte de uma corte ao leste, mas que seguira um nobre até o exílio. Falou sobre seu recente amor pela profundeza da floresta, mas também da saudade que tinha da vida pregressa. Mamãe, por sua vez, contou sobre seus temores em relação ao futuro do primeiro filho, que naquele exato momento choramingava em cima do cobertor, agitado e irritado, precisando trocar a fralda. Será que se tornaria completamente diferente dela, uma pessoa sem qualquer interesse por artes, alguém comum e convencional? Meus avós maternos viviam decepcionados por mamãe não ser como eles. E se ela viesse a sentir a mesma coisa em relação a Ben?

Quando mamãe terminou o desenho, a mulher-elfo ficou sem fôlego, tamanha a beleza. Ela se ajoelhou no cobertor ao lado do bebê e pôs o polegar na testa dele. Imediatamente, ele começou a chorar.

Mamãe segurou na mulher.

— O que você fez? — gritou mamãe. Havia uma marca vermelha no supercílio de Ben, no formato da ponta de um dedo.

— Pelo presente que me deu, eu lhe devo uma bênção. — A mulher se levantou, mais alta do que parecia possível. Mamãe permaneceu abraçada a Ben, que chorava em seus braços. — Não posso mudar a essência dele, mas posso dar-lhe o dom da nossa música. Ele irá tocar tão bem que ninguém será

capaz de pensar em mais nada ao escutá-lo. A música dele terá a magia das fadas. Isto pesará sobre ele, que se transformará em artista, independentemente do que mais ele desejar. Toda criança precisa de uma tragédia para se tornar realmente interessante. Este é o meu presente para você: esta criança será atraída pela arte, gostando ou não.

Com isto, a mulher-elfo pegou o desenho e deixou a minha mãe encolhida no cobertor, chorando com Ben ainda em seus braços. Não tinha certeza se o filho tinha recebido uma maldição ou uma bênção.

A verdade é que foram as duas coisas.

Mas Hazel, flutuando no líquido amniótico, não teve nem uma coisa nem outra. A tragédia dela, se é que possuía mesmo alguma, era ser tão normal e comum quanto qualquer outra criança já nascida.

CAPÍTULO 3

Naquela noite, Hazel chegou em casa da festa e encontrou Ben comendo cereal à mesa da cozinha, arrastando a colher pelo leite para pescar os últimos pedacinhos de granola. Passava um pouco da meia-noite, mas os pais ainda estavam acordados, trabalhando. Dava para ver a luz acessa pelas janelas do estúdio que eles dividiam nos fundos da casa. Às vezes, quando estavam inspirados ou tinham um prazo, acabavam dormindo lá mesmo.

Hazel não ligava. Tinha orgulho da maneira como eram diferentes dos outros pais: eles a tinham criado para ser assim. "Gente normal", diziam eles, dando de ombros, "acha que é feliz, mas só porque são burros demais para imaginar qualquer coisa diferente. Melhor ser infeliz e interessante, não é, garota?" Depois, riam. Às vezes, no entanto, quando Hazel ia até o estúdio — no ar o cheiro familiar da terebintina, dos solventes e da tinta fresca —, ela se perguntava como seria ter pais normais, felizes e burros, mas em seguida se sentia culpada por pensar assim.

Ben olhou para ela, com os olhos azuis e as sobrancelhas escuras como as dela. O cabelo ruivo dele estava mais bagunçado que de costume, com os cachos largos totalmente desgrenhados. Havia uma folha de árvore presa neles.

Hazel fez um movimento para tirá-la, sorrindo. Ela estava bêbada o suficiente para ver tudo meio fora de foco, e a boca estava um pouco machucada por causa do jeito que Franklin esfregara os lábios nos dela, detalhes que ela preferia esquecer. Não queria se lembrar de nada daquela noite, nem de Jack nem de como tinha sido idiota nem de nada. Visualizou um caminhão enorme esmagando aquelas memórias, um cadeado trancando a caçamba e esse caminhão afundando no mar.

— Então, como foi com o cara?

Ele soltou um suspiro demorado e empurrou a tigela pela toalha de mesa gasta.

— Horrível, basicamente.

Hazel baixou a cabeça para a mesa e olhou para ele. Daquele ângulo, Ben não parecia real. Como se ela fosse capaz de enxergar através dele apenas estreitando os olhos.

— Por quê? Ele tinha algum gosto estranho? Curtia roupa de borracha? Fantasia de palhaço? Fantasia de palhaço de borracha?

— Não, nada disso. — Ben não riu. O sorriso que deu saiu meio forçado.

— Está tudo bem? — perguntou Hazel, franzindo a testa. — Aconteceu alguma…

— Não, nada disso. — Ben falou rapidamente, afastando as preocupações dela. — A gente foi pra casa dele e o ex estava lá. Tipo, o ex do cara *ainda* mora lá.

Ela tentou conter o espanto. Realmente parecia uma situação péssima.

— Sério? E ele não mencionou isso?

— Ele disse que tinha um ex, ponto. Mas todo mundo tem um ex! Até eu! Quer dizer, você tem, o quê, milhões? — Ele sorriu para ela saber que era brincadeira.

Hazel não estava no clima para aquela piada em particular.

— Não dá pra ter um ex se você não fica sério com alguém — retrucou ela.

— Enfim. A gente chegou lá e o cara estava sentado em frente à televisão com uma cara arrasada. Tipo, ficou óbvio que ele não estava encarando a minha presença ali numa boa e muito claro que não estava preparado para a situação. Enquanto isso, o outro ficou falando sobre como o ex era legal e como ele até podia dormir no sofá para ficarmos mais à vontade no quarto. E foi assim que eu descobri que só tinha um quarto no apartamento. Percebi imediatamente que eu precisava ir embora dali. Mas como? Fiquei com a impressão de que qualquer coisa que eu falasse soaria como grosseira. A construção social da realidade, o contrato social, *sei lá*. Só sei que eu simplesmente não consegui.

Hazel bufou, mas Ben ignorou o gesto.

— Então eu disse que precisava ir ao banheiro e fiquei lá dentro tentando me controlar. Então respirei fundo, saí do banheiro e fui andando direto até sair do apartamento e descer as escadas do prédio. Quando cheguei na calçada é que me dei conta.

Ela riu, imaginando aquele movimento nada sutil.

— Ah, porque sair à francesa não é nada grosseiro.

Ben balançou a cabeça, solene.

— É menos constrangedor.

Isso fez com que ela risse ainda mais.

— Você já olhou sua caixa de entrada? Porque, tipo, com certeza ele vai te mandar uma mensagem perguntando aonde você foi. Isso não vai ser constrangedor?

— Eu nunca mais vou abrir minha caixa de entrada —respondeu Ben, sentido.

— Isso aí — disse Hazel. — Os caras da internet mentem.

— Todos os caras mentem — disse Ben. — E todas as meninas também. Eu minto. Você mente. E não finja que não.

Hazel não falou nada porque ele estava certo. Mentia. Ela mentia muito, especialmente para ele.

— E você? E como estava nosso príncipe hoje? — perguntou ele.

Ao longo dos anos, Hazel e Ben tinham inventado várias histórias sobre o garoto de chifres. Usando as canetas hidrográficas do pai, os carvões da mãe e, na infância, os próprios lápis de cera, tinham feito inúmeros desenhos daquele rosto bonito e dos chifres curvados. Se Hazel fechasse os olhos, podia ver a imagem dele: o gibão azul-escuro com fios de ouro, fênices, grifos e dragões bordados; as mãos pálidas sobrepostas, enfeitadas com anéis brilhantes; as unhas estranhamente longas e levemente pontudas; as botas de couro branco até a canela e um rosto tão belo, com traços tão perfeitos, que olhar para ele por muito tempo tornava qualquer outra coisa completamente sem graça.

Ele devia ser um príncipe. Era o que Ben tinha decidido na primeira vez que o viram. Um príncipe, como os dos contos de fadas, refém de uma maldição que poderia ser quebrada pelo amor verdadeiro. E, naquele tempo, Hazel tinha certeza de que seria ela quem o acordaria.

— Nosso príncipe estava na mesma — respondeu ela, sem querer falar muito sobre a noite, mas evitando chamar atenção. — Todo mundo estava na mesma. *Tudo* estava na mesma.

Ela sabia que Ben não tinha culpa pela frustração que sentia com a vida. Já fizera suas escolhas e não fazia sentido se arrepender. Muito menos culpar o irmão por elas.

Um pouco depois, o pai veio cambaleando do estúdio para preparar um chá e mandou os dois para a cama. Estava com o prazo apertado para terminar as ilustrações que precisava entregar na cidade na segunda-feira. Provavelmente ficaria acordado a noite toda, o que significava que ele notaria se Hazel e Ben também ficassem.

A mãe provavelmente ficaria acordada com ele. Os dois começaram a namorar na escola de belas-artes na Filadélfia, unidos pelo amor pelos livros infantis, o que levou Ben e Hazel a serem batizados, muito para humilhação deles, com os nomes de dois coelhos famosos. Logo depois da formatura os dois se mudaram de volta para Fairfold, sem dinheiro, grávidos e dispostos a se casar para que a família dele os deixasse viver de graça na fazenda da tia-avó. Papai transformou o celeiro em estúdio e passou a usar sua metade do espaço para ilustrar livros infantis, enquanto mamãe usava a dela para pintar paisagens da floresta de Carling, que ela vendia na cidade, principalmente para turistas.

Na primavera e no verão, Fairfold ficava lotada de turistas. Gente comendo panquecas com calda no Railway Diner, na Curious Curios comprando camisetas e pesos de papel de resina com trevos dentro, lendo a sorte no Mystical Moon Tarot, tirando selfies no caixão de vidro do príncipe, comprando sanduíches da Lanchonete da Annie para piqueniques improvisados perto do lago Wight, ou passeando de mãos dadas pelas ruas como se Fairfold fosse o lugar mais pitoresco e excêntrico que já tivessem visitado.

Todos os anos, alguns desses turistas desapareciam.

Alguns eram arrastados para dentro do lago Wight por *bruxas d'água*, os corpos rompendo a densa camada de algas, espalhando as lentilhas d'água. Ao crepúsculo, muitos outros eram atropelados por gente do Povo Brilhante montada em cavalos com sinos pendurados nas crinas. Outros amanheciam pendurados de cabeça para baixo nas árvores, mastigados, o sangue escorrendo.

Ou eram encontrados sentados em bancos do parque, com os rostos congelados em expressões tão terríveis que pareciam ter morrido de medo. Alguns simplesmente sumiam.

Não muitos. Um ou dois a cada temporada, mas o suficiente para que alguém de fora de Fairfold tivesse notado. O suficiente para que já tivessem colocado avisos, alertas para viajantes, alguma coisa. O bastante para que os turistas já tivessem parado de vir. Mas não.

Há uma geração o Povo era mais circunspecto. Mais inclinado a pregar peças, coisas como um vento repentino levando uma turista desavisada pelos ares até pousar a quilômetros de distância. Alguns turistas poderiam chegar cambaleando no hotel depois de uma noitada e descobrirem que seis meses tinham passado. De vez em quando, um — ou uma — deles acordava com o cabelo cheio de nós. Coisas que tinham certeza de ter colocado nos bolsos desapareciam e outras, esquisitas, estavam no lugar. A manteiga era comida direto do prato, lambida por línguas invisíveis. Notas de dinheiro viravam folhas. Cadarços não se deixavam desamarrar e sombras pareciam meio cansadas, como se tivessem dado uma fugidinha para farrear.

Naquela época era muito raro alguém morrer por causa do Povo.

Turistas, dizia a gente local em certo tom de escárnio. Ainda dizem. Porque todo mundo acreditava (todo mundo tinha que acreditar) que os turistas faziam coisas tolas que acabavam por matá-los. E se alguém de Fairfold, muito de vez em quando, desaparecesse, bem… Provavelmente essa pessoa deve ter agido como turista também. Devia ter tomado mais cuidado. Em Fairfold, todo mundo lidava com o Povo como se eles fossem um desastre natural inevitável, como uma tempestade de granizo ou uma enxurrada que arrasta você rio abaixo.

Era um estranho caso de dupla consciência.

Era preciso respeitar o Povo, e não ter medo deles. Os turistas tinham medo.

Era preciso manter distância do Povo e andar protegido. Os turistas não tinham medo o suficiente.

Quando Hazel e Ben foram morar por um tempo na Filadélfia, ninguém acreditava nas histórias deles. Tinham sido dois anos bizarros. Precisaram aprender a disfarçar as esquisitices. Voltar de lá tinha sido difícil também,

porque a essa altura eles já sabiam o quanto Fairfold era estranha se comparada a outros lugares. E porque, na época em que voltaram, Ben decidira desistir completamente da própria magia — e da música também.

O que significava que ele não poderia nunca, jamais saber o preço que Hazel pagara para que pudessem ir. Afinal, ela não era turista. Ela deveria ter sido mais esperta. Mas às vezes, em noites como a que acabara de ter, ela queria poder contar a *alguém*. Ela queria não ter que viver tão sozinha.

Naquela noite, depois que ela e Ben subiram para deitar, depois de tirar a roupa e vestir o pijama, depois de escovar os dentes e de checar que os pedacinhos de aveia salgada ainda estavam espalhados debaixo do travesseiro para protegê-la dos truques das fadas, Hazel não tinha mais nada com o que se distrair, a não ser lembrar do momento em que sua boca tocou a de Jack. Mas à medida que deslizava para dentro dos sonhos, não era mais Jack que ela beijava, e sim o garoto de chifres. Os olhos dele estavam abertos. E quando ela o puxou para perto, ele não a impediu.

~

Hazel acordou se sentindo esquisita, inquieta e melancólica. Achou que fosse por causa da bebida da noite anterior e tomou uma aspirina, sugando as últimas gotas de uma caixa de suco de laranja. A mãe tinha deixado um bilhete pedindo para comprar pão e leite, junto com uma nota de dez dólares. Estavam presos por um pregador de roupas no pote de cerâmica que ficava em cima da mesa da cozinha, onde colocavam todos os trecos da casa.

Com um grunhido, Hazel subiu de volta para vestir uma legging e uma camisa preta bem larga. Enfiou as argolas verdes nas orelhas novamente.

A música estava ligada no quarto do Ben. Mesmo não tocando mais, ele vivia com uma trilha sonora contínua rolando ao fundo, mesmo enquanto dormia. Se estivesse acordado, no entanto, Hazel poderia tentar convencê-lo a ir comprar o leite e o pão, e assim ela poderia voltar para a cama.

Hazel bateu na porta de Ben.

— Entre por sua conta e risco — gritou ele.

Ao abrir a porta, Hazel viu Bem com o celular colado na orelha, pulando para entrar em uma calça skinny mostarda.

— Ei — disse ela. — Será que você…

Ele acenou para ela parar de falar e falou com a pessoa do outro lado da linha:

— Aham, ela já acordou. Está bem aqui na minha frente. Claro, a gente te encontra daqui a quinze minutos.

Hazel resmungou.

— Aonde você está combinando de ir?

Ele deu um sorriso alegre para ela e se despediu, encerrando a ligação. Hazel tinha quase certeza que a pessoa do outro lado da linha era Jack.

Ben e Jack eram amigos há anos, uma amizade que tinha resistido à época em que Ben saiu do armário e desenvolveu uma obsessão pelo único outro garoto assumido da escola (o que terminou em uma grande briga em público, no luau de boas-vindas dos calouros, na floresta). Que tinha resistido à depressão de Jack depois de levar um pé da bunda de Amanda Watkins (que disse só estar com ele porque queria ficar com Carter e que sair com Jack era como ficar com a sombra do outro). Mesmo que os dois gostassem de estilos de música diferentes, livros diferentes e de sentar no almoço com pessoas diferentes, ainda assim eram amigos.

Com certeza, uma coisinha pequena como ela ter beijado Jack não causaria o menor problema. Mas isso não a deixava ansiosa pelo momento em que Ben descobrisse o que havia feito. Tampouco estava animada para passar a tarde toda com Jack olhando esquisito para ela, como se ela fosse agarrá-lo a qualquer momento.

Mas, apesar disso, estava animada para vê-lo de novo. Quase não conseguia acreditar que eles tinham se beijado, mesmo que só por um instante. A lembrança a enchia de uma felicidade constrangedora. A sensação era de ter cometido um ato de verdadeira ousadia, o primeiro em muito tempo. Foi um erro terrível, é claro. Ela podia ter estragado as coisas, mas esperava que não. Não poderia fazer aquilo nunca mais. Ao menos não imaginava como seria possível repetir tal feito.

Hazel não tinha certeza de quando surgira seu interesse por Jack. Tinha começado devagar: a percepção exagerada da presença dele, a alegria quando recebia atenção, acompanhada por um falatório constante de nervosismo sempre que ele estava por perto. Mas Hazel se lembrava do momento em que o interesse se tornara mais intenso. Certo dia ela passou na casa dos Gordon

para falar com Ben que ele precisava ir para casa, porque tinha de dar aula de música a um dos amigos duros do pai deles. Ao chegar lá, encontrou o grupo completo de garotos na cozinha, fazendo sanduíches e falando besteira. Jack preparou para ela um de salada de frango, com rodelas de tomate cuidadosamente cortadas. Quando ele deu as costas para pegar uns pretzels de acompanhamento, Hazel roubou o chiclete parcialmente mastigado que ele tinha colado num prato e enfiou na boca. Tinha gosto de morango e cuspe e ela sentira o mesmo choque de felicidade agonizante que sentiu com o beijo.

O chiclete ainda estava grudado na cabeceira da cama, um talismã do qual ela não conseguia se desfazer.

— A gente vai ao Lucky's — disse Ben, como se devesse informá-la sobre o lugar ao qual ela não havia concordado em ir. — Vamos tomar um café. Ouvir um som. Ver se chegou alguma coisa nova. Vamos, o Sr. Schröder deve estar com saudades suas. Além disso, como você mesma gosta de dizer, o que mais há para fazer nessa cidade aos domingos?

Hazel suspirou. Ela deveria dizer que não, mas, em vez disso, parecia estar correndo atrás de problema, fazendo todo o possível para que nenhum garoto ficasse sem ser beijado, nenhuma paquera fosse deixada de lado, nenhuma péssima ideia abandonada.

— Acho que um café ia cair bem — disse ela, enquanto o irmão vestia uma jaqueta vermelha, aparentemente combinando as cores da roupa com as do amanhecer.

~

O Lucky's ficava num grande armazém reformado no lado mais sem graça da Main Street, ao lado do banco, do dentista e de uma loja de relógios. O lugar tinha cheiro de livros velhos, naftalina e café recém-moído. Prateleiras descombinadas cobriam as paredes e delimitavam os corredores até o meio do local. Havia estantes de carvalho trabalhado e feitas de pallet; todas tinham sido compradas barato em vendas de garagem pelo Sr. Schröder e pela esposa dele, os velhinhos que eram donos do lugar. Duas poltronas gordas e um toca-discos ficavam ao lado das grandes janelas com vista para o riacho. Os clientes podiam pôr para tocar qualquer um dos vinis antigos à venda. Duas garrafas térmicas grandes serviam café orgânico de produção sustentável. As canecas

ficavam sobre uma mesa pintada, ao lado de um pote lascado onde se lia: PEGUE E PAGUE. 50 CENTAVOS A CANECA.No outro lado ficavam araras e mais araras de roupas de segunda mão, sapatos, bolsas e outros acessórios. Hazel tinha trabalhado ali no verão e grande parte do tempo fora dedicado a organizar o que pareciam mais de cem sacos de lixo que estavam nos fundos da loja. Foi preciso separar o que poderia ir para as prateleiras do que estava rasgado ou manchado ou cheirava mal. Hazel encontrara um monte de coisa boa, fuçando naqueles sacos. O Lucky's era mais careiro do que os brechós de caridade, onde os pais gostavam que ela comprasse, uma vez que adquirir coisas novas era coisa de burgueses, mas ali era mais legal e Hazel tinha desconto.

Jack, cuja família era definitivamente burguesa aos olhos dos pais de Hazel, e que comprava roupas novas no shopping, vinha ao Lucky's atrás das pilhas de biografias de famosos obscuros, que ele lia com a frequência com que fumantes fumam cigarros.

Ben vinha por causa dos discos antigos, que ele amava mesmo que pulassem e chiassem e estragassem com o tempo. Ele dizia que os sulcos refletiam as formas originais das ondas de som. Alegava que essa característica proporcionava um som mais verdadeiro, mais rico. Hazel acreditava que o que ele gostava realmente era do ritual: tirar o vinil da capa, pôr no toca-discos, baixar a agulha exatamente no lugar certo e depois fechar as mãos em punhos para não dedilhar as notas em cima das coxas.

Bem, talvez ele não amasse essa última parte, mas sempre cumpria o ritual. Todas as vezes.

O dia estava claro e frio, e o vento batendo em seus rostos durante o percurso tinha os deixado com as bochechas rosadas. Quando Hazel e Ben entraram na loja, uma dúzia de corvos voou de um abeto, grasnando ao subirem pelo céu.

O sino na porta tocou e o Sr. Schröder levantou os olhos, acordando de um cochilo. Ele piscou para Hazel, e ela piscou de volta. Ele sorriu e escorregou de novo para o fundo da poltrona.

Do outro lado do armazém, Jack colocava um disco do Nick Drake para tocar. A voz profunda e melódica preencheu a loja, sussurrando sobre corvos dourados e silêncio. Hazel tentou observar Jack sem que ele percebesse, para sentir o clima. Ele estava do jeito amarrotado de sempre, de jeans, sapatos

oxford bicolores e uma camisa verde amassada que parecia destacar o brilho prateado dos olhos dele. Quando viu Hazel e Ben, ele sorriu. Hazel estava imaginando coisas, ou o sorriso tinha sido um pouco forçado? Ele não chegara a sorrir com os olhos. De qualquer jeito, não importava, porque o olhar de Jack passou direto por ela e foi até Ben.

— E então, que história é essa de sumir da casa do cara que nem o Bruce Wayne depois de ver o bat-sinal?

Ben riu.

— Não foi nada disso!

Onde ela estava com a cabeça quando deu um beijo nele? Só porque tinha sido a fim dele quando eram crianças? Só porque deu vontade na hora?

— É. — Ela se forçou a falar. — O Batman nunca teria amarelado.

Ben fez questão de contar novamente a história do encontro desastroso. Eles contaram as moedas para o café, enquanto a versão de Ben ficava mais exagerada e dramática. O ex estava ainda mais apaixonado pelo cara e, claro, ainda mais furioso com Ben. Ben tinha sido ainda mais incompetente, de um jeito cômico, na hora de fugir. No final, Hazel não fazia mais a menor ideia do que era verdade na história, mas não se importava. Isso só mostrava como Ben era envolvente ao contar histórias. Muitas das histórias que ela mais gostava sobre o garoto de chifres tinham sido inventadas por ele.

— Mas, e vocês? — perguntou Ben, finalmente. — Hazel disse que ontem não aconteceu nada nem remotamente interessante.

Jack parou de rir.

— Ah — exclamou, depois de uma pausa que durou dois segundos além do normal. Os olhos dele tinham uma luz estranha e amarelada. — Ela não te contou?

Hazel ficou congelada.

Ben encarava os dois, curioso, as sobrancelhas franzidas.

— Não. O que foi?

— Tom Mullins encheu a cara, subiu no caixão e tentou quebrar o vidro. Com certeza o coitado está amaldiçoado. — O sorriso de Jack saiu um tanto sombrio. Ele passou a mão pelos cachos castanhos do cabelo.

Hazel finalmente soltou o ar, um pouco tonta. Ben balançou a cabeça.

— O que leva as pessoas a fazerem isso? Sempre que alguém mexe com o caixão, coisas ruins acontecem. Tommy não está nem aí para o príncipe, então qual é a tentação? — Ele parecia genuinamente frustrado. Ben e Tom Mullins já tinham sido amigos, antes de Ben se mudar e Tom virar um bêbado.

— Talvez estivesse cansado das mesmas festas, com a mesma galera de sempre — arriscou Jack, olhando para Hazel por cima de uma mesa coberta de pilhas de livros, cintos e lenços. — Talvez quisesse ver alguma coisa *acontecer*.

Ela estremeceu.

— Ok, chega de esquisitice — cortou Ben, se esticando na cadeira para pegar a caneca. Seus cachos vermelhos pareciam dourados com a luz que entrava por entre as persianas sujas. — O que vocês dois têm, gente? Ficam olhando um pro outro que nem uns malucos.

— O quê? Não — falou Jack, calmamente. — Não tem nada.

Hazel balançou a cabeça e foi encher de novo a caneca de café.

— Ei — comentou ela, louca para mudar de assunto. — Será que aquilo ali que estou vendo é mesmo um top de paetês?

Era mesmo e logo ao lado havia um vestido de festa enorme, cheio de saias de tule, verde-água como uma cauda de sereia. Hazel saiu dançando com ele pela loja. Ao lado dele havia um terno espinha de peixe que podia ter sido usado numa das primeiras temporadas de *Mad Men*. Jack botou para tocar um vinil do Bad Brains, Ben experimentou o terno, alguns turistas entraram para comprar postais e tudo começou a ficar com aquela cara de uma tarde normal de domingo.

Ben pôs as mãos nos bolsos da jaqueta na qual desfilava pela loja, desafiando-os a dizer que tinha ficado um pouquinho apertada. Hazel então pegou a jaqueta vermelha dele e a pôs dobrada sobre o braço. Alguma coisa caiu de um dos bolsos, quicou uma vez no chão e rolou até os pés de Jack. Era uma noz com um fio fino de grama amarrado em volta, formando um laço.

— Olha isso — comentou Jack, franzindo a testa ao observar a descoberta dela. — O que você acha que é?

— Isso estava no meu casaco? — perguntou Ben.

Hazel assentiu.

— Bem, vamos abrir. — Jack deslizou da mesa, um chapéu-coco meio torto na cabeça. Ele tinha uma expressão corporal descontraída, relaxada, e isso

fazia Hazel ter o exato tipo de pensamento que a trouxera problemas.

A grama se desamarrou com facilidade e as duas metades da noz se separaram. Dentro havia um pedacinho de papel enrolado feito um pergaminho.

— Deixa eu ver — falou Hazel, se esticando para pegá-lo. Ao desenrolar o pergaminho, um arrepio percorreu sua espinha quando leu as palavras em caligrafia trabalhada: *Sete anos para pagar o que está a dever. Tarde demais para se arrepender*.

Os três ficaram em silêncio por um longo momento, enquanto Hazel se concentrava para não deixar o papel cair.

— Isso não faz sentido — falou Jack.

— Provavelmente isso é um suvenir antigo que um turista comprou na cidade. — A voz de Ben estava um pouco hesitante. — Noz da sorte falsa, qualquer porcaria dessas.

Havia uma loja perto do final da Main Street, chamada Cunning Woman, que vendia suvenires aos caçadores de fadas. Incensos, saquinhos de sal misturados com frutas silvestres para proteção, mapas dos lugares "sagrados" das fadas pela cidade, cristais, cartas de tarô pintadas à mão e móbiles furta-cor para janelas. Mensagens em código dentro de nozes era o tipo de coisa que eles poderiam ter.

— Mas que tipo de sorte é essa? — perguntou Jack.

— É — concordou Hazel, fazendo um esforço para não demonstrar que seu coração estava aos pulos, tentando se comportar como se não soubesse para quem era aquela mensagem, fingindo que estava tudo normal.

— É. — Rindo, Ben pôs a casca de noz e a mensagem de volta no bolso. — Mas é meio assustadora.

Depois disso, Hazel não conseguiu mais se divertir, só fingir. Ela observou Ben e Jack, memorizando-os. Memorizando as pessoas e o lugar, o cheiro dos livros antigos e os sons das coisas normais.

Ben comprou uma gravata-borboleta de bolinhas e depois os três foram andando até a mercearia, onde Hazel comprou o leite e o pão que a mãe pedira. Jack estava indo jantar com os pais, porque aos domingos era noite dos jogos de tabuleiro. Era uma tradição de família e mesmo que Jack e Carter achassem aquilo uma bobagem, nenhum dos dois podia faltar. Hazel e Ben

também foram para casa. Em frente à porta, Hazel se agachou para derramar um pouco de leite na tigela de cerâmica que a mãe deixava junto à calçada de pedra. Todo mundo em Fairfold deixava comida do lado de fora para as fadas. Para demonstrar respeito, para ser digno de suas graças.

Mas o leite saiu da caixa em pelotas. Já tinha azedado.

CAPÍTULO 4

Naquela noite, Hazel ficou se revirando na cama, chutando os lençóis, tentando não se preocupar com as promessas feitas e as dívidas que teria que pagar. Ela as imaginou bem longe, presas em centenas de cofres incrustados de cracas, milhares de arcas enterradas, com correntes apertadas em volta de cada uma delas.

De manhã, sentiu os membros pesados. Quando rolou para adiar o alarme do celular, sentiu as pontas dos dedos doerem. As palmas das mãos estavam vermelhas e arranhadas. Havia um caquinho de vidro do tamanho de um alfinete espetado na carne do polegar e outros cacos brilhantes menores ainda espalhados pelos dedos dela. O coração de Hazel começou a bater mais forte.

Franzindo a testa, ela chutou as cobertas e viu que os pés estavam cobertos de lama. Pedaços de terra caíram dos dedos quando ela ficou de pé. A perna tinha respingos de sujeira até os joelhos. A bainha da camisola estava dura e imunda. Quando ela esticou o lençol de novo, viu que a roupa de cama parecia um ninho, com grama e gravetos por toda parte. Tentou se lembrar da noite anterior, mas só vinham sonhos vagos. Quanto mais se concentrava neles, mais eles recuavam.

O que tinha acontecido? O que tinha feito? Por que não conseguia se lembrar de nada?

Hazel se obrigou a entrar no chuveiro, abrindo a torneira na temperatura mais quente que foi capaz de suportar. Debaixo d'água, conseguiu tirar os cacos de vidro da mão, filetes de sangue escorriam pelo ralo. Ela conseguiu limpar a lama e parar de tremer. Mas não estava ainda nem perto de ter respostas.

O que tinha feito?

Seus músculos doíam, como se estivessem distendidos, mas nem isso, nem a sujeira e nem os cacos de vidro faziam qualquer sentido. Por mais que tentasse dizer a si mesma que já sabia que isso um dia aconteceria, que o mais difícil ainda estava por vir e que ela precisava ficar contente por saber que tudo chegaria ao fim, ainda assim sua respiração estava acelerada

Cinco anos antes, quando Hazel tinha quase onze anos de idade, ela fez um acordo com o Povo.

Em uma noite de lua cheia, pouco antes do amanhecer, ela foi até o espinheiro. O céu ainda estava quase todo escuro, ainda polvilhado de estrelas. Trapos de tecidos balançavam nos galhos acima da cabeça dela, os fantasmas dos desejos. Hazel tinha deixado sua espada em casa, por respeito, e esperava que o Povo ainda estivesse disposto a negociar honestamente com ela, por mais que já tivesse caçado alguns de seus maus elementos. Ela era muito jovem.

Com o pedido que faria bem vívido em sua mente, Hazel entrou no círculo de pedras brancas e sentou-se na grama molhada de orvalho, embaixo do espinheiro, o coração acelerado. Não precisou esperar muito. Poucos minutos depois, surgiu da mata uma criatura à qual ela não saberia dar um nome. Tinha o corpo pálido, esgueirava-se andando de quatro e tinha garras tão longas como um dos dedos de Hazel. Era cor-de-rosa ao redor dos olhos e da boca imensa e cheia de dentes pontudos como os de um tubarão.

— Amarre a sua fita na árvore — sibilou a criatura, mostrando a língua comprida e cor-de-rosa ao falar. — Conte-me o seu desejo. Eu negocio em nome de Alderking e ele dará o que deseja.

Hazel tirou do bolso um trapo que cortara do forro do seu vestido favorito. Ele tremulava em sua mão.

— Quero que meu irmão vá para a escola de música na Filadélfia. Mas para que ele possa ir, tem que ser com tudo pago. Em troca, irei parar de caçar enquanto ele estiver lá.

A criatura riu.

— Você é ousada, eu gosto disso. Mas temo que esse não seja um preço suficiente pelo que deseja. Prometa-me dez anos da sua vida.

— Dez anos? — Hazel repetiu, estupefata. Achou que estaria pronta para negociar, mas não imaginou o que iriam pedir. Ela precisava que Ben

melhorasse suas habilidades musicais. Ela precisava que os dois formassem um time de novo. Quando saía para caçar sem ele, se sentia perdida. Ela precisava fechar esse acordo.

— Você é tão jovem…. está recheada de anos pela frente. Por que não nos dá alguns? — perguntou a criatura à medida que se aproximava, e Hazel pôde ver que os olhos dela eram negros como piscinas de nanquim. — Você nem vai sentir falta deles.

— Vocês não vivem para sempre? — perguntou Hazel. — Para que você precisa dos anos de alguém?

— Dos anos de alguém, realmente não. — A criatura sentou-se, remexendo a terra com as unhas de um jeito que parecia ao mesmo tempo entediado e ameaçador. — Dos seus.

— Sete — disse Hazel, lembrando que o Povo gostava de certos números. — Eu darei sete anos a vocês.

O sorriso da criatura se abriu ainda mais.

— Nosso trato está feito. Amarre seu trapo na árvore e volte para casa com a sua bênção.

Hazel levantou as mãos, com o tecido voando entre seus dedos, e hesitou. Tudo acontecera tão rápido. A criatura tinha concordado sem fazer contrapropostas ou barganhas. Com um pavor gélido, Hazel teve mais certeza de ter cometido um erro.

Mas qual erro? Ela compreendia que morreria sete anos antes do planejado, mas aos dez anos aquilo parecia um evento muito distante no futuro, muito mais perto do *nunca* do que do *agora*.

Foi somente no caminho de volta para casa, no escuro, que ela se deu conta de que não tinham especificado que aqueles anos seriam tirados do final da vida dela. Ela é que tinha *entendido* assim. O que significava que eles poderiam pegá-la quando bem quisessem e, como diziam que o tempo passava de maneira diferente do lado de lá, sete anos com as Fadas poderia ser o mesmo que o resto da vida no mundo dos mortais.

Ela não era diferente de qualquer pessoa que já fizera um pedido naquela árvore. O Povo tinha levado vantagem no caso dela.

Desde aquela noite, ela vinha tentando se esquecer de que estava vivendo um tempo emprestado, vinha tentando se distrair. Ia a todas as festas e beijava

todos os garotos, apoiando-se nos momentos de diversão para combater o desespero e o terror sufocante que pairava sobre ela.

Só que nada era distração ou diversão o suficiente.

De pé naquele chuveiro, Hazel pensou mais uma vez na noz com a mensagem dentro: *Sete anos para pagar o que está a dever. Tarde demais para se arrepender*.

Ela tinha compreendido o aviso, mesmo que não compreendesse por que o Povo estava tendo a consideração de dar-lhe um. Tampouco compreendia por que, se havia chegado a hora de ir, ela ainda estava em seu quarto. Será que tinha sido levada ontem à noite e depois devolvida? Por isso tinha acordado enlameada? Mas então, por que é que a devolveram? Será que a levariam de novo? Será que sete anos teriam se passado em uma única noite mortal? Ninguém, muito menos ela, haveria de ter essa sorte.

Na ponta dos pés e enrolada na toalha, Hazel foi até o armário pensando no que poderia fazer.

Mas o recado estava certo. Era tarde demais para se arrepender.

Escolheu um vestido azul-marinho salpicado de pequenos pterodátilos verdes e cor-de-rosa, galochas verdes combinando, na esperança de que uma roupa alegre a deixasse alegre também. Pegou também um guarda-chuva transparente e sentou na cama para calçar as botas. Foi quando notou que havia uma sujeira perto da janela. Lama no parapeito e no vidro — e alguma coisa escrita em lama na parede ao lado: AINSEL.

Hazel se aproximou e apertou os olhos para ler a palavra. Poderia ser o nome de alguém que a ajudara, mas era bem provável que fosse o nome de alguém que deveria temer, especialmente assim, rabiscado como estava sobre a parede azul, no melhor estilo filme de terror.

Era inacreditavelmente apavorante imaginar uma criatura seguindo-a até o quarto, alguém do Povo agachado no chão do quarto dela, pintando aquelas letras com um dedo ossudo ou garrafas afiadas.

Por um instante, Hazel considerou descer e contar tudo ao irmão — o acordo, o recado, ter acordado com lama nos pés, o medo de ser levada sem sequer conseguir dizer adeus. Ben já tinha sido a pessoa em quem ela mais confiava no mundo, sua outra metade, seu parceiro. Eles tinham planos de

consertar todas as injustiças da cidade. Talvez pudessem voltar a ser próximos assim, se não houvesse segredos entre os dois.

Mas se ela contasse tudo, Ben era capaz de achar que o que estava acontecendo era culpa dele.

Ela deveria ser capaz de tomar conta de si mesma — era parte do que prometera a ele. Hazel não queria que ele soubesse como tinha falhado feio nessa missão. Depois da Filadélfia, ela não quis piorar as coisas outra vez.

Depois de respirar fundo, concentrando-se para não falar nada, Hazel desceu as escadas até a cozinha. Ben já estava lá, arrumando o almoço na mochila. Mamãe tinha deixado um prato de barrinhas caseiras de granola em cima da mesa. Hazel pegou duas, enquanto Ben enchia garrafas de café.

Ben e Hazel mal falaram no caminho para a escola. Foram comendo e ouvindo a programação de punk matinal da rádio universitária mais próxima da área. O som do Volkswagen Beetle emitia um barulho meio chiado. Ben bocejou, sonolento demais para falar. Hazel o observou e se parabenizou por conseguir agir normalmente.

Quando chegaram a Fairfold High, ela estava quase completamente convencida de que não estava prestes a ser levada a qualquer momento pelo Povo. E se eles estivessem brincando com ela, como um gato especialmente cruel faria com um rato, ficar chateada não ajudaria em nada. Foi com essa determinação que ela passou pela porta da escola. Jack e Carter vinham andando pelo corredor, imagens espelhadas à distância, a não ser por um dos braços de Carter estar em cima dos ombros de uma afetada Amanda Watkins. Amanda parecia ter finalmente conseguido agarrá-lo. Nada de ficar atrás da sombra dele. Sabe-se lá como, tinha conseguido ficar com o verdadeiro.

O primeiro pensamento que veio à cabeça de Hazel foi que Carter era um hipócrita. Ele a criticara por deixar os caras de coração partido, mas estava ali, prestes a ajudar Amanda a partir o do irmão dele.

O segundo pensamento foi que Carter talvez não soubesse que Amanda tinha dito que Jack era sua sombra. Hazel deu uma olhada no semblante cuidadosamente inexpressivo de Jack ao lado deles e apostou que ele não tinha contado nada ao irmão.

Ficou furiosa ao pensar em Jack sofrendo por causa dela, enquanto a garota estava *bem ali*, revirando os olhinhos por Carter. Teve vontade de canalizar

toda a impotência que sentia em relação à própria situação socando Amanda no estômago. Teve vontade de beijar Jack de novo — com tanta intensidade que o poder do beijo tirasse Amanda da cabeça dele, de beijá-lo tão loucamente que todos os outros caras, até mesmo Carter, ficariam impressionados com o poder de atração de Jack.

Mas quando se imaginou atravessando o corredor e realmente fazendo isso, se lembrou da expressão esquisita, quase de dor, que Jack tinha no rosto quando se afastou do beijo. Ela nunca mais queria que Jack a olhasse daquele jeito.

— O que tá acontecendo ali? — perguntou Ben, desviando a atenção dela para uma rodinha de alunos do grupo de oração. Estavam em frente às portas do auditório e uma plateia já começava a se formar ao redor deles.

— Ele simplesmente *não estava mais* lá — dizia Charlize Potts, os braços cruzados na frente do moletom gigante da Hollister que ela usava com legging rosa, o cabelo louro-branco caindo sobre as costas.

— A gente estava na floresta hoje de manhã antes da escola, recolhendo um pouco o lixo, pros turistas não tropeçarem nas garrafas que vocês, idiotas, deixam por lá, sabe? O pastor Kevin não quer que a cidade passe vergonha por isso. Enfim. E aí o caixão estava vazio. Quebrado. Alguém finalmente conseguiu arrombá-lo, eu acho.

Hazel congelou. Todos os outros pensamentos sumiram.

— Ele não pode simplesmente ter sumido! — gritou alguém. — Devem ter roubado o corpo.

— Isso só pode ser brincadeira de alguém.

— O que aconteceu na noite de sábado?

— Tom está no hospital com as duas pernas quebradas. Ele caiu de uma escada, então ele não tinha como ter voltado lá.

O coração de Hazel acelerou. Eles não podiam estar falando do que ela achava que eles estavam falando. Não podia ser. Lentamente ela deu um passo adiante, sentindo como se estivesse se movendo através de algo muito mais denso do que o ar. Graças às pernas longas, Ben a ultrapassara e estava no meio da multidão.

Depois de alguns instantes, ele se virou para Hazel com os olhos brilhando. Ela nem precisava que ele verbalizasse, mas ele o fez. Agarrou o ombro dela e

sussurrou em seu ouvido, como se confidenciasse um segredo, por mais que todo mundo estivesse comentando sobre o assunto.

— Ele acordou — disse ele, o hálito soprando o cabelo dela, a voz baixa e intensa. — O garoto de chifres, o príncipe, ele está livre. E ele pode estar em qualquer lugar. Precisamos encontrá-lo antes que alguém encontre.

— Não sei — falou Hazel. — A gente não faz mais isso, na verdade.

— Seria como nos velhos tempos — disse Ben, com um sorriso nos lábios. Há anos que seus olhos não brilhavam tanto. — O cavaleiro solitário que volta de seu exílio para uma última batalha, o fiel escudeiro ao seu lado. E você sabe o porquê?

— Porque ele é o nosso príncipe — disse Hazel, sentindo a verdade desta frase. Era esperado que eles o salvassem. Ela e Ben deveriam salvá-lo. E talvez pudessem viver juntos uma última aventura.

— Porque ele é o nosso príncipe — repetiu Ben, do mesmo jeito que outra pessoa poderia responder "amém" a uma oração em família.

CAPÍTULO 5

Era uma vez uma menina que encontrou um corpo na floresta.

Essa menina e o irmão foram criados pelos pais com a mesma negligência benigna que tiveram para tomar conta de três gatos e um cachorrinho dachshund chamado Whiskey, que já habitavam a casa pequena. Eles recebiam os amigos roqueiros de cabelos compridos, bebiam vinho, improvisavam nas guitarras e conversavam sobre arte até tarde da noite. Nesse ínterim, a menina e o menino circulavam pela casa sem fraldas. O casal pintava por horas a fio, parando apenas para preparar mamadeiras e lavar uma ou outra leva de roupas, que mesmo limpas ainda cheiravam levemente a terebintina. As crianças comiam do prato de todo mundo, brincavam na lama do jardim e tomavam banho somente quando alguém os agarrava e os jogava na banheira.

Olhando em retrospecto, a menina tinha a impressão de que toda sua infância havia sido um magnífico borrão, ela perseguindo o irmão e o cachorro pela floresta, usando roupas doadas e uma coroa de margaridas na cabeça. Corriam até onde o garoto de chifres dormia, cantavam e inventavam histórias sobre ele a tarde inteira, voltando para casa só à noite, exaustos como animais selvagens se recolhendo na toca.

Eles viam a si mesmos como filhos da floresta, que se esgueiravam em volta de lagos e se escondiam nos troncos ocos das árvores mortas. Vez por outra tinham vislumbres do Povo, vultos que passavam ao largo do campo de visão, risos que pareciam vir de todas as direções e, ao mesmo tempo, de lugar nenhum. E eles sabiam que era preciso usar os amuletos, levar um pouco de terra de túmulo nos bolsos e ser cuidadoso e bem-educado com desconhecidos

que poderiam não ser humanos. No entanto, ter consciência de que o Povo era perigoso era uma coisa, encontrar o corpo de Adam Hicks era outra.

~

Naquele dia em particular, Hazel estava fantasiada de cavaleiro, com um pano de pratos azul amarrado no pescoço como uma capa e um cachecol fazendo as vezes de faixa em volta da cintura. O cabelo vermelho chicoteava no ar enquanto ela corria, brilhando em tom de dourado ao sol preguiçoso do fim de tarde.

Ben passara o dia lutando de espadas com ela. Ele tinha uma espada de plástico do He-Man que a mãe tinha comprado na loja de usados junto com um livro sobre os cavaleiros do Rei Artur. Nele havia histórias a respeito de Sir Pellinore, que supostamente era do Povo antes de se juntar à corte; o caso de Sir Gawain, que quebrou a maldição lançada sobre uma mulher detestável; e uma lista de virtudes dos cavaleiros: força, coragem, lealdade, cortesia, compaixão e devoção.

Na ocasião, o presente de Hazel fora uma boneca que, uma vez cheia de água, fazia xixi quando apertavam sua barriga, embora ela quisesse mesmo uma espada como a do irmão. Ben, em êxtase por ter recebido o melhor presente, corria atrás dela e derrubava com sua espada de plástico os gravetos que a irmã empunhava. Frustrada, Hazel foi ao galpão de ferramentas do pai e encontrou nos fundos um velho facão enferrujado. E então golpeou a espada de plástico do Ben com tanta força que quebrou o brinquedo. Marchando, Ben voltara para casa em busca de cola, enquanto uma Hazel de nove anos dançava e saboreava seu triunfo.

Ela passou um tempo golpeando um arbusto seco de samambaias, fingindo se tratar do terrível monstro lendário, aquele que vivia à espreita no coração da floresta. Cantarolou baixinho alguns versos da canção, sentindo-se cheia de coragem.

Um tempo depois, entediada, resolveu sair à procura de amoras, o facão metido na faixa, saltitando pelo mato alto. No início, Whiskey foi atrás dela, mas logo tomou outro caminho. Alguns instantes depois, começou a latir.

Adam Hicks estava deitado na lama às margens do lago Wight, os lábios azulados. No lugar dos olhos, buracos miravam o céu, vermes contorcendo-se

lá dentro, pálidos como pérolas arroz. A metade de baixo do corpo estava submersa na água. Era a parte que havia sido comida. Ossos brancos despontavam da carne pendurada em trapos e frangalhos, boiando na água como pedaços rasgados de tecido. Havia um cheiro no ar, parecido com o da vez em que ela deixara um hambúrguer cru fora da geladeira durante a noite.

Whiskey corria de um lado ao outro, cheirando o corpo, uivando como se achasse que poderia acordar Adam.

— Sai daí! — Hazel tentou chamá-lo, mas a voz saiu como um sussurro. Ela sabia que ainda não tinha dado tempo de o irmão estar a caminho. Sabia que estavam sozinhos ali, ela e o cachorro.

Começou a tremer dos pés à cabeça.

Os pais de Adam haviam se mudado para Fairfold há um ano, o que fazia com que não fosse mais considerado um turista, mas também ainda não um local. Um sujeito perigosamente indeterminado, tentador para o Povo. Eles eram criaturas do crepúsculo, seres do amanhecer e do anoitecer, situados entre uma coisa e outra, do *nem tanto* e do *quase*, das zonas fronteiriças e das sombras.

Desviando os olhos da água verde, tentando não encarar a vermelhidão dos olhos de Adam, Hazel pensou nos cavaleiros do livro que lera naquela manhã. Lembrou-se que deveria se comportar como um deles e tentou não vomitar.

Os latidos de Whiskey ficaram mais intensos e frenéticos.

Hazel estava tentando fazer com que ele se calasse, quando uma garra úmida segurou no tornozelo dela. Ela gritou, tentando tirar o facão da cintura, enquanto pisava com o pé livre em cima da mão pálida como uma rã. A bruxa saiu da água enlameada, o rosto fundo como o de uma caveira, olhos foscos e um longo cabelo verde que se espalhava e flutuava na superfície do lago. O toque da mão dela queimava como fogo frio.

Hazel conseguiu mover o facão no ar para tentar se desvencilhar da bruxa, mas caiu de costas no chão com força. Moscas voaram do corpo de Adam numa nuvem negra. À medida que sentia seu corpo sendo arrastado na direção da água, notou com uma satisfação sombria e terrível que a bruxa sangrava por um corte na bochecha. Hazel devia ter acertado o golpe.

— Garotinha — disse a bruxa. — Mal dá para uma mordida. Fibrosa, de tanta corrida. Relaxe, meu lanchinho.

Hazel fechou os olhos e balançou o facão no ar com força. A bruxa emitiu um som sibilante, como um gato, e agarrou a lâmina. A faca cortou seus dedos, mas ela segurou firme: arrancou-a da mão de Hazel e atirou-a no meio do lago. A arma caiu com um estrondo que fez o estômago de Hazel revirar.

Whiskey mordeu o braço da bruxa e rosnou.

— Não! — Hazel gritou. — Não! Vai embora, Whiskey!

O cachorro continuou mordendo, balançando a cabeça para frente e para trás. A bruxa ergueu bem alto o braço longo e verde. Whiskey foi erguido também, as patas traseiras balançando no ar, os dentes cravados na carne dela, como se alcançassem o osso. Então a bruxa baixou o braço, batendo com o cachorro no chão como se ele não pesasse nada, como se fosse nada. O cachorro ficou imóvel, deitado na margem que nem um brinquedo quebrado.

— Na-na-na-não — choramingou Hazel. Ela esticou uma das mãos na direção de Whiskey, mas ele estava um pouco mais à direita do que ela podia alcançar. Seus dedos agarraram a lama, cavando ranhuras no chão.

Ecos de uma música distante chegaram até ela. A flauta de Ben. Há cerca de uma semana, Ben pusera um cordão sujo no instrumento, pendurando-a no pescoço e andava com ela desde então. Dizia que agora era um bardo. *Tarde demais. Tarde demais.*

Hazel tentou engatinhar até o corpo de Whiskey, chutando para se soltar da mão fria da bruxa. Apesar dos esforços, seus pés encostaram no lago. A água espirrou para o alto conforme ela tentou se desvencilhar.

— Ben! — Hazel gritou, a voz falhando de pânico. — Ben!

A melodia continuou, mais perto, bela o bastante para que as árvores se curvassem para escutá-la melhor, mas terrivelmente inútil. Lágrimas inundaram os olhos de Hazel, medo e frustração combinados em forma de pânico. Por que ele não parava de tocar e ia ajudar? Será que ele não ouvia? As pernas dela deslizaram para dentro da água e o lodo cobriu sua pele. Hazel tomou fôlego e se preparou para prender a respiração o máximo que pudesse. Imaginou o quanto seria doloroso afogar-se. Imaginou se ainda teria energia para lutar.

Então, de repente, os dedos da bruxa perderam a força. Hazel engatinhou margem acima, sem perder tempo em tentar saber como tinha escapado até chegar a um tronco e encostar-se num olmo, sem fôlego. Ben estava de pé junto à água, parecendo pálido e assustado. Tocava a flauta como se sua vida dependesse daquilo.

Não, percebeu Hazel. Ele estava tocando porque a vida *dela* dependia daquilo. A bruxa do pântano olhava fixamente para ele, arrebatada. Seus olhos de peixe não piscavam. Sua boca se mexia discretamente, como se estivesse cantando ao som das notas que ele tocava. Hazel sabia que o Povo adorava música, especialmente tão maravilhosa como a de Ben, mas não fazia ideia que ela poderia ter esse efeito sobre eles.

Hazel viu quando Ben reparou no corpo de Whiskey e deu um passo trêmulo adiante, viu quando ele fechou os olhos, sem nunca parar de tocar.

Hazel desviou o olhar para a margem onde havia caído, para as marcas que seus esforços tinham deixado na lama, para o corpo apodrecido de Adam e para o de Whiskey ao lado, flácido. Reparou no zumbido das moscas em volta deles e em mais uma coisa, algo que brilhava sob a luz do sol. Uma faca? Adam tinha trazido uma faca?

Devagar, Hazel engatinhou de volta até a margem, na direção da bruxa.

Ben se virou para ela, com os olhos arregalados, balançando a cabeça em reprovação.

Hazel ignorou-o e abriu caminho em meio à lama até a faca, sentindo raiva e dormência. Ela agarrou o punho da arma e puxou-a. O lodo produziu um som de sucção e a lâmina se soltou. Era de metal e estava escurecida, como se tivesse ido ao fogo, e dourada por baixo. Era muito mais longa do que esperava — mais longa do que a maior faca de cozinha da mãe — e tinha uma curvatura no meio. Era uma *espada*. Uma espada de verdade, do tipo que um cavaleiro de verdade usaria.

A mente de Hazel estava a mil, mas ela seguiu em frente, concentrando-se em repetir sem parar: *eu sou um cavaleiro, eu sou um cavaleiro, eu sou um cavaleiro*. Um cavaleiro melhor teria sido capaz de salvar Whiskey, mas ela poderia ao menos vingar sua morte. Arrastando-se na água lamacenta, levantou a espada pesada como se fosse um taco de beisebol e golpeou com

força a cabeça do monstro. O crânio se dividiu em dois, tal qual um melão pobre.

A criatura caiu na água, morta.

— Uau — disse Ben, largando a flauta para que ficasse pendurada novamente no pescoço. Chegou mais perto e abaixou-se, a cabeça inclinada para o lado, para inspecionar a massa vermelha de ossos e dentes cobertos de limo, para observar as mechas de cabelo que flutuavam na água. Tocou naquilo com o dedão do pé. — Não achei que você fosse mesmo matar a bruxa.

Hazel não soube como responder. Ela não tinha certeza se Ben achava ruim ela ter matado a bruxa, ou se estava somente surpreso por ter dado certo.

— Onde você arrumou isso? — perguntou ele, apontando para a espada.

— Eu achei — respondeu Hazel, fungando sem parar. Lágrimas continuavam inundando seus olhos, por mais que ela tentasse piscar para impedi-las.

Ben estendeu a mão, como se quisesse tirar a lâmina das mãos dela. Talvez estivesse pensando na espada quebrada do He-Man e em como aquela poderia ser uma boa substituta. Hazel deu meio passo para trás.

Ben fez uma careta, agindo como se não quisesse mesmo a espada.

— Com a sua espada e a minha música, podemos fazer alguma coisa. Impedir coisas ruins. Que nem nas histórias.

Apesar da morte do cachorro, apesar das lágrimas, apesar de tudo, Hazel sorriu e limpou as gotas de sangue respingadas no nariz com a manga da camisa.

— Você acha?

O senso de justiça de uma criança às vezes pode ser cruel e absoluto. Uma criança pode matar monstros e encher-se de orgulho. Mesmo uma menina que leva as aranhas para fora em vez de matá-las; que uma vez alimentara um filhote de raposa com um conta-gotas a cada duas horas até o resgate de animais chegar… Essa mesma menina era capaz de matar e logo estar pronta para fazê-lo novamente. Era capaz de carregar o cachorro morto para casa, chorando sobre seu corpo frio e rígido, e fazer promessas enquanto cavava o buraco para enterrá-lo no quintal. Era capaz de olhar para o irmão e acreditar que juntos eram um cavaleiro e um bardo que lutariam contra o mal, que poderiam um dia encontrar e até mesmo vencer o monstro no coração da

floresta. Uma menininha capaz de encontrar o corpo de um garoto, de perder seu cachorro e de acreditar que poderia garantir que ninguém mais morresse.

Hazel acreditou que tivesse achado a espada por uma razão.

Quando ela fez dez anos, Hazel e Ben já tinham encontrado dois outros monstros: duas fadas com sangue de turistas nas mãos, duas criaturas loucas para aprisioná-los. Ben as distraíra com sua música enquanto Hazel atacou com sua espada, que àquela altura já estava afiada e polida, brilhando de óleo mineral e pintada de preto para cobrir o brilho do ouro.

Às vezes, eles ouviam algum membro solitário do Povo seguindo-os até em casa na volta da escola, espreitando pelos cantos da floresta. Hazel esperava, mas eles nunca a incomodavam. A moral das Fadas não é igual à moral dos humanos. Eles punem os sem-modos e os descuidados, os convencidos e os trapaceiros, mas não os corajosos, os espertalhões e os heróis. Estes, eles queriam ter para si. Se Alderking, portanto, já tivesse reparado nas crianças, provavelmente tinha escolhido esperar para ver no que se transformariam.

Assim, Hazel e Ben continuaram a caçar monstros e a sonhar que salvariam o príncipe adormecido, até o dia em que a música de Ben falhou.

Os dois marchavam pela floresta quando um *barghest* de pelo preto e com os olhos em chamas saiu das sombras na direção deles. Hazel, de olhos bem abertos e dentes trincados, fincou o pé e tirou a espada da bainha que ela mesma tinha feito. Ben começou a tocar a flauta, mas, pela primeira vez, as notas saíram incertas. Surpresa, Hazel se virou na direção dele. Bastou um instante, um pequeno movimento do corpo, um olhar na direção do irmão, para que o *barghest* chegasse até ela. Ele enterrou as presas no braço dela e tudo o que Hazel conseguiu fazer foi arranhá-lo de leve antes que passasse por ela. Ofegante, sangrando, Hazel tentou manter o equilíbrio e levantar a espada, preparando-se para golpeá-lo de novo.

Quando o monstro virou de costas, ela esperou que Ben fosse recomeçar a tocar, mas ele estava imóvel. Alguma coisa estava muito errada. O hálito quente do *barghest* soprou até ela, cheirando a sangue antigo. Sua cauda longa estalou no chão.

— Ben… — chamou ela, com a voz trêmula.

— Eu não consigo… — respondeu Ben, quase sufocado pelo pânico. — Corre! Corre! Eu não consigo…

E eles realmente correram, o *barghest* logo atrás, serpenteando entre as árvores como um leopardo. Eles correram sem parar, até que conseguiram entrar e se esconder no tronco oco de um carvalho. Com o coração a mil e a respiração presa, ficaram ali prestando atenção ao arrastar da cauda ou ao peso de um passo. Ficaram escondidos ali até o sol do fim de tarde começar a se pôr. Só então arriscaram-se a voltar para casa, pé ante pé, pesando a probabilidade de a criatura estar à espera deles, e o medo maior de serem descobertos no meio da floresta quando já estivesse escuro.

— Temos que parar com isso, pelo menos até ficarmos mais velhos — argumentou Ben mais tarde naquela noite. Estavam sentados nos degraus dos fundos de casa, vendo a mãe grelhar hambúrgueres. Ben vestia um short desfiado e uma camiseta do CBGB velha, furada. — É mais difícil do que eu imaginei. E se alguma outra coisa der errado? E se você tivesse se machucado? Teria sido minha culpa.

Você que começou com isso, Hazel teve vontade de dizer. *Você me fez acreditar que a gente conseguiria. Você não pode retirar o que disse*.

Mas em vez disso, Hazel falou:

— Não fui eu quem estragou tudo.

Ele balançou a cabeça.

— Bom, ok, isso é pior ainda. Porque eu posso estragar as coisas de novo e condenar a nós dois. Coisa que provavelmente farei. Se eu conseguir entrar naquela escola, quem sabe eu não aprenda a controlar melhor a música, talvez então…

— Não se preocupe comigo — disse Hazel, mastigando uma mecha do próprio cabelo ruivo, enterrando os dedos dos pés descalços na terra. — Eu sou o cavaleiro. É meu dever tomar conta de mim mesma. E eu não quero parar.

Ele suspirou, batucando ansiosamente com os dedos na coxa.

— Vamos dar um tempo, então. Só um pouco. Só até eu melhorar minha música. Eu preciso ficar *melhor*.

Hazel assentiu. Se era daquilo que ele precisava para que ela pudesse continuar sendo um cavaleiro, para seguirem em frente com as missões, para que as pessoas pudessem ser salvas, para que fossem como personagens de uma história, então ela prometeu que daria um jeito de conseguir isso para ele.

E conseguiu.

CAPÍTULO 6

Durante aquelas tardes, inebriantes e intermináveis, em que Hazel e Ben exploravam o campo, brincando de missões e enfrentando perigos reais, ele criava histórias sobre como acordariam o príncipe. Ben disse a Hazel que ela poderia acordá-lo com um beijo no vidro do caixão. Não era uma ideia original. Se alguém tirasse o pó daquela cápsula, provavelmente veria milhares e milhares de marcas de beijos, gerações de lábios delicadamente colados no vidro sob o qual o menino de chifres dormia. Mas eles não sabiam disso naquela época. Nas histórias, ela acordaria o príncipe com um beijo e ele diria que só estaria livre quando sua verdadeira amada completasse três missões — missões essas que geralmente incluíam tarefas como flagrar o tipo certo de pássaro, colher todas as amoras dos arbustos e comê-las, ou pular sobre o riacho sete vezes sem se molhar.

Ela nunca completava as missões que Ben inventava. Sempre deixava uma última amora no galho ou molhava o pé de propósito, embora jamais admitisse isso para o irmão. Ela sabia que as missões não eram mágicas de verdade; sempre que chegava perto de completá-las, Hazel perdia a coragem.

Às vezes Ben contava histórias sobre como ele libertaria o príncipe com três palavras mágicas — palavras que ele nunca dizia em voz alta na frente de Hazel. Nessas histórias, o príncipe era sempre vilão. Ben precisava detê-lo antes que destruísse Fairfold, e sempre conseguia fazê-lo graças à força do amor. Porque apesar do coração cruel, quando o príncipe via o quanto Ben o amava, ele decidia poupar a cidade e todos nela.

Naquela época, não parecia estranho a Hazel que ela tivesse o mesmo namorado imaginário que o irmão.

Os dois o amavam porque ele era um príncipe, era do mundo das fadas e era um ser mágico e supõe-se que se deva amar príncipes, fadas e todo ser mágico. Eles o amavam do mesmo jeito que amavam Fera quando ele dançou pela primeira vez com a Bela em seu vestido amarelo. Eles o amavam do mesmo jeito que amavam o décimo-primeiro Doutor em Doctor Who, de gravata borboleta e franjinha, e o décimo Doutor, com sua risada maluca. Eles o amavam do mesmo jeito com que amavam vocalistas de bandas e atores de filmes, de tal forma que o amor compartilhado os aproximava ainda mais.

Não era como se o garoto de chifres fosse de verdade. Não era como se ele pudesse amá-los de volta. Não era como se ele jamais tivesse que escolher.

Só que agora ele tinha acordado. E isso mudava tudo.

Tudo isso pairava sobre Ben e Hazel quando saíram da escola em direção ao carro.

Uma vozinha dentro de Hazel a incomodava, sussurrando que não poderia ser coincidência ela ter acordado com lama nos pés na exata manhã após alguma coisa ter acordado o príncipe. Ela guardou essa esperança para si, em segredo, tomando o cuidado de só se permitir pensar nisso de vez em quando, como alguém que espia algo tão precioso que chega a ser assustador.

— Espera! — Uma voz gritou atrás deles.

Hazel virou-se. Jack descia a escada correndo. Como estava sem casaco, a chuva deixava o tecido da camiseta dele manchado e escuro.

Os três foram juntos para a lateral do prédio e se protegeram debaixo de uma marquise, onde os professores não conseguiriam vê-los e estava seco o suficiente para conversarem. Eles conheciam o lugar porque era onde os faxineiros se reuniam para fumar e, desde que não fossem dedurados, ignoravam o que quer que estivessem fazendo ali. Hazel não imaginaria que um bom garoto como Jack conhecesse aquele cantinho, mas ela estava claramente enganada.

— Vamos encontrá-lo — disse Ben, sorrindo. Soou como se estivessem prestes a começar um jogo. Um jogo muito bom.

— Não. — Jack suspirou, desviando o olhar para o campo de futebol. Ele parecia estar escolhendo cuidadosamente o que diria a seguir. — Seja lá o que vocês pensam que ele é.... Não é o que vocês imaginam. — Em seguida, Jack

visivelmente cerrou os dentes para continuar: — Vocês não podem confiar nele. Ele não é humano.

O silêncio pairou entre eles por um longo momento. Ben ergueu as sobrancelhas.

Jack fez uma careta.

— Sim, eu *sei*, ok? É *irônico* que eu esteja dizendo isso, já que eu também não sou humano.

— Então vem com a gente — convidou Hazel, oferecendo um espaço debaixo do guarda-chuva. — Compartilhe conosco todo o seu valioso conhecimento inumano.

Jack balançou a cabeça, sorrindo um pouco.

— Minha mãe vai me escalpelar vivo se eu perder o teste de ciências. Vocês sabem como ela é. Não dá pra esperar até depois da aula?

Além dos obrigatórios jogos em família aos domingos, a mãe dele era do tipo que preparava almoços naquelas marmitas japonesas, que sabia exatamente como os filhos estavam se saindo em cada matéria, que monitorava o tempo que passavam assistindo TV para garantir que o dever de casa ficaria pronto. Se dependesse dela, Carter e Jack iriam para as melhores faculdades do país, idealmente perto de Fairfold o suficiente para que ela pudesse ir aos finais de semana para cuidar da roupa suja deles. Nada deveria atrapalhar esses planos.

Se Jack matasse aula, ele ficaria de castigo pelo tempo que ela conseguisse mantê-lo assim.

— Essa é a melhor coisa que já aconteceu por aqui — disse Ben, revirando os olhos. — Quem se importa com um teste? Você vai ter mais um milhão de testes na vida.

Jack inclinou a cabeça para frente, destacando as maçãs do rosto salientes e o tom prateado em seus olhos. Quando ele falou, sua voz assumiu um estranho ritmo cadenciado.

— Há muitas coisas que eu sou proibido de contar a vocês, pois tenho que cumprir promessas e regras. Por três vezes irei avisá-los, e isso é tudo que me permitem, então prestem atenção. Algo ainda mais perigoso do que o seu príncipe anda à sombra dele. Não vão atrás dele.

— Jack? — disse Hazel, nervosa, afastando-se dele. Embora quase já tivesse sido morta por criaturas como a bruxa da água e o *barghest*, havia algo nas

elegantes e enigmáticas fadas que a assustava muito mais. Naquele momento, Jack soava como uma delas, totalmente diferente dele mesmo. — Como assim, *permitem*? Por que você está falando desse jeito?

— Alderking está caçando o menino de chifres. Está caçando quem quer que tenha quebrado a maldição. E ele não está sozinho. Se vocês ajudarem o menino, correm o risco de virar alvos de muita fúria. Nenhum príncipe vale esse preço.

Hazel pensou em suas mãos, nos cacos de vidro, na estranheza de não lembrar daquela noite e nas pernas cobertas de terra.

— Calma aí. Você está nos dizendo que o Povo da floresta está tentando matar o príncipe? — perguntou Ben. — Então esse tempo todo você sabia segredos a respeito dele e nunca se deu ao trabalho de nos contar?

— Eu estou contando o que devo contar — respondeu Jack. — O seu príncipe pode estar em perigo, mas ele também é perigoso. Deixem isso para lá.

— Mas por quê? O que o príncipe fez? — perguntou Hazel.

Jack balançou a cabeça negativamente.

— Acabei de dar o terceiro aviso. Não posso falar mais nada.

Hazel virou-se para o irmão.

— Talvez…

Ben parecia frustrado, mas não chocado. Esse novo e estranho Jack não parecia nem tão novo nem tão estranho para ele.

— Eu agradeço o que você está dizendo e tudo mais, Jack. Vamos ser os mais cuidadosos que pudermos, mas eu quero tentar encontrá-lo. Quero ajudar.

— Eu não esperava nada diferente. — Jack sorriu e voltou a ser o mesmo de sempre, ao menos por fora. Mas seu sorriso familiar provocou um calafrio nas costas de Hazel. Sempre enxergara Jack como um bom menino, de família rica, bons modos, que fazia um ou outro comentário sarcástico e adorava biografias obscuras, mas que, provavelmente, acabaria se tornando advogado como a mãe, ou médico como o pai. Ela achava que ser um *changeling* dava a ele um toque interior de esquisitice, é claro, mas que numa cidade cheia de esquisitices, isso não era assim tão estranho. Só que ali, parada na chuva, olhando para ele, tudo pareceu repentinamente bem mais estranho. — Tudo

bem — continuou Jack. — Tentem não ser mortos por algum elfo bonito e paranoico que acha que está preso em uma canção. Tentarei não tomar bomba no teste de física.

— Como você pode…Por que você disse todas essas coisas? — perguntou Hazel. — Como é que você pode saber dessas coisas?

— O que você acha? — Jack devolveu a pergunta com delicadeza. Depois, virou-se de costas e começou a caminhar de volta para a escola sob a chuva, o sinal tocando ao longe. Hazel observou os músculos dele movendo-se por baixo da camiseta molhada.

Jack a deixara ali tentando entender aquelas palavras, tentando compreender…

Caramba. Tentando compreender como ele poderia saber coisas que *somente o Povo da floresta poderia ter contado*. Ela esperou Jack entrar de volta na escola, perguntando-se como nunca tinha desconfiado disso, conhecendo-o há tanto tempo. Ela sempre achou que ele estivesse feliz com sua vida de humano. Achou que ele só tivesse a vida de humano.

— Vamos — disse Ben, já se dirigindo ao carro. — Antes que alguém pegue a gente matando aula.

Hazel deslizou para o assento do carona, fechando o guarda-chuva e jogando-o para o banco de trás. Jack a tinha deixado nervosa, mas mais do que o perigo sobre o qual ele havia alertado, ela temia a possibilidade de que não fossem encontrar qualquer sinal do menino de chifres. Temia que ele virasse um daqueles mistérios sem solução, que virasse mais uma das histórias que as pessoas contavam umas às outras em Fairfold, mas nas quais ninguém acreditava de verdade. *Lembra quando tinha um menino bonito e não humano dormindo em um caixão de vidro?*, diriam uns aos outros, recordando. *Que fim será que ele levou?* Histórias como a existência de fogos-fátuos brilhando nas partes mais profundas e escuras de toda floresta. E que em busca dessa marca sempre em movimento, viajantes eram atraídos cada vez mais para longe da segurança.

Hazel tinha visto uma boa quantidade desses horrores, mas ainda sentia-se atraída pela beleza e pelas maravilhas do Povo. Ela os havia caçado e os temia, mas, como o resto de Fairfold, os amava também.

— Jack já tinha falado desse jeito com você antes? — Hazel perguntou enquanto Ben manobrava para sair do estacionamento, os limpadores criando ondas de água no para-brisa. O céu estava todo cinza, um tom brilhante e uniforme, e não dava para ver onde começava e terminava cada nuvem.

Ben deu uma olhada para ela.

— Não exatamente.

— Foi assustador. — Ela não tinha certeza do que mais poderia dizer. Ainda estava tentando encaixar as peças. Jack tinha deixado cair a máscara, aparentemente de propósito, e Hazel se sentia idiota por só agora ter percebido que esse tempo todo ele vestira uma. — Então ele fala com eles?

Ben deu de ombros.

— Com a outra família, você quer dizer? Fala.

Hazel não queria admitir o quanto tinha sido afetada por isso. Se Jack guardava segredos, bem, eram coisas dele, que ele tinha o direito de guardar. E, aparentemente, era dever de Ben manter os segredos do amigo também.

— Bem, se a gente vai achar o príncipe apesar do conselho de Jack, onde iremos procurar?

Ben balançou a cabeça e depois sorriu.

— Não faço a menor ideia. Onde você procura alguém que sequer parece ser de verdade?

Hazel avaliou, mordendo o lábio.

— Na cidade não seria comum. Com todos os carros e as luzes.

— Se ele voltar para a gente dele, aparentemente está morto. — Ben suspirou e se inclinou sobre o volante, talvez pensando nas mesmas coisas que Hazel pensara, sentindo o mesmo medo de que tudo aquilo não fosse dar em nada, achando que era como se estivessem numa brincadeira para a qual já estavam grandes demais. Ou talvez estivesse pensando em como a magia o havia traído antes e como era provável que traísse novamente.

Mais uma vez, Hazel ficou tentada a confessar que tinha acordado com lama nos pés e cacos de vidro nas mãos, mas dizer isso agora seria quase como se gabar. Para explicar por que não era o caso, ela teria que falar demais.

Em geral, a família deles não era muito boa em falar sobre coisas importantes. E de todos eles, ela era a pior. Quando tentava, era como se todas

as correntes de todos aqueles seus cofres imaginários começassem a ranger. Se começasse a falar, Hazel não poderia assegurar que conseguiria parar.

— Foi o próprio povo dele que lançou a maldição. Ele sabe que não deve voltar para as fadas — disse Hazel, observando o vai e vem dos limpadores. Uma excitação familiar despertou dentro dela: a caçada, o planejamento, a descoberta de um esconderijo de fadas e a perseguição de um monstro. Hazel achou que tivesse desistido dos sonhos de ser cavaleiro havia anos, mas talvez não tão completamente quanto imaginara.

Ben deu de ombros.

— Tudo bem. Mas então, onde?

Ela fechou os olhos e tentou se imaginar no lugar do menino de chifres, acordando de um longo sonho, sem se lembrar onde estava. Ele entraria em pânico, batendo nas paredes internas da caixa de vidro. Uma onda de alívio teria tomado conta dele ao perceber que algumas peças faltavam e que o vidro estava partido. Piscando na escuridão folhosa, com seja lá quais lembranças tivesse de antes da maldição latejando em sua cabeça. Mas depois disso…

— Eu iria querer comer — ponderou ela. — Eu estaria morta de fome, sem comer nada há *décadas*. Mesmo que eu não precisasse, eu ia querer.

— Ele não é como a gente.

— Jack é como a gente. — disse Hazel, torcendo para que fosse verdade. — E o príncipe é como Jack.

Ben soltou o ar bem devagar.

— Ok então. Mas não dá para passar no drive-thru do McDonald's. Você não tem dinheiro. O que você vai comer então?

— Eu procuraria por castanhas. — Anos atrás, Hazel comprara um livro que ensinava a identificar plantas comestíveis, numa daquelas vendas "vamos nos livrar de todos esses livros velhos e estragados ou estranhamente pegajosos" que a biblioteca fazia. Custara 25 centavos. Por causa desse livro, ela e Ben tinham conseguido não se envenenar enquanto colhiam um monte de folhas de dente-de-leão, cebolas selvagens e outras plantas comestíveis. — Mas ele precisaria assar as castanhas. Ovos de passarinho também seriam boas opções, mas são difíceis de encontrar nessa época do ano.

Ben assentiu, claramente perdido em pensamentos. Ele virou o carro na direção da parte da floresta onde o menino de chifres dormira.

— Ou quem sabe ele foi atrás de uma aveleira. Já que avelã é bem mais gostoso do que castanha.

Hazel bufou, mas havia mesmo um lugar onde ela já colhera avelãs antes que as minhocas o fizessem. Ela lembrava de tê-las deixado em cima de uma pedra para secarem ao sol.

— Tive uma ideia.

Eles estacionaram junto ao lago Wight e foram andando. Uma aveleira tinha brotado não muito longe das ruínas de uma velha construção de pedra, hoje coberta de videiras. Ficava uns duzentos metros para dentro da floresta, a uns três quilômetros do caixão de vidro e era um esconderijo tão bom, que Hazel se arrepiou com a possibilidade de estar certa.

A chuva ainda estava forte, embora a copa das árvores segurasse boa parte dela. Hazel ficou satisfeita por estar de galochas ao pisar na lama e no limo escorregadio. Ela e Ben passaram por cima de troncos secos de árvores, por arbustos e galhos que se agarravam em suas roupas. Por alfeneiros e ligustros; por lírios bem fechados e moitas de plantas com as folhas largas cheias de água; por flores-cadáver, com suas inflorescências em formato de satélite dobradas pela ação do vento; por glicínias e monardas; por marias-sem-vergonha e asclépias e tufos de trepadeiras; por violetas e lisimáquias e adiantos em profusão. Ela usou o guarda-chuva, tanto para afastar as trepadeiras quanto para se proteger da chuva.

E então avistaram a construção de pedra, coberta de hera. O teto já tinha cedido há alguns anos e, embora alguns vergalhões enferrujados ainda segurassem uma tábua gasta de madeira presa em uma das laterais do batente, o resto da porta já não existia. Ben foi correndo na frente e, ao mesmo tempo, Hazel diminuiu o passo.

Automaticamente, ela levou uma das mãos à lateral do corpo.

Ben olhou para ela, com a testa franzida.

— O que você está fazendo?

Hazel deu de ombros. Ela estava tentando pegar alguma coisa (o cinto? o bolso?), mas não havia nada ali.

— Tentando sacar sua arma? — perguntou Ben, rindo, e seguiu em frente.

Hazel não sabia exatamente por que tinha parado, nem o que tinha tentado encontrar. Mas pensara em Jack dizendo para tomarem cuidado, no

leite que talhou na tigela, no bilhete no bolso do casaco de Ben e nas lembranças das caçadas na floresta ao lado dele. Com tudo isso na cabeça, ela fechou o guarda-chuva com cuidado.

Ben se abaixou para passar pela porta e voltou correndo um minuto depois, com um sorriso maravilhado no rosto.

— Você estava certa. Eu acho que você estava certa!

Hazel entrou na casa atrás do irmão. Ela já tinha estado naquele lugar antes, há muitos anos, quando ela e Ben fingiam ser bruxos recém-saídos de Hogwarts, cozinhando ervas em caldeirinhas. Pingos de chuva caíam por entre os restos do telhado. Uma mesa gasta pelo tempo, cinza e roída pelos cupins, estava encostada em uma das paredes de pedra.

Em cima dela, havia cascas de três caquis, bem raspadas, exalando um aroma inebriante pelo ar. Um punhado de ervas amassadas estava bem ao lado, e Hazel só reconheceu a hortelã. Frutinhas pretas de sabugueiro e vários cogumelos estavam espalhados em cima da madeira, como contas de um colar arrebentado.

E junto de tudo aquilo havia uma faca com punho de osso e lâmina curva, feita de algum metal dourado. Parecia com a espada que Hazel tinha encontrado quando era criança, pensou ela.

— Merda — falou Hazel, esticando a mão para tocar na faca, mas parando-a no ar antes que seus dedos tocassem a lâmina. Ela olhou para Ben. Ele estava sorrindo de um jeito louco, meio avoado. — Ele realmente esteve aqui.

— Bem, ele tem que voltar pra pegar isso, certo? — disse Ben. — Se esperarmos, vamos vê-lo quando ele chegar.

Hazel assentiu, um pouco tonta. Encontrou um canto junto dos restos da lareira e se agachou ali por um instante. Ben se encostou numa parede. Depois de alguns minutos, a pedra fria já tinha deixado a bunda dela dormente. Observou a água escorrendo para uma poça que se ampliava junto ao buraco vazio de uma janela. Tentou se acalmar.

— Sabe aquilo que dizem, de que quando comemos comida das fadas nada mais vai nos deixar satisfeitos? — perguntou Ben, de repente.

— Claro — respondeu Hazel, pensando na pilha de frutinhas sobre a mesa.

— Fico me perguntando se Fairfold é assim. Imagino se eu conseguiria ser feliz em outro lugar. Ou se você conseguiria. Me pergunto se não ficamos indiferentes a outros lugares.

O coração dela deu um salto. Ele nunca falava sobre universidades, nunca recebia catálogos de cursos pelo correio. Hazel não fazia ideia de para onde ele iria depois que se formasse, dali a um ano.

— Se você for embora e não gostar, sempre pode voltar — disse ela. — A mamãe e o papai voltaram.

Ele fez uma careta.

— Eu realmente preferia não me transformar nos nossos pais. Fico torcendo pra conhecer alguém que tenha uma vida incrível, para que eu possa simplesmente pegar uma carona nela.

Hazel lembrou-se de como a luz, naquela noite em que ele voltara do encontro fracassado, tinha dado a impressão de que podia ver por dentro dele. Perguntou-se se a ilusão não estaria mais próxima da verdade do que tinha imaginado.

— A cidade grande é bem parecida com a floresta escura e saída dos contos de fadas aqui de Fairfold, certo? — continuou Ben. — Nos filmes, a cidade é onde todas as histórias se desenrolam. É o lugar aonde as pessoas vão para se transformar. Aonde vão para recomeçar. Na cidade eu vou poder ser quem eu quiser. Talvez até alguém normal.

Hazel pensou no que os pais diziam sobre ser normal. E no fato de que ele estava dizendo isso tudo a ela enquanto estavam no meio da floresta, em busca de um príncipe elfo. Se normal era o que ele queria, teria que esforçar-se bem mais.

Do lado de fora, o vento chicoteava nas árvores. Hazel ouviu uma melodia tocando baixinho.

— Está ouvindo isso? — perguntou a ele.

Ben espiou na mesma direção para onde ela estava olhando.

— Amanhã é lua cheia.

Todo mundo que tinha crescido em Fairfold sabia que era preciso manter distância da floresta das noites de lua cheia e também para ser mais precavido nas noites antes e depois dela. Nessas ocasiões Alderking fazia suas celebrações e

todas as fadas, ninfas e bruxas, todas as pucas, espíritos, *goblins* e *hobgoblins* vinham de perto e de longe para dançar suas danças e festejar até o amanhecer.

A não ser que ele estivesse ocupado demais caçando o menino de chifres para realizar a festa. Talvez aqueles não fossem os sons dos convidados, mas dos caçadores.

Hazel e Ben ficaram sentados por duas horas sob a garoa gelada, esperando. Até que uma hora a música parou.

Ben bocejou e passou os dedos pelo cabelo ruivo encharcado pela chuva. As sardas se destacavam na pele branca e fria.

— Acho que ele não vai voltar. O que faremos agora?

— Podemos deixar alguma coisa pra ele — sugeriu Hazel, depois de ponderar por alguns instantes. — Podemos trazer comida e, sei lá, talvez umas roupas. Mostrar pra ele que somos dignos de confiança.

Ben bufou.

— Pode ser. Quer dizer, não sei se eu ia preferir moletons em vez de um gibão bordado, por mais usado que estivesse… mas qualquer coisa que a gente possa fazer para deixá-lo menos assustado seria bom. Pra mostrar que somos esquisitos amistosos em vez de perigosos.

— Você acha que ele está assustado? — Hazel ficou de pé e começou a andar na direção da porta. Ela olhou para o irmão, que continuava encostado na parede de pedra nua, o limo agarrado a ela como uma sombra.

— Eu estaria — respondeu ele.

Hazel ergueu uma sobrancelha.

— Achei que ele não fosse como nós.

Ben balançou a cabeça e depois sorriu para ela.

— Vamos lá pegar as coisas.

Hazel rasgou um pedaço de papel do caderno que trazia na mochila e escreveu um bilhete a caneta:

Oi, somos a Hazel e o Ben. Voltaremos em breve com comida e outras coisas. Coisas para você, caso queira. Não estamos pedindo nada em troca. Só estamos contentes por você ter finalmente acordado.

Os dois ficaram quietos no caminho de volta; Hazel fazia uma lista mental do que poderiam pegar: três sanduíches de cheddar com mostarda e picles

embrulhados em papel alumínio; uma lata de Coca; uma garrafa térmica de café com bastante leite e açúcar; duas barrinhas de granola. Ela achava que tinha um saco de dormir velho no sótão… Se não estivesse muito mofado ou comido pelas traças, podia servir também. Ben podia separar umas roupas e o pai tinha um par de coturnos velhos que não ia dar falta.

Parecia um presente meio pobre para um príncipe perdido das fadas, mas o que mais eles poderiam fazer?

Ben parou o carro na entrada da garagem. Passava um pouco das três e meia e Jack já estava sentado no degrau da frente da casa. Ergueu a mão para cumprimentá-los. A chuva tinha parado, mas o gramado ainda estava coberto de gotinhas brilhantes.

Ben abaixou o vidro da janela.

— O que você tá fazendo aqui? O que houve com ser proibido de ajudar?

— Não vim ajudar, só alertar — respondeu Jack, com os olhos prateados brilhando em contraste com a pele morena e o cabelo escuro. — Eu viria aqui num dia normal, então decidi fingir que hoje é um dia normal.

Hazel saiu do carro.

— Então, encontraram alguma coisa? — perguntou Jack, claramente esperando que eles dissessem que não.

Ben deu de ombros.

— Talvez.

— Eu só queria que vocês entendessem uma coisa. — Jack lançou um olhar para Hazel, deixando bem claro que estava falando com os dois. — Ele ter acordado não foi um acidente. E o que quer que aconteça agora também não será acidente.

— Tudo bem — falou Ben, andando na direção da casa. — A gente entendeu, ok? Tristeza e desgraça irão cair sobre nós.

— O que deu nele? — perguntou Jack.

— Está apaixonado — respondeu Hazel, forçando o sorriso, porque também estava surpresa em ver Ben tão indiferente aos alertas.

— Vocês todos estão — disse Jack baixinho, como se falasse consigo mesmo. — A cidade toda está.

Hazel suspirou.

— Vamos lá dentro. Que tal ajudar a fazer uns sanduíches? Preparo um pra você, também.

Jack ajudou cortando o queijo enquanto Hazel espalhava a mostarda. Ben foi separar umas roupas que coubessem no menino de chifres. Veio do andar de cima com um moletom de capuz, uma calça jeans e duas cuecas boxer pretas. Levantou cada peça para inspecioná-las. Hazel encontrou o saco de dormir e as botas no sótão e bateu neles no jardim para espantar possíveis aranhas escondidas. Fizeram café e puseram numa garrafa térmica grande, com leite e açúcar, para o menino de chifres. Serviram também em garrafas menores, para eles. Ben encontrou uma cesta para acomodar tudo, mais as barrinhas de granola, o refrigerante, uma caixa de fósforos que Jack embrulhou em plástico e um pacote de pretzels.

Quando os três chegaram à casa de pedra, a faca dourada não estava mais em cima da mesa. O menino de chifres tinha ido lá e saído de novo.

E tinha levado o bilhete com ele.

CAPÍTULO 7

Abençoado, era como chamavam Ben, desde que a mulher-elfo tocara na testa dele e no lugar surgira uma mancha cor de vinho do Porto, e ele passara a ser capaz de escutar e reproduzir a música deles. Abençoado, diziam, quando ele compunha em seu ukulele em tamanho infantil músicas que nenhum adulto conseguia reproduzir. Abençoado, quando tocava ao xilofone uma melodia que levava a babá às lágrimas. Abençoado, assim sua irmã o chamou quando ele encantou as fadas na floresta e salvou a vida dela. (E amaldiçoou-a também, talvez).

Mas ele se assustava com o que era capaz de fazer. Ben não tinha controle sobre isso.

Pais como os deles eram meio preguiçosos e esquecidos em relação a coisas como pagar contas ou comprar comida ou renovar documentos, mas não em relação à arte. Os jantares não iam muito além de uma tigela de cereal e ovos cozidos; eles nunca se lembravam de assinar autorizações para os passeios da escola, nem ligavam para a hora de ir dormir, mas sabiam o que fazer com um prodígio musical. Eles procuraram alguns amigos e, quando Ben tinha doze anos e Hazel onze, eles já tinham uma carta de recomendação para uma escola maluca onde Ben pudesse "desabrochar seu potencial". Na audição, sua exibição ao piano arrebatou todo o comitê de admissões, deixando-os enfeitiçados por meia hora. Foi aterrorizante, ele contou mais tarde a Hazel, como tocar para uma plateia de mortos. Quando Ben terminou, todos voltaram a se mexer e disseram como tinha sido impressionante ouvi-lo tocar. Ben sentiu-se enjoado.

E ficou ainda mais enjoado quando seus pais disseram que não tinham dinheiro para mandá-lo estudar lá. Ele queria ir mais do que jamais desejara qualquer coisa antes, porque por mais estranha que a audição tivesse sido, ele sabia que estudar música era a única chance que tinha de controlar seu poder.

Quando recebeu a notícia da bolsa de estudo, meses depois, já tinha certeza de que o haviam esquecido e sentiu como se tivesse ganhado na loteria. Foram todos tomar sorvete para comemorar e, além do próprio sorvete, Ben tinha devorado metade do sorvete de Hazel também.

Ben não estava feliz apenas por estar indo para uma escola de música fantástica. Estava feliz porque iam se mudar dali. Ele tinha medo de que Hazel se machucasse, literalmente, o tipo de machucado do qual as pessoas não se recuperam, e seria por causa dele. Ben ainda se lembrava de como tinha se sentido invulnerável ao se dar conta de que sua música tinha imobilizado a bruxa, como tinha ficado impressionado ao ver a irmã com a espada. Sentira como se tivessem nascido para ser heróis. Mas na verdade, caçar fadas era apavorante. E, por mais que ele tivesse conseguido inventar desculpas para encerrarem aquilo, era só uma questão de tempo até Hazel se encher dele e ir cuidar da própria vida.

~

O pai deles alugou a casa em Fairfold e eles arrumaram um apartamento barato na Filadélfia, onde cabia só uma fração das coisas que tinham. Hazel não gostou; não gostava de nada em relação à mudança. Ela não gostava de poder ouvir os vizinhos pela parede. Não gostava de como se sentia cansada o tempo todo, embora a mãe tivesse dito que era só a adolescência, que acontecia com todo mundo. Ela não gostava dos barulhos da cidade, nem do cheiro dos exaustores e do lixo apodrecendo embaixo das janelas. Ela não gostava da escola pública, onde os novos colegas riam dela quando contava das fadas. Ela não gostava de não ter permissão para andar sozinha. E, acima de tudo, ela não gostava de não ser mais um cavaleiro.

Quando fez o acordo, Hazel achou que somente Ben fosse embora e não que tivesse de ir junto. Não imaginou que a família toda tivesse de ir.

— Pense em todas as opções de comida delivery que podemos pedir — disse a mãe, claramente se lembrando dos restaurantes favoritos da época em

que estava na escola de arte. — Podemos comer pho uma noite, tacos na outra e depois, injera com doro wat.

Hazel fez uma careta.

— Não quero comer nenhuma dessas coisas. Nem sei o que são.

— Então pense no seu irmão — falou o pai sem raiva, enquanto acariciava o cabelo dela, como se achasse aquela reação infantil adorável. — Não ia querer o apoio dele se fosse você quem estivesse indo atrás de um sonho?

— Meu sonho é voltar pra casa — retrucou Hazel, cruzando os braços.

— Você só não descobriu o seu talento ainda — disse a mãe, sorrindo. E pronto.

Hazel sabia qual era seu talento, só não sabia como explicar. *Isso não é verdade*, ela quis dizer. *Meu talento é matar monstros*. Mas a mãe não precisava saber daquilo e seria uma tolice contar. Ela ficaria horrorizada ou com medo. Daí, começaria a prestar atenção nos lugares aonde Hazel fosse e no que fizesse. Além do mais, era um segredo delicioso. Ela gostava de pensar nisso quase tanto quanto gostava de sentir o peso da espada nas mãos.

E, se havia outra parte dela que desejasse ter pais do tipo que protegem os filhos da necessidade de matar monstros, aos onze anos Hazel já sabia que aquilo não era realista. Não que os pais não a amassem, mas eles simplesmente viviam se esquecendo de muitas coisas, coisas que às vezes eram importantes.

O que significa que, durante dois anos, Ben aprendeu a tocar vários instrumentos (incluindo taças de cristal e tuba) naquela escola chique, enquanto Hazel desenvolveu uma nova habilidade: flertar sem o menor arrependimento.

Hazel não era a melhor da turma, nem a pior. Ela poderia ter se destacado nos esportes, mas nunca se deu ao trabalho de tentar algum. Em vez disso, depois da escola, ela começou a fazer aulas de defesa pessoal e a praticar técnicas que via em vídeos de lutas de espadas no YouTube. No entanto, aos doze anos, Hazel descobriu algo que fazia estranhamente melhor do que os outros: chamar a atenção dos garotos.

Ela olhava para eles e, se eles percebessem o olhar, ela sorria.

Ela enrolava os cachos ruivos em volta do dedo e mordia o lábio.

Ela destacava o decote com o movimento dos braços, sobre a mesa ou usando um dos sutiãs com aro que convencera a mãe a comprar para ela,

acetinados e coloridos.

Ela dizia que estava indo mal nas matérias, às vezes porque era verdade, mas também por costume, quando não era.

Flertar não significava nada para ela. Não tinha um plano, um objetivo. Era só pela excitação, uma maneira de ser notada em um lugar onde seria fácil afogar-se na invisibilidade. Ela nunca quis magoar ninguém. Sequer imaginava que isso era possível. Hazel tinha doze anos, estava entediada e realmente não sabia o que estava fazendo.

Enquanto ela flertava, Ben se apaixonava pela primeira vez, por um garoto chamado Kerem Aslan. Eles se encontravam todos os dias depois da escola para cochichar enquanto faziam dever de casa e dar uns beijos escondidos, quando achavam que ninguém ia ver. Às vezes Ben tocava trechos de músicas que estivesse compondo, coisa que nunca fazia com ninguém, a não ser Hazel. Ela se lembrava de quando vira Ben escrever o nome do garoto no braço, com água. *Aslan*, igual ao leão de Nárnia. Kerem realmente parecia um pouco com um leão, com os olhos castanhos-dourados e a juba de cabelos pretos.

Hazel e Ben passaram de ter tudo em comum a quase nada. Frequentavam escolas diferentes, tinham amigos diferentes, histórias diferentes, tudo diferente. Hazel estava triste, e Ben nunca tinha sido tão feliz.

Até que os pais de Kerem descobriram e telefonaram para os pais de Ben para uma conversa horrível e constrangedora. O pai de Ben acabou desligando na cara deles e Ben chorou na mesa da cozinha, com a cabeça enterrada nos braços cruzados. Não importava quantas vezes o pai o abraçasse e dissesse que tudo iria ficar bem.

— Não vai — sussurrou ele, insistindo que jamais se sentiria mais triste do que naquele momento. Ben tinha certeza de que seu coração ficaria partido para sempre.

Dia seguinte, no almoço, Ben mandou uma mensagem de texto para Hazel contando que Kerem o evitara e tinha falado um monte de merda para os amigos que tinham em comum. Quando acabou a aula, Hazel decidiu ir até a escola de Ben em vez de voltar direto para casa. Ela sabia que a última aula do irmão era uma prática individual de flauta, de longa duração. Depois disso quem sabe poderiam ir tomar sorvete naquele lugar em que derramavam uma dose de *espresso* por cima da taça. Quem sabe isso deixasse Ben mais animado.

Ninguém a impediu de entrar na escola. Ela passou pelo segurança e foi pelo corredor até o banco que ficava ao lado da sala de música. Empoleirada ali, ficou surpresa ao ver Kerem Aslan dos olhos e nome de leão vindo na direção dela.

— Oi, irmãzinha — cumprimentou-a. — Você está linda hoje.

Hazel sorriu. Foi automático, metade reação ao elogio e metade costume de sorrir para ele. Ela já tinha sorrido para ele um milhão de vezes antes.

— Você sabe que eu sempre gostei de você. Sempre que eu ia pra casa de vocês, perguntava se você não queria ficar com a gente, mas o Ben dizia que você estava ocupada. Ele disse que você tinha namorado. — Kerem soava como se estivesse flertando com ela, mas havia algo em seu rosto que assemelhava-se demais a medo para que as palavras saíssem convincentes.

— Isso não é verdade — disse Hazel. Ela já tinha visto Ben e ele juntos, as cabeças próximas, cochichando e rindo, indiferentes ao resto do mundo.

— Então você *não* tem namorado? — perguntou Kerem. Pelo tom de voz, dava para perceber que ele estava se fazendo de desentendido, mas mesmo assim, conseguiu confundi-la.

— Não, quer dizer… — Começou a falar.

Então, com uma olhada de lado para ver se havia alguém no corredor, ele se inclinou e beijou Hazel.

Foi o primeiro beijo dela, além das avós e tias mais velhas, além dos pais e do irmão, apesar de todos os flertes. A boca de Kerem era suave e quente e, embora ela não tenha correspondido ao beijo, também não se esquivou.

Não foi boa essa hesitação. Durou só um instante, mas estragou tudo.

— Para! — disse ela, empurrando o menino. Alguns outros prodígios da música olharam para eles. Uma professora saiu de uma sala e perguntou se estava tudo ok. A voz de Hazel deve ter saído mais alta do que ela imaginara.

Mas não estava tudo ok, porque Ben estava olhando para os dois. Hazel teve apenas um vislumbre da mochila do irmão, dos All Stars pretos e da porta da sala de música batendo.

— Você fez isso de propósito — acusou Hazel. — Você queria que ele visse.

— Eu falei que gostava de você — disse Kerem, de sobrancelhas arqueadas, mas sem soar muito vitorioso.

As mãos dela não paravam de tremer enquanto esperava por Ben do lado de fora da sala de aula. Dava para ouvir um pouco da música, mesmo com o isolamento acústico. Ela queria explicar para o irmão o que realmente acontecera, dizer que não queria ser beijada. Entretanto, não houve oportunidade, porque minutos mais tarde a professora de Ben teve um infarto que quase a matou. Os paramédicos vieram e os pais de Ben e Hazel chegaram logo em seguida. Ben não falou com ninguém, nem ali, nem no caminho de volta para casa.

Ele tinha tocado quando estava chateado, provavelmente em um momento de raiva, e isso fizera o coração da professora parar. Hazel sabia que ele devia estar se culpando. Hazel sabia que ele devia estar culpando a magia e a ela também.

Quando subiu ao quarto de Ben para tentar pedir desculpas, encontrou-o sentado no chão, com a porta aberta, segurando a mão esquerda.

— Ben? — chamou Hazel e o irmão olhou para ela com os olhos vermelhos.

— Eu não quero mais tocar — disse ele, com a voz fraca, e ela se deu conta do que ele teria que ter feito para ficar com a mão daquele jeito. Ele tinha batido a porta nela. Mais de uma vez, provavelmente. A pele não estava simplesmente vermelha… Estava roxa. Os dedos estavam virados em um ângulo impossível.

— Mãe! — Hazel gritou. — Mãe!

— Isso tem que parar — disse ele. — Eu tenho que parar. Alguém tem que me parar.

Eles pegaram um táxi para o hospital e os médicos da emergência confirmaram que ele tinha quebrado ossos, vários. Os professores afirmaram que ele não poderia mais tocar, ao menos não por um bom tempo. Era preciso aguardar até os ossos se calcificarem e, a seguir, fazer exercícios para recuperar os movimentos. Ele teria que ser muito cuidadoso e dedicado.

Embora Ben nunca tenha contado aos pais o que fizera nem o porquê, embora Hazel nunca tenha falado, eles entenderam o recado e se mudaram de volta para Fairfold pouco tempo depois, de volta para a casa bagunçada e para a antiga vida.

Ben jamais foi cuidadoso e dedicado com a mão quebrada.

Ele escutava música, muita. Embriagava-se de música. Mas, depois que voltaram, ele sequer cantarolava junto. E nunca mais tocou. O que significa que, quando mais um turista desapareceu em Fairfold, Hazel foi sozinha à caça.

Era diferente sem ele e era difícil voltar a entrar naquela floresta depois de tanto tempo longe. A alça da espada, que usava para carregá-la nas costas, não cabia mais. Precisou improvisar e ajustá-la na cintura, embora não estivesse acostumada a andar com ela ali. Além disso, a bainha encostando na coxa o tempo todo era uma distração constante. Sentiu-se tola por voltar àquele jogo de crianças, ela que já era quase adolescente. Até mesmo a floresta parecia pouco familiar. As trilhas não estavam nos mesmos lugares e sempre que tentava correr por elas do jeito que fazia antes, parecia pisar em falso.

No entanto, estava mais alta e mais forte, determinada a cuidar das coisas por conta própria. Determinada a mostrar ao irmão que não precisava dele e a provar para si mesma que ainda podia ser um cavaleiro. Hazel sabia que o segredo para caçar seres do Povo era nunca baixar a guarda e lembrar que eles eram espertos. Era preciso ter em mente que a grama sob os pés podia mover-se de repente, que eles podiam fazer a pessoa andar em círculos. Antes de sair, Hazel tinha calçado as meias do avesso e enchido os bolsos de aveia, exatamente como a avó havia ensinado a eles quando eram pequenos. Estava pronta. Tinha de ir até lá. Tinha de encontrar os monstros. Tinha de lutar com eles, com todos eles, até chegar ao monstro no coração da floresta e terminar com aquela maldade de uma vez por todas, para que todos em Fairfold ficassem em segurança para sempre.

Às vezes, se pensasse demais a respeito disso, Hazel sentia o coração disparar e entrava em pânico. A missão que tinha de cumprir era impossível e ela não sabia quanto tempo ainda lhe restava.

Mas era justamente do pânico que ela tinha que se proteger, porque era fácil se deixar levar por ele ao lembrar que tinha prometido sete anos da sua vida para as fadas. E depois do pânico vinha o desespero, e este sim, depois que se instalava, era muito mais difícil de se livrar. O truque era não pensar muito. Qualquer coisa que a impedisse de pensar, já ajudava. Qualquer coisa que a impedisse de pôr a mão sobre o peito para sentir as batidas do coração e de saber que cada uma delas era um momento desperdiçado.

Foram três dias até achar a menina desaparecida, uma adolescente magra e alta chamada Natalie. Pendurada nos galhos de uma árvore morta, a garota ainda estava viva quando Hazel a encontrou, embora inconsciente. Um filete de sangue escorria por seus braços e pingava em uma tigela de madeira. Dois homens das fadas, baixinhos, de nariz vermelho e olhos pálidos, ocupavam-se de ajustar as cordas para girar a menina e fazer o sangue escorrer mais depressa.

Até então, Hazel jamais encontrara um turista vivo.

Ela reconheceu as criaturas das histórias que já tinha lido, embora nunca as tivesse visto antes. Eram barretes vermelhos, monstros terríveis que deliciavam-se em carnificinas e tingiam suas roupas com sangue.

Por um instante, Hazel olhou para eles e perguntou-se o que diabos estava fazendo. Tinha se acostumado a viver na cidade. Tinha se acostumado a um mundo sem monstros. Tinha ficado molenga e medrosa. O punho da espada pintada de preto oscilou em suas mãos suadas.

Eu sou um cavaleiro. Eu sou um cavaleiro. Eu sou um cavaleiro. Ela repetiu as palavras, os lábios movendo-se sem emitir som, mas sem ter certeza de que ainda sabia o que elas significavam. O que ela sabia era que se não se recompusesse, uma menina ia morrer.

Hazel saiu de surpresa do arbusto, golpeando de cima para baixo. O primeiro barrete vermelho gritou e em seguida desmoronou-se em silêncio. Hazel sentiu o estômago revirar, mas partiu para cima do segundo, preparada para reagir ao ataque dele, pronta para parti-lo ao meio. Provavelmente teria conseguido. Era forte e rápida, empunhava uma espada dourada gloriosa e tinha derrotado dois barretes. Mas havia um terceiro que ela ainda não vira e ele a derrubou no chão com um único golpe.

Eles cortaram a garganta de Natalie. Havia tão pouco sangue nela, disseram, a presa recente era muito mais fresca. Passaram uma corda pelos tornozelos de Hazel e já se preparavam para pendurá-la que nem a outra menina. Hazel sentiu-se tonta, enjoada, e com mais medo do que jamais tinha sentido na vida. Quis gritar por Ben, mas não havia Ben algum para chamar. Só podia contar consigo mesma e tinha falhado. Não salvara ninguém.

Ela ficou pendurada na árvore de cabeça para baixo por três horas, sentindo o sangue correr todo para a cabeça, até os barretes vermelhos saírem em busca de mais lenha. Hazel tomou coragem e se balançou até onde Natalie

estava pendurada. A sensação da carne morta em suas mãos era terrível, mas foi se apoiando no corpo da menina até conseguir subir num galho e desamarrar a corda dos tornozelos. As bochechas ficaram molhadas de lágrimas, embora ela não se lembrasse de ter chorado.

Encontrou sua espada junto de um monte de objetos roubados e foi embora para casa, tremendo tanto que teve medo de partir-se em pedacinhos.

Naquela noite, Hazel descobriu que a coragem de uma menina de treze anos não era páreo para monstros ancestrais, não desacompanhada. Ela precisava admitir que seu espírito de cavaleiro havia se perdido junto com a música de Ben. Quando finalmente chegou em casa, ficou de pé em frente à porta dele por um longo tempo, a mão espalmada na madeira pintada. Mas não bateu.

Hazel dissera a ele mil vezes que sentia muito, que jamais tivera a intenção de se deixar beijar por Kerem, que nunca quisera tal coisa. Mas lá no fundo do coração, ela sabia que não era totalmente verdade. Tinha sim dado mole para Kerem quando ele estava em sua casa, porque ele era bonitinho e porque Ben tinha tudo. Ela não queria beijá-lo quando de fato aconteceu, mas já havia pensado nisso. E deixou que acontecesse, e se não tivesse deixado, talvez Ben não tivesse perdido sua música. Talvez tampouco ele tivesse desistido da missão que tinham. Talvez Natalie ainda estivesse viva.

Ela disse a Ben que o beijo não significara nada. E ela queria que não tivesse significado nada.

Ela queria *provar* que não tinha significado nada.

Mas independentemente de quantos outros garotos beijasse, Hazel não era capaz de trazer de volta a música de Ben.

CAPÍTULO 8

Na noite em que o príncipe desapareceu de seu caixão, a mãe preparou espaguete com molho pronto, queijo ralado de pacote e ervilhas congeladas. Era o típico jantar em cima da hora, tão familiar que Hazel tinha desejo de comê-lo quando adoecia, do mesmo jeito que as outras crianças queriam canja de galinha. O pai tinha ido para Nova York, onde ficaria ao longo de toda a semana para ir a reuniões. A mãe tentou fazê-los falar sobre o que tinham feito durante o dia, mas Ben e Hazel ficaram só olhando para a comida e foram monossilábicos, distraídos demais com tudo que tinha acontecido para fazerem o esforço de conversar. De acordo com a mãe deles, o prefeito já tinha procurado um escultor da região, amigo dela, para perguntar se ele poderia criar uma versão de mentirinha do príncipe, para que sua ausência não afetasse o turismo. A história oficial que circulava era de que vândalos o tinham roubado.

— Quando eu era menina, nós éramos loucas por ele — contou a mãe. — Tinha uma garota que… Ah, vocês conhecem ela, a mãe da Leonie, sabem? Então, ela ia até o caixão todos os sábados com um rolo de papel toalha e um frasco de limpa-vidros pra deixar o caixão brilhando. Ela era obcecada a esse ponto.

Ben revirou os olhos.

A mãe parecia estar contente com aquelas lembranças.

— E Diana Collins, Diana Rojas agora, tentou acordá-lo encenando aquele clipe do Whitesnake, rolando por cima do caixão como se fosse a capota de um Trans Am, vestida só de fio dental e toda besuntada de óleo de bebê. Ah, os anos oitenta, hein? — Distraída, se levantou e atravessou a sala em

direção à prateleira mais baixa da estante. Pegou um caderno de desenhos velho e gasto. — Querem ver uma coisa?

— Claro — respondeu Hazel, um tanto confusa. A imagem da mãe de Megan coberta de óleo de bebê estava presa em sua cabeça.

A mãe folheou as páginas, um pouco amareladas pelo tempo. Lá estava o príncipe adormecido, riscado a lápis nº 2, caneta BIC e canetinhas coloridas. Os desenhos não eram ótimos, apenas ok, e Hazel levou um instante para compreender o que estava vendo.

— Você que desenhou? — perguntou, com a voz um tanto acusadora.

A mãe riu.

— Pode ter certeza. Eu costumava ir para a floresta depois da aula, fingindo que ia desenhar árvores e coisas assim, mas sempre acabava desenhando ele. Também o retratei em uma tela grande. Foi um dos trabalhos que me ajudaram a entrar na faculdade.

— Que fim levou esse quadro?

A mãe deu de ombros.

— Alguém comprou por uns trocados na época em que eu morava na Filadélfia. Ficou pendurado um tempo num café, mas não sei onde foi parar depois. Talvez eu pinte outro, agora que ele desapareceu. Eu detestaria me esquecer dele.

Hazel se lembrou da faca encravada na madeira da velha mesa e se perguntou o quão desaparecido ele realmente estaria.

Depois do jantar, a mãe abriu o notebook em frente à televisão e assistiu a um programa de culinária, enquanto Hazel e Ben continuaram na cozinha comendo torradas com geleia de toranja de sobremesa.

— E agora? — Hazel perguntou ao irmão.

— É melhor encontrarmos o príncipe antes que os avisos do Jack comecem a virar realidade. — Em seguida, com a testa franzida, ele acenou para as mãos dela. — Você caiu? O que houve?

Ela olhou para as mãos, que já não estavam mais vermelhas, só arranhadas. *Uma coisa aconteceu ontem à noite*. As palavras estavam na ponta da língua, mas Hazel não conseguiu dizê-las.

Depois que ela quase fora morta pelos barretes vermelhos, há tantos anos, depois que ele tinha visto os machucados e ouvido a história, Ben havia

implorado à irmã que ela nunca mais caçasse sozinha. *Daremos um jeito*, tinha prometido a ela, embora eles nunca tenham dado.

Se Ben soubesse que ela fizera um acordo com as fadas, ficaria realmente com raiva. Sentiria-se mal. E, àquela altura, ele não poderia mais fazer qualquer coisa a respeito.

— Devo ter me arranhado na floresta — respondeu ela. — Num espinho ou qualquer coisa assim. Mas valeu a pena.

— É — retrucou ele, baixinho, levantando-se para pôr o prato na pia. — Então você acha que ele está em algum lugar por aí, dormindo no nosso saco de dormir? Comendo nossos biscoitos murchos?

— E bebendo o café da nossa era moderna? É uma boa imagem. Espero que sim — ponderou Hazel. — Mesmo que ele seja o príncipe malvado das suas histórias.

Ben bufou.

— Você se lembra disso?

Ela virou a cabeça, forçando um sorriso.

— Claro. Eu me lembro de tudo.

Ele riu.

— Meu Deus, eu não tinha pensado nessas coisas que a gente falava um pro outro. É tão louco isso. Essa ideia de que a gente… Que ele tenha acordado na nossa geração.

— Tem que ser por uma razão — disse Hazel. — Alguma coisa deve estar acontecendo na floresta. Jack tem razão quanto a isso.

— Vai ver simplesmente era a hora. Talvez a maldição tenha acabado e ele mesmo tenha quebrado o caixão. — Ben balançou a cabeça, um sorriso erguendo-se no canto na boca. — Se o nosso príncipe for esperto e se quisesse se livrar de Alderking, viria direto para o centro da cidade. Se batesse de porta em porta, seria convidado para mais jantares do que um pastor aos domingos.

— Ele seria convidado para mais *camas* do que um pastor aos domingos — corrigiu Hazel, para fazer Ben rir. O pastor Kevin era objeto de desejo do grupo de jovens por fazer parte de uma banda quase famosa de rock cristão. O menino de chifres era uma celebridade local muito mais importante, entretanto. Se ele aparecesse no meio da Main Street, a Ordem Beneficente das Mulheres de Fairfold provavelmente organizaria uma venda de bolos e

biscoitos em sua homenagem e seria um evento bem sexy. Ben estava certo: se o príncipe não se importasse em esconder-se de Alderking nos quartos de Fairfold, estaria a salvo.

— Isso de sair enfrentando o perigo não parece nada com você — falou Hazel finalmente, mas só porque tinha que dizer alguma coisa.

Ben assentiu e lançou um olhar estranho na direção dela.

— Encontrar nosso príncipe é um caso diferente.

Ela se afastou da mesa da cozinha e ficou de pé.

— Bom, se tiver alguma ideia brilhante, me acorda. Vou deitar.

— Boa noite — disse Ben, talvez um pouco alegre demais, antes de ir para a sala de estar. — Vou assistir ao noticiário. Ver se continuam mantendo essa versão de que foram vândalos.

Enquanto subia as escadas, Hazel decidiu que tentaria ficar acordada o máximo que pudesse na esperança de flagrar o que quer que a tivesse chamado na noite anterior. Ela já tinha ouvido histórias de pessoas tão enfeitiçadas que tinham saído de casa para dançar com as fadas em noites de lua cheia, ou que tinham acordado ao amanhecer com os pés descalços, deitadas em círculos de cogumelos, um branco total e crescente na cabeça, sem conseguirem se lembrar de nada. Se ela seria usada pelo Povo, queria saber dos detalhes.

Havia, é claro, a possibilidade de que, tendo sido usada para o serviço designado pelo Povo, não fosse mais convocada por um bom tempo. No entanto, era melhor prevenir do que remediar.

Já no quarto, ajoelhou-se e puxou um velho baú de madeira de baixo da cama. A madeira estava rachada e retorcida em alguns lugares. Quando ela era bem pequena, Ben se escondia ali dentro e fingia ser o Drácula em seu caixão, e posteriormente o príncipe em seu caixão de vidro. Quando ela era ainda menor, a mãe guardava os brinquedinhos e cobertores de bebê dentro dele. Mas agora, era ali que ficava a velha espada, junto com algumas recordações da infância. Pedras com mica brilhante que ela adorava, recolhidas em caminhadas pela floresta. O papel de chiclete prateado que Jack havia dobrado em formato de sapo. A antiga capa verde de veludo, que supostamente faria parte de uma fantasia de Robin Hood. Um colar de margaridas tão frágil e seco, que ela não se arriscava a tocar, com medo de que se desmanchasse.

Essas eram as coisas que ela esperava encontrar quando abrisse a caixa. Queria pegar a espada pintada de preto e escondê-la entre o colchão e o estrado da cama.

Mas ela não estava lá.

O baú de madeira estava vazio, a não ser por um livro e uma roupa dobrada, túnica e calça feitas de um material prateado que ela nunca tinha visto antes. Ao lado, um bilhete com a mesma letra estranhamente familiar que escrevera a mensagem dentro da noz: 241.

Ela pegou o livro. FOLCLORE INGLÊS, estava escrito na lombada. Abriu na página 241.

Era a história de um fazendeiro que comprara um pedaço de terra, onde vivia um grande *bicho-papão*, peludo e encrenqueiro, que dizia ser o dono do lugar. Depois de discutirem, os dois decidiram dividir a terra. O bicho-papão queria tudo que crescesse acima do solo e disse ao fazendeiro que ele poderia ficar com o que houvesse debaixo dele. O fazendeiro levou a melhor sobre o bicho-papão, porque plantou batatas e cenouras. Na época da colheita, quando tudo o que o bicho-papão *conseguiu* foram ramas inúteis, ele ficou furioso. Gritou e esperneou e bateu os pés. Mas tinha feito o acordo e, como todas as fadas, estava preso à sua palavra. No ano seguinte, o bicho-papão exigiu o que houvesse debaixo do solo, mas novamente o fazendeiro levou a melhor. Tinha plantado milho, e a criatura ficou apenas com as raízes magricelas. De novo, o bicho-papão zangou-se, mais do que no ano anterior, mas manteve sua palavra. Finalmente, no terceiro ano, o bicho-papão disse que o fazendeiro deveria plantar trigo, mas que os dois arariam o terreno e ficariam com o que colhessem. Como o fazendeiro sabia que o bicho-papão era muito mais forte, teve a ideia de enfiar pedaços de arame no solo que pertencia à criatura, de modo que o arado dela ficava prendendo toda hora durante a colheita. Depois de algumas horas de tentativas, o bicho-papão desistiu, disse que o fazendeiro podia ficar com a plantação e que fizesse bom proveito.

As palavras *cenouras* e *arame* estavam circuladas por um traço de lama. Hazel franziu a testa, olhando para o livro. A história não tinha qualquer significado para ela.

Confusa e frustrada, ocupou-se de tirar os lençóis enlameados da cama, metendo-os no cesto de roupa suja. Depois foi até o armário do corredor e

pegou um lençol limpo, embora amassado, e um cobertor velho. Em seguida, pôs o pijama com estampa de foguetes e cobriu-se. Pegou um livro qualquer na mesinha de cabeceira e tentou se distrair, desejando convencer a si mesma de que precisava de uma espada velha tanto quanto de uma fantasia de Robin Hood.

No fim das contas, era um livro que ela já tinha lido, no qual zumbis perseguiam uma dupla de repórteres irmãos. Depois de algumas páginas e uma enxurrada de palavras, ela o pôs de lado. Não conseguia se concentrar. Nada daquilo parecia tão real quanto a lembrança da casa de pedra coberta de limo, a faca de elfo largada em cima da mesa gasta de madeira. Nada parecia tão real quanto suas mãos machucadas, os pés enlameados e a noite desaparecida.

Nada daquilo parecia tão real quanto Jack ter uma vida dupla. Ela sabia que era preciso ter cuidado com as fadas, não importava o quão belas ou espertas ou encantadoras fossem, mas de alguma maneira, Jack sempre fora a exceção à regra. Agora, no entanto, não conseguia esquecer dos olhos prateados dele e do tom estranho com que falara. De alguma maneira, aquela lembrança havia se misturado com a do beijo e Hazel sentia-se uma boba.

Então ficou parada, de olhos fechados, fingindo dormir, até ouvir o estalar do piso de madeira. Alguém tinha subido as escadas e vinha pelo corredor. Seria Ben indo deitar? Ou Ben já estava dormindo e uma outra coisa estava vindo na direção dela? Hazel sentou-se e pegou o celular para ver as horas: eram duas da madrugada.

Enquanto deslizava para fora da cama, ouviu alguém descendo de volta as escadas.

Ela calçou as galochas, pegou o celular e foi atrás do som, o mais discretamente possível. Se o Povo era capaz de tê-la tirado da cama, fazia todo sentido fazerem o mesmo com Ben. Tudo bem que ele não devia nada a eles, não tinha negociado nada, mas isso só queria dizer que eles não tinham qualquer direito sobre ele. Só que o Povo tomava várias coisas sobre as quais não tinha direito.

Ela fez uma parada rápida para vestir o casaco e, quando abriu a porta, viu Ben já do lado de fora. Ele andava na direção do carro, decidido. Hazel começou a entrar em pânico e a indecisão parecia segurá-la sob a sombra de um carvalho. Não havia a menor chance de conseguir segui-lo a pé. Pensou em

correr até a janela do carona e bater no vidro. Se ele estivesse enfeitiçado, isto o acordaria.

Mas e se não estivesse? E se ele estivesse indo sozinho procurar o menino de chifres? Até porque ele não era obrigado a levar a irmãzinha a todos os lugares que fosse.

Ben saiu com o carro da entrada devagar, sem acender os faróis.

Hazel decidiu num impulso: foi até a garagem e pegou a bicicleta velha do meio das ferramentas cobertas de teias de aranha. Com as mãos trêmulas, arrancou os discos refletores colados nos aros das rodas, jogando-os para um canto escuro. Montou e saiu pedalando com velocidade. Quando chegou à rua, Ben já tinha acendido os faróis e estava fazendo a primeira curva.

Ela freou de leve, tomando cuidado para manter-se fora do campo de visão dele, mas sem perder o Volkswagen de vista. O limite de velocidade nas ruas secundárias era baixo, o que facilitava as coisas, mas não haveria como segui-lo se ele desrespeitasse a sinalização e acelerasse.

O vento fazia o cabelo de Hazel chicotear, e a lua alta no céu deixava tudo prateado. Ela teve a sensação de estar pedalando numa paisagem de sonho, num mundo silencioso onde todos dormiam, menos ela e o irmão. O que restava de cansaço foi consumido à medida que os músculos começaram a trabalhar, e logo tinha entrado em um ritmo tão bom que quase não percebeu que Ben estava parando. Ela freou de repente, arrastando a sola das galochas no asfalto. Depois conduziu a bicicleta para dentro da mata, onde largou-a entre vinhas e galhos caídos.

Sentiu um suor frio escorrer pelas costas. Ela sabia aonde ele estava indo: para o que restara do caixão de vidro.

Ela seguiu Ben a pé, movendo-se o mais devagar que conseguia. Torceu para não ser traída pelo estalar dos gravetos no chão. Fosse porque ela ainda era boa em esgueirar-se silenciosamente pela floresta, ou porque Ben estava distraído, o fato é que ele não olhou para trás uma única vez.

Aquilo se parecia muito com uma caçada, só que a presa era o irmão.

A noite estava úmida e fria o bastante para o hálito de Hazel ser visível no ar. Criaturas moviam-se sob as folhagens e comunicavam-se em meio aos galhos disformes das árvores. Uma coruja encarou-a com sua cara de relógio.

Hazel fechou melhor o casaco e desejou ter tido a ideia de trocar o pijama antes de sair de casa.

Ben parou junto ao tronco caído de um carvalho. Parecia estar reconsiderando seja lá o que o tinha feito ir até ali. Andou para a frente e para trás, chutou as folhas de um arbusto. Hazel ficou sem saber se deveria dizer alguma coisa, chamar o nome dele, para que soubesse que não estava sozinho.

Eu segui você porque achei que pudesse estar enfeitiçado, imaginou-se dizendo. *Mas agora percebo que você provavelmente não está enfeitiçado, porque as pessoas enfeitiçadas não ficam confusas de repente por estarem no meio da floresta, no escuro. Desculpa. Provavelmente eu não deveria ter te seguido*.

Isto soaria bem.

Mas então Ben voltou a caminhar pela floresta, os pés chutando as folhas, e Hazel voltou a segui-lo. Andaram até chegar à clareira onde o príncipe dormira, a clareira onde tinham estado centenas de vezes. Cacos de vidro e garrafas de cerveja quebradas cintilavam sob o luar. Mas toda a vegetação, das árvores aos arbustos, às vinhas retorcidas, estava escura e morta. Tudo podre, como se o inverno tivesse chegado mais cedo. Até as sempre-vivas estavam mortas.

E o caixão estava destroçado. Todo mundo sabia que isso tinha acontecido, mas ver era diferente. Era um sacrilégio. Como se o caixão fosse tão desimportante quanto o vidro de um carro que alguém quebra para roubar o rádio. A destruição o deixara comum.

Ben foi até o casulo de vidro e passou a mão sobre a borda de metal. Em seguida, empurrou os restos da tampa, cacos de cristal tilintando ao caírem no chão. Ben colocou a mão lá dentro, provavelmente para tocar no tecido, mas em seguida parou e virou-se para olhar na direção em que Hazel estava, como se ela tivesse pisado errado e feito algum barulho.

O que Ben estava procurando? O que tinha vindo encontrar?

Silenciosamente, Hazel prometeu a si mesma que sairia das sombras se Ben tentasse subir no caixão, por mais que isso o fosse deixar furioso.

Ele não subiu, entretanto. Deu uma volta ao redor do caixão, como se, tanto quanto Hazel, estivesse fascinado pela condição em que se encontrava. Então ele curvou-se, a testa franzida. Quando se ergueu novamente, tinha alguma coisa protegida entre as mãos, algo que havia tirado de dentro do

caixão e que brilhava sob o luar, algo que ele observava com fascinação. Um brinco. Uma argola barata de metal esmaltado de verde, que Hazel nem tinha dado falta.

Imediatamente, uma enxurrada de desculpas veio à cabeça dela. Talvez a tivesse perdido na noite da festa, embora isso não explicasse a argola estar dentro do caixão, sob lâminas de vidro partido. E quase com certeza se lembrava de tê-las usado no dia seguinte à festa. Ok, talvez outra garota tivesse brincos iguais e, *ela sim*, tivesse perdido um deles. Melhor isso.

Hazel já desconfiava que poderia estar envolvida na libertação do menino de chifres, mas parte dela ainda resistia em acreditar. Agora, não tinha mais desculpa. Nenhuma explicação que ela inventasse seria capaz de explicar uma evidência.

Hazel começou a tremer e o pânico foi crescendo dentro dela. Ela já não tinha repreendido a si mesma correr atrás de problema? Por fazer todo o possível para que nenhum garoto ficasse sem ser beijado, nenhuma péssima ideia abandonada? Por sempre cutucar a ferida? Por nunca evitar um arrependimento? Por sempre morder a isca e por fazer todo comentário idiota que vinha à mente? E, certamente, por não se esquivar de acordos estúpidos? Mas parece que ainda era o caso, neste caso, por mais que ela não se lembrasse de nada.

Depois de alguns minutos, Ben começou a voltar para o carro, resmungando baixinho. Hazel agachou-se e colou os ombros numa árvore até ele passar. Até conseguir controlar a respiração. Ela ainda não sabia o que diria a Ben, mas pelo menos teria até de manhã para resolver.

Hazel caminhou de volta até a bicicleta, que estava no lugar onde a deixara, escondida atrás de um arbusto que parecia engolir o quadro. Ela colocou a bicicleta de pé, empurrou-a de volta até a rua e começou a pedalar, seguindo de longe o farol traseiro do carro.

Bem parecia estar indo na direção de casa, então ela não se preocupou mais em acompanhar seu ritmo. Em vez disso, concentrou-se no que faria.

Tinha sido ao Alderking que Hazel prometera seus sete anos. Talvez, se fosse até o espinheiro branco numa noite de lua cheia e esperasse, pudesse fazer outra barganha, desta vez em troca de respostas. Ou quem sabe conseguisse entrar em uma das festas de Alderking e perguntar diretamente a ele.

Ela estava pedalando mais rápido, imaginando o que diria, quando viu o corpo em uma vala na beira da estrada. Uma garota, as pernas pálidas espalmadas na terra, o cabelo castanho caído por cima de uma poça. Alguém estava debruçado sobre o corpo, alguém cujo cabelo castanho em parte caía por cima dos olhos e em parte estava por trás de longos chifres curvados.

Hazel levou um susto e sentiu todo o seu corpo congelar.

Perdeu o equilíbrio e a bicicleta girou por baixo de seu corpo. Aconteceu tão rápido que ela sequer teve tempo de reagir, de corrigir o movimento. Em um segundo estava pedalando e, no outro, estava aterrissando no meio da pista.

O menino de chifres assistiu tudo, mas a expressão em seu rosto era indecifrável sob a luz do luar.

CAPÍTULO 9

Hazel se estatelou no chão. As mãos, estendidas para proteger o rosto, bateram antes e ralaram no chão áspero. Ela perdeu o fôlego. Rolou para o lado, arranhando os cotovelos e machucando a parte de trás da cabeça. Sentia-se em carne viva, sentia-se mal. Ficou parada por um momento, cheia de terra na boca, esperando a onda de dor esvair-se.

Dava para escutar as rodas da bicicleta girando e algo mais: o menino de chifres aproximando-se. Os passos no asfalto soavam tão altos quanto ossos partidos.

Ele se ajoelhou e se curvou por cima dela.

A pele dele era pálida, parecia alva de frio. Ele ainda vestia a túnica azul cuidadosamente bordada que usara ao longo de gerações, mas o tecido estava escurecido pela chuva e as botas cor de marfim tinham respingos de lama. Seus chifres subiam a partir da testa e curvavam-se atrás das orelhas pontudas, próximos à cabeça, terminando em pontas logo abaixo da linha do queixo, de modo que alguém, à distância, poderia achar que eram tranças grossas. Até sua estrutura óssea — as maçãs do rosto pronunciadas, a altura da testa — parecia ligeiramente diferente da de um humano. De uma maneira geral, ele parecia mais bem-acabado, como uma taça de cristal oferecida a quem está acostumado a beber apenas em canecas de café. Seus olhos eram verdes cor de limo, um tom que fez Hazel se lembrar de piscinas fundas e água fria. Ele olhava para Hazel com aqueles olhos de outro mundo, como se tentasse compreender algo.

Continuava monstruosamente lindo como sempre. Dava para se afogar em tanta beleza.

— O que você fez com ela? — Hazel perguntou, tentando se levantar. O sangue escorria dos dois joelhos e pelos braços, fazendo o pijama grudar na pele. Ela não achava que seria capaz de correr, seus músculos estavam tensos e doíam muito.

Ele fez um gesto na direção dela e Hazel se deu conta de que teria que correr de qualquer jeito. Ficou de pé, ensaiou três passos e viu que a garota jogada na vala era Amanda Watkins.

Sua pele estava branca, não pálida como a de um doente, branca como uma folha de papel. As únicas áreas rosadas eram as pontas dos dedos e dentro dos olhos. Os lábios estavam ligeiramente abertos e a boca estava cheia de terra, alguns gravetos saíam pelos cantos. Um dos pés estava calçado com um sapato de salto alto, mas o outro estava descalço e coberto de lama.

— Amanda? — gritou Hazel, cambaleando até ela. — Amanda!

— Eu conheço você. Eu conheço sua voz — disse ele com a voz rouca, como se viesse gritando há uma semana. Ele puxou o braço de Hazel e, quando ela virou, estava olhando para ela com os olhos brilhantes e famintos. — Você é exatamente a garota que eu procurava.

Era como se Hazel tivesse esperado a vida toda para que ele acordasse e dissesse estas palavras. Mas, agora que tinha dito, ela estava morta de medo. Os dedos do garoto, gelados como se tivessem mergulhado em água gelada e parecendo que iam atravessar a pele de Hazel, impediram-na de se mover. Ela abriu a boca para gritar, mas tudo o que saiu foi um som abafado.

— Quieta — avisou ele, com a voz áspera. — Fique quieta. Eu sei quem você é, Hazel Evans, irmã de Benjamin Evans, filha de Greer O'Neill e Spencer Evans. Eu reconheço sua voz. Eu sei de todos os seus desejos mais tolos. Eu conheço você e sei o que você fez e eu *preciso* de você.

— Você… você o quê? — Imaginou a si mesma aos nove anos, sussurrando para ele através do vidro e a vermelhidão de vergonha foi tanta que lhe desceu pela garganta. Ele realmente escutara todas as coisas que ela tinha dito? Todas aquelas coisas ridículas que tinham sido ditas *junto a ele* durante todo o tempo em que esteve lá?

— Anda. — Ele a puxou pela pista. — Precisamos ir. Estamos expostos aqui.

Ela lutou para se soltar, mas o garoto a puxou mesmo assim, apertando o pulso dela com força suficiente para machucar.

— Mas, e Amanda? Não podemos deixá-la aqui! — gritou Hazel.

— Ela está dormindo — disse ele. — Culpa minha, talvez, mas não posso modificar a situação e isso não tem muita importância agora. As coisas vão ficar piores para ela e para todo mundo se você não me contar onde está.

— Onde está o quê?

— A espada. — Ele parecia irritado. — A que você usou para me libertar. Não se faça de desentendida.

O pânico fez o estômago de Hazel revirar. Ela pensou no baú quase vazio debaixo de sua cama.

— Espada?

— Devolva Heartsworn. As coisas vão correr melhor se você simplesmente fizer o que eu peço. Se tentar me enganar, terei de lhe provar por que isto é uma insensatez.

— O que você me pede? — Hazel reagiu automaticamente. — Você chama isso que acabou de dizer de 'pedir'?

Assim que as palavras saíram de sua boca, Hazel se arrependeu. Implorou a si mesma: *pense*. Estar sendo puxada por ele a estava deixando desorientada, sabendo que ele poderia levá-la para um lugar qualquer e matá-la. Ao mesmo tempo, estava confusa e constrangida diante da ideia de que ele a mataria vestida de pijama e galochas. Se soubesse que ia morrer pelas mãos dele, Hazel teria se arrumado melhor.

Os lábios do garoto curvaram-se em um quase sorriso, e ele puxou o braço dela.

— Estou pedindo da maneira mais gentil que conheço.

— Você quer minha ajuda? Então me conte o que fez com Amanda.

Enquanto falava, enfiou a mão no bolso do casaco para tentar achar o celular. Ele podia ser uma criatura mágica, um cavaleiro de verdade, mas ainda assim tinha dormido por um século. Hazel podia apostar que ele não saberia nada sobre a tecnologia moderna.

— Eu? Você está muito enganada se acha que fui eu quem fez aquilo. Há coisas piores do que eu nestas florestas.

— Que tipo de coisas? — perguntou Hazel.

— Você por acaso não ouviu falar de uma criatura que já foi um deles, do Povo, e que agora é outra coisa? Uma criatura de lama e galhos, musgos e videiras? Ela está me caçando. Foi ela quem agrediu Amanda. Nenhuma lâmina é capaz sequer de arranhá-la, a não ser Heartsworn. Então, como pode ver, é do seu próprio interesse *devolver a espada para mim*.

Ah, Hazel pensou, um pouco tonta. Nada demais. Ele só está falando do monstro no coração da floresta, a criatura lendária. Tentou manter os dedos firmes enquanto teclava para Ben, sem olhar para o celular, grata por uma vida inteira de conversas por mensagem durante a aula: SOCORRO AMANDA FERIDA NA GROUSE ROAD!!! MONSTRO!

— Você me libertou. — Ele olhou para Hazel e, por um momento, ela pensou que debaixo de toda aquela fúria controlada, havia outra coisa. — E é capaz que tenha de pagar um preço muito alto por essa generosidade. Por que você fez isso?

— Não sei. Eu nem tinha certeza de estar envolvida nisso até agora. Você disse que ouviu minha voz… havia mais alguém lá? Alguém me dando ordens?

Ele balançou a cabeça.

— Só você. Mas quando acordei completamente, o céu já estava claro e você tinha ido embora.

— Eu não me lembro disso. Não me lembro de ter ido a lugar nenhum ontem à noite.

Ele suspirou.

— Tente se lembrar. Leve em consideração o destino de Amanda Watkins, de quem, por sinal, eu sei que você não gostava. A próxima vítima pode ser alguém com quem você se importe.

Ela ficou surpresa em vê-lo dizer aquilo. Eram estranhos, mas o jeito que ele falava e a pressão dos dedos no braço dela eram íntimos de uma maneira esquisita. Tantas vezes ela imaginara uma cena parecida com aquela, que andar ao lado dele na penumbra da floresta era metade pesadelo e metade fantasia, completamente irreal. Hazel ficou tonta, como se fosse desmaiar. Ela meio que queria desmaiar, para não ter de lidar com nada daquilo.

— Só porque eu não gosto dela não quer dizer que eu queira que ela morra.

— Então está bem. Perfeito. Ela não está morta ainda — disse ele, como se aquilo resolvesse tudo, e continuou andando, sem sequer olhar na direção de Hazel.

Saíram da estrada e se embrenharam pela mata. O coração dela parecia querer pular para fora do peito.

O celular vibrou dentro do bolso, mas ela não podia se arriscar a conferir. Ela se sentiu melhor sabendo que Ben devia ter recebido a sua mensagem, que alguém encontraria Amanda.

— Deixamos um pouco de comida e outras coisas pra você — disse Hazel, tentando preencher o silêncio assustador daquela caminhada e disfarçar o som do celular, que vibrou de novo. Ben devia estar ligando para ela. — Meu irmão e eu, nós estamos do seu lado.

Ele não precisava saber que Hazel tinha dúvidas em relação à história dele.

Uma expressão contrariada apareceu no rosto do menino de chifres.

— Não sou um espírito guardião do lar pra me sujeitar a oferendas.

— Não era uma questão *sujeitá-lo* — explicou. — Mas de ser gentil.

Dada a obsessão do Povo com as boas maneiras, Hazel se perguntou se ele não haveria de se sentir pelo menos um pouco mal por arrastá-la pela floresta. Ela esperava que ele estivesse se sentindo péssimo.

O menino de chifres inclinou um pouco a cabeça, um leve sorriso nos lábios que ela pensou que pudesse ser de deboche.

— Pode me chamar de Severin. Agora ambos já fomos gentis.

Isso era o mais próximo de um pedido de desculpas que alguém do Povo chegaria. Eles consideram seus nomes como algo muito valioso. Talvez ele realmente estivesse se sentindo mal, mas Hazel tinha a sensação de que não fazia diferença. O que o compelia era um pouco mais profundo do que cortesia.

O tempo foi passando à medida que caminhavam, ela tropeçando e ele andando ao lado dela, segurando-a pelo braço caso fosse muito longe ou muito rápido. Hazel ainda sentia dores por causa da queda da bicicleta, e sua cabeça zunia. Eles marcharam até voltar para a clareira.

Severin soltou-a e foi até os destroços do caixão.

— Você sabe o que era isto? Não era vidro — explicou ele, deslizando a mão para dentro do caixão, onde correu os dedos pelo forro. — Nem cristal.

Nem pedra. Era feito de lágrimas. Quase impossível de quebrar. Feita por um dos melhores artesãos em todo o Mundo das Fadas, Grimsen. Criado para guardar um monstro.

Hazel balançou a cabeça, confusa.

— Você?

Ele arfou.

— Ninguém conta mais as velhas histórias?

— O que estamos fazendo? — perguntou Hazel.

Ele respirou fundo.

— Você precisa se lembrar quem foi que ficou com Heartsworn. Quem deu a espada a você e guiou a sua mão? Quem ensinou como quebrar o caixão e a maldição?

— Eu não consigo…

— Consegue, sim — disse ele, gentilmente. Severin levou uma das mãos até o rosto dela. Com os dedos, frios contra a pele quente de Hazel, ele afastou o cabelo do rosto dela. Ela estremeceu. — Para o bem de todos, você tem que lembrar.

Ela balançou a cabeça, pensando na espada que encontrara junto do lago Wight havia tantos anos, a mesma que tinha desaparecido do baú embaixo de sua cama.

— Mesmo que eu tivesse a menor ideia de onde ela está, o que faz você pensar que eu contaria?

— Eu sei o que você quer de mim — disse ele, chegando mais perto dela. Todo o resto pareceu desaparecer. Segurando-a pelo queixo, Severin ergueu o rosto de Hazel na direção do dele. — Eu conheço cada um dos seus segredos. Sei de todos os seus sonhos. Deixe-me convencê-la.

Então, pressionando Hazel contra um tronco de árvore enegrecido, ele a beijou. Seus lábios eram quentes e doces. Uma escuridão quente inundou os pensamentos de Hazel, deixando-a arrepiada.

Severin se afastou e Hazel passou a mão pelo pijama amarrotado.

— Benjamin Evans — gritou Severin para a escuridão. — Venha aqui. Não se preocupe, você não está interrompendo.

— Tire as mãos de cima dela! — A voz de Ben, trêmula, mas determinada, veio do outro lado da clareira.

Ficar muito corada era o pior de ser ruiva, pensou Hazel. A vermelhidão se espalhou pelas bochechas e pescoço até ela praticamente sentir como se o couro cabeludo estivesse queimando.

Ben deu um passo para fora das sombras, parecendo corado também. Trazia consigo um machado que a mãe deles às vezes usava para cortar lenha para o fogão do estúdio.

— Hazel, você está bem?

O irmão havia chegado para salvá-la, como nos velhos tempos. Ela quase não conseguia acreditar.

O príncipe sorriu, e havia um estranho brilho em seus olhos. Ele seguiu na direção de Ben, com os braços abertos como num convite.

— Vai me partir em dois como se você fosse um lenhador de conto de fadas?

— Vou tentar — respondeu Ben, mas havia ainda uma hesitação em sua voz. Bem era alto, desengonçado, sardento, seus braços e pernas pendiam frouxos. Não parecia perigoso. Sequer parecia capaz de levantar o machado sem fazer um tremendo esforço.

Hazel sentiu uma onda de vergonha que lhe deu calor. Por muito tempo, o menino de chifres tinha sido algo que os dois compartilhavam. Agora, Ben o tinha visto beijar a irmã.

— Ben! — Hazel interveio. — Ben, eu estou bem. Se alguém tem de lutar, esse alguém deveria ser eu.

O olhar do irmão voltou-se para ela.

— Porque você não precisa da ajuda de ninguém, certo?

— Não, não é isso… — Ela deu um passo na direção dele, antes de Severin sacar a faca de ouro.

— Seria melhor se nenhum dos dois lutasse comigo — avisou Severin. — Você está em uma posição com mais alcance e sua arma pode ferir profundamente, mas aposto que eu sou mais rápido. Então, o que vai fazer? Vai correr atrás de mim? Vai rodar o machado loucamente e torcer pra dar certo?

— Só deixe Hazel ir embora — disse Ben. Sua voz tremeu um pouco, mas ele não recuou um centímetro. — Ela está com medo. Estamos no meio da

noite e ela sequer está devidamente vestida. O que você acha que está fazendo? Segurando minha irmã desse jeito?

Severin deslizou um pouco mais para perto, movendo-se tão suavemente quanto uma bailarina.

— Ah, você quer dizer em vez de pegar *você*?

Ben estremeceu como se tivesse levado um tapa.

— Eu não sei o que você pensa que está…

— Benjamin — disse Severin com a voz mais baixa. Seu rosto estava inumanamente belo, os olhos tão frios quanto o céu acima das nuvens, onde o ar é rarefeito demais para se respirar. — Eu escutei cada palavra que você já me disse. Todas as palavras doces e sedutoras.

A vermelhidão de Ben ficou ainda mais intensa. Ele estava mortificado. Hazel quis gritar para ele, dizer que Severin tinha tentado o mesmo com ela, dizer que o mesmo tinha *funcionado* com ela, mas não quis ser um elemento de distração. Ben e Severin circundavam um ao outro, com cautela.

— Não vou embora sem Hazel — disse Ben, erguendo o queixo. — Você não vai conseguir me constranger a ponto de eu desistir da minha irmã.

Ele ia acabar sendo morto. Ele não tinha mais os dedos rápidos, não carregava mais a flauta pendurada no pescoço por um cordão sujo. Ele não podia tocar e nunca tinha lutado com uma espada. Hazel precisava fazer alguma coisa, precisava salvar Ben.

Ela pegou o maior galho solto que encontrou. O peso em suas mãos pareceu estranhamente reconfortante, e a postura que ela assumiu foi tão fácil e automática quanto respirar. Assim que a luta começasse ela investiria contra Severin e, com sorte, iria pegá-lo desprevenido. Podia não ser um golpe muito honrado, mas já fazia um bom tempo desde a última vez em que lutou com espadas.

— Não seja tolo — disse Severin a Ben. — Eu fui treinado como espadachim desde pequeno. Vi minha mãe ser esquartejada na minha frente. Já cortei e matei e sangrei. Você não tem a menor chance de me vencer. — Ele olhou para Hazel. — Sua irmã pelo menos parece saber o que está fazendo. A postura dela é boa. A sua é ridícula.

E lá se ia a oportunidade de pegá-lo de surpresa. Ela agora teria de contar com a sorte.

— Se você vai me matar, então faça isso logo — avisou Ben. — Porque se quiser levá-la, isso é o que você vai precisar fazer.

Por um instante congelado no tempo, Severin ergueu a faca. Seus olhares se encontraram, um lenço de seda enganchado ao espinho. Hazel prendeu a respiração.

Com uma risada de desprezo, o príncipe embainhou sua faca. Ele balançou a cabeça, olhando com estranheza para Ben. Então fez uma elaboradíssima reverência, tão curvado que a mão quase varria o chão.

— Vão então, Hazel e Benjamin Evans. Eu renuncio ao meu direito sobre vocês esta noite. Mas nosso assunto não está terminado, nossos negócios estão longe de estarem resolvidos. Voltarei para buscar vocês, e quando o fizer, vocês vão querer fazer o que eu pedir. — Com isso, Severin se afastou e seguiu caminhando para dentro da floresta.

Hazel olhou para o irmão. Ben respirava rápido, como se tivesse acabado de sair de uma luta física. O machado escorregou de suas mãos, caindo no chão da floresta, e Ben olhou para Hazel com olhos arregalados, confusos.

— O que foi isso? Sério, Hazel. Foi loucura.

Ela balançou a cabeça, igualmente perplexa.

— Eu acho que você o impressionou com a pura força da sua estupidez. Como você me encontrou?

Ele sorriu com um canto da boca.

— Quando vi que você não estava na Grouse Road, eu segui o GPS do seu celular. Você estava muito perto do caixão, então pensei que estivesse mesmo indo na direção dele.

— Como é aquela frase? — perguntou Hazel, andando na direção dele, feliz demais por ele ter vindo para argumentar sobre o risco que tinha corrido. — Deus protege os tolos, os bêbados e os idiotas de machado na mão?

Ele tocou com carinho no ombro dela e correu os dedos pelo tecido do pijama. Ben ficou sem fôlego, como se imaginasse o quanto aqueles arranhões tinham doído. Ela se deu conta de que estava coberta de terra por causa da queda. Terra e sangue.

— Você está bem mesmo?

Hazel assentiu.

— Caí da bicicleta quando vi Amanda e ele. Eu estou bem, mas acho que ela não está.

— Chamei a polícia, então devem ter mandado alguém para lá. Você vai me dizer o que estava fazendo na Grouse Road? — perguntou Ben.

Seguindo você, ela quis responder, mas as palavras ficaram presas. Se dissesse isso, ele perguntaria sobre o brinco e faria todas as perguntas que inevitavelmente seguiriam.

Em vez disso, ela entrou no carro e descansou a cabeça no painel.

— Estou exausta. Podemos ir para casa?

Ben assentiu e foi na direção do carro, onde entrou pela porta aberta, visivelmente engolindo as perguntas que tinha. Seus olhos azuis estavam negros sob a luz da lua.

— Você tem certeza de que está bem?

Ela assentiu.

— Graças a você.

Ele sorriu e se endireitou no banco do carro. Passou uma das mãos pelo cabelo dela.

— Nosso príncipe realmente é uma coisa, hein?

Hazel concordou silenciosamente, pensando na boca de Severin colada na dela.

— Severin — completou ela. — O nosso príncipe se chama Severin.

Uma vez, Ben contara a Hazel uma história sobre um grande mago que tinha arrancado o próprio coração e o escondera no buraco de uma árvore. Fez isso para que, quando seus inimigos o esfaqueassem no lado esquerdo do peito, ele não morresse. Desde que Hazel era pequena, ela escondera seu coração no folclore acerca do menino de chifres. Sempre que alguém a magoava, ela se confortava com histórias de como ele era fascinante, um pouco malvado e desesperadamente apaixonado por ela.

Essas histórias mantiveram o coração dela a salvo. Mas agora, quando pensava em Severin, quando se lembrava de seus olhos verde-musgo e da terrível emoção em suas palavras, ela não se sentia nem um pouco segura. Ela o odiava por ter acordado, por ser de verdade e por ter roubado esses sonhos.

O garoto de chifres não era mais o príncipe deles.

CAPÍTULO 10

No carro, na volta para casa, Ben mal conseguia conter o nervosismo que fazia sua mão batucar no volante e mexer sem parar nos botões do rádio. Eles passaram pela Grouse Road e viram o piscar das luzes da viatura do delegado e de uma ambulância, ambas brilhando no escuro com uma regularidade reconfortante. Alguém tinha vindo consertar as coisas, consertar Amanda, que Severin tinha dito que ainda estava viva.

— Precisamos parar — pediu Hazel. — Vai que ela…

— Você vai mesmo contar a eles o que aconteceu? — perguntou Ben com as sobrancelhas levantadas, enquanto virava o volante para pegar um caminho diferente para casa.

Em sua cabeça, Hazel via a imagem do irmão e Severin andando em círculos, a expressão faminta no rosto do garoto inumano, a lâmina brilhante em suas mãos. E então um arrepio fez Hazel estremecer quando pensou nos ângulos horríveis das pernas e braços de Amanda sobre a grama irregular. Ela não parecera estar viva. Ben tinha razão. Hazel não saberia como explicar para a polícia, mesmo em um lugar como Fairfold.

— Ben, pare logo o carro — insistiu. — Não sei o que vou dizer a eles, mas preciso dizer alguma coisa. Minha bicicleta está lá.

Ela não fazia ideia se iam acreditar nela ou não. Mas quando Ben surgira empunhando o machado, Hazel se lembrou de todos os motivos que a fizeram parar de caçar, anos atrás. Na época, mesmo que Hazel não tivesse essa clareza, Ben havia percebido como caçar era perigoso e os deixava vulneráveis.

Ela nunca quis colocá-lo nessa posição de novo. Só porque ele tinha ido à procura do príncipe não queria dizer que estivesse disposto a ser arrastado de

volta para o perigo.

Olhando para ela como se tivesse enlouquecido, Ben parou alguns metros atrás da ambulância. Hazel saiu do carro. Os paramédicos estavam curvados sobre o corpo de Amanda.

Um policial, um sujeito jovem, olhou para ela. Hazel se perguntou se ele havia crescido em Fairfold. Caso contrário, ela estava prestes a deixá-lo realmente assustado.

— Desculpe, senhora — disse ele. — É melhor voltar para o carro.

— Eu vi a Amanda hoje mais cedo — disse Hazel. — Com o garoto de chifres. Vocês precisam procurar por ele…

Ele chegou mais perto, bloqueando a visão dela da maca e dos paramédicos.

— Senhora, volte para o carro.

Hazel entrou de volta no carro, batendo a porta atrás dela. O irmão balançou a cabeça em sinal de desaprovação quando o policial apontou o facho da lanterna para dentro do carro.

— Por favor, abaixe o vidro. Quem está aí com a senhora?

Ela desceu o vidro da janela do passageiro.

— Eu sou o irmão dela. — Ben se apresentou. — Benjamin Evans. E ela é Hazel.

O policial olhou para eles como se não soubesse muito bem como lidar com a situação.

— Os dois estão com documentos?

Ben entregou a carteira de motorista. O policial olhou para ela por um bom tempo antes de devolvê-la.

— E você diz que viu alguém?

— O garoto de chifres. Com Amanda. Ela já estava inconsciente, mas ele estava aqui com ela. E agora está solto por aí. Se foi ele quem fez isso, então estamos todos em perigo.

O policial olhou para eles por um longo momento.

— É melhor vocês irem para casa.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou Hazel. — Estamos correndo muito perigo. Fairfold está em perigo.

O policial deu um passo, afastando-se do carro.

— Eu disse, é melhor vocês irem para casa.

— Você não é daqui, é? — perguntou Hazel. — Quero dizer, você não nasceu aqui.

Ele olhou para ela, a expressão em seu rosto deixando transparecer incerteza pela primeira vez. Então ficou com um olhar sério e fez um gesto para que os dois fossem embora.

— Pelo menos diga se Amanda está bem? — gritou Hazel pelas costas dele, mas ele não respondeu.

Seguiram para casa com o sol nascendo a leste, dourando as copas das árvores. Enquanto entravam na rua de casa, Ben se virou para Hazel:

— Eu não esperava que você fosse fazer isso.

— Não funcionou — retrucou Hazel.

— Essa noite — continuou Ben, claramente se esforçando para manter a voz tranquila — as coisas meio que saíram do controle, não acha? Tudo aconteceu de forma inesperada.

— Sim — disse ela, colando o rosto no vidro frio da janela, as mãos no trinco da porta do carro.

Ben parou o carro na entrada, os pneus esmagando o cascalho.

— Eu sou seu irmão mais velho, sabe? Não é sua função me proteger. Você pode me contar as coisas. Pode confiar em mim.

— Você pode me contar as coisas, também — disse Hazel, abrindo a porta e saindo do carro. Achou que Ben fosse tirar o brinco do bolso e confrontá-la, exigindo uma explicação. Mas ele não o fez.

Apesar de tanto dizerem que podiam contar as coisas um ao outro, não falaram nada.

Hazel entrou em casa. Estava completamente às escuras. Até as luzes da área externa estavam desligadas. Ela começou a subir os degraus.

— Ei, Hazel? — Ben chamou-a discretamente do alto e ela se virou. — Como é o beijo dele? — Havia uma confusão de emoções no rosto dele, talvez um pouco de ciúme e muita curiosidade.

Ela deu uma risada surpresa, o mau humor se dissolvendo.

— Como se ele fosse um tubarão e eu fosse sangue na água.

— Bom assim? — perguntou ele, sorrindo.

Ela sabia que ele entenderia. Irmãos têm uma linguagem própria, atalhos na comunicação. Hazel ficou contente por poder partilhar aquela situação estranha e ridiculamente surreal com a única pessoa que conhecia as mesmas histórias, com a pessoa que tinha inventado todas elas, para começo de conversa.

— Bom assim.

Ben se aproximou e passou um braço por cima do ombro dela.

— Vamos cuidar de você.

Hazel deixou que o irmão a conduzisse até o banheiro do andar de cima e a colocasse sentada na beirada da banheira, onde encharcou os cortes dela com água oxigenada. Juntos, observaram o líquido chiar e espumar sobre a pele dela antes de descer rodopiando pelo ralo.

Então, ajoelhando-se desajeitado no chão bege de azulejos rachados, Ben envolveu os braços e as pernas dela com gaze, que eles chamavam de pano de múmia quando eram pequenos. O velho nome ficou na ponta da língua de Hazel, fazendo-a lembrar dos tempos em que, depois de uma caçada, usavam o mesmo banheiro para limpar os joelhos esfolados e pôr curativos nos pulsos ou tornozelos.

A casa estava sempre cheia de gente naquela época, então era fácil entrar e sair sem serem notados. As pessoas estavam sempre vindo para posar para uma obra ou para pedir telas emprestadas ou para comemorar um trabalho contratado com uma garrafa de uísque. Às vezes não havia nenhuma comida de verdade a não ser um pavê esquisito cheio de licor em cima da bancada, ou uma lata de ravióli frio, ou algum queijo com cheiro de chulé.

Com o passar dos anos, os pais deles cresceram e ficaram mais normais, mesmo que jamais fossem admitir. Hazel não tinha certeza se as lembranças que os pais tinham daquele tempo eram como as dela, apenas um borrão de gente e música e tinta. Ela não tinha certeza se eles sentiam falta daquilo tudo.

O que ela realmente sabia era que ser "normal" parecia muito mais tentador quando estava fora de alcance.

Houve um tempo em que ser normal era um cobertor pesado e sufocante sob o qual ela temia ficar presa. Agora, ser normal parecia algo frágil, como se ela pudesse destruir tudo simplesmente puxando um único fio.

Quando Hazel finalmente caiu na cama, estava tão cansada que nem se deu ao trabalho de puxar o edredom por cima do corpo. Caiu no sono como uma chama que se apaga.

~

Naquela manhã, Hazel sonhou que vestia uma túnica de lã cor de creme e uma cota de malha por cima. Era noite e ela galopava pela floresta, o cavalo indo rápido o suficiente para que ela visse só um borrão das árvores e lampejos dos cascos batendo à frente.

Então as folhas pareceram abrir-se e, sob a luz da lua cheia, Hazel se viu olhando para baixo, para humanos ajoelhados na terra, cercados de cavalos das Fadas brancos como alabastro. Um homem, uma mulher e uma criança. Estavam vestidos com roupas modernas, de flanela, como se tivessem ido acampar. Uma tenda, rasgada e desmontada, estava ao lado de uma fogueira apagada.

— Eles devem viver ou morrer? — perguntou um ser do Povo aos companheiros com indiferença, como se aquilo realmente não importasse nada. O cavalo dele bufou e trotou um pouco. — Aposto que eles vieram aqui para flagrar as doces fadas recolhendo gotas de orvalho. Certamente é razão suficiente para matá-los, não importa o quanto se encolham e implorem.

— Vamos ver os talentos que eles têm — argumentou outro, desmontando do cavalo, o cabelo prateado voando solto. — Poderíamos deixar o mais divertido escapar.

— Que tal darmos ao maior umas orelhas de raposa? — gritou um terceiro, uma mulher com brincos que tilintavam feito os sinos no arreio de seu cavalo. — Dê uns bigodes de gato ao sujeito. Ou garras de coruja.

— Deixem o baixinho para a monstra — sugeriu um quarto elemento, fazendo uma careta para a criança. — Talvez ela brinque um pouco com ele antes de devorá-lo.

— Não. Eles se aventuraram pela floresta de Alderking em uma noite de lua cheia e devem ter uma demonstração completa de sua hospitalidade. — Hazel ouviu a si mesma dizer enquanto descia para o chão. Tinha sido a voz dela? Tinha falado com tanta autoridade. Os humanos olhavam para ela com tanto medo quanto olhavam para os outros, como se Hazel também fosse do

Povo. Talvez, no sonho, ela fosse. — Vamos lançar uma maldição para que sejam pedras até algum mortal reconhecer sua verdadeira natureza.

— Isso pode demorar milhares de anos — disse o primeiro, o indiferente, com uma sobrancelha levantada.

— Pode levar mais tempo do que isso. — Hazel se ouviu dizer. — Mas pense nas histórias que contariam se algum dia recuperassem a liberdade?

O homem começou a chorar, puxando a criança para junto do peito. Parecia angustiado e traído. Devia adorar as histórias sobre as fadas para ter vindo em busca delas de verdade. Deveria, contudo, ter lido as histórias com mais atenção.

O cavaleiro de cabelos prateados riu.

— Eu ia gostar de ver outros mortais fazendo piquenique em cima deles sem nem desconfiar. Sim, vamos fazer isso. Vamos transformá-los em pedra.

Um dos humanos começou a implorar, mas Hazel olhou para as estrelas e começou a contá-las em vez de escutar.

~

Hazel acordou coberta por uma camada fina de suor.

O alarme do celular tocava uma melodia metálica junto ao seu ouvido. Ela se virou, desligou o celular e se arrastou para fora da cama. Deveria ter ficado perturbada pelo sonho, mas, em vez disso, ele tinha reacendido nela o desejo há muito esquecido de ter uma espada na mão e um propósito na mente. Hazel não tinha dormido quase nada e portanto deveria estar bem mais cansada do que estava, mas talvez a adrenalina fosse uma droga ainda melhor do que a cafeína.

Depois do banho, Hazel vestiu uma camiseta cinza larga e legging preta. Os músculos estavam rígidos e doloridos. Até as juntas dos dedos estavam raladas. Enquanto prendia o cabelo em um rabo de cavalo desengonçado, as lembranças desviaram o foco dos pensamentos. Flashes de Severin — o garoto de chifres — a distraíam. As expressões dele, o toque dos dedos dele em sua pele, o calor de sua boca. À luz do dia, pareciam coisas impossíveis, parecia irreal. Mas, no fundo da alma, Hazel sentira a verdade em tudo aquilo. E então a lembrança de Ben, com o machado erguido nas mãos trêmulas, o rosto corado, o cabelo vermelho caindo sobre os olhos. Fazia anos que Hazel não via

o irmão daquele jeito, corajoso, furioso e angustiado. Tinha ficado apavorada por ele, com mais medo do que sentira ao ser arrastada pela floresta pelo garoto de chifres.

Ela imaginou se tinha sido assim que Ben se sentira há tantos anos, quando tinha sido Hazel na batalha, de lâmina em punho enfrentando as fadas.

~

A mãe estava na cozinha preparando smoothies quando Hazel desceu. Couve e gengibre, kefir e mel estavam alinhados em cima da bancada. A mãe, com seu cabelo curto castanho cheio de pontas excêntricas e tinta acrílica sob as unhas, vestia um dos roupões xadrez surrados do pai. No rádio, uma velha canção sobre botas de couro reluzente.

Ben estava sentado junto à bancada, vestindo calça de veludo verde amarrotada e um suéter largo. Esfregava os olhos e bocejava ao beber o smoothie. Um pedacinho de couve estava grudado no seu lábio superior.

— Bom dia — disse ele, soando como se ainda estivesse meio dormindo. Ergueu o copo em saudação.

Hazel sorriu. A mãe entregou a ela uma caneca de café.

— Ben e eu estávamos conversando sobre a filha dos Watkins. Ela se machucou na noite passada, a poucas quadras daqui. Acabaram de falar alguma coisa sobre isso no rádio… E avisaram para todo mundo ficar em casa depois que escurecer.

Hazel imaginou o que a polícia e a ambulância tinham visto. O corpo de Amanda, os braços cruzados sobre o peito, os olhos fechados, terra dentro da boca, o cabelo espalhado como se fosse uma capa.

— O que estão falando sobre ela? — perguntou Hazel, fingindo estar desinteressada.

— Ela está em coma. Alguma coisa errada com o sangue dela. Hoje é noite de lua cheia, então é melhor vocês dois voltarem cedo pra casa. Telefonem se precisarem ir a algum lugar, ok? Vou avisar ao pai de vocês, também, caso ele decida voltar pra casa mais cedo do que o previsto.

Ben afastou-se da bancada. Com as pernas compridas que tinha, ele já estava praticamente com os pés no chão.

— Vamos ter cuidado — disse, respondendo o que a mãe não tinha perguntado.

A mãe encheu um copo com o líquido esverdeado do liquidificador e entregou-o a Hazel.

— Não se esqueçam de calçar as meias do avesso, também. Só para garantir. E botem alguma coisa de ferro no bolso. Tem um balde com pregos velhos no galpão.

Hazel engoliu o smoothie de café da manhã. Estava um pouco empelotado, como se a couve não tivesse sido bem triturada.

— Ok, mãe. — Ben revirou os olhos. — A gente sabe.

Hazel não tinha feito nenhuma dessas coisas, mas gostou de ver Ben agindo como se ela tivesse. Foram juntos para o carro. No caminho para a escola, ele olhou para ela calmamente.

— Mais tarde você vai me contar tudo que eu não sei sobre a noite passada, não vai?

Hazel suspirou. Ela deveria agradecer por receber do irmão pelo menos algum tempo para decidir o que dizer, mas tudo o que sentiu foi medo.

— Ok — foi o que ela respondeu.

Ben enfiou a mão no bolso e pescou um colar com um pedacinho de madeira de sorveira pendurada.

— Usa isso aqui? Faz isso por mim, tá bem? Mamãe não está errada.

Madeira de sorveira. Proteção contra as fadas. Todas as crianças na escola tinham feito pingentes como aquele no jardim de infância, assim como broches de trevos de quatro folhas. E a maioria os tinha guardado, ou feito novos, para usar a cada Noite de Santa Valburga, de 30 de abril para 1 de maio. Hazel passou o polegar por cima do cordão, emocionada por receber um colar que, tinha certeza, Ben fizera havia mais de dez anos. Ela levantou o cabelo e colocou o presente no pescoço.

— Obrigada.

Ele não disse mais nada, mas olhou várias vezes para ela, como se estivesse tentando perceber alguma coisa na expressão da irmã, como se esperasse descobrir algo que nunca tivesse pensado em procurar antes.

A escola estava estranha. Quieta e um pouco deserta, como se um bom número de pais tivesse preferido manter os filhos em casa. As pessoas

sussurravam pelos corredores em vez de gritar, paradas em grupinhos de amigos íntimos. Hazel percebeu que muitas pessoas usavam amuletos amarrados no pulso ou pendurados no pescoço. Frutas vermelhas desidratadas pendiam de um cordão de prata. Uma moeda de ouro. Peles besuntadas de óleos medicinais, deixando o corredor com aquele cheiro bom de tabacaria. Quando Hazel começou a esvaziar a bolsa dentro do armário, uma noz rolou para fora e quicou duas vezes no chão.

Ela se abaixou para pegá-la e notou que estava amarrada com um barbante. Com os dedos tremendo, abriu o presente. Havia outro pedaço de papel que Hazel desenrolou. Era mais uma mensagem com a mesma letra rabiscada. *Se no céu lua cheia a pino; é melhor que cedo já estejas dormindo*.

De jeito nenhum. Ela não haveria de receber ordens de algum elemental misterioso. Não mais. Não se pudesse evitar. Amassou o bilhete e jogou de volta na bolsa.

Leonie surgiu casualmente junto ao armário de Hazel, cheirando a fumaça de cigarro. Ela vestia uma camisa de flanela velha e comprida sobre a camiseta branca e tinha uma corrente de ouro pendurada no pescoço. Havia um anel de chaveiro preso a ela que, além das chaves de casa, tinha meia dúzia de amuletos pendurados. O cabelo escuro e encaracolado estava preso em dois coques no alto da cabeça. Estavam úmidos, como se ela os tivesse prendido logo depois do banho.

— Então. — Começou a falar. — Imagino que você tenha ouvido falar, certo?

— Sobre Amanda? Ouvi. — Hazel assentiu.

— A última pessoa a vê-la com vida foi Carter. Todo mundo está dizendo que um dos garotos Gordon teve alguma coisa a ver com o que aconteceu. — Leonie deu de ombros, como se quisesse mostrar que não estava necessariamente de acordo. No entanto, como estava espalhando o boato, provavelmente não os considerava completamente inocentes.

— Eu acho que, seja lá o que tenha acontecido com ela, tem a ver com magia. — Hazel sentiu um arrepio ao se lembrar da terra dentro da boca de Amanda, e das vinhas.

— Bem, então só pode ser um entre os dois Gordon. E é ele que a maioria das pessoas está culpando.

— Jack não tem nada a ver com isso! — Pensar na noite anterior fez Hazel se lembrar do choque que sentira ao ser beijada por Severin. Apenas dois dias depois de ter beijado Jack, como se o universo estivesse conspirando para lhe dar tudo o que sempre quisera e, ao mesmo tempo, castigando-a.

Quando voltou a se concentrar em Amanda, caída em uma vala, Hazel se sentiu ainda pior em relação aos beijos.

— Bem, são apenas boatos — explicou Leonie. — Não que eu acredite, nem nada.

— Bem, isso é *loucura*. E você não deveria espalhar isso por aí.

— E essa loucura é uma merda — continuou Leonie. — Não é o tipo de esquisitice normal de Fairfold. Não é esquisitice para turistas. É uma esquisitice-estranha-pra-cacete-e-nem-um-pouco-ok. A família de Amanda sempre viveu aqui, supostamente ela estaria protegida. As pessoas estão surtando, Hazel. E eu só estou contando o boato porque achei que você gostaria de saber. Não estou espalhando pela escola toda.

Hazel inspirou algumas vezes para se acalmar. Dar uma bronca em Leonie não ajudava em nada.

— Desculpe. É que nada do que acontece na floresta é ok, sabe? Nem as esquisitices com os turistas, nem nada disso. E eu não vejo o que Jack possa ter a ver com Amanda ter sido encontrada inconsciente.

— Bem, acho que a desconfiança vem de dois fatos: em primeiro lugar, Jack é um deles. E em segundo, Amanda deixou Jack arrasado. O que é trágico, uma vez que significa que até mesmo um sobrenatural gatíssimo tem o mesmo gosto genérico que qualquer outro idiota nesta escola. Eu acho que ele gostava dela mais do que gostou de você, e isso é bastante coisa. E dá a ele um motivo.

Hazel revirou os olhos.

— De mim? Você deve estar confundindo as coisas. Jack Gordon nunca foi a fim de mim.

Leonie balançou a cabeça.

— Tudo bem, a questão é: ele não é humano e as pessoas sabem disso. Lembra quando ele quebrou o nariz do Matt?

— Acho que sim — respondeu Hazel, batendo a porta do armário. Ela estava tendo dificuldade com o lance de manter a calma. — Matt é

loucamente irritante, se é isso que você quer dizer.

O sinal tocou e as duas foram andando pelo corredor na direção da sala onde seria o primeiro tempo. Tinham cerca de cinco minutos antes do segundo toque. Hazel se perguntou se Jack ou Carter sabiam dos boatos. Se soubessem, torcia para que ficassem em casa até que tudo acabasse. Todo mundo estava assustado, só isso, e Jack era um alvo conveniente. Ninguém acreditaria que Carter teria alguma coisa a ver com isso, não por muito tempo. E logo iriam desistir de achar que tivesse sido Jack, também, assim que refletissem um pouco.

Pelo menos Hazel esperava que sim.

— Eu estava lá — contou Leonie. — A briga com Matt foi esquisita. O tipo de esquisitice da qual as pessoas lembram.

Matt Yosco era três anos mais velho do que Hazel e Leonie, bonito, cabelo bem preto e um constante ar de sarcasmo. Tinha sido o pior vício de Leonie, pior do que cigarro ou maconha, pior do que qualquer um dos vagabundos que ela já tinha namorado.

Ele havia sido aquele tipo de cruel que primeiro aparece na cabeça e depois faz a garota duvidar de si mesma. Hazel odiava Matt. Era um dos poucos garotos bonitos da cidade que ela nunca tinha sequer considerado beijar. Apesar de ser tão detestável, Leonie chorou durante uma semana inteira quando ele foi embora para a faculdade.

— Esquisita como? — perguntou Hazel.

Elas estavam na frente da sala de história americana, mas Hazel ainda não estava pronta para entrar. O coração estava disparado. Severin ter sido libertado do caixão parecia ter sido a primeira peça do dominó a cair, mas ela ainda não sabia em qual padrão a espiral se desenrolaria. E se Severin *não fosse* a primeira peça do dominó, então ela sabia menos ainda.

— Jack não deu um soco no Matt. — Leonie olhou para o lado, como se estivesse com medo de que alguém a escutasse. — Matt estava sendo insuportável como sempre e então Jack… Bem, Jack deu um sorriso muito estranho, se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido dele. Um segundo depois, Matt estava dando socos nele mesmo. Tipo, dando porrada mesmo, socando o próprio rosto até cortar o lábio e começar a escorrer sangue do nariz dele.

Hazel não tinha ideia do que dizer a respeito.

— Como é que você nunca…

— Nunca te contei nada? Não sei. Depois que aconteceu, Matt parecia se lembrar de ter sido uma simples briga, então acabei embarcando. Me pareceu mais fácil. Mas havia mais gente na hora, e mesmo que não tenham falado nada antes, vão falar agora. E essa não deve ter sido a única vez em que Jack vacilou. Tem coisas sobre si mesmo que ele não fala abertamente, é isso que estou querendo dizer. O cara tem segredos.Tem coisas que ele consegue fazer.

O sinal disparou e Hazel deu um pulo.

— Eu devia ter te contado antes — disse Leonie, gentilmente.

— Senhorita Evans — chamou o Sr. DeCampo, o professor careca. — Ficar parada em frente à porta da minha sala fofocando com a amiga não é a mesma coisa que estar em aula, por isso sugiro que vá imediatamente para a sua mesa. Senhorita Wallace, a senhorita está mais do que atrasada. Eu sugiro que corra.

— Você é uma boa amiga. — Hazel falou para Leonie.

— Eu sei — respondeu Leonie, fazendo uma careta na direção do Sr. DeCampo. — A gente se vê no almoço.

Já em sua mesa, Hazel abriu um caderno. Mas em vez de fazer anotações sobre os principais problemas nacionais da época federalista, Hazel começou a fazer uma lista do que sabia. Ela gostava de listas. Eram simples e seguras, mesmo quando estavam cheias de coisas doidas, como:

ADVERTÊNCIAS:

SETE ANOS PARA PAGAR O QUE ESTÁ A DEVER. TARDE DEMAIS PARA SE ARREPENDER.

AINSEL, o nome da criatura que me enfeitiçou?

A história estranha sobre o fazendeiro que enganou o bicho-papão.

SE NO CÉU LUA CHEIA A PINO; É MELHOR QUE CEDO JÁ ESTEJAS DORMINDO.

OUTRAS INFORMAÇÕES:

Jack tem poderes mágicos secretos.

Severin está à solta e é muito assustador.

Fui eu quem o libertou.

Ainda mais assustador é o monstro que está caçando Severin e que talvez tenha posto Amanda pra dormir um sono enfeitiçado.

Severin sabe todas as coisas que dissemos perto dele enquanto dormia.

Alguém (Alderking? Por causa do acordo?) está me influenciando a fazer coisas, das quais não me lembro, quando estou dormindo.(Ou fez isso pelo menos uma vez.)

Severin precisa de uma espada mágica chamada Heart-qualquer-coisa por razões desconhecidas e possivelmente sinistras. (Para matar a coisa que pôs Amanda pra dormir? Para lutar contra Alderking? Para matar todo mundo?)

Minha velha espada sumiu será a mesma espada???

Hazel parou. A ideia de que a espada que encontrara tantos anos antes era a mesma que Severin estava procurando já havia ocorrido a ela antes, mas Hazel não se deixara pensar muito a respeito. Se fosse, ou alguém levou a espada embora ou ela mesma a entregara a alguém. Talvez para a pessoa que tinha deixado os bilhetes. Talvez Ainsel?

Será que ela já tinha feito um segundo acordo com o Povo? Um do qual ela não conseguia mais se lembrar? Será que estava esquecendo parte das condições do acordo? Pressionou a caneta contra a página com tanta força que ponta começou a dobrar.

Hazel precisava de respostas. Para obtê-las, precisava encontrar alguém com mais informações, o que, infelizmente, significava alguém do Povo. Ela pensou no sonho da noite anterior e na lua cheia que surgiria naquela noite. Aquilo queria dizer que haveria uma festa. Talvez Jack, com todos os seus segredos, soubesse o caminho até lá. E aí tudo o que ela teria se fazer seria

sobreviver à festa, obter informações, traçar um plano e depois sobreviver durante a execução do plano.

Tranquilo.

Ela se remexeu no assento de plástico duro, tentando descobrir uma maneira de convencer Jack a contar a ela sobre a festa de Alderking. Depois da aula, esperou junto ao armário dele, mas o garoto não apareceu. Foi até a sala dele, mas Jack também não estava lá. Hazel estava com a cabeça muito longe para anotar qualquer coisa das aulas. Quando foi solicitada na aula de artes da linguagem, deu a resposta da pergunta de trigonometria da aula anterior e fez todo mundo rir.

Só conseguiu encontrar Jack um pouco antes do almoço, quando ele e o irmão andavam por um dos corredores.

Hazel não estava perto o bastante para ouvir muito do que ele estava dizendo, mas Carter parecia irritado. Conseguiu discernir quando ele falou *comigo por último* e *suspeito*. Jack estava curvado, parecendo exausto, e tinha um machucado roxo perto da maçã do rosto. Ela imaginou como o dia deveria estar sendo difícil para ele.

E se perguntou o quanto ela haveria de piorá-lo.

— Jack — gritou Hazel antes que perdesse a coragem.

Ele se virou, com um sorriso sincero o bastante para que ela se sentisse um pouco melhor. Ao menos até ela notar como os olhos dele estavam vermelhos e lacrimejantes, como se estivessem irritados por causa de tantos amuletos e óleos, já que qualquer proteção contra as fadas deveria funcionar com ele também. Então Hazel percebeu como as juntas dos dedos de Carter estavam machucadas. Havia sangue seco nelas. Devem ter brigado.

— Posso falar com você um instante? — perguntou ela, abrindo caminho pela maré de gente no corredor até chegar a Jack.

Carter deu um leve empurrão no irmão na direção do Hazel.

— Vai logo. Não deixa a garota esperando.

Hazel se perguntou o que tinha feito para receber tamanha simpatia de Carter.

Jack pareceu um pouco envergonhado.

— Ah, claro, beleza.

Foram andando um na direção do outro. Ele vestia um casaco listrado sobre uma camiseta velha do festival Afropunk. Pesadas argolas de prata brilhavam em suas orelhas. Ele tentou manter o sorriso para ela, mas o gesto contrastava estranhamente com a expressão em seu rosto.

— Você está bem? — perguntou Hazel, apertando os livros junto ao peito.

Ele suspirou.

— Só queria que Carter não tivesse que lidar com isso. Você provavelmente já ouviu tudo, mas só para garantir, ele não fez nada com Amanda.

Hazel começou a protestar, dizer que sabia disso.

Ele balançou a cabeça.

— E eu também não. Eu juro, Hazel…

— Escuta — interrompeu ela. — Eu sei que não foi ele. Nem você. Eu vi Amanda ontem à noite com o garoto de chifres.

— O quê? — Jack ergueu as sobrancelhas e deixou de parecer tão ansioso para convencê-la da inocência de Carter. — Como?

— Eu contei à polícia, mas não sei se fez diferença — completou. — E me desculpe por te pedir algo no meio dessa confusão toda, mas preciso saber onde o Povo faz as festas da lua cheia. Pode me ajudar?

— Isso é o que você queria falar comigo? — perguntou Jack com a expressão ficando um tanto mais distante. — Foi por isso que me parou no corredor?

— Eu preciso muito saber.

— Sim — disse ele, gentilmente. — Eu sei onde fica.

— Você já esteve lá?

— Hazel. — Ele pronunciou o nome dela em tom de advertência.

— Por favor — pediu ela. — Eu vou até lá. De um jeito ou de outro.

Jack inclinou a cabeça de um modo que deixou Hazel ciente da absoluta diferença entre as linhas do rosto dele e as de Carter. As maçãs eram mais salientes, o rosto mais comprido. E ela reparou também nas pontas sutis das orelhas. Por um momento, como quando ele dera o aviso a ela e Ben, o rosto familiar de Jack ficou estranho.

Hazel pensou sobre o que Leonie tinha contado, sobre Jack sussurrando no ouvido do Matt, Matt socando o próprio rosto várias vezes.

— Preciso ir para a aula. — Ele começou a se afastar, então pareceu sentir-se mal por isso e virou de volta para ela. — Desculpe.

Ela agarrou o braço dele.

— Jack, por favor.

Ele balançou a cabeça, sem olhar para ela.

— Você sabia que existem diferentes nomes para diferentes luas? Este mês vai ser a Lua do Caçador, mas em março tem a Lua das Minhocas e a Lua do Corvo. Maio tem a Lua de Leite, julho a Lua do Trovão. Fevereiro tem a Lua da Fome e, no final de outubro, a Lua de Sangue. Não são nomes lindos? Não são impactantes, Hazel? Não bastam como avisos?

— Quantas vezes você já foi lá? — perguntou ela, num sussurro.

Se a mãe de Jack sequer suspeitasse, ficaria muito triste.

— Muitas — respondeu, com a voz embargada.

— Eu vou com você. Vamos juntos esta noite para a Lua de Sangue ou Lua do Caçador ou seja lá o nome que você queira chamar. Pode ser até a Lua do Carrasco, não me importa.

Jack balançou a cabeça.

— Não é seguro para você.

— Você não me ouviu dizer que eu não ligo? Alguém está me usando e eu preciso saber quem e por quê. E você precisa limpar a reputação do seu irmão. E a sua também. Precisamos saber o que está acontecendo de verdade.

— Não me peça isso — disse Jack com estranha formalidade.

Hazel se perguntou se ele estava preocupado em trair a sua outra família. Se perguntou se a Fairfold dele era uma Fairfold que Hazel não podia sequer imaginar.

— Eu não estou *pedindo* — disse Hazel, com toda firmeza que podia. — Eu vou, mesmo que vá sozinha.

Ele assentiu uma vez e inspirou o ar, trêmulo.

— Depois da escola. Encontro você no parquinho. — Então virou-se e foi pelo corredor. Alguns alunos aleatórios, atrasados para a aula ou para o ginásio, desviaram de Jack ao passar, como se ele fosse contagioso.

CAPÍTULO 11

Changelings são peixes que você deve jogar de volta ao rio. Um cuco numa família de pardais. Não se encaixam perfeitamente em lugar nenhum.

Jack cresceu sabendo que era estranho, embora, em um primeiro momento, não soubesse o motivo. Não tinha sido adotado; isso ele já tinha reparado. Era idêntico ao irmão, Carter. Tinha a mesma pele escura da mãe e os mesmos cachos castanhos e os mesmos dedos indicadores dos pés compridos demais. Mas algo não estava certo. Ele podia ter os olhos de âmbar e o queixo do pai, mas isso não impedia o Pai de olhar para ele com uma expressão preocupada, nervosa, uma expressão que dizia "*você não é o que parece*".

Sua mãe esfregava óleo de coco nele depois do banho e cantava canções. Sua avó o pegava no colo e contava histórias para ele.

Havia uma aldeia perto do rio Ibo, era assim que uma das histórias começava, uma que a avó tinha ouvido de seus ancestrais iorubas. Nela, uma mulher chamada Bola tinha um filho que ficara grande demais para que ela o levasse nas costas para o mercado. Sendo assim, Bola esperou até que ele estivesse dormindo e foi sozinha ao mercado, deixando-o em casa com a porta trancada. Quando voltou, ele ainda dormia, mas toda a comida da casa tinha desaparecido.

Imaginou que alguém poderia ter entrado na casa, mas a porta não tinha sido forçada e não faltava nada além da comida.

Logo depois, uma vizinha foi até Bola e pediu que ela pagasse por um cordão de búzios. Bola não tinha pego nenhum empréstimo com a vizinha e disse isso a ela. Mas a mulher insistiu, explicando que o filho de Bola tinha ido

à casa dela, dizendo que estava ali a pedido da mãe, que precisava dos búzios para comprar mais comida.

Bola balançou a cabeça e levou a vizinha para dentro de casa. A criança estava dormindo em uma esteira de tecido.

— Viu? — perguntou ela. — Meu bebê é muito pequeno, pequeno demais para andar e falar. Como ele poderia ter ido à sua casa? Como ele poderia ter pedido búzios emprestados?

A vizinha ficou olhando, confusa. Explicou que o menino que tinha ido à sua casa era muito parecido com a criança que dormia, mas bem mais velho. Quando Bola ouviu isso, ficou muito angustiada. Ela não duvidou da vizinha e começou a achar que o filho devia ter sido possuído por um espírito maligno. Quando o marido de Bola chegou em casa naquela noite, ela contou tudo a ele, que ficou preocupado também.

Juntos, fizeram um plano. O marido se escondeu na casa enquanto Bola foi ao mercado e deixaram o bebê dormindo atrás de uma porta fechada, como antes. O marido viu quando o filho ficou de pé, seu corpo se alongando até o tamanho de uma criança de 10 anos. E então o menino começou a comer. Comeu mandioca, alfarroba, mangas maduras, mamão e banana, regando tudo com água de uma cabaça. Ele comeu e comeu e comeu.

Por fim, seu pai, se recuperando do choque do que vira, saiu de seu esconderijo e gritou o nome da criança. Ao som da voz do pai, o menino se encolheu e virou bebê de novo. Assim, Bola e o marido tiveram certeza de que o filho estava, de fato, possuído por um espírito. Eles bateram na criança com juncos para afastar o obsessor que finalmente fugiu, deixando-os com seu lindo bebê de volta.

Jack odiava essa história, mas isto não impedia sua avó de contá-la.

Anos mais tarde, quando Jack soube como havia passado a fazer parte da família, lembrou-se da lenda e compreendeu a razão pela qual seu pai olhava para ele daquele jeito. Ele não era filho legítimo, não tinha sido escolhido por aquela família. Tinha sido imposto a eles. Ele vestia uma pele emprestada, olhava para eles com olhos emprestados e vivia com eles a vida que quase roubara de Carter.

E, tal qual o filho de Bola, Jack estava sempre com fome. Ele comeu e comeu e comeu, queijo fresco, pães, potes de manteiga de amendoim e litros

de leite. Às vezes, quando um dos seus pais o levava à mercearia, ele engolia uma dúzia de ovos às escondidas. Os ovos deslizavam goela abaixo, com casca e tudo, enchendo o vazio que doía dentro dele. Ele colhia maçãs azedas das árvores no verão e engolia bolas de algodão embebidas em água quando ficava envergonhado demais para pedir o quinto prato no jantar.

Quando conheceu Hazel Evans, pensou que ela pudesse ser uma criatura como ele. Ela parecia selvagem o bastante, lama colada no cabelo, rosto manchado de suco de amora, correndo pela floresta descalça e com a espada nas costas. Ben Evans vinha correndo atrás dela, quase tão selvagem quanto.

Os irmãos pararam de repente quando encontraram Jack.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Jack.

— Caçando monstros — respondeu Ben. — Viu algum?

— Como você sabe que eu não sou um?

— Não seja bobo — disse Hazel. — Se você fosse um monstro, saberia disso.

Jack não tinha tanta certeza. Mas os dois o ensinaram como achar amoras e como fazer um sanduíche de folhas de dente-de-leão, cebolas selvagens e samambaia. Mais do que qualquer um que ele já conhecera, Hazel era ela mesma. Não tinha medo de nada. Não tinha medo dele.

E Ben compreendia o que era ter poderes. Ele compreendia como ter poderes era *uma droga*.

Uma das razões pelas quais Ben tornou-se um grande amigo. A amizade começou depois que Ben voltou da Filadélfia, em parte porque fizeram um pacto para contar um ao outro todas as coisas que não podiam contar a mais ninguém. Ben confessou que sua música às vezes o tentava e em outras, o apavorava. Contou a Jack histórias sobre como seus pais eram pirados. Por sua vez, Jack revelou ao amigo a magia que faiscava dentro dele e como às vezes era difícil escondê-la. Contou a Ben sobre a fome e a solidão que sentia.

— Então os cavaleiros vieram novamente? — perguntou Ben certa tarde, depois de uma noite de lua cheia. Eles estavam voltando da escola e tinham passado pelo caixão de vidro. Ben sempre ia até lá na hora do almoço, para falar com o príncipe adormecido. Jack pensou em provocá-lo, mas a paixão de Ben pelo garoto de chifres era só *um pouquinho* mais ridícula do que a própria paixão que Jack sentia.

Ele assentiu, desolado.

— Sua mãe desconfia?

Jack deu de ombros.

— Ela nunca diz nada, mas está sempre esfregando erva-de-são-joão nas janelas para manter o Povo do lado de fora, ou eu do lado de dentro de casa. Pendura guirlandas de calêndula em cima das portas na Noite de Santa Valburga.

— Que pena — lamentou Ben, olhando para o céu. — Mas pode ser só o jeito normal dela. Se ela soubesse, diria alguma coisa, não?

— Talvez. Outro dia ela fez Carter enfiar frutinhos desidratados de azevinho no bolso do casaco. Ele ficou furioso e jogou um em mim. O negócio arde muito!

Ben fez uma careta.

— Imagino.

Jack lembrou-se de como, uma hora depois, a pele ainda doía como se ele tivesse sido picado por uma aranha. Fairfold era cheia de proteções. As pessoas as usavam em volta do pescoço, as lambuzavam na soleira das portas, as penduravam nos retrovisores dos carros. Aquela porcaria de erva-de-são-joão dava coceira. Igual a ferro forjado a frio, que queimava ao tocar na pele de Jack. Os bolsos cheios de aveia ou terra de sepultura o faziam espirrar. Alguns amuletos lhe davam dor de cabeça; outros o deixavam tonto. Nada disso era mortal, não só por estar perto, mas o desconforto constante era uma lembrança de como não pertencia àquele grupo de pessoas.

Jack pegou um pedaço de pau e brincou com ele nas mãos.

— Seria melhor se ela *soubesse*.

A primeira vez que vieram tinha sido dois meses antes, na lua cheia. Vestidos em tom prateado, eram três, cada qual em seu cavalo: um preto, um branco e o terceiro, baio. Jack tinha acordado de um sono profundo por causa da música, um som que o fizera desejar intensamente ir à floresta, sentir o vento no rosto e se libertar das coisas mortais. Quando foi até a janela, Jack viu os três no gramado, dando voltas ao redor da casa, os olhos brilhando, cabelos ao vento como flâmulas. Deram sete voltas e depois pararam, olhando para cima como se o tivessem visto na janela. Eram lindos de doer e absolutamente aterrorizantes com seus olhos negros e lábios vermelhos. Um deles tinha um

rosto tão familiar que Jack pensou que aquilo só podia ser um sonho. E soube, sem que falassem nada, que os cavaleiros queriam que ele os seguisse. Jack balançou a cabeça negativamente e ficou onde estava, protegido pela janela, as unhas cravadas na madeira. Depois de alguns momentos, um por um foram dando meia volta e partiram.

Pela manhã, quando Jack acordou, a janela estava escancarada, apesar de toda unção que a mãe sempre fizera. Havia folhas espalhadas por todo o quarto.

— Assustadores esses cavaleiros assustadores, hein? — comentou Ben.

— Sim, assustadores — repetiu Jack, sem conseguir soar sincero nem mesmo para os próprios ouvidos.

— Você não vai embora com eles na próxima vez, vai? — perguntou Ben, em tom provocador.

— Cala a boca. — Jack jogou o graveto em cima de Ben, mas ele se esquivou.

Ben parou de andar e também parou de sorrir.

— Espera, você vai?

— Você não entende como eles eram. Como eu me senti. Você não vai conseguir entender. — Jack cuspiu as palavras antes de pensar, sem querer contar a Ben que ele já *tinha* ido da última vez. Ele se arrependera de não ter ido com eles desde que apareceram na primeira noite de lua cheia. Quando recusou pela segunda vez, ficou arrasado. Na terceira vez, foi incapaz de resistir ao chamado. Jack foi e depois temeu não ter forças para resistir outra vez.

Talvez Ben tenha conseguido ver na expressão do amigo um pouco do que ele sentira, porque ficou sério.

— Às vezes fico pensando em Kerem — contou ele. — Tenho medo de que a música tenha feito ele gostar de mim. E mesmo sabendo disso não consigo deixar de querer tocar de novo. Foi por isso que quebrei minha mão. Caso contrário, eu tocaria. Toda vez que eu quisesse muito alguma coisa, eu tocaria.

Jack piscou, chocado.

— Como é que você nunca me disse isso antes?

Ben bufou.

— Estava guardando para uma ocasião especial, eu acho. Uma ocasião especial em que eu pudesse fazer você se sentir menos péssimo contando alguma coisa horrível sobre mim. Mas se você não quer ir com eles, vai ter que se amarrar à cama. Como marinheiros que se amarram ao mastro pra evitar pular no mar atrás das sereias.

Talvez Ben tivesse compreendido mais do que Jack imaginara, mas mesmo assim não seria capaz de imaginar a sensação de cavalgar com eles pela noite ou mergulhar em um lago ao luar. Não haveria de compreender o que Jack sentia ao dançar até que a força das pisadas parecesse capaz de abrir a terra ao meio, como era estar entre criaturas que nunca tinham sido humanas e nunca poderiam ser. E Ben não teria como saber a vergonha que Jack sentiu depois, quando, suando frio, prometeu a si mesmo que não iria com os cavaleiros quando o viessem buscar na próxima vez.

Uma promessa que ele nunca cumpriria.

CAPÍTULO 12

Em vez de ir almoçar, Hazel foi ao banheiro para jogar água no rosto. Estudou as sardas no reflexo do espelho, olhando além do delineador e da sombra para o azul da sua íris. Esperava ver do outro lado alguém que sabia o que ela estava fazendo. Alguém que pudesse tirá-la dessa situação. Mas não teve essa sorte.

Jack podia levá-la à festa, mas uma vez lá, Hazel teria de saber fazer as perguntas certas, aquelas que os deixariam achando que ela sabia mais do que de fato sabia, aquelas que eles responderiam sem se dar conta de estar deixando escapar a verdade. A garota no espelho não parecia uma mestra dos disfarces. Parecia alguém que já tinha ido muito além de sua alçada.

Se ela não conseguisse enganá-los, então seria bom ter algo para oferecer em troca, já que nada era de graça com o Povo. Se ela fosse Ben, poderia até tocar algo para eles e, mesmo com os dedos quebrados, seria algo tão bom que concederiam qualquer benefício. Se ela fosse como Jack, eles diriam as coisas porque ela seria um deles.

Mas ela era Hazel. Não tinha poderes. O que significava que precisava estar sempre alerta, pensando rápido e prestando atenção em tudo. Suspirando, tirou uma das toalhas de papel do toalheiro, limpou o rosto e voltou para o corredor.

Um aluno do primeiro ano virou no corredor tão rápido que quase bateu nela. O rosto dele estava molhado. Era o irmão mais novo de Lourdes. Michael era o nome dele, talvez? Lágrimas corriam pelas bochechas vermelhas. Um som sufocado saiu de sua garganta.

— O que houve? — perguntou ela. — Aconteceu alguma coisa?

— Não posso. — Ele conseguiu dizer através das lágrimas e dos soluços, enquanto limpava furiosamente o rosto. — Não posso parar. Ela está vindo. Está quase aqui.

Foi quando Hazel ouviu. Sons de choro vindo de dentro das salas de aula ao redor dela. Gemidos agudos que viravam gritos.

A porta de uma sala à direita de Hazel se abriu e alunos mais velhos inundaram o corredor, os olhos vidrados de terror e molhados de lágrimas. Megan Rojas caiu de joelhos e começou a rasgar as próprias roupas em uma orgia de dor.

— Por favor — soluçou Franklin, virando o rosto para Hazel, em uma angústia tão evidente que ela mal o reconheceu. — Por favor, faça parar. Me dê um beijo. Faça isso parar.

De repente, lembrou-se do aviso de Jack: *Algo ainda mais perigoso do que o seu príncipe anda à sombra dele*.

Hazel afastou-se de Franklin, de seu rosto aterrorizado. Havia um cheiro no ar que lembrava mofo e folhas podres.

— É tão triste — disse Liz, repetindo sem parar as palavras abafadas pelas lágrimas. — Tão triste. Tão, tão triste.

Hazel tinha que fazer alguma coisa, tinha que encontrar Ben antes que acontecesse com ele o que estava acontecendo na escola. Começou a correr, passando por armários e portas fechadas, até dobrar em um corredor que levava à sala de artes. A luz entrava por uma série de janelas viradas para um pátio gramado. Um dos professores de artes da linguagem estava trancando uma porta. Uma explosão de riso veio de outra sala. Mal parecia que tinha acabado de sair de um corredor lotado de alunos aos prantos.

— Você está vindo de algum tipo de reunião? — perguntou a Srta. Nelson. — Eu ouvi um monte de barulho.

Hazel começou a falar, gaguejando, quando um alto-falante estalou acima de suas cabeças. Alguém do outro lado parecia estar chorando. O som grudou na cabeça de Hazel como chiclete.

A Srta. Nelson ficou intrigada.

— Alguém no escritório deve ter apertado o botão sem querer.

Hazel podia ouvir o choro nas batidas líquidas do próprio coração. Em cada respiração. Pinicava no fundo dos olhos. Era tamanha tristeza… Como se

toda dor que sentira até então tivesse acordado dentro dela de uma só vez.

A srta. Nelson tropeçou, as mãos apoiaram-se no vidro. Sua respiração embaçou a janela. Seus olhos encheram-se de lágrimas. E Hazel notou manchas esverdeadas, tipo fungos ou musgos, rastejando pelo vidro. Lá fora, corvos negros começaram a pousar nos galhos de uma árvore, grasnando um para o outro.

— Precisamos sair daqui — sussurrou Hazel com a voz chorosa. Começava a perder o equilíbrio quando ouviu o som de um corpo caindo no chão e um choro baixinho, abafado.

Precisava pensar. Os olhos estavam cheios de lágrimas quentes, as mesmas que já lhe engasgavam a garganta, e tudo o que ela perdera enchia seus pensamentos. Hazel lembrou-se de ter visto o corpo de Adam Hicks parcialmente apodrecido e de ter se sentido profundamente impotente. Lembrou-se de quando ficou doente durante uma das festas dos pais dela, quando comeu um pedaço de bolo sem perceber que estava embebido em rum. Tonta, procurou pela mãe, mas todos pareciam desconhecidos. Tinha vomitado no banheiro pelo que pareceram horas, até um pouco do vômito sair manchado de sangue e um homem que ela não conhecia lhe trouxesse um copo de água da torneira. Hazel pensou nessa noite e em outras, pensou nos dedos quebrados do irmão, em como as unhas dele ficaram pretas e caíram, uma por uma. Em todos os garotos que beijara e em como se lembrava primeiro dos que tinham ficado com mais raiva dela, porque tinha mais facilidade em se lembrar de coisas dolorosas do que de coisas boas. Hazel queria deitar no chão pegajoso de linóleo, encolher-se, chorar para sempre e nunca mais levantar.

Parecia inútil não ceder, inútil manter-se de pé, mas ela continuou mesmo assim. Parecia inútil seguir pelo corredor, mas ela o fez mesmo assim.

Vá até lá e puxe o alarme de incêndio, disse a si mesma.

Não achou que fosse conseguir.

Você não tem que achar que consegue, disse a si mesma. *Apenas faça*.

O som de choro ficou mais alto, quase sobrepondo-se a todos os outros pensamentos.

Seus dedos fecharam-se em volta da alavanca de metal vermelho. Jogando seu peso em cima dela, conseguiu empurrá-la com força.

Imediatamente, o alarme soou, mais alto do que o choro, mais alto do que os lamentos e os gritos dos corvos. A cabeça de Hazel deu um solavanco, mas ela conseguia pensar de novo. Depois de algum tempo, os alunos começaram a sair das salas de aula. Suas bochechas estavam molhadas, olhos vermelhos e rostos pálidos. Normalmente, o corredor se encheria de gritos, fofocas, amigos chamando uns aos outros. Naquele momento, estava silencioso como um cortejo.

— Liz? — O professor de design industrial aproximou-se, agachando-se junto ao corpo da Srta. Nelson. — Evans, o que aconteceu aqui? O que está acontecendo?

— Eu não sei — respondeu Hazel, olhando para o alto-falante. Manchas de musgo espalhavam-se pela parede, espessas como pelo de bicho. Se continuasse a crescer daquele jeito, acabaria sufocando o alarme.

Ele piscou para ela, como se ainda não tivesse processado o que via, como se ainda estivesse inventando desculpas em sua cabeça.

A Srta. Nelson piscou e começou a tentar se levantar.

— O que está acontecendo? — perguntou ela com a voz rouca. — Isso é o alarme de incêndio?

O professor assentiu.

— Algum tipo de emergência. Vamos, vamos lá para fora.

Uma pequena rachadura surgiu em um canto da parede. Hazel observou-a aumentar, observou-a se dividir em duas, alastrando-se como vinhas.

— Está pegando fogo? — perguntou um aluno do segundo ano vindo de outro corredor. Tinha a cabeça raspada e vestia roupas de ginástica.

— Para fora! — gritou o professor, apontando para a saída. — Você também, Evans.

Hazel assentiu, mas ainda não estava pronta para se mexer. Ela continuou observando o musgo e as fissuras que aumentavam, como dedos saindo de um túmulo.

Alunos apareceram de todos os lados, fazendo fila para sair dali. Lá fora, esperariam pelos bombeiros que diriam ter sido um alarme falso, quem sabe uma brincadeira. Hazel apoiou-se contra uma janela, trêmula, e respirou fundo algumas vezes.

Foi quando viu Molly vindo pelo corredor, indo contra o mar de gente. Ela estava andando de forma estranha, como se estivesse meio que se arrastando, como se suas pernas não a obedecessem. Sua expressão era vazia, e o olhar que parecia atirar para todos os lados, até que mirou em Hazel.

Os lábios da Molly pareceram azuis num primeiro momento, mas quanto mais Hazel olhava para eles, mais percebia que estavam manchados de verde, de dentro para fora, como se ela tivesse mastigado um daqueles chicletes que pintam a língua.

Hazel congelou e sentiu um arrepio horrível subindo pela coluna. Sentira medo ao ver os outros alunos chorando, mas o pânico que sentiu ao notar os movimentos de Molly foi totalmente diferente. Era o corpo de Molly que Hazel via, mas ela sabia que a amiga já não estava mais por trás daqueles olhos.

— Para trás! — gritou Hazel quando aquilo tentou chegar mais perto, a mão levantada a um centímetro de derrubar a garota no chão.

Uma voz melosa e cantada saiu da boca de Molly. A cabeça estava inclinada para o lado.

— Eu o amava e ele está morto e enterrado, puro osso. Eu o amava e o tiraram de mim. Onde ele está? Onde ele está? Morto e enterrado, puro osso. Morto e enterrado, puro osso. Onde ele está?

A cada palavra, pedaços de terra caíam da língua dela.

— O que você está fazendo com a Molly? — perguntou Hazel, trêmula. O corredor estava quase vazio. O alarme continuava a tocar, mas de alguma forma dava para escutar perfeitamente a voz que vinha da boca de Molly.

— Eu o amava, eu o amava e ele está morto e enterrado, puro osso. Eu o amava e o tiraram de mim. Onde ele está? Onde ele está? Morto e enterrado, puro osso. Morto e enterrado, puro osso. Meu pai o levou. Meu irmão o matou. Morto e enterrado, puro osso. Morto e enterrado, puro osso. Onde ele está?

Molly fora a melhor amiga de Hazel havia dois anos, era com ela que ficava acordada até tarde trocando mensagens sobre garotos, ela em quem confiava para aparar sua franja. Quando ela e Molly caminhavam pelos corredores, Hazel se sentia como se não houvesse nada de errado em ser normal, como se pudesse concentrar-se simplesmente em se divertir sem se preocupar demais com o que viria depois. Molly não ligava para os elementais

da floresta; eram apenas histórias para ela. Ela achava que todas as coisas que aconteciam com os turistas eram farsas e que os próprios turistas eram chatos, desesperados por alguém que os achasse especiais. Ver Fairfold através dos olhos de Molly era como ver um lugar totalmente novo. Depois que Molly se afastou dela, Hazel às vezes achava que sentia mais falta de ver o mundo sob esse prisma do que da própria amiga.

Agora Molly não teria outra alternativa a não ser acreditar no Povo. Aquele pensamento deixou Hazel furiosa.

— Você não pode ficar com ela — disse Hazel, procurando o colar que Ben tinha pedido que usasse. Ela puxou a corrente com o pedaço de madeira de sorveira do pescoço. Como a criatura não reagiu, Hazel enfiou o colar pela cabeça de Molly, colocando o amuleto no pescoço dela. — Está vendo? Vá embora! Agora! Você não é bem-vinda aqui!

De repente, Molly revirou os olhos, até que Hazel viu somente o branco do globo.

O coração de Hazel batia forte. Então Molly caiu, como se tivessem desligado seu corpo inteiro de uma vez. A cabeça bateu no chão com um som oco horrível.

— Socorro! — gritou Hazel. Ela se ajoelhou e tentou segurar o braço de Molly para tentar aferir sua pulsação, mas logo se deu conta de que não fazia ideia de como realizar o procedimento. Gritou mais, mas ninguém apareceu.

Então Molly abriu os olhos, piscando loucamente e tossindo com muita força, como se estivesse sufocada. Quando olhou para Hazel, a expressão que tomou conta de seu rosto era uma mistura de vergonha e pavor. Era uma expressão completamente humana.

— Hazel. — Molly gemeu e cuspiu terra e o que pareceu serem folhas.

Alívio e incredulidade fizeram Hazel se encostar na parede.

— Você está bem?

Molly assentiu lentamente e sentou-se, limpando o queixo. O cabelo preto, normalmente espetado com gel com precisão, estava totalmente bagunçado. Sangue escorria da cabeça por um corte superficial. No local onde tinha batido no chão. O colarinho da camisa branca ficando manchado de vermelho.

— Eu vi. O monstro. Era feito de galhos velhos e retorcidos, cobertos de musgo, e tinha uns olhos negros horríveis.

Hazel se agachou e segurou a mão de Molly. A amiga apertou com força. O alarme continuava tocando, uma sirene ecoando pelos corredores vazios.

— Você sempre soube que isso existia de verdade, não é? — perguntou Molly, angustiada. — Como você consegue suportar?

Hazel estava tentando formular uma resposta quando Molly fechou os olhos. Ela estremeceu e caiu como uma marionete de cordas cortadas. Hazel gritou e sacudiu a amiga pelos ombros, mas o corpo de Molly já tinha ficado sem forças como o de Amanda.

O monstro já não estava mais satisfeito em ficar à espera no coração da floresta. Tinha vindo ao centro de Fairfold em plena luz do dia, e Hazel não tinha certeza se era possível matá-lo.

Independentemente de vindo atrás de Severin, respondendo ao chamado de alguém ou por alguma razão além da compreensão de Hazel, ela precisava se concentrar.

Precisava sair daquele corredor e levar a amiga para fora também. Carregá-la nos ombros seria possível, mas estava longe se ser o ideal. Hazel não conseguiria lutar nem se movimentar com rapidez.

— Fique aqui — disse Hazel baixinho para Molly, enquanto se levantava. Passou pela crescente rachadura na parede, de onde brotavam galhinhos de hera iguais a cobras, e seguiu pelo corredor na direção da sala de artes até dar de cara com duas pessoas correndo no sentido contrário. Um deles era Carter, com o celular em uma das mãos e um taco de hóquei na outra. E ao lado dele, Robbie Delmonico, segurando um taco de beisebol. Ele gritou ao vê-la e deu um passo para trás, esbarrando nos armários de ferro e fazendo-os chacoalhar como correntes.

Hazel notou que suas mãos tinham se fechado em punhos.

— Mas que merda é essa?

— Relaxe. Estávamos procurando você — disse Carter, que vestia a proteção de tronco e as joelheiras do uniforme de futebol americano. Hazel nunca havia notado como o equipamento era parecido com uma armadura. Com os ombros largos e o maxilar bem marcado, Carter parecia com Sir Moiren, da Távola Redonda. — Os bombeiros não estão deixando ninguém

entrar na escola. Ben e Jack ficaram presos no estacionamento e estão mandando um milhão de mensagens falando onde você poderia estar.

Carter fez um gesto vago indicando a entrada da escola.

— Tem algum tipo de coisa solta por aí — acrescentou Robbie. — Encontramos três alunas do 1º ano embaixo de uma das mesas do refeitório. Achei que estivessem inconscientes, mas aí uma delas abriu os olhos, me disse algo muito esquisito sobre alguém morto e um lance de puro osso, e depois desmaiou de novo. Passamos as três para os paramédicos por uma janela aberta, mas resolvemos ficar até conferir se todos tinham saído.

Hazel assentiu. Foi forçada a relembrar que Robbie era um cara legal e o motivo pelo qual tinha ficado com ele em primeiro lugar, antes de tudo ficar esquisito. O mais difícil de ser desejada era o mais difícil em desejar. Um desejo tão forte que chega a dar dor de estômago, um desejo tão forte que é metade vontade de beijar e metade vontade de engolir inteiro, do mesmo jeito que uma cobra engole um rato, ou o Lobo Mau engole a Chapeuzinho. Um desejo capaz de transformar em estranho alguém que se pensava conhecer. Fosse tal pessoa o melhor amigo do irmão ou um príncipe adormecido em uma prisão de vidro ou uma garota que beijou você numa festa… No momento em que você começa a querer mais do que apenas encostar a boca na deles, todas essas pessoas se tornam apavorantes e você entra em pânico.

— Morto e enterrado, puro osso — disse ela.

Ele ergueu ainda mais o taco e arregalou os olhos.

— Ah não, você também, não!

Hazel balançou a cabeça, suspirando.

— Molly falou isso, antes de desmaiar. Ela estava, não sei, possuída ou alguma coisa do tipo.

— Molly Lipscomb? — Carter olhou além de Hazel, para o corredor ao fundo, e ficou rígido ao notar o corpo de Molly. — Você viu o monstro? Foi aqui?

Hazel balançou a cabeça.

— Precisamos tirá-la dali. Vou pegar uma cadeira. — Ela se virou para Robbie. — Tente encontrar uma corda ou um fio, alguma coisa com a qual a gente possa amarrá-la.

— Ok — disse Robbie, que logo foi na direção de uma das salas de aula.

— Jack acha que… — Carter pareceu perceber que estava falando mais consigo mesmo do que com Hazel e Robbie, então balançou a cabeça para afastar o pensamento. — Eu vou ficar aqui com Molly. Vocês pegam o que acharem necessário.

Na segunda sala em que entrou, Hazel encontrou uma cadeira de rodinhas atrás de uma mesa de professor e empurrou-a para o corredor. Nesse meio-tempo, Robbie conseguiu achar um carretel de barbante azul em um dos armários. Hazel levantou Molly do chão enquanto Robbie segurou a cadeira para que o peso do próprio corpo dela não a empurrasse para trás. E então Carter ajudou a amarrá-la, como se fosse uma prisioneira prestes a ser interrogada ou uma mosca em uma teia de aranha. Com a cabeça caída para o lado e os olhos fechados, Molly logo estava bem presa à cadeira por voltas e mais voltas de barbante.

Então Hazel voltou para procurar algo que pudesse usar como arma. Achou uma tesoura em cima da mesa e bateu com ela no tampo até as duas lâminas se soltarem e ela ter dois punhais.

— Credo, que barulheira. — reclamou Carter, com as mãos nas costas da cadeira da Molly. — Vamos lá.

Juntos, seguiram pelo corredor vazio, olhando para dentro das salas de aula abandonadas. Casacos repousavam nas costas das cadeiras e sobre as mesas ainda havia papéis, canetas e livros. Abandonados, quadros brancos ainda tinham problemas de matemática ainda por resolver. Um documentário sobre genética ainda passava em uma tela de projeção. Algumas mesas nos fundos de uma sala estavam totalmente cobertas por um mar de musgo.

As sombras foram ficando mais altas depois que passaram do ginásio. Hazel deu um passo adiante, a tesoura brilhando sob a iluminação que piscava. Hera descia pelo teto, enroscada nos fios. O coração de Hazel batia com tanta força que cada pulsação parecia um soco. Forte o suficiente para machucá-la por dentro. O ginásio nunca parecera ameaçador, com seu chão brilhante e liso e os esqueletos de metal das arquibancadas; agora, no entanto, Hazel estava absolutamente consciente de todos os lugares onde um monstro poderia se esconder ali, camuflando-se nas pilhas de colchonetes, dedos longos esgueirando-se para fora para agarrar um tornozelo…

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Robbie, atrás dela.

Hazel sentiu os músculos tensos. Ela balançou a cabeça, contente por não ter deixado transparecer o susto que Robbie lhe dera.

— Você não precisa ajudar a gente a procurar os retardatários — disse Carter. — Saia do prédio. Leve Molly. Seu irmão está preocupado com você, Hazel. *Meu* irmão está preocupado com você.

Os garotos pareciam diferentes sob a luz que piscava. Robbie estava pálido e levemente agitado, as olheiras mais evidentes. Carter estava mais parecido com Jack do que nunca, o rosto marcado pelas sombras. Se tentasse, Hazel seria capaz de fingir que ele era o irmão. Por um instante de horror, compreendeu por que alguém faria o que Amanda fizera. Seria como beijar o caixão de Severin. Não seria real. Mal não iria fazer.

— Por que *você* não vai? — perguntou Hazel, sem ser particularmente gentil. Ela não gostava nada de ser tratada com condescendência e também não estava gostando do rumo que seus pensamentos tinham tomado.

— Culpa, principalmente. Fui o último a ver a Amanda. Todo mundo está comentando e é verdade.

— O que aconteceu? — perguntou Hazel.

Eles estavam seguindo pelo corredor das salas de literatura e história, na direção da sala do diretor e da entrada da escola; passaram pelo auditório, o palco escondido pelas cortinas. Uma das rodas da cadeira de Molly soltou-se um pouco e passou a emitir um pequeno gemido de protesto à medida que rolava.

Robbie continuou empurrando, estremecendo a cada som.

Ecos vinham de algumas das salas, sons que Hazel não conseguia reconhecer. Na cabeça dela, pareciam o rastejar da hera, o arrastar dos pés do monstro, suas garras arranhando uma parede. Tinha caçado pela floresta e sabia como os barulhos pareciam amplificados em momentos de alerta e adrenalina total. Hazel sabia como era possível ter certeza de ter ouvido alguma coisa, quando na verdade era só a própria respiração. Ao mesmo tempo, sabia como era perigoso ignorar os próprios instintos. Mas ao menos na floresta ela já tinha experiência em identificar rugidos, brisas e pegadas. Ali, na escola, estava perdida. Cada movimento fazia seus dentes trincarem e o pelo dos braços se arrepiar.

Carter falou novamente, baixinho, para Robbie não escutar.

— Nós brigamos. Amanda e eu. Ela falou umas coisas do Jack que foram… ridículas. Tipo, que ele sequer era uma pessoa. Talvez estivesse apenas tentando me irritar, mas, bem… Funcionou. Eu mandei ela descer do carro, mesmo com aqueles saltos gigantes idiotas, e achei que ela pudesse voltar a pé.

"Uns três quarteirões depois, percebi que tinha sido um imbecil. Minha mãe ia me matar se soubesse que eu tinha saído com uma menina e largado ela sozinha por aí, sem ter como voltar."

— E? — perguntou Hazel.

— Amanda não estava lá quando eu voltei. Depois disso não a vi mais e os pais dela não me deixam ir visitá-la no hospital. — Ele levantou a voz um pouquinho. — Ei, Robbie, e você? Por que você ainda está aqui? Tentando bancar o herói? Por que não cai fora?

Robbie deu um sorriso torto.

— A única coisa que aprendi nos filmes foi: nunca se separar. Além do mais, vocês dois estariam ferrados sem mim.

— Com certeza — respondeu Carter em tom amável, mesmo que não fosse nem um pouco verdade.

— Ei, Hazel, por que… — Robbie começou a dizer, mas não chegou a terminar porque um grito ecoou pelo ar.

Correram na direção do som, a batida dos passos martelando no chão, o rangido estridente da cadeira de Molly castigando os ouvidos. Os gritos vinham do banheiro feminino.

Hazel disparou na frente, empurrou a porta com o ombro e entrou de tesoura em punho, pronta para atacar.

Leonie estava parada junto às pias e, sob os pés, havia uma poça com a água que escorria de uma das torneiras. Quando viu Hazel, ela gritou ainda mais alto. O lugar parecia vazio, mas seu coração batia tão rápido e Leonie estava tão assustada, que Hazel não teve certeza. Abriu a porta do primeiro reservado com um chute, mas havia apenas o vaso sanitário e, dentro dele, três bitucas de cigarro boiando. Chutou a segunda: nada. Estava prestes a chutar a terceira quando Leonie agarrou o braço dela.

— O que você está fazendo? Para! — disse Leonie. — Você está me assustando.

— *Eu* estou assustando *você*? — gritou Hazel. — Você estava gritando!

— A coisa. Eu vi. — disse Leonie. — Meu Deus, eu achei que era seguro sair para o corredor, mas a coisa estava lá. Meu Deus, Hazel. O que houve com Molly?

— Você deu uma boa olhada nele? — perguntou Carter parado na porta. Ele e Robbie estavam do lado de fora como se, mesmo naquela situação, fosse proibido colocar um pé no banheiro feminino, com seus azulejos cor-de-rosa e a velha máquina de tampões na parede.

Leonie balançou a cabeça.

— Eu vi alguma coisa. Era horrível e…

— Estamos bem perto da saída — lembrou Robbie, visivelmente trêmulo. — Vamos embora logo.

— E se a coisa estiver esperando? — perguntou Leonie. — Está em algum lugar por aqui.

— É por isso que precisamos ir logo — disse Robbie, mais alto, como se tivesse esquecido o motivo pelo qual estavam sussurrando, como se tivesse esquecido que tinham ficado para trás exatamente para ver se ainda tinha mais gente ali dentro.

Por um instante, Hazel contemplou a possibilidade de afastar-se deles, voltar mais para dentro da escola e esperar pelo monstro de punhal na mão. Ela já se imaginara lutando contra ele tantas vezes quando era criança… Com a personificação da floresta, a personificação do terror. Na cabeça de Hazel, lutar com o monstro era tipo enfrentar o chefão na fase final de um videogame. Na cabeça dela, se vencesse, todos os outros horrores em Fairfold cessariam.

Os instintos a empurravam para a briga. Seus dedos agarraram a tesoura com mais força e a pulsação acelerou. Ela queria encontrar o monstro e matá-lo.

— Ok, todo mundo quieto! — gritou Carter. — Hazel, o que você acha? Melhor sairmos daqui ou continuarmos procurando por mais sobreviventes?

— Por que você está perguntando isso a *ela*? — perguntou Robbie.

— Porque eu sei o que eu acho e o que você acha. E não importa o que a Molly acha. E porque… — Carter deixou as palavras no ar e virou-se porque ouviram um som estranho. Estranho como se alguém estivesse arrastando um cadáver pelos corredores. De repente, uma das lâmpadas do teto explodiu em

uma chuva de faíscas, e o musgo começou a subir dos ralos das pias. O espelho ficou pontilhado de manchas de bolor. Carter empurrou Molly mais para dentro do banheiro, e a cabeça dela caiu para o lado, o cabelo cobrindo-lhe o rosto. Robbie fechou a porta com força e Carter enfiou o taco de hóquei na maçaneta, preparando-se para segurar a porta já que não havia trinco.

Ninguém falou nada. Hazel respirou fundo e prendeu o ar.

Pelo vidro trabalhado dava para ver a silhueta de alguma coisa se mexendo do outro lado da porta. Era enorme, tinha facilmente mais de dois metros de altura e uma forma mais ou menos humana, se um humano pudesse ser feito de galhos, vinhas e terra. Era corcunda e o topo da cabeça parecia retorcer-se em um toco de madeira. Feitos de gravetos, dedos incrivelmente longos pairavam no ar.

A coisa fez uma pausa, como se conseguisse escutar os corações dos quatro martelando, como se fosse capaz de ouvir as respirações presas. Depois passou direto, passos pesados ecoando pelo corredor.

Hazel começou a contar, em silêncio. *Um… Dois… Três Mississippi… Quatro… Cinco…*

— Eu voto para a gente ir — sussurrou. — Eu voto para a gente ir *agora*.

Carter abriu a porta do banheiro e eles correram até a entrada da escola, Robbie empurrando a cadeira de Molly cada vez mais rápido, os tênis de Leonie chiando no piso do corredor. Hazel ficou por último, olhando por cima do ombro a toda hora enquanto fugia. Ela estava à espera que a criatura fosse pegá-los despercebidos, fosse tirá-los do chão com aquelas mãos horríveis e asfixiá-los com terra. Hazel foi tomada pelo pânico e pelo desejo frustrado de lutar. Só quando atravessaram a porta da frente e respiraram fundo o ar frio do outono, é que se deu conta de que tinham conseguido sair.

De todas as árvores ao redor, os corvos levantaram voo grasnando em uma onda de penas negras, como moscas brotando de um cadáver.

O estacionamento estava iluminado com o piscar das luzes das viaturas e de uma ambulância. Havia outros carros e grupos de alunos ao lado deles, mas parecia que a maioria já tinha ido para casa. As luzes azuis e vermelhas nos rostos deixava todos com aspecto fantasmagórico.

— Tem mais alguém lá dentro? — Um dos socorristas perguntou, enquanto eles desciam os degraus.

— Um monstro! — disse Leonie. Sob a luz clara da tarde, Hazel pôde ver como a maquiagem dos olhos de Leonie tinha escorrido, como se ela tivesse chorado.

— Houve um vazamento de gás — explicou ele, parecendo confuso e um pouco assustado. — Talvez você tenha inalado um pouco.

Sem se preocupar em responder, Leonie revirou os olhos e foi andando. Carter levantou a cadeira de Molly para carregá-la melhor. Ao mesmo tempo, Ben correu escada acima e abraçou Hazel. Os braços dela enroscaram-se nele, embora ainda segurasse as lâminas da tesoura.

— Você ficou maluca? — sussurrou ele junto do cabelo dela.

O olhar dela foi até Jack, que estava sentado no capô do carro de Ben, observando-os com seus olhos prateados. *Por três vezes irei avisá-los, e isso é tudo que me permitem*, ele tinha dito. Será que ele sabia disso, mas foi proibido de falar?

— Você sabe que eu sou maluca — sussurrou ela de volta.

Depois de ser examinada por um socorrista muito solícito, Hazel foi orientada a ir para casa, mas sabendo que deveria procurar imediatamente um hospital caso sentisse tonturas.

Ben esperava por ela junto ao carro, conversando com Leonie em voz baixa. Quando Hazel começou a ir em direção a eles, Jack segurou-a pelo braço. Assustada, Hazel se virou e o olhar dele a deixou subitamente constrangida.

— Eu acho que vamos ter que desmarcar o encontro no parquinho.

— É bom que você não esteja prestes a me dizer que não vai me levar hoje à noite. Não depois do que acabou de acontecer — disse ela, tentando manter a voz firme. Não funcionou muito bem.

Jack balançou a cabeça. O hematoma em sua bochecha parecia pior, o inchaço mais acentuado e a pele ao redor do olho estava roxa como uma ameixa.

— Passe lá em casa à noite. Não precisa entrar, ok? Vou sair de fininho e encontro com você no quintal. Podemos ir a pé.

— Ok — disse Hazel, surpresa por não ter precisado argumentar mais. Surpresa, aliviada e, o que era raro, com um pouco de medo. — Então, com que roupa eu vou?

Os olhos dele brilharam de malícia. Pela primeira vez naquele dia, alguma coisa o divertia.

— O que você quiser. Ou nada.

~

No caminho para casa, Hazel descreveu para Ben o monstro que vira através do vidro e como as vinhas e o musgo tinham se alastrado pela escola. Por sua vez, ele explicou como Jack o empurrou para fora assim que os primeiros alunos desmaiaram. Jack estava prestes a entrar de volta para ir atrás dela e de Carter quando alguns professores o impediram, deixando claro que, de alguma maneira, eles o culpavam por tudo o que estava acontecendo.

— Isso tem que acabar — disse Ben, suspirando. — Eles precisam entender que Jack não tem nada a ver com isso. Todos nós o conhecemos.

Hazel balançou a cabeça, mas então se lembrou das pessoas se encolhendo, do hematoma ainda fresco no rosto de Jack e da história que Leonie tinha contado, aquela que tinha guardado para si mesma durante anos. Quantas outras pessoas teriam uma história como a dela? Quantas pessoas tinham visto a máscara de Jack escorregar e nunca conseguiram realmente esquecer?

— E ainda temos que conversar, você e eu. — Ben lembrou a ela enquanto estacionava o carro em frente de casa. — Sobre Severin e o que aconteceu na noite em que ele foi libertado.

Hazel assentiu, mesmo torcendo para conseguir adiar essa conversa até depois da festa das fadas.

Dentro de casa, a mãe estava sentada à mesa da cozinha, fumando um cigarro. Fazia anos que Hazel não a via fumar. Quando passaram pela porta, a mãe apagou o cigarro no prato e ficou em pé.

— O que há de errado com vocês? Nenhum dos dois atende o celular. Eu já estava surtando, ligando para as pessoas, tentando descobrir o que estava acontecendo. Recebi um telefonema da escola, mas nenhuma das explicações que me deram fez sentido. E agora estamos com um toque de recolher. Acho que precisamos conversar sobre a possibilidade de irmos ficar com o pai de vocês por um tempo, na cidade…

— Toque de recolher? — repetiu Ben.

— Anunciaram naquela chamada de emergência da televisão — explicou a mãe, acenando na direção do aparelho. — Querem que todo mundo fique em casa, a não ser que seja absolutamente necessário estar fora. E ninguém deve sair depois das seis hoje à noite, sob nenhuma circunstância.

— E qual é a explicação que estão dando pra isso? — perguntou Hazel.

— Tempestade violenta — respondeu a mãe, erguendo as sobrancelhas. — O que realmente aconteceu hoje?

— Tempestade violenta — retrucou Hazel, antes de subir as escadas de dois em dois degraus.

Quando chegou ao quarto, foi até o armário e abriu a porta. Vários vestidos vintage, calças jeans surradas e suéteres furados, alguns pendurados, outros em uma pilha no chão, por cima de uma pilha de sapatos. Nada parecia adequado para uma festa como aquela. Nada ali poderia fazê-los acreditar que ela era alguém digno de confiança.

Afinal, o noticiário prometia uma tempestade.

CAPÍTULO 13

Jack tinha dito "ao pôr do sol", mas já estava quase escuro quando Hazel chegou. Ela aproveitou que o irmão e a mãe estavam na sala para sair de fininho assim que terminou de se arrumar: passou direto pela porta da frente, em silêncio e devagar para que não notassem. Deixou o celular em cima da cama, junto com um bilhete informando a Ben que ele não conseguiria falar com ela e, com isso, Hazel torcia para que ele não ficasse preocupado demais. Ela estaria de volta ao amanhecer e então contaria tudo.

Jack estava no quintal, brincando de jogar bola com o cachorro deles, um golden retriever chamado Cookie. A luz da varanda iluminava a faixa estreita de gramado por onde corriam. Naquele momento, Jack parecia um garoto humano normal, a não ser que se olhasse para as pontas de suas orelhas. A menos que você acreditasse nas histórias. Nesse caso, era algo que assustadoramente brincava de parecer humano. Quando Hazel chegou perto, Cookie começou a latir.

— Hora de entrar — disse Jack ao cachorro, desviando o olhar para a floresta. Hazel se perguntou se ele podia vê-la no escuro.

Ela esperou, lamentando não ter levado um casaco. A brisa de outono ficou mais fria conforme o brilho laranja no horizonte foi virando noite. Ela se distraiu catando castanhas-da-índia caídas no chão e arrancando as cascas espinhentas. Doía um pouco quando o espinho entrava debaixo da unha, mas era imensamente gratificante sentir alguma coisa se despedaçar em suas mãos.

Hazel tinha a sensação de estar à beira da floresta há séculos, mas provavelmente tinham se passado apenas uns quinze minutos até que uma janela no segundo andar se abriu e Jack saiu por ela para o telhado.

De onde estava, Hazel via a televisão na sala de estar — uma pitada de cor em movimento — e também o pai e a mãe de Jack sentados em sofás opostos. Ele estava com o notebook aberto e o brilho pálido da tela fazia as sombras parecerem mais profundas.

Jack passou do telhado para o galho de uma árvore, escorregou por ela e pulou para o chão. Ela se preparou para o barulho, para ver os Gordon virando as cabeças, para Cookie começar a latir de novo… Mas Jack aterrissou habilmente em silêncio. Ouviu-se apenas o som das folhas quando ele saltou do galho, e foi quase como um sopro de vento.

Hazel encontrou-o à beira da floresta, ligeiramente trêmula, mas tentando ser corajosa.

— Oi — disse ela, deixando cair a castanha que estava segurando. — E agora?

— Você está bonita — disse ele, com os olhos ainda mais prateados no escuro.

Ela sorriu, meio sem jeito. Tinha vestido a única coisa que parecia correta: calça jeans e uma blusa de veludo verde que descobrira bem no fundo do armário. Colocou argolas de prata e as botas favoritas. Esperava estar elegante o bastante para o Mundo das Fadas.

— Por aqui — sussurrou Jack.

Ele então começou a andar e Hazel o seguiu. Sob a luz da lua, a floresta estava cheia de sombras e trilhas secretas que pareciam abrir-se diante deles, e logo ficou claro que Jack enxergava melhor do que ela no escuro. Hazel tentou acompanhar o ritmo, tentou não tropeçar. Não queria dar nenhum motivo para ser deixada para trás.

Quando já estavam bem longe de casa, Jack virou-se.

— Tenho que te avisar sobre algumas coisas.

— Seja sempre educado — disse ela, recitando o que tinha sido dito várias vezes por adultos preocupados, que não queriam as crianças da região se comportando feito turistas. — Faça sempre o que pedirem, a não ser que vá contra uma das outras regras. Nunca agradeça a eles. Nunca coma a comida deles. Nunca cante se você for péssimo cantando, nunca dance… E nunca se gabe, nunca, de jeito nenhum, sob quaisquer circunstâncias. Esse tipo de coisa?

— Não era isso que eu ia falar. — Jack pegou a mão dela de repente e sua pele estava quente. A intensidade na voz dele provocou um arrepio em Hazel. — Eu tenho vergonha de ir lá. Por isso eu vinha escondendo. Eu sei como é imprudente, como é idiota. Não é de propósito, mas eu escuto, sabe? Quando vai ter uma festa é como se houvesse um zumbido dentro da minha cabeça. Como se tivesse alguém assobiando ao longe… Eu mal consigo ouvir a música, mas quando vejo já estou me inclinando, me esticando pra escutar melhor. Então eu simplesmente vou, dizendo a mim mesmo o tempo todo que não vou voltar da próxima vez, mas na próxima vez eu faço a mesma coisa, tudo de novo.

Ele largou a mão dela. As palavras pareciam ter exigido muito dele.

Hazel se sentiu horrível. Tinha ficado tão ocupada com sua própria confusão que não havia pensado sobre o que estava pedindo a ele. A última coisa que ela queria era magoar Jack.

— Você não precisa vir comigo. Eu não sabia disso. Só me diga o caminho e eu irei sozinha.

Ele balançou a cabeça.

— Você não vai conseguir me impedir de ir à festa, ninguém consegue. Esse é o problema. Mas eu queria que você voltasse pra casa, Hazel.

— E você sabe que eu não vou — disse ela.

Ele assentiu.

— Aqui está o resto, então. Eu não sei como proteger você deles e eu não sei o que eventualmente podem tentar fazer com você. O que eu sei é que eles odeiam ser lembrados da minha vida humana.

— E você acha que eu vou ser uma lembrança disso?

— Para eles e para mim. — Jack retomou o passo. — Tenha cuidado. Ben jamais me perdoaria se alguma coisa acontecesse com você.

As palavras bateram forte.

— Tá, ok. Só que Ben não é meu guardião.

— Então *eu mesmo* nunca me perdoaria.

— Você… — Ela hesitou e então forçou-se a perguntar: — Você vai ficar *diferente* lá?

A pergunta provocou uma risada.

— Não. Mas todo o resto talvez fique.

Hazel ponderou sobre o que isso significaria, enquanto iam pela floresta. Ela percebeu que ele estava tentando ir mais devagar para que ela pudesse acompanhar o ritmo, mas ao mesmo tempo também sentia a ânsia, a fome de chegar à festa.

— Me conta uma história — disse ele, parando para olhar a lua cheia e gorda que iluminava umas pedras e depois, para Hazel. — O que você sabe sobre o garoto de chifres e Amanda?

— Depois do que aconteceu na escola, eu já não sei muita coisa — admitiu Hazel. — Ele disse que o monstro estava atrás dele, e você disse que Alderking é que estava. Você acha que Alderking está controlando o monstro?

— Quiçá! — Jack sorriu ao dizer a palavra incomum, exagerando sua excentricidade. — Mas você é quem sabe melhor. Foi com você que ele falou.

— Ele estava procurando por uma espada — contou Hazel. — Falou que era a única maneira de derrotar o monstro.

Desde criança que ela não ia tão fundo na floresta, e já na época fazia isso com a consciência de que estava se aventurando em terras perigosas. As árvores eram velhas, com troncos enormes, e o emaranhado dos galhos formava um dossel denso o suficiente para bloquear as estrelas. A primeira onda de folhas caídas estalou sob os pés de Hazel, como um tapete de papel de seda.

Jack olhou para ela.

— Teve mais uma coisa que você disse, sobre eles usarem você.

— Você se lembra disso… — perguntou ela.

— É difícil esquecer.

— Eu tenho… Eu tenho me esquecido de períodos de tempo da minha vida. Não sei o quanto. — Nunca tinha dito algo assim em voz alta.

Ele a estudou por um longo momento.

— Isso… não é bom.

Ela bufou e continuou andando. Jack não disse mais nada. Ficou feliz por ele ter ficado em silêncio. Estava com medo de que ele tentasse arrancar respostas dela; no lugar dele, ela o teria feito. Mas, aparentemente, Jack ia deixar que ela decidisse o que queria contar, e quando.

Chegaram ao pé de uma colina cercada por arbustos espinhosos. Juntos, formavam um emaranhado que subia junto aos degraus que levavam ao topo da elevação. Lá em cima, restos de um prédio antigo, praticamente coberto por

grama alta. Os degraus estavam rachados e gastos e o musgo escorria dos desníveis e subia por um arco. Havia um barulho no ar, uma música ao longe e risadas, às vezes mais altas ou mais baixas, como se trazidas pelos ventos.

De repente, Hazel soube onde estavam, embora até então ela só tivesse ouvido falar do lugar.

Era a capela que um dos fundadores de Fairfold tinha tentado construir antes de descobrir que a colina era sagrada para o Povo. De acordo com a história, o que quer que fosse construído durante o dia era demolido à noite, onde capinassem, o mato cresceria de novo antes do amanhecer. Inúmeras pás se quebraram e acidentes deixaram homens com ossos quebrados e corpos machucados, até que, finalmente, o centro da cidade de Fairfold foi deslocado para alguns quilômetros mais a sul, onde a primeira capela foi construída sem incidentes.

As colinas do Mundo das Fadas são ocas por dentro, ela ouvira a Sra. Schröder dizer certa vez. *Ocas como as promessas das Fadas. Todas feitas de ar e ilusão.*

Hazel estremeceu com a lembrança.

Jack foi até as vinhas emaranhadas cheias de espinhos. As rosas vermelhas que cresciam ali tinham uma camada aveludada nas pétalas, densa e grossa como pelo. Os caules curvavam-se para abrir uma passagem, lentamente, de modo que se você não prestasse atenção, se desviasse o olhar por um instante, poderia ter a impressão de que o caminho sempre estivera ali. Ele deu um sorriso, levantando as sobrancelhas.

— Foi você que fez isso? — perguntou Hazel num sussurro, sem saber bem por que estava sussurrando. — Será que o caminho vai continuar aberto na minha vez de passar?

— Não sei. Mas fique perto — avisou ele, enquanto um galho afiado balançou nas suas costas.

E assim eles subiram o caminho íngreme, Hazel com a mão nas costas de Jack, mantendo-se perto o bastante para que os espinhos permitissem sua passagem.

Jack saltou alguns degraus e, já no arco, bateu com os pés três vezes contra a borda e falou:

— Lordes e ladies que andam sem ser vistos, ladies e lordes vestidos de verde, três vezes eu piso sobre esta terra, deixe-me entrar, colina verde que me

deu à luz.

Hazel sentiu um arrepio ao ouvir aquelas palavras. Era um trecho de um poema, quase como o tipo de coisa que teriam inventado enquanto brincavam na floresta na infância, mas parecia bem mais velho e de origem incerta.

— Simples assim? — perguntou ela.

— Simples assim. — Ele deu um sorriso franco e selvagem, quase como se a desafiasse. — Sua vez. — Então, com um passo para dentro do arco, ele se deixou cair para trás.

Hazel nem teve tempo de gritar. Correu para ver se ele estava bem, mas Jack já tinha ido. Tinha desaparecido. Ela viu o restante da colina, a fundação da antiga construção, o tapete prateado de grama alta. Sem saber bem o que fazer, saltou pelo arco, esperando ser levada também.

Hazel aterrissou na grama. Perdeu o equilíbrio e caiu dolorosamente de joelhos, espinhos rasgando sua calça jeans e a blusa de veludo. Ela não tinha caído em outro mundo. Era exatamente o mesmo lugar de antes, e agora ela estava sozinha.

Uma brisa fez os espinhos estremecerem, trazendo com ela o tilintar das risadas.

— Jack! — gritou. — Jack!

A voz dela foi engolida pela noite.

Simples assim, ele tinha dito. Mas os espinhos não tinham se aberto para ela, e era pouco provável que o poema funcionasse. As palavras não eram certas para ela. A colina verde não era onde ela havia nascido. Ela não era do Povo. Ela não tinha nenhum tipo de poder.

Seria algum tipo de teste? Hazel ficou de pé e subiu as escadas de novo. Não era muito boa com rimas, mas talvez, se alterasse o poema um pouco, quem sabe então a colina se abrisse para ela? Era um tipo assustador de magia. Hazel pisou três vezes na borda, respirou fundo e falou:

— Lordes e ladies que andam sem ser vistos, ladies e lordes vestidos de verde, três vezes eu piso sobre esta terra — Hazel hesitou e então deu a única razão que lhe ocorreu, pela qual o Povo poderia deixá-la entrar. — Deixe-me entrar em virtude da alegria.

Apertou os olhos bem fechados e deu um passo por baixo do arco. Ela caiu, como antes, mas desta vez *dentro* da grama, para dentro de uma abertura. Ela

se debateu, sentindo o cheiro forte de terra, arrastando as unhas nas pedrinhas e raízes na tentativa de se segurar. Hazel respirou fundo mais uma vez, um último suspiro trêmulo, e então restou só a escuridão em volta dela.

Um grito veio espontaneamente aos lábios e Hazel sentiu o estômago revirar. Deu uma única cambalhota no ar, o mundo lá embaixo parecendo um borrão de imagens e sons delirantes. E então Hazel ficou presa, suspensa por uma rede de raízes pálidas, compridas e peludas. Lá embaixo, a festa, iluminada por luzinhas em movimento e fogueiras. Havia quadrilhas e mesas de banquete; havia fadas cobertas de pele, protegidas por armaduras ou vestidas com saias rodadas. Alguns olharam para cima, apontaram e riram, mas a maioria não notou que ela estava ali, pendurada acima deles como um lustre. E então ela viu, sobre as placas de pedra cinza, um trono que parecia escavado na própria rocha. Estava coberto de peles de animais e um homem de armadura estava sentado nele. Um pajem sussurrou no ouvido dele, e ele se virou para olhar na direção de Hazel. Não fez questão de sorrir.

Hazel havia ido à corte de Alderking em uma noite de lua cheia. Não conseguiria ser mais imprudente, nem se tentasse.

Hazel empurrou com os pés, tentando erguer-se nas raízes para, quem sabe, começar a subir. Mas enquanto tentava, as raízes se desprenderam. Hazel caiu de novo e desta vez bateu no chão com força. Depois de passar um momento implorando a si mesma para fazer algo mais do que piscar a cúpula que cobria o local, ficou de joelhos. Alguém a pegou no braço e a ajudou a ficar de pé.

— Obrigada — disse Hazel automaticamente, abrindo os olhos.

Então percebeu seu erro. *Nunca agradeça a eles*.

Uma criatura monstruosa ficou de pé na frente dela, os olhos negros bem abertos e uma expressão de repugnância no rosto. Pelos claros cresciam na ponte do nariz pontudo, nas maçãs do rosto e seguiam até uma crista no topo da cabeça. O mesmo pelo pontilhava também os ombros e a cintura. A criatura estava protegida por uma peça assimétrica de couro que se estendia ao longo da cintura. Então aquilo soltou Hazel como se tivesse tocado em algo imundo e foi embora, deixando-a atordoada, quase sem acreditar.

— Desculpe! — disse Hazel, sem ter certeza se tinha melhorado ou piorado a situação.

A festa não era nada do que ela imaginara, nem mesmo nos sonhos em que via o lugar de origem do garoto de chifres. Não era do jeito que as histórias contadas na cidade faziam parecer. A música tocava no ar com uma doçura dolorosa. Ela ficou sem ar e cambaleando.

Criaturas giravam no chão de terra, algumas com graça e fluidez e outras, mais pesadamente, aos pulos. Fadinhas voavam com asas esfarrapadas de mariposa, mostrando os dentes para Hazel. Criaturinhas vestidas de marrom, o cabelo espetado como pistilos de flores, jogavam dados e davam grandes goles em cálices intrincados e copos de madeira igualmente trabalhados. Seres altos, brilhando na escuridão como se iluminados de dentro para fora, rodopiavam em vestidos de folhas, em corpetes de casca de árvore habilmente esculpidos ou em requintadas malhas de metal prateado.

Outras criaturas, muito menos parecidas com os humanos, andavam em pernas de pau no meio da multidão ou pairavam sobre ela, seus rostos tão retorcidos quanto os nós das árvores.

Eram ao mesmo tempo assustadoras e belas e terríveis. Todas elas.

No meio deles, aparentemente ignorando o perigo, havia pessoas que ela reconhecia. Gente de Fairfold. A Srta. Donaldson, professora do jardim de infância, dançava descalça com uma criatura com cara de coruja. Nick Sorridente, um cara de cabelo comprido que fazia biscates de porta em porta, como amolar facas, andava trôpego no meio da multidão, os lenços de seda preta em seu pescoço flutuando atrás dele. Ao lado de Nick estava um rapaz cujo nome Hazel não sabia, mas que já tinha visto antes. Ele trabalhava em um mercadinho da cidade, repondo os produtos nas prateleiras. Certa vez, Hazel o tinha visto fazer malabarismo com maçãs no corredor das frutas. Eram poucos humanos, mas aqui e ali ela via roupas normais, mesmo que não pudesse ver os rostos na multidão.

Será que eram realmente humanos? Ou fadas que viviam entre os humanos e usavam suas formas? E se eram humanos, será que sabiam que estavam aqui, ou será que acordariam com os pés enlameados, como Hazel, e sem qualquer lembrança da noite anterior?

Não eram só os humanos que ela reconhecia; uma das criaturas, também. Sentado em um canto, coberto de pelos e mastigando besouros-de-ouro, havia um ogro chamado Rawhead. Ela já tinha ouvido falar dele, de seu apreço por

carne humana, e tinha descoberto onde era seu covil no tempo em que era uma menininha carregando uma espada grande e afiada. Rawhead sorriu na direção dela com seu sorriso vermelho, como se talvez a reconhecesse também.

Mexa-se, disse a si mesma. *Não fique aqui parada olhando. Mexa-se*.

Hazel começou a caminhar em uma direção aleatória, apenas colocando um pé na frente do outro, impulsionando a si mesma sem ter qualquer noção de aonde ia. Ela ainda não tinha visto Jack, mas ele tinha de estar em algum lugar por ali. E, por mais assustador que fosse andar pela festa sem ele, por mais trêmula e nervosa que Hazel estivesse, ela precisava descobrir o que poderia fazer a respeito do garoto de chifres e do monstro e das mensagens misteriosas da misteriosa Ainsel. Caso contrário, todo o pânico que sentia e o perigo que estava correndo seriam em vão.

Tentando ficar longe da dança, Hazel foi atravessando a colina oca. Jasmim-da-noite, rosas e sálvia perfumavam o ar, deixando-a tonta conforme andava.

— Aceita um drinque? — perguntou uma pequena criatura nariguda, com um rabo curto e grosso e olhos negros como os de um corvo. Ele trazia uma pequena bandeja com pequenas xícaras de madeira. Dentro de cada uma delas, um líquido que mal servia uma dose. — Juro pelo milho e pela lua que nunca irá provar algo tão doce.

— Não, obri… — Ela se conteve para não agradecer a mais um deles. Em vez disso, balançou a cabeça. — Eu estou bem.

A criatura deu de ombros e seguiu em frente, mas o encontro tinha deixado Hazel inquieta. Ela conhecia todas as regras, mas obedecê-las estava sendo difícil. Era tão fácil fazer a coisa errada automaticamente, mais fácil do que ela poderia ter imaginado.

Uma mulher aos risos, com grossas tranças de cabelo castanho-avermelhado, parou quando ela passou. Ao lado dela, seu companheiro com cabeça de bode.

— Você não me desenhou uma vez? — perguntou ela a Hazel, deixando a garota surpresa.

Por um momento, Hazel não conseguiu entender. Então de repente lembrou-se da velha história, aquela que sempre tinha escutado sobre Ben.

— Você está me confundindo com a minha mãe.

A mulher franziu a testa, parecendo intrigada.

— Faz tanto tempo assim? Você deve ser a minha musicista, então. Agora crescida! Irá me oferecer uma canção como recompensa por minha bênção?

Hazel balançou a cabeça.

— A criança era o meu irmão. Eu ainda não tinha nascido e sou péssima para música. Você não ia querer me ouvir cantar. — Hazel se perguntou se deveria contar à fada quão pouca alegria Ben tivera com o dom dado por ela, mas suspeitou que isso violaria as regras sobre gentileza. — Mas, eu… Eu… Vou dizer a ele que estive com você.

— Faça isso — disse ela. — Diga a ele para tocar para Melia, que então farei rubis caírem da língua dele.

Soou mais como ameaça do que promessa, mas Hazel assentiu e, sem saber muito bem o que fazer, fez uma breve reverência antes de se afastar. Então apertou o passo, abrindo caminho às cotoveladas pela multidão alegre, passando por flautistas e violinistas; por fadas magricelas com asas que soltavam pó; por mulheres verdes com bocas e línguas negras em vestidos finos como a névoa; por meninas de dedos longos com coroas de gravetos trançadas nos cabelos soltos como nuvens; por garotos zombeteiros com patas de leão em vez de pés; por meninas-corvo rindo; por imensas criaturas disformes, musgo lhes cobrindo as pernas enormes e bocas cheias de dentes que, em vez da usual aparência esmaltada, pareciam-se mais com pedras craqueladas.

Novamente, alguém pegou em seu braço. Hazel deu um grito e virou-se, puxando o braço, antes de se dar conta de quem era.

— Hazel. — Jack parecia sem fôlego e um pouco em pânico. — Eu não sabia onde você estava.

— Você me abandonou. — A voz dela tinha soado mais ríspida do que queria.

— Você estava bem atrás de mim — explicou ele. — Achei que você ia me seguir, do mesmo jeito que me seguiu pelo caminho.

— Bem, não deu, Jack — explicou Hazel.

Alguém estava com ele: uma fada alta e magra, com a pele de um marrom reluzente como casca de árvore. Os olhos dela mudavam de cor, do ouro brilhante ao verde.

Ela só poderia ser a mãe elfa de Jack. Os olhos eram exatamente como nas histórias que Hazel ouvira.

— Ruiva — disse ela, virando a cabeça de Hazel de um lado para o outro, observando-a. Segurando uma mecha, a elfa deu um puxão no cabelo dela. — Costumavam dizer que vocês ruivas eram bruxas. Você é bruxa, menina?

— Não, senhora — disse Hazel, lembrando-se ao menos de ser gentil.

— E o que a traz aqui? Ou devo perguntar quem?

— Ainsel — respondeu Hazel, esperando que o nome significasse algo.

— Ora ora, não é que você é esperta? — disse a elfa, fazendo uma careta.

— Então você sabe quem é! — exclamou Hazel, mal respirando de ansiedade. — Por favor, me diga.

— Como você pode não se lembrar? — A expressão dela pareceu um sinal para Hazel ficar calada. Então a elfa se virou e apontou o dedo longo para Jack. — E eu acho que este é o menino que trouxe você. Este rapaz, e somente ele. Um grande erro da parte dele. O que quer que esteja procurando, aqui não é lugar para você.

Hazel não sabia ao certo como responder sem referir-se a Fairfold, já que Jack recomendara que Hazel evitasse mencionar a cidade, nem como redirecionar a conversa de volta a Ainsel.

— Jack? Claro, ele me trouxe, mas…

A criatura andou ao redor dos dois e Jack foi para perto de Hazel, como se estivesse pronto para impor-se diante dela caso a mulher tentasse agarrá-la novamente. A mãe de Jack levantou a voz.

— *Jack?* É assim que eles te chamam? Jack de quê? Simplesmente Jack, sem adjetivos?

— Não me preocupo em ter essas definições de vocês. Sou apenas Jack, ultimamente — respondeu ele, e Hazel deu uma risada curta e constrangedora, da qual imediatamente se arrependeu. Culpa da resposta inesperada dele, tão casual e cotidiana diante da irritação de uma criatura mágica.

— Por que eu deveria me importar se ele deseja perder tempo em Fairfold? Se ele quer brincar de ser um garoto humano, o que tenho a ver com isso? Ele pode comer comida de mortais e dormir em uma cama de mortais e beijar uma garota mortal, mas nunca será humano. Sempre estará fingindo. — A elfa

estava falando para Hazel, mas as palavras eram claramente direcionadas a Jack. Hazel se perguntou quantas vezes eles já teriam tido esta conversa.

Ele sorriu.

— É preciso crescer onde fomos plantados. — Hazel tinha quase certeza de que era um ditado humano, mas ali fazia um estranho sentido.

A atenção da mãe elfo não fraquejou. Os olhos continuaram fixos em Hazel.

— Então você veio para fazê-lo desmontar de seu cavalo branco, como nos contos? Veio para salvá-lo de nós? — perguntou a mulher, os dedos longos gesticulando na direção do vasto emaranhado de raízes por todo o teto em cúpula. — Ou é ele quem está aqui para salvar você?

— Chega — disse Jack, estendendo o braço na frente da Hazel. — Já chega, ok? Pare de falar assim com ela. Já chega. É mais do que o suficiente.

— Apenas se lembre de que sangue atrai sangue — completou ela.

Um dos cavaleiros de armadura prateada brilhante — um com placas de ombro em ouro entalhado no formato de rostos gritando — aproximou-se deles com uma reverência curta e voltou seu olhar na direção de Hazel.

— Alderking gostaria de cumprimentá-la.

A mãe elfo de Jack assentiu e lançou um olhar para o filho.

— É uma honra para você — explicou ela a Hazel, mas seu tom de voz desmentia as palavras.

Hazel ouvira histórias sobre Alderking, é claro. A cada solstício, os moradores da cidade deixavam oferendas especiais para ele. Quando o tempo estava ruim, diziam que devia estar zangado. Quando as estações demoravam a mudar, diziam que ele ainda devia estar dormindo. Ela nunca o imaginara como alguém real. Embora seu poder parecesse enorme, era uma criatura muito distante e Hazel achava que não poderia passar de uma lenda.

— Irei acompanhá-lo — disse Hazel ao cavaleiro.

Jack fez menção de ir com ela, mas a mãe agarrou o braço dele, apertando seus dedos de gravetos. Embora tivesse tentado esconder, havia pavor genuíno em sua voz.

— Você não. Você fica comigo.

Ele se virou para ela, cabeça erguida, e mesmo em roupas mortais conseguiu transmitir um pouco da soberba de sua linhagem.

— O Marcan aqui não é exatamente conhecido por tratar os humanos com justiça. — Olhou para o cavaleiro. — Certo, Marcan?

— Ninguém solicitou sua presença, *changeling*. — O cavaleiro sorriu. — Além disso, Hazel não há de se importar em vir comigo. Nossas espadas já se cruzaram antes.

Hazel não tinha certeza do que ele quis dizer. Talvez tivesse algo a ver com uma das criaturas que lutara quando era criança? O que quer que fosse, Jack parecia pronto para protestar. A mão dele escorregou até o bolso de trás da calça, como se fosse pegar uma arma.

— Tudo bem — disse Hazel. — Jack, tudo bem.

A mãe elfo de Jack inclinou seu corpo comprido e deu um beijo na testa de Jack. Hazel nunca tinha pensado que ela pudesse sentir falta do filho perdido, nunca se perguntara se havia outro lado da história de como Jack tinha ido viver com os Gordon, mas agora era impossível não pensar.

— Os mortais vão desapontar você — disse a ele, quase em um sussurro.

Com o queixo travado e fúria nos olhos, Jack recuou e permitiu que Marcan guiasse Hazel pelo chão de terra sob a colina.

Alderking estava sentado no grande trono de pedra que tinha vislumbrado quando ficara pendurada sobre a festa. Chifres como os de um cervo brotavam de uma tiara sobre sua testa, e ele vestia uma cota de malha brilhante, feita de mínimas escamas de bronze pontiagudas, sobrepostas como Hazel imaginava ser a pele de um dragão. Tinha olhos verdes tão claros e brilhantes que lembravam bebidas venenosas ou talvez enxaguante bucal. Em cada dedo das mãos havia um anel diferente e ricamente trabalhado.

Em seu colo repousava uma espada dourada, com um guarda-mão ornamentado. Por um momento, pensou que fosse sua própria espada desaparecida e deu um passo em direção a ela, mas logo lembrou-se de que a sua tinha um cabo muito mais simples. Todos os cavaleiros usavam espadas semelhantes; forjadas em metal brilhante, cintilavam como raios de sol sobre as bainhas de obsidiana.

Deitada junto aos pés de Alderking estava a criatura com quem Hazel fizera o pacto tanto tempo atrás, uma espécie de gato branco, pálido e nu, cuja pele tinha as extremidades cor de carmim. Ela olhou para Hazel

preguiçosamente pelos olhos semiabertos. Depois acenou com a mão comprida, cheia de garras.

As perguntas cuidadosas que tinha planejado fazer, sobre lembranças e monstros, sumiram de sua cabeça. Hazel apoiou-se sobre um dos joelhos. Quando o fez, viu algo brilhar no meio dos azulejos intrincados do chão, como uma moeda perdida refletindo a luz.

— Sir Hazel — disse Alderking, inclinando-se para frente e olhando para ela com aqueles olhos arregalados. Tão belo como qualquer príncipe dos contos de fadas, era bonito e horrível ao mesmo tempo, a despeito do sorriso cruel em sua boca. — Não me lembro de tê-la chamado até aqui.

Hazel olhou para ele, perplexa.

— Não, eu…

— Na verdade, eu disse explicitamente para você *nunca* vir a uma festa de lua cheia. E ontem à noite, embora precisássemos muito que fosse caçar conosco, você ignorou meus chamados. Você se esqueceu do nosso acordo assim tão rapidamente? Desafie-me por sua conta e risco, Hazel Evans. Não fui eu quem concedeu o desejo mais profundo de seu coração, uma bênção espontânea? Já não fiz de você digna de minha companhia? Saiba que eu poderia tirar-lhe tudo isso com a mesma facilidade. Há maneiras muito mais desagradáveis de me servir.

— Eu… — Hazel abriu a boca para falar, mas não saiu nenhuma palavra.

De repente, Alderking começou a rir.

— Ah — disse ele, não muito diferente da fada ao perceber que tinha confundido Hazel com a mãe dela. — Você não é a minha Hazel, não é? Não é meu cavaleiro. Você é a Hazel Evans que vive durante o dia.

CAPÍTULO 14

Hazel pensou que talvez devesse ficar de pé, mas estava plantada no lugar. A festa parecia nada além de um zumbido em seus ouvidos.

Sir Hazel, Alderking a tinha chamado.

A mãe elfa de Jack também tinha perguntado uma coisa estranha a ela. *Então você veio para fazê-lo desmontar de seu cavalo branco, como nos contos? Veio para salvá-lo de nós? Ou ele é quem está aqui para te salvar?* Hazel conhecia o conto no qual alguém era forçado a descer de um cavalo branco. Chamava-se *Tam Lin* e nele, um cavaleiro humano forçado a servir uma rainha-fada era salvo por uma mortal corajosa, uma garota chamada Janet. Tam Lin era um cavaleiro humano.

Hazel pensou na mensagem dentro da noz. *Sete anos para pagar o que está a dever. Tarde demais para se arrepender*. E tinha aquele comentário estranho do cavaleiro que a trouxera, sobre as espadas deles já terem se cruzado antes.

Hazel ficou sem ter o que dizer.

— Como… — mesmo assim esforçou-se para falar.

— Você não se lembra do pacto que fez? — Alderking inclinou-se na direção dela e, com ele, inclinaram-se também os chifres em sua tiara.

— Prometi dar sete anos da minha vida. De forma alguma eu esqueceria disso. — Hazel respirou fundo. Começava a recuperar a coragem. Ficou de pé e, com o coração batendo depressa, se preparou para uma batalha cuja arma era a inteligência. Neste lugar, de alguma forma, estavam as respostas que ela precisava. Bastava que fizesse as perguntas certas do modo certo. — Mas… Você está dizendo que eu já venho pagando minha dívida? Eu não me lembro… Não me lembro de fazer isso.

Ele sorriu, pacientemente.

— Não sou generoso de tirar essas memórias de você? Todas as noites, a partir do momento em que você cai no sono até sua cabeça tocar em seu travesseiro novamente ao amanhecer, você é minha. Você é um dos meus cavaleiros, mas sua vida à luz do dia não é afetada. Você sempre teve potencial, o qual eu venho moldando. Transformei você em um dos meus.

Hazel tinha certeza de que as pessoas que ficavam sem dormir por semanas morriam. Por *anos* era ridículo. E era igualmente inacreditável pensar que ela havia sido treinada pelos cavaleiros sob aquela colina, treinada para ser como eles. Ela olhou para os três, de pé ao lado do trono de Alderking, e todos pareciam ter saído de pinturas de um tempo que nunca existiu.

— Isso não parece possível.

— E ainda assim — continuou Alderking, gesticulando no ar, como se aquela fosse toda a explicação necessária. A magia era ao mesmo tempo pergunta e resposta. — Todas as noites, vamos até a sua janela e levamos você pelo ar até nossa corte. Você é o cavaleiro que sempre sonhou ser.

*Respir*e*, Hazel*, disse a si mesma. *Respire*.

Lembrou-se do cansaço que tinha tomado conta dela na Filadélfia, um cansaço que nunca a deixava. Agora, ela sabia de onde isso vinha, ao menos, e também que não tinha a ver com a puberdade como acreditara sua mãe.

— Eu nunca sonhei em ser um dos seus cavaleiros.

— É mesmo? — disse Alderking em tom de deboche, como se conhecesse a verdade do coração dela melhor do que ela jamais seria capaz. — Eu a proíbo de contar ao seu "eu" do dia o nosso acordo, mas não é pequeno o prazer em vê-la tão atônita.

Hazel estava sem palavras. Sentia-se como se não conhecesse a si mesma. Como se tivesse traído seus próprios ideais imensa e profundamente, embora ainda não tivesse certeza da profundidade da traição. Lembrou-se do sonho em que cavalgava ao lado de outros cavaleiros, de castigar os humanos com um sorriso no rosto, e estremeceu. Era essa a pessoa que se tornara?

Alderking riu.

— Bem, Sir Hazel, se não veio aqui como meu cavaleiro, porque motivo, então?

Hazel precisava pensar rápido. Precisava afastar os pensamentos de seu outro eu, da parte sua que era indigna de confiança.

Ele não devia saber que fora ela quem tinha quebrado o caixão de Severin. Como havia ficado acordada durante toda a noite anterior, seguindo Ben pela floresta, seu outro eu não teria ido à caça com o Povo, não teria sido interrogado, não teria revelado nada. E uma vez que Alderking não queria que ela soubesse sobre seu eu noturno, ele não era a misteriosa Ainsel. O que significava que seu eu cavaleiro talvez tivesse um aliado na corte, alguém com quem Hazel vinha trabalhando.

O olhar de Hazel desviou-se para a criatura deitada junto aos pés do Alderking. Havia sido aquele o ser a quem ela havia feito uma promessa, e como tinha aceitado um pacto em nome do Alderking, talvez ainda tivesse poder sobre ele.

— Eu vim porque há um monstro em Fairfold. Queria saber como matá-lo.

O sorriso de Alderking foi frio à medida que levava à boca uma taça de prata. Alguns dos membros da corte riram.

— Ela se chama Sorrow. Uma criatura enorme e feroz, cuja pele endurecida como casca de árvore é forte o suficiente para dobrar até mesmo o metal das Fadas. Você não pode matá-la, e antes que pergunte, o único antídoto à doença do sono que ela causa, ao musgo que se infiltra nas veias quando ela toca em você, é o próprio sangue dela, que é como seiva. Então que tal fazer outro acordo, Hazel Evans?

— Que tipo de acordo?

— Sorrow está à caça de Severin. Depois de todos esses anos, descobri uma maneira de controlá-la e agora ela me obedece. — Ele levantou a mão para exibir um anel de osso.

Alderking continuou a falar, sem notar a careta de Hazel.

— Traga-me Severin, e eu não usarei a força dela contra Fairfold. Posso até manter meu povo sob controle. As coisas voltarão a ser como antes.

Hazel ficou tão surpresa que riu.

— Trazer Severin? — Ele poderia muito bem ter pedido para que ela trouxesse a lua e as estrelas.

Alderking, impaciente, não parecia achar a menor graça.

— Sim, essa é a ordem que eu pretendia dar à minha Hazel, mas ela não apareceu na noite passada. Com a noite de hoje, já são duas em que você me fez perder os serviços dela. Minha guerreira precisa caçar o garoto de chifres, meu filho, Severin, que escapou de seu confinamento. Sorrow vai matar qualquer um que esteja em conluio com ele e o arrastará até mim para enfrentar minha ira.

Trazer Severin. O filho dele. O príncipe dela. Um príncipe de verdade.

Sou realmente capaz de fazer isso? Hazel se perguntou. Ela estava um pouco preocupada com a possibilidade de começar a rir de novo. Toda aquela situação parecia tão impossível.

— Por que eu? — conseguiu perguntar.

— Eu considero que seria adequado se fosse um mortal a derrotá-lo — disse Alderking. — Seu outro "eu" sabe que não deve brincar comigo, mas, caso tenha uma ideia romântica sobre avisá-lo de minhas intenções, deixe-me explicar por que você não deve fazer isso. Você acha que cometi tantas injúrias contra o seu povo, mas deixe-me mostrar o que mais eu poderia fazer, sem muito esforço.

Ele virou-se para um dos cavaleiros.

— Traga-me Lackthorn.

Alguns momentos depois, um *goblin* de aspecto cruel, com a pele acinzentada e as orelhas pontudas, aproximou-se de Alderking, segurando um chapéu sujo nas mãos.

— Que prazeres que eu permito que você tenha na cidade, Lackthorn?

O *goblin* deu de ombros.

— Apenas alguns. Eu roubo chantilly e quebro alguns pratos. Quando uma mulher jogou água suja em mim, eu a afoguei. Nada mais do que você disse que eu poderia fazer.

Hazel ficou pasma com a naturalidade com que ele listou coisas horríveis. Mas ninguém parecia surpreso. Alderking olhava para ele como se aquelas fossem traquinagens normais das Fadas. Talvez fossem, para ele.

— No entanto, nem sempre você os deixa ir tão longe, não é? — perguntou Hazel.

— Eu fui dando mais liberdade a ele à medida que fui vendo a praga que vocês, mortais, podem ser. Mas preste atenção. Lackthorn, se eu lhe desse

licença para fazer o que quisesse, o que você teria feito? — Alderking lançou um olhar para Hazel.

— O que eu teria feito? — O pequeno *goblin* riu de um jeito tão voraz e terrível que Hazel sentiu um arrepio na espinha. — Eu colocaria fogo e incendiaria as casas deles quando estivessem dentro. Eu os beliscaria sem parar até doerem seus ossos. Eu lançaria uma maldição para que definhassem e então eu roeria os restos. O que eu faria se você me deixasse? Mais fácil perguntar o que eu *não* faria.

— Você sabia que antigamente se achava que a noz da avelã, cujos povos de língua inglesa chamam *hazelnut*, era o repositório de toda a sabedoria? — perguntou Alderking. — Já que seu nome vem dessa palavra, seja sábia, Hazel. Lackthorn é um dos menos perigosos da minha tropa. Imagine a resposta que Bone Maiden poderia dar. Ou Rawhead. Ou a própria Sorrow, monstruosa e esplêndida. Não teste minha boa vontade. Traga-me Severin ou eu vou atormentar Fairfold. Tenho planos em andamento e não gostaria que eles fossem interrompidos. Sorrow está à caça dele por enquanto, mas preciso dela para outras coisas.

Hazel sentiu como se não conseguisse mais respirar. A música ainda tocava ao fundo, as pessoas ainda rodopiavam, rindo e dançando, mas tudo foi ficando fora de foco em sua visão periférica. Parecia que o dom da fala lhe havia sido roubado. Alderking tinha feito uma ameaça tão horrível que ela quase não conseguia acreditar que tinha escutado direito.

Pela expressão no rosto de Alderking, Hazel percebeu que ele esperava ouvir uma resposta dela tanto quanto esperava que um sapo se transformasse em cogumelo.

Só que ela precisava dizer alguma coisa, então, depois de pigarrear, Hazel falou.

— Se você soltar Sorrow na cidade, eu vou impedir.

Ele soltou uma risada cruel.

— Você? Uma andorinha sozinha não faz verão! Vá agora, Sir Hazel, divirta-se na festa. Amanhã ainda haverá tempo o bastante para começar sua caçada. Darei a você dois dias e duas noites.

O cavaleiro com as placas nos ombros aproximou-se e um alaúde começou a tocar. Lackthorn fez uma reverência e desapareceu na multidão e Hazel

soube que estava dispensada.

— Ah — lembrou-se Alderking, e ela se virou para ele. — Só mais uma coisa: Meu filho tem uma espada. Uma que ele roubou de mim. Traga-a aqui e perdoarei sua dívida de sete anos. Está contente em receber essa tarefa agora?

— Quanto tempo eu já servi à corte? — perguntou Hazel. — Fiz aquela promessa quando tinha quase 11 anos e agora tenho dezesseis. São cinco anos, mais ou menos.

— Você só me serviu metade desse tempo — disse Alderking. — Você ainda me deve todos os dias.

Anestesiada, Hazel começou a andar pela multidão. Até que finalmente encontrou Jack, junto a uma mesa posta, com pratos de ouro cobertos de romãs abertas ao meio, as sementes cor de rubi presas na pele úmida e grossa das frutas; havia também ameixas escuras e uvas tão roxas que chegavam a ser negras.

Este é o povo dele. Hazel tinha consciência disso. Contudo, só naquele momento ela realmente viu, *realmente acreditou*. Tudo ali era familiar para Jack, aquele lugar secreto, assustador, belo e horrível. Aquela gente cruel e aterrorizante.

Mas mesmo sabendo disso, Jack ainda era a única coisa familiar em um mar de estranheza.

— O que ele disse? — perguntou o garoto, intrigado. — Você descobriu alguma coisa?

Hazel balançou a cabeça. Ela não queria contar pra ele ali, com todos aqueles olhos e ouvidos ao redor. Lembrou a si mesma que aquele era apenas mais um segredo, mais uma coisa que não podia dizer, mais uma coisa que ela precisaria descobrir como consertar.

Passo 1: descobrir se o eu noturno era um mau.

Passo 2: descobrir quem estava deixando bilhetes para ela. Descobrir se era a mesma pessoa que a fizera quebrar o caixão de Severin e se era a mesma pessoa que estava com a sua espada.

Passo 3: descobrir se Ainsel era amigo ou inimigo.

Passo 4: descobrir como trazer Severin a Alderking.

Era o suficiente para fazê-la querer sentar no chão e começar a chorar. Era demais. Mas não havia mais ninguém para fazer por ela e por isso não poderia

ser demais. Tinha de ser perfeitamente possível. Tinha de ser exatamente o que ela era capaz de aguentar, e ela precisava aguentar.

— Quer fazer alguma coisa antes de voltarmos? — Jack parecia malicioso e estranhamente relaxado. — Podemos dançar.

— Nada de dança — disse ela, com um sorriso forçado. — Essa é uma das regras.

Jack pegou Hazel pela mão a puxou pela colina oca, parecendo sair de dentro do Jack que ela conhecia da vida toda, do Jack que era o melhor amigo de Ben, do Jack não ameaçador e totalmente inalcançável apesar daquele beijo.

— Eu não vou deixar você dançar até gastar o couro das botas. Nem vou deixar você dançar até o amanhecer. Que tal essa promessa?

A festa era tão bela quanto horrível. Talvez ele quisesse mostrar a ela a beleza, a alguém que fazia parte de sua outra vida. Havia tantas coisas sobre as quais Hazel não podia ser honesta, que ela compreendia a excitação dele em poder ser honesto sobre aquilo.

Ela revirou os olhos, mas depois das ameaças de Alderking, estava louca por uma distração.

— Promessas, promessas.

— A expressão de Jack ficou sombria por um momento, mas logo sorriu e ele puxou Hazel na direção da música.

À medida que se aproximavam, as músicas tocavam mais fundo na cabeça dela. A dor que sentira ao chegar na festa pela primeira vez voltou, atingindo-a, perfurando-a até os ossos, e fazendo seu corpo se mexer por vontade própria.

No ar, um misto de doçura e selvageria, histórias ousadas de valentia e honra e sorte, as mesmas que ela vivera quando era pequena. Uma alegria feroz estremeceu Hazel, que virou-se na direção das outras criaturas que dançavam. A música a tirou do chão e a conduziu. Animada, desorientou-se, depois sentiu medo e novamente vertigem. A mão de Jack estava colada na dela, depois passou pela sua cintura e afastou-se. Hazel procurou por ele, mas havia muita gente dançando, todos girando e rodando em um círculo em torno da violinista. Uma garota com uma coroa de tranças e expressão pesada e rosto esquisito riu e o riso soou quase como um grito. Um garoto com garras no lugar de mãos passou-as pelos ombros de outro menino. Acima deles, o aclive

da colina parecia tão distante quanto o céu noturno, um dossel de raízes e luzes brilhantes. Jack movia-se ao lado de Hazel, ocasionalmente encostado nela, quente e forte e nem um pouco inalcançável. Hazel dançou e, mesmo com os pés esfolados e os músculos doloridos, continuou a dançar. Dançou até que todas as suas preocupações fossem embora. Dançou até sentir um braço passar em torno de sua cintura e puxá-la para fora do círculo.

Eles caíram juntos no chão de terra batida. Jack estava rindo, o rosto encharcado de suor.

— É bom, não é? Melhor do que qualquer coisa.

Ela se sentiu tonta, de repente, e ao mesmo tempo, como se tivesse sofrido uma perda terrível. Arrastou-se de volta na direção das fadas que giravam. Naquele momento, a impressão de Hazel era que se voltasse a dançar com eles, ficaria bem.

— Ei, ei! — Ele a agarrou de novo, puxando-a para mais longe da dança. Hazel cambaleou. — Hazel, não. Vamos, querida, hora de ir embora. Me desculpe. Eu não imaginei que você fosse ficar tão mal.

Querida. A palavra ficou parada no ar, trazendo metade dela de volta do transe. Mas, não, não tinha significado nada. Querida é como se chamam as crianças e as damas em filmes de época. Hazel piscou os olhos, os pensamentos começando a clarear.

Ele riu novamente, desta vez um pouco inseguro.

— Hazel?

Ela balançou a cabeça, envergonhada.

— Eu estou bem.

Jack passou o braço em volta dos ombros dela, dando um meio abraço.

— Que bom.

Nesse momento, uma garota veio correndo da pista de dança e agarrou o pescoço dele. Quando Hazel ia começar a dizer qualquer coisa, a menina encostou os lábios nos de Jack.

O braço dele soltou Hazel e Jack fechou os olhos. A garota tinha a boca vermelha e grande, um tom azulado na pele, rosas azuis trançadas no cabelo castanho bagunçado e o tipo de beleza misteriosa que atraía os marinheiros para o coração da tempestade. Hazel não tinha ideia de *como* eles se conheciam ou mesmo se eles *sequer* se conheciam, mas olhar o pomo de adão dele se

mexer durante o beijo, ver a mão da fada passear por dentro da camisa dele, fez as bochechas de Hazel corarem de vergonha. Ela não sabia o que sentir e queria, desesperadamente, parar de sentir qualquer coisa. Jack interrompeu o beijo, olhando Hazel, claramente atordoada.

Taças do que parecia ser vinho âmbar passaram por eles, trazidas por uma criatura numa armadura de ouro. A garota agarrou uma delas e bebeu. E então virou-se para Hazel…

E beijou-a, profundamente. Tão assustada quanto maravilhada, Hazel não se afastou, não recuou. Sentiu a maciez dos lábios da garota e a temperatura fria de sua língua. Um momento depois, Hazel provou o vinho, porque a garota derramou o líquido que tinha sorvido direto da sua própria boca.

Nada de comida ou bebida. Aquela era uma das regras principais, uma das mais importantes, porque depois de provar a comida deles, qualquer outra passa a ter gosto de poeira e cinzas. Ou você pode enlouquecer e findar correndo pela cidade com um cogumelo gigante na cabeça, achando ser perseguido por um exército de grilos. Ou talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

Então não era como se Hazel não soubesse como estava sendo tola. Ou como estava ferrada.

A sensação era de ter estrelas descendo goela abaixo. Ela sorriu estupidamente para Jack. Em seguida, escutou um rugido intenso em seus ouvidos e nada mais.

CAPÍTULO 15

Ben estava na porta do quarto de Hazel. Olhava incrédulo para o bilhete em cima da cama, uma folha arrancada de um caderno, com rabiscos em caneta esferográfica.

Não fique bravo com Jack. Eu que fiz ele me levar. Só quero que saiba que eu estou bem e que não estou sozinha.

Ele esmurrou a parede com a mão machucada. Encolheu-se de dor e franziu a testa ao ver que uma lasca de tinta tinha ficado em seus dedos. Ben estava furioso com Hazel, consigo mesmo, com o mundo.

Ele não entendia por que Hazel *não estava* se gabando sobre ter libertado o príncipe. Não entendia por que a irmã havia deixado que ele se embrenhasse pela floresta úmida e fizesse papel de bobo em vez de contar o que tinha feito.

Talvez estivesse tentando proteger os sentimentos dele. O que o tornava insuportavelmente patético.

Hazel era superior a tudo, sempre fora. Estava sempre tentando proteger as pessoas, proteger a cidade, proteger os pais de lidarem com o fato de que tinham deixado muitas coisas escapar, proteger Ben de ter de encarar a própria covardia depois que parou de caçar. Enquanto alguma coisa estava atacando a escola e o pânico era geral, ela tinha permanecido lá dentro para ajudar Molly. Ben lembrou-se de como a irmã passava por aquelas portas com sua arrogância familiar, de quem diz que não precisa de mágica ou de nenhuma bênção das Fadas.

Ben contava histórias. Hazel transformara-se nelas.

Era corajosa. E uma idiota também, fugindo daquele jeito.

— Ben? — Era a mãe chamando lá de baixo. — Está tudo bem? Você se machucou?

— Estou bem! — gritou de volta. — Está tudo bem.

— Vem aqui. Hazel também.— Na cozinha, a mãe tirava coisas velhas da geladeira para jogar fora. Vestia uma das camisas do pai, grande e cheia de respingos de tinta.

Ela desviou o olhar do que fazia quando Ben entrou, um recipiente de plástico cheio de iogurte mofado em uma das mãos.

— Seu pai ligou. Ele quer que a gente vá ficar com ele no Queens por alguns dias.

— O quê? Quando?

Ela jogou o iogurte na lata de lixo.

— Assim que você e sua irmã estiverem prontos. Eu realmente detesto essa cidade às vezes. As coisas que estão acontecendo me dão arrepios. Onde está Hazel?

Ben suspirou.

— Eu vou procurar.

— Não levem muita coisa. Os dois.

Por um momento, Ben quis perguntar se esses arrepios significavam que ela estava com medo. Queria saber como ela conseguia fingir que coisas ruins não eram assim *tão* ruins. A mãe fazia isso tão bem que às vezes Ben achava que era louco por ter consciência daquilo o tempo todo.

Sem saber o que fazer, saiu da cozinha e ficou sentado na escada por quase uma hora arrancando ervas daninhas, dando nós em seus caules até arrebentá-las e olhando para a lua no céu ainda claro. Era sua obrigação de irmão encobrir o sumiço de Hazel, mas era impossível a mãe não descobrir. Finalmente, Ben voltou para dentro, batendo a porta de tela.

— Hazel não está — disse ele.

A mãe se virou na direção dele.

— Como assim?

— Como assim o quê? Ela não está aqui, ué. Saiu há horas, provavelmente pra tentar descobrir o que realmente está acontecendo na cidade.

A mãe olhou para ele como se o que ele tivesse dito não fizesse sentido.

— Mas isso é perigoso.

Ben bufou e começou a subir as escadas em direção ao quarto.

— É, eu sei.

Ele tentou ligar para o celular de Jack, mas caiu direto na caixa postal. O de Hazel estava no quarto ao lado. Ben se jogou na cama, tomado por uma exaustão avassaladora. Tinha passado a noite anterior em claro e não tinha ideia do que fazer. Deitado ali, pensando, foi fácil fechar os olhos. Logo estava dormindo de roupa e tudo.

Acordou com uma brisa fria entrando pela janela aberta. Piscou para a escuridão lá fora sem ter ideia de quanto tempo tinha dormido; sabia, no entanto, que o buraco em seu estômago era o instinto tomando conta. Algo estava por perto. Adrenalina e medo e uma excitação de gelar a pele inundaram suas veias.

Quando pegou no sono, a janela estava fechada.

Ben se lembrava de ter se sentido assim nos velhos tempos, quando ele e Hazel estavam na floresta, os pelos na nuca ficando arrepiados para alertá-lo de que, mesmo que não conseguisse ver o monstro, com toda certeza o monstro conseguia vê-lo.

Então, Ben escutou uma voz junto ao ouvido:

— Benjamin Evans.

Enquanto lutava para se sentar, Ben viu o garoto de pé ao lado da cama, iluminado pela lua cheia. O garoto usava suas roupas. Por um momento, Ben piscou. O capuz do moletom fazia sombra sobre o rosto do outro, mas Ben conhecia aquela roupa. Era a que havia deixado na floresta, dobrada sobre uma mesa de madeira para o príncipe.

— Oi — gemeu Ben, quase sem voz. Ele sabia que precisava ser melhor do que aquilo. Precisava dizer algo que demonstrasse que não estava com medo, embora estivesse. — Decidiu me matar, afinal?

Severin tirou o capuz. Seu cabelo castanho emoldurava as maçãs do rosto, e Ben pôde notar as pontas dos chifres por trás das orelhas. Sua expressão era indecifrável.

Ele era lindo de morrer, de parar o coração. E ele pertencia a Hazel. Ela quem o havia libertado, portanto Severin estava fadado a amá-la. Hazel, a quem tinha beijado. Provavelmente o seu primeiro beijo em um século. Hazel

poderia não se apaixonar imediatamente, mas acabaria cedendo no final. Era assim nos contos de fadas.

Ben era um idiota. Teria se apaixonado instantaneamente.

— Eu vim para contar uma história — explicou Severin, com a voz suave. — Você me contou tantas. É a minha vez.

— Por quê? — Ben perguntou, ainda sem realmente ser capaz de processar o fato de Severin estar ali, no quarto dele. — O que você quer?

Mesmo sem as luzes acesas, ele estava ciente dos pôsteres idiotas na parede, da calça jeans no chão onde ele deixou e nunca se deu ao trabalho de pegar. O cesto estava cheio de roupas sujas, e ao lado da cômoda, pregada num quadro de cortiça, havia uma fotografia do menino de chifres, dormindo. Tudo naquele quarto era constrangedor.

— O que eu quero? Muitas coisas. Mas, por enquanto, apenas conversar — respondeu Severin. — Eu acho a sua voz… calmante. Vamos falar de irmãs.

— Irmãs — repetiu Ben. — Você quer que eu fale de Hazel?

— Você não me entendeu — corrigiu Severin. — Eu quero somente que você me escute.

Ben lembrou-se do que Severin tinha dito pouco antes de beijar Hazel. As palavras pareciam gravadas em sua pele. *Eu conheço cada um dos seus segredos. Sei de todos os seus sonhos.*

Se ele conhecia os segredos de Hazel, então certamente sabia os de Ben ainda melhor. Era Ben quem tinha ido ao caixão quase todos os dias, Ben quem falara com Severin como se conversasse consigo mesmo em voz alta. Tinha confessado a ele que bebera champanhe barato demais no último réveillon, na festa de Namiya, e vomitara nos arbustos. Tinha admitido para Severin em detalhes como se sentira perigosamente bem na primeira vez em que outro menino o tocara. Tinha contado a ele quem é que odiava na escola e quem apenas fingia se odiar. Talvez Hazel estivesse certa em não contar nada importante a Ben.

Severin tomou fôlego e começou a falar.

— São quase sempre fadas solitárias as que vivem em florestas profundas como a que circunda Fairfold. Os nobres cavaleiros das cortes feéricas não

costumam vê-las com bons olhos, já que são muito selvagens, muito feias e seus atos de violência são muito grosseiros.

— Fadas solitárias? — perguntou Ben, tentando se inteirar.

— Pucas trapaceiras. Mulheres verdes capazes de arrancar a pele de um homem se ele pisar no pântano errado — contou Severin. — Fêmeas de bumbum empinado que inspiram os artistas ao auge da criatividade e às profundezas do desespero. *Trows*, com caudas compridas e peludas e grandes apetites. *Goblins* travessos, *hobs*, *pixies* com asas das cores do arco-íris, e todo o resto. As criaturas entre nós que fazem morada na selva ou dentro da lareira de um mortal. Aquelas que não vivem em cortes, que não brincam de reis e rainhas e pajens. Aquelas que não são nobres como o meu pai.

— Ah. — A palavra *mortal* chamou a atenção de Ben. Era uma palavra tão estranha e antiquada. Coisas mortais eram coisas que morriam.

Severin levou os dedos frios ao rosto de Ben, que estava quente. Ben sentiu um leve cheiro de terra e plantas quando Severin colocou uma mecha do cabelo dele para trás da orelha.

O corpo inteiro de Ben parecia deliciar-se com aquele toque.

Severin continuou. Ben não fazia ideia do que aquele toque significava, se é que significava alguma coisa. Os olhos de Severin pareciam mais brilhantes do que nunca, reluzindo com intensidade.

— Sorrel, minha irmã, nasceu de uma dama da corte antes do exílio de nosso pai. Ele a levou com ele quando fugiu, junto com sete espadas mágicas, incluindo a que eu estou procurando, e o ferreiro que as forjou, uma criatura chamada Grimsen, capaz de criar qualquer coisa a partir do metal. Meu pai veio para Fairfold com sua comitiva e passou a se intitular Alderking. Este nome deriva de uma árvore chamada amieiro, cujo nome científico é alder, árvore essa que é considerada a soberana da floresta. Mas *Alderking* tem um significado mais sinistro, também. Talvez você já tenha ouvido isso: *Mein Vater, mein Vater, jetzt faßt er mich an! Erlkönig hat mir ein Leids getan!*

Ben balançou a cabeça. Parecia alemão.

Severin se afastou de bem e se encostou na janela, com os ombros contra o vidro.

De repente, Ben sentiu-se como se pudesse respirar de novo. Passou a língua pelos lábios ressecados.

— *Meu pai, meu pai, ele atinge a mim. Alderking me feriu, enfim.*— Severin cerrou as mãos em punhos, os anéis em seus dedos brilhando em contraste ao despojamento da calça jeans e do moletom. — É de autoria de um poeta humano. Fala sobre um homem cujo filho morre em seus braços por causa de Alderking. A dor é a carne que Alderking come e o sofrimento é a bebida. Ele passou a comandar as fadas solitárias de Fairfold e até teve um filho com uma delas.

"Um filho bastante parecido com o povo de seu pai, embora os chifres que brotem de seu rosto sejam um traço da mãe. Minha mãe era uma dessas fadas selvagens, uma puca. O que significa que por mais que o sangue do meu pai corra em minhas veias, ele não me considera um herdeiro de verdade. Sou todo feito de árvores e folhas e ar livre. Talvez se meu pai gostasse mais de mim, tivesse poupado a minha mãe."

O garoto de chifres realmente era um príncipe, pensou Ben. Recordou-se do que Severin tinha dito antes sobre a mãe, sobre ela ter sido esquartejada na frente dele. Teria sido a mando de Alderking?

Severin continuou a falar. Ele era um bom contador de histórias, a entonação subindo e descendo como em uma canção.

— Embora eu quisesse a aprovação do nosso pai, e Sorrel não se importasse nada com isso, ele sempre foi mais favorável a ela. Ele falava sobre seus planos de derrotar a rainha que o havia exilado, Silarial, uma ambição que não esmorecia com o tempo, assim com a raiva que sentia. Minha irmã dizia a ele que o destino havia lhe trazido a Fairfold e que ele devia aproveitar. Ela amava os bosques e a cidade. O que era ótimo, até que ela se apaixonou por um mortal.

Severin disse aquilo como se a irmã tivesse contraído algum tipo de doença fatal.

— Isso é tão ruim assim? — perguntou Ben, desejando que Severin voltasse a se aproximar da cama, mas ele não o fez. Ben sentia-se um idiota.

Severin ergueu as sobrancelhas.

— Para o meu pai? Poucas coisas que ela fizesse poderiam ser piores do que isso.

— E você concorda com ele? — Ben se perguntou o quão repugnante ele era aos olhos de Severin.

— Bem, eu concordava. O garoto se chamava Johannes Ermann, tinha cabelo claro e ombros largos, e gostava de dar longos passeios pela floresta, sonhar acordado e escrever poemas sobre lagos pantanosos e recantos de flores silvestres, que ele recitava para quem quisesse ouvir. Eu não gostava nada dele — completou Severin. — Na verdade, eu o matei.

Ben não conseguiu evitar e riu alto. A história parecia saída de um conto de fadas, louco e assustador.

Severin sorriu, como se também achasse graça. Talvez por causa da reação de Ben, talvez por se lembrar de quão divertido tinha sido matar Johannes. O sorriso deixava Severin ainda mais belo, tão lindo que, de repente, foi fácil lembrar que ele não era humano e que Ben precisaria ser muito idiota para imaginar que ele fosse capaz de se comportar como um.

— Eu não o matei imediatamente. Se tivesse, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Minha irmã casou-se com ele, deixando de lado os vestidos tecidos com raios de lua, abrindo mão dos prazeres extravagantes da floresta. Permitiu-se usar um vestido mal cortado de seda, pesado e fora de moda, vindo da Alemanha e emprestado pela mãe do noivo, e foi com ele a uma de suas igrejas para fazer votos.

Ben tentou imaginar a cena. Cochichar através do vidro do caixão parecia um pouco como gritar para um músico em cima do palco, como delirar por causa de estrelas de cinema. Mas o que aconteceria se você fosse escolhido na multidão? O que aconteceria se fosse chamado para a festa? Ele se perguntou se tinha sido assim que Johannes se sentira quando se casou com uma fada.

— Meu pai permitiu que Sorrel se casasse, mas somente se seu marido se submetesse a um geis. Você sabe o que é isso?

Ben não sabia.

— Uma espécie de missão?

Severin balançou a cabeça.

— Um geis é um tabu, uma proibição. Algo que se deve ou não fazer. Meu pai disse que se minha irmã chorasse três vezes por causa de Johannes, ele nunca mais a veria. Johannes, inebriado, concordou.

"Sorrel era uma esposa diligente; fazia o jantar, costurava, cuidava do jardim e ia à igreja aos domingos. Tentou criar uma casa acolhedora para o marido, mas a estranheza era óbvia, não importa o quanto ela tentasse se

ajustar. Caprichosamente, Sorrel costurou rosas e folhas nos punhos de um casaco comum. Seu animal de estimação era uma gralha azul. Acrescentava ervas às compotas e geleias, enquanto cantava suas canções de fada em linguajar obsceno. Mas ela adorava Fairfold, e isso eu nunca entendi. Mesmo que os moradores da cidade a olhassem meio de soslaio, ela ainda assim os adorava. Adorava brincar com as crianças, adorava rir com as fofocas. E, por mais que eu implicasse com ele, ela amava Johannes.

"Entenda. Nós não amamos da mesma forma que você. Uma vez conquistado, nosso amor pode ser terrivelmente constante. Depois que se casaram, Johannes mudou em relação a ela. Passou a ter mais medo de sua estranheza, por mais que ela se esforçasse como esposa leal."

— Então ele era um idiota? — perguntou Ben, se endireitando melhor junto à cabeceira. Havia algo de estranhamente perturbador no fato de estar sentado na própria cama ao falar sobre essas coisas, mesmo que a história fosse terminar em tragédia. — Sua irmã estava arrependida de ter se casado com ele?

— Nós amamos até deixarmos de amar. Para nós, o amor não desaparece gradualmente. Ele se quebra, como um ramo quando é dobrado além do possível.

Para Ben, o amor era a chama na qual ele queria renascer. Ben queria ser refeito através dele. Compreendia o motivo pelo qual Sorrel tinha fugido para começar de novo. E pela primeira vez, compreendeu como fugir era um péssimo plano.

— Foi isso o que aconteceu?

— Receio que não — disse Severin, que se levantou e se virou um pouco. Com os dedos na janela e o perfil embaçado sob a luz da lua, Ben suspeitava que ele não queria revelar sua expressão enquanto falava. — Talvez Johannes não se lembrasse do geis ou não tenha pensado nas consequências, mas minha irmã chorou por causa dele. A primeira vez foi porque Johannes a repreendeu em público, criticando seu lado selvagem. A segunda vez porque ele a recriminou por não ficar de resguardo ao sábado. Na terceira vez, porque apanhou dele. Não haveria quarta.

"Das sete espadas mágicas que meu pai trouxe da Corte do Leste, duas eram especiais. Heartseeker e Heartsworn. Heartseeker nunca perdeu a mira. Heartsworn poderia cortar qualquer coisa, de pedra a metal e até ossos. Meu

pai me entregou Heartsworn e me disse para matar Johannes. Eu estava com raiva o bastante, desprezava os humanos o bastante e tinha também bastante vontade de agradar meu pai. Enquanto Sorrel estava fora colhendo ervas, eu fui até a casa dela e ataquei Johannes."

— Você o matou? A sangue frio?

Parecia um pesadelo, do tipo que mantinha crianças acordadas, atentas ao menor movimento na escuridão.

— O sangue dele estava quente o suficiente — respondeu Severin, olhando para a floresta. — E o meu também. Eu estava com tanta raiva que não levei em consideração o que Sorrel sentiria.

— Porque ela ainda o amava, certo? Os sentimentos dela por ele ainda não tinham se quebrado como um galho, ou sei lá o quê.

O elfo balançou a cabeça.

— Imagino que tenha sido uma coisa insensível de se dizer. Talvez nosso amor não seja nada diferente do de vocês, talvez todo mundo ame até o amor acabar, ou talvez todo mundo ame de maneiras diferentes, tanto os humanos quanto as fadas. Peço que me perdoe. Eu cresci com um pai que se gabava sobre a superioridade do meu povo, e apesar de ter ouvido vocês falarem por décadas e décadas, isso ainda não espantou todo o mau hábito de ser presunçoso.

Ben, que tinha falado sério ao perguntar sobre a mudança de sentimentos de Sorrel, ficou mortificado ao notar que Severin tinha achado se tratar de deboche ou coisa assim.

— Não, eu…

— Eu não compreendia — respondeu Severin. — Eu achava que, porque Johannes era humano, sua vida não importava. Sendo assim, como a morte importaria? Parecia ridículo que minha irmã pudesse amar uma criatura daquelas, quanto mais sofrer por ele. Se Johannes não era bom para ela, por que não simplesmente arranjar outro? Eu não fazia ideia do quão longo poderia ser um único dia. Imóvel naquele caixão, eu não fazia ideia de que a duração da vida de um mortal pudesse parecer interminável. Não fazia ideia mesmo.

Sem ter decidido de modo muito consciente, Ben levantou-se da cama. Apesar de ter sido claramente a pior ideia do mundo e ele ter pensado que

poderia desmaiar ou morrer, Ben colocou a mão nas costas de Severin, sentindo os músculos tensos sob os dedos e os pelos eriçados em sua nuca.

Severin ficou tenso e depois soltou um longo suspiro, estremecendo.

— Talvez a inveja tenha feito minha mão avançar, já que Sorrel era minha confidente na corte. Ela ficava do meu lado contra nosso pai. Ela inventava canções idiotas para mim quando eu estava triste. Sem ela, eu estava sozinho e eu a queria de volta. Somos todos suscetíveis ao autoengano quando este nos é favorável.

Ben ainda tocava em Severin, sem saber o que fazer com a mão. Parecia estranho deixá-la onde estava, mas seria mais ainda ousado levá-la até o ombro ou o peito do elfo. Ben inalou o cheiro de grama cortada que vinha dele, absorveu o calor de sua pele.

Certa vez, Ben foi com um garoto até o caixão de Severin e os dois se beijaram em cima do vidro. Ben tinha feito de conta que era o garoto de chifres quem ele beijava.

E tinha dito isso a Severin, também, nem de longe a coisa mais humilhante que dissera a ele.

Ben não moveu a mão. Depois de algum tempo, Severin falou novamente:

— Ela chorou sem parar por causa do marido morto. E então abandonou sua casa, deitou-se num trecho de musgo na floresta e chorou. A dor de minha irmã era tão terrível que besouros e aves, ratos e veados, todos choraram com ela, todos deterioraram-se a pelo e osso de tão tristes. Rochas e árvores choravam, rachando e deixando cair suas folhas. Eu fui até ela e pedi que ela pusesse de lado a dor, mas ela me odiava por aquilo que eu tinha feito e se recusou. Joguei Heartsworn fora e pedi que ela se vingasse de mim, mas sequer isso ela levou a sério. A dor a transformou. Sorrel se tornou um monstro, uma criatura saída dos pesadelos, feita de dor e tristeza, tudo por minha causa.

— A sua *irmã* é o *monstro*? — Ben gaguejou.

— É — respondeu Severin. — A criatura à solta pela cidade já foi minha irmã um dia e essa é a história que eu vim aqui lhe contar. Você precisa entender que, se eu puder salvá-la, eu irei. E entender também que o perigo que está correndo.

Ben entendia de irmãs. E ele entendia de histórias. Mas não entendia o que tinha feito para merecer ouvir aquela.

— Então você veio para me *avisar*?

— Quando ouvi a sua voz naquela noite, eu a reconheci imediatamente. É uma voz que eu conheço melhor do que a minha própria. Há muitos anos que eu não falo em voz alta. Agora que eu posso, é com você que eu quero falar. É com você que tenho uma grande dívida.

— Uma dívida? — Ele se sentiu como um papagaio, repetindo o que Severin dizia.

— Quase enlouqueci com todas aquelas vozes, sabe? Aquela cacofonia, palavras que eu não conhecia se acumulando, o tempo passando em saltos. E veio você, falando só comigo. Comecei a perceber a duração de um dia no intervalo entre as suas visitas.

Ben ficou corado. Tudo aquilo era demais. Ele percebeu que Severin iria machucá-lo mais do que qualquer um fizera antes, porque Ben já tinha apontado a espada contra o próprio peito e colocado a mão daquele estranho em volta do cabo.

Ele amava Severin e mal o conhecia.

Severin contou o resto, como a forma monstruosa de Sorrel atormentava seu pai, mas como, ao mesmo tempo, ele desejava encontrar uma maneira de aproveitar o poder dela. Contou que Alderking pedira a Grimsen que fabricasse um caixão capaz de segurá-la até que ele encontrasse uma forma de ter controle sobre ela. Severin descreveu a feitura do caixão, a forja da moldura de metal a partir do ferro quente como sangue e o cristal feito de lágrimas. E explicou que tinha sido contrário à decisão do pai, recusando-se a deixar que ele prendesse a irmã. Alderking protestou, dizendo que desejava que Severin e Sorrel nunca tivessem nascido, jurando que se algum dia gerasse outra criança, cortaria a própria garganta em vez de ter de vê-la crescer para ser traído de novo. Severin não cedeu apesar de todos os gritos do pai. Ele não deixaria que a irmã fosse colocada em um caixão.

Foi então que Alderking sacou sua espada mágica, Heartseeker, a espada que nunca errava. E como Severin tinha jogado Heartsworn fora, não tinha saída. Foi enclausurado no caixão em vez da irmã e nele permaneceu até que a irmã de Ben o libertasse.

Ben tentou se concentrar na história, tentou se concentrar nas palavras e descobrir o significado daquilo, mas só conseguia pensar em como estava

perdido.

CAPÍTULO 16

— Acorda! — Jack estava com a mão no rosto de Hazel e sua voz flutuava em algum lugar acima dela. Ele estava rouco, como se tivesse gritado muito. — Por favor, por favor, por favor. Por favor, acorde.

Ela lutou para abrir os olhos. Era como se estivessem colados. Quando finalmente conseguiu, viu Jack debruçado por cima dela, parecendo mais nervoso do que jamais o tinha visto. Ele deu um soco no chão e fechou os olhos por um longo momento, respirando fundo.

— No que você estava pensando? — gritou ele, a voz ecoando pelas árvores. Foi então que Hazel percebeu que ainda estavam na floresta, que havia uma cama de relva e musgo embaixo dela e que, acima deles, o céu tinha o tom cinza da aurora.

Ela tentou ficar sentada, mas estava muito tonta.

— Eu não sei — respondeu ela, confusa. — Eu estava… eu não sei. Me desculpe. O que… o que aconteceu?

— Antes ou depois de você tentar se afogar num lago subterrâneo? — Jack andou de um lado para o outro sobre o tapete de folhas de pinheiro, encostou a cabeça no tronco de uma árvore e olhou para as nuvens, como se não conseguisse acreditar que estivesse precisando lidar com aquele problema todo. — Ou que tal falarmos sobre quando você resolveu recitar números primos em vez de falar palavras? Ou como você ameaçou uma criatura peluda e sombria com uma espada de cavaleiro? Espada essa, por sinal, que eu não faço ideia de como você conseguiu tirar dela? Ou sobre como você desmaiou e eu não conseguia te acordar e fiquei *apavorado*, porque ultimamente muita gente anda apagando por aí?

— Me desculpe — repetiu baixinho, já que não conseguia mesmo pensar em mais nada para dizer. Hazel não se lembrava de muita coisa além do beijo da elfa, do sabor do mel e do vinho. Todo o resto era uma escuridão vazia.

— Não precisa se desculpar — disse Jack, esfregando a mão no rosto. — Eu não estou… eu não sou eu mesmo. Não me dê ouvidos.

Hazel ficou sentada e olhou ao redor. A tontura e a visão embaçada estavam melhorando um pouco.

— Como chegamos aqui? — perguntou Hazel, reconhecendo o trecho da floresta. — Viemos andando?

— Eu carreguei você — respondeu ele, com um sorriso torto.

Ela devia ser muito pesada, como um saco de cimento, só que com a capacidade de babar. E embora não imaginasse uma forma de sentir-se ainda mais humilhada, Hazel descobriu que não importa o quão baixo uma pessoa venha a cair, sempre há um buraco mais fundo.

— Obrigada — repetiu ela, tentando não se encolher. Então lembrou-se de que o Povo não gostava que se agradecessem as coisas. Ela nunca pensava em Jack como alguém a quem tais regras deveriam ser aplicadas, mas, depois da festa, via-se forçada a pensar diferente. — Me desculpa. — Foi o terceiro pedido de desculpas, e Hazel estava tentada a emendar um quarto e um quinto, uma ladainha de me desculpe, me desculpe, me desculpe.

— Hazel — disse Jack, com um grande suspiro. — Eu não estou zangado, ok?

— Ok — disse ela sem acreditar, embora discutir fosse inútil.

Hazel perdeu o equilíbrio. Os pés, dentro das botas encharcadas, estavam totalmente molhados. Ela não conseguia lembrar como tinham ficado assim, mas lago subterrâneo era uma boa aposta. Hazel queria tirá-las, mas também queria ficar onde estava, deitada e sentindo pena de si mesma.

Jack sentou-se numa raiz ao lado dela. Ele tinha perdido o casaco e a parte da frente de sua camisa estava um pouco rasgada, como se alguém a tivesse puxado demais.

— Não estou bravo com *você*. Eu estou com raiva de mim.

— Por quê? — perguntou, descrente. —Eu sabia as regras e não as respeitei.

— Você agiu do jeito que todos os humanos agem quando tomam vinho das Fadas. Absolutamente *todos*, desde quando o mundo é mundo. Eu deveria ter impedido. Eu vi o que você estava fazendo e o que ela estava fazendo, mas fiquei envolvido no momento e não fiz porcaria nenhuma. Às vezes me sinto uma pessoa diferente quando estou com eles. Uma criatura completamente diferente de um ser humano. Mas você… Você deveria estar sob minha proteção. Eu agi mal e depois ainda gritei com você… Bem, eu agi *muito* mal na verdade. Minhas duas mães me fariam implorar pelo seu perdão. Me desculpe, Hazel.

Na voz dele ainda havia um vestígio do modo de falar do Povo. E, estranhamente, isso o fazia parecer mais com ele mesmo. É como quando uma pessoa dormindo fala com um sotaque que ela já perdeu quando está acordada.

As copas das árvores filtravam a luz da manhã, aquecendo as plantas e a grama ao redor de Hazel. Ao longe, pássaros cantavam uns para os outros, e ao lado dela, o perfume de frutas vermelhas esmagadas enchia o ar.

O dia estava chegando.

— Eu estou bem — disse ela, estendendo a mão para puxá-lo para perto. Jack caiu ao lado dela.

— Não graças a mim — retrucou ele.

— Muito graças a você, e ainda assim, tudo bem. Foi uma aventura. — Ela suspirou. — Alderking me disse uma coisa. Disse que eu tenho de levar Severin até ele.

— Severin? — repetiu Jack.

— O príncipe — disse Hazel. — Tenho dois dias. Se eu não conseguir, Alderking disse que mandaria suas tropas atacarem a cidade.

Jack ergueu as sobrancelhas.

— Você me disse que não tinha descoberto nada….

— Eu menti — disse Hazel, com um sorriso envergonhado.

Ele não parecia zangado. Em vez disso, intrigado.

— Por quê?

Não me faça perguntas e não precisarei mentir. De onde vinha isso? A frase ecoou na cabeça de Hazel como uma cantiga de roda. Ela respirou fundo e tentou ser o mais honesta possível.

— Eu não queria ver sua reação porque tinha certeza de que você ficaria horrorizado. Você está meio horrorizado agora, aliás. E eu teria de admitir que estamos todos ferrados.

— Você não precisa fazer isso sozinha — disse Jack, virando de barriga para cima e olhando para o céu que clareava.

Hazel lembrou-se de como era ter um parceiro, no tempo em que acreditava que não havia nada de tão terrível que fizesse Ben recuar, no tempo em que ela achava que sua missão era ser um cavaleiro. O cavaleiro de Ben. Aquela que empunhava a espada, que ia à frente, mantendo-o em segurança para que ele pudesse salvar a todos e contar a história.

— Você não precisa dizer isso — falou.

— Se eu *precisasse* dizer, não significaria muita coisa. — Jack deu um sorriso rápido. — Mas andei pensando. Por que Alderking escolheria você? Por que ele acha que você pode capturar Severin? E por que você não está fazendo essas perguntas também? Hazel, o que você não está me contando?

— Como assim? — Hazel perguntou, tentando ganhar tempo. Seu coração começou a bater três vezes mais rápido. Jack era esperto, inteligente o suficiente para descobrir que ela tinha omitido detalhes, talvez até para adivinhar o que ela não tinha contado.

A ideia de que alguém pudesse ver nas entrelinhas o que ela não estava falando, que pudesse adivinhar seus segredos, deixava Hazel tentada a contar tudo. Estava muito cansada de estar sozinha.

— Eu estou surtando. Meu coração está batendo um milhão de quilômetros por hora. Olha só, coloque a mão aqui.

Ele balançou a cabeça, mas em seguida pareceu ceder, deixando que ela pressionasse a mão dele contra a pele dela A palma aberta, fria e cuidadosamente colocada sobre o coração dela.

— Qualquer um estaria surtando — disse ele. — Isso é normal.

— Eu nunca quis ser normal — disse Hazel com delicadeza, sofrendo ao admitir isso para alguém que provavelmente nunca se sentiu assim. Então, com ainda mais delicadeza, disse: — Quero que você me distraia.

— Distrair você? — Ele olhou para ela com os olhos meio fechados, com a mão ainda sobre o coração dela.

— O quê? — perguntou ela, sorrindo meio sem querer. Hazel não conseguiu decifrar a expressão de Jack, mas compreendeu o jeito com que ele inclinou o corpo na direção dela.

— Você realmente quer que eu…?

— Mais do que tudo — disse Hazel, suave e segura.

Ele se debruçou sem dizer nada e os lábios se tocaram. Por um momento louco, Hazel se perguntou se Jack queria ela. Especificamente *ela*, não simplesmente aquele momento.

No início, o beijo parecia fazer parte da noite e da dança, cheio daquela loucura de sonho. Jack a beijou como se quisesse ter certeza de que ela estava acordada e bem. A beijou como se achasse que ela poderia virar fumaça no momento em que ele parasse.

Ela rolou na direção do garoto, que passou o braço em volta do seu corpo, puxando-a para mais perto. Os dedos dele foram parar na curva das costas, junto à cintura. Tudo parecia líquido e lento. As mãos dela lidavam com a camisa dele, tentando puxá-la por cima dos ombros largos. Hazel pressionava a bochecha contra a pele morena e suave de Jack, que emitiu um som baixinho vindo do fundo da garganta. Parecia a maneira dele de conter outros sons, menos educados, que Hazel queria desesperadamente ouvir. Durante tudo isso, ela não conseguia deixar de pensar em como era estranho fazer aquilo com um amigo.

Ela se afastou e olhou para ele, viu sua boca inchada e sua respiração irregular. Os olhos dele estavam fechados.

— Hazel. — Ele começou a falar e ela adivinhou o que Jack estava prestes a dizer, mas não quis ouvir. Ela não queria desculpas e não queria explicações e não queria parar.

Ela o beijou e o empurrou contra o chão. Depois, o beijou um pouco mais. As mãos dele subiram e desceram pelas costas de Hazel, por cima da camisa, dedos ágeis deslizando sobre as costelas dela. Ele parecia obsceno e sórdido e lindo com a calça jeans desabotoada e caída na altura dos quadris. Hazel espalmou as mãos sobre o estômago dele, e Jack inclinou os quadris na direção dela.

— Hazel — disse ele novamente, desta vez com as mãos nos ombros dela para mantê-la a uma leve distância. Em um primeiro momento, Jack falou

lentamente, como se fosse difícil se concentrar. Depois que as primeiras palavras saíram, no entanto, o restante veio depressa. — Hazel, eu só queria dizer que eu gosto de você. E quero dizer… pode ser que eu esteja louco, mas não sei se ia querer ficar comigo se soubesse disso. Eu meio que acho que não, então é por isso que eu estou te contando. Mas se quiser continuar com o que estamos fazendo, então eu estou pronto pra calar a boca agora.

O rosto de Hazel ficou congelado. Ela sentiu a pausa momentânea na qual o pânico emergiu. E por mais que tentasse sorrir para disfarçar, já era tarde demais. Ele a conhecia muito melhor do que ela pensava. Muito melhor do que ela se sentia confortável em ser conhecida.

Jack assentiu ao deslizar as mãos para tentar fechar o zíper da calça.

— *Você?* Gosta de *mim*? — perguntou ela, precisando que ele repetisse aquelas palavras, para ter certeza de que tinha ouvido do jeito que entendeu.

Estranhamente, isso fez Jack colocar a mão no rosto, esfregando os olhos e as bochechas.

— Sim. Você está surpresa? Eu acho que todo mundo já percebeu. Tipo, por que você acha que Carter tá sempre enchendo o seu saco?

— Eu não sei — disse Hazel. — Não é por causa disso, é?

Ele olhou para ela com uma expressão que ela não tinha certeza se já tinha visto no rosto dele antes, faminto e um pouco desesperado.

— Pensei em beijar você tantas vezes em festas. Imaginei eu empurrando você contra o tronco de uma árvore, afastando todos os caras para quem você não dava a mínima. Achei que você ia achar graça, eu sendo o melhor amigo do seu irmão e tudo mais.

— Você acha que eu quero magoar Ben?

Jack deu de ombros.

— Eu acho que vocês dois sempre querem um pedacinho do que o outro tem, só isso.

Aquilo irritou Hazel, ver que ele não estava nem um pouco errado.

— Então, por que você nunca fez isso? Por que nunca me beijou?

A risada dele veio em um sopro suave.

— A última coisa da qual preciso é mais um fingimento. Não queria agir como se eu não tivesse sentimentos por você, uma vez que eu tenho. Enfim.

Quero dizer que eu gosto de você já faz um bom tempo. Minha mãe uma vez… Ela me mostrou uma garota com o seu rosto.

Hazel se afastou de Jack, para poder se concentrar no que ele estava dizendo, sem o calor do corpo dele atrapalhando seus pensamentos.

— Com o meu rosto?

— Bem, é. Quero dizer, você sabe que meu povo pode assumir várias formas, certo? Eles estavam mexendo comigo. — Ele corou. — Hazel? O que está acontecendo?

O estômago dela se retorcia de náusea.

— Hazel? — repetiu Jack, mais alto desta vez. Ele acenou com a mão na frente do rosto dela. — Eu não queria assustar você, ok? A gente pode esquecer o que eu disse.

— Não é isso —disse ela, baixinho, ajeitando as roupas. — Eu tenho uma coisa para te contar. Uma coisa que eu já deveria ter dito.

Jack esperou, afastando-se mais um pouco para que ela pudesse se sentar direito. Ele tinha adivinhado tanta coisa, que Hazel esperava que fosse entender as razões que a levaram a esconder o resto. Antes que pudesse pensar melhor, Hazel começou a falar.

Contou tudo. Das caçadas com o irmão, ao pacto, a acordar com lama nos pés e os pedaços de cristal na palma da mão, dos enigmas para o monstro a tudo que Alderking dissera naquela noite.

Jack olhou para ela admirado.

— Então ele disse que você já vem servindo a ele esse tempo todo? Como um cavaleiro?

Ela suspirou.

— Acho que soa meio idiota quando…

Foi quando Jack agarrou um longo galho caído do chão. Com um grito, ele pulou e apontou-o para ela.

Assustada, Hazel reagiu sem pensar. Deu um chute no estômago dele e arrancou o galho de sua mão em um movimento tão fluido que parecia que tudo tinha acontecido de uma vez só. Jack caiu em cima de folhas e espinhos e gemeu. Ela deu um passo à frente e girou o graveto inconscientemente, mas parou antes de perfurá-lo com ele.

Ele rolou pelo chão, atônito, e depois começou a rir.

— Você ficou maluco? — gritou Hazel. — O que você estava fazendo? Por que está rindo?

Jack balançou a cabeça. Uma das mãos estava sobre o estômago e a outra ele usou de apoio para se levantar.

— Não sei. Achei que iríamos descobrir se você… Ai, isso doeu. Obviamente ele estava falando a verdade. Você teve algum treinamento.

Ela esticou a mão para ajudá-lo a ficar de pé.

— Você está bem?

— Dolorido, mas eu mereci — disse ele, cambaleando. — Que ideia brilhante a minha, hein?

— Então você não fazia ideia de que eu era um cavaleiro? Esta não era uma das coisas que você estava proibido de me contar?

Jack balançou a cabeça.

— Se eu soubesse, eu teria te contado. Teria encontrado um jeito. Eu juro, Hazel.

Sem querer, ela sorriu.

— Estou com medo de ter estragado tudo.

— Isso não é possível — disse ele, apertando os dedos dela. — Não está tudo perdido, então você não pode ter estragado tudo. — Por um momento, Jack parecia prestes a dizer algo mais, e ela percebeu quando ele decidiu falar outra coisa. — Vamos, nós dois precisamos dormir um pouco. E se a gente não for agora, não vamos conseguir entrar em casa sem que ninguém veja.

— É, você tem razão. — Hazel tinha tanto para decifrar que dormir parecia uma ótima ideia. Desligar tudo por um tempo, era a melhor coisa que ela podia imaginar.

Caminharam juntos até chegarem à beira da floresta, perto da casa de Jack, onde atravessaram o gramado. Uma luz pálida começava a atravessar a copa das árvores a leste.

— Você está bem para ir para casa? — perguntou Jack. A lembrança de ter tocado nele a assombrava. O cheiro dele estava nos pulmões dela, e os dedos coçavam de vontade de tocar a pele dele de novo, para ter certeza de que ele ainda daria um sorriso, que ele ainda gostava dela. — Eu posso ir com você.

Hazel balançou a cabeça.

— Não precisa, vou ficar bem.

Ele deu um passo para longe dela, com as mãos nos bolsos e um sorriso vago.

— Nos vemos em algumas horas.

Então a porta dos fundos da casa dos Gordon se abriu, e a mãe dele saiu vestida com um robe felpudo azul. Ela estava descalça e tinha um lenço de seda amarrado no cabelo.

— Carter! Entre aqui ago… *Jack*? — Os dois olharam para ela, chocada demais para se mexer, quanto mais responder.

— Jack! — chamou ela, andando pelo gramado na direção deles. — Eu poderia esperar isso do seu irmão, mas de você? E *Hazel Evans*. O que sua mãe diria sobre você passar a noite inteira fora com um rapaz… — As palavras dela foram se apagando, conforme ela deu uma boa olhada neles.

O rosto de Hazel ficou quente.

— Onde vocês estavam? — perguntou a Sra. Gordon.

— A senhora sabe — respondeu Hazel rapidamente. — Como a senhora disse. Passando a noite.

— Na floresta? Com a lua cheia no céu? — Ela disse essas palavras mais baixinho, como se mais para si mesma do que para eles. Então ela se virou totalmente para Jack. — Você a levou até eles? Como você pôde?

Jack deu um passo para trás, como as palavras dela fossem um golpe físico.

— Você sabe o que estão falando sobre você na cidade? Que tudo isso está acontecendo por sua causa.

— Mas isso não faz… — Hazel começou a falar.

A Sra. Gordon ergueu a mão, interrompendo Hazel.

— Já chega, vocês dois. Jack, quero que você suma daqui. Você não pode entrar agora. Vá para a casa dos Evans ou para outro lugar onde possa ficar durante algum tempo. E você não vai voltar até eu falar. Está entendendo?

Hazel nunca pensou que a Sra. Gordon fosse colocar Jack para fora de casa, por motivo algum. Deixá-lo de castigo, sim, com certeza. Mandar fazer mais tarefas ou proibir o celular ou cortar a mesada, mas isso não. Expulsá-lo de casa como se ele nunca tivesse sido filho dela?

Um músculo no queixo de Jack se moveu e seus olhos brilhavam forte, mas ele não protestou, nem implorou. Ele sequer se explicou. Ele apenas assentiu e então virou-se e começou a caminhar, obrigando Hazel a correr atrás dele.

— Vamos para a minha casa — disse ela.

Ele assentiu.

Juntos, sem falar nada, caminharam sempre à beira da estrada. O ar da manhã fazia bem aos pulmões de Hazel e, apesar de as pernas ainda doerem de tanto dançar, era reconfortante pôr um pé na frente do outro no asfalto. O sol estava nascendo rápido e ela sentia o calor batendo nas costas. Ainda era muito cedo para os carros, no entanto, então Hazel preferiu caminhar no meio da pista. Jack acompanhou o ritmo dela, andando ao seu lado como se fossem pistoleiros a caminho de uma cidade nova, em busca de confusão.

CAPÍTULO 17

Ben estava sentado à escrivaninha, observando Severin dormir. Ainda não conseguia lidar com o fato de que o garoto para quem ele sussurrava através do vidro estava deitado em sua cama, a cabeça enterrada no travesseiro dele, um dos chifres fazendo uma marca profunda na espuma. Fora nesse mesmo travesseiro em que Ben tinha babado e chorado, e quanto mais ele pensava nesse detalhe, mas parecia nojento. Mas isso era parte do que tornava tão impossível o fato de Severin estar ali. O quarto dele era um lugar tão comum, cheio de tralha acumulada ao longo de dezessete anos de vida, e Severin não era nem um pouco comum.

No escuro, eles tinham conversado por horas. Severin tinha se deitado no chão, a cabeça para trás revelando o pescoço longo, os olhos fechando de sono conforme a manhã ia chegando.

— Fique à vontade para deitar na cama — disse Ben, chegando para a beirada, dobrando o edredom ao lado do corpo. — Quero dizer, se você quiser descansar.

Com isso, Severin abriu os olhos. Piscou rapidamente, claramente desorientado, como se tivesse esquecido parcialmente de onde estava.

— Não, é melhor não. Tenho medo de nunca mais acordar.

Ben pensou sobre aquilo.

— Você ainda não dormiu desde que a maldição foi quebrada? Porque já faz mais de dois dias. Quarenta e oito horas acordado?

Severin assentiu vagamente.

— E você planeja *nunca mais dormir*? — perguntou Ben, erguendo as sobrancelhas com um pouco de exagero.

Severin meio que sorriu.

— Acha que estou cansado demais para detectar sarcasmo?

— Isso não é sarcasmo — disse Ben, sorrindo. — Ao menos não *exatamente*.

Com um gemido, Severin se levantou e se esticou na colcha com desenho vintage de *Star Trek*. Ben certa vez dissera a Hazel que estava sendo irônico ao usar aquela colcha, mas que secretamente ele realmente adorava.

— Já não dormi o suficiente? — perguntou ele, mas as palavras se tornaram incompreensíveis no final, conforme seu corpo foi se alongando e relaxando para dormir. Severin estava mais lindo do que nunca, o cabelo escuro repartido em ondas desalinhadas em volta dos chifres, as sobrancelhas curvas e a boca cor de amora levemente aberta. Agora que ele já não estava mais sob um feitiço, dormiu inquieto, mexendo os olhos por dentro das pálpebras e virando o corpo. Talvez estivesse sonhando pela primeira vez desde que ele havia sido trancado no caixão.

E então Ben assumiu a posição solitária de sentinela até o céu ficar claro do lado de fora e ele escutar um rangido na escada. Foi até a porta e abriu uma fresta. Hazel estava no corredor e Jack atrás dela. Ela parecia estar voltando de uma festa e vestia uma blusa de veludo verde que não era a mesma que estava usando na manhã do dia anterior. A calça estava suja de lama e a camisa rasgada ao longo de uma costura. O cabelo estava despenteado e emaranhado com galhos. Ben observou os dois entrarem no quarto de Hazel.

— Tem certeza que você não vai se meter em confusão, por me trazer aqui? — sussurrou Jack, sentando-se na beirada da cama.

Hazel balançou a cabeça e foi fechar a porta.

— Mamãe não vai se importar. Ela gosta de você.

Onde será que eles estiveram? Ben ficou olhando para a porta fechada, tentando entender o que exatamente tinha visto. Ben sabia que, onde quer que Hazel tivesse convencido Jack a levá-la naquela noite, isso tinha a ver com o fato de ela ter libertado Severin e com as outras mentiras que vinha contando ultimamente. Mas vê-los juntos, parecendo prestes a dormir na mesma cama, o deixou preocupado por razões completamente diferentes.

Ele amava a irmã, mas ela certamente já tinha partido muitos corações. Era melhor que Jack não fosse mais um deles.

O corredor ficou escuro de novo. Alguns momentos depois, Hazel saiu do quarto. Ben achou que ela fosse atravessar para ir ao banheiro. Talvez ele pudesse pegá-la antes de ela chegar lá e descobrir o que estava acontecendo. Mas ela parou, se encostou na parede, e começou a chorar.

Um choro silencioso e horrível que a fazia se encolher e se curvar para frente, como se doesse muito chorar daquele jeito. Ela se agachou junto ao chão, quase em silêncio. As lágrimas corriam pelo seu rosto e pingavam do queixo enquanto ela balançava o corpo para frente e para trás.

Hazel nunca chorava. Ela era forjada em ferro, nunca quebrava. Ninguém era mais forte do que sua irmã.

A pior parte foi vê-la chorando tão silenciosamente, como se ela tivesse aprendido a fazer aquilo, como se estivesse tão acostumada que aquele tinha se tornado seu modo de chorar. Ben se lembrava de, na infância, sentir inveja de Hazel por ela ser tão livre de expectativas ou obrigações. Se ela quisesse aprender sozinha a lutar com espadas, vendo vídeos no YouTube ou lendo nos livros da biblioteca, os pais não lhe diriam que ela deveria praticar música em vez disso. Ela não era o alvo da mãe e do pai nos sermões sobre como o talento não podia ser desperdiçado, sobre como os dons vinham com obrigações, sobre como a arte era importante.

Agora, Ben entendia as formas como eles tentavam ter cuidado um com o outro, com medo de tocar nos pontos mais sensíveis, onde poderiam machucar-se quase sem esforço. Mas poupar outra pessoa é uma coisa complicada. É fácil pensar que estamos indo bem, quando na verdade estamos falhando de maneira espetacular.

Depois de alguns instantes, Hazel levantou a camisa para esfregar o veludo nos olhos. Então se levantou com um último suspiro e voltou para o quarto.

Ben andou na ponta dos pés e virou a maçaneta. Jack estava desamarrando as botas, enquanto ela penteava o cabelo para tirar as folhas, os olhos vermelhos e um pouco inchados. Os dois congelaram.

— Sou eu — disse Ben.

— A gente não estava… Nós não… — Jack começou a falar, gesticulando na direção da cama, e Ben entendeu como se ele quisesse dizer "não estou tentando desonrar sua irmã, embora possivelmente eu esteja torcendo para

transar com ela". Ao mesmo tempo, Hazel começou a pedir desculpa por ter deixado Ben para trás.

Ele ergueu a mão para que os dois parassem de falar.

— Eu preciso que um de vocês, de preferência Hazel, me explique o que realmente está acontecendo, e eu preciso que isso seja agora, começando por onde vocês foram ontem à noite.

— Fomos à festa das Fadas — disse ela, jogando-se na cama. Hazel parecia exausta, a pele sob seus olhos tão escura quanto um hematoma. Ben não esperava que ela fosse falar com tanta facilidade, depois de despistar tanto. — Não foi exatamente como eu esperava, mas descobri algumas coisas. Alderking ofereceu trocar a segurança da cidade pela captura do filho dele. O único problema é que o sujeito é louco. Ok, tem mais um problema: o conceito dele de cidade segura é balela.

Ben ficou olhando para ela. Já tinha visto o Povo, mas apenas alguns, e tinha sido bastante assustador. Ele não podia imaginar ir por vontade própria a uma festa deles. Especialmente se fosse Hazel, que tinha matado pelo menos três criaturas. A ousadia dela sempre o surpreendia, mas logo a seguir ele ficou pasmo.

— Alderking quer que você capture Severin?

Hazel olhou para ele, desconfiada.

— Como é que você sabe que Severin é o filho dele? Severin não disse isso pra nós naquela noite.

Ben deu de ombros.

— Eu deduzi. Afinal, quem mais poderia ser?

Hazel balançou a cabeça.

— Você é um péssimo mentiroso. — Você ainda está com as mesmas roupas de ontem. Obviamente, não sou a única guardando segredos aqui. Onde você esteve na noite passada?

Ben suspirou e entrou totalmente no quarto, fechando ao passar.

— Lugar nenhum. Fiquei aqui. Severin apareceu. Pedindo a minha ajuda.

Jack ergueu as sobrancelhas e Hazel ficou totalmente imóvel, como se achasse que tinha o dever de fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. Ben não conseguiu deixar de ficar um pouco satisfeito ao ver que ele também era capaz de chocar.

— E ele… O que o garoto de chifres falou? — perguntou Hazel.

Jack sentou-se na cadeira em frente à penteadeira, parecendo extremamente desconfortável, como se temesse ter de escolher um lado em uma discussão que sequer havia começado.

— Pra começar, ele quer a espada mágica de volta — disse Ben.

— Espero que você não tenha prometido nada — disse Hazel. — Ela não está comigo. E antes que você me pergunte, eu não sei com quem ela está, nem onde. Eu fui à festa em busca de pistas.

— E o que mais que você descobriu?

Hazel esfregou as mãos no rosto e olhou para Jack, que devolveu um olhar expressivo.

— Não muito — disse ela, finalmente. — Você consegue entrar em contato com Severin de novo? Poderia marcar um encontro com ele?

— Não sei. Você não está realmente pensando em levar ele de volta para Alderking, está? Você não vai machucá-lo.

— Eu estou disposta a fazer o que for preciso — disse Hazel, de pé. Um músculo em seu queixo se enrijeceu, como se estivesse trincando os dentes.

Por um momento, Ben pensou em não contar a ela e se imaginou atravessando o corredor sem dizer nada. Mas lembrou-se das pessoas saindo em macas da escola e do que Severin tinha contado sobre a própria irmã.

— Você vai me contar *tudo*, todas as coisas que você tem escondido de mim?

Hazel olhou para Jack e ele olhou para ela, sobrancelhas erguidas. Ben imaginou que ela devia ter dito alguma coisa para Jack, para trocarem olhares assim.

— Eu vou — disse Hazel. — Deveria ter feito isso antes. Mas precisa ser agora? Porque estou morta de cansaço e há muita coisa para falar.

Embora soasse como mais uma desculpa, desta vez Ben acreditou nela. Hazel parecia cansada e estranhamente frágil.

— Ok. Mas ele está no meu quarto.

— O quê? — Hazel se levantou da cama e deu um passo na direção da porta. — Você está brincando comigo?

— Ah, não — disse Ben. — Nada disso. Você não tem o direito de ficar com raiva, já que tem mentido e escondido tanta coisa de mim. Você que

trouxe o meu melhor amigo com você pra casa e fez dele cúmplice na sua mentira. Você não tem o direito de ficar com raiva!

O rosto de Hazel estremeceu.

— Eu estava tentando te proteger.

Jack parecia querer dizer alguma coisa. Ele estava claramente cansado também, os olhos brilhantes e o rosto fundo.

— Ele está dormindo. Não vou acordá-lo para ser interrogado. — O coração de Ben estava aos pulos. Embora tivesse exigido que ela lhe contasse a verdade, depois de ver a reação dela, começava a suspeitar que os segredos de Hazel eram maiores do que imaginava. Estava com um pouco de medo de ouvir.

— Você garante que ele fique até de manhã, mais tarde? — perguntou Hazel.

Ben não tinha ideia de como faria aquilo.

— Garanto. Quando vocês acordarem, a gente resolve tudo.

Jack se levantou, como se tivesse lembrado de que era pouco educado ficar no quarto de uma menina quando já tinha dormido no quarto do irmão dela um milhão de vezes.

— Não, fica — disse Hazel, segurando a mão dele. Jack parecia incapaz de recusar.

O que fez Ben pensar se estava errado sobre Hazel e Severin serem predestinados.

— Durmam bem — disse Ben, recuando antes que Jack tivesse tempo de reconsiderar.

Ele ainda não estava preparado para dividir Severin com ninguém. Tinha acabado de começar a conhecê-lo, acabado de começar a pensar nele como uma pessoa possível de conhecer.

Ao cruzar o corredor, Ben sentiu um flash de medo ao imaginar que, quando abrisse a porta, Severin já não estaria mais lá. Era como se ao falar o nome dele em voz alta, por ter contando à irmã sobre a visita à meia-noite, tivesse quebrado algum feitiço. A janela estava aberta, a cortina balançava e algumas folhas marrons estavam no chão, sopradas para dentro das árvores lá fora.

Em pânico, Ben subiu no declive do telhado, derrubando uma telha solta. O céu da manhã estava suave e claro, e tudo ainda estava úmido de orvalho.

Ben respirou fundo o ar fresco. Por um momento, viu apenas árvores e a estrada. Então, um instante depois, avistou Severin sentado em um galho da grande figueira, junto à calha do telhado.

Com um suspiro de alívio, Ben foi andando lentamente pelo telhado, tentando não escorregar.

— Ei, você está…

— Eu não sou uma mercadoria pra vocês disputarem — disse o garoto de chifres. Ele tinha tirado o moletom de Ben e estava só com a camiseta e a calça jeans emprestadas, os pés descalços encostados no tronco. Mesmo assim, parecia totalmente fora de contexto, encoberto por galhos na pálida luz da manhã.

— Eu sei — respondeu Ben, chegando mais perto da árvore. — Me desculpe. Eu não sei o que você ouviu, mas imagino que tenha ouvido apenas partes da conversa. Ela não faria mal a você, mesmo se pudesse.

Severin sorriu.

— Eu também tenho uma irmã, você deve se lembrar. Eu sei o que é não ver nossos irmãos como realmente são. Você me fez uma boa ação que eu não vou esquecer tão cedo, Benjamin Evans. Você me deu socorro esta noite. Não posso pedir mais nada.

Ben subiu na árvore, sem saber bem onde colocar os pés. Por um momento, achou que fosse escorregar, mas conseguiu manter o equilíbrio.

— Hazel foi à festa. Esteve com seu pai. Precisamos reunir informações, planejar os próximos passos. Além disso, eu sei que você gosta dela, mesmo que finja que não.

Severin pegou no braço de Ben e puxou-o mais para dentro do galho, onde era mais fácil se equilibrar.

— Por que a beijei?

— É que Hazel é tão… As pessoas gostam da Hazel. Os garotos gostam dela. Hazel passa pela vida como se nada importasse, como se ninguém pudesse alcançá-la, como se tivesse um objetivo maior e melhor e mais importante, algo que ela não vai revelar. Isso enlouquece as pessoas. As enfeitiça.

— E você não possui esse feitiço? — perguntou Severin. Ben não tinha certeza se era deboche ou não.

— Tenho certeza de que quando você a beijou, percebeu que ela não era esse garoto mal-humorado e desajeitado. — Ben se sentiu ridículo assim que disse isso. Sentir-se inseguro era uma coisa. Demonstrar isso era outra.

Severin estudou Ben por um longo momento, então se inclinou e encostou sua boca na dele. Foi um beijo faminto, desbravador. O garoto de chifres pôs a mão por trás da cabeça de Ben, segurando nela em vez da árvore. A mão de Ben agarrou o cabelo de Severin e esbarrou no chifre, duro e frio como a superfície de uma concha. Alguns momentos depois, quando Severin se afastou, Ben tremia em uma combinação de desejo, raiva e medo. Porque, sim, ele tinha desejado aquilo. Mas não que fosse jogado na cara dele.

— É errado que eu esteja gostando de ver você tremer? Se esquivar? — perguntou Severin.

Ben engoliu em seco.

— Eu tenho quase certeza de que não é o ideal.

O garoto de chifres ergueu as duas sobrancelhas.

— Então o que você acha que eu notei ao beijar você?

Ben suspirou, baixando os olhos para o gramado irregular. Ele queria que Severin dissesse a ele. Queria saber o que ele tinha pensado quando a mão apertou a pele acima do quadril de Ben, queria saber o que ele havia sentido quando respirou dentro de sua boca. Mas estava sendo infantil.

— Eu entendo, sentir ciúmes é ridículo quando os problemas de verdade são uma irmã monstro e um pai assassino.

Severin se remexeu, fazendo as folhas farfalharem. Seus olhos eram verdes como o fundo dos bosques e dos vales esquecidos, o cabelo lhe caía sobre o rosto.

— Meus problemas são seus também. — Todos em Fairfold sofrem com os meus problemas, e eles não diminuem os seus. Você e sua irmã são muito importantes um para o outro. Para mostrar sua estima, vocês trocam lindos buquês de mentiras.

— Não é assim.

— Eu conheço você, Benjamin Evans — disse Severin. — Está lembrado?

Ben deslizou um pouco, quase perdendo o equilíbrio. Tinha pensado em Severin como alguém frio, um personagem de uma história, um príncipe das Fadas, belo e distante. O tempo todo se esquecia de que Severin o conhecia, que sabia mais sobre ele do que qualquer pessoa no mundo.

— Você disse que me amava tantas vezes — disse Severin baixinho, e ouvi-lo dizer isto fez Ben corar. — Mas talvez aquilo que mais amasse fosse seu próprio rosto refletido no vidro.

Não era justo que ele conhecesse Ben daquele jeito. Não era justo. Não era justo que Severin pudesse enfiar o dedo em todas as inseguranças de Ben, inseguranças mesquinhas que já datavam de anos, aplicando uma série de pequenos cortes cirúrgicos rápidos e afiados. Ben sentiu como se pudesse se esvair em sangue antes mesmo de perceber a profundidade das feridas.

— Não… Não é assim — disse Ben. — Mas sim, eu queria amar como nos livros de histórias, como nas canções e baladas. Queria esse amor que nos atinge como um raio. E eu sinto muito, porque sim, eu sei que você me acha ridículo. Eu sei que você me acha hilário. Eu sei, eu tenho noção de que você está rindo de mim por dentro. Sou muito idiota, mas ao menos eu sei disso.

Com um movimento fluido, Severin desceu da árvore para o telhado. Estendeu sua mão em um gesto cortês, oferecendo ajuda para que Ben descesse da árvore, da mesma forma com que ofereceria a mão para ajudar uma dama de saias a desmontar de um cavalo.

— Eu também sei, Benjamin Evans. E você não é tão idiota quanto imagina.

Ben estendeu a mão e deixou-se ajudar a descer para o telhado. Estavam retornando ao quarto de Ben pela janela quando uma caminhonete parou na entrada da casa. Era de uma das artistas amiga da mãe deles, Suzie, uma escultora muito tatuada que fazia homenzinhos verdes para pôr nos parapeitos das janelas das casas. Ela estava usando uma saia e o cabelo estava preso em um rabo de cavalo, como se estivesse indo para a igreja ou algo assim.

— Isso é estranho — disse Ben, esperando até que Suzie entrasse na casa para se mexer. — Vou descobrir o que está acontecendo.

— E você se pergunta se eu vou esperar — disse Severin.

Ben assentiu.

— Vou estar aqui exatamente do mesmo jeito — completou o príncipe, sentado na cadeira de rodinhas em frente à mesa do computador, olhando para Ben com seus indecifráveis olhos verde-musgo. Ben listou mentalmente todas as coisas constrangedoras que Severin poderia ver se olhasse ao redor e então se deu conta de que não havia nada ali que chegasse perto do que ele já sabia.

Severin sorriu para ele, como se estivesse lendo seus pensamentos. Ben desceu.

— Ah, que bom, você está acordado — disse a mãe. Ela estava mais arrumada do que o usual, com uma calça jeans sem manchas de tinta, uma blusa *oversized* florida e três cordões de prata e turquesas. Não fossem as mechas prateadas do cabelo, à distância poderia ser confundida com Hazel. — Eu ouvi sua irmã chegar hoje de manhã. Diga a ela para começar a fazer as malas. Assim que eu voltar, vamos pegar a estrada.

— Aonde você vai agora?

—Tenho uma reunião na casa dos Gordon. Sobre Jack.

— Jack? — Ben repetiu.

— Você sabe que eu gosto dele. Mas algumas pessoas estão dizendo que ele está em conluio com o Povo. E outros estão dizendo que, se ele voltasse para as Fadas, todas as coisas ruins que estão acontecendo acabariam.

— Mas você não acredita nisso, certo? — Ben pensou em Jack abraçado em Hazel no andar de cima. Sentiu um lampejo de ódio de cada pessoa em Fairfold que achava algo parecido com o que a mãe tinha dito.

Ela suspirou, pegando uma caneca de café para viagem e a velha bolsa de couro marrom, com pássaros azuis bordados.

— Não sei. Acho que ele não está mancomunado com ninguém, mas ele foi *roubado* do Povo. Talvez o queiram de volta. Talvez queiram vingança, também. Pelo menos eu ia querer, se fosse a mãe dele.

— O que está acontecendo não é culpa do Jack.

— Olha, nada está decidido. Vamos só sentar e conversar com os Gordon. E quando eu voltar, espero que a gente possa deixar a cidade por um tempo.

— Mãe — disse Ben. — Se você permitir que eles façam qualquer coisa contra o Jack, eu nunca vou te perdoar. Ele é igual a nós. Ele é tão humano quanto qualquer ser humano.

— Eu só quero você e Hazel em segurança — disse a mãe. — É o que todos nós queremos para os nossos filhos.

— Então talvez você não devesse ter criado a gente aqui em Fairfold — retrucou Ben.

A mãe lançou um olhar severo sobre ele.

— Nós voltamos pra cá por sua causa, Benjamin. Poderíamos ter ficado na Filadélfia, e você seguiria seu caminho para fazer algo que a maioria das pessoas só pode sonhar em fazer. Você foi o único que não suportou a ideia de deixar Fairfold. Foi você quem desistiu da chance de ter uma vida diferente, que não se esforçou a tentar praticar depois que se machucou.

Ben ficou chocado demais para responder alguma coisa. Eles nunca falavam sobre a Filadélfia, pelo menos não daquele jeito, reconhecendo que coisas ruins aconteceram. Eles nunca falavam sobre nenhuma das coisas horríveis e assustadoras e importantes que tinham ocorrido na infância de Ben. Nunca falavam sobre o cadáver que Hazel encontrou na floresta ou sobre a forma como a mãe e o pai os deixavam andar sozinhos por ali, para começo de conversa. Ben sempre pensara que era um pacto de família, que cada um tinha seu próprio poço de amargura e deveria cuidar dele sem incomodar ninguém.

Aparentemente, isso não funcionava mais.

Indo em direção à porta, a mãe olhou para ele, como se o analisasse.

— E fala pra sua irmã fazer as malas, ok?

Ela bateu a porta de tela, mas Suzie, em vez de seguir imediatamente a amiga, cruzou o hall e pôs a mão no braço de Ben.

— Você diz que ele é tão humano quanto o resto de nós. Como você pode ter tanta certeza? Como alguém consegue realmente saber o que há no coração deles? — Suzie saiu antes que Ben pudesse responder. Instantes depois, ouviu os pneus da caminhonete sobre o cascalho da entrada.

Ben apoiou a cabeça na bancada, os pensamentos eram um emaranhado. Então, sem saber o que mais fazer, pegou quatro canecas e começou a servir café.

Estava mais do que na hora de todo mundo acordar.

CAPÍTULO 18

Hazel nunca tinha dormido na mesma cama com um garoto que não fosse seu irmão. Ela imaginou que isso fosse destacar todos os aspectos de um relacionamento em que ela era péssima. Imaginou que fosse se remexer e revirar, roubar cobertores, chutá-lo durante o sono e, depois, se sentir culpada. O que ela não contava era como seria a sensação de dormir com a cabeça no braço de Jack. Ou como a pele dele seria quente, ou como isso daria a ela a chance de se embriagar do cheiro dele — de florestas e vales e lagos profundos — sem que ele notasse. Não fazia ideia de como se sentiria segura. Não poderia ter adivinhado como ele passaria a mão nas costas dela, preguiçosamente, como se não soubesse como parar de acariciá-la, nem de como isso a deixaria arrepiada.

Pela primeira vez desde que escutara aquilo, Hazel se permitiu sentir prazer com as palavras de Jack. *Eu só queria dizer que eu gosto de você. Eu gosto de você*, ele tinha dito pouco antes de ela contar-lhe que estava a serviço de Alderking. *Eu gosto de você*, pouco antes de ela admitir que não tinha contado a ele um monte de coisas sobre si mesma. Tudo aconteceu tão rápido e foi tão difícil de acreditar.

O que significava que ela nunca tinha dito que também gostava dele.

Ela poderia dizer a ele agora, acordá-lo e dizer alguma coisa. Ou talvez ele estivesse meio acordado, do mesmo jeito que ela se sentia meio dormindo. Talvez pudesse sussurrar em seu ouvido. Enquanto remoía tudo isso, Hazel ouviu passos na escada.

O irmão entrou no quarto sem bater, trazendo três canecas de café. Atrás dele, parado perto da porta e segurando uma caneca, estava o garoto de chifres.

Severin, usando roupas emprestadas de Ben, parecia tão confortável naquele ambiente como sempre estivera na floresta. Severin, a quem ela deveria caçar. Severin, a quem ela havia libertado. Severin, que lhe deu um sorriso perverso.

Hazel afastou as cobertas, bocejando. Saiu da cama, pegou um palito de cabelo em cima da cômoda e apontou-o para Severin, como se fosse uma espada. Em seguida, usou-o para prender o cabelo.

Severin cumprimentou-a, erguendo a caneca de café.

— Vejo que ainda não encontrou a minha espada. — Com um sorriso discreto no rosto, ele ergueu as sobrancelhas e tomou um gole de café. Apesar de tudo, Hazel ficou vermelha.

Ben atravessou o quarto e estendeu uma caneca de café para a irmã como uma oferta de paz.

Ela deu um gole grande, mas o cansaço que sentia estava além do alcance da cafeína. Ainda assim, o líquido quente, turvo pelo leite de soja, limpou o gosto das lágrimas de sua boca. Ela se sentou com força na cadeira ao lado do espelho.

— O que está acontecendo?

— Está acontecendo algum tipo de reunião na sua casa. — Ben disse a Jack. — Sobre como o que houve com Amanda e as coisas na escola têm a ver com não devolvermos você para o Povo. E sobre como estão pensando em fazer isso agora. Temos que tirar você daqui e levá-lo para um lugar onde não o encontrem.

— O quê? — Jack arregalou os olhos. Ele passou a mão pelo rosto, pelo cabelo. — Minha mãe acha isso?

— Ele não é um animal de estimação que pode ser passado para outros donos — reclamou Hazel.

— Não acho que seu pais tenham qualquer coisa a ver com isso — disse Ben. — Acho que é só um bando de gente assustada sendo idiota.

— Foi por isso que ela me mandou embora. — Jack disse essas palavras baixinho, como se quisesse que elas fossem verdade, mas tivesse medo de estar errado. — Não foi porque não me queria em casa. Foi porque ela sabia da reunião. Mas… mas eles vão culpar a minha família se eu não estiver lá. — Jack começou a calçar os sapatos.

— Jack, a cidade toda vai estar lá — disse Hazel. — Você sabe que isso não é culpa sua. Isso não tem nada a ver com você. Nada.

— É exatamente isso que eu vou dizer a eles — disse ele, saindo do quarto e descendo as escadas.

— Eu vou com você. — Hazel agarrou as botas, sem se preocupar em calçá-las. Ela se virou para Ben: — Você fica aqui com ele. Mantenha-o aqui até voltarmos.

Hazel desceu as escadas correndo, a voz de Severin seguindo-a logo atrás.

— Acho melhor eu ir também. Estou cansado de ouvir pessoas falando de mim como se eu ainda estivesse dormindo.

Ao chegar no gramado, viu Jack dando a partida no carro de Ben. Provavelmente ele sabia onde Ben guardava a chave reserva. Hazel mal teve tempo de entrar pelo lado do carona antes que ele começasse a andar.

~

A casa dos Gordon tinha o estilo típico da Nova Inglaterra, em perfeitas condições, pintada de cor creme com detalhes em branco e nenhuma lasquinha de tinta descolando. Ficava sobre uma pequena colina, debruçada sobre casas menores e mais modestas. Era antiga, cuidadosamente restaurada e grande o bastante para receber metade da cidade — o que era bom, porque, ao que parecia, metade da cidade estava mesmo lá.

Os carros estacionados ao longo da entrada tinham cavado trincheiras na grama do Sr. Gordon. Ela sempre via o pai de Jack ali durante o verão, podando e regando e plantando, o rosto brilhando de suor. Ninguém atravessava o gramado dele, nem o carteiro, nem os amigos de Carter ou de Jack, nem mesmo o cão, que sabia que era para ficar no quintal se quisesse correr. Os sulcos enlameados estragando todo o trabalho do Sr. Gordon deixaram Hazel inquieta. Era como se as regras tivessem mudado de repente.

As mãos de Jack se fecharam em punhos conforme ele foi andando cada vez mais rápido.

Escancarando a porta da frente, Jack entrou no saguão de casa. Todas as tábuas de madeira da casa eram pintadas de um branco nítido e brilhante. A cor reluzia nos cômodos banhados pelo sol onde as pessoas estavam de pé ou sentadas em cadeiras dobráveis, equilibrando sobre o colo seus copos de

plástico com chá. Pufes e cadeiras tinham sido claramente trazidos de todos os cômodos da casa para acomodar o grande número de pessoas. Ninguém pareceu notar a chegada deles.

A Srta. Pitts, que trabalhava no correio, balançava a cabeça para a mãe de Jack.

— Nia, não é como se alguém prefira fazer as coisas dessa forma. Mas não podemos deixar de pensar que… Bem, que o que você fez estremeceu nossa relação com o povo da floresta. Não é coincidência que tudo piorou desde quando você tirou Jack deles.

Isso era verdade? Hazel era criança na época, mal tinha nascido. Quando as pessoas dizem que as coisas eram melhores, que o Povo era menos sanguinário, Hazel achava que estavam se referindo a décadas atrás, não à curta duração de sua vida.

Quando as coisas começaram a ir mal?

— Nós precisamos corrigir as coisas — disse o delegado. — No último mês, alguma coisa está acontecendo na floresta. Alguns de vocês devem ter ouvido falar sobre incidentes que não chegaram a aparecer no jornal, e todos provavelmente ouviram falar sobre o que aconteceu na escola. Amanda Watkins não foi a primeira pessoa que encontramos em coma. Houve um viajante também, nos limites da cidade, há coisa de um mês. O lugar estava coberto de mato alto, as vinhas tão grandes que praticamente cobriam o carro dele. E duas semanas depois, Brian Kenning, que brincava na floresta atrás de casa, foi encontrado enrolado em um monte de folhas. Eles estão contra nós. O Povo. Se alguém esperava que o garoto de chifres acordasse para nos salvar, acho que já está claro que ele não vai.

Hazel pensou na promessa de Alderking. Se ela levasse Severin até ele, as coisas na cidade voltariam ao normal, seriam *como foram um dia*. Como se isso fosse uma oferta generosa. Hazel achava que sabia como iam mal as coisas em Fairfold. Hazel achava que conhecia todos os segredos da cidade. Até descobrir que estava longe de estar certa.

O que eu faria se você me deixasse? A pequena criatura tinha perguntado. *O que eu faria se você me deixasse? Mais fácil perguntar o que eu* não *faria*.

— Não podemos confiar no *changeling* — disse o Sr. Schröder. — Mesmo que eles não o queiram de volta, eu não quero ele aqui. É muito perigoso.

Durante todo o verão em que trabalhara no Lucky's, Hazel tinha gostado do Sr. Schröder. Agora ela o odiava.

— Jack é amigo dos meus dois filhos — disse a mãe. — Eu o conheço há muito tempo. Pôr a culpa nele, só porque ele é o único do Povo que a maioria de nós conhece, é errado. Ele foi criado aqui. É um cidadão de Fairfold tanto quanto nós.

Hazel sentiu um alívio profundo ao ver a mãe falar, mas dava para ver que os outros não estavam convencidos. Já tinham decidido.

— O Povo sempre foi bondoso com os cidadãos de Fairfold — acrescentou a velha Sra. Kirtling. De pé, embaixo de dois sabres da guerra hispano-americana, a mulher parecendo indomável. Tinha sido prefeita de Fairfold há muitos anos e, tanto quanto qualquer um conseguia lembrar, uma prefeita bastante boa. — Nós tínhamos um acordo, mas alguma coisa deu cabo disso.

— Eles nem sempre foram *bondosos* conosco — retrucou a mãe de Jack, corrigindo-a. — Não tente reescrever a história só para tornar mais fácil o que vocês estão pedindo. Não, não é coincidência que as coisas tenham piorado mais ou menos na época em que Jack veio ficar conosco. Como você deve se lembrar, eles não costumavam levar os nossos filhos da maneira com que levaram Carter.

— Sim, está bem, talvez bondosos seja uma palavra muito forte — concordou a Sra. Kirtling. — Mas você não pode negar que viver nessa cidade é diferente de viver em outros lugares. E você não pode negar que gosta daqui, já que arrastou seu marido de volta para cá daquela faculdade importante, em vez de ir embora com ele. Se normal era o que você queria, então você deveria estar morando em Chicago. E aí nunca teria existido Jack nenhum.

Ao lado de Hazel, Jack ficou tenso.

— Mas você recebeu seu filho de volta e ainda pôde criar um *changeling* por um bom tempo apesar de não ter direitos sobre ele, a não ser pela falta de discernimento da mãe biológica dele. Você não achou que ficaria com ele para sempre, certo?

Hazel tinha visto folhetos de faculdades no aparador da casa dos Gordon. Obviamente a Sra. Gordon estava planejando todo o resto da vida dos filhos. Olhando pela sala, Hazel identificou professores, lojistas, pais de pessoas que

ela conhecia da vida toda e até algumas crianças. A maioria dos presentes concordava com a Sra. Kirtling e agia como se entregar Jack fosse mais do que simplesmente uma maneira de apaziguar os próprios temores.

Afinal, em Fairfold, o Povo só fazia mal aos turistas e se um morador for ferido é porque devia estar agindo feito um turista. Certo? Essa pessoa deve ter feito algo errado. Alguém deve ter feito algo errado. Enquanto houvesse alguém para culpar, ninguém precisaria admitir que eram impotentes.

— É como quando a gente encontra um desses adoráveis filhotes de abutre — disse Lexie Carver, irmã de Franklin e uma das mulheres mais jovens ali. Sua família era conhecida na cidade por comer animais atropelados e, se os boatos fossem verdade, tinha um pouco de sangue *troll* em sua linhagem distante. — Dá vontade de levá-lo para casa, cuidar dele e alimentá-lo com pequenos pedaços de bife. Se fizermos isso, no entanto, acabamos afastando o instinto de caça dele. E aí ele não será capaz de sobreviver por conta própria mais tarde, quando precisar. O lugar de Jack não é aqui, Nia. Não é bom para ele. Não é certo.

— Bem, você não acha que é um pouco tarde para essa metáfora? — perguntou Carter, surgindo de onde aparentemente estivera escondido sob a escada. — O dano está feito. Ela já deu os pedacinhos de bife ou sei lá. Na verdade, o que você está dizendo é que Jack não seria capaz de sobreviver se voltasse para *lá*.

— *Carter* — interrompeu a mãe deles, com um tom que indicava que ele não deveria ter falado.

— Me desculpe — murmurou ele, prestes a voltar para seu lugar quando se surpreendeu ao ver Jack e Hazel em pé no corredor a sua frente.

— Vamos levar em consideração tudo o que disseram, mas espero que entendam que se trata de uma decisão da família e… — A mãe de Jack começou a falar, mas quando acompanhou o olhar de Carter, seu corpo inteiro ficou rígido. Ao redor da sala, o zumbido de conversa se inflamou e logo foi silenciando à medida que os moradores da cidade iam percebendo que a pessoa de quem falavam estava bem ali, ouvindo cada palavra.

— Eu vou embora! — disse Jack para o cômodo em silêncio.

Ouviu-se apenas o rangido de dedos em copos de plástico e os goles nervosos de chá. Ninguém parecia saber o que dizer.

— É — disse Hazel, talvez um pouco alto demais, segurando no braço de Jack e fingindo um mal-entendido. — Você tem razão, Jack. Vamos embora. Vamos sair daqui. Agora.

— Não — disse ele, balançando a cabeça. — Eu quis dizer que vou voltar para eles. Se isso é o que todos querem, eu vou.

A mãe dele balançou a cabeça.

— Você fica. — Sua voz era firme, desafiadora, mas, pela sala, Hazel viu pessoas acenando umas para as outras. Eles já tinham aceitado a oferta. Aquelas poucas palavras, em uma cidade como Fairfold, selaram um pacto que talvez não pudesse ser desfeito.

Ao menos não se ele não dissesse nada logo a seguir.

— Você não pode — disse Hazel, mas Jack só balançou a cabeça. — Conte a eles — implorou. — Conte sobre Alderking e Sorrow. Fale a verdade pra eles. Posso atestar o que você diz.

— Eles não vão acreditar em mim — disse ele. — E irão encontrar alguma razão para não acreditar em você também.

— Nia, seja razoável. Talvez ele não queira ficar conosco. Nós não somos o povo dele — disse uma das mulheres.

Hazel não percebeu qual, porque o fluxo de sangue que lhe subiu à cabeça fez seus batimentos ficarem fortes a ponto de calar todo o raciocínio. Sentia um aperto no peito e todas as cores da sala pareciam borradas.

— Não se preocupe, mãe — disse Carter. — Ele não vai a lugar algum.

Jack girou em direção do irmão, claramente frustrado.

— Você não tem direito de decidir por mim.

— Que tal eu ir? Talvez eles estejam com raiva porque *eu* fui roubado de volta. Alguém já pensou nisso? — Carter olhou ao redor da sala com um olhar contestador, como se os desafiasse a dizer que ele não era um prêmio. — Quem sabe eles não gostariam de ficar comigo em vez de Jack?

— Isso é muito nobre — concordou a Sra. Kirtling. — Mas acho que não…

— Jack, me escute. — A mãe atravessou a sala na direção dele. — Sei que, se você puder, mesmo que isso signifique se colocar em risco, você desejará evitar que qualquer pessoa sofra. Você é um bom menino, um garoto que põe os outros em primeiro lugar, e foi o que você acabou de fazer, oferecendo-se

para ir embora quando todos esses covardes acharam que seria preciso forçá-lo ou enganá-lo. — Ela olhou ao redor da sala, como se desafiasse qualquer um a contradizê-la. — Eles acham que a princípio eu e seu pai vamos insistir para você ficar, mas que logo vamos ceder e pôr o bem-estar da cidade acima do seu. Eles acham que vamos desistir de você quando a coisa ficar feia. E eu aposto que a sua outra família também acha.

Por toda a sala, ouviam-se comentários cochichados.

Jack parecia atordoado. O rosto dele estava impassível, uma expressão que poderia ser de surpresa, mas também de medo do que ela diria a seguir.

A mãe olhou para o marido, que estava de pé apoiado na parede, braços cruzados sobre o peito.

— Sua mãe e eu tivemos uma longa conversa sobre isso ontem à noite — disse ele. — No que nos diz respeito, a cidade inteira pode explodir, porque para nós o que importa é você.

Com isso, Jack riu, surpreso, feliz e talvez até um pouco constrangido. Foi uma reação inusitada, entretanto, Hazel notou nos rostos dos presentes que eles também estranharam. As Fadas riam em funerais e choravam em casamentos porque elas não têm sentimentos humanos pelas coisas humanas.

— Isto está se transformando num verdadeiro show — disse a Srta. Holt, fazendo um beicinho com os lábios pintados de batom coral e levando uma das mãos aos olhos. Seus dedos ficaram molhados de lágrimas. Ela deu um soluço e olhou em volta, confusa.

Então o delegado também começou a chorar e a reação foi se espalhando pela sala. Lágrimas brotavam dos olhos de todos. A mãe de Hazel soltou um gemido de dor e começou a puxar o próprio cabelo.

Hazel olhou para Jack. Os lábios dele estavam cerrados. Ele balançou a cabeça, como se pudesse negar o que estava acontecendo. Sorrow estava ali. Hazel a escutava em sua cabeça e a sensação era de estar presa na correnteza de um rio. Como um mergulhador que perde o senso de direção e começa a se debater, sem saber para qual lado ir…

Hazel piscou. Jack estava terminando de dar um nó no cabelo dela. Ele sussurrou junto ao pescoço dela:

—Você não vai chorar até que eu lhe permita.

Tinha acabado de jogar-lhe um encantamento para protegê-la de Sorrow. Hazel percebeu que suas bochechas estavam molhadas. Ela não fazia ideia de quanto tempo havia se passado, mas por toda a sala as pessoas choravam e se lamentavam.

A porta da frente abriu-se violentamente e Ben entrou correndo na sala.

— Precisamos sair daqui! — A voz de Ben teve o efeito de um copo de vidro que se despedaça no chão. Todo mundo ficou olhando. — O monstro no coração da floresta. Sorrow está vindo.

Severin estava de pé atrás dele. Por um momento, Hazel o viu da mesma maneira com que todos na sala viram. Alto e inumanamente lindo, os chifres despontando em meio aos cachos castanhos e os olhos verde-musgo apontando para eles. Não importava que ele estivesse vestido com roupas comuns; ele não era comum. Era a personificação do que as Fadas deveriam ser, o sonho que ninara aquelas pessoas a Fairfold e o sonho que as convencera a ficar, apesar de todos os perigos.

Naquele momento, Hazel soube o que elas deveriam estar sentindo, a mistura de esperança e terror. Ela sentiu o mesmo. Severin era o príncipe dela. Ela deveria salvá-lo e ele deveria salvá-la de volta.

— Protejam-se — avisou Severin, andando na direção da parede onde estavam pendurados os dois sabres e tirando-os dos ganchos com um só movimento suave. Por um instante, ele empunhou uma espada em cada mão, mexendo-os como se testasse o peso das armas. Então, olhando para o outro lado da sala, sorriu para Hazel e jogou uma espada para ela.

Hazel pegou a arma antes que se desse conta de que seria capaz. Encaixava-se perfeitamente em sua mão, como se fosse uma extensão do seu braço, como um membro perdido que lhe era devolvido. O peso do sabre era considerável, era obviamente uma espada de verdade e não uma reprodução em metal fajuto. Ela se perguntou se seria caro, porque tinha quase certeza de que ia estragá-la com aquele monstro.

Sentiu a pulsação acelerar, espalhando a emoção pelas veias.

— Lâminas comuns não podem cortá-la — disse Hazel, aproximando-se do garoto de chifres.

— Só precisamos fazê-la recuar — explicou ele, indo para a porta. — Vamos cansá-la. Ela não quer realmente fazer mal a ninguém.

Jack bufou e disse em tom de escárnio:

— Aham, claro.

Lá fora, o vento balançou as árvores como se fossem chocalhos.

Do outro lado da sala, Carter estava aos prantos em frente à mãe deles. Jack estava curvado sobre o pai, sussurrando em seu ouvido, seus dedos acariciando os cabelos grisalhos dele.

Hazel se preparou. Todas as dúvidas tinham vindo à tona ao mesmo tempo. O seu eu da noite poderia ter sido treinado pelo Alderking, mas o do dia não sabia lutar melhor do que a garotinha de doze anos que ela fora um dia. E ela não tinha mais a espada mágica. Aquilo seria um fiasco.

Hazel respirou fundo e fechou os olhos.

Você é um cavaleiro, disse a si mesma. *Você é um cavaleiro. Um cavaleiro de verdade*.

Quando abriu os olhos, o monstro estava perto da porta. Ao redor dela, quem já não estava chorando começou a gritar. Alguns fugiram para outra sala ou subiram escada acima, outros se esconderam atrás dos móveis e alguns ficaram simplesmente parados, como se tivessem virado estátuas, tamanho o terror.

Hazel se manteve firme. Quando viu Sorrow pelo vidro, imaginou-a horrível, uma coisa imunda e perversa, mas sua aparência era na verdade a de uma árvore viva, coberta de musgo e trepadeiras secas. Tinha galhos em vez de ossos, e dos seus pés saíam raízes como a cauda de um vestido de noiva. Da cabeça subia um emaranhado de galhos pequenos, concentrados de um lado, cobertos por grumos de terra e folhas. Olhos negros espreitavam através de buracos nos nós da madeira. O rosto dela estava molhado da seiva melada e vermelha que escorria das aberturas nos olhos, imitando caminhos de lágrimas. Era uma criatura tão bonita quanto assustadora.

Sorrow ergueu-se sobre eles. Era ao menos meio metro mais alta do que qualquer um na sala.

— Sorrel — disse Severin, dando um passo hesitante na direção dela. Ele mesmo parecia espantado, como se a irmã tivesse se transformado em algo bem pior do que ele se lembrava antes de ter sido posto para dormir. — Minha irmã, por favor.

Ela sequer pareceu tê-lo visto. Engasgadas de lágrimas, vozes saíram das gargantas de quem estava na sala, um coro de dor.

— Eu o amava e ele está morto e enterrado, puro osso. Eu o amava e o tiraram de mim. Onde ele está? Onde ele está? Morto e enterrado, puro osso. Morto e enterrado, puro osso. Onde ele está?

Mais gente caiu no choro. Os corpos tremiam com soluços.

Sorrow deu um passo na direção do irmão, derrubando um aparador no chão. Quando falou, ela soou mais como o vento soprando através das árvores do que qualquer voz humana.

— Eu o amava, eu o amava e ele está morto e enterrado, puro osso. Eu o amava e o tiraram de mim. Onde ele está? Onde ele está? Morto e enterrado. Morto e enterrado. Meu pai o levou. Meu irmão o matou. Onde ele está? Morto e enterrado. Morto e enterrado.

— Você não quer isso — falou Severin. — Você não faria isso. Minha irmã, por favor. Por favor. Não me obrigue a tentar te impedir.

Sorrow foi até o fundo da sala, com Hazel e Severin ao lado dela. As pessoas gritavam. A Srta. Kirtling, em pânico, correu pela sala e atravessou exatamente o caminho do monstro. Um braço longo com dedos de graveto esbarrou nela, da mesma maneira que alguém afastaria uma teia de aranha. O pequeno gesto foi o bastante para lançar a mulher contra a parede. O reboco rachou e ela caiu no chão com um gemido.

Na rachadura recém-formada imediatamente apareceram musgos e fungos, como a água que invade o barco através de um buraco no casco.

Do outro lado da sala, uma mulher começou a tossir terra.

Sem ter ideia do que mais poderia fazer, Hazel golpeou a lateral do corpo do monstro com seu sabre.

Por toda a vida Hazel ouvira falar do monstro no coração da floresta. Ela imaginava que, se o monstro fosse morto, as fadas voltariam a ser apenas travessas e mágicas. Imaginou isso tantas vezes que, mesmo sabendo da verdade, parte dela acreditava que, quando a lâmina atingisse o monstro, realmente seria capaz de cortá-lo profundamente.

Mas o golpe não deixou qualquer marca; só fez Sorrow virar-se e esticar seus longos dedos em direção a Hazel. A garota se esquivou, não sem sentir o roçar das folhas e o cheiro de terra molhada. Contudo, não foi rápida o

suficiente para impedir que Sorrow puxasse seu cabelo. O monstro arrancou alguns fios, que se espalharam pelo ar como faíscas. Sorrow aproveitou a pegada para fazer do cabelo de Hazel uma corda, chicoteando-a para cima de um sofá. O movimento fez o sabre aterrissar no chão.

Mesmo machucada, Hazel se levantou. Sua cabeça doía e os ossos pareciam soltos, como se não se encaixassem mais. Conseguiu cruzar a sala até onde tinha ido parar a arma e conseguiu levantá-la novamente e virar-se para o monstro.

Severin tinha saltado em cima das costas de Sorrow, agarrando-se nos galhos e cipós, mas ela balançou o corpo e o jogou longe. Ele rolou e levantou-se com uma rapidez que Hazel nunca tinha visto igual. A lâmina da espada dele cortou o ar. Severin era um excelente espadachim, mas, mesmo assim, a lâmina resvalou para longe do alvo. Mesmo assim, a criatura o derrubou.

Foi só então que o Sr. Gordon desceu correndo as escadas com um rifle de caça nas mãos. Ele apoiou a coronha no ombro e fez a mira, apontando para Sorrow.

— Por favor, não — gritou Severin do chão, mas Hazel não teve certeza de que o Sr. Gordon o escutara, porque puxou o gatilho.

A arma ribombou na sala como um trovão, um som que fez Hazel ficar imediatamente de pé. Só que as balas atingiram o tronco do monstro e desviaram, como pedrinhas inocentes atiradas por uma criança. Sorrow partiu para cima do Sr. Gordon.

Carter entrou à frente do pai empunhando um castiçal, mas a criatura enroscou nele os dedos compridos e puxou-o para ela. Hazel correu na direção deles e golpeou Sorrow pelas costas com o sabre. O monstro sequer pareceu notar.

— Ei! — gritou Jack, e então alguma coisa respingou no monstro. O cheiro forte de álcool encheu o ar. Ele tinha jogado conhaque nela, de uma garrafa que estava guardada no armário de bebidas dos pais.

— Vou colocar fogo em você — ameaçou Jack, segurando uma caixa de fósforos na mão trêmula. — Fique longe deles. Vá embora daqui.

Sorrow pareceu observar Carter por um longo momento e, em seguida, ela jogou o garoto no chão. Ele estava inconsciente e uma mancha verde se espalhava por seus lábios.

Tudo aconteceu muito rapidamente.

Hazel ouviu a mãe gritar do outro lado da sala. Ela olhou para o lado e viu que Ben a arrastava para trás de um velho piano.

Jack acendeu um fósforo.

O monstro correu para cima dele, rápido o bastante para que a chama se apagasse. Hazel se jogou entre eles, de sabre em punho, mirando nos olhos da criatura. O golpe arranhou o rosto de Sorrow, mas não escorreu mais seiva.

Jack se apressou para tentar acender outro fósforo, mas enquanto isso, a sala se encheu de vento.

Em algum lugar distante, os corvos começaram a grasnar, chamando uns aos outros.

Com um grito, Severin jogou-se nas costas dela de novo. Agarrado em seus galhos, ele apertou o sabre sobre a garganta da criatura, claramente esperando que isto a detivesse, claramente esperando que ela ficasse com medo. Mas Sorrow se sacudiu, tentando jogá-lo para longe. Hazel tentou golpeá-la, tentou cortar seus braços, seu tronco, até mesmo os dedos incrivelmente longos. Nenhum golpe deixou uma única marca. Hazel foi jogada contra uma parede e as pessoas amontoadas em um canto gritaram quando ela caiu em cima deles.

Todo o corpo de Hazel doía. Ficar de pé exigiu um enorme esforço. A cabeça martelava e as tonturas ameaçavam derrubá-la. Ela piscou para afastar sangue e suor dos olhos. O sangue escorria por uma dúzia de cortes que ela não se lembrava de ter sofrido. Não tinha a mínima ideia de quantas vezes mais poderia fazer aquilo.

Severin caiu no chão, rolando para uma posição de alerta. Ele ainda estava se mexendo, mas Hazel já podia notar que parte dele havia desistido.

Então ela ouviu o som do piano.

Virou-se e mais uma vez foi arremessada para longe por Sorrow. Hazel aterrissou no chão de madeira com força, num baque violento que a deixou sem ar. Ela se virou de lado e viu o irmão sentado em um banco, seus dedos quebrados espalhados pelas teclas. Tocando.

As notas enchiam o ambiente. Era como se Ben estivesse tocando o som do choro. Sorrow uivou no ar.

Então ele pareceu errar uma nota. A música vacilou e Ben já não conseguia mais tocar. Seus dedos quebrados, os que ele nunca tinha colocado de volta no

lugar, muito menos curado, não eram mais ágeis o bastante para o piano. Mas Hazel não devia estar ali parada, olhando com espanto. Pelo contrário, deveria estar se aproveitando daquele momento estático que ele lhe dera. Então forçou-se a ficar de pé, na esperança de que não fosse tarde demais.

Ela correu para Sorrow, mas o monstro estava à sua espera. Ele a agarrou e a jogou no sofá com tanta força que as pernas do móvel trincaram. Depois rolou para trás, levando Hazel junto. Atordoada, ela olhou para a criatura debruçada sobre si. Galhos e musgo e olhos brilhantes.

— Morto e enterrado, puro osso. Morto e enterrado, puro osso — disse Sorrow, calmamente, seu braço longo esticando-se para Hazel.

Então Ben começou a cantar. Notas sem forma, como as que ele teria tocado se os dedos funcionassem, começaram a sair de sua garganta. Soou quase como um choro; o choro de Sorrel. Era um som de dor, terrível e paralisante. Apesar do nó no cabelo e do feitiço de Jack, Hazel sentiu as lágrimas brotarem no fundo da garganta e queimarem o fundo dos olhos.

Sorrow deu um grito de lamento horrível. Depois cambaleou para trás e para frente, derrubando várias cadeiras. As pontas afiadas de seus galhos quebrados rasgaram o estofado do sofá. Ela gritou de dor.

— Ben! — gritou Hazel. — Você está piorando a coisas.

Mas Ben não parou. Continuou cantando. As pessoas gemiam de desespero, de raiva. As lágrimas encharcavam suas roupas, molhavam seus cabelos. Todos desmoronavam aos pedaços, socavam as paredes. Sorrow trovejou na direção do piano, e o instrumento tombou de lado com um estrondo terrível. A criatura cobriu o rosto com os dedos de gravetos e seus ombros sacudiam com o choro.

E então Hazel entendeu. Ben a estava guiando através da tempestade de dor. Ele cantava a raiva e o desespero. Ele cantava a terrível solidão, porque não havia maneira de desligar um sofrimento, de deixá-lo de lado ou lutar contra ele. A única forma de acabar com a tristeza era passando por ela.

Quando Hazel se deu conta disso, a canção começou a mudar. Ficou mais suave, mais doce, como a manhã que vem após um choro demorado, quando a cabeça ainda dói, mas o coração já não está mais tão quebrado. Como flores que desabrocham sobre uma sepultura. E por toda a sala, uma por uma, as pessoas foram parando de chorar.

O monstro ficou imóvel.

Ben parou de cantar. E desmontou sobre o banco do piano, exausto. Ainda chorando, a mãe deles estendeu a mão e entrelaçou os dedos com os do filho.

Por um momento, só havia silêncio. Sorrow olhou ao redor com os olhos negros estranhos, como se acordasse de um sonho longo. Severin conseguiu ficar de pé e caminhou até ela.

Ela olhou para ele, estendeu a mão com seus longos dedos. Desta vez, parecia consciente da situação, embora sua expressão fosse indecifrável. Hazel não tinha ideia se ela seria capaz de atacá-lo ou não.

Ele esticou uma mão e tocou no rosto coberto de musgo dela. Por um instante, o monstro inclinou-se para receber o toque, quase com carinho. Em seguida, deixando para trás a mobília esmagada e os moradores da cidade atordoados, simplesmente marchou para longe e se foi.

CAPÍTULO 19

Hazel largou o sabre, que bateu no chão com um som metálico. Os nós de seus dedos estavam machucados. Ela se sentia toda machucada, mas ao menos os ossos estavam intactos. A sala de estar dos Gordon estava uma bagunça: quadros quebrados, pufes rasgados, folhas e terra espalhavam-se pelo chão de madeira arranhado.

Uma mulher gemia em um dos cantos. Outra chorava em soluços que não pareciam mais forçados garganta a fora. A mulher chorava por vontade própria.

— Precisamos do sangue do monstro! — Do chão, Jack gritou para Hazel. Em seu colo, Carter repousava, inconsciente. Hazel virou-se na direção dele, surpresa. Jack não costumava ser tão vingativo. Ao ver a expressão dela, ele balançou a cabeça. — Foi isso que você disse que acordaria as pessoas, isso é o que pode curar Carter. Precisamos do sangue dela.

Hazel assentiu. É claro. Foi o que Alderking tinha dito a ela. O que consistia em um problema, como aqueles de matemática que havia na escola: para tirar o sangue de um monstro, você precisa de uma espada mágica; para conseguir uma espada mágica, você precisa saber com quem o seu "eu" da noite andou conspirando; para saber com quem o seu "eu" secreto está mancomunado, você precisa saber quem teria interesse em libertar Severin; para saber quem gostaria de ver Severin livre, você precisa…

— Vamos — chamou Ben. A voz dele estava baixa e rouca, como se ele a tivesse machucado ao cantar daquele jeito. Bem estendeu a mão para Jack, segurando no ombro dele. — Vamos sair daqui. Agora estamos todos atrás da mesma coisa e não temos muito tempo.

— Heartsworn — concluiu Severin, abaixando levemente a cabeça na direção de Hazel. — Você lutou muito bem.

Guiada pelo instinto, ela se movimentara de um jeito que não sabia ser capaz. Bastava que não pensasse demais. Nos momentos em que tinha se perguntado por que estava segurando a espada em determinado ângulo ou o que faria a seguir, tinha vacilado e perdido o tempo de reação. O medo executara um bom trabalho o foco de Hazel, mas agora que ela não estava mais com medo, não conseguia que seu corpo fizesse mais nenhum truque.

Jack se levantou, relutante. O povo da cidade também já estava de pé, descendo do segundo andar ou saindo de onde tinham se escondido. As pessoas fugiam pelo gramado, em direção aos carros, para suas casas… Enfim, para qualquer lugar bem, bem longe dali. Precisamos ir embora daqui.

À porta, Hazel olhou para trás. Do outro lado da sala, a mãe dela estava de pé, a mão enganchada num castiçal de parede para recuperar o equilíbrio. Ela olhou para os filhos como se nunca os tivesse visto antes. Hazel se virou para Jack. Ele observava os pais ajoelhando-se sobre Carter, a Sra. Gordon tentando levantar o corpo do filho. Hazel pôde notar a expressão de angústia no rosto de Jack. O Sr. Gordon tinha dito que, por ele, a cidade podia até pegar fogo, mas Hazel tinha certeza de que ele não estava se referindo a Carter.

— Não é culpa sua. — Hazel o tranquilizou.

Jack assentiu e eles saíram, passando pelos sulcos profundos que Sorrow tinha deixado na grama, muito diferentes das marcas de pegadas apressadas. Hazel virou-se para olhar para a casa, para as vigas partidas na varanda, e se perguntou como a cidade explicaria aquilo. Será que os moradores de Fairfold precisariam rever o acordo que fizeram ao irem viver ali? Encarar que nem todas as fadas se contentavam em bebericar o leite de tigelas lascadas? E que algumas queriam sangue?

— Você está bem pra andar de carro de novo? — perguntou Ben ao garoto de chifres, conforme aproximavam-se de Volkswagen.

— No seu carro? — perguntou Severin, acompanhando o olhar de Ben. A expressão desconfiada de Severin quase fez Hazel rir, apesar de tudo. Por fim, ele inclinou a cabeça. — Se esse for o meu destino, então eu aceito.

O garoto de chifres sentou no banco do carona e Hazel e Jack se enfiaram no banco de trás. Ela segurou na mão de Jack e apertou.

Ele apertou de volta uma vez, mas logo soltou.

Eles voltaram para casa em silêncio. Quanto mais o tempo passava, mais a cabeça de Hazel pulsava, mais seus braços doíam por conta da queda no sofá. Um de seus tornozelos estava inchado e um pouco bambo. O corpo dela doía, mas, ao cair da noite, se pegasse no sono, se tornaria outra pessoa. Alguém com lembranças diferentes e, talvez, lealdades diferentes.

Ela não conseguia deixar de pensar no sonho que tivera, em que era um dos cavaleiros de Alderking, tão cruel quanto os outros. Hazel não tinha certeza de que algum dia iria gostar da pessoa que era à noite.

Assim que entraram pela porta da casa dela, Hazel foi até a pia e bebeu um gole grande de água, direto da torneira. Em seguida, sentou-se em cima da bancada.

Ben colocou a chaleira no fogão e tirou um pote de mel do armário. Depois foi até o banheiro buscar água oxigenada e gaze.

— Aquilo que você fez lá — disse Hazel, baixinho. — Foi incrível.

Ele deu de ombros.

— Eu estou surpreso que tenha funcionado.

— O que torna tudo ainda mais incrível. — Ela limpou as mãos na calça jeans.

Severin foi até a mesa e sentou-se em uma cadeira com as costas viradas, como se estivesse montado em um cavalo mágico. Um hematoma começava a despontar em seu queixo. Jack ficou em pé no meio da cozinha, parecendo perdido.

— Então, Heartsworn, hein? — disse Severin. — Mas tem algo mais que você não contou pra gente, não tem, Hazel? Eu disse que você lutou muito bem e é verdade. Eu dei a outra espada a você porque, pela sua postura, vi que sabia lutar. Era melhor que ela estivesse nas mãos de alguém com um pouco de treino, do que nas de alguém sem nenhum. Mas o jeito que você lutou… Eu reconheço. Não é o jeito com que os mortais lutam.

Hazel se esticou até um dos armários e tirou uma tigela. Derramou água oxigenada dentro dela e molhou um pano de prato para passar nos cortes. Tinha chegado o momento que ela temia, o momento em que tudo viria à tona. Hazel não olhou para nenhum dos três quando começou a falar.

— Na festa, eu descobri que estive a serviço de Alderking pelos últimos cinco anos. Todas as noites, assim que durmo, eu acordo e me transformo em outra pessoa. E eu não sei o que essa pessoa fez, só que ela foi treinada para lutar. Acho que o meu corpo se lembra disso, mesmo quando o restante de mim, não.

Pelo menos Jack já sabia. Pelo menos Jack não estava olhando para ela do jeito que Ben estava, como se Hazel tivesse se tornado uma estranha.

— Vocês precisam entender — disse Hazel, forçando-se a continuar. — Eu fiz um acordo há muito tempo, mas eu sei…

— Você fez um acordo com Alderking? — gritou Ben, fazendo com que ela estremecesse. — Você cresceu nessa cidade. Você deveria saber.

Hazel observou o pano de prato ficar cor-de-rosa por causa do sangue à medida que ela o esfregava no braço.

— Eu era criança. Fui idiota. O que você quer que eu diga?

— Por que você fez isso? — perguntou Ben. — Qual foi o acordo? — Sobre o fogão, a chaleira começou a apitar.

Depois de alguns longos momentos, ela desceu da bancada e desligou o fogo.

— Fiz o acordo na época em que caçávamos as Fadas e vivíamos nossas aventuras. — Hazel começou a explicar, virada para o irmão. — Eu não queria parar. Você sabe que não.

Ela esperava ver Ben zangado quando percebesse a estupidez que fizera. Mas não esperava vê-lo com medo.

— Hazel, o que você fez?

— Fiz um acordo para que não precisássemos parar. Você disse que, se fosse melhor na música, poderíamos continuar. — Havia um tom infantil na voz dela, algo que ela detestou.

— Você fez isso por mim? — perguntou Ben, com uma expressão de puro terror no rosto.

Hazel balançou a cabeça com força. Ele tinha entendido tudo errado.

— Não, eu fiz isso por *mim*. Eu não queria parar. Eu fui egoísta.

— Você conseguiu aquela bolsa pra mim… Foi você. — A voz dele agora saía bem baixa. Ben quase parecia estar dizendo as palavras para si mesmo.

— Ben…

— Qual foi a natureza exata deste acordo? — perguntou Severin, com uma indiferença fria que era um alívio.

— Eu prometi que daria a eles sete anos da minha vida. Achei que isso significava que eu simplesmente morreria mais cedo. Como se anos de vida fossem algo que eles pudessem tirar pela extremidade.

Severin assentiu com uma expressão sombria. Ben parecia achar que morrer sete anos mais cedo não fazia daquela troca um acordo melhor. Ele parecia querer sacudi-la e Hazel desejou simplesmente poder parar de falar. Desejou poder fazer com que todos os seus erros desaparecessem.

— Por isso você não me contou nada — concluiu ele.

— Por isso eu não contei nada. Não importa o motivo pelo qual eu fiz. E, seja como for, eu obviamente estraguei tudo o que deveria ter acontecido na Filadélfia. Estraguei tudo e não importa o que me levou a fazer o acordo, porque eu estraguei tudo.

— Do que você está falando? — Ben olhava para ela como se realmente não fizesse a menor ideia.

— Você sabe o que eu fiz. — Ela odiava ter de explicar. Ela odiava que Jack estivesse olhando para ela todo preocupado, e sabia que tudo mudaria quando ele soubesse o que ela fizera. Jack tinha dito que quem dava o coração de bandeja merecia o que recebesse, mas estava errado.

— Hazel, do que você está falando? Da vez em que Kerem te beijou?

— É óbvio que é disso que estou falando — desabafou Hazel.

Ben jogou os braços no ar em um gesto exasperado.

— Não foi *você* quem fez aquilo, foi ele. Porque Kerem era um idiota de treze anos, totalmente confuso a respeito de tudo. Ele estava surtando. Eu falei com ele no Facebook e ele está ótimo agora, sabia? Ele se assumiu e os pais o apoiaram. Ele está até namorando. Mas naquela época Kerem estava surtando, os pais dele estavam surtando e ele queria provar que não gostava de mim. Você simplesmente estava lá. Foi só isso.

— Eu sei o que aconteceu por causa daquele beijo — disse Hazel, olhar fixo na chaleira, enquanto enchia as xícaras de chá.

A voz de Ben tinha ficado mais suave.

— Aquilo não foi por sua causa… você não pode se culpar por eu ter perdido o controle. Eu vivia perdendo o controle. Eu quis ir pra escola de

música exatamente porque já estava com medo do quanto estava perdendo as estribeiras. Quando vi Kerem com você, a primeira coisa que pensei foi que talvez eu tivesse colocado um feitiço nele, pra ele gostar de mim. Porque eu gostava *muito* dele. Depois do que aconteceu, depois da minha professora… Você sabe o que eu fiz com a minha mão… Mas aquilo foi bom. O que aconteceu na Filadélfia foi culpa minha e de mais ninguém.

Hazel chegou a ter um "não" na ponta da língua, tinha *sim* sido culpa dela; mas logo se deu conta de que aquilo soaria ridículo. Eles vinham escondendo segredos um do outro, ressentindo-se com o outro, a troco de nada. Ben nunca a culpou. Por muito tempo, a determinação dela em esconder aquilo do irmão foi o centro de muitas das suas escolhas. Agora, sentia-se inacreditavelmente leve sem aquele peso.

— Quebrar os próprios dedos não foi uma coisa boa, Ben. O seu dom é incrível.

— Você vendeu malditos sete anos da sua vida em troca da minha bolsa e nunca me contou. — Ben ainda parecia irritado, mas não com ela. — Você devia ter me contado. Talvez a gente pudesse ter dado um jeito.

— Bem, agora nós *realmente* temos que dar um jeito. — Jack interrompeu os irmãos. — Conte o resto, Hazel.

E Hazel contou. Contou sobre as mensagens, sobre acordar com lama nos pés e com medo de ter chegado a hora de pagar a dívida. Contou também sobre a festa das fadas e o que Alderking tinha dito. Em seguida, Severin contou a história dele e de Sorrel, enquanto Ben balançava a cabeça em aprovação.

— A questão é: por que agora? — perguntou Ben. — O que mudou? O que Alderking anda tramando?

— Ele encontrou alguma forma de controlar Sorrow — disse Hazel. — Não é isso?

Jack balançou a cabeça.

— Acho que não temos de pensar no que mudou recentemente. Precisamos olhar para o passado. Alguma coisa o irritou e fez com que ele soltasse a coleira das fadas solitárias, como o pessoal falou na reunião. Há oito anos, a Corte do Leste foi tomada. Será que isso seria o bastante?

— Acho muito recente — respondeu Ben.

— Quem manda lá agora? — perguntou Severin, mas Jack ergueu os braços, impotente.

— Não presto atenção em nomes. Não significam nada para mim.

Severin balançou a cabeça, pensativo.

— Eu ainda tenho alguns contatos na corte do meu pai. Ninguém com poder de verdade, mas alguns dos selvagens que conheceram a minha mãe falavam comigo. Disseram que há pouco mais de três quinquênios, Alderking começou a ter um caso com uma das fadas solitárias. Só que a mesma também se envolveu com um mortal e teve um filho dele. Acho que foi mais ou menos nessa época que outros mortais começaram a morrer em maior número, não foi? E foi quando meu pai encontrou realmente uma maneira de controlar a minha irmã, transformando os ossos do finado marido dela em um anel encantado.

— Um quin… o quê? — perguntou Hazel, com um arrepio de terror. Ela tinha visto um anel de osso no dedo de Alderking, mas nunca poderia imaginar ter sido esculpido a partir de um cadáver.

— Quinquênio. Três quinquênios. Quinze anos — explicou Jack, mexendo a boca como se tivesse provado algo ruim. — É uma palavra que cai em exames de admissão para as faculdades. E a mulher de quem você está falando é a minha mãe.

Ben levantou as sobrancelhas. Até Severin pareceu surpreso.

— Sua mãe? — perguntou Hazel. Ela se lembrou da elfa na corte das Fadas, segurando Jack pela manga da camisa. Havia um medo muito real no rosto dela.

Jack assentiu.

— Foi por isso que ela me escondeu. Ela era a amante de Alderking, mas, como ele não era muito bom para ela, ela acabou se envolvendo com um humano e engravidando de mim. Foi por isso que quis me deixar com humanos, para me manter fora do caminho dele. Pelo menos até que ele se esquecesse um pouco.

Hazel se perguntou se Jack já tinha contado essa história a alguém antes. Considerando a maneira como olhava fixamente para a xícara, sem olhar nenhum deles nos olhos, ela suspeitava que não.

A expressão de Severin era puro pesar.

— Se a sua mãe foi infiel a ele, se o rejeitou por um mortal, a vingança dele seria terrível. Não apenas sobre a cidade, nem sobre o tal homem, mas sobre a sua mãe também. Ele a teria machucado.

Jack parecia enjoado.

— Não. Ela teria me contado.

— Parece ser uma boa razão para querer que Alderking morra — notou Ben. — Será que é a sua mãe quem está com a espada?

Hazel hesitou, mas acabou falando.

— Ela realmente me falou uma coisa estranha. Quando eu contei que estava na festa procurando por Ainsel, ela demonstrou saber de alguma coisa, mas ficou me dando indiretas para que eu ficasse quieta.

Jack esfregou a mão na boca, frustrado.

— Ela também fez aquele comentário estranho sobre eu estar lá pra te salvar. Isso significa que as pessoas naquela reunião estavam certas? Tudo isso é culpa minha?

— Não — corrigiu Hazel. — Nunca. Não é culpa sua, de jeito nenhum.

— Mas a mãe de Ja… Como é o nome dela, Jack? — perguntou Severin.

— Eolanthe.

— Eu estive com ela uma vez. — Severin olhou para Jack de um jeito estranho, que fez Hazel imaginar que o príncipe a conhecia mais do que um pouco. — Ela é muito bonita, muito inteligente, mas não é espadachim. Se ela conseguiu tirar Heartsworn de Hazel, seja com truques, por força ou graças à bondade do coração noturno dela, mesmo assim ela precisaria de alguém para usá-la.

— Ok então. Vamos imaginar — divagou Ben. — Jack conta para a mãe sobre uma garota que ele conhece, fala que ela encontrou uma espada. Então Eolanthe decide convencer Hazel a quebrar a maldição de Severin? Convence Hazel a libertar um príncipe adormecido das Fadas, mas sem dar a ele a única coisa que o permitiria enfrentar Alderking empunhando Heartseeker?

Jack assentiu. Ele começou a andar pela cozinha sem olhar para ninguém, envolvido em pensamentos.

— Eu posso ter dito qualquer coisa sobre a Hazel e a espada, quando eu era mais novo. E Hazel provavelmente não precisaria de muito convencimento para quebrar a maldição do Severin.

Hazel riu.

— Ben precisaria menos ainda. — O irmão fez uma careta e ela voltou-se para Jack. — Sua mãe não parece ser o tipo de pessoa que faz alianças por aí. Muito menos comigo. Ela não gostou muito de mim.

— E se for mais simples? — perguntou Ben. — Talvez ela tenha simplesmente roubado a espada e espalhado um monte de bobagens enigmáticas pra confundir a gente. Para nos fazer correr atrás do rabo enquanto ela põe o plano em ação.

— Mas e a maldição de Severin? — perguntou Hazel. — Por que se dar ao trabalho de quebrá-la?

— Pode ter sido uma maneira de desviar a atenção de Alderking — arriscou Jack, olhando para Ben com a testa franzida como se estivessem traçando um plano especialmente maligno em vez de tentar adivinhar um. — Além disso, a libertação de Severin seria a prova de que a espada que estava com Hazel era mesmo Heartsworn. Somente ela poderia esmigalhar o caixão e quebrar a maldição. Não faria sentido roubar uma espada qualquer até ter certeza de que era a espada certa.

Severin erguera as sobrancelhas delicadas.

— Então, voltamos ao ponto de que Eolanthe precisaria de um espadachim.

Ben deu de ombros.

— Você falou que ela era bonita e inteligente. Talvez tenha encontrado alguém bom com a espada e que também quisesse deter Alderking. Deve haver alguns corajosos na corte, certo?

— Bem, pelo menos um — retrucou Hazel com um riso que não tinha nada a ver com humor. — Eu ia gostar de acabar com ele.

— Tem um jeito de mandarmos uma mensagem pra minha mãe — comentou Jack. Ele foi até a gaveta de talheres, tirou de dentro dela uma faca pequena e disse: — Sangue atrai sangue — e com isso saiu pela porta da cozinha para o quintal. — Se ela estiver com a espada, eu vou prometer qualquer coisa em troca dela. Se ela me quiser, serei dela. O que tiver de jurar, eu jurarei.

— Jack! — gritou Hazel. — Você não precisa fazer isso.

— Pode ser que a espada não esteja com ela — alertou Ben. — Pode estar com alguém que nenhum de nós conhece, com alguém que não lembramos de ter conhecido.

— Ou pode estar com a pessoa que escondeu o filho dela de Alderking e que tem um bom motivo para odiá-lo. O que é mais provável? — O rosto de Jack parecia assombrado. — Se não recuperarmos essa espada, Carter já era.

— Jack! — Hazel chamou mais uma vez, mas ele não se virou, não hesitou. Furou a ponta do dedo indicador com a faca, pegou uma folha e escreveu nela com sangue, do jeito que alguém rabiscaria com uma caneta no papel. Depois sussurrou alguma coisa e soprou a folha no ar.

Mas Hazel tinha visto as palavras: *Mãe, se você estiver com Heartsworn, venha com ela até a casa no final da River Street. Feito isso, tudo o que você me pedir eu lhe darei*.

~

Depois de mandar a mensagem, eles esperaram.

Ben estava intrigado, tinha a impressão de se lembrar do nome Ainsel de algum lugar. Então, levando consigo a caneca de chá com mel, foi dar uma olhada em alguns dos livros no escritório, para ver se conseguia encontrar a palavra em algum índice. Severin foi ao barracão da casa buscar o machado de Ben e ver que outras armas poderia afiar para usar.

Sem guardar mais segredos, Hazel estava ansiosa, sentindo-se terrivelmente vulnerável. Havia sombras à espreita. Para se ocupar, foi em busca de todo o ferro e as tesouras da casa, de todo o sal e terra de túmulos, de toda a aveia, frutinhas vermelhas e amuletos. Depois que Severin voltou com as armas, ela espalhou um pouco de cada coisa nos batentes das portas e janelas.

Terminada a tarefa, sentou-se em uma das cadeiras e cochilou. A magia que a deixava servir a Alderking sem dormir parecia estar passando. Foi tomada pela exaustão.

Ao acordar, viu o sol se pondo em uma chama de ouro derretido. Ouviu a voz de Severin no andar de cima, um resmungo baixo e caloroso, e então uma risada contida de Ben.

— Ei — disse Jack, baixinho, chegando perto dela. A calça jeans estava caindo da cintura, deixando à mostra um pedaço da pele morena na faixa onde

a camiseta não cobria. Ela imaginou sua mão repousada ali e fechou os dedos para não ter vontade de tocar nele. — Vim aqui acordá-la antes que você… se transforme.

Hazel estremeceu. Tinha quase se esquecido.

— Nada disso é culpa sua — afirmou Jack. — Só para esclarecer.

— Eu perdi a espada. Eu libertei Severin. Fiz um acordo idiota. Ao menos um pouco da culpa é sim minha. — Ela começou a pentear os cabelos com os dedos e trançá-los. — Mas não vou deixar que ela te leve embora, se você não quiser ir.

Jack deu um sorriso que não era realmente um sorriso.

— Ah, não seria tão ruim. Eu não precisaria estudar para as provas finais, nem arranjar um emprego no verão, nem escolher uma faculdade. Poderia beber vinho de flor-de-sabugueiro o dia todo, dançar a noite toda e dormir em uma cama de rosas.

Hazel fez uma careta.

— Eu tenho certeza de que existem algumas faculdades onde você pode fazer isso. Aposto que existem algumas faculdades onde você pode *se formar* nisso.

— Talvez — disse ele, e depois balançou a cabeça. — Aqui em Fairfold sempre foi como se eu estivesse em um jogo elaborado de fingir, sabe? Fingir ser humano. Fingir que nenhum dos parentes achou estranho quando minha mãe telefonou para tentar explicar que na verdade tinha dado luz a gêmeos, mas que não havia contado a ninguém porque um dos dois ficou muito doente. Fingir que todo mundo tinha acreditado nela. Fingir que meu pai não acha estranho eu existir. Fingir que ninguém na cidade fica me olhando. Fingir que eu não tenho ido à floresta escondido todos esses anos. Fingir que eu nunca fiquei tentado a ir embora. Fingir que eu não consigo fazer mágica. A minha vida sempre foi um barril de pólvora à espera de um fósforo.

— Olá, muito prazer, fósforo! — Hazel apontou para si mesma com os dois polegares, mas sorriu ao fazê-lo na esperança de que isso adoçasse as palavras.

— Olá, fósforo. — De alguma maneira, a voz doce dele deu às palavras um significado totalmente diferente. Hazel pensou sobre quando acordaram

na floresta, o cheiro de agulhas de pinheiro no ar e a sensação da boca dele na dela, o chão duro e irregular sob as costas — e estremeceu.

Mas eles estavam longe da floresta inebriante. E ela ainda não tinha contado a ele.

— Eu gosto de você. — Hazel deixou escapar abruptamente, as palavras saindo totalmente erradas, como uma acusação.

Jack ergueu as sobrancelhas.

— Sério?

— Por que mais eu diria isso? — Agora ele sabia e agora podiam voltar a falar sobre faculdades, sobre matar criaturas ou sobre estratégias ou sobre *qualquer outra coisa*. Agora poderia voltar a se preocupar com a possibilidade de Jack ser levado para as Fadas. Ao menos ele sabia. Ao menos Hazel tinha dito.

— Se você gosta de mim, por que parece estar com raiva disso?

— Eu não estou *com raiva*. — Mas Hazel soava como se estivesse com raiva. Soava furiosa.

Ele suspirou.

— Você não precisa dizer que gosta de mim só porque eu estou tendo um dia ruim ou porque eu disse antes. Você não é obrigada, Hazel.

— Eu sei disso. — Ela sabia disso. Sabia mesmo. Mas fazia séculos que ela gostava de Jack, tanto tempo que o amor que sentia era uma dor que nunca a abandonava. Jack, que a beijara como se nada mais importasse. Jack, que a conhecia tão bem. Ela o amava e tinha acreditado que ele nunca retribuiria esse sentimento. Acreditara nisso com tanta força que, mesmo lembrando das palavras ditas por ele, ainda sentia como se ele fosse retirar tudo e dizer que tinha cometido um erro.

Provavelmente ele deveria mesmo retirar o que disse. Hazel era muito confusa. Não conseguia nem mesmo dizer a um menino que gostava dele do jeito certo.

— Você não me deve isso! E se você me disse isso achando que não faz diferença, já que eu não vou estar aqui para descobrir que é mentira… — falou Jack.

E, de repente, ela percebeu que ele realmente não acreditava nela. A declaração tinha sido ainda pior do que ela pensava.

— Não. Não, Jack. Eu não estou mentindo.

— Hazel… — Ele começou a falar, com a voz calma.

— Olha só… — Ela o interrompeu, na esperança de que fosse acertar desta vez. — Depois que fiz aquele acordo, achei que seria levada pelo Povo. E eu poderia ter sido! Eu não queria me envolver com ninguém, ok? Eu não sou boa em me aproximar das pessoas. Eu nunca tive um namorado. Eu nunca saí mais de uma vez com alguém. Eu fico com os garotos nas festas, mas com certeza não digo que gosto deles. Eu não sou boa nisso, ok? Isso não quer dizer que não seja verdade.

— Ok — concordou Jack. — Mas eu conheço você da vida toda, Hazel. Seu irmão é meu melhor amigo. Eu escuto as coisas que vocês falam um pro outro, e também as que vocês não falam. Eu sei que você não quer se aproximar de ninguém, mas não é só por causa das fadas.

— Como assim?

Ele balançou a cabeça.

— A gente não devia falar sobre isso.

— Não — discordou ela, embora estivesse gelada dos pés à cabeça. — No que você está pensando?

Ele suspirou.

— Ah, Hazel. Foi você quem me mostrou como procurar comida na floresta, sabe? Tínhamos o quê, nove, dez anos? Você se lembra do motivo pelo qual aprendeu isso? Por que era tão entendida do assunto? Você se lembra daquela vez que ficou pra jantar lá em casa e escondeu comida no guardanapo pra comer depois? Porque não tinha certeza se os teus pais iam lembrar de oferecer comida, mas todo mundo fingia que estava tudo bem? As festas que os seus pais costumavam dar eram lendárias, mas ouvi histórias sobre você e seu irmão comerem do pratinho do cachorro. Eu ouvi você contar essa história, também, como se fosse uma piada. Você fala da sua infância como se tivesse sido uma loucura boêmia, uma coisa divertida, mas eu me lembro de como não era divertido para você na época.

Hazel piscou. Tinha ficado tão boa em reprimir as memórias que não gostava, tão boa em trancá-las bem guardadas. Nada do que ele disse devia tê-la surpreendido; eram apenas fatos sobre a sua vida, afinal. Mas ela se viu

surpreendida mesmo assim. Tudo aquilo tinha acontecido há tanto tempo que ela achava que não importava mais.

— Os meus pais estão bem agora. Eles cresceram. Ficaram melhores com as coisas.

Ele assentiu.

— Eu sei. Eu também sei que você sempre acha que é você que tem que resolver tudo, mas não tem que ser. Algumas pessoas são de confiança.

— Eu ia salvar Fairfold.

— Não dá para salvar um lugar. Às vezes não é possível salvar nem mesmo uma pessoa.

— A gente pode se salvar? — perguntou Hazel. Soava importante, como se a resposta dele fosse *a* resposta, como se de alguma forma ele pudesse realmente saber.

Ele deu de ombros.

— Precisamos tentar, não é?

— Então você acredita em mim? Que eu gosto de você? — Ela perguntou. Mas ele não chegou a responder.

Ben entrou na cozinha triunfante, segurando um livro no ar.

— Eu achei. Eu achei! Eu sou um gênio! Minha memória é de gênio! Eu sou tipo aquelas pessoas que contam cartas em Las Vegas!

Hazel se levantou.

— Ainsel?

Ele assentiu.

— Aliás, Hazel, isso estava no teu quarto.

Ela reconheceu o livro, assustada. A lombada dizia: FOLCLORE DA INGLATERRA. Era o livro que tinha encontrado no baú, embaixo da cama. Como não tinha compreendido o significado?

O irmão abriu o livro.

— Tem uma história de Northumberland sobre uma criança que não quer ir dormir. A mãe diz a ele que, se ele ficar acordado, as fadas virão para levá-lo embora. Ele não acredita, então continua brincando enquanto o fogo da lareira começa a morrer. Um tempo depois, uma fada aparece, uma fadinha linda, criança, que quer brincar com ele. O menino pergunta à fada o nome

dela, e a criatura responde: 'Ainsel'. Então ela pergunta o nome do menino e ele diz, 'my Ainsel', ou seja, minha Ainsel com um sorriso perverso.

"Então eles brincam mais um pouco e o menino tenta reanimar o fogo. Ele consegue avivar as chamas, mas uma das brasas rola para fora e queima o dedão da fadinha. Ela uiva loucamente e a fada mãe, enorme e assustadora, desce pela chaminé. O garoto pula na cama, mas ele ainda pode ouvir a fada mãe exigindo da filha o nome de quem a queimou. 'My Ainsel! My Ainsel!', a menina fada grita. Aparentemente, 'my Ainsel', quando dito com o sotaque de Northumberland, soa igualzinho a 'my own self', ou seja 'eu mesma'. Ao ouvir aquilo, a mãe fada fica muito zangada. 'Então está bem', diz ela, pegando a fadinha pela orelha e arrastando-a para dentro da chaminé, 'você não tem ninguém para culpar além de si mesma'. E é isso. Ainsel. *My Ainsel. My-own-self*. Você mesma." — Ben fez uma reverência exagerada.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou Jack.

Eu mesmo. O meu próprio "eu".

— Me dá uma caneta — pediu Hazel com a voz um pouco trêmula. Ela abriu o livro em uma das últimas páginas, em branco.

Ben tirou um marcador da gaveta de tralhas da cozinha e entregou a ela:

— O que houve?

Com o marcador na mão direita, ela escreveu "sete anos para pagar o que está a dever". E então, trocando de mão, escreveu as mesmas palavras, agora com a esquerda.

Era a mesma letra que tinha visto nas mensagens dentro das nozes, a mesma letra que tinha escrito AINSEL na parede. Por um longo momento, Hazel ficou apenas olhando para a página diante de si. A palavra rabiscada com lama na parede não era o nome de um conspirador nem de um inimigo. Era uma assinatura. A dela.

Não havia um alguém. Nenhuma figura sombria mexendo os pauzinhos, deixando pistas, guiando a mão dela. Era apenas ela mesma, descobrindo uma maneira de abrir o caixão, tentando descobrir o valor da espada que tinha. Apenas ela mesma percebendo o que Alderking pretendia fazer com Fairfold e tentando impedi-lo.

My Ainsel. O meu próprio "eu".

Uma mensagem codificada, porque Alderking a proibira de revelar a natureza do acordo deles para a Hazel do dia. Sendo assim, tudo o que ela podia fazer era deixar algumas dicas e charadas desesperadas.

Ela se lembrou do que Severin tinha dito sobre quando foi acordado. Ele tinha ouvido a voz dela, mas *quando acordei completamente*, o céu já estava claro e você tinha ido embora. Claro que tinha ido embora; ela teve de correr para a cama e virar a Hazel do dia. Mal deve ter tido tempo, porque não pôde sequer limpar a lama dos pés. Em pânico, escreveu na parede e jogou o livro no baú recém-esvaziado. Tinha quebrado o caixão com um plano na cabeça, com a possível intenção de negociar com Severin ou devolver a espada a ele. Quaisquer que fossem os planos, antes de ele acordar, Hazel deve ter percebido que descobririam que ela estava em posse de Heartsworn.

Então decidiu escondê-la em algum lugar onde ninguém pensaria em procurar, um lugar onde Alderking não conseguiria encontrar, mesmo se encontrasse a própria Hazel.

E então — bem, então Hazel tinha passado a noite seguinte em claro, procurando por Ben na floresta e sendo ameaçada por Severin. Tinha dormido apenas alguns instantes, quase ao amanhecer. Tempo suficiente para o «eu» da noite escrever o bilhete que ela encontrou na mochila. *Se no céu lua cheia a pino; é melhor que cedo já esteja dormindo*.

Mas Hazel não obedeceu. Tinha ficado mais uma noite em claro, não deixando tempo para a Hazel noturna recuperar a espada, não deixando tempo para que ela traçasse um plano B, não deixando tempo para nada.

O primeiro bilhete, aquele dentro da noz que Hazel achou no Lucky's, poderia ser um teste do "eu" da noite, para ver se conseguiria mandar uma mensagem para o "eu" do dia sem ser flagrada por Alderking. E o bilhete seguinte teria sido no auge do pânico, quando não tinha certeza se estava prestes a ser descoberta e não queria deixar nada incriminador, caso alguém do Povo visse. Hazel também não queria deixar tantas pistas para o "eu" do dia a ponto de colocá-la em perigo sem que soubesse de toda a história.

Que bagunça que tinha feito.

Severin desceu a escada, segurando um artefato pontudo que ele tinha feito com lâminas de serra e o cabo de madeira de um ancinho.

— Tem alguém lá fora — disse ela.

Hazel foi até a janela e os viu cercando a casa. Cavaleiros em corcéis mágicos e, atrás deles, a mãe de Jack, com um longo vestido verde e dourado esvoaçante. Eolanthe desmontou do cavalo e caminhou na direção da casa.

— Mãe! — disse Jack escancarando a porta.

— Espere! — gritou Hazel. — Ela não está com Heartsworn, Jack!

Mas Ben já tinha espalhado o sal e as frutas com os pés, de modo que a fada poderia entrar. Os olhos de Eolanthe eram prateados e o cabelo verde como grama nova. Quando olhou para Severin, seu sorriso virou gelo.

— Achei mesmo que encontraria você aqui — comentou.

Ele fez uma pequena reverência respeitosa.

— Eolanthe, minha senhora. A que devemos o prazer de sua visita? Vejo que estão com a senhora os guardas do rei, e eu não estou em boas graças com ele.

— Entenda — explicou ela, virando-se para Jack, que estava de pé, paralisado, a mão ainda na maçaneta. — Quando eu revelei onde o filho dele estava, ele prometeu poupar o meu. Ele me garantiu a sua segurança. Você não sabe o que isso significa, Jack.

Hazel já suspeitava que eles estavam errados, gravemente errados, ao suporem que Eolanthe estaria com Heartsworn. Agora percebia que também estavam errados sobre a lealdade dela. Tinham errado em todos os aspectos.

— Como você pôde fazer isso? — Jack cuspiu as palavras. Todo o seu corpo tremia, como se estivesse prestes a desmoronar. — Como você se diz minha mãe e negocia a vida dos meus amigos?

Ela deu um passo para trás, irritada com a força da raiva dele.

— Pela sua segurança! Não tenho mais do que alguns instantes para levá-lo daqui. Vamos. Independentemente do que pense a respeito de mim, você poderá fazer mais pelos seus amigos se não estiver acorrentado junto com eles.

— Não! — gritou Jack. — Eu não vou com você. Não vou.

— Preste atenção no que ela diz — disse Severin. — Não há vergonha em querer viver. Sem Heartsworn, não podemos ganhar.

Mas Jack apenas balançou a cabeça.

Hazel precisava fazer alguma coisa, mas só conseguia pensar em um movimento possível. Lembrou-se da história que Leonie tinha contado a ela,

sobre como Jack fizera Matt socar a própria face. Lembrou-se do jeito com que Jack tinha dado um nó em seu cabelo para que ela não chorasse.

— Jack — disse Hazel, agarrando-o pelo braço para que Jack olhasse para ela. — Você pode me fazer dormir?

Os olhos de Jack estavam cheios de angústia. Ele parecia não entender o que Hazel estava pedindo.

A mãe dele franziu a testa e falou:

— Jack, você precisa vir comigo.

— Você pode me fazer dormir? — perguntou Hazel de novo, levantando a voz até quase um grito. — Como um feitiço, como o que você fez pra que eu não chorasse diante de Sorrow. Ainda é noite, então se eu dormir e acordar de novo, não serei eu mesma. Serei ela, a outra Hazel. Ela irá te contar tudo.

Todos olharam para ela sem entender coisa algum, mas Hazel não podia falar mais nada, não com Eolanthe ali, pronta para contar tudo ao Alderking.

— E se a Hazel da noite não estiver totalmente do nosso lado? — perguntou Severin, erguendo uma das sobrancelhas. — Ao menos você, a *nossa* Hazel, irá lutar por nós.

Ela sorriu com aquilo, o príncipe a chamando de "nossa Hazel". Exatamente como em uma das histórias que ela e Ben inventavam.

— Hazel está sempre do nosso lado — corrigiu Jack.

Ele tocou no rosto dela com carinho. Ela pensou que ele fosse dizer as palavras para enfeitiçá-la, mas em vez disso ele se inclinou e deu um beijo nela. Ela sentiu a pressão suave da boca dele, sentiu o sorriso em seus lábios. Então ele se afastou um pouco e disse:

— Durma.

Ela sentiu a magia tomar conta dela com uma onda, e no último segundo, mesmo tendo pedido a Jack que fizesse aquilo, Hazel lutou contra o encantamento. Tentando manter os olhos abertos, se debateu na almofada. Até que cambaleou e caiu. As últimas coisas em sua memória eram o grito de Ben e a mão de Jack segurando-a instantes antes de ela bater com a cabeça no chão.

CAPÍTULO 20

Entre um piscar de olhos e outro, Hazel acordou.

Ao lado de vários cavaleiros de Alderking, marchava através de uma espécie de caverna. Acima deles, uma luz leitosa passava por entre as folhas e o vento fazia os galhos dançarem. O dia tinha chegado. Então eles seguiram para a escuridão da colina oca. Em seu interior, o teto estava coberto de raízes serpenteantes, braços pálidos acenando para eles; espinhos e cipós subiam pelas paredes, desabrochando em estranhas flores brancas. Cogumelos azuis ladeavam a trilha.

E logo atrás dela, guardada por dez cavaleiros de cada lado, havia uma jaula de metal negro retorcido em formato de galhos dobrados. Apoiada em grandes rodas ornamentadas, a jaula rangia. Dentro dela, Severin e Ben, que estava sentado no chão do cativeiro parecendo apavorado, mas sem ferimentos. Severin andava dentro dela como um animal no zoológico, sua raiva parecendo irradiar. Tinha um corte no rosto e uma mancha escura no tronco que, mesmo àquela distância, Hazel sabia que era sangue.

Hazel vacilou. Por que ela estava livre se eles tinham sido capturados? Quando tinha sido a luta? O que Hazel tinha feito?

Por que ela não tinha lutado com eles? Por que ela não estava na jaula?

— Sir Hazel? — chamou uma voz familiar.

Hazel então percebeu que estava entre cavaleiros de Alderking, vestida como um deles, com o gibão rígido que tinha encontrado onde a espada deveria estar, ao lado do livro. Ao olhar para o cavaleiro que tinha falado, Hazel se deu conta de que usava uma roupa igual à dele, embora ele tivesse placas de metal dourado e brilhante em um dos braços, uma grande peça no

cotovelo e uma placa ao longo do maxilar inferior. Era estranho e ameaçador, mas ainda assim, lindo.

Marcan. Foi assim que Jack o chamara na festa da lua cheia.

Não, ela não estava simplesmente junto dos cavaleiros de Alderking, não estava somente vestida como eles. Ela *era* um deles. Por isso Marcan tinha dito seu nome em tom preocupado. Ele a conhecia — conhecia a Hazel da noite, a Hazel cavaleiro, a Hazel que tinha servido ao Alderking e que ainda servia, aquela que deveria estar ali em seu lugar momentos antes. Lembrou-se das palavras de Marcan na festa: *Hazel não há de se importar em vir comigo. Nossas espadas já se cruzaram antes*.

— Eu estou bem — garantiu Hazel. Então levou a mão ao cinto automaticamente, mas não havia espada na bainha. É claro que não. A espada tinha desaparecido. Ela a escondera.

— Você está encrencada — alertou Marcan, em voz baixa. — Tenha cuidado.

A procissão parou em frente ao trono de Alderking, onde ele aguardava junto à sua corte. Ao lado dele havia um caixão de metal negro e cristal, ainda mais intricado e cheio de detalhes do que aquele que um dia ficara na floresta. Ao lado dele, de pé e com uma das mãos sobre o painel transparente, havia uma pequena criatura franzina, que tinha uma nuvem de cabelo prateado e trajava um gibão escarlate. Usava pulseiras intrincadas de pedrarias nos braços e havia um broche preso ao tecido de sua camisa, com asas que se mexiam ao vento, como se uma mariposa de ouro e pérolas, com olhos de pedras preciosas, pudesse estar viva. *Grimsen*, Hazel se lembrou, da história de Severin. O ferreiro cujos poderes eram tão grandes que Alderking o trouxera da antiga corte.

O mesmo Grimsen que, junto com os irmãos, tinha feito Heartseeker e Heartsworn. Ele, que podia dobrar metais em qualquer formato. Hazel deve ter olhado fixamente para ele, porque Grimsen se virou na direção dela e deu um sorriso falso. Seus olhos negros brilhavam.

Hazel procurou desesperadamente por Jack em meio à corte sombria. O avistou montado à frente da mãe em um corcel malhado. Seu rosto não tinha expressão alguma, um curioso vazio. O olhar dela fixou-se nele, até que Jack

finalmente percebeu. Ele arregalou os olhos, abriu as palmas das mãos e baixou o olhar para elas.

Confusa, ela imitou o gesto.

O coração de Hazel voltou a bater acelerado. Na mão direita, em tinta preta, como a de um marcador, estavam as palavras *cenouras* e *arame*, com a mesma letra rabiscada de todas as outras mensagens. E na esquerda as palavras *Lembre-se de se ajoelhar* escritas em caligrafia familiar — a dela própria.

As duas primeiras pistas eram uma referência à história do agricultor e do *bicho-papão*, a que Hazel tinha achado que não fazia sentido algum. Eram as mesmas palavras que haviam sido circuladas com lama, mas ela continuava sem entender a pista.

E a terceira pista… Uma lembrança para que tivesse bons modos?

Esquadrinhando a multidão, procurou novamente por Jack. Passou os olhos por uma mulher corcunda de bengala, por um homem verde narigudo e de cabelo preto arrepiado, por uma criatura dourada com pernas longas iguais às de um gafanhoto.

Ninguém correspondeu ao olhar dela. Jack não estava lá.

— Sir Hazel — disse Alderking. — O sol está nascendo e então você não é mais minha pequena marionete.

Várias damas da corte, algumas vestidas com saias de renda delicada, outras vestindo nada, começaram a cochichar atrás de leques e mãos. Uma puca riu tanto que relinchou como um pônei.

Ela fechou a mão em punhos, tentando lutar contra o pânico.

— Olhe só a sua cara! — gritou a puca, revirando alegremente seus estranhos olhos dourados de cabra — Você precisava ver a sua cara!

Hazel olhou para Ben, na jaula. Ele estava de pé, agarrando as barras. Quando viu que ela estava olhando para ele, Ben deu um sorriso um pouco inseguro, como se estivesse tentando parecer corajoso. Era um sorriso que Hazel não merecia de forma alguma.

— Mas você ainda é minha — prosseguiu Alderking. — Você faria bem em não se esquecer disso, Hazel. Venha à frente e se ajoelhe diante de mim.

Ela se ajoelhou, sentindo o frio da pedra se espalhar pelo tecido estranho, quase metálico, da calça que vestia.

Lembre-se de se ajoelhar.

— Olhe para mim — exigiu Alderking.

Ela obedeceu, olhando para o verde venenoso de seus olhos e para a longa capa de penas de corvo em cima dos ombros, cada uma delas brilhando no mesmo tom preto-azulado de uma mancha de óleo. Alderking era absurdamente lindo, do mesmo jeito que facas e bisturis podem ser belos. Tinha tentado evitar pensar nisso, já que ele era o pai de Severin e não era certo que ele fosse tão belo quanto o filho, mas olhando assim para ele, era impossível de ignorar. Ele era um rei dos contos de fadas, radiante e terrível. Parte dela *queria* servir a ele, e quanto mais ele olhava para ela, mais forte era esse sentimento.

Ela se forçou a desviar o olhar dos olhos dele, obrigando-se, em vez disso, a estudar seus lábios.

— Imagine a minha surpresa ao encontrar Severin escondido em sua casa. Você não apenas falhou em sua missão, como também desperdiçou a minha boa vontade.

Ela ficou em silêncio, mordendo a parte interna da bochecha, e baixou a cabeça.

Alderking claramente não esperava nada menos.

— Vai negar, pequena traidora? Vai fingir que pretendia traí-lo? Vai dizer que ainda é minha serva fiel?

— Não — disse Hazel, tentando não mostrar o pânico no rosto. — Eu não vou.

Pela primeira vez desde que tinha sido levada até ele, Alderking parecia desconfiado.

— Venha cá, Eolanthe. Diga à corte o que sabe.

A elfa, mãe de Jack, deu um passo adiante, com uma folha em uma de suas mãos. Hazel soube imediatamente o que era. Eolanthe leu as palavras escritas com o sangue de seu filho e, quando pronunciou Heartsworn, o zumbido das conversas cessou, como se o nome da espada em si fosse um feitiço.

Eolanthe estava levemente trêmula. Alderking a observava com olhos ardentes e possessivos. Olhava para ela como se tivesse relembrado que estava com raiva dela e como se a lembrança da própria raiva o excitasse. Hazel percebeu porque Eolanthe não queria que Jack chamasse a atenção de Alderking.

Um instante depois, toda a força daquele olhar estava novamente em Hazel.

— Diga-me, Hazel, o que lhe faz pensar que um dos membros da minha corte poderia estar com Heartsworn?

Hazel engoliu em seco.

— Ela tem de estar com alguém. Somente Heartsworn poderia ter quebrado o caixão, somente ela poderia ter libertado Severin.

Alderking inclinou-se para frente, ávido por mais.

— E quem compartilhou essa parte da maldição com você?

Hazel balançou a cabeça. Essa parte era fácil.

— Severin.

Alderking fez um sinal e a jaula foi empurrada para mais perto dele. Ele estudou o filho com estranha possessividade, olhando para ele do jeito que se olha para uma valiosa pintura guardada no depósito por ter ficado arranhada. Uma pintura que você não quer mais pendurar onde os outros possam ver, mas que também não está disposto a abandonar.

Severin o encarou de volta com os olhos famintos. Ben estava de pé à sombra, de modo que era difícil ver o rosto dele. Hazel se perguntou no que ele estaria pensando.

— Quem libertou você? — Alderking perguntou ao filho. — Diga-me onde está a espada e eu irei perdoá-lo. Você poderá se sentar ao meu lado como meu herdeiro novamente. O que você acha? Eu tenho os meios para me vingar da Corte do Leste. Com sua irmã sob meu controle e as espadas gêmeas de novo sob meu poder, nada mais estará em meu caminho.

"Destruiremos Fairfold, destruiremos todos aqueles que ficaram boquiabertos por todos esses anos enquanto você dormia. Mostrarei a você o que pode ser a força da sua irmã, quando controlada. Você verá a facilidade com que retomaremos a Corte do Leste, com que arrancaremos daquele trono o cavaleiro aproveitador que lá está".

Hazel prendeu a respiração. Ele falou sobre destruir Fairfold como se isso fosse nada, como se a cidade fosse uma mancha a limpar.

Na jaula, Ben sussurrou alguma coisa para Severin, mas o garoto de chifres balançou a cabeça. Quando ele se virou para o pai, seus olhos ardiam e brilhavam.

— Deixe que os mortais partam e me sentarei ao seu lado, pai. Deixe-me sair da jaula e tomarei o meu lugar ao seu lado.

A boca de Alderking era um esgar.

— Onde está Heartsworn?

Severin balançou a cabeça negativamente.

— Você primeiro. Eu estou na jaula.

Por um momento, Hazel se perguntou se Alderking deixaria Severin sair, se Severin os trairia. Mas então Alderking riu e chamou uma criatura de armadura vermelha, com uma cauda que chicoteava e orelhas iguais às de uma raposa.

— Solte o mortal e me traga Bone Maiden, com todas as suas facas.

Ben gritou, e uma dúzia de cavaleiros se reuniu em torno da jaula e enfiou as espadas entre as barras de metal para manter Severin no fundo. Então abriram a porta e arrancaram o irmão de Hazel para fora. Severin agarrou um dos cavaleiros e torceu o braço dele com força, quase puxando-o entre as grades. A criatura gritou e Hazel ouviu um som seco, como um osso quebrando.

Hazel fez menção de ir até eles.

— Alto lá, Sir Hazel. — Alderking a impediu. — Você ficará exatamente onde está ou cortarei a garganta de Benjamin.

Ela parou de se mexer. Três cavaleiros pressionaram suas lâminas contra a pele de Severin, que ofegava e não mais oferecia resistência. Dois cavaleiros pegaram Ben e o arrastaram pelo chão de pedra, depois empurraram-no em direção a uma bruxa. Invocada por Alderking, a criatura tinha um rosto tão azul quanto pena de pavão e vestia um roupão negro. Ela apertou os dedos longos — cujas pontas sem carne revelavam os ossos brancos — na testa de Ben, inspecionando sua marca de nascença.

— Agora, você ou meu filho vão me contar tudo o que aconteceu com Heartsworn. Caso contrário, Benjamin irá sofrer. — O sorriso de Alderking era terrível.

— Bendito e maldito, maldito e bendito — disse a mulher azul, antes de pegar um dos dedos dele e torcer com força.

Ben gritou, verdadeira e incontrolavelmente.

— Chega! — gritou Hazel. Se ela soubesse onde Heartsworn estava poderia dizer a Alderking, mas era impossível pensar, impossível raciocinar qualquer coisa com Ben gritando. Ela ficou contente por ainda ter no cabelo o nó que Jack fizera. Sem ele, já teria chorado. — Chega. Pare com isso ou irei impedir você.

Alderking riu.

— Ah, sim, agora sim a sua verdadeira natureza está vindo à tona. Você brinca de ser obediente, mas não é obediência se você responder apenas às ordens que desejar. Assim como meu filho faz.

Ben gritou de novo. Um segundo dedo.

Alderking tinha Heartseeker à sua direita, dentro de uma bainha feita da pele de uma criatura peluda qualquer. Hazel seria capaz de conseguir outra arma e cortar a garganta dele antes que Alderking apontasse a espada contra ela? Improvável, pensou Hazel. No entanto, reparou que, entre as damas da corte, havia uma menina com pés de bode que trazia uma faca presa ao cinto. Ela se imaginou pegando a lâmina. Contou mentalmente quantos passos havia até o trono e calculou o quão rápido ela poderia chegar lá se corresse. Seus dedos tremeram.

Precisava fazer alguma coisa.

— Não se pode curar os dedos de um músico sem quebrá-los — disse Alderking. — Seu irmão está sofrendo, mas o sofrimento pode ser uma bênção para ele. Se vocês dois continuarem com a teimosia, farei muito pior. Certas torturas são tão terríveis que mudam uma pessoa para sempre. Certas torturas são tão terríveis que as mentes se recusam a suportá-las. É melhor me contar o que você sabe e é melhor que seja agora.

— Deixe Benjamin em paz — gritou Severin. — O seu assunto é comigo, pai. Deixe ele ir!

Hazel precisava fazer alguma coisa. Precisava impedir que Ben sofresse mais.

— Fui eu — reconheceu Hazel. — Eu que libertei Severin. Eu. Então deixe Ben ir. Fui eu que fiz isso, e fiz tudo sozinha.

— Você? — Alderking ficou de pé, com os olhos em chamas. — Você, que veio ao nosso espinheiro sagrado e pediu a nossa ajuda? Não foi você quem entregou sete anos da sua vida voluntariamente? De bom grado, até? Eu

poderia ter tirado esses sete anos da maneira que quisesse, mas não fui cruel. Em vez disso, dei não apenas o que me pediu, mas todas as coisas que você nunca ousou pedir. Quando você veio a mim era uma criança de apenas 11 anos. Tiramos você de sua cama para voar pelos céus agarrada em juncos e cipós. Treinamos você para usar uma espada e para aparar um golpe. Ensinamos você a montar nossos velozes corcéis como se fosse o próprio Tam Lin. Uma parte de você se lembra, se recorda do vento jogando seu cabelo para trás e do uivo do céu noturno. Alguma parte de você se lembra das aulas de boas maneiras na corte. Se lembra de rir quando você derrubou uma garota de Fairfold no meio da estrada, os passos dos outros cavaleiros atrás de você, o seu cavalo ultrapassando os deles…

— Não. Você está errado. Eu não fiz essas coisas — negou Hazel, tentando controlar a voz para não falhar. Mas Alderking não estava mentindo, o Povo não *podia* mentir, então parte daquilo era verdade. Hazel lembrou-se do sonho que teve, aquele no qual torturava uma família e ria quando eles se transformavam em pedra. O quanto ela havia mudado quando estava a serviço dele? O quanto podia confiar em seu outro "eu"?

— Realizei seus desejos. — Alderking abriu os braços em um gesto de ampla aceitação, sorrindo. — E se as nossas bênçãos têm farpas, você conhece o bastante de nossa natureza para esperar por isso. Então, me diga: quem lhe disse como libertar meu filho? Quero a verdadeira resposta agora. Quem deu Heartsworn a você? E onde está a minha espada?

— Eu não sei — respondeu Hazel, em pânico, porque ela *realmente* não sabia onde estava a espada. Alderking, no entanto, não tinha qualquer motivo para acreditar nela.

Ele fez um gesto para Bone Maiden, que avançou em direção ao trono apontando uma lâmina fina e serrilhada. O metal parecia ter manchas de ferrugem ou de sangue seco.

— Os mortais são mentirosos natos — disse Alderking. — É a única coisa na qual vocês têm excepcional talento.

Hazel engoliu em seco e se preparou. Permitiu-se sentir medo, deixou-se levar pelo momento e tentou não pensar demais. Ela precisava de seus instintos. Esperava parecer apavorada o bastante para que Bone Maiden achasse que ela seria passiva, que se deixaria torturar, que gritaria e choraria sem

jamais lutar. E quando a criatura se aproximou, a ponto de Hazel sentir seu cheiro de pinho, a ponto de ver o brilho estranho de seus olhos de rubi, ela partiu para cima da faca enferrujada.

A arma arranhou seu braço quando Hazel executou o movimento e então fechou a mão ao redor da lâmina. Cortou a palma da mão, mas conseguiu desarmar a bruxa e cortar sua garganta. O sangue negro começou a jorrar. Os dedos longos da criatura foram até o pescoço, mas os olhos já estavam embaçados e seu brilho se extinguia.

Um cavaleiro agarrou Ben e puxou suas mãos para trás das costas, sem tomar nenhum cuidado com seus dedos. O garoto urrou de dor.

Três dos cavaleiros cercaram Hazel, atentos à faca fina e enferrujada. Ela se agachou, sem tirar os olhos deles.

— Não — ordenou Alderking. — Deixem que ela fique com a faca. Está vendo, Sir Hazel? Desde que eu tenha o seu irmão sob meu poder, será a minha mão empunhando a faca.

— Parece que sua mão escorregou — disse ela, enquanto a bruxa estremeceu pela última vez e então ficou imóvel. Hazel estava vermelha, uma reação à vitória e à violência do embate. Sentia-se como seu "eu" mais perigoso, como o "eu" que antes andava pela floresta de Fairfold acreditando ser seu defensor. Em volta dela, os membros da corte tinham ficado em silêncio. Ela trouxera morte àquele lugar, àquela gente imortal e antiga, e eles a observavam com olhos bem abertos e intrigados.

— Observe — disse ele, como se estivesse dando uma aula a uma criança muito pequena. — Agora, Hazel, quero que você recite a rima para convocar o monstro no coração da floresta, a minha querida filha. Você sabe, não sabe? Diga as palavras ou meu cavaleiro irá estripar seu irmão.

Hazel hesitou por um momento, se dando conta de como estavam todos encurralados.

— Está bem — disse ela, respirando fundo. O ritmo de cantiga de roda trouxe de volta lembranças; pular corda, pés descalços sobre o chão quente de um dia de verão, a sempre presente tentação de dizer aquela palavra final. — Há um monstro em nossa floresta. E ela irá te pegar se você não se comportar. Irá te arrastar por folhas e galhos. Te castigar por todos os malhos. Partidos teus ossos e cortadas tuas asas. Você nunca, nunca mais voltará para… casa.

Hazel sentiu as ondas de magia, sentiu a brisa que soprava na colina oca, sentiu o toque frio que vinha junto dela. Sorrow se aproximava, e se Alderking realmente podia controlá-la, estavam todos condenados.

Alderking assentiu.

— Muito bem. Agora, vamos ver o que mais você é capaz de fazer. Corte o seu próprio braço ou meu cavaleiro irá rasgar o rosto do seu irmão. Vê como urge em me obedecer? Vá em frente.

Hazel arregaçou a manga da camisa, os dedos tremendo. Ela levantou a faca torta da bruxa e apertou a ponta contra a pele. Então apertou com força até a dor aguda e viva se espalhar pelo braço, até um fio de sangue escorrer até a palma da mão e pingar em cima da pedra.

O sorriso que rasgou o rosto de Alderking foi horrível.

— Pare com isso, Hazel! — implorou Ben. — Não se preocupe comigo.

— Já chega, pai! — gritou Severin com a voz cheia de autoridade. — Heartsworn não está com ela.

— Ela é uma mentirosa! — acusou Alderking. — Eles mentem! Todos os mortais mentem.

— É a mim que Hazel está protegendo — disse Jack, dando um passo adiante dos outros membros da corte, os olhos prateados brilhando e a cabeça erguida. Eolanthe tentou segurá-lo, mas ele ignorou o toque da mãe. Todos ao redor calaram-se. Jack se aproximou do trono de Alderking e fez uma reverência elaborada, do tipo que Hazel nem imaginava que ele soubesse como fazer. — Eu conspirei para trair a você. Deixe-a ir. Deixe-a ir e venha punir a mim.

— Não! — gritou a mãe dele. — Você jurou! Você jurou que não faria mal a ele.

— Jack? — perguntou Hazel, franzindo a testa.

Estava tonta, talvez por causa do sangue que escorria pelo braço. Por um instante, se perguntou se havia alguma verdade naquilo, se ainda havia outro segredo a ser revelado. Então viu o lampejo de pânico no rosto de Jack e ouviu a voz dele falhar.

Ele estava ganhando tempo para ela. Tempo para ela decifrar as pistas que tinha deixado para si mesma.

Cenouras. Arame. Lembre-se de se ajoelhar.

O que isso queria dizer? O fazendeiro tinha enganado o *bicho-papão* plantando cenouras embaixo da terra. E os arames tinham sido enterrados também.

Talvez ela tivesse *enterrado* a espada.

— Você? O garoto que brinca de ser mortal? — Alderking estudou Jack com os olhos estreitados e, em seguida, voltou para o trono, jogando a capa para trás. — Que motivos você teria para ficar contra mim? Seu nascimento foi a prova da traição de sua mãe e ainda assim você está aqui, vivo e saudável.

Lembre-se de se ajoelhar.

— Por que o motivo importa? — perguntou Jack, e havia algo em sua expressão, como se estivesse desafiando Alderking.

— É muita presunção, jovem *changeling*. — Alderking ergueu as sobrancelhas. — Eu posso ter prometido à sua mãe que não deixaria ninguém fazer mal a você, mas Sorrow verá com bons olhos sua dor, sua morte, porque tudo o que ela conhece é dor, morte e sofrimento. Coloquem-no na jaula com meu filho.

Jack respirou fundo e então sorriu, deixando-se levar para longe de Hazel, na direção da jaula. O desespero tomou conta dela. Iriam todos morrer. Ela não queria nada além de se ajoelhar na pedra fria e implorar, oferecer qualquer coisa, o que quer que fosse. Mas Hazel não tinha nada a oferecer.

Cenouras. Arames.

Lembre-se de se ajoelhar.

E naquele momento ela se deu conta de qual deveria ser a resposta. Ela sabia onde tinha escondido a espada.

Heartsworn, uma espada que podia cortar qualquer coisa, uma lâmina tão afiada que perfuraria até pedra. E era lá que ela devia tê-la escondido, do mesmo jeito que a encontrara pela primeira vez, enterrada na terra e na areia junto do lago Wight. Tanto quanto não procuraria por Heartsworn entre as nuvens do céu, Alderking não olharia dentro do chão da sala do trono.

Lembre-se de se ajoelhar.

Ela baixou o olhar até o chão, à procura de qualquer brilho no meio da terra, entre as placas gigantes de pedra. Viu algo que achou que poderia ser um

brilho, mas que também poderia ser uma ilusão de ótica. Teria apenas uma oportunidade de descobrir.

Três cavaleiros vestidos de dourado conduziram Jack até a jaula e, cuidadosamente, abriram a porta. Nesse momento Severin se abaixou e rolou por baixo das espadas que os cavaleiros tinham enfiado entre as barras para segurá-lo. Estivera claramente esperando por essa oportunidade e agiu rápido. Rápido o bastante a ponto de já ter passado pela porta e estar de pé quando os cavaleiros sacaram as espadas.

Ferido em alguma luta anterior, vestia os trapos de uma camisa rasgada e ensanguentada enrolada na cintura. Uma camiseta de Jack, ela percebeu.

Os cavaleiros que estavam junto de Hazel correram na direção de Severin, as espadas reluzindo. Hazel teve então sua oportunidade. Atravessou rapidamente o salão até o local onde achava ter visto um lampejo do cabo.

Então, sem querer, olhou para trás na direção da jaula.

Embora os cavaleiros tivessem cercado Severin, nenhum deles tinha a ousadia de atacá-lo, mesmo o príncipe estando desarmado.

— Entregue sua espada — disse Severin para Marcan. Ele parecia exatamente com o príncipe da infância de Hazel, o que um dia acordaria e consertaria tudo. — Entregue sua espada e me deixa morrer com uma arma nas mãos. Eu não quero lutar com nenhum de vocês e meu pai já está com Heartseeker. Portanto não há o que temer por ele. Certamente ele lutará contra mim e é impossível que eu vença.

Os membros da corte se entreolharam, tomados por uma energia nervosa.

Alderking ficou de pé e desembainhou Heartseeker com um terrível som metálico. Então olhou para a multidão reunida que a tudo assistia com ansiedade e algo mais — algo que Hazel achava que podia ser ódio. Alderking não podia perder, não com aquela espada encantada na mão, mas ninguém ficaria feliz com a vitória dele.

— Fique com a minha — disse Marcan, colocando sua espada na mão de Severin.

— Eu não dei licença para você entregar sua arma a ele — gritou Alderking.

— Nenhum príncipe deveria morrer desejando uma espada — disse Marcan, com os músculos tensos na mandíbula. Não era nada seguro dar uma

bronca em um rei.

Alderking sorriu com desdém.

— E ainda assim, muitos morrem.

Mas contra uma espada encantada, Severin iria morrer. Mesmo que fosse o melhor espadachim do mundo, iria morrer. Nenhuma habilidade poderia protegê-lo de uma espada que não errava nunca. Se Hazel não conseguisse pegar Heartsworn, Severin estaria condenado.

Ela notou um brilho que podia ser o pomo de um cabo e se ajoelhou. Deslizou os dedos nela e tentou segurá-la, tentou puxá-la para cima. A coisa escorregou de seus dedos. Ninguém tinha reparado nela ainda, agachada, mas eventualmente repararam, com certeza. Hazel precisava ser rápida.

No outro lado da sala, Severin e o pai tentavam encurralar um ao outro. Heartseeker disparou na direção do ombro do príncipe, que tentou bloquear o golpe. A outra espada era muito rápida, porém, e afundou em seu braço, fazendo Severin gritar. Seu controle sobre a própria espada vacilou. Metal contra metal, os dois trocaram uma enxurrada de golpes. Severin não conseguia esquivar-se com rapidez suficiente. Várias vezes, Heartseeker cortou sua carne. Já ferido, logo Severin se tornou uma confusão de pequenos cortes, sangrando profusamente.

E ainda assim, Hazel sabia que Alderking estava frustrado. Severin era claramente o melhor espadachim entre os dois. O rei constantemente perdia o equilíbrio por causa da própria espada, que dava guinadas nas direções que precisava atacar. Alderking ora dava golpes desleixados, ora golpes que passavam longe, mas que depois se corrigiam. E Severin continuava implacável, defendendo-se sem titubear e atacando com fúria, mesmo quando já não havia mais esperança de vencer, mesmo quando sua derrota já era certa. O rei poderia ser capaz de matá-lo, mas não poderia jamais vencê-lo.

— Por mais divertido que seja — disse Alderking, sem fôlego —, isso não pode continuar. Desista, Severin. Sua irmã está chegando e irá esquartejar você membro a membro, isso se eu não cortar a sua garganta primeiro. De qualquer forma, desta vez quando você deitar no caixão de vidro estará realmente morto, morto e exposto para todo o resto da floresta.

Severin passou a espada no tronco do pai e acertou, cortando o tecido para revelar uma linha fina de sangue escorrendo. Alderking olhou para o filho

como se o visse pela primeira vez.

— Heartseeker nunca erra, pai — disse Severin, andando em círculos de novo. — Isso não quer dizer que eu sempre erre.

Alderking partiu para cima dele sem qualquer postura de combate. E então, súbita e brutalmente, ele enfiou Heartseeker na barriga de Severin. O garoto de chifres gritou e caiu de joelhos, as mãos apertando o estômago. Alderking o golpeara bem onde ele já estava ferido.

Mas, ao recuar, o rei levou a mão ao próprio braço. Sangrava muito, a maré vermelha cobrindo sua mão como uma luva. Ele tinha acertado o filho, mas Severin tinha lhe dado mais um golpe.

— Já chega! — gritou Alderking ofegante, apontando para seus cavaleiros. — Acabem com ele.

Todos ficaram parados, como se não tivessem ouvido o comando. Podiam ser criaturas cruéis e voluntariosas, podiam não se importar nem um pouco com os mortais, mas ainda assim eram cavaleiros, como aqueles dos livros que Hazel tinha lido quando era pequena. Cavaleiros como nas histórias de Ben. O que o Alderking pedia ia contra seu código de honra. Eles não cairiam em cima de um homem ferido, muito menos um que tivesse apanhado tanto em uma luta claramente injusta.

Passado um momento, Marcan deu um passo à frente. Um dos outros pôs uma espada em sua mão. Pareciam ter chegado à conclusão de que, embora fossem obrigados a seguir as ordens de Alderking, somente enfrentariam Severin um por vez, como lhes exigia a honra.

Hazel finalmente conseguiu pegar o cabo da espada. Ela enfiou os dedos dentro da terra, o mais fundo que conseguiu, fincando a unha por baixo do metal e mexendo os dedos até conseguir segurá-la. Com cuidado, ela puxou a espada de dentro da pedra onde estivera enterrada, através do corte profundo na rocha. Até Heartsworn estar em sua mão.

A espada que era dela. Com sua lâmina de ouro brilhante, a tinta preta há muito lascada. A espada que levara em suas costas. Aquela que fazia dela um cavaleiro. Heartsworn.

Quase sem acreditar no que tinha feito, Hazel deu vários passos na direção de Severin, mas naquele momento se deu conta de que já era tarde demais. Ele sangrava muito, por muitas feridas. Quando Marcan começou a cercá-lo,

Severin tropeçou. Ele mal conseguia ficar de pé. Não tinha forças para empunhar a espada e vencer o pai, quanto mais a irmã feroz.

Ela havia fracassado. Era tarde demais.

— Ben! — gritou Severin, enquanto caía no chão. — Benjamin Evans, você está errado, mas não é burro.

— O quê? — Ben gritou de volta de onde estava, à beira da jaula, agarrando as barras com seus dedos quebrados. Seu olhar se alternava entre Severin e Hazel, como se ele não soubesse com quem se preocupar mais.

— Eu te amo — anunciou Severin, olhando para cima, olhando para o nada, com o rosto exultante. — Eu te amo como nos livros de histórias. Eu te amo como nas baladas. Eu te amo como um raio. Eu te amei desde o terceiro mês em que você foi e falou comigo. Eu te amei porque você me dava vontade de rir. Eu te amei porque você era gentil e por causa do jeito que você fazia pausas quando falava, como se estivesse me esperando responder. Eu te amo e não estou tentando zombar de ninguém quando eu te beijo, ninguém mesmo.

Ben tentou ir até ele, agarrando as grades da jaula, mas um cavaleiro o impediu.

— Você é louco! — gritou Ben, e Severin começou a rir.

Hazel atravessou o salão passando diante do trono. Ela não sabia se os outros cavaleiros reconheceram o que trazia nas mãos ou se simplesmente não estavam prestando atenção.

Alderking girou, com os olhos arregalados de surpresa. Então decidiu ser debochado.

— O que você acha que está fazendo, cavaleirozinho? Você ao menos se lembra de como segurar uma espada? Você acha que está sendo honrada? Ele não será capaz de salvar você.

— Não! — disse Hazel. — Sou eu quem tem de salvá-lo.

Alderking a golpeou, mas ela estava preparada e não se preocupou em tentar bloqueá-lo. Ela não apontou Heartsworn para ele, mas para Heartseeker, e bateu com toda sua força.

Heartsworn partiu a lâmina de sua gêmea ao meio com um estalo terrível, tal qual vidros estilhaçando. Alderking olhou para ela, como se não conseguisse acreditar. Então o rei desviou o olhar para algo que ela não conseguia ver, e sorriu. A expressão dele fez Hazel congelar, coberta de medo.

Sorrow tinha chegado.

As damas da corte levaram as mãos à boca para abafar os gritos contidos. Pelas costas, Hazel escutou os passos pesados do monstro, ouviu o chiado de seus galhos e estremeceu, respirando fundo.

E então pressionou a ponta de Heartsworn contra o pescoço de Alderking. A espada fez um furo superficial e o sangue que apareceu marcou a pele dele como um rubi solitário.

— Ela está chegando mais perto, cada vez mais perto — ameaçou o Alderking.

O rei engoliu em seco, segurando a lâmina partida em uma das mãos como se estivesse prestes a se render, como se quisesse largar a espada no chão. Mas Hazel tinha quase certeza de que ele não a deixaria cair.

— Não se esqueça de que eu tenho o anel de osso. Lembre-se que graças a isso eu posso controlá-la — continuou ele.

Hazel engoliu em seco e tomou uma decisão.

— Se você se virar, terá uma chance — disse ele. — Tudo o que você precisa fazer é se virar. Você está com a espada. Mas se não atacar agora, você será dela. Ela lhe fará tossir terra e cipós e a colocará para dormir em uma cama feita com as suas próprias lágrimas.

Uma corrente de ar passou por eles, como se algo se movesse muito rápido. Talvez o monstro estivesse recuando para atacar. Hazel conhecia o gosto da derrota tão bem que já não sentia mais o sabor da vitória; sequer tinha certeza de que se lembrava dele.

Talvez estivesse prestes a perder de novo.

Hazel pensou na criatura que tinha visto na escola, a mesma que vira no dia anterior na casa de Jack. Pensou na beleza estranha e trôpega daquele ser em formato de árvore, na impossibilidade de sua existência. Pensou no jeito com que Ben tinha cantado e em como o monstro tinha deixado Severin tocar em seu rosto.

Sorrow ainda estava mesmo sob a influência de Alderking? Ou estava acordada, consciente, não mais passível de ser enganada por um pedaço de osso?

— Vá em frente! — disse Alderking. — Rápido, você confia em mim ou em um monstro?

— Não… — gritou Jack, mas Hazel não podia esperar ele terminar de falar.

Ela se movimentou rapidamente e deu um golpe certeiro, de modo que a ponta da lâmina partiu em dois o anel macabro de osso.

— Eu jurei que derrotaria o monstro no coração da floresta, e derrotei mesmo. O monstro nunca foi ela. O monstro sempre foi você.

Foi então que os dedos de galho agarraram Alderking. Chocado, ele arregalou os olhos e gritou, chamando por seus cavaleiros, berrando maldições. Ela o segurou até que o corpo dele ficou mole e ele deixou cair a espada quebrada.

Então, soltou-o no chão de pedra.

Hazel se abaixou para afastar dele o que tinha sobrado da Heartseeker. Quando fechou a mão em torno do cabo, Alderking abriu os olhos de repente e esticou-se para tocar em Hazel. Passou o dedo no rosto dela e cuspiu palavras de uma boca manchada de sangue:

— Lembre-se, Sir Hazel. Lembre-se, meu cavaleiro desleal. Eu o amaldiçoo a se lembrar. Eu o amaldiçoo a lembrar-se de tudo.

— Não! — gritou Hazel, balançando a cabeça para frente e para trás e afastando-se dele, trôpega. — Eu não quero. Eu não vou!

Alderking fechou os olhos e seu rosto foi ficando mais relaxado, como se estivesse indo dormir.

Mas Hazel continuou gritando.

CAPÍTULO 21

Era uma vez uma menina que encontrou uma espada na floresta.

Era uma vez uma menina que fez um acordo com o Povo.

Era uma vez uma menina que tinha sido um cavaleiro a serviço de um monstro.

Era uma vez uma menina que jurou que salvaria a todos, mas que com isso esqueceu-se de si mesma. Era uma vez uma menina…

Hazel se lembrou de tudo de uma vez, todas as fechaduras se abriram, todas as memórias voltaram das profundezas sombrias onde ela as enterrara, tudo o que ela era voltou em um golpe só. Não só as lembranças que Alderking lhe havia tirado. As maldições das fadas eram mais poderosas do que isso. Hazel recebeu de volta todas as lembranças que ela alguma vez já tinha tentado esquecer.

~

Na noite do dia em que Hazel matou a bruxa, seus pais deram uma festa que foi até tarde, ficando mais e mais barulhenta com o passar do tempo. Uma discussão sobre o valor artístico da ilustração em comparação com a pintura se transformou em uma briga sobre alguém que traiu alguém.

Ben e Hazel estavam sentados do lado de fora, junto da cova onde tinham acabado de enterrar o cachorro, e ouviram o som distante de uma garrafa sendo quebrada.

— Estou cansado e com fome — reclamou Ben. — E com frio.

Ele não disse *e não podemos entrar em casa*, mas Hazel entendeu essa parte mesmo assim.

— Vamos fazer alguma coisa — sugeriu ela.

Ben olhou para as estrelas. A noite estava clara e fria. Os dois tinham tido um dia cansativo e assustador, e ele parecia desconfiado diante da possibilidade de mais emoção.

— Tipo o quê?

— No seu livro, há um ritual que você precisa passar para ficar pronta para ser cavaleiro. Uma vigília. Temos de fazer isso. Para provar que somos capazes.

O livro estava na varanda, onde eles o haviam deixado. A espada estava escondida no barracão, onde o facão costumava ficar. Ela foi buscar os dois.

— O que diz que temos de fazer? — perguntou Ben, sua respiração condensando no ar em pequenas nuvens de ar quente.

De acordo com o livro, primeiro eles tinham de jejuar. Como eles não tinham jantado, Hazel achou que já contava. Depois, eles tinham de tomar banho para se purificar, vestir túnicas e ficar a noite inteira rezando de joelhos em uma capela. Daí estariam prontos para receber as honras de cavaleiro.

— A gente não tem uma capela — disse Ben. — Mas podemos fazer um altar.

E assim fizeram, usando uma pedra grande. Acenderam umas velas de citronela que encontraram e o quintal ficou iluminado por uma luz fantasmagórica. Então se despiram e se lavaram com a água gelada da mangueira do jardim. Tremendo de frio, enrolaram-se em toalhas de mesa que tinham encontrado na área de serviço.

— Ok. Agora a gente reza? — perguntou Ben.

Eles não eram uma família particularmente religiosa. Hazel não conseguia sequer lembrar-se de ter ido algum dia à igreja, mas, como havia fotos do batizado dela, sabia que sim, que com certeza já tinha ido. Não sabia exatamente o que envolvia o ato de rezar, mas sabia que aparência tinha. Ela botou Ben de joelhos ao lado dela.

O chão estava gelado, mas a espada escorregou para dentro da terra com facilidade. Hazel segurou no cabo e tentou se concentrar em pensamentos de cavaleiro. Pensamentos sobre bravura e honra e rigor e correção. Ela balançava o corpo para frente e para trás sobre os joelhos, murmurando baixinho. Depois de alguns instantes, Ben começou a imitar os movimentos dela. Hazel sentiu como se estivesse caindo em um sonho… Não demorou muito até ela

quase conseguir ignorar o frio que estava sentindo, quase não sentir mais o peso do cabelo que começava a congelar, quase controlar a tremedeira que lhe tomava o corpo.

Em algum momento, Hazel teve a consciência de que Ben se levantara, dissera a ela que estava frio demais e implorara para que entrassem em casa. Ela só balançou a cabeça. Em algum momento, as pessoas foram embora da festa. Ela ouviu carros saindo, algumas trocas de palavras tensas e o som de alguém vomitando ruidosamente nos arbustos. Mas ninguém reparou que ela estava ajoelhada no jardim dos fundos.

Em algum momento, o sol nasceu, fazendo a grama brilhar.

Mais tarde naquela manhã, os pais de Hazel a encontraram ajoelhada no gramado. Entraram em pânico quando descobriram que ela não estava em sua cama e saíram trôpegos pelo quintal, tontos de ressaca. A mãe ainda estava com o vestido da noite anterior, a maquiagem borrada no rosto. O pai estava de camiseta e cueca, andando descalço pela grama coberta de geada.

— O que você está fazendo aqui fora? — perguntou o pai, apertando os ombros de Hazel. — Você ficou aqui a noite toda? Meu Deus, Hazel, em que você estava pensando?

Ela tentou ficar em pé, mas as pernas estavam duras demais. Não conseguia sentir os dedos. Quando o pai a pegou no colo, Hazel quis explicar, mas seu queixo batia demais e as palavras não saíam.

~

Também se lembrou de outra noite, voltando para casa pela floresta depois de passar a noite a serviço de Alderking, quando um arrepio não saía de seus ombros.

Nas cavalgadas com o Povo, ela fingia rir enquanto eles torturavam mortais, macaqueando sua crueldade e tudo mais que haviam ensinado a ela.

Vamos lançar uma maldição, para que sejam pedras até algum mortal reconhecer sua verdadeira natureza.

Ela sabia que era ela quem tinha mais chance de quebrar a maldição. Deitada sozinha em sua cama, momentos antes do amanhecer, enquanto aguardava as memórias irem embora como a maré, ela refletiu sobre o enigma.

Tudo o que ela precisava fazer era ir até a clareira onde eles estavam e sua verdadeira natureza seria reconhecida. Ela os reconheceria.

Mas isso só seria possível se ela permanecesse como seu "eu" da noite. A Hazel do dia não saberia.

Pensou rapidamente que poderia deixar um recado para Ben. Quem sabe, se ela explicasse direito, ele poderia quebrar o feitiço. Mas não importava o quanto tentasse, ele provavelmente diria a coisa errada à Hazel do dia — em quem ela não sabia se confiava.

A Hazel do dia era ela, só que com menos espinhos. A Hazel do dia não sabia como era cavalgar junto com as fadas em suas montarias elegantes, com o vento soprando seu cabelo para trás. A Hazel do dia não se lembrava de brandir uma espada prateada com tanta força que o próprio ar parecia cantar. Não sabia como era surpreendê-los ou ser surpreendida. Ela não tinha visto as coisas grotescas e selvagens que a Hazel da noite já vira. Não tinha contado as muitas, muitas mentiras.

A Hazel do dia precisava ser preservada, protegida. Não haveria ajuda lá.

E então ela concebeu um plano. Os termos de serviço dela eram simples. *Todas as noites, a partir do momento em que você cai no sono até sua cabeça tocar em seu travesseiro novamente ao amanhecer, você é minha*, o Alderking tinha dito.

A maneira como ela conseguira vencê-lo também era simples. Ela botava a cabeça no travesseiro, mas não se deixava dormir. Em vez disso, se levantou para forçar a Hazel da noite a ficar até o amanhecer, quando as lembranças iriam embora com a escuridão.

Em certas noites, conseguiu roubar quase uma hora. Em outras, meros momentos. Mas isso permitiu que ela quebrasse maldições, desfizesse danos.

E, ao mesmo tempo, isso permitiu que traçasse um plano.

Ela sabia o que Alderking pretendia fazer com Sorrow. Ele expôs a iminente destruição de Fairfold para ela, gabou-se dos planos de conquista e vingança contra a Corte do Leste. Da mesma forma ele tinha deixado escapar detalhes que julgava desimportantes, como a espada perdida e a maneira de libertar o garoto de chifres. Lentamente, Hazel percebeu o valor da espada que tinha encontrado havia tantos anos. Lentamente, foi percebendo que ela era a única que tinha os meios para derrotá-lo.

Posso estar presa a serviço do rei, pensou Hazel, *mas, se eu libertar o príncipe, ele poderia derrotar o pai. Ele não está preso por qualquer tipo de promessa. A sede de vingança dele há de ser o bastante para nós dois.*

E foi então que tudo deu errado. Hazel lembrou-se do pânico que sentiu quando o caixão se espatifou e nada de o príncipe acordar. Lembrou-se do terror que foi tentar esconder a espada e, às pressas, ter de deixar pistas para si mesma antes de correr para a cama e fugir dos primeiros raios de sol.

Hazel achou que teria mais tempo, mas tinha roubado só alguns minutos… até que finalmente acordou, em sua própria casa, com o irmão e Jack e Severin de pé ao seu redor e metade da corte de Alderking do lado de fora.

— Onde ela está? — perguntou Ben.

Foi então que a primeira das fadas entrou pela porta da frente. Hazel tateou em busca do marcador e subiu correndo as escadas para vestir sua armadura.

~

Caída no chão, Hazel foi se lembrando de todas essas coisas enquanto Ben falava que eles tinham vencido; enquanto Severin colocava o corpo do pai no caixão, onde dormiria pelo resto de seus dias; enquanto a corte cercava o monstro; enquanto Jack repetia inúmeras vezes o nome dela.

Ela fechou os olhos e se deixou levar pela escuridão.

CAPÍTULO 22

Hazel acordou em um lugar que não conhecia, com cheiro de madressilva no ar e música de harpa tocando ao longe. Ela estava deitada em uma cama grande, ornada, os pés sob um cobertor prateado que era mais leve do que seda e mais quente do que plumas de ganso. Quis se enterrar debaixo dos lençóis e continuar dormindo, mas sabia que havia algum motivo pelo qual não deveria fazê-lo.

Ela se virou e viu Jack sentado, de perfil. Ele estava em uma cadeira de balanço, empurrando-a com um pé só, apoiado na parede. Tinha um livro aberto sobre o colo, mas não parecia estar lhe dando qualquer atenção. Havia alguma coisa na maneira como a luz suave das velas definia os contornos de seu rosto, alguma coisa nos cílios pesados e na maciez de sua boca que era ao mesmo tempo familiar e infinitamente estranha.

Hazel se deu conta de que, por mais que já tivesse visto Jack inúmeras vezes antes, nunca tinha olhado para ele de verdade, não com os olhos da Hazel da noite.

Quem era ela?, Hazel se perguntou. *Sabendo o que ela fazia, tendo feito o que ela fizera? Será que havia nela o bastante da Hazel Evans que ele gostava? Será que ela era uma Hazel Evans de quem ela própria conseguiria gostar?*

Quando completasse o serviço para Alderking, se ele não fizesse um truque para mantê-la como serva eterna nem a matasse imediatamente, Hazel imaginava que ele retiraria dela todas as memórias de seu tempo na corte. Sempre tinha pensado em seu "eu" da noite como algo descartável, e em tudo o que havia enfrentado como cicatrizes que um dia simplesmente desapareceriam.

Agora ela sabia que não seria assim. Mas Alderking também tinha lhe dado talentos. E conhecimento.

Como a Hazel do dia, ela já havia escutado muitas vezes a história sobre como Jack se tornara um *changeling*; mas, agora, olhando para ele, percebeu que tinha escutado a mesma história na corte das Fadas, também. Já tinha escutado a mãe dele contar sua versão e explicar como tinha escolhido Carter por ser uma criança tão linda, doce e alegre, que ria nos braços dela. Contar sobre o horror do ferro quente marcando a pele de Jack, o cheiro de carne queimada e o grito que ele tinha dado, tão angustiado que até uma *banshee* entraria em desespero ao ouvir. Contar como os mortais foram indiferentes à dor dele e ficaram com ele por despeito, por uma curiosidade de exibi-lo aos amigos, sobre como ela temia que pudessem fazer do filho um serviçal. Hazel ouvira histórias sobre a maneira como os *hobs* espiavam pelas janelas, certificando-se de que ele estava bem, sobre como deixavam bolotas e castanhas do lado de fora para ele comer se tivesse fome, como brincavam com ele no jardim quando a mãe humana não estava vendo e como beliscavam Carter até ele chorar.

Pensando nisso, Hazel respirou fundo e se preparou para virar e falar, quando ouviu alguém entrar no quarto.

— Eu mandei inúmeras mensagens para você — disse Eolanthe. — Você nunca se dignou a responder qualquer uma delas.

— Eu estive aqui. — Jack fechou o livro e colocou-o ao lado das velas. — Você sabia que eu estava aqui. Você poderia ter vindo falar comigo a qualquer momento, como está fazendo agora.

Hazel entreabriu os olhos para ver a fada, de pé junto da parede de barro.

— Eu entendo sua raiva sobre o meu acordo com Alderking, mas você não compreende que era necessário… — começou Eolanthe.

— O que faz você achar isso? — perguntou Jack. Havia um certo tom de alerta na voz dele.

Hazel sabia que era errado ficar escutando, fingindo que estava dormindo e os deixando falar na frente dela. Mas também parecia horrível levantar-se e admitir que estava acordada, como se os acusasse de dizer alguma coisa que eles queriam manter em segredo, quando estavam apenas conversando.

A indecisão a manteve em silêncio por muito tempo, porque, quando Hazel percebeu aquele tom na voz de Jack, soube que iam falar de segredos.

— Queria saber por que você hesitou durante seu discurso diante de Alderking, como se tivesse pensado em dizer alguma coisa e mudado de ideia. — Eolanthe quis saber.

— Quando eu me perguntei se Heartsworn estaria com você, isso me fez pensar sobre todas as coisas que não faziam sentido — respondeu Jack.

— Sim, você pensou que eu tinha arquitetado tudo isso. Você estava errado, mas estava certo ao mesmo tempo, porque eu tinha um plano. Depois que descobri que Heartsworn tinha sido encontrada, achei que você e eu poderíamos dar tempo ao tempo e esperar que eles se matassem um ao outro. — Ouvia-se o leve farfalhar de tecidos, como se ela estivesse andando pelo quarto. — Se Severin e Alderking morressem, então haveria apenas uma pessoa capaz de herdar o trono. Se você simplesmente não tivesse falado, se ele tivesse lutado com o filho por mais alguns minutos, as coisas poderiam ser diferentes. Você não quer me perguntar o que isso significa?

— Não, não quero — disse ele.

— Você está com medo de eu dizer quem é o seu…

— Eu disse que não quero perguntar. — Jack a interrompeu. — E não vou. Se você insistir em me contar, eu vou fingir que não ouvi.

— Então eu não preciso dizer — disse ela. — Você já sabe.

Por um longo momento, ele não falou nada.

— É o seu dom — continuou ela. — Adivinhar o que há no coração do outro. Severin precisaria de alguém com o seu dom, alguém do lado dele que conheça o mundo dos mortais como você conhece. Não é mais necessário se esconder.

— Nada mudou — respondeu Jack. — Vou para casa agora. Para a minha casa humana, para ficar com a minha família humana. Não importa quem foi meu pai.

Hazel ouviu o farfalhar do tecido.

— Eles nunca vão amar você de verdade. Sempre vão ter medo de você.

— Não importa. Me deixe viver este tempo como humano — disse ele. — Você sempre me fala que nunca serei mortal, que o período de uma vida humana é tão curto que não significa nada. Certo, então me deixe viver minha

vida humana. Deixe que todos os mortais que eu amo morram e virem pó. Deixe-me ter Nia como mãe e Charles como pai e Carter como irmão. Deixe-me ser Jack Gordon e, quando eu terminar, quando virar poeira e cinzas, voltarei para você e aprenderei a ser seu filho.

Ela ficou em silêncio.

— Me deixe viver isso, mãe, porque quando eles morrerem, eu nunca mais terei essa chance. — Na voz dele, Hazel reconheceu o mesmo tom sinistro que antes associara a Severin e Alderking. Jack era um deles, eterno e inumano. Mas ele ficaria no mundo dela por um pouco mais de tempo.

— Vá — disse ela, finalmente. — Seja Jack Gordon. Mas lembre-se que a mortalidade é um trago amargo.

— E ainda assim eu tomaria uma dose dupla — retrucou.

Hazel manteve os olhos fechados, tentando controlar a respiração, certa de que um deles descobriria o fingimento. Mas, após alguns minutos respirando e expirando com calma, ela pegou no sono de novo.

Quando acordou, era Ben quem estava ao lado dela, sentado do outro lado da cama, reclinado em outros travesseiros macios iguais aos que ela vinha abraçando. Uma de suas mãos estava enfaixada demais para ser usada, mas ele digitava com a outra.

Ela se forçou a se levantar para uma posição sentada e gemeu.

— Estamos no Mundo das Fadas? — perguntou Hazel.

— Talvez — disse Ben. — Se é que existe esse lugar. Quer dizer, se estamos todos no mesmo espaço dimensional, então, tecnicamente, estamos sempre no Mundo das Fadas. Mas o júri ainda não decidiu sobre isso.

Ela ignorou a segunda parte e preferiu se concentrar na primeira.

— Então você está mandando mensagem do Mundo das Fadas. Está falando com quem? Em que rede você está conectado?

Ben fez uma careta para ela.

— Mamãe e papai. Mamãe ficou apavorada, como todo mundo que estava na casa dos Gordon, e parece que metade da cidade foi se proteger naquela igreja antiga da Main Street, aquela que tem as proteções esculpidas nas fundações. Todo mundo se trancou lá dentro com amuletos, comida enlatada e tudo mais. Mamãe achou que a gente fosse pra lá também, mas é óbvio que não fomos, porque somos muito sinistros. Nosso pai saiu de carro pra procurar

a gente. Eu disse a ela que você estaria em casa hoje à noite, se achar que está se sentindo melhor. Acha que estará?

— Eu? — Hazel se espreguiçou. — Onde está Jack?

— Ele precisou ir tirar um pouco mais do sangue de Sorrel para levar ao hospital. Foi um inferno convencê-los de que aquilo era o antídoto, mas quando ele conseguiu e a coisa começou a fazer efeito, os médicos quiseram mais. Sorrel deixou Severin cortá-la com Heartsworn, pra colher o sangue em um frasco.

— Ela ainda é…?

— Um monstro-árvore gigante e sinistro? — Ele imitou os galhos com os dedos, fingindo que ia pegar Hazel. — E como… E seu sangue é verde brilhante. Mas Sorrow falou conosco e pareceu, não sei, legal. Do jeito que Severin a descrevia.

Hazel bocejou. Pela primeira vez ela realmente analisou o quarto. O tapete no chão tinha uma estampa intrincada que parecia se transformar quanto mais ela olhava; as linhas verdes que se enrolavam como cobras a estavam deixando tonta. Hazel piscou e voltou sua atenção para um aparador esculpido em folhas de carvalho, por cima dele uma bacia de cobre. Ao lado, havia três garrafas de vidro com líquidos diferentes e uma taça.

Junto da lareira acesa havia um grande banco de veludo verde fofo, com tachas de ouro que brilhavam ao longo da borda do estofado. Em cima dele havia uma pilha de roupas dobradas.

— Assim, sem falar nada sobre dimensões, onde estamos? — perguntou Hazel.

— No palácio de Alderking. — Ben largou o telefone e saiu da cama. Ele vestia roupas novas: uma calça jeans preta e um suéter cor de ferrugem que combinava com a cor de seu cabelo e tinha um unicórnio estampado na frente. Hazel reconheceu-as como uma compra da qual ele tinha ficado particularmente orgulhoso, mas tinha quase certeza de que ele não estava usando nada daquilo no dia anterior. Não sabia de onde vinham aquelas roupas, já que não tinham trazido roupas para passar a noite fora.

Ele seguiu o olhar dela e olhou para baixo, para o suéter.

— Severin ordenou que um *hob* fosse até nossa casa pra pegar umas coisas. Ele também trouxe algumas roupas para você e… mais coisas para mim.

Ben esperou, como se estivesse dando a ela tempo para reagir.

Hazel não estava gostando do rumo da conversa.

— Isso tem alguma coisa a ver com você ter dito para mamãe e papai que eu vou voltar pra casa hoje à noite, mas não ter dito quando *você* volta?

Ele assentiu.

— Eu vou ficar com as fadas.

Hazel saiu apressada das cobertas. O que tinha de ser feito, quem tinha de ser combatido, ela daria um jeito. Poderia não ter mais Heartsworn, mas ela já tinha encarado coisas piores.

— O que prometeram a você? Qual foi o acordo?

Ben balançou a cabeça.

— Não é isso.

— Então como é? Isso tem a ver com Severin?

Ben se encolheu.

— Não é por causa dele. Ou pelo menos não principalmente por causa dele. — O rosto do irmão tingiu-se de um vermelho ridiculamente intenso.

— Ele te aaaaaaaaama, — cantarolou Hazel, tonta de alívio por estar viva. — Ele disse que ele te aaaaaaaaaama na frente de todo mundo.

— *Hazel!* — Ele a censurou.

Era divertido torturar o irmão. Ao fazer aquilo, sentia que ainda era ela mesma.

Ela o agarrou pelos ombros, deu uma sacudida nele, e eles caíram juntos de volta na cama, rindo.

— Acho bom que ele tenha te beijado! Um beijo com tanta força que ele quase tenha se engasgado com a sua língua. E se não deu, é melhor ir beijar ele assim *imediatamente*.

— Cala a boca. — Ben tentou fingir que ele não estava reprimindo um sorriso.

— Ai meu Deus. Isso é tão nojento. — Hazel o empurrou em cima do colchão. — Mas nada disso explica o porquê de você não voltar para casa.

Ben suspirou.

— Eu não posso sair por aí com essa capacidade de tocar música dentro de mim como uma bomba. Preciso aprender o que é isso, e como controlar essa

força. E não vou conseguir aprender isso no mundo dos humanos. Tenho de aprender aqui.

— Mas… — começou a falar.

— Preciso parar de fantasiar sobre fugir para outra vida e começar a entender a vida que eu tenho.

— Você poderia voltar para casa primeiro — disse Hazel. — Explicar algumas coisas para nossos pais, se despedir do pessoal da escola.

— Talvez. — Ben balançou a cabeça, como se o que ela falava fizesse sentido, mas que mesmo assim não ia concordar. — Mas em toda história, o personagem só tem uma chance. Se ele perde essa chance, acabou. A porta não estará mais lá quando voltarmos para procurá-la. Ninguém recebe um segundo convite para o baile. Esta é a minha chance.

Hazel quis protestar, mas não era uma decisão dela. Talvez a música pudesse voltar à vida dele. Talvez ele pudesse amar de um jeito que nunca tinha se permitido antes, porque era muito assustador amar algo que não podia controlar, porque era ruim demais magoar as pessoas e amar o que lhes faz mal.

— Eu vou morrer de saudades — afirmou Ben, olhando para ela enquanto afastava o cabelo do rosto da irmã. — Sinto muito por não termos sido honestos o bastante antes.

— Não fale assim — cortou ela. — Não vamos mais dividir o mesmo banheiro, mas ainda vamos nos ver, não é? Quer dizer, passei metade dos últimos cinco anos da minha vida vivendo com as Fadas, então não é que eu não soubesse dar meu jeito de vir aqui, e seu namorado está mais ou menos no comando agora, então isso precisa servir pra alguma coisa.

— Mais ou menos — respondeu Ben. — Mas sim, é claro que ainda vamos nos ver. Não quis dizer que não. Mas as coisas vão ser… diferentes. Só me prometa que você vai tentar ser feliz.

Talvez, pensou Hazel, talvez os dois pudessem aprender a fazer isso. A ser feliz de verdade, não como nas histórias inventadas. Ela se inclinou sobre a cama e o abraçou com toda a força que tinha, abraçou-o até seus ossos doerem. Mas, não importa o quão apertado fosse, Hazel sabia que nunca seria o suficiente.

— Eu prometo — sussurrou. — Eu vou tentar.

Ben saiu do quarto para que Hazel pudesse se vestir. Ela despiu o gibão, revelando um mapa de hematomas e cortes por todo o tronco. Derramou água na bacia de metal e limpou a maior parte do sangue e da terra. Bochechou com um líquido que tinha gosto de resina de pinheiro e penteou o cabelo com um pente de ouro que, como num passe de mágica, transformou seus nós embaraçados em cachos macios.

O *hob* tinha escolhido leggings, uma camiseta preta com uma caneca de chá na frente, um cardigã cinza bem largo e tênis verdes. Hazel vestiu a roupa, contente por poder usar coisas familiares. Ela deixou os farrapos restantes de seu traje de cavaleiro em cima da cama. Mesmo que desse para consertá-lo, ela não se imaginava usando aquilo de novo.

Sem ter mais para onde ir, Hazel começou a voltar para casa.

Saiu do quarto e caminhou por um longo corredor, cheio de portas de tamanhos estranhos, umas enormes, outras mínimas, umas fininhas, outras bem largas. Maçanetas e fechaduras tinham formato de caras de *goblins* em prata, seus sorrisos sinistros e orelhas pontudas; ou então de galhos cobertos de frutinhas vermelhas, moldados em ouro. De vez em quando, Hazel discernia o som de música ou risadas; às vezes, parecia que havia vozes falando ao longe.

Logo ela chegou a uma escada em espiral que levava a uma abertura no tronco de uma árvore imensa, e Hazel encontrou a saída através de uma abertura estreita e comprida, como a entrada de uma caverna. Acima dela, o céu estava claro e o ar, seco. Hazel enrolou com mais força o cardigã em volta dos ombros, lamentando que o *hob* não tivesse pensado em trazer um casaco.

Marchou por pilhas de folhas caídas, em meio ao mato e às samambaias, até que chegou em casa. A porta da frente estava presa por uma única dobradiça. Havia uma rachadura onde um cavaleiro tinha chutado com a bota.

Quando entrou na cozinha, o pai e a mãe se levantaram das cadeiras em volta da mesa de madeira gasta e foram até ela.

— Minha filha — disse o pai, passando os braços em volta dos ombros dela. — Filhota, estamos tão felizes por você estar em casa.

— O Ben vai ficar lá — disse Hazel o quanto antes, porque achou que seria cruel os deixar aliviados com sua presença se iriam viver em angústia dali por diante. — Ele não vai voltar. Ele vai ficar com eles.

— Venha, sente-se aqui — disse o pai. — Nós já sabemos do seu irmão. Ele ligou e falou com a gente. Disse para imaginarmos o Mundo das Fadas como um colégio interno na Suíça, um daqueles muito exclusivos. Eu disse a ele que era mais como um colégio interno no inferno.

— Vocês estão bem com isso? — perguntou Hazel, não sem antes sentar-se. Provavelmente Ben tinha dito a eles que estava fazendo aquilo em favor de sua música. Os pais teriam aceitado, mesmo que não gostassem.

— Não, nós não estamos bem com isso — disse o pai. — Mas não há muito o que possamos fazer além de dizer a ele que não estamos bem com isso.

A mãe franziu a testa, enquanto passava o dedo em uma marca de queimado na mesa de madeira.

— Mas temos algumas perguntas para *você*, Hazel. Você lutou ao lado do garoto de chifres do caixão na floresta, a quem você e seu irmão pareciam conhecer? Hazel, como você aprendeu a lutar daquele jeito? Como você se envolveu nisso?

— Foi há muito tempo — começou a explicar.

Os pais dela tinham mudado tanto desde o dia em que ela encontrara o menino morto e a espada na floresta. Tinham se tornado o tipo de pais que jamais trariam ao mundo uma criança como Hazel.

Talvez fosse por isso que era tão difícil dizer a eles que tipo de criança ela era. A mãe balançou a cabeça.

— Estamos aliviados por vocês dois estarem bem. Ficamos tão preocupados.

— Não precisa se preocupar comigo, mãe. Não mais. Não tem motivo para isso e agora é tarde demais para se preocupar. — Os pais dela podiam ter mudado, mas não conseguiriam mudar a filha. Hazel estivera muito ocupada mudando a si mesma.

— Nunca é tarde demais para se preocupar — disse a mãe, estendendo o braço por cima da mesa para alcançar a mão de Hazel. Quando ela a apertou, Hazel apertou de volta.

~

A escola reabriu alguns dias depois. A secretaria enviou uma circular para todos os alunos, informando que a recente crise tinha usado todos os dias de licença

daquele ano letivo e que, se houvesse outra interrupção, os alunos teriam de ter aulas na Fairfold High até o final de junho. Ainda havia algumas rachaduras nas paredes e o teto ainda estava esverdeado de musgo. De vez em quando, um sopro de vento trazia uma pena preta perdida ou um tufo de mato seco corredor adentro, mas a maior parte das trepadeiras e folhas já tinha sido removida.

Carter e Amanda estavam de volta às aulas. Amanda estava aproveitando ao máximo o novo status de celebridade, dando detalhes escandalosos das coisas que tinha ouvido enquanto dormia seu sono mágico. Ela e Carter não estavam mais namorando.

Tudo parecia estar normal de novo.

Tudo parecia estar normal de novo, a não ser pelas pessoas que gritavam para Hazel pelos corredores. Pessoas — até mesmo Robbie — que queriam perguntar como era o garoto de chifres, como ela o tinha encontrado, se tinha sido ela a libertá-lo do caixão. Tom Mullins quis ver seus movimentos de luta, usando como arma um esfregão que pegara no armário do faxineiro. Em três momentos diferentes ao longo do almoço, Leona forçou Hazel a contar a história sobre como Ben tinha ficado com Severin, e Molly quis garantias de que Sorrow não voltaria para buscá-la.

Todos tinham algo a dizer a Hazel, e ninguém tinha muito a dizer a Jack. Ela viu as pessoas se afastarem dele pelos corredores como se, combinados, seus medos e sua culpa o deixassem invisível. Mas Carter ainda estava ao lado do irmão, dando tapinhas em seu ombro e rindo e fazendo os amigos rirem também, certificando-se de que Jack ainda era notado. Falavam sobre faculdades e o próximo jogo de futebol e para onde iam naquele sábado à noite.

Em breve todos deixariam de ter medo de Jack. Esqueceriam que ele tinha magia no sangue.

Mas não Hazel. Quando os olhos dela se encontravam com os dele, ela percebia uma intensidade insondável que a fazia sentir-se como se estivesse se afogando. Ele sorriu com o canto da boca e ela sentiu o golpe.

Jack gostava dela. Jack gostava dela, ou da pessoa que ela era durante o dia. Ele gostava dela e ela o amava. Ela o amava tanto que já doía. Era como se ele já tivesse partido seu coração.

Quem dá o coração de bandeja merece o que receber.

Jack Gordon era um bom menino, que logo iria para uma boa faculdade longe daqui. Viveria uma vida normal, uma vida humana antes de começar a outra, maior, imortal.

— Hazel! — Ele chamou, correndo na direção dela depois da última aula. Não se falavam havia três dias, e ela não queria que ele soubesse o quanto estava feliz em ouvir a voz dele. Jack parecia diferente de como estava antes de vencerem Alderking. As orelhas pareciam um pouco mais pontudas, o rosto um pouco mais magro e o cabelo cheio de sombras esverdeadas. Mas o sorriso era o mesmo de sempre, um sorriso que fazia Hazel se retorcer por dentro e que não tinha nada a ver com o sorriso de Carter. Era de Jack e somente dele.
— Ei, espera. Eu quero falar com você. Eu queria saber se você gostaria…

Só de falar com ele Hazel já sentia vontade de sorrir. O choque de felicidade foi tão intenso que era quase uma dor.

— Não acho que eu consiga fazer isso — soltou Hazel.

— Fazer o quê? — Ele parecia intrigado.

Ela continuou falando, sem saber o que dizer a seguir, mas determinada.

— Eu não estou bem. Como pessoa. Acho que estou começando a perceber o quanto não estou bem, sabe? Fico me lembrando das coisas que fiz e das coisas que me aconteceram e tudo isso só reforça a ideia de que eu não sou alguém com quem uma pessoa normal possa manter um relacionamento.

— Ainda bem que eu não sou exatamente normal — brincou Jack.

— Eu vou estragar tudo — explicou ela. — Eu nunca tive um namorado. Não costumo nem sair direito com os garotos com quem eu fico, quanto mais sair várias vezes. Eu sou meio covarde em relação ao amor — continuou. — Eu disse que queria que os garotos me mostrassem um lado secreto de si mesmos, mas você fez isso e agora tudo que eu quero é fugir.

Ele estendeu a mão e Hazel aceitou-a, cruzando os dedos com os dele. Então respirou fundo, olhando para os dedos entrelaçados.

— Do que é que você tem medo? — perguntou ele.

— De você — respondeu ela. — De você.

Ele assentiu como se aquilo fizesse sentido. Então, finalmente, ele disse:

— Eu não quero alguém normal. Não quero uma pessoa simples. Eu quero você. Amei você praticamente no primeiro momento em que te vi,

selvagem e destemida, correndo pela floresta com os lábios manchados de roxo do suco de amora. Eu percebi que isso só me faria ser igual a todo mundo que te ama, mas nem por eu isso desisti.

Ela sentiu as bochechas corarem.

— E Amanda? Você diz que me amava desde a primeira vez que me viu, mas eu achei que era ela quem você amava.

Jack sorriu, mas logo a expressão sumiu do rosto dele.

— Eu sou um *changeling*, nem bem uma coisa e nem outra, nunca me encaixo em lugar nenhum. Amanda se encaixa nesse mundo. Na ocasião eu achei que, se ela gostasse de mim, se ela fosse capaz de gostar de mim, que isso diria algo a respeito do lugar onde eu me encaixaria. Mas Amanda ficava com medo de mim. As pessoas ficam, às vezes.

— Eu não — respondeu Hazel, indignada. — Eu não tenho medo disso.

— Eu sei — disse Jack. — E eu não tenho medo de você tentar descobrir o que significa ser completa, ser o "eu" do dia e da noite ao mesmo tempo. Eu não tenho medo de complicar as coisas, nem de me complicar, porque somos nós. Não precisamos de um primeiro encontro e depois de um segundo. Não somos normais e podemos fazer isso da maneira que você quiser. Um relacionamento pode ser o que você quiser que ele seja. Podemos fazer isso da maneira que quisermos. Nós mesmos contaremos nossa própria história.

— E como começamos? — perguntou Hazel.

Ele olhou para ela, os cílios chegando a tocar na bochecha quando ele piscava.

— Do jeito que você quiser. Podemos passar a tarde juntos depois da aula. Podemos escrever longas cartas um ao outro. Você poderia me enviar em algum tipo de missão para ganhar o direito de ficar com você.

— Ah, não — contestou ela, sorrindo finalmente, porque ele era o Jack, seu amigo, o cara que tinha maçãs do rosto ridículas e ideias ridículas. — Se alguém tiver de sair em uma missão, serei eu.

Jack sorriu.

— Muito bem, então. Eu poderia mandar você em uma missão para me conquistar. Provavelmente, uma missão envolvendo me trazer uma caneca grande de café e um donut. Ou matar todos os meus inimigos. Ainda não decidi qual das duas coisas.

— Isso não me assusta. Nem um pouco. Sabe do que mais eu não tenho medo? — Ele balançou a cabeça. — Vem aqui.

Encostando-se na parede, Hazel puxou-o para junto dela e colou os lábios nos dele. Ele fez um som suave de surpresa e, em seguida, um som que não foi surpresa alguma.

~

Quando ela abriu o armário para jogar os livros dentro, antes de ir para casa, uma noz rolou para fora e quicou duas vezes no chão. Uma noz amarrada com um cordão prateado. Ela se abaixou para abri-la e encontrou um rolinho de papel dentro. Quando desenrolou, viu uma mensagem escrita com a letra do irmão: *Em três dias será lua cheia. Venha para a festa. Nem tudo precisa rimar*.

Ela sorriu e amassou o papelzinho.

EPÍLOGO

Ao fim de um caminho na floresta, depois de um riacho e de um tronco oco cheio de tatuzinhos-de-jardim e cupins, havia um caixão de vidro. Ficava diretamente sobre o chão e, dentro dele, dormia um elfo com uma tiara de ouro na cabeça e orelhas pontiagudas, como facas.

Os moradores da cidade sabem que antes havia um garoto diferente descansando lá. Um com chifres e cabelo castanho cacheado, um garoto que eles adoravam, mas que já haviam começado a esquecer. O que importa é que eles têm uma nova criatura encantada, que não vai acordar durante os longos verões em que meninas e meninos deitarem por cima do caixão, olhando através do vidro e embaçando-o com a respiração. Que não vai acordar quando turistas vierem espiar, ou caçadores de mitos insistirem que ele não é real e, ainda assim, quiserem tirar fotos com ele. Um garoto que não vai abrir os olhos de um verde venoso nos fins de semana de outono, enquanto as meninas estiverem dançando bem em cima dele, erguendo garrafas no ar como se brindassem à floresta encantada toda.

E em outros lugares na floresta, há outra festa, que acontece dentro de uma colina oca, cheia de flores que desabrocham à noite. Lá, um garoto pálido toca violino com dedos recém-consertados, enquanto a irmã dança com seu melhor amigo. Lá, um monstro rodopia, balançando os galhos em sincronia com a música. Lá, um príncipe do Povo assume seu manto de rei, tomando um *changeling* como seu irmão e, com um garoto humano ao seu lado, nomeia uma garota como sua heroína.

AGRADECIMENTOS

Comecei este livro pensando que revisitaria o folclore das Fadas que tanto amo, mas ele acabou sendo sobre um monte de outras coisas também. Foi um livro traiçoeiro de escrever, já que mudava a toda hora e tentava escapar por entre meus dedos. Creio que foi Gene Wolfe que disse: "Você nunca aprende a escrever um romance, você apenas sabe como acabar o romance que está escrevendo." Isto nunca foi tão verdadeiro para mim do que com este livro.

Eu estou em débito com os folcloristas de quem compilei os materiais para formar meu entendimento sobre as fadas. Em especial, para este livro, estou em dívida com *The Fairy-Faith in Celtic Countries*, de W. Y. Evans-Wentz; o capítulo dedicado às histórias de *changelings* em *Yoruba-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*, de A. B. Ellis; o poema "Der Erlkönig", de Johann Wolfgang von Goethe; *Notes on the Folk-Lore of the North-East of Scotland*, de Walter Gregor; "Kate Crackernuts", de *English Fairy Tales*, de Joseph Jacobs; "The Farmer and the boggart", de *County Folk-Lore Vol. V*, coletados por Mrs. Gutch e Mabel Peacock; e muitos pedacinhos de *Folklore in the English and Scottish Ballads*, de Lowry Charles Wimberly.

Também preciso agradecer as muitas pessoas que seguraram minha mão, me deram sugestões e apoio, e sofreram comigo — especialmente vocês que sofreram com as várias versões.

Obrigada a todos aqueles que estavam no Arizona no retiro de escritores onde comecei esta obra, a todos em San Miguel de Allende que me ajudaram a criar um manuscrito preliminar e provavelmente irreconhecível, e àqueles que estiveram comigo na Cornualha para me ajudar a descobrir o que fazer quando este já tinha dobrado de tamanho e mudado tanto.

Em especial, agradeço a Delia Sherman e Gwenda Bond, e a Christopher Rowe pelo sábio conselho. Obrigada a Steve Berman por me guiar até uma melhor compreensão da história de Benjamin. Obrigada a Paolo Bacigalupi por se interessar em saber de mim e conversar sobre os prazos. Obrigada a Cassandra Clare por me tranquilizar diversas vezes, me garantindo que o livro eventualmente ficaria pronto e que o desespero fazia parte do processo. Obrigada a Sarah Rees Brennan por todos os conselhos sobre a estrutura do livro e por tantas leituras. Obrigada a Kelly Link por também tê-lo lido tantas vezes e por me dizer onde colocar os beijos. Obrigada a Libba Bray por ter dado a cara a tapa e ter entregado seu manuscrito antes, me dando assim mais uma semana para trabalhar no meu. Obrigada a Robin Wasserman por sentar-se comigo e um bebê recém-nascido em um Starbucks, me ouvindo choramingar por causa da trama enquanto o pequeno chorava pedindo para mamar, e obrigada pela edição na noite de Natal, tão brutal quanto necessária. Obrigada a Joshua Lewis por ajudar a descobrir o objetivo do jogo. Obrigada a Leigh Bardugo por lutar para melhorar meu enredo, meus conflitos e meu ritmo — eu fiquei muito mais feliz do que consigo dizer e provavelmente muito mais do que demonstrei. Obrigada a Cindy Pon por repassar a história comigo, junto com uma deliciosa comida russa e cerveja de gengibre picante. Obrigada a Kami Garcia, que me deixou à vontade em seu quarto de hotel e não ligou quando eu comi todas as balas de ursinho enquanto nós duas terminávamos nossos manuscritos. Obrigada a Ally Carter por conversar comigo sobre as revelações e sobre tanta coisa importante.

Devo agradecimentos especiais, gigantescos e cheios de carinho a todos na Little, Brown Books for Young Readers, especialmente a minha editora incrível, Alvina Ling, que acreditou neste manuscrito mesmo quando ele já estava muito atrasado e muito confuso. Obrigada a Bethany Strout por ser uma leitora incrível e generosa, e a Amber Caraveo, da Orion Books, no Reino Unido, por saber o que não estava dando certo. Obrigada a Lisa Moraleda, assessora de imprensa maravilhosa, que sempre sabia o que íamos comer, e obrigada Nina Douglas, minha assessora no Reino Unido, que fez das viagens diversão. E, claro, obrigada a Victoria Stapleton, por ser tão incrível e também pelos drinques.

Obrigada ao meu agente, Barry Goldblatt, pelo apoio, pelos conselhos, por procurar aquela epígrafe e por acreditar que eu iria realmente terminar esse livro.

De verdade, obrigada a todos que acreditaram que eu ia terminar, porque eu mesma não tinha tanta certeza.

Acima de tudo, ao meu marido, Theo, e nosso filho, Sebastian, que aguentaram as minhas ausências e minhas longas horas na frente do computador, e que escutaram quando eu li este livro inteiro em voz alta para eles (ok, Sebastian estava quase sempre dormindo nesta parte). Sua grande paciência e seu amor são profundamente apreciados.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O canto mais escuro da floresta

Site da autora:
http://blackholly.com/

Facebook da autora:
https://www.facebook.com/HollyBlackFan

Twitter da autora:
https://twitter.com/hollyblack

Pinterest da autora:
https://br.pinterest.com/hollyblack/

Tumblr da autora:
http://hollyblack.tumblr.com/

Wikipédia da autora:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Holly_Black

Goodreads da autora:
https://www.goodreads.com/author/show/25422.Holly_Black

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/350-holly-black

Skoob do livro:
https://www.skoob.com.br/o-canto-mais-escuro-da-floresta-657268ed659291.html

Sinopse do livro:
http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29626

Outros livros da autora publicados pela Galera:
http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=7753